Sala A
Est. 2
Tab. 1 b
N.º 8

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

VOLUME IX



Imprensa da Universidade
Coimbra, 1925

REVISTA

DA

Universidade de Coimbra

VOL. IX, N.os 1-4

REVISTA
Universidade de Coimbra

REVISTA

DA

Universidade de Coimbra

VOLUME NONO



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1925

Comissão de redacção

QUE DIRIGIU A PUBLICAÇÃO DÊSTE VOLUME

PRESIDENTE

Reitor da Universidade de Coimbra

VOGAIS

Da Fac. de Letras...	Prof. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos Prof. Joaquim de Carvalho, *secretário*
Da Fac. de Direito...	Prof. José Alberto dos Reis
Da Fac. de Medicina .	Prof. João Serras e Silva Prof. Álvaro de Almeida Matos
Da Fac. de Sciências.	Prof. Júlio Augusto Henriques, *vice-presidente* Prof. Francisco Miranda da Costa Lobo
Da Fac. de Farmácia.	Prof. Manuel José Fernandes Costa Prof. José Cipriano Rodrigues Denís.

Notas Vicentinas

PREFÁCIO

Nesta quarta *Nota Vicentina* tentarei solucionar problemas relativos ao saber do fundador do teatro português: seus estudos, suas leituras, seu poliglotismo, numa palavra, a sua *cultura intelectual* e *nobreza literária*.

Já enunciei diversas vezes a tese que Gil Vicente, òptimamente dotado pela natureza, ávido de aprender, apto a configurar, lendo o que antes e depois de 1502 lhe era acessível, e tirando de cada leitura elementos para a sua educação espiritual, se compenetrara, necessàriamente, na infância e na mocidade, de ideas medievais, adoptando uma concepção do mundo escolástica — de filosofia teologante ou teologia filosofante [1]. Colocado nos umbrais do tempo moderno podia ser influído todavia na idade viril pelas correntes caudalosas das ideações do Renascimento [2].

Mostrei que o influxo directo dos clássicos gregos e latinos e seus

---

[1] Tratei de Gil Vicente em 1897 nos parágrafos 114.º–117.º da *História da Literatura Portuguesa,* escrita para os Romanistas alemães, e impressa no *Grundriss der Romanischen Philologie,* de Gustavo Groeber, Vol. II[b], p. 129–382, caracterizando-o como poeta medieval quanto ao espírito e à forma. Anteriormente, em 1896, já me ocupara dêle num *compte-rendu,* relativo ao *Gil Vicente* do Visconde Sanches de Baena, sem me desprender bastante das ideas erróneas sôbre a vida do poeta, então vigentes (no *Literatur-Blatt für germanische und romanische Philologie*, XVII, p. 87–92). Com maior independência falei dêle na *Biblioteca Internacional de Obras Célebres,* Vol. VII, p. 3081–3100, num ensaio sôbre *Literatura Portuguesa Arcaica* (1912), e no ano imediato num artigo especial *Gil Vicente.* Mas é sobretudo nas *Notas Vicentinas,* I, II, III (1912, 1918, 1919) que comecei a investigar de-veras alguns problemas relativos ao saber e às crenças e concepções do dramaturgo.

[2] É costume principiar a história moderna com a data do descobrimento da América. Pensadores como Chamberlain consideram todavia os séculos XVI a XIX como mero tempo de transição da Idade-Média para o verdadeiro Modernismo e Humanismo que ainda está por vir, e oxalá venha breve.

adeptos modernos não chegou ao Ocidente (onde o raiar das auroras é necessàriamente tardio) a tempo para o poeta mudar de rumo [1].

A pesar disso teve de confessar, em 1527, que

o honor do mundo presente
se dá com razão à Antiguidade [2],

e em outra ocasião, falando de Portugal, *que Deus o quer fazer Romano*. Provàvelmente quando Sá de Miranda havia ensaiado os metros e as formas de arte nova, italiana, na *Fábula do Mondego*, em estilo de *Canção*, e o espírito novo, como sectário de Horácio, moralizando poèticamente, na *Carta a D. João III*, e por ventura no perdido drama clássico de *Cleópatra* [3].

O que outras tantas vezes prometi, vou finalmente cumprí-lo, examinando se nas obras vicentinas, publicadas avulsas de 1516 ou 1517 em diante, e na *Copilação* de 1562, há erudição e modernismo suficiente, a respeito de línguas, literaturas, mitologia, filosofia, sciências e artes da Hélada e de Roma, vistas embora indirectamente, através

---

[1] O que Matheus de Pisano disse de Gomes Eanes de Azurara (*Inéditos de História*, I, p 257), asseverando que só na idade madura começara a tratar de *letras*, julgo poder aplicá-lo a Gil Vicente — *dum maturae jam aetate esset, nullam litteram didicisset* — entendendo que o que fôra aprendendo no último quartel do século XV, alargando o seu horizonte intelectual, não o aproveitou senão no XVI.

[2] O passo pertence à *Comédia sôbre a Devisa da Cidade de Coimbra*, com a qual Gil Vicente deu, a meu ver, a réplica à *Fábula do Mondego*, de Sá de Miranda. *Antiguidade* tem nêle o sentido de *velhice*, existência prolongada, visto que se refere à cidade de Coimbra, mas o termo foi escolhido propositadamente, por ter também o sentido de monumentos literários e artísticos do tempo antigo de Atenas e Roma. Debaixo da palavra do poeta cómico escondem-se sempre ideas que é preciso subentender.

[3] Um trecho meu, relativo ao raiar tardio do sol do Renascimento nesta ocidental praia lusitana, e que pertence à Introdução do meu pobre Sá de Miranda, foi censurado por Gonçalves Cerejeira. Nêle eu pensava evidentemente, não nos positivos mas muito imperfeitos conhecimentos, que os Medievais tiveram em Portugal da Antiguidade, mas sim em obras originais e nacionais de artes e letras em estilo Renascença. E entre essas, continuo a considerar como primeiras as poesias de Sá de Miranda, escritas no terceiro decénio do século; em pintura e arquitectura os projectos de Francisco de Holanda, contidos na obra *Da Fábrica que falece a Lisboa*, e entre as realizadas, os claustros de Tomar.

Verdade é que, em lugar de *vestigios* da influência italiana — vocábulo muito ambíguo — eu deveria ter falado de provas, frutos, resultados.

Dos primeiros vestígios, no sentido de preliminares, prenúncios do Renascimento, precursores do verdadeiro, dos Latinistas medievais do pequeno Renascimento, falei, p. ex., nos parágrafos 85.º a 113.º da *História da Literatura Portuguesa*, concisamente, mas ainda assim com indicações mais exactas do que as que tinham sido dadas até 1897.

de mentalidades italianas e hispânicas, para que se dê ao poeta português que melhor encarnou a alma da nação, o título de *Latinista*, e o de *Humanista*, de que Luís de Camões é merecedor, títulos êsses que tem sido dispensados pela crítica nos últimos cincoenta anos a Gil Vicente, como se fôssem os únicos *de honra* que enaltecem um poeta.

Igualmente vou ponderar se devemos dar fé à notícia que faz do criador inspirado de Autos de devoção e farsas em vernáculo português e castelhano, de têmpera nacional e popular, um *Mestre de Retórica*, evidentemente latina, *de D. Manuel*, encargo que só competia a um verdadeiro *Latinista* e *Humanista* — notícia saída muito tarde, em 1854, de um Livro de genealogias! Mas não de qualquer dêsses amálgamas de verdades e mentiras. Antes, do texto que a tradição literária atribue a um coevo autorizado, o historiador Damião de Goes.

Depois de se haver inteirado da minha análise e documentação, o cândido e discreto leitor dirá se concorda com o resultado seguinte:

Conhecendo a fundo e directamente, pela prática constante a que o levava o uso de então e a sua congénita religiosidade, a nobre língua universal da sciência, tal como ela — estilìsticamente muito diversa da linguagem de Cícero — refulge nos textos canónicos das Igrejas da Cristandade, sobretudo na *Vulgata*, Gil Vicente estava familiarizado com os livros poéticos do Velho e do Novo Testamento — os Profetas e os Evangelistas, o Psalmista, o Eclesiástico, o Eclesiastes, o Livro de Job, as Epístolas de Paulo — e também com os Hinos atribuídos a Santo Ambrósio e Venâncio Fortunato, a *Cidade de Deus*, e os Sermões de Santo Agostinho e outros; numa palavra com tudo quanto está incorporado com suma arte nas *Horas do Breviário*, nos textos litúrgicos da Igreja Católica.

Vergílio, pelo contrário, conhecia-o mal, indirectamente, quási nada, só de tradições peninsulares.

Homero e Platão, só de nome e fama.

Por falta de estudos regulares, quer de teologia, quer de direito, e aquele exercício oral constante, que exige o emprêgo correcto e elegante de línguas que não são as maternas, e em especial a sintàcticamente complicada língua do Lácio, exercício que no século XV havia nas Universidades, Gil Vicente *não* estava apto para nela redigir poemas e prosas históricas como André de Resende e Damião

de Goes, nem para compôr, em nome do soberano, epístolas cerimoniáticas aos Pontífices, à Senhoria de Veneza, e ao Preste João; ou para discursar, quer perante a Cúria, quer na pátria, em recepções solenes, como Orador *ex-professo*, émulo de Vasco Fernandes de Lucena, Garcia de Meneses, D. Fernando de Almeida, os dois Teixeiras, Diogo Pacheco, Cataldo Siculo, André de Resende, e outros verdadeiros Humanistas.

Sabendo redigir apenas, e com dificuldade, simples proposições em prosa chã, não endoutrinado lá fora por Polizianos, Bembos ou Erasmos, nem cá dentro gramaticalmente por catedráticos de *arte nova* como Estevam Cavaleiro e Rombo, mas sim, segundo a praxe velha de Pastrana, por qualquer bondoso cura de aldeia, o ourives-poeta não podia ensinar retórica a príncipes e fidalgos, à compita com doutores como o Jurisconsulto (Siculo e Parisio ao mesmo tempo) chamado de Bolonha por D. João II; nem com Aires Barbosa que viera de Salamanca; ou Clenardo, o de Lovania.

Sem ser entendido em Latinidades, tão pouco hombreava com o introdutor do estilo italiano, e os seus adeptos — os poetas clássicos de Portugal, os quais (com excepção de Diogo Bernardes e Jorge de Montemór) eram todos «*homens de bom saber*»: *Latinistas* pelas suas leituras, e os modêlos que imitavam [1].

¿ Pretendo, portanto, reduzir a glória de Gil Vicente ? Como erudito, como Latinista e Humanista, sim. Não acredito lesse Plauto e Terêncio. Nego os supostos influxos italianos de Poliziano, Bibbiena, Ariosto e Machiavelli. Nem mesmo os primeiros grandes Humanistas — Dante, Petrarca, Boccacio — aparecem na *Copilação*. Um único dito alado do génio da *Divina Comédia* não é original dêsse, é de Boecio. Certas noções mitológicas do autor *De Genealogia Deorum*, como a relativa ao *Demiurgo*, o arquitecto do universo, e

[1] Erudito — *sábio*, na linguagem dos Humanistas — não era senão quem conhecia a Antiguidade por *via directa*, recorrendo, *trilingüe*, aos originais hebraicos, gregos e latinos, afim de *ex fontibus praedicare*. Culto, ilustrado, *de bom saber*, era quem conhecia os Hebreus e Helenos pelo menos, através dos reflexos latinos. Quem ignorava mesmo êsses reflexos semelhava-se e semelha-se ainda hoje e sempre semelhar-se há — segundo o maior dos Helenistas vivos — a um caminheiro que em dias de denso nevoeiro atravessa regiões de maravilhosa beleza. O seu horizonte é extremamente restrito. Distingue às claras apenas o que lhe fica próximo. A poucos metros de distância tudo é indeciso. O horizonte do Latinista, pelo contrário, é vasto. Abrange os séculos modernos, a Idade-Média e a Antiguidade.

sua prole, só chegaram deturpadas por imitadores castelhanos aos ouvidos do Português. O pouco que o autor da *Trilogia das Barcas* e do *Auto da História de Deus* soube por ventura de *Mistérios*, *Miracle-plays* e *Moralidades*, inglesas e francesas, era igualmente saber derivado, de segunda mão.

As leituras, ainda assim relativamente vastas, de que com modéstia se diz *eco*, eram todas *hispano-portuguesas*. Abrangiam o que na península se imprimia durante o decurso da sua vida, (entre 1465--1540), ou fôra anteriormente depositado como manuscrito na livraria régia, nas bibliotecas de mosteiros como o de Alcobaça, ou por ventura nas colecções de alguns próceres da côrte, nados e criados *em sino de latim*.

Mas isso não diminue os méritos artísticos de Gil Vicente. Pelo contrário, alteia-os. É raro e invejável o gôsto seguro com que escolheu, e o vigor com que assimilou e exteriorizou novamente os elementos poéticos e as personagens representativas, que se lhe deparavam de um lado nos textos bíblicos e patrísticos — homens, mulheres, anjos e demónios — assim como nos comentadores, enciclopedistas e filósofos medievais, e do outro lado, quanto à parte greco-latina, nos prosadores e poetas que, precedendo o verdadeiro Renascimento, haviam copiado, traduzido, parafraseado e imitado de 1250 a 1500 com seriedade e ingenuïdade que nos faz sorrir, cheios de simpatia, o que Vergílio, Ovídio, Lucano, e principalmente os três grandes Italianos haviam ideado e configurado. Em especial suponho se internaria em poemas filosofantes como as *Trezentas* de Juan de Mena, no *Bias* e *Dotrinal* do Marquês de Santillana, nos *Momos* e nas *Representações* de Gomez Manrique, no *Infierno de Amor* de Garci Sanchez de Badajoz, mas também nas poesias líricas do *Cancionero General* e nas *Églogas* e mais novidades dramáticas de Juan del Enzina e *Autos* de Lucas Fernandez e Torres Naharro.

Além dêsses materiais eruditos e de todos quantos Portugal produzira até então, Gil Vicente utilizou os que a tradição e arte popular fôra nacionalizando, em praxes e costumeiras gentílicas, mais ou menos cristianizadas: contos, cantos, danças, jogos infantis e desportivos, provérbios, romances, ensalmos de bruxas e feiticeiras, orações e sátiras. E metendo de seu os variegados talentos de artista plástico e músico, com que a Natureza o dotara, aquele seu olhar de ver, e ouvido de entender como observador arguto, aquelas mãos que modelaram e cobriram de esmalte os apóstolos da Custódia de Belém; e quanto ao espírito, a sua profunda religiosidade, seu amor da natureza, o ímpeto lírico que o distingue, Gil Vicente arquitectou os seus Autos, as suas Farsas, as duas Tragi-comédias cavalheirescas

de *Amadis de Gaula* e *D. Duardos*, e os poemas menores, cingindo-se ora muito de perto aos modelos, e tratando-os outras vezes com soberana liberdade. Sem nunca abdicar da sua veia sarcástica e folgazã.

O conjunto dessas obras constitue quadros vivos da sociedade do velho Portugal, uma galeria bem povoada de tipos, entre nobres e plebeios, cínicos e idealistas, aventureiros e ascetas. E como fundo a côrte opulenta, faustosa, agitadíssima de D. Manuel, nervosamente exaltada pelos descobrimentos sucessivos, conquistas e derrotas, novas gentes, e novas invenções, coisas e coisinhas, animais e plantas, vindas da África e Ásia, e do mundo novo, que iam transformando a vida rial com tanta rapidez em um estranho cosmopolitismo, contrariado embora de longe em longe por fanatismos injustos e favoritismos ineptos, que em 1521, quando D. Manuel, o Venturoso, que colhera os frutos de ouro da árvore plantada pela Casa de Avis, sucumbiu à doença da modorra, todos respiraram, pedindo uma só coisa: ¡ bonança ! ¡ sossêgo e paz ! — Debalde, bem se vê.

Apeado embora do pedestal de Latinista e Humanista e Mestre de Retórica de um futuro monarca, Gil Vicente continua grande, por ter estado em comunhão íntima com a tradição nacional. Grande por ter vida, filosofia e poesia. Por ter o condão de formular ditos leves, em que se adivinham verdades de pêso: *dicax atque inter vera facetus — iocis levibus doctus perstringere mores.*

Assim o reconheceu e disse o mais Humanista dos seus coevos e admiradores, *Lucius Andreas Resendius*. Grande, por saber algo de tudo, e querer entender tudo: homem do Renascimento talvez por êsse traço; de espírito aberto, erasmiano, conforme assentou outro contemporâneo e colega dêle, o jovial Garcia de Resende. Um dos mais cativantes e inspirados poetas do mundo, segundo julgou um sagaz crítico de ontem, o insigne Menéndez y Pelayo, e outro de hoje, que vive entre nós, o muito inteligente e activo hispanófilo Aubrey Bell: *one of the most charming and inspired of the worlds poets.*

Tratarei primeiro do *Mestre de Retórica*, expondo minuciosìssimamente, com quão pouco direito o *Nobiliário*, em que foi registada pela primeira vez a respectiva *Nótula*, é atribuído ao notabilíssimo autor da *Crónica de D. Manuel*. E tornarei provável que, sugestio-

nado pelos netos de Gil Vicente — Almeidas-Meneses — um Anotador ou Continuador do *Livro Novo de Gerações*, de que Damião de Goes se servira, transformou o que fizera os Autos a el Rei em seu Mestre de Latim. Em 1576, salvo êrro.

Na Parte II dou o Catálogo alfabético completo das citações latinas contidas nas obras do Poeta; catálogo razoado com indicação da fonte, e bastantes pormenores. Trezentas e tantas citações da Liturgia romana. *Uma só, clássica.* De Vergílio. Por sinal, o conhecido e muito citado *Omnia vincit Amor*. Das citações, bastante mal tratadas, e dos trechos em prosa que são da lavra do próprio, concluo que o podemos tratar de Latinista apenas *cum granu salis*.

Em seguida, na Parte III, ocupo-me das alusões históricas e mitológicas a personagens e acontecimentos da Antiguidade e Idade-Média, coordenadas também em listas, de cujas parcelas comento as mais importantes. E também desta vez segue-se das ilações sôbre as suas leituras e os seus conhecimentos, que é impossível considerarmo-lo como Humanista.

O quarto assunto é o poliglotismo do Poeta, mais aparente do que verdadeiro, porque, além da fala materna, e da castelhana, que também falaria desde criança, ou, pelo menos, desde que pertencia à côrte, onde preponderava por motivos óbvios, êle sabia o latim da Igreja, familiar à parte culta da nação. De francês apenas... algumas cantigas como *Ay de la noble Ville de Paris;* de italiano, algumas frases de marinhagem. ¡De negociantes germânicos apanhara por ventura a exclamação *sehr gut!*

Os abundantes materiais folclóricos, e um resumo da concepção do mundo, reservarei provàvelmente para a Quinta e por ventura Última das minhas Notas Vicentinas.

PARTE PRIMEIRA

2. Repito o que disse no Prefácio. Meu propósito é desfazer e substituir por factos verídicos duas lendas literárias: a que classifica o fundador do teatro português de *Mestre de Retórica del-rei D. Manuel*, ou seja do Senhor D. Manuel, e a que considera Damião de Goes como autor do *Nobiliário* manuscrito, em cujos apógrafos se encontra registada a respectiva Nótula.

Julgo-a falsa, lançada no último quartel do século por pessoas interessadas, que desejavam altear o nível social do artista que,

segundo todas as probabilidades tivera origens muito humildes, e pertencera à côrte apenas como oficial mecânico, e em seguida como poeta áulico [1]. Lançada por um amigo dos descendentes, e por êles inspirada, segundo a lógica judicial de *fecit cui prodest.*

Se aparecesse base positiva para tal afirmação, se houvesse qualquer documento autêntico a respeito dessa magistratura, quer de nomeação, quer relativo a tenças que o cargo de mestre áulico lhe grangeasse, as minhas lucubrações negativas caïriam pela base [2]. Teriamos de confessar que, embora as obras do Poeta, escritas de 1502 a 1536, *não* revelem conhecimentos de retórica latina, êle as possuïria no decénio de 1483 a 1493, moço imberbe, ensinado de fresco por um desconhecido, — e a ponto tal que o julgaram capaz de endoutrinar um príncipe da casa reinante, neto de D. Duarte, bisneto de D. João I, da sua mesma idade, pouco mais ou menos [3] — caso em teoria nada verosimil, debaixo de ambos os pontos de vista.

Tais documentos basilares não existem todavia. A pesar de in-

---

[1] Quanto à biografia de Gil Vicente, será bom dizer desde já que as minhas convicções, lentamente adquiridas, derivam dos documentos, descobertos por Brito Rebelo, e das razões a respeito dêles expendidas por Braamcamp Freire e Aubrey Bell. Adopto a identidade entre o ourives e o poeta, por causa da nótula, oficial e quinhentista, *Trovador Mestre da Balança*, inscrita na Carta de 4 de Fevereiro de 1513, em que Gil Vicente (sem mais explicação), foi nomeado para o pôsto indicado; e também porque em nenhum dos documentos relativos quer ao ourives, quer ao poeta (e pai de Gaspar, Belchior, Luís, Paula, Valéria) há um promenor que distrince um do outro. Pelo contrário, nêles e em outros textos históricos se fala antomásticamente de *Gil Vicente*, e do *filho de Gil Vicente*, p. ex. no *testamento de D. Manuel*, no da *Rainha D. Leonor*, e nos *Comentários de Albuquerque.*

[2] Com respeito a *Cataldo Siculo*, como mestre de D. Jorge, existem duas cartas, régias, tenças de trinta e de dez mil réis, publicadas por Sousa Viterbo, no *Arquivo Histórico Português*, II, p. 265 e seg.; e mais um assentamento relativo a vestiárias que lhe foram dadas por D. João II. (Vid. *Diss. Cron.*, Vol. IV, p. 308).

[3] O general Brito Rebelo disse, e Braamcamp Freire repetiu, que por Gil Vicente ser mais novo do que D. Manuel, havia impossibilidade ou grande improbabilidade de um haver ensinado retórica ao outro. Afirmação teòricamente plausível, mas que já não se pode aplicar a Gil Vicente, segundo os cálculos de ambos. Se o poeta nasceu *antes de 1470, cêrca de 1470*, ou mais provàvelmente, um lustro mais cedo, cêrca de 1465, êle contava mais idade do que D. Manuel, cujo nascimento se efectuou em 1469. Só adoptando para o primeiro a data 1475, aquela sentença sairia certa.

Eis a base, para mim segura, das conjecturas novas: O poeta tinha em 1506 um filho legítimo, já embarcado para a Índia. Claro que, pelo menos, devia ter dezasseis anos. O casamento do pai efectuara-se, portanto, em 1490, ou anteriormente. Supondo teria vinte e tantos, segundo o costume os vinte e cinco da maior-idade, nascera em 1465.

vestigações cuidadosas, feitas durante anos na Tôrre do Tombo, no Arquivo do Hospital de S. José, no Arquivo Municipal de Lisboa, e outros, por Vicentistas rectos e entusiastas, como o General Brito Rebelo e o Exmo Sr. Braamcamp Freire, nenhum apareceu. Entre doze alvarás e cartas-régias que ajudam a estabelecer factos da vida do Gil Vicente, que fôra *Trovador e Mestre da Balança*, não há nenhum relativo a qualquer magistério, exercido por qualquer dêsse nome, quer em Beja ou Alcochete, nos paços quási régios do Infante D. Fernando e da Infanta D. Beatriz, quer na vetusta Alcáçova de Lisboa, onde o filho mais novo dos dois foi educado, de 1483 em diante [1].

---

[1] Eis a lista dos Documentos (até hoje conhecidos) que dizem respeito a Gil Vicente Trovador, Mestre da Balança da Moeda de Lisboa, e procurador dos Mesteres da Capital.

1) Alvará de 1509, em que G. V. é nomeado védor das obras de oiro e prata para o Convento de Tomar, Todos-os-Santos de Lisboa, e mosteiro de Belém.

2) Carta régia de 1513, em que G. V. é nomeado Mestre da Balança. É o documento assinalado pela nota-sumário: *Gil Vicente trovador e mestre da Balança.*

3) Carta de doação de um chão, dos da Ribeira, ao Barão de Alvito, sendo G. V. um dos procuradores dos Mesteres de Lisboa.

4) Carta de 1515, relativa a uma ajuda do casamento de uma irmã de G. V., chamada Felipa Borges.

5) Recibo dessa ajuda com assinatura do próprio *Gill uiçemte.* Publicada em *fac-símile* por Brito Rebelo em 1902 e 1912.

6) Carta-régia de 1516, para os Vereadores de Lisboa ouvirem a G. V., a respeito de tosadores e alfaiates.

7) Carta-régia de 1517, confirmando a venda feita por G. V., do seu ofício de Mestre da Balança a Diogo Fernandes, ourives da Infanta D. Isabel.

8 e 9) Cartas-régias aos Vereadores da capital, informando-os de el-rei D. Manuel haver encarregado G. V. de dirigir alguns dos *festejos e autos* que se haviam de fazer na entrada da Rainha (nova) D. Leonor. Cfr. Oliveira, *Hist. Mun. Lisb.*, Vol 1, p. 513, 516, 523.

10) Alvará de 1525, relativo a uma tença de três moios de pão, pelos serviços recebidos de G. V. por D. João III. ¿ Quais seriam ? ¿ os *Romances de aclamação ?* ¿ a *Rubena ?*

11) Confirmação da venda do ofício de língua de Ormuz, feita por G. V. a Francisco da Ponte.

12 e 13) Documento relativo a 8.000 reais de vestiaria outorgados a G. V., e o recibo com assinatura autógrafa dêle *(Gil viçẽte).* De 1535. Fac-similado em 1912 por Brito Rebelo.

Considero também como documentos (conforme ficou dito, p. 12, 1), os passos dos testamentos de D. Manuel e da Rainha velha D. Leonor, que mencionam obras de ourivesaria de Gil Vicente. O primeiro tem o teor seguinte:

«Item mando que se dê ao Mosteiro de N. S. de Bellem a Custodia que fez

3. Tão pouco há menção de Gil Vicente como mestre de retórica na admirável e abundante fonte histórica que é a *Crónica de D. Manuel,* do esclarecido Humanista Damião de Goes. Amigo da verdade, conquanto tivesse predilecções e antipatias como todo o mundo, êsse conhecera pessoalmente não sòmente o rei, em cuja côrte andara, dos nove anos aos dezanove, primeiro como pagem e em seguida como moço da câmara (1510-1521), mas também o dramaturgo dêle. Seguramente viu Gil Vicente representar freqüentes vezes nessa temporada. Posteriormente assistiu em Bruxelas, a 21 de Dezembro de 1531, à inscenação do famigerado *Jubileu de amor.* E desde que voltara à pátria, em 1545, tornaria a assistir em Lisboa a repetições de Autos do mal substituído poeta cómico.

Debalde se procura o nome *Gil Vicente* no Capítulo (8.º) da Primeira Parte: *Da Criação que el Rei teve até a idade em que lhe el Rei D. João II deu a fortunada Divisa da Sfera, e assentamento para sustentar sua casa.* Debalde também no 84.º da Quarta Parte: *Das feições corporaes del Rei D. Emanuel e das calidades de sua real pessoa, e cousas a que era inclinado e afeiçoado, e ordem de sua casa e modo de viver.* Nem ao falar dos afamados *serões manuelinos,* êle se refere ao principal autor das *graças temperadas do seu sal.* Talvez Goes pertencesse (estou mesmo persuadida de que pertenceu) ao grupo dos austeros eruditos que não simpàtizavam com a maneira como o poeta utilizava os *textos divinos* nos Autos de devoção, nem tão pouco com a liberdade com que aludia, nas farsas de folgar, picarescamente, chocarreiramente, às baldas de altas personagens da côrte e introduzia nos paços régios pastores parvos, de inocente mas espantosa rudeza medieval quanto a ditos e gestos, assim como padres e frades indignos das vestes sacerdotais.

Debalde se percorre também a *Crítica contemporânea,* em que o Cronista foi violentamente agredido por causa da audaciosa veraci-

---

Gil Vicente pera a dita caza, e a Cruz grande que está em meu Thesouro, que fez o dito Gil Vicente» (*Hist. Gen. da Casa Real, Provas,* Vol. II, p. 328).

O fragmento do Testamento de D. Leonor, inserto na *Crónica Seráfica da província do Algarve,* de Frei Jerónimo de Belém, diz:

«Item deixo ao dito Mosteiro da Madre de Deos a Cruz com seu pé que ora serve em minha capella continuadamente; e o tribulo das chaminés com sua naveta e colher; e os dous calizes que andam em minha capella, a saber o que corregeo Gil Vicente, e outro dos que ele fez, que está ja no dito mosteiro».

Sempre Gil Vicente, sem especificação.

Notável mas compreensível contraste há, a meu ver, em os Documentos todos serem relativos aos *ofícios mecânicos* de Gil Vicente, e as referências de letrados coevos seus exclusivamente ao escritor, ou ao *auctor et actor.*

dade com que exposera, p. ex., a talvez piedosa mas arbitrária resolução com que D. Manuel, dando cumprimento a muitas das últimas vontades do predecessor, desrespeitara as principais, relativas aos *Desterrados*[1], e sobretudo por falar afoitamente, não de *maus casos* ou *desventuras*, mas de *traições* e *conspirações* dêles, não ocultando a sua antipatia contra os adversários do *Homem*, que se chama *D. João II*, e em geral contra a casa de Bragança, que ameaçava o trono com o seu lema «*Depois de vós*»...[2]

Debalde se procuram referências ao poeta nas ásperas réplicas do próprio Cronista.

Sem resultado se folheiam os poemas latinos de *Cataldo Siculo*, dedicados a D. João II, à Raínha D. Leonor, o Príncipe D. Afonso, o próprio D. Manuel, e as Epístolas a êsses príncipes, a D. João Manuel e Justa Rodrigues, assim como os respectivos comentários que António de Castro, Mestre de D. Teodósio de Bragança, delineou antes de 1577, como mais abaixo terei de repetir, aliás ricos em informações preciosas. Nos Doze Livros *De Rebus Emanuelis* do Bispo de Silves, que não são mera latinização elegante dos factos apurados por Damião de Goes, também não se fala de Gil Vicente, Mestre de Retórica.

4. Todos os textos mencionados mereceram-me uma inquirição cuidadosa, a ver se por acaso, mesmo sem menção de Gil Vicente, ministrariam de passagem, notícias que espalhem luz sôbre o carácter manso, humano, conciliador e afável del rei D. Manuel, hoje criticado (com demasiada severidade, a meu ver) pelos admiradores do varonil D. João II, como piegas e metido nas saias da mãe, dependente sobretudo de D. Leonor, suá irmã e irmã vingadora do *Justiçado*, a qual, com muitos rogos e importunações, influiu na determinação do

---

[1] Vid. *Crítica Contemporânea à Crónica de D. Manuel, de Damião de Goes, Ms. do Museu Britânico*, publicado e anotado por Edgar Prestage. (Edição do *Arquivo Histórico Português*, 1914).

Foram os Senhores da Casa de Bragança que na pessoa de D. Francisco de Melo, 2.º Conde de Tentúgal, enviaram as suas acusações ao *Senhor* D. Duarte — não ao *Infante* seu pai, como por engano se diz a p. 7, queixando-se amargamente das injustiças do Cronista. Este, chamado a defender-se, pegou na pena, resolvido a mais uma vez falar verdade, dizendo o bem, mas também a repreender o mal. Do que dissera tirou apenas algumas arestas, como mais abaixo se verá, com respeito a Justa Rodrigues.

[2] O curioso encontra a reimpressão, infelizmente incompleta, das obras latinas de Cataldo Siculo (tiradas à luz pela primeira vez em 1500, por Valentim Fernandes) nas *Provas* da *Hist. Geneal.*, Vol. VI, p. 391 a 572. E encontra um fino estudo crítico sôbre elas em *O Renascimento em Portugal*, do Dr. M. Gonçalves Cerejeira, Vol. II, p. 59-72.

entronado, de reparar as «iniqüidades» que as culpas de D. Fernando de Bragança e do Duque de Viseu haviam acarretado sôbre partes inocentes da família, sugestionando-lhe que, chamando-as para a pátria e restituindo-lhes seus bens, cuidaria da alma do Justiceiro!

Na obra de Jerónimo Osório encontra-se a frase, medianamente psicológica (repetida por Herculano e Camilo Castelo Branco), que D. Manuel fôra educado *como quem nascera longe do trono.* Vaga como é, poderia significar que o último dos filhos do Infante D. Fernando e da sobrevivente Infanta D. Beatriz, fôra obrigado a mais intensos e disciplinados e variados estudos do que os irmãos mais velhos e do que o Príncipe D. Afonso, herdeiro da corôa. Mas pode significar também o contrário (nos nossos dias outro D. Manuel foi educado menos cuidadosamente do que D. Luís Felipe). De um motivo especial, para eu supôr que o ensino seria enveredado essencialmente em sentido moralizador, religioso e mesmo teológico, tratarei num parágrafo especial (8).

No Capítulo já citado sôbre a criação do Rei felicíssimo, Damião de Goes não notifica os nomes dos mestres de primeiras letras, pouco importantes na opinião comum. Apenas nomeia a célebre ama *Justa Rodrigues* [1]; os dois *Manueis,* Colaços, D. João e D. Nuno, filhos dela e do Bispo da Guarda, e também o prudente e valoroso aio Diogo da Silva e Meneses, mais tarde elevado a Conde de Portalegre. Narra a primeira ida do biografado a Castela, em substituïção do irmão mais velho, adoentado; e a segunda, projectada e iniciada em 1483. Calculada e provida em longos anos, em conformidade com o contrato das *Terçarias*, estipuladas entre as casas reinantes de Portugal e Castela depois da batalha de Tôro, a viagem acabou contudo logo na fronteira, porque a política dos Reis Católicos anulou o contrato. Já nesse ensejo se tinha dado a D. Manuel casa bem ordenada, de baixelas, tapeçarias, e capela com cantores e ministris. Já então êle começara a usar daquela Devisa sibilina, de mistério profético, cujo corpo (a *Esfera armilar*) e cuja alma (o verbo ¡ *Espera!*) diziam vaticinando «¡ Tem esperança !» [2]. «Embora nascido a oito passos de distância do trono, a êle subirás». «E submeterás ao pequeno Portugal — Bethlehem (Portugalete) — enormes partes da

---

[1] De Justa Rodrigues, como suposta inspiradora da cantiga *Justa fué mi perdicion,* ocupei-me no *Circulo Camoniano* I, p. 293–299. De 1889 em diante aprendi todavia tantas novidades que hoje teria de refazer o artigo, principalmente na parte genealógica. A ela terei de dedicar mais abaixo outra Nótula.

[2] No século XV o *ph* grego pronunciava-se como *p (espera* por *esfera),* em harmonia com a praxe do vulgo latino, que p. ex. fizera *purpura* de *porphyra.*

esfera mundial, chegando a seres o soberano dos muitos nomes *(polyónimos):* rei de Portugal e dos Algarves *de aquém e além mar, em África, Senhor da Guiné e da conquista, navegação e do comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia* [1].

A quem tiver presente que, nascido em 1469, D. Manuel entrara em 1483 na mocidade, forçoso é supôr, já aprendera pelo menos até então, além dos manejos desportivos indispensáveis (cavalgar, correr carreiras, caçar com falcões e matilhas de cães) o que na côrte de D. Afonso V cada fidalgo aprendia: *ler, rezar, escrever, latim.* ¡Latim! ¡essa única das *sciências,* cultivadas na Idade-média melhor do que hoje! Latim bastante para compreender e recitar com decência e certa arte as *Horas canónicas,* embora com a deficiente acentuação então usada.

Mal tinha decorrido um ano quando a tragédia das traições começou a dar rumo novo à barca da sua vida. Em lugar do irmão mais velho D. Diogo, apunhalado em Setúbal por D. João II, o Felicíssimo ficou sendo Duque, não de Viseu, mas com o título mudado, de Beja. Mais perto do trono cada vez, em todos os sentidos, em virtude do falecimento prematuro de seus irmãos D. João, D. Duarte, D. Denis, D. Simão. *Imediato herdeiro da corôa depois do Príncipe D. Afonso.*

Mui querido e amado (ou pelo menos muito acarinhado pelo rei, por causa da sua mansidão, oposta à índole enérgica do monarca) Manuel-Benjamim foi levado ao paço, onde permaneceu junto ao Príncipe, até êsse casar, em 1490. Durante sete anos. Aí, nos paços da Alcáçova, foi que — quer estivesse bem, quer mal preparado, — o moço seria endoutrinado mais profundamente, dos quinze anos até os vinte e um, em Sciências, Latinidade e História, chegando, segundo o em regra pouco lisongeiro Humanista, a entender *bem* a língua latina, da qual *sabia tanto que podia julgar entre estilo bom e mau,* sendo além disso *mui entendido na história, sobretudo nas Crónicas dos reis dêstes reinos* [2].

5. Em outro passo da *Crónica,* num Capítulo onde ninguém o

---

[1] Para contrabalançar a opinião, hoje predominante, que Damião, admirador convicto de D. João III, foi injusto com D. Manuel, é bom relermos de vez em quando os Capítulos IV e V da *Crónica.* A mim parece-me que não o foi quem, entre outros trechos de louvor escreveu o seguinte: «Nem por certo foi sem causa permitir Deus que viesse a herança destes reinos a este felicissimo rei per falecimento de oito pessoas que legitimamente o herdavam, se viveram... senão pera, per sua mão, como per instrumento a ele aceito, obrar as cousas que em o tempo de seu reinado aconteceram...».

[2] P. 642 da ed. de 1790.

procuraria [1], Goes menciona de passagem o nome de um dos mestres de D. Manuel. Provàvelmente o principal, de latinidade. Era teólogo. Chamava-se Francisco Fernandes. Por suas letras e prudência chegou a ser Bispo de Fez, e esmoler-mór del rei. Logo depois da entronação de D. Manuel, D. Francisco Fernandes Prata foi enviado a Roma, com procuração bastante, para o Cardeal D. Jorge da Costa dar obediência, em nome da corôa, ao papa, o grande e «terribil» Alexandre VI, Borgia, o de Lucrécia e Cesar, o de Savonarala, introdutor da Censura de livros, o que mandou traçar a linha imaginária de polo a polo e que as descobertas ao ocidente dela pertencessem a Castela (1492–1503).

De outro mestre, nunca citado pelo Cronista, aquele que na puerícia ensinara os rudimentos de letras a D. Manuel e em idade mais adulta os preceitos da gramática (latina provàvelmente, pelo antiquado Pastrana [2], e portuguesa sem método impresso), temos notícia pela dedicatória de uma obra de política cristã, que o próprio ofertou ao reinante em 1496. Chamava-se *Diogo Lopes Rebelo*. A obra aludida tem o título *De Republica*. Dela consta que *Jacobus Lupi*, ba-

---

[1] *Cap. VIII: Do que se feẓ em Montemor:* «Antes que el rei partisse de Montemor, como bom e catolico Cristão mandou a Roma Francisco Fernandez que fora seu mestre, homem que per suas letras e prudencia foi depois Bispo de Fez, o qual levou procuração bastante del rei pera o Cardeal de Portugal, dom Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, homem de grande autoridade, dar em seu nome obediencia ao Papa Alexandre VI que então socedera na Sé Apostolica».

Supondo seria autor de tratados teológicos, procurei Francisco Fernandes na *Biblioteca Lusitana*, nos *Catálogos de Bispos*, publicados pela *Academia de História* no século XVIII e finalmente como mestre de um príncipe na *Nobreẓa Literária* de F. A. Martins Bastos.

Em Barbosa Machado encontrei um Padre Francisco Fernandes Prata, natural de Castel-Mendo, teólogo do século XVII, autor de escritos relativos ao *Judaismo*, publicados em 1648, 1651 e 1673. O Mestre de D. Manuel, todavia, não figura lá, de sorte que podemos concluir não fôra escritor.

No *Catálogo Alfabético dos Prelados Portugueses que tiveram dioceses ou títulos fora de Portugal*, impresso em 1725, é que êle aparece (a p. 148) como Bispo de Fez. Anteriormente fôra prior da Igreja de S. Paulo de Évora, cujo Bispo o nomeara *Mestre-Escola*, e depois seu bispo de anel. Recorrendo às *Notícias Cronológicas da Universidade*, de Leitão Ferreira (1429) apurei (a p. 430) que no ano de 1499 a 1500 D. Francisco Fernandes, já Bispo de Fez, servira de Reitor; e também que faleceu em Évora.

Em nenhuma dessas fontes se lhe dá o apelido *Prata*. E eu estaria disposta a acreditar em confusão da parte do autor da *Nobreẓa Literária*, se não conhecesse uma referência a um recibo com o nome inteiro F. F. Prata que há na *Hist. Genealógica*, III, 218. Cfr. *Évora Gloriosa*, p. 316, e Faria e Sousa, *Europa Portuguesa*, II, p. 493.

[2] A *Gramática Latina*, de arte nova, de Estêvam Cavaleiro, é de 1516.

charel em teologia, servira de capelão a D. Manuel, e por ordem e liberalidade sua, fôra estudar na Universidade de París, recebendo lá ao cabo de dez anos o grau de mestre em teologia. Depois da obra alegada publicou outras duas: *Fructus Sacramenti Poenitentiae* e *De assertionibus catholicis Apostoli Pauli* (1497 e 1498); e anteriormente já havia editado outro *(s. l. n. a.)* [1].

Quanto ao astrólogo *Diogo Mendes Vezinho*, de alcunha *o Coxo*, porque o era de aleijão, morador em Lisboa, mas natural da Covilhã, judeu por ventura, que no partir das naos para a Índia *tirava os juízos*, possível é, naturalmente, houvesse também proporcionado a D. Manuel algumas noções de astrologia judiciária. Mas não existem provas, como acontece com o seu sucessor no ofício, *Mestre Tomás de Torres* [2], que, esperto em sciências, subiu a lente de matemática na Universidade e ensinou a D. João III conhecer os planetas; e mais coisas fáceis de astronomia [3].

6. São sabidos portanto os nomes de *dois* professores de latim de D. Manuel: de primeiras letras ou gramática, um; e de retórica, outro. Teólogos ambos. Êsse facto (além de ter a explicação especial que darei), está em harmonia perfeita tanto com a praxe tri-secular: — *aio*, nobre e cavalheiresco; *mestre*, erudito e eclesiástico — como também com o sistema de instrução e as necessidades da cultura escolástica. Mas é contrário à probabilidade que, a par do verdadeiro mestre de latinidade, e à compita com êle, Gil Vicente ensinasse a D. Manuel retórica... que não sabia!

Sem entrar em promenores sôbre os estudos, universitários e particulares, da idade-média — isto é, das sete artes liberais: o trívio e quadrívio — e as alterações que o Humanismo e o Renascimento lhes foram impondo, lembrarei de propósito apenas que os mestres

---

[1] A respeito dêsse Diogo Lopes Rebelo e das suas obras vi a *Bibl. Lus., Nobr. Lit.* (p. 219), e Silva Carvalho, *Os Incunábulos da Biblioteca do Pôrto*, p. 74.

[2] A respeito do físico Torres, veja-se Braamcamp Freire, p. 70 e 187, e Maximiano Lemos, *O Auto dos Físicos de Gil Vicente*, 1921. Ambos encontraram apontamentos fidedignos em Ribeiro dos Santos, *Sôbre alguns Matemáticos*, Vol. III das *Memórias de Literatura*, e nas *Notícias Cronológicas*, de Leitão Ferreira (s. v. 1521). Com relação ao grande astrólogo *Diogo Mendes Vezinho*, até hoje não possuimos senão os dizeres de Damião de Goes, no Cap. 84 da *Quarta Parte da Crónica*. Eu, pelo menos, ignoro se era parente, por ventura irmão, ou filho do sábio *José Vezinho*, médico e astrónomo de D. João II, tradutor de uma obra de Zacuto, cujo discípulo fôra (Leiria, 1496), enviado em expedição scientífica à Guiné (1485), e membro da Junta de Matemática.

[3] Os factos que aponto encontram-se registados na *Nobreza Literária* com a correcção que distingue as obras de F. A. Martins Basto. A respeito de *D. Manuel* veja-se p. 121 e seg., e uma Anotação dêste Estudo.

eram às vezes estrangeiros, citando quanto ao primeiro período da história portuguesa o nome do preceptor de D. Dinis: *Aimeric d'Ebrard, Bispo de Cahors.* Quanto ao segundo período, a cujos fins pertencem D. Manuel e Gil Vicente, vou nomear *brevi-manu* os principais doutores e oradores, entre nacionais e estrangeiros, que nêle ganharam fama. Teólogos na sua maior parte. Formados em ambos os direitos, em alguns casos. Aos interessados recomendo recorram ao *Renascimento em Portugal*, de Gonçalves Cerejeira, (Coimbra, 1917 e 1918), como à mais substancial exposição que possuimos.

6. Os reis e infantes das ínclitas gerações da segunda dinastia, amavam as letras e protegiam os letrados. Para organizar uma livraria régia (metòdicamente instalada no paço só no tempo de D. Afonso V, por Gomes Eanes de Azurara), êles iam juntando manuscritos mais ou menos luxuosos, e também — interessados naturalmente pela grande arte revolucionária de Gutenberg — de 1450 em diante, incunáveis preciosos. Livros sobretudo de teologia, filosofia moral, política cristã, incluindo a educação de príncipes, tanto em latim como traduzidos para vulgar *linguagem* (ou *romance castelhano, catalão, provençal, francês, italiano e português*), mas também clássicos antigos, assim como as principais obras dos três primeiros grandes Humanistas italianos, e seus discípulos peninsulares e franceses (*Cristina de Pisano* e *John Gower* p. ex.), romances internacionais como a *Guerra de Troia*, e finalmente *Crónicas*, muitas. Na Universidade, os *in-fólios* presos com cadeias de ferro às estantes, não eram acessíveis a pessoas de fora. Na côrte, todos liam assìduamente. E quási todos escreviam, traduzindo e compilando, anciosos de aprender e ensinar [1]. Gostavam de travar relações com

---

[1] Começou-se com a tradução da Bíblia, por instigação de D. João I. As partes que primeiro se aprontaram são os *Evangelhos*, as *Epístolas paulinas*, os *Actos dos Apóstolos*, os *Psalmos*, os livros históricos do Velho Testamento, os *Provérbios de Salomão*, segundo está exposto no tratado de Samuel Berger, *Les Bibles Castillanes avec un Appendice sur les Bibles Portugaises par C. M. de V.* (Paris, 1899). Vieram depois tratados religiosos: *Homilias*, *Horas*, as *Nove Estações da Paixão* (de Giovanni de S. Geminiano); a *Vida Solitária* (do Bispo Lorenzo di Giustiniani); a *Regra e Perfeição da Conversação dos Monges*; a *Vida de Cristo*, de Ludolfo de Saxónia, traduções que devemos à Senhora D. Felipa, à Infanta D. Catarina, irmã de D. Afonso V, à D. Isabel, Duquesa de Coimbra e depois Rainha de Portugal, e cujas impressões foram promovidas em parte pela Rainha D. Leonor, a grande protectora da arte de imprimir. Atrás de colecções de Apólogos como o *Horto do Esposo*, e a *Confessio Amantis*, de John Gower (infelizmente perdida, mas subsistente em redacção castelhana, editada há pouco); o *Espelho*, de Cristina de Pisano, vieram *Flores de Filosofia*, o *Segrêdo dos Segredos*, atribuido

sumidades da nação vizinha. Aceitavam de boamente a oferta de composições em prosa e verso, que marcassem um progresso em sciências, e na arte retórica [1].

Numa palavra, enveredavam lentamente pela estrada que conduzia ao Renascimento e concomitantemente ao Lusitanismo [2]. Construiam o pórtico ou a ante-câmara do palácio de arte nova, com pedras mal aparadas embora, e com gôsto e estilo ainda muito medieval.

Nos originais, tanto da lavra de D. João I como de seus filhos D. Duarte e D. Pedro — o *Livro de Montaria*, o *Leal Conselheiro*, a *Virtuosa Bemfeitoria* e a anónima *Côrte Imperial* — espelham-se caracteres nobres, cheios de boas intenções, desejosos de adquirir uma concepção do mundo, que satisfizesse à sua índole religiosa, um tanto inglesada (como pretende demonstrar numa monografia um lusófilo da nação aliada) [3]. Mas ao pensar e ao dizer falta o leve e espiritual sôpro da beleza. Sem a graciosa ingenuidade da primeira época, tão atraente na *Demanda do Santo Graal*, vinda de França, e ainda sem a dignidade aristocrática do século áureo, a atmosfera dêsses tratados é pesada, tristonha, pedantesca. Quanto ao latim que sabiam, cada um poderia ter dito: *para cavaleiro e não-letrado, arrazoadamente entendo latim, mas quam pouco isso é, Vós o sabeis bem*, servindo-se das palavras que o Regente dirigiu a Vasco Fernandes de Lucena [4], único Latinista português porventura, que já

---

a Aristóteles (por ventura pôsto em linguagem por ordem do Infante-Navegador. Vieram também as «*Viagens de Marco Polo*, e o Relatório de Nicolau Veneto (aliás Nicoló de' Conti) relativo à Pérsia e Índia e Ceilão, refeito por Poggio na *Historia de varietate fortunæ* e reproduzido por Eneas Silvius na sua Ásia (1502) antes de ser traduzido por Valentim Fernandes. Vid. C. M de V., *Lit. Port.*, § 70 e 78.

[1] Juan de Mena trocou versos com o Regente; o Marquês de Santillana enviou as suas obras ao Condestável, para quem escrevera a famigerada história das literaturas como *Proémio*; Gomez Manrique foi solicitado por Afonso V para que lhe enviasse o seu Cancioneiro; Afonso de Cartagena, o célebre Bispo de Burgos, traduziu para D. Duarte a *Queda dos Príncipes*, de Boccaccio, e Cicero, *De Oratore*. Vid. C. M. de V., *Hist. Lit.*, § 86–93.

[2] Aos *Lusitanos* já se referia D. Garcia de Meneses no *Discurso* de 1481, seguido de perto de alguns poetas do *Canc. Geral* (I, 375 e II, 246 e 248).

[3] A obra de D. Duarte, em que estão intercalados Capítulos de S. Tomás de Aquino, Vicente Belovacense e outros adeptos do *maestro de' filosofi*, está acessível desde 1842. As outras três obras em prosa, que citei, sairam há pouco: o *Livro da Montaria*, em 1918, graças aos cuidados da Academia das Sciências, com Introdução e Apêndices de F. M. Esteves Pereira; a *Côrte Imperial* e *A Virtuosa Bemfeitoria*, como Vol. I e II da Colecção de Manuscritos inéditos, dados à Estampa pela Biblioteca do Pôrto (1910).

[4] Em outra ocasião o Regente disse de Lucena: «Segundo minha afeição, entre todos os letrados deste reino vós tendes assim na fermosura das palavras como no

antes de 1450 ganhara fama de bom orador latino, na própria Itália, e dentro do país de bom orador vernáculo, pela elegância que revelara, nacionalizando a Cícero, Vegecio, Plínio [1].

Inovador em outro sentido foi o simpático Condestável D. Pedro, que, foragido da pátria, depois da acção de Alfarrobeira, começou a ver bem a luz nova, bruxuleante ainda, irrompente de densas nuvens, nos extensos poemas alegóricos dos principais dois italianizantes espanhóis: Juan de Mena e o Marquês de Santillana. Nas três composições dêle, que o tornaram digno do título clássico de *poeta* (e não já *trovador*), o *Menospreço do Mundo*, a *Sátira de Felice e Infelice Vida*, a *Tragédia da Rainha Isabel*, e principalmente nas *Glosas* em prosa em que comenta, cheio de entusiasmo lírico, os nomes e os acontecimentos greco-latinos com que adornara as suas criações, êsse filho do Regente, e neto de D. Felipa, documentou a assiduidade apaixonada com que lêra e relêra Ovídio e Valério Máximo e, para os compreender, a *Genealogia Deorum* — *De casibus virorum et feminarum illustrium* — *De claris mulieribus de* Boccaccio, e também a *Vita Nuova* de Dante Alighieri, fecundando o seu espírito com um pecúlio abundante de noções mitológicas e históricas, a sua fantasia de imagens, e o seu coração com o culto ideal de uma *Beatrice* — a mulher juvenil quási criança, imaculada.

Largamente tenho exposto em escritos meus que êsse Condestável, expatriado para Espanha, introduziu na côrte de D. Afonso V outra novidade — não discuto se boa ou má — *o emprêgo da língua castelhana* [2].

7. Quanto ao influxo *directo* da Itália, claro que houvera sempre relações com a Cúria. Vindas de núncios e legados apostólicos a Portugal. Idas de Portugueses a Roma como embaixadores; em especial desde que pontífices de origem hispânica cingiam a tiara. Bolonha,

---

guardar das verdadeiras sentenças grande perfeição». Pena é que quási nada sobreviva dos escritos do orador (conforme expliquei na *Hist. Lit. Port.*, § 90). Garcia de Resende (que o chama grande letrado e muito bom orador, (*Cron.*, Cap. 58), especializa o Discurso recitado perante Inocêncio VIII, que, publicado logo em Roma, foi impresso no *Jornal de Coimbra*, de 1813 (III, 309-323). Mais abaixo torno a referir-me a essa Oração *De Obedientia*.

[1] É pouco provável que o Regente trouxesse das suas viagens apenas o livro de Marco Polo, o Milhão de Veneza, e uma relíquia de Santo António de Pádua.

[2] Tratei do Condestável em 1895 no *Jahresbericht über Romanische Philologie* (Anais de Filologia Românica) Vol. IV. 1896, na *Hist. Lit. Port.*, § 102 e 103, e 1899 nos *Estudios de Erudicion Española*, dedicados a Menendez y Pelayo (Vol. I, p. 637--732, *Uma Obra Inédita do Condestável D. Pedro de Portugal* (96 páginas). Hoje eu poderia acrescentar que o Condestável foi aparentemente o primeiro poeta peninsular que redigiu uma Cantiga, na forma popular da *Seguidilla*.

mãe da sciência, como mais antiga das Universidades europeias, e pátria de Bártolo, o *doctor civilis;* Florença, a cidade dos Médicis, com os seus banqueiros, e depois com a sua Academia; Nápoles, emquanto lá reinava o magnânimo Afonso V de Aragão, atraíam viajantes aventureiros e amigos do saber novo [1].

Nos concílios de Constança e Basilea, e também no de Mantua, Portugueses ilustrados encontraram-se com prelados e doutores de todas as nações, e ouviam os mais famosos oradores [2]. O costume dos Reis de Portugal de, no tempo dos descobrimentos, mandarem *dar obediência* a pontífices novos por embaixadas especiais, instigou os de cá a cultivarem a sua natural e proverbial eloqüência [3]. Entre

---

[1] O facto de Rodrigueanes de Sá ter assistido em 1341 à coroação de Petrarca, casando em Roma com Cecília Colonna, filha ou sobrinha de Giacomo, assim como a vinda de Agapito Colonna a Portugal, em 1370, interessa-me naturalmente. Mas tal qual Braamcamp Freire (*Gil Vicente*, p. 176), desejaria ver documentado principalmente o primeiro. Quanto ao segundo, veja-se *Acad. Hist.*, 1725 (p. 73).

[2] Vid. A. Pereira de Figueiredo, *Portugueses nos Concílios Gerais*, Lisboa, 1787. Entre os enviados, que D. João I mandou a Basileia e D. Duarte confirmou na sua missão, distinguia-se como doutor-orador o já citado Vasco Fernandes de Lucena (1499), o predilecto autor do Infante D. Pedro. E se já então foi aplaudido, na mesma sala onde havia prègado o genial protonotário apostólico Gregório Corrano, muitas mais palmas obteve em 1450 em Roma diante de Nicolau V, o papa humanista protector de Filelfo; e em 1485 perante Inocêncio VIII. Da impressão dêsse famigerado Discurso existe um exemplar na *Colombina* (N.º 2842 do *Registrum*, segundo Arbolí y Faraudo no *Catálogo dos livros impressos* (Vol. III, p. 72): *Valasci Ferdinandi utriusque iurisconsulti Illustrissimi Regis Portugalliae oratoris ad Innocentium octavum pontificem maximum De Obedientia Oratio.*

[3] Anterior ao *Discurso* de Lucena é o outro, também já mencionado no texto, em que D. Garcia de Meneses, o valente Bispo de Évora, neto do 1.º Governador de Ceuta, D. Pedro de Meneses, e filho de D. Duarte, o 2.º, se refere aos *Lusitanos*. Recitado em 1481 perante Sixto IV, na Igreja de S. Paulo *extra-muros*, não como acto de obediência, mas afim de livremente exaltar os feitos de D. Afonso V como domador da África, nos quais tivera parte, e para excitar o Papa e os Cardeaes à cruzada contra os Turcos, planeada desde 1456. O próprio D. Garcia (implicado no fim da vida na conjuração do Duque de Viseu, e morto na cisterna de Palmela) ia então como capitão da armada, mandada pelo *Africano*, em socorro da cidade de Otranto.

O *Discurso*, tão eloqüente que o extravagante Pomponio Leto que estava presente, se dirigiu ao Pontífice com a pregunta: «¿ Santo Padre, quem é êste Bárbaro que disserta com tanta veemência ?» foi logo impresso em Roma, como o de Lucena. Um exemplar foi dado de presente como raridade, alguns decénios depois, pelo Cardeal Sadoleto, a Gaspar Barreiros, que o fez reimprimir em apêndice à sua *Corografia*. Em 1845 teve terceira edição no *Ensaio sôbre História Literária de Portugal*, de Fr. Freire de Carvalho (p. 373–401).

Com o fim de completar as poucas notícias sôbre a cultura do século XV, que

os jurisconsultos formados em Bolonha um pelo menos criou fama [1]; entre os prelados, não o casto D. Jaime (nomeado Cardeal de Santo

---

esbocei no texto, darei mais um feixe de notas soltas, por serem, em parte, novidade em Portugal:

De 1493 é um Discurso que *D. Fernando de Almeida*, irmão do grande vice-rei da Índia, recitou como orador de D. João II a Alexandre VI, preciosidade de que também há um exemplar na *Colombina* (N.º 3452 do *Registrum*, segundo o Catálogo dos impressos (Vol. I, p. 77).

De 1505 é a *Obedientia ad Julium*, de *Diogo Pacheco*. Dessa peça oratória sobrevive um exemplar na livraria Palha (N.º 2879). Ela foi traduzida duas vezes: por Ruy de Pina, e nos nossos dias por José Pedro da Costa. A versão antiga está inédita na Biblioteca de Paris (N.º 10 dos manuscritos portugueses, segundo Morel-Fatio, *Catalogue*, p. 250, e Santarém, *Notícia dos mss. que existem na Bibl. de Paris*, p. 57). A moderna parece que foi impressa em Coimbra, 1907. Não cheguei todavia a vê-la.

O mesmo eloqüente orador falou em Roma em 1514, e pela terceira vez em 1515 (Biblioteca Palha, N.º 2880). Todos sabem que as românticas festas do elefante, e do pontifical que Tristão da Cunha levava a Leão X como párias da Índia, foram descritas várias vezes e em várias línguas. Nos nossos dias belamente por D. Juan Valera, em *Mors-Amor*, cuja prosa Menendez y Pelayo reproduziu na Introdução à *Propaladia* de Torres Naharro; na Itália por Vittorio Rossi (*Un elefante famoso*, 1890); S. de Ciutiis, *Une ambassade portugaise à Rome au XVIe siècle* (M. d'Auria, 1899); e Achille Pellizzari, *Portogallo e Italia nel Secolo XVI*, Napoli, 1914.

Dos três discursos de Diogo Pacheco há, na Biblioteca do Pôrto, no Ms. 381, traslados modernos. Do mais tardio, relativo à tomada de Malaca, um exemplar fôra enviado a João de Barros, conforme o próprio historiador indica no *Panegírico da Infanta D. Maria* (§ 15.º). No passo respectivo falta todavia (¿ por culpa do impressor?) o nome *Diogo Pacheco*, e há confusão entre o Português e o poeta italiano Camilo Porzio, que contribuira com um poema laudatório à publicação do discurso: *Emanuelis Lusitani Algarbiorum Africae Aethiopiae Persiae Indiæ regis... Obedientia.*

Com os sucessos da Reforma e o Saque de Roma acabaram as embaixadas especiais e os discursos solenes. Todavia, brilhou ainda na Itália o prepotente Português *Miguel da Silva*, e depois dêle, *Aquiles Estácio*, o erudito Latinista.

[1] Nas *Vite di Uomini illustri del Secolo XV*, do culto livreiro Vespasiano da Bisticci, há um Capítulo dedicado a certo *Velasco di Portogallo*, do tempo de Eugénio IV (1431-47) e seus sucessores, que, curiosíssimo, mereceria tradução. Filho de pais nobres e ricos, viera a Bolonha estudar direito civil e canónico. E embora primeiro se dedicasse quási exclusivamente ao estudo dos clássicos e dos *Sonetos de Petrarca*, doutorou-se com brilho, sendo depois um dos advogados do Consistório. Na vèlhice, depois de uma vida assaz tempestuosa, em que, audacíssimo, cometera actos de prepotência, arrependeu-se, e recolheu-se a um convento *(Il Paradiso)*, onde escreveu obras de piedade. Possuía uma livraria selecta. *Aveva libri per parecchi migliaia di fiorini perchè voleva tutti i più belli che trovava.* Tinha *bonissimo* estilo; língua *onipotente*, uma voz que parecia de trovão, e tanta eloqüência que parecia Túlio e Demostenes ao mesmo tempo. Na minha *Hist. Lit. Port.* (p. 230, Anot.), deixei dito que talvez se possa identificar com outro *Ve-*

Eustáquio por Calisto), mas seu familiar, D. Álvaro, Bispo de Silves [1]; entre as damas, a princesa D. Leonor, casada em 1451 pelo papa-humanista Nicolau V, em Siena, com o Imperador Frederico III [2]; entre os embaixadores o Dr. João Fernandes Silveira, que teve colóquios com Toscanelli (1428 e 1459).

Os descobrimentos marítimos e os feitos africanos haviam despertado, como é natural, tanto em Portugal como na Itália, o desejo de os ver divulgados na língua comum dos doutos, de sorte que todas as nações o conhecessem — *ex peculiari lingua in romanum traducta eloquium — afine che ogni nazione ne avesse notizia.*

A respeito das sucessivas tentativas de se obter êsse *desideratum*, ainda não há estudos documentados. Eis os factos apurados que já apontei em outros escritos. O Humanista *Poggio (Bracciolini)*, celebérrimo, tanto pelas questões em que, irrequieto e cáustico, se envolveu, como pelas *Facécias* que coleccionou e editou *con amore*, mas sobretudo pelo vasto interêsse que, secretário de oito papas, e chanceler de Florença, ligava a tudo quanto havia de novo neste mundo, felicitou o Infante Navegador pelo éxito das empresas oceânicas, meado o século, afim de por êle receber informações detalhadas [3].

Em 1459, um grupo de intelectuais da Cúria, em conversação com o embaixador português — o já mencionado Dr. João Fernandes — lastimava de novo que não houvesse relações das campanhas de Ceuta, Alcácer, Tânger, Arzila. Foi então que *Flávio Biondo (de Forli)*, também secretário apostólico, de fecunda mas modesta actividade, se ofereceu a redigi-las, contanto que de Lisboa lhe fornecessem os apontamentos precisos. E escreveu a D. Afonso V a 30 de

---

lasco (*Velasquez* por lapso?) *de Portugal*, que se dirigira a Poggio (1459) com a pregunta ¿como se aprendia a eloqüência? recebendo a resposta: *estudando Cicero e Quintiliano.* Vid. Poggio, *Epist.* VI, 4, e Voigt, *Die Wiederbelebung des classischen Alterthums oder das erste Jahrhundert des Humanismus* (2.ª ed., Vol. II, p. 361).

[1] Vid. Bisticci, p. 152 e 235. O túmulo de D. Jaime em S. Miniato de Florença, obra-prima de Rossellino, ainda nos fala hoje do amor fraternal que a sua bondade e pureza de costumes inspirara à Duquesa de Borgonha, sua irmã. Vid. G. Uzielli, *Colloquio avvenuto in Firenze nel Luglio 1459 fra gli Ambasciatori del Portogallo e Paolo dal Pozzo Toscanelli*, Roma, 1898.

Ao Bispo de Silves (D. Álvaro) que acompanhava o Cardeal, deu Bisticci, por engano, o nome *Afonso*, e o autor moderno, cujo opúsculo acabo de citar, engana-se pela sua vez, chamando-o *Pedro Álvaro.*

[2] Vid. Luciano Cordeiro, *Uma sobrinha do Infante* (Lisboa, 1894); e Bisticci (p. 4), àcêrca da galantaria dos Portugueses que acompanhavam a D. Leonor.

[3] Poggio, *Epist.* IX, 35; Voigt, *ob. cit.*, I, 361.

Janeiro de 1461 [1]. A resposta altiva foi que os Portugueses fariam *da sé,* talvez porque a fama do velho Flávio (1388-1463) como estilista, não fôsse excessiva; talvez por êle não ser formado em teologia; mas antes porque o *Africano* já tinha dentro do país outro culto Italiano, encarregado da tarefa, desde 1460.

E de facto, *Matheus Pisano* (ou *de Pisano*) «poeta laureado e um dos suficientes filósofos e oradores que nos seus dias concorreram na cristandade», como com evidente exagêro assentara Gomes Eanes de Azurara, chamado ao país não se sabe por intervenção de quem, estava ocupado com a redacção latina da *Tomada de Ceuta*, escrita em vulgar pelo Cronista. Ao mesmo tempo êle servia de mestre a Afonso V, já preparado por certo *Estevam de Nápoles* [2].

Para que também os feitos de guerra e paz dos reinantes da primeira dinastia, narrados por Fernão Lopes na *Primeira Parte das Crónicas,* assim como a vida de D. João I, e o seu insigne Condestável, fôssem geralmente sabidos, é que, provàvelmente, depois do falecimento de Pisano, o Africano quis servir-se de *Justo Baldino*, da ordem de S. Domingos, doutor *in utroque iure*, e certamente também em teologia, visto que, vindo como núncio e orador, foi logo remunerado com a nomeação para Bispo de Ceuta e *primas Africae.* Todavia D. Afonso não teve sorte. Embora o Italiano sobrevivesse,

---

[1] A Carta de Flávio Biondo (1388-1463) a D. Afonso V, encontra-se na Bibl. de Dresden: Ms. F, 66, fl. 113-114. A respeito da obra dêsse autodidacta, de sólidos conhecimentos, laboriosíssimo e modesto, veja-se Alfredo Masius, *Flavio Biondo, sein Leben und seine Werke* (1879). Na Columbina há a edição-príncipe da sua *Historia Romana — Roma triumphans — Roma Instaurata*, etc (*Registrum*, 3661, 3067, 3092 e 3661).

[2] A única e pouco volumosa obra de Matheus Pisano que se conservou — intitulada *Gesta Johannis de bello Septensi acta per Reverendum Mathaeum de Pisano Artium Magistrum poetamque laureatum* — não cumpriu a missão a que estava destinada: ficou inédita até 1790 (*Inéditos de Hist. Port.*, Vol. I, p. 1-57), e não consta que traslados fôssem enviados à Cúria. Veja-se a Introdução de Correia da Serra; Sousa Viterbo, *A cultura de Afonso V,* no *Arq. Hist.*, Vol. II, p. 256; Cerejeira, *Clenardo II,* p. 57; e Roberto Correia Pinto, *Livro da Guerra de Ceuta* (1916). Embora Zurara o chamasse POETA *laureado e um dos suficientes filósofos e oradores que em seus dias concorreram na cristandade,* (*Ined.*, II, 215), não descobri notícias a êle relativas naqueles historiadores do Humanismo e do Renascimento, que me são familiares. Não creio fôsse filho da valente *Dona Cristina de Pisano* (1363-1431). A razão não está na idade de cincoenta, que teria tido quando D. Afonso V precisava de um mestre de latinidades, se nascesse antes de 1389 ou 1390, data em que Cristina viuvou. Está no facto de o filho dela, casada com Estienne Castel, secretário de Carlos VI de França, ser o bem conhecido poeta *Jehan Castel.*

nada se conservou do que por ventura escrevera. Por falecer de peste (em Almada) pereceram com êle tanto os originais portugueses que lhe haviam confiado, como a eventual redacção latina! [1]

Não consta que Justo Baldino tenha endoutrinado a D. João II (n. em 1455 e, precoce em tudo, casado aos dezasseis). Garcia de Resende apenas diz que teve bons mestres que o ensinaram a *ler, rezar, latim, e escrever. E estimou sempre letrados e homens de bom saber.*

As relações epistolares com *Angelo Poliziano*, Humanista tão verdadeiramente grande que parecia ser um Romano do tempo de Augusto, não só nos versos elegantíssimos que compunha em latim, mas também nos que compunha em italiano, como o delicioso *Orfeo*, não foram entaboladas pelo rei de Portugal, mas audazmente pelo Florentino. No seu vivo interêsse pelos descobrimentos e feitos lusitanos, Poliziano serviu-se do pai de três alunos que tinha, isto é, do Chanceler-Mór Dr. João Teixeira, [2] para oferecer a sua pena ao reinante, lastimando, como Pioggio em 1484 e Biondo em 1459, que ainda não houvesse memória suficiente das façanhas africanas de Portugal, de terra e mar. E como o Chanceler anuisse aos acenos,

---

[1] Não há até hoje documento algum que nos esclareça sôbre o tempo e a ocasião em que Justo Baldino veio a Portugal. Quanto ao seu falecimento, que Sousa Viterbo colocava em 1463 e T. Braga (*Universidade*, I, 181) em 1493, sabemos hoje, por um documento descoberto por Gonçalves Cerejeira (*Clenardo II*, p. 57) no Arquivo da *Alma mater* de Coimbra, que êle ainda estava vivo em Junho de 1483. A particularidade de a morte, ocorrida em Almada, ter sido causada pela peste, causadora também do desaparecimento, tanto dos originais portugueses que lhe haviam confiado, como das suas eventuais adaptações latinas, conhecemo-la pela carta do venerando D. João Rodrigues de Sá e Meneses, que Damião de Goes intercalou na *Crónica de D. Manuel* (IV, Cap. 38). Cfr. C. M. de V., *Hist. Lit. Port.*, §§ 89 e 97.

[2] Os filhos do Chanceler-mór que estudavam em Florença, recomendados a Angelo Poliziano, eram três: Tristão, Alvaro e Luís. Tristão faleceu em 1497, na idade de vinte e um anos. Todos figuram na Égloga VII de H. Caiado, com os nomes significativos de *Thyrsus, Alphesibeus* e *Lygdanus*. Essa Égloga foi dedicada a D. Manuel com outras cinco, uma *Sylva*, e vinte Epigramas, tudo num folheto gótico de trinta fôlhas (sem designação do ano, que deve ser 1496). Dêsse raríssimo opúsculo há um exemplar na Biblioteca Palha (N.º 740). Curiosa é a evolução voluntariosa do prenome do poeta Caiado. Êle era Enrique *(Henricus)*. Por lapso (?) saíu *Hermicus* na impressão bolonhesa. E o poeta, gostando da forma, adoptou-a, transformando-a todavia em *Hermigius*. Os Italianos continuaram, contudo, a chamá-lo *Errico* (variante de Enrico). Na *Colombina* há duas *Orações* dêle, de 1504 e 1507 (*Registrum* 6469 e 7235). — Cfr. *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*, I, 35-259, e a minha *Hist. Lit. Port.*, p. 288. Em Bolonha, Caiado tinha sido aluno de Cataldo, antes de 1488.

ofereceu-se, em 1490, numa extensa e lisongeira carta a D. João II, a ser o pregoeiro da sua fama e quem lhe desse imortalidade, como Homero dera a Aquiles — proposta que o monarca agradeceu com gentileza, prometendo enviar-lhe a sua *Crónica*, mal estivesse pronta, e já transposta, quer para latim simples, quer para o idioma toscano [1].

Mas ambos faleceram sem que o plano se houvesse realizado.

Contudo, D. João II, cauto e sensato, providenciara melhor do que seu pai. Já hospedava, desde 1488, um Humanista italiano, bom poeta, e doutor *utriusque iuris*, que, tendo praticado em Bolonha, Palermo e Siena como professor, viera a Portugal com o título de orador, mas com o objectivo de ensinar a língua de Lácio primeiro a D. Jorge, o bastardo muito amado, e em seguida à nobreza portuguesa, não só em lições particulares, mas também como catedrático de leis e de retórica na Universidade de Lisboa.

8. É de *Cataldo Siculo* que falo. Embora como estilista nem de longe possa ser comparado a Angelo Poliziano, nem tão pouco a Gioviano Pontano, o brilhante fundador da Academia de Nápoles, seu mestre, e embora não chegasse a efectivar a missão de espalhar pelo mundo fora a glória dos feitos lusitanos numas *Decadas* geniais, o Italiano (*Aquila* de nome, natural da *Sicília*, e formado talvez em *Paris*), merece pelo menos o título de *praeceptor Portugaliae*, ou educador áulico, e escreveu, em verso épico latino, mais *laudes* de coisas de Portugal do que qualquer outro estrangeiro, antes ou depois dêle [2].

---

[1] As cartas de Angelo (Ambrogino) Poliziano (1454-1494) ao Chanceler e a D. João II, assim como a resposta dêste, encontram-se no Livro das suas *Epístolas* (p. 368 da ed. de 1642, e p. 302 da ed. de Lyão, 1536). As epístolas régias foram reproduzidas nas *Provas* da *Hist. Gen.*, II, p. 162 e seg. Traduções para vernáculo foram publicadas por T. Braga nos *Poetas Palacianos* (p. 299 e 306), e novamente na *Hist. da Universidade*, I, p. 174.

[2] Aludi naturalmente a *Cataldo Sículo* e sua importância, na *Hist. Lit. Port.* e na *Infanta D. Maria*. Mais do que alusões, há, felizmente, no *Clenardo e o Renascimento*, de Gonçalves Cerejeira (Vol. II, p. 59 a 72, páginas preciosas, repletas de bons materiais). As obras poéticas do Humanista encontram-se, quási completas, nas *Provas* da *Hist. Geneal.* (VI, p. 385-572), coleccionadas e acompanhadas de valiosas Notas Marginais por António de Castro: *omnia Cataldi Aquilae Siculi quae extant opera... denuo correcta ac nunc primum in lucem edita .. appositis in margine adnotatiunculis quae brevis comentarii vice esse possunt.* No fim foi suprimido, na reimpressão, segundo se diz, um poema *Ad Mariam Virginem deprecatio;* e três *Elegias* «por indecentes» (! ?).

Além disso faltam todos os textos em prosa. Espero que o ilustre colega que acabo de citar, solucionará êsse problema e outros ainda não bem examinados,

A *Arcetinga* ou *Tomada de Arzila e Tânger*, dedicou-a D. João II; a D. Manuel, emquanto Duque, vários poemas, sendo o primeiro em data a *Lamentação sôbre a Morte desastrosa do Príncipe D. Afonso (De Obitu Alfonsi Principis)*.

Sendo rei, redigia-lhe cartas e ofertou-lhe as suas *Obras* completas (1500). Muito bem poderia ter sido mestre de retórica dêle, e do Príncipe. Mas o afecto excessivo de D. João pelo bastardo, e a consideração pelos ciumes de D. Leonor, sua esposa, levaram-no a *isolar* o preceptor e o aluno em Aveiro [1]. Ainda assim não falta de todo quem suponha e afirme que Cataldo veio para Mestre de Retórica, não só de D. Jorge, mas também de D. Manuel [2].

---

explorando conscienciosamente os exemplares da impressão de 1500, guardados entre os Reservados de Lisboa, Coimbra e Pôrto.

Com relação a *António de Castro*, sei apenas que era Mestre de *Gramática* primeiro, e depois de *Retórica*, de Teodósio II de Bragança. Embora não figure na *Biblioteca Lusitana*, tinha composto um livro de matemática e geometria (1588), que se conservava na livraria do Conde da Ericeira (*Hist. Geneal.*, VI, 306 e 324). A edição de Cataldo, preparara-a para o prelo antes de 1577, conforme se vê da dedicatória à *Infanta D. Maria*. Esteve relacionado com Jerónimo Côrtereal, que o menciona no *Naufrágio de Sepúlveda*.

O Gonzalo de Azevedo, por recomendação do qual, dizem, Cataldo fôra chamado de Bolonha, era desembargador do paço, do conselho de D. Manuel, e seu embaixador junto aos reis católicos, logo depois da sua subida ao trono. Apenas o conheço da *Crítica Contemporânea*, p. 11 e 25; da *Crónica de D. Manuel*, I, Cap. VIII; e do *Quadro Elementar* de Santarém, vol. II, p. 1.

A obra principal de Cataldo, o poema épico *Arcitinge*, relativo à Tomada de Arzila em 1471 (obra para a qual se preparara fazendo uma viagem a Alcácer, Tânger, Arzila) é dedicada a D. João II. Outras dedicatórias há-as, não sómente a êsse rei e ao sucessor, mas também à Raínha D. Leonor, à Princesa D. Joana, ao Príncipe D. Afonso, ao Senhor D. Jorge, à Princesa D. Joana, a D. Dinís e D. Álvaro de Bragança; D. Fernando e D. Pedro de Meneses; D. João Manuel e seu filho D. Bernardo; D. Diogo de Sousa, bispo do Pôrto; D. Manuel e D. António, filhos de D. Rodrigo de Sousa, vindos de Salamanca para Aveiro, por ordem de D. João II, afim de serem instruìdos pelo Italiano. Em 1498 êle acompanhou D. Manuel a Zaragoza. Morreu em Lisboa, relativamente novo. Das tenças e vestiarias que recebeu, já falei numa Anotação dêste Tratado. O incidente entre Cataldo e Rafaelo Régio, a que T. Braga alude na *Hist. da Universidade*, I, 181, remetendo o curioso a Tiraboschi, VI, p. 1050, não sou capaz de esclarecê-lo. Impossível é que Pontano (1426-1503) fôsse discípulo do Siciliano. O contrário talvez seja verdade.

[1] O filho de seu amor, D. João II tinha-o entregue, como todos sabem, aos cuidados da princesa D. Joana, a santa. Contava sete anos quando o professor estabeleceu residência em Aveiro, onde de pouco ocupado e não podendo estar sempre a escandir versos latinos, se dedicou, de passagem, aos prazeres da caça.

[2] T. Braga, *Hist. da Universidade*, I, 181. A prova de que Cataldo dirigia de longe e por cartas os estudos latinos do Príncipe D Afonso, temo-la na Epístola

Com relação a Gil Vicente, claro que nesse caso a probabilidade de êle ter sido Mestre, ao lado de Diogo Rebelo e Francisco Fernandez, já em si diminutíssima, ficava reduzida a zero.

Contra ela fala ainda outra reflexão. Se realmente Gil Vicente tivesse servido de Mestre a D. Manuel, entre 1473 e 1490, seria de esperar que êsse lhe teria outorgado qualquer dos prémios acostumados: tenças e vestiarias, uma viagem a Roma, estudos em París ou Bolonha, visto que, como Duque e como rei, foi «sempre mui agradecido dos serviços que lhe faziam».

9. Reforçarei agora a minha idea, relativa à educação de D. Manuel, que julgo entregue exclusivamente a mestres teólogos, lembrando ao leitor o facto a que já mais acima aludi, mas que julgo caído em esquecimento.

O Infante D. Fernando e a Infanta D. Beatriz haviam destinado o seu rebento mais novo ao sacerdócio. Queriam fôsse Cardeal, como fôra D. Jaime, o irmão maior do Condestável D. Pedro, e como no século XVI chegaram a ser dois dos filhos de D. Manuel. Essa resolução pode ser derivasse do carácter meigo e brando do Venturoso, que nunca pegou na espada, e é representado em regra de vestes roçagantes. Mas também pode ser aderissem, sem se importar com predisposições e talentos, à praxe predilecta de toda a nação, cujas mais elevadas e cujas mais humildes famílias gostavam, até há pouco, de ter um dos seus na Igreja.

De resto, D. Manuel não era cobarde nem fraco, nem mal geitoso em jogos desportivos. Nem sorumbático. Antes, ledo e prazenteiro. Atesta-o expressamente o Cronista [1], e também o Humanista italiano, que exalta a sua perícia na caça, em jogos de cana, e corridas de cavalos [2].

Quanto ao destino que os pais lhe queriam dar é também Cataldo quem, no poema relativo à morte do Príncipe, caracteriza D. Manuel

---

em que aconselha fôsse conduzido de *moralibus* às elegâncias do verdadeiro estilo latino, e também nos *Provérbios* que com êsse fim compôs. Mas, repito, faltam em absoluto provas de que cuidasse dos estudos de D. Manuel.

[1] *Crónica*, IV, Cap. 84: «Deleitava-se muito no monte, e era bom bèsteiro, e caçador de vontade, para o que tinha muitos lebreus e sabujos e outros cães, com muitas e boas aves de presa, de diversas redes que mandava vir de fora de seus reinos; mas ao montear e caça de gavião era mais inclinado, e o usava mais que a caça dos falcões. Nunca ia à caça sem levar musicos e instrumentos de câmara com que lhe tangiam e cantavam, fôsse no campo ou nas casas onde comia e repousava».

[2] António de Castro gaba a sua destreza, especializando caça, equitação e jogos de canas e venábulos: *in venando promptitudo ut qui a teneris annis equitare, jaculari, venari consueverat* (p. 408).

como benigno e humano *(mira humanitate)*, gabando o seu espírito *sacerdotal*, dando ensejo com êsse vocábulo ao comentador A. de Castro para insistir no tal plano. Êsse emprega três vezes as fórmulas *sacerdotio devotus — sacerdotio dicatus — primo sacerdotio destinatus* [1].

Com relação ao dia fatal, em que D. Afonso, recém-casado, mal disposto, mas cedendo ao desejo afectuoso do pai, montou no cavalo preto, agoirentamente ajaezado também de preto, de que caíu, correndo *ao pareo* com D. João de Meneses, Cataldo conta que D. Manuel andava no entretanto pela vila de Santarém, sòsinho e grave *(lento gressu)*, como futuro sacerdote que *(cum principe regis in aula nutritus)* poucas vezes se afastava do rei, da irmã e do sobrinho. E Castro acrescenta: *Emmanuel cum sacerdotio dicatus esset, nempe ad Cardinalatus honorem promoveri speraret, a puero semper apud regem cum sorore educatus est* [2].

Em outro passo chama-o notável pela estudiosidade: *(studiis spectandus)*. E nas dedicatórias apõe-lhe superlativamente, o qualificado de *philosophatissimus* [3].

Numa carta ao filho de Justa Rodrigues, e do Bispo da Guarda (aquele D. João Manuel que *nado em sino de latim* foi realmente um dos melhores e mais poèticamente dotados dos versificadores do Cancioneiro Geral), ficou assente que o Senhor D. Manuel e o seu colaço liam juntos Santo Agostinho e S. Jerónimo [4], e juntos recitavam dia a dia as *Horas canónicas*, piedosamente.

---

[1] *Provas*, VI, p. 412, 417, 558.

[2] *A puero* e *semper* são exageros. Na mocidade, dos catorze ou quinze em diante, até os vinte e um.

Já contei no parágrafo 4.º que D. Manuel foi levado ao paço, para, junto ao Príncipe, estudar, depois do caso das traições.

[3] Num dos seus Epigramas, de estilo floreado, Cataldo diz que D. Manuel, dotado de *ingenio apolineo*, fôra alimentado, desde criança, com leite das nove irmãs (p. 558). Em outro afirma que percebe e assimila quanto lê. Do colaço D. João Manuel vale a mesma coisa: *a balbutientibus annis* lia os clássicos antigos, etc., etc.

[4] *Una cum doctissimo rege tuo*, diz o Italiano ao colaço de D. Manuel, com respeito aos dois Padres da Igreja. Mas embora separe dessas leituras as de Cícero, Seneca, Ovídio, Vergílio, Horácio, as quais fecundaram o ingénio do Camareiro-mór, é possível que também o então Duque de Beja tomasse parte, pelo menos, em algumas.

Quanto à posição que D. João II ocuparia em frente dos que nasceram *em sino de latim*, parece-me natural que, apesar-de estimar Poliziano e os Humanistas em geral, seguisse pessoalmente o rumo antigo. Educado provàvelmente por um Padre (mas não pelo P. João Rodrigues, mencionado no *Agiologio* III, 278), es-

10. Pois bem. Se fica provado pelo testemunho duplo de Cataldo Sículo e António de Castro (dois *mestres de retórica*), que o neto de D. Duarte estava destinado a ser Cardeal, e pelo testemunho de Damião de Goes que quem o instruiu em latinidades fôra o teólogo e futuro Bispo D. Francisco Fernandes; e se pelo outro lado apontei, além da falta de documentos, o silêncio do Cronista a respeito da magistratura de Gil Vicente, tornado mais significativo ainda pelo teor das palavras que outros coevos lhe dedicam, glorificando-o únicamente como poeta cómico de graciosa eloqüência vernácula, e como representante hábil de lindas e novas invenções *(actor et auctor)*[1] ¿ como se explica então que Vicentistas de ontem e de hoje tenham êsse poeta cómico em conta de *Mestre de Retórica* de D. Manuel ?[2] ¿ Por que motivo conjecturam e quási afirmam que o ourives, oriundo de Guimarães, mas rùsticamente criado na Beira, seguiu cursos na Universidade de Lisboa, interrompendo-os todavia, não por falta de gôsto e meios, mas para educar (!) o Duque de Beja ? Em que se baseiam Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco para falar em *cursos de jurisprudência*, apesar de nas suas obras o poeta haver demons-

---

colheu também para Mestre do Príncipe, um sacerdote, Frei João da Madalena (*Agiológio* II, 686, e Leitão, p. 375). Com respeito a D. Jorge recomendava, ajuizadamente, a Cataldo, que, lendo, p. ex., a *Ética*, de Aristóteles, com o rapaz, não deixasse de se servir dos *Comentários* de Santo Tomás de Aquino, nem desprezasse os de Burleio. Provàvelmente o *Doctor Conspicuus*, Walter Burleigh — o notável Nominalista inglês.

[1] Os únicos escritores coevos de Gil Vicente que falaram do *auctor et actor*, são (como já disse diversas vezes, sobretudo na *Primeira Nota Vicentina*, p. 41, e Anotações 51 a 55) André de Resende, Garcia de Resende, João de Barros, Fernam de Oliveira — todos êles Mestres de Retórica, menos Garcia, que, como o dramaturgo, era trovador na essência, e, além disso, uma espécie de *Entende-tudo*.

Quando, quási um século depois do desaparecimento do poeta cómico, êle foi elogiado novamente, foi por causa da sua graciosa eloqüência *vernácula*. No *Discurso da lingua portuguesa*, de Severim de Faria, vejo repetida a observação do Humanista André: «*se como escreveu na nossa lingua portuguesa, compusera na latina, comum a todos, não alcançava menor nome que Menandro, Plauto e Terêncio*».

Que alguns coevos o chamassem *o Plauto português*, pode ser verdadeiro, no sentido de *primeiro dramaturgo notável de Portugal*.

Mas também pode ser fábula; e nesse caso emparelharia com a que assevera que Erasmo — desprezador absoluto de línguas modernas, de que nem a materna sabia, e cultivador exclusivamente da linguagem de Cícero — aprendeu português para lêr Gil Vicente.

A fórmula *Plauto Português* provém, a meu ver, dos versos de Resende (1530); a fábula erasmiana, das relações que o Roterodamense teve com o próprio Resende, Clenardo, e sobretudo com Damião de Goes.

[2] *Reitórica*, em vários Nobiliários, como se a arte de falar bem fôsse especialidade de *reitores*.

trado muito mais profundos conhecimentos da sciência de Deus, do que de *Digestos* e *Decretais* [1], e mais amor pelo Psalmista e o sábio Salomão, do que por Bártolo e Baldo? ¿Em que se baseava no século XVIII o benemérito arquitecto da *Biblioteca Lusitana*, e antes dêle Franco Barreto, para o chamar *nobre e de ilustre nascimento*? ¿Em que se estribava o autor cuidadoso da *Nobreza Literária* e das *Memórias de D. Pedro V*, quando, vinte anos depois do ressuscitamento do dramaturgo, realizado em Hamburgo, lhe deu o tal título de *Mestre de Retórica de D. Manuel*? [2]

Respondo dizendo o que já indiquei no prefácio e no princípio desta análise. Todos se basearam em assentos apodíticos, mas não documentados, de *Linhagistas*. E entre êles os que desejavam honestamente cercar-se do nimbo da veracidade atribuiam a indicação ¿a quem? ao próprio Damião, que teria lançado num seu apregoadíssimo *Livro de Gerações* a nótula, que não incluiu na *Crónica de D. Manuel*.

O erudito a que acabo de me referir — Francisco António Martins Basto, digno professor de latinidade de D. Pedro V e seus irmãos — primeiro que deu a notícia em letra redonda, remete o curioso no seu tratado geral sôbre Mestres de reis portugueses, especificadamente a *Damião de Goes, Nob.*, p. 98 [3].

Procuremos, por isso, êsse *Nobiliário* de Goes.

11. ¡Linhagistas! ¡Nobiliaristas! ¡Construtores de Genealo-

---

[1] ¡Se fôsse preciso haver estudado leis para poder falar vagamente de *direito, sentenças, audiências*, a *vara da justiça, alcaides, beleguins*, a *jurisdição de Lucifer*, ou para mencionar Bártolo e Baldo e doutores formados em París e Siena; e se, sem ser formado, um poeta cómico não podia introduzir na *Trilogia das Barcas* um corregedor que faz torto do direito e enriquece com peitas e ofertas, nem tão pouco fazer figurar na *Floresta de enganos* um velho *Justiça maior* namorado e enganado; nem no *Juiz da Beira* um Sancho Panza que dá sentenças disformes, então sim, teremos de classificar Gil Vicente de estudante de direito!

T. Braga afirma (p. 50 da obra de 1898) que o poeta estudou, mas não terminou o seu curso de legista, e que essa tradição se conservou em manuscritos genealógicos Mas mesmo se assim fôsse (o que não é), a prova era incompleta.

[2] O sub-título da *Nobreza Literária* de F. A. Martins Basto é como segue: *Breve Resumo dos Privilégios da Nobreza:* 1.º dos Professores Públicos; 2.º dos Mestres dos Príncipes; 3.º dos Ayos dos mesmos Senhores, com huma noticia dos que tem servido estes cargos e outros importantes. Dedicado a Sua Magestade Fidelissima a El Rey o Senhor Dom Pedro V. Lisboa, 1854.

A respeito do autor consulte-se Inocêncio, II, 340, e IX, 256.

[3] Pág. 122. Pena é que Martins Bastos não dissesse qual dos apógrafos do *Nobiliário entitulado de Damião de Goes*, existentes em Lisboa, consultou. Poupava-me muito trabalho, como verá o leitor que me acompanhar até o remate desta Primeira Parte.

gias! A sua missão, necessária, nobre e interessante onde quer, tem em Portugal uma importância, e goza de uma veneração como em parte alguma do mundo, porque

sangue (e bens de fortuna)
é tudo entre Portugueses [1].

Necessária, nobre e interessante, a missão é todavia espinhosa e perigosa.

A êsse respeito lembrarei alguns ditos de poetas clássicos:

É senhor, grande trabalho
escrever de Gerações!...
Nem todos são Scipiões!
E podem cheirar ao alho
ricos-homens e infanções! [2]

Assim dizia o bom velho da Tapada. Não na bela Carta (N.º 153) a um dos mais entendidos e honestos genealogistas e autores de *Trovas sôbre brasões*, João de Rodrigues de Sá e Meneses, seu parente, as quais evidentemente lhe haviam acarretado desgostos:

Descoseu linhas a tantos
(se bem mais canonizou)
que um deles se vingou
sem lhe valer estes santos [3].

É com o cunhado Manuel Machado de Azevedo, que desabafou assim, continuando

Se dizeis verdade a todos,
de nenhum estais seguro;
que não ha sangue tão puro,
nem para avós tantos godos,
que um não achem no monturo! [4]

Por estas e outras «*vericidades*» ficou com fama de *deslinguado*, e ouviu do admoestado a réplica que não faria mal em *enfrear sua pena... como um potro desatado* [5].

Luís de Camões também, ao falar, em uma das suas Cartas satíricas de orgulhosos, sem valor próprio, *mortos por desenterrar pa-*

---

[1] *Poesias de Sá de Miranda* (ed. de C. M. de V.), p. 205.
[2] *Ib.*, p. 524.
[3] *Ib.*, p. 672.
[4] *Ib.*, p. 524.
[5] *Ib.*, p. 671.

rentes que cheiram já [1], cita com respeito a fidalguias o anexim popular que *não há trigo tão joeirado que não tenha alguma ervilhaca* [2]. E poderia haver citado outros provérbios mais desembuçados. Mesmo na epopeia há censuras aos *encostados nos antigos troncos nobres de seus antecessores* (VI, 95).

Óbvia e natural é a conclusão que o Linhagista que relata apenas feitos heróicos é venerado; amaldiçoado, pelo contrário, o que regista origens humildes, práticas vergonhosas, deslizes humanos de damas e cavalheiros, e sobretudo quando denuncia a mescla de sangue gôdo com o de Judeus, Mouros, e Negros. Então é que se expõe às unhadas dos poderosos.

Na opinião de vários, as desgraças finais de Damião de Goes, grangeou-as êle por genealogista, e não por luterano ou erasmista. De Francisco de Morais dizem que foi assassinado (com as mangas, luvas, calças, sacas de areia, tradicionalmente destinadas ao castigo de caluniadores), na praça de Évora, no mesmo ano de 1572 em que o Cronista estava nos Cárceres da Inquisição. ¿ Por quê e por quem ? Por criados da Casa de Bragança, por haver dito num dos seus Colóquios lucianescos que *por causa do Barbadão de Veiros muitos se pejavam de serem Pereiras.*

Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá e Meneses, Manuel Machado de Azevedo, cujas Trovas trasladei, retiraram-se da côrte, decididos a *ouvir, e calar, ou ser mudo.*

Creio que essas amostras do pano são suficientes.

De resto, compreende-se que num país pequeno, onde todos se conhecem, de mais a mais tão cavalheiresco que todos os remediados de certa posição social tem pretensões de nobres e se vangloriam de ter tido ascendentes que se sentavam à mesa dos reis, os Livros de Linhagens sejam legião. Inéditos, e propriedade particular.

Compreende-se igualmente que os extra-oficiais, sem responsabilidades, sobretudo os posteriores a 1640, não fôssem nem sejam bem-vistos pelos historiadores que baseiam o seu saber em escrituras

---

[1] *Disparates da Índia.*

[2] *Carta da Índia.* O trecho foi reproduzido por Viana da Mota nos *Pensamentos de Camões* (Rio, 1920). Os próprios Nobiliaristas e autores de Memórias íntimas dizem a mesma coisa, com outras palavras. Sirva de exemplo o faceto Bispo do Grão-Pará, Frei João de S. Joseph Queiroz, segundo o qual a maior parte das Casas de Espanha estão como as de Portugal *com Maria Pinheira e Ruy Capão.* Uma vez chega a afirmar que entendia e provaria que em toda a península não havia uma só família verdadeiramente *puritana* (p. 65 e 159 da ed. de Camilo Castelo Branco).

coevas dos acontecimentos. Mistura de verdades e mentiras e lisonjarias — repito-o — eis o que todos são para êles.

Lembrarei as opiniões de dois competentíssimos, Alexandre Herculano, e Anselmo Braamcamp Freire, o melhor sucessor do solitário de Vale de Lobos.

O primeiro demonstrou que os *Nobiliários, relativos à primeira época* da história portuguesa, constituem no fundo um só registo *oficial* das Gerações nobres, feito com muito trabalho, à vista de documentos, tendo por finalidade que os homens fidalgos soubessem de que linhagem vem, de que coutos, honras, mosteiros e igrejas são *naturais,* como são parentes, e como devem casar sem pecado. Além de três redacções incompletas possuimos dêle uma elaboração, já tardia, do século XIV, atribuída ao bastardo de D. Dinís, o Conde D. Pedro de Barcelos [1]. Sem negar o valor histórico dêsse *Livro Velho*, Herculano, que como todos nós se serviu dêle a cada passo, criteriosamente, bem se vê, demonstrou ainda, que o *Livro Velho* foi acrescentado, na segunda metade do século XVI, mutilado por cortes, e alterado intencionalmente com mais de uma apostila de mal-dizer, por indivíduos poderosos, quando isso servia a interesses, vaidades, e emulações nobiliárquicas [2].

Quanto aos *Livros Novos das Gerações*, de D. João I em diante, — *Livros das Gerações novas* portanto, — e sobretudo com respeito aos dos séculos XVII e XVIII historiador seja o segundo (ao qual devemos os *Brasões de Cintra* e o volume *Crítica e História*, continuador dos *Portugaliae Monumenta Historica*, generoso fundador do *Arquivo Histórico* e sólido construtor da monumental obra *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*) quem, ensinado pela experiência, nos participe quão restrita é a confiança que liga a todos êles. Obrigado

---

[1] O *Prólogo* do Conde D. Pedro termina com as palavras seguintes: «E rrogo aaquelles que depos mym veerem e uomtade ouuerem de saber os linhagens, que acreçentem em estes titollos deste liuro aquelles que adiamte deçenderem dos nobres fidallgos da Espanha e os ponham e esprevam nos lugares hu convem». Não entro na discussão do problema se Fernão Lopes, João das Regras, Lucena, Azurara e os Pinas, foram realmente continuadores do Conde.

[2] Refiro-me à Introdução com que Alexandre Herculano acompanhou os quatro antigos *Livros de Linhagens* nos *P. M. H.: Scriptores*, I. p. 133–143. De passagem direi que quando em 1877 trabalhava na *Biblioteca da Ajuda*, dediquei os meus cuidados também ao fragmento membranáceo encadernado juntamente com o *Cancioneiro*, o qual então ainda era considerado como obra do Conde D. Pedro de Barcelos (o III dos publicados por Herculano). Conservo inédito o estudo que esbocei. Relendo-o um dêstes dias reconheci que ainda hoje valeria a pena publicá-lo.

a verificações laboriosas e fastientas, vezes sem conta, teve de constatar *ignorância, más intenções, mentiras, lérias, embustes, adulações.*

Mesmo homens considerados durante séculos como historiadores, e que só de passagem se ocuparam de *Linhagens,* inventaram por desenfado ou lisonjaria, ou repetiram sem ponderação criteriosa, contos fantasiosos e historietas genealógicas. P. ex. Pedro de Mariz e Gaspar Barreiros, dois louvaminheiros p. ex. dos *Manoeis,* e nesse ponto contraditores injustos do verídico Goes, como mostrarei mais abaixo [1].

12. Entre os Linhagistas que falam de Gil Vicente, erguendo-o à categoria de mestre de retórica de um príncipe, ou nobilitando-o, pelo menos, pelo estudo da Jurisprudência, há vários tardios e indignos de crédito, invocados ainda assim por Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco e o Visconde Sanches de Baena. Dedicando-lhes páginas esclarecedoras no *Preâmbulo* e no primeiro Capítulo de *Trovador e Mestre da Balança,* Braamcamp Freire separa e distingue naturalmente dêsses [2] aqueles outros que, no século áureo de Barros e Goes, sem desprezar as fábulas antigas, se esforçaram em apurar resultados fidedignos, sôbre a base de documentos, sobretudo quanto ao seu tempo.

Êsses, louva-os e utiliza-os, como já os havia assinalado e utilizado no século XVIII o autor da *História Genealógica da Casa Real Portuguesa,* ao serviço de D. João V. No estudo que precede os treze volumes de narrativas e tabelas, e os seis de *Provas,* dessa obra grandiosa há muito que aprender, a-pesar-de também não estar isenta

---

[1] Óptima exemplificação de embustes nobiliárquicos, encontra-a o curioso no Cap. XVII dos *Brasões de Sintra* (I, p. 187-214), na parte (2, III) em que se trata dêsses *Manuéis* de Portugal — erguidos de filhos de um frade carmelita de grande talento, e uma filha bela e esperta de um lavrador a ... descendentes do Santo Rei D. Fernando, pelo neto dêle D. João Manuel (1282–1347), o ilustre autor do *Conde Lucanor,* ou seja dos Manuéis de Castela, únicamente por causa do apelido que haviam adoptado como colaços del rei D. Manuel. Cfr. § 23.

[2] Entre Alão de Morais, Desembargador do Pôrto (1630-1693) que utilizou Cartórios do Minho, e meteu nas suas Genealogias pessoas humildes, e Afonso da Gama Palha, vivo ainda em 1709, que corrigia papéis alemtejanos para não deslustrar famílias, claro que o autor dos *Brasões de Sintra* prefere o primeiro.

Outros Nobiliaristas, explorados por T. Braga, são Dr. João da Conceição Viana; António Feo Cabral de Castelo-Branco; Jacinto de Pina Loureiro, conforme se vê nas *Origens do Teatro Português de 1898* (p. 87-98). De pouca autoridade quanto a casos e homens do século XVI; nem mesmo mencionados no *Aparato* da *Hist. Genealógica.*

de defeitos positivos, e de erróneas interpretações, como tudo quanto é humano [1]. Notemos sobretudo a profunda antipatia com que trata Damião de Goes, por êste admirador de D. João II haver falado sem pejo das *traições* dos *Braganças,* particularidade, de que já falei e terei de falar ainda.

13. Entre os Nobiliaristas, que o Teatino considera em geral dignos de crédito, claro que, a-pesar da sua inimizade, não falta o *Cronista.* Nem precisa de demonstração a tese que, se existisse um *Livro de Gerações* de Damião de Goes, todo ou em parte autógrafo, no estado em que êle o deixou em 1574 na Tôrre do Tombo, êsse primaria em valor histórico, e em desassombro, e provàvelmente também quanto ao estilo, sôbre todos os mais. Em geral, e seguramente quanto ao ponto peculiar, por causa do qual procedo a esta exposição.

O seu valor como historiógrafo é incontestado. Igualmente incontestado é o seu amor da verdade, o seu empenho de dizer o bem *e o mal,* sem receio, com a possível imparcialidade. Amor e empenho que em vida foram causadores do processo feito à redacção original das Crónicas, e depois da morte originaram aquela fama de deslinguado, mordaz, caluniador, amigo de censurar, de que os dois irmãos D. Manuel e D. António Caetano de Sousa e o Conde de Ericeira, admirador dêles, são nem sei se eco ou inventores.

Tendo de ocupar-me de um Português ilustre, que é um dos predilectos de meu marido, por causa das suas qualidades varonís, entendo dever formular uma opinião e dar relêvo a um traço da biografia que não foi suficientemente frisado.

Afim de poder continuar, patriòticamente, a obra começada por estrangeiros como Mateus de Pisano, Justo Baldino, Cataldo Sículo, a obra de internacionalizar, isto é, de vulgarizar, na linguagem dos doutos do mundo inteiro, as empresas dos Lusitanos, o môço da câmara de D. Manuel resolveu transformar-se em Latinista, no estran-

---

[1] Êsse *Aparato* precede o Vol. I (1735). A parte portuguesa abrange duzentos e trinta autores linhagistas (até p. CCIV); e está longe de ser completa. Além dos autores nomeados na Anotação anterior, falta p. ex. João de Barros, que coligia materiais genealógicos como Resende, Goes, Barreiros, com o fim de emendar erros alheios, e ... de exaltar a sua própria estirpe. Tomando por base o Livro do Conde, como todos, afastava-se dêle onde Crónicas e Escrituras antigas o exigiam. Os respectivos cadernos avulsos que compusera foram parar à livraria dos Condes de Castelo-Melhor, encadernados com o título de *Vários fragmentos de linhagens que se acharam entre os papéis de João de Barros, o Grande,* segundo uma Miscelânea que pertenceu a *Ferdinand Denis.*

geiro, onde os múltiplos talentos nacionais desta raça cavalheiresca costumam frutificar. Contando vinte e nove anos realizou o árduo plano, em Pádua [1], instigado por Erasmo e Bembo, e estudou, com assiduïdade e sucesso tal, que de 1531 em diante publicou opúsculos substanciais, em latim muito apreciável, sôbre o *Cêrco de Diu* — o *Preste João* — *De bello Cambaico*, etc., que realmente tiveram repercussão lá fora, e colocaram o autor *hors ligne* na história do *Renascimento em Portugal*.

Voltando ao Nobiliário que lhe é atribuído, digo *tout-court* que o que precisa de demonstração é a sua existência.

Sei que não sòmente os corifeus, a que me referi, acreditam nela, mas em geral os eruditos de mais de três séculos [2]. Persuadidos estavam mesmo de que o suposto original, guardado na Tôrre do Tombo, o Nobiliário *intitulado de Damião de Goes*, fôra de tal valia, e tão notáveis revelações continha, que foi roubado e destruído por um dos tais prepotentes a que Herculano aludiu [3]. Levados inconscientemente pela triste fama de *má língua* que ao Cronista apunham, preguntariam: ¿ quem, senão Damião de Goes, havia de ter tido audácia e paciência bastante para assentar destemido os casos de D. Fernando de Bragança? ¿ o Duque de Viseu?, ¿ D. Jaime?, ¿ o Conde da Castanheira?, ¿ as infinitas bastardias e legitimações, paixões fatais, casamentos por amores, trato de Infantes e Titulares com

---

[1] *Pádua* (e não *Parma*; como escapou no *Clenardo*, de G. Cerejeira (Vol. II, p. 94-95), que também deixou de mencionar o nobre fim com que Goes freqüentava essa Universidade.

[2] Severim de Faria; Faria e Sousa; Brandão; Cardoso; J. Franco Barreto; Nicolau António; Barbosa Machado; A. Caetano de Sousa; Sousa Viterbo e entre os vivos, Joaquim de Vasconcelos e Guilherme Henriques, que tanto amor e tanta admiração dedicam ao grande Português, germanófilo quinhentista.

Aos que não se querem lembrar de que Goes era rialmente germanófilo, recordo o passo da Carta a Fugger, em que, desculpando-se de haver censurado o Alemão Sebastião Münster, *Germanus in Germaniaque natus*, diz *quam gentem et provinciam ego tanquam numen semper veneratus sum et in qua eximios amicos habeo quorum amicitiam sanctissime inviolatam mihi et volo et perpetuo servatam cupio.*

[3] Êsse modo de dizer existia em 1629. E provàvelmente já era então tradicional. O curioso encontra-o num documento oficial: na *Provisão*, mandada dar, em nome de Felipe III, pelo Guarda-mór da Tôrre do Tombo Diogo de Castilho Coutinho, por mão do benemérito escrivão Gaspar Alvarez Lousada, ao Capitão Heitor de Almeida de Goes, em resposta à sua Petição relativa à Geração dos Goes, tal como se achava nos Livros da Nobreza que nela há.

Na *Provisão* se diz: *e no liuro que se intitula de Damião de Goes, às fol. delle 184,* [há] *hũ ramo e descendencia dos de Goes de que o treslado de uerbo a uerbo he o seg.te.* Vid. Guilherme Henriques, *Ineditos Goesianos*, Vol. I, *Documentos* (Lisboa, 1896), p. 4.

Mouras e Judias — numa palavra, a crónica escandalosa da côrte, de 1480 a 1580?

Mas igualmente sei que hoje, devido ao brilhante acordar do critério histórico que estamos a presenciar, os competentes do Arquivo Nacional, da Academia das Sciências e das Bibliotecas de Lisboa, da Ajuda, de Évora, e do Pôrto, começam a ver com olhos perscrutadores para os apógrafos, em parte autenticados, do Nobiliário *intitulado de Damião de Goes* [1]. Apógrafos, dos quais nenhum dá indicações bastantes a respeito do original, e dos quais nenhum, que eu saiba, foi examinado a respeito dos tais escândalos nêle registados, e que provocaram o roubo e a destruïção. ¡Roubo e destruïção aliás inútil, uma vez que fora da Tôrre já existiam traslados autenticados, quando ela foi perpetrada!

Não me censurarão portanto, antes me aplaudirão, se exponho os factos que me parecem contrários à três vezes secular tradição erudita, tentando tirar da bagagem de um verdadeiramente grande Português uma compilação, cheia de banalidades, infantilidades e mexeriquices. Compilação que não lhe daria muita honra, desde ja o digo.

14. Primeiro entendamo-nos, contudo. Não nego de modo algum que Damião de Goes se ocupasse das Linhagens de Portugal, juntasse materiais genealógicos, como Barros, Mariz, Barreiros, Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá e Meneses, os Machados e tantos outros, e fizesse apontamentos que destinava a corrigir defeitos de Nobiliários; *colaborasse portanto nêles* [2].

---

[1] É da correspondência trocada com os principais historiadores de hoje que tiro essa impressão. Em carta de 13 de Dezembro de 1920 dizia-me p. ex. o ilustre autor dos *Brasões de Sintra* a respeito da cópia que possue: «Estou hoje persuadido de êste Nobiliário não ser obra de Damião de Goes».

Guilherme Henriques, pela sua vez, já confessou pùblicamente na *Bibliografia Goesiana* (p. 63), que acha difícil decidir «*se o livro julgado ser original que existe na Tôrre do Tombo foi escrito ou compilado pelo Cronista, e isto na totalidade, ou sòmente em parte... O artigo ou ramo da sua própria família é o elemento mais seguro para a descriminação dêste ponto... O exame levou-me à convicção de que era possível uma parte dêsse ramo ter sido escrito por Goes, mas de certo sitio em diante teria outro autor*».

[2] Escrevi primeiro *redigisse*, verbo que depois substituí por *fizesse*. Dos apontamentos que conheço alguns, evidentemente improvisados, não tem redacção cuidada, e outros sim. Cuidadosamente feitas são os que entraram na *Crónica*, e os extensos que dizem respeito à sua própria vida. Descuidado é p. ex. o relativo a Justa Rodrigues, os Manuéis e Gaspar Barreiros, e sendo originàriamente *Nota Marginal*, lançada num texto preexistente, entrou na cópia de que é possuidor Braamcamp Freire. Vid. *Brasões de Sintra*, I, p. 66; II, 181, 191 e 207. Cfr. § 23 dêste Estudo.

A missão de Cronista e o ofício de Guarda-mór do Arquivo Nacional obrigavam-no por igual a investigar a ascendência e a descendência, não só dos personagens de destaque que figuram na *Crónica do Príncipe D. João* e na de *D. Manuel*, mas também os títulos heráldicos de quantos nobres e nobilitados precisavam de qualquer despacho. Ambas as obras estão cheias de indicações mais ou menos concisas sôbre a filiação de reis, príncipes, titulares e cavaleiros.

Um Capítulo inteiro, o 71.º da *Quarta Parte da Crónica de D. Manuel*, dedicou-o à progénie e linhagem da Raínha D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, por ter feito as investigações precisas, quando tinha de falar do Duque Carlos de Saboia, com o qual a filha de D. Manuel, a Infanta D. Beatriz, casou em 1521. ¡O imediato, 72.º, é dedicado ao Conde D. Henrique, e nêle dá expressão ao assombro que lhe causava a demasiada negligência dos Cronistas dêstes reinos e dos que escreveram os Livros das Linhagens no que toca à progénie dos Reis!

A genealogia da família *De Goes*, desde D. Anião da Estrada, que existe nos apógrafos do *Nobiliário intitulado de Damião*, contém uma espécie de autobiografia modelar dêle, à qual os que a introduziram no chamado *original*, depois de 30 de Janeiro de 1574, — data do seu falecimento — deram devidamente a forma de narrativa, falando dêle na 3.ª pessoa, e acrescentando talvez louvores [1].

Numa certidão redigida pelo Cronista, da qual dou o traslado mais abaixo (§ 17.º) vê-se, sôbre quais bases positivas êle entendia que se devesse construir um *Livro de Gerações novas*, verdadeiramente «alumiado», como o teria feito, se fizesse um.

O que nego é que Damião chegasse a dar aos seus apontamentos,

---

[1] Joaquim de Vasconcelos publicou em 1897 nos *Novos Estudos* (p. 93-103) a parte dessa Genealogia dos Goes que se refere ao próprio Damião, utilizando o apógrafo autenticado do *Livro das Gerações entitulado de Damião de Goes*, que, feito em 1616 para o Marquês de Castelo-Rodrigo se guarda na *Biblioteca Nacional* (f. 269 v.º-272).

Guilherme Henriques tirara-a do Cartório do Morgado de Goes, tal qual ela viera no traslado de 1629 para os seus *Inéditos Goësianos*, I, 1896. Os textos são idênticos. Apenas leves divergências gráficas. Na transcrição de J. de V. há um lapso deturpador: *unico* por *uiueo* = *viveo*.

¿Eu pregunto se o que na Genealogia é autobiografia seria igual à que juntamente com seu testamento e o epitáfio se encontrou escrita de seu próprio punho numa *boeta* (boite) quando foi prêso? Vid. *Inéditos Goësianos*, II, p. XVII. Quanto às partes da *Geração dos Goes* que tratam dos descendentes de Damião, sou da opinião do Sr. Henriques: «De certo sítio em diante devem ter outro autor». Mas não vejo porque o grande homem, amigo da verdade, não havia de dizer de si que *foi de todo alheio e apartado de cobiça.*

— emendas de erros, acrescentos de biografias, biografias novas, cópias de documentos, etc. — a forma definitiva de *Livro independente*, realmente novo, autógrafo e tão completo como registos de nobreza de um país o podem e devem ser. De mais a mais *oficialmente*, a pedido ou por ordem de algum dos filhos de D. Manuel que, naturalíssimamente, se interessavam todos pelo assunto [1].

A suposição que o Infante D. Luís o incumbiu dessa missão, e que Damião a efectivou de *1548 a 1555*, derivada de uma indicação (apócrifa, a meu ver) do exemplar de Évora, deve ser posta de parte. Tantos e tais são os trabalhos que o Guarda-mor, instalado em 1548 na Alcaçova-Velha, onde se achava o Arquivo, realizou, antes de proceder de 1557 a 1567 à preparação e redacção das duas *Crónicas* [2].

Nem mesmo vejo quando na sua vida laboriosa teria tido vagar para tamanho empreendimento, a não ser no triénio de 1567 a 1571 — até o nefasto dia de 4 de Abril dêsse ano, em que a Inquisição o mandou prender. E mesmo êsses três anos, cheios de trabalhos e desgostos, pessoais e gerais, não me parecem próprios para a execução do plano, *se plano houve*.

Na *Autobiografia*, que parece ser dêsse fim de vida, em que também redigiu o seu testamento, e o epitáfio [3], e comprou a capela para a sepultura, *não* se fala do *Nobiliário*.

Nem em impresso algum da sua pena, quer português, quer latino. Nem tão pouco nas Cartas dêle, ou a êle dirigidas, publicadas modernamente.

Depois do seu falecimento não houve questões entre os herdeiros a respeito dos eventuais direitos a um volume de genealogias que estivesse na Tôrre.

E, facto notável, na *Carta* em que Gaspar Barreiros contradiz com fábulas o verídico Cronista, no que dissera da *linhagem dos Manuéis*, há referências apenas à *Crónica*. Nenhuma, ao supôsto

---

[1] Mais ou menos. Quanto ao Infante D. Fernando e à árvore genealógica, de Noé (!) até D. Manuel, que mandou fazer *de iluminura* a Simão Beninc, de Bruges, veja-se a *Crónica de D. Manuel II*, Cap. 19.

No Capítulo relativo ao Infante D. Luís (I, 101) não há indicação alguma relativa a predilecções dêle por Genealogias.

[2] Se realmente Damião houvesse tido tal encargo, não se teria esquecido de o dizer na *Crónica*. Das relações que efectivamente teve com o excelente amigo de Pedro Nunes e D. João de Castro, sabemos pela *Epístola Dedicatória* do tratado *De Bello Cambaico* (1549).

[3] Em Alemquer, na Igreja de N. S. da Várzea, onde mandara lavrar a sua sepultura, deixou em aberto o ano da morte, mandando insculpir apenas na pedra a dezena MDLX, a que chegara, mas não o resto, incerto.

Nobiliário no qual, se existisse, haviam de estar elaboradas notícias completas [1].

Além dessas provas negativas, há algumas positivas de que em 1567 não existia o supôsto *Nobiliário* de Damião de Goes. *Mas sim, um Livro Novo de Gerações, de outro autor.*

No já citado Capítulo relativo à Rainha D. Mafalda de Saboia e aos erros cometidos por Linhagistas a respeito dela, o Cronista promete que *se o tempo desse lugar a isso*, trataria de emendar êsses, e outros que havia no *Livro Velho* e no *Livro Novo das Linhagens* [2].

E, posteriormente, na *Réplica* audaz com que Damião respondeu à *Crítica Contemporânea à Crónica de D. Manuel*, feita pelo segundo Conde de Tentúgal D. Francisco de Melo (sob o criptónimo *Um Cavalheiro da Casa de Cadaval*), há outra referência clara ao *escritor que fez o livro novo da linhagem (sic*, por *das Linhagens)*. E desta vez nem mesmo há a vaga alusão ao plano de emendar, no futuro, erros, de sorte que podemos supôr que, apenas concebido, já estaria abandonado.

Referindo-se aos colaços e à ama de D. Manuel, dos quais falara na *Crónica*, de maneira clara, que não agradou ao paladar dos palacianos — dizendo que ela tinha sido *amiga do Bispo da Guarda* — replica que os descendentes não deviam achar escandaloso o seu dizer, tanto mais assim porque *o que eu digo desta Justa Rodrigues por tam honestas palavras diz o que fez o livro novo da linhagem (sic) mais desembuçado do que eu falo.*

¿ Que mais podemos exigir ?

---

[1] A *Carta* foi impressa por Joaquim de Vasconcelos em *Novos Estudos*, p. 120-124. Já ficou dito que nessa Carta, dirigida a Goes, e datada do Convento de S. Francisco de Santarém, Gaspar Barreiros, levado pela adulação, propaga (ou inventa) o conto genealógico, relativo aos Manuéis de Portugal. E a sua maneira apodíctica de dizer enganou o Cronista. Enganou Pedro de Mariz que o repete nos *Diálogos de vária história* (1594). Enganou A. Caetano de Sousa (*Hist. Gen.*, XI, 388). Enganou Joaquim de Vasconcelos e a D. Carolina que redige estas linhas (*Círculo Camoniano*, I, 293-299). Mas não havia enganado Argote de Molina (na *Nobleza de Andalucia*). Nem enganou o circunspecto autor dos *Brasões de Sintra*, invulnerável na sua couraça de documentos (II, 187-212).

Mais abaixo terei de tratar novamente de Justa Rodriguez, os Manuéis (§ 23) e as suas exageradas pretensões nobiliárquicas.

[2] Eis o teor do passo: «Esta he a verdadeira progenea... e nam do infante dom Afonso Conde de Molina... cuja filha se cuida que era a Rainha donna Mafhalda... nem menos era filha do comde dom Anrrique de Lara, *como erradamente o escreuem os que composeram os Liuros das Linhagens de Hispanha, assi o* VELHO *como o* NOUO, *nos quaes liuros todos, afora este erro, ai outros de que tratarei* SE O TEMPO A ISSO DER LUGAR.

15. ¿ E os apontamentos ? ¿ as notas soltas ? ¿ as páginas avulsas que Damião de Goes traçava ? Guarda-mór da Tôrre do Tombo durante mais de dois decénios, tendo em seu poder todas as escrituras nobiliárquicas do reino, forçado a ler e a assinar uma infinidade de atestados e de apurar para êsse fim factos relativos a brasões e árvores genealógicas, é quási certo que desde o princípio começasse a tomar nota de todos os factos que representavam correcções e continuações ou ampliações tanto do *Livro Velho* como do *Livro Novo das Gerações,* ambos arrecadados no Arquivo [1].

Não esqueçamos que o primeiro acto da sua administração passou-o pondo em ordem livros e maços, rôlos, fôlhas sôltas manuscritas, que, durante o govêrno ou desgovêrno do predecessor Fernão de Pina, tinham estado mal guardados, por êsse se conservar na província, dado a folguedos de caça, deixando as colecções da Tôrre entregues ao escrivão Tomé Lopes, de execranda memória [2].

E os factos históricos, dignos de registo, que Damião fixava, colacionando escrituras com *Cronicões*, *Anais* e *Livros de Linhagens*, registava-os seguramente em papéis sôltos, para posteriormente os coordenar em cadernos avulsos, de mais ou menos vulto, como fazem todos quantos se ocupam de trabalhos históricos [3].

Quanto a nótulas meramente genealógicas, de pequena extensão, nomes próprios, datas, filiações, parece-me mais provável, por ser mais cómodo e prático, que as introduziria directamente *manu-própria*, num texto preexistente. Num exemplar, tirado para êsse fim por sua ordem do tal *Livro Novo alheio*, que cita no Cap. 71.º da Quarta Parte da *Crónica* e na *Réplica à Crítica Contemporânea* [4].

---

[1] Vid. Sousa Viterbo, *Estudos sôbre Damião de Goes* (1900), Cap. XI, p. 97-101.

[2] *Id., ib.*, e *Arquivo Histórico,* II, 202, e VI, 319.

[3] Assim procedia João de Barros, segundo acima registei. A. Caetano de Sousa, *Hist. Geneal.*, I, 276, afirma uma vez, de passagem, que Damião, tendo mandado *pôr em leitura nova* o Livro do Conde D. Pedro, *o continuou em volume diferente.* Mas, dito de passagem, sem pormenores sôbre êsse volume, e sem confirmação alheia, claro que o dito fica duvidoso, embora entendidos como Baião e Azevedo lhe dem fé (*O Arquivo da Tôrre do Tombo,* p. 97).

Mais acertado me parece o que Herculano sustenta com razões paleográficas, a respeito do manuscrito membranáceo que ainda hoje subsiste no Arquivo Nacional, ricamente encadernado (cêrca de 1675) por ordem do Guarda-mór D. António Álvares da Cunha, que o encontrou destroçado. Segundo o grande Historiador, a letra é do 1.º quartel do século XVI, ou fins do XV. (*P. M. H.: Scriptores,* p. 141).

[4] No Códice da Bibl. da Ajuda, que pareceu a Herculano ser o original do *No-*

Assim se compreenderia que o *Livro Novo de Gerações,* não totalmente autógrafo de Goes, *de outra mão pelo contrário,* mas cheio de nótulas marginais, e entrelinhas, e fôlhas sôltas interpoladas, com letra do seu punho, fôsse *intitulado de Damião de Goes* e ganhasse de um lado fama como fidedigna, e do outro lado suscitasse apreensões, suspeitas e queixas. Compreende-se que fidalgos de toda a categoria, mas sobretudo os *Brigantinos ou Bragançoes,* susceptibilizados, e receosos de que verdades incómodas viessem à luz, ambicionassem possuir traslados. Compreende-se que Severim de Faria, o muito honesto, e J. Franco Barreto, afirmassem que o Nobiliário de Damião fôra começado por outros *Linhagistas* (ou *Cronistas,* título oficial dos *Guardas-mores*); que Barbosa Machado o chamasse *imperfeito*, no sentido de «não tirado a limpo»; que Herculano julgasse reconhecer o «borrão original» num livro da Biblioteca da Ajuda, de letra antiga, mas com acrescentos de outras mãos mais novas [1]. Numa palavra, compreendem-se as várias e muito incertas informações a respeito dêsse *Nobiliário.* Compreende-se sobretudo a falta absoluta e significativa de assentos sôbre qualquer exemplar *autógrafo* do ilustre Alenquerense.

16. ¿ Qual será o *Livro Novo* citado por Goes? o que equivale a dizer lido, aproveitado, emendado e continuado por ele? Bom, quanto à essência, embora necessitado das rectificações e ampliações do Guarda-mór da Tôrre. O melhor que lá encontrou. Quinhentista, evidentemente. Redigido, quer no tempo de D. Manuel, quer no de D. João III. Se subsiste, original ou em apógrafo, sofreu, segundo o meu entender, não só as alterações introduzidas no reinado de D. Sebastião, mas também outras, feitas depois do falecimento de Goes.

O único traço particular de que sabemos por informação do próprio, é que *havia nêle um passo relativo a Justa Rodrigues e os Manuéis de Portugal.* Dêste terei de ocupar-me em particular.

---

biliário de Goes, alude-se a *outro livro do Tombo del rei que fala das linhagens feito depois do livro de D. Pedro* (*Scriptores*, p. 136).

É possível fôsse, mas não creio seja o *Livro Novo* duas vezes citado por Goes.

[1] Eis agora o que Herculano diz a respeito do códice, mencionado nas Anotações precedentes (l. c.), depois das palavras sôbre o *Nobiliário de Goes,* do século XVII, que na Tôrre substitue o original perdido: «Êste original parece ser um volume que existe na Biblioteca Real da Ajuda, com o título de Livro de Linhagens de Portugal por Damião de Goes, contendo uma espécie de borrão daquele Nobiliário, em letra mui antiga e de duas ou três mãos diversas». Terei de me referir de novo a êsse passo.

Com tão vagos indícios não será fácil encontrá-lo, sobretudo para quem, como eu, manuseou apenas *um* dos que subsistem, conhecendo, quanto aos outros, apenas descrições alheias, em parte impressas, e em parte inéditas, esboçadas a meu favor, por generosos amigos de Lisboa, Ajuda, Évora.

Difícil sobretudo porque todos tem naturalmente grandes semelhanças que, nas partes mais arcaicas, chegam à quási identidade. Todos se baseiam, quanto às Gerações que tem raízes no sub-solo hispânico (Sousas, Silvas, Silveiras, Castros, Pereiras, etc.) no *Livro (Velho) do Conde D. Pedro*. Todos narram as mesmas façanhas e aventuras de heroismo, amor, ódio, lealdade e deslealdade, e dão as mesmas filiações, deixando espaço em branco onde havia dúvidas e falhas.

Tal qual as quatro redacções do *Livro Velho*, relativas apenas à primeira época da história de Portugal, constituem no fundo uma só obra, que, bem examinada, mostra, no dizer de Herculano, «como de época para época o Registo de Nobreza se ia tornando uma cousa nova, sem deixar de ser essencialmente o mesmo» [1], as redacções quinhentistas constituem também ou deveriam constituir no fundo um único *Livro Novo*.

Mas, a-pesar das semelhanças já indicadas, as divergências são muito mais notáveis do que no *Livro Velho*. As continuações e ramificações dos troncos vetustos, e sobretudo dos troncos novos, de origens claro-obscuras, de famílias que ganharam renome nos tempos de D. Pedro e D. Fernando ou depois da revolução de 1385 — os Novos-Heroes, Novos-Ricos, Novos-Sabedores — elevados por seus méritos ou por favoritismo régio às culminâncias do poder e do valimento junto à dinastia joanina, ou então na côrte de D. Manuel nobilitados por feitos na Índia, êsses figuravam a princípio só em Apêndices e Adições ao *Livro Velho do Conde* [2]. Depois, claro que passaram para o *Livro Novo* ou os *Livros Novos*, visto que, além do que se guardava na *Tôrre*, havia outros.

17. Os de mil e quinhentos que devem entrar em linha de conta, são quatro, se incluirmos o atribuído a Goes. No *Aparato da His-*

---

[1] Cheguei a comparar Livros de Linhagens, de um lado, às *Catedrais* da idade-média, e do outro, aos *Cancioneiros*, tanto populares como palacianos. Constantemente refeitos e acrescentados são novos e velhos ao mesmo tempo.

[2] Quanto aos *Apêndices* e às *Adições* do *Livro Velho*, restrinjo-me a lembrar a edição de 1646 com as Notas de Faria e Sousa, Lavanha, Montebelo e Álvaro Ferreira de Vera. Depois dos setenta e seis Títulos do Livro do Conde, seguem-se nêle (a p. 401), famílias *sacadas del otro Libro antiguo*.

tória Genealógica da Casa Real figuram como N.os 8, 9, 11 e 25. Divergem entre si pela data, até à qual conduzem as *Gerações;* pela disposição da matéria, com ou sem preliminares; em particularidades incluídas ou excluídas; e no estilo [1].

I. O *Nobiliário N.º 8* da lista de D. António Caetano de Sousa era e é *Anónimo* [2]. A redacção primitiva desapareceu. Pelos apógrafos se vê contudo que era do tempo de D. João III. *Anterior a 1537.* Entre os filhos dêsse rei e de D. Catarina não está o Príncipe D. João, nascido no ano indicado [3]. ¡Na dedução das famílias, em principiar com o Conde D. Henrique, e também em divergências do Livro do Conde, semelha-se com o *intitulado de Damião de Goes!* Pela identidade nas palavras até parece à primeira vista ser o mesmo. ¡Mas em outras coisas, muitas discorda! [4] Segundo Sousa.

---

[1] A matéria é vastíssima. Não sòmente as quatro redacções a que me refiro, mas mesmo os exemplares de cada uma, divergem, quanto à incorporação de acrescentos marginais e à introdução de correcções e perversões.

Uma *História dos Livros de Linhagens* exigiria um trabalho insano, e talvez não o compensasse com os resultados colhidos. Suficiente seria, a meu ver, que um investigador de espírito desanuviado e um Gaurisankar de paciência mostrasse, com a escrupulosa acribia e abundante documentação que distingue os *Brasões de Sintra*, como procederam, digamos, uns seis Nobiliaristas escolhidos a respeito de meia dúzia de famílias, também escolhidas. *Ex ungue leonem.*

[2] *Aparato,* p. XXVII.

[3] Nos traslados figuram apenas os três filhos nascidos e falecidos antes de 1537: *D. Miguel* (solução errada da abreviatura *Ml*, por *Manuel*); *D. Felipe; D. Denis.*

[4] Vou reproduzir o trecho em que Sousa se ocupa do Nobiliário *anónimo*, embora não brilhe por concisão, e clareza de crítica lógica: «Eu tenho hum Nobiliario antigo, escrito em o tempo del Rey D. João III (e na Livraria do Conde da Ericeira se conserva huma copia identica delle, escrita naquelle tempo), o qual, parecendo-se muito com o de Damião de Goes no principio, e deducção das Familias, e sendo em humas cousas semelhante, discorda em outras muitas, e assim entendo ser *differente*. Pelo que nos persuadimos que poderá ser algum daquelles Nobiliarios de que Damião de Goes formou o seu livro, como logo diremos, e pela sua identidade nas palavras e deducções que à primeira vista se entende ser o mesmo.

«Huma pessoa erudita com grande lição se persuadio ser este o mesmo livro de Damião de Goes; e o primeiro que escrevera, e que depois o acrescentara; porém pelo que observey, conferindo hum com outro, he differente, sem embargo da semelhança de principiar com a opinião de ser filho del Rey de Hungria, e nas deducções de algumas Familias ser muy parecido; mas nellas differe algumas vezes do Conde D. Pedro como Goes, e a meu ver foy porque quando se escreveo, não era commum o livro do Conde D. Pedro, sendo raras as copias e se imprimio mais de hum seculo depois.

«He de notar que no dito Nobiliario não escreveo os filhos del Rey D. João III mais que o Principe D. Miguel *(sic)* que faleceo no anno 1537 e seus irmãos os Infantes D. Filippe e D. Diniz, e não era nascido o Principe D. João de que Goes trata, não só casado mas falecido, porque se avançou na idade àquelle tempo».

Não consta, todavia, estivesse na Torre do Tombo, e fora dela foi continuado independentemente.

Um exemplar esteve na posse do Teatino. Cópia idêntica conservava-se em 1735 na Livraria do Conde da Ericeira, correligionário de D. António Caetano e D. Manuel de Sousa.

Hoje há uma dessas mesmas, ou outra cópia, na biblioteca do Ex.mo Sr. Braamcamp Freire, que a adquiriu no leilão do espólio do Visconde de Baía. Rara entre as raras, tem data. *É de 1576, como se declara no alto da fl. 178 v.º*. Isto é: estavam a escrever partes dela em 1576. Infelizmente, as partes que o copista tirara da margem ou de entrelinhas para dentro do texto, ou acrescentou, não se destacam por um asterisco ou qualquer outro sinal [1].

Desde já seja dito que no Título dos Teles e Meneses, há nesse a Nótula relativa a Gil Vicente (pai da Valéria Borges, que casou com António de Almeida e Meneses), que o dá como Mestre de Retórica de D. Manuel. Mas a verdadeira exposição seguirá mais abaixo no parágrafo 27.º e no último desta Parte.

A-pesar-de ninguém o afirmar, nem mesmo o actual possuïdor do apógrafo, suponho por isso que o Cronista se serviu dentro da Tôrre de um exemplar dêsse *Livro Novo*, que mandara tirar para o seu uso especial, para nele introduzir as suas emendas e os seus acrescentos, e a sua autobiografia.

II. O Nobiliário quinhentista n.º 9 do *Aparato*, intitulado *Livro das principais Linhagens de Portugal,* tem autor conhecido: *Xisto Tavares,* Quartanário da Sé de Lisboa [2]. Comprado para o Arquivo por ordem de D. João III, no tempo da administração de Goes (em 1548, a meu ver), êle fôra composto, ainda nos dias de D. Manuel, caso a data 1525, indicada por Barbosa Machado como do falecimento de Xisto Tavares, seja exacta [3].

O original desapareceu do Arquivo, onde nem cópia se acha. Há, todavia, diversos traslados. Um, na Biblioteca Nacional de Lisboa (Colecção Pombalina). Outro, na Biblioteca do Pôrto (N.º 263 dos Manuscritos). Ainda outro na livraria de Braamcamp Freire (letra do século XVIII) [4]. Fora do país, há um exemplar em Madrid (C. 29), e outro em Paris [5].

---

[1] *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, p. 37; *Rev. de História*, p. 35 e *Jornal do Comércio de 1909* (N.º 15916).

[2] *Aparato*, p. XXVIII.

[3] *Biblioteca Lusitana*, III, p. 795. D. António Caetano de Sousa diz mais vagamente que morreu no reinado de D. João III.

[4] *Brasões de Sintra*, I, 66, 174 e 418; II, 405; III, 151.

[5] Antigamente 10257 (e não 10259, como se lê na *Bibl. Lus.*), hoje N.º 65, se-

Também houve um na posse de D. António Caetano de Sousa, de primeira mão, segundo as aparências. Nesse achava-se cópia da certidão de Goes, a que mais acima aludi, a qual, de resto, passou aos demais apógrafos. No do Pôrto está no fim do volume.

Eis o seu teor: «Este livro das linhagens houve eu, Damião de Goes, Guarda-mór da Torre do Tombo, per mandado del Rey D. João, nosso senhor, terceiro deste nome, da Livraria de Sisto Tavares, que Deos perdoe, Quartanario que foy na Sé de Lisboa; e paguey por elle e por estoutros dous manuaes pequenos que com elle estão atados, dez cruzados aos herdeiros do dito Sisto Tavares, que tudo compilou com muito trabalho e diligencia — *Dos quaes livros e papeis, e do antigo das linhagens do Conde D. Pedro, com seu Appendix, e o que fez o Doutor Pacheco, que ao presente está em poder de D. Jeronymo de Castro, e das memorias que compilou Afonso de Lugo sobre as Linhagens* (que, segundo me disse António de Teive, recolheu D. António, filho-herdeiro de D. António de Taide, Conde da Castanheira, depois do seu falecimento) [1] *se poderia de novo compilar e fazer um outro livro do qual as linhagens deste reino fossem mais alumiados do que estão.* E êste livro com os dois pequenos e outros papéis, tudo atado e junto, lancei na Tôrre do Tombo, 7 de Junho de 1528 *(sic!)* Damião de Goes» [2].

Emendando para 1548 a data 1528 (evidente êrro de copista) por motivos que não precisam de explicação) entendo que o Historiador que até então só dera provas públicas do seu saber em opúsculos latinos, já se interessava por Genealogias, mas nenhumas tinha escrito.

A suposição de D. António Caetano acêrca do uso que em seguida Goes teria feito do Livro e dos papéis de Xisto Tavares, e outros papéis diversos do Arquivo, compilando um seu *Nobiliário,* é sorri-

---

gundo Morel-Fatio. O exemplar do Visconde de Azevedo, pertence hoje, salvo êrro, ao Conde de Sucena.

[1] *Depois do seu falecimento* deve ser o de Afonso de Lugo, para mim um desconhecido, mas talvez não para o omnisciente autor dos *Brasões de Sintra.* O Conde da Castanheira faleceu em 1563. A respeito de seu filho, também D. António, 2.º Conde, veja-se *Aparato,* N.º 26.

[2] Curiosíssima (e portuguesíssima) é a história dessa data. Deturpada por um lapso de D. António Caetano, foi por sua vez falsificada por Inocêncio da Silva (VII, 453), que substituíu 1528 por 1508. O Catálogo da Biblioteca do Pôrto (*Fasciculo III,* p. 166), querendo repetir 1528, imprimiu 1628. A data efectiva deve ser 1548 (caso o êrro esteja nas dezenas, como é provável) porque em 1538 Goes ainda estava em Flandres, e não era Guarda-mór; e em 1558 o nome del rei D. João III deveria ir acompanhado da fórmula *que Deus em santa gloria haja,* ou outra equivalente. Parece que ao escrever a certidão, Goes desconhecia o *Livro Novo* (N.º 8) a que se referiu duas vezes em 1567.

dente — mas só no primeiro instante. Antes de conhecer o texto do Quartanário, tive-a também. Das duas premissas: 1.ª) o Livro em questão esteve no Arquivo no período da administração goësiana; 2.ª) algumas partes do Livro de Xisto e do *Entitulado de Goes* são idênticos *(parágrafos inteiros são da mesma sorte, sem mudança em um e outro*, diz Sousa), derivava-se realmente com facilidade a conclusão que o Guarda-mór se servira do original ou de um traslado como matéria-prima.

Mas desde que folheei o exemplar do Pôrto sei que a suposição é errónea. Nem era de esperar que Goes chamasse em 1566 *o que fez o Livro Novo* a um Linhagista cujo nome lhe era familiar, sonegando-o, a não haver motivos muito especiais para isso. O medo de o expôr a vinganças, p. ex. E Xisto Tavares, morto de havia muito, é de uma lisura e ingenuidade notável num Linhagista.

De mais a mais, a sua obra é apenas um Extracto de Nobiliários: um Livro só de quarenta e tantas *principais gerações de Portugal*, muito diverso do *intitulado de Goes*, tanto na matéria que abrange (cento e trinta e tantas famílias) como na disposição [1]. Na dedução das famílias *antigas* é que há igualdade, e nas partes mais arcaicas também igualdade de expressão.

Não trata dos *Manuéis*.

III. Do terceiro Nobiliário quinhentista, de que se trata no *Aparato N.º 11*, e é o *intitulado de Goes*, ocupar-me hei no parágrafo imediato [2].

---

[1] No traslado do Nobiliário de Xisto Tavares que há na Biblioteca do Pôrto (N.º 282) estão registados sem preliminares nenhuns as seguintes famílias: 1) *Castros* (1-31) — 2) *Tellos e Meneses* (32-57): Tem-se por certeza descenderem os T. e M. de El Rey D. Ordonho de Leão por esta maneira. — 3) Sylvas 57-73 — 4) Gonçalo Mendes o Lidador da Maya — 5) Sousas — 6) Pereiras: De terra de Roma veyo a Galiza — 7) Braganças — 6b) Aqui se segue ainda o Titulo dos Pereiras que atras fica — 8) Noronhas — 9) Rey Ramiro — 10) Cunhas — 11) Coutinhos — 12) Taydes — 13) Mellos: He vulgar opinião virem os Mellos de França. — 14) Cabreiras donde veem os Vasconcellos — 15) Alvellos — 16) e 17) Ribeiros — 18) Azevedos — 19) Freires de Andrade — 20) Henriques — 21) Tavoras — 22) Furtados e Mendonças — 23) Limas — 24) Castelobrancos — 25) Almeidas — 26) Mascarenhas — 27) Deças — 28) Mouras — 29) Mirandas — 30) Barretos — 31) Silveiras — 32) Tavares — 33) Albuquerques — 34) Rolins — 35) Sás — 36) Britos — 37) Costas Corterreaes — 38) Atouguias e Correas — 39) Camaras Lobos — 40) Noronhas Henriques — 41) Telles e Meneses. — No Índice final está registado ainda: Gonçalo Roiz Palmeira — e Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga.

Em geral as Genealogias chegam ao tempo de D. João III.

[2] Como N.º 10 está registada a *Arvore Genealógica de Noé até D. Manuel*, desenhada por Simão Beninc para o Infante D. Fernando, conforme expliquei mais acima, amigo das Histórias verdadeiras e inimigo das fabulosas, exactamente como

IV. O quarto, muito digno de atenção, é o de D. António de Lima (N.º 25). Por ter começado a circular em traslados só depois do falecimento dêsse Alcaide-mór de Guimarães e Senhor de Castrodairo (1582), não é provável que Damião de Goes o conhecesse [1].

Parece-me, todavia, digno de nota, que o Dr. Pacheco, citado expressamente na Certidão de Goes, relativa a Xisto Tavares, como autor de um *Livro de Linhagens*, fôra Mentor do Nobiliarista. No título de Pachecos êle emprega a respeito dêsse Doutor (Fernão, filho de Duarte), formado em leis na Itália, o qualificativo «exímio em genealogias, e acrescenta *de quem todos tomamos e aprendemos... principalmente eu que o tive por Mestre e a êle devo o mais que disto sei* [2].

Goes que interveio na encomenda, conforme relata na *Crónica de D. Manuel*, II, Cap. 19. Essa obra, a-pesar-de tudo fabulosa nos princípios, devia necessàriamente despertar o interêsse nobiliárquico de Goes, caso até lá não existisse.

[1] *Aparato*, p. XLVI; *Brasões de Sintra*, I, 174; II, 270 e 306; III, 83. O *Nobiliário de D. António de Lima*, na Biblioteca do Pôrto, um volume *in-fólio* de 347 f., marcado N.º 283, tem a seguinte inscrição: «Este Livro he copia do que compoz D. Antonio de Lima, como elle mesmo diz a f. 130 (e f. 22 v.º quando falla do seu illustre Mestre *Fernam Pacheco*)». E realmente, a f. 130, chegado, no Capítulo relativo aos *Limas*, a D. António, lê-se: «*E elle foi o que* compoz este Livro. . comesando a tirar as Linhagens antigas do *Livro do Conde D. Pedro*, trazendo-as... por seus graos com muito trabalho para cada hum saber o que deve a sua linhagem, e as antiguidades donde vem. E como mais largamente vereis no principio deste livro no proemio desta obra cazou etc.». Mas eu não lho achei, acrescenta o copista, verìdicamente. O exemplar do Pôrto começa: *Tº dos Reis de Portugal.* E, depois de haver declarado que *O Conde dom Enrique, de verdadeira certeza não ousam de afirmar cujo filho hera,* etc., e exposto que na sua opinião era *filho do Conde de Lorena e primo de Godofre de Bulhão*, passa aos Braganças, e vai tratando de oitenta e oito famílias.

[2] A respeito de *Pacheco* veja-se *Aparato* N.º 16 (p. XXXVII). No *Nobiliário de D. António de Lima* lê-se o seguinte (a f. 22 v.º): «*Titulo dos Pachecos* — nome que é costume considerar como italiano, sem razão, a meu ver: «Fernão Pacheco, filho 1.º deste Duarte Pacheco, foi Doutor em leis, feito em Italia. E foi o homem que *por memoria* mais soube das linhagens do Reino e de fora dele, que a teve mui singular, e foi o que melhor infiou as antigoas linhagens até o tempo dagora, o mais pratico que nisto ouve, em nossos tempos, e de que todos tomamos e aprendemos algũa cousa; e principalmente eu que o tive por mestre neste mister. E a ele devo o mais que disto sei e a maneira de tirar as linhagens antigas do Livro do Conde D. Pedro; sobre profias que tivemos disse muitas cousas em meu louvor. *E morreu pobre porque falava muito e às vezes muitas verdades que sempre souberam mal aos Reis que tem privados*». As páginas destinadas a *Carneiros*, 236 e seg., e as dos *Manoéis* (241 e seg.) estão em branco. Na Genealogia dos *Telles de Menezes* (f. 78 e seg.) encontra-se registado o Dom António que casou com Valéria Borges, e do qual logo falarei.

18. Quanto ao *Nobiliário III* (*Aparato* N.º 11), o de Goes, ou, a meu ver, o *Livro Novo de Gerações*, traçado de mão alheia, mas guarnecido de notas marginais, entrelinhas, páginas soltas, e a autografia de Damião, e que por isso mesmo chamavam ou *intitulavam de Goes*, no primeiro quartel do século XVII, dentro e fora da Tôrre, tentarei agora traçar a sua história externa, para em seguida dar a descrição pormenorizada do exemplar que estudei.

Pela *Crónica de D. Manuel* (1567), e antes disso, por conversas e discussões e negócios com o Guarda-mór, é que os letrados do tempo de D. João III e D. Sebastião, e os chefes das casas nobres sabiam com certeza que por necessidade e gôsto êle ia registando nótulas nobiliárquicas que em parte contradiziam as que estavam divulgadas.

À linguagem clara e precisa do criterioso davam os receosos o nome de desenvolta. Por não sonegar pechas alheias chamavam-no detractor. Afirmavam que gostava de cortar pela reputação alheia. Acusação a que, com sorriso tristemente irónico, talvez replicasse como João Rodriguez, seu amigo, Sá de Miranda, Machado de Azevedo, Francisco de Morais, e outros verídicos: sim senhores, *se dizer verdades é caluniar; si verum proferre detractare est.*

Os mesmos nobres que tinham ficado indignados contra a *Crónica* repetiriam queixosos que no Nobiliário êle obscurecia justas prosápias, e apontariam sensibilizados pequenas inexactidões e juízos claudicantes, contidos nos textos publicados.

O desejo de conhecer o teor das anotações genealógicas devia ser grande. As mudanças do tempo favoreciam a sua realização. Em primeiro lugar a desgraça e o triste fim do Alenquerense, já muito envelhecido em 1565, quando o Conde de Mansfeldt dizia à sua comitiva *Il se fait fort vieulx*. Depois a catástrofe de Alcácer-Quebir; o reinado efémero de D. Henrique; o domínio castelhano, em cujos primeiros decênios houve desleixo grande na administração do Arquivo: facilidades de entrada, empréstimos de documentos, antes e depois da carta de excomunhão, passada pelo núncio a pedido de Lousada, em 1621 [1].

Quanto ao *Nobiliário intitulado de Damião de Goes*, o primeiro traslado oficial e autenticado e a respectiva provisão favorável de Filipe II, de que se sabe, foram feitos a favor do então Duque de Bragança, o futuro Rei D. João IV. A data da efectivação é, contudo, desconhecida, porque traslado e provisão, arderam em 1755, com todo o Arquivo.

---

[1] Vid. Azevedo e Baião, *O Arquivo da Tôrre do Tombo*, p. 16.

Possível é, e mesmo provável, que já nesse apógrafo (como em todos os posteriores) fôssem encorporados no texto primitivo, *alheio* a meu ver, com ou sem asteriscos, os acrescentos interlineares e marginais, assim como as fôlhas sôltas intercaladas, da mão e letra de Goes; e também as eventuais notas complementares dos sucessores ou hóspedes da Tôrre.

De 4 de Outubro de 1616 é um documento relativo a outro apógrafo, tirado para o Marquês de Castelo-Rodrigo, D. Manuel de Moura, por ordem do Guarda-mór Diogo de Castilho Coutinho. Comprado no século XVIII por D. Manuel Caetano de Sousa, êsse foi por êle dado de presente ao irmão, o solícito autor da *História Genealógica da Casa Real*. Hoje está na Biblioteca Nacional de Lisboa, autenticado por uma inscrição (curiosa de descuidada) que Joaquim de Vasconcelos deu a conhecer em uma das suas publicações goësianas.

Nela fala-se do *liuro da nobreza deste Reino que está lançado na torre do tombo, o qual escreveo Damião de Goes per mandado... del Rey Dom Manoel (sic!!) sendo guarda mor da ditta caza e Coronista Mor do ditto* [1].

Em Fevereiro de 1622 foi ultimado um Inventário da Tôrre pelo empregado Dr. J. Manuel Jácome Bravo. Nele figura o lance seguinte: «Livro das Linhagens Novas, de Damião de Goes, que tem cento e noventa e cinco (195) folhas com seu alfabeto das familias, encadernado como os demais».

Note-se de passagem que nesse Inventário não está o *Nobiliário* de Xisto Tavares. A não ser que houvesse confusão nos lanços, êle tinha desaparecido portanto, com antecedência ao *intitulado de Goes*.

Êsse certamente ainda se achava na Tôrre quando, em 1629, um descendente do Cronista e Guarda-mór, Heitor de Almeida de Goes, obteve cópia da genealogia da família, com a Autobiografia a que já me referi.

Em 1633, depois do falecimento de Diogo de Castilho Coutinho, servindo de guarda-mór o Dr. Jácome, foi que *se deu* pela falta do *in-fólio*, chegando a ser indigitado o escrivão Lousada como culpado no descaminho.

As averiguações continuavam em 1637 [2]. Como não se conseguisse rehaver o volume, o guarda-mór Gregório Mascarenhas Homem pediu e obteve cópia do apógrafo dado à Casa de Bragança.

---

[1] Vid. *Arqueologia Artística*, VIII, p. 18, 29, 31.

[2] No *Aparato* há referência a um auto de 8 de Novembro de 1633, e outro de 15 de Junho de 1637.

É essa que se encontra hoje no Arquivo Nacional, além de outro exemplar moderno, em papel, datado de 1739 [1].

Em 1685 uma Junta de Ministros resolveu que se reduzissem a um só livro os diversos (?) que existiam na Tôrre! e para isso a Comissão se servisse (¿ de preferência ?) do *Nobiliário de Goes.*

Resolução estranha, que não se efectivou [2].

Dos exemplares do *Nobiliário de Goes*, que hoje existem fora da Tôrre, já mencionei o da Biblioteca Nacional. Cota antiga *C-1-1*. Hoje N.º 977 [3].

Acrescentados por Frei Bartolomeu de Azevedo, até 1638, existem dois: um na Biblioteca do Pôrto, continuado todavia posteriormente por outra pessoa, ou outras pessoas, conforme mostrarei; outro, incompleto, na de Évora [4]. É o que se notabiliza curiosamente pela afirmação que Goes o composera a pedido do Infante D. Luís. ¡Isto seria antes de 1555! Marcado 117-1-9 consta apenas do *Livro 3.º*

Mais outro há na Biblioteca da Ajuda. Falarei dêle no último

---

[1] *Aparato*, p. XXXIV; *P. M. H.: Scriptores*, p. 136; Azevedo e Baião, p. 18. Numas páginas que D. António Caetano dedicou em outro sítio ao *Livro Velho de Linhagens*, continuado por Damião de Goes (Vol. I, p. 276 e seg.), há tal desordem de exposição dos factos, que sòmente quem já fôr sabedor, reconhece que as páginas que faltavam, e D. António Álvares da Cunha mandou escrever de novo, dando boa ordem aos cadernos trocados e destroçados, eram do *Livro Velho*. Cfr. Azevedo e Baião, p. 98.

[2] Com relação à *Junta de Ministros*, veja-se Sousa, I, p. L e seg.

[3] Torno a dizer que Joaquim de Vasconcelos ligou grande importância a êsse apógrafo, desde o dia em que o descobriu em 1879 na Biblioteca Nacional (*Goësiana*, I e II e *Novos Estudos*). A opinião de que *vale pelo original* ainda é justa — subentendendo-se por *original* o texto alheio pre-existente, em volta do qual Damião teceu, como Guarda-mór, de 1548 a 1574, as suas observações, às quais os sucessores da Tôrre do Tombo acrescentariam outras. Cfr. Guilherme Henriques, *Inéditos Goesianos*, I, p. 4 e 99; II, 29; e *Bibliografia Goesiana*, p. 61 e 63.

[4] Vid. *Catálogo Eborense*, II, 444. Repito que, se realmente um Nobiliário fôsse compilado por Damião, a pedido do Infante D. Luis, ao qual êle dedicou em 1549 o tratado latino *De Bello Cambaico*, com lisongeira Carta-Prólogo, não deixava de o dizer no Capítulo da *Crónica* (I, 101), em que traçou a biografia do Infante, muito depois da morte dêle.

O título do volume (Cod. 117-1-9, de 187 f.) é *Liuro 3º de Geraçõẽs que foi tresladado fielmente do liuro que o Iffte dom Luis mandou fazer ao chronista Damião de Goes e está na torre do tombo archiuio Real deste Reyno de Portugal. Acrecentou até os nossos tempos prezentes a curiosidade de frey Bertolameu de Azevedo o que se achar deste sinal * para baixo.* Ano 1638.

arágrafo desta Parte Primeira, por conter a Nota Vicentina a cuja procura andei.

O paradeiro do que foi da Casa Penalva, ignoro-o.

Finalmente existe um na livraria de Braamcamp Freire, que, segundo o parecer do ilustre autor dos *Brasões de Sintra*, é o mesmo traslado ao qual, no século XVIII, se referiu M. C. de Sousa, no *Aparato*, como destinado a um fidalgo do Minho, João Pereira, morador no Pôrto [1].

19. O exemplar da Biblioteca do Pôrto é um grosso *in-fólio* de 356 fôlhas, marcado N.º 280. Antigamente A–8–36. O texto corre contínuo, todo da mesma mão, sem divisão em livros, títulos, parágrafos, sem espaços em branco, para futuras continuações, sem relevos nas letras. A única repartição é por famílias. O nome de cada encima parcelas do texto, de dimensões muito desiguais. Vai acompanhado às vezes da conhecidíssima observação arcaica, *até onde mais longe se pode alcançar* [2].

A epígrafe geral diz: *Traslado do Livro das Gerações que fez Damião de Goes, o qual Livro estava na Torre do Tombo da Cidade de Lisboa, e por certos respeitos dizem que desapareceo. Acrescentado em partes pello Dr. Frei Bartolomeo de Azevedo, de outros livros manuscriptos.*

Como o frade-doutor, Augustiniano, morresse em 1640 [3], a data indicada no exemplar incompleto de Évora pode ser exacta. Mas no do Pôrto, em que há referências aos anos 1616, 1619, 1626, 1638, essa última é de modo algum a mais tardia. Uma, pelo menos, é de 1751. A letra, que é costume chamar antiga ou do século XVI (!) é da primeira metade do século XIX. Parece-me cópia de outro exemplar, em que já todas as notas marginais e entrelinhas antigas estavam

---

[1] Vid. *Brasões de Cintra*, I, 66, 174; II, 189, 191, 207, 405; e III, 69. Nessa cópia, que constava de quatro tomos, mas de que na Casa do Salitre há apenas dois, se lê, em letra do século XVIII, uma Advertência do teor seguinte: «Este Nobiliario... he huma Copia exacta do Livro das Linhagens que existia no Real Archivo da Torre do Tombo... e delle se derão copias a... e a João Pereira, Fidalgo e morador no Porto. Quando este não seja o proprio que se deu ao dito João Pereira, da Cidade do Porto, he delle naquella cidade copiado desde o anno de 1600 athé o de 1683, acrescentando-se-lhe alguma couza depois».

Só a colacionação do texto com os de Évora e Pôrto, poderá mostrar, se 1683 é lapso por 1638, como suspeito.

[2] A fórmula provém do *Livro do Conde*, Título X, XI e XII.

[3] *Bibl. Lus.*, I, 459.

encorporadas no texto primitivo, sem asteriscos ou outros quaisquer sinais que os destacassem [1].

Só excepcionalmente se encontram, aqui e acolá, lançadas à margem, parcelitas do texto, omitidas por lapso do escrevente, e por êle mesmo completadas.

Mais do que essas, deu na vista e chamou a minha atenção o vocábulo *Nota*, que por extenso, com todas as quatro letras, aparece de longe em longe à margem do texto. É realmente chamada. Um *Notabene*. E significa *repara, pio leitor, na macula que deslustra o sangue azul desta ou daqueloutra linhagem;* ou, *desta e daquel outra pessoa: X. n.*, isto é, cristão novo [2]. ¡Moura [3]. Baptizado em pé [4]. De nação [5]. Tinha raça [6]. Esteve prêso nos cárceres da Inquisição [7]. Foi queimado! [8] Raça de Pinheiros [9]. Raça Esparragosa [10]. Por serem da mesma letra e tinta do texto, atribuo tais *Notas* ao copista, ou seu modêlo; e não a leitores de hoje ou ontem. Hesitando naturalmente, a frei Bartolomeu de Azevedo.

¡Não faltaria todavia quem as atribuísse a Damião de Goes e sua maledicência!

Por ora baste dizer que todos os *Notabenes* se encontram na segunda metade do volume onde estão registadas as famílias novas.

Lembre-se o leitor de que, no exemplar de Évora (ou no original dêle), os acrescentos de Frei Bartolomeu estão (ou estavam) marcados com asterisco.

[2] Quem tiver vontade de fazer a lista dos Cristãos-Novos, leia f. 319, 331, 341, 342, e a f. 145 v.º, um trecho relativo ao filho de Tristão da Cunha.

[3] «D. Luís de Alencastre casou com D. Magdalena de Granada... filha do Infante Muley Aboazar de Granada... filho do Rey Chico de Granada» (f. 198 v.º).

[4] É com relação a Pero Esteves que se emprega essa fórmula.

[5] Homem de nação era p. ex. o Doutor Ruy Lopes da Veiga, pai do Dr. Tomé Pinheiro da Veiga (autor da *Fastogenia*, f. 231 v.º); e também o lente de prima Francisco Caldeira (f. 225 v.º).

[6] P. 316 v.º.

[7] O Dr. Francisco Caldeira foi prêso, mas não condenado, porque não houve bastante prova. Mas sempre abjurou.

[8] D. João de Almeida, 4.º filho do Contador-mór D. António de Almeida, andou na Índia, onde casou com D. Maria, filha de Manuel Gomes, morador em Goa «o qual foi queimado juntamente com sua mulher, por Judeus. E a mesma D. Maria saíu no Auto da Fé com sambenito, a qual era já viúva de Martim Afonso de Miranda, Capitão de Diu» (f. 209 v.º).

[9] Os passos em que se injuriam os Pinheiros com um *Notabene* são tão numerosos como os em que se fala do caso do Duque de Bragança e o do Duque de Viseu.

[10] Desconheço o sentido dessa designação.

Eis um esbôço do conteúdo e da sua disposição, no qual emprêgo as próprias palavras do texto, tanto *juxta litteram* como pode ser, com o propósito de facilitar o confronto com outros exemplares. Quanto às grafias, modernizo-as.

De f. 1 a 6, em apenas onze páginas, lê-se uma *Breve e sumária relação dos Reis de Portugal e sua descendência*. Principia: *O Conde D. Henrique foi casado com D. Teresa*. A respeito da sua proveniência, nada.

De D. Pedro e Inês de Castro diz que antes e depois de casados tiveram filhos.

Quanto ao primeiro Bragança D. Afonso, o bastardo do Mestre de Avis, lê-se que o houve em Isabel Fernandes, irmã de Joane Mendes da Guarda (*sic*), filho de Pedro Esteves, um sapateiro de Veiros, por alcunha o Barbadão, como muitos dizem [1].

De D. João II regista que morreu com suspeitas de peçonha; a respeito de D. Jorge que *el-rei muito desejou que êsse lhe sucedesse na coroa do reino; opôs-se a Raínha em observância do direito de seu irmão D. Manuel*.

Falando da Infanta D. Isabel, casada com o Imperador Carlos V, o redactor observa que *éste é o direito que Felipe teve à coroa de Portugal;* e igualmente quanto ao filho de D. Beatriz, casada com o Duque de Saboia, nota que *por isso o Duque pretendia a sucessão dêste reino*.

O Infante D. Luís era dotado de soberanas virtudes. D. Henrique sucedeu infelizmente no scetro e coroa. D. Joana, a esposa do Príncipe, tinha condição cheia de altiveza e um ânimo desprezador de grandes perdas. D. Duarte, o bastardo de D. João III, mui douto na língua latina, deu princípio a uma *História de Portugal* (observação que é nova para mim). D. Sebastião esteve debaixo do religioso govêrno de sua avó. O Rei Cardeal acabou *infelicemente* a

---

[1] A f. 195 *Título de Castros* chama-se a atenção do consultor com o *Notabene* do costume, ao facto de D. Diogo de Castro, Capitão da Cidade de Évora, ter casado com D. Brites Pereira, filha de João *da Guarda* (sic) *que era filho do Sapateiro de Veiros, e irmão da mulher de quem o Mestre de Avis, D. João I houve o filho que casou com a filha de Nunalvares Pereira donde vem a Casa de Bragança*». Tal qual no *Diálogo* de Francisco de Morais.

Quanto ao Barbadão e seu filho, há naturalmente enormes hesitações no nome: *Mem* ou *João Mendes, João Afonso, João Gonçalves, Fernão Afonso, Fernão Esteves, Pero Esteves*, quer *da Guada*, quer *da Guarda*.

Monarquia do nosso reino de Portugal. *Começando em um Henrique acabou em outro...*

De páginas 7 a 9 segue-se uma *Breve relação dos princípios de alguns fidalgos nobres do reino de Portugal.*

É lá que s. v. *Goes* (Diaz-Goes) se regista que começaram no reinado de D. Pedro *(em um cavaleiro do tempo del rei D. Pedro)*, em contradição aberta com os dizeres do verdadeiro texto. S. v. *Manoeis* informa-se que tiveram o seu princípio no filho (por lapso há *nos filhos*) de Frei João Sobrinho, e adoptaram o apelido porque sua mãe *foi ama e deu de mamar a el rei D. Manuel de boa memória.*

Termina com o seguinte excurso, que estou certa de já haver lido, sem me recordar todavia, onde, — excurso que está em harmonia com os Notabenes fanáticos a que já me referi:

«De cada um dêstes apelidos, pelo menos de quási todos, há em Portugal e em Castela mui diferentes famílias que, umas vão em diminuïção, e outras crescem; e andam quási todos, e os mais nobres, tanto em judeus cristãos-novos como nos mais encoimados fidalgos, porque quando estes se baptizavam em Portugal tomavam os apelidos dos padrinhos da pia, e ainda os nomes, como ainda hoje fazem os Mouros, que se baptizam em pé. E os Negros. Por esta razão ninguém tenha para si (pelo menos em Castela onde muitos dêstes cristãos-novos se vão, com muita cópia de dinheiro, fugidos por temor do Santo-Ofício, que tem adquirido com suas usuras e tratos, para adquirirem nobreza) que todos os que se chamam Meneses, Mouras, Pereiras, Mascarenhas, Azevedos, Melos, Távoras, e outras alcunhas semelhantes, o são directamente; porque os donos verdadeiros dos ilustres apelidos não se misturam com esta gente vil, se bem que os tomem para si. Contudo é importantíssimo que se tenha conhecimento desta verdade que nestas matérias se escurece fàcilmente.

«Outros apelidos cheios de resplendor teve e tem êste reino, que pereceram nele, assim como Pimentéis, Anhaias, etc....

«As dissensões dos reinos são totalmente as ruínas das grandes famílias, e princípios de pequenas...

«Tais foram os tempos del rei D. João I, em que tiveram princípio as que ora mais florecem, atenuando-se das antigas a maior parte delas, como Fafes, Avoins, Godinhos, Babilões, Gomides, etc.».

Em seguida vem um *Índice das Famílias, de que se trata neste Nobiliário*, registadas (em teoria) por antiguidade e ascendência régia. Começa com os descendentes de D. João I (Vasconcelos, Casa de Penela, Casa do Infante D. Pedro, D. Henrique, D. João, D. Fernando, com Odemiras e Aveiros), filhos de D. Manuel, Casa do Co-

mendador-mór. E continua com *Abreus* até *Velhos*, mais ou menos alfabèticamente.

No texto a ordem e seqüência é todavia diversa. Os primeiros fidalgos de que se trata são os Azevedos (Malafaias) com a águia imperial. Vem depois Aguiares, Alarcões, Alardos, Albuquerques, Almadas, e em seguida Fonsecas, Eças, Vasconcelos, Guerras, Noronhas. Contei cento e trinta e tantos Capítulos, ora curtos, ora muito extensos, quási quatro vezes tantos como no *Nobiliário de Xisto Tavares* [1].

As páginas relativas à Casa de Bragança são resumidas e simples, mas espalhadas e desordenadas (f. 20 e 43, 49, 248 v.º). Mal feitas.

---

[1] Para facilitar o confronto com outros exemplares do Nobiliário, vou dar a longa lista das Famílias que figuram no da Biblioteca do Pôrto:

Abreus — Aguiares — Alcáçovas Carneiros — Alvarengas-Vasconcelos — Alarcões Soares — Alardos Barbas — Alardos Pestanas — Albuquerques — Almadas Abranches — Almadas, diversos — Almeidas — Amayas Teves — Amayas, diversos — Alencastres — Andrades, da Ilha da Madeira — Andrades, diversos — Anhayas — Ataídes — A. de Penacova — Atouguias — A. Correas — A. Costas, da Ilha — Azambujas — Azevedos — Banhos — Brandões do Pôrto — Bendanhas — Britos — Br. outros — Senhores de Bizcaia — Cabedos — Cabrais — Cabreiras Vasconcellos Ribeiros — Camaras Lobos — Camelos — Cantos — Carneiros — Carvalhas — Carvalhos — Cardosos Gouveas — Cascos — Castelosbrancos — Castros — Correas de Sacavem — Cotas — Costas Cortereaes — Costas Homens — Coelhos — C. diversos — Coutinhos — C. de Santarem — Cunhas — Dias Goes — Dragos (ou Bravos) — Eças — Esteves de Napoles — Falcões — Faros — Ferreiras — Figueiredos — F., diversos — Freires Andrades — Fonsecas — F. Osorios — Furtados Mendonças — Galvões — Goyos — Gouveas — Gundares — Henriques — Jusartes — Leites — Leitões — Lemos — Limas — Lobos — Madureiras — Magros Almeidas — Mancellos — Manoeis — Marizes — Mascarenhas — Matos — Melos — Mendanhas — Minas e Britos — Mirandas — Monizes — M., diversos — Mouras — Nogueiras — Noronhas — N. Henriques — Novaes — Paes — Pantojas — Pavias — Pereiras — Pestanas — Pinas Falcões — Pinheiros — Peçanhas — Ribeiros — R. Vasconcelos — Saldanhas — Salemas — Sampaios — Sarnaches — Sás — Silvas — Silveiras — Siqueiras — Sousas — Soares de Albergaria — Soares, diversos — Tavares — Tavoras — Tellos de Meneses — Tevas — Vasconcellos Penelas — Vasconcellos Ribeiros — Vasconcellos Alvarengas — Velhos.

Muitos passos dariam margem a observações críticas, se esta nota fôsse *goësiana* e não *vicentina*. Sirva de amostra a dos Carneiros. Os que lêem conhecem a engraçada anedota, típica e internacional, com paralelos em todas as heráldicas europeias, relativa a *Carneiros-Moutons*, tirada de qualquer colecção de apotemas e Memórias. E certamente leram a frase inicial: «Vieram de França». No Livro goesiano do Pôrto lê-se (f. 170) o que segue: «Em tempo de D. João II houve em Lixboa um homem cidadão do Porto que casou na mesma cidade com uma mulher ordinaria». E a f. 236 (Título Alcaçovas-Carneiros) há o passo seguinte: «Genim Carneiro veio de França à Cidade do Porto, e ali casou e houve a Pero Carneiro, o qual casou por amores lá mesmo, com a filha de um picheleiro das Cangostas».

As matérias que dizem respeito às «conjurações, traições, desventuras, ou casos, do Duque de Bragança e Duque de Viseu» encontram-se metidas nos Capítulos relativos a implicados: Silveiras, Ataídes, Sousas, Cunhas, e, sobretudo, no dos Teles e Meneses, talvez o mais ricamente documentado de todos, ilustrado com epitáfios, cartas, discursos, documentos, traslados de trechos das *Crónicas* de D. João II. Bem podiam ser Notas sôltas que Damião de Goes fôra apontando, emquanto juntava os materiais para as suas obras históricas, e que depois seriam interpoladas propositadamente no *Livro intitulado de Goes*, «o detractor» [1].

Em bastantes casos há referência ao *Livro do Conde* e às lendas nele narradas.

20. Antes de deduzir do conteúdo mais suposições a respeito das pessoas que colaboraram no *Nobiliário* no século XVI (o Anónimo do *Livro Novo* em que por ventura se esconda o Dr. F. Pacheco; Damião de Goes, e alguns seus sucessores ou hóspedes da Tôrre do Tombo; no século XVII Frei Bartolomeu de Azevedo que aproveitou diversos manuscritos, e no XVIII outro Anónimo) vou comunicar ao leitor que, cheio de paciência, me tiver acompanhado até aqui, uns três passos significativos que devem influir na nossa opinião.

Em dois dêles o Cronista é nomeado pelo continuador como autor de certos trechos.

O primeiro diz respeito aos Tellos de Meneses (f. 93 v.º) e tem o teor seguinte: «Os Tellos e Meneses he cousa mui certa descenderem del Rei D. Ordonho de Leão. *Damião de Goes* refere a ausência da filha com o amante e o casamento desta com o lavrador Tello, da mesma forma que o traz D. António de Lima, e Santa Marta, no *Elogio da Casa de Cantanhede*. E quando se tirar a limpo esta copia, se exporá» [2].

Escuso de comentar êsse passo. Cada leitor medianamente instruído vê que Damião de Goes, falecido em 1574 e D. António de Lima, que o sobreviveu só oito anos, não podiam ser apresentados de mãos dadas a Teodósio de Santa Maria, antes de êsse Cronista

---

[1] No Título Tellos de Meneses (de f. 93 v.º a 110) há, p. ex., a descrição inteira de como foi feito Marquês o velho D. Pedro de Meneses, tal qual Garcia de Resende a redigira (Cap. 79). E há o testemunho do Bispo D. Garcia («confissão das suas culpas» f. 100) assim como o de D. Fernando de Meneses, o Narizes, etc., etc.

[2] É inexacto. D. António de Lima não conta essa história.

geral da Congregação de S. João Evangelista haver publicado em 1751 o grosso volume de 639 páginas, intitulado *Elogio Historico da ilustrissima e excelentissima Casa de Cantanhede Marialva, chefe dos esclarecidos Menezes e Telles, dedicado pelo Conego Secular e Doutor em teologia pela Universidade de Coimbra ao il^mo^ e ex^mo^ Sr D. Diogo de Noronha, terceiro Marques de Marialva* [1].

21. De mais particular alcance para o problema que tento esclarecer é o segundo passo em que se cita *Damião de Goes* como autor de notícias genealógicas. É um dos que, por serem relativos a marranos, levaram os continuadores do *Nobiliário* a lançar na margem o seu pregão de justiça fanática. Refere-se a Pedro Esteves como tronco dos Pinheiros, e sua filha Maria Pinheiro, como avó do Conde de Castanheira, o valido poderosíssimo de D. João III. Essa formosa Judia (segundo se proclama com indignação na única anotação marginal explícita do volume) *tem maculado as melhores casas dêste reino com quem se aparentou por casamento (sic)* [2]. Por isso mesmo é também o único passo do *Nobiliário* que contém versos: cinco quadras das sessenta e quatro que constituem a *Sátira de Maria Pinheiro* ou *do Conde da Castanheira*, entregue a D. João III por um acautelado e disfarçado inimigo figadal, em 1554. E é finalmente o único que já deu ensejo a discussões públicas, promovidas, por sinal, por Camilo Castelo Branco [3].

As quadras ou *Trovas* estão quási no fim do *Nobiliário*, o qual não fecham com chave de ouro; pelo contrário, abrem-no com a vil gazua dos Pasquinos, a ódios e cizánias.

Mas de modo algum são atribuídas ao Cronista, a quem, muito tarde, foram imputadas por A. Caetano de Sousa, e nos nossos dias pelo autor do *Amor de Perdição*.

No *Título dos Pinheiros* (f. 352 v.º–355) [4], atrás dos quais vem sòmente os Cernaches (Sarnaches) com êles relacionados [5], conta-se

---

[1] Vid. Inocêncio, VII, 310 e *Bibl. Lus.*, III, 732.

[2] Entendamos: pelos casamentos das filhas e netas.

[3] *Noites de insomnia*, 1874; *Curso de Literatura Portuguesa* (1876), *Nota* 13.ª (p. 309-322). Cfr. Joaquim de Vasconcelos, *Damião de Goes, Novos Estudos*, p. 103 e seg.

[4] Quanto ao solar dos *Pinheiros*, regista que foi a Quinta de Outiz, junto a Barcelos «e por razão de um pinheiro que ali estava, muito grande, lhe deram o nome».

[5] Na última página do Nobiliário entre os Sarnaches torna a aparecer Pero Es-

que Damião de Goes, no seu *Nobiliário*, tratando da descendência dêsse Pedro Esteves, dissera assim:

«Haveis de saber que no tempo del Rey D. Duarte houve em Guimarães hum thesoureiro ou sachristão de Sta Maria da Oliveira. Este Sacrista conheceo carnalmente huma judia, da qual houve hum filho. E segundo o fôro de sua may se criou judeo. E depois de baptizado lhe chamaram Pedro. Lançaram-no a letras. E foy bom letrado. E chamou-se Pedro Esteves Cogominho. Foy ouvidor das terras do 2.º Duque de Bragança D. Fernando, com o qual teve muita valia. E cazou com huma mulher muito boa que havia nome Izabel Pinheira, da qual teve huma filha que cazou com Pedro de Souza de Seabra».

Expressamente explica *Athé aqui Goes* [1].

Em seguida continua: «Tambem concordam com esta opinião as Trovas que se deram a el Rey D. João III, dous annos antes que falecesse [2] e as tinha na sua gaveta; e antes que falecesse as mandou

---

teves, doutor: «Certo Fernão Álvares (senhor de Gaya) filho de um Alvareanes, alferez-mor da Ala dos Namorados), por ter apenas um filho bastardo deixou por seu herdeiro universal àquele amigo, o que consta autênticamente de um pergaminho do Cartório das Freiras de Vila-Nova.

[1] Eis outra redacção do caso, de teor ainda mais rude, e sem referência às *Trovas* (*Titulo Sousas*, f. 120 s. v. *Pero de Sousa*): «Haveis de saber que em tempo delrey D. Duarte de Portugal houve na Colegiada de Guimarães um clérigo de Santa Maria de Oliveira, o qual dormio com uma judia carnalmente, das que viviam na Judiaria em sua lei. E dela houve um filho que, segundo o fôro de sua mãe, se criou Judeu. Depois de algum tempo se batizou e no baptismo lhe foi posto nome D. Pedro. Mandaram-no estudar. E foi mui bom letrado. Chamou-se Pedro Esteves *Cogominho*, tomando o apelido do padrinho da pia».

Ainda outra repetição, de outra pena, provàvelmente, há no Título dos *Ataídes*, f. 203 v.º, e só nesta se fala do Conde da Castanheira.

Com o ilustre autor dos *Brasões de Cintra* direi apenas: «Certo é que Pedro de Sousa, dos do Prado, casou com D. Maria Pinheira, e que D. Violante de Távora, fruto do casal, foi segunda mulher de D. Alvaro de Ataide, e mãe de D. Antonio, o Conde da Castanheira. Agora saber, se a mulher de Pero Esteves era, ou não, judia, isso é averiguação em que não me meto» (I, 429; II, 454).

[2] Outros dizem «três anos antes de falecer». Na Miscelânea N.º 3350 da Bibl. Nacional encontram-se, como parcela 11.ª, as «*Trovas que se mandaram a El Rey D. João III que as lia, e conservou muito tempo; porem em hum dia que veyo da Misericordia as mandou queimar por Manuel de Sampayo, que foi tres annos antes do seu falecimento, no anno de 1554.* Ficou esta copia de que o ditto Snr nam sabia, e menos o autor della, que se afirma ser hum cavalheyro da Caza de Sortelha». Com letra diferente há a seguir a nótula: *aliás Damião de Goes he quem foy o Autor.* (Camilo chama-o Manuel de S. Tiago). Vid. C. M. de V., *Novos Estudos sôbre Sá de Miranda*, p. 6-7 e 163-164.

queimar por Manoel de Sampaio; e no que tocam a esta familia diziam assim:

Aos Reys poz sospeiçam [1]
que sempre em tudo procede
por ser pagem de Abraham [2]
e tambem de Mafamede.

Que como homem antigo
parece que lhe sabia
a sua genealogia,
que he esta que aqui digo: [3]

Mestre João, sacerdote,
de Barcellos natural,
houve de huma moura tal
um filho de boa sorte.

Pero Esteves se chamou,
honradamente vivia:
por amores se casou
com uma fermosa judia.

Deste, pois nada se esconde
nasceu Maria Pinheira,
may da may de hum que he Conde,
e sua avó verdadeira [4].

Vede se está bem provada
esta sua sospeiçam!
Mas... não aproveita ja nada
onde ha sobeja afeiçam [5].

22. Sem esmiuçar o caso, tiro apenas as ilações mais imediatas, precisas para o processo do *Nobiliário* e das acusações de deslin-

---

[1] Nessa lição do *Nobiliário*, o verso não dá sentido. Na de Camilo, *Curso de Literatura portuguesa*, p. 317, repetida nos *Brasões*, há a variante *Ao Duque dá suspeição*, que, comparada com o *homem antigo* da quadra imediata, parece indicar que o autor das *Trovas* quis atribuir a responsabilidade ou garantia do boato ao velho Duque de Coimbra D. Jorge (1481–1550), antes do que a seu primogénito o Duque de Aveiro (1501–1571).

[2] A lição *parente* (no texto de Camilo) parece-me preferível a *pagem*.

[3] As duas quadras de introdução, assim como a quadra final costumam faltar nas «fontes», p. ex., nas *Memórias* (inéditas) de Diogo de Paiva de Andrade, exploradas por Camilo, *l. c.* Em regra transcrevem-se apenas as três genealógicas, de mal-dizer.

[4] *Que é Conde da Castanheira* é a lição preferida pelos que conhecem e transmitem à posteridade as quadras soltas.

[5] Variante: *Onde sobeja a afeição*.

guado e propagador de escândalos, lançadas contra Damião de Goes, primeiro em 1567, e em segundo lugar, de 1640 em diante [1].

No apógrafo acrescentado do Pôrto, só a prosa infantil da biografia de Pero Esteves, é atribuída a Goes, mas não o satírico texto das *Trovas*. E parece que nos outros exemplares nem mencionadas são [2].

É portanto provável que um dos continuadores, cujos nomes aparecem no fim desta Parte, ou Frei Doutor Bartolomeu de Azevedo as introduzisse no texto, para ilustração dos factos narrados em prosa, os quais pela sua vez já seriam glosa de uma simples nótula genealógica, relativa aos Pinheiros.

Tão pouco as dá por obra do Cronista o escritor Diogo de Paiva (1576–1660) que, de ouvidas, sabia e narra na sua *Miscelânea* inédita e não destinada à publicidade, como as *Trovas* foram entregues no paço e como D. João III as guardou numa gaveta da guarda-roupa, de onde Damião as pôde ter e copiar e juntar ao livro que tinha escrito das famílias do reino [3]!

---

[1] No texto portuense vem depois das *Trovas* a lista das filhas e netas de Isabel Pinheiro e Pedro Esteves, que propagaram o sangue impuro da mãe e da avó.

[2] Diz Joaquim de Vasconcelos nos *Novos Estudos* (p. 104), que nos quatro exemplares do *Nobiliario intitulado de Damião de Goes*, por êle examinados, não há vestígio das *Trovas*. Todavia será indicado procurar alusões não só na genealogia dos *Ataides*, a que êle prestou atenção especial, mas também no Título dos Sousas, e Pinheiros, caso existam nos exemplares não continuados por Frei Bartolomeu.

[3] Quanto ao costume antigo de entregar libelos aos reinantes «por ser utilíssimo dizerem-se aos Reis as verdades ainda que amarguem e buscarem-se para isso modos», lembro ao discreto leitor as *Cartas de aviso*, *Advertências*, *Lembranças*, e os *Papéis* sem nome de autor, que foram postos onde D. Sebastião as visse, segundo conta Miguel Leitão de Andrade no curioso *Diálogo VII* da sua *Miscelánea*, relativo à *Jornada de África*.

De passagem seja dito que a Carta que Mestre Inácio Martins meteu abertamente na mão do jovem rei (p. 149 da reedição de 1867)

Ainda que, Senhor, aqui governas,

reimpressa por A. L. Caminha como obra inédita de Perestrelo (em 1791) e citada como tal por T. Braga (*Hist. Cam.*, II, 150), é obra do Dr. António Ferreira, e que outra do mesmo, que principia

Rei bem-aventurado em quem parece,

publicada no *Cancioneiro Geral* de A. F. Barata como *desconhecida*, e avaliada por T. Braga, fôra atribuída a Luís de Camões pelo Visconde de Juromenha (III, 237). Cfr. *Arq. Hist. Port.*, I, p. 140.

De outros *Avisos* em estilo pastoril, *De Franco a Sebasto*, falam o mesmo Leitão (p. 155) e Barbosa Machado (II, 230).

Quem as conheceu e trasladou integralmente, e quem as atribuíu ao autor da *Crónica de D. Manuel*, foi, como já disse, D. António Caetano de Sousa, zeloso e entusiástico Historiador da Casa dos Braganças, a cujo rico Arquivo tinha livre acesso, mas ao mesmo tempo acirrado antagonista de Damião de Goes e herdeiro da malevolência suscitada pela *Crónica de D. Manuel*, — isto é, pela franqueza com que nela falara das traições. A que ponto chegava o rancor com que o Autor da *História Genealógica* o encarava, vê-se em numerosos passos dessa obra e também nas explicações com que acompanhou o exemplar das Trovas infamatórias que possuía, condenando o suposto autor às chamas do inferno [1].

Quanto ao portador do libelo versificado — um homem vestido de frade, segundo Paiva de Andrade; frade de Santo António, segundo D. António Caetano; capucho, se ligarmos o valor devido à 11.ª das Quadras, em que o autor se declara mudo, o mais provável é ter sido um familiar do Conde de Sortelha, como se diz na *Miscelânea* manuscrita (3355) da Biblioteca Nacional [2], proveniente da cópia souseana. O primeiro Conde, D. Luís da Silveira (valido de D. João III, emquanto príncipe, e nos primeiros tempos do seu reinado) deve ter sido realmente, segundo as fraquezas do género humano, um dos mais figadais inimigos do Conde da Castanheira, que o suplantara junto ao reinante, durante a sua estada em Castela como embaixador.

Êsse, do tronco dos *Ataídes*, pintado nas *Trovas* com as côres mais feias e carregadas (como *segundo Álvaro de Luna*, menos o desenlace fatal) *adorado como deus, e temido como diabo* — bem pode ter antipatizado com o Historiador que frisara a participação dos Ataídes nas conjurações contra D. João II [3]. Motivos não-políticos para Goes, pela sua vez, ter detestado o valido [4], não os conheço. E ninguém viu versos portugueses de Damião; uma só quadra que fôsse [5].

---

[1] No trecho copiado por Camilo (p. 319), note-se a frase incisiva e demonstrativa do ódio com que D. António Caetano perseguia o Cronista a quem «o espírito malino teria levado ao inferno, se êle, antes de morrer, se não desdissesse, como se afirma que desdisse».

[2] Desde que apareceu a *Crítica Contemporânea*, ninguém pode duvidar de que na Casa de Bragança houvesse um exemplar, não-emendado, da primeira redacção da *Crónica*.

[3] ¡No Comentário de Camilo, o Conde de Sortelha, D. Luís da Silveira, transformou-se em Conde da Portela!

[4] A respeito do valido de D. João III, emquanto Príncipe, veja-se Ricardo Jorge, *Francisco Rodrigues Lobo*, p. 105; e *Brasões*, II, 450.

[5] Das anedotas sôbre desforras, que, segundo a tradição genealógica, o 2.º Conde

Nem tão pouco uma única voz coeva, de 1554 a 1574, que o acusasse de perfídia e falsidades. Mesmo o *Crítico* de 1567 só o trata de apaixonado e ousado, e de ter caído em erros, por causa dêsse seu temperamento.

Como remate do negócio das *Trovas* alegarei o dito de Braamcamp Freire, que os sisudos as tiveram sempre por falsidades, acrescentando que o mesmo vale da atribuïção arbitrária delas ao Cronista [1].

23. No terceiro passo que exige comentário, não há, como nos outros dois, referência a Damião, como suposto autor de genealogias. Êle diz respeito à família que, depois dos Braganças e Ataídes, por ventura fôsse a que mais ferida se sentiu com o *franc-parler* do Cronista. O que êsse disse com relação aos Manuéis de Portugal é verídico e comedido, mas ainda assim era desagradável, embora Goes, muito amigo e venerador dêles, se esforçasse em dourar e adocicar a exposição dos factos, na primeira, e mais ainda, na segunda redacção da *Primeira Parte da Crónica de D. Manuel.* Notável é que, posteriormente, teve a rectidão de se desdizer, quanto aos ascendentes, quando, enganado por um destro argumentador, julgou

---

da Castanheira (fal. 1603) tirou de Goes, não há, que eu saiba, outro vestígio, do que o conservado nas *Memórias* de Paiva de Andrade.

Com relação ao emprêgo de mangas, calças, sacas de areia, para castigo de deslinguados, por ordem de vingativos, já deixei dito mais acima que êle foi aplicado, por ventura, a Francisco de Morais, por ter escrito desrespeitosamente do Barbadão de Veiros; e remeti os curiosos a Gama Barros, *História da Administração*, Vol. I, p. 300.

Camilo vê nas *Trovas* que imputa a Goes, aquela das suas *composições de mal dizer* que lhe tinha acarretado vinganças deprimentes. É do grande romancista a frase que já utilizei, mais acima «que as suas desgraças Damião grangeou-as por genealogista, e não por luterano». Se substituirmos *Genealogista* por *Cronista*, e procurarmos as *composições de maldizer* nos passos da *Crónica* de que Braganças e Manuéis se queixavam, e nas *Nótulas* acrescentadas ao *Livro Novo de Linhagens*, — a arguta frase talvez contenha grãos de verdade.

[1] *Formosas* não são. Mas também ¿ quem procura beleza em obras difamatórias ? O estilo que a Camilo pareceu *mirandesco* — por lembrar realmente o das Cartas trocadas entre Sá de Miranda e seu cunhado Manuel Machado de Azevedo, é o estilo tradicional das Sátiras peninsulares. De resto, na Miscelânea 3355, há *famosas*, segundo amável comunicação de Delfim Guimarães.

De Mingo Revulgo até Soropita — rude sempre mas moderadíssimo, se o compararmos ao das *Coplas do Primeiro e do Segundo Provincial.* — *Anónimas*, bem se vê. A respeito das que citei e de *Recuerde, la India dormida*, veja-se Menendez Pelayo, *Antologia*, VI; T. Braga, *Questões*, e *Hist. Cam.*, II; Delbosc, em *Revue Hispanique*, VI, 419-446; C. M. de V., *ib.*, p. 152-158.

haver errado. E isso numa Nota Marginal do *Livro Novo do Anónimo* (N.º 8 de Sousa), no exemplar acrescentado que Braamcamp Freire possue, e em que ainda se escrevia em 1576, dois anos depois do falecimento do perseguido ancião.

Resumindo o caso dos Manuéis, a que já tive de aludir várias vezes, lembro em primeiro lugar as palavras do texto comum do Capítulo v da *Crónica:*

«A ama que criou elRei D. Emanuel se chamava Justa Rodrigues, e teve dous filhos, homens de grão estima nestes reynos; um era D. João Emanuel, camareiro-mor que foi do mesmo Rei D. Emanuel, e o outro D. Nuno Emanuel, seu guarda-mor e almotacé-mor da sua corte. Os quaes filhos houve de D. João, Bispo da Guarda — * homem que por sua boa doutrina e geração valeo muito nestes reynos * Mas desno tempo que começou a criar a el Rei D. Emanuel ela se retirou a tam honesto modo de viver que a todo genero de molheres dará exemplo de virtude, e acabou seus dias sanctamente no habito de S. Francisco da observancia, no mosteiro de freiras de Jesus de Setuval que ela fez à sua propria custa e fundou de novo, onde jaz sepultada».

Ainda continua com os seus louvores como se lhe custasse haver aludido ao seu estado de *ama:* «Este corolario pus aqui de sua vida, para que as molheres que andam metidas nas vaidades e delicias deste mundo trabalhem pola imitarem, e acabarem no serviço de Deus, como ela fez».

Na primeira redacção é que havia, no sítio que marquei com asterisco, a oração relativa, *cuja amiga fôra*, de clareza popular, desnecessária, visto que já chamara *Bispo* ao pai dos Manuéis, e tão repugnantes a todos os interessados na *Crítica Contemporânea*, que o Conde de Tentúgal, seu redactor, desabafara exclamando: *Pudera mui bem ter escusado particularidades da ama del rei D. Manuel* [1].

Em vista disso, Damião riscou a frase *cuja amiga fôra* [2], deixando inalteradas as considerações moralizadoras, bem intencionadas com certeza, mas inúteis, sôbre a conversão. O seu modo de ver justifica-o pelas palavras seguintes: «Quanto ao de Justa Rodrigues, eu fui sempre muito servidor dos que dela descendem; e o que pus dela os faz a eles tão honrados que não devem d'aver inveja aos Emanueis de Castela... quanto mais que o que eu digo desta Justa

---

[1] Desagradável também ao próprio D. Manuel, o mais novo dos filhos do Infante D. Fernando.

[2] J. de Vasconcelos, *Variantes*, p. 4 e 5; *Arq. Hist.*, IX, p. 365, ou p. 25 da *Separata* da *Crítica Contemporânea*, descoberta e publicada por Edgar Prestage.

Rodrigues por tam honestas palavras diz *o que fez o livro novo da*[*s*] *linhagen*[*s*] [1] mais desembuçado do que eu falo» [1].

¡ Inveja aos Manuéis de Castela! e *¡ O que fez o livro novo!*

Vejamos os diversos livros novos.

Xisto Tavares não trata da família *nova* dos Manuéis. Já o mostrei às claras, pela lista-índice. E essa falta é mais uma prova de que o *Nobiliário* dêle não é o *Livro Novo* de que Damião se servia.

¡ O *Anónimo* (N.º 8 do *Aparato*), êsse sim, trata dos Manuéis quási com as palavras do Cronista! e depois dêle todos os apógrafos do *Nobiliário intitulado de Goes*, tendo a mais apenas a filiação do Bispo D. João em outro eclesiástico de grande e boa fama, Frei João Sobrinho, que o Cronista desatendera, de propósito creio eu, por ela estar envolvida em mistério.

«Fr. João Sobrinho foi hum homẽ grande Letrado, Religioso do Carmo, de que foi Provincial em tempo del Rei D. Duarte, e depois, em tempo del Rei D. Affonso V; seu filho foi Bispo de Cepta, e depois da Guarda; e houve de huma Justa Rodrigues — que criou de leite a el Rei D. Manuel e fundou de novo o mosteiro de Jesus de Setuval, onde acabou vida sancta...» [2].

---

[1] D. João Manuel (n. em 1469, f. em 1499) teve um só filho, D. Bernardo. Camareiro-mór del Rei D. Manuel, como o pai. Ambos relacionados com Cataldo Sículo. O irmão de D. João Manuel, D. Nuno, casara com uma fidalga chamada *de Milá*, descendente de um bastardo de um rei de Aragão — nome que subsiste na Catalunha (lembro o grande erudito Milá y Fontanals). Transformado em *Milão* originou a Trova heráldica

Esta espada é de Milão,
banhada em sangue real!

Do mais velho de três filhos que o casal teve, descendem titulares (Atalaia e Tancos). Nos *Brasões* há um Capítulo interessantíssimo sôbre Manuéis de Portugal e os de Castela, que já citei em abôno da definição de Nobiliários como misturas de fábulas e verdades (II, p. 180-229). Suponho que na nova edição prometida sofrerá algumas modificações.

[2] Nos *Brasões* ficou autenticada por documentos, de um lado a existência de Mestre Frei João Sobrinho, prègador insigne carmelita que nunca exerceu prelazia alguma, sendo todavia eleito Provincial e Vigário da Ordem em 1479; e do outro lado a de outro Carmelita, Frei João [de S. Lourenço], de grande prudência, embaixador à Hungria e a Roma, do Conselho de D. Afonso V, Bispo de Ceuta (1445) e da Guarda (1459), falecido em 1476, quando seu pai e sua mãe já estavam enterrados no Mosteiro do Carmo, de Lisboa, da banda de fora da Capela dos Reis.

Que o segundo fôsse filho do primeiro é (como mostra o trecho copiado no texto) afirmação do autor (*anónimo*, ou *Pacheco*) do *Livro Novo*, e passou para os *Nobiliários intitulados de Goes* — mas afirmação fantasiosa, impugnada por todas as escrituras utilizadas por Braamcamp Freire.

No *Nobiliário intitulado de Goes*, tal como está no apógrafo acrescentado do Pôrto (f. 78), há a mesmíssima redacção, com a diferença de no fim se dizer *onde acabou a vida sanctamente*; e no princípio *Provincial da Ordem de N. S. do Monte Carmello.*

No exemplar de Braamcamp Freire está a mesma filiação [2]. Mas estão ainda mais algumas coisas. E coisas importantes para os meus fins. Duas Notas de acrescento, em uma das quais é, evidentemente, o próprio Damião de Goes, quem fala, a respeito da inveja que os Manuéis de Portugal haviam dos de Castela.

Para a compreender devemos lembrar-nos de que, entre os amigos e servidores dos Manuéis de cá, havia um, muito acreditado como cosmógrafo, historiador e linhajista: Gaspar Barreiros, o sobrinho de João de Barros, da confiança do Inquisidor-mór, o Infante D. Henrique.

¡Êsse, tomando decididamente o partido dos filhos de Justa Rodrigues, forjou uma Árvore Genealógica, pela qual o Bispo descendia dos Manuéis de Castela! Isto é, de um dos filhos do Santo Rei D. Fernando, autor do *Conde Lucanor* e mais obras de grande valor. Portanto tinham direito, segundo êle, ao título nobiliárquico de *Dom*, e ao lindo brasão da asa de oiro, terminada por mão que empunha uma espada [1].

Na bem-feita Carta (D. António Caetano chama-a *admirável*) que Gaspar Barreiros escreveu a Damião de Goes sôbre a Linhagem dos Manuéis, algo depois de as primeiras Partes da Crónica terem aparecido, é que se deu curso à romântica ficção, desde então geralmente acatada, até que o autor dos *Brasões de Sintra* a pulverizou — ficção que faz de D. Frei João um filho bastardo do austero rei D. Duarte. *Capelão-mor de D. Afonso V, (havido do dito rei, e do Infante D. Fernando seu yrmão, por filho del Rey Dõ Duarte seu pay), por tal foy dado a criar, e pella mesma causa feito Religiozo do Carmo, o qual filho ouve o dito rey em huma Snra castelhana que veyo a este reyno, da Linhagem dos Manueis de Castella* [2].

Essas afirmações apoditicas foram repetidas por Pedro de Mariz, sem hesitação, e mesmo aumentadas no quarto dos seus *Diálogos*

---

[1] Veja-se: *Brasões*, II, 206, e a alusão irónica de Garcia de Resende

> ... pois toma *dom* quem o quer;
> e armas nobres também
> toma quem armas não tem,
> e dá o *dom* à mulher...
> *(Miscelânea).*

[2] Vid. Joaquim de Vasconcelos, *Novos Estudos*, p. 120-124; *Brasões*, p. 191.

de vária história, exactamente como a historieta dos *Dôze de Inglaterra*.

Damião leu a Carta. Mas, algo acabrunhado naturalmente pela *Crítica*, a que respondeu com audácia, e muito mais pelas ordens da Raínha e do Cardeal-Infante, que mandaram alterar Capítulos inteiros da sua obra, não teve tempo nem disposição para investigar e inquirir novamente o caso de Justa Rodrigues, que, no fundo, estava liquidado para êle; e muito menos para esmiuçar o de D. Frei João [1].

Aparentemente desdisse-se. Inscreveu no *Livro Novo do Anónimo*, em que costumava lançar os resultados das suas investigações, no Capítulo relativo aos Manuéis, a filiação de D. Frei João, tal como Barreiros a dava.

Muito mal redigida, ela não honra o escritor, mas sim o homem de carácter. E diz:

«Lembro aqui que achei que dizia Gaspar Barreiros que tinha escripto desta linhagem no livro que compoz das Linhagès de Portugal e Castella, muitos annos antes do anno de 1567, que dizia que cria escrevera desta historia na sua *Corographia* [2], e que este Bispo foi capelão mor del rei D. Afonso V, e avido delle [e] do Infante seu Irmão D. Fernando por filho del Rey D. Duarte seu pai» [3].

Firme e leal, mas com apaixonada precipitação, registou assim a opinião de um adversário, contrária à sua.

Incorporada no apógrafo que possue Braamcamp Freire, essa Nota falta no do Pôrto — facto de que se poderá deduzir que cada uma das cópias tem a sua história especial, sendo indeclinável necessidade o confronto de todas [4].

A segunda Nótula de acrescento que a respeito dos Manuéis está no volume indicado (e não no do Pôrto) é da lavra de um continuador, bem informado e verídico. Eis o seu teor:

---

[1] De aí provém, provàvelmente, o que D. António Caetano contou a respeito das *Trovas*.

[2] Do *Livro de Linhagens*, de Gaspar Barreiros, sabe-se ùnicamente o que êle afirmou e D. António Caetano repetiu no *Aparato*, N.º 12. Suponho seria uma colecção de nótulas e anedotas nobiliárquicas, como as que Barros, o Conde da Castanheira, e tantos outros letrados fidalgos juntaram sem fins scientíficos. Na *Corografia* nada encontrei sôbre os Manuéis.

[3] Sete vezes *que* — a anodina e equívoca partícula, cujo emprêgo indiscreto afeia tanto a sintaxe portuguesa.

[4] A Academia das Sciências deveria publicar o exemplar de 1616, como mais antigo e autenticado dos que subsistem. Nisso, estou inteiramente do lado de meu marido. Dado êste passo, é que valia a pena extrair dos outros traslados as partes em que divergem.

«Esta Juxta Roiz foi filha de hum Lavrador de junto da Guarda [1] e foi molher de grande espirito, e foi tam grande molher que dizem que a mandava el rei a Castela secretamente negociar algũas cousas com os Reis, e que fez um dos casamentos de dito Rei, bem que é verdade que o primeiro seu casamento com a Rainha Princesa fez D. João Manoel, e porque tambem andou nisto Rui de Sande».

Que a designação de *filha de lavrador* seja exacta, foi demonstrado por Brito Rebelo em 1881 e novamente em 1904 [2]. Êle apresentou escrituras relativas a tenças dadas por D. Manuel, a Isabel e Beatriz Rodrigues, irmãs de Justa.

Resta ainda procurar a diferença entre as palavras de Goes na Primeira Parte da *Crónica* e as mais desembuçadas do autor do *Livro Novo* — (anónimo, ou do Dr. F. Pacheco) —. Naturalmente *ser ama e criar* [3] passava por mais fino do que *criar de leite* (e *dar de mamar*) como dissera o escritor da *Breve Relação dos princípios... de fidalgos nobres* a respeito de Justa Rodrigues, conforme mostrei. Êsse assentou que os filhos da Justa (que dizem inspirou a Cantiga *Justa fué mi perdicion*, mas também uma quadra satírica contra os Manuéis [4]), tinham tomado êsse nome porque a sua *may foi ama e deo de mamar a El Rey Manoel, de boa memoria.*

Seguramente não foi Goes quem aludiu assim encobertamente à proveniência do nome, a respeito do qual nada manifestara na *Crónica.*

24. Pedindo desculpa da excessiva extensão desta enfadonha análise, termino com a tentativa de expôr, como julgo, que o *Livro*

---

[1] Frei João era Bispo da Guarda, como ficou dito.

[2] *Ocidente*, IV, p. 211 e *Arte e Natureza em Portugal*, N.º 34; *Brasões*, p. 207.

[3] Na idade-média, ou por outra, no primeiro período da história e da literatura portuguesa, o nome *ama* era mal visto (entre os poetas, pelo menos). Mesmo a nobre função natural das mães que alimentavam seus próprios filhinhos, era ridicularizada, conforme mostrei na primeira das Notas Marginais aos Cancioneiros Arcaicos, que publiquei na *Zeitschrift* (XX, 1896: *Der Ammenstreit*).

[4] De estilo popular ela diz gracejando

> Justa Rodrigues justou
> com um frade carmelita:
> E esta justa maldita
> os Manuéis nos deixou.
> (*Brasões*, II, 532).

Os amigos diriam *bemdita*. Esses e outros jogos de palavra conduziriam por ventura os espertos da Côrte a referir à mesma dama os louvores (preexistentes) da Cantiga *Justa fue mi perdicion.*

Novo evolucionou. Começado decénios antes da *Crónica de D. Manuel*, provàvelmente em 1530, talvez mesmo antes de 1521, passou pelo menos por quatro estados até chegar à redacção em que se encontra o exemplar do Pôrto.

Apesar de Goes não revelar o nome do autor, nem no passo da *Crónica*, nem na *Réplica*, parece-me natural que o conhecesse.

As palavras de D. António de Lima, acima registadas a respeito de seu mestre de Genealogia, o Dr. F. Pacheco, mal visto na côrte por causa do seu *franc-parler*, inspiraram-me a suposição que êsse mesmo, nomeado também por Goes na Certidão de 1548, com que honrou o *Livro de Linhagens* de Xisto Tavares, fôsse o autor do *Livro Novo*, que serviu de base às Anotações de Goes. Recorde-se o leitor de que, no exemplar de Braamcamp Freire, não entra na lista dos filhos de D. João III, o Príncipe D. João, nascido em 1537; de que, na dedução das famílias e em principiar com o Conde D. Henrique, o texto se semelha com o intitulado de Damião de Goes, havendo mesmo identidade de palavras — e talvez se incline ao meu parecer.

Teriamos nesse caso como fundo geral dos Nobiliários modernos e em especial dos *intitulados de Goes*, o texto do Dr. Pacheco, escolhido pelo Cronista exactamente por causa da mentalidade franca, honesta e veraz do autor e por isso louvado na Nota aludida.

Dêsse seriam os passos em que, no tempo presente são relatados factos do reinado de D. Manuel e D. João III.

Darei três ou quatro exemplos, podendo dar dúzias:

De D. Francisco de Meneses, filho de D. Henrique, regista-se que solteiro anda na Índia (f. 110). De D. Álvaro, seu irmão, clérigo, que esteve em Paris no estudo, e depois veio de lá e serve a el rei D. João III na sua capela. De D. Pedro de Meneses, filho de D. Jorge ouvimos que *he casado com D. Mecia, filha de D. Bernardo Manuel, camareiro-mór del Rey D. Manuel* (facto que, de resto, não encontro registado no Título dos Manuéis).

Em segundo lugar teriamos as importantes emendas e continuações de Goes, como Guarda-Mór da Tôrre do Tombo. Visto que êle trabalhou nas *Crónicas*, sobretudo na menoridade de D. Sebastião, podem ser dêle todas as parcelas em que retrospectivamente se fala do tempo de D. João III, p. ex., na continuação do parágrafo relativo a D. Francisco de Meneses: *foy morto no cerco de Diu 1549*; ou a respeito de D. António de Ataíde, primeiramente: *he Conde da Castanheira, veador da fazenda del rei D. João III, com o qual valeo muito*; e como acrescento *e por elle dizem que se governou, em seu tempo, o reino.* A Goes estou naturalmente disposta a atribuir

as relações explícitas dos acidentes trágicos do reinado de D. João II. Mas dado mesmo o caso que o Dr. Pacheco as tivesse redigido, em parte ou todas, admirador como era do *Homem,* seria natural que, depois da publicação da *Primeira e Segunda Parte da Crónica,* os que se achavam ofendidos por Goes — Braganças, Ataídes, Manuéis, Silveiras, etc. —, começassem a queixar-se do Guarda-Mór, que, como todos sabiam, tratava de Genealogias.

E quando, depois de 1574, ou 1580, os interessados podiam entrar com maior facilidade e liberdade no Arquivo, e viram como se falava no *Livro das Gerações,* do Duque D. Fernando, degolado em Évora por mandado del rei D. João (f. 50); do Duque de Viseu, o que el rei matou em Setúbal às punhaladas (f. 52); de D. Jaime, que matou a mulher, com pouca ou nenhuma justiça; ou do secular caso lendário do Barbadão, çapateiro de Veiros; quando liam a confissão das culpas de D. Garcia de Meneses, morto na cisterna de Palmela; a de D. Fernando Narizes, degolado em Setúbal; as culpas de D. Álvaro de Ataíde; as de D. Jorge da Cunha, enforcado e esquartejado (f. 147 v.º) ou de João de Sousa (f. 130 v.º) — então muitos diriam: ¿ Quem, a a não ser o audacíssimo e mordacíssimo Guarda-Mór, que se encarregou da tarefa regeitada por tantas celebridades, de escrever a *Crónica de D. Manuel,* haveria o arrôjo de compilar êsse *Livro de Gerações,* dizendo de novo aquilo que o haviam obrigado a cortar ou alterar na *Crónica* ?

A êle o atribuïriam todo inteiro, embora a sua letra só aparecesse em anotações e páginas sôltas, como as da autobiografia, que não falta no exemplar do Pôrto (f. 289 v.º-293 v.º).

E os continuadores que, depois do seu falecimento, juntaram acrescentos (em 1580, 1616, 1626, 1630), aproveitariam-se dessa fama para interpolarem cada vez mais escândalos, como, p. ex., a vileza cometida por alguns Bragançoes contra Álvaro de Castro (f. 189).

Os Preliminares, cujo conteúdo mais acima resumi, foram terminados evidentemente no tempo dos Felipes, emquanto o original existia na Tôrre.

Fora dela, os acrescentos de Fr. Bartolomeu de Azevedo (até 1638), os casos de sangue e fé, que provocaram os *Notabenes,* de outros zeladores do medonho tribunal da fé. Em exemplares de segunda mão.

O trecho, posterior a 1751, seria introduzido no mais completado dos traslados, e serviria de modêlo ao borrão de cópia, que é o exemplar do Pôrto [1].

---

[1] Será de Frei Bartolomeu a banalíssima e inexactíssima biografia de Luís de

Conjecturas que só o confronto com os apógrafos de Lisboa, Ajuda e Évora, poderão confirmar ou anular.

25. Regresso finalmente ao Poeta, do qual nos temos afastado, à procura do primeiro Nobiliarista que ergueu Gil Vicente, o dos Autos, a *Mestre de Retórica de D. Manuel.*

No fim do parágrafo décimo ficou exarado o facto de, segundo o autor da *Nobreza Literária*, a notícia se encontrar num dos *Nobiliários intitulados de Goes*, a p. 98. Infelizmente, F. A. Martins Bastos não explicou qual era o texto que tivera ao seu dispôr.

Também ficou dito que entre os modernos Vicentistas, alguns dos principais — Camilo Castelo Branco e T. Braga — deram fé à afirmação, fiados em Linhagistas do século XVIII. O primeiro foi possuïdor de um corpo de nobiliarquia manuscrito, em dez tomos *in-fólio* [1], dos quais o primeiro tem um prefácio, assinado a 7 de Julho de 1706, em Elvas, por Afonso da Gama Palha. Nesse explica-se como foram aproveitados livros genealógicos mais antigos de Joseph de Cabedo de Vasconcelos e Manuel Moniz Castelo-Branco [2].

As indicações relativas a Gil Vicente, os casamentos dêle, seus filhos e netos, que de aí tirou, são uma mistura de erros e verdades [3]. Fundado nos dizeres do Bispo de Silves, Jerónimo Osório, relativos aos conhecimentos de latim de D. Manuel, acredita que provinham do auxílio do Latinista Gil Vicente, embora êsse, nas prelecções, exercitasse mais facecias de Plauto do que sentenças de Quintiliano, de sorte que o discípulo ficou afeiçoado a palestras agradáveis, e com uma educação literária, não comum para o tempo!

T. Braga deu crédito aos Linhagistas explorados por Camilo, e a mais alguns que pessoalmente consultara. Exagerando o que neles encontrou, assenta que quási todos aludem ao facto da escolha de Gil Vicente, favorecido pela Raínha D. Leonor, para Mestre de Retórica do Senhor D. Manuel [4]. E assevera também que, por haver interrompido os seus cursos de Leis para êsse fim (em 1492), recebeu em

---

Camões: «*Este Luis de Camões foi o* [*mais*] *famoso poeta de todos os tempos; ficou na India por morte de seu pay* — ao qual é dado o nome de Estêvão Vaz de Camões — *muito moço e muito pobre, como ele diz nas suas Lusiadas; morreo na mesma pobreza de seu pay; e jaz enterrado na Igreja do Convento de Sta Ana de Lisboa; foi varão ilustre e de eterna memoria*» (f. 398 v.º).

[1] *História e Sentimentalismo*, 1880 e 1881, Vol. I, p. 6 *(Gil Vicente).*

[2] São os N.os 145 e 151 do *Aparato* de Sousa (p. CXXVII e CXXX).

[3] Do genro e dos netos faz *Almadas*, em vez de *Almeidas*.

[4] *Gil Vicente e as Origens do Teatro Nacional* (1898), p. 110, 115, 121, 122, 211.

compensação o fôro de fidalgo de D. Manuel. Invenções puras, sem base [1].

Antes dos dois ilustres escritores já outro tocara na magistratura do Poeta: o Visconde de Juromenha, pessoalmente relacionado com Martins Bastos. Consta que fez espalhar pelo *Diário de Notícias* a promessa de, baseado em papéis da casa Feijó-Barreto, de Tôrres Vedras, descendentes de Gil Vicente, provar que êle fôra efectivamente Mestre de Retórica, mas que a Custódia de Belém fôra feita por outro, homónimo [2]. Mas não cumpriu a promessa.

Posteriormente, a nótula de Cabedo de Vasconcelos foi repetida por Menendez y Pelayo num estudo necessàriamente defeituoso quanto aos factos biográficos, mas óptimo quanto à interpretação da obra do genial dramaturgo [3].

No quarto Centenário do poeta ela foi repetida como fidedigna por Carlos Malheiro Dias [4].

Em 1907 veio a lume uma prova aparentemente valiosa da sua verdade: o depoimento do *Anónimo* (Pacheco?) cujo Nobiliário, trasladado em 1576, doutro composto no reinado de D. João III, está na posse de Braamcamp Freire.

Eis o que diz simples e lacònicamente no Título Teles e Meneses (f. 67): «Dom antonyo dalmeyda filho deste dom luis [de Meneses] foy casado com dona Valeria borges filha de gyll visemte mestre que foy de reytorica del rey dom Manoel e teue» etc. [5].

O descobridor, sabendo que a sucessão genealógica indicada era exacta, claro que hesitou a respeito do último passo.

Quem decididamente declarou desarrazoada tal afirmação, foi o judicioso general Brito Rebelo [6]. Segundo êle, os factos sucederam-se do modo seguinte: «Disse um genealógico qualquer que Gil Vicente

---

[1] ¡ Num sítio (p. 211) T. Braga afirma, encostando-se ao Visconde Sanches de Baena, que Gil Vicente foi também *Mestre de Retórica* de D. João III! Deixo de trasladar os dizeres do bacharel Moniz de Castelobranco, copiados por Afonso da Gama Palha.

[2] Não fui capaz de arranjar o N.º do *Diário de Notícias*, de 1874 (segundo Braga, p. 121 e 511), em que o Visconde de Juromenha publicou o artigo.

[3] *Antologia*, Vol. VII, p. CLXVI (1898).

[4] *Revista de Guimarães* (1902), p. 64 e 73.

[5] Artigo de *Silex* no *Jornal de Comércio*, N.º 15916, de 1907. À vista dêle, o Dr. Mendes dos Remédios hesitou também, naturalmente. Acautelado, acompanha no *Prefácio* da sua tão útil edição das *Obras de Gil Vicente*, o *fôra mestre de retórica* com o advérbio *por ventura*.

[6] *Grandes Vultos Portugueses* (1912), p. 136.

havia sido Mestre de Retórica; outro acrescentou que o fôra de D. Manuel, e houve espíritos elevados que não duvidaram disso [1]. Esqueceu-lhes porém reparar uma coisa: que Gil Vicente era mais novo que D. Manuel dois a sete anos... [2]. A inverosimilhança é manifesta».

Reflectindo, Silex declarou-se de acôrdo [3].

Eu, de acôrdo igualmente, vou mais longe todavia. Cônscia de que o lance relativo a Valéria Borges e seus filhos não pode ser do tempo de D. João III, devendo ser, pelo contrário, um dos acrescentamentos que o copista de 1576 introduziu no texto original, suponho que, nas indicações que D. António de Almeida, dos Meneses de Cantanhede e Louriçal, e sua mulher Valéria Borges, ou o filho mais velho do casal, deram ao Linhagista, a respeito do sogro, pai e avô, êles substituiram o *poeta aulicus* de André de Resende por *praeceptor aulicus*. Pia fraude, aliás muito menos violenta do que a que Gaspar Barreiros cometeu a favor dos netos de Justa Rodrigues. Mas fraude ainda assim [4].

26. Pessoalmente, Gil Vicente, ourives de profissão, que nem mesmo entre os oficiais mecânicos figura nas (aliás incompletas) Listas dos Moradores da Côrte de D. Manuel, não tinha jus a um lugar nos registos nobiliárquicos da Tôrre do Tombo. Nem tão pouco como letrado que fazia os *Autos a el rei*.

Quer nascesse em Guimarães, como se diz nos Nobiliários quinhentistas, como logo se verá com pormenores que mal podem ser inventados, ou fôsse apenas *oriundo* de lá, no sentido que os seus ascendentes e parentes residiam aí, quer nascesse e se criasse na

---

[1] A meu ver foi um só Linhagista, o continuador do Livro Novo acrescentado por Goes, quem assentou a ficção, inventada, quer pelo genro, quer pelo neto mais velho do Poeta. Mas ignoro em absoluto quem foi êsse continuador.

[2] *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*, p. 37.

[3] Na continuação, Brito Rebelo explicara ainda — sôbre a base de calculos errados que «*mesmo quando* por precocidade de talento Gil Vicente pudesse ser mestre de alguma coisa antes dos vinte e cinco anos, quanto tempo passaria já desde que o Duque de Beja havia completado a sua educação com professores conhecidos, quando G. V. poderia começar a leccionar». Torno a dizer que, para Brito Rebelo, o Poeta nascera entre 1470 e 1475, e não entre 1460 e 1470, cêrca de 1465, como calculou Aubrey Bell, a quem sigo — conforme declarei no princípio dêste estudo.

[4] Vid. Brito Rebelo, 1902: Documento XXIII e XXX; e 1912, p. 127; Braamcamp Freire, *Gil Vicente*, p. 144, 241, 263-268 e 444, Documento XVIII e XXX (cfr. p. 34). A quem casasse com Valéria Borges fôra prometido, em carta-régia, o pôsto de juíz e tesoureiro da Alfândega de Gogala.

Beira, foi em comunicação íntima com o povo que os dotes líricos e musicais do artista nato e seu entusiasmo pelas maravilhas da natureza acordaram, e igualmente a sua habilidade manual. Aprendendo rudimentos de erudição com algum inteligente mestre (padre-cura, penso eu), apareceria um dia sabendo algo de latim, tal qual o Gil Terrão do seu *Auto Pastoril Castelhano*. E levado pelos seus variados talentos, passaria à Capital, entrando na oficina de algum artista (¿ seu parente ?), afim de aprender o mais nobre dos ofícios manuais. Protegido pela Raínha D. Leonor, e o irmão dela, depois de entronado, dotou o país com obras de arte, como a que se chama a *Custódia de Belém*, o *Auto da Alma*, a *Barca do Inferno*, a *Tragi-comédia de D. Duardos*. Casado modestamente (primeiro com Branca Bezerra, e depois com Melícia Rodrigues), teve filhas e filhos, que todos, também modestamente arrumados, dependiam da casa real, segundo a antiga tendência portuguesa.

Gaspar, o que fôra servir à India, entrou em 1519 como môço na capela real.

Belchior substituiu o irmão, logo falecido, no mesmo pôsto, em que permaneceu até 1535. Por morte do pai obteve o pôsto de 2.º escrivão da feitoria da Mina, que vendeu dez anos depois, acrescentado a escudeiro da casa real. Faleceu antes de 1552.

Luís, de quem há notícias documentais de 1546 a 1595, chamou-se cavaleiro (ignoro, se com direito, ou como um dos que arbitràriamente tomavam *dom*). É o que editou as obras do pai. Um seu filho, homónimo, mas com o acrescento *de Almeida*, foi môço da câmara da Infanta D. Maria.

Paula, a tangedora, môça da mesma Infanta, foi contemplada no Testamento dela, em prémio dos seus serviços, com tenças para três sobrinhas — as filhas de sua irmã Valéria, cujos nomes logo terei de repetir muita vez [1].

Esta *Valéria*, nascida na velhice do poeta (entre 1530 e 1540), herdeira, por ventura, da graça jovial de Mestre Gil, consorciou-se duas vezes. Em 1552, com um môço da câmara, Pero Machado. Uma filhinha dos dois, Paula por sinal, foi baptizada a 7 de Agôsto de 1553 (sem que nos assentos se acompanhasse o nome do pai com a fórmula *que Deus haja*). Entre 1555 e 1560 tornou a casar. Com o D. António de Almeida, dos Meneses de Cantanhede e Louriçal, que já apresentei ao leitor [2].

---

[1] São importantíssimas a êsse respeito as investigações de Gomes de Brito sôbre *As tenças testamentarias da Infanta D. Maria*, publicadas no *Arq. Hist.*, Vol. v, vi e viii

[2] Os filhos são Luís, Pedro, João, Constantino (o futuro governador de Chaul);

Da numerosa progénie dos dois, três filhas, das quais duas tomaram o véu, e quatro varões, o mais velho (D. Luís) devia ser adulto em 1576. E não me parece extravagante a idea que, nobre pelo pai, êsse pretendesse nobilitar pela profissão o avô, cujos Autos ainda eram aplaudidos por D. Sebastião e seus palacianos, e durante decénios sucessivos já haviam agradado a D. Manuel, à Raínha D. Maria, à Raínha D. Leonor, D. João III e D. Catarina, transformando-o nas indicações dadas a um Linhagista, com o qual tinha relações pessoais, de poeta *aulicus* em *praeceptor aulicus*, conforme já disse.

Torno a citar o prolóquio jurídico *fecit cui prodest*.

¡E estabeleço que é ùnicamente ligado ao enlace de Valéria Borges com D. António de Almeida que a Nótula se propagou!

Todavia não é, de modo algum, em todos os Nobiliários quinhentistas que ela se encontra. Alguns nem levam a genealogia dos Telos e Meneses até o filho de D. Luís; outros, acrescentados, conduzem-na até os sete netos dêsse e de Gil Vicente, nascidos todos antes de 1582, se é lícito tirar deduções do Nobiliário de D. António de Lima; alguns nomeiam apenas parte dêles, à medida que iam nascendo.

Ao todo distingo três redacções diversas da Nótula genealógica. As duas mais antigas não contém a frase em questão. Só a última, de 1576, fala do Mestre de Retórica.

A primeira redacção chama a D. Valéria Borges, *filha de Gil Vicente, o dos Autos*.

A segunda dá o pormenor interessante, a que já aludi, e que pelo feitio realista parece verdadeiro: *natural de Guimarães, irmão do Topa-no-muro;* o poeta é designado, àlém disso, verìdicamente, como *o que fazia os autos melhores e mais graciosos e substanciais que até agora se faziam em Portugal*.

A terceira, omitindo êsses elogios, empenhada exclusivamente em nobilitar, chama *Gyll Uisemte mestre que foy delrey dom manoel* [1].

27. Entre os exemplares do *Nobiliário intitulado de Goes*, não dá notícia de D. António de Almeida o da Tôrre do Tombo, cotado 21-E-13; nem 21-F-37. Nem o da Biblioteca Nacional, autenticado

---

as filhas, protegidas por Paula Vicente, chamavam-se Brites (freira em Santos); Elena (freira em Sacavém); e D. Mariana de Meneses, que, dizem, não casou.

[1] As informações sôbre os *Nobiliários* da Tôrre do Tombo, devo-as a Pedro de Azevedo; as relativas à Biblioteca Nacional a Jaime Cortesão; as relativas à Livraria da Ajuda a Jordão de Freitas; as que dizem respeito a Évora a A. J. Lopes Lima; e as relativas aos traslados preciosos que pertencem a Braamcamp Freire, a êsse nosso excelente amigo. A todos agradeço, penhoradíssima, a prontidão com que satisfizeram a minha curiosidade, e acudiram à minha ignorância.

em 1616. Nem o da Ajuda, a que se referiu Herculano. Todos êles acabam com D. Luís de Meneses, ou ainda mais atrás [1]. O de

---

[1] Eis as comunicações que recebi:

a) «No *Nobiliário de Damião de Goes* (traslado autenticado de 1616, de outro, feito para a Casa de Bragança, ignora-se quando, como o leitor sabe) — que tem a cota antiga C-1-17, hoje Ms. 977, não há no título dos Teles de Meneses qualquer referência a Valéria Borges, casada com D. António de Almeida. — *Jaime Cortesão*».

b) «O *Livro das Linhagens de Portugal*, a que se refere Herculano, *Scriptores*, p. 136, não alcança D. António de Almeida, marido de D. Valéria Borges, ou Valéria Vicente, filha de Gil Vicente, quer na 1.ª Parte, Título Meneses (f. 48-56 v.º), quer na 2.ª, Título Telos e Meneses (f. 266 v.º-290). Naquela termina em D. Luís de Meneses, pai dêsse D. António de Almeida, por esta forma: «*Dõ Luis de M. f.º deste dõ Antonio he cazado cõ dona Breatis f.ª Destevão Daguiar Vcham del Rei N. Snor de que tẽ estes filhos sc...*» (cf. 55 v.º). Mas não os indica. — *Jordão de Freitas*».

Em parêntese, acrescento eu, afim de tornar cada vez mais provável, que a primeira redacção do Livro, que mais tarde intitularam *de Goes*, foi de 1537, que êste Estevam d'Aguiar já era uchão de D. João III, emquanto Príncipe, e continuou no pôsto, depois da entronação (Braamcamp Freire, *Gil Vicente*, p. 34 e 265).

«Na 2.ª Parte (continua o ilustre director da Biblioteca da Ajuda), acaba ainda mais atrás, isto é, fica a f. 276, na simples menção dos nomes de D. António de Meneses e D. Margarida de M., mulher de Gonçalo Lopes Darca, pai e tia do referido D. Luís de Meneses — semelhantemente ao que sucede com os apógrafos do Arquivo Nacional, 21-F. 37 (. 22 v.º) e 21-14 (f. 179) e ainda com N.º 998 (f. 154) da colecção genealógica da mesma Tôrre, bem como com as cópias da Bibl. Nac., N.º 977 (f. 133); N.º 6835 (= U-2-107, f. 110); e N.º 323 (Pombalina) (f. 99)».

Eis agora o que o mesmo erudito estabeleceu a respeito do Códice da Ajuda, que a Herculano pareceu ser o borrão de Damião de Goes (49-XIII-19): «Quanto a mim, êste Códice, não só não parece ser o original do *Nobiliário de Goes*, como nem mesmo contém, parcialmente que seja, a tal espécie de borrão. em letra muito mais antiga. Vi na Tôrre o processo da Inquisição contra Damião, onde se encontram algumas páginas do seu punho. A letra destas não se parece com a das tais fôlhas (aliás pouquíssimas: 1 a 3 e 242) de letra mais antiga dêsse códice. Quanto ao volume em geral (377 fôlhas), direi que, a meu ver, é uma cópia por vezes muito mal enquadrada, feita posteriormente ao desastre de Alcácer-Quebir, em que o copista, muitas vezes sem critério e sem gramática, acrescentou a um texto preexistente, em entrelinhas ou cotas marginais, o que nele ou em outros livros encontrou dos indivíduos de que trata».

Preciosas informações, e que *mutatis mutandis* condizem com a minha conjectura a respeito do preexistente *Livro Novo*, copiado para Damião de Goes o emendar e acrescentar. Anónimo — aparentemente — mas que me inclino a identificar com o do Dr. Fernão Pacheco, de propósito o repito.

Para resolver essas dúvidas, mais uma vez o digo, é preciso que a Biblioteca ou a Academia imprima o Nobiliário apógrafo de 1616, acompanhado de *fac-símiles* da letra autêntica de Damião de Goes, e também dos diversos continuadores ou anotadores que colaboraram no códice da Ajuda.

Évora (117-1-9), sendo apenas a Terceira Parte, nem mesmo contém o Título dos Teles de Meneses.

Falam de D. António, mas mencionando seu sogro Gil Vicente singelamente como *o dos Autos*, o códice da Tôrre, cotado 21-E-26, e o que pertence a Anselmo Braamcamp Freire [1]. Nêsse último lê-se, a f. 206, o incompleto passo seguinte:

«*D. Antonio de Almeida Menezes c. c. D. Valeria Borges, filha de Gil Vicente,* o dos Autos, *de que ouve a D. Luis de Menezes c. c. D.... filha de Gil Vicente seu primo com irmão*», passo que podemos hoje inteirar e esclarecer, lendo *com D. Antónia de Almeida, filha de Gil Vicente de Almeida, filho primeiro de Luís Vicente, de quem vive apartada,* segundo explicações do grande Vicentista [2]. Outro de Évora (117-1-10), contém um texto que é transição para os que agrupo na terceira secção, visto que designa D. Valéria como *filha do poeta Gil Vicente, natural de Guimarães e irmão do Topa-no-muro.*

Nessa terceira secção figuram os que contém o passo, explícito e cuidado, de D. António de Lima, redigido antes de 1582:

«*Dom Antº de mns filho 1º deste D. Luis de Mns cazou com dona Valeria Vicente fª de Gil Vicente, natural de Guimarães, irmão do Topanomuro, o que fazia os autos, (os) melhores e mais graciozos e sustanciaes que ate gora se fizerão em Portugal. Houve: Dom Luís, D. Pedro, D. João, D. Costantino, D. Brites freira em Santos, Ilena freira em Sacavem, D. Mariana*».

Entre os que repetem o passo todo, há um Nobiliário eborense (117-1-10), nomeando embora apenas o filho mais velho (D. Luís);

---

[1] *D. Antonio dalmeida fº 1º de D. Luis (assima) cazou cõ D. Valeria Borges filha de Gil Vicente, o dos Autos. De q̃ ouve a D. Luis (vº) & D. Po, D. João, D. Costantino (vº) & D. Britiz freira em Stos, & Soror Helena freira em Sacavem, & D. Maria de menezes.*

[2] *Gil Vicente Trovador*, etc., p. 262. O *Livro de Gerações dêste Reino*, que cita, é manuscrito de 1626. No Vol. II, f. 80, tem no parágrafo respectivo as mesmas lacunas que me foram assinaladas por Pedro de Azevedo como existentes no exemplar da Tôrre do Tombo, cuja epígrafe é *Extrato do Tomo 1 intitulado Nobreza de Portugal*, que pertenceu a José da Silva Machado, oficial do erário, e diz ser o *Nobiliário de Damião de Goes*, acrescentado com numerosas genealogias de D. António de Lima, Afonso de Torres, D. Luís Lobo da Silveira, Lousada, Pedrosa, copiadas desde 1600 até 1633.

¡Cinco continuadores anteriores a Bartolomeu de Azevedo! Se as Notas dêles são, ou não são, as mesmas que êsse Doutor-frade introduziu nos apógrafos de Évora e do Pôrto, é caso que importa indagar. Mas só depois de possuirmos a desejada impressão do apógrafo de 1616, nos será dado fazê-lo.

outro (117-1-6), que nomeia a êsse e mais os dois imediatos (D. João e D. Brites); e ainda outro (117-1-17), que enumera todos os sete [1].

Em quarto lugar temos afinal o dito relativo ao *Mestre de Retórica*, que me levou a escrever toda esta minuciosa Parte I da Quarta Nota Vicentina.

Descobriu-o o autor da monumental obra sôbre o *Trovador e Mestre da Balança* no códice do *Anónimo* (N.º 8), de que possue o traslado acrescentado em 1576 [2]. É lá que aparece (a f. 67) a oração que o leitor já conhece:

«*Dom Amtonyo dalmeyda filho deste dom luis foy casado com dona valerya borges filha de gyll uisemte mestre que foy de reytorica del rey dom Manuel.*

A mesma oração aparece também no Nobiliário de Évora, 117-1-18, chamado *Theatro da verdade e exame da antiguidade... composto pelo Padre Mestre Frei Francisco do Sacramento* [3]. E figura ainda no códice 117-1-17, com duas particularidades, a de indicar a quinta da Tamuya como propriedade e residência de D. António de Almeida [4]; e a de atribuir a fórmula problemática a Gaspar de Faria, que era natural de Guimarães [5].

¡Igualmente, e finalmente, está num códice da Ajuda, dos que pertenceram outrora à Biblioteca da Congregação do Oratório *das Necessidades*, em cujo *Catálogo* (*Apendix*, f. 175), está registado, com

---

[1] No exemplar do Pôrto encontrei as palavras de D. António de Lima a f. 78. No da Tôrre do Tombo (21-F-8) estão a f. 156, conforme indicação de Pedro de Azevedo. O da Biblioteca Nacional não diverge. Êste tem todavia um Prólogo alheio, mal estilizado, em que há afirmações que carecem de exame criterioso. Nos exemplares da Biblioteca da Ajuda (49-XIII-21, f. 90 v.º; e 49-XIII-44, f. 358, êsse último outrora da Biblioteca das Necessidades, onde tinha a cota $\frac{1005}{3}$) há divergências apenas quanto ao número dos filhos.

[2] *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, p. 37 (cfr. p. 3, 36, 39, e 393).

[3] É a f. 188 que se encontra a passagem, com pequeníssimas divergências: «*Dom Anto de Almda fo maior deste D. Luis de menes casou com D. Valeria Borges fa de Gil Vte mestre de rethorica del Rey D. Manuel da qual teve a D. Luis, D. Pedro, D. João, D. Constantino, D. Britiz freira em Stos, Soror Elena em Sacavem e D. Ma de meneses*».

[4] Morgado de Tamugem, segundo um dos Linhagistas consultados por Camilo Castelo-Branco.

[5] Eis o traslado que devo ao Ex.mo Sr. A. J. Lopes Lima: «*Dõ Antonio dalmeida viveo na sua qta da Tamuya; fo 1o deste dõ Luis de Menezes, cazou cõ Dona Valeria borges fa de Gil Vtte mestre de retorica del Rey Dõ Manoel, de q ouue Dõ Luis, Dõ Po, Dom João, Dõ Costãtino e a Dona Britis freira em Stos, Sor Ilena freira em Sacavem, e Dona Mariana de Menezes q não casou*». À margem, e por outra letra, há nota relativa à qualidade de Mestre de Retórica, atribuïda a G. V. e diz: «*conforme Gaspar de Faria, e era nal de Guimaraens.*

o título de *Livro de Famílias*, entre várias obras de Damião de Goes, e como obra de Goes (Cota $\frac{1005}{g}$), e isso muito embora, pelo punho de quem começou, alcance o reinado de Felipe III até a morte da raínha D. Margarida de Áustria (1611)![1] E está a p. 98.

A p. 98 do Códice das Necessidades é que o Mestre de Retórica de *D. Pedro V* encontrou, portanto, o seu suposto antecessor: *Gil Vicente Mestre de Retórica de D. Manuel*. Suposto, não verdadeiro[2].

Por humilde que seja êste meu *heureka*, não me arrependo do trabalho que me custou. Por satisfeita me daria se o leitor ficasse persuadido da valia do resultado que o redactor da Nótula relativa a *Gil Vicente, Mestre de Retórica de D. Manuel*, não foi o Cronista. E sobretudo se, sugestionado até hoje pelos preconceitos de D. António Caetano, reconhecesse comigo que Damião de Goes, embora a dura experiência lhe ensinasse que *Veritas odium parit*, seguiu sempre a devisa forte e honesta de *Vitam impendere vero*.

PARTE SEGUNDA

O Latinista

28. Dos três títulos honoríficos com que alguns historiadores modernos da literatura portuguesa pretendem nobilitar o ourives-poeta, é o de *Latinista* que melhor lhe quadra.

Não no sentido amplo de realmente *versado em língua e literatura latina*, mestre na especialidade.

Latinista apenas no sentido assaz reduzido de quem, conhecendo os elementos da gramática latina, é capaz de traduzir e de retroverter textos singelos, e tirou das leituras neo-latinas algumas noções de história, mitologia e arte antiga de Roma.

Longe de, dia e noite, compulsar *in-fólios* medievais, manuscritos

---

[1] O grosso volume (929 pág.), encadernado, tem na lombada um rótulo com a inscrição, a letras douradas, *Varias familias por Dam. de Go.* Na segunda fôlha de guarda diz-se expressamente: *Copia das familias escriptas por Damião de Goes.*

[2] Inútil tarefa seria querer provar que o Mestre de D. Pedro V freqüentava a Livraria das Necessidades. Quem duvidar, folheie o *Breve Resumo*, e encontrará, entre as fontes em que Martins Bastos hauriu notícias genealógicas, o Códice autógrafo de Frei Luís de Sousa (p. 124 e 126), e vá abri-lo e verifique se a p. 214 se fala de Bartolomeu de Paiva como amo de D. João III.

ou incunábulos, o comediógrafo estava familiarizado apenas com os textos do *Breviário*, que, derivados em parte da literatura patrística, mas sobretudo de versões do Velho Testamento hebraico e do Novo-Testamento grego-aramaico, se afastam notàvelmente pelos assuntos, pelas ideas e pela forma dos padrões ciceronianos [1]. *Latim de Igreja.*

Conforme prometi na Introdução, vou dar a prova dessas minhas asserções (fáceis e seguras, mas nunca de antes feitas), reconduzindo à sua fonte, directa ou indirecta, cada um dos trechos latinos com que Gil Vicente salpicou, com mão de semear, os seus Autos sacros e profanos.

Os trezentos e tantos trechos que coordenei alfabéticamente, e tentei comentar [2], são, na maioria, *citações:* versículos do *Cântico dos Cânticos;* dos *Psalmos* de David; de *Hinos* e *Preces;* ditos de *Evangelistas* e *Profetas;* gemidos e suspiros de *Job*, o homem de Hus; mandamentos de *Moisés;* ladainhas e esconjuros semi-litúrgicos, registados em *Devocionários. Latim de Igreja*, conforme já disse. Na minoria são ditos profanos, relativos a praxes astrológicas e supersticiosas. Alguns, da lavra do próprio autor. Bastas vezes propositadamente macarrónicos, saidos da boca de Corregedores, Juizes, Físicos, Frades parvos ou doidos. Estropiadíssimos, quando são pastores, nigromantes, ou Negros da Guiné que os proferem.

Uma única citação é clássica. De Vergílio. Não palavra alada tirada da *Eneida.* Sentença do Bucolista, cujas Églogas já estavam traduzidas para castelhano. Metida numa das farsas de folgar, serve de tema para um humorístico *Sermão de Amor,* prègado na côrte de D. Manuel por um frade namorado, que para êsse fim foi evocado, por artes de feiticeira, do Inferno. Não tomado portanto *a sério.*

Omnia vincit Amor, ou com inversão das partes do discurso *Amor vincit omnia. A tudo vence o amor.* Eis todo o pecúlio clássico de Gil Vicente.

¡Mais nenhuma das centenas de palavras aladas, formosíssimas, quer de Vergílio, quer de Homero, Marcial, Ovídio, Juvenal, que desde o Renascimento são património comum das camadas cultas verdadeiramente humanizadas dos bons Europeus!

A maior parte das frases latinas (230) encontra-se, por isso mesmo, nos *Autos de Devoção* (17) [3]. Só uns trinta ocorrem nas quatro

---

[1] Dos *Livros de Horas,* e das *Bíblias*, que Gil Vicente teve ensejo de ver na côrte de D. Manuel, direi alguma coisa na Parte III.

[2] Contando as repetições, o número seria ainda maior.

[3] São dezasete, contando-se como peças independentes o *Monólogo do Vaqueiro,* e o *Auto da Ressurreição* com que finda a *História de Deus.*

Comédias [1] e dez Tragi-comédias. Cento e tantas, nas doze Farsas, e nas obras miudas [2].

29. A proporção de *uma* citação *clássica* para trezentas e tantas *litúrgicas*, é um argumento positivo, irrespondível. Para a reforçar alegarei outros cinco ou seis.

1.º) Os únicos poemas, cuja redacção latina Gil Vicente nacionalizou, são bíblicos, como o Psalmo (L) *Miserere;* ou litúrgicos, como o hino mariano *Oh gloriosa domina.*

2.º) Do estado imperfeito de muitas das citações, assim como das deturpações de nomes-próprios da Antiguidade, irão aparecendo amostras significativas nas páginas seguintes. Por ora baste notar que a um verdadeiro Latinista teria repugnado o alterar textos, adulterando-os, mesmo propositadamente, brincando.

3.º) Na vida de Gil Vicente, como hoje a encaramos, na vida do *Trovador e Mestre da Balança* portanto, nascido provàvelmente em 1465, há tempo mais que suficiente para êle haver cursado Universidades, e ensaiado diversas carreiras antes de, em 1502, se manifestar poeta-cómico e censor áulico [3]. ¡Todavia, nada mais! Nem uma notícia há a respeito de estudos regulares, quer de direito [4], quer de teologia [5], absolvidos em Lisboa, Salamanca, Paris, Lovania, Bolonha,

---

[1] No *Index do Livro Segundo* registam-se na edição de 1834 apenas três Comédias. Por lapso falta a *Floresta de Enganos.*

[2] Essas, que constituem o Livro V, são catorze. A última composição *Sôbre a Sepultura de Gil Vicente* (acrescentada, salvo êrro, pelo filho, ao *Cartapácio original do pai*) consta todavia de duas parcelitas: o verdadeiro epitáfio, de só quatro versos, e oito versos, tècnicamente não ligados à quadra, que a caveira, insculpida na suposta lousa, como o curioso pode verificar na obra de Braamcamp (p. 243), dirige aos visitantes do túmulo. Oportunamente mostrarei que êles são tradução livre de um original italiano. Separando as duas composições, temos quinze. Dezasseis, se juntarmos o *Parecer* de Gil Vicente no *Processo de Vasco Abul* (*Canc. Geral*, f. 209); dezassete. se depositarmos fé no seiscentista anónimo que, arremedando Gregório Afonso, publicou, como produção de Gil Vicente, uns *Arrenegos* do Barqueiro do Inferno.

[3] ¡ *Court-jester, merrymaker (marramaque), chocarreiro, truão, histrião* da côrte de D. Manuel! Bem sei quanto se pode dizer a favor dessa classificação adoptada por notáveis críticos. A mim repugna-me empregar essa designação, que, em regra, tem valor depreciativo: tal é a admiração e afeição que dedico ao poeta do *Auto da Alma* e das *Barcas.*

[4] Os passos em que Gil Vicente mostra melhor algum conhecimento da terminologia jurídica, são os contidos no *Processo de Vasco Abul* (*Canc. Geral*, III, 535).

[5] Lido na Bíblia, ou, pelo menos, nas parcelas líricas e nas *Lições* do Breviário, isso sim. Mas *homem leigo*, conforme êle próprio assentou na Epígrafe do *Sermão* que prègou em Abrantes (III, 334).

Padova, Siena. Nem uma reminiscência, em obras suas ou alheias, de tais cursos regulares, indispensáveis ao Latinista, e em regra assaz extensos e laboriosos.

4.º) Para o irmão de um *Topa-no-muro*, de Guimarães, criado na Beira, segundo todas as aparências, e que brilha como mestre na arte de ourivesaria, protegido pela Raínha D. Leonor e seu irmão o Rei D. Manuel, e cinzela, de 1503 a 1506, a sua obra-prima (aquela *Adoração dos Apóstolos*, que se chama a *Custódia de Belém*), o mais indicado é julgá-lo endoutrinado por um bondoso padre de aldeia, entusiasmado com os múltiplos talentos do genial rapaz e a sua ânsia de saber e aprender tudo [1].

Levado pela gratidão e sua profunda religiosidade, talvez ajudasse a êsse padre nos serviços cultuais, compenetrando-se cada vez mais da beleza da liturgia quando na capital ia aprendendo o seu ofício, fabricando turíbulos e cruzes, e guarnições de Bíblias, Breviários, Crónicas, e Cancioneiros, lendo, lendo, lendo em todas as horas vagas os textos sagrados e profanos, latinos e neo-latinos, a que pôde meter mão, adquirindo pouco a pouco algumas noções de teologia, jurisprudência, medicina, história, astrologia, cosmografia.

Se realmente fôsse Latinista, exercia essa sciência [2]. Escrevia Dedicatórias [3]. Compunha Epigramas, Epitáfios, Epicédios, Epitalâmios. Trocava cartas com outros Humanistas. Numa palavra: arredondava períodos ciceronianos e escandia hexâmetros.

Mas nem um só verso latino saiu dos bicos da sua pena. Nenhum sabedor de humanidades, nacional ou estrangeiro, dirigiu-lhe Epístolas. Nenhum menciona o seu nome. Nem Cataldo, nem Clenardo. Não o elogia Pedro Sanchez na Epístola a Inácio de Morais. Nem tão pouco Estêvam Cavaleiro, ou Resende na *Oração de Sapiência*, onde enumera os entendidos na língua latina, que a podiam ensinar.

---

[1] Cfr. § 26. A comparação de *Gil Vicente* com o *Gil Terron*, do *Auto Pastoril Castelhano*, que assombra os companheiros com os seus conhecimentos, adquiridos ninguém sabe como, é do benemérito Vicentista *Aubrey A. G. Bell*.

[2] Os Vicentistas que acreditam no Mestre de Retórica responderão que exercia a sua arte ensinando o Sr. D. Manuel. ¿ Mas onde estão os Mestres régios que não escreviam e publicavam ao mesmo tempo ? ¿ quer alternadamente em latim e neo-latim, como outrora Dante, Petrarca, Boccaccio, Poliziano, e entre nós, no tempo de D. João III, Resende, Goes, etc. ? ¿ quer exclusivamente na língua do Lácio, como Erasmo, que tinha em conta de bárbaros os idiomas vulgares, e dos nove anos em deante não mais se servia da língua materna, precisando, por isso, que lhe traduzissem livros germânicos, cujo conhecimento desejava. Cfr. § 10.º, Anot.

[3] Há duas Dedicatórias de Gil Vicente: a da Tragi-comédia de *D. Duardos*, e a da *Copilação* inteira. Mas ambas, dirigidas a D. João III, são portuguesas.

O silêncio de Goes é mais significativo ainda, assim como o seu nome não figurar no enorme Epistolário de Erasmo [1].

João de Barros, Fernão de Oliveira, Garcia de Resende, elogiam apenas a sua graciosa elocução vernácula.

E o único Humanista nacional que o exaltou numa obra latina, métrica, o já citado Eborense André de Resende, não fere outra nota no *Genethliacon* de 1532, em que descreveu a representação do *Jubileu de amores*, em Bruxelas. Digam o que disserem os que não compreendem que um não-latinista fôsse glorificado em latim, Resende não afirma que *Gillus Vicentius* teria sido capaz de escrever comédias e farsas na língua de Plauto [2]. O que assevera é o seguinte: «Se em lugar de redigir em romanço vulgar os seus Autos todos, os houvesse escrito em latim, na língua *comũa* do mundo culto, teria ganho renome não inferior ao de Menandro na Grécia, ultrapassando ainda a graça maliciosa e o sal ático de Plauto, e a lepidez dos escritos de Terêncio:

> qui si non lingua componeret omnia vulgi
> et potius latia, non Graecia docta Menandrum
> ante suum ferret nec tam romana theatra
> plautinosve sales lepidi vel scripta Terenti
> iactarent... [3]

5.º) A superioridade da língua latina, comparada com as línguas românicas e germânicas, apregoada não sòmente pelo Eborense, mas por todos os Humanistas [4], deu origem a anedotas, internacionais.

Numa delas, referida a Gil Vicente, com ou sem direito, narra-se que el rei (ponhamos D. Manuel), depois de haver assistido à representação de uma comédia, dirigira ao autor o agridoce louvor «que houvera de ser um grandíssimo homem... *se fòra latino*». E am-

---

[1] Já denunciei diversas vezes o carácter fabuloso da afirmação que o Patriarca do Humanismo, que afoitamente combatia o Escolasticismo e os Obscurantistas, aprendera português afim de poder apreciar Gil Vicente. Conheceria o nome e a fama dêle pelos versos de Resende, e por explicações verbais de Damião de Goes, quando muito.

[2] O cognome de Plauto português deriva, a meu ver, dos versos de Resende.

[3] Vid. *Nota Vicentina I*, p. 17.

[4] Sciente de que outro poeta cómico peninsular, o culto clérigo Bartolomé de Torres Naharro (ao qual logo me terei de referir no texto) teria sido capaz de redigir farsas latinas, é que o Humanista francês Barbier de Orleans disse dêle ao notável impressor Badius Ascensius o seguinte: «Bien hubiera podido este con grave estilo escribir en el idioma del Lacio las presentes comedias, pero ha querido llevar-se el loro de ser el primero en componerlas en lengua vulgar, hoy muy preferida de los principes *(quae satis hujusce temporis principibus placent)*».

plia-se a conversa do modo mais inverosímil, aproveitando primeiro outra espécie — a de o poeta não ter ceitil — expressa na réplica *¡ Que muito mais fôra, se fôra rico!* e em segundo lugar a tréplica grosseira do monarca: *¡ E muito mayor, se as uvas se colhessem em agraço!* [1]

6.º) *¡ Se fôra latino!* Por não ser latino — dizem — não o levou D. Manuel em 1498 a Zaragoza. Por não ser latino, não foi como secretário, na famigerada expedição de Tristão da Cunha, a Roma [2], cujo solo sagrado cada Humanista e cada artista ambicionava, e ambiciona, pisar.

3o. Com o intuito de pôr em destaque o soberbo nacionalismo de Gil Vicente, ou seja o seu génio puramente peninsular e a popularidade da sua veia, e para tornar provável que, por ser de extracção humilde e não se haver formado em Universidades, desprezava as tendências cosmopolitas dos Latinistas e Humanistas, e tendo o coração e o intelecto saturado das glórias portuguesas, só brincando e de remoque tratava de antigualhas latinas e joguetes arqueológicos [3], e talvez nunca sonhasse o sonho italiano que arrastava outros génios do seu tempo; persuadida de que na sua memória soavam mais vezes ditos de indignação lançados contra a Roma de Leão X, onde o Deus *trino* se transformara em *quattrino*, do que o cântico muitas vezes secular dos romeiros medievais

Oh Roma nobilis
Orbis es domina,
Cunctarum urbium
Excellentissima...

e também porque pertence ao Capítulo dos Latinismos, vou dedicar

---

[1] Encontra-se numa Miscelânea Manuscrita da Tôrre do Tombo, epigrafada *Memorias de ditos e sentenças dos Reys*, etc. ¡ Descoberta por Pedro de Azevedo, foi publicada por T. Braga (*Gil Vicente*, p. 199 e 201), que deduz dela certa má vontade del rei D. Manuel contra ... o seu antigo Mestre de Retórica!

[2] Quanto a Garcia de Resende, que acompanhou o monarca a Zaragoza, e foi a Roma, êle era antigo escrivão da puridade de D. João II, coleccionador e poeta do *Cancioneiro Geral*, autor da *Vida del rei* e da *Miscelânea sôbre os acontecimentos do seu tempo*, fidalgo da Casa del rei: pessoa grata e, salvo êrro, representativa. — Quanto aos conhecimentos eruditos, êle classifica-se a si próprio como *sem letras e sem saber*. — Como orador foi, de resto, em 1514 o eloqüente Diogo Pacheco, conforme ficou dito mais acima.

[3] Os dois dizeres dêle que popositadamente revelei na primeira página desta *Nota Vicentina*, são, como é preciso memorar, da *Comédia sôbre o brasão de Coimbra* e da *Exhortação à Guerra*.

aqui uns breves períodos aos dois principais dramaturgos coevos de Gil Vicente, que influiram nele e como êle cultivaram a moda de intercalar partes latinas nas suas composições, cada um de modo assaz diverso.

31. Por Juan del Enzina e Bartolomé Torres Naharro serem Latinistas e clérigos beneficiados, com longa residência na capital do orbe católico, esses não tem o forte *goût du terroir* que tão vantajosamente distingue o Português. Nem possuem o seu espírito observador das realidades. Nem possuem o talento plástico do poeta-ourives, devido ao qual êle esculpiu a variadíssima galeria de figuras vivas que povoam os seus *Autos*.

Enzina (1469-1529), o peninsular *que o pastoril começou*, precoce e mais músico talvez do que poeta (e por isso o melhor e mais fecundo autor de *villancicos*), estudara Humanidades em Salamanca com o iniciador Nebrixa; servira como músico e representador no castelo-palácio dos Duques de Alba; pertenceu em Roma à capela pontifícia; recebeu ordens em Jerusalém, e depois de uma vida assaz leviana, foi provido num canonicato em Málaga, e um priorado em Leon. Dos catorze aos vinte e cinco anos composera um *Cancioneiro* lírico-dramático [1] (impresso em 1496); vertera, *trovando*, as mais belas rezas e os principais Hinos da Igreja, fluentemente, mas sem o ímpeto apaixonado de Gil Vicente [2]; e inventara seis Églogas ou Representações (do Natal, da Páscoa, do Entrudo), duas das quais são festivas, de amores profanos. E dera um passo novo e largo, caminho do Renascimento, nacionalizando em redacção parafrástica as dez Églogas de Vergílio, aplicando-as aos reis católicos, seu malogrado herdeiro (o Príncipe D. João), e o igualmente cortado antes de maduro Príncipe de Portugal, D. Afonso, único fruto do enlace de D. João II e a Raínha D. Leonor [3]. Influenciadas pelo gôsto italiano são as últimas criações dramáticas dêle, alegórico-trágicas: a Egloga de *Cristino y Febea* e a de *Placida y Victoriano*,

---

[1] A notação musical de sessenta e oito poesias líricas de Juan del Enzina conserva-se, e foi publicada no *Cancionero Musical de los Siglos XV e XVI* (por Barbieri, Madrid, 1890). Infelizmente não há reimpressão integral dos textos de 1496, aumentada com os que sairam em edições sucessivas de 1501, 1505, 1507, 1509, 1512, 1516. Só do *Teatro Completo*. Madrid, 1893.

[2] O *Pater Noster — Credo — Ave Maria — Salve regina — Ave Maris Stella — Magnificat — Nunc dimittis — Te Deum laudamus — Vexilla Regis prodeunt — Quem terra pontus aethera* — e o *Miserere* foram reimpressos em diversas *Florestas* e *Antologias* (Boehl de Faber, Menendez y Pelayo).

[3] Foram reimpressas no Vol. VII da *Antologia*.

escrita, impressa e representada em Roma (1514). É sobretudo nessa que emprega o processo da introdução de versículos latinos nos metros castelhanos. Principalmente numa *Vigilia* que é uma monstruosa paródia das preces pelos defuntos [1]. Na Égloga de *Cristino y Febea* dançou-se e tocou-se um *som* dos do *Bom Jesus de Braga*. E êste traço, secundado pelo plano de virar costas à pátria, por não ter sido nomeado Mestre de Capela da Catedral de Salamanca como pretendera, conforme confessa numa cantiga com o refram *A Estremo quiero pasar* [2], leva-me a conjecturar entrasse em Portugal, afim de tentar fortuna na Côrte de D. Manuel (1498), onde havia mais de um músico e mais de um chocarreiro de Espanha. Se realizou o plano, e se em Portugal se encontrou com Gil Vicente e Garcia de Resende, será difícil de apurar. Em todo o caso, influiu nas obras primeiras do Poeta-Ourives [3].

32. Quanto a Torres Naharro, clérigo da diocese de Badajoz, basta o título pedantescamente pretencioso que deu às suas obras métricas, em 1517: *Propalladia (= Primicias ou Primeiras Coisas de Minerva)*, para atestar que estudara Humanidades [4]. Como homem de teatro elevou o drama a maior altura do que Enzina (o qual parece ignorar). Distinguindo entre *comédia* (realística) *de notícias* e idealista, *de fantasia*, ora alegórica como a *Trofea*, em que glorifica a D. Manuel e os feitos lusitanos, ora cavalheiresca, divide todas em cinco actos *(jornadas) como Horácio quer;* antepõe-lhes um argumento ou Introito; entrelaça intrigas (com habilidade na *Himenea*); e esboça caracteres.

---

[1] *Teatro Completo*, p. 404.

[2] *Cancionero Musical*, N.º 382. Cfr. p. 30.

[3] Depois do *Cancionero Musical* (1891), do *Teatro Completo* (1893), obras precedidas de um artigo de F. Wolf (1853), traduzido em 1896 por Unamuno, e da *Antologia* (Vol. VII, 1898), sairam diversos estudos suplementares: Eloy Diaz Jimenez y Molleda, *Juan del Encina en Leon* (1909); Rafael Mitjana, *Cancionero de Uppsala* (1909); Id., *Nuevas Notas al Cancionero Musical* (1918); Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Nótulas a respeito de Juan del Enzina* (1918); Alfredo Alvarez de la Villa, *El Aucto del Repelon* (1919).

[4] Foi em Nápoles que êle publicou a *Propalladia*, e não em Roma (onde Torres Naharro estivera pelo menos desde 1518, e de onde talvez o afastassem as diatribes que fulminou contra a Curia (sobretudo no seu *Capítulo* III). Dedicada ao Marquês de Pescara, o valente esposo de Vittoria Colonna, tem privilégio de Leão X, que chama *filius delectus* ao poeta, e como carta de recomendação a Epístola latina de Barbier d'Orléans ao impressor Badio Assensio a que já me referi, assim como uma Sextina *(Hexastichon)* de João Murconio. A impressão moderna (de 1880), em dois volumes, vai acompanhada de um notável estudo de Menendez y Pelayo.

Poliglota, utiliza cinco línguas neo-latinas nas scenas da muito romana *Tinelaria*, e na *Serafina*; emprega bastantes italianismos; redigiu diversas bagatelas bilingües, do género da quadra latino-castelhana:

Traidor, que a tantos desplaces
cum iniquis phariseis
pues que tal barato haces,
dic Juda ¿ quid das Judaeis ? [1]

e mesmo em endecassílabos como os do Soneto latino-italiano:

Laudate, pueri, dominum, laudate
Benedetta per voi la sua mente [2].

Escreveu em metro lírico moderno (o das Coplas de Jorge Manrique) a curiosa confissão de amor, de um padre apaixonado:

Cum te solum preter Deum
Colat in citharis suis
Vox orfea,
Intende clamorem meum:
Auribus percipe tuis
Verba mea [3].

Nas suas farsas há scenas inteiras, picarescas, em que um dos interlocutores fala sempre latim, ao passo que os outros lhe dão a réplica em castelhano. Na *Serafina* é o ermitão Teodoro que profere maldições em diversos idiomas, declarando

si mis versos tienen pies
variis linguis tiren coces;

e se serve em seguida com predilecção do idioma latino; e a par dêle o escolar Gomes, seu criado, que, mais que néscio, chora e suspira, macarrònicamente:

Maneo solus in boscorum
sicut mulus sine albarda,
Mortis mea non se tarda
propter meus peccatorum [4].

---

[1] Vol. I, p. 123. Mote audaciosíssimo, se o clérigo castelhano se referia ao Pontífice.

[2] *Ib.*, p. 127.

[3] *Ib.*, p. 41. No respectivo *Capítulo* IV, alternam estrofes latinas *(impares)* com castelhanas *(pares)*.

[4] *Ib.*, p. 146.

Se Gil Vicente empregou o poliglotismo como efeito cómico, antes de 1517, o que está por demonstrar, aprendeu de Torres Naharro outras coisas, como p. ex. a dar vida e elasticidade à oitava castelhana, dividindo-a em duas metades e entremetendo entre ambas um pé quebrado [1].

32. Quanto à moda de mesclar línguas, ou antes, de entremear textos modernos com frases latinas, ela não é, de modo algum, invenção dos três, muito embora fôssem naturalmente os primeiros que a empregassem nos palcos peninsulares. Nesse ponto, nenhum dêles aprendeu dos outros. Nem os castelhanos a aprenderam dos italianos. Ela é tão antiga como as literaturas modernas. E nasceu espontâneamente onde imperava o catolicismo de Roma; sobretudo entre os semi-eruditos: Escolares, Goliardos, Clérigos vagantes, Mimos e Jograis.

Um inglês, formado em Paris, cantava p. ex. no século XIII:

Dum ludis floribus velut lacinia
Le dieu d'amour moi tient en tiel *angustia;*
Morir m'estuet de duel et de *miseria*
Si je ne l'ay *quam amo super omnia* [2].

Cá tivemos na mesma época o trovador Airas Perez Vuiturom (o grande abutre), letrado sem dúvida, que, increpando num sirventês enérgico os traidores que deram os castelos de D. Sancho II ao Bolonhês, *como não deviam,* narra com feroz ironia como êles desculpavam a sua deslealdade [3], alegando versos bíblicos em cada estrofe; dez ao todo, dos quais um, pelo menos, foi aproveitado também por Gil Vicente [4].

No tempo de transição, representado por Macias o Namorado, (no

---

[1] Na Parte IV, sôbre o Poliglotismo de Gil Vicente, terei de voltar naturalmente ao assunto, e também ao saber português de Torres Naharro.

[2] Vid. Wright, *Specimens of Lyric Poetry*, p. 64.

[3] *Canc. do Vaticano,* 1088, com o refram sobreposto

A lealdade de Bezerra pela Beira muito anda.
Ben é que a nossa vendamos, pois que no'-lo papa manda.

Cfr. 1089 e C. M. 235. Nessa Cantiga de Santa Maria, muito pessoal, há a seguinte comemoração dessa deslealdade inaudita

Nunca assim foi vendudo Rey D. Sanch' en Portugal!

[4] *Centuplum accipietis.* J. J. Nunes já indicou na sua *Crestomatia Arcaica* a fonte de algumas das dez citações latinas.

Cancioneiro de Baena) e na segunda época, a dos Cancioneiros Gerais, não são tanto os cultiparlas do pequeno Renascimento como Mena e Santillana, são antes os mais românticos como Garci Sanchez de Badajoz, e na colecção portuguesa Diogo Brandão e Luís Anriques, que documentam com ingénua vaidade o seu saber latino [1]. Mais do que em qualquer outro género é todavia no Auto popular que a mescla de idiomas e a ostentação latina serve para efeitos de contraste na primeira metade do século XVI [2].

No púlpito, tanto na recitação de Sermões verdadeiramente devotos, como nos de prègadores da moda, abundaram as citações latinas e neo-latinas, sacras e profanas, durante séculos, a ponto tal, que Fray Gerundio de Campazas estabeleceu rindo a regra que, em abono de ideias suas, cada sermonário podia alegar (sem documentação) quantos ditos lhe acudissem à memória, atribuindo-os a quem quisesse. Baste recordar os *Clercs de la Bazoche*.

Em Cartas familiares, claro que tão pouco faltam sentenças latinas, a par de provérbios nacionais [3].

Em verdadeiras obras de arte, estilizadas segundo preceitos de Aristóteles e Horácio, e posteriores ao regresso de Sá de Miranda da Itália, o costume deixou relativamente poucos vestígios.

33. A comprovação de que a maior parte das trezentas e tantas parcelas do *Catálogo alfabético* são latim da Igreja, latim do Breviário, versos e versículos de textos litúrgicos, basta para Gil Vicente ficar caracterizado como *Latinista não-humanista*. Mas não basta para o leitor formar ideia cabal do que o poeta cómico com seu génio inventivo e independente fez do relativamente pouco latim que sabia, e sabiam os modelos vivos que retratou. Examinando as parcelas não-litúrgicas do discurso livre e familiar (prosaico, embora metrificado) que aparecem, quer como ditas pelo próprio autor, quer atribuidas a personagens teatrais, por êle criados, é que teremos de apurar até onde se estendia, e de que quilate era êsse saber. Sobretudo nas falas dos que são tirados do natural, mas também nas das entidades de fantasia, alegóricas, mitológicas, históricas, visto como mesmo nessas o grande artista plástico reproduzia a vida do povo a que pertencia.

---

[1] Cataloguei quantas frases latinas há no *Cancionero de Baena* (1350-1420), no *Musical* (1450-1520), no *General* (1511), e no *de Resende* (1516).

[2] Bastaria para o provar, além da lista vicentina, a da Colecção *Rouanet*.

[3] Na *Revue Hispanique*, XXXI, 445, há um bom exemplo. Em uma das Cartas de Luís de Camões há *latet anguis — in vanum laboraverunt — fustibus et gladiis — Ingrata patria:* duas bíblicas e duas clássicas portanto.

Em parte sôbre-humanos, celestes e infernais, na maioria humanos, de diversíssimas camadas sociais, e por isso de cultura e estética muito diferençada, claro que essas personagens teatrais dão também nas frases latinas que proferem expressão ora a pensamentos pios e poéticos, ou de sabedoria popular, ora a graçolas e chocarrices, alegres e rudes. E quanto à redacção, umas são *correctas;* outras *incorrectas;* bastantes, *estropiadas;* diversas, *macarrónicas.* As últimas três categorias estão cheias de erros de gramática a ponto tal que merecem a qualificação depreciativa de *latinório* [1], ou mesmo de *latim bárbaro,* como o dos documentos públicos medievais.

Em cada caso, claro que a espécie empregada é em regra PROPOSITADAMENTE ESCOLHIDA, *com discernimento artístico, conforme os fins imediatos do dramaturgo* [2].

As partes litúrgicas, citações bíblicas ou de hinos e rezas, são gramaticalmente correctas e conservam toda a sua pristina beleza, sempre que é a sério e com fins edificantes que Gil Vicente as introduz nas suas obras — cantadas ou recitadas, com música de órgão ou de violas, por inteiro, ou apenas apontadas, por Anjos, Arcanjos, Patriarcas, Doutores da Igreja, Evangelistas, o Psalmista, Grandes desta terra, mas também devotos humildes, em autos hieráticos, de capela. Menos vezes nos Autos pastoris, do Natal, do que nas *Moralidades* e nos *Mistérios,* de missão doutrinária, como a *Barca da Glória,* a *Sibila Cassandra,* a *História de Deus,* o *Auto da Alma,* a *Cananea,* nenhuma das quais tem *intermezzos* rústicos.

Podem todavia aparecer *parodiadas,* em farsas de folgar, em especial em bufonadas de carnaval, representadas nos *Serões.*

Sirva de exemplo a Oração dominical. No último dos autos citados, o próprio Jesus ensina-a e explica-a aos Apóstolos (I, 365–366). Pura e inalterada torna a aparecer, rezada com devoção, por aquele honrado e rico *Velho da Horta,* que se apaixona por uma linda moça [3]. Horrìvelmente mascavada, sai, pelo contrário (como *Pato tosso*) [4],

---

[1] *Latinaccio,* em italiano; *latin de cuisine,* em francês; *Küchenlatein,* em alemão; *monks latin, apothecarys, l., dogs, l.* ou *boy-latin,* em inglês.

[2] Não são Flerida e Oriana que se servem de *Deo gratias* e *Dominus vobiscum.* — D. Duardos dirige o usadíssimo *memento mei* (*mamento* na boca de rústicos) à dama que adora.

[3] Vol. III, p. 64. Entremetida em versos portugueses que também são dignos e sérios na intenção:

Pater noster criador
Qui es in coelis poderoso
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor
Nos ceos e terra poderoso.

[4] Vol. II, 334.

dos beiços do Negro boçal da Guiné, e da bôca da figura cómica do pouco escrupuloso *sportsman* que é o *Clérigo da Beira* (III, 244) [1].

Incorrecto, embora em grau muito diverso, e de feitio mais ou menos risível, é o latinório dos *Físicos* (III, 311) que assistem ao Clérigo namorado; o do *Corregedor*, cujas injustiças o levam à Barca do Inferno (I, 235-240); o de *Mercúrio*, que, como estrêla do céu e deus das mercadorias, no *Auto da Feira*, tinha obrigação de saber línguas (I, 153-156); o *frade*, que, evocado do Inferno, prèga o sermão de amor sôbre o tema vergiliano (III, 104); o *semi-tonto*, que, fingindo de erudito, torna jocosa a sua enfadonha lista de livros e nomes, só pelos erros que comete (III, 100-102) [2]; o do *estulto*, que escreveu na parede do paço de Abrantes *Non volo*, em vez de *Nolo* (III, 335); o de *Pero Marques*, o pretendente simples de Inês Pereira, erguido a Juíz (III, 168) [3]. Poderia citar ainda muitos outros; em géneros profanos, ou sacro-profanos, naturalmente.

Também é nesses que se encontram as frases *estropiadas* por analfabetos, tão facetamente que às vezes me custou adivinhar o original, como no *quinque vulto salmus es* e *entres natos mulieres* da feiticeira que protege a Rubena e Cismeninha (II, 2); e em dizeres de Negros da Guiné, e de diabos burlescos (III, 244 e 246).

Ego latinus macairos proclama o Parvinho da *Barca do Inferno*. E *macarronices* são, positivamente, as frases com que, ousado, increpa os *homens dos breviairos*, exclamando

> *rapinastis coelhorum*
> *et pernis perdigotorum*
> .....
> *beleguinis ubi sunte?* [4]
> (I, 239).

O mesmo processo de juntar arbitràriamente terminações flexivas latinas a temas neo-latinos, imita-o o próprio arrais do Inferno, dirigindo ao Corregedor duas vezes o convite

> *imbarquemini in batel...*
> *imbarquemini in barco meu*
> (I, 237 e 239) [5].

---

[1] Outro exemplo, mais esdrúxulo ainda, é o *Salve Regina* do mesmo Preto.

[2] Nos fragmentos de rezas e hinos que menciona (I, 104), não há erros.

[3] *Pote* por *potest* (em rima com *cote*). Mas *potest*, I, 236. Peço perdão de tanta exemplificação. Mas pretendendo ser concisa, não desejo ser superficial.

[4] Em rima com *ponte*.

[5] Creio que os começos dêsse sistema humorístico são muito mais antigos do que se pensa, muito anteriores à exploração literária do Paduano Tifo delli Odassi e Teofilo Folenghi (Merlim Coccaio), tão belamente imitados por Villaviçosa, Ra-

Outra maneira de latinizar, empregada pelo comediógrafo português, mas cujo inventor seguramente não é, consiste em acumular vocábulos em si correctos, mas completamente desconexos. Uma série é enunciada pelo Doutor Justiça-maior da *Floresta de Enganos* (II, 155), extraída, segundo as ironias do poeta, dum Livro de Leis: *¡Princeps os sui me nova per delegantem per novaciones antiquaque!* [1] Outra série é do frade-prègador, namorado, da *Mofina Mendes: ¡Nolite vanitatis debemus confidere de his qui capita sua posuerunt in manibus ventorum* (I, 100)! Geringonça pior do que o *Zeb zeberet zeb zemeni* cabalístico de feiticeiros e nigromantes, exactamente por ser pretenciosa, e juntar conceitos a conceitos, incompatíveis entre si. A comparar com *navis graves seps dipa unus infans virgo coronat* de *Celestina*.

34. Antes de tirar as conseqüências, devo notar ainda, que, mesmo nos passos latinos que chamo *correctos*, há às vezes pequenas irregularidades que são outras tantas alfinetadas para o verdadeiro Latinista. Fonéticas e gramaticais, são provocadas pelas exigências do metro e da rima, e, salvo êrro, em parte, imitações da deficiente pronúncia e acentuação latina da idade-média.

Abstraindo de grafias imperfeitas (como *etcetra, abeterno, seculum;* e de *gracia, abinicio, ascentionis*), há bastantes exemplos da supressão de *m* final como desinência do acusativo clássico, realizada, conforme todos sabem, no *sermo rusticus*, e continuada nas línguas românicas [2]; assim como da queda do *t* das terceiras pessoas de verbos [3]. O latim *memento mei* consoa com *sei* (I, 237); *anima Criste* (por *Cristi*) rima com *triste* [4]. Acentua-se *venĕris* por *venĕris; itĕn inĕn fidĕn* por *item ignem fidem* [5], etc. etc.

Em certos casos pode-se hesitar sôbre se uma palavra era latina

---

belais, Molière e o Ferrão do *Palito Métrico*. Quando ouço, assombrada, como alunos e alunas formam étimos (como *penetum, andare, ganeare*, penso que a regra *qui nescit motos eos forgere debet* provém das Escolas, e já foi empregada pelos clérigos alegres da *Bazoche*.

[1] ¿ Despido do talar, êsse Legista era todavia capaz de suspirar *dulcis amor quid me vis* ?

[2] Há *gloria* por *gloriam* (III, 546); *peccante(m)* (I, 206); *vita* (I, 282); *misericordia* (I, 301); *via* (I, 112); *patria sua (ib.); per quam regula* (III, 101); *taedet anima mea* (I, 284); *honorate deo vestro* (II, 308).

[3] Ocorre *es* por *est* (I, 231); escrito *est*, mas em rima com *des* (I, 98); *dat* em rima com *ja* (III, 168); *sorrexe* por *surrexit* (II, 22).

[4] Vol. III, 23. Cfr. *eduxiste*, I, 233 e 325.

[5] No sirventês do *Cancioneiro do Vaticano*, que acima mencionei (N.º 1088), há *quidquam (quicam)* em rima com *ficam*.

ou neo-latina na intenção do poeta [1], uma vez que a mescla de ambos os elementos no mesmo verso não é nada rara. Igualmente é lícita a suposição que não poucos erros sejam meramente tipográficos [2].

Nos passos *incorrectos* são especialmente freqüentes as infracções contra as leis sôbre os casos regidos por preposições [3].

Finalmente cumpre olharmos com atenção para as proposições que Gil Vicente enuncia em seu próprio nome.

¿ Proposições ? Infelizmente há uma única. É a que serve de prefácio ao curiosíssimo *Sermão* prègado por êle (em hábito de padre, embora fôsse homem leigo), na noite do nascimento do Infante D. Luís [4], perante el-rei D. Manuel e os da sua côrte, que, fugidos da peste, estavam em Abrantes [5]. Afim de explicar por que motivo escolhera para tema da sua conferência metrificada a tripartida afirmação *Non volo; volo; et deficior* [6], redigiu a oração: *Habentur verba ista originaliter in pariete istius aulae quae scripsit aliquis stultus* (III, 355) [7].

De construção regular, ela não é nenhum modêlo de elocução. Além dessa, há quatro prosas no *Auto da Feira*. ¡ Mas atribuídas a Mercúrio, e assaz defeituosas, não emparelham com a que registei !

Ouça-as quem tiver ouvidos de Latinista:

¡ Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae, secundum Joannes Monteregio !

Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer, Capricornius positus in firmamento coeli.

Sequuntur mirabilia Jupiter Rex regum, dominus dominantium.

---

[1] P. ex. *gracia.*

[2] Penso em *putredine* por *putredini* (I, 295); *conturbas* por *conturbat* (I, 325); *judica* por *indica,* (I, 281). Claro que por ora ignoro se êsses e outros erros existem apenas nas edições modernas ou também na edição-príncipe. A edição fac-simile, planeada pela Biblioteca Nacional, dar-nos há a resposta.

[3] *Cum dolores* (III, 311); *super trinitas; d'alphabetus; de virgo ascentionis; de consolationis*; *de secreta secretarum* (I, 101).

[4] A 3 de Março de 1506. Vid. Goes, *Crónica,* I, Cap. cv.

[5] A Raínha D. Leonor, para a qual o *Sermão* fôra composto, estaria na câmara onde jazia a Raínha D. Maria, sua cunhada.

[6] Eu julgo que o tema lhe seria quási imposto por detractores que duvidavam da sua originalidade, como posteriormente o provocaram a tecer uma comédia em volta do provérbio *Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube.*

[7] O provérbio diz *Parede caiada, papel de loucos,* ou *Narrenhände beschmieren Tisch und Wände.* Mas no que dizem os loucos há às vezes filosofia profunda. Gil Vicente achou-a em *Non volo.* E eu tentei igualmente encontrá-la em *Não quero, quero; todavia desfaleço,* que me parece ser o equivalente de: *o espírito está pronto, mas a carne desfalece.*

Et quantum ad duodecim domus Zodiacus sequitur declaratio operationem suam [1].

Há pouco presenciei o horror e espanto com que um jovem Latinista alemão ouviu essas redacções, ignorando, na verdade, que tais *bambochatas* de um comediógrafo genial servem de epígrafes a Perogrulladas cómicas e picuínhas contra os astrólogos de 1521.

O propósito de apresentar uma estrêla do céu e o deus das mercadorias como ignorante é todavia pouco provável.

35. Concluo que, se há erros voluntários nos Autos de Gil Vicente, mesmo dos que os escolares chamam de palmatória, há igualmente neles defeitos *inconscientes*, descuidos ou desleixos.

Respeito pela gramática, só o provou o poeta (a custo, se me não engano) quando lhe importava passar por sabedor da especialidade, como no *Sermão*, prègado em 1506, e nas *Moralidades* [2].

Desrespeito, e mesmo certo desprêzo, da pedantaria dos *homens de bom saber*, julgo reconhecê-lo em várias scenas de comédias e farsas e Autos sacro-profanos.

Possível é, ainda assim, que, ao todo, o poeta possuísse mais conhecimentos do que mostrava. Todavia não chegavam aos frutos dos estudos de Enzina e Torres Naharro (intencionalmente o repito), os quais apenas merecem o título de *Humanistas primitivos*, que os mais conspícuos e discretos críticos propuseram também para o fundador do teatro português [3].

A fama de êle ter sido «um grande e notável Latinista» (Sousa Viterbo); «sabedor das Humanidades» (Vasconcelos-Abreu) veio-lhe nos nossos dias, em que o nível dos estudos clássicos tem descido espantosamente, do facto acidental de na edição do Dr. Mendes dos Remédios o primeiro volume abrir exactamente com o *Auto da Mofina Mendes*, em cujas páginas iniciais o Frade, incumbido pelo poeta de satirizar os que tinham nascido *em sino de latim*, alega dúzias de fórmulas latinas (defeituosíssimas, como deixo documentado) que não são senão títulos de obras de filosofia e teologia, e nomes de

---

[1] Vol. I, 153 e 154. Exdrúxula para mim é também a formula *Loco et capitulo: Jam per elegatis*, do frade pregador que recitou o sermão sôbre o tema vergiliano no *Autò das Fadas* (III, 104).

[2] Algumas transformações leves de versículos bíblicos saíram correctas. P. ex. *Et centuplum accipietis.*

[3] Vid. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo*, I, p. 65 e 66; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 119.

autores. E por os estudantes desconhecerem êsse facto ficam com a impressão que Gil Vicente sabia muito mais latim do que êles [1].

Anteriormente, foram os louvores verídicos e afectuosos de Resende, reproduzidos por Severim de Faria, Barbosa Machado, e os editores da impressão de 1843, que, mal interpretados, haviam propagado a idea de o Plauto português [2] ter sido um verdadeiro Latinista [3].

Com a minha classificação de Gil Vicente como sabedor do *latim do Breviário* concorda, felizmente, embora não esmiüçe o problema, como aqui fiz, a do maior e mais fecundamente laborioso Vicentista português; e também a do mais culto e entusiasta Vicentista estrangeiro [4].

Anselmo Braamcamp resume lacònicamente o seu sentir na sentença: *sabia latim um tanto macarrónico, mas com certa profundeza* [5].

Segundo as análises perspicàzes e sempre benévolas de Aubrey Bell, o erudito hispanófilo inglês, perito em línguas e literaturas clássicas e modernas, bom Europeu em tudo, o latim do poeta português, copioso embora, ficava longe de ser ciceroniano [6]. «Nem há nas suas obras erudição bastante para, durante um momento que seja, reforçar a teoria que êle cursou Universidades [7]. Um pouco de

---

[1] Eis o que Aubrey Bell pensa a êsse respeito: «The parade of erudition, which is also a satire on pedants at the beginning of the Auto da Mofina Mendes, is however that of *a comparatively uneducated man* in a library: of rustic Gil Vicente in the palace.

[2] *Plauto português*, no sentido de o primeiro notável dramaturgo, está muito bem, como mais acima ficou dito; *Shakespeare* ou *Molière* de Portugal da mesma maneira, no sentido de *maior dos dramaturgos* do seu país.

[3] Contra tais exageros revoltou-se Camilo Castelo Branco, exagerando pela sua vez, pois chama *apanhado de ouvido* todo o latim do poeta cómico.

[4] Os principais trabalhos vicentinos de Aubrey F. G. Bell são os seguintes: *Four Plays of Gil Vicente* (1920, Cambridge) — *Lyrics of Gil Vicente* (Oxford, 1913 e 1921) — *Gil Vicente* (*ib.*, 1921) — *Portuguese Literature* (*ib.*, 1922; Cap. III, 106-131). Todos êles merecem ser traduzidos. O primeiro estudo já teve essa justa homenagem em *A Aguia* (N.os 46-48).

[5] P. 33 de *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*. Desgraçadamente para todos os patriotas, o grande historiador faleceu a 22 de Dezembro de 1921, sem haver coroado a sua vasta e magistral obra com a monografia sôbre D. João II, o *Homem*, que tanto admirava. *Sunt lacrymae rerum.*

[6] *His latin, albeit copious, did not claim to be pure Tully* (*Port. Lit.*, p. 123.)

[7] *Nor is the learning in his plays such as to give a moment's support to the theory that he had, like Enzina, received a university education* (*Four Plays*, XI).

latim de Igreja, e da Lei [1]; algo do latinório dos médicos [2], eis os latinismos com que condimentou os seus Autos.

Acabo repetindo que, admirável pelos seus recursos imaginativos, seu amor do povo e da natureza, sua religiosidade e seu ímpeto lírico, Gil Vicente chegou a ser um grande poeta dramático peninsular. Mas não dominava a língua comum das Sciências; não tinha faculdades criadoras como Latinista. Nessa qualidade, conhecedor apenas do latim das *Horas*, apenas vivia de criações alheias. E a essas transformava-as, quando as assimilava deveras, em belas adaptações, ou traduções livres. P. ex., no *Miserere*, na *História de Deus*, e no *Auto da Alma*, que, pela doçura das expressões, podia ser de João de Deus, como já foi dito por Alguém.

36. No Catálogo alfabético e razoado dos passos latinos, contidos nas obras de Gil Vicente, que aqui publico, marco com asterisco * aqueles que me parecem deturpados, voluntariosamente ou inconscientemente, pelo próprio, ou apenas pelos impressores.

Lista alfabética das citações latinas

ABAETERNO } Desde o princípio; sem princípio.
ABETERNO } Locução adverbial aplicada por Gil Vicente e seus coevos, em harmonia com a Bíblia e a doutrina católica, ao *Mundo* (III, 337); à *Virgem* (III, 335); a *Jesus Christo* (I, 60). No Psaltério, com o qual por estar integralmente incorporado no Breviário, o poeta estava completamente familiarizado, ela encontra-se no Ps. CII, v. 17: *Misericordia autem Domini ab aeterno et usque in aeternum*, e em várias passagens de outros livros bíblicos, entre elas nos *Provérbios*, VIII, 33, numa pericopa que devia ser muito conhecida do poeta, por se ler na epístola da missa da principal festa da Virgem: a da *Assunção*, a 15 de Agôsto. Cfr. Lucas Fernandez, *Farsas y Eglogas*, p. 169 e 172; *Canc. Gen.*, I, 180; *Baena* N.º 524. Cfr. IN AETERNUM.

AB INIQUITATE MEA *(lava a mi)*. —Tradução bilingüe de *amplius lava me ab iniquitate mea*, isto é, do v. 3.º do Ps. L, o grande *Miserere* (q. v.) que o poeta parafraseou (III, 329).

AB INITIO } Sinónimo de *ab aeterno*, *in aeterno*, *in aeternum*; to-
AB INICIO } davia muitíssimo mais freqüente, tanto na Bíblia, onde

[1] *Church Latin and Law Latin early began to creep into his plays.*

[2] *A few scraps of biblical latin* (*Four Plays*, XIX) — *a little medical latin* (p. XLIII).

ocorre cincoenta e oito vezes (p. ex. Matth. XIX, 8 e Ps. LXX, 2) como em textos medievais peninsulares, onde aparece também como *d'abinicio* e *desde ab inicio* (*Canc. Ger.*, II, 249). Gil Vicente aplica-o ao *Mundo* (III, 337) e à *Virgem* (I, 110). Cfr. *Canc. Gen.*, I, 80.

AB INITIO CREATA. — A fórmula, relativa à Virgem, de que o poeta se serviu na *Ave-Maria*, trovada, do Sermão que prègou em 1506 (III, 335), provém do Eclesiástico (Jesus, filho de Sirach) Cap. XXIV, v. 14: *Ab initio et ante saecula creata sum et usque ad futurum saeculum non desinam.* O texto era familiar ao poeta, visto que se encontra no capítulo de Vésperas do *Officium parvum Beatae Mariae Virginis* (que muita gente piedosa recitava quotidianamente) e também na Epístola das Missas votivas de Nossa Senhora. O Marquês de Santillana (*Canc. Gen.*, I, 80 bis) e Gomez Manrique (*Canc.* N.º CVII), são dois dos quatrocentistas castelhanos, predilectos do Português, que a utilizaram nas suas poesias sagradas.

ABEM. — É a interjeição hebraica *¡amen! ¡assim seja!* tornada greco-latina, e em seguida internacional, mas mal pronunciada pela gente da Beira. O poeta meteu-a em boca daquele yilãozito da *Romagem dos Agravados*, que o pai deseja «fazer de igreja» e faz examinar para tal fim por Frei Paço (III, 502). No *Auto da Mofina Mendes*, os rústicos afirmam com *a bem*, que me parece ser *abem*, *amen* (I, 132 e 135).

* ABET IN CONSILIO IMPIORUM. — Escrito *habet* na edição de Hamburgo (III, 233), talvez por *abit* da impressão-príncipe de 1562, que é êrro por *abiit*. Trata-se do Ps. I, 1: *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum, et in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiae non sedit.* Quem o cita na *Copilação* é o ímpio e escarnecedor *Clérigo da Beira*, na Missa por êle rezada nas Matinas do Natal, sem ter feito a corôa, caminhando para a caça, com seu filho Francisco. Pensando nos seus negócios particulares — cães, coelhos, o furão, e muares — acrescenta *não o emprestar sem dinheiro*. Eu leio *empresta*. E referindo-o ao *mulato* (= muar) e a *asninha* que o clérigo desejava possuir, afim de ir bem montado à caça, interpreto que o dono das duas cavalgaduras não as emprestaria sem se pagar, e isso por causa de *maos conselheiros* de que deveria afastar-se, segundo o Psalmista, se quisesse ser *Beatus vir*, ou *Beato imaculato* (q. v.).

ABRENUNTIO } Empregada avulsa, essa forma verbal (1 pr. ind.)
ABRENUNCIO } significa *eu renuncio*. Seguida da exclamação *Satanaz*, como na *Barca do Purgatório*, onde o simples Pastor foge do Arrais do Inferno (I, 265), é empregada pela Igreja nos exorcismos. Nesse rito, tanto no dos adultos como no dos infantes, antes da unção

com o *oleum catechumenorum* que precede o sacramento, há a tríplice interrogação feita pelo sacerdote: *¿ Abrenuntias Satanae? ¿ Et omnibus operibus ejus? ¿ Et omnibus pompis ejus?* A cada uma das três preguntas responde singularmente o baptizando, ou os padrinhos por êle: *Abrenuntio.* É daqui que vem, incontestàvelmente, a vulgar interjeição *¡ abrenuncio!* E daí passou ao texto litúrgico do baptismo.

No *Auto da Fé*, p. ex., onde o rústico pastor Brás pronuncia *Ablenuncio, Satané* (I, 68), ela é mera exclamação de espanto, equivalente de *¡ Jesus!* ou *¡ Santíssimo Deus!* Outro pastor (I, 74), pensando nas duas fórmulas, *abrenuntio Satanas* e *libera nos a malo* (q. v.) contrai-as numa só, e cria o rústico *nonsense: abrenuncio nos a malo.*

ACIES ORDINATA. Vid. ET ACIES ORDINATA.

* ACQUIRISTIS SANGUINIS LABORATORUM IGNORANTES PECCATORUM UT QUID EOS NON AUDISTIS. — Latim macarrónico moldado pelo diabo, sôbre o que na *Barca do Inferno,* lhe falava o Corregedor, ao qual dá a réplica (I, 237). Por ventura quisesse dizer: «largamente enriqueceste com o trabalho de lavradores ingénuos, cujas queixas não atendeste». Na livre tradução castelhana de 1539 não há passo que corresponda.

AD ADJUVANDUM ME FESTINA. — É o versículo 2.º do Ps. 69 *Deus in adjutorium meum intende*, familiar a toda a gente, por constituir a invocação que se canta no princípio de todas as horas canónicas, ao fazer o sinal da cruz. Na *Trofea* de Torres Naharro, os dois versos iniciais são citados por um simples vaqueiro, que os estropia, rezando: *Dios menajatorio — daljobando mafestina.* Em Lope de Rueda (p. 327) há *Dios aljuna me festina.* Quanto ao passo em que Gil Vicente os utiliza, veja-se *In adjuvandum.*

AD QUAM... NOS PERDUCAT. — O *Sermão* versificado, que o poeta recitou em 1506, em Abrantes, ao muito nobre Rei D. Manuel, termina com a oração seguinte:

> Pliega (sic) á la Virgen y al hijo suyo
> que nos dé muerte con nuestra victoria
> y nos restituya nel cielo *ad quam gloria*
> *nos perducat* por el amor suyo!
> (III, 346).

Gloria, claro que está por *gloriam,* suprimindo-se o sinal do acusativo. Compreendo: *gloriam ad quam.* E vejo nessa frase uma reminiscência, quer da fórmula de absolvição geral: *misereatur tui omnipotens Deus et dimissis peccatis tuis perducat te ad vitam aeter-*

nam, ou daquela que o Sacerdote diz ao ministrar a comunhão eucarística a qualquer fiel: *Corpus Domini nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam Amen;* ou, mais particularmente, da que diz, quando a comunhão é ministrada *per modum viatici* a algum moribundo: *Accipe, frater* (ou: *soror*) *viaticum corporis Domini nostri Jesu Christi qui te custodiat ab hoste maligno et perducat in vitam æternam, Amen.*

* Advertisti. — Êrro por *avertisti*. Vid. *Captividatem*.

Agnus dei. — Vid. qui *tollit peccatum* (ou *peccata*) *mundi*. No *Canc. Gen.*, III, 90, há a transcrição semifonética e pronuncia *anos-dey*.

Amica mea. — É uma das fórmulas de paixão erótica, com que Salomão designa a Sulamite no *Cântico dos Cânticos* (I, 8; II, 10; IV, 7), outro dos textos poéticos da Bíblia, que o poeta conhecia da liturgia, lido como é a 2 de Julho na festa da Visitação da Virgem. No primeiro dos dois *Mistérios* de que se compõe o *Auto da Mofina Mendes*, é uma das donzelas que servem N. S., vestida como rainha e estudam as profecias do Velho Testamento, que cita essas e outras palavras do Sábio, vencido pela mulher (I, 105).

Amor vincit omnia. — É o *omnia vincit amor* do grande Vergilio, (conforme explica o próprio Gil Vicente); sem a continuação *et nos cedamus amori* (Ecl. X, 69). O Frade prègador namorado, faz dessa sentença da *Farsa das Fadas* o tema *(la verba del tema)* do patusco *Sermão* que recita (III, 101). Por ser parcela única de um hexâmetro clássico que se encontra na *Copilação*, e por ser humorística a interpretação que o poeta lhe dá, citando namorados da côrte, suspeito que mal conhecia o original, mas apenas a tão importante vulgarização de Enzina (*Antologia*, XII, p. 109): *todo lo vence el amor*. Essa, retroverteu-a, dando-lhe depois a forma portuguesa de pouca elegância *El amor vence a todas las cosas*. Por causa do verso de arte maior, cuja primeira parte constituem termos latinos, inverteu-os acentuando *Amor vincit omnia* (∪ — ∪∪ — ∪).

* Anima Christe. — Claro que *Christe* é pronúncia frouxa de *Cristi*, usada em toda a península, para poder rimar com formas verbais como *ouviste* (III, 22), e *conquiste* (II, 194). Cfr. Torres Naharro (I, 224), *alima criste;* Gomez Manrique (I, 204), *mater Criste*, em rima com *mereciste*. Pelo contexto, tanto da Farça de *Quem tem farelos*, em que a Velha admoesta a espevitada moça: *Não aprendeste tu assi—O verbo d'anima Christe—Que tantas vezes ouviste* (III, 22), como no *Intermezzo* cómico da Tragicomédia de

D. Duardos, em que D. Robusto desafia a Camilote e o ameaça, dizendo:

Decid, antes que os conquiste
Con los genojos hincados
La oracion de los ahorcados
Que es el *anima Christe*
Por vuesa anima y pecados.
(II, 194).

Por êsse contexto vê-se que as palavras latinas são o princípio de uma Oração dos que arriscam a vida, ou tem a morte à vista.

Eis agora uma Nota preciosa com que o Dr. António de Vasconcelos acudiu à minha ignorância:

«É muito conhecida a oração, ou melhor, a série de jaculatórias que principia por estas palavras. Andava nos *Devocionários*, e foi inserida, na recentíssima edição do Missal romano (Julho de 1920) entre as *Orationes pro opportunitate Sacerdotis dicendae*, com o título: *Aspirationes S. Ignatii ad Sanctissimum Redemptorem.* Atribue-se efectivamente a sua redacção a Santo Inácio de Loiola. Não repugna acreditar que esta atribuïção resulte de ser habitualmente usada por êle, ou de ter recebido dêle a redacção definitiva, mas já existisse anteriormente.

«O seu teor é o seguinte:

Anima Christi, sanctifica me!
Corpus Christi, salva me!
Sanguis Christi inebria me!
Aqua lateris Christi, lava me!
O bone Jesu, exaudi me.
Intra tua vulnera absconde me.
Ne permittas me separari a té.
Ab hoste maligno defende me.
In hora mortis meae, voca me.
Et jube me venire ad te.
Ut cum sanctis tuis laudem te.
In saecula saeculorum Amen.

«Vê-se que a letra é adaptada à recitação em presença da Eucaristia.

«Quanto ao seu emprêgo tradicional, nem todos os leitores de Gil Vicente saberão que havia em Portugal (e seguramente também em Espanha) o costume de se dizer uma Missa no caminho seguido pelo préstito que conduzia o condenado à pena última até ao local onde se erguia a fôrca, dispondo-se as cousas por forma que a Missa estivesse quási a meio quando o condenado aí chegasse. Êste ajoelhava

no momento em que o celebrante consagrava e erguia a hóstia e o cálix, adorando pela derradeira vez a Deus, presente na Eucaristia. ¡Logo em seguida erguia-se e... era enforcado!

«¿Seria aquela série de invocações *la oracion de los ahorcados*? Não sei; mas é bem verosimil».

ANIMA MEA. — *A misera anima mea: Onde achará redempção?* Assim reza humilde a *Cananea* no belo Auto do seu nome (I, 376). Tanto nos textos da Missa, como nos Psalmos, e nos Evangelhos *anima mea* ocorre freqüentes vezes: *anima mea tristis est usque ad mortem* pertence à oração no Horto (Matth. 26, 38); *quare tristis es, anima mea?* ao Ps. 416; *anima mea turbata est valde* é frase do Livro de Job, aproveitada por Enzina (p. 332), e no *Canc. Gen.*, II, 412, e II, 255. Cfr. *Taedet animam meam.*

* APODEO. — Deturpação de *apud deum*, na bôca da feiticeira da *Comédia Rubena* (II, 22), que cita o princípio do Ev. de S. João (I, 1): *No principio o verbio era, Era do verbio cheio, O verbio era apodeo = verbum erat apud Deum.*

ATTENUABITUR. — Vid. SPIRITUS MEUS.

AUTEM TRANSIENS. — Vid. JESUS AUTEM INTRINSIENES.

AVE.—Essa fórmula de saudação, universalizada pela bôca do anjo Gabriel, era considerada e é explicada como réplica anagramática à culpa de Eva, mãe de Caim. O inevitável e antiqüíssimo jôgo de palavras, usado numerosíssimas vezes por poetas medievais (p. ex. Alvarez Villasandino, no *Canc. de Baena*, N.º 2), aparece na parafrase vicentina do Hino *Oh gloriosa domina* (q. v.):

Do que *Eva* triste ao mundo tirou
Foi o teu fruto restituidor:
Dizendo-te *Ave* o embaixador
O nome de *Eva* te sinificou.

É tradução *trovada* de

Quod Eva tristis abstulit
Tu reddis almo germine.

Mas, seguramente, o poeta lembrava-se também da poesia de Venâncio Fortunato *Ave, maris stella,* cuja segunda quadra tem o teor seguinte:

Sumens illud *Ave*
Gabrielis ore,
Funda nos in pace
Mutans *Evae* nomen.

(Chevalier, *Poésie Liturgique* (N.º 106).

Êsse fôra vertido para castelhano no século XIII por Gonzalo de Berceo, parafraseador um tanto verboso:

A ti fue dicho *Ave* del angel Gabriel
Verbo dulz e suave, plus dulce que la miel:
Tu nos cabten en paz, madre siempre fiel
Tornó en Ave *Eva*, la madre de Abel.
(*Bibl. de Aut. Esp.*, LVII, p. 144).

Nos *Mistérios da Virgem* (I, 106), Mestre Gil repete que Deus quis dar ao mundo por favor *Por uma Eva pecador Uma Virgem sem pecado*. Cfr. Luis Anriques, no *Canc. Geral*, II, 252: sôbre *Ave Maristella em louvor de N. S.:*

Tu, tomante aquel *Ave*
Por boca de Gabriel,
Concebeste Emanuel
Per mesagem tanto grave.
Funda nos em paz, senhora!
Pois mudaste o nome *d'Eva*,
Todo pecador s'atreva
Pedir graça qu'en ty mora!

Saverio Mattei no seu *Officium B. Virginis* (Padova, 1781), cuja Introdução é muito elucidativa, achou insofrível êsse *concettuzzo* e argumenta irònicamente contra o Hino, o qual atribue a S. Bernardo: «Essendo la Beata Virgine la seconda *Eva* che ci porta la *Vita*, come la prima ci portó la *Morte*, *non* fú chiamata pero dall'Angeli *Eva*, ma *Ave* come se *Ave* fosse nome della B. V. e come se l'Angelo le avesse parlato latino!»

P. S. de 27 de Maio de 1921. Abrindo hoje o primeiro fascículo do Tomo VIII da *Revista de Filologia Española*, encontro (a p. 63) um artigo assinado Erasmo Buceta e intitulado *Sobre una Paronomasia en Gonzalo de Berceo*, em que se mostra que o jôgo de palavras é *comum* desde o tempo de Santo Ireneo (2 s.) e ocorre também no hino que principia *Fulget dies specialis*.

* Ave corona espiniarum (em vez de *spinarum*). Cantado no *Auto da Alma* (I. 211), à vista dos instrumentos da paixão, deve ser fragmento de um Hino, cujo texto talvez nunca entrasse no Breviário romano, pertencendo todavia a algum dos usados antes da uniformização de Pio V, ou a Devocionários privados. Vid. Anima Christi.

Ave flagellum. — Cantado igualmente no *Auto da Alma* (I, 211), pertença talvez ao mesmo texto como *Ave corona* e *Salve sancta facies* (*q. v.*).

Ave-Maria. — A saüdação angélica condensada nas duas palavras,

transformou-se em apelativo feminino. Nesse estado e sentido, ocorre no discurso da parteira de *Rubena* (II, 15), e também na charla do Pastor da *Barca do Purgatório* (I, 264). Os primeiros dois versos entraram meio-aportuguesados, como oração, juntamente com o deturpadíssimo *benedictus* (vid. *Intes vitus*) na reza da feiticeira que protege a infeliz criatura Rubena (II, 23). Todo o texto do Evangelista Lucas (I, 28), alargado com fórmulas portuguesas de sorte a dar uma oitava inteira, figura no *Sermão* prègado em Abrantes (III, 335). Claro que também entre os textos líricos do *Cancionero General* dos nossos vizinhos, e no *Geral* de Garcia de Resende há traduções, parafrases e citações (*Canc. Gen.*, II, 561; *C. G.*, I, 40). Nem faltam paródias. Entre as paráfrases portuguesas é digna de nota a do Dr. Frei João Claro (*Inéditos* publicados por Frei Fortunato de S. Boaventura, I, p. 237). Em vez de *Ave-Maria gratia plena*, temos *Ave rosa gracia plena* no *Romance* dos presos no Limbo, libertados, que faz parte da *História de Deus* (I, 334).

Ave maris stella. — Só traduzido para *estrêla no mar*, é que o princípio do mais popular dos Hinos, pertencente ao Ofício pequeno da Virgem, aparece nas Obras de Gil Vicente (I, 147).

Averte faciem tuam (a peccatis meis). — Sendo parcela do grandioso Psalmo de penitência chamado *Miserere*, está na tradução poética de Gil Vicente (III, 331).

* Beati immaculati [in via qui ambulant in lege Domini]. — O *Clérigo da Beira*, que, indo à caça dos coelhos nas Matinas do Natal, diz a sua Missa muito distraìdamente, entremeando-a de ditos profanos, parece, chegado ao Ps. 118, ter metido as duas palavras iniciais latinas, que deveria ter entoado, mudadas para o singular: *Beato immaculato*, entre aquelas que estava a pensar em português. Na edição de Hamburgo (III, 232) nem mesmo foram grifadas como deviam.

Se *beato immaculato*
M'emprestasse o seu mulato ..
Mas não sei se quererá.

O nome composto lembrava-lhe, salvo êrro, o título de *Beneficiado* (de Frei Mendo) de quem fala com o filho (a p. 229) e no qual Braamcamp-Freire quer reconhecer alusões malévolas ao pai de Francisco de Sá de Miranda (*Gil Vicente*, p. 171).

Beati omnes. — Em *beatus vir* (q. v.) temos um exemplo de, como o patusco *Clérigo da Beira* e seu filho Francisco acompanham todos os versículos da Missa que rezam nas Matinas do Natal, com ditos e dichotes que os transformam em paródia. Chegados ao Psalmo 127 *Beati omnes* [*qui timent dominum*] êles substituem-no por *Beati omnes*

que tem, Que estes podem dizer bem: Laetatus sum in iis! (por *his*, variante, ou simples êrro de imprensa) (III, 232).

Beatus vir. — Por essa nomenclatura se seguir, a pequena distância, à oração *abet in consilio impiorum* (q. v.) é certo que se trata do Ps. 1 (e não do 111, que diz *Beatus vir qui timet dominum*). Isso vale do passo da *Romagem dos Agravados*, em que Frei Paço pronunciava provàvelmente *viatus vir*, visto que o filho do vilão que mencionei s. v. *Abem*, arremedando-o galhofeiramente, repete *vi ratos vir* (II, 502). E vale também do *Clérigo da Beira*, cujo ruim filho completa a oração interrompida, acrescentando *que tem sendeiro*, irritado por ter de ir a pé (III, 233).

* Beleguinis, ubi sunte? (em rima com *ponte!*). — É latim macarrónico do Parvo do *Auto da Barca do Inferno* (I, 239) e significa ¿ onde estão os beleguins que hão de entregar o Corregedor e o Procurador ao Arrais da Barca, o velho Caronte?

Benedicamus. — O cântico que o frade argumentador do *Auto da Mofina Mendes* promete cantar (I, 104), mas não chega a entoar, é seguramente o da acção de graças *post Missam*, com que termina o *Benedicite*, ou seja o belo Haleluja dos três mancebos bíblicos que caminhavam ao fôrno ígneo (*Daniel* 3). Êsse *Benedicamus Patrem et filium cum sancto Spiritu*, foi empregado no texto litúrgico pela Igreja, paralelamente à Doxologia *Gloria Patri*, etc., que ela acrescentou no fim de cada psalmo, e de cada um dos outros cânticos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. A não ser assim, devia ser a simples fórmula final da Missa *Benedicamus domino* (em vez de *Ite, missa est*).

Benedicite, aquae omnes. — Embora cantado por David no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 98), não pertence ao Ps. 148, aí explorado (e que era um dos predilectos do poeta, como o curioso verá), mas sim ao Cântico que acabo de citar (s. v. *Benedicamus*). E, efectivamente, êle parece-se muito com o Psalmo de Haleluja *Laudate dominum de coelis*. No Cântico é o verso 3.º. No Psalmo, pelo contrário, o versículo 3.º é dirigido à lua; o 4.º às águas todas; e o 10.º às feras, ao gado, incluindo serpentes e aves.

Benedicite, sol y luna (=*et luna*). É o v. 4.º do mesmo Cântico, que é preciso conferir com o 3.º do Ps. 148: *laudate eum, sol et luna* (*Auto dos Quatro Tempos*, I, 98).

Benedicta tu in mulieribus (*sic*, e não *inter mulieres*). — Parcela da Ave-Maria, intercalada no *Sermão* de 1506 (III, 335).

Benedictus fructus ventris tui, domina. — Outro trecho da *Ave-Maria*, citado infinitas vezes em Canções peninsulares (p. ex. no *Canc. de Baena*, I, 201, *Gen.*, II, 249) e em Autos populares (v. g.

em Rouanet, II, 132, III, 275). O povo peninsular transformou a primeira palavra, como título da frase inteira, de modo estranhável, em *intesvitus* (q. v.). Tanto o dos *charros* de Salamanca, como o dos pastores da Serra da Estrêla. Outros dois *Benedictus* são citados também com freqüência: o do Ps. 143: *Benedictus dominus Deus meus* (p. ex. na Colecção de *Autos*, publicada por Rouanet, II, p. 132), e o do Cântico de Zacarias (Luc., I, 68-79): *Benedictus Dominus Deus Israel.*

Benedixisti Domine, terram tuam. Vid. Domine.

Bestiae et universa pecora volucres, serpentes. — Êste passo, metido por Gil Vicente no Psalmo bilingüe *Laudate*, que a Virgem, com as suas quatro donzelas, reza no primeiro Mistério da *Mofina Mendes* (I, 119-120), provém do Psalmo 148, aproveitado também no *Benedixisti* (9.º) do pastor David no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 98). No Psalmo, os *volucres* aparecem guarnecidos do adjectivo *pennatae* (148, v. 16), ao passo que no Cântico dos três mancebos se invocam, no v. 14, apenas *omnes bestiae et pecora.*

Breviabuntur. Vid. Dies mei.

Calamitas demones. — Êsses vocábulos que, isolados, tem sentido, mas unidos, aparentemente, não o dão, são pronunciados, com outros que o leitor encontra, s. v. *Cedunt*, no responso-paródia que o *Clérigo da Beira* reza a pedido do filho do lavrador, depois de lhe haverem furtado uma lebre, capões e um cesto com marmelos e limões (III, 242). Responso-paródia, mas no qual estão metidas parcelas do popularíssimo Responso de Santo António, do Breviário franciscano. Vid. Cedunt mare, vincula.

* Cáleca passa. — Doença *que nasce das «bandarrinhas»* (nome vulgar das tripas ou intestinos), para cuja cura a Comadre Brasia Diaz dá receitas na *Farsa dos Físicos* (III, 307). Julgo ser deturpação de *colica passio.*

Cancer. — O sino do cancro no Zodíaco (I, 81).

Cantate. — Dita na Missa do Natal pelo *Clérigo da Beira* (III, 232), claro que essa palavra é o princípio do Ps. 97: *Cantate Domino canticum novum*, que o poeta imitou com liberdade na *História de Deus.* Tanto mais assim, porque o Clérigo explica: «diz» que cantemos *cantar novo e não usado*, recebendo como réplica burlesca do filho Francisco a motivação: *¡ Cante o Beneficiado, que nós pouco pão colhemos!* Quanto a êsse *Beneficiado*, ridicularizado por Gil Vicente, veja-se o que Braamcamp Freire diz dos Sás de Coimbra, no seu *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança* (p. 169-177). — O Psalmo 95, pelo contrário, é cantado no fim do *Auto da Assunção de N. S.*, que principia com a mesma frase, continuando todavia com

orações, em que entra duas vezes o imperativo *Annuntiate* (*Rouanet*, II, p. 20).

* CAPTIVITATEM ADVERTISTI. — Erro por *avertisti*. É um dos versículos cantados por David, em figura de pastor, no *Auto dos quatro tempos*, na estrofe 4.ª, que, juntamente com a 5.ª, compendia o Ps. 84. Integrado seria *Benedixisti, Domine, terram tuam; avertisti captivitatem Jacob*. Na parafrase vicentina (I, 97), lê-se

Domine, benedixisti
terram tuam, y el ganado
Y a Jacob descarriado
Captivitatem advertisti.

* CARALASÃO | CRALASAM — Na bôca do Negro, que é a figura cómica da Farça do *Clérigo da Beira*, equivale à *kirieleison* (III, 244). Em Torres Naharro há *cralaison*. Vid. CRIELEISON.

CATELINARIUM. — Pôsto depois de *Sallustius*, na lista dos textos citados pelo Frade-prègador que recita o Prólogo da *Mofina Mendes* (I, 101), é inquestionàvelmente a obra conhecida do grande historiador.

De conjuratione Catilinae, que nas livrarias medievais figura muita vez como *Bellum Catilinarium* ou simplesmente *Catilinarium*.

CARNE MEA. — *E em carne mea verei o Deus meu que me salvará.* Assim traduz Gil Vicente, na figura de Job, o *Credo* da Estação 1.ª do *Ofício de Defuntos: Et in carne mea videbo Deum Salvatorem meum*, tirado do *Livro de Job*, XIX, 26. No artigo *Videbo deum* remeto o leitor à *História de Deus* (I, 322).

CEDUNT MARE, VINCULA TRES. — Juntamente com *calamitas demones*, constituem o responso do *Clérigo da Beira* (III, 242), rezado para que ao Negro roubado fôssem restituïdas as respectivas fazendas. Evidentemente há aí duas parcelas do popularíssimo *Responso de Santo António* (que se lê no *Breviário Franciscano*, no ofício de antífonas e responsos rimados), composição característica dos fins da idade-média, para a festa do dia 13 de Junho. A letra que vem a Matinas, depois da oitava Lição, diz assim:

℣ Si quaeris miracula,
mors, error, *calamitas*,
daemon, lepra fugiunt,
aegri surgunt sani;
* *Cedunt mare*, *vincula*,
membra resque perditas
petunt et accipiunt
juvenes et cani.

℣ Pereunt pericula,
cessat et necessitas,
narrent hi qui sentiunt,
dicant Paduani.
℟ *Cedunt* etc.
℣ *Gloria Patri* etc.
℟ *Cedunt.*

CENTUPLUM ACCIPIET. Vid. ET CENTUPLUM.

CHORONICARUM. — Suposto título, incompleto e deturpado, de qualquer tratado, segundo o frade-prègador, que recita o prólogo da *Mofina Mendes* (I, 101).

CIRCUMDEDERUNT ME DOLORES. — É Job, o pacientíssimo mas agravadíssimo Servo de Deus, da terra de Hus, que, implorando o criador, enuncia êste treno na *História de Deus,* de Gil Vicente (I, 325). É indicado portanto procurá-lo no Livro que tem o nome dêle, e que o poeta conhecia regularmente, visto que se lê dêle na Igreja, na primeira e segunda semana do mês de Setembro; e durante todo o ano no *Ofício de Defuntos.* As nove *Lições* nêle contidas, compostas de trechos que os poetas do século XV chamavam *Lamentações de Job,* foram de facto exploradas por Gil Vicente naquele belo Auto de devoção. Mas *circundederunt me* não provém dessa fonte. Pertence ao Ps. XVII, v. 5. Inteirado, tem o teor seguinte: *Circumdederunt me dolores mortis et torrentes iniquitatis conturbaverunt me — Dolores inferni circumdederunt me,* que, de resto, se repete no Ps. CXIV (3), continuado embora com a oração alterada *et pericula inferni invenerunt me.*

Ignoro quem seria o primeiro poeta peninsular que aplicou o texto bíblico a amores profanos. Apenas sei que o mais lido e imitado foi Enzina. Êsse principiou a irreverente *Vigilia da Namorada Muerta,* relativa à Plácida de Vitoriano, muerta por suicídio e ressuscitada por Venus (em 1514), com uma *Canção-Invitatório,* cujo Mote bilingüe diz:

Circumdederunt me
dolores de amor y fé!
ay *circumdederunt me!*

Continua com uma parafrase de Psalmos, *Requiem, Antífona,* três Lições de Job e uma Oração final, causando assim a atribuïção errada de *Circumdederunt* ao atormentado Job. A Canção foi posta em música pelo próprio Salamantino que em Roma pertencera à Capela dos Pontífices. A fôlha do precioso *Cancionero Musical,* publicado por Barbieri, em que estava *apuntada,* (a 83.ª), falta todavia.

Outras *Trovas* anónimas, sôbre o mesmo tema, encontram-se no

Cancionero de Pero Guillen, f. 533, segundo Henry Lang, em *Revue Hispanique,* Vol. XIX.

Virada novamente ao divino, *Circumdederunt me* foi aplicado ao *Negamento de San Pedro* e entrou num *Pliego Suelto* raríssimo. Na Comédia *Tidea* de Francisco de las Natas é o amador *Tideo* que recita e parafraseia o Mote de Enzina (v. 200-202). Êsse próprio compôs, e musicou ainda outra Cantiga em que há a forma verbal *circundederunt:*

Mortal tristura me dieron
segun con tales dolores
mi vevir circundederun(t),
doncella vuestros amores.

Em Portugal, um Psalmo de aflição foi pôsto em bôca de D. João II, depois da morte do Príncipe D. Afonso, pelo bem-intencionado Luís Anriques (f. 98b do *Canc. Ger.*), que aproveitou, além do 170 de David, o *Haleluja,* LXIV (3), traduzindo *Cercaron-me los dolores.* Na *Vigília* (p. 326), Enzina dissera: *Cercaron-me en derredor.*

CIVITAS DEI. Vid. ORNATA CIVITAS DEI.

CLAMABAT AUTEM. — Incapaz de determinar a que texto se referem essas palavras, entoadas por S. Pedro no fim do *Auto da Cananea* (I, 381), consultei o erudito teólogo e historiador Prof. Dr. António de Vasconcelos que, durante a elaboração destas listas me auxiliou generosìssimamente com o seu vasto saber, como o leitor já viu. Reproduzo a admirável Carta com que respondeu à minha pregunta, sem suprimir os louvores, embora me emvergonhem:

«Ex.ma Senhora. — S. Paio de Gramaços, 16 de Maio de 1921. — Quis V. Ex.a, Mestre de mestres e assombro de eruditos, dispensar-me a honra de pedir a minha humilde e desvaliosa opinião sôbre a inteligência da rubrica final do *Auto da Cananêa* de GIL VICENTE, que diz: *E cantando* Clamauat autem, *se acaba o dito auto.*

«A exímia Professora chama à lição o pobre discípulo. — Dirá êste o pouco que souber, e V. Ex.a desculpará as insuficiências e corrigirá os erros.

«Vejamos, pois, a parte final do auto:

«Após o milagre da cura da possessa, filha da Cananêa (que vem narrado no Ev. de Mat. XV, 21-28, e no de Marc. VII, 24-30), esta, cheia de reconhecimento, suplica aos Apóstolos presentes que, havendo sido seus intercessores para com o divino Mestre, a ajudem agora a dar louvores e graças a Jesus.

«É o primeiro dos Discípulos, o futuro chefe do Colégio apostólico, S. Pedro, quem, anuindo ao pedido da Cananêa, convida os

restantes a um acto de adoração e agradecimento, pelo milagre realizado a súplicas dêles:

Vere dignum et justum est
.....
.....

«A seguir, vem a citada rubríca final:

«¿ Qual seria essa canção, executada certamente em coro, que Pedro inicia pelas palavras — *Clamabat autem*?

«Nem na Sagrada Escritura, nem na Liturgia romana, se encontra frase latina perfeitamente idêntica à que Gil Vicente aqui escreveu. Há, porém, outras similares, tais como: — *Dicebant autem* (Mat. XXVI, 5; Marc. XIV, 2) — *Illi autem dicebant* (Act. XII, 15) — *Clamabant ergo* (3 Reg. XVIII, 28) — *Multo magis clamabat* (Marc. X, 48; Luc. XVIII, 39) — *Magis clamabant* (Mat. XX, 31; *ibid.*, XXVII, 23; Marc. XV, 14), etc., etc.

«O canto, que rematava êste auto vicentino, devia ser *eucarístico* ou de acção de graças, e *triunfal*, exaltando com reconhecimento a omnipotência e a misericórdia do Senhor, manifestadas naquele milagre. É o que se deduz do contexto.

«Temos pois de afastar a hipótese de que fôsse o — *At ille multo magis clamabat: Fili David, miserere mei!* — atribuído por S. Marcos (X, 48) ao cego de Jericó.

«¿ Cantar-se iam neste epílogo as aclamações triunfais das turbas, quando o Redentor fez a entrada em Jerusalém, poucos dias antes da sua paixão e morte? Percorrendo todo o Novo Testamento, são estas as que se nos deparam, que mais se adaptem às circunstâncias. Eis o texto: — *Tubae autem, quae praecedebant, et quae sequebantur, clamabant dicentes: Hosanna Filio David! Benedictus qui venit in nomine Domini: Hosanna in altissimis!* (Mat. XXI, 9). Poderá admitir-se como verosímil que, no fim do auto da Cananêa, os Apóstolos cantassem estas aclamações em honra de Jesus, sendo o levantamento coral feito por S. Pedro com as palavras — *Clamabat autem*. O anacronismo flagrante não era cousa que embaraçasse o poeta.

«¿ E porque não havia de ir Gil Vicente buscar ao Antigo Testamento o triságio angélico, ouvido pelo profeta Isaías (VI, 3), e que ressôa incessantemente nos céus, cantado em côro alterno pelos Serafins ante o trono de Iahveh? Êsse cântico, ampliado com um versículo da primeira Epístola de S. João (V, 7), e com a Doxologia comum, e disposto em forma responsorial, encontrava-o o poeta no seu Breviário, constituindo o 8.º Responsório das Matinas em todos os domingos menores *per annum* (que são os que medeiam entre a

Octava da Epifania e a Septuagésima e entre o Pentecostes e o Advento). Diz assim:

«— ℟. *Duo Seraphim clamabant alter ad alterum:* — ✱ *Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus Sabaoth:* — ✱ *Plena est omnis terra gloria ejus.*

«— ℣. *Tres sunt, qui testimonium dant in caelo; Pater, Verbum, et Spiritus Sanctus; et hi tres unum sunt.* — ✱ *Sanctus...*

« — ℟ *Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto.* — ✱ *Plena est...*

«A perfeita harmonia dêste texto litúrgico com as circunstâncias, a assonância de *alter* e *autem*, e a fácil substituïção tipográfica da forma plural *Clamabãt* pela singular *Clamabat* (ou *Clamauat*), tornam esta hipótese muito verosímil.

«Entretanto ainda me parece mais provável, que o poeta fôsse buscar o final do seu auto à Liturgia da Missa romana, onde encontrava, executado pelo côro, um belo canto triunfal, em que se enlaçam, num só hino, o triságio da milícia celeste e as aclamações das turbas jerosolimitas. É o canto coral que remata o Prefácio da Missa, segundo o rito romano, perfeitamente concorde nesta parte com os ritos privativos de Portugal, o bracarense e o eborense, então em pleno vigor.

«O Prefácio da Missa é uma introdução ao Canon, i. é, à parte invariável, intangível, essencial do formulário do Sacrifício cristão, segundo os ritos pertencentes à família litúrgica romana. Ora, para mim, existe uma grande analogia entre o texto do Prefácio e o epílogo do auto da Cananêa; a semelhança é tão grande, que o final do auto chega a figurar-se-me quási um arremêdo, uma imitação do texto litúrgico.

«Têem os Prefácios das diversas Missas uma primeira parte uniforme em todas as festas e em todos os tempos do ano litúrgico: é um diálogo entre o sacerdote-celebrante e o povo, destinando-se a erguer o sentimento religioso dos fiéis *(Sursum corda)*, e a conciliar as suas atenções para o que vai fazer-se e dizer-se no Canon. A rematar êste diálogo, há o convite dirigido pelo sacerdote ao povo, para dar graças a Deus, convite a que os fiéis respondem — *Dignum et justum est.* — No auto é a Cananêa que faz aos Apóstolos semelhante convite.

«Então o sacerdote, aproveitando para início da acção de graças esta resposta do povo, começa a segunda parte do Prefácio, a *eucarística*, pelas palavras confirmatórias e de ligação com a primeira: — *Vere dignum et justum est*, etc. — São elas precisamente as palavras porque no auto principia S. Pedro, *summus sacerdos* da Igreja católica,

«Esta secção *eucarística* do Prefácio varia em certos tempos do ano e em certas festividades. — A fórmula usual ou comum, que é a mais simples, diz: — *Vere dignum et justum est, aequum et salutare, nos tibi semper et ubique gratias agere, Domine sancte, Pater omnipotens, aeterne Deus, per Christum Dominum nostrum.* — Os últimos versos do auto da Cananêa, ditos por S. Pedro, são uma imitação, uma tradução embora libérrima, uma paráfrase desta secção do Prefácio.

«Segue-se a terceira parte, que estabelece a transição da *eucarística* para a *apoteótica*, i. é, para o canto triunfal dos Anjos perante o trono do Altíssimo, seguido das aclamações dos israelitas ao Redentor por ocasião da sua entrada em Jerusalém. — A fórmula desta parte de transição, nas Missas dos domingos *per annum*, termina assim: — ... *quam* (veram sempiternamque Deitatem) *laudant Angeli, atque Archangeli, Cherubim quoque ac Seraphim, qui non cessant clamare quotidie, una voce dicentes.* E segue em côro o canto triunfal do *Sanctus*. Ora é esta secção do Prefácio, que eu suponho, não parafraseada, mas, pelo contrário, resumida e contraída nas duas palavras cantadas por S. Pedro — *Clamabāt autem* —, nas quais pode bem haver uma reminiscência do texto litúrgico, atrás citado: — *Duo Seraphim clamabant alter ad alterum.*

«Se, porventura, esta minha hipótese corresponde à realidade, então o côro de Gil Vicente, a seguir a essas duas palavras entoadas por S. Pedro, diria o mesmo que diz o côro litúrgico na Missa a rematar o Prefácio, isto é, o triságio dos Anjos no céu, seguido das aclamações das turbas em Jerusalém. Os Anjos, os Apóstolos, a Cananêa e restantes personagens do auto vicentino cantariam em triunfo, após a frase musical de S. Pedro: — *Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus Sabaoth. Pleni sunt caeli et terra gloria tua.* — *Hosanna in excelsis. Benedictus qui venit in nomine Domini. Hosanna in excelsis.*

«É êste mesmo sublime e *dolcíssimo canto*, que pelo céu de Dante ressoou em honra do Senhor do Universo, ao terminar o poeta o seu discurso teológico e apologético sôbre a mais excelsa das virtudes — a Caridade:

> Si com'io tacqui, un dolcissimo canto
> Risonò per lo cielo; e la mia Donna
> Dicea con gli altri: Santo, santo, santo.
> (*La divina Commedia — Il Paradiso*, c. XXVI).

«¡Belo epílogo apoteótico! ¡Digno remate de tão bela composição! É caso para dizer: — *finis coronat opus.*

«V. Ex.ª julgará se esta hipótese merece um pouco de atenção.

«Beija-lhe respeitosamente a mão, minha Senhora, o de V. Ex.ª, discípulo e admirador gratíssimo — (a) *António de Vasconcelos*».

* CLERICUS ET NEGOTIATOR(ES). — Em vez de *negotiator*. É o ambicioso Capelão do fidalgo pobre que, envergonhado de se haver encarregado de serviços impróprios para um eclesiástico — compras no mercado; a inspecção dos negros, ... gatos da cozinha, e mesmo do calçado do Fidalgo, seu amo, se classifica e denomina a si próprio com esses nomes (III, 204).

COELI ENARRANT GLORIAM DEI. — Princípio do Psalmo 18 de David (2.º dos que se cantam nas Matinas do Natal) recitado pelo *Clérigo da Beira* (III, 231). Desta vez acompanha-o da observação irónica: *Não cuide papa nem rei Que está no cume da serra.*

COLUMBA MEA FORMOSA. — O pastor Gil Terron, que tem leves tinturas de latim, como o leitor sabe, explica aos seus companheiros rústicos na Noite do Natal algo das doutrinas relativas à Virgem, a qual identifica com a esposa e zagala de que Salomão fala no *Cântico dos Cânticos*. Juntando *columba mea* a *formosa mea*, faz uma só fórmula das duas contidas no versículo 10 do Cap. II. Os catorze versos de Salomão que recita (I, 19), são o que em 1500 se chamava um *cantar trovado*, isto é, a livre versão, parafraseada, de um determinado texto preexistente, em regra, bíblico.

COLUMBA, ou num verso bilingüe, *mansa* COLUMBA NOÉ. — É outra designação simbólica da Virgem, alusiva à segunda das pombinhas soltas por Noé depois do dilúvio — àquela que levou à Arca, pousada no monte Ararat, o ramo de oliveira, em sinal de paz (*Genesis*, VIII, 11). Claro que Gil Vicente não deixou de mencionar também o *Corvo de Noé* (III, 110), que, pôsto em liberdade, semanas antes, ainda não encontrara onde pousar (*Genesis*, VIII, 7), e tem, no pensar do povo, fama de ser ave malfadada, e de mau agouro (*ein Unglücksrabe*).

CONTRA FOLIUM [ESCRIBISTE AMARGURA Y SOLEDAD]. — Gil Vicente introduziu como novidade na *Barca da Gloria* (I, 212) umas quatro *Lições* litúrgicas com os respectivos *Responsos*, rezadas uma pelo Bispo, outra pelo Arcebispo, a terceira pelo Cardeal, e a última pelo Papa. Elas constam de parafrases de versos dos Capítulos XIII e XIV do *Livro de Job*. É evidente que o poeta português imita a Garci Sanchez de Badajoz que se lembrara, antes de 1511, de aplicar as queixas ou lamentações do Agravado às suas próprias paixões de amor (*Canc. Gen.*, N.º 271), queixas e lamentações que muito antes tinham dado entrada no liturgício *Ofício de Defuntos*.

O versículo *Contra folium* (XIII, 25) tem, inteirado, o teor se-

guinte: *Contra folium quod vento rapitur ostendis potentiam tuam? et stipulam siccam persequeris?* ¿Contra uma fôlha que o vento leva empregas o teu poder? ¿e persegues uma palhinha sêca? E pertence à 4.ª Lição do Ofício indicado. À parcela redigida em português corresponde o versículo 26: *scribis enim contra me amaritudines?* Cfr. *Canc. Gen.*, I, p. 472b.

Na *História de Deus* (I, 343) possuímos redacção vernácula do trecho inteiro:

> Contra a folha prove (=pobre)
> Que ligeiramente o vento revolve,
> Mostras as forças que tu tens contigo?
> Porquê te fizeste contrairo comigo?

CONVERTERE AD DOMINUM. — No *Sermão de amor* sôbre o tema vergiliano (III, 106), há uma admoestação jocosa às damas de Lisboa, porque matam a gente com seus doces meneios. A estas se dirige o frade-prègador como se fôssem filhas perdidas de Jerusalém, dizendo-lhes imperativamente *Convertei-vos*, lembrado das *Lamentações* de Jeremias de que se lê na quarta, quinta e sexta-feira santa, e cuja invocação final é: *Jerusalem, Jerusalem, convertere ad Dominum Deum tuum!* Na *Vigilia de la Enamorada Muerta* (já citada, s. v. *Circumdederunt*) há duas oitavilhas que principiam com o imperativo *convertere* (p. 331 e 333).

* CREDO QUOD NATURA DAT, NEMO NEGAR[E] POTEST. — No *Canc. Geral*, f. 205d há redacção portuguesa do mesmo provérbio: que *o que natura dá, ninguem o pode negar*. Creio que nem Gil Vicente, nem Anriques da Motta conhecia o dito clássico de Horácio *Naturam expellas furca; tamen usque recurret* (X, 24).

CREDO QUOD REDEMPTOR MEUS VIVIT. — Na *Barca da Glória* é parte de um dos Responsos das Lições recitadas pelos próprios mortos (I, 295). No litúrgico *Ofício dos Defuntos* pertence à primeira Estação. Na verdadeira fonte, o *Livro de Job*, o autor afirma afoitamente *Scio enim quod Redemptor meus vivit et in novissimo die de terra surrecturus sum* (XIX, 25). Na *História de Deus*, em que Job figura como um dos prefiguradores, ouvimos em português a confissão dêle:

> Eu creio, Mundo, que o meu redentor
> Vive, e no dia mais derradeiro
> Eu o verei — Redentor verdadeiro,
> Meu Deus, meu Senhor, e meu Salvador.
> (I, 322).

CRIELEISON. — Pronúncia familiar de *kyrie eleison* — a única frase grega — invocação de misericórdia *(senhor, tem piedade)* — que entrou

no texto latino da Missa. É Venus, a deusa pagã, que em conversa engraçada com o Negro da *Frágua do Amor* (II, 334), emprega a fórmula como nome da respectiva oração, à qual êle replica, ao través, com o *Pato nosso*. Cfr. KIRIE ELEISON.

CUR FACIEM TUAM [*escondiste*]. — No original (v. 24.º do Cap. XIII do *Livro de Job*, há *abscondis*. Entrou na *Lição IV* do *Officium Defunctorum*. Nas obras de Gil Vicente faz parte da *Lição I* da *Barca da Glória* (I, p. 291).

CUR ME JUDICES [*ansi*]. — No original (*Job*, X, 2) a pregunta depende de *indica mihi*, segue-se a *noli me condemnare*, e diz *¿ cur me ita judices?* Entrou no *Ofício de Defuntos* (Lição II), e de lá passou à *Barca da Glória* (I, 284), na estrofe segunda da *Lição* (3.ª), recitada pelo Rei. Cfr. JUDICA MIHI.

* DE ALIIS. — A fórmula está no catálogo de obras teológicas e filosóficas que constituem o *Sermão*, propositadamente ridículo, do Frade-prègador, ou seja o Prólogo com que abre o Auto sacro-profano da *Mofina Mendes* (I, 101). Tem aparência de ser título de uma obra de certo Alexandre: *E Alexander de aliis.* Entendo todavia que não é. Suponho que Gil Vicente escreveu *de ales* e que os editores o «emendaram», quer em 1562, quer em 1834! Interpreto *de Ales* por *de Hales* e refiro-o ao *Doctor irrefragabilis* (fal. 1245), aquele eruditíssimo professor que, educado na cidade inglesa de *Hales*, brilhou como professor na Universidade de Paris, comentando as *Sentenças* de Pedro Lombardo, e escrevendo sôbre base aristotélica uma *Summa universae theologiae* (em 459 Questões). Duvido que o poeta tivesse a ideia de, brincando, censurar com o dúbio *de ales* o facto de êsse *de Hales* haver tratado *de omnibus et quibusdam aliis*. Quem desconhecer a grafia *de ales* consulte, se puder, os N.ºs 4, 4876 e 14092-14095 do *Registo* de D. Fernando Colon, na própria *Sevilla*, ou no *Catálogo dos Impressos* (Vol. I, p. 43 e seg.).

* D'ALPHABETUS HEBRAICE. — Outra parcela do Catálogo de obras patrísticas, escolásticas e clássicas, que saíu deturpada da bôca do Frade-prègador, meio-doido e passàvelmente sandeu, que recita o *Prólogo da Mofina Mendes* (I, 102). É o título de uma obra atribuída a S. Jerónimo. E dêle vemos que o dramaturgo português não ignorava o facto de o grande precursor da ortodoxia ter sido sabedor das três «línguas santas» e por isso bom revedor dos textos bíblicos.

DE ANGELORUM CHORIS. — Título de uma obra de Santo Agostinho, segundo o mesmo Frade-prègador (I, 102).

* DE CIVITATE ET CETRA. — É no *Sermão*, não do Frade doido,

mas no que o próprio Gil Vicente recitou em 1506 em Abrantes, que êle diz:

No quiero deciros especulaciones
De Santo Agostin de civitate et cetra.

Omite o genetivo *Dei* e substitue-o por *et caetera,* por precisar de rima para *letra* (III, 337). Liberdades de poeta cómico. De resto, o grande autor das *Confessiones* e da *Cidade de Deus*, é o Padre de Igreja que Gil Vicente mais vezes cita e glorifica, introduzindo-o p. ex. no formoso *Auto da Alma*.

* De consolationis. — Por *de consolatione*. Na bôca do Frade-prègador (I, 101), com atribuição a Boecio (*Beocio*, na edição de Hamburgo). A obra *De Consolatione*, ou *Consolationis Philosophiae Libri V,* do último verdadeiramente grande filho da Roma antiga, escrita nas angústias da prisão, em que morreu degolado, por ordem de Teodorico (525), creio bem que Gil Vicente a conhecia. Não sòmente de fama, mas por leituras repetidas, que insculpiram na sua retentiva a sentença, universalizada na *Divina Comédia*, «do bem passado e da dor presente.

De dignitate sacerdotum. — Outro título de uma obra, suposta, desta vez de Remígio, o Arcebispo de Rheims, que baptizou a Clodoveu (+ 523). Com *suposta* quero dizer que o Frade-prègador a atribue à tôa àquele sacerdote, visto que dêle subsistem apenas umas quatro Cartas (I, 101).

De inimicis nostris libera nos Deus noster. — É a fórmula final do Prelúdio do *Sermão de 1506* (III, 335).

Nas *Horas* é a quinta antífona de *Laudes* no ofício da *Cruz* (3 de Maio e 14 de Set.). Na península é vulgaríssimo recitá-la, fazendo o sinal correspondente.

* De secreta secretarum. — Mais um dos erros gramaticais que há nas citações de nomes, e títulos de livros, no *Sermão* do Frade-prègador, por meio dêles talvez propositadamente classificado de «ignorante». Êsse é atribuído a Aristóteles (I, 101). E realmente existe em muitas dúzias de exemplares, em redacção latina, e em vulgar, e também em árabe e hebraico, um tratado vindo do Oriente, com o nome do Estagirita, que, segundo a tradição escolástica, o redigira em grego. Do seu feitio dá ideia o título completo *Livro de Aristóteles do Regimento de Príncipes e Senhores, ou Segrêdo dos Segredos em Cartas ao grande rei Alexandre.* Traslados da redacção latina, de imensa autoridade nos dias de Afonso o Sábio, traduções, e Comentários (um de Roger Bacon) ainda corriam no século xvii. Quem quiser informar-se do conteúdo e da bibliografia

da obra, leia Knust, *Ein Beitrag zur Kenntniss der Escorial-Bibliothek* em *Jahrbuch für Romanische und Englische Literatur* (Vol. x, p. 153-172 e 272-317).

De profundis clamavi [ad te, Domine]. — O lúgubre Ps. 129.º *de penitentia*, cantado no *Officium Defunctorum*, a *Vésperas*, e recitado entre as preces no fim de *Laudes*, não podia faltar na imitação entoada na *Barca da Glória* (I, 292). Nem tão pouco nas Lamentações de David, inseridas na *História de Deus* (I. 330).

De religione christiana. — Um livro, assim intitulado, figura na lista de textos, já tantas vezes lembrada, do Frade-prègador (I, 102), como obra de *Beda*. Eu conheço o Venerável (+435) apenas como historiador do seu povo: *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. Sei todavia que deixou muitos escritos de índole religiosa (exegéticos, homiléticos, didascálicos). Mas, segundo informação do Dr. Vasconcelos, nenhum tem o título aqui apontado.

De terra surrecturus sum. — Precedido da locução adverbial de tempo *en el dia postrimero* (que é versão de *et in novissimo die*) é continuação do *Credo (quod Redemptor meus vivit)*, que faz parte, conforme já ficou registado, de um dos Responsos do *Ofício de Defuntos* (I, 295).

* De virgo ascentionis. — Êrro por *de virginis assumptione*, do Frade-prègador, que meteu êsse título no seu abundante Catálogo, como obra de S. Bernardo (I, 102). O reformador da ordem de Cister (+1153), que, como prègador de poético misticismo, descendia de Santo Agostinho, se não o escreveu realmente, bem poderia ter composto um *tratado* sôbre o assunto indicado.

P. S. do meu generoso auxiliador: Sôbre a *Ascensão*, ou melhor, *Assunção de Maria*, deixou quatro belos sermões de autenticidade insuspeita (Migne, *Patrol. Lat.*, 183, 415), e um, duvidoso, (*ib.*, 184, 1001). Há ainda outro Sermão do mesmo, em que se ocupa das prerrogativas da *Virgem assunta ao Céu* (*ib.*, 183, 429).

* Demenes-teco. — Essa pronúncia vulgar de *dominus tecum*, sai calculadamente da bôca do Parvo da *Serra de Sintra* (II, 424), que o emprega como apelativo, sinónimo de *benção*, no trecho humorístico, em que questiona com Deus por êle fazer as coisas *a través* (dando p. ex. mexilhões à gente de Coimbra quando ela lhe pede cevada).

Deo gratias (ou gracias com ortografia peninsular). — Essa mais usada e mais antiga das saudações cristãs, empregada por S. Paulo nas suas Epístolas (Rom. 6, 17; 1 Cor. 15, 57; 2 Cor, 2, 14; 8, 16, 9, 15) e introduzida pela Igreja na liturgia, onde ocorre com muita freqüência, tanto na *Missa* como no *Ofício*, é utilizada na vida comum,

sôbretudo entre gente de igreja, tanto no momento da chegada como da partida de alguém. Nos Autos de Gil Vicente ocorre diversas vezes. Em bôca do Frade folião da *Barca do Inferno* (I, 227 e 230); no da Freira Dolosia que cumprimenta a Frei Paço (II, 525); na do Fidalgo Colopêndio ao mesmo (II, 508), etc. O próprio Frei Paço faz apenas uma mesura elegante, declarando que considerava como *démodée* a velha fórmula

> *Deo gratias* não me pertence!
> nem *para sempre!* nem nada,
> senão... espada dourada!

Claro que a fórmula se encontra a miude nos *Autos* de Encina, Lucas Fernandez, e na Colecção de Rouanet.

* Deoso graça e *graça deoso* são deturpações do *Deo-gratias*, usadas pelos *Negros da Guiné* (III, 246).

* Deus cui proprium est miserere [semper et parcere]. — Êrro por *misereri*, que ocorre em ambos os passos de Gil Vicente, tanto na *Historia de Deus*, I, 312 (em rima com *requere*), como na paráfrase do Ps. 50, em que entremeteu com soberano arbítrio essa jaculatória. A primeira vez traduz *porque o seu próprio é perdoar*. A segunda vez repartiu a fórmula, dizendo

> *Miserere mei,* Senhor
> Deus, *cui proprium este*
> *Miserere*, Redemptor,
> Oh justo amerceador
> Desta alma que tu me deste.

São palavras tiradas quer do Ofício, quer da Missa de exéquias *in die obitus seu depositionis defuncti.*

Deus deorum [dominus]. — É o princípio do Ps. 49. No *Clérigo da Beira* (III, 233) é o ruim do Francisco que, depois de completar o *Beatus vir (q. v.)* com a frase *que tem sendeiro*, acrescenta — *Que lhe aparou — Deus deorum.*

Deus deus meus [ad te de luce vigilo]. — É o versículo inicial do Ps. 62, rezado pelo *Clérigo da Beira* (III, 231), que acrescenta *e nos dá dia par' eles*, pensando em cães, furões, e sôbretudo nos coelhos que pretendia caçar.

Deus in nomine tuo [salvum me fac et in virtute tua judica me]. — Êsse princípio do Ps. 53, que é recitado nas Matinas do Natal, na *Prima* que precede imediatamente a segunda Missa (a da aurora),

é dito em conformidade pelo Clérigo, tantas vezes já apresentado nestas nótulas, e tem na bôca dêle o teor seguinte:

Deus in nomine tuo, de graça,
Salva-me, na tua faca.
(III, 233).

Não sei interpretar a última parcela da oração, conquanto julgue que *faca* equivale ao nome *facanea*, com que a p. 231 é designado o cavalo pequeno em que o sacerdote da Beira ia montado. Se fôsse *na minha faca*, compreendia-se bem.

Dies mei [breviabuntur]. — É um fragmento do versículo inicial do Cap. xvii do *Livro de Job*, que entrou na *Lição VII* do *Ofício de Defuntos*. Intregrado êle diz: *spiritus meus attenuabitur, dies mei breviabuntur et solum mihi superest sepulcrum*. Eis agora a paráfrase de Gil Vicente na *Lição II*, bilingüe, do Arcebispo da *Barca da Glória* (I, 295):

Spiritus meus, tu hechura,
Attenuabitur; mis dias
Breviabuntur, y tristura
Me sobra y la sepultura:
No sé porque me hacias.

Dixit dominus [domino meo]: sede a dextris meis. — Entenda-se: *Deus pai disse a Deus filho: senta-te à minha direita*. Outro Psalmo dos que o Clérigo caçador recitou nas Matinas do Natal, indo à caça, distraïdamente. Pensando no *Beato Imaculado (q. v.)* ou no *Beneficiado*, de cujo muar desejava servir-se, continua a entremeter o seu pensar profano nos textos bíblicos (III, 233). Depois de *Dixit dominus* do Ps. 109 vem *que tinha hũa muito boa asninha;* e regressando ao Psalmo diz: *não* (ou *non*) *sede a dextris meis*, tomando por ventura o imperativo *séde* no sentido do substantivo *séde*, por assento, cadeira, cadeirinha. E o filho, seguindo na pista do pai, começa a recitar o versículo 2.º *donec ponam (q. v.)*, afirmando que o aludido eclesiástico *tem seis* (asninhas, bem se vê) e a mais uma *mulatinha*, e recomenda *¡vede se as havereis!* Na realidade, o Psalmo 109 vem a Vésperas.

* Domenus obisco. — Vid. Dominus vobiscum.

Domine, benedixisti terram tuam *y el ganado*. — Trata-se das primeiras palavras do Psalmo 84, cantado por David, no *Auto dos Quatro tempos* (I, 97). Vid. *Captivitatem, Remisisti, Iram*. Na *Vulgata* e no *Breviário* há *Benedixisti, Domine*.

Domine cardinalis, *entre Vuestra Proeminencia*, diz o diabo ao Cardeal da *Barca da Glória* (I, 297).

DOMINE, DOMINUS NOSTER [QUAM ADMIRABILE EST NOMEN TUUM IN UNIVERSA TERRA]. — O *Clérigo da Beira* começa a recitação do Ps. 8.º. Mas em lugar de erguer os seus pensamentos a Deus, pensa ùnicamente, como já sabemos, na caçada, continuando a invocação com as palavras relativas aos cães

> *nos dê com que os manter,*
> *e coelhos que levemos.*
> (I, 231).

DOMINE JESU CHRISTE. — Os quatro doutores que no *Auto da Alma* representam a Madre Igreja, entoam essas palavras, depois de haverem cantado *Vexilla regis prodeunt*, — *Salve, sancta facies*, — *Ave, flagellum* — *Ave, corona spinarum*, —*Dulce lignum, dulcis clavus*, mas antes de rematarem a bela obra de devoção com o *Te Deum laudamus* (I, 212). Nas colecções de Hinos que pude consultar, não encontrei versos dêsse teor, *ao Crucifixo*, e que possam sèr oração remate.

DOMINE, LABIA MEA [APERIES]. — *Senhor, abre* (ou *descerra*) *os meus labios:* essa significativa invocação, chamada *aperitionis*, a da *abertura (ouverture)*, pertencente como parcela quarta ao Prelúdio das Matinas, não podia escapar de maneira alguma ao Clérigo da Beira, que, na Farsa dêsse título, diz a sua Missa do Natal, abreviadamente embora, e profanando-a pela intercalação de ditos mundanos, preocupado como andava com os coelhos que pretendia caçar, afim de economizar a carne de vaca (III, 231). — Em outro Auto do Natal, de devoção festiva, conquanto não faltem nele elementos mundanos, o próprio *psalmus aperitionis* estava destinado a vir personificado com música orfea, em companhia de certos Hinos e cânticos, a dar um lindo concerto, verdadeira *ouverture*, antes que surgisse no palco, acompanhada de quatro virtudes, a Virgem, cujos Mistérios *(Anunciação* e *Natal)*, o poeta ia celebrar com a côrte, em Évora, no ano de 1534. Mas o Frade-prègador, que no Prólogo da *Mofina Mendes* faz a caricatura dos prègadores da moda, estava a enganar, brincando, o seu público, como era costume dos Argumentadores (I, 104). Quanto à origem, o *Domine, labia mea* é o versículo 17 do Psalmo *Miserere mei*. Comentadores místicos dos Psalmos (como Bona, *De div. ps.*, § 4), referem-no à mística purificação dos lábios para que sejam aptos a receber o beijo de Deus. Santo Agostinho, notando que o versículo imediato é *os meum annuntiabit laudem tuam*, e não *os meum osculabitur*, explica com a devida singeleza que ninguém pode louvar Deus sem a ajuda de Deus. Outros, mais históricos, entendem que os monges que depois das Completas noturnas

tinham de guardar silêncio, recomeçavam naturalmente as rezas matutinas com as palavras *Domine, labia mea aperies.*

DOMINUS DEDIT, DOMINUS ABSTULIT... [SIT NOMEN DOMINI BENEDICTUM]. — O formosíssimo verso criado por Job, na sua fase de Paciente (Cap. 1, 21), não podia, não devia faltar na obra de Gil Vicente.

E não falta. Está no discurso complexo que o próprio dirige na *História de Deus* ao Mundo e ao Tempo, engenhosamente, comquanto pouco ortodoxamente elaborado, com veia poética, e de propósito, em português:

> Oh bento e louvado seja o meu Senhor,
> O que ele mandar.
> A vida he sua; pode-a tirar.
> A morte he nossa, de juro e herdade.
> E pois que elle he o juiz da verdade
> Faça-se logo sem mais dilatar
> A sua vontade.
> (I, 324).

Acho muito belos os trechos refeitos na língua materna, superiores aos que, bilingües e híbridos, constam de estrangeirismos castelhanos e latinos.

DOMINE, MEMENTO MEI. Vid. MEMENTO MEI. — I, 237.

DOMINI EST TERRA [ET PLENITUDO EJUS, ORBIS TERRARUM ET UNIVERSI QUI HABITANT IN EO]. — Mais um dos textos litúrgicos que o *Clérigo da Beira* estava obrigado a recitar nas Matinas do Natal (I, 231). É prelúdio do Ps. 23. Desta vez o completa sem troçar, acrescentando *que é senhor de toda grei.*

DOMINUS CUSTODIT TE [DOMINUS PROTECTIO TUA]. — Parcela do Ps. 120 *Levavi oculos meos,* que David, em figura de pastor, adapta no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 97) ao gôsto da côrte portuguesa. Vid. ECCE NON DORMITABIT — ISRAEL QUI VISITABIT.

DOMINUS TECUM. — Fragmento da saüdação angélica; ou seja da *Ave-Maria,* trovada que Gil Vicente introduziu no seu *Sermão* de leigo (III, 335).

DOMINUS VOBISCUM. — *¡ Deus seja comvosco !* A fórmula, com que o Sacerdote saúda o povo (antes de começar as Orações), é canticada na *Farsa dos Almocreves* (III, 207) pelo Capelão do Fidalgo pobre. Estropiada, aparece como *domenus obisco* na bôca do *Moço do Clérigo,* doente de amor, e da Blanca Denisa que amava (III, 313). Na *Propaladia* de Torres Naharro (II, 136 e 382) é *domenus bovisco.*

Històricamente a fórmula provém do Livro de Ruth (II, 4) em que Booz saúda assim os ceifadores. Foi no Concílio 1.º de Braga (II,

Canon 3) que foi adoptado. A resposta do povo *Et cum spirito tuo,* é tirado da 2.ª Epístola de Paulo *ad Tim.* (IV, 22).

DONEC PONAM [INIMICOS TUOS SCABELLUM PEDUM TUORUM]. — Parcela do Ps. 109, aproveitada no *Clérigo da Beira,* conforme já deixei dito, a respeito de *dixit dominus* (III, 233).

DRACONES ET OMNES ABYSSI. — É parte do Versículo 7 do Psalmo 148, de *Halleluja*, que principia *Laudate Dominum,* e é cantado *Ad Laudes.* Completo, diz *Laudate dominum de terra d. e. o. a.* Gil Vicente deu dêle uma bela paráfrase, infelizmente bilingüe, segundo a moda medieval, no último Auto de Natal com que regalou a côrte, em 1534, o chamado da *Mofina Mendes,* que já nos ministrou diversas frases latinas (I, 119). Abrange seis quintilhas. Já anteriormente havia aproveitado trechos dêle no *Auto dos Quatro Tempos,* substituindo *Laudate* por *Benedicite* e fusionando assim as palavras do Psalmista com as dos três mancebos (*Dan.,* III, 52–90). Já o expliquei s. v. *Benedicite.*

DUO IN CARNE UNA. — Dando-lhe forma bilingüe *(Serán dos in carne una),* uma vez, e traduzindo-o, para *dos en una carne,* em outra ocasião, é que Gil Vicente utiliza o dito bíblico, contido no *Genesis II,* 24, repetido no Ev. de Matth (XIX, 5), e lido, tanto na Epístola como no Evangelho da Missa nupcial. No *Auto das Sibilas* (I, 48), Moisés explica o sacramento do matrimónio a Cassandra, que não quer casar, julgando-se predestinada a ser mãe-virgem de Deus. Na *Comédia do Viuvo* é o eclesiástico que casa as irmãs Paula e Melícia com os príncipes D. Rosvel Tenori e D. Gilberto. Êsse, acrescenta o *crescite et multiplicamini* (Gen. VIII, 17), ou na linguagem de Gil Vicente:

Multiplicad,
Enchid la tierra y holgad
Con salud que Dios os dé.
(I, 104).

DULCE LIGNUM, DULCIS CLAVUS [DULCE PONDUS SUSTINET]. — Também há a variante *dulces clavos.* Adorando o Crucifixo é que os quatro Doutores da Igreja entoam aquele verso no *Auto da Alma* (I, 211). Faz parte do Hino *Ad Laudes* de S. Fortunato *Lustra sex qui iam peracta* (ou *qui iam peregit*), que se canta na Festa da Adoração da Cruz (féria *sexta in parasceve*), ou mais exactamente, são os versos finais da estrofe terceira, que, inteira, tem o teor seguinte:

Crux fidelis inter omnes,
Arbor una nobilis!
Nulla silva talem profert
Fronde, flore, germine.

N.º 72 e 76, em Ulysse Chevalier, *Poésie Liturgique,* Tournai, 1894. Cfr. A. de Vasconcelos, *Compêndio de Liturgia Romana,* Coimbra, 1898, Vol. II (9).

Mas o tal Hino do Breviário romano nada mais é do que a segunda parte (Estr. 6–11) do formoso *Pange lingua, gloriosi Praetium Certaminis* (ou *Proelium* — ou *Lauream*) que ainda hoje se canta nas festas da Cruz (3 de Maio e 14 de Setembro), e durante todo o tempo da Paixão, dividido (5 estrofes a *Matinas,* e as outras a *Laudes*). Vid. Schlosser, *Die Kirche in ihren Liedern* (Mainz, 1851, I, N.º 57).

DULCIS AMOR, QUOD ME VIS? — ¿ Que me queres, doce amor? O velho Doutor Justiça-maior da *Floresta de Enganos*, dirige essas palavras à mocinha de uma viúva fingida, pela qual êle se apaixonara, na hilariante obra derradeira com que Gil Vicente entreteve a côrte em 1536 (II, 160)

DUM VENERIS [JUDICARE SAECULUM PER IGNEM]. — *Venéris* em vez de *venĕris,* em rima com *destruieres* e *ne recorderis.* Essas palavras, relativas ao novíssimo dia do juízo, são recitadas no 6.º Responso do *Ofício de Defuntos.* Por isso entraram nas *Lições* da *Barca da Glória* (I, 285, Lição 3.ª). Figuram igualmente nos fatídicos sinais de morte do mundo doente — imitados dos *Quindecim signa ante judicium* — com que o poeta assombrou a côrte no Sermão de 1506 (III, 345). Claro que estão também no trecho poético correspondente da *Vigília*, de Enzina (p. 342). Eis os versos de Gil Vicente:

> Naquel tiempo *dum veneris*
> Quando el siglo destruieres
> Con tu gran saña per fuego.

ECCE AGNUS DEI [QUI TOLLIT PECCATUM MUNDI]. — Essas palavras do Ev. Joh. (I, 29), relativas ao Redentor, são correctamente atribuídas ao Precursor *clamante in deserto* na *História de Deus* (I, 332). Vid. *Qui tollis peccata mundo.*

ECCE ANCILLA / ECCE ANCILLA DOMINI } Fragmento da resposta humilde, dada no Evangelio pela Virgem à Anunciação do anjo Gabriel, e que se integra acrescentando: *fiat mihi secundum verbum tuum* (Luc., I, 38), que foi empregado por Gil Vicente tanto no *Auto da Fé* (I, 74) como nos *Mistérios da Virgem* (I, 110). Claro que ocorre nas Festas litúrgicas, sôbretudo na da *Anunciação* (25 de Março).

ECCE HOMO. — É a palavra, só aparentemente incolor, de Pilatos aos Judeus (Ev. S. João XIX, 5) quando lhes mostrou Jesus Christo, coroado de espinhos; e uma das bíblicas mais usadas. Emprega-se mesmo, quer vulgarmente quando se anuncia ou apresenta alguém,

quer falando de si próprio. Também foi nome de uma representação (quer plástica, quer pintada) do Salvador com as mãos atadas, ou de cana nelas. Em Gil Vicente corre na *Barca da Glória,* em tradução suficiente, meio-portuguesa, meio-castelhana *Eis el hombre castigado* (I, 286).

Quanto ao seu profundo valor trágico, inspirou inúmeros poetas, da Escola velha e da nova. Entre êles citarei o Valenciano Bartolomeu Gentil, autor de cinco Sonetos, publicados pela primeira vez no *Canc. Gen.* de 1527.

Ecce non dormitabit. — É oração que faz parte de um dos Psalmos de David (120, 4). Na ensalada bíblica do rei-pastor, entoada no *Auto dos Quatro Tempos,* segue-se a uma paráfrase de *Levavi oculos meos.* A continuação em latim *neque dormiet* (e *não dormirá*) tem no texto rimado de Gil Vicente a redacção

Ni jamas el ojo pega
Aquel que guarda y navega
(I, 97).

Cf. Israel qui visitabit.

* Ego latinus macairos. — Em rima com *campanairos, contrairos, breviairos* (por *campanários, contrários, breviários, macários*), na bôca do Parvo da *Barca do Inferno* (I, 239). *Macário,* no sentido de *macarrónico,* é muito curioso. Leva a preguntar, se o nome próprio *Macário,* dado freqüentemente a ermitães, atletas na penitência, mas fracos latinistas, teria provocado a evolução do significado para misturador de termos latinos com termos neo-latinos. ¿ Mas onde estão as farsas medievais em que há exemplos ? ¿ farsas anteriores a 1517 ? ¿ de coevos anónimos de Enzina e Fernandez ? Desconheço-as até hoje por completo.

Eis el hombre castigado. Vid. Ecce homo.

Electa ut sol. — Uma das figuras retóricas de comparação com que Salomão havia exaltado a Sulamite (*Cant.* vi, 9) e que a Igreja cristã aplicou à Virgem, introduzindo-a no Ofício dela. Gil Vicente aproveitou-a na *Mofina Mendes,* nas profecias das Sibilas, que as quatro donzelas recitam: Pobreza e Humanidade, Fé e Prudência (I, 106). Na Prosa Litúrgica, reimpressa por Chevalier (N.º 172) há *praeelecta ut sol.*

* Entres natos mulieres — *Não sorrexe outro maior — João Baptista corretor.* Estropiada pela feiticeira da tragi-comédia de *Rubena* (II, 28) é tradução literal do dito de Cristo às turbas, consignado no Ev. de Mateus XI, 11: *Non surrexit inter natos mulierum maior Joanne Baptista* — dito que o poeta podia receber da liturgia no *Ofício de S. João Baptista* (24 de Junho) a Matinas, Laudes,

Tercia e Sexta nos respectivos responsos breves (vid. p. 18). O lúgubre versículo *Homo natus de muliere, breui vivens tempore, repletur multis miseriis,* do *Livro de Job*, XIV, 1, êsse foi traduzido por Gil Vicente na Lição III do *Ofício de Defuntos*, que constitue o assunto principal da *Barca da Glória*. É o Cardeal que recita versos que lembram o *Recuerde, el alma dormida,* de Jorge Manrique

Todo hombre que es nascido
De muger, tien breve vida,
Que quasi *flos* es salido.
Y luego presto abatido
Y su alma perseguida.
Y no pensamos
Cuando la vida gozamos,
Como della nos partimos,
Y como sombra pasamos,
Y en dolores acabamos
Porque en dolores nacimos.
(I, 297).

Na *História de Deus* é o próprio Job que no seu discurso, repleto de ideias bíblicas, diz reflectido:

Senhor, *homem de molher nascido*
Muito breve tempo vive miserando,
E como flor se vai acabando,
E como sombra será consumido.
(I, 324).

Imitação um tanto frívola, ou antes aplicação do versículo, há-a na Carta de Cataldo Sículo à Condessa de Alcoutim. Elogiando o filho dela, Pedro de Meneses diz: *Inter natos mulierum non surrexit maior Pedro.* (Vid. Cerejeira, *Clenardo e o Renascimento*, II, 63).

O versículo já fôra utilizado por um trovador português no notabilíssimo Sirventês contra os vassalos de Sancho II que entregaram os castelos ao *Bolonhês, como não deviam* (CV, 1088). Posteriormente foi parafraseado nas profanas Lições de amor de Garci-Sanchez de Badajoz (*Canc. Gen.*, I, p. 473), por fazer parte realmente das *Horas dos Defuntos (Lectio V).* Na sua *Consolatória à Condessa de Castro*, Gomes Manrique, parafraseando e traduzindo-as com muita exactidão (I, p. 216), diz textualmente: *Todo hombre de mujer nacido es poco tiempo biviente, e aquel de miserias e trabajos lleno.* Vid. Sorrexe.

Et acies ordinata. — Mais exacta é a lição *terribilis ut castrorum acies ordinata.* É outra figura relativa originàriamente à Sulamite (Canto VI, 3 e 9), mas aplicada à Virgem no seu Ofício litúrgico

(Vid. Saverio Mattei, p. 140). Em Gil Vicente pertence às profecias lidas pelas castas donzelas no *Auto da Mofina Mendes* (I, 106).

Et centum pro uno accipietis. — É transformação de um verso do Evangélio. Como Jesus Cristo prometera aos que deixassem pai e mãe, irmãos e irmãs, receberiam o *centuplo* e a vida eterna [Matth. XIX, 29: *et omnis qui reliquerit domum, vel fratres aut sorores, aut patrem aut matrem, aut uxorem aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam aeternam possidebit*], assim Hannibal, como representante da África, promete na *Exhortação à Guerra*, num belo discurso, às senhoras portuguesas e à clerizia, que, contribuindo com as suas joias a custear a expedição a Azamor, em 1513, receberiam juros de cem procentos, em glória e honra (II, 367).

* Et cetra por *et caetera*, é freqüente na *Copilação* (II, 104, 497; III, 337, 338). Vid. Civitas dei.

* Et eclipsi. — É substituïção de *ignis, grando, nix, glacies, procellae, montes*, fôrças elementares, evocadas nos versos 8 e 9 do Psalmo 148, afim de louvarem e bendizerem a Deus. Depois de haver citado dois versos latinos *Laudate Dominum de terra — Dracones et omnes abyssi*, Gil Vicente continua em português,

> E todas diversidades
> De nevoas e serra

(em vez de *serras;* afim de ter rima para *terra*),

> Ventos, nuvens *et eclipsi*
> E louvai-o, tempestades!

Claro que pronunciava *et eclissi* e escolheu essa fórmula por falta de outra consonância com *abyssi* (I, 119). Cfr. Laudate — Dracones — Bestiae. Há tradução dêsse Psalmo no precioso volume *Lyrics of Gil Vicente*, de Aubrey Bell, N.º 9 (2.ª ed. de 1921).

* Et favorem advertisti. — Êrro por avertisti. — Ocorre no *Auto dos Quatro Tempos*, na parafrase de Psalmos entoada por David (I, 97). Provém do versículo 5.º do Ps. 84.

Et in carne mea videbo deum Christum salvatorem meum. — Pertence ao primeiro Responso do Ofício de Defuntos. E entrou na paráfrase respectiva da *Barca da Glória*. Dando-lhe forma bilingüe, diz o arcebispo

> *Et in carne mea* — entero
> *Videbo Deum* — cordero,
> Christum, *salvatorem meum*.
> (I, 295).

ET IN TERRA PAX HOMINIBUS. — A continuação de *Gloria in excelsis deo*, anunciada pelos anjos na noite do Natal (Luc. II, 14) e rezada no *Auto dos Mistérios*, ou da *Mofina Mendes*, pela própria Virgem, em profecia (I, 118).

ET LAUDA HIERUSALEM. — Em vez de *Lauda Hierusalem dominum* do Ps. 147, 1, por causa do ritmo, na reza da Virgem, contida no *Auto da Mofina Mendes* (I, 119). O *Clérigo da Beira* faz troça, ao recitar o versículo; e tomando *Hierusalem*, ou *gente de Jerusalem*, por *Judeus*, acrescenta *louvai a todo o homem que tem vintens, tostões e ceitis* (III, 232).

ET MACULA NON EST IN TE. — Mais uma glorificação da *Sulamite* (Cant. IV, 7) passada à Virgem, e como tal apregoada pelas donzelas que a acompanham (I, 105) no *Auto da Mofina Mendes*.

* ET PERNIS PERDIGOTORUM. — É o Parvo inocente da *Barca do Inferno*, que, dizendo, no seu latim *macário*, verdades aos homens do Breviário e da justiça, os acusa de roubarem coelhos e perdizes, ou de se deixar peitar com tais ofertas pelos lavradores (I, 239). Vid. RAPINASTIS.

A tais peitas tradicionais alude o provérbio *Ao tabelião, com as pernas na mão*, cuja interpretação estrangeiro algum encontrou até hoje, e mesmo português nenhum.

ET PLASMAVERUNT ME. — É continuação de *manus tuae, domine, fecerunt me*, frases dirigidas por Job ao Criador (X, 8) e repetidas na *Barca da Glória* pelo Duque (I, 281). Já ficou dito que a fonte donde Gil Vicente as tirou é o Ps. 118, 73, ou antes, a 3.ª Lição do *Ofício de Defuntos*.

ET QUANTUM AD DUODECIM DOMUS ZODIACUS, SEQUITUR DECLARATIO OPERATIONEM SUAM. — Essa prosa precede uma exposição burlesca do que são as dôze *moradas* ou os dôze *sinos*. Consta de Perogrulhadas, ou verdades de Monsieur de La-Palisse, como p. ex.

> que os corpos celestiaes
> não são menos, nem são mais,
> que suas mesmas granduras.
> (I, 154).

* ET QUANTUM AD STELLA MARS, SPECULUM BELLI, ET VENUS, REGINA MUSICAE, SECUNDUM JOANNES MONTEREGIO. — Nesta prosa, assim como na anterior e na subseqüente, é Gil Vicente quem, sem se importar com os casos pedidos pelas preposições, fala, no papel de Mercúrio, como planeta, reitor das moedas, e deus das mercadorias, que preside ao Auto satírico-moral da *Feira*. É epígrafe de uma *décima* em que, brincando, fala dos efeitos causados pela guerra e por Vénus (I, 153).

* Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer, Capricornius positus in firmamento coeli (I, 153). — As duas décimas, assim epigrafadas, são dedicadas (como se fôssem escritas neste ano da Des-Graça de 1921), à carestia da carne, e à falta de libras (I, 154). — Vid. Sequuntur mirabilia.

Et tabernacula. — Entre as imagens retóricas, que caracterizam a Sulamite e a Virgem, é que nos *Mistérios*, ou seja no *Auto da Mofina Mendes*, se encontra essa designação, entre *acies ordinata* e *speculum sine macula* (I, 106). Todavia foi debalde que a procurei no *Cântico dos Cânticos* e no *Ofício B. V.* Lá se mencionam apenas em sentido diverso *os tabernáculos dos pastores* (I, 7); e cá, há, no Eccles. XXIV, o passo *requievit in tabernaculo meo.*

Et tu qui solus es. — Assim diz Abraão ao Criador naquele Auto da *História de Deus* que vai *de abinitio mundi* até à Ressurreição (I, 326), dando-lhe o significado de: *e ùnicamente tu governas tudo.* Tal qual Job na sua Lamentação (XIV, 4) pregunta: *quis potest facere mundum de immundo conceptum semine nonne tu qui solus es?* Isto é na *Vulgata;* não no texto hebraico.

Et verbum caro factum est. Vid. O verbo.

* Et vita et misericordia. Vid. Vita et misericordia.

* Et vobis quoque cum ea. — Em lugar de *et vos.* O diabo fala ao Corregedor infiel e injusto da *Barca do Inferno* (I, 237), imitando os seus erros gramaticais.

Exaudi *mi oracion.* — É o remate bilingüe do *De profundis* do *Ofício de Defuntos*, tanto na *Barca da Glória* de Gil Vicente (I, 292) como na *Vigília* de Enzina (p. 344).

Na realidade, é no fim das *Vésperas do Ofício de Defuntos,* depois do *De profundis*, seguido das preces usuais (que rematam pelo *Domine, exaudi orationem meam*, ao que responde o côro *Et clamor meus ad te veniat*), e depois da saudação *Dominus vobiscum*, com a resposta *Et cum spiritu tuo,* que o Sacerdote recita ou canta a oração própria.

Exaudi orationes nostras. — É o final da Missa do *Clérigo da Beira,* seguido apenas do *Pater Noster,* como é de lei (III, 233).

Fa-la-mi-re-ut. Vid. re-mi-fa-sol-la.

Fiat lux. — Moisés, explicando a Cassandra a criação do mundo, no *Auto das Sibilas* (I, 48), serve-se naturalmente do *Genesis* (I, 3).

* Fidem cam nisi que. Vid. Quicumque vult salvus esse.

Fili David [miserere mei ou nostri]. — *Ampara-me, fili Davi*, grita o Rei na *Barca da Glória* (I, 284), e novamente o Arcebispo (I, 304); assim como a *Cananea* (I, 367). É a exclamação deprecativa, tanto da mulher de Canan (Mat. VV, 22), como de dois cegos

(II, 27); outros dois cegos (XX, 30-31); e de mais um (Marc. X, 47-48, Luc. XVIII, 38), o qual talvez deva identificar-se com um dos referidos por Mateus.

Todos êles designam o Salvador, cujas virtudes milagrosas imploram, em harmonia com a Bíblia, como descendente del rei David.

Claro que a fórmula também é usada, não sòmente como vocativa, mas também em outros casos (*filio*, Mat. XXI, 9).

FLOS. — A não ser simples êrro de imprensa das edições modernas, temos êsse nome latino na reza do Cardeal que figura na *Barca da Glória*, I, 297. Vid. ENTRES NATOS MULIERES.

FLOS HORTORUM. — Parece-me ser mero êrro de imprensa por *fons hortorum*.

Pelo menos é essa a fórmula do Cântico de Salomão (IV, 15) que foi aplicada à Virgem nas invocações que é costume dirigir-lhe (I, 106) e nas paráfrases poéticas recolhidas nos Cancioneiros (*Canc. Gen.*, II, 316).

FONS HORTORUM. Vid. FLOS HORTORUM.

FORMOSA COLUMBA MEA. — Moisés explica a Cassandra e às três profetizas que figuram no *Auto das Sibilas* — a Erythreia, a de Cumas, e a Persica — que os Cantares de Salomão eram prenunciadores (I, 55), e cita a fórmula combinada que (conforme já deixei dito s. v. *Columba mea formosa*) não se encontra unida no texto da *Vulgata*; mas sim dividida (*amica mea — columba mea — formosa mea*).

GEMENTES ET FLENTES. Vid. SALVE REGINA.

* GEMINIS. — Por *Gemini*, os *Gemeos*, como constelação. A falsa pronúncia talvez seja analógica, de *Genesis* (I, 85).

GLORIA *a Deos soberano* IN EXCELSIS. — O cântico dos anjos é recitado pela propria Virgem no Auto da *Mofina Mendes* (I, 118). A doxologia menor *Gloria patri et filio et spiritui sancto* não aparece nos Autos de Gil Vicente.

GLORIA LAUS ET HONOR TIBI SIT RES CHRISTE REDEMPTOR. — É a fórmula final da *História de Deus* na impressão avulsa da Biblioteca Nacional de Madrid.

* GLOSA INTERLINIARUM. — Título bárbaro e anti-gramatical de um suposto tratado, que o Frade-prègador, que recita o Prólogo da *Mofina Mendes*, menciona no seu Catálogo de autoridades, sem nome de autor (I, 101).

GLOSA ORDINÁRIA. — Título de outro tratado que não sei identificar (I, 101).

GRATIA PLENA. — A parcela segunda da *Ave Maria* (q. v.) encontra-se pelo menos três vezes nos textos vicentinos (I, 52, 330 e 334).

HABENTUR VERBA ISTA ORIGINALITER IN PARIETE ISTIUS AULAE QUAE SCRIPSIT ALIQUIS STULTUS. — É o comentário de Gil Vicente à tripartita sentença *Non volo; volo et deficior* que, encontrada por êle rabiscada na parede de um corredor ou de uma ante-câmara do Paço de Abrantes, lhe serviu de tema ao *Sermão* que prègou na noite do nascimento do Infante D. Luís (III, 335).

HEU MIHI! HEU MIHI! — Grito de dôr, um *¡ai de mim!* ou antes *¡ai a mim!* que Gil Vicente arranca à paciência agravada de Job na *História de Deus* (I, 301). Não é todavia no texto bíblico correspondente que êle se encontra, embora Gomes Manrique o atribua também a Job, seguido da pregunta *Ubi fugiam?* (Vol. II, 304). Pediu-o, quer ao Psalmo CXIX, 5, quer ao Livro dos *Juízes* (VI, 22). No *Ofício de Defuntos* pronuncia-se *Hei mihi, Domine*, na antífona 2.ª de Vésporas e no Responso 5.º de Matinas.

* HABET CONSILIUM IMPIORUM. — Erro por ABIIT que talvez sòmente se encontre nas edições modernas (III, 233) e não na príncipe, de 1562, conforme já disse s. v. ABET.

HOC NON POTEST ESSE. — Resposta do Corregedor da *Barca do Inferno* a um dito do diabo (I, 235).

HOMO MISSUS A DEO. — Contra toda a previsão, êsse passo do Evangélio de S. João (I, 6), encontra-se no *Romance à aclamação de D. João III*, aplicado a êsse rei de Portugal que foi introdutor da Inquisição (III, 359). Não como precursor, apesar do nome *João*, mas como redentor do povo, sobrecarregado de impostos.

Segundo o seu costume de pensador, Gil Vicente esconde debaixo de leves palavras rimadas, ideias sérias e sensatas, em parte de assaz difícil compreensão, naquela segunda parte do Romance, em que calcula o que, além de cumprimentos lisongeiros, cada um dos Senhores de Portugal aconselharia ao novo rei, no breve momento do beijamão. Ao Marquês de Vila-Real atribue a recomendação: *Governai polo antigo* (¿ como o antecessor? ¿ ou antes, como o predecessor dêsse, o grande D. João II?) E ao Bispo de Évora atribue — salvo êrro — a mesma admoestação geral, com a condição todavia de, em vez de agravar ainda a situação do povo, aliviar-lhe o jugo pesado que as descobertas e conquistas lhe haviam imposto:

Pera redenção
Foi *homo missus a Deo*,
Cujo nome era João!
Beijo-vos, Senhor, a mão.
E ferrai sobre o velho;
Não cureis daquele *espelho*
Que cegou a Reboão.

Alusão ao verso 11 do *Livro dos Reis* (III, 12). O «espelho» deve ser a odiosa ideia dos Novos, condensada na áspera resposta ao povo: «Meu pai açoitou vos com chicotes; eu atagantar-vos hei com escorpiões». ¿ Será lapso por *conselho*?

HOMO NATUS DE MULIERE. Vid. ENTRES NATOS.

* HONORATE DEUM VESTRUM. — Pronunciado e grafado *deu vestro* (em rima imperfeita com *cabresto*). É Frei Martinho, da *Nau de Amores*, que enlouquecera de paixão, quem mete no seu desabafo, ou na sua confissão, êsse mandamento da Cartilha (II, 308).

HORTUS CONCLUSUS. — Mais uma das designações simbólicas da Sulamite e da Virgem (Cântico VI, 12). Ela está traduzida várias vezes na Copilação: por *huerta cerrada* (I, 19); *cerrada huerta* (I, 296); *horto cerrado* (I, 108). Em forma latina ocorre uma única vez (I, 106).

* ILLA QUI INCIPIT TRARANTRAN QUIA TRANLARUM EST (?). — Latim de médico, de um determinado físico e cirurgião-mór de D. Manuel, chamado Mestre Fernando, cristão-novo, ridicularizado por não saber bem latim, alegar textos, ter o bordão, *¿ ouvi-lo?* e ser dado a jogar (III, 311, no *Auto dos Físicos*). Nessa bufonada de carnaval a oração citada é continuação de *non es(t) bona purgatio illa qui incipit cum dolores (sic, q. v.)*.

* IMBARQUEMINI IN BARCO MEO! — Latim macarrónico do diabo na *Barca do Inferno*, dirigido ao Corregedor (I, 239) como convite.

* IMBARQUEMINI IN BATEL. — Outro trecho da mesma conversa (I, 237).

IN ADJUVANDUM ME FESTINA. — Apressa-te em socorrer-me. Ao implorar a misericórdia «do Cordeiro divino» é que vem à memória do bispo da *Barca da Glória* aquele Psalmo de salvamento (o 69.º), que principia *Deus in adjutorium meum intende, Domine ad adjuvandum me festina*, o qual entrou como parcela importantíssima no Prelúdio de todas as *Horas* do Ofício litúrgico (I, 304), e se segue imediato a *labia mea* (I, 304).

IN AETERNUM. — Para sempre, em toda a eternidade, sem fim. — Locução adverbial que naturalmente ocorre dúzias de vezes no psaltério (p. ex. no Ps. 135), com maior freqüência ainda do que *ab aeterno*.

IN AETERNUM IRASCERIS. — Essa frase, que figura na miscelânea entoada por David no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 97), provém do Ps. 84, 6 *(Benedixisti)*. Integrado diz: *num quid in aeternum irasceris nobis? aut extendes iram tuam a generatione in generationem?*

IN CARNE UNA. —Vid. DUO IN CARNE UNA.

IN CONVERTENDO. — Rezado pelo *Clérigo da Beira* nas Matinas do

Natal (I, 232) é o início do Psalmo 125): *in convertendo dominus captivitatem Sion facti sumus sicut consolati.*

In die illa tremenda quando coeli sunt movendi. —Todos sabem que essa fórmula, que lembra o *dies irae dies illa* de Tomás de Celano, pertence ao nono Responso do *Ofício de Defuntos*, e também se canta na *Absolutio ad tumulum*, em geral depois da Missa que remata as exéquias. Integrada diz: *Libera-me, Domine, de morte aeterna in die illa tremenda quando coeli movendi sunt et terra, dum veneris judicare saeculum per ignem.* Gil Vicente introduziu-a no Responso da Lição 4.ª da *Barca da Glória*, rezada pelo Imperador (I, 288).

Mesmo a essas palavras não faltaram paródias. Para os que sacrificam a Baco é *dia tremendo aquele em que não ha vinho, nem fiado, nem na tenda, nem per força, nem per rogo*, segundo explica Anrique da Mota a D. João de Noronha (*C. G.*, III, f. 206ᵉ). —Vid. Libera-me.

* Inducas in tentationem. — Vid. Ne inducas.

In excelsis. — Já mostrei s. v. *glória*, que êsse substantivo, e também o complemento indirecto, vertido para português, se encontra no verso antecedente — *glória a Deus soberano*, da reza da Virgem (no *Auto da Mofina Mendes* (I, 118). De resto, *in excelsis*, como equivalente de *nas altitudes, no céo*, ocorre em vários Psalmos, p. ex. no 148, citado na *Mofina Mendes* (I, 119).

In hac lacrymarum valle. — Como o citadíssimo verso, proveniente do Ps. lxxxiv, 7, ande acompanhado, na bôca do fidalgo escarnecedor da *Farsa dos Almocreves* que o alega, das palavras *andar gemente e flente* (III, 225), parece certo que a Gil Vicente zunia na memória o *Salve, Regina* (N.º 37 das *Poesias Litúrgicas*), cujo quarto versículo é: *ad te suspiramus gementes et flentes in hac lacrymarum valle.* Traduzido para *neste valle temeroso e lacrimoso*, ocorre numa fala de Santo Agostinho (I, 205).

In hac vita lachrymarum. —¿Variante redigida pelo próprio Gil? Ela está no *Invitatório do Frade infernal* (III, 102), paródia, bem se vê, e consta de duas Voltas feitas sôbre o Mote profano

> Al santo templo de Amor,
> Donde las almas perdemos,
> Venid todos y adoremos *(q. v.)*.

In saecula saeculorum amen. —É a fórmula final, conhecidíssima, do psalmo *aperitionis* das Horas e da Doxologia menor (*Gloria Patri*, etc.), que se acrescenta no fim de todos os psalmos (excepto nos Ofícios do último tríduo da Semana Santa, sendo neste substituído

pela prece *Requiem aeternam dona eis Domine, et lux perpetua luceat eis*). Integrado diz: *Sicut erat in principio et nunc et semper in saecula saeculorum amen* (I, 107).

In te speravi. — *In te, Domine, speravi*, é o princípio do Ps. 30; igualmente do 70, e o versículo final do *Te Deum laudamus* (q. v.). Em Gil Vicente temos uma paródia na *Farsa dos Físicos*; por isso falta-lhe o versículo final do *Te Deum laudamus (q. v.) Domine*. O *Clérigo*, apaixonado por Blanca Denisa (que está a *ensaboar*, espirrando, quando o môço lhe transmite o recado, como se fôsse predecessora da Dulcinea de algum D. Quixote!), invoca o deus do amor, rezando:

Oh Cupido mi señor
In te speravi e espero!
(III, 304).

No *Canc. Mus.* (N.º 68) há uma *fróttola* italiana com o estribilho *In te domine speravi* (precedido de outro hemistíquio latino). Bem possível é que o poeta português, que *entendia de tudo*, e fazia o som para cantigas da sua lavra, conhecesse aquela, impressa em 1504, pelo inventor da tipografia musical (Ottavio Petrucci).

Indica mihi. — As duas palavras pertencem a um versículo do Livro de Job (X, 2), de que já falei no artigo relativo a *cur me ita judices* (I, 284). *Judica-me*, como se lê nas edições modernas, é princípio de três psalmos diversos (25, 34, 42), e fôra aproveitado por *Enzina* na *Vigília da Namorada Morta* (p. 337), mas não por Gil Vicente.

Inducas in temptationem. — Vid. Ne inducas.

* Intesvitus. — Deturpação do *benedictus* da Ave-Maria, extranhável, embora saia da bôca do rude Pastor da Embarcação do *Purgatório* (I, 264), e em outra ocasião da bôca da feiticeira que protege a Rubena e Cismeninha (II, 23), à qual se devem outros horrores como o *quínque vulto — apodeo — nilotempore — entres natos*, etc., etc.

Ira dei. — A *ira de Deus* (der Zorn Gottes), de que se fala infinitas vezes no Velho Testamento (nos psalmos e nos profetas), é contestada por Gil Vicente, na ocasião especial do tremor de terra de 1521. Na fala tão nobre e sensata aos frades fanáticos de Santarém diz: «Ainda quero que me queimem, se não fizer certo que tão evidente e manifesta foi a piedade do Senhor Deus neste caso, como a fúria dos elementos e dano dos edifícios». «Concruo que não foi êste nosso espantoso tremor *ira Dei*» (III, 387).

Iram tuam mitigasti. — Falando ao Senhor Deus no Ps. 84 é que os filhos de Cora lhe lembram os benefícios que dêle receberam em outros tempos: *remisisti iniquitatem — et furorem avertisti — capti-*

vitatem avertisti — benedixisti terram tuam. Todas essas declarações se encontram na composição de David, com que termina o *Auto dos Quatro Tempos* (I, 97), conforme tive de assentar repetidas vezes.

ISRAEL QUI VISITABIT. — Nos artiguitos *Dominus custodit* e *ecce non dormitabit* já deixei dito que se trata de frases do Ps. 120 *(canticum graduum),* combinadas pelo poeta com outras do Ps. 84, e seguidas dos louvores do 148, assim como do *Cântico dos Três Mancebos.* Depois de um lindo introito, o rei David, que em figura de pastor vem adorar o menino Jesus, parafraseia numa estrofe livre, de dez versos, as primeiras frases de *Levavi oculos meos in montes unde veniet auxilium mihi — auxilium meum a Domino, qui fecit coelum y tierra* [1]. E continua:

Ecce non dormitabit
Ni jamas el ojo pega
Aquel que guarda y navega [2]:
Israel, qui visitabit
Dominus custodit te.
(I, 97).

Só comparando essa má tradução com o original: *Ecce non dormitabit neque dormiet qui custodit Israel* (4), *Dominus custodit te, Dominus protectio tua* (fraca versão do hebraico) é que se chega a suspeitar a ideia de Gil Vicente: *o Senhor Deus, que sempre visitou e visitará de novo o seu povo de Israel, também te protege e guarda a ti: nunca dorme nem dormita.*

O peritíssimo Dr. António de Vasconcelos é de opinião que *Israel qui visitabit* seja o 1.º versículo do Cântico de Zacarias (estropiado): *Benedictus Dominus Deus Israel quia visitabit et fecit redemptionem plebis suae* (Luc. I, 68). E realmente, o emprêgo do futuro de *visitare* fala a favor dessa interpretação. O leitor que decida.

ITA! ITA! — Com êsse *sim sim,* o diabo afirma o contrário do que o Corregedor da *Barca do Inferno* tinha dito (I, 236).

ITA VERE! — *¡Na verdade!* diz o frade evocado do inferno, confirmando o que êle próprio enunciara (III, 101).

ITE, MALEDICTI PATRIS MEI. — É Belzebu que no *Auto da Cananea* (I, 377 e 378) traz a Satanás a nova da descida de Jesus ao Inferno, e da sentença que o filho de Deus dera às gentes, separando as ovelhas dos bodes, e dizendo aos bons *Venite, benedicti patris mei*

---

[1] A estrofe bilingüe está gramaticalmente sem nexo. Possível é que por êrro de imprensa lhe falte um verso (entre *sierra* e *tierra*).

[2] *Y navega* é acrescento arbitrário que destôa e foi exigido pela rima.

(Matth. XXV, 34) e aos maus: *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum qui paratus est diabolo et angelis eius* (*ib.* 41).

* ITEM. — Escrito *iten* (e pronunciado *itén*, em rima com *allen* e *bien*) ocorre na *Barca da Glória*, onde o Diabo mostra ao Conde que êle está no rol dos condenados:

> Mirad, Señor, por *iten*
> Os tengo acá en mi rol.
> (I, 278).

Também se lê no *Clérigo da Beira* (III, 255), nos *Almocreves* (III, 205), na *Floresta de Enganos* (II, 159) e sete vezes no *Testamento de Maria Parda* (III, 374, 375, 376). Sempre no sentido de *outrosim, também*, em averbamentos e arrolamentos jurídicos e comerciais.

JAM LUCIS ORTO SIDERE. — O belo hino ambrosiano, recitado nas Matinas (N.º 6 da *Poésie Liturgique* de Chevalier) faz naturalmente parte da Missa do Natal engrolada pelo *Clérigo da Beira* (III, 232). O frade-prègador do *Auto da Mofina Mendes*, êsse anuncia brinca-brincando a entrada (musical) do Hino no concerto que promete como prelúdio do Mistério da Anunciação (I, 104), conforme exponho nos artigos *Domine, labia mea — Quem terra — Te Deum — Venite.*

* JAM PER ELEGATIS. — Depois de haver indicado como tema do *Sermão*, que ia prègar o verso *Amor vincit omnia* do grande poeta épico e bucólico, o frade-prégador, evocado do inferno pela feiticeira, lança a frase supra ao público. Quererá dizer com ela: *¿procurai vós, em que capítulo e versículo? ¡Talvez!* (I, 104).

* JESUS AUTEM INTRINSIENES. — Equivale a JESUS AUTEM TRANSIENS. — Citação de um passo do Evangélio, deturpado pelo vulgo da serra, que muito me deu que fazer. Nem a poderia ter explicado sem a ajuda benévola do Dr. António de Vasconcelos. Eu procurara-o como princípio de Capítulo; debalde, visto que é remate de uma scena relatada pelo Evangelista Lucas (IV, 30). Textualmente diz: *Ipse* AUTEM, TRANSIENS *per medium illorum ibat.* Quando Jesus, vencedor na tentação com que o diabo o acometera após os quarenta dias de jejum no deserto, principiou a doutrinar os Judeus na Sinagoga de Nazaré, sua pátria, onde não o reconheciam como profeta, os fariseus e escribas indignaram-se contra a sua palavra, mais do que nunca de antes, prontos a lapidá-lo. Mas Jesus, sem fazer caso das vaias e ameaças com que o perseguiam, caminhou calmo através da multidão. «*Não façamos caso; deixemos isso; vamos adiante*»

eis o que significava a fórmula abreviada *Jesus autem transiens* na bôca dos fiéis de 1500. E o vulgo, que a acolheu de ouvido, partiu o vocábulo *transiens* em dois, *trans siens*, ligou à primeira sílaba a ideia de *intrans* (de *intrare*), e de *siens* fez *sienes*, para que os poetas lhe podessem encontrar rimas como *tienes vienes*, sem lhe ligar ideia alguma.

Gil Vicente escreveu *intrinsienes* em 1502 (I, 12), como vulgarismo de Gil Terron, que tendo deprendido algo de latim com o padre-cura e ocupando-se de coisas de igreja era capaz de ensinar doutrina aos companheiros. Mas fôra precedido (em quási um decênio) pelo pastor Brás de Juan del Enzina (p. 173 do *Teatro Completo*) que pronunciava *entransienes*. Posteriormente, em 1539, o particípio presente reaparece no belo refazimento da *Barca do Inferno*, composto por um poeta castelhano que em Lisboa havia assistido a uma representação do Auto vicentino. Nessa *Tragicomedia alegorica del Paraiso y del Infierno* é a Velha finória, espécie de Celestina, que replica ao Diabo

> Y esso de la barca es fuego ?
> *Autem transiens*, enemigo,
> hermano no voy contigo.

A respectiva pericopa do Ev. Lucas lê-se na Missa de 2.ª feira, *post Dominicana III Quadragesimae*.

Jubilate deo omnis terra. — Ps. 65, entoado nas Matinas do Natal pelo Clérigo-caçador da Beira (III, 231). De facto, porém, êste Psalmo entra no fim de *Laudes* em todos os Ofícios.

* Judica mihi. — Êrro por *indica mihi*, conforme ficou dito s. v. *cur me judices* e *indica mihi*. O *judica-me* (Ps. 25) na *Vigilia* de Enzina (p. 337) é interpretação libérrima, provocada por ventura por má leitura e escrita.

Juxta te. — Nas Lições de Defuntos, da *Barca da Glória*, o Imperador reza o seguinte Responso:

> *O libera me, Domine*,
> De muerte, eterna contienda.
> En ti simpre tuve fe,
> *Tu me pone juxta te*
> *In die illa tremenda*, etc.
> (I, 288).

Por descuido, *tu me pone* não vai grifado nas impressões modernas. É parte levemente alterada, por motivos rítmicos, do versículo 3.º do Cap. xvii do *Livro de Job: Libera me, Domine, et pone me juxta te (et cujusvis manus pugnet contra me)*.

KIRIELEISON (CHRISTELEISON) — Já disse que era quási a única KYRIELEISON (fórmula litúrgica que passou do Novo Testamento grego à Missa, no século IV. Corresponde a *Domine, miserere mei, Senhor tem piedade de mim.* Entrou na Missa, como invocação, entre o Introito e a Glória. O pobre do Pastor, que, chegado às Barcas, nem mesmo essa curta prece sabe de cor, tem de purgar essa culpa ao longo do rio (I, 263). A parteira que assiste a Rubena recomenda-lhe que a diga três vezes, passinho (II, 14). Cfr. CARALASAM.

LABIA MEA. — Vid. DOMINE, LABIA MEA.

LAETATUS SUM IN IIS. — Assim está nas edições modernas (Hamb. III, 232), conforme já disse s. v. *Beati omnes.* Na *Vulgata*, o Ps. 121, que é o que o Clérigo caçador diz na Missa das Matinas do Natal, tem o teor seguinte: *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi: in domum domini ibimus.* E assim mesmo está no *Of. Beatae Virginis*, p. 152 e 194 da ed. de Saverio Mattei.

LATINUS MACAIROS. — Vid. EGO LATINUS MACAIROS.

LAUDA, HIERUSALEM. — Vid. ET LAUDA.

LAUDATE DEUM, OMNES GENTES. — Em vez de *laudate dominum, o. g.* É a frase inicial do Psalmo 116, que o *Clérigo da Beira* reza, juntando-lhe depois um irónico *Laudate Nuno Ribeiro* (o pagador das moradias) e também a motivação igualmente irónica *¡ Que nunca paga dinheiro! E sempre arreganha os dentes* (III, 232).

LAUDATE DOMINUM DE COELIS. — Princípio do Psalmo 148, um dos predilectos de Gil Vicente, do qual tirou também *aquae omnes — dracones et omnes abyssi sol et luna — bestiae et universa pecora — serpentes et volucres pennatae*, segundo já registei. A paráfrase bilingüe é rezada de joelhos pela Virgem e as suas donzelas no *Auto da Mofina Mendes* (I, 119).

LAUDATE DOMINUM DE TERRA. — Versículo 7.º do mesmo Psalmo 148 de *Halleluya*, parafraseado na *Mofina Mendes* (I, 119).

LAUDATE EUM IN EXCELSIS. — Hemistíquio segundo do Versículo 1 do mesmo Psalmo 148, rezado na *Mofina Mendes* (I, 119).

LAUDATE EUM, SOL ET LUNA. — *Id.*, Versículo 3, *ib.*

LAUDATE EUM, STELLAE ET LUMEN. — Em vez de *omnes stellae. Ib., id.*

LAUDATE *Nuno Ribeiro.* — Vid. LAUDATE DEUM.

LEPUS. — Não como quadrúpede terrestre, mas, como constelação, é que a lebre é mencionada por Mercúrio no discurso joco-sério contra os astrólogos, com que abre o *Auto da Feira* (III, 155).

LEVAVI OCULOS MEOS [IN MONTES UNDE VENIET AUXILIUM MIHI]. — Na

paráfrase que David canta no *Auto dos Quatro Tempos*, lê-se o seguinte:

Levavi oculos meos
En los montes onde espero
Aquella ayuda que quiero
Con ahincados deseos.
Y la ayuda que demando,
Repastando
En cima daquesta sierra,
Qui fecit coelum et terra
De cuyo ganado ando
Careando.
(I, 96).

construção anti-gramatical que talvez queira dizer: a ajuda que demando, repastando em cima desta serra, é *a daquele* que fez o céu e a terra, *e* cujo gado ando guiando.

Na Missa das Matinas do Natal, o filho do Clérigo da Beira acrescenta a *levantei os olhos* a chocarrice e *vi que os dinheiros alheios, Muitos os repartem crus!* (III, 232).

LIBERA-ME *dos sangues.* — Por *de sanguinibus*, versículo 16 do Psalmo de *Miserere* (50), parafraseado por Gil Vicente (III, 332).

LIBERA ME DOMINE [DE MORTE AETERNA]. — Precedendo-o da exclamação *Oh*, êsse versículo (3) do Cap. XVII do *Livro de Job* aproveitou-o o autor das *Barcas*, intercalando-o no Responso da Lição (4.º) do Imperador, na *Barca da Glória* (I, 288). O curioso encontra o passo reproduzido na Nótula sôbre *Juxta te*. Além do Responso solene do Ofício de Defuntos, há outro muito mais simples, o *Libera me Domine de viis inferni*, que se canta, em vez daquele (depois da 9.ª Lição), quando se diz apenas o 3.º Noturno, omitindo-se os dois anteriores.

LIBERA NOS A MALO. — Não como prece do *Padre Nosso* (Matth. VI, 13), mas, isoladamente, essa oração aparece no *Triunfo do Inverno*, no passo da tormenta, em bôca do piloto angustiado (II, 474).

LOQUAR IN AMARITUDINE *Palavras muy dolorosas.* Trecho do Cap. X (v. 1) do Livro de Job, parafraseado na Parte terceira do Ofício de Defuntos, entoado pelo Rei da *Barca da Glória* (I, 284). Basílio Teles traduziu o *Taedet animam meam* a que pertence, precedendo o *Noli me condemnare, indica mihi cur me ita judices* (q. v.), da maneira seguinte: *Cançada de viver está minh'alma — Vou dar livre carreira ao meu queixume, — No coração lanceado vou falar. Eu digo a Deus: Não me condenes; Faze-me, antes, saber porque é que me hostilizas.*

LUMEN AD REVELATIONEM GENTIUM. *É profetizado a nos.* Dí-lo

uma das donzelas da Virgem, repetindo o último verso do *Cântico Nunc dimittis*, de Simeão (Luc. II, 39) no *Auto da Mofina Mendes* (I, 122). Cfr. Enzina, p. 376. Claro que êle não falta no *Ofício B. V.* (*In Adventu*, p. 228). Além disso é recitado sempre a *Completas*.

* MAMENTO. — Pronúncia vulgar de *memento*. O pastor simples da *Barca do Purgatório*, a falar do *mamento*, que a mãe lhe iria bradar no entêrro, pensa provàvelmente no *Memento quia cinis es* (I, 263). Meu ilustre amigo julga que antes será referência ao Responso 4.º do Ofício de Defuntos *Memento mei Deus, quia ventus est vita mea*, que é ainda hoje o mais freqüentemente usado quando, fora dos actos litúrgicos, se quer recitar uma prece breve por algum ou alguns defuntos. Diz-se vulgarmente: *rezar um Memento por alma de Fulano*. —Vid. *Memento*.

MANUS TUAE FECERUNT ME, *Oh não me desfaças ora*. E o próprio Job que, figurando como precursor na *História de Deus* (I, 325), recita na sua *Lição* êsse versículo do extenso Psalmo 118 (73), igual ao 8 do Cap. x do Livro do seu nome, e é ainda princípio da Lição 3 do *Ofício de Defuntos*. Também entrou, por imitação directa de Enzina e Garci Sanchez de Badajoz, no Ofício da *Barca da Glória*, alterado apenas pela alocução *Domine:*

Manus tuae, Domine,
Fecerunt me, y me criaste,
Et plasmaverunt me.
(I, 281).

MATER DEI. — Parcela sétima da *Ave Maria* (q. v.). Ela servia de cimeira do elmo, com o qual a Sibila de Cumas viu em sonhos a Virgem, armada contra Lucifer (I, 52).

MEA CULPA, MEA CULPA, MEA MAXIMA CULPA. — A fórmula tão usada do *Confiteor* aparece na Copilação exclusivamente vertida para castelhano (como o *Ecce homo*, etc.), p. ex. I, 60, em bôca de Esaías, ou para português, na da *Alma* (I, 201).

* MEDECINA PECCATORUM. — Creio seja parcela de uma Ladainha antiga da Virgem, sinónima do moderno *refugium peccatorum*. Comtudo é possível que o poeta acrescentasse mais uma pérola, sua, ao rosário de Salomão, rezado por *Humildade*, uma das donzelas dela, no *Auto da Mofina Mendes* (I, 106).

MEMENTO [MEI] DEUS QUIA VENTUS EST VITA MEA. — Gil Vicente, seguindo a moda de misturar línguas, diz: *Memento mei, Deus Senhor, Porque vento é a minha vida*. E atribue, conscienciosamente, êsse suspiro, na *História de Deus* (I, 326), ao próprio Job, de cujo

Livro o tirou (X, 9). Na *Barca da Glória* repete o versículo quási todo em latim, no Responso (5.º) do Bispo (I, 292), já mais acima transcrito:

Memento mei, Deus Señor,
Quia ventus est vita mea,
Memento mei, redentor:
Envia esfuerzo al temor
De mi alma dolorida.

O simples *memento mei (lembra-te de mim)* é empregado pelo frade bom que vem consolar o *Viúvo* (II, 73); por D. Duardos, que implora a Flerida (II, 232); e por Fei Paço, que se dirige a Giralda, *Romagem de Agravados* (II, 593). De todas as locuções latinas, vulgarizadas nos dias de Gil Vicente, esta talvez seja a que lhe acudiu ao bico da pena o maior número de vezes. Confira-se todavia Te Deum laudamus.

Miracula. — *Se queres Miracula ver*, diz o Clérigo escarnecedor ao pobre lavrador Gonçalo, a quem roubaram lebre, frangos e ovos: *¡torna cá c'um par de patos!* (III, 243). Lembra-lhe, portanto, uma parcela do *Responso de Santo António,* citado s. v. *Cedunt, mare, vincula.*

Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam [1]. — Esta prece, infinitas vezes segredada e outras tantas proclamada voz em grito, durante vinte seculos, por pecadores contritos, são o início do Psalmo 50, atribuído a David [2], o mais belo dos sete chamados *penitenciais*, numerosas vezes traduzidos literalmente ou em paráfrase para todas as línguas modernas. Constitue o único texto bíblico que

---

[1] A numeração (L = 50) *não é* lapso dos Copiladores e reimpressores. É a da *Vulgata*. Nas versões de Psalmos, feitas directamente sôbre os originais hebraicos, cuja divisão dos Cânticos diverge em alguns pontos, é N.º li. De Psalmo 1 a 9 há concordância. O 10, *secundum Hebr.*, não é contado na *Vulgata*, que de aí em deante está, por isso, sempre em atraso até 113 *In exitu Israel* (v. 1–8). De *Non nobis Domine non nobis* (113b da *Vulgata* e 115 *sec. Heb.*) há outra vez atraso até 145. Os N.os 146 e 147 são um só Psalmo *sec. Hebr.* De 148 em deante, até 150, há novamente igualdade.

[2] Lembro aos esquecidos que o título de *Psalmos Penitenciais* é dado, com justa razão, aos seguintes:

vi: *Domine, ne in furore tuo arguas me... miserere.*
xxxii: *Beati quorum remissae sunt iniquitates.*
xxxvii: *Domine, ne in furore tuo arguas me... quoniam.*
l.: *Miserere mei.*
ci: *Domine, exaudi orationem meam, et clamor meus.*
cxxiv: *De profundis clamavi ad te, Domine.*
cxl.: *Domine, exaudi orationem meam.*

Gil Vicente traduziu integralmente, e *avulso*. A versão é parafrástica: *trobada,* segundo a terminologia do século xv. Os vinte e um versículos do texto latino, cobriu-os com as roupagens roçagantes de duzentos vinte e cinco octonários, coordenados em vinte e duas décimas, e mais meia; ou (melhor) em quarenta e cinco quintilhas. Não vão acompanhadas de didascália alguma, nem contém indicação qualquer que permita conjecturar quer a data da composição, quer o ensejo e a pessoa para a qual foi escrita. O facto de o *Miserere* ocupar o primeiro lugar no Livro V da *Copilação* — o das *Obras miudas* — não nos autoriza a julgá-lo anterior ao *Sermão* prègado em 1506, que se lhe segue imediato, porque a ordem adoptada não é rigorosamente cronológica. Arbitrária me parece também a suposição formulada por Braamcamp Freire (p. 402 e 403 do seu *Gil Vicente*) de o *Psalmo* se haver impôsto ao génio criador do poeta, depois de para o *Sumário da História de Deus* haver revolvido com maior intensidade, do que nunca, os livros bíblicos (em 1526 ou 1528). Esta minha lista razoada mostra bem que durante toda a sua atividade dramatúrgica ia lendo as *Escrituras*, ou, pelo menos, os trechos que, como *Lições, Orações, Hinos, Cânticos, Psalmos,* constituem o *Breviário.* E durante todo êsse tempo, de 1502 a 1536, o preocuparam os problemas especulativos da teologia cristã: as prefigurações do Salvador; a culpa primordial; a predestinação; a graça; o livre arbítrio; assim como os problemas práticos da penitência, das boas obras, do perdão, das indulgências... Onde os aponta com maior insistência é naturalmente no *Sermão* de 1506; na Trilogia das *Barcas* (1517-1519); na *História de Deus;* no *Auto da Alma* e no *Miserere.*

Este Psalmo (do qual a Igreja desprendeu a delicada prece matinal *Domine, labia mea aperies,* e que encerra as frases sugestionantes: *Deus cuja qualidade essencial é ter misericórdia,* e *para Deus o verdadeiro sacrifício é o arrependimento,* — *Deus cui proprium est misereri,* e *sacrificium deo spiritus contribulatus*) foi traduzido e comentado isoladamente, ou em conjunto com os outros *Psalmos Penitenciais*, por pensadores e poetas românicos e germânicos. E as subtilezas ou demasias das interpretações provocaram mais de uma vez o descontentamento dos Inquisidores, como p. ex. a *Exposição* de Erasmo, e a de Mestre Jarava. (Reusch, p. 233 e 238).

Da paráfrase de Gil Vicente (III, 327), impressa em 1562, foram castigados apenas dois passos em 1586 (vid. Braamcamp, p. 239 e 349). Mas o feroz expurgador de 1623 proïbiu e riscou o texto inteiro, apesar de a sua gravidade e unção ser reconhecida por todos os despreocupados.

Além das duas *Exposições* já citadas, conheço a paráfrase de Enzina, *Duele te, Señor, de mi* (*Canc. Gen.*, II, p. 376); e, do mesmo tempo dos Reis Católicos, a de Luzon *Miserere mei, Dios mio* (*Antol. VI*, p. 236), em dez citavilhas; só de nome, o *Colóquio* de Jorge Ferreira de Vasconcelos (*Acad. de Hist.*, 1724, N.º 79 da Livraria do Conde de Vimieiro); uma devotíssima *Exposicion* impressa em 1532 em Cuenca; outra de Álvaro Gomez de Ciudad Real (1538); e vinte e cinco *Homílias*, de Frei Afonso de Castro, dedicadas a D. João III em 1537, de que Vaseu enviou um exemplar a D. Fernando Colon (N.º 15.287 do *Registrum*); uma *Exposição* de todos os sete de Jean de Jerson; os *Psalmos alegorizados* de Christina de Pisan [1], assim como a disparatada paródia erótica de Mossen Diego Valera a que Pelayo faz referência na *Antologia* (V, p. 256). Veja-se: D. Fernando de la Vera e Isla Fernandez: *Traduccion en verso del Salmo L de David* Miserere mei, Deus; *y noticia de versiones que de dicho Salmo se han hecho en lengua castellana, y de sus autores.* Madrid, 1879.

Cfr. *Ab iniquitate mea — Averte faciem tuam — Libera me — Si voluisses sacrificium.*

Missus a deo. — É o *homo missus a deo, cujo nome era João, de que já falei.* — Menciona-o também a feiticeira da *Tragicomédia de Rubena*, Scena II (II, p. 23).

* Mita. — A acentuação *mitá* das edições modernas é errónea. A feiticeira que protege Rubena e Cismeninha (e cuja geringonça o poeta imitou com arte e engenho), diz coisas difíceis de rectificar.

No passo relativo a S. João *No principio o verbio era*, etc., reconheço como modêlo dos dois versos seguintes

E nessa mita me era
Esta voz era luz vera
(I, 22).

as fórmulas *in ipso vita erat* (I, 4) e *erat lux vera* (I, 9).

Modicum videbitis me. — Palavra de Jesus aos discípulos na *História de Deus* (I, 337). É tirada do Ev. de S. João, XVI, 16 e 19). Completada diz: *modicum et jam non videbitis me, et iterum modicum et videbitis me:* um pouco, e não me vereis (alusão à morte e ao sepulcro); e outra vez um pouco, e ver-me heis, porquanto vou ao pai (alusão à ressurreição).

---

[1] Na redacção de Gil Vicente não há dizeres que obriguem a derivá-la da anterior de Enzina. (N.º 179). Todavia bem pode ser que essa o desafiasse a tentar a nacionalização do Psalmo em Portugal.

MUNDUS. — No trecho quási imediato ao que acabo de citar:

E o mundo mundo x'era,
Mundo x'era e mundo x'hê,

reconheço igualmente versos do Ev. S. João: *In mundo erat, et mundus per ipsum factus est et mundus eum non cognovit* (I, 10). Mundo três vezes em ambos os textos.

NATUS DE MULIERE. Vid. ENTRES NATOS MULIERES.

NE INDUCAS IN TEMPTATIONEM (OU NE NOS INDUCAS IN TEMPTATIONEM). — Depois de cada *Pater Noster*, dito em segrêdo, até a prece indicada, esta é dita na Missa em voz alta, tal qual o *libera nos a malo*, ganhando por isso mesmo independência na mentalidade do povo. O *Clérigo da Beira* suprimiu *ne* e *nos*, se a lição das edições modernas fôr certa (III, 233).

NE RECORDERIS PECCATA MEA [DOMINE]. — Prece que faz parte do *Ofício de Defuntos* (Responso VI), e por isso entrou tanto na Lição 3.ª da *Barca da Glória*, dependente de *te ruego* na bôca del rei (I, 284-285), como na *Vigilia* de Enzina (p. 342).

* NE PERDAS ANIMAM VIVAM.—Em rima com *cautivam*. No *Sermão* sôbre o tema *Amor vence tudo*, do *Auto das Fadas*, verdadeira entrudada, essa admoestação, dependente de

dejad essas mañas de vuesos reveses,

(e que significa *para que não desconsoleis e mateis os vossos admiradores*), é dirigida em geral às damas da côrte, e em especial a D. Leonor de Castro, matadora de D. Luís de Meneses, a respeito da qual o curioso pode consultar Braamcamp Freire (p. 57-58).

Gramaticalmente *ne perdatis* seria mais correcto, salvo êrro. Eis a oitava inteira, assaz incorrecta e escura:

No quiero olvidar Don Luis de Meneses
A que Dona Leonor de Castro tien muerto,
Que parece barco que vino del Puerto
Sin mantenimiento tres ó cuatro meses.
Dejad esas mañas de vuesos reveses,
Señoras, *ne perdas animam vivam*
Pues de sus ganas por vos se cautivan
Ut non desoletur, que son Portugueses.
(III, 106).

Mais natural seria *desolentur*.

* NEMO TIMUISTIS DEUS (*sic* por *deum*). — Falando ao Corregedor, e referindo-se a êle e à mulher, que recebia as peitas dos Judeus, o diabo da *Barca do Inferno* emprega *nemo* (em vez de *neuter* ou

nullus), seguido da 5.ª pessoa. *Nenhum de vós dois, receastes a Deus* (I, 237).

Há aqui reminiscência da repreensão do bom ao mau ladrão, sôbre a cruz no Golgota *Neque tu times Deum, quod in eadem damnatione es* (Luc. XXIII, 40), que se encontra na liturgia romana.

* Nilo tempore. — Por *in illo tempore*, princípio de dois Capítulos do Ev. Matth. (XII e XIV), o qual, de resto, é anteposto na liturgia a quási todas as perícopas dos Evangelhos que se lêem nas Missas. É a feiticeira da *Comédia de Rubena* que se serve dessa locução adverbial (II, 24).

Nisi quia dominus [erat in nobis]. — *A não ser que Jehovah foi por nós*, principia o Psalmo CXXIII, rezado, de resto, não em especial nas Matinas do Natal, mas todas as terças-feiras *ad Vésperas*. O *Clérigo da Beira* completa a sentença começada, dizendo *nos dará os melhores meios* (III, 232). Isto é: só Deus pode proporcionar-nos os dinheiros que desejamos ter.

Noli contendere verbis. — Completado pela fórmula *Meu Senhor, contra verbosos*, é conselho sentencioso que a Serra de Sintra dá, na segunda parte do *Triunfo do Inverno* (II, 488), à Forneira que, com demasiado ímpeto, dissera mal da estação quente. Desta vez é a Epístola II de S. Paulo a Timóteo (2) que Gil Vicente fixara na memória, segundo, interrogado, o Dr. Vasconcelos logo me indicou. Integrado, o versículo 14.º motiva a proïbição de centenas de palavras, que para nada servem, senão para perversão dos ouvintes *(ad nihil enim utile est nisi ad subversionem audientium)*.

Noli me condemnare. — Pertence ao *taedet animam meam* de Job (X, 2), que faz parte do *Ofício de Defuntos* (Responso VIII), com a variante *judicare*. Por isso figura na *Barca da Glória*, na Lição rezada pelo Rei (I, 284).

* Nolite vanitatis debemus confidere de his qui capita sua posuerunt in manibus ventorum. — Êste rosário de frases (que isoladas são correctas mas, sintàticamente desconexas, não dão sentido) sai da bôca do Frade-prègador meio-tonto da *Mofina Mendes*, que nos ministrou numerosas parcelas dêste Catálogo. A introdução rimada que o precede, é suficiente para nos esclarecer a respeito do sistema das citações todas do *Sermão* hilariante que recita, talvez segundo regras dos *clercs joyeux de la Bazoche*. Nela atribue o *Nolite* a nada menos que três autores: o segundo e terceiro, Escolastas de nome e renome; o primeiro, de um desconhecido Português.

Diz Francisco de Mairões,
Ricardo e Bonaventura
— não me lembra em que escritura

nem sei em quaes distinções,
nem a cópia das razões;
mas o latim
creio que dizia assim.

E depois do latinório que intercala, continua:

Quer dizer êste «matiz»,
antre os primeiros que traz:
não he sesudo o juiz
que *tem* geito no que *diz*
e não acerta o que faz.
(I, 100).

* NON EST DE REGULA IURIS. — Latim do Corregedor da *Barca do Inferno* (I, 236).

* NON ES BONA PURGATIO ILLA QUI INCIPIT CUM DOLORES. — Latim do cirurgião e físico Mestre Fernando na engraçada *Farsa dos Físicos* (III, 311). — Vid. *Et illa qui incipit trarantran.*

NON EST TEMPUS, *bacharel*. — É o diabo que diz ao Corregedor-descorregedor, *já não é tempo, já é tarde*; em resposta ao suspirado *Domine, memento mei!* (I, 237).

NONNE LEGISTIS *que o dar quebra penedos?* — Pregunta do Corregedor ao diabo da *Barca do Inferno* (I, 237), e alusão ao provérbio *Dádivas quebrantam penhas.*

Claro é que o poeta tinha no ouvido a fórmula tantas vezes repetida nos Evangelhos, com que Jesus confundia os Fariseus, Escribas e os Sadúceos, respondendo às suas capciosas preguntas com outras interrogações sôbre passagens da Escritura, que condenavam as opiniões e os processos deles: *Non legistis...? Numquam legistis...?* Vejam-se no Ev. de Mateus os seguintes lugares XII, 3 e 5; XIX, 4; XXI, 16 e 42; XXII, 31 (todos êles pertencentes a textos lidos na liturgia).

* NONNE ACCIPISTIS RAPINA? — Pregunta do Diabo ao Corregedor, que se completa com a oração subordinada *¿quando ereis ouvidor?* (I, 237).

NON PECCAVI. — Declaração de Job aos seus amigos motejadores, a cujos debates malévolos não pode subtrair-se (Cap. XVII, 2). Entrou na *Lição* do Arcebispo na *Barca da Glória* (I, 295). Mas cá como lá não é de fácil explicação. O passo entrou na Lição VII do *Ofício de Defuntos.*

NON SEDE A DEXTRIS MEIS. — Já expliquei no artigo relativo a DIXIT DOMINUS [DOMINO MEO, SEDE A DEXTRIS MEIS] como é que interpreto a citação arbitrária e de remoque do *Clérigo da Beira* (III, 233). O *non* talvez seja *nam* na edição príncipe.

* Non sunt peccatus meus, peccavit uxor mea. — Má desculpa do Corregedor, dirigida ao Diabo, que o acusa de simonia na *Barca do Inferno* (I, 237). Faz lembrar a pregunta dos discípulos de Jesus, em face do cego de nascença (de que dá conta o *Ev. Joan.*, IX, 2 e segg.); e bem assim a desculpa de Adão a Jahveh, por ter comido do fruto proïbido (Gen. III, 12 e seg.).

Non uret te. — *Não te queima, de dia o sol, nem de noite, a lua;* ou, na redacção castelhana de Gil Vicente: *De noche que haga luna Ni de dia el sol que dê, Non uret te.* É o versículo 6 do Psalmo 120. *Levavi oculos meos in montes*, com que David, em figura de pastor, preludia a Miscelânea de psalmos que entôa como acôrdo final do *Auto dos Quatro Tempos* (I, 97).

* Non volo, volo, et deficior. — Ora não quero, ora quero; mas a carne é fraca. Já indiquei a minha maneira de interpretar essas três frases, que Gil Vicente, tendo-as encontrado rabiscadas na parede do paço de Abrantes, escolheu para tema do Sermão especulativo que, embora leigo, prègou, vestido de sacerdote, na noite do nascimento do Infante D. Luís (III, 335).

Nova oliva speciosa. — Vid. Oliva speciosa.

Nubes. — Vid. Ora pro nubes e Pato nosso.

* Nulla redencia ha hi. — Vid. In inferno.

* O verbo caro fato he. — O versículo *verbum caro factum est*, do *Ev. S. João* (I, 14) é pronunciado à neo-latina pela parteira de *Rubena* (II, 14) à qual dá o conselho, reze o verso três vezes passinho, afim de aliviar as suas dores. Seguramente era citado e parafraseado muita vez nas representações do *Natal*. Sirva de exemplo a *Égloga: Farça Del Nascimiento de Nuestro Redemptor Jesu-Cristo*, de Lucas Fernandez. Ela termina com um Vilhancico sôbre o tema:

> Verbum caro, factum est
> ¡ Alleluya !
> Et habitavit in nobis.
> Alleluya, alleluya !
> (*Farsas y Eglogas*, p. 172).

Na liturgia própria do Natal essas palavras são repetidas a miúde no Responso de Tercia do Ofício; no da *Dominica infra Octavam Nativitatis;* no da Festa da Circuncisão; e no da Vigilia da Epifânia, e ainda em outras passagens.

Oh gloriosa domina. — Desta vez, Gil Vicente não cita apenas, traduz parafraseando (como no Psalmo *Miserere*) uma das *Laudes* da Virgem. Três (ou quatro) quadras latinas, muito concisas, de que consta o original latino, deram, revestidas das roupas amplas da moda, quatro oitavas de arte maior *(abbacddc);* e mais meia: trinta

e seis versos épicos portanto, em vez de dôze octonários. Essas são rezadas *(a versos)* por quatro clérigos, a uma imagem de Nossa Senhora, encontrada na Serra pela pastora Margarida, segundo a fabulação ingènuamente profana do *Auto Pastoril Português*.

A versos, entendo, significa por estrofes ou estâncias, cabendo uma a cada clérigo; e entoando todos juntos os últimos quatro dodecassílabos que contém a *Glorificação* ou doxologia final: o *Glória Patri* transposto em vulgar para

mil louvores
Ao Padre, ao Filho, e Espirito, e a ela.
(I, 146).

A Virgem, bem se vê.

A didascália que se segue à reza eclesiástica — sem a qual a peça mal mereceria figurar entre os *Autos de devoção* — diz: *aqui ordenam uma chacota*. Refiro-a, não aos clérigos, mas aos três pares de cabreiros, cujos amores atravessados (segundo o provérbio *Amor louco e amor louco, Eu por vós e vós por outro*) perfazem o verdadeiro assunto da peça. Joane, Fernando e Vasco Afonso com Caterina, Madanela, Inês, cantam, bailando, a gentilíssima cantiga arcaica e popular, em diálogo

¿ Quem é a desposada ?
— A Virgem sagrada.
¿ Quem é a que paria ?
— A Virgem Maria.

relacionando assim a representação com a festa do Natal, então celebrada em Évora, na capela do paço, em 1523.

Quanto ao original latino, que servia em 1500 de estrofe inicial do hino matutino de Venâncio Fortunato, o célebre *Quem terra pontus aethera (q. v.)*, êle não mais faz parte da liturgia. Não foi excluído. Foi modificado na, aliás infeliz, reforma hinológica de Urbano VIII: a das novecentas e tantas alterações, realizadas com o fim de impôr a metrificação clássica aos românticos textos medievais. E principia hoje

Oh gloriosa Virginum
Sublimis inter sidera
Qui te creavit, parvulum,
Lactente nutris ubere.

em lugar de

Oh gloriosa *domina,*
Excelsa supra sidera
Qui te creavit *provide*
Lactasti sacro ubere.

O interessado leia Augusti, *Memorabilia (Denkwürdigkeiten)*, Vol. v p. 316; Chevalier, *Poésie Liturgique, Introduction* e N.º 165; e sobretudo Savério Mattei, *Offizio della B. V. Maria*, § VIII e IX da Dissertação Preliminar, assim como p. 106 do texto, e abra também o *Breviário* de 1629, ou outro subseqüente (*Vern.* [189]); *Hiem.* [175], visto que o texto, retocado, ainda hoje é cantado *Ad Laudes*, depois da recitação do trecho 24 do Eccl.: *Ab initio et ante saecula creata sum* (q. v.) pelo Capitulante.

Da paráfrase de Gil Vicente, já transcrevi a primeira metade da segunda estância, s. v. *Ave-Eva*. Eis a continuação relativa a *coeli fenestra facta es:*

Oh *porta* dos paços do mui alto Rei,
Camara cheia do Spirito Sancto,
Janela radiosa de resplandor santo
E tanto zelosa da divina lei.

Da estância segunda (relativa ao *cedro nos campos — maris stella — ave phoenix*, etc.) desconheço o modêlo. Mas sabendo que apesar da tendência unificadora da Igreja, os textos apresentavam variantes, suponho que se poderá encontrar à vista de um *Breviário* antigo, provàvelmente de Évora, onde se representou o *Auto em pastoril português*. Assim mesmo, no fim das quadras, o modêlo também da doxologia, se não igual, pelo menos parecida com a que hoje se lhe liga no *Breviário:*

Jesu, tibi sit gloria
Qui natus es de Virgine
Cum Patre et almo Spiritu
In sempiterna saecula.

Ou aquela que remata o Hino *Quem terra pontus aethera*, e se diferença apenas por *Domine* (no verso inicial) e *sancto*, no penúltimo (Chevalier, N.º 164, *Breviário*, *Vern.* (178), *Hiem.* [163].

Digno de nota é que o grande poeta lírico e dramaturgo português, seguiu também no caso de *Oh gloriosa domina*, como no *Miserere*, o exemplo de Enzina, que já nacionalizara o hino mariano antes de 1492 (como é fácil verificar no *Ensayo* de Gallardo, II, N.º 2.073, e no *Índice* das edd. do *Cancionero*). O Marquês de Santillana, êsse escrevera em 1455, indo em romaria a Guadalupe, uma invocação da Virgem (*Canc. Gen.*, N.º 46), cuja primeira décima acaba *Oh domina gloriosa!* Talvez sem se lembrar do Hino *Oh gloriosa domina*, vertido para castelhano por outro coevo de Enzina, o fecundo Luzon (*Antol.*, VI, 236).

OH LIBERA ME, DOMINE. — Vid. LIBERA.

Oh parce mihi. — Vid. Parce mihi.

Oliva speciosa. — Imagem salomónica que (do *Eccl.* XXIV, 19) entrou na *Lectio* 3.ª do Off. da Virgem, segundo Mattei, p. 60. O adjectivo *nova*, que a precede, nos versos em que a donzela Humildade enaltece a Virgem, no *Auto da Mofina Mendes* (I, 106), tanto pode ser português como latino. (Cfr. *Canc. Gen.*, II, N.º 46). Tenho-o em conta de português, pelo costume de os poetas misturarem latim e vulgar em cada verso. Vid. *Speciosa*.

Omnis terra *honra a ti.* — Precedido da invocação *Imenso Padre eternal*, corresponde ao segundo versículo do Hino universalmente sabido que a lenda atribue a Santo Ambrósio e Santo Agostinho: *Te Deum laudamus*. Repito que Gil Vicente imitou partes dêle, com bela concisão, numa Cantiga (composta, segundo a regra peninsular, de um *Mote* de quatro versos e uma *Volta* de cito), a qual os anjos entoam diante do presépio no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 80). Cf. Tibi omnes angeli e Sanctus sanctus.

Omnium beata. — Ignoro de onde Gil Vicente tirou a frase, afim de com ela completar um dos versos da *Ave-Maria trobada* que faz parte do *Sermão* de 1506 (III, 335).

Talvez haja nela apenas uma acomodação às exigências da rima e do metro, das palavras de congratulação da esposa de Zacarias à Virgem: *Benedicta tu inter mulieres... et beata quæ credidisti* (*Luc.*, I, 42 e seg.).

Omnium sanctorum. — O fidalgo pobre da *Farsa dos Almocreves* jura a outro seu igual coisas mentidíssimas, pela hóstia, pelos santos evangelhos e pelo *omnium sanctorum* (III, 223), tendo na ponta da língua as fórmulas do *Ordo Missae*.

Opera manuum suarum. — Assim, como obras de Deus, classifica o Frade vindo do Inferno, as damas da côrte, em uma das *Voltas* que na *Farsa das Fadas* diz, a modo de Invitatório, sôbre o Mote irreverente que já citei mais acima.

> Al santo templo de Amor
> Donde las almas perdemos
> *Venid todos y adoremos.*
> (III, 103).

Lembrava-se por ventura quer de versos de Job (XV, 15 *operi manuum tuarum porriges dextram;* X, 3 *opus manuum tuarum*, quer do Ps. XVIII, 2 *et opera manuum ejus annuntiat firmamentum*) quer de outros passos bíblicos.

P. S. O doutíssimo e generosíssimo Mestre que me auxilia na redacção dêste *Dicionário latino*, é de opinião que o poeta se refere

às *mãos das Damas*, dizendo que os suspiros que os namorados dão neste vale de lágrimas, são obras das que os matam. E quanto às frases *opera manuum mearum — tuarum — suarum — nostrarum — vestrarum*, dá-me a lista de uns cinqüenta passos.

* Ora pro nubes. — Pronunciando rùsticamente *nubes* (por *nobis*), é que o pastor Brás recita, no *Auto da Fé*, parcelas da popularíssima Ladainha de *Todos os Santos*, cantada nas procissões (ou *clamores*) que se faziam *ordinàriamente* no dia 25 de Abril *(Litaniae maiores)* e nos três dias que precedem a festa da Ascensão *(Litaniae minores)*; extraordinàriamente, porém, realizavam-se sempre que alguma calamidade aconselhava o recurso à Misericórdia divina para que fôsse afastada.

Na última frase da Ave-Maria continua — *peccatoribus nunc et in hora mortis nostrae.*

* Orbis terrarum et semitas maris. — Se fôr complemento de *Amor vincit (omnia)*, como parece, está por *orbem*. Não descobri o texto, seguramente bíblico, de que o Frade da *Farsa das Fadas* o tirou (III, 106).

No *Salve Regina* acrescenta também a invocação *Ora pro nobis*, dirigida à *Sancta Dei Genitrix*.

Quem descobriu as fontes das duas frases, distintas e de proveniências diversas, soldadas violentamente, como que a martelo, por Gil Vicente, foi o meu Mentor Dr. A. de V. *Semitas maris* existe no Psalmo VIII, 9, e *orbis terrarum* não sòmente (como expressão nominativa) no XXIII, 1 e XVII, 7, e quatro vezes na *Sap. Sal.*, mas em genitivo no Ps. XVII, 6 e LXXI, 8; no *Livro de Job*, XXVII, 17 e seis vezes na *Sapientia*.

Oremus. — O *Invitatorio* que precede as orações litúrgicas, não podia faltar de maneira alguma na Missa rezada nas *Matinas do Natal* pelo *Clérigo da Beira*, por decompostamente que fôsse (III, 233). Nem tão pouco falta nas *Horas*, rezadas por Dinato e Berzebu, capelães das deusas gentílicas que na *Farsa da Lusitânia* assistem ao Diálogo suculento de *Todo o Mundo e Ninguém* (III, 288).

Ornata civitas dei. — Sem o epíteton, o simples *civitas Dei* (ou *cibdad en donde Dios mora*) era uma das figuras retóricas que simbolizam a missão da Virgem, e são enumeradas, tanto na Ladainha medieval, como em numerosas composições de Quatrocentistas. Encontro-a, não só nos *Mistérios da Virgem*, de Gil Vicente (I, 106), mas também num *Loor* de Diego Luzero, juntamente com *fons hortorum — hortus conclusus — turris David — porta coeli — plantatio rosae — oliva speciosa — porta coeli — electa ut sol*, fórmulas das

quais cada uma é epígrafe de uma décima, no *Canc. Gen.*, N.º 39 (II, 314). Na *Lectio III* do *Off. B. V.* de Mattei não está.

* Ossibus, nervis et vita. — É nos Responsos da *Barca da Gloria*, que o Duque, servindo-se de expressões do *Livro de Job*, diz:

Pel y carne me vestiste,
Ossibus nervis et vita
Misericordia atribuiste
Al hombre que tu heciste.
Pues ahora *me visita.*
(I, 281-282).

Sem recorrer à *Vulgata*, ou à Lição III do verdadeiro *Ofício de Defuntos*, é impossível compreendê-lo. Só depois de reler os versículos 11 e 12 do Cap. X: *pelle et carnibus vestisti me; ossibus et nervis compegisti me: vitam et misericordiam tribuisti mihi; et visitatio tua custodivit spiritum meum*, ou então na reflectida e comentadora versão de Basílio Teles:

Tu de pele e de carne me vestiste;
Tu de tendões e d'ossos me teceste.
P'ra mim de vida e de graça foste prodigo,
E providente, p'lo meu sôpro olhaste.

reconhece-se em primeiro lugar que, quanto ao último passo, haveria uma variante no modêlo. Talvez o poeta se lembrasse de versículos como *visitas eum diluculo, et subito probas illum!* (Job. VII, 18). Quanto ao princípio, teremos de pontuar e grifar do modo seguinte, separando o que é latim do que é português:

Pelle et carne me vestiste,
Ossibus et nervis; vita[m]
Misericordia[m] m'atribuiste.

O *m* final do acusativo era, como sabem todos os Romanistas, um dos sons que muito cedo desapareceu na pronúncia do vulgo, como não-consentâneo com os gostos modernos; e por isso mesmo não eram pronunciados na Igreja.

Juntarei aqui a nótula que outro versículo de Job, relativo à pele e aos ossos do mísero corpo humano, está em redacção portuguesa na *História de Deus*, onde é um grito de alma, arrancado aos lábios do *Agravado:*

Que a minha pele, as carnes gastadas,
Logo a meu osso se achegará!
E tambem sómente o que ficará
Dos beiços acerca de minhas queixadas.
(I, 324).

Assim, criticamente emendado, corresponde a *Pelli meae, consumptis carnibus adhaesit os meum, et derelicta sunt tantum modo labia circa dentes meos* (XIX, 20).

Panis vitae. — O próprio Jesus disse *Ego sum panis vitae* (Joan., VI, 35 e 48). Por isso a fórmula é um dos cognomes teológicos de Jesus Cristo, bem empregado pelo poeta no *Auto da Fé* (I, 122).

Parce mihi, *Dios mio,* Quia nihil *son mis dias.* — É no *Ofício de Defuntos*, o princípio da *Lição I,* a do Conde, que espera entrar, e realmente entra, na *Barca da Glória* (I, 279). Tirado do *Livro de Job* (VII, 16): *parce mihi, nihil enim sunt dies mei*, ou do Ofício litúrgico *(Lição I).*

Os poetas Encina (*Teatro Completo*, p. 340), e Garci Sanchez de Badajoz (*Canc. Gen.*, N.º 271) já o haviam utilizado em obras profanas de amor. Da aplicação sentida. mas irreverente, que êsse doido de amor lhe deu, e em especial do trecho que diz:

Perdona-me Amor, Amor,
Que mis dias no son nada,
Pues al fin de mi jornada
Me tiene tu desfavor,

ocupei-me outròra (em 1897), num ensaio sôbre Garci-Sanchez, impresso na *Revista Critica de Historia y Literatura*, Vol. II, p. 118 e 126.

Pater noster. — A oração dominical (Matth., VI, 9) entrou íntegra em alguns textos de Gil Vicente. No *Auto da Cananea* ou *Evangelho*, segundo a expressão do poeta (I, 365 e seg.), é o próprio Jesus Cristo que ensina os Apóstolos a orar, e lhes explica as preces. Completa e a sério entrou também na Farsa do *Velho da Horta* (III, 64), bilingüe, *trovada*, com leves alterações exigidas pelo rítmo nas partes latinas e algumas construções arrojadas, anacolúticas, em português. Eu poderia portanto, ou mesmo deveria ter introduzido nesta lista alfabética cada uma das súplicas. Prefiro todavia reproduzir neste artigo a paráfrase, para que os interessados a possam comparar com a de Enzina (*Cancionero* de 1492, f. 20); a do Doutor Frei João Claro (*Inéditos*, publ. pór Frei Fortunato de S. Boaventura, Vol. I, p. 235), Hernan Perez de Guzman (*Canc. Gen.*, N.º 23), e sobretudo com a austera a *spiegata* explicação do Dante na *Divina Comédia* (*Purgatório*, XI, 1–50).

Ouçamos agora o Português:

Pater noster creador,
Qui es in coelis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,

Nomen tuum vencedor
Nos ceos e terra, piedoso.
Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra.
Voluntas tua se faça
Sicut in coelo et in terra.

Panem nostrum que comemos
Quotidianum, teu he,
Escusá-lo não podemos
Inda que o não merecemos,
Tu dá nobis hodie.
Dimitte nobis, Senhor,
Débita nostra, errores,
[ou *Debita* nossos errores]
Sicut et nos por teu amor
Dimittimus qualquer error
Aos nossos devedores.

Et ne nos, Deus, te pedimos
Inducas per nenhum modo
In tentationem; caimos
Porque fracos nos sentimos,
Tornados de triste lodo.
Sed libera nossa fraqueza
Nos a malo nesta vida.
Amen por tua graça,
E nos livre Tua Alteza
Da tristeza sem medida.

Registemos também que o *Pater Noster* é citado, naturalmente, na Missa do *Clérigo da Beira* (III, 231 e 233), e também na *Barca do Purgatório* (I, 263), onde o Pastor simples (que simboliza a ignorância e a inocência) declara, todo satisfeito, que já soube um quinhão dêle, já andou no *santo faceto* (q. v.). À sina dos textos bíblicos mais repetidos, o Padre Nosso não escapou. Há, p. ex., um *Padre Nuestro de las mujeres* no *Canc. Gen.*, II, 476).

* Pato nosso. — É o *Padre nosso,* tal qual sai da bôca deturpadora do *Negro boçal* (a figura cómica da Farsa do *Clérigo da Beira*, como torno a lembrar ao leitor (III, 244). Eis o teor das parcelas, bastante abreviadas, que lá aparecem, com a devida tradução:

santo paceto = sanctificetur
ranho tu = regnu(m) tu(um)
e figuo valente tu = fiat voluntas tua
ecinco cego salva téra = sicut in coelo et in terra
pão nosso quanto dão dá noves caro he = panem nostrum quotidianum da nobis hodie

Debrite noses = *debita nostra*
Ja libro nosso gallo = *sed libera nos a malo.*

Na *Frágua do Amor*, o poeta menciona apenas *Padre Nosso* como *Pato Nosso* (II, 334).

* Paz in celis paz in terra. — Verso bilingue da *Ensalada por Gil Vicente guisada*, com que termina a *Farsa dos Físicos* (III, 324).

* Peccante[m] me quotidie Et non me poenitentem (em rima com *sentem*). — Na *Copilação* (onde erròneamente está *peccante* por *peccantem*) é atribuído a Job, como figura da *História de Deus* (I, 325). Mas não pertence de facto às Lamentações dêle. Sómente por cálculo de Gil Vicente, que tão bem conhecia o Ofício litúrgico de Defuntos e estava certo de que nele havia um grande número de versículos do homem atribulado da terra de Hus, é metido na sua bôca. Aí está realmente no *Responso VII* e está também na imitação do Ofício que faz parte da *Barca da Glória* (I, 298).

Peccavit uxor mea. — Vid. Non sunt peccata mea.

Pelle et carnibus vestisti me. — Vid. Ossibus.

* Per aliam via reverte sunt In patria sua (sic). — *Per aliam viam reversi sunt in patriam suam* é passo do Evangelho (Mat. II, 12), relativo aos Reis Magos, o qual o lavrador, em cujo serviço anda a Mofina Mendes (a desgraça em pessoa), aplica aos Turcos, no discursozito engraçado, em que enumera as proezas da malfadada, que de 1521 a 1532 tinha perseguido os adversários de Carlos V (I, 112).

Perducat te ad vitam aeternam. — Vid. Ad quam.

* Per (omnia) secula seculorum Amen. — *Onia* na edição-príncipe; *omnia* nas edições modernas. É a fórmula inicial dos *Prefácios* da Missa, seguida de *Dominus vobiscum* e *sursum corda*, cantada pelo Capelão do fidalgo pobre da Farsa dos Almocreves (ao qual o próprio responde) afim de mostrar que tinha voz suficiente para servir no paço (III, 207). É parte também do *Salve regina*. Os semi-cultos do país vizinho respondiam com *oña* ao popular *onia (onha)* de cá, conforme vejo na *Propaladia* de Torres Naharro (I, 38).

* Per quam regula *(sic)*. — Empregam essa fórmula no sentido de *¿ com que direito ?* o diabo no *Auto das Fadas* (III, 101), e o escudeiro, disfarçado em velha, na *Floresta dos Enganos* (II, 162).

Per signum crucis. — Começando o *Sermão* que prègou em Abrantes, perante a côrte (III, 334), Gil Vicente fez, naturalmente, o sinal da cruz, murmurando a fórmula correspondente: *per signum crucis de inimicis nostris libera nos Deus noster*, dita como antífona *Ad Laudes* nas festas da *Cruz* (3 de Maio e 14 de Setembro).

Em linguagem familiar o vulgo dizia simplesmente *paresta*, ao fazer o sinal da Cruz. Encontro todavia nas farsas de Lucas Fernandez (p. 192) a fórmula latina, adulterada em *pricilim crucis*.

Perdunt. — Ou antes *Que perdunt quanto vieres vender*, é fórmula que o mau Clérigo da Beira emprega no fingido responso *(ou hũa aquesta)*, por meio do qual quer ajudar o vilão Gonçalo a recuperar as fazendas que moços do paço lhe roubaram: um cesto com marmelos, capões e uma lebre. Ocorre portanto na mesma oitavilha em que há *miracula, calamitas, demones* e *cedunt mare vincula res!* (III, 242), tudo expressões do popular *Responso* medieval de Santo António, já atrás transcrito.

Pietate vestra-super omnes gentes. — É o frade evocado do inferno que na *Farsa das Fadas* liga *ad libitum*, duas frases feitas, colhidas provàvelmente no Psaltério, numa oitava de difícil interpretação, por ser humorística e conter alusões pessoais. Isso no *Sermão*, amoroso, que prega às damas. Nos primeiros versos da 6.ª estância, dirige-se a um Calataud, magro como um fio ou pavio, pelas máguas que certa Anriques lhe causou. Eis os últimos, que não sei interpretar:

Oh graciosas riberas del Nilo (!)
Pietate vestra — super omnes gentes

(a vossa misericórdia outorgai-a a toda a gente)

Dejad los crueles inconvenientes
Que, aunque grosero, delgado lo hilo.
(III, 106).

Vid. *super omnes gentes*.

Piscis. — *Vai-te ao sino do pescado, Chamado Piscis em latim* — diz Mercúrio, (planeta) no *Auto da Feira*, brincando alegremente com a carestia das subsistências que houve em Portugal de 1527 a 1528, recomendando ao povo êsse expediente, caso não houvesse vaca nem carneiro (I, 153).

* Plantatio rosa. — Em vez de *rosæ* (em rima com *speciosa* e *luminosa*). — Figura retórica, que, proveniente do *Eclesiástico* (XXIV, 18), é aplicada à Virgem no *Ofício* — como se vê na *Lectio III In Adventu*, de Mattei, p. 60 *et quasi plantatio rosae in Jericho*, e no *Auto da Mofina Mendes* (I, 106), assim como em poesias do *Canc. Gen.* (p. ex. Vol. II, p. 316).

Pleni sunt coeli et terra majestatis gloriae tuae. — É um dos versículos (o 6.º) do *Te Deum laudamus* que foi admitido como remate ao *Prefácio* da Missa. Gil Vicente entremeteu-o na fala humilde da *Cananêa* (I, 375).

Plus ultra. — A devisa do Imperador Carlos V, espôso da bela Infanta D. Isabel, aparece naturalmente na *Tragicomédia do Templo d'Apolo*, representada na partida dela (II, 379). Mas só em tradução castelhana: *Mas avante.* Nem todos os meus leitores estarão lembrados de que o *Non plus ultra* ou *nec plus ultra* das armas de Sevilha (com as colunas de Hércules que o Imperador inverteu de propósito, provém de um versículo de Job (XXXVIII, 11) «*Usque huc venies et non amplius*». Assim dissera Jehovah no acto da criação ao Oceano, segundo êle próprio declara ao Atormentado e Queixoso, de dentro de nuvem procelosa *(de turbine)*, repreendendo-o num discurso veemente.

Potestas. — *Postestas*, com evidente êrro de caixa, na edição de Hamburgo (II, 110). O lavrador da *Devisa da Cidade de Coimbra* acusa Deus e a sua desdita de injustiças. Apela às *hierarquias, tronos, dominaciones* e *potestas*, evidentemente de anjos. Mais correcto seria o plural *potestates*. Essas são invocadas p. ex. no versículo 3.º do *Te Deum laudamus*.

Eis o que acrescenta quem é meu «duque e guia» nessas investigações teológicas: «A Dogmática Católica ensina, baseada em vários lugares da Escritura e na tradição patrística, que os espíritos que constituem a milícia celeste, não são iguais, mas formam uma verdadeira *hierarquia* composta de nove ordens ou coros distintos que são pela ordem decrescente:

Seraphim, Cherubim, Throni,
Dominationes, Principatus, Potestates
Virtutes, Archangeli, Angeli.

Nos Prefácios das Missas mencionam-se singularmente algumas destas categorias angélicas com referência genérica às restantes. *Throni et Dominationes* são mencionados nos do Natal, Epifânia, Páscoa, Ascensão e Apóstolos; *angelicae Potestates* no do Pentecostes; *Dominationes et Potestates* nos da Quaresma, Paixão, e comum. *Cum omni militia caelestis exercitus* acrescentam os Prefácios do Natal, Epifânia, Páscoa, Ascensão e Apóstolos, aparecendo o mesmo pensamento expresso por outras palavras nos restantes».

É a esta parte da liturgia da Missa Romana que o poeta recorreu para pôr na bôca do lavrador a sua popularmente herética *Lamentacion:*

Y tu, Fortuna, y Dios,
Con todas sus *hierarquias*
Adó estais?
Sin nunca ser contra vos,

Con las tristes ansias mias
Os gozais!
Oh! reniego de la vida,
Pues *Tronos* y *Dominaciones*
Y *Potestas*
Y *la orden mas subida*
Con gloria de mis pasiones
Hacen fiestas.

PORTA COELI. — Mais uma das denominações poéticas da Virgem, que, referindo-as a Salomão, menciona a donzela Humildade no primeiro dos Mistérios da Virgem, dramatizados em dois passos daqueles Autos a que o vulgo pôs o nome de *Mofina Mendes* (I, 105).

Porta do ceo, *mater pia*
ante secula criada.

chama-a Luís Anriques, nas suas trovas sôbre *Ave Maristella* (*C. G.*, II, 252).

* PRINCEPS *os sui me nova per delegantem per novaciones antiquaque.* — É o doutor Justiça maior que, na *Comédia chamada Floresta de Enganos* (II, 155), lê (estudando num livro de leis) essas palavras, a que não encontro sentido algum.

PULCHRA ES, AMICA MEA. — Vid. TOTA PULCHRA.

PULCHRA UT LILIUM *gracioso.* — São duas reminiscências do *Cântico dos Cânticos*, ou três, que produziram êsse louvor novo: *tu pulchra es* (I, 14); *sicut lilium inter spinas* (II, 2); *ego flos campi et lilium convallium* (II, 1). Há, de resto, no ditirambo da donzela Humildade (I, 105-106), lembranças também do *Eccles.*, conforme já mostrei s. v. *oliva speciosa, plantatio rosae*, e se vê igualmente em *balsamo mui oloroso.*

* PULSO CORDIS. — Pulsações, palpitações do coração, insulto apoplético. Hipótese de Mestre Fernando, relativa ao Clérigo namorado, na *Farsa dos Físicos* (III, 331).

* PUTREDINE MEA DIXI, *Padre y madre mia eres*, VERMIBUS SOROR ET AMICI. — São gritos lúgubres do desolado Job, que, no seu motivadíssimo *taedium vitae*, dá a réplica aos amigos motejadores que pretendem inspirar-lhe fôrça para viver. *Solo mihi superest sepulcrum* = só me resta o sepulcro; *infernus domus mea est* = só no inferno conto ter morada; *in tenebris stravi lectulum meum* = o meu leito já nas trevas estendi; eis a nota dominante do Capítulo XVII inteiro. Não admira que entrasse no *Ofício de Defuntos* (Lição VII) e de aí passasse à *Barca da Glória*, onde é posta em bôca do Arcebispo angustiado (I, 295). Mesmo no estado de incorrecção em que Gil Vicente

apresenta os três versos catalogados, êles são impressionantes. Meu dever é todavia emendar e esclarecê-los. Eis os defeitos do adaptador: o *e* final de *putredine*, acompanhado de *mea*, como se fôsse ablativo, e não dativo: *putredini meae;* o processo de ligar *padre y madre* e não *mater* e *soror;* e o acrescento (para mim incompreensível) de *et amici;* se fôsse *et amicis*, poderíamos referi-lo a *vermibus*, entendendo *eu chamei irmãos aos vermes amigos,* mas além de ser audaciosa tal construção, o verso imediato com a rima *inimici* não a admite.

Quem prefere clareza e elegância lógica à escuridão romântica, releia a tradução singela, mas raciocinada, de Basílio Telles:

> Podereis insistir quanto quiserdes,
> Não reconheço em vós sabedoria.
>
> O meu tempo passou; baquearam-me projectos,
> aspirações do coração.
>
> .....
> Quando só conto no inferno ter morada,
> Quando o meu leito já nas trevas estendi,
>
> Quando chamei ao tumulo «meu pae»
> «Minha mãe, minha irmã» á podridão;
>
> Onde estaria então a minha esp'rança?
> Esta esp'rança — quem é que a pode ver?

A respeito das considerações do Arcebispo, veja o filólogo os artigos *Spiritus meus — Dies mei — Non peccavi — Quare* — e *Vermibus*

* QUARE DE VULVA ME EDUXISTE *(sic)*? — Outro grito de desespêro de Job: *¿porque fôste arrancar-me ao ventre que me trouxe?* (X, 18). Grito que entrou na Lição IX do *Ofício de Defuntos*, e que Gil Vicente faz repetir ao Papa, na sua *Barca da Glória* (I, 301). Na *História de Deus* (I, 325) é o próprio Job que (pronunciando mal, à portuguesa, o *i* final do verbo, por causa da rima com *triste*) exclama, depois de prêso, como resumo de toda a sua teologia:

> *Quare de vulva me eduxiste?*
> Antes ali fôra consumido!
> Oh minha esperança, faze me sofrido,
> Pois vida, morte e prisão tão triste
> Me fazem pesar-me porque fui nascido!

A esperança, claro, é a que anteriormente e repetidamente êle condensara no *Credo* (q. v.): *Scio quod Redemptor meus vivit.*

* QUARE FUISTI ME INIMICI? — Job, ou antes o Arcebispo da *Barca da Glória*, inspirado, a meu ver, pelo dramaturgo que considero redactor dêsse versículo, dirige essa pregunta ao *Señor de todos poderes* (I, 295).

¿ Quereria dizer *mihi inimicus*? ¿ ou *meus inimicus*?

QUEM TERRA, PONTUS, AETHERA. — O hino matutino de Venâncio Fortunato, cantado nos Ofícios da Virgem (*Breviário Romano*, *In Festis Beatae Mariae Virginis* e *In Officio B. Mariae in Sabbato*, (Mattei, p. 10; Chevalier N.º 164), conforme já disse, aparece personificado, na fantasia do Frade-prègador que recita o Prólogo da *Mofina Mendes*, em companhia de *Domine, labia mea* — *Venite adoremus* — *Te Deum laudamus* — *Jam lucis orto sidere*, cantando, bem se vê. Eis os pormenores dessa aparição

> *Quem terra, pontus, aetherá*
> Virá muito assossegado
> Num sendeiro mal pensado
> E um gibão de tafetá
> E uma gorra d'orelhado!
> (I, 104).

Por ser festiva a representação do Natal, parece que admitia, como a da Páscoa, elementos humorísticos, de *Farsa*.

QUI CONFIDUNT IN DOMINO. — Princípio do Ps. 124, rezado nas Matinas do Natal pelo *Clérigo da Beira*, que, por excepção, continua a frase assim iniciada, sem escárneo, com a oração principal *tem esperança direita* (III, 232).

QUI FECIT COELUM *y tierra*. — Oração contida no versículo segundo do Ps. 120, que o poeta imita (mas também ocorre no 123, 8; 133, 3; 145, 6). Meteu-a na miscelânea de psalmos que David, em figura de pastor, entôa na última scena do *Auto dos Quatro Tempos* (I, 96). O Psalmista dissera *Levavi oculos meos in montes unde veniet auxilium mihi, auxilium meum a Domino qui f. c. et terram*, e a tradução do poeta português, transcrita s. v. *Levavi*, é simples e correcta, ao passo que os seis versos parafrásticos são incorrectos.

QUI SEMETIPSUM LAUDAT, DESPICIT HONOREM. — Não pede louvor quem o merece. Provérbio cuja fonte desconheço. Apenas direi que um refram latino, em bôca de uma forneira, descida da Serra de Sintra, afim de maldizer o Verão (II, 488), talvez seja a única incoerência linguística cometida por Gil Vicente.

* QUI TOLLIS PECCATA MUNDO. — *Mundo* (dativo em lugar do genitivo *mundi*) e *tollis* por *tollit* será de Gil Vicente; visto que está em rima com *segundo*, naquela doutrina que *Gil Terron* ensinava

aos companheiros, na Noite do Natal de 1502 (no *Auto pastoril castelhano*):

> Porque este es el *cordero*
> *Qui tollis peccata mundo*,
> El nuestro Adan segundo
> Y remedio del primero
> (I, 20).

Tollis, todavia, pode ser mero êrro de caixa. O plural *peccata* é mais usado do que o singular, que está no *Ev. Joan.*, I, 29, em seguida a *Ecce agnus dei* (q. v.). «Encontra-se na liturgia em várias circunstâncias: na tríplice invocação que na Missa se faz depois da divisão da hóstia em três partes; no final das Ladaínhas, quer de Todos os Santos, quer da Virgem, e imediatamente antes de se ministrar a comunhão aos fiéis, quando o sacerdote lhes apresenta a hóstia consagrada, dizendo *Ecce Agnus Dei; ecce qui tollit peccata mundi*, etc.» *(Dr. A. de Vasconcelos).*

Quia dedit Deus potestatem. — Reminiscência talvez de Mat., IX, 8: *glorificaverunt Deum qui dedit potestatem talem hominibus.* É na *Farsa das Fadas* que um dos frades (trazidos pelo diabo que a feiticeira evocou), achando o mundo mais triste do que o Inferno todo junto, replica à pregunta *Per quam regula[m]*:

> Porque muy cierto sabemos
> *Quia dedit Deus potestatem*
> A las Damas que nos maten,
> Y nós que las adoremus!
> (III, 101).

* Quia (e)speramus in Deo. — Réplica do Corregedor ao Diabo, que lhe preguntara porquê não embarcava no batel do Inferno (I, 239). Talvez seja reflexo do refram três vezes repetido no Psalmo xli-xlii *Spera in Deo*, e que o ajudante da Missa diz quando o Sacerdote recita, antes dêste subir ao altar, o psalmo indicado. É certo, porém, que a frase, tal como a apresenta Gil Vicente, se encontra na 1.ª *Ep. ad. Timot.*, IV, 10: *Maledicimur quia speramus in Deum vivum.*

* Quia infernus es Nulla *redencia ha hi.* — O Lavrador típico da *Barca do Purgatório*, fiado na sentença católica de que «salvo é quem estiver baptizado e tenha fé», espera entrar acto contínuo na embarcação do *Paraíso*. Curva todavia a cabeça, contente por escapar às penas eternas, quando ouve que terá de remir as suas culpas (o mudar marcos, ser obstinado, pagar a décima com a lã mais fraca do gado, etc.) na ribeira do Purgatório. Na forma estropiada que êle dá à sentença *in inferno nulla est redemptio* (I, 255), *es* por *est* é

pronúncia neo-latina; mas *redéncia* talvez seja mero êrro de imprensa por *redêncio*, ortografia também neo-latina de *redemptio*, que posso documentar (p. ex., nuns versos de Valtierra, do *Cancionero* dito de *Pero Guillen*). Possível é naturalmente também que existisse o vulgarismo *la redencia*, *a redença*.

Na *Barca da Glória* o mesmo texto sai puro da bôca do Cardeal, que repete no Responso da Lição III (I, 298), o *veredictum* doutrinal católico *Quia in inferno nulla est redemptio*, proclamado constantemente no *Ofício de Defuntos* (Resp. VII), seguido da súplica *Miserere mei, Deus et salva-me*.

* QUIA JUDICATIS MALITIA. — ¿Por *cum malitia*? Latim que o Diabo aplica ao Corregedor, na *Barca do Inferno* (I, 237).

QUIA NIHIL *son mis dias*. — Continuação do *parce mihi* de Job (VII, 16). Na *Vulgata* se lê todavia *nihil enim sunt dies mei*. — Entrou no *Ofício de Defuntos* (Lição I) e na imitação da *Barca da Glória* (I, 279). Encina e Badajoz traduzem: *que mis dias no son nada* (p. 340 do *Teatro Completo* e N.º 271 do *Canc. Gen.*).

QUIA NON DEBEMUS *de plaza decir*. — ¿Será alusão a um provérbio que exceptua as pessoas presentes das acusações levantadas em geral? (I, 106).

QUIA PECCAVI NIMIS IN VITA MEA. — Parcela do Responso III e V do *Ofício de Defuntos*, aproveitado por Gil Vicente na *Barca da Glória* e atribuído ao atribulado Papa (I, 301).

QUIA VENTUS EST VITA MEA. — Vid. MEMENTO MEI.

QUID FACIAM, MISER? — Vindo do Responso V do *Ofício de Defuntos*, entrou na *Barca da Glória* na jaculatória do Papa (I, 301). — Vid. UBI FUGIAM?

* QUINQUE VULTO SALMUS ES... ANTE MONIA OPUS ES... FIDEM... CAM... NISI QUE. — É algaravia da feiticeira que protege a desgraçada Rubena (e sua filha Cismeninha), práticamente, chamando a parteira na hora precisa, teòricamente evocando espíritos que (por meio de artes diabólicas embora) tomam, bemfazejos, a direcção da sorte das duas mulheres da *tierra de Campos*, cujas aventuras lembram, vaguíssimamente embora, as da filha de Apolónio, tratadas por Shakespeare em *Pericles Prince of Tyre*. O esconjuro da Scena Segunda (II, 22), é uma manta de farrapos, composta de fragmentos de rezas e outros textos litúrgicos, mal aprendidos e meio-esquecidos, que se acham registados nesta lista s. v. *mita*, *mundo*, *testimonio*. Creio não errar, reconhecendo nas palavras e sílabas que encimam esta nótula, o princípio da chamada *Fides Athanasii* ou *Symbolum Quicumque*, não porque fôsse redigido pelo grande Bispo de Alexandria (395-373), mas porque expõe com desenvolvimento e ni-

tidez a doutrina católica sôbre a Trindade, pela qual aquele Santo muito combateu contra os Arianos, e muito sofreu. A doutrina da consubstancialidade do Verbo com o Padre (τω πατρὶ ὁμοούσιος) foi definida no Concílio de Nicea (325); mas alguns outros dogmas católicos que como tais são expressamente consignados no *Quicumque vult*, foram definidos por concílios posteriores, o que não permite que a êsse seja atribuída a redacção do *Symbolum*. Introduzido na Liturgia, êle é recitado nos Domingos *Ad Primam*.

Devemos portanto interpretar a geringonça da feiticeira, entendendo: *Quicumque vult salvus esse ante omnia opus est ut teneat catholicam fidem, quam nisi quisque integram inviolatamque servaverit absque dubio in aeternum peribit*. Vertido para português anda nos Inéditos de Fr. Fortunato de S. Boaventura (I, 166). Uma paráfrase poética de Enzina encontra-se no Cancioneiro de 1492 (f. 22 *Cualquiera que quiere ser*). Como o *Pater Noster*, *Ave Maria*, *Salve Regina*, não escapou às tendências de burla dos poetas menores desta península. Há uma paródia p. ex. no *Canc. Gen.*, II, 271).

Quis mihi hoc tribuat [*ut in inferno protegas me*]. — É o versículo 13 do Cap. XIV do Livro de Job, que entrou na Lição VI do *Ofício de Defuntos*, e de aí passou à *Barca da Glória* (I, 288), onde é o Imperador que o recita, continuando

> Con mi flaca humanidad
> De tu ira y gravedad
> Adonde me esconderé ?
> (I, 288).

Também figura nas *Lecciones* de Garci Sanchez de Badajoz, apropriado irreverentemente, mas com arte e elegância, como o leitor sabe, às suas paixões de amor (*Canc. Gen.*, N.º 271, p. 474). A adaptação

> Quien m'otorgasse, señora,
> Qu'en el infierno defendieses
> Mi alma y la defendieses !

¡ musicada por Vazquez (segundo Gallardo, *Ensayo* IV, 928 e 930) foi cantada diante de Felipe II ! Já o mostrei no artigo da *Rev. Crit. de Hist. y Lit.*, a que aludi, s. v. *Parce mihi*.

Em redacção portuguesa, de modo algum inferior, o versículo reapareceu entre 1526 e 1528, na *Historia de Deus*, em bôca do próprio Job que interroga o Senhor preguntando

> E quem me darás que seja comigo
> Em o inferno, por meu guardador
> E por meu abrigo ?

QUOD SICUT LUTUM *me heciste.* — Faz parte do versículo 9 do Cap. x do Livro de Job: *Memento, quaeso, quod sicut lutum feceris me.* Como tantos outros entrou no *Ofício de Defuntos* (Lição III). Na *Barca da Glória* corresponde à prece traduzida

> Ruego-te que no escaezca
> *quod sicut lutum* me heciste.
> (I, 281).

Na ed. de Hamburgo há *escaeza*. Mas as rimas *perezca padezca* atestam que Gil Vicente pensara, e provàvelmente escrevera, *escaezca*. (Cf. Enzina, p. 342).

QUONIAM SI VOLUISSES SACRIFICIUM. — Se exigisses sacrifício, bem t'o ofertaria. Ou antes *dar-lo-hia*, como diz David (traduzindo *dedissem utique*) com palavras do *Miserere* (Ps. L, 18), desculpando-se por não trazer presentes ao Menino Jesus, no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 98). Em frase castelhana junta ainda a motivação:

> Pero no eres placiente
> Por ofertas que aqui vieses,
> Ni te causan alegria.

Ou seja: *holocaustis non delectaberis.* A continuação importante está em *Sacrificium Deo, spiritus contribulatus* (q. v.).

* QUOMODO FIAT ISTUD [*quoniam virum non cognosco*]. — A resposta da *ancilla dei* à Anunciação do arcanjo Gabriel, como está no Ev. Lucas (I, 34), entrou assim mesma no Auto dos *Mistérios da Virgem* (I, 108). Ignoro, por desgraçadamente não ter ao meu dispôr a edição-príncipe, se *fiat* por *fiet* (e *supervenit* por *superveniet*) é lapso antigo ou moderno, motivado por ventura pela outra resposta: *fiat mihi secundum verbum tuum.*

DAVID. — No segundo dos *Mistérios da Virgem*, o do Natal, é a própria Virgem que anuncia a vinda do «cordeiro divinal» numa breve contemplação, em que o designa como

> *nobre leão,*
> *rei da tribu de Juda,*
> *Radix David.*
> (I, 118).

É tradução de um versículo do *Apocalipse* (V, 5): *vicit, leo de tribu Juda, radix David,* que pela sua vez provém de uma profecia messiânica de Isaías (XI, 10), aplicada ao Salvador: *Radix Jesse qui stat in signum populorum.* Como descendente de David (Vid. FILI

David), Jesus merecia também a designação de descendente de Jesse, nome do pai do Psalmista. «Ambas entraram na liturgia. Em face de possessos, é que a Igreja manda pronunciar as proposições seguintes, traçando-se sôbre êles o sinal da cruz:

℣ *Ecce Crucem Domini; fugite partes adversae.*

℟ *Vicit leo, de tribu Juda, Radix David. (Rituale roman.*, tit. *De exorcizandis obsessis a daemonio).*

Nas partes da liturgia relativas ao Advento, é que se canta com singular solenidade *Ad Vesperas*, nos nove dias que precedem a festa do Natal, entre as *Antiphonae Maiora* uma (a do dia 19 de Dezembro) que diz:

O Radix Jesse qui stas in signum... populorum... veni ad liberandum nos, jam noli tardare.

De aqui viria a lembrança de Gil Vicente colocar as palavras citadas do Apocalipse na bôca da Virgem quando estava para dar à luz o *Agnus Dei*». *(Dr. A. de Vasconcelos).*

* Rapinastis coelhorum et pernis perdigotorum. — Latim macarrónico do Parvo da *Barca do Inferno*, que faz troça do Corregedor e do Procurador como «filhos da sciência, e homens dos breviairos», acessíveis a *peitas* como as que os lavradores trazem «de *mãos curvas*» ou «mão pendente» como hoje se diz (I, 239). Vid. Beleguinis e Ego.

Remifassolla. — Nomes de cinco das seis notas musicaes, que receberam no século xi tais nomes, porque o erudito monje beneditino Guido de Arezzo se havia servido das respectivas sílabas de um Hino a S. João Baptista, como processo mnemónico, afim de ensinar o hexacorde aos aprendizes do canto chão:

Ut queunt laxis *re*sonare fibris
*Mi*ra gestorum *fa*muli tuorum
*Sol*ve polluti *la*bii reatum
Sancte Joanne.

A sétima nota, necessária para completar a oitava, não foi achada senão no século xvii, formando-se-lhe o nome da letra inicial e média do quarto verso da citada estrofe *(Sancte Joanne).* Na *Copilação* é o escudeiro Aires Rosado da Farsa *Quem tem farelos*, sempre namorado e sempre disposto a tanger viola, que, em casa, faz exercícios de canto, entoando *re mi fa sol la sol la* e em seguida *fa la mi re ut* (III, 12).

Remisisti iniquitatem [plebis tuae]. — Assim começa o versículo 3.º do Psalmo 84, isto é, de um dos três que David, em figura

de pastor, parafraseia na Miscelânea com que remata o Auto dos *Quatro Tempos*, dizendo a Deus:

Al pueblo lleno de males
Desiguales.
Remisisti ininquitatem.
(I, 97).

Vid. *Domine, benedixisti — Captivitatem — Iram — Et furorem — In aeternum.* Para o historiador do drama, êste Psalmo tem interêsse particular, porque contém, no v. 11, a afamada concepção de as duas principais virtudes humanas *(justitia* e *veritas)* se haverem encontrado e abraçado com as divinas *(misericordia, pax),* concepção basilar dos medievais *Processos de Lucifer e da Virgem,* como Advogada dos pecadores. Tema êste de que proficientemente se ocupa o Professor Paulo Merêa.

* Requescant (por Requiescant) in pacem (por in pace). — O ofício festivo do dia do Natal, burlescamente rezado pelo *Clérigo da Beira* e seu filho Francisco, acaba naturalmente com as frases rituais de todas as Horas Canónicas de qualquer ofício do ano (com excepção do último tríduo da Semana Santa) isto é: ℣ *Fidelium animae per misericordiam Dei requiescant in pace.* — ℟ *Amen. Pater Noster...* ℣ *Dominus det nobis suam pacem.* ℟ *Et vitam aeternam Amen.* Mas nem essas escaparam à língua sôlta do rapaz que num àparte rosna, parodiando, a praga: *¡ Maus pagadores te paguem !* (III, 233).

Responde michi. — É Job quem fala ao Omnipotente, acusando-o de se esconder, e desafiando-o com as palavras: *Voca me et ego respondebo tibi, aut certe loquar, et tu responde mihi. Chama-me e responder-te hei;* ou então: *eu falarei claro, e tu responde-me a mim...* Na audácia da sua inocência, resolvido a jogar a vida, continua: *quantas habeo iniquitates et peccata, scelera et delicta ostende mihi,* para no fim renovar a acusação de Deus (confundido) esconder a mão com que o ferira. Na Lição IV do *Ofício de Defuntos,* que abrange os versículos 22 a 28, hàbilmente ligados aos Louvores da Lição III, nada se percebe da arrogância dos dizeres de Job. Suavizados, aparecem também na paráfrase que Gil Vicente faz sair da bôca do Bispo na *Barca da Glória,* como simples queixas humildes, embora haja nelas a palavra *paixão,* com respeito aos sentimentos de Deus.

Responde mihi cuantas son
Mis maldades y pecados;
Veremos si tu *pasion*
Bastará a mi redencion,

Aunque mil veces doblados.
Pues me heciste
Cur faciem tuam escondiste ?
Y niegas tu piedad
Al anima que redimiste ?
Contra folium escribiste ?
Amargura y crueldad ?
(I, 291).

Cfr. *Canc. Gen.*, II, p. 472.

P. S. Assim escrevera eu, acrescentando: Se as palavras se dirigem a *Jesus Cristo*, claro que *pasion* toma outro sentido.

E o meu Mentor dá-lhes essa explicação dizendo: «Ou muito me engano, ou há aqui um equívoco na interpretação da palavra *passion*. O sentido é êste: «Dize-me o número e grandeza de minhas maldades, para vermos se os merecimentos de tua *Paixão* serão suficientes para êles serem remidos, ainda que fôssem muitos mais. É uma acomodação, um pouco forçada, das palavras dirigidas por Job a Jahveh, às circunstâncias do Bispo, que as dirige ao Redentor, Filho de Deus».

Retro, retro Satanás. — Na scena da tentação, popularizada e nacionalizada com arrojada originalidade pelo poeta, na sua *História de Deus* (I, 340), é Jesus quem enuncia o eficaz esconjuro. No *Sermão* de 1506, a Introdução termina com a prece *De inimicis nostris libera-nos, Deus noster*, seguido de um vigoroso *Retro Satanás* (III, 385). No Evangelista Matth. (IV, 10), há (na *Vulgata*) *Vade, Satana*. Em Marcos (VIII, 33) a expressão completa, dirigida a Pedro por Jesus-Cristo, que o repreende severamente, é: *Vade retro me Satana*. Costume familiar é combinar só *vade* com *retro*, ou então, traduzir, dizendo: *¡ arreda, Satanás !* Cfr. *Canc. Gen.*, I, p. 230 *¡ Lá t'arreda, Satanás !*

* Reverte sunt in patria sua. — Além da falta dos *mm* finais do acusativo, há nas impressões modernas *reverte* por *reversi*. Já o disse s. v. Per aliam via[m], onde indiquei a fonte.

Rosa praeservata. — Cognome simbólico da Virgem, muito usado, mas cuja fonte ignoro. Gil Vicente meteu-o na Ave-Maria trobada do *Sermão* de 1506 (III, 335)..

* Rubrum (em vez de *rubum*) quem viderat Moisem. — Trata-se da sarça ardente, aquele espinheiro que o legislador via arder, sem que se queimasse, e da qual saia a voz de Deus, impondo-lhe a sua missão (*Exodus* III, 2). Em diversos hinos marianos a sarça incombusta simboliza a Virgem impoluta. Veja-se o N.º 172 da colecção de Chevalier: *Ave praeclara maris stella*, em que se lê *quod rubus*

ut flamma tu portasti; e sobretudo o de Adam de Saint-Victor (N.º 176 *Ave, mundi spes, Maria*), em que há a invocação seguinte:

Ave, virgo singularis,
Quae per *rubum* designaris
Non passum incendia.

Dêste passo, ou de outro semelhante se lembrava o poeta, quando escrevia nos *Mistérios da Virgem*

Rubum quem viderat Moisem
Sarsa que no ermo estava,
Sem lhe pôr lume ninguem.
O fogo ardia mui bem
E a sarça não se queimava.
(I, 105).

Na *História de Deus* é o precursor Isaías que diz a Moisés

Bem viste a sarça que não se queimava;
Pois este misterio nos prefigurava
A madre de Deus.

Nos Ofícios da festa da Circuncisão e da Vigília da Epifânia (1 e 5 de Janeiro) e bem assim no *Officium Parvum B. Mariae Virginis*, próprio do tempo do Natal, a Antifona 3.ª de Vésperas e de Laudes diz assim:

Rubum quem viderat Moyses incombustum, conservatam agnovimus tuam laudabilem virginitatem: Dei Genitrix intercede pro nobis (Mattei, p. 196). É esta sem dúvida a fonte a que recorreu o poeta.

* Sabe a regina matho misericoroda. — É o *Salve regina mater misericordiae*, em guiné. Fantásticamente estropiada por um negro boçal, na *Farsa do Clérigo da Beira* (III) a bela reza poética fez provàvelmente rir às gargalhadas os cavaleiros e as damas da côrte, em 1529 ou 1530. (Vid. Braamcamp, p. 196). Registarei os trechos de que ela se compõe, em confronto com o original, notando que não foi por causa da ridícula deturpação de textos litúrgicos como êste *Salve Regina* e o *Pater Noster* (q. v.), nem por causa da *endemoninhada Cecília da Beira em que fala Pedranes*, mas por causa das sacrílegas *Matinas* (que apresentei verìdicamente ao leitor) que a *Farsa* foi proïbida pela Inquisição.

Sabe a regina	1. *salve regina*
matho misericoroda	*mater misericordiae*
nutra dum cego savel	*vita, dulcedo, salve;*
até que vamos	2. *ad te clamamus*

a oxulo filho d'egoa
alto so sopeamos
ja mentes, ja frentes
vinagre quelle quebraram em balde
ja ergo
a guante nossa ha
ilhos tue busca cordas oculos
nosso convento
e Geju com muito fruta ventretu
ja tremes ja pias
seuro Santa Maria

exules filii Evae;
3. *ad te suspiramus*
gementes et flentes
in hac lacrymarum valle.
4. *eia ergo,*
advocata nostra,
illos tuos misericordes oculos
ad nos converte
5. *et Jesum benedictum fructum ventris tui*
6. *oh clemens oh pia*
oh dulcis virgo Maria.

(III, 246).

Falta portanto no v. 1.º *et spes nostra*, no 5.º *nobis post hoc exilium ostende.*

Conheço uma tradução castelhana, de Per Iñiguez (*Revue Hispanique*, XVI; e XXI, p. 525).

* Sacrificium Deo es *El espirito atribulado y el corazon contrito.* — Para não acusarmos Gil Vicente injustamente de incorrecções (como *es* por *est*, que, aliás, é pronúncia naturalíssima em português e ocorre mais de uma vez nos textos vicentinos) basta considerarmos e imprimirmos *es* como palavra castelhana. A idea expressa (que o verdadeiro e bem aceite sacrifício é o reconhecimento e arrependimento das próprias faltas) provém do discutidíssimo Psalmo predilecto do poeta — o *Miserere.* E liga-se a *quoniam si voluisses sacrificium dedissem utique: holocaustis non delectaberis (q. v.).* O teor integral do versículo (19) é *Sacrificium deo spiritus contribulatus: cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies.* Compreende-se que o poeta o introduzisse como *acorde* final no cântico de alegria com que o Psalmista remata o Auto tão original dos *Quatro Tempos* (I, 98). Nem é de estranhar que o mesmo David torne a repetir o versículo, popularizado, na *História de Deus:*

O sacrificio a Deus mais aceito
He o spirito mui atribulado
E o coração contrito e humilhado:
Este he a oferta, e serviço direito.

(I, 327).

Nem espanta que Moisés o segunde, asseverando:

Tu homem, penetra!
E dos sacrificios não tomes a *letra;*
Que outro sacrificio figuram em si
Que matar bezerros nem aves ali:
Outra mais alta oferta soletra,
E outro Genesi.

* SAEPE EXPURGAVERUNT ME. — A troca de duas letras (falso *rg*, por *gn* justo) adulterou êste verso; provàvelmente por culpa dos editores de 1834, com certeza muito menos sabedores do latim bíblico do que fôra Gil Vicente. Êste, que sabia de cor grandes partes do Psaltério, escrevera com certeza o princípio do Ps. 128: *Saepe expugnaverunt me a juventute mea: Muitas vezes torturaram-me, atormentaram-me desde a minha mocidade*, o qual ouvira com freqüência na recitação dos Ofícios feriais. Também é possível que o poeta o transcrevera com letra menos clara do que é a das duas assinaturas que subsistem (de 1515 e 1535, vid. Braamcamp, p. 22), de sorte que já entrou errado da edição-príncipe.

No verso imediato ao que encima êste artiguito, verso em vulgar que contém uma das observações impertinentes do filho ruim do *Clérigo da Beira*, há outro êrro de interpretação dos editores, quer antigos, quer modernos. *Diz a lyra na sua Grosa* deve ser *Diz o Lyra na sua Grosa*. Há aqui, salvo êrro, referência à realmente grandiosa obra de exegese bíblica do francês Nicolaus de Lyra (+1340): *Postillae perpetuae in universa Biblia*, consultada no século XV em toda a Europa culta pelos estudiosos, por ser a compilação mais completa e perfeita das interpretações literais, históricas, morais, alegóricas, místicas, dos textos canónicos, dadas pelos seus predecessores, cristãos e judaicos. E o tal Francisco (em que não vejo traço algum que nos autorize a reconhecê-lo como caricatura de Sá de Miranda, além de ser Francisco, filho de clérigo, e de veia satírica), o tal Francisco digo, conhecendo o erudito Escolástico de nome, por o ouvir citar a respeito de tudo, atribue-lhe patuscamente a afirmação banal, e geral, e nada bíblica *Que é cousa perigosa Andares à caça a pé* (III, 232).

SALVE REGINA. — Vid. SABE A REGINA.

SALVE, SANCTA FACIES. — No belo *Auto da Alma* (I, 209), os quatro Doutores entoam um Hino que começa com essa saudação, enquanto Santo Agostinho tira do altar da Madre Igreja a toalha com as feições do Crucificado. É portanto certo que houve um hino da Verónica (ou *Vera-icon*), que, de resto, não entrou no Breviário reformado *ex decreto Concilii Tridentini*, de 1629.

* SALVUS ES. — *Es* por *est*, como em *Sacrificium Deo*. E aqui não se pode conjecturar que seja castelhanismo, visto que o Lavrador da *Barca do Purgatório* fala português beirão. Já ficou dito s. v. *quia infernus es* que, como justificação da sua fé em «absolução imediata e completa», êle se baseia na sentença, segundo êle evangélica, de: *Quem for bautizado e crer, salvus est* (I, 255).

A poesia multisecular de Hermann Contract (N.º 37 da *Poésie*

Liturgique) existia na península em, pelo menos, duas paráfrases: uma castelhana, de Pero Iñiguez, dirigida a D. Juan II de Castela (*Rev. Hisp.*, XXI, 525 e XVI, 307); e outra, galego-portuguesa, de D. Afonso X, o Sábio. O curioso encontra-a no *Cancioneiro* Colocci-Brancuti (N.º 359 = 467): *Deus te salve gloriosa reinha Maria*).

Sancte Deus, adjuva nos. — No Responso da Lição III do *Ofício de Defuntos*, parafraseado por Gil Vicente na *Barca da Glória* (I, 298), êle entremeteu essa fórmula de prece, em lugar do sinónimo *salvum me fac*, usado no Breviário; ou de *adjuva me Domine Deus*, do Ps. 108, 2.

Sanctus, Sanctus. — Trata-se do versículo 5.º do *Te Deum laudamus*, vertido parcialmente para português, na Cantiga que os anjos cantam ao Menino Jesus no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 80). Parcialmente, e livremente, pois tem o teor seguinte:

A ti, dino de adorar,
A ti, nuestro Dios, loamos;
A ti, señor, confessamos
Sanctus. sanctus, sin cessar.

E na *Volta: Arcangeles te bradamos Sanctus sanctus sem cessar.* A epígrafe *Vilancete* é errada.

Cfr. Clamabat autem — Omnis terra — Tibi omnes angeli. — Ocorre também, em redacção portuguesa *(Sanctus sanctus sem cessar)* na contemplação da Virgem, que perfaz o primeiro *Passo* do *Auto da Mofina Mendes* (I, 118). *Sem cessar, sin cesar* é *incessabili voce.*

* Santo faceto. — É o *sanctificetur* do simples *Pastor da Barca do Purgatório* que, na aprendizagem do *Pater Noster*, só chegou até à primeira prece, e de mais a mais transforma em *intes vitus* o *benedictus* da *Ave Maria* (I, 263 e seg.).

* Santo paceto. — Outra corrutela do *Santificetur* do *Padre Nosso*, realizada pelo Negro da Farsa do *Clérigo da Beira* (III, 244), conforme já mostrei s. v. *Pato nosso.* Cfr. Cralasam e Sabe a regina. Em textos espanhóis do século XV encontro *santo ficeto* como nome suposto de um Santo, em companhia de *Doña Bisodia (= da nobis hodie)!* Baste lembrar aos Portugueses a *Santa Trindade*, considerada como *irmã de N. S.*

* Scala coeli. — Como título de um tratado, quer verdadeiro, quer fantasiado, de um *Vi(n)centius*, aparece na pregação jocoseria do Frade que recita o Prólogo da *Mofina Mendes* — recheado propositadamente de eruditas citações (I, 101).

Scilicet (=*scire licet: a saber*). — É no *Sermão* de 1506 que Gil

Vicente explica o *non volo* do seu tema, com *no quiero*, intercalando a usadíssima fórmula latina (III, 336).

SECULA SECULORUM. — A fórmula é familiarmente abstraída da conclusão das orações litúrgicas *(per omnia saecula saeculorum)* e também da Doxologia menor que se recita no fim de cada Psalmo *(Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto — sicut erat in principio et nunc et semper et in saecula saeculorum)*. Ela tem as suas raizes no Psaltério (89, 2; 112, 8; 113, 18; 118, 44; etc.). Na *Farsa dos Almocreves* o Fidalgo pobre designa com essas palavras, depreciativamente, as Missas ditas pelo seu Capelão — que êle se gaba de pagar a tostão (com generosidade).

Polos sanctos avangelhos
E polo *omnium sanctorum,*
Que até o meu capelão,
Por mezinhas de coelhos
E hũa *secula seculorum*
Lhe dou por missa hum tostão.
(III, 223).

SED LIBERA NOS. — Com êsse fragmento da prece do *Pater Noster* implora o Imperador, às portas dos Inferos, o Arrais, a quem a Morte quer entregá-lo, ajuntando-lhe o complemento *de jornadas doloridas* (I, 286).

* SE (êrro seguramente de imprensa por SED) LIBERA NOS A MALO! exclama a Serrana Caterina na Comédia da *Serra da Estrêla* (II, 432), quando lhe falam de casar com certo Gonçalo, a ela que ama o tio Fernando. Claro que a prece não falta no *Pater Noster* rezado a sério no *Auto da Cananea* (I, 366) e no *Velho da Horta* (III, 65). Falta, sim, na gíria do Negro, da Farsa do *Clérigo da Beira* (III, 244).

SEMITAS MARIS. — Vid. *Orbis terrarum.*

SEMPER EGO IN JUSTITIA FECI. — Latim do Corregedor da *Barca do Inferno*, que, com a afirmação *sempre procedi em harmonia com a justiça*, dá a réplica ao diabo, que o havia acusado de ter praticado injustiças, rapinando, seduzido por peitas (I, 237). Cfr. *Super iure.*

* SEQUUNTUR MIRABILIA JUPITER, REX REGUM DOMINUS DOMINANITUM. — Linguagem de Mercúrio, relativa às Perogrulhadas que êle recita no *Auto da Feira* (I, 154). Nominativos em vez de genetivos.

SI ALIQUID TRADIDISTIS. *Se recebestes alguma cousa ou destes.* — É igualmente latim do Corregedor.

Depois de haver preguntado ao Arrais se por ventura ignorava o facto de *dádivas quebrantarem penhas*, exemplifica, afirmando que o direito *está quedo* (= pára) não funciona, logo que a gente emprega

peitas (I, 237). As peitas a que há numerosíssimas referências nos Autos vicentinos. Vid. NONNE LEGISTIS.

SIGNUM CANCER. — O do Zodíaco; mas Mercúrio, que preside ao *Auto da Feira*, recomenda ao povo que, caso não houvesse carne nem peixe, fôsse ao sino do *Cangrejo*

> SIGNUM CANCER, Ribatejo
> *Que está ali a quem no quer.*
> (I, 154).

Isto é, fartasse-se nas belas crustáceas da baía do Tejo e de Setúbal.

* SORREXE. — Corrupção de *surrexit* no sentido de *nasceu, apareceu, levantou-se*. É latinório da feiticeira, que na *Comédia de Rubena* se esforça por bem fadar a *Cismeninha* (II, 28). Benzendo caminhos e carreiras, recita um ensalmo dirigido a diversos santos, o último dos quais é S. João; e partindo dêsse nome continua:

> *Entres natos muliéres* (q. v.)
> Não *sorrexe* outro maior
> João Baptista *corretor.*

Deturpação de *Inter natos mulierum non surrexit major — Joanne Baptista. Corretor* por *Praecursor*. «Antífona da festa de 23 de Junho, pedida a um dito de Jesus que se lê em Matt. XI, 11 (e Luc. VII, 28)».

* SOVENITE. — Vid. SUBVENITE.

SPECIOSA. — *Epiteton ornans* de diversos nomes que simbolizam a Virgem, substantivado às vezes. Provém do *Cântico dos Cânticos*, II, 13: *surge, amica mea, speciosa mea, et veni;* (em alguns manuscritos, I, 14 *Vides, speciosa soror mea, vides*) assim como do Eccl. 24: *quasi oliva speciosa in campis.* Em Gil Vicente há nos louvores que a donzela Humildade (I, 106) tributa à Virgem, *nova oliva speciosa;* e *especiosa* só, nos da *Sibila de Cumas* (I, 61).

SPECULUM BELLI. — *Espelho de guerra* é cognome de Marte no astronómico discurso de Mercúrio, como director da *Feira do Natal* (I, 153).

O Frade-Prègador, que ridiculariza, imitando-os, os oradores sagrados que a cada passo alegam autoridades, fingidas na maioria das vezes, a mesma fórmula é título de um livro precioso de Josepho (I, 101), o historiador da Judea.

SPECULUM SINE MACULA. — Mais uma figura retórica, encarecedora da pureza da Virgem, empregada pela donzela Pobreza (I, 106). Segundo o douto Glosador de Gomez Manrique, o Dr. Diaz de Toledo,

ela provém do *Livro de Filosofia* de Filo, em cujo Cap. VII se lê: *candor est lucis eternae et speculum sine macula.* Quanto a Gil Vicente, temos a certeza que êle conhecia as poesias de Gomez Manrique, mas nenhuma quanto ao filósofo de Alexandria.

SPIRITUS MEUS ATTENUABITUR. — Entre o sujeito e o verbo o poeta mete a aposição *tu hechura.* Versículo de Job (XVII, 1) precedido de *dies mei breviabuntur* (q. v.). Na Lição II do *Ofício de Defuntos,* que constitue o assunto principal da *Barca da Glória* (I, 295), é o Arcebispo que diz:

> *Spiritus meus,* tu hechura,
> *Attenuabitur;* mis dias
> *Breviabuntur* y tristura
> Me sobra, y la sepultura:
> No sé porque me hacías.

* SPIRITUS SANCTUS SUPERVENIT IN TE. — Por *superveniet.* A anunciação do arcanjo Gabriel (Luc. I, 35), é representada, conforme já expliquei, s. v. *Quomodo fiet istud,* no *Auto dos Mistérios da Virgem* (I, 109).

STELLA MATUTINA. — Nome simbólico dado à Virgem no *Auto das Sibilas* pela *Erytrea* (*Erutea* na linguagem de Gil Vicente (I, 61). Provém da Ladainha de N. S.

SUBVENITE! — *¡Acudam-me! ¡Ajudai-me!* Ocorre no testamento de Maria Parda que recomenda a alma ao velho pai Noé. Aos testamenteiros manda que, metida num quarto-de-pipa por ataude, que nunca tivesse contido água-pé, a levem de dia, às horas em que as tavernas estão abertas. Quanto ao acompanhamento, que cantem

> O *sovenite* a Noé.
> (III, 373).

Segundo o Dr. Vasconcelos há nesse imperativo alusão ao Responso: *Subvenite, sancti Dei, occurrite Angeli Domini, suscipientes animam ejus,* etc., que o ritual romano manda recitar logo em seguida ao falecimento de qualquer fiel; e bem assim ao entrar o cadáver na igreja para se lhe fazerem as exéquias (Vid. *Rit. Rom.* tit. *In expiratione* e *Exsequiarum ordo*).

SUCURRE DOLORES, CHRISTE! — Pela maneira como êsse grito de angústia do Cardeal da *Barca da Glória* (I, 298) é metido no Responso da Lição III, parece ter pertencido ao *Ofício de Defuntos,* em 1500. Mas como Gil Vicente use da licença poética de, com soberano arbítrio, misturar versos do *Livro de Job* com outros do Psalmista, e ambos com invenções pessoais, fragmentos de preces e

trechos de Cânticos e Hinos, é possível que o passo pertença a qualquer dessas espécies. *Sucurre miseris* é da antífona de *Magnificat*, de várias festas da Virgem (*Sancta Maria, succurre miseris*, *juva pusillanimos*, *refove flebiles*, etc.).

SUPER FLUMINA BABILONIS. — O admirável psalmo, que Luís de Camões parafraseou artísticamente e sentidamente nos trenos de *Sobolos rios que vão*, e que também lhe inspirou formosos Sonetos, foi aproveitado por Gil Vicente de modo engenhoso no subtil *Auto da Cananea*. Depois de a *Lei da Natureza* (com o nome significativo de *Silvestra*) haver cantado uma gentil e alegre *Serranilha*, aparece Hebrea, a *Lei da Escritura*, nada no Monte-Sinai, e entôa tristonha, e cheia de indignação contra os pecados do povo de Israel, aquele cântico de saudade (I, 356), para em seguida chorar lamentações com Jeremias e Isaías.

«O Dr. António de Vasconcelos acrescenta a notícia que no texto hebreu êste psalmo não é atribuído a ninguém, pois não traz epígrafe.

«Nos velhos códices gregos encontrava-se atribuído a David em uns, em outros a Jeremias. A *Vulgata* epigrafou-o por isso eclèticamente *Psalmus David Jeremiae*. Muitas razões militam a favor da segunda atribuïção».

* SUPER IURE MAIESTATIS. *¿ Tem vosso mando vigor ?* — É o Corregedor que, escrituras na mão, pregunta, no seu horrível latim, ao Arrais do Inferno, até onde chegam os seus poderes (I, 236).

SUPER OMNES GENTES. — A expressão, já registada no artigo *pietate vestra*, encontra-se no Ps. LXII, 4 (e quatro vezes no Velho Testamento). Mas não vai ligada à fórmula citada, como no *Sermão do frade* apaixonado da *Farsa das Fadas* (III, 106).

* SUPER TRINITAS ALTERNATI. É o título corrompido e provàvelmente fantasiado, de uma obra teológica, atribuída a Santo Tomás pelo Frade-prègador que recita o Argumento dos *Mistérios da Virgem* (I, 102).

SURSUM CORDA ! ¡Elevai os corações! — A admoestação que o Sacerdote pronuncia ao comêço do Prefácio da Missa, falta no texto que o Clérigo-caçador da Beira recita nas Matinas do Natal; mas encontra-se no trecho que o Fidalgo pobre faz entoar ao seu humilde Capelão, sob pretexto de avaliar a fôrça e sonoridade da sua voz. O resultado cómico, previsto, é, segundo a crítica que êle faz, que o padre que ambiciona ser adido à côrte, tem

> voz tão gorda
> que parece alifante
> depois de farto d'açorda.
> (III, 207).

* TAEDET ANIMA MEA (por ANIMAM MEAM) VITAE MEAE. — *Canssada de viver está minh'alma; vou dar livre carreira ao meu queixume.* As palavras que Job lança, agoniado, julgando-se perseguido e atormentado sem razão (X, 10), palavras de que a posteridade abstraiu o *taedium vitae* (cantado com tão desconsolado sentimento por Antero de Quental), claro que não faltam nas *Lições* e nos *Responsos de Defuntos*, com que o poeta quis dar novidade e realce ao Auto que representou a D. Manuel nas Endoenças de 1519. Distribuindo a frase impressionante ao Rei da *Barca da Glória* (I, 284) recorre também desta vez aos dois poetas castelhanos que antes dêle haviam explorado o *Livro de Job*, e o *Requiem* da liturgia. Encina (p. 341) dissera

Taedet al cuerpo é al alma
De mi triste mala vida.

Badajoz traduzira

La mi anima se enoja
De mi vida pues no es buena (p. 47).

O que em português seria: Repugna à minha alma O meu mao modo de vida. Farto estou de viver, e visto desejar a morte, vou primeiro desabafar, queixando-me de Deus, que castiga culpas que por ventura cometi, inconsciente. Cfr. LOQUAR — NOLI ME CONDEMNARE — INDICA ME — FILI DAVID — NE RECORDERIS — DUM VENERIS — VIAS MEAS: trechos de Job, dos Evangelhos e da liturgia que constituem o esqueleto das duas estrofes del Rei. A prova de que foi principalmente a adaptação de Garci Sanchez que impressionara o poeta português, temo-la na *História de Deus* (I, 323), onde repete o *Taedet*, dizendo *Minha alma s'enoja ja de minha vida.*

TE DEUM LAUDAMUS. — O hino majestoso, um dos mais antigos, embora a crítica moderna já não o atribua a Santo Ambrósio nem a Santo Agostinho, é ao mesmo tempo o mais vivaz de hoje, o mais universalmente conhecido e cantado — cantado, quer com a música condigna de Haendel (1713), quer com o canto-chão rítmico-melódico do século quarto. Acção de graças na primeira parte (dezoito versículos), prece viril na segunda (v. 19 a 27), com *Salvum fac* e *Miserere;* confissão de fé e de esperança na última oração: *In te Domine speravi, non confundar in aeternum,* êle presta-se ótimamente a ser a nota final de festas religiosas.

Quanto aos *Autos de devoção* de Mestre Gil, o *Te Deum* aparece como acorde final do *Auto dos Quatro Tempos* (I, 98), e do *Auto da Alma* (I. 113). O *Clérigo da Beira* indica-o (mas seguramente sem

o recitar, na sua Missa das Matinas do Natal). Profanamente satisfeito com o lindo tempo que fazia, propício à sua caçada, diz:

Ora *Te Deum laudamus*
Pois que tal manhã levámos
Para provarmos a *perra.*
(III, 231).

A *libré de escarlata,* na qual (como o Frade-prègador anuncia, chasqueando do público) o Hino personificado havia de entrar no *Auto da Mofina Mendes*, como fim do Prólogo ou princípio do primeiro *Mistério da Virgem*, não diz mal com o brilho musical da excelsa glorificação de Deus (I, 104). As *Trovas* sôbre os versículos *Sanctus sanctus, Omnis terra* e *Tibi omnes angeli* (I, 80), são bagatelas efémeras, comparadas com as melhores adaptações do Poeta. Mas ainda assim leio sempre com agrado o *Te Deum*, reduzido a *Vilancete* bilingue, que já trasladei mais acima.

Paródia temos na *Farsa das Fadas:* o frade evocado do Inferno, ao contar qual fôra a sua antiga vida de namorado no mundo terreno, alega, entre outras coisas que fazia, a seguinte:

Cantaba *Te Deum laudamus*
con los ojos en Cupido,
dizendo: *A ti adoramos*
los que sin ventura estamos.
(III, 103).

De traduções mais ou menos parafraseadas, menciono as que o poeta conhecia provàvelmente: as castelhanas de Enzina (*Canc.*, fl. 24) e de Fernan Perez de Guzman (*Canc. Gen.*, N.º 40) e a portuguesa do Dr. Frei João Claro (*Inéditos*, de Fr. Fortunato de S. Boaventura, Vol. I, p. 238).

Te rogamus audi nos. — Há na *Farsa das Fadas* uma cantiga profana e patusca, cantada ou recitada pela bruxa, com êsse refram latino. É paródia de alguma prece ou ladainha. O refram, aqui registado, êsse corre na de *Todos os Santos*, precedido da aposição *Peccatores,* nada menos de dezasete vezes. O Mote é o seguinte:

Oh senhora Ladainha,
Ajudade m'ora vós.
Cabra preta vai por vinha
Vai por vinha, mana minha,
Te rogamus audi nos.
(III, 108).

Tempestates. — É uma das invocações do Psalmo *Benedicite*

LXLVIII), tal como êle é rezado por David no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 98). Na *Vulgata* é o *Spiritus procellarum* que é invocado depois de *dracones et omnes abyssi, ignis, grando, nix, glacies.*

TEMPLUM PACIS. — Na prática que fez aos supersticiosos e fanáticos frades de Santarém, depois do tremor de terra de 1531, Gil Vicente fez a exposição de como tudo neste mundo sublunar, de contrastes, tem seu *contrairo* e as suas causas naturais (procedentes *da natureza*), menos algumas poucas feitas *por milagre*. E entre os exemplos de sucessos sobrenaturais menciona... a repentina queda do Templo da Paz, em Roma, no ponto em que a Virgem pariu (III, 386). Entre as numerosas menções do caso, (referido ora ao Mistério *primeiro*, ora ao *último*), o poeta português conhecia sem dúvida a feita por Gomez Manrique na sua notável *Representacion del Nascimiento* (*Obras*, I, p. 205), em que cada um dos instrumentos da paixão prediz um dos acontecimentos futuros. A cruz agoira que

> En aquesta santa cruz
> el tu cuerpo se porná:
> a la ora no avrá luz,
> *y el templo caerá.*

TESTIMONIO, TESTIMONIO MEO. — Enxertados no monólogo da feiticeira, com que principia a Scena 2.ª da *Comédia de Rubena*, (II, 23), logo depois de ela haver estropiado os primeiros versículos do *Ev. S. Joh.* (Vid. APODEO — MITA — MUNDUS — MISSUS A DEO) claro que êsses vocábulos aludem ao versículo relativo ao precursor: *Hic venit in testimonium ut testimonium perhiberet de lumine ut omnes crederent per illum* (Cap. I, v. 7; cfr. 19, II 25, III 11, 26, 28, 32, 33).

TIBI OMNES ANGELI — *Tibi coeli et universae potestates — Tibi Cherubim et Seraphim — Incessabili voce proclamant: sanctus, sanctus*, etc. Eis a nacionalização de Gil Vicente, cantada no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 80) por um Seraph, um Arcanjo e dois Anjos:

> Y el coro celestial
> (Pues que es dino de adorar)
> Arcangeles te bradamos
> *Sanctus sanctus (q. v.)* sin cesar.

* TIMOR MORTIS CONTURBAS ME. — Erro por *conturbat*, provàvelmente de imprensa. Na *História de Deus* (I, 325) é Job quem assim se lamenta, em contradição com as suas repetidas chamadas pela Libertadora. É que, aqui como em outros passos, o poeta português

envolve com dizeres que são realmente bíblicos, outros litúrgicos, do *Ofício de Defuntos*, apenas inspirados na Bíblia. O de que estou a tratar é do Responso VII e talvez seja reminiscência da seguinte passagem de Eliphaz a Job: *Propterea circumdatus es laqueis, et conturbat te formido subita* (XXII, 10).

TOTA PULCHRA AMICA MEA. — Gil Terron, o pastor da Beira que aprendera latim *tan a ponto que es placer*, e *sabia de achaque de igreja*, explica no *Auto Pastoril Castelhano* aos companheiros menos doutos, o que Salomão havia, canticando, profetizado a respeito da *donzella prelucida, mujer y estrella*. E inspirando-se em alguns versículos do inebriante *Cântico dos Cânticos* (II, 10 e 14; IV, 1 e 7; V, 2; VI, 3) fez o texto seguinte:

Levanta-te, amiga mia,
Columba mea formosa,
Amiga mia olorosa!
Tu voz suene en mis oidos
Que es muy dulce á mis sentidos,
Y tu cara muy graciosa.

Como el lilio plantada
Florecido entre espinos,
Como los olores finos
Muy suave eres hallada.
Tu eres huerta cerrada
En quien Dios venir desea:
Tota pulchra, amica mea,
Flor de virgindad sagrada.
(I, 19).

O mesmo verso, seguido de *Macula non est in te*, é citado pela donzela Humildade, no passo segundo dos *Mistérios da Virgem* (I, 105).

TU ME PONE JUXTA TE. —Vid. JUXTA TE. Nas impressões modernas *tu me pone* não está assinalado como latim.

TU QUI SOLUS ES. — Vid. ET TU.

UBI FUGIAM? — O Papa amedrontado pelo aspecto da *Barca do Inferno* e seu Arrais, sentindo-se mísero e pequeno, exclama *Heu mihi! heu mihi!* e depois de haver parafraseado *Quare de vulva me eduxisti* (q. v.), implora a piedade infinita de Deus, dizendo

Quia peccavi nimis in vita (q. v.)
Quid faciam miser, pecador? (q. v.)
Ulbi fugiam, mal-hechor?
(I, 301).

Na *História de Deus* é Job que grita desesperado *Ubi fugiam?*

que farei (I, 325). Mas embora do seu Livro fôssem extraídas partes importantíssimas para o *Ofício de Defuntos* (conforme viu o manuseador desta lista), não se encontra lá essa pregunta de terror. Aparece sim no Responso V do texto litúrgico (derivado) onde, completo, tem o teor seguinte: *Hei* (ou *Heu*) *mihi Domine, quia peccavi nimis in vita mea, Quid faciam, miser? Ubi fugiam nisi ad te, Deus meus?* Cfr. Ps. 138, 7 *Quo ibo a spiritu tuo? et quo a facie tua fugiam?*

URSA MAIOR } No importante *Auto da Feira,* cujo Argumento,
URSA MINOR } redigido e recitado por Mercúrio (planeta e deus dos mercados), é um discurso de astrologia, jocosério, cheio de Perogrulhadas, há, além de *Lepus, Piscis, Signum, Cancer* e o *Dragão,* os planetas *Mars, Vénus, Júpiter,* o *Zodíacus,* e há também as duas constelações boreais, com o seu nome scientífico (I, 155). O vulgo do Pôrto chama-as *carretas.* Na Beira são *as barcas.*

UT IN INFERNO PROTEGAS ME. —Vid. QUIS MIHI TRIBUAT.

* UT NON DESOLETUR. — Essa frase encontra-se no *Sermão de amor* do frade, evocado *per nefas* do Tártaro. Dirigindo-se às damas da côrte aconselha-lhes que sejam *piedosas,* pondo de lado manhosos rigores:

> Dejad esas mañas de vuesos reveses,
> Señoras, *ne perdas animam vivam* (q. v.)
> Pues de sus ganas por vos se cautivan
> *Ut non desoletur,* que son Portugueses.
> (I, 106).

Já falei do incorrecto *ne perdas.* Talvez se deva emendar *ut non desolentur* Em Isaías, VI, 11, há *Donec desolentur civitates;* em Ezeq. XII, 19 *ut desoletur terra a multitudine sua.*

VENITE, ADOREMUS. — *Venid todos y adoremos,* é refram do Invitatório que o frade-prègador namorado reza na *Farsa das Fadas.* Êle chama-o *Vitatório* (III, 102–103). No Hino *Adeste fideles* (que não se encontra na *Poésie Liturgique* de Chevalier, nem na colecção de Schlosser *Die Kirche in ihren Liedern durch alle Jahrhunderte,* baseado no *Thesaurus hymnologicus* de Daniel, mas que figura no *Manual da Missa em Concanim,* p. 238), o Invitatório repete-se três vezes no fim de cada estrofe:

> Adeste Fideles
> Laeti triumphantes
> Venite, venite in Bethlehem;
> Natum videte
> Regem angelorum:
> *Venite, adoremus*
> *Venite, adoremus*
> *Venite adoremus Dominum!*

Vid. OPERA MANUUM SUARUM. — IN HAC VITA LACHRYMARUM.

VENITE, EXSULTEMUS. — É nas *Matinas do Natal* que o *Clérigo* caçador, *da Beira*, logo depois do *Pater Noster* e do versículo *aperitionis: Domine, labia mea aperies* — preocupado embora desde o princípio com os pormenores da sua caçada, diz *Venite, exultemus.* Isto é, recita o Psalmo 94, pelo qual sempre começam as Matinas — Psalmo em que, contra o costume, a antífona, variável segundo os Ofícios, se repete no fim de cada versículo, como estribilho, tendo o nome especial de *Invitatorio.* Vid. *Venite adoremus.* Sem atender à exortação, o Clérigo, ridicularizado pelo poeta cómico, acrescenta ao *exultemus (sic)* a exclamação de alegria profana,

> Que cães e furão que temos
> Pera tempo de mister!
> (III, 231).

Na história do *Breviário* o capítulo relativo ao Ps. 94 é um dos mais interessantes quanto à distribuição dos versículos, variantes de texto, etc. Mas não seria oportuno dar pormenores.

VERBUM CARO FACTUM EST. — Vid. O VERBO CARO FATO HE.

VERE DIGNUM ET JUSTUM EST. — Aos discípulos que acompanhavam Jesus Cristo, a Cananêa pedira a ajudassem a dar louvores e graças ao Redentor. Em nome de todos S. Pedro responde com a frase latina, acrescentando

> Pois que a todos fez mercê
> Adoremos nosso mestre,
> Cheio de graça celeste
> Como por obra se vê.
> (I, 381).

E cantando *Clamavat autem* (q. v.) se acaba o *Auto da Cananêa.* Além disso temos no dito Auto *Veredina* (=Veredigna) como nome da Lei da Graça (*ib.*, p. 357). Invenção gentil, quer seja de Gil Vicente, quer não. ¿De onde vem? Todos quantos freqüentam a Missa sabem que a primeira parte do Prefácio, tal como é dito desde o Natal até à Epifânia, e também nas *Festas da Virgem* e no *Corpus Christi*, contém uma acção de graças que principia: *Vere dignum et justum est, aequum et salutare nos tibi semper et ubique gratias agere, Domine sancte, pater omnipotens, aeterne Deus* (Vid. Vasconcelos, *Compêndio de Liturgia*, p. 16 e 25). E talvez conheçam a *Prosa* de Santo Agostinho que também tem a forma de Prefácio e é cantada no sábado de Aleluia na Benção do Círio Pascoal (N.º 77 da *Poésie Liturgique*). Nela segue-se logo ao *Sursum corda* e *Gratias*

agamus e resposta *Dignum et justum est*, o texto: *Vere dignum et justum est invisibilem Deum omnipotentem Patrem Filiumque ejus unigenitum Dominum nostrum Jesum Christum toto cordis ac mentis affecto et vocis ministerio personare.* No formoso estudo do Dr. António de Vasconcelos sôbre *Clamabat autem*, o curioso encontrará uma exposição completa.

* VERMIBUS SOROR ET AMICI. — No *Ofício de Defuntos*, que constitue o assunto da *Barca da Glória*, composto com liberdade poética de trechos bíblicos que constituem verdadeiro texto litúrgico, há na parte do Arcebispo (conforme está registado nos artigos *Dies mei — Non peccavi — Spiritus* e sobretudo *Putredini*), a continuação do versículo em que o desolado mártir trata a podridão cadavérica de *pai*, e os vermes da cova de *mãe* e de *irmãs* e *amigos*, combinação de substantivos que, incorrecta em latim e neo-latim, talvez tivesse a sua razão de ser no original hebraico (I, 295).

VEXILLA REGIS PRODEUNT [FULGET CRUCIS MYSTERIUM]. — É o Hino da Cruz, de Venâncio Fortunato (Chevalier, N.º 69) que os quatro Doutores da Igreja entoam no *Auto da Alma* (I, 204), antes de colocarem no altar os instrumentos principais da Paixão: o *açoite*, os *cravos*, a *corôa de espinhos*, a *toalha* com a vera efígie, e o crucifixo, cantando versos especiais. Gomez Manrique, mais completo, juntara na sua *Representacion del Nacimiento* a êsses símbolos o *cálix*, o *astelo* (=esteio) com a *soga* e a *lança* (*Canc.*, I, p. 198–206). Lucas Fernandez, pela sua vez, havia empregado no seu *Auto de la Pasion* o expediente de a *Cruz* aparecer, quando a Madalena narra a tragédia de Sexta-Feira. (*Farsas y Eglogas*, p. 242). Todos os presentes, de joelhos, cantam então, com música de órgão, aquela parte do Hino da Cruz, que ainda hoje, nos actos litúrgicos, se diz de joelhos, ao passo que o resto do Hino é recitado de pé.

Enzina também compusera uma versão *explicada* do Hino inteiro (*Canc.* de 1492, f. 23).

O crux ave, spes unica

VIAS MEAS — DIRIGE *a mi*, — VIAS MEA *para ti*, — *Que aparezca en tu presencia.* Assim reza o Rei, no *Auto da Barca da Glória* (I, 285), aproveitando com licença poética um versículo de Job (XIII, 16), ou seja a 1.ª antífona das Matinas de Defuntos, que foi inspirada por várias passagens bíblicas, especialmente pelo Ps. V, 9.

VIDEBO DEUM, *cordero*, CHRISTUM SALVATOREM MEUM. — Job, o paciente, mas também o rebelde, audacioso e afirmador, como outra nenhuma figura bíblica, dissera, depois do *Credo* (*q. v.*), no versículo da ressurreição (XIX, 26), *et in carne mea videbo deum meum.*

O artista desconhecido que elaborou o *Ofício de Defuntos*, deu-lhe a forma empregada por Gil Vicente, que aqui como sempre, procedeu com soberania (I, 295). Na *História de Deus* atribue a Job a confissão de fé seguinte (ancião pobremente vestido que entrara como prefigurador, falando *antre si consigo* àcêrca dos bens temporais que lhe faleceram):

> Eu creio, Mundo, que o meu redentor
> Vive, e no dia mais derradeiro
> *Eu o verei, Redentor verdadeiro*,
> Meu Deus, meu Senhor, e meu Salvador!
> Eu o verei, eu,
> Não outrem por mim, nem com olho seu.
> Mas o meu olho, assi como está,
> Porque minha carne se levantará
> E em *carne mea* verei o Deus meu,
> Que me salvará.
> (I, 322).

* VIDETIS QUI PETATIS. ¿ Por VIDETE QUID PETATIS ? — É assim que o Corregedor, ridicularizado por saber pouco latim, responde ao diabo, que o convidara a entrar na *Barca do Inferno*. E acrescenta: *Super iure maiestatis Tem vosso mando vigor (q. v.)* (I, 236).

O poeta lembrava-se talvez da réplica de Jesus à mãe dos «filhos de Zebedeu» quando esta solicitou para Jacobo e João os dois primeiros lugares no reino de Deus: *Nescitis quid petatis* (Mat. XX, 22, Marc. X, 38).

VIRGO. — O sino da *Virgem*, do Zodíaco (I, 81).

VISITAS EUM [DILUCULO ET SUBITO PROBAS ILLUM]. — É na Vulgata o teor do versículo 18 do Cap. VII do *Livro de Job*, que entrou na Lição I do *Ofício de Defuntos*. Gil Vicente verteu a segunda parte da oração para castelhano: *Con favor* visitas eum *al alvor, y súpito lo pruevas luego* ? (I, 279). No sítio indicado (Lição I, do Conde, no *Ofício de Defuntos* da *Barca da Glória*) segue-se ao *Parce mihi*, tal qual na Bíblia, e também tal qual fica tanto na imitação irreverente e extensa por demais de Enzina, como na mais artística de Badajoz.

O versículo intermediário entre *Parce e Visitas* — o empolgante *Quid est homo, quia magnificas eum* — o poeta português verteu-o da forma seguinte:

> Porque ensalza tu poderio
> Al hombre, y dás señorio
> Y luego del te desvias ?

Enzina, que fala ao *Deus do Amor (Domine deus Cupido)* comenta:

Visitas eum al alba
Con unos gozos falsados,
E á la noche ya los pruebas
En casos muy desastrados.

(*Teatro Completo*, p. 340). De Garci Sanchez prefiro dar a continuação de *Perdona me, amor, amor:*

Dí-me que cosa es ell ombre,
Pues que tanto lo engrandesces ?
O porque lo favoresces
Con las muestras de tu nombre ?

(*Canc. Gen.*, I, p. 470, *Aut quid apponis erga eum cor tuum)?*

A tradução mais fiel, e ao mesmo tempo mais interpretadora, é a de Basílio Teles: *¿ O homem quem é p'ra que até elle os olhos baixes?*

Nelle te dignes reparar ?

Para que o examines todas as manhãs,
A cada instante o exp'rimentes ?

embora só se compreenda bem, lendo a continuação

Até quando terás em mim os olhos fitos ?
Não me darás o tempo d'engulir saliva ?

Se pequei, que t'importa, oh espião do homem ?

Etc.

* VITA ET MISERICORDIA TRIBUISTI MIHI. — POR VITAM ET MISERICORDIAM. — É outro trecho do *Livro de Job* (X, 12), extraído para o *Ofício de Defuntos (Lição III)*, cuja adaptação vicentina não saiu bem impressa na edição de Hamburgo (I, 282). Pertence à *Lição (II)* do Duque, no *Ofício de Defuntos* da *Barca da Glória* (I, 281–282), de que registei as citações *Manus — Et plasmaverunt — Quod sicut lutum* e sobretudo *Ossibus (q. v.)*.

Enzina, falando da donzela Plácida, que se suicidara, e ressurgiu por artes da deusa Vénus — *Por ser el primor de cuantas Fueron é seran e son* — diz na *Vigília da Namorada Morta*, que constitui um poema de vinte páginas (a *Lição III*, p. 343):

Pelle et carnibus vestiste
Su beldad en perfecion,

É hora matar la feciste
Sin ninguna compasion!
Vitam et misericordiam
Meresció su devocion,
Que no sentencia de muerte,
Ni tormento, ni pasion!

Claro que fala ao Dios de los amadores, ao qual para findar dirige *Kyrie* e *Oremus*.

VOCABIS ME [ET EGO RESPONDEBO TIBI]. — Mais um dito de Job ao Deus, com o qual discute a justiça da sua causa (XIV, 15 (*Of. de Def.*, Lição VI), flutuando entre o desespêro e a confiança: convencido de que nunca morto algum ressuscitou, mas ainda assim com rajadas de esperança que Deus pudesse preservá-lo na parte mais recondita e tenebrosa da caverna sepulcral, até que passasse a sua ira divina e o seu furor. Pertence, na *Barca do Inferno*, à *Lição (IV)* do Imperador, e já figurou nesta lista no artigo relativo a *Quis mihi hoc tribuat?* Depois da Quintilha aí transcrita, vem à prece:

Oh Señor
Pase breve tu terror!
A mis culpas dá pasada.
Vocabis me pecador,
Responder te he, con dolor
De mi anima turbada.
(I, 288).

* VOLUNTAS MEA. — O nominativo, depois da proposição portuguesa *em*, devia ser ablativo: *in voluntate mea*. Faz parte da ladainha de amor, recitada pela alcoviteira, por cuja causa o *Velho da Horta*, tardiamente apaixonado, gastou toda a sua fazenda. Chamando as donzelas da vizinhança (i. é, da côrte), para ajudar e consolar o desgraçado, especializa umas cinco, e entre elas a D. Joana de Mendonça, donzela de alta prosápia, com a qual casou em 1520, por amores, o Duque D. Jaime de Bragança. E diz-lhe com a semcerimónia que Farsas de Entrudo ou de Páscoa admitem:

Dai-lhe vida;
Como outra santa escolhida
Que tenho em *voluntas mea*
Seja de vós socorrida!
Como de Deus foi ouvida
A *Cananea*.
(III, 82).

VOX CLAMANTIS IN DESERTO. — É o próprio S. João Baptista que,

respondendo às lisonjarias interesseiras de Satanás, diz de si próprio na *História de Deus:*

Satam, eu não sam Elias,
Nem desejo de ninguem
Nenhũas lisongerias;
Nem sam sancto nem profeta,
Nem menos anjo encuberto.
Vox clamantis in deserto!
Esta he a minha vida certa
Pois queres saber o certo.

Nem Mexias não sam eu
Nem pera lhe desatar
A correa que levar
No sancto sapato seu.
(I, 332).

Afim de citar a palavra alada que seguramente sabia de cor, Gil Vicente poderia ter recorrido ao profeta Isaías (XL, 3) ou a qualquer dos quatro Evangelistas, visto que todos repetem a aplicação que dela fizera S. João Baptista (Matth., III, 3; Marc., I, 3; Luc., III, 4; Joh., I, 23). Mas, ùnicamente neste último (de que o poeta tirou — *Apud Deum — Agnus Dei — Homo missus — Inter natos — In principio — Mundus — Testimonium — Verbum*) ela está em discurso directo, e tem, a pequena distância, o versículo *cujus ego non sum dignus ut solvam ejus corrigiam calceamenti* (cfr. Luc., III, 16). Mais provável é todavia recorresse ao seu *Breviário*, e lesse a liturgia de 24 de Junho, ou as do Advento, em que o *Versículo* de *Laudes* é todos os dias *Vox clamantis in deserto: Parate viam Domini!* e a resposta *Rectas facite semitas ejus!*

Das numerosas citações de *clamantis in deserto*, (tão numerosas que delas saiu a frase vernácula *prègar no deserto*, no sentido derivado de *falar sem ser atendido*), citarei apenas a *Canção 8.ª* do *Canc. Musical* (italiana) porque é muito possível que Gil Vicente a conhecesse, e por já aí significar *bradar e prègar em vão.*

Não suprimi, transcrevi pelo contrário neste sítio, propositadamente, a versão das *correias do sapato* como já transcrevi várias outras que ocorrem só em redacção vernácula (p. ex. *Ecce homo* e *Dominus dedit*), para fechar esta lista de trezentas e vinte e oito citações latinas, com a noção exposta na *Introdução* dêste Estudo, que Gil Vicente lia e relia o seu *Breviário* com tanta assiduïdade e tanto amor

que a *doutrina*, transformada em sangue e carne, e de latina em nacional, lhe ocorria, sem querer, ao bico da pena.

P. S.

Emquanto se imprimia a Lista *supra*, tive finalmente ensejo de familiarizar-me com a edição-príncipe — amparada pela benevolência e o zêlo do Exmo Sr. Jaime Cortesão, digno director da Biblioteca Nacional de Lisboa. O exemplar de que pude servir-me, à vontade, é proveniente da livraria de Mafra. Deteriorado cedo pelo muito uso que tivera, e depois de 1624 pelas proïbições e expurgações que um encarregado da Mesa Censória introduziu nele, riscando à valentona e emendando o que o *Index* ordenava (e mais algumas cousas que lhe desagradavam em particular), tudo com traços tão grossos que em mais de um sítio o papel ficou roto, êle é ainda assim falho só quanto às primeiras fôlhas não-numeradas (que contém os preliminares). Quanto aos textos (Autos e composições meúdas) êle é completo e bem conservado.

Estudando-o, eu estava de antemão certa, pela longa prática, de que tanto nos textos neo-latinos, alterados com boas intenções pelos editores modernos, quanto às grafias, como nas citações latinas intercaladas (nunca destacadas tipogràficamente) haveria *divergências*, ora para bem, — verdadeiras emendas de erros quer de caixa, quer de redacção, — ora para peor, por mal-entendidos.

Prestando a essas variantes a devida atenção, verifiquei que na maioria dos casos não há divergências, e as que existem não são notáveis. As de pêso consistem na rectificação — recondução à forma pura clássica, — de deturpações *propositadas* que Gil Vicente metera na boca de populares ou ignorantes, e de licenças poéticas que êle tomara, escrevendo na rima *es* por *est*, *terra* por *terram*, etc. Além disso reparei na omissão de fórmulas finais de devoção como *Laus Deo* nas reimpressões modernas. E também em algumas falhas na minha Lista.

Tudo vou sanar aqui, meticulosamente, por ordem alfabética, para que outros meticulosos possam fàcilmente inteirar-se dêsses complementos. As fôlhas da edição de 1561 a 1562, onde os colhi, indico-as [1] apenas quando há várias lições, como na interjeição popularizada *Abrenúncio*, com que principio.

---

[1] Substituo os incómodos algarismos romanos pelos comuns (árabes).

ABARRUNCIO (53b = I, 265). — *A. a Satanas* é a pronúncia do inocente pastor da Barca Segunda;

ABLENHUNCIO, *Satané* (14b = I, 68) a do mais rústico de todos quantos pastores surgem nos Autos: o Brás do *Auto da Fé;*

ABRENHUNCIO NOS A MALO é a de que usa seu não menos rude companheiro Benito (15c = I, 74).

AUE CORONA ESPINEARUM. — E não *espiniarum.*

BENEDICITE AQUE OMNES Ꝯ DRACONES. — Assim, grafados *à latina* se lêem os dois versículos (f. 20b = I, 98). É falso grafar *y dracones.*

CARONICARUM. — E não *Choronicarum.*

CATELINARUM. — E não, mais correctamente, *Catelinarium.*

CLAMABAT AUTEM. — É assim que está a f. 84b.

CORPUS CHRISTI. — Por ocorrer não no texto, mas sim na Didascália do *Auto de Sam Martinho,* esqueci-me de meter na Lista a fórmula latina (anterior a *Corpo de Deus*).

CHRISTELEYSON
CRIELEYSAM } Nessa grafia é que as jaculatórias são atribuídas ao *Anjo* da *Segunda Barca* (f. 53b = I, 263). — Não com *k* e *ei.*

DABENICIO MUNDI. — É no exórdio da *História de Deus* que o Anjo argumentador emprega a fórmula que não incluí no artiguito *Ab initio* (f. 61 = I, 307).

DE CONSOLACIONIS. — Com *c,* e não com *t.*

DE SECRETA SECRETORŨ. — E não *secretarum.*

DE VIRGO ASSUMPTIONIS. — E não *ascentionis.*

EXCE ANCILA. — E não *ecce* (f. 15v).

FERMOSA MEA COLUMBA MEA. — É assim, e não *Formosa columba mea,* que (por lapso de escrita) diz Moisés, no *Auto da Sibila Cassandra* (f. 11v = I, 55), aludindo aos cantares de Salomão.

FINIS. — É remate de diversos Autos: o *Templo de Apolo — Nau de Amores — D. Duardos — Cortes de Júpiter — Quem tem farelos — Fadas — Almocreves.*

GLORIA LAUS & HONOR TIBI SIT REX CRHISTI (sic) REDEMPTOR. — Remate da *História de Deus* (f. 75).

GRATIAS AGAMUS DOMINO DEO NOSTRO. — Remate do *Auto da Feira* (f. 37v).

IN ETERNUM HIRASCERIS. — Mera variante gráfica (I, 97).

INTROIBO IN DOMUM TUUM. — Êrro voluntário (por *tuam*) do próprio autor, visto que a rima é *comum.* É o *Mundo* que, tencionando entrar no *Templo de Apolo,* conjuntamente com a *Flôr da Gentileza,* pronuncia essa frase bíblica (II, 377 = f. 161v).

ITÊM (f. 83). — Belzebu explica a S. Pedro, no *Auto da Cananea*

quais pecadores estão predestinados a cair no seu poder, por conjunção astronómica infeliz em que nasceram.

> E he perdido tambem
> todo o que nacido for
> na conjunçam do *item*
> em que com bravo furor
> el rey Nabuco denusor *(sic)*
> destruyo (sic) Jerusalem.

Kyrieleysam. — Assim grafado sai da boca da parteira que acode à desgraçada *Rubena* (f. 89^c = II, 14).

Laus Deo. — Remate dos Autos de Devoção: *Auto Pastoril Castelhano* (5 ^{v}); *Reis Magos* (7^v); *Sibila Cassandra* (13); *Auto da Fé* (15^v); *Quatro Tempos* (20); *Mofina Mendes* (25^v); *Auto Pastoril Português* (31); *Alma* (43^v); *Barca da Glória* (60^v); *Ressurreição* (89); *Cananea* (84). — E dos Autos profanos seguintes: *Rubena* (99^v); *Viùvo* (106); Coimbra (113^v); *Floresta de enganos* (123); *D. Duardos* (137); *Nau de Amores* (151^v); *Templo de Apolo* (164^v); *Côrtes de Júpiter* (169); *Romagem de Agravados* (190); *Inês Pereira* (220); *Juiz da Beira* (225); *Ciganas* (228); *Lusitânia* (245^v); *Miserere* (251^v); *Sermão de Abrantes* (253^v).

Laus & honor tibi sit Rex Christe Redemptor. — Remate do *Auto de S. Martinho.*

Mea culpa. — Traduzido para *Mi culpa (A tus pies digo)* enuncia-o Esaías, falando na noite do Natal ao menino Jesus (12$_v$ = I, 60). Vertido para português, emprega-o a Alma, falando à Igreja *(Conheço-me por culpada e digo diante vos minha culpa)* (f. 41 = I, 201).

Non huret te. — Variante gráfica.

Ora pro nhuues. E não *nubes.* — Dizendo-o (f. 14 = I, 70), o pastor Brás pensa positivamente em *nuvens* e chuva.

Panis vita. — Êrro por *vitae.*

Pleni sunt celi y terra magestatis gloria tua. — Em rima com *nua.* Não temos portanto o direito de emendar a licença poética para *Magestate gloriae tuae.*

Quemcumque. — O *Brigoso* da *Farsa do Juiz da Beira* (espécie de Bramarbas ou Pyrgopolinices, capaz de acutilar catorze, com a boca) jura que sôbre mulher que mereça ser servida, vencerá o próprio Heitor, ou *quem quer que seja,*

> *y quemcumque vul (= vo'-lo ?) trouxer*
> *nem por isso tem guarida* (f. 225 = III, 189).

Foi por descuido que o omiti.

QUI FECIT CELUM I TERRA. — Em vez de *terram* e em rima com *sierra*. Latim e não castelhano *(y tierra)* como preferiram os editores modernos (f. 19^{v} = I, 96).

QUIRIELEYSON. — É essa a grafia atribuída tanto ao Anjo da Segunda Barca (f. 53^{v}), como à parteira da desgraçada *Rubena*.

QUI TOLIS PECCATA MUNDO. — Variante gráfica.

SALVUS ES. — *Es* por *est*, como outras vezes. Na boca do Lavrador que discute a sua inocência com o Anjo da *Barca segunda*, alegando para se livrar do Inferno a sentença *Quem for bautizado e crer...* (f. 57^{b} = I, 255).

SELIBERA NOS A MALO. — Assim *(se* por *sed)* pronuncia efectivamente a serrana Caterina no Auto da *Serra da Estrêla* (171^{d} = II, 432). Podia ser simples êrro de caixa, mas a forma deturpada *solíbra* fala a favor da existência de *Selibra*, na boca do vulgo.

SOLIBRA NOS A MALLO. — Grita o piloto do *Triunfo do Inverno* (179^{d}), invocando o Senhor e não simplesmente *libra nos a malo* (II, 474). É provável que seja êrro de caixa por *selibra*.

SPIRITUS SANCTUS SUPERVENIET IN TE. — A forma verbal é correcta (f. 22^{b}). A alterada de 1834 *supervenit* (I, 109) é errada.

TEDET. — Mera variante gráfica.

VEXILA REGIS PRO DEUM. — Por *prodeunt*, como bem emendaram os editores modernos (f. 41^{v} = I, 204).

PARTE TERCEIRA

O Humanista

37. Os que me seguiram até aqui, já não tratarão afoitamente de *Humanista* o comediógrafo, sabendo que era fraco Latinista, de cujas trezentas e tantas citações uma única é clássica: a do Mantuano.

Receio mesmo, que por causa dêsse resultado muito positivo julguem inferiores ao que foram na realidade os conhecimentos literários dêle, e ainda achem elogiosa de mais a sua classificação como *Renascente primitivo*, reconhecendo embora pelos exemplos que dei e darei, que a merece pela sua curiosidade, ancia de saber, e gôsto

---

[1] His knowledge of *el gran poeta Vergilio* does not extend beyond the quotation *omnia vincit amor*.

[2] *In his curiosity and manysidedness a true child of the Renaissance*, já o disse Aubrey Bell, de quem é também a sentença citada na nota anterior.

por mui novas invenções em que interviessem o Olimpo e o Tártaro' e o mundo antigo da Grécia, do Egito, de Tróia e Roma.

A mim compete-me informar por miúdo quem me ler da quantidade e da qualidade das noções mitológicas, históricas e cultur-históricas, com as quais Gil Vicente enfeitou os seus Autos, de sorte que pessoalmente possa decidir, se, sim ou não, elas lhe podem grangear um título de honra que o emparelharia a Erasmo, e que os historiadores negam ao grande Afonso V, o Magnânimo, de Nápoles.

Pela Introdução já sabe que eu julgo que *não*, porque (felizmente para a arte) o seu pecúlio erudito não se pode comparar ao artístico nem ao folclórico que tirou da fonte viva da vida nacional.

O conjunto do seu saber da Antiguidade é incompleto, desconexo. As parcelas são desiguais, vagas, e freqüentes vezes, turvas e adulteradas. Não foram hauridas directamente em Homero e Hesiodo, Platão e Aristóteles, Vergilio e Ovídio. Nem mesmo foram colhidas nas compilações dos primeiros grandes Humanistas italianos. O único dito de Dante de que há um reflexo em Gil Vicente, êle não o tirou da *Divina Comédia*. As fábulas mitológicas a que alude, não saíram, em primeira mão, das *Linhagens dos Deuses*, de Boccaccio. Nem dos *Trionfi* de Petrarca. O conto milesiano de *Amor e Psique*, êle lera-o (se o leu) numa tradução castelhana, ou num excerpto; o idílio do *Amor perdido* de Sannazzaro, em qualquer anónimo imitador. Os nomes de autores e os títulos de livros eruditos que intencionalmente regista em forma incorrecta pela boca de um frade ignorante, são enunciados como se êsse, entrando por acaso numa livraria, lesse lombadas de livros. Os nomes-próprios que avulsos ocorrem nos Autos, estão em parte nacionalizados, semelhantes àqueles que os poetas cultos da brilhante côrte vizinha de D. Juan II e dos Reis Católicos haviam adoptado, tendo-os aprendido a conhecer em traslados mal-feitos dos originais dos Italianos.

É portanto dêsses intermediários de um lado, e do outro lado dos graves prosadores da casa de Avís e dos poemas glosados com que o Condestável D. Pedro iniciara a segunda época, hispanizada, da poesia nacional, — a *Sátira de felice e infelice vida* — a *Tragédia da Raínha Isabel* — e o *Menosprezo do Mundo* — assim como da leitura de Crónicas, como a de Tróia, que provém o que Gil Vicente sabia da Antiguidade.

Exemplificando, vou historiar as duas mais curiosas deturpações de nomes-próprios da mitologia clássica que descobri nos Autos *(Monjergon com suas filhas* e *a venenosa Hechene)*, afim de demonstrar que pelo menos os mitologemas, mas provàvelmente também as historietas e anedotas relativas a deuses, semi-deuses, heróis e he-

roínas da Helada, de Troia, de Roma e do Egito, são os mesmos e as mesmas que eram conhecidos dos colaboradores do *Cancionero General* de Espanha, e do *Geral* português. E provém, pela sua vez, por vias diversas embora, das obras latinas daquele eloqüente Boccaccio, que com os seus manuais enciclopédicos prestou inapreciáveis serviços a todos os Renascentes: tanto com a *Genealogia dos Deuses*, como com a *Queda de Príncipes* e *Mulheres ilustres* [1].

Isso, pôsto que naturalmente os mais instruídos consultassem também directamente obras antigas de conjunto como as *Memorabílias* de Valério Máximo, as *Metamorfoses* de Ovídio, as *Décadas* de Tito Lívio, que manuscritas existiam nas livrarias de letrados e príncipes peninsulares.

Também tentarei apurar de onde o poeta tirou os elementos para a história das *Sibilas* tal como a ideou, para dar um exemplo de como combinava o que lera e ouvira com as experiências da própria vida e os ensinos da liturgia.

Outras minúcias contribuïrão a confirmar os resultados.

Claro que não tenho a pretensão de esgotar aqui o assunto, solucionando todos os enigmas mais ou menos difíceis contidos nos textos vicentinos.

Deixo p. ex. a investigadores mais eruditos e mais felizes o descobrimento da obra castelhana em que, antes de escrever a *Farsa da Lusitânia* e a *Nau de amores*, Gil Vicente lera a encantadora história de Psique que já mencionei [2], e sobretudo o idílio do *Amor fugitivo* [3]. ¿ Onde se informou a respeito de *Verecinta* [4] e *Februa* [5], caso soubesse mais do que os nomes e as explicações de Boccaccio; qual a razão porque chama *Romulana* a Roma e *resto de Eneas* [6]; e designa Vénus como deusa da música [7]? ¿ Quem lhe falou da estada

---

[1] *De Genealogia Deorum — De casibus virorum et foeminarum illustrium — De claris et nobilibus mulieribus.*

[2] Bem sei, pode ser lhe chegasse às mãos o *Asno de ouro* de Apuleio na tradução de Cortegana (1513) cujo Livro IV, Cap. 5, e Livro V e VI, 1-4 contém o conto milesiano. Mas nesse caso admiraria que o poeta não o explorasse mais e melhor. Opino por isso que só conhecia o lindo relato de Boccácio ou qualquer excerpto castelhano dêle.

[3] Talvez lhe fôsse familiar o *Epigrama* de Sanazzaro *Quaeritat huc illuc raptum sibi Cypria natum* — mais tarde nacionalizado por Andrade Caminha (*Epigrama* 14 da ed. de 1791, e N.º 46 da ed. Priebsch).

[4] I, 285; II, 152; III, 285.

[5] Vol. I, 88; III, 285.

[6] Vol. I, 88. ¿ Será apenas caprichosa substituïção de nomes ? derivação de *Romulo*, por o poeta precisar rima para *Diana*.

[7] Vol. I, 153 e III, 285,

de Aquiles em Portugal, vestido de donzela [1]; da batalha das Amazonas no Campo de Palomea [2]; uma deusa chamada *Júlia* [3]; *Safós*, em vez de *Safo*, a de Lesbos [4]; *el circulo galajo* como nome da via lactea, ou estrada de Santiago [5]?

O que acentuarei nas minhas exposições é a liberdade, invencionice e arte com que o dramaturgo se serviu dos conhecimentos comuns clássicos, respigados nas suas leituras, a ingenuidade com que pactuava com o Olimpo e Tártaro dos Gentios, fazendo conviver alegremente e pacìficamente Júpiter, Mercúrio etc., lado a lado, com Moisés e Abrahão, Deus e os Santos, e a religiosidade *in-nata* com que, mal tocado por um paganismo puramente exterior, subordina p. ex. no *Auto dos Quatro Tempos* ao Deus da cristandade as divindades gentílicas; assimilando, transformando, nacionalizando tudo arbitràriamente, sem os escrúpulos que um saber mais profundo lhe teria impôsto. Humorìsticamente, rindo-se delas, faz bailar, cantar, gracejar, — numa palavra, portar-se muito humanamente, essas divindades, até antecipar não poucas vezes as ofenbachiadas do século XIX; *sem cargo de consciência*, como irònicamente afirma [6].

Os autores hispânicos que terei de mencionar nesta Parte como intermediários, são os mesmos a que aludi quanto a citações latinas. Propositadamente, para conveniência dos leitores, restringi-me, em regra, aos Cancioneiros acessíveis, e que já estavam impressos em vida do poeta, e aos dramaturgos e poetas líricos que no país vizinho precederam e acompanharam o nosso mais ocidental: Juan del Enzina, Lucas Fernandez, Torres Naharro, Fernam Perez de Guzman, Juan de Mena, o Marquês de Santilhana, Gomes Manrique, Garci Sanchez de Badajoz, Jorge Manrique, o Dr. Pero Diaz de Toledo, etc. Poetas mais antigos do *Cancionero de Baena*, como Francisco Imperial, o Genovês, e seus adeptos, e os do *Cancionero de Estuñiga*, que por contacto directo ou indirecto com Italianos (os continuadores natos do espirito latino), se haviam cedo alimentado dos manjares preparados pelos três grandes iniciadores, poderia citá-los nas Listas dos nomes-próprios (e nas dos erros); não o faço todavia

---

[1] Vol. II, 265.

[2] Vol. II, 362.

[3] Vol. II, 152. Simples êrro por *Juno*, provàvelmente.

[4] I, 89, em rima com *dios*.

[5] Vol. I, 92, em rima com *bajo*. — Também a chamavam *via galaica*, pelo motivo evidente de Santiago estar na Galiza. Claro que a forma vicentina provém do γαλαξιας grego. ¿Mas como? ¿e quem o estropeou assim?

[6] Vid. II, 373, onde o cómico emprega essa frase com respeito a romeiros cristãos que adoram Apolo, e ajoelham diante o seu altar.

porque nem de um, nem do outro, houve traslado em Portugal, de sorte que é pouco provável que Gil Vicente os conhecesse. Entre os que citei os nomes Mena, Badajoz e Enzina serão os mais repetidos.

38. Em primeiro lugar vejamos todavia com quantas e quais divindades greco-latinas Gil Vicente estava tão familiarizado que as fez entrar como figuras activas nas representações scénicas, por êle organizadas nos paços reais de Lisboa e Évora, em matinas do Natal, noites de Endoenças, ou dias de festas familiares da dinastia reinante. São, como se verá, as que sempre, durante toda a idade-média, se haviam conservado vivas, na memória dos povos.

Em apenas duas tragicomédias de grande aparato, a magnificência dos festejos manifesta-se nos próprios títulos: *Côrtes de Júpiter!* e *Templo de Apolo!*

Nas *Côrtes*, ideadas e realizadas para o casamento e partida da Infanta D. Beatriz, no último ano de D. Manuel [1], vemos a Providência, mandada por Deus, ordenar a *Júpiter*, como rei dos elementos, fizesse concertar bons planetas e sinos para a viagem ao longo do Atlântico, pelo Estreito de Gibraltar e através do Mediterrâneo, até aos portos mais próximos da Sabóia [2] — *Mares de Tróia*, no sentido talvez de navegados por Ulisses, nas voltas de Ilion a Itaca? O mar, os ventos, o Sol *(Febo)*, a Lua *(Diana)* recebem os devidos avisos. Os Infantes e a Nobreza acompanham a frota até à foz do Tejo, nadando, metamorfoseados em peixes pelo humor fantasioso do cómico, umas vinte léguas, até ouvirem vir do mar alto o canto ameaçador de trinta mil sereias! O belicoso *Marte* é chamado, e recebe a ordem de protèger a esplendorosa armada (dezoito naus) contra adversários eventuais. Como amigo e admirador dos feitos portugueses (tanto contra o vizinho como nas partes de além e na Índia), êle recita louvores entusiastas de Portugal [3]. No fim uma

---

[1] Na didascália há êrro de data (XIX por XXI) como já foi abundantemente provado por Brito Rebelo, Prestage, Sousa Viterbo, Pedro de Azevedo, Braamcamp Freire.

[2] Até Niza ou Vila Franca. — No seu opúsculo sôbre a *Ida da Infanta D. Beatriz para Saboia*, escrito nas últimas semanas da vida do Venturoso, Garcia de Resende menciona *a muyto boa e muyto bem feyta Comedia, de muytas figuras, muyto bem ataviadas e muy naturaes — cousa muyto bem ordenada e bem a proposito.* Contudo não nomeia o autor, seu amigo. Infelizmente, tão pouco dá pormenores sôbre os trajes de Júpiter, Marte, os planetas (ou *as planetas*, como então se dizia).

[3] A sala de festa, alcatifada, estava ornamentada com rica tapeçaria de ouro. Os reinantes, D. Manuel e D. Leonor de Áustria, num estrado com dorsel de bro-

Moura (evocada aos sons de um romance, cantado por planetas e sinos, sobretudo por *Diana* e *Vénus*, as deusas musicais), traz e entrega à Duquesa prendas (*de condão*, naturalmente): um anel — um dedal — e um precioso terçado [1].

O *Templo de Apolo* foi escrito e representado um lustro depois para a partida de outra filha de D. Manuel, mas já no reinado de D. João III, aquela formosíssima Infanta D. Isabel, noiva do Imperador Carlos V, cuja beleza saüdosamente fascinante, ou antes fascinantemente saüdosa, o Ticiano eternizou, e cuja morte prematura converteu S. Francisco de Borja.

Deveria ter saído ainda superior em tudo às *Côrtes de Júpiter*, visto que se tratava do *César*, mas as circunstâncias pessoais do poeta não eram propícias. Êle estava debaixo da acção de um nervosismo febril, depois de grave doença [2]. A alegria que ostenta, não só no *Prólogo* (em que conta um sonho assáz patusco), mas também nos discursos de Apolo, essa alegria, um tanto forçada, me parece imprópria do festivo acontecimento.

Romeiros e romeiras que encarnam Virtudes e Autoridades (como a *Fama*, a *Vitória*, o *Mundo*), vem adorar *Phoìbos Apolo*, o puro deus da luz, da ordem, simetria e legalidade. Protector de tudo quanto é bom e belo na Natureza e na Humanidade, êsse declara todavia, jovialmente, o que teria feito, se tivesse sido chamado e ouvido para criar o Universo! Tema popular que todos conhecemos. Em seguida decreta com pouco apropósito, na minha opinião, que todos os pensamentos se resumissem num só: *amarás a las mujeres!* Ordena que ao altar se cheguem ùnicamente admiradores do Imperador. Investe Gil Vicente (Gilete), no cargo de porteiro, guarda, e vigia do *Templo*. No fim desce do altar, baila e canta, diz graças; lisongeia os presentes e os ausentes, como qualquer mortal peninsular de 1521.

Mais, uma *Farça* aparatosa do que uma Tragi-comédia ceremoniática.

---

cado, em cadeiras cobertas do mesmo tecido. Os Infantes e as Infantas em almofadas. Os embaixadores em escabelos. As damas em alcatifas. Iluminação de castiçais de prata com tochas.

[1] ¿ Prendas verdadeiras, feitas segundo esbôços do Trovador-Ourives ? ¿ oferecidas por quem ? ¿ pelas damas da côrte ? ¿ ou meras *attrappes* de teatro ?

[2] *Enfermo de grandes febres — la muerte puesta á mis lados.* Por a sua veia desta vez não estar adequada ao ensejo, meteu na peça, propositadamente redigida em castelhano, uma scena extensa em português, de outra obra anterior, mas com certeza ainda não representada na *Côrte:* o *Auto da Festa*, descoberto e publicado pelo Conde de Sabugosa (1906).

39. Sem figurarem em títulos de *Autos* tornam a aparecer em outras tragi-comédias festivas *Júpiter* e *Apolo*, e também *Marte*, *Febo* e *Diana*. E a par dêles outros deuses, quer igualmente populares, como *Mercúrio;* quer mais ainda como *Vénus* e o Amor *Cupido;* quer menos célebres como *Saturno*, *Juno*, *Palas-Atene*, *Vesta;* quer totalmente ou quási ignorados do público comum, como *Februa* e *Verecinta;* e *Júlia (?)*

Essas tragicomédias são a *Frágua de amor*, composta para o desposório de D. João III com D. Caterina; a *Nau de amores*, representada na entrada de Lisboa dos mesmos soberanos.

Há todavia também uma *Comédia*, a *Floresta de Enganos*, a Farsa da *Lusitânia*, e mesmo há autos de devoção como o da *Feira*, e sobretudo o das *Quatro Estações* (ou *Quatro Tempos*) em que são actores deuses pagãos, sendo por isso mesmo Autos sacro-profanos e quási comédias.

Júpiter é figura saliente. E era figura nova, nunca de antes vista nos palcos de Portugal, creio eu, quando o poeta a introduziu nesse *Auto dos Quatro Tempos*, não se sabe bem quando; nem em que paço régio [1]. Em *Matinas de Natal*, e para a adoração do Menino Jesus, Júpiter convoca e incita, pela boca da Fama, sua mensageira, todos os *deuses triunfantes* do *tempo mentiroso (!)* para que dem (ou porque darão)

al niño chiquitto
el menage...
porque hoy son abatidos
los infernales tiranos
neste dia.

Fora dos adoradores gentílicos manifestam-se astros, montes, rios,

---

[1] Vid. Braamcamp, *Gil Vicente*, p. 50 e seg.; Aubrey Bell, *Four Plays*, p. xxi, e *Port. Lit.*, p. 114. O último expõe o caso clara e concisamente: «A data do Auto é problemática. A didascália diz: pôsto em scena perante el-rei D. Manuel por indicação da Rainha D. Leonor, na Capela de S. Miguel da Alcaçova, em Matinas do Natal. O nome do paço indicaria o ano 1505 como data mais tardia possível. Alguns o dataram por isso de 1504 ou 1503. Mas a bela estrutura da acção; a nobreza das ideas expressas pelo Serafim; as semelhanças com o *Triunfo do Inverno* (1529); a intercalação de uma Cantiga francesa; os deuses da Grécia, o psalmo de David, parecido com o do *Auto da Mofina Mendes* (1534), assim como a perfeição métrica indica data muito posterior .. Ao todo a evidência *intrínseca* contrabalança as indicações da Didascália quanto ao paço da Alcaçova. Podemos afoitamente colocar a deliciosa peça no Natal de 1516». A minha opinião dou-a no texto.

Pena é não sabermos qual a fisionomia, o vestuário, e a insígnia do deus. ¿ Conheceria o poeta o Zeus de Otricoli ?

aves, plantas, auxiliadas no fim pelo rei David, de cuja raiz saira Jesus Cristo.

Essa missão do supremo Deus do Olimpo, êsse prestar homenagem, de vez e às claras, perante a côrte de D. Manuel ao *Cristianismo*, e além disso a abundância excessiva de referências à Antiguidade clássica, injustificada, mas hàbilmente empregada, que há nos discursos estapafúrdios de *Júpiter*, fazem-me presumir fôsse rialmente a vez *primeira* em que o Olimpo descia aos paços régios! Depois de 1511. Talvez em 1516. Quando Gil Vicente tinha tido ocasião de se familiarizar um tanto com os poetas já acima citados (Fernam Perez de Guzman, Juàn de Mena, o Marquês de Santilhana, Gomes Manrique, Garci Sanchez de Badajoz, Jorge Manrique, etc.) em cujos poemas o *Olimpo* e o *Tàrtaro* com a *Estige*, o *Averno*, etc., ou por outra a mitologia e história tradicional greco-latina tem numerosíssimos reflexos (*claro-escuros* em regra [1], e às vezes mais escuros e enigmáticos do que claros).

Espontâneamente, ou por ventura espicaçado por ditos malévolos de tais Renascentes *de bom saber*, que criticavam a falta de erudição nos Autos até então dedicados à Raínha D. Leonor e ao rei venturoso, Gil Vicente, sempre à cata de *novidades*, quis documentar, naquele Natal incerto, que *se quisesse*, podia ostentar também variegadíssimas noções de sabedoria humanística, como os palacianos, nados e criados em sino de latim.

Mais de quatro dezenas de nomes próprios greco-latinos, misturados com alguns bíblicos, visto que o poeta nunca punha de parte o *Breviário* e a Bíblia [2], surpreenderam seguramente os reinantes e a sua côrte; e a maneira curiosa como a fantasia peninsular os nacionalizou sem-cerimónia, os faria sorrir mais de uma vez.

Porque nem nessa primeira ocasião, nem posteriormente, o poeta, cómico e individualista, tomou a sério o classicismo. Aliás teria retrovertido p. ex. no Auto, as Estações a *Horas* [3], teria excluído o pastor David, e substituído o psalmo do fim e o canto místico do

---

[1] Foi em 1511 que se publicara o *Cancionero General*. Em 1516 saíu o *Geral*, em que os poemas dos Renascentes primitivos de Portugal — o Condestável, Duarte de Brito, João Manuel, Luís Anriques, etc., ficavam patentes aos estudiosos.

[2] Vol. I, p. 88-94.

[3] As leves e aladas entidades chamadas *Horas*, três a princípio, eram filhas de Júpiter, que como servas lhe abriam as portas, no dizer de Hesiodo; descendentes de *Cronis* e o do *Sol* nas *Genealogias* de Boccacio: *et ab eo denominatus eo quod Horus ipse ab Aegyptiis appellatur* (IV, 4).

Serafim, por uma ode em louvor da Natureza, como são as do *Inverno* e do *Verão* [1].

Se ainda assim Júpiter conserva alguns restos do seu poderio antigo tanto no Auto das *Estações* (de 1511 ou 1516) como nas *Côrtes* (de 1521) — rei dos elementos, já o disse, mas já não *Júpiter Tonans* τερπικέραυνος — êle não é senão o planeta, e o galante namorador de uma serrana, na *Frágua de Amor*, incumbido de, às marteladas, endireitar à velha e corcovada Justiça, de vara quebrada, o que à compita com *Mercúrio* só consegue a custo, caldeando-a quatro vezes das escórias das peitas corruptoras. Mera sombra do olímpico *Pai de Todos.*

O deus *Apolo (Febo, Latonio)* reaparece também muito humanado. Na *Floresta dos sete enganos*, ou seja *Templo de enganos*, onde, enganado por Cupido, engana pela sua vez o rei Telebano da Tesalia, depois de primeiro o haver embaucado com óptimas sentenças erasmianas como:

> Vuestra Alteza reze breve
> y obre obras de santo,
> que el rezar no monta tanto
> como hacer lo que se debe.
> (II, 151).

Mercúrio, como estrêla do céu, e ao mesmo tempo deus das mercadorias, e *das moedas reitor*, ou *Deus dos comércios do mundo*, em contacto constante com os Lusitanos de 1500, foi escolhido lògicamente pelo poeta para no Auto satírico-moral de 1527 presidir à Feira do Natal por êle fantasiada. Lá dá lições de astronomia, cheias de alusões pessoais (I, 150-156) em que repreende Roma em admiráveis versos, muito citados:

> Oh Roma, sempre vi lá
> que matas pecados cá
> e leixas viver os teus.
> (I, 165 e seg.).

Na *Frágua* êle ajuda, conforme acabo de assentar, a endireitar a Justiça, e a mudar quem mais quiser renovar-se, ou *fazer-se de outra sorte.* Na farsa arqueológica da *Lusitânia* o deus é — ¡bonita idea! — esposo eleito dessa filha do *Sol* e de *Lisibea.* Mas, chamando-a *sua*, e *amada do coração*, declara contudo, descaradamente, não querer *maridá-la*, porque tal não se usa no céu (Notabene: no dos *Helenos dos tempos mentirosos*). E com mais algumas insolências

[1] Um dos passos deliciosos que o Verão recita, repetiu-o o poeta em 1529, no *Triunfo do Inverno* (II, 48).

engraçadas, aconselha-a a que dê a mão ao cavalheiresco Portugal (III, 277, 293, 298), o que se executa.

Vénus e seu filho são, como é natural, predilectos do poeta, que mais de uma vez afirma que o Amor nasceu em Portugal. Pela boca de Mercúrio, ela (que nem é a deusa *astral*, nem a *vulgivaga*, mas antes terrestre, portuguesa e sentimental) é sobretudo *raínha da música* [1], *deusa da melodia* [2] e *senhora de Orfeo* [3]. Mesmo entre os planetas ocupa êsse lugar [4]. Algo da sua fisionomia clássica conserva apenas como mãe do Amor na *Frágua*, onde a vemos, peregrinando e chorosa porque o deus menino fugira do seu regaço.

Cuando Venus no halló
en el cielo el Dios de amor,
sus musicas convertió
en lagrimas, y decendió
del cielo con gran dolor.

Consola-se, todavia, depois de informada que, transformado em *Capitan principal*, êle ajudara a cercar e conquistar um *castelo castelhano* (que simboliza a D. Caterina, a esposa de D. João III) e nêle já praticara *buenas maravillas*, obras mesmo divinales, hispanizando mentalidades portuguesas:

renovó los corazones,
abatió opiniones...
hizo amores de rencillas,
de las discordias, canciones,
de los enojos, deseos,
de los males, esperanzas,
y de los respectos feos
muy graciosas mudanzas.
(II, 33).

Nas *Côrtes*, chamada por Júpiter, Vénus baila com o Sol e a Lua, ao som das trombetas do Vento, e canta à Infanta menina e moça a célebre cantiga alheia:

Niña, ergued-me los ojos [5].

Depois, colabora, com propostas ledas, no cortejo dos peixes,

---

[1] *Gil Vicente*, I, 153.

[2] II, 329.

[3] *Ib.*

[4] II, 327.

[5] ¿ Com a música de Peñalosa (Barbieri N.º 58) ? ou de um dos dois anónimos compositores de N.os 59 e 60 ? Os Vilhancicos de Vasques (*Ensayo* N.º 4186) são posteriores.

entoando novamente (¡ com *música emérita!*) umas quatro cantigas alheias, lindas e afamadas [1].

Na Farsa da *Lusitânia* aparece a deusa na companhia do esposo eleito daquela mocinha, e de diversas outras deusas da Grécia e do Egito, [2] dançando ao som de uma cantiga (que todas juntas enunciam *ceceando*) [3]. Cada uma é colocada no respectivo altar (*sin cargo de conciencia*, repetimo-lo). Capelães, vindos do inferno, rezam ao pé dêles (III, 286 e 291). A final festejam-se as bodas de *Lusitânia* e *Portugal* (292 e 295), com outro cantar apropriado, usado na Grécia, que tornado em bom castelhano diz:

Van-se mis amores, madre
luengas tierras van morar.

Música e mais Música onde quer que Vénus esteja. De viola, suponho eu [4].

Cupido, o *Amor*, ou *deus do amor* [5], claro que nem mesmo no Auto em que o declaram fugido do regaço da mãe, aparece rialmente como *bambino*. Já o vimos, milagrosamente transformado em jovem Capitão aguerrido, render o forte castelo castelhano (II, 326). Na mesma *Frágua de Amor* capitaneia os quatro galantes que, mudados de planetas em ferreiros ou fragoeiros, modificam depois os homens, caldeando-os, e ajudam em especial para que a Justiça saia melhorada.

A *Nau de amores*, em que a cidade de Lisboa recebe a Raínha D. Caterina, claro que é igualmente capitaneada por êle (II, 293 e 305).

Namoradíssimo, como no Conto milesiano, apresenta-se na *Floresta de Enganos*, onde já temos encontrado o deus Apolo. Enganador é por isso mesmo enganado e escarnecido por duas vezes por Grata-Celia, filha do rei da Tessalia.

Marte, spèculum belli (I, 153) o planeta dos soldados, tem um papel insignificante nas *Córtes*. *Saturno*, na *Frágua*. *Vesta*, *Juno* [6],

---

[1] *Nunca fue pena mayor — Estes mis cabellos madre — De vos y de mi quexoso — Enganado andais comigo.*

[2] *Tróia*, o *Egito*, a *Grécia*, seguida de *Roma*, eis os países que, seguindo a Boccaccio, constituíam para a gente de mil e quinhentos o Oriente, quanto à Mitologia: isto é a verdadeira Antiguidade.

[3] Do Egito vieram as *Ciganas*, segundo as ideas do século XVI. *Ciganas* ceceiam. Por isso todas as deusas, vindas do Oriente, ceceiam também.

[4] Ao todo as listas de poesias líricas, quer contidas integralmente nas obras de Gil Vicente por serem dêle, (60, segundo Aubrey Bell, *The Lyrics of Gil Vicente*, e as minhas listas) quer apontadas apenas, por serem alheias, em parte tradicionais, em parte palacianas, abrangem 174 números. Pena é que também em outras partes não subsistam os textos completos, e que só no *Cancioneiro Musical del siglo XV* se conservassem algumas, poucas, das músicas.

[5] Nunca *Eros*.

[6] Já relevei o êrro *Júlia* por *Juno* no Vol. II, p. 152 (f. 107 da ed. de 1562).

Palas, na farsa da *Lusitânia* (III, 285 e 294). A par delas *Verecinta* e *Februa*, que já mencionei. A Ventura (nacionalização de *Fors*, Fortuna, *Tyche* em grego) entra como peregrina na *Floresta de Enganos*, sem esfera, roda, remos, ou outras insígnias do seu poder (II, 177). *Eco* já não é, na *Comédia de Rubena*, a Ninfa mitológica, metamorfoseada em rochedo, e condenada a repetir as últimas palavras de quem a interroga. É o éco comum, natural (II, 58) cuja voz, de Enzina a Ruben Dario, tantíssimos poetas suscitaram discretamente, e que alegra, onde quer que o haja, questionado com interrogações redigidas *ad hoc*, para que a resposta saia hilariante.

40. Em segundo lugar, depois de sabermos que os deuses do *Olimpo* não eram desconhecidos em Portugal, passemos revista, de relance, às sombras da tradicional história antiga, que foram evocadas do Tártaro por um clérigo nigromante, e apresentadas à côrte portuguesa quando em 1513 (pouco antes ou depois de Júpiter haver feito a sua apresentação) se inscenou à *Exortação à guerra*, na partida para Azamor de D. Jaime de Bragança. *Policena*, a de Troia, surge no paço da Ribeira, dá a D. Manuel o nome de *Priamo* e o de *Hecuba* à Rainha D. Maria, cuja prole numerosa assistia à festa; e dirige às damas conselhos patrióticos. *Pentesileia*, a rainha das Amazonas, secunda-a com vigor estranho. *Aquiles*, que foi de perto de Lisboa, criado nesta terra muitos dias (II, 365) [1], tece louvores a Portugal. *Anibal*, que vem acompanhado de *Scipião* e *Heitor*, dirige-se com incitamentos heróicos ao sexo feminino:

> Africa foi de cristãos,
> Mouros vo'la tem roubado...
> Fazei contas — de bugalhos,
> e perlas de camarinhas.

e ao sexo masculino diz versos eloqüentes, de sabor e vigor clássico:

> Avante, avante senhores
> pois que com grandes favores
> todo o ceo vos favorece,
> el rei de Fez esmorece
> e Marrocos dá clamores.

Versos, inspirados, aliás, por um modêlo alheio [2], e que, por

---

[1] Alusão à lenda, que coloca a ilha de Skyros, onde o herói viveu como donzela entre as filhas do rei Lykomedes, na costa de Portugal, lenda de que há um éco nos Romances da Donzela que vai à guerra.

[2] Todo o discurso de Aquiles foi evidentemente provocado pela estrofe inicial

sairem de boca pagã desagradaram aos Inquisidores que riscaram e proibiram a peça inteira com verdadeira ira.

Da troiana profetiza *Cassandra*, associada a outras três Sibilas tradicionais, direi alguma cousa num parágrafo especial (46).

41. Em terceiro lugar respondo à pregunta inevitável do leitor, ¿se êsse processo de recorrer à Antiguidade, afim de criar novos tipos teatrais, foi, pelo menos, invenção de Gil Vicente? Ela é negativa. Tal qual o impulso dramático em si, Juan del Enzina dera o exemplo. Não sòmente precedeu o génio mais ocidental [1], na espécie pastoril, e em muitas minúcias (como inventor de genealogias rústicas, com alcunhas pitorescas, enxovais hilariantes de gente-povo, perogrulhadas, disparates, ecos, lista de presentes oferecidas às adamadas, como aves, peixes, plantas, etc., etc., etc.). Foi também, quanto à intercalação de frases latinas, bíblicas e familiarizadas, e sobretudo ao aproveitamento do mundo dos deuses helénicos como figuras dramáticas, e quanto a confecção de rosários de nomes clássicos recitados sem necessidade, apenas para ostentar erudição, que o *Salamantino* dera o exemplo.

Influído pelos Italianos, êsse tinha introduzido o *Amor* personificado, de olhos vendados, àsas nos ombros, coldre a tiracolo, arco e flechas nas mãos, numa sua *Representacion: Del Amor* [2]. Na *Egloga de Cristino y Febea* é o mesmo deus, que, zangado porque certo pastor resolvera deixar êste mundo e as suas vaidades, envia ao encontro dêle a Ninfa Febea, que com os seus encantos faz que êle deixe o hábito e a religião [3]. Em *Placida y Vitoriano* são *Vénus* e

---

do *Dezir de Gomez Manrique, entitulado La Esclamacion e Querella de la Governacion:*

Quando Roma conquistava
Quinto Fabio la regia,
E Cipion guerreava,
Tito Livio escrevia,
las doncellas e matronas
por la onra de su tierra
desguarnecian sus personas
para sostener la guerra.

Vid. *Canc. de G. M.*, ed. Paz y Melia (1885), Vol. I, 188 e II, 230.

[1] Não me farto de repetir que na praia ocidental lusitana o raiar das auroras é naturalmente mais tardio do que nas partes da península que ficam mais perto da França e Itália.

[2] Vid. *Teatro Completo*, p. 159-184. Gallardo deu-lhe o título muito apropriado de *Triunfo del Amor*. O nome *Cupido* ocorre a p. 388, 398, 402.

[3] *Teatro Completo*, p. 381-409. Entre as gravuritas que se encontram no frontispício dessa Égloga, não figura o Deus do Amor.

Mercúrio que tem papéis preponderantes: [1] a namorada suicida-se por causa de uma querela de amor com seu amante Vitoriano. A êsse, pronto a seguir o seu exemplo, detém a mão Vénus, como mãe piedosa do Amor, que despiedoso olvidara e desdenhara as suas vítimas,

> pues su oficio
> es conceder beneficio
> de dar vida en este suelo.

E obriga seu irmão Mercúrio (como condutor dos mortos) a resuscitar a Plácida.

As datas em que em Portugal Gil Vicente podia ler as últimas duas Églogas, são incertas. Mas a *Representacion Del Amor*, que é de 1497, e de que há impressões de 1507 em diante, é anterior e muito [2] ao *Auto das Quatro Estações*, em que Júpiter desce a Portugal como representante primeiro e supremo do Olimpo.

Pallas, essa deve ter despertado, pela *Pro-palladia* de Torres Naharro, logo em 1517, a atenção do sempre curioso dramaturgo.

42. Comum não sòmente ao dramaturgo português e aos dois confrades espanhóis [3], mas tambem aos poetas eruditos do século XV, mais acima citados (sobretudo a Mena, Santillana, Gomes Manrique, o Condestável e Duarte de Brito, Álvaro de Brito, Luís Anriques, Lucena, João Rodrigues de Sá e Meneses, o Conde de Vimioso, D. João Manuel) é naturalmente a simples menção, oportuna ou inoportuna, de nomes próprios preclaros, mas vulgares, da Antiguidade e a alusão a factos históricos da vida dos seus donos [4]. Comum também o costume de equiparar e misturar figuras clássicas com outras bíblicas. A par de Semiramis e Pentesilea caminha Judit; Adan e Eva, David e Bersabé, Jacob e Raquel vão de mãos dadas com Policena e Aquiles, Helena e Paris, Jason e Medea [5].

Trechos extensos em que algum eloqüente enumera corifeus de nomeada às dúzias, são em geral raros. E nessa espécie é que Gil

---

[1] *Teatro Completo*, p. 353-356.

[2] Vid. Salvá, *Catálogo* N.º 1281, e em geral a *Antologia* de Menendez e Pelayo, Vol. VII.

[3] E o coevo Lucas Fernandez.

[4] Creio que Gil Vicente não alude a personagem algum desconhecido a êsses Mesmo onde ainda não fui capaz de descobrir passos paralelos (como a respeito das *selvas de Frion*, concluo que há lacunas nas minhas investigações).

[5] Ilustres *medievais* — como Afonso o Sabio de Castela, La Poncela ou Donzela de Orleans, e a Iezabel do tempo dela — são mencionados pouquissimas vezes. Roldan e Roncesvales, do ciclo carolingio, Tristan e Iseu do bretonico com mais alguma freqüência. Godofre de Bulhão, como cruzado.

Vicente, embora imitador de Enzina, leva a palma em qualidade e quantidade [1].

---

[1] Numa fôlha-volante da Biblioteca do Pôrto (marcada L-2-70) que contém a *Representacion del Amor*, em redacção divergente da comum, posterior à primeira, há, em substituïção da quintilha

> Dicen quel sabio varon
> Salamon
> de amores vencido fue;
> e David por Bersabé
> e por Dalida Sanson,

uns quarenta versos, cheios de erudição artificiosa, em que figuram Ector e *Pontasilea (sic)*; Jason e Medea; Danacas *(sic)* e Galatea; Marco Plaucio e Orestila; Minos e Cilla; Clitemestra; Hipermestra, Canaces e Macareo; Orestes e Hermeone; Danes e Alfesibeo; Ester e Assuero; Arguja (*sic* por Argeia) e Polinices; Ero e Leandro; Axa e Otonel; Raquel e Jacob, etc., etc.

Ei-los aqui, visto que não os transcrevi nas *Nótulas sôbre Cantares e Vilhancicos*, Madrid, 1918, onde falei da *Representatio Amoris* (p. 384 do Tomo V da *Revista de Filologia Española*). Em transcrição diplomática, para que vejam que Gil Vicente não foi o único a estropiar nomes, e a grafar mal e pontuar peor:

> *Ector* a *pontasilea*
> con su fama en amores
> e *jason* con sus primores
> a *medea*
> y a *danacas galatea*
> por amar q̃do en historia
> de gran gloria
> *marco plaucia* y *oristilla*
> y el buen rey *minos* e *cilla*
> amor lo dexo en escoria
> por amores *clitemestra*
> la muerte trato al marido
> e dio vida a su querido
> *hipermestra*
> segun su historia lo muestra
> *Canaces* y *macareo*
> segun veo
> y aun *oristes* y *ormion*
> ovieron de amores prision
> y *danes alfesibeo*
> por *ester* el rey *assuero*
> y por *arguja polinices*
> y por *ero eronices*
> prisionero
> y *leandro* fue portero
> y por *axa otoniel*
> por *rachel*
> *jacob* sirvio quatorze años
> a *narcisio* con engaños
> amor le fue muy cruel
> con el fuerte del amor
> nunca fuerças tomar oses
> que tanbien vencio a los dioses
> su valor.
>
> BRÁS. Ya lo sé miafe señor
> pues dentro en tu juridicion
> e prision
> *perion* e *jupiter* estan
> *Venus, mars fringá* e *pã*
> *proserpina* e *vulcan.*

Nas obras dêle há três passos, propositadamente recheados de sabedoria. No já citado discurso estrambótico de Júpiter, o Pai dos homens (ἀνδρων πατηρ) menciona a gigantea deusa, Boreas, Eneas, Latonio, Febo, Diana, Juno, Februa, Apolo, Baco, Himeneo, Safo, Ninfas, Naiades, Driadas, Neptuno, Ramnusia, o Parnaso, a caverna saturna, aquela Estyx laguna, a castália fuente, a Medusa, a deusa nocturna, e entidades que o leitor certamente desconhece por completo: *os filhos de Monjergon* e *la Hechene venenosa*, de que vou tratar no parágrafo imediato. Um *mare magnum* de indigestas e erradas noções (I, 88-91).

Num sonho febril, que o próprio poeta sonhou, e conta prefaciando o Argumento da Tragicomédia do *Templo de Apolo* e desculpando-se da imperfeição da obra, vemos figuras bíblicas e clássicas de mistura, em situações ridículas e atitudes escabrosas: Eva a fazer migas para Adan; Bersabé e David em panos menores; Raquel a chamar por Jacob; a Raínha Ester; Medea e Jason, Elena, Policena, Dido, etc., etc. (II, 372).

Na prègação que é Prelúdio do *Auto da Mofina Mendes* (I, 100) um Frade (doido, sandeu e parvo) finge ser letrado [1], e fazendo troça dos pedantes de bom saber, nados e criados em sino de latim, que falando citam fontes para os mais banais lugares comuns — alega quatro a cinco dezenas de obras eruditas, teológicas na maioria, históricas e filosóficas na minoria (I, 100-104), estropiando de vez em quando nomes e títulos.

A sério, claro que ocorrem, além disso, nos Monólogos e Diálogos dos Autos, os mesmos nomes-próprios de tôda a qualidade, mitológicos, históricos, e muitos geográficos, sendo agradável encontrar entre êsses últimos grande número de localidades portuguesas, do continente e das partes de além, e vê-las citadas com verdadeiro conhecimento, orgulho e alegria, com indicação dos produtos ou cousas notáveis de cada, e sua significação na corôa de louros da pátria. Em geral Gil Vicente procede discretamente e alegremente, não me canso de o dizer.

Logo darei a lista de *todos* (bíblicos, clássicos, etc.) por ainda não ter tido predecessor (nem mesmo nos utilíssimos *Catálogos* da edição do Dr. Mendes dos Remédios). Suprimo todavia muitas explicações, em especial as relativas a personagens da côrte de D. Manuel e D. João III porque alargariam demasiadamente as proporções desta Nota e sobretudo dêste Capítulo dedicado ao Humanista, e de mais

---

[1] Aubrey Bell compara o a um homem sem educação que por acaso se acha numa livraria, e lê títulos que não compreende.

a mais já foram dadas com vasta e minuciosa documentação por Braamcamp Freire [1].

43. À procura dos livros, em que Gil Vicente hauriria o seu saber de antiquário, em especial os nomes mitológicos greco-latinos que conhecia, e as noções e fábulas que a êles se ligavam, prestaram-me óptimos serviços as tais *filhas de Monjergon — filhas*, e não *filhos*, como os editores de 1834 imprimiram por engano [2] — e a *Hechene* venenosa que Júpiter menciona no seu discurso de Natal, sonoro e rìtmicamente impetuoso, mas quanto aos elementos de que está composto, mais *escuro* do que *claro*, tanto para os ouvintes de 1516 como para os leitores de 1922 [3], conforme já deixei dito.

Ambos êles estão falsificados. Mas a deturpação é só em parte obra de Gil Vicente. Já lhe chegaram deformados. E a deformação não se fizera de um jacto. Pouco a pouco, pelo contrário, no longo caminho da Grécia antiga à bizantina, de lá à Italia, da Itália a Espanha, de Espanha a Portugal.

Nesse caminho, percorrido, já se vê por todos os nomes mitológicos greco-latinos, há um ponto de paragem importantissimo: a melhor e mais enciclopédica das Mitologias medievais, composta com trabalho insano, um século antes de Gutenberg, por um dos primeiros três grandes Humanistas. Em redacção latina naturalmente.

Tão completa e perfeita relativamente que o livro das *Linhagens dos Deuses*, de Boccaccio (1313-1375): *De Genealogia deorum gentilium et heroum ex eis descendentibus* [4], publicado em 1361, foi con-

---

[1] No *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, e em artigos publicados na *Revista Lusitana*.

[2] A fol. 18 da edição-príncipe está claramente *filhas*; e *filhas* dizem os textos modelos e a fonte de que saíram. *Filius alias filia* é de resto freqüente nas fabulosas Genealogias dos Deuses. No discurso pululam os verdadeiros erros como *Priades*, *Ramusa*, *Eneyades*, *Estes*, por *Pleiades Ramnusia Nayades Estis* (Estige), como Barreto Feio emendou.

[3] O curioso procura-los ía debalde em tôdas as Enciclopédias da Antiguidade, com ou sem ilustrações. Tanto no Lübker, como no Pauly — Wissowa — Kroll (*Real-Lexikon*) e Roscher (*Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*).

[4] *Joannis Boccaccii de Certaldo ad Hugonem inclytum Hierusalem et Cypri regem.* O título continua ainda. No Proémio explica-se que as definições históricas, alegóricas e morais que acompanham as Genealogias são de grande valor: *atque cum hac quid sub fabularum tegmine illustres quondam senserint viri.* No fim há um tratado geográfico *De montibus, sylvis, fontibus, fluminibus, stagnis seu paludibus, de nominibus maris Liber*, que também foi muito consultado. Eu

sultado, manuscrito e impresso, até 1600 por todos os escritores e poetas, mesmo os verdadeiros Humanistas que podiam recorrer às próprias fontes clássicas e medievais [1] em que o Certaldense bebera [2].

Traslados do original, traduções, imitações e excerptos propagaram-se na Itália e na peninsula [3]. Sobretudo a versão feita pelo Dr. Pero Diaz de Toledo para o Marquês de Santilhana [4]. E dessa, ou de outra, bem pode ser viesse cópia para a Livraria de Afonso V. Por ventura por intervenção do Condestável D. Pedro, que, apaixonado pelo espírito novo do *Renascimento*, utilizou amplamente nos seus doutos poemas o estilo dantesco e a obra tôda de Boccaccio [5], que tinha o seu lugar na preciosa livraria dêle [6].

Não encontrei todavia nas obras de Gil Vicente passo algum, derivado directamente do autor do *Decamerone* [7].

Nomes de figuras mitológicas, de que êle tratou, mas em forma adulterada, que acusa a passagem por intermediários castelhanos, isso sim. E a êsse grupo pertencem as filhas de *Monjergon* e a *Hechene* venenosa.

---

servi-me de um exemplar da edição que o próprio Gil Vicente poderia ter aproveitado, pois é de Paris, 1511.

J. M. Rodrigues provou nas suas utilíssimas *Fontes dos Lusíadas*, no Capítulo III, intitulado *Camões e Boccaccio* (p. 58-71) que o grande poeta e conhecedor da Antiguidade se havia cingido em certas minúcias à obra do Italiano (as Ilhas Dorcadas, as irmãs Gorgonas, Tethys como filha de Vesta). Erasmo teve palavras de louvor para o Mitógrafo. O mesmo vale de Luís Vives (cfr. Bonilla, p. 15).

[1] Cícero, *De natura Deorum;* Ovídio, Vergílio, Estácio, Apolónio de Rhodes; Lactancio *(Divinarum Institutionum Liber)*, Macrobio, Fulgencio *(Mythologicon)*, Eusébio, Prisciano, Hygino. E quanto aos tempos de Boccaccio, Barlaam de Calabria, Leontius, Teodontius e Paulo de Perugia.

[2] O Certaldense, ou de Certaldo, não porque lá nascesse (êle é de Paris) mas porque faleceu nesse lugar, perto de Florença.

[3] Na Itália saíu p. ex. *De diis gentilium* de *Giraldo dei Cintii*. Em Espanha o *Tratado de los dioses de los gentiles* de D. Afonso de Madrigal, chamado o Abulense ou o Tóstado.

[4] Dessa há exemplares na Bibl. Nac. de Madrid, em Paris (N.º 458), na Livraria do Cabido de Toledo. Além da tradução para o Marquês fez-se outra para Nuno de Guzman, ainda outra para Alvaro Gomes de Santa Maria, e para Henrique de Vilhena, tradutor (primeiro) da *Eneida* de Vergílio e da *Divina Comédia*.

[5] Não só a latina mas também a italiana, pelo menos a *Fiammetta* e o *Ameto*.

[6] N.º 92 do *Catálogo*, reimpresso há pouco (Coimbra, 1922, C. M. de V., *O Condestável D. Pedro de Portugal e a Tragédia da Rainha Santa Isabel*). — Provàvelmente *De Genealogia*.

[7] Vejam sobretudo o excelente estudo sôbre *Boccaccio em Espanha*, que o insigne Arturo Farinelli me dedicou, depois de o haver publicado no *Archiv für das Studium der Neueren Sprachen*, Vol. CXV a CXVII. Do tema em que aqui toquei, ocupou-se a p. 67-68 do Vol. CXVI (1907).

O próprio Boccaccio — que aprendera grego com Petrarca, Bárbaro de Calabria e Leonzio Pilato — e foi o primeiro homem moderno que leu Homero no original e promoveu a tradução para latim, claro que não estropiava nomes-próprios. Os trasladadores e tradutores, pelo contrário, que nunca os ouviram pronunciar, conhecendo-os apenas *de visu, escritos*, estragaram não só os mais peregrinos, mas mesmo os simples; e sendo poetas transformaram-nos, com as licenças poéticas do *metaplasmo* que Antonio de Lebrija codificara na sua *Gramatica castellana* [1], e Juan de Enzina, na sua *Arte de Trobar* [2].

Quem leu e releu a doutrina que o poeta tem licença para acortar e sincopar qualquer dição, podendo mesmo corrompê-la, e estendê-la, e mudar-lhe o acento (por ectasis ou systole, etc.) e reparou nos exemplos *Penelópe* e *Liriópe*, não se espantará de que Gil Vicente e os doutos entre os poetas do *Cancioneiro* alterassem os nomes-próprios greco-latinos de um modo que sem essa teoria seria realmente estranhável. Sobretudo se, ensinado por J. M. Rodrigues [3], viu como o próprio cantor dos *Lusíadas* pronunciava, em necessidade de metro e de rima, *Anibál, Eólo, Cerbéro, Boréas, Antióco, Etiópe, Ecúba*, etc., etc., em vez de *Hánibal, Eolo, Cérbero, Bóreas, Antioco, Etiope, Hécuba, etc* [4]. E se de mais a mais conhece a arcaica escrita medieval, em que os *ii* não tinham ponto, e *t* e *c* se pareciam muito, e os *hh* eram antepostos *ad libitum* aos vocábulos que principiavam com *e*, não se indignará, encontrando *Cadino* por *Cadmo*, *Coltas* por *Calcas (Calchas)*, *Altimena* por *Alkmene*, e quanto aos acentos *Priámo, Dário, Virginéa, Lachýses, Antrópos* e *Eutrópos*, etc., etc. [5].

E estará pronto a acreditar que *Monjergon*, provàvelmente grafado com *g* no autógrafo de Gil Vicente, *Mongergon* portanto, seja transcrição errada de *Mongorgon:* [6] e que *Mongorgon*, forma hispa-

---

[1] Libro II, Cap. II *De los acentos*, Libro IV, Cap. VI *Del metaplasmo*. A exemplificação do grande Latinista está tirada em regra de romances populares e das obras cultas de Juan de Mena.

[2] Cap. VIII. Vid. *Antologia*, V, p. 45.

[3] No Aparato crítico da edição fac-similada dos *Lusíadas*, gloriosa empresa da Biblioteca Nacional e seu activo director.

[4] Outros exemplos colhidos em poemas do século XV são Priámo, Dário, Virginéa, Temistócles, Alcibiádes, Lissimáco. Erros notáveis nunca emendados *alí Gepeça* por *Aliger reça* (Baena, 94) *Febo del fos* (*ib.*, 192).

[5] Descobrir porque *Iphigenia* passou a *Eufregymio, Ulisses* a *Uriges, Aquiles* a *Arquiles, Acheron* a *Arquiron*, etc., etc., isso parece-me impossível. ¿ Serão meros lapsos de escrita e leitura ? Outros casos há em que foi activa a etimologia popular p. ex. em *Cornelo Gijon* (= *Cornelio Cipion*).

[6] Sílabas que principiam com *m* nasalam freqüentemente a vogal. Penso em

nizada de *Mogorgon* [1], *Mogorgon* — ou antes a fórmula *las hijas de Mogorgon* — significasse originariamente, na fantasia dos mitógrafos, *filhas de Demogorgon* [2].

Perderam uma das duas sílabas repetidas, por haplologia popular, exactamente como no século XV *Conde de Vimioso* deu *Conde Vimioso* e hoje *Conde Vizela* por Conde de Vizela, na boca do vulgo do Pôrto [3].

¿E êsse *Demogorgon* quem era?

Nada menos do que o *Demiurgos* de Platão e Plotino e os Gnosticos: o arquitecto do mundo.

Quod est demonstrandum.

44. Quando *Gil Vicente* apresentou à côrte o *Auto dos Quatro Tempos, de mui nova invenção*, o seu propósito era dramatizar a doutrina que no dia do nascimento do Redentor finalizavam as entidades do paganismo, tanto as luminosas e triunfantes, como as tenebrosas e tartáreas. Ao mesmo tempo queria assombrar os espectadores com a sua sciência mitológica, recém-nascida, e de que ainda não dera provas. Para isso delineou o discurso de *Júpiter*, bipartido, que já classifiquei como rìtmicamente sonoro e verbalmente impetuoso, mas quanto à gramática e quanto aos pensamentos e às alusões, um complicado e enigmático *claro-escuro*.

Ordenando à *Gigantea Deusa* (isto é à *Fama* de mil bocas [4] cuja presença de resto não é indicada no texto) espalhasse com a velocidade do vento-norte a nova do Nascimento de Jesus, Júpiter chama os deuses do Olimpo e as ninfas das águas e florestas para presta-

---

monção de *mossum, muim, munto, mim, mãe* e sobretudo no castelhano *manzana (mattiana), Mancias (Matthias) mancilla* (*macella* diminutivo de *macula*).

[1] A troca de *e* por *o*, e vice-versa, é tão freqüente como a de *e* por *i*.

[2] Há, além disso, as variantes, *Moygorgen* e *Muygergon*, como se verá mais abaixo em textos que transcrevo.

Um estudo filológico a respeito das metamorfoses peninsulares de nomes próprios clássicos resultaria interessante. ¿Como saïria p. ex. de *Alcmena Altimena* (a par do correcto *Almena* de Afonso o Sábio?) Já respondi que houve a conhecidíssima confusão de *c* com o *t* curto da escrita medieval: *Altmena;* e depois entre *t* e *m* introduziu-se a vogal de transição. *Cadmo* deu *Cadino*, etc., etc., com três traços verticais quando os *ii* se grafavam sem pontos. Enzina considerou *Cadino* como corrupção arbitrária de Mena. Vid. J. M. Rodrigues, *Lusíadas*, p. XXVI, Nota 1.ª.

[3] ¿Exemplos de haplologia? *Idolatria* por *idololatria; ligamba* por *ligagamba; cejunto* por *cejijunto*.

[4] Luís de Camões serviu-se da mesma expressão para designar a que, filha da Terra, era irmã dos *Gigantes* (*Lus.*, IX, 44, 5).

rem homenagem ao *Bambino*. Depois, lembrado das divindades infernais, proclama que o poderio delas acabou também.

La muy escura vision
de la caverna saturna[1]
con las vidas
de los hijos de Monjergon[2].
y de la diesa Noturna
son sumidas[3].

Los venenos[4] ponçoñosos
que de Medusa salieron
goteando[5],
sus actos[6] tanto dañosos
cuando tal misterio vieron
van cesando.

La Hechene venenosa
y aquella Estyx[7] laguna
infernenta,
desd a ora temerosa
está su boca importuna,
de contenta.

Será bom fazer fincapé nos nomes *Diesa noturna*[8] e *Medusa*, a qual o leitor conhece, quer pelo sentido derivado que se lhe deu em zoologia, quer como termo comum indicativo de fealdade; memorar aquela romântica história de Neptuno, Minerva, Perseu e Andrómeda, o Pegaso, a fonte Cabalina que os mestres costumam relatar quando explicam os *Lusíadas*; repetir que aquela formosíssima donzela, uma das três *Gorgonas*, tivera *cabelos de oiro*

cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas ondas encendiam;

mas tendo provocado a ira de Palas Atene, cujo templo ela e o amante

---

[1] Saturna = soturna. Na ed. príncipe há *caucerina*.

[2] Leia-se: *de las hijas* com ed. de 1561.

[3] Hamburgo: *sumidos*.

[4] 1561: *veninos*.

[5] Id.: *gotheando*.

[6] Id.: *auctos*.

[7] *Estes*. Em outros textos encontrei *Estis*.

[8] *Nyx* (*Iliada*, XIV, 259), deusa poderosa, respeitada mesmo por Zeus, como domadora dos mortais e imortais, saíra do Tártaro, envolvida em veus pretos, segurando nos braços o Sono e a Morte (Hesiodo, *Theogonia* 748). Segundo Boccaccio, a Noite e o Erebo eram filhos da Terra, netos portanto do Demogorgon.

profanaram, foram transformados em horrorosas serpentes. O olhar da donzela, antes de veludo, recebera energia *saxificante*; e o seu sangue ficou envenenado de sorte que gotejando, da sua cabeça

tornada ja de todas a mais fea
de viboras encheu a ardente area [1].

Depois devemos recordar-nos ainda (¡ admirando quanto Gil Vicente sabia !) que essa cabeça inteira foi transferida para a adarga (a égide) da deusa, que por isso e também por causa da sua índole severa e bélica, recebeu entre outros cognomes o de *Gorgo* [2].

Quanto aos ascendentes da *Medusa* e das outras duas *Gorgonas* — as *terrificantes* etimològicamente [3] — elas são netas do *Mar* e da *Terra*, filhas (segundo os melhores mitógrafos, (de Hesiodo a Boccaccio), de Phorkys, homem-marinho grisalho, e a monstruosa Keto. Habitavam nos confins ocidentais da terra, perto das Espanhas, num antro que, como tôdas as vísceras da terra, comunicava com o Tártaro, ou era parte dêle.

Por isso, e por serem *três* — irmãs, feias, lúgubres, malfazejas — a idade-média confundiu as *Gorgonas (Steino*, ou *Stennio*, *Euryale*, *Medusa)* com as Furias, Eumenides ou Erinies *(Megera* [4], *Alecto*, *Tisifone)*; as Harpyas que tinham àsas de pássaros de procela *(Podarge*, *Aello*, *Okypeto)* [5]; as parcas *(Cloto*, *Láchesis*, *Atropos)*, e também com as *Graias*, velhas pelo nome genérico, e desde a nascença, filhas de *Phorkyo* e de Hekate [6] que

de vista total sendo privadas
todas tres d'um só olho se serviam [7].

---

[1] *Lusíadas*, VI, 11.

[2] O Dante deu o nome de *il gorgon* à própria adarga redonda de Minerva (*Inferno*, IX, 56).

[3] O grego γοργος, γοργοτης significa *aspecto horrificante*; o verbo γοργοομαι é *embravecer-se*. Boccaccio ao interpretar Demogorgon — como *daemogorgon*, sendo *daemon deus* — explica *gorgon* com *terra:* deus da terra, ou com *terrivel:* dizendo *gorgon autem terra interpretatur, seu, ut magis placet aliis, deus terribilis.*

Terrae deus, latine, nam demon = deus, ut ait Lactantius.

[4] *Megaira* em grego. Pode ser que o termo português *mogueira* — popular nos dias de Jorge Ferreira de Vasconcelos — e designador de uma *Xantipe* ou fúria, viesse do nome helénico. Já li essa hipótese numa das obras vicentinas de Aubrey Bell.

[5] Elas também tinham cabelos-serpentes. Vid. Dante, *l. c. serpentelli e ceraste avean per crine.*

[6] Na *Teogonia de Hesiodo* chamam-se Pephredo, Enyo, Deino. A *Empusa* era da mesma espécie

[7] *Lus.*, V, 11.

Dessa confusão resultou também a substituïção de Phorkys, cujo nome nada dizia aos Neo-latinos, por *Demogorgon*, que na *Genealogia dos Deuses* do Italiano (e seus sucessores), era pai das *Parcas* [1].

O segundo elemento do nome parecia todavia conter o nome das *Gorgonas*, ao passo que ao primeiro, escrito arbitrariamente *Daemo*, deram o significado de *demonio*, o qual perdeu, de resto, de novo, privado da sílaba inicial.

Este *Demogorgon* está no Manual enciclopédico de Boccaccio à testa de todas as linhagens divinas: *Qui primus apud Gentiles deus habitus est.*

Segundo as ideias lá expostas não é criador *(non rerum pater)* [2]. Associado à Eternidade, é apenas coordenador do *caos* no qual estava a materie (as coisas). O arquitecto do mundo. *Der Weltbildner.* O *demiurgo* δημιο ὐργός de Platão, Plotino e os Gnosticos. Transformado por etimologia popular.

Esta origem da palavra e da ideia, não a reconheceu o Humanista italiano [3], ao qual, apesar do seu saber helénico, faltava naturalmente a base *filológica*, que desde 1800 ajuda a etimologizar [4].

O motivo porque, regeitando as opiniões dos filósofos Thales, Anaximenes, Chrysippus sôbre as origens do mundo, põe à testa dêle o Demogorgon é que em nenhuma das poéticas ficções dos antigos, se lhe dá pai e mãe. Todos o consideram eterno. Eterno como a terra, sua filha, que é causadora e produtora de tudo, logo que se lhe misture o espírito divino [5].

A perda da sílaba *de*, na fórmula *las hijas de Demogorgon*, única

---

[1] Vejam a primeira tabela genealógica de Boccaccio e os Capítulos explicativos.

[2] Dêle e dos filhos e netos (concretos e abstractos) o Italiano trata no Proémio e nos primeiros Capítulos do Livro I. Na respectiva árvore genealógica ilustrativa o *Demogorgon* aparece sentado num trono, de corôa na cabeça, scetro e pomo nas mãos: rei e *pater familias* ao mesmo tempo.

[3] Reconheceram-na os modernos biógrafos de Boccaccio. Na obra de Koerting, que tenho à mão, há (a p. 379) a concisa Nótula: *In Wahrheit ist Demogorgon eine Entstellung von Demiurgos.*

[4] Já disse que para Boccaccio *Demogorgon* significava *Deus da terra*, ou *Deus terrífico*, para os que preferissem considerar *gorgon* como adj. e não como substantivo.

[5] Eis alguns dos passos de Boccaccio relativos ao *Demogorgon*: « ... quem profecto ego deorum gentilium omnium patrem principiumque existimo, cum neminem illi secundum poeticas fictiones patrem fuisse comperi ... et cum aetheris non tantum patrem sed avum extitisse legerim ... terram omnium productricem voluere ... immisclam illi divinam mentem terram rerum omnium fuisse causam eique mentem inesse divinam.

que vejo usada, porque só essas filhas maléficas interessavam os poetas, realizou-se em Espanha, conforme já disse, em harmonia com a tendência democrática, em si óptima, de nacionalizar também os estrangeirismos, e de evitar a duplicação casual, não significativa, de sílabas de som idêntico.

Quem nesta península as mencionou pela primeira vez, e logo em forma corrompida como *hijas del gran* MOYGORGEN (em rima com *bien*), em conseqüência provàvelmente de um mero lapso de escrita (alheia) e leitura (sua) [1], foi o mais erudito, mais italianizado e humanizado, mais vezes impresso e mais lido dos poetas da côrte de D. Juan II: o respeitadíssimo cordovês Juan de Mena. Não na sua obra-prima (o *Labirinto* ou as *Trezientas*, sc. oitavas, que o grande crítico das literaturas peninsulares considera como o mais nacional de todos os poemas históricos, escritos antes dos *Lusíadas*) [2], mas sim em uma das suas composições menores, pedantescamente artificiosas, em que antecipa o estilo empolado de Gongora (nas suas *Soledades*) e proporcionou aos imitadores, além de modelos para versos sonoros sem idea nem sentido, enumerações indigestas, de péssimo gôsto [3].

Nessa composição *estrambótica*, intitulada *Claro-escuro*, que principia *El fijo muy claro de Iperión* [4], escrita num acesso de pessi-

---

[1] *E* por *o*, e viceversa, é um dos làpsos mais freqüentes de escrita; com a troca de *e* por *i* (sem ponto), *c* por *t* curto medieval, *in* por *m*, talvez o mais freqüente de todos quantos deturparam nomes próprios. *Penolope Echene, Altmena, Cadino* por *Penelope Echine Alcmena, Cadmo*, ocorrem nos Cancioneiros.

[2] Vid. *Antologia*, V, p. 145–165, e em especial 163.

[3] Lá vai um exemplo que, felizmente, surtiu melhores imitações em Portugal:

Nunca Laertes, ni Lelex Nericio,
Atis, Plenxipo, Emathion, Phineo;
nunca Menecio, ni Idas, ni Clicio,
Acasto, Phorbante, Jolao, Hiantheo;
nunca Ceneo, ni Leo, Cepheo
por hecho de amores assi fenescieron!

Êsse pertence ao *Claro-Escuro*: *El sol aclarava los montes Achaios* (*Canc. Gen.*, N.º 58).

[4] *Canc. Gen.*, N.º 61. Tanto essa composição como o *Claro-escuro* N.º 58 é de polimetria sistemática. A cada oitava de arte maior segue-se outra estrofe de (onze) versos curtos. As primeiras são narrativas e representam, salvo êrro, o lado *escuro*; as líricas, a parte *clara* da poesia. Algumas vezes só essas, que principiam *Doledvos de mis dolores*, foram editadas. P. ex. no Canc. de 1511. Na reimpressão de 1882 sòmente as Redondilhas figuram no texto; as Oitavas vão como Notas supedâneas (permita-se-me o neologismo), tiradas de qualquer edição independente da *Copilação das Obras de Mena*. É portanto a de 1517, ou outra anterior (1512) que Gil Vicente conhecia, ou mais provàvelmente ainda um traslado manuscrito. Vid. *Antologia*, V.

mismo, em que o poeta deseja a morte, e vê coisas tétricas, monstruosas, tartáreas — *o Orco jusano* ou

los orbes jusanos, do es la pureza
de muchos dolores y de bien ninguno —

há alusão à Medusa,

basilico vulto, de sierpes crinado,
por do fue tornado de piedra Fineo[1]

e também a todos os mais atormentados clássicos (*Sísifo, Ixion, Tántalo, Ticio,* as *Danaidas*, etc.), e logo depois havia um apêlo às *Gorgonas* (confundidas com as *harpias* e *parcas*) para que viessem cortar o fio da vida. Considerando-as como filhas do Demogorgon (que êle mal conhecia, como todo o resto) êle diz

Las fijas crueles del gran Moy gorgen
vengan con yra que a mi las incline;
alarguen mis penas, acorten mi bien
porque mi vida mas cedo se fine.

Até aqui compreende-se bem. Mas depois há quatro versos, evidentemente deteriorados, que sou incapaz de interpretar:

adugan benigno que sale Echine
que rian las aguas del rio de Lete
aduga (sic) Migera su gran chapirete
vengan ceñidas de sierpes con (?) su crine.

Também o que aqui nos interessa é apenas *Echíne*, a venenosa *Hechene* de Gil Vicente, porque a sua aparição, depois da *Medusa*, e das filhas de *Monjergon* ou *Mongorjen*, atesta às claras que o Português seguiu aquele Espanhol. A lembrança de agruparem, com lógica licença poética, numa só família todos os monstros da mitologia grega, é de Mena e do autor do *Auto das Quatro Estações* e de mais ninguém.

Echine (em rima com *fine crine incline*)[2] está por *Echina*, e é o

---

[1] Êsse *Phineus* mitológico intrigou bastante os Renascentes peninsulares: petrificado por Perseo com a cabeça da Medusa; cegado pelas próprias filhas, que lhe roubavam e conspurcavam a comida, chegou a ser, por fusão de fábulas relativas a dois homónimos, o tipo do agoureiro infeliz.

[2] Na ed. de 1882 grafaram, apesar das rimas, *Echene*.

grego *echidna* ἔχιδνα, serpe: nome de uma donzela, meio-serpente, que foi matada por Argos [1], o dos cem olhos *(panoptes)* que hoje brilham na cauda do pavão.

Echene, em vez de *Echíne*, por má leitura, guarnecida de mais a mais do inutilíssimo H, também designa a horrenda neta da *Medusa* [2] que vivia com o vulcânico e tempestuoso Typhaon em outra cova «soterranha», onde deu a vida ao trifauce Cerbero; ao bicípite cão de Geryon; à Esfinge [3]; à Skylla das seis fauces; à Chimera, composta de leão, cabra e dragão; à Hydra de Lerna, das nove cabeças; ao invulnerável leão de Nemeia, e não sei quantos mais bravos bestigos matados por Hércules, Teseo e Perseo.

Um dos imitadores de Mena, de talento essencialmente lírico, tornou a falar das filhas... desta vez de *Mogorgon* ou *Moygergon* [4]. É Garci Sanchez de Badajoz, cujas arrojadas fantasias e cujas suaves Cantigas foram imitadas e parafraseadas por Gil Vicente, Sá de Miranda, Caminha e Camões. Em outro *Claro-escuro*, fatalista, êle também evoca figuras tétricas: Átropos a cortar o fio da vida [5], o Cão Cerbero, e o velho *nauchel* [6] Caronte [7], a *d'Estis laguna* [8], *Ticio* a quem o abutre come o fígado (a moleja); e finalmente as *filhas* de que estou a tratar, como habitantes do Tártaro.

> Passó me el viejo Acaron
> por las ondas de olvidança,
> donde estan, mas sin holgança,
> *las hijas de Mogorgon.*

(ou em impressões ainda menos correctas: *las hijas de muy Gergon*).

---

[1] *Echidna* não figura nas *Genealogias* de Boccaccio. O poeta castelhano conheceu-a portanto de outras Mitologias: ¿ De *De diis gentilium* de Geraldo ? ¿ ou da obra do Tostado ? Não o averigüei. *Hesiodo* é quem é a fonte das notícias, relativas a êsse monstro, mãe de outros monstros.

[2] Da Medusa e de Poseidon nascera o Pégaso e nasceu *Chrysaor*. E êsse gerou a Geryon a a Echidna.

[3] Ou *Espingo*, como, não sem razão, preferia o Marquês de Santilhana.

[4] Mais duas variantes do nome.

[5] Transformada em *Antropos*.

[6] Nauclero = barqueiro.

[7] Á confusão entre *Caronte*, e o *Aqueronte*, ambos citados ora nessa forma oblíqua, ora no caso recto: *Caron (Acaron)* e *Aqueron* dediquei algures um extenso artigo.

[8] No discurso de Júpiter temos a forma *Estes* de forma mais reduzida ainda.

Summa summarum: a genealogia das formas analizadas é, como mostrei,

I

Δημιο — υργός	(Platão)
Demiurgos	(Tertuliano)
Demogorgon	(Boccaccio)
De Mogorgon	(Mitologos esp.)
Mongorgon	(Poetas esp.)
Moy gorgon — Muy gorgon — Mongorgen	(Id.)
Monjergon	(Gil Vicente)

Formas escritas; com erros de *escrita*. E não formas faladas, com evolução fonética. —

II

Ἐχιδνα
Echina
Echine
Hechene

As filhas, embora nenhum dos poetas citados o dissesse claramente, pelo simples motivo de não o saber, são as *Parcas:* Cloto, Láchesis, Átropos [1].

Dedução racional: o discurso de Júpiter, propositadamente castelhano, é imitação livre dos *Claros-escuros* de Juan de Mena e de Garci-Sanchez de Badajoz. De onde se segue que fôi dos Renascentes primitivos que figuram no *Cancionero General* de Espanha que o dramaturgo português — que não fôra discípulo de Lebrija como Juan del Enzina, e disse uma vez *Ego latinus macairos* — aprendeu nomes-próprios greco-latinos, e noções de mitologia na leitura dêles. Dêsses e de outros textos congéneres, que não posso apontar.

---

[1] Já disse que essa filiação está indicada na Tabela 1.ª de Boccaccio, e no Cap. v explicativo. O número e a ordem dos descendentes é: 1 *Litigium (der Streit);* 2 Pan; 3 4 5 Cloto, Lachesis, Atropos; 6 Polus; 7 Phyton; 8 Terra. Segundo outros Mitógrafos, elas são netas do Demogorgon como filhas de Erebos e da Noite.

45. Quanto a *Verecinta* [1] e *Februa* [2] (activas sem outra motivação que o casamento da menina *Lusitânia* na Farsa a que ela deu o nome) e quanto a *Magesta* e *Ramnusia*, apenas mencionadas de passagem na mesma peça (e a última também na peroração de *Júpiter*) já confessei que não estava capacitada de indicar reflexos castelhanos da Genealogia dos Deuses nas obras que Gil Vicente freqüentes vezes explorou.

Baste dizer que Verecinta está por Berecinta, nacionalização de *Berecynthia*; adjectivo gentílico (como Cytherea) aposto à *alma mater*, ou Rhea ou Kybele ou Ops, isto é à *Terra* fecunda e mãe dos deuses [3]; e é tirado do monte Berekynte na Frigia, que era sagrado à grande deusa, mulher de Saturno [4].

Februa é também cognome, mas de Juno (Juno Lucina sobretudo) derivado de *februare*, no sentido de *purgare*, purificar *(quia foeminas post partum secundis exeuntibus purget)* [5].

Magesta (ou *Maiestas*), *Honoris atque Reverentiae filia* [6].

Rhamnusia também é cognome, desta vez da deusa da ventura e bonança, como diz o próprio Mestre Gil [7], ou seja da *Nemesis*, distribuïdora justa de recompensas e castigos, venerada com especial fervor na cidade ática de Rhamnos.

46. Debalde tentei também apurar, de onde o poeta tiraria o seu saber relativo às *Sibilas*. Abstraindo dos factos que a Igreja lhe ensinara no culto litúrgico, e dos elementos que o folclore lhe ministrava por ventura, é de fontes sacro-profanas, talvez patrísticas, que devem provir as noções que tinha da primeira *Sibila*, vinda, com êsse nome bárbaro e inexplicado, do Oriente à Grécia, onde no tempo de Homero vivia na Ionia em *Erythreia*, profetizando, oracularmente, em

---

[1] Vol. III, 285, 293 e 298. A razão porque Verecinta vai com os Romanos, é igualmente um mistério para mim.

[2] *Ib.*, III, 285 e 293.

[3] Na *Eneida*, VI, 784, há *Berecyntia mater*; e IX, 82, *deum... genetrix Berecyntia*. Outros poetas serviram-se do adj. como sinónimo de *frígio*. P. ex. Horácio, *Carm.*, IV, 1–22.

[4] *De Genealogia*, III, 2 De Opi prima Caelii *filia et Saturni coniuge*. Nas suas considerações etimológicas sôbre o cognome *Berecyntia*, Boccaccio cita primeiro, como é sua praxe, as ideas peregrinas de ilustres mitógrafos (que desta vez são Rabano Mauro e Fulgêncio), depois manifesta a sua opinião sensata: vel ut placet aliis et mihi, a berecynthio monte seu oppido Phrygiae in quo persancte colebatur ab incolis Rhea.

[5] *Ib.*, IX, 1.

[6] *Ib.*, III, 11 e 12.

[7] Vol. III, 285 e 1, 88.

sentenças que se conservaram na tradição durante séculos, como as das *Pythias* do grande templo nacional de Delphos.

Noções seguramente mais completas, relativas às *Sibilas* no plural, e às profecias sibilinas dos princípios do Cristianismo, conhecia-as das suas leituras, visto que instituïções para revelações divinas se haviam multiplicado e alterado, ao passar da Grécia a Roma, que pela sua vez já possuía uma poesia sacra, oracular, antiga [1]. Havia nelas actos cultuais, com música e dança religiosa, realizados em templos por entidades femininas com disposição natural para extase mântica, exacerbada artificialmente por meio de inhalação de vapores excitantes, vindos das vísceras tartáreas da terra.

Como resultante da fusão de lendas judaicas, helénicas, romanas do tempo dos reis, com outras romanas cristianizadas, o mundo culto europeu conhecia portanto na idade-média diversas Sibilas, mas sobretudo uma, anunciadora da vinda do Messias e dos destinos da humanidade até o *Juízo final*.

Elas eram três, como as Graças e as Fúrias e outras figuras mitológicas a que mais acima me referi; elas eram nove, como as Musas; dez, número santo entre os santos; doze, como os Apóstolos, os Pares de França, os cavaleiros da *Távola Redonda*; em parte com nomes tradicionais, em parte sem nome.

A principal ficara sendo a *Erythreia*, a muitas vezes secular da Grécia asiática; outra, a *Pérsica*, era da Ásia; a terceira da África: *Lybica* ou *Africana*; a *Delfica*, da Grécia europeia; a de *Cumas* (na Campânia), ou *Cumeia*, da Roma helenizada. Finalmente havia a verdadeiramente romana, de Tibur, ou do Anio, *Albunea* de nome, predilecta dos poetas (Horácio, Tibulo, Vergílio), mas depois quási esquecida [2].

Há três *Autos* em que Gil Vicente mostra conhecer lendas sibilinas. Um dêles, o primeiro cronològicamente, manifesta o facto logo no título. Mas nenhuma das *Sibilas* conhecidas lho dá. É o *Auto da Sibila Cassandra*! *Cassandra*, a profetiza troiana, filha de Priamo e Hécuba, e irmã de Policena — figura homérica, portanto, com a qual, seguramente, o havia familiarizado a medieval *Crónica Troiana* (que quem quer pode estudar còmodamente em redacção galiziana) [3]. Como essa *por espírito profético soubesse o mistério da*

---

[1] Os antigos livros sibilinos, depositados no templo capitolino, eram consultados pelo Estado. Prediziam terremotos, peste, guerra, derrotas, e indicavam o meio de evitar tais calamidades.

[2] Entre os restantes nomes de Sibilas, os mais citados talvez sejam Dafne, Atenais, Herofile, Demofile.

[3] Essa redacção, publicada por Andrés Martinez Salazar (La Coruña, 1900) é

encarnação, presumiu que ela era a Virgem de quem o Senhor havia de nascer e com esta opinião nunca quis casar. Dessa lembrança, que bem pode ser fruto da invencionice de Gil Vicente, mas também talvez preexistisse quanto à parte sibilina — fez êle um pequenino drama doméstico, cheio de deliciosos cossantes e vilhancicos e bailes de terreiro (chacotas e folias), o qual de *estranho* se torna saboroso quando lido com plena compreensão da maneira e arte do poeta, e dos elementos constituintes [1], colhidos na tradição e em leituras eruditas.

Nesse drama, ou nessa scena dramática, Gil Vicente fez, pelo seu divino direito de criador, das principais três Sibilas — profetizas e sacerdotizas, que deliram extáticas, inspiradas por Febo, de boca espumante, braços retorcidos e cabelos em desalinho — três pastoras pacatas ou lavradeiras simples, de antiga nobreza embora, tias de Cassandra, aparentadas com quatro grandes prefiguradores do velho testamento: Abraão, Moisés, Isaías e Salomão, todos êles feitos coevos de Jesus Cristo!

A *Pérsica*, nacionalizou-a, trocando-a em *Peresica;* a *Cumeia* em *Cimeira;* a de *Erytreia* em *Erutea* [2]. A *lybica,* só a menciona de passagem como *Africana* [3].

As três querem casar a sobrinha com o rico e sábio Salomão. Ao dizer que *não,* Cassandra alega todos os argumentos modernos, feministas, contra o casamento, ao passo que os três Hebreus se servem dos argumentos bíblicos da Igreja a favor do sacramento do matrimónio.

Quando o Menino Jesus chora repentinamente no berço, embalado por quatro anjos, com um canto de Ninanana — *Ró-ró-ró* — a presunçosa ajoelha humilde com todos os outros, que dançam, e adora-o arrependida [4].

---

tradução de outra castelhana, que pela sua vez provém do *Roman de Troie* de Benoît de Sainte More (séc. XIII, impresso em 1870) que pela sua vez emanou da obra lendária de *Dares e Dictis.* Há todavia outras castelhanas, uma das quais foi impressa em Toledo, 1512 (tendo já sido publicada em 1490 e 1502).

Suspeitando que Gil Vicente se serviu da de 1512, assentemos que seria útil estabelecer se nela se fala da batalha de Palomea. No excelente artigo de A. Solalinde, *Las versiones españolas del Roman de Troie (Rev. Fil. Esp.,* III, p. 121--165) nada há naturalmente relativo a tal pormenor.

[1] No grande Larousse há um artigo s. v. *Cassandre* relativo ao *Auto* de Gil Vicente.

[2] Juan del Enzina conhecia o nome da antiga Sibila. Mas aplicou-o, profanamente, a uma de duas comadres, desavergonhadas, da sua *Egloga de Placida y Vitoriano* (*Teatro Completo,* p. 286).

[3] Vol. I, p. 56: *Deso profetó Africana.*

[4] Quanto à data incerta da composição do *Auto da Sibila Cassandra,* note-se

Muito mais tarde, no *Auto da Lusitânia* (1531), reaparecem as Sibilas na mentalidade de Gil Vicente. No Argumento burlesco (em que um Licenciado esboça um *curriculum vitæ* do autor, fantasiado irònicamente para os palacianos que motejavam das origens humildes dêle) o poeta conta como o diabo o metera

aonde a Sibila mora,
encantada encantadora

e como ali foi ensinado

sete anos e mais um dia
e da Sibila informado
dos segredos que sabia
do antigo tempo passado [1].

¿ A caverna de Cumas ? ¿ ou a gruta de Tivoli ?

Na prosa (que nessa ocasião acrescenta como novidade ao Argumento versificado) repete que aprendeu na *Cova Sibilária* a história antiga de Lisboa, a Lusitânia e Portugal (rindo-se socapa dos *Arqueólogos Humanistas).*

No Auto dos *Mistérios da Virgem* (1534) em que está intercalado o *Passo* da *Mofina Mendes*, aparece a própria, acompanhada de quatro donzelas (alegorias), que estudam cada uma por seu livro. O Livro das profecias sibilinas ! [2] A Virgem refere-se às da Cumeia, a donzela Pobreza às da Erythreia, e a Fé conta que

Cassandra del rei Priámo [3]
mostrou essa rosa-frol (= a Virgem)
com um menino, a par do sol,
a Cesar Octaviano
que o adorou por Senhor.

---

que na *Exhortação à Guerra* há outra reminiscência da Crónica Troiana — a raínha das Amazonas e a batalha de Palomea à qual acabo de me referir. E como aquele Auto patriótico seja de 1513, é provável que entre os anos propostos por Braamcamp Freire (p. 82, 118 e 379) o de 1513 seja o verdadeiro.. Tanto mais assim, porque no fim da representação se cantou (como *couplet du jour*) o Vilancete guerreiro

A la guerra,
Caballeros esforzados,
pues los angeles sagrados,
a socorro son en tierra.
A la guerra !

Já apontei a edição da *Crónica Troiana* de Toledo, 1512, como possível inspiradora do poeta.

[1] Vol, III, 275 e 276.

[2] Vol. I, p. 104.

[3] Filològicamente devemos entender *Cassandra, a del rei Priamo.* Na pronúncia e *escrita sónica* do tempo, juntavam-se os dois *aa* átonos, produzindo um só, de timbre cheio.

A troiana é assim equiparada às verdadeiras Sibilas tradicionais, ou mesmo sobreposta a tôdas, como anunciadora do Nascimento ao César [1]. ¿ Onde estará registada essa lenda ? ¿ Popularizada pela Igreja nos primeiros séculos da nossa era ? Os folcloristas que o digam.

Eu passo a dizer que da liturgia veio ao poeta o conhecimento de outro elemento da Lenda das Sibilas. Pelo discurso da Erutrea (nos *Mistérios*) sôbre o *Juízo prometido*, e pelo *Sermão de Abrantes* [2] vê-se que Gil Vicente sabia algo, como, de resto, cada bom católico de 1500, das profecias sibilinas sôbre o *Juízo final: Quindecim signa ante Judicium* [3]. Quer na tradução latina (¿ de Santo Agostinho ?), do acróstico grego, quer em vulgarização portuguesa ou castelhana dessa tradução, ouviria os versos respectivos, na *Vigilia do Natal*, depois do *Sermão* atribuído ao mesmo, ou nas *Matinas*, cantados em côro, com ou sem cerimónias impressionantes [4]. Mesmo se nunca lera na

---

[1] Vol. I, p. 56.

[2] Vol. III, p. 345: os nove sinais da Morte que no *Sermão* se registam, são evidentemente inspirados pelos *Quindecim Signa*.

De mais a mais há numa das Oitavas o *dum veneris judicare seculum per ignem*.

[3] Acêrca dos *Quindecim Signa* em geral, e do Acróstico *Judicii signum: tellus sudore madescet, E caelo Rex adveniet* etc., devo dizer ao leitor que escrevi um Ensaio em 1870 (*Archiv*, Vol. XLVII). Posteriormente apareceu, baseado sôbre materiais mais completos, outro de G. Nölle, *Die Legende von den fünfzehn Zeichen vor dem jüngsten Gerichte*, 1879; Gustav Grau, *Quellen und Verwandtschaften der älteren Darstellungen des jüngsten Gerichts*, 1908; e H. E. Sandison, *Quindecim Signa*, 1910 (*Archiv*, CXXIV).

[4] Em Espanha havia, mesmo nas igrejas de aldeia, e com grande esplendor nas catedrais de Toledo, Sevilha, Barcelona, uma cerimónia: o ofício do Juizo final no dia do Nascimento. Dos versos vulgarizados e da música restam vestígios.

Vid. Barbieri, *Canc. Mus.*, N.º 243 e p. 610.

Juicio fuerte será dado
y muy cruel de muerte.

No curto Comentário, cita-se a redacção de Castillejo, feita para ser cantada *la Noche de Navidad en una Aldea*.

Juicio será fuerte
aspero y cruel de muerte.

P. S. Na liturgia bracarense também se cantava (até a reforma realizada há dois anos) o texto profético, atribuído à Sibila:

Audite quid dixerit Sibylla
Judicii signum
Tellus sudore madescet.

É o que me comunicou o meu sábio amigo, Dr. António de Vasconcelos.

Civitas Dei, nem na *Institutio Divina* de Lactancio, o Cícero cristão, nem em Beda o Venerável, o que os três assentam acêrca do *Fim do Mundo*, os afamadíssimos hexâmetros [1] mal lhe podiam ser desconhecidos na nacionalização de Castillejo, que dizia na Introdução, talvez com referência a Cassandra:

> Una sibila pagana
> que a Cristo no conocia
> antes lo profetizó
> que el tomase carne humana [2].

Com certeza ouvira igualmente, em anos sucessivos, o empolgante canto fúnebre de Tomás de Celano.

> Dies irae, dies illa
> solvet saeclum in favilla
> teste David et Sibylla.

Hesitando embora, suponho ainda que o Português não ignoraria a Historieta sensacional, relativa a Tarquínio Superbo como comprador avaro dos livros de predições da profetiza.

Pregunto-me também (inclinando-me contudo para a negativa) se, além dos elementos eclesiásticos, popularizados, relativos a César Octaviano, êle conheceria o *Carmen Seculare* — a Écloga IV, *Pollio*, de Vergílio, e os vaticínios

> *Ultima Cumaei venit iam carminis aetas,*
> *iam nova progenies caelo demittitur alto* [3].

E pregunto se, estudando a *Eneida*, acompanhara a Eneas na sua descida, pela gruta imensa de Cumas, ao Hades, guiado pela Sibila [4]; se estaria inteirado das alusões de Petrarca e do Dante [5], que fizera de Beatriz a sua santa guia. Se finalmente alguém lhe falou em Portugal de como na Itália a escultura e a pintura fixavam pouco a pouco o número e a fisionomia, e as insígnias das Sibilas, e de como o

---

[1] Os 34 hexâmetros, do século 3.º P., cujas letras iniciais constituem o acróstico

Ἰησοῦς χρειστος θεοῦ υἱος σωτήρ σταυρος

foram reduzidos por Santo Agostinho a 27, impressos infinitas vezes.

[2] Esta encontra-se na *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. XXXII, p. 245.

[3] A respeito dessa Egloga (e do Epodo XVI de Horácio), consulte-se R. C. Kukula, *Römische Säkularpoesie*, 1911.

[4] *Aen.*, Canto VI. É um gôsto lê-lo na *lição de hoje* de Coelho de Carvalho.

[5] *Paradiso*, XXXVIII, 66,

genial *Micael* as metia entre profetas na Capela Sixtina do Vaticano.

Um resumo histórico, desde os oráculos guardados, no tempo dos Reis de Roma, no templo Capitolino, que ardeu em 83 A., e a nova colecção judaico-helénica, mandada reünir na Ásia Menor, conservada no templo palatino de Apolo até que no século v Stilicho o incendiou, assim como da influência dos Chiliastas nas profecias sôbre o juízo final, etc., etc., ninguém na côrte de D. Manuel era capaz — com certeza — de lho esboçar. E para os seus fins também não precisava de erudição. Só de ideas e factos [1].

47. Da lista alfabética *geral* que coloco no fim desta *Parte*, é fácil extrair outras parciais ou especiais, relativas aos conhecimentos clássicos de mitologia, história, geografia, teologia, filosofia — não direi de todos quantos o poeta de 1500 possuía realmente, mas dos que revelou nas obras poéticas que dêle subsistem.

Quanto ao *Olimpo* já temos passado revista às divindades greco-romanas que êle fez entrar como *Interlocutores* nos seus Autos, ou de que falou mais ou menos detalhadamente (em regra designadas com os nomes latinos) *Júpiter e Juno; Neptuno e Saturno; Diana e Apolo (Febo, Latonio, o Sol); Vénus e Cupido; Marte e Mercúrio; Minerva* (denominada de vez em quando *Pallas*, sem *Atene*); *Vesta, Verecinta e Februa; Maia e Magesta; a Ventura.* Tenho de acrescentar apenas *Baco, Himeneo*, os Dioscuros *Castor* e *Pollux* [2] (filhos de Júpiter e Leda); e *Boreas*, o vento-norte.

Quanto ao *Tártaro*, o poeta só fala de passagem da *lagoa estígia* [3]. O problema, se conheceria, ou não, o rio *Lete*, o cão trifauce, o

---

[1] Da literatura relativa às Sibilas e livros sibilinos, sejam citados os seguintes: Onuphrius Panormitanus, *Oracula Sibilina*, Paris 1599; Friedlieb, *Die sibyllinischen Weissagungen vollständig gesammelt*, etc., Leipzig, 1852; D. Alexandre, *Oracula Sibyllina* (1841-1856, 3 vols.) que enche duas páginas com a bibliografia anterior; Volkmann, *De oraculis sibyllinis dissertatio*, Leipzig, 1853; Maass, *De Sibyllarum iudicibus*, Greifswald, 1879; Bouché-Leclercq, *Histoire de la Divination dans l'antiquité*, 4 vol., Paris, 1879-82; E. Male, *Quomodo Sibyllas recentiores artifices repraesentaverint*, Paris, 1899. Quem se contentar com breves resumos leia as páginas que Wilamowitz. dedicou às Sibilas na sua *Historia da Literatura* grega; ou abra o *Orphéus* de Salomon Reinach (§ 26 e 27), ou o *Christus* de Hubry (p. 925). Quanto ao Auto de Gil Vicente, sei que existe o estudo de Georgina G. King, *The Play of the Sibyl Cassandra* — Bryn-Mawr Press, 1922, mas ainda não o vi. Cita o J. P. Wickersham Crawford, em *Spanish Drama before Lope de Vega* (Philadelphia, 1922), p. 44 — obra em que Gil Vicente tem larga parte.

[2] Na edição-príncipe *Castos e Polas juñidas.*

[3] Em lição deteriorada: *Estes* por *Estis*, em vez de *Estige* I, 90.

velho barqueiro *Caronte*, e o rio *Aqueronte* (como é muito provável) ocupar-me há no Comentário da *Barca do Inferno*.

Figuras mitológicas de segunda e terceira ordem a que alude, são a *Fama*, a *Medusa*, as *Naiades*, as *Driadas*, a *Fonte Castália*, *Eco* e *Narciso*, *Orfeo* e *Proserpina* [1]; as *Sibilas*. Entre os semi-deuses e heróis *Hércules* e *Anteu* (¡*Antenhão*!); *Jason* e *Medea*.

Da história antiga, lendária, a parte que aparentemente êle recordava melhor, era a *Guerra de Tróia*. Não pela leitura da *Ilíada* e *Odisseia*, que nem de nome conhecia. Nem tão pouco pela prosa latina medieval de *Dictys* de Creta e *Dares* Frigio, êsses pobres suplantadores de Homero, nem pela elaboração de *Guido delle Colonne* [2]. Apenas em quarta mão, suponho eu, da já mencionada *Crónica Troyana*, galiziana e castelhana (que se baseia na composição francesa de Benoit de Sainte-More) mandada fazer [3] por Afonso XI de Castela, porque é dessas redacções, de meados do século XIV, que havia exemplares na côrte portuguesa, no tempo de Gil Vicente [4].

Paris e *Helena*, *Priamo* e *Hecuba*, *Aquiles* (*Arquiles*) e *Patroclo*, *Policena* e *Pentesileia*, *Heitor* (sem *Andromaca*) e *Cassandra*, não os conhecia apenas de nome. Eram figuras vivas para êle.

Do mesmo modo *Eneas*, tronco da prole *romulana*, cuja paixão por *Dido*, a de Cartago, não ignorava.

Alexandre Magno, *Dario*, *Hanibal*, *Scipião* e *Cesar* pertencem à verdadeira história.

Dos imperadores nomeia, além de *Cesar Octaviano*, sòmente *Nero*, o cruel, *Marco Aurélio*, *Trajano* e *Constantino*.

Dos médicos afamados da Antiguidade, apenas menciona *Galeno* e *Hipócrates* (*Hipocras*). Dos geógrafos, a *Ptolemeo*. Dos oradores, *Demosthenes* e *Túlio*, e a par do primeiro ainda a *Calistrato*.

Nem um só estatuário menciona [5]. Como pintor, ùnicamente *Apeles*, popularizado certamente por estudantes da Universidade, no rifão que *o diabo não é tão feio como Apeles o pintava* [6].

---

[3] O poeta confundiu a raínha dos Infernos, esposa de Plutão (*Persephone*) com *Euridice*, a mulher bem-amada, por causa da qual Orfeo desceu ao Tártaro.

[4] N.º 85 da *Livraria do Condestável D. Pedro*. N.º 74 da de *D. Duarte*.

[5] De 300.000 versos.

[6] Qual a redacção peninsular que Gil Vicente conhecia, se a de prosa e verso, ou a que é só de prosa, não o pude estabelecer. (Cfr. Solalinde na *Revista de Filologia Española*, Vol. III, 1916). Na Bibl. de D. Manuel havia uma. Vid. Sousa Viterbo, N.º 37 e p. 28 e 34.

[1] Enzina refere-se no poema alegórico do *Triunfo de la Fama*, a *Phidias*, *Praxitales*, *Lisippo*.

[2] Estranho não encontrar o provérbio na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que naturalmente cita o pintor (p. ex. a p. 39 e 401).

Quanto aos grandes filósofos helénicos, só sabia da existência de *Platão* e *Aristóteles*.

Com relação à poesia, é *Sapho* cuja fama lhe chegara aos ouvidos.

Dos latinos nomeia *Vergílio*, *Túlio*, *Tito Lívio*, *Plínio*, *Seneca*, *Salustio*, *Valério Máximo*. E *Josefo*.

¡Pouquíssimo! Menos do que sabe qualquer colegial de hoje; ou qualquer estudante de Lisboa sabia em vida do poeta; ou o de Coimbra, de 1537 em diante. Dificilmente me dará crédito quem por acaso leu o discurso de Júpiter, muito cristão, repleto de mitologias, por meio do qual o dramaturgo se estreara como Pseudo-humanista, em especial por lá haver encontrado figuras que não conhecia ou mal conhecia, como as filhas de *Monjergon*, a venenosa *Hechene*, a *gigantea deusa*, e *Rhamnusia*. E talvez duvide da exactidão das minhas asseverações quem pasmado decifrou o Sermão do Frade sandeu, também recheado intencionalmente de erudição.

Logo que comparar todavia (como deve) o pecúlio integral de erudição — quantitativamente e qualitativamente — e sobretudo quanto à maneira de o assimilar e empregar, com a muito mais abundante e selecta e muito mais poèticamente utilizada soma de noções clássicas que p. ex. Luís de Camões introduziu nos *Lusíadas* e nas suas poesias líricas de metro italiano — manifestando em cada comparação, magnìficamente, a profundeza do seu saber — verá às claras a enorme diferença que há entre o verdadeiro Humanista e o primitivo, antecipado, medieval se quiserem [1].

48. Com relação a autores Patrísticos e Escolastas, Gil Vicente estava melhor informado. Parte dos primeiros santificados figuram no Breviário e eram-lhe portanto familiares. Parte dos segundos, e as suas obras filosófico-teológicas, não as conhecia senão de fama, tendo recolhido os títulos nas livrarias, afim de com êles provocar a admiração da côrte.

Mascarado de frade-prègador, meteu num Sermão burlesco o Catálogo dos Sábios e Santos e das obras dêles que assentara no seu livrinho de ementas, onde registava tópicos, anedotas, provérbios, cantigas, etc., para eventual emprêgo. E êsse *Sermão* à maneira dos clérigos alegres da *Bazoche* que serve de Prelúdio ao Auto Pastoril sacro-profano dos Mistérios da Virgem, sem absolutamente nada ter com êles ou com a parábola da *Mofina Mendes*, que recitou em

---

[1] Também será instrutivo conferir a lista alfabética vicentina, com a que Aubrey Bell elaborou para a *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que havia estudado em Lisboa e Coimbra.

Évora nas Matinas do Natal do ano de 1534. Em Évora, onde estava, de regresso do estrangeiro, o grande humanista André de Rèsende no Convento de S. Domingos em que fôra criado, e com êle o Flamengo Nicolau Clenardo, o qual fôra buscar em Salamanca, para que servisse de professor ao Infante D. Henrique. ¿Acaso? ¿ou propósito? ¿Picuínhas aos dois eruditos talvez presentes à representação? Alguns dos Santos Padres e Escolastas que mencionou em 1534, já os tinha citado em 1506 quando em Abrantes dissertava como Prègador sôbre o tema *Nolo, Non volo et deficior*. São os três, mais afamados: Santo Tomás, Escoto e Santo Agostinho.

Que bastantes dos títulos de obras clássicas, patrísticas e escolásticas que o Frade alega na *Pregação* (a qual conforme já indiquei é um *pendant* do discurso de Júpiter) são gramaticalmente incorrectos, já o demonstrei na Parte II, relativa ao Latinista. Lá viu o leitor também que a citação latina, que intercala:

> Nolite vanitatis debemus
> confidere de his qui capita
> sua posuerunt in manibus
> ventorum etc.

é um disparate, quanto à idea e à forma: conglomerado, de treze palavras, sem nexo, segundo uma receita humorística antiga [1]. Além disso atribui quatro sentenças, banais e patuscas, ou mesmo escabrosas, da sua lavra, a notabilidades antigas e medievais [2].

A primeira, logo a dá como obra de três [3]. Dois Escolastas de fama e um incógnito português. E diz que a publicaram, êle não sabe bem, em que escrito, nem com quais distinções, nem qual a

---

[1] Há um exemplo típico antigo do género, mas não me recordo do teor.

[2]
1.º) Não é sesudo o juiz
que tem geito no que diz
e não acerta o que faz.
2.º) O por vir não no sabeis.
3.º) Se tens prenhe tua molher
e per ti o composeste,
queria de ti entender
em que hora ha de nacer,
ou que feições ha de ter
esse filho que fizeste.
4.º) Se filhos aver não podes
nem filhas por teus pecados,
cria desses engeitados
filhos de clerigos pobres.

[3] ¡Ricardo de S. Vítor, Bonaventura e Francisco de Mairões! Entendo que essa citação só tem e tinha graça, se assistia à Pregação o dono do nome — notável quer pela sua pouca esperteza, quer pela sua muita vaidade.

cópia das razões que pronunciaram; nem tão pouco se lembra do teor.

As restantes três, atribúi-as a autoridades cristãs e pagãs, de mistura.

Fazia com isso, salvo êrro, a paródia de certos prègadores e oradores de então, que, no dizer de João de Barros (na sua *Rhopica pneuma*) quèbravam a cabeça, a si, e a todos os ouvintes, com as infinitas citações ou rosários de parvoïces que lançavam, volteando no púlpito. Antecipava assim a regra de Frey Gerúndio de Campazas, segundo a qual o Sermonário pode e deve recitar, a favor de afirmações pròpriamente suas, ou alheias, quantos autores doutos quiser, entre padres e poetas, sem obrigação de indicar as suas fontes com acribia filológica [1].

Entre os autores e os livros citados, não vejo um único que não fôsse nomeado também por autores do século XV, e não figure nos *Catálogos* subsistentes das livrarias régias ou principescas, ou nas Listas que podemos construir, aproveitando citações de homens lidos e doutos como Zurara. Em letra de pena ou letra de forma os respectivos volumes podem portanto ter passado pelas mãos de Gil Vicente, quer na livraria de D. Manuel, quer em bibliotecas conventuais.

Quais leu realmente, e de quantos tomou apenas nota, será difícil estabelecer.

Suspeito ou conjecturo apenas que *Gil Terron*, depois de haver aprendido rudimentos de latim, pela arte velha, em 1502, talvez se aperfeiçoaria depois pelo estudo de Lebrixa, chegando não sòmente a compreender a Liturgia, mas a ler realmente algo de Beocio e Beda, *Sermões* de S. Bernardo, Santo Ambrósio, Santo Tomás, Santo Agostinho, S. Jerónimo.

Mas embora os venerasse, sempre continuou como artista livre a rir-se da erudição árida dos pedantes que abusavam de citações — os que à palaciana chamava *de bom saber*, hostilizando-os, com risadas, e sendo hostilizado por êles como *dilettante* ou ignorante que tomava o seu bem onde quer que o achava.

49. Eis agora a *Lista alfabética* dos autores citados pelo Frade-prègador no Auto da *Mofina Mendes* (f. XX v.º da edição-príncipe; p. 100 da ed. de Hamburgo).

---

[1] Quevedo também lhes permitia que, transformando pagãos em cristãos *remudassem* sentenças, mal aprendidas, ou bem esquecidas.

Albertus Magnus. — De Bollstadt na Alemanha (fal. 1280). Eruditíssimo e por isso nomeado *Doctor Universalis*. Suspeito mesmo de feitiçarias. Espécie de Fausto portanto.

Alexander — de aliis *(sic)*. — Já disse no Capítulo II que, a meu ver, se trata do *Doctor Irrefragabilis*, nascido em *Hales* (na Inglaterra onde fal. em 1245). Não do rei da Macedónia e discípulo de Aristóteles, ao qual há referências avulsas nos *Autos*, como se poderá ver na Lista geral. Nem de *Alexander Severus*, o Emperador (208-235) que colocara a imagem de Jesus Cristo entre os seus lares.

Ancelmus *(sic)* [1] — O Santo arcebispo *Anselmo* de Cantuaria (Canterbury, fal. em 1109), do qual se reza a 21 de Abril, é um dos cimentadores da filosofia escolástica, bem caracterizada como *ancilla theologiae*. Correligionário de Scoto *(q. v.)*, Pedro Lombardo (o *Mestre das Sentenças*) e Abélard (que Gil Vicente *não* menciona), êle servia-se da lógica de Aristóteles, mas também de ideas neo-platónicas, na explicação dos dogmas do cristianismo. Chamados *Realistas*, em oposição aos *Nominalistas*, os citados são no fundo Idealistas, em oposição aos Sensualistas (ou verdadeiros *Realistas*).

Aristoteles d' secreta secretorũ. — Não se trata do excelso fundador do sistema filosofico, realista, da Grécia, em que tem lugar a lógica, a física, a metafísica, a psicologia, a ética, política e estética, a par de Platão o único erudito pensador que imperou até que *Kant*, o filósofo do imperativo categórico, o venceu. É a um pesudo-autor da obra medieval, de origem arábica, que se intitula *Dos Segredos (da Natureza)*, a quem Gil Vicente se refere. Ela corria em latim e em traduções neo-latinas [2] em todas as livrarias dos séculos XIV e XV. Vid. Knust, no *Jahrbuch*, X, 129 e 155; C. M. de V., *Port. Litt.*, § 50; Gallardo, *Ensayo*, Vol. II, p. 9; Baist, *Span. Litt.*, §§ 26 e 28; Beer, *Handschriftenschätze des Escorial*, *passim*.

A[u]gustinus d'Angelorũ Coris. — O mais afamado e genial dos Santos Padres da Igreja latina, bispo de Hippona, filho de Santa

---

[1] Dou sempre a grafia da edição-príncipe.

[2] Há várias francesas em prosa e verso, das quais a mais afamada é a de Geofroi de Watreford e Servais Copale. Vid. *Hist. Littéraire de la France*, XXX, 334-338.

Mónica e um pai pagão, convertido depois de uma mocidade turbulenta, pelas lágrimas da mãe e a eloqüência de Santo Ambrósio (fal. em 430). — *Epis. Conf. et Eccl. Doct.*, de quem se reza no dia 28 de Agôsto. — Apreciador convicto de tudo quanto a Antiguidade produzira de verdadeiramente grande; e polemista de nobre seriedade. Não é só na *Prègação* que êle aparece (com o tratado nada célebre, se real, *De angelorum choris*). No *Sermão* de Abrantes (III, 337), ao explicar o que não ia e queria fazer, o poeta *(de hábito)* tinha dito:

No quiero deciros especulaciones
de Santo Agostin de civitate etcetra.

E no *Auto da Alma* foi como Interlocutor que pisou o palco do paço régio-português, como um dos quatro doutores da Madre Igreja, (dando a mão a Santo Ambrósio, e acompanhado de S. Jerónimo e Santo Tomás). E lá pronunciou belos versos que provam que o poeta português conhecia além dos *Sermões* e das *Homílias* que entraram nas *Lições* da liturgia (como o *Sermão da Vigília do Natal* e dos hexâmetros dos *Quindecim Signa*) a *Cidade de Deus* (oposta à Cidade terrena), e porventura o *Solilóquio* e as *Meditações* que lhe são atribuídas. O Infante Santo menciona-as no seu testamento. D. Duarte possuia-as (N.ºs 43 e 73) e igualmente D. Manuel (N.º 67). Cfr. T. Braga, *Hist. da Universidade*, Vol. I, p: 193.

Beda De religione christiana. — O Santo sobrenomeado *Venerável*, *Conf. et Eccl. Doct.* (fal. em 435) do qual de 1900 em diante se reza a 27 de Maio, é conhecido sobretudo como historiador do seu povo: *Hist. Eccl. Gentis Anglicae.*

Bernardus de virgo assumptionis *(sic)*. — O curioso reveja o que a respeito dos Sermões, relativos à Assunção, compostos pelo reformador da Ordem de Cister *S. Bernardo de Clairvaux*, disse mais acima o meu sábio colaborador s. v. *Clamabat autem.* Reza-se dêle a 20 de Agôsto.

Boecio de consolacionis *(sic)*. — *Consolationis Philosophiae Libri V* é o título completo da admirável obra escrita pelo último grande Romano, ministro do Ostrogodo Theodorico III o Grande, nas angústias da prisão de que saíu decapitado (524). Defensor da divindade de Jesus, e do dogma da *Trindade,* assim como do da *Graça* e da *Predestinação,* em oposição ao magno problema *Do*

Livre Arbítrio, já versado por S. Agostinho (e depois infinitas vezes, p. ex. por Lutero e Jansenius) é tão eloqüente que a sua *Consolação* talvez seja o livro mais versado de filosofia cristã. Encontramo-lo pelo menos registado em todos os Catálogos de livrarias medievais, e citado em tôdas as obras filosóficas do século xv. (P. ex. no do *Condestável,* N.ºs 39 e 84, e no de *D. Manuel,* p. 34 e 41). O êrro feíssimo *Beocio* por *Boecio (Boëthius)* é dos editores de 1834 [1]. A palavra alada, atribuída em regra a Dante, que o metrificou e popularizou

Nessun maggior dolore
che recordarsi del tempo felice
nella miseria
(*Inf.*, V, 121).

provém de Boecio que dissera (II, 4): *In omni adversitate fortunae infelicissimum genus infortunii est fuisse felicem.*

Bonaventura. — Italiano. *Geral* e o maior dos eruditos da Ordem de S. Francisco — do qual se reza a 14 de Julho. Fervente apologista do culto da Virgem, com tendências místicas e ascéticas que lhe grangearam o sobrenome de *Doctor Seraphicus* (fal. em 1274). Além de livros dogmáticos, como Comentários às ideas do *Mestre das Sentenças,* e os Manuais *Breviloquium* e *Centiloquium,* escreveu outros místicos como o *Itinerarium mentis in deum,* e sobretudo a *Biblia Pauperum.*

Como Gil Vicente citasse exclusivamente o nome, a par do de *Ricardo* (de S. Victor, I, p. 100), e nenhuma obra, ficamos sem saber se conhecia o belo cântico de *Filomena:*

Philomena, praevia temporis amoeni
quae recessum nuntias imbris atque caeni,

traduzido tarde (e imperfeitamente, em versos que parecem prosa) para português, por Francisco de Andrade (1561). Vid. Mendes dos Remédios, *Philomena de S. Boaventura,* Coimbra, 1907.

Calistrato (f. xx v.°, I, p. 101). — Como êsse nome-próprio grego esteja imediato ao de *Demosthenes,* calculo que o poeta, que os aprendeu juntos, tivesse em mente, entre os cinco Helenos assim chamados que as Enciclopédias registam, o Ateniense cuja eloqüência arrastou Demosthenes a educar-se para orador.

---

[1] Os gregos da Beocia eram grosseiros e pouco inteligentes.

Demosthenes. — Claro que só de nome, como mais célebre de todos os oradores, conheceu Gil Vicente o autor das *Filipicas* (fal. em 322, por suicídio, envenenando-se).

Hieronimus d'alfabetus Hebraice (I, 102). — Êsse Santo *Presb. Conf. et Eccl. Doct.*, do qual se reza a 30 de Setembro, foi metido por Gil Vicente, como o leitor sabe, no *Auto da Alma* como um dos quatro grandes doutores da Igreja. Lá trata explìcitamente dos instrumentos da Paixão (I, p. 208-213). Designando-o no *Sermão* como autor de uma *Cartilha hebraica*, o poeta dá a conhecer que não ignorava o poliglotismo [1] — isto é o trilinguismo — do violento Romano, nascido em Stridone (Bosnia ou Dalmacia; fal. em 420) conhecido sobretudo pelos seus vastos trabalhos bíblicos. De vida irrequieta, aventureira; quanto ao carácter não sem mácula, mas de muito talento, sobretudo como polemista. Precursor da ortodoxia e entre todos os Santos aquele com que Lutero antipatizava.

Ilarius. — Houve três autores medievais de comentários bíblicos dêsse nome. O de Poitiers (= Hilarius), *Episc. Conf. et Eccl. Doct.*, coevo de Ambrósio, afamado como compositor de Hinos, é o mais citado (fal. em 369) e o único de que se reza na Liturgia romana (a 14 de Janeiro).

Josepho Espelum *(sic)* beli glosa inter liniarum. — Josephus, claro que é o historiador do povo de Israel (fal. em 95). Se o título deturpado por *Historia Belli judaici* que se segue ao nome, está em relação com êle, ou não, é ponto que não sei explicar. Compare-se Vicentius, *Scala coeli;* Seneca, *Vandaliarum;* Plinius, *Caronicarum.* Josefo não faltava na livraria de D. Manuel, (N.º 53 cfr. p. 32 e 36); nem na do *Condestável* (N.º 37).

Magister sententiarum. — Petrus Lombardus, discípulo de Abélard e Bispo de Paris (fal. em 1161), cujo *Liber Sententiarum* é um tão bem coordenado manual de tôda a doutrina eclesiástica que durante séculos ficou sendo o livro predilecto de consulta dos Escolastas. Vid. *No seio da Virgem mãe*, de C. M. de V., Cláudio Basto e Leite de Vasconcelos, Viana, 1922. Estava na Livraria de D. Manuel, N.º 9.

---

[1] Na *Lectio VI* das Matinas de 30 de Set. fala-se de quatro línguas, contando-se a Caldaica.

Mairões (Francisco de). — Provàvelmente pessoa da côrte, mas de função inferior e poucas luzes, presente no acto da inscenação da *Mofina Mendes*, e apontado irònicamente pelo Frade sandeu.

Marci Aureli (por *Marco Aurélio*, para rimar com *belli* e *coeli*). — O nominativo regente, omitido, por ser muito conhecido, ou por não estar fixado nas traduções do grego, deveria ser *Soliloquia* ou *Meditationes*, ou *Pensamentos*. A vida exemplar dêsse mártir estóico do dever, o mais virtuoso dos imperadores romanos, foi julgada digna de imitação por S. Agostinho. Um exemplar existia na Livraria de D. Manuel (p. 34).

Origenes. — Cristão de Alexandria, cuja metafísica, cheia de ideas estóicas, deriva do platonismo; autor de Homílias; reconstituidor de inúmeros passos deturpados do Velho Testamento e exegeta dos dogmas do Cristianismo (fal. em 254).

Plinius. — Metido com Seneca, entre Anselmo e Alexandre de Hales. Provàvelmente o da *História Natural* (fal. em 79) e não o sobrinho, autor das *Cartas* e do *Panegírico de Trajano*, com quanto êsse fôsse muito estimado no século XVI.

Quintus Curcius. — O autor da Vida de Alexandre, *De rebus Alexandri Magni*. Livraria de D. Manuel, p. 34.

Remigius — *De dignitate Sacerdotum* (p. 101, e 102 repetido). — *S. Remigius Episc. et Conf.*, do qual se reza a 1 de Outubro. O arcebispo de Rheims que baptizou Clodoveu.

Ricardo (I, 100 e *Ricardus* (repetido) 101). — Seguramente *Ricardus* de S. Vítor (fal. em 1141), místico e profundo psicólogo da escola de S. Bernardo de Clairvaux. Creio que seja êsse também o *Ricardo*, mencionado juntamente com *Escoto* no *Cancioneiro de Baena* (N.º 81).

Salustius Catelinarum. — A obra do historiador romano (35 A.) tem o título *De coniuratione Catilinae*, mas no século XV e XVI figura nas livrarias peninsulares como *Catilinarium* (lat.) ou *Catilinario* (neo-lat.). P. ex. na Bibl. de Fernan Colon, 3253; na de D. Manuel (N.ºs 39 e 70) e na do *Condestável* (N.º 53).

Scoto — liuro quarto. — Duns Scotus Erigena, o *Doctor Subtilis* (fal.

em 1308), que ensinou em Oxford, Paris, Colónia, e cujos adeptos, chamados *Scotistas* estiveram como Realistas em polémica contra os Tomistas ou Nominalistas, como já deixei dito s. v. ANSELMUS. No *Sermão de Abrantes* (III, 337) Gil Vicente declara, depois de haver falado de Santo Agostinho:

No quiero de Scoto alegar ni letra.

SENECA — VANDALIARUM. — Impossível é dizer o que o Frade-prègador tinha lido do grande estóico (fal. em 66), porque todos os seus tratados morais eram trasladados e traduzidos com verdadeiro entusiasmo na península. Vid. *Condestável*, 18 e 63; D. Manuel, 25 e p. 31 e 32.

THOMAS SUPER TRINITAS ALTERNAT. *(sic)*. — O de Aquino evidentemente, a cuja autoridade Gil Vicente já se havia referido no *Sermão de Abrantes* (III, 336); autor da *Summa totius theologiae*, em que culminou a sciência cristã, e que, baseada nos comentários árabes de Aristóteles, é a expressão mais perfeita da ortodoxia católica, empregada até hoje contra Gentios e «Herejes».

TULLIUS CICERONIS. — Arbitrária deturpação do sobrenome *Cicero* do grande orador romano (fal. 45 A.), considerado pai e salvador da pátria como autor das *Catilinárias* e *Verrinas*. O tratado *De officiis* é o que mais vezes ficou registado nas livrarias medievais *Condest.*, N.º 16).

VICENCIUS SCALA CELI. — O Bellovacense (Vicentius Bellov. i. é de Beauvais fal. em 1246), sem dúvida alguma o autor da grande Enciclopédia *De omni scibili* que é costume intitular *Speculum quadruplex* ou *Speculum Historiale*, e era livro de consulta e leitura em tôdas as livrarias medievais.

Os *Santos* dessa lista especial [1], a qual devemos completar com alguns nomes, citados avulsos, como *Platão*, ou introduzidos em *Autos de devoção* como interlocutores (p. ex. *Santo Ambrósio*), conhecia-os o poeta, seguramente pelo seu Breviário, católico crente e profundamente religioso, como tantas vezes tenho acentuado, comquanto como humorista ou poeta cómico não se pejasse de ridicula-

[1] Agostinho; Beda; Bernardo; Bonaventura; Hierónimo; Remígio; Tomás.

rizar um ou outro elemento dos Ofícios [1]. Resultado que combina com o que frisei quanto ao *Latinista*.

Os Escolastas, quer *Escotistas*, quer *Tomistas*, *Realistas* ou *Nominalistas*, não os podia ignorar em absoluto nem quem tivera educação de padre medieval, nem quem, nado e criado em sino de latim, tendia a Renascente. Nem tão pouco quem como Gil Vicente, dramaturgo e fundador do teatro nacional, levantou sôbre a base medieval, um edifício novo com elementos modernos — *tudo per nova invenção*.

5o. A matéria bíblica, ou de história sagrada, que Gil Vicente aproveitou, de mistura com a clássica, e a peninsular (coeva), talvez seja algo mais abundante do que os outros dois ingredientes do seu saber. Sobretudo nos *Autos de Devoção*, comquanto nem mesmo neles, como o leitor sabe, faltem por completo, figuras gentílicas e, viceversa, não deixem de aparecer reflexos bíblicos nos Autos profanos, em situações cómicas e mesmo escabrosas, com a circunstância atenuante embora de só ocorrerem em sonhos febris do poeta.

Não é preciso lembrar de novo que no *Auto dos Quatro Tempos* figura *Júpiter* a par de *David*, e *Mercúrio* no *Auto da Feira* a par de um Serafim e o Diabo. Nem tão pouco, que no *Templo de Apolo* são evocadas, em panos menores, Eva a fazer migas para Adão, Betsabé a bailar com David, Raquel e Ester em companhia de Medea, Helena, Policena e Dido.

O Velho Testamento ministra mais tipos. Além de *David* e *Salomão*, e *Moisés*, e *Abraão*, o profeta *Isaías*, — no *Auto da Sibila Cassandra* e na *História de Deus*. Do *Novo Testamento* aparece no *Auto da Cananea*, o próprio *Jesus Cristo*, acompanhado de *S. João*, *São Pedro* e *Santiago*, e a mulher crente de Canão. Na *Mofina Mendes* é a própria *Virgem* que o poeta apresenta, com discreta mesura. No *Breve Sumário da História de Deus*, derivado indirectamente do *Ludus Prophetarum*, o assunto obrigou-o a unir aos prefiguradores (Adão, Abel, Abrahão, Moisés, David, Isaías) o prefigurado Redentor, e S. João que anunciara a sua vinda.

---

[1] No fim do seu *Sermão* o Frade-Prègador continua a misturar verdades e mentiras. Primeiro diz quais figuras entram realmente nos *Mistérios* — a própria Virgem e quatro Damas dela: Pobreza, Humildade, Fé e Prudência, e não como seria de esperar, as quatro filhas de Deus *Misericórdia*, *Paz*, *Justiça* e *Verdade*. Em seguida assevera, inventando, salvo êrro, como era praxe, em Argumentos — que os mais lindos Hinos do culto haviam de aparecer, em libré escarlata e com música orfea. Vid. *Domine, labia mea* — *Venite adoremus* — *Te Deum laudamus* — *Iam lucis orto sidere* — *Quem terra, pontus, aethera*.

Nos Autos do Nascimento, temos os três *Reis Magos*, no Mistério da Anunciação o *Anjo Gabriel*, no da Alma o *Anjo Custódio*, e em muitos outros, de um lado Anjos, Arcanjos e Serafins [1], e do outro lado quer o Diabo, *tout-court*, quer *Lucifer* como Maioral, *Belial* como Meirinho, *Satanás* como fidalgo da côrte infernal, *Belzebú*, espécie de porteiro ou bedel. Além dêles, vários diabinhos e diabretes pertencentes por ventura ao folclore peninsular (*Draguinho*, *Caroto*, *Legião*, *Plutão* na Rubena, e *Dinato* na Tragicomédia).

Referências avulsas, há-as, conforme se vê na Lista geral, relativas aos mesmos varões que aparecem como Interlocutores; e a *Abacú*, *Acaz*, *Amos*, *Arão*, *Balan (Bileam)*, *Caim*, *Elias*, *Faraó*, *Golias*, *Isaque*, *Ismael*, *Jacob*, *Jeremias*, *Juda*, *Malaquias*, *Nabucodonosor*, *Miqueas*, a *Sulamite*; e também a *Anas*, *Caifás* e *Pilato*.

Com relação a nomes geográficos, os judaicos são mais numerosos que os clássicos. Escassíssimos embora. Além do campo *damasceno* e dos montes de *Gelboé*, o *Carmelo*, *Efrain*, *Galaad*, *Semeron* (erradamente *Selmeron*), fala-se da serra dos *Hiperboreos*, que o autor dos *Lusíadas* nomeia juntamente com a montanha *Rifea* ao descrever as fronteiras orientais da Europa [2].

Conforme já disse mais acima, nada sei das selvas de Frion (ou *d'Efrion*) [3].

Os únicos rios estrangeiros de que o poeta fala, são o *Ganges*, e o *Eufrates* e *Tigre*.

Apenas pode suscitar dúvidas o *Guijon* (I, 93). Creio que é o vale ou a fonte *Gihon* a que se faz referência no Antigo Testamento [4], do tempo de David em diante, situada a E. de Jerusalém, no pendor da colina de Ofel.

Por falsa analogia com a cidade asturiana *Gijon*, o poeta deturparia o nome-próprio hebraico.

Como essa há outras incorrecções, não só nas edições modernas, mas mesmo na impressão-príncipe. ¿ Erros do próprio Gil? ¿ ou do tipógrafo de 1562?

51.ª Vejamos um, que se desdobra em dois.

Na Farsa *Quem tem farelos* ouvimos a Velha, debruçada da janela, indignada pela serenata que Aires Rosado, o escudeiro pobre, se atre-

---

[1] Nas *Barcas* há um *Anjo*, Arrais do Ceu e um *Diabo*, Arrais do Inferno, com um seu companheiro.

[2] *Lusíadas*, III, estr. 6 e 7.

[3] Pág. 219.

[4] 3 *Reg.*, I, 33, 38 e 45; 2 *Paralip.* 32, 30 e 33, 14.

vera a dar à filha, rogar-lhe pragas e mais pragas [1] e cominá-lo p. ex. com

a maldiçam de Modorra [2],
Debitam y Dabiram.
(f. CXCIIV-III, ou p. 19).

Isto é com o castigo que a ira de Jahve deu aos dois Israelitas (da tríbu de Ruben) *Datam e Abirom*, fazendo a terra abrir-se e enguli-los, por êles no Egito se haverem revoltado contra Moisés e Arão [3]. Castigo romântico com que em escrituras jurídicas medievais são ameaçados freqüentes vezes os transgressores de qualquer cláusula de testamento ou contrato [4]. Bem possível é que, de muito empregadas, e muito impressivas, passassem à linguagem comum [5], deformadas ou não.

Dabitam (*Debitam* na edição-príncipe; *D'Abitão* na de 1834 e posteriores) está por *de Datam*, porque a quási identidade das sílabas *de* e *Da* soava mal aos ouvidos dos Portugueses.

¿Mas *as maldições de Modorra?* Como eu desconhecesse uma figura testamentária dêsse nome, elas eram um enigma para mim, até que, consultando o sábio colega e amigo que tanta vez me foi guia nestas investigações, recebi ontem (27 de Janeiro) a resposta seguinte: «Deve ser frase popular, que eu desconheço todavia. *Madorra, modorra* [6] é o estado de sonolência e até o de sono muito

---

[1] *Pragas* em que cada substantivo vem precedido do qualificativo *mao maa* (reduzido às vezes a *ma*).

[2] Com *M* maiúsculo, como se se tratasse de um companheiro de Datam e Abirão.

[3] Moisés IV, Cap. 16; e Psalmo 11.

[4] Leiam p. ex. os curiosos nos *P. M. H. Diplomata et Chartae* as páginas 4, 139 e 306. Eis uma dessas fórmulas horríveis — às vezes ainda reforçadas com a menção de *Judas, o traidore* e de *Lucifer* como companheiros futuros do transgressor no baratro do Inferno:

«In primis sit a Deo segregatus et a comunione sancta excommunicatus, et descendant super eum omnes maledictiones que scripte sunt in Libro Moisi, servi Dei, quales venerunt super *Datan et Abiron* qui (= quos) propter sua scelera vivos terra absorbuit». A mim lembram-me as excomunhões lançadas pelos Israelitas de 1600 contra Uriel da Costa e Bento de Spinoza.

[5] Desconheço contudo citações vulgares. Apenas sei apontar duas referências poéticas ao orgulho e à prosápia de Datan e Abiron numas profecias claro-obscuras, repletas de erudição, de Afonso Alvares de Villasandino (*Baena*, N.º 115, estr. 3) e a que respondeu Maestro Frey Lopes (*ib.*, N.º 117, estr. 9). Na Alemanha popularizou-se *Korah*, nome do Levita que fôra chefe da revolta de *Datan* e *Abiron*. Chamamos brincando *Rotte Korah* a um bando de crianças travessas e turbulentas.

[6] A etimologia do termo *modorra* — letargo — ela ainda está por descobrir. Muito usado pelos clássicos conheço-o principalmente pelo *quarto da modorra*,

profundo, sono letárgico. Em sentido místico diz-se do estado a que o pecado mortal reduz a alma, causando-lhe a morte para a vida de graça, a morte espiritual que interrompe as relações sobrenaturais com Deus. Deve ser tomada neste sentido a palavra na expressão de Gil Vicente: maldições que façam cessar a união da alma com Deus, que adormentam esta no sono de morte espiritual».

Mais dois nomes bíblicos, hoje dos mais vulgarizados, pouco citados fora da igreja, ocorrem numa obra do comediógrafo. E porque na passagem por tratados didácticos medievais neo-latinos êles foram alterados, quanto à forma e ao sentido, exigem explicação.

O que surpreende, mesmo depois dela dada, é que, designando a princípio distintos sabedores judaicos, do sexto século antes da nossa era e que brilhavam na côrte de Nebucadnezar, durante o Cativeiro de Babilónia, «de notável conhecimento e inteligência em tôdas letras, e doutos dez vezes mais que todos os Magos e Astrólogos» os nomes

Sideraque e Miseraque

saíssem, não da boca de um filósofo, mas, num dizer destemperadíssimo [1], da boca de uma comadre e amiga de Maria Parda: a rude *Falula*, a quem debalde ela pedira umas duas canadas, fiadas.

Formalmente os dois nomes são caldeus e foram impostos, em Babel, a dois companheiros de cativeiro do profeta Daniel: *Sidrach (Sedrach Sadrach)* e *Misach (Mesach)* [2]. E assim mesmo continuou o principal a chamar-se num livro de filosofias, trecentista, de proveniência oriental — em que um sábio, ou a sábia *Donzela Teodora*, interrogada por um rei a respeito *de omni scibili... et quibusdam*

---

em que os vigias das náus, para afugentar o deus Morfeo, entoam cantigas da sua terra, e pela doença de que faleceu el Rei D. Manuel. A proposta de Cornu (§ 270), de tirarmos *modorra madorra*, por causa das variantes *madorna modorna*, do s. latino *veturnu* = letargo, pronunciado *vederno*, é superior e muito, à mais antiga que tira o vocábulo, de um termo basco que significa *cepo, tronco de árvore*. Mas nem por isso convenceu todos os Romanistas.

[1] Propositadamente. Como característico de taberneiras.

[2] Claro que é no *Livro de Daniel* (I, 6 e 7) que estão registados os verdadeiros nomes hebraicos não sòmente dos dois, mas dos quatro Judeus principais que acompanhavam o profeta. E a par dêles, as formas *caldeas* que lhes deram: a Ananias chamaram *Sidrach;* a Misael, *Misach;* e a Azaria *Abednego (Abdénago)*. — São os varões que, lançados na fornalha ardente, por não haverem adorado o ídolo áureo, sairam lesos das chamas, entoando o *Benedicite (Cant. trium puerorum)*. (III, 52-56 e 57-88).

aliis, lhe dá respostas argutas. Sirva de exemplo a *língua* definida como a melhor e a peor coisa que existe [1].

A grafia peninsular *Sideraque*, e a transformação analógica *Miseraque*, bem podem ser fruto da jovialidade invencioneira de Gil Vicente (que teria na mente fórmulas rimantes, e entre elas *Gog e Magog* e *Krethi e Plethi*), a não ser que a fórmula tivesse vindo de Espanha, pronta [2].

Quanto à essência, os nobres de Juda, da estirpe de David, levados muito novos de Zião a Babel, êles foram educados na côrte sibarítica de Nebucadnezar com tais requintes, que quanto a dotes físicos e intelectuais só Daniel os vencia no entendimento de visões e sonhos e em predicções, como quarto dos grandes profetas de Israel.

E por serem assim sábios é que Sidrac entrou como filósofo no Livro a que me referi.

Gil Vicente bem conheceria os nomes de ambos, do 12.º e último dos trechos bíblicos que se recitam antes da Missa de Sábado de Aleluia [3], e são parte do *Livro de Daniel* (III, 1–24) [4].

---

[1] Dêsse género literário tratou proficientemente Hermann Knust. em *Mitteilungen aus dem Escorial* (Tübingen, 1897) e *Dos Obras Didacticas* (Madrid, 1878) Quanto ao *Livro de Sidrac* veja-se *Histoire littéraire de la France*, Vol. XXXI, segundo Gaston Paris, *Littérature Française du Moyen-Age*, § 101; e A. Bartoli, *Il Libro de Sidrac*, Bologna, 1868).

[2] Nada sei de eventuais redacções hispânicas, mas isso não quer dizer que não existem.

[3] O nome geral de todos êles é *Profecias*, por alguns serem proféticos, exactamente como se chamam *Epístolas* de modo geral os trechos bíblicos, quer do Antigo, quer do Novo Testamento (com excepção dos Evangelhos) que se lêem na Missa, só porque vários são extraídos das Epístolas apostólicas, principalmente de S. Paulo. — Informações preciosas do meu erudito colega e amigo, Dr. António de Vasconcelos.

[4] O Livro de Daniel deixou numerosos vestígios nas literaturas e na cultura geral. Tôda a gente medianamente culta conhece a estátua áurea com pés de barro. Sabe de que maneira o profeta livrou a casta Susana das acusações dos velhos viciosos Repete as palavras Mene-Tekel (Phares), escritas na parede da sala dos banquetes de Belsazar, o sucessor de Nebucadnezar. E recorda que Daniel saíu são e salvo da cova dos leões, e por seus méritos e bons conselhos levou o rei dos Medos e Persas, que se apossara da Babilónia, a permitir que os Judeus voltassem a Jerusalém e reedificassem o Templo-do-Senhor. E quanto ao Cativeiro em si, não há com certeza Português algum que não se lembre dos trenos saüdosos

Sobolos rios que vão

entoados depois do naufrágio no Mekong por Luís de Camões — formosa paráfrase do Psalmo 136–137

Super flumina Babylonis.

Creio todavia que além da Liturgia conhecia realmente o *Livro de Sidrach*, visto que parodia as sentenças de que se compõe, com a incontinência de linguagem, que é própria das *Falulas* e *Marias Pardas de todo o mundo* (III, 372), e dá *sideraque e miseraque* como título de uma obra do rei de Babilónia:

Diz Nabucodonosor[1]
no sideraque e miseraque...

Na sua réplica Maria Parda repete *sideraque*, não sei bem em que sentido[2], fazendo supôr todavia que o nome se popularizara[3].

52. A minha *Lista alfabética dos nomes próprios* mencionados por Gil Vicente é mais completa e razoada do que as que já existiam[4].

Por meio dela, os curiosos poderão fazer idea da extensão e da variedade dos conhecimentos do poeta, mas também da pouca intensidade e profundeza dos que dizem respeito à Antiguidade clássica, conforme já deixei exposto acima.

Prefiro um *Índice geral* à divisão em partes (*geográficas:* peninsulares, europeas, extra-europeas; *históricas*, nacionais e estrangeiras, da Antiguidade, Idade-média, coevas), por ser mais cómodo para os consulentes.

Com explicações não vou longe; nem entro na pormenorização dos trechos, por falta de espaço[5]. Faço todavia referência aos passos onde já discuti os mais enigmáticos. E remeto às melhores fontes onde os Vicentistas poderão encontrar informação, v. g. quanto às figuras reais da côrte de D. Manuel e D. João III, presentes às festas

---

[1] Confira-se o trecho da *Floresta de Enganos* (II, 162) em que *Bucodonosor* é citado por uma Velha como autor de *sentenças*, a par de Bártolo, Baldo e a Sagrada Escritura.

[2] *Raivou tanto sideraque E tanta zarzagania* exigem comentário no Glossário.

[3] Em França, no *Lutrin* de Boileau, o nome *Sidrac* é dado a um velho teimoso e rabugento.

[4] Da primeira Lista, dos *Obsequiosos de Sacavém* (o Visconde Júlio de Castilho e Braamcamp Freire — *Índices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1900 — de que me orgulho de possuir o Exemplar n.º 1, imprimiram-se apenas vinte. Na segunda e excelente do Dr. Mendes dos Remédios, baseada naquela, salvo êrro, estão registadas sôbretudo as *Figuras* que entram nos Autos, e as pessoas às quais êsses eram representados. Estão excluídas todavia quási tôdas as alusões a obras e autores. Debalde se procura nela p. ex. *Vergílio, Túlio, Valério, Platão*, etc., *Carcel de amor, Peregrino Amador*.

[5] Só darei amostra do que a Lista comentada poderia ser.

palacianas, e apontadas pelo petulante dramaturgo régio com mais ou menos picantes ora benévolos, ora malévolos remoques [1].

Essas fontes são as obras de Braamcamp Freire: *Brasões de Sintra* [2], *Gente do Cancioneiro* [3], *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança* [4]. Em todas há biografias preciosas, admiràvelmente bem documentadas. Mas nenhuma é um verdadeiro comentário. Não somos elucidados a respeito das qualidades que igualavam o Secretário António Carneiro a *Bosrá;* o Esmoler Marcos Esteves ao físico del rei *Acaz;* Luís Teixeira, o Humanista, aos mais famosos médicos da Grécia; o Veedor Rui Lopes ao Rei *Bamba;* D. João Pereira a *Amon*, etc., etc. [5]

Abacú [6], o Profeta (um dos pequenos). — A êle compara, ou com êle associa Gil Vicente, rindo (e provàvelmente sem motivo algum extrínseco nem intrínseco) o *Doctor Bras Nieto*, desembargador do paço e petições em 1526. Para a sua fantasia plástica o nome parecia talvez ser o de um homem sério, velho, alto e magro (II, 380).

Abadessa do mosteiro de Odivelas, D. Violante. — *Cabral*, segundo Br. 229-230; sobrinha de Pedr'Alvares, viúva já em 1497 de Luís da Cunha e que deixou o século, só depois de seu único filho estar estabelecido. Abadessa desde 1516. A rogo dela escreveu o poeta o belo *Auto da Cananea* (I, 355).

Abarbanel. — Vid. Barbanel.

Abel. — O inocente irmão de Cain aparece na *História de Deus* como um dos Prefiguradores do sacrificado Redentor (I, 317-320), cantando o Vilancete *Adorai montanhas O Deus das alturas*, tradução livre de psalmos de aleluia (112, 117, 134, 146 e 148). Não será supérfluo notar que o qualificativo que o poeta apõe a Abel, não é filho *carnal*, mas antes *leal*.

---

[1] É nas Farsas, na Comédia *Rubena*, mas em especial nas Tragicomédias festivas, escritas para D. João III — *Nao d'Amores* — *Fragoa d'amor* — *Romagem de Agravados* — *Côrtes de Júpiter* — e o irregularíssimo *Templo de Apolo*, composto por um febricitante, que há referências a moradores da côrte, dos mais graduados.

[2] Só do primeiro volume existe 2.ª ed., Coimbra, 1921.

[3] *Rev. Lus.*, x, 311-344 e xi, 262-297.

[4] Pôrto, 1919. A abreviatura que emprego, é *Br.*

[5] A tôa, conforme os caprichos da sua retentiva, penso eu, repleta sobretudo dos nomes bíblicos que ouvia durante a liturgia.

[6] As formas portuguesas e castelhanas dos nomes variam naturalmente. Registo em regra a portuguesa, tal como está na edição-príncipe.

ABIRÃO } Formas alteradas de *Datan* e *Abiron* (I, 19), de que
ABITÃO } falei no § 51.

ABRÃÃO. — O patriarca é Figura no *Auto da Sibila Cassandra* (I, 46) e na *História de Deus* (I, 326 e 328). Além disso é nomeado numerosas vezes. Um corregedor da côrte, cristão velho com certeza, e da *linhagem de Eneas*, Latino portanto, diz para lisongear a jovem Judia do Prelúdio do *Auto da Lusitânia* (III, 262) que

> folgara de ser d'Abraão
> o sangue das minhas veias.
> (III, 262).

O rei Telebano, ao abandonar sua filha Grata-Celia na Serra Minea compara-a a Isac, dizendo

> y como hizo Abraan
> hago sacrificio de vos.
> (II, 164).

Na Noite do Natal a *Barca do Purgatório* não avança, por mais esforços que o arrais e o seu companheiro empreguem, porque nesse serão não era paga *a promessa* de Abraão. Entendo a promessa dada a Abraão no Genesis XII, 18 (I, 250).

Na *Farsa de Inês Pereira* os Judeus casamenteiros deitam a bênção aos noivos, pronunciando entre outras fórmulas a de

> *Bento o Deu de Abraam!*
> (I, 145).

Na *História de Deus* (I, 363), o Satanás declara que nem Abraão, nem Elias, nem Moisem, foi da santidade e do poderio de Jesus Cristo.

ABRANTES. — Nessa vila prègou Gil Vicente um *Sermão* para festejar o nascimento do Infante D. Luís (3 de Março de 1506) numa sala dos paços, na presença de D. Manuel. Sermão que já fizera à Raínha D. Leonor, sôbre um tema profano que o acaso lhe proporcionara. Vestido provàvelmente de clérigo secular (III, 340).

Sacerdotes de Abrantes que gostassem do suco de uvas, convidou-os a beberrona de Lisboa a assistirem ao seu entêrro (III, 374).

Na *Farsa dos Almocreves* há um chamado Pero Vaz, que é neto de uma Branca Anes, de Abrantes (III, 218).

ABREU (D. ISABEL D'). — Donzela da Raínha D. Maria, citada na ladaínha festiva do *Velho da Horta* (III, 83). A respeito desta filha de Bartolomeu de Paiva, (o *amo* de D. João III) vejam *Rev. Lus.*, X, 277, e Br., *Gil Vicente*, p. 61 e 229.

ABRIGADA. — Essa localidade (distr. e dioc. de Lisboa, na margem

direita duma ribeira afluente do Tejo) pertence ao número das que Maria Parda nomeia como de boa romaria para os devotos de Baco.

Acaz, el rei. — De Judá: o que entregou o ouro do templo de Jerusalém ao rei da Assíria, Tiglath Pilesar. Não é provável que, com conhecimento de causa, o Poeta chamasse a um dos grandes oficiais da côrte *obstinado em impiedade*. O nome e o título bastava-lhe para caracterizar e lisongear um de aspecto reverendo, *de bela paz* (II, 387).

Achilles, Aquiles. — Figura clássica que com louvores enaltece Portugal na *Exhortação da Guerra* (II, 364-366), no belo discurso dos *Quandos*, inspirado por Gomez Manrique. Além do dístico

Eu Achilles fui creado
nesta terra muitos dias

há outro que diz que Aquiles foi *de perto desta cidade* de Lisboa. Cfr. Arquiles.

Adaião. — O *adaião* (*daião*, do francês *déan*, de *decanu*) de que se fala na *Farsa dos Almocreves*, era Diogo Ortiz de Vilhegas, da capela de D. João III (Príncipe); mestre de música dêle e dos demais filhos de D. Manuel (III, 207), Vid. Br., p. 170.

Adam, Adan (cast.).—Prefigurador na *História de Deus* (III, 314-317 e 320-321) em que tanto o *Anjo* (306) como o *Satanás* (307), o *Mundo* (317) e o *Tempo* (320) se referem ao pai Adão — uma vez como loucamente perdido de amores de Eva (II, 307). Frases em que entra o seu nome são: *desde Adão até agora* (I, 30); *todos nós vimos d'Adão* (I, 251); *Adan segundo (y remedio del primero)*, aplicada a Jesus (I, 20). Nos sonhos febris do poeta, doente quando redigia o *Templo de Apolo*, aparecia-lhe a mãe do género humano, a fazer umas migas para o esposo (II, 371). Cfr. Eva.

Aden. — É no patriótico *Auto da Fama* que a gigantea deusa dos Antigos, transformada em mocinha da Beira [1], fazendo a resenha das empresas portuguesas, desde Guiné até Malaca, menciona a êsse pôrto, chave do mar vermelho, que Afonso de Albuquerque destruiu, mas não conquistou, em 1513 (I, 52). Empregando um idiotismo vulgar o Poeta diz *E tornou-se-lhe marreca*. Vid. Br., 80.

Afonso Henriques (Don Alonso Henriques). — Enaltecido no Romance patriótico que as Sereias cantam por ocasião de um dos partos da Raínha D. Caterina (II, 279, no *Triunfo do Inverno*).

Afonso Cardial. — Vid. Cardeal.

Africa. — No *Auto da Fama* cita-se o continente negro como

[1] *Da Beira* falta na edição de 1834 e posteriores!

teatro de glórias de Portugal, especializando-se Almedina, Azamor e Ceuta (III, 58).

Na *Exhortação da Guerra*, escrita para a expedição de Azamor, é Aníbal quem prediz aos reinantes que Deus lhes daria *toda Africa* (II, 366).

Africana. — A Sibila libica (I, 56). Vid. § 46.

Agostinho (Santo). — Figura do formosíssimo *Auto da Alma* (I, 184-213). No *Sermão de Abrantes*, o próprio Gil Vicente cita-o como autor de *De civitate*, mas em lugar de continuar *Dei* põe *etc.* por precisar de rima para *letra* (III, 337). O frade-prègador, cujo Sermão-paródia é prelúdio da *Mofina Mendes*, menciona-o à latina (I, 102), atribuindo-lhe (salvo êrro, arbitràriamente) um tratado *De Angelorum choris*. Vid. § 49 e cfr. Augustinus.

Alandeira. — Vid. Landeira.

Albertus Magnus (I, 101). — Vid. § 49

Albuquerque (Afonso). — Não o herói da Índia (fal. em 1515), mas seu filho, autor dos *Comentários*, legitimado com o nome de Brás, mais conhecido todavia com o de Afonso, que adoptou por morte do pai. É como ricaço — edificador da Casa dos Bicos em Lisboa e da Quinta da Bacalhoa, no Azeitão — que é apontado na *Farsa do Clérigo da Beira* (III, 257)[1] pela endemoninhada Cezília, em que fala Pedranes, dizendo

> Mercúrio é a sua estrêla
> e será bem esquençado[2].

Alcácer do Sal. — Alcazar do Zal na pronúncia andaluza de uma das Ciganas que na *Farsa* a que dão nome, dizendo a *buena-dicha* às damas da côrte, indica essa vila, da diocese de Évora, onde ela se representava, como lugar onde aquela havia de casar (III, 197).

Alcaceva, Alcaçova. — Nesse paço velho da capital recitou Gil Vicente as suas primeiras composições: o *Monólogo do Vaqueiro* (1502); o *Auto Pastoril Castelhano (id.)* e o *Auto dos Reis Magos* (1503). Quanto ao *Auto dos Quatro Tempos* (I, 76) duvido muito — supondo que em vez de Capela de S. Miguel se deva pôr Capela de S. Tomé, nos paços da Ribeira.

Alcamí (chão d'). — Rocio da antiga Lisboa, na freguesia de S. Cristóvão, segundo explicou Luís Calado Nunes na sua edição do *Auto da Índia* (Lisboa, 1905). É a moça da protagonista que diz ter lavado roupa aí ou além (III, p. 37).

---

[1] A oração *Que foi ao Imperador* refere-se ao facto de êle haver acompanhado a Imperatriz na sua ída a Castela.

[2] Será *bene ex cadenciatus*. Terá *bonne chance*. No jôgo.

Alcobaça. — Afamada por causa dos seus panos (III, 205), comquanto *encurtavam* (III, 206). Ignoro a razão porque Maria Parda favorece os do termo no seu Testamento (III, 376).

Alcoentre. — O Frade doido da *Nau de amores* afirma que bem lá iria como Capitão de tão bela embarcação (II, 306).

Alcouchete. — Pertence ao número das localidades do Ribatejo que a beberrona de Lisboa chamava para assistirem ao seu entêrro (III, 374).

Alcoutim. — Cabeça do Condado concedido por D. Manuel aos primogénitos dos Marqueses de Vila Real. Aquele que o usufruía em 1521 — 2.º Conde, D. Pedro de Meneses — só figura no *Romance à Morte de D. Manuel* (III, 354) e no da *Aclamação de D. João* (III, 369). São óptimos os conselhos que o Poeta lhe atribui. Br., p. 139.

E figura também no humorístico Sermãozito sôbre o tema popular que *Deus é portugués* (por se chamar *Manuel* e ter nascido em *Belém*), pronunciado pelo *Vilão* do *Templo de Apolo*, como pátria de S. Paulo (II, 39 e *Festa*, v. 375). No *Triunfo do Inverno* um dos Marinheiros dirige ao ignorante Piloto a irónica pregunta: *¿Sois piloto d'Alcouchete, Pera o rio das inguias?* (II, 469).

Aldea Galega. — Essa vila, juntamente com a Landeira, Lavra, Coruche, Almeirim, são as terras com cuja posse Satanás tenta o Salvador na *História de Deus* (I, 340). Nela foi preso o boticário e trovador Felipe Guillen que fingira de matemático (III, 377). Br., 207.

Alegrete. — Essa fértil povoação alentejana é citada na *Comédia da Divisa de Coimbra* (em que se parodiam Arqueólogos e Etimólogos) como fundada por uma das damas de Colimena, chamada *Perigeria*, bisdona de todos os Pereiras (I, 143).

No *Templo de Apolo* é lugar do nascimento de S. Francisco (II, 394), o qual, no *Auto da Festa* fôra S. Brás (v. 375). Brincadeiras do fantasioso invencioneiro, bem se vê.

Além. — O simples advérbio (I, 151) serve, reforçado, nas fórmulas *partes de além*, e *lugares de além* (II, 414, III, 151) para designar as praças do Norte da África possuídas pelos Portugueses. Em Gil Vicente sobretudo Arzila, q. v. Abreviatura de *além mar*. Derivada do título dos dinastas do país, de D. Afonso V em diante: *rei de Portugal e dos Algarves daquem e dalem-mar*. Todavia *além-mar* e *ultramar* empregava-se muito no primeiro período da literatura, nos *Cancioneiros*, com função diversa, a designar o Oriente, sobretudo a Palestina.

Alemanha. — Citada a miúde, com outros países, sem particularização, só para indicar o estrangeiro (II, 206; III, 355, 358, 382) ou

o Império (II, 392). Com especialização por exemplo onde o almocreve Pero Vaz, censurando costumes do país, como a vinda de Ratinhos à capital, afirma que lá fora em Frandes e Alemanha vivem *per siso e manha* (III, 220). Ou onde Maria Parda quer no seu entêrro sacerdotes daqueles dois países, por cantarem bem a missa (III, 374). Dos *arenques d'Alemanha* fala-se II, 406.

Alemão. — A Velha namorada da *Romagem de Agravados*, diz do rapaz com quem deseja casar, que é *direito como um Alemão* (II, 464).

Alencastre [1]. — O Frade doido da *Nau de Amores* mete numa burlesca lista de nomes-próprios e comuns, que por principiarem com al passam por *árabes*, um fingido Bispo d'Alencastre (II, 313).

Alentejo. — São as *mantas* da região que o poeta menciona (III, 177 e 275), e em outro sítio as febres (II, 488).

Alexandre. — De *Hales*, corrumpido em de *aliis* (I, 101). Vid. § 46.

Alexandre. — O *Magno*, da *Grécia*. No *Romance da Aclamação de D. João III* são os Vereadores da capital que o Poeta faz comparar o Português ao Macedónio (III, 363).

Na *Frágua de Amor* aparece um Romeiro que, indo assistir ao casamento do mesmo rei, o chama *Alejandre segundo* (II, 326).

E já anteriormente, nas *Côrtes de Júpiter* (II, 405) sendo Príncipe, fôra como tal, no cortejo dos peixes, em quatro rocins-marinhos, num andor de ouro.

Alexandria. — O esplêndido pôrto do Egito conservou a sua fama de rico, em compita com Veneza. Invocada como testemunha dos feitos portugueses pela Fama (III, 58), é comparada quanto ao valor fabuloso com o colar que D. João III levava no acto da Aclamação (III, 357), e com os tesouros que a Infanta D. Beatriz levava à sua nova pátria (II, 417).

Alfaiates. — Faz parte da lista de nomes-próprios que principiam com *al* (II, 313) misturados embora com nomes comuns como *alfaqueque, alfaqui, alfareme, almoface, almofada, almofariz, almofreixe, alfazema* (e erradamente *alçaprema*).

Alfama. — A êsse famigerado bairro de Lisboa aludem populares como o negro da *Frágua de Amor* (II, 333); Maria Parda no seu *Pranto* (III, 366); uma lavradeira, e o diabito *Legião* na *Comédia de Rubena* (II, 25).

Alfarrobeira. — Faz parte da lista de nomes de lugar citados pelo *Frade doido* na Tragi-comédia da *Nau de Amores* (II, 313).

---

[1] Na ed. de 1834 *Alencrastro*. Na edição-príncipe *dalem Crasto*.

Algarve. — A província do Sul é mencionada na rubrica das Trovas a Felipe Guillen, por ser lá que o astrólogo matemático Simão Fernandes desmascarou o Castelhano (III, 377). A Moura encantada das *Côrtes de Júpiter*, que traz prendas à Infante, coloca lá as suas filhas e netas (II, 419).

Alhandra. — Uma das vilas do Ribatejo que o Vilão, que entra no *Templo de Apolo*, se gaba de conhecer bem (II, 390, e *Auto da Festa*, v. 348).

Alhende (cast. *allende*) (III, 8). — Além. Br., 119.

Alho (Martim). — Taberneiro de Lisboa do tempo de Maria Parda (III, 371).

Alhos Vedros. — Os sacerdotes dessa vila, com os de Abrantes, Punhete, Arruda, Alcouchete, e Barreiro, são convidados ao entêrro de Maria Parda, sendo de tão bom alento como ela fôra (III, 374).

Alifante. — A respeito do elefante que Tristão da Cunha levou a Roma, como presente de D. Manuel a Leão X no ano de 1514, fala o diabo Zebron na partida do Duque de Bragança para Azamor (II, 356 e 357).

Almada. — O *Auto da Índia* foi representado à Rainha D. Leonor em 1509 nessa vila, de que ela era dona desde o falecimento de sua mãe, a Infanta D. Beatriz (III, 24). E lá se instaurou também o alacre Processo de Vasco Abul (*Canc. Gen.*, f. 210°) em que o Poeta deu um Parecer. Br., p. 42. Como terra «de boa pinga» é mencionada no *Pranto* de Maria Parda (III, 374). E o Clérigo nigromante que evoca entidades pagãs e diabos brincalhões na festividade chamada *Exhortação da Guerra*, cita Almada igualmente entre os lugares que mereciam a honra de o ter por sacerdote (II, 356).

Almedina. — Apregoando em 1515 as glórias de Portugal, a Fama não se esquece da acção de Almedina, a atrevida, juntamente com as de Azamor e Ceita (!), sem ordem cronológica (III, 58). Vid. Goes, III, Cap. 33.

Almeirim. — Nos paços régios do «desejado Almeirim» (construídos, segundo a lenda, nos dias de D. Felipa de Lencastre, que achava a região deliciosamente alegre) foram representados diversos Autos do Mestre: o da *Fé* (I, 69), a *Barca da Glória* (I, 274), a *História de Deus* (I, 305), o *Juiz da Beira* (III, 161), e o *Templo de Apolo* (II, 370). No discurso acima mencionado com respeito a *Alcouchete* e *Alegrete*, *Almeirim* figura como pátria de *São Vicente*, mas sòmente na redacção escrita para o *Auto da Festa* (v. 382). No *Auto Pastoril Português* temos o lavrador Vasco Afonso que no Argumento da peça alude duas vezes à localidade em que lhe haviam falado de Mestre Gil (I, 127 e 129).

ALMIRANTE. — O Conde Almirante do mar da Índia, Vasco da Gama, Almirante desde 1500 e Conde desde 1519, figura no Romance histórico relativo à *Aclamação de D. João III* (III, 302). Enganou-se Braamcamp Freire (p. 125), atribuindo-lhe uma oração depois do entêrro de D. Manuel.

ALMOLINA. — Escrito com maiúscula na edição de 1834, e posteriores, mas com minúscula na edição-príncipe (o que na grafia antiga, irregularíssima, de resto, nada significa). Ocorre nas rimas de um jôgo infantil, recitadas pela feiticeira do *Auto das Fadas* (III, 107) para indicar, salvo êrro, em quão pouca conta tinha o engano praticado pelo diabo mensageiro que lhe trouxera *Frades*, em vez de *Fadas*. Que o jôgo fôsse o da cabra-cega (T. Braga, *Era Nova*, p. 356) parece-me pouco provável. Julgo era jôgo de dois, e não de muitos (Pregunta e resposta). No *Auto Pastoril Português*, a criança Joane diz a Caterineta: *¿e tu agora à derradeira jogas comego almolina?* (I, 133). Quanto a êsse *almolina* julgo ser transformação popular do castelhano *del molino*, pseudo-nome do lugar de onde vinha a *farinha*.

ALPEDRIZ. — Vila da Estremadura, cujo nome figura na lista árabe do Frade Doido (II, 313). Cfr. *Alencastre*, *Alfaiates*, *Alfarrobeira*.

ALPES. — No sentido generalizado de serras altas (I, 89).

ALPIARÇA. — Igualmente vila da Estremadura, pouco distante de Almeirim e da Chamusca, metida na lista supracitada (II, 313).

ALQUEBIR. — Por Guadalquebir, o rio nomeado no lindo cantar castelhano *Si dormis, doncella*, cantado por Aires Rosado, o escudeiro da Farsa *Quem tem farelos* (III, 13). Traduzido para inglês por Aubrey Bell, *Lyrics of Gil Vicente* (Oxford, 1921, 2.ª ed.) e para alemão por Geibel e por Storck (e musicado por Schumann).

ALQUEIDÃO. — Lugar estremenho onde a pastora Ilária (da *Romagem de Agravados*) andava com o seu gado (II, 527).

ALTEMIRA. — Em Portugal não há, que eu saiba, lugares dêsse nome. Há *Altamiras* diversas em Espanha. Ignoro todavia qual delas deu origem à locução: *ir prègar a Altamira*, no sentido de bater a outra porta (II, 163).

ALVARES (ANTONEALUARES). — Nome de um capelão del rei, prebendado na Beira (III, 231).

ALVARES (FERNAND'). — O de Andrada, o rico tesoureiro-mór de D. João III, a quem ninguém apanhava um alvará falso (II, 511); geralmente estimado pela prontidão com que obsequiava os requerentes, dando-lhes saúde e sossêgo (III, 384) como ao próprio poeta num conflito com almocreves castelhanos. O *Negro* que figura no *Clérigo da Beira* estropia-lhe o nome, dizendo Fernão de Álvaro

(III, 247) — na edição-príncipe mais correctamente *Fernandalvares*.

Alvito. — Nesse castelo do Vèdor da Fazenda, o Barão de Alvito D. Rodrigo (Rui) Lobo, cujos hóspedes os reis eram, nasceu em 1537 o príncipe D. Manuel. Em sinal de regozijo houve apenas *bailos*, por motivos óbvios — ao passo que em Bruxelas se representou, em casa do embaixador D. Pedro Mascarenhas, um *Auto* de Gil Vicente, nem se sabe se inédito, ou já impresso (como suponho). É o *Jubileu de amores*, perdido por ter sido condenado e destruído por ordem superior, por nele se tratar de coisas de Igreja, com demasiada liberdade e petulância. Vid. C. M. de V., *Nota Vicentina I.*

Por causa da peste que continuava a grassar na capital, houve representação festiva só no verão de 1532

porque não pode em Alvito
(III, 274).

A da *Farsa da Lusitânia*. O *Barão* é invocado, e tratado de *serafim do Deus Cupido*, afim de consolar o pobre Velho da Horta, atormentado com amores serôdios (III, 81). Vid. Br., 214. Na *Farsa das Ciganas* uma delas promete a qualquer das Damas um próspero casamento em Alvito (III, 196).

Amador (Santo). — Vid. Silva (Gonçalo da).

Amadis de Gaula. — Figura principal da Tragi-comédia do mesmo nome, representada em Évora, em 1533.

Ambrósio (Santo). — Um dos quatro Doutores da Igreja que figuram no mais suave dos Autos de devoção: o da *Alma*, com poucas palavras embora (I, 208). Arcebispo de Milão, infatigável escritor, e que muito cuidou do canto litúrgico (fal. 397). *Episc. Conf. et Eccl. Doct.*, festejado a 7 de Dezembro.

Amo (o). — Título de Bartolomeu de Paiva, cuja esposa fôra ama de D. João III. Dêle se ocupou Br., p. 154 e seg. (II, 384).

Amon. — Dos três personagens bíblicos dêsse nome (o filho de Loth, o de David, cuja paixão criminosa por Tamar, sua irmã, inspirou mais de um poeta, e o rei de Judá), é provàvelmente êsse último que o poeta tinha na mente ao comparar-lhe ou associar-lhe um dos cortesãos presentes à representação do *Templo de Apolo*, talvez pelo seu exterior magestoso

porque era de su facion.
(II, 382).

A respeito dêsse D. João Pereira, veja-se Br., p. 154.

Amor (o). — Figura da *Nau de Amores* e da *Frágua de Amor*, como já expliquei no § 47. Cfr. Cupido.

Amos. — O terceiro dos profetas pequenos, citado por Samuel na *História de Deus* (I, 350).

Anas. — É ùnicamente a frase evangélica popularizada *andar de Anas a Caifas* que o Poeta emprega, a respeito do sogro do Sacerdote-mór, atribuindo-a ao Porteiro do *Juiz da Beira* (III, 106).

Andaluzia. — De lá são os afamados *Naipes* que o Diabo vende na *Feira do Natal:*

> naipes com que os sacerdotes
> arreneguem cada dia
> e joguem té os pelotes.
> (III, 160).

Brincando e parodiando, afirma o Ermitão da *Divisa de Coimbra* que anteriormente êle fôra rei de Córdova e Andaluzia, de nome Ceridon (II, 117).

Anfião. — O músico e poeta da mitologia helénica, que com a magia da sua lira fez que as pedras de Tebas se colocassem por si mesmas no seu lugar (II, 186). Mas êsse nome entrou no *Dom Duardos* só na edição castigada de 1586 (Br., p. 317: *Amplion!*). Na impressão-príncipe lia-se

> *Por vos cantó Salamon*
> *el cantar de los cantares*
> *namorados.*

Angriote d'Estravaus. — Figura do *Amadis de Montalvo*, mencionada na Tragi-comédia (II, 258). Claro que *d'Estravaus* é o francês: *des travaux.*

Anibal. — O grande Cartaginês era um dos heróis predilectos do poeta. Figura na *Exhortação da Guerra* (II, 366). No *Romance à Aclamação de D. João III* é dado como modêlo ao rei, juntamente com *Alexandre* (III, 363); na *Frágua de Amor* ouvimos que foi êle quem fez *famoso caballero* ao Marquês de Torres Novas q. v. (II, 346). Na Farsa *Quem tem farelos*, o escudeiro caracteriza seu amo castelhano como fanfarrão que, incapaz de matar alguém (ou alguma coisa), fala sempre de Aníbales e Scipiones e de Roncesvales (III, 8).

Anjo Custódio. — *O da espada*, no *Auto da Alma* (I, 203). Era costume, segundo me informa o Dr. Vasconcelos, representar o Anjo Custódio do reino, embraçando na esquerda um escudo, geralmente com as armas portuguesas, e na direita uma espada erguida, como que pronto a defender dos inimigos a nação cuja tutela lhe fôra confiada.

Anrique (D.) — O Infante e futuro Inquisidor-mór (n. em 1512)

era rapaz quando Gil Vicente representava as *Côrtes de Júpiter* em 1521. De nove anos. Mas ia no cortejo dos peixes, em cama de arminhos, brincando com dois anjinhos (II, 107). Vid. CARDEAL.

ANRIQUE (D. HENRIQUE DE NORONHA). — Comendador-mór de Santiago, um dos cortesãos, invocados para socorrer o Velho da Horta (III, 80). Br., p. 59.

ANRIQUE (MESTRE). — Físico del-rei D. Manuel. Figura da *Farsa* engraçada *dos Físicos* (II, 407). Vid. Br., p. 66.

ANRIQUES (D. MARIA). — É uma das donzelas da côrte, invocadas pela intermediária do *Velho da Horta*, para assistirem ao desmaiado Mancias (III, 81). Quem ela era, e o facto de *Garcia de Resende* haver inventado, com dois anos de antecedência, uma ladainha de namoradas (*Canc. Ger.*, f. 216), foi apontado por Br., p. 60 e na *Rev. Lus.*, x, p. 277. Não nos diz todavia se, como penso, ela é a *Anriques tal*, por causa da qual Gonçalo da Silva e *el Catalaud* emagreciam e andavam em contínua guerra (III, 105 e 106), conforme se diz no Sermão sôbre o tema *Omnia vincit amor*.

ANSELMUS (I, 101). — Vid. § 49.

ANTENHÃO. — *Sic*, por ANTEÃO, forma nacionalizada de ANTEU (Antaios), o gigante que, em contacto com a terra, recuperava sempre de novo as fôrças perdidas, e por isso foi matado por sufocação por Hércules, que o erguera do chão, e segurava com os seus braços. Satanás, vencido por Cristo-Hércules, é comparado no *Auto da Cananea* com êsse Anteu (I, 361).

ANTICRISTO. — *Oh pesar do Anticristo*, imprecação do *Velho da Horta* (III, 69).

ANTÃO (SANTO). — Invocado pelo pastor Brás no *Auto da Fé* (I, 64) e mencionado como sujeito a tentações no *Triunfo do Inverno* (II, 455).

ANTÓNIO (SANTO) — A ama, cujo marido embarcara para a Índia, invoca o Santo para que nunca lh'o torne a deparar (III, 26)!

ANVERS. — No *Auto da Feira* o pôrto de Antuérpia, onde florescia a feitoria portuguesa, é citado juntamente com o empório de *Medina*, pelo Tempo que, em nome de Mercúrio, abre aquela Feira do Natal (I, 156). Vid. ENVES.

APELES (II, 267). Vid. § 47.

APOLO. — Figura principal na Tragicomédia do Templo de seu nome (II, 371) e também na *Floresta de Enganos* (II, 136), conforme registei mais acima. Mencionado, além disso, a miúde p. ex. I, 89, II, 45, 93, 142, 208, 330, 370, 373.

AQUILES. — Vid. ACHILLES, ARCHILES e ARQUILES.

ARÁBIA. — Da península santa é naturalmente o cavaleiro que,

vindo em companhia dos Reis Magos, procura Belém (I, 32), em harmonia com o Ps. 71, v. 10 e 11

Reges Tharsis et insulae munera offerent;
reges Arabum et Saba dona adducent.

A *Fama* menciona-a juntamente com a *Pérsia* como terra onde há comércio português (III, 51).

ARAVIA. — Algaravia, geringonça (II, 122'; III, 99 e 221).

ARÁBIO. — Arábe (I, 32).

ARAGÃO. — Castela, Navarra e Aragão são felicitados, na partida da Imperatriz D. Isabel, por terem Raínha tão bela (II, 393).

ARÃO, ARAM. — *Direita vara de Arão* é uma das fórmulas encomiásticas com que se enaltece a Virgem nos *Mistérios da Virgem* (I, 106). Não provém todavia do Cântico de Salomão. — Na *Carta de Santarém* o poeta mete entre os acontecimentos que procedem da Natureza, e não por milagre, o *sovertimento dos que haviam murmurado de Moisés e Aram* (III, 386). Vid. ABITÃO ABIRÃO.

ARBINDIETA. — O Correio da Côrte del Rei Lisuarte (II, 256). Ignoro se o nome é invenção de Gil Vicente.

ARCALAUS. — O encantador do *Livro de Amadis*, mencionado no relato do Correio (II, 259).

ARCEBISPO. — Um, típico, figura na *Barca da Glória* (I, 293). O de Lisboa acompanhou a Infanta D. Beatriz na sua ida a Sabóia. (II, 409 e 417).

ARCHILES. — Na ed. de 1562, no discurso de Pantasileia (II, 364).

ARCTURO. — Pertence ao grupo de estrêlas de primeira grandeza que Júpiter chama no *Auto dos Quatro Tempos* afim de adorarem o menino Jesus (I, 93).

ARELHANO. — João Ramirez de Ar., fidalgo castelhano, poeta do *Cancioneiro Geral*, entrara nas *Justas de Évora*, de 1490 (*Canc. Ger.*, f. 173). Não era portanto novo quando Mestre Gil o enfileirava naquela companhia dos penados, que a intermediária Branca Gil chamou, na sua Ladaínha, para que acudissem ao Velho da Horta desmaiado (III, 79). Vid. Br., p. 59 [1].

ARIES. — Traduzido também para *Carneiro*, é mencionado como Signo do Zodíaco por Mercúrio no *Auto da Feira* (I, 153).

---

[1] É dêle a quadra (bilingüe ?)

Se quereis em Portugal
que vos vaya bien d'amores,
servi a quem quiserdes mal,
e vereis venir favores !
(f. 149 c).

ARISTÓTELES (I, 101). — Vid. § 49.

ARMÉNIA. — Na *Divisa de Coimbra* figura Mondrigon, salvage da Arménia, cujos montes altíssimos — o *Caucaso* — eram povoados de gigantes (II, 107 e 129). O próprio AMADIS lembra-se dêles (II, 264).

ARQUILES. — Forma castelhana de Aquiles, muito usada pelos poetas do século XV (III, 338).

ARRAIOLOS. — No discurso burlesco sôbre o tema *Deus é Português*, a Virgem nasceu em *Arraiolos* (II, 391).

ARRIFANA. — Sossideria, bisdona dos Sousas, na paródia que se intitula *Comédia da Divisa de Coimbra*, edificou a vila de *Arrifana* (II, 134). E como todos sabem, há realmente no Douro uma localidade *Arrifana de Sousa*.

ARRUDA. — A Velha que quer casar, figura cómica do *Clérigo da Beira*, gaba-se de ter bafo *como a algalia d'Arruda!* (III, 253). — Uma das vilas dos arredores de Lisboa, afamada pelos seus vinhos, e cujos sacerdotes são convidados ao entêrro de Maria Parda (III, 374). Por causa dos bons vinhos é citada também, juntamente com Caparica, pelo diabinho Zebron, na *Exhortação da Guerra* (II, 355). Uma Lianor Mendes, de lá, testamenteira de Maria Parda, havia vendido, por beber, até a peneira (III, 373).

ARROUCHELA. — A *boscagem* d'A., uma das quatro aldeias dêsse nome, que há em Portugal, provàvelmente a da Estremadura, é transferida pelo poeta à ilha de Creta (II, 30).

ARZILA. — Dos diversos rebates que houve por causa dessa praça, no primeiro decénio do século, há écos na obra de Gil Vicente. P. ex. na Farsa de *Quem tem farelos* (I, 8), e na de *Inês Pereira* (I, 151). No *Diálogo sôbre a Ressureição* é da tomada que o velho Rabiaroz se lembra (I, 351). Vid. Br., 120.

ATAÍDE (D. MARIA). — Donzela da Raínha D. Maria, nomeada na ladaínha do *Velho da Horta* (III, 83).

ATAÚDE (GUIOMAR DE). — Donzela da côrte, mencionada como *a do Marichal* no *Auto das Fadas* (III, 95). Vid. MARICHAL.

ATOUGUIA. — À *Santa Orada* dessa vila hão-de fazer romaria os herdeiros de Maria Parda (III, 375). Como a pele das lagostas de lá, é a da Velha namorada, que já tive de mencionar s. v. *Arruda* (III, 253).

AUGUSTINUS (I, 102). — Vid. AGOSTINHO.

ÁUSTRIA. — O irmão de Carlos V, D. Fernando de Boémia, e da Ungria, é mencionado no Argumento da *Comédia da Divisa de Coimbra* (II, 106).

AURÉLIO. — Vid. MARCI AURELI no § 49.

Aveiro. — O Frade-doido da *Nau de Amores* afirma ser de lá (II, 305). No *Triunfo do Inverno* cita-se uma Cantiga de terreiro, tão triste que o Autor afirma ser obra de um Judeu que a fez pela morte do avô (II, 448)! E a Velha namorada, que descalça vai pela serra, fá-lo por amor de um mancebo solteiro, *filho do Priol de Aveiro* (II, 463). Na *Farsa dos Almocreves*, um dêles suspira por uma padeira de Aveiro (III, 215). No discurso sôbre o tema *Deus é português* diz-se no *Auto da Festa*, v. 384, que *São João nasceu em Aveiro*, na quintilha de que falei no artiguito relativo a *Almeirim*.

Avis. — O Comendador-mór da Ordem de Aviz, D. Pedro da Silva, segundo Braamcamp, p. 59, santo mui inflamado no amor, figura na ladainha de Branca Gil (III, 80). Várias vilas, de nomes árabes, são catalogadas pelo frade doido como terras do mestrado (II, 313).

Ayola. — Pronúncia errada por Ayora, e não por Ayala, como alguém supôs.

O Gonçalo de A., apodado por Mestre Gil nas *Trovas ao Conde do Vimioso* (III, 381), fôra em Espanha Cronista e Capitão dos Reis Católicos. Condenado à morte por haver entrado na revolução das Comunidades, fugiu para Portugal. De muito talento mas «Comunero liviano y un gran bellaco» segundo o Imperador. Vid. Br., p. 517.

Azamor. — Foi na ocasião da partida de D. Jaime de Bragança (1513) para a conquista dessa praça africana, que Gil Vicente escreveu a *Exhortação da Guerra* (II, 349). A *Fama* cita-a como um dos trofeus que Portugal podia ostentar (III, 58). Vid. Goes, Cap. 40 e seg. Na Biblioteca de Colon (N.º 2610) havia um exemplar do folheto *Victoria contra li mori e la presa de Azamor*, comprado em Roma em 1515.

Babilonia (III, 58). — Falando das partes do Oriente, onde Portugal combateu e venceu, a *Fama* menciona a capital da Chaldea — no Euphrates — pertencente à Turquia. Na *Tragicomédia* de D. Duardos, ouvimos que êsse cavaleiro andante matara o Soldan de Babilónia (II, 197).

Baco. — No discurso de Júpiter, que declara que o tempo mentiroso dos deuses pagãos acabou, mencionam-se os *Bacos*, como *não mais* adorados (I, 89), mas não se diz que o lugar dêles fôra preenchido por Noé (q. v.).

Badajoz. — Os judeus casamenteiros da *Farsa de Inês Pereira*, à procura de um noivo *de viola* para a fantasiosa, falaram de balde a um músico discreto, solteiro, assim nomeado. E realmente houve um dêsse nome na côrte — mencionado também por Garcia de Re-

sende na sua *Miscelânea* (estr. 184), e citado oficialmente na Lista dos Moradores de D. João III entre os Músicos da Câmara (Sousa, *Hist. Geneal., Provas*, VI, p. 622).

Balaan, Balan, Ballan. — O profeta *Bileam*, que de Moab foi ao encontro dos Israelitas para os amaldiçoar, montado numa asninha, a qual, milagrosamente dotada do dom da palavra, o levou a abençoá-los, é burlescamente indicado no Auto do *Templo* (II, 385) afim de juntamente com o Amo (q. v.) arranjar dinheiro para guerras contra a *Turquia*. — No Auto dos *Reis Magos* ouvimos que a Estrêla, anunciadora da vinda do Messias, estivera *velada* desde *Balan* — particularidade da lenda, cuja fonte desconheço, assim como a registada nos versos seguintes:

> Es muy reluciente estrella
> y un niño en medio della,
> muy mas que ella
> reluciente en gran manera:
> una cruz en su cimera
> por bandera.
> (I, 32-33).

Provàvelmente tradição antiqüíssima, conservada durante a idade-média.

Baldo. — Baldo de Ubaldis (Pedro), célebre jurisconsulto italiano (1324-1406), discípulo de Bártolo. Tornou-se costume citá-los juntos. Na Alemanha dizemos mesmo em casos difíceis que «nem Baldo nem Bártolo nos pode valer». Na *Floresta dos Enganos* uma Velha diz ao Doutor Justiça maior, que está a peneirar e amassar, vestido de fraldilha e beatilha:

> No Baldo acharieis Doutor,
> essa negra amassadura?
> ou na sagrada escritura?
> (II, 162).

e depois cita Buçodonosor (q. v.).

Bamba. — Wamba, excelente rei dos Godos (672-680), associado burlescamente no *Templo de Apolo* ao Veedor, que havia de despachar os pedidos da *Fama* das mil línguas, e do *Vencimento*, relativos a pagãos desejosos que o Imperador ganhasse vitórias sôbre os Turcos e Jerusalém (II, 382).

Barão de Alvito. — A êle se alude, como a um serafim do Deus Cupido na Farsa do *Velho da Horta* (III, 81). Vid. Alvito.

Barabanel (Dom Isagaha). — O célebre rabino lisbonense (1437-1508) saíra de Portugal em 1483. É pois por mera basófia que no quadro de costumes judaicos que é a Introdução do *Auto da Lusitâ-*

nia, Lediça se gaba de o contar entre os seus amigos (III, 263). Vid. Joaquim de Carvalho, *Leão Hebreu*, p. 6-8.

BARCARENA, BARQUERENA. — Pequenina aldeia, pertencente ora ao concelho de Oeiras, ora ao de Sintra, que Gil Vicente escolheu para documentar a alegria do velho Portugal — com pandeiro em cada casa e gaita em cada palheiro — alegria que acabara em 1520 segundo assevera, no Prelúdio do *Triunfo de Inverno* (II, 447).

BARGANÇA. — Na ed. príncipe, f. 156 em vez de BRAGANÇA.

BARRABÁS. — Santificado pela bôca do *Enforcado* (por furtos) que figura na *Barca do Inferno* (I, 241). Talvez corrupção do BARNABAS que foi lapidado, sendo Bispo de Cipre.

BARREIRO. — A vila do Ribatejo que o Vilão do *Templo de Apolo* (II, 390) e *Auto da Festa*, v. 344, declara conhecer bem, sabendo mesmo que lá nascera S. Pedro (*ib.*, 391 e v. 371)! Claro que não falta entre as localidades cujos sacerdotes, filhos de Noé, foram convidados por Maria Parda (III, 374).

BARTOLOMEU (San) — Implorado pela regateira Maria Gil no Auto da *Barca do Purgatório* (I, 258), e pelo frade parvo e folião da *Nau de Amores* (II, 320).

BÁRTOLO. — O grande professor e jurisconsulto de Bolonha (1313--1357) que compôs o primeiro *Comentário do Direito Romano*. Citado pela mesma *Velha* que alegava Baldo, escarnecendo do Doutor que peneirava em fraldas de padeira (II, 161).

BATALHA. — O belo templo é mencionado só pelo Piloto do *Triunfo do Inverno* que invoca a Santa Virgem padroeira (II, 474).

BEATRIZ. — Não foi à Infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel e de D. Leonor, chamada por cortesia *Rainha velha;* nem é a dama a que Gil Vicente dedicou os seus Autos primeiros. Nem ela foi chamada por cortesia *Rainha velha*. Provei na segunda *Nota Vicentina* que se enganaram quantos o afirmaram. Vid. D. LEONOR.

BEATRIZ. — A uma donzela dêsse nome que acompanhou a Imperatriz a Castela, e lá casou, a-pesar da côrte que em Portugal lhe fizera D. FRANCISCO LOBO (q. v.), aludia com brejeirices o Parvo da *Náu de Amores*, em 1527 (II, 319-20). Braamcamp Freire provou (*Rev. Lus.*, X, 277) que é a mesma *D. Beatriz de Sá* a que o poeta aludira no *Velho da Horta* (III, 82), emquanto ela pertencia à casa da Rainha D. Maria

> *fermosa molher*
> *que laa naceo nũa ylha,*

conforme dissera Garcia de Resende (*C. G.*, f. 215).

BEATRIZ. — A Infanta D. B., a futura Duquesa de Sabóia, estava

presente quando se representou a *Exhortação da Guerra* (II, 359). A sua partida para Sabóia foi festejada com a Tragi-comédia das *Côrtes de Júpiter* (II, 395), à qual Garcia de Resende faz referências elogiosas no seu opúsculo sôbre a *Ida*. Aparece mencionada no *Argumento* da Divisa de Coimbra e, com saüdade, nos *Versos* e no *Romance à morte del rei D. Manuel* (III, 347). Criança, assistira à representação da *Farsa das Fadas* (III, 112).

Beda. — O Venerável (I, 101). Vid. § 49.

Beira. — A província de Portugal que o Poeta melhor conhecia, quanto a dialectos e costumes [1], e onde provàvelmente nasceu, (como eu conjecturei em 1893, na *Lit. Port.*, p. 281, muito antes de Leite de Vasconcelos) [2]. Ela figura nos títulos de duas Farsas: o *Juiz da Beira* (III, 160) e o *Clérigo da Beira* (III, 228), e indirectamente na Tragi-comédia da *Serra da Estrêla* que aparece no palco, vestida de serrana (II, 421). Na Farsa da *Fama*, essa, por ser ainda *de pequena estima*, é figurada por uma mocinha da Beira guardando patas, conforme já deixei dito.

Além disso há referências a pastores e *bailos da Beira* (I, 131); à maneira de lá lerem as *matinas* (III, 230); a capelães del rei lá prebendados (III, 230), etc., etc.

Belém (Bethlem, Bethlehem). — *O de Judá* (I, 20) ou seja de David, e Jesus-Cristo, é nomeado no *Auto dos Reis Magos* (I, 31), no *Auto da Feira* (I, 156), e aí mesmo no lindo cantar paralelístico (ou cossante) cantado por dois coros, em folia:

> Em Belem, vila do amor,
> da rosa nasceu a flor.
> (I, 183)

Além disso no *Auto da Alma* (I, 208); e na *História de Deus* (I, 327 e 337).

Belém. — O de Lisboa é mencionado no *Romance sôbre a morte de D. Manuel* (III, 350) e nas *Côrtes de Júpiter* (II, 404).

Belial. — Originàriamente ídolo dos Fenícios, citado no Deuteronómio (XIII, 13) e Samuel (II, 212) passou a designar um demónio ou génio do mal. Na *História de Deus* é Meirinho da Côrte de Lucifer, em imitação de Mistérios franceses onde fôra *Procureur des Enfers*, de carácter violento e ambicioso (I, 305-342). O Clérigo nigromante e ambicioso da *Exhortação da Guerra* pregunta pela

---

[1] Quanto a localidades, são os arredores de Lisboa e o Ribatejo que melhor conhecia, como é natural.

[2] Na fórmula *esta nossa província* no *Argumento* do *Auto da Fama*, o poeta fala todavia — creio eu — no nome de Portugal, e não no seu próprio.

saúde de Belial aos diabos Zebron e Danor, depois de haver conjurado *Satanás* e *Lucifer* e *Belzebu* (II, 354).

Beltenebrós. — Nome que Amadis adopta quando se retira à Ermida de Penha Pobre, profundamente ferido pelos ciumes e a ingratidão de Oriana (II, 282 e 283). Parte II, Cap. V do texto de Montalvo, e XIII do de Afonso Lopes Vieira.

Belzabateni. — Vocábulo empregado pela Feiticeira que é Figura da primeira scena da Comédia *Rubena* (II, 29). Artificialmente construído, como o *zeb zeberet*, etc. (I, 353 e 254). ¿Mas de que elementos? *Zabateni* lembrou-me sempre o grito de angústia de Jesus Cristo na cruz: Eli Eli, lama Sabachtaní (= Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?) (Matth. XXVII, 46). O Dr. Vasconcelos, que procura *Beel* (de Beelzebut) na primeira sílaba, pensa no *Anathema-Maranatha de S. Paulo* (*Corint.*, I, 16-22), tomado como fórmula de maldição.

Belzebu. — Forma mais próxima de *Beelzebub*, empregada pelo poeta apenas na *História de Deus* (I, 305, 329 e 337) e no *Auto da Cananea* (I, 371, 377 e seg.). De *Baalzebub, o deus mosca* ou *das môscas*, originàriamente divindade *cananea*, e por isso odiada pelos Israelitas (4 Reg. 1, 2 e 3). Transformado em *Baalzebul* (o senhor da habitação) ficou sendo o príncipe da habitação infernal (Matth., X, 25; XII, 24 e 27; Marc. III, 22; Lucas XI, 18). Cfr. Berzebu.

Beneficiado. — O beneficiado com filhos, citado no *Clérigo da Beira* (III, 229) seria, na opinião de Braamcamp Freire (p. 174) o pai de Sá de Miranda, assim invectivado como ruim. Persuadida embora de que entre o estoico de um só parecer, dum só rosto, uma só fé e o comediógrafo prazenteiro, mofador, cortesão havia antipatia e mesmo repulsão, deixo êsse problema em aberto.

Beni Benim. — A *Feiticeira*, que no *Auto das Fadas* entra com mêdo no paço, diz que se D. Francisco (o Conde do Vimioso) lhe pedir que lhe enfeitice a Benim (em rima com *ruim*, emendado em 1834 de *Beneni*, como está na edição-príncipe) ela não poderá resistir ao seu desejo. Temos ainda um negro de *Beni*, muito boçal, na *Náu de Amores* (II, 311 e 312) e diversos no *Cancioneiro de Resende*. Concluo que a *Benim* do Conde era também uma pretinha. E nenhuma dama.

Beocio. — Vid. Boecio.

Berberia. — Na *Farsa da Lusitânia*, paródia arqueológica como a de *Coimbra*, o poeta, ensinado na Cova da Sibila, menciona que *Lusitânia* era filha do *Sol* e de *Lisibea*, a qual pela sua vez descendia de um príncipe marinho e uma raínha da *Berberia* (II, 276).

Berlengas. — Na *Romagem dos Agravados* certo Cerro Ventoso,

personagem que não sei classificar, diz que é Conde das Berlengas, graça, certamente de duplo sentido, o qual não percebo (II, 517).

Bernardus (S.) — (I, 102). Vid. § 49.

Berzabé. — Bailando com David é que Gil Vicente em sonho febril a viu, como conta no Prelúdio do *Templo de Apolo* (II, 371).

Berzebu. — Invocado pelo *Diabo* da Barca (I, 215) e pelo escudeiro Lemos no *Auto da Índia* (I, 36), é conjurado pelo *Clérigo* da *Exhortação à Guerra* (II, 354)

pola ceguidade hebraica
e ppla malicia judaica.

E figura na *História de Deus* (I, 329-337), sem atribuições definidas, talvez como porteiro do reino de Lucifer.

Bilbao. — O Moço ladino do Clérigo apaixonado da *Farsa dos Físicos* caracteriza o palavriado dos três doutores na frase *Está a doença em Bilbao* (nas províncias vascongadas), *Vós is (pera) Entre-Douro e Minho* (III, 319).

Biscaia. — O capelão de um fidalgo de muito pouca renda e muito estado, entoa a paródia de um romance, cujos últimos versos dizem que *A carne está em Bretanha, E as couves em Biscaia.* Muito ao longe. Inacessível ao rafanófago aparatoso. (*Farsa dos Almocreves*, III, 203).

Biscaínha. — Uma das taberneiras de Lisboa a que Maria Parda debalde pede canada e meia (III, 368).

Bispo. — Genèricamente há um no *Auto da Barca da Glória* — O de Évora, que faz oração a N. S. depois do entêrro de D. Manuel (III, 353) e dá conselhos a D. João III no seu levantamento ao trono (*ib.*, 359), era D. Afonso de Portugal, filho ilegítimo do Marquês de Valença, o primogénito do 1.º Duque de Bragança. Pai do Conde do Vimioso.

O do Funchal, D. Diogo Pinheiro (desde 1514), é mencionado na *Rubena*, como destinatário de um penteador, de rico franzido, feito por lavrandeiras que visitam Cismeninha (I, 46). E a D. João III dá óptimos conselhos (contra as aderências) depois da sua Aclamação (III, 363).

O de Lamego, D. Fernando de Vasconcelos e Meneses, irmão do Vedor da fazenda (D. João de V. e M.), era Capelão-mór da rainha D. Caterina, e a êle recorreu Gil Vicente quando em 1527 os almocreves castelhanos lhe extorquiram demasias na tornada de Coimbra a Santarém (III, 383-384).

Boecio (I, 101). — Vid. § 49.

Bonaventura (I, 100). — Vid. § 49.

Boraten. — ¿Onde estará esta localidade, cuja água (abundante ou escassa? ¿turva ou límpida?) era proverbial? Provàvelmente dentro da capital. A taberneira Branca Leda, ao recomendar a Maria Parda que mate a sêde com água, diz: *Muita agua ha em Boratem E no poço do tinhoso* (III, 370).

Boreas. — O vento-norte é mencionado apenas no discurso de Júpiter (I, 88), que manda a Fama atravessar o mundo com a velocidade dêle. Em rima com *Eneas*.

Bozrá (em rima com *hablará* e *calida(d)*. — Parece-me bom exemplo da soberana liberdade com que o poeta tratava os bens que onde quer achara. A figura alegórica (do *Templo de Apolo*), a que deu o nome de *Tempo Glorioso*, reza a Deus, pedindo detenha a roda que anda e desanda, de sorte que dure mil anos o gôzo que há em Espanha e Portugal por causa do enlace do Imperador com a formosa D. Isabel. E implora ainda bom despachador.

E Apolo responde-lhe, em nome de Deus,

> Al Secretario hablarás,
> y el mismo me hablará!
> Y con el venga Bozraa
> porque delante y detrás
> era de su calida(d).
> (II, 387),

Soubesse eu que António Carneiro era corcunda, e não me custaria a conjecturar que o nome topográfico Bosra (galaadita, segundo Macchab. V, 26 e 36) foi empregado como nome de pessoa pelo fantasioso comediógrafo. Com certeza êle o conhecia da profecia messiânica de Isaías (63, 1) lida como epístola na Missa de quarta-feira de trevas: *Quis est iste qui venit de Edom tinctis vestibus de Bosra*.

Braga. — É ao discutidíssimo *Breviário de Braga* (a respeito do qual li o que há de mais moderno, sem chegar à clareza que me satisfizesse) que com relação a *absolvições*, alude o poeta — na figura hilariante de Leonor Vaz (III, 125). Parece que outra Figura menciona a velha cidade, e um concelho que fica além de Braga (o de *Cornaga* q. v.). É aquele *Vilão* que à fôrça quer entrar como romeiro no *Templo de Apolo* (II, 389), mas reparando em que é de castelhanos, não adora *(porque Deus é Portugués)*. Na redacção primeira do discurso dêle (no *Auto da Festa*) está todavia Bragança, em vez de Braga (v. 302). E seja essa ou aquela cidade, o Vilão, conhecedor de todas as vilas do Ribatejo, só brincando podia referir-se a uma ou outra, como muito distante.

Bragança. — Quanto à cidade, vid. Braga. A Duquesa de Bra-

gança, que em 1502 assistiu na Alcaçova à recitação do *Monólogo do Vaqueiro* (I, 1), era a viúva de D. Fernando II: D. Isabel, irmã de D. Leonor e D. Manuel.

O 4.º Duque, filho dela, a quem D. Manuel restituiu a casa confiscada por D. João II ao 3.º (D. Fernando II), é o D. Jaime (Gemes = James à inglesa) que em 1513 ia à testa da Expedição de Azamor. A Comédia festiva da *Exhortação da Guerra* foi escrita e representada em honra dêle (II, 340). Mas por tôdas as Figuras serem Diabos ou pagãos (com excepção de um Clérigo nigromante) que evoca uns e outros, foi proïbida em 1586 e 1624. — A primeira *Oração* (dos Grandes de Portugal) depois de enterrado D. Manuel, é a do Duque (III, 351). Assim mesmo são dêle as primeiras palavras que os Senhores de Portugal disseram ao beijar da mão de D. João III (III, 358).

Brasil. — Claro que a *Fama* não esquece as terras de além do Atlântico (I, 51). As outras referências são familiares. Temos um Marinheiro a jurar *ora assim me salve Deus E me livre do Brasil* (I, 256); um Fidalgo pobre que falando a outro do amor, explica que o mundo namorado é outro mundo além do Brasil (III, 225); físicos que tratando de astronomia praticam o Leste e o Oeste e o Brasil (III, 317).

Bretanha. — Como país bastante afastado mas fecundo é citada, a par de Biscaia (q. v.), na paródia ou grosa do romance *Yo me estaba en Coimbra*, pelo capelão do fidalgo pobre (III, 203). Na fábula sôbre a *Divisa de Coimbra* aparece um lavrador nobre e rico que casou com uma filha do Senhor de Bretanha (II, 112).

Brezeanes. — Provàvelmente por Brás Eanes, Guardador das damas. ¿ Como porteiro ? Em todo o caso, de categoria inferior, visto que nem Braamcamp Freire o conhecia (p. 207). Pedreanes que falava na endemoninhada Cecília descreve-o com malícia (III, 258).

Briolanja. — Filha do rei de Sobradisa, que foi restabelecida por Amadis no seu trono; a formosa *niña* que inspirou ciumes a Oriana, e cuja sorte levou um Infante D. Afonso de Portugal a exigir alterações do autor (II, 274). Vid. Montalvo, I, Cap. 40; e Afonso Lopes Vieira, Cap. XI.

Brito (Gaspar de). — Segundo a Feiticeira do *Auto das Fadas*, êle andava apaixonado por Caterina Limão (III, 95). Esse também não é dos moradores da côrte verificados por Br., p. 57.

Buarcos. — Na embrulhada genealógica, exposta por *Rabi Aroz* no *Diálogo da Ressurreição*, há uma Dona Franca Pomba que casou nessa vila de pescadores (I, 351).

Bucodonosor. — Forma abreviada (por aferese) de Nabucodonosor, usada pela Velha escarnecedora do Doutor Justiça maior (II, 162).

E é como autor de sentenças que o cita. Vid. NABUCODONOSOR e o que eu disse de SIDERAQUE no § 50.

BURGOS. — Na antiga capital de Castela a Velha residia o protagonista da *Comédia do Viúvo* (II, 68).

CABO DAS CORRENTES. — O Piloto ignorante do *Triunfo do Inverno*, incerto do sítio que atingira, menciona à tôa diversos pontos do caminho da Índia (II, 469).

CAÇA DOS SEGREDOS. — Por ocasião de um rebate de peste em casa do poeta — em 1518, segundo os melhores cálculos — estava êle a compor, para o Conde do Vimioso, uma farsa com o título indicado (III, 382). Ou não a terminou, ou é das que se perderam.

CAIFÁS. — O sumo sacerdote de Jerusalém, no tempo da Paixão, (III, 165), genro de Anas (q. v.).

CAÏN. — O assassino de ABEL é mencionado na *História de Deus*, ùnicamente para o poeta dizer ao seu público piedoso

e não façais conta aqui de Caïn
(I, 317).

CALATAUD (D. Maria de). — Donzela do paço, filha do porteiro-mór de D. João III, mencionada por Garcia de Resende (1510) no *Canc. Ger.* (f. 216) e por Gil Vicente, que segue e imita o amigo dois anos depois, no *Velho da Horta* (III, 82), exagerando todavia os encómios. A que chama *santa* casou depois com Jorge Henriques.

CALATAUD (João de). — Pai de D. Maria (e filho de outro J. de C. que de Castela viera com a Raínha D. Maria), porteiro-mór de D. João III emquanto príncipe (desde 1517), e depois de rei. Mencionado na *Nau de Amores* (II, 318). Vid. Br., 60 e 165.

CALCAFRADES. — Rua de Lisboa (II, 25).

CALDAS. — Na igreja dessa vila DA RAÍNHA, dedicada a N. S. do Populo, foi representado, em 1504, o minúsculo mas belo *Auto de S. Martinho* (I, 382), a respeito do qual vale a pena ler a página que lhe dedicou o Conde de Sabugosa, *Raínha D. Leonor*, p. 320, e 267, e também as palavras de Aubrey Bell que traduziu a *Oração do Mendigo*.

CALECU. — Na costa gangética da Índia temos hoje a residência dos Vice-reis da Índia: Calcuta à portuguesa. Como eqüivalente de *Índia* ocorre na Farsa dêsse nome (III, 27 e 36).

CALISTRATO. (I, 101). — Vid. § 49.

CAMARÃO. — O *Camerun* que foi colónia da Alemanha. A ilha é apontada pela Fama como estação no caminho da índica navegação (III, 53).

Campolide. — Com outros então subúrbios de Lisboa citado na Primeira Parte da *Rubena* (II, 25).

Campos. — A afamada *Tierra de Campos alla en Castilla* é a localidade onde o poeta faz nascer a sua *Rubena* (II, 5).

Canan, Canaan, Canão (em rima p. ex. com *pasmarão* e *conjunção*). — Aquela parte da Palestina cujos indígenas descendiam, como Egípcios e Fenícios, de Ham — sendo desconsiderados pelos de Sem — como gentios. Ocorre não sòmente no *Auto da Cananea* (I, 372 e 374), mas também na *Farsa de Inês Pereira*, na benção esdrúxula com que os Judeus casamenteiros sancionam o enlace de Inês com o escudeiro Brás da Mata: a par de *Bento o Deu que a Pharao Espantou e espantará* há a fórmula *Benta a terra de Canaam* (III, 145).

Cananea. — O *Evangelho*, que D. Violante Cabral — cujo nome está registado como de *Abadessa* de Oudivelas — indicou a Gil Vicente para que dêle lhe fizesse um Auto, claro que é o Cap. vii de S. Marcos, 24-30, relativo à *Syrophoenissa* (I, 354, 367, 370, 380). O poeta tornou a lembrar-se dêle ao escrever o *Velho da Horta*. Na ladainha recitada pela alcoveta Branca Gil, há um apêlo especial a uma das damas para que ela fôsse socorrida

Como de deus foi ouvida
a Cananea
(III, 82).

Cancer. — Signo do Zodíaco, nomeado pelo *Estio*, como *seu*, com *Virgo* e *Leo*, no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 86).

Candosa. — Ignoro em que sentido os vinhos dessa vila da Beira *são diabos pera os ratos* (III, 214), e se êsses últimos são os Ratinhos, como suponho.

Canina. — A maior e a menor inclinam-se diante do menino Jesus (I, 93), como as Pleiades, Orion, Arcturo e outras constelações.

Caparica. — As vinhas dessa vila ribatejana deixaram saüdades a Maria Parda (III, 375).

Capricórnio. — Signo do Zodíaco, que o poeta traduz com *Bode* (I, 153), mencionado por Mercúrio, como organizador da *Feira do Natal*, com gracejos alusivos à carestia e pouca abundância das carnes, que podiam ser de hoje.

Nas *Côrtes de Júpiter* êle figura, com *Cancer* e *Leo*, como pertencente a Marte (II, 413).

Caramelo. — No *Auto da Fama* (III, 53) nome de uma ilha; não sei se autêntica, ou invenção do Autor.

Carcel d'amor. — Título de uma das Novelas alegóricas e de

amor, de Diego de San-Pedro, do último terço do século XV. Cheio de sentimentalismo, acabando com um suicídio, distinto pela linguagem, a *Carcel*, cujos protagonistas são *Leriano e Laureola*, era o *Werther's Leiden* daqueles tempos, como já disse um entendido. Impressa pela primeira vez em 1492 e nem sei quantas vezes no século XVI (1904 na *Bibliotheca Hispanica*), traduzida, imitada e citada, era mesmo colportada e lida por alcovetas e beatas fingidas a donzelas como a Cismeninha, filha clandestina da romântica *Rubena* (II, 40). Vid. LAUREOLA.

CARDEAL. — Genèricamente há um na *Barca da Glória* (I, 296–299) que morrera

> llorando porque no fuisteis (isto é: *porque não foi*).
> siquiera dos dias papa!

Individualmente houve um só, filho de D. Manuel, com altas pretensões, naturalmente, nos dias de Gil Vicente: o Cardeal-Infante D. AFONSO (n. 1509, fal. em 1540). Êsse, contando de onze a doze anos assistiu (1521) às *Córtes de Júpiter* (II, 406: o *precioso Cardeal*, padre santo *natural*). E pouco depois na Aclamação de D. João III *benzeo o mui alto rei* (III, 357) [1]. No Argumento da *Comédia sôbre a Divisa de Coimbra* (1527) é também êle que é designado com louvores como o *sacrosanto nosso Cardeal* (II, 106). De modo algum o Cardeal-Infante D. Henrique, futuro Inquisidor-mór, como já foi afirmado por alguém [2]. Êsse, débil de nascença, ainda era tratado como criancinha por ocasião da partida de D. Beatriz para Sabóia (e do Entronamento de D. João III). *¡Deitado em cama de arminhos* e *brincando com anjinhos!* (II, 407). Só um lustro depois do falecimento do Cardeal D. Afonso, e da morte do próprio Gil Vicente, é que o filho mais novo do Venturoso foi nomeado Cardeal (1545).

CARLOS CÉSAR (II, 381) — CÉSAR (I, 384 e II, 386) — CÉSAR EMPERADOR (II, 379) — EMPERADOR (II, 46 e 107) — Quási todas as citações ocorrem na Tragi-comédia do *Templo de Apolo*, enscenada por ocasião da partida da formosa filha de D. Manuel para Castela. Que os qualificativos apostos ao nome e ao título do esposo fôssem elogiosos, não seria de admirar, visto que D. Isabel é sempre tratada de *sacra* (II, 106) e *preclaríssima Imperatriz*. *Trespossante* e *pre-*

[1] Vid. *Nota Vicentina III*, p. 16.

[2] Nos *Índices* dos Novos Obsequiosos de Sacavém.

[3] Nascido em 1500, fôra rei de Espanha aos dezaseis, e imperador aos dezanove.

potente parece mesmo pouco, *César novelo*[3] (III, 384) é completamente anodino. Sómente a fórmula *que manda hasta el firmamento* é excessiva. E depois, na mesma peça há a discussão sôbre o tema que *Deus é Portugués* e *Deus não é castelhano*. Em vista das lisonjas que o poeta distribuia com mão de semear aos reis de Portugal, nem acho demasiadas as tributadas na *Mofina Mendes* (I, 112) ao *Capitão do céu* que salvou a Europa dos Turcos.

Carmelo. — Uma das montanhas da serra do Libano, citadas no Evangelho, e que naturalmente faz parte da lista das que Júpiter, o do tempo mentiroso, chamou afim de adorarem o Menino-Jesus (I, 93).

Carneiro (Carnero) — Nomes peninsulares do signo *Aries*, usados no sermão astronómico de Mercúrio (I, 153), e também no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 85).

Carnide. — Freguesia de Lisboa, mencionada na Comédia de *Rubena* (II, 25).

Carrion. — Ignoro o motivo porque o poeta faz morador de um lugar assim chamado (provàvelmente Carrion de Medina, na província de Valladolid) a um Cristão-novo (do calçado velho), a respeito do qual Pero Marques, o Juiz da Beira (predecessor de Sancho Panza) deu uma das suas sentenças disformes (III, 169).

Cartaxo. — As lezírias da povoação assim chamada, entre Lisboa e Santarém, *onde o Tejo faz lameiro*, vieram à lembrança da jovial parteira que assiste à desgraçada Rubena (II, 15). A frase *cheirar a cartaxo*, empregada depreciativamente por um serrano da *Estrêla* (II, 436) ¿ a que se refere ? Provàvelmente a vinho carrascão. Que o da região tinha certa fama, vê-se do diálogo burlesco dos diabos Zebron e Danor com aquele Clérigo que tinha güelas de Francês, visto que o tratam de *vigairo do cartaxo*. A povoação é nomeada ainda outras vezes (II, 306 e 390).

Carvalho (Pero de). — Guarda-roupa de D. Manuel e posteriormente de D. João III, mencionado na *Romagem de Agravados* (II, 511): o mesmo cortesão honrado a que Sá de Miranda dirigiu a sua *Carta III*, rélativa à estada dos reis em Coimbra.

Casa santa. — Por ela jura o Castelhano façanhudo do *Auto da Índia* (III, 36).

Cascais. — Em frente à enseada cantam diversas Cantigas damas e moças das que acompanham a Infanta D. Beatriz (II, 409). Ignoro se na praia há, ou não, abundância de camarinhas, como parece indicar a desembaraçada Forneira do *Triunfo do Verão*, que nas barbas do marido ferreiro, e em desafio com êle entoa uma paródia da Canção da *Bela mal maridada* (II, 488).

Cassandra. — É a Troiana, a del rei Priamo, profetiza oito séculos

antes de Cristo, que, transformada em Sibila, segundo uma lenda cristã muito antiga, mostrou a Virgem a César Octaviano, conforme explica a *Fé* nos *Mistérios da Virgem* (I, 105). Quanto ao *Auto da Sibila Cassandra*, em que é figura principal, consulte-se § 46. Na *Farsa das Ciganas*, uma delas, tem o nome *Cassandra* (III, 193).

Castália fonte. — Na fonte do Parnaso — *musis sacer* — e cuja água servia nas cerimónias délficas, banhou-se Safo, a grande profetiza de Lesbos, segundo Júpiter, nos *Quatro Tempos* (I, 89).

Castela (Castilla). — As duas Castelas são mencionadas muitíssimas vezes. Sobretudo nas Tragi-comédias, relativas à Imperatriz *(Côrtes de Júpiter)* e a Raínha D. Caterina (*Náu de amores*, II, 308 e *Frágua de amor*, II, 392).

Castelhanos. — Cheios de feros e rebolarias, e amigos de jurar são *Figuras* de farsa na da *Índia* (III, 29–36) e da *Fama* (III, 55–61). Escuso de mais uma vez chamar a atenção dos curiosos para a discussão sôbre o tema que *Deus é Português* e não Castelhano. — Só no *Auto da Festa* há uma diatribe contra Castela:

> Todo bem e a verdade
> neste Portugal nasceram,
> e se ha y algũa ruindade
> de Castela a trouxeram,
> que não são nego maldade
>
> He a mais ruim relé
> esta gente de Castela,
> que juro pela bofé
> que milhor é a de Guiné
> setecentas vezes que ella.
> (v. 386-395).

Castelhano. — Usado naturalmente como nome da língua espanhola. P. ex. no *Templo de Apolo*, em que o autor, em estado febril, diz que fez[1] a Tragi-comédia inteira em castelhano, propositadamente, e depois mete-lhe tôda uma scena em português, tirada do *Auto da Festa* (II, 387–392), e mais um Romance em honra da Imperatriz.

No *Triunfo do Inverno*, essa figura vem *salvagem, castelhano en su decir — Porque quem quiser fingir — Na castelhana linguagem achará quanto pedir* (II, 449).

Castor. — Um dos Dioscuros. Citado apenas como constelação, e gêmeo de Pollux (I, 92).

Castro (D. Inês de). — Na sala dos paços de Coimbra (¿ a-par de

---

[1] Na impressão de 1834 (e segs.) *Dice* é êrro por *Hice*.

Santa Clara?) em que se representou a *Comédia da Divisa*, teve lugar a scena trágica da morte, segundo o poeta, que seguramente registou a lenda local. Invenção burlesca dêle é derivar os Castros todos de Belicrasta, donzela de Colimena (I, 133).

Castro (D. Leonor). — Donzela da côrte, mencionada no *Auto das Fadas*, juntamente com D. Luís de Meneses (III, 106), que quási matava de amores. Filha do Conde da Feira, casou realmente com aquele fidalgo, como demonstrou Braamcamp Freire, p. 58).

Cataquefarás. — Rua da antiga Lisboa, mencionada por Maria Parda no seu *Pranto* (III, 366).

Catalão, Catelão. — Um namorado dêsse nome, ou dessa nacionalidade, é nomeado pela fantasiosa Judia do *Auto da Lusitânia* (III, 266).

Catelinário. — De *Coniuratione Catilinae*, de Salustio (I, 102). Vid. § 49.

Caterina (Raínha D.). — No seu casamento com el-rei D. João III representou-se em Évora a *Frágua de amor*, em que *por metafora* se trata da noiva como de um castelo conquistado (II, 326). Na sua entrada solene em Lisboa, a *Náu de amores* (II, 294). Em 1527 assistiu à representação da *História de Deus* (I, 305). A partos dela foram dedicadas as Tragi-comédias, ou antes os Festivais do *Triunfo do Inverno* (II, 446) e *Romagem de Agravados* (II, 495).

Caterina (*de Figueiró;* e não *de Figueiredo*, como está por engano na edição de 1834). — Donzela do paço, que foi mencionada primeiro por Garcia de Resende (*Canc. Ger.*, f. 216) e dois anos depois por Gil Vicente (II, 82) no *Velho da Horta*.

Caterina (Santa). — Nome de uma das náus que levavam a Infanta D. Beatriz ao golfo de Génova (II, 414).

Çamora. — *¡ Oh renego de Çamora !*[1] é exclamação do Diabo da *Barca do Inferno* (I, 249), proveniente de romances sôbre o famoso cêrco do tempo do Cid Campeador.

Ainda há outras locuções proverbiais a respeito da cidade leonesa, à direita do *Duero*, *¿ que culpa vos tem Çamora ?* (III, 206) — *ora Deus sabe o que faz E o juiz de Çamora* (III, 217) — não ouvir *como as pedras de Çamora*, (III, 264).

Çafio. — Vid. Pero do Porto.

Cea. — Grafia defeituosa de *Sea*, como está correctamente na edição-príncipe (f. clxx).

---

[1] Depois dêsse verso introduziram-se no século xvii mais *Arrenegos* chamados do Barqueiro do *Inferno* (1649) que são imitações das de Gregório Afonso (*Canc. Geral*, f. 137). Vid. T. Braga, *Questões de Literatura*, p. 226-237.

Cebrian (San). — Em nome dêle esconjura o Clérigo-nigromante a Satanás, Lucifer e Belzebu (II, 353). Claro que se trata do *S. Cipriano*, Bispo de Atouguia, decapitado por ordem de Diocleciano (no ano de 304), que fôra feiticeiro antes de se converter. Assunto do admirável *Mágico Prodigioso* de Calderon. Todos sabem que em Portugal ainda corre um *Tesouro de Magia com o Livro de S. Cipriano.*

Ceita. — A gloriosa conquista foi lacònicamente registada pela Fama (III, 58).

Celorico. — ¿O da Beira? ¿ ou o Cerolico do jogo infantil?

Cepião. — Vid. Scipião.

César. — Na *Exhortação da Guerra* el-rei D. Manuel é apelidado Priamo, e *César mui soberano*, no sentido de Imperante (II, 358). Na *Frágua de Amor* ouvimos que o *castelo* (que por metáfora é a Raínha D. Caterina) foi *por los Césares* fundado (II, 324). Vid. Carlos César.

César Octaviano. — Gajus Julius Caesar Octavianus (30 A-14 P). Como Imperador, *Augustus*, cognome com o qual os modernos o designam. Gil Vicente conheceu-o, ou pelo menos mencionou-o apenas por causa da lenda da Sibila (I, 105).

Chamusca. — Uma das vilas do Ribatejo que o Vilão do *Templo de Apolo* declara conhecer bem (II, 390).

Chanceler-mór. — O que estava presente na festa celebrada pela representação do *Templo de Apolo*, em companhia de um desconhecido *Cidaéa* (II. 380), era o Dr. João de Faria. Vid. Br., 153.

Chão do Couse. — *Sic*, com *s* na edição-príncipe; hoje Couce nos Dicionários geográficos. A povoação assim chamada, no distrito de Leiria, deu origem anedótica ao provérbio, humoristico, citado na *Farsa de Inês Pereira: no Chão de Couse, quem não puder andar, choute* (III, 130).

Chins. — Curiosa lembrança a de mandar fazer do ouro que melhor for em tôda a terra dos Chins um andor para D. João III, Príncipe de dezanove anos e quási rei (II, 105).

Chronicarum. — Vid. Caronicarum.

Cícero. — Na bôca do pseudo-erudito Frade do *Auto dos Quatro Tempos* o filósofo romano aparece como Tullius Ciceronis (I, 101). Vid. § 49 e Túlio.

Cidaéa. — Em rima com *Guinea*. Apresentado, com ou sem razão, como personagem bíblico, paralelamente com Abacu e Nabucodonosor (II, 380). Eu não o conheço. Vid. Chanceler-mór.

Ciganas. — Etimològicamente o termo representa *aegyptianas*, como o castelhano *gitanas* representa *aegyptanas*.

O Auto que o autor dedicou a algumas da raça errante, vinda do Oriente (não do Egito, como se julgou durante séculos, mas da Índia, como hoje se sabe), fazendo-as dizer a *buena dicha*, foi representado em Évora (III, 193-200). E lá mesmo, ou em geral no Alentejo, tinham aparecido os primeiros ranchos, saídos da Andaluzia (no sec. XV). Por isso ceceiam, e êsse vício de pronúncia é atribuído igualmente às Deusas do Egito, de Tróia, da Grécia e de Roma na *Farsa da Lusitânia* (III, 285 e 291). Coevas são as alusões que há no *Canc. Ger.* (f. 181). Quem quiser instruir-se a respeito dos Ciganos em Portugal e sua linguagem, recorra ao belo livro de F. A. Coelho, alargamento do estudo com que abrira a *Revista Lusitana* em 1887.

CIMERIA. — A Sibila de Cuma, a que o poeta deu o nome indicado, figura no *Auto de Cassandra* (I, 43, 51, 61), bailando em chacota, à maneira de lavradora, com a Eritreia e a Pérsica e com Salomão! No Auto dos *Mistérios da Virgem* ela é citada como profetiza, por uma das Donzelas que acompanham a Virgem (I, 104). Vid. § 46 e SIBILA, SIBILARIA.

CINTRA, CINTRANS, CINTRÃOS. — Vid. SINTRA, etc., porque é assim, correctamente, que está na edição-príncipe (f. CLXXXI, CLXXXIIIr e v — II, 491 e 494).

CÍRCULO GALAJO. — Entre os astros e as constelações que Júpiter arengou para que viessem adorar o Menino-Jesus na noite do Nascimento, está, a-par das Pleiades e Gemeos êsse círculo (I, 92) cristalino. Deve ser a via láctea, cujo nome grego γαλαξίας o poeta hispanizou, ou mais provàvelmente já encontrou usado em livros de astronomia (talvez no *Segredo dos Segredos de Astrologia*, atribuído ao Infante D. Henrique no *Reg.* de Colon N.º 4129).

COCHIM. — Claro que o célebre pôrto do Malabar, conquistado em 1503 por Afonso de Albuquerque (inglês desde 1795, mas cujo bispado ainda hoje é do padroado português) não falta no patriótico discurso da *Fama*, já muitas vezes citado neste Catálogo (III, 151). Os versos em que G. V. o introduziu, embora constem apenas de nomes próprios, deviam ser música para os ouvidos de D. Manuel:

Ormuz, Quiloa, Mombaça,
Sofala, Cochim, Melinde.
(III, 60).

No cortejo aquático que acompanhou a Infanta D. Beatriz na partida a Sabóia, uma das moças vai num zambuco[1] de Cochim, espécie

[1] Êsse nome é de origem árabe, como poderão verificar no Vocabulário de Monsenhor Dalgado.

de barco chato e sem coberta (II, 410). Além disso o nome é mencionado pelo Marinheiro no *Triunfo do Inverno* (II, 475).

Coimbra. — Na bela cidade do Mondego foi representado, no paço de a-par Santa Clara (em ruínas [1] no século XVII), a *Comédia sôbre a Divisa da Cidade* (II, 106-136), quando a peste de 1526 a 1527 para lá banira os reis com a sua côrte. Nela o poeta, motejando dos Antiquários e Etimologistas, tira gracejando *Conimbrica*, não, como era praxe, de *Collis imbrium*, mas da fantasiada princesa *Colimena!* Aí mesmo enscenou a Tragi-comédia Pastoril da *Serra da Estrêla* (II, 420-445), festejando o nascimento da Infanta D. Maria, a que de 1543 a 45 foi Princesa de Castela, como na didascália acrescentou Luís ou Paula Vicente, para que o público não confundisse a filha de D. João III e D. Caterina, com a de D. Manuel e D. Leonor de Áustria. Nessa bem apropriada peça nomeia-se Coimbra (p. 421, 422 e 425) diversas vezes; e uma Serrana entôa o Cantarcilho

> Quando aqui chove e neva
> ¿ que fará na serra ?
> Na terra de Coimbra
> nevava e chovia.
> ¿ que fará na serra ?
> (p. 432).

Em terceiro lugar o poeta exibiu a *Farsa dos Almocreves* (III, 201), fazendo rir os fidalgos ricos com as queixas do Capelão do fidalgo pobre, e com a grosa (paródia) de um romance perdido que começava *Yo me estaba en Coimbra* (III, 202, *bis*) [2].

No regresso de Coimbra a Santarém, o fecundo poeta foi prejudicado por almocreves castelhanos, acidente que o instigou a queixas meio-sérias, meio-humorísticas em *Trovas* (III, 383). O aparato scénico para as três representações, seguramente não pertencia ao pobre Gil Vicente, mas à recâmara del-rei.

Coleo Romano. — Quem será êsse legislador, ao qual obedece o filósofo da *Floresta de Enganos*, embora tivesse sido deshumano para êle ? (II, 142).

Comendador-mór de Avis. — O que é invocado, a rir, como amador e marteirado, na *Farsa do Velho da Horta* (III, 80), era, segundo Braamcamp Freire, D. Pedro da Silva. Vid. *Gil Vicente*, p. 59.

---

[1] A. Gasco Coelho dizia, perto de 1650, que o sítio em que estavam essas ruínas se chamava o *Culgo*.

[2] Vid. *Romances Velhos em Portugal*, p. 66 (N.º 28).

Comendador-mór de Santiago. — O que está nas condições do anterior (III, 80) chamava-se D. Anrique de Noronha.

Concellos. — No *Auto da Índia* (III, 25) a protagonista, mulher de um homem que embarca para a Índia na armada de Tristão da Cunha (1509), queixa-se por um sujeito dêsse nome impedir a saída da frota. Provàvelmente nome familiar, abreviado, de Jorge de Vascogoncelos (ou Vasconcellos) fidalgo que, de 1501 até falecer, em 1525, foi armador e provedor dos armazens e armadas da cidade de Lisboa. Nas *Côrtes de Júpiter* êsse mesmo — já — velhote — aparece alfenando os cabelos (¿ grisalhos ?) no Cortejo da Infanta D. Beatriz (II, 404). Como versificador, relacionado e aparentado com outros cortesãos trovadores como J. Rodrigues de Sá e Meneses, êle figura no *Canc. Ger.*, ora com o nome por extenso, ora com o nome abreviado.

Condes. — Como acontece com os Bispos, Cardeais, Duques, Marqueses e Mestres de Ordem é sobretudo nos dois *Romances históricos* à morte de D. Manuel e entronamento de D. João III, (ou em um dêles) que os fidalgos manuelinos com títulos de Condes aparecem rezando pela alma do defunto, e felicitando e aconselhando o novo rei (III, 351-355: *Oração dos Grandes de Portugal a N. S.*; e 356 a 364). É nos *Brasões de Sintra* e no *Gil Vicente*, de Braamcamp, e na *Crónica*, de Goes, que o curioso encontra esclarecimentos a respeito de todos. Eu restrinjo-me a registar os seus nomes, indicando com *Ib.* ou *Id. ib.* que pertencem ao número dos que se destacavam em 1521, e fazendo notar só as particularidades contidas em *Autos* e *Farsas*. Na *Barca da Glória*, claro que o *Conde* é figura genérica (I, 277).

Conde Almirante. — D. Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo para a Índia (III, 362).

Conde Mordomo-mór. — Vid. Conde Prior.

Conde Prior (Priol). — Prior do Crato, Capitão de Arzila e Tânger e mordomo-mór de D. Manuel, D. João de Meneses (*Ib.*, III, 357 e 360): como alferes-mór levava o estandarte real no acto da aclamação. No *Auto da Lusitânia* vê-se a sua requintada polidez na maneira como cumprimenta o Judeu alfaiate (II, 268). Vid. Br., p. 125.

Conde da Feira. — D. Manuel Pereira *(Ib.)*.

Conde de Alcoutim. — D. Pedro de Meneses *(Ib.)*.

Conde de Marialva. — D. Francisco Coutinho *(Ib., ib.)*. Mencionado na *Frágua de Amor* como galã assaz velho e bastante amigo de dinheiro (II, 347), e sem pormenores claros no *Clérigo da Beira* (III, 256).

Conde de Penela. — D. João de Vasconcelos, Vedor da Fazenda, do tempo de Afonso V *(Ib., ib.)*. Um cabeção de aljofre para êle é mencionado na *Rubena* (II, 46); a sua qualidade de *dadivoso* e muito recto na *Romagem* (II, 511); a de muito namorado no *Clérigo da Beira* (o *mór namorado de Portugal e Castela* (III, 237). Isso, embora velho, e casado havia perto de quarenta anos com D. Maria de Ataíde.

Conde de Portalegre. — 2.º; D. João da Silva e Meneses, mordomo-mór de D. João III desde 1522. *(Ib., ib.)*.

Conde de Tarouca. — É o Conde Prior ou Conde Mordomo-mór.

Conde de Tentúgal. — D. Rodrigo de Melo. *(Ib. ib.)*.

Conde do Redondo. — D. Vasco Coutinho *(Ib., ib.)*. Motejador engraçado, segundo o *Clérigo da Beira* (III, 237), muito sabedor (*ib.*, 257) e santo alfaqui no templo de Amor sagrado (II, 319).

Conde de Vila Nova. —V. N. de Portimão, D. Martinho de Castel branco. *(Ib.)*.

Conde do Vimioso. — D. Francisco de Portugal, filho do Bispo de Évora, primo del-rei *(Ib., ib.)*. Na *Romagem dos Agravados* é citado entre os Vedores da fazenda, rectos e incapazes de assinar um alvará falso.

Constantino. — Quanto ao grande Imperador, é à princesa Flerida que D. Duardos conta em duas palavras a lenda de a mulher que amou e entronou ter sido uma simples *moza de molino*.

Constantinopla. — Suposta residência do Imperador Palmeirim (II, 188).

Cordova. — Aquele fabuloso Ceridon, pai de Colimena, que figura na *Comédia sôbre a Devisa* (II, 117), fôra rei de Corduba e Andaluzia muito antes do Califato, bem se vê. Já o registei s. v. Ceridon.

Corigas. — Vid. Val de Corigas.

Cornaga. — ¿ Quem conhece um concelho dêsse nome? Segundo o vilão do *Templo de Apolo*, êle fica além de *Braga* (II, 389) ou de *Bragança*, no *Auto da Festa*. Por não o encontrar em Dicionários Geográficos, e por o ver citado por um popular rude, juntamente com uma *Cucanha*, certamente inventada, suponho seja igualmente um nome fictício, derivado de *corno*.

Corregedor. — Tal magistrado judicial, com alçada sôbre os juízes ordinários, figura, sem nome, na *Barca do Inferno* como prevaricador (*descorregedor*, na fala do esperto diabo) (I, 237-240). A respeito do Corregedor Tibau, que o poeta menciona no *Clérigo da Beira*, (III, 243), veja-se Br., 195.

Cortiçada. — Mais uma vila do Ribatejo que o Vilão do *Templo de Apolo* declara conhecer a fundo (II, 390).

Coruche. — O Porteiro do burlesco *Juiz da Beira* apregoa entre outros leilões o das charnecas de Coruche (III, 163). Brincando. Na *História de Deus*, pelo contrário, pertence ao grupo de terras férteis e belas com cuja posse Satanás tenta o Salvador (I, 340), nascido em Belém, e chamado Emanuel. Num cantarzinho do Frade doido temos outro gracejo: uma caravela de C. que vai por nabos a Pombeiro (II, 305).

Covilhã. — Ainda hoje centro de lanifícios, essa terra da Beira, enviava *panos finos* à Raínha D. Caterina (II, 442), no nascimento da Infanta D. Maria, em Coimbra.

Cramelo. — Vid. Carmelo. Grafia da edição-príncipe.

Crato. — O nome dessa vila (cabeça do grão-priorado do Crato), de acidentada história, é tirado de brinco de *Belicrasta* como dama de Colimena (II, 133).

Crasto. — Nessa forma popular de *Castro* (q. v.), que se emprega em numerosos nomes topográficos, vê a fantasia etimologizante de G. V. uma corrupção de Crato (II, 133).

Creta. — Na grande, belíssima e arqueològicamente tão interessante Ilha do Mediterrâneo passa-se a história de Cismeninha: Scena II da *Rubena* (II, 29, 35, etc.).

Cristo. — Jesus figura pessoalmente na *História de Deus* e no *Auto da Cananea*.

Cucanha. — Vid. Cornaga. — Derivado de *cuco*, e influído pela *Cocanha*, de origem francesa, que vem de *coquere*.

Cunha (Gil Vaz da), do conselho de D. Manuel, casado com D. Isabel da Silva, vai, nas *Côrtes de Júpiter*, de baleia, talvez por ser grande e gordo (II, 404). Vid. Br., 112 e 66 *n.*

Cunha (Tristão da). — Alusão à sua saída de Lisboa em 1506, e seu regresso em 1509, há-a no *Auto da Índia* (III, 37). Vid. Garça. No *Velho da Horta* é tratado de amador e marteirado e de confessor (III, 79). Na mascarada dos peixes, que faz parte das *Côrtes de Júpiter*, êle vai de congro da Pederneira (II, 407).

Cupido. — Figura principal da *Floresta de Enganos* (II, 137, 142 a 147, 165 a 170) e da *Frágua de Amor* (II, 334, 337, 346) ou seja do próprio Cupido (II, 335). Mencionado muita vez, por Vénus (II, 327); Apolo (II, 149); D. Duardos (II, 229); o Imperador Palmeirim (II, 191); Felício, em diálogo com a ninfa Eco (II, 60); a alcoveta Branca Gil (II, 81), que aplica o nome ao Barão de Alvito; a menina Isabel, à qual o escudeiro Aires Rosado faz a côrte (III, 21); e por aquele Ermitão que em moço amara a Inês Pereira e depois foi visitado por ela que ia às cavalinhas do marido (III, 155). Divindade que o povo conhece ainda hoje.

Curtius (Quintus). — I. 101. Vid. § 49.

Curujeira. — Lugarejo de certo não muito longe de Lisboa, citado por Maria Parda como de boa romagem, para os acólitos de Noé (III, 375). Na edição de 1834 e seguintes há erròneamente *Curageira*. Derivado de *Coruja* (como *Corujas Corujaes Crujeira Crujaes*, etc.), cuja origem tenho pena de ignorar.

Damasco. — Ao falar dos combates de Portugal contra os Turcos asiáticos, a *Fama* alude a Babilónia, Alexandria e à famigerada cidade da Síria (III, 58).

Danaso. — Parece ser o nome de um cantor (III, 143). Na edição-príncipe há todavia *donaso*. No Caderno avulso de Madrid *donasol!* Em todo o caso a cantiga popular em que qualquer dos três nomes brilhava, era

Pelo mar vai a vela
vela vai polo mar!

Daniel. — O profeta (de que tive de falar a respeito de Sideraque, no § 45) é citado como tal, com Isaías, Ezequiel e Amos no *Diálogo sôbre a Ressurreição* (I, 350).

Danor. — Nome de um dos dois diabitos, evocados pelo Clérigo nigromante, na *Exhortação da Guerra* (II, 354).

Dardan. — Figura do romance de Amadis (II, 255), e não o ascendente mítico de Troianos e Romanos.

Dario. — Um dos Mestres do *Auto dos Físicos*, dado a astrologias (vid. Torres), regista entre as sandices que há de saber quem curar, quantas lições Ptolomeu (sec. 2.º) deu a *Dario* (em rima com *ternário binário*): provàvelmente o rei dos Persas vencido por Alexandre Magno (III, 318).

David. — O Psalmista e rei de Israel entra, em figura de pastor, no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 96); e como prefigurador e profeta na *História de Deus* (I, 327 e seg.). Há alusão a seu combate contra Golias (I, 360); e ao seu dom profético (I, 373 e III, 389); aos Psalmos (I, 33). Na Epístola Dedicatória a D. João III à santidade dêle é equiparada a de D. João III (II, 273). Doente, em 1526, o poeta viu-o em sonho febril, a bailar com Berzabé (II, 373). Jesus Cristo é apelidado *filho de David* pela Cananea (I, 367). Cfr. *radix David* (I, 108). Onde o nome está em rima com vocábulos em *-i*, suprimiu-se às vezes gràficamente o *-d* final, sempre mudo na pronúncia (I, 330, 360 e 373); outras vezes, não (I, 363 e 373).

Demosthenes (I, 101). — Vid. § 49.

Diabo. — Como figura de contraste, um Diabo sem outro nome, dirige nas três *Barcas*, a do Inferno, como arrais (I, 214, 245, 274), ao passo que um Anjo dirige a da *Glória* ou do Paraíso, como arrais

do Céu. É acompanhado de outro, apresentado apenas como *companheiro*, diabólico embora (I, 273). No *Auto da Alma*, onde também tem companhia, no da *Cananea*, e sobretudo na *História de Deus*, procede como tentador. Assim mesmo, no da *Feira*, em traje de bufarinheiro. Em todos, tem algo de cómico. Muito mais nos profanos do que nesses Autos de Devoção. P. ex., na *Farsa das Fadas*, falando picardo. Como moradores do Inferno temos com nomes distintos bíblicos[1] *Lucifer* como maioral do Inferno, *Belial* como Meirinho, *Satanás* como fidalgo do conselho, *Belzebu* ou *Berzebu* na *História de Deus*. Com nomes profanos, *Plutão*, *Legião*, *Draguinho*, *Caroto* na *Rubena* (II); *Zebron* e *Danor* na *Exhortação da Guerra*; *Dinato* na *Lusitânia*. *Hulcão*, *Gerundo*, *Frei Tropão* são apenas mencionados (I, 378). Folklóricos, ou antes inventados. Entre todos *Satan* ou *Satanás* é o mais usado dos nomes. Dado bastantes vezes, nas conversas, àquele que nas listas das Figuras não tinha nome-próprio, sendo apenas *o diabo*.

Diana. — A Artemis dos Helenos, filha de Zeus e Leto (Júpiter e Latona), irmã de Apolo (Latonio, Febo); casta como êle, como êle amiga da natureza; e a *Lua* personificada desde que êle fôra identificado com o *Sol*, é nomeada com o seu nome latino umas quatro vezes no discurso de homenagem de Júpiter ao Menino Jesus (I, 88, 89 e 92). Cismena invoca-a (II, 45). Policena menciona-a, ao louvar a Raínha D. Maria (II, 358). Nas *Côrtes de Júpiter* baila com o Sol (II, 399).

Dias (Damião). — Escrivão da câmara de D. Manuel, mencionado, com malícia, como capaz de haver assinado um alvará falso (II, 51), ou errado. Vid. Br., p. 221.

Dido. — A raínha de Cartago, à qual *Eneas* conta em versos vergilianos a destruïção de Tróia, é citada mais de uma vez por nosso dramaturgo com ou sem o filho de Vénus e Anchises. Viu-a, no acesso febril de 1526 (II, 373) com um *cucharro de Eneas* (?). A feia Maimonda é comparada, com ela; de brinco evidentemente (II, 191). Na bôca da Serrana Caterina, surpreende um tanto a ameaça de ela se suïcidar, de apaixonada, como outrora, a que o Troiano abandonou (II, 432).

Dinato. — Nome, como já registei s. v. Diabo, de uma entidade infernal que, juntamente com Belzebú, serve de capelão a deusas vindas do Oriente (III, 286).

---

[1] *Satanás*, Math. IV, 10; XII, 26; XVI, 23; Marcos, I, 13; III, 23 e 26; Apoc. II, 9; XII, 9; XX, 2 e 7; *Belial*, Deuteronomio, XIII, 13; Samuel, II, 12; *Beelzebub*, Math, X, 25; XXII, 24 e 27. *Lucifer* (φωσφορος) recebeu êsse nome em harmonia com uma interpretação alegórica de Isaías, XIV, 12 (e Lucas, X, 18).

Dis. — Contracção familiar de Dias. O Estevam Dis que proïbe à Feiticeira do *Auto das Fadas* as suas manigâncias (III, 94), talvez fôsse um dos Corregedores da côrte.

Diu. — No *Auto da Fama* lê-se duas vezes Diu e uma vez Dio (I, 52 e 53). ¡Mas na bôca de um Italiano, e como exclamação! ¡é evidentemente *Dio!* ¡isto é *Deus!* Os dois históricos cercos da fortaleza índia são tardias demais para que o poeta os pudesse exalçar pela bôca da Fama (1538–40 e 1546).

Domado. — A frase *Conociste a Juan Domado*, dirigida no *Auto Pastoril Castelhano* por Gil Terron, personificação provàvelmente do próprio poeta (I, 9), a seu companheiro Brás, foi acompanhada, quer pelo próprio, quer por seus filhos, da nota marginal *Ioã domado dezia por el rey dõ Ioã segũdo*, reproduzida na ed. de Hamburgo. Quanto ao sentido que devemos dar ao particípio adjectivado, acho impossível identificá-lo com *damado* ou *adamado* = bem amado. Mas também hesito em considerar *domado dumado* como forma popular de um *duado*, tirado livremente do latim *duo*, sinónimo de *segundo*.

A par de *uma*, *alguma*, *nenhuma*, temos *jejumar*, *debrumar*, e mesmo *luma* em dialectos da Galiza. Mas em tôdas essas formas o *m* corresponde a um *n* primitiva.

Domingos (S.). — Igreja de Lisboa, onde se realizou a aclamação de D. João III (III, 357).

Douro e Minho. — Vid. Entre D. e M.

Dragão. — Constelação (I, 155).

Dragos. — Animais perniciosos do deserto, segundo S. João, na *História de Deus* (I, 330).

Draguinho. — Nome de um dos quatro espíritos infernais que prestam serviços à *Feiticeira* que protege a infeliz Rubena (II, 25).

Driades. — Ninfas ou divindades inferiores dos bosques e das árvores (I, 89).

D. Duardos. — Parece-me acertada a conjectura de Braamcamp (p. 144) de essa primeira das tragi-comédias cavalheirescas vicentinas — escrita antes do falecimento da Raínha D. Leonor — ter sido representada em Novembro de 1524, no serão em que se festejavam os desposórios da Infanta D. Isabel com o Imperador Carlos V. A Novela castelhana, de cuja mais poética parte o poeta tirara o assunto, de título *Primaleon* e *Polendos*, já tinha saído diversas vezes (1512, 1516 e 1524, segundo H. Thomas, *Spanishand Portuguese Romances of Chivalry*, p. 92 e 95).

Duque. — Genèricamente, um Grande dessa categoria figura na *Barca da Glória*.

Duque de Bragança. — D. Jaime, filho do 3.º Duque (Fernando),

levado a Castela em criança, depois da tragédia de 1483, mas readmitido ao reino, e reintegrado nos bens, títulos e privilégios da Casa, em 1496. Quando em 1513 partiu para Azamor, foi representada a *Exhortação da Guerra* (II, 349). Por ocasião do entêrro de D. Manuel, foi posta na sua bôca a primeira das *Orações* que os Grandes dirigiram a N. S. (III, 351). Também é o primeiro que dirige palavras e conselhos lisongeiros a D. João III (III, 553). Quem quiser informar-se a respeito do seu carácter sombrio, leia a obra de Fernando Palha, relativa à Duquesa D. Leonor, sua esposa.

Duquesa de Bragança. — D. Isabel, viúva de D. Fernando, o 3.º Duque (apunhalado); filha do Infante D. Fernando e da Infanta D. Beatriz; irmã portanto da Raínha D. Leonor e de D. Manuel. Por isso assistiu em 1502 ao *Monólogo do Vaqueiro* (I, 1).

Duquesa de Sabóia. — A Infanta D. Beatriz é mencionada na *Exhortação da Guerra* (II, 359). Na sua partida para Itália em 1521 representou-se a festiva Comédia das *Côrtes de Júpiter* (II, 395), que Garcia de Resende louva no opúsculo especial que dedicou a essa *Ida*. Nos versos à Morte de D. Manuel ela é lembrada com saüdade (III, 347) e também no Argumento da *Comédia de Coimbra* (II, 106) como *alta Duquesa*. — Vid. Conde de Sabugosa, *Donas de tempos idos*.

Durão. — Talvez mestre de música dos infantes? e de D. Beatriz?, embora Resende o não mencione na estrofe 184 da *Miscelânea*, em que enumera os melhores seis músicos do seu tempo. De voz pouco privilegiada, visto que Gil Vicente parece dar-lhe de brinco voz de *ran cantante* (II, 403).

Durindana. — Êsse nome da espada de Roldão não é mencionado. Apenas se alude ao terçado precioso, quando a Moura encantada traz os presentes para a Infanta (II, 416).

Eça (D. Ana de). — Uma das donzelas da Raínha D. Maria, mencionada em 1510 no *Canc. Geral*, f. 216, por Garcia de Resende, e dois anos depois por Gil Vicente no *Velho da Horta* (III, 83).

Eça (D. Jorge, e não *D. João* como, por lapso, se imprimiu na ed. de 1834 e em tôdas as posteriores). Também mencionado no *Velho da Horta* (III, 80). O não figurar no *Canc. Geral* não prova que fôsse ἄμουσος.

Eco. — Com essa Ninfa vulgivaga palradora, enceta um Diálogo artístico não o Príncipe de Síria da *Comédia de Rubena*, III, namorado de Cismena e disfarçado em page, mas o Felício a quem serve,

e que no fim do Diálogo *cai de todo morto,* morto de amor, caso o qual Cismena regista indiferente, exclamando

> pois morreu em seu ofício,
> que culpa lhe temos nós ?

(II, 58). Vid. § 47.

Ecúba por Hécuba. — É como mãe de numerosos e belos e valentes filhos que a Raínha D. Maria é tratada pela própria filha de Príamo e Hecuba, de *outra Ecúba mais alta* na patriótica *Exhortação da Guerra* (II, 358). No *Sermão de Abrantes* o poeta, que nem prègando larga a sua jovialidade, diz, motejando de arqueólogos e filólogos — homens de bom saber — que não discutirá o grave caso, se Ecuba ou Élena era mais alta (III, 338).

Efraim. — As Montanhas de Ephraim, no meio de Canaan, que deram o nome à tríbu de Israel aí residente, são invocadas na estrofe geográfica do discurso de Júpiter (I, 93) afim de virem adorar o Deus-Menino.

Egito. — É como país oriental, de onde vieram entidades mitológicas, que o reino dos Faraós é citado no *Auto da Lusitânia* (III, 285). Como presa sua cita Belzebú na *História de Deus* os cavaleiros do Egito que pereceram quando íam atrás dos Judeus, milagrosamente salvos ao passarem o mar vermelho (I, 371).

Elefante. — Vid. Alifante (II, 356 e 357).

Elena. — Helena, a mais formosa das Gregas, por causa da qual houve a guerra de Tróia, designada como deusa dessa cidade pelo *Providência* que prefacia as *Côrtes de Júpiter* (II, 396), é citada, como o leitor acaba de ver, no *Sermão de Abrantes,* juntamente com *Ecúba* (sua sogra!). O nome é aplicado a outras belas, pelo próprio diabo (I, 267 *O minha Raínha Helena!*). No seu sonho febril o poeta vê a Troiana *con su rosto serafino corriendo tras de un cochino* (I, 372).

Elias. — Na *História de Deus,* Satanás compara o poderio do Homem nascido em Belém com o do profeta transportado ao céu em carro de fogo (I, 338 e 363). A S. João dirige-se o mesmo com a dúvida: *¿ dizem que tu és Elias ?* recebendo como resposta: *Satan, eu não sam Elias* (I, 331). Na *Cananea,* o Cristo dá como exemplo a seguir aos seus discípulos *o sofrer de Elias,* e *as paciências de Job* (I, 380).

Elvora por Évora. — Na bôca do lavrador Vasco Afonso (I, 129).

Emanuel. — Como nome de Jesus, *filho de Maria,* ocorre várias vezes (I, 54 e 350). Como nome do rei Venturoso na Didascália do *Auto da Alma* (I, 183).

Embaixador. — O de Portugal junto ao Imperador Carlos V, em

1521, citado na *Rubena* (II, 16), era provàvelmente António de Azevedo Coutinho. Vid. Santarém, II, 28 e Caetano de Sousa, *Hist. Gen.*, II, 427. *Br.*, 185.

Embaixador. — O do César junto a D. João III, na ocasião dos desposórios dêle com a Infanta D. Isabel, era Lopo Hurtado de Mendoza. O poeta tece louvores à sua graça e elegância pela bôca da endemoninhada Cezília (*Clérigo da Beira*, III, 255).

Emperador (O). — Vid. *Carlos* e *César*. Mencionado no Argumento da *Comédia da Devisa de Coimbra* (II, 106) e no *Templo de Apolo* (II, 379 e 385).

Emperatriz (A). — Com êsse título e qualificativos, como *clara, soberana, sacra, preclarissima*, a bela filha de D. Manuel é mencionada em Autos de 1526 e 1527, como o da *Devisa*. Com o nome Isabel na *Exhortação da Guerra* (II, 358), na *Comédia de Rubena* (II, 27) e nas *Côrtes de Júpiter* (II, 407). Para a sua despedida representou-se o *Templo de Apolo* (II, 370); para os desposórios provàvelmente o *D. Duardos* (q. v.).

Eneas. — O *Troiano*, do qual descendem os Latinos, segundo a lenda, aparece a par da Raínha Dido que amava, mas abandonou, seguindo de Cartago ao Lacio (II, 191 e 373). Por isso Gil Vicente dá aos Latinos o nome de *resto de Eneas* (II, 88); e faz declarar ao cortesão, que debalde pretende comover o coração de Lediça, que sendo da *linhagem de Eneas* (de raça latina) estimaria ser da do patriarca Abraão (III, 262).

Entre Douro e Minho. — Para a gente de Lisboa a fórmula equivale a *muito longe*. A locução que o prova, citei-a no artigo Bilbao. Outra há no *Pranto de Maria Parda* (III, 377). Essa quer pagar a João do Lumiar, caso lhe empreste um *gentar* de vinho, com·lã que mandaria buscar Antre Douro e Minho (III, 370).

Envers — Envês. — Na edição de 1834 imprimiram *Anvers* (de onde saíu *Amberes*). Na edição-príncipe o poeta emprega uma vez *Envês* em rima com *mês*, para designar o grande empório do rio Escalda (III, 47). No *Auto da Fama*, em bôca do Francês. No *Auto da Feira*, Mercúrio emprega *Envers*.

Enxobregas. — Na Madre de Deus, mosteiro dêsse subúrbio de Lisboa, fundado por D. Leonor em 1509, enscenou o poeta, nas *Matinas do Natal* (provàvelmente do ano de 1513), o *Auto da Sibila Cassandra* (I, 35). Vid. *Br.*, p. 53.

Erutea. — A Sibila Erythreia. Figura do Auto que acabo de nomear (I, 35); citada como profetiza nos *Mistérios da Virgem* (I, 104).

Erifea. Vid. Rifea. — Grafia errónea da ed.-príncipe, rectificada na impressão de 1834.

Esaias, Esayas. — Isaías, o primeiro e mais sublime dos grandes profetas hebreus. Figura do *Auto da Sibila*, no qual canta *de folia*, com Abraão e Moisés, a linda cantiga

Que sañosa está la niña
(I, 46).

Ela foi traduzida para alemão por Heyse, e por Storck, e para inglês por Aubrey Bell. Figura também na *História de Deus* (I, 305, 327, 328) com profecias sôbre o Homem nascido em Bethlem de Judá (VII, 14). A elas alude também Samuel (I, 350); a Humildade nos *Mistérios da Virgem* (I, 105) e o Ermitão do Auto dos *Reis Magos* (I, 33). A grafia com *i* é da ed. de 1834.

Esmoler. — O de D. João III aparece no *Templo de Apolo* apenas com êsse título (II, 387). Com o seu nome Marcos Esteves no *Clérigo da Beira* (III, 248), estropiado pelo Negro da Guiné que diz *Marco Estauez moladeyro*, f. CCXXXVI^{v}. Vid. *Br.*, 157.

Espanha. — Princesa de Espanha veio a ser a filha de D. João III e D. Caterina (II, 422). Cismeninha, era a mais linda moça de Espanha (II, 20). Quando D. João III conquistou o castelo que simboliza D. Caterina, o Deus de amor desceu a Espanha (II, 330). *Caballeros de España* são citados por Amadis (II, 255).

Estes (Estês) por Estige Styx, a laguna infernenta. — Os editores de 1834 emendaram o Estes da ed. príncipe, imprimindo Estyx.

Ester, Esther. — Com essa famigerada Hebrea que obteve do rei Assuero o perdão dos Judeus perseguidos por Aman, compara Gil Vicente na *Farsa da Lusitânia*, pela bôca do Alfaiate, a Raínha D. Caterina, com certeza sem pensar no problema dos Cristãos-novos (III, 273). No sonho patusco, a que tantas vezes me referi, êle viu a Raínha *matar pulgas en su manta que tenia por coser* (II, 372).

Esteves (Dr. Cristovam). — Êsse jurisconsulto excelente, cristão-novo de verdadeiro mérito, que exerceu cargos de responsabilidade, é nomeado na *Romagem de Agravados* com respeito ao alvará falso, apresentado pelo pretendente da sobrinha de Branca Gil (II, 511). Pelas indicações de *Br.* (221 e 223) fiquei sabendo que êle é o *Espargosa*, maltratado como cristão-novo no suposto *Nobiliário de Damião de Goes*, da Biblioteca do Pôrto, ao qual me referi no § 19.

Estreito. — O que é mencionado diversas vezes nas *Côrtes de Júpiter*, claro que é o de Gibraltar. De aí em diante a Infanta D. Beatriz havia de ir pelo mar *meio-terrano*, acompanhada do Deus Marte (II, 413, 414, 419).

Estrela. — À *Serra de Estrêla* dedicou o poeta, apropriadamente,

um belo *Auto;* não! uma bela *Tragicomédia Pastoril,* quando em Coimbra teve de festejar o nascimento da Infanta D. Maria — a futura Princesa de Espanha (II, 421-445) — enaltecendo as suas verduras, o belo leite manteigoso com que ela havia de ser criada, os queijos, as castanhas, os panos que Cea e Gouvea, Manteigas e a Covilhã mandavam de presente, e *last not least* as louçanias das pastoras. — Propositadamente fingida é no *Auto Pastoril Português* a promessa de que da Serra haviam de descer treze pastores (I, 130). Mas no fundo êsse é também todo beirão. — De um santuário chamado *Virgem da Estrêla* (da Pena-furada) fala-se mais de uma vez (I, 142, 172 e II, 41). O ingénuo Gilberto pregunta ao Serafim, se há no céu tão boas ladeiras como na Serra (I, 177).

Estremo. Vid. Pedra do Estremo.

Estremoz. — O Vilão que declara que Deus é Português, afirma de mais a mais que nasceu nessa vila (II, 391).

Estribeiro-mór. — O de D. Manuel, de que se trata nas *Córtes de Júpiter* (II, 407), porque, convertido em peixe-mú, toma parte no cortejo que acompanha pelo mar fora a D. Beatriz, chamava-se Francisco Homem. Vid. *Br.*, 113.

Eufrates. — Na edição-príncipe, por lapso, Eufratres. O famigerado rio, que nascendo na Arménia, se reúne ao Tigre, e nomeado Chatt-el-Arab., tendo nas suas margens a grandeBabilónia, capital da Chaldea, desemboca no golfo pérsico, é mencionado por Júpiter na estrofe dos rios (I, 93).

Eva. — De mãos dadas a Adam, figura na *História de Deus* (I, 314-317). Na *Barca da Glória* é acusada pelo Papa de haver «parido» a Morte *al pie del arbol vedado* (I, 299).

Tomando *Eva* no sentido de *mulher*, o Padre que casuìsticamente quer consolar o Clérigo namorado, alega o mandamento que por êle o homem há-de deixar pai e mãe (III, 322). Ter *cabelos como Eva* era e é a ambição e o orgulho das damas (III, 89). A ideia de ligar, em contraste, *Eva* a pecadora e a Virgem sem pecado, que o Arcanjo Gabriel cumprimentou com a saüdação *Ave, Maria*, expressa no Hino *O gloriosa Domina,* na tradução intercalada no *Auto Pastoril Português* (I, 146), é repetida nos *Mistérios da Virgem* (I, 106). No Sonho febril o poeta vê Eva fazer migas a Adam: sem sal, água e pão.

Évora. — Na capital do Alentejo, onde D. Manuel e D. João III passaram ora o Natal, ora a Páscoa, houve sete representações vicentinas: 1523 a do *Auto Pastoril Português;* 1524 a da *Frágua de Amor;* 1525 provàvelmente a das *Ciganas;* 1533 do *Amadís* e *Romagem de Agravados,* ao nascimento do Infante Dom Felipe (II, 531); 1534 *Mistérios da Virgem;* 1536 *Floresta de Enganos.*

Ezequiel. — Citado como profeta (I, 350).

Fadas. — O Auto ou a *Farsa das Fadas* (III, 91-120) deveria ter o título de *Auto da Feiticeira*. As três, que essa evoca, são Fadas marinhas ou Sereias. Cantam, recitam quatro estrofes (oitavas de feitio especial: 4 e hemistiquio, +3 e hemistiquio: *abbaccddc*) a respeito de fados primitivos, e em seguida fadam el rei, a Raínha, o Príncipe e as duas Infantas. De modo infantil, fazendo tirar a cada um a sua sorte (astronómica ou mitológica) em papelinhos. Vê-se que o folquelore não fornecia ao Poeta senão o nome *Fadas* em Contos, de origem estrangeira.

Falula. — Taverneira de Lisboa, mencionada no *Pranto de Maria Parda* (III, 372).

Faraó, Pharaó. — Na reza de benção dos Judeus casamenteiros, que faz parte da *Farsa de Inês Pereira*, há a fórmula *Bento o Deu que a Faraó espantou e espantará* (III, 145). *As pragas de Faraó*, em geral intituladas *do Egito*, são mencionadas, juntamente com os *agravos de Job*, pelo fidalgo Bereniso, de nome cavalheiresco, na *Romagem de Agravados*, como inferiores ao próprio padecer dêle (II, 504).

Febo, Phebo. — O *Phoibos Apolo* dos Gregos, sinónimo portanto de *Apolo* e *Sol* e *Latonio*, é mencionado em regra juntamente com sua irmã *Diana*, e com qualificativos como *lumbroso* (I, 88 e 92; II, 358).

Februa. — Figura mitológica da *Farsa da Lusitânia* (III, 283, 293), citada também por Júpiter nos *Quatro Tempos* (I, 88) como muito *ufana nel trebuno*, certamente a decidir como deusa sôbre a saúde ou enfermidade dos mortais.

Feiticeira. — Uma do ofício, perseguida e castigada embora na realidade, figurou com brilho e graça perante a Côrte, na *Rubena*, (II, 16); e ainda outra na *Farsa das Fadas* (III, 92).

Felipe Guilhem (Guillen). — Curioso aventureiro castelhano, de variados talentos (em farmácia, matemática, astrologia, geologia) e que, como construtor de um astrolábio, teve aplausos de verdadeiros sabedores como D. Francisco de Melo (q. v.) e censuras de outros, p. ex. do colega Simão Fernandes (q. v.). Querendo retirar para Castela foi preso por ordem del rei (III, 377). Foi então que Gil Vicente, que o chama *grande trovador*, baseado seguramente em versos diferentes dos que se leem no *Canc. General* (II, 317, N.º 47 da ed. de 1880), o agrediu com pesados remoques (III, 377), não impedindo todavia que no Brasil fôsse agraciado por D. João III com tenças. Vid. *Br.*, p. 207, que se baseia em Sousa Viterbo, *Trabalhos Náuticos* (I, 143), e poderia ter citado também Varnhagen,

Hist. Bras. (I, 459). Em *Alguns Documentos*, p. 491, a data 1528 é errada.

FERNANDES (DIOGO). — Um cortesão dêsse nome é mencionado nas *Côrtes de Júpiter* (II, 406). Era poeta do *Canc. Ger.* (f. 176), e quanto ao cargo que exercia, reposteiro de D. Manuel e escrivão da Alfândega de Lisboa. *Br.*, 113.

FERNANDES (SIMÃO). — É o matemático e astrólogo notável do Algarve (de Tavira), que por haver combatido a invenção de Felipe Guilhem, é citado na didascália das *Trovas* a êle dirigidas (III, 377). Vid. *Br.*, 208.

FERNANDO (D.). — O Rei de Castela, por antonomasia o Católico (fal. 1516), é nomeado no *Romance da Aclamação* como avô de D. João III (III, 359). Indirectamente também no *Monólogo do Vaqueiro* (I, 4).

FERNANDO (D.). — O Infante, filho de D. Manuel (1507-1534), sôbre cujo infausto casamento com D. Guiomar Coutinho, herdeira dos condados de Marialva e Loulé, foi composta a Égloga *Andrés* de Sá de Miranda (N.º 113 das *Poesias* na ed. de C. M. de V.), figura naturalmente no *Romance da Aclamação* de seu irmão (III, 357), e na *Miscelânea* de Garcia de Resende (estr. 263). Anteriormente fôra nomeado na *Exhortação da Guerra* (II, 358) e nas *Côrtes de Júpiter* (II, 406) como *Ifante belo fermoso, bem assombrado,* ao ir no cortejo de D. Beatriz num castelo armado sôbre sereias (cfr. III, 261).

FERNANDO (D.). — O irmão de Carlos V, rei-duque de Áustria, Boémia e Ungria, é mencionado como lúcido Infante e Heitor militante no Argumento da *Comédia da Devisa de Coimbra* (II, 106).

FERNÃO D'ALVARO. — Vid. ANDRADA.

FERRARIA. — Rua de Lisboa, de que se fala no *Pranto de Maria Parda* (III, 366).

FEZ. — A cidade africana, que hoje é capital de Marrocos, e em que no século XIV sucumbira aos tormentos do cativeiro o Infante-mártir D. Fernando, entrou no entusiástico discurso da *Rainha das Amazonas*, com que o poeta nobilitou a *Exhortação da Guerra* (II, 363).

FIGUEIRÓ (CATERINA DE F. e não FIGUEIREDO, como por lapso se diz na edição de 1834). — Donzela do paço, honrada com o distintivo de *A Real*, citada no *Canc. Geral* (f. 216) por Garcia de Resende e mencionada na Farsa do *Velho da Horta* (III, 82).

FLORENÇA, FLORENCIA. — O Castelhano palrador, fantasioso e rebolão, da *Farsa da Índia* é mais ufano que F. (III, 31). ¿A bela cidade italiana? ¿ou uma dama dêsse nome e do género da que é citada pelo Frade da *Barca do Inferno?* (II, 228, 230 e 231).

Foes (Vasco de). — Quanto ao seu cargo palaciano, cevadeiro e mariscal de D. João III, êsse trovador do *Canc. Ger.*, é citado três vezes pelo nosso comediógrafo, com alguma ironia, como velho que fingia de moço, pintava a barba, e tratava a cara com cosméticos, de sorte a não ter rugas: na Farsa de *Inês Pereira* (III, 127); na *Frágua de Amor* (II, 344 e 346); e no *Clérigo da Beira* (III, 256) como um verdadeiro Matusalém *(nado quando foi a do Salado!)*. Vid. *Br.*, 134 e seg.

Fogaça (João de). — Um dos mais fecundos autores de Trovas do *Canc. Ger.*, relacionado com todos aqueles que Gil Vicente citou. A êle, evidentemente de idade avançada, se alude no *Velho da Horta* (III, 79).

Fogaças. — Nome da família ilustre, a que pertencia João, aparentada com os Silveiras (II, 133).

Folgosas. — Por um lugarejo assim denominado passara o Almocreve Pero Vaz no seu caminho de Viseu a Coimbra (III, 219).

Fornos. — A Rua dos F. é uma das de Lisboa, citadas por Maria Parda (III, 367).

Frades. — Não é pequeno o número dos que Gil Vicente introduz nos seus Autos, pondo a nú, com sarcasmos, ora cortantes, ora galhofeiros, os defeitos mais comuns da classe. De dois, evocados do Inferno pela Feiticeira do *Auto das Fadas*, um faz um *Sermão* humorístico sôbre o tema *Amor super omnia* (III, 104). Já tive de mencionar bastas vezes o ignorante ou pseudo-erudito, que como Prefaciador do Auto dos *Mistérios da Virgem* recita um Catálogo de nomes e títulos, sobretudo em latim deturpado (I, 100). Doido e folião é o que entra na *Nau de Amores* (II, 305). Libertino o da *Frágua*, com tendências para se asseglarar (I, 344). Devasso, namorado e esgrimidor, o que entra dançando e assobiando, com uma Moça pela mão, na *Barca do Inferno* (I, 226). *Frei Paço*, tratado ora de *Frei Cigarra* (II, 512), ora de *Frei Chocalho*, ora de *Frei Alfaqui* (II, 571), é um tipo desenhado com *verve* na *Romagem dos Agravados* (II, 496). *Frei Narciso* vem queixoso no mesmo Auto por não o terem feito bispo (II, 374). ¡Mais sensato é o que vem confessar o Clérigo namorado do *Auto dos Físicos*, citando-lhe como exemplo a seguir os *sete anos* que Jacó serviu por Raquel (III, 320)! Bom é o que vem consolar o Viúvo (II, 71). Na Introdução burlesca ao *Auto Pastoril Português* o lavrador Vasco Afonso anuncia, brincando, que virão ao palco (anfiteatral) uns vinte e sete frades que vem de furtar melões (I, 131).

Framengo. — Como língua de Frandes (Flandres), onde se cantam bem as missas, o framengo é notado por Maria Parda (III, 374).

França, Francia. — De países estrangeiros é o que mais vezes se menciona. Alusão à batalha de Pavia (1525), temo-la na frase *Mofina prendeu o rei de França* (I, 112); e lembrado de Francisco I é que o Almocreve (III, 219) diz de chacota ao pagem que prendesse el rei de França. *Raínha de França* era em 1527, quando o poeta representava a *Devisa de Coimbra* (I, 106) à boa D. Leonor de Áustria, para cuja entrada em Lisboa êle havia dirigido os festejos (Br., *Documentos*, VIII e IX). Artada, combatendo o amor de Flerida por D. Duardos (Julian), diz-lhe que poderia casar com um Príncipe de Ungria, ou de França, ou de Normandia (II, 221). Amadis (II, 255) vai à Gran Bretanha ao mui soberbo Dardan, a quem não resiste a França, nem a Alemanha, nem Espanha. Censurando o êxodo de provincianos para a côrte, o almocreve da Farsa gaba o siso e a manha com que lá fora se mantém a distinção entre fidalgos e lavradores (III, 220). (Cfr. Sá de Miranda, *Carta V*, estr. 27). O fidalgo que o ocupa, sem o pagar, inventa a petarola que o seu azemel está em França (III, 221). As muitas ocupações de D. João III *com êste Turco, com êste Papa, com esta França*, servem-lhe também de desculpa por não haver recomendado o seu Capelão ao soberano, conforme prometera (III, 212).

Na bôca do Francês, que é uma das Figuras do *Auto da Fama*, reqüestador da pastorinha da Beira, que simboliza Portugal, e também no *Argumento* dessa peça, o nome *França* ocorre naturalmente repetidas vezes com louvores como *porta do paraíso* e *la belle France* (III, 44, 45, 46, 47). O provérbio que *França e Roma não se fez num dia* é citado (I, 335), em lugar de *Roma e Pavia*, como se disse posteriormente a 1525.

Na *Ensalada (fatrasie)* com que o Poeta arrematou a *Farsa dos Físicos*, a França diz *en su latin* algumas frases, estropiadíssimas (III, 324).

Francês. — Figura do *Auto da Fama*, como acabo de dizer (III, 44 e seg.). *Ter güelas de francês* (II, 355) é locução usadíssima no século XVI. Uma cama *à la francesa*, já a conheciam mesmo os rústicos pastores da Beira (I, 69). E cantigas vindas de além Pirineus não faltaram: duas são citadas nos Autos: *Ay de la noble Ville de Paris* (I, 92); e uma *enselada que veio de França* (I, 75), *fatrasie* cujo texto não é apontado todavia.

Francisca da Guerra. — Dama do paço, mencionada no *Auto das Fadas* (III, 95). Vid. *Hist. Gen. da Casa Real, Provas*, II, 375.

Francisco de Meirões. — (I, 101).

Francisco (D.). — O Conde de Vimioso, relacionado com Benim (q. v.) (III, 96, II 31 a conferir com Negro de Beni).

Franchinote. — Joane, o pastor parvo do *Auto da Fama*, apelida assim o Francês da Farsa (III, 48).

Frandes. — No Romance em que se exalta o poder da Imperatriz D. Isabel, cita-se êsse «ducado» entre os domínios de Carlos V (III, 393). Como país de siso e manha figura a par da Alemanha e da França no trecho relativo a fidalgos e lavradores (III, 220).

Freiras. — Duas apenas figuram na *Romagem de Agravados*.

Freire (Cristóvam). — Citado no *Sermão de Amor* (III, 106) como leal cavaleiro e servidor de uma D. Ginebra. *Br.* não o identificou com nenhum dos seus conhecidos.

Frion. — Selvas de Frion (¿ ou *d'Efrion?*) ocorrem no discurso de Júpiter (I, 93). Povàvelmente da Terra Santa.

Fronteira. — Vila citada juntamente com a de Monsarraz na *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estréla* (II, 435). A ambas fôra dado foral por D. Manuel em 1512.

Funchal. — O Bispo D. Diogo Pinheiro figura com uma suposta fala no *Romance da Aclamação de D. João III* (III, 363).

Fundão. — O Vilão que figura no *Templo de Apolo* declara no *Auto da Festa*, v. 735, que seu pai era dêsse lugar (vila) e a mãe de Margerela.

Gabriel. — Claro que o Anjo ou Arcanjo da Anunciação figura no primeiro dos *Mistérios da Virgem* (I, 107-110), onde enuncia o *Ave Maria gratia plena* (I, 28). Saüdando a Raínha D. Caterina, ao seu chegar à capital, é que a própria Lisboa lhe diz entre outras coisas:

> *Venhais em tal hora como Gabriel*
> *veio à Virgem Nossa Senhora.*
> (II, 422).

Não falta na reza com que a Parteira cumprimenta Rubena (II, 12). Por o Anjo aparecer, nas pinturas, de longos cabelos loiros anelados, branco e rosado de tez, o poeta compara-lhe uma vez o formosíssimo Amadis (II, 286); outra vez *a mui alta Isabel*, ou seja a bela de Ticiano (II, 42).

Galaad. — As montanhas dessa região, a E. do Jordão, nomeadas cêrca de cem vezes no Antigo Testamento (na forma *Gilead*), são chamadas por Júpiter afim de adorarem Jesus (I, 93). *Gualad* na ed. príncipe (f. xix).

Galajo. — Vid. Circulo.

Galeno. — Médico e filósofo da Antiguidade (131-200 P.), nascido em Pergamo, falecido em Roma; até Paracelso, autoridade absoluta em medicina. A razão porque o grande jurisconsulto Luís Teixeira

(*Texera* cast., q. v.) era *de una parte Hipocrás y de la otra Galeno*, não a conheço, nem a adivinho (II, 387).

Gânges. — O nobre rio do Indostão não falta no discurso de Júpiter (I, 93).

Garça. — Nome de uma das naus da expedição (1506) de Tristão da Cunha (III, 38 e 40). No *Livro de Toda a Fazenda*, de Figueiredo Falcão (p. 141) há a grafia Graça.

Garcia Moniz. — Um dos namorados e marteirados idosos que Branca Gil invoca para acudirem ao esmorecido *Velho da Horta* (III, 79). Na *Barca do Inferno* (I, 240) êle é citado a respeito de um ladrão Enforcado, em termos que Braamcamp Freire considera ofensivos e feia acção do poeta, pois como Mestre da Balança da Moeda de Lisboa era, de 1513 a 1517, subordinado de Garcia Moniz, Tesoureiro da mesma. *Br.*, 85 e seg.

Gelboé. — Pequena cordilheira da Palestina, memorada pela grande derrota contra os Filisteus que ali sofreram os Israelitas, ficando mortos o rei Saul, e seu filho Jonatas, o grande amigo de David. Ela entrou no discurso de Júpiter (I, 93), apenas como nome geográfico que o poeta colhera no Breviário, naquele Responso impressionante de maldição, que é recitado duas vezes por semana, a Matinas, desde a Oitava da Festa do Corpus-Christi até ao primeiro domingo de Agôsto. Sá de Miranda dedicou-lhe versos muito mais significativos na *Carta a el Rei* (*Poesias*, N.º 104, estr. 8).

Gemes (D.). — Transcrição portuguesa do inglês *James*, correspondente a *Jaime*, nome do 4.º Duque de Bragança, o da expedição de Azamor (II, 349). Garcia de Resende chama-o também *Dõ Jemes*, na *Miscelânea* (estr. 161).

Geminis. — *Sic.* — Os *Gémeos* Castor e Pollux, como constelações, do Zodíaco (I, 89).

Genebra. — Nome que com o ciclo bretónico entrou em Portugal no primeiro período da literatura (*Canc., Col. Br.*, N.º 5). Gil Vicente deu-o à feiticeira do *Auto das Fadas* (III, 93, 95, 100). Uma D. Genebra, adorada por Cristóvam Freire (q. v.), talvez seja a mencionada nas *Provas* da *Hist. Gen. da Casa Real* (III, 807).

Genoês. — No sentido de mercadejante é empregado pela Troiana Pentesilea. Em 1513 ela dizia aos Portugueses *Não queirais ser Genoeses* (II, 361).

Genovês. — Por Aparício Anes, da Serra da Lousã, que entrega sua filha Giralda a Frei Paço para a examinar e adestrar para dama *paçã* (II, 521), somos informados de que do magnífico empório ligúrico vinham cosméticos a Lisboa. Da *Schminke*, chamada *robiquelhe genovês*, saíram os *arrebiques* portugueses, cuja origem árabe é muito

duvidosa. Parentesco com *rubicante rubicundo*, etc., é muito mais provável.

Geremias. — Vid. Jeremias.

Gerjalém. — Forma popular (com Jersalém) de Jerusalém (q. v.). Empregada em fórmulas de jura e rogo, como se houvesse uma santa daquele nome (I, 172).

Gerónimo (S.) Jerónimo Hierónimo. — Frei Narciso, um dos agravados que vão em romagem pedir *desagravo*, e que para si quer um *bispado* e rascões e escravos para lhe cuidar dos cavalos e falcões, recebe em resposta a sentença que mesmo sendo Cardeal, aquele Padre da Igreja vivia no *ermo*, e não no paço! Nunca se pinta a cavalo (II, 516 e 517).

Gerundo. — Vid. Diabo.

Gião (S.). — Seguramente S. Juião ou Julião o Hospitaleiro, que vem e vai com os que vão (II, 28 e I, 235).

Gibraltar (II, 413). — Vid. Estreito.

Gigantea diesa. — A *Fama* das cem bôcas, evocada por Júpiter no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 88), e da qual falei no § 47, onde cito, quanto aos *Lusíadas*, X, 44, Boccaccio e J. M. Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*, 69.

Gil (Mestre). — O médico a que alude Mestre Tôrres no *Auto dos Físicos* (III, 317) e com o qual praticou *o leste e o oeste e o Brasil*, era cirurgião-mór desde 1515, conforme estabeleceu *Br.*, p. 62 e 68.

Gil Vicente. — O poeta, seguindo uma naturalíssima moda antiga, do tempo dos trovadores, mete o seu nome em várias das suas obras, chamando-se em regra autor de *aitos para el rei*. Abstraindo das *Trovas* mandadas a Felipe Guilhem (III, 377), e do Argumento do *Templo de Apolo*, recitado pelo *Autor* (II, 371), temos uma auto-alusão na *Farsa dos Físicos* (de 1512), em cujo fim alguém promete ir à *Horta de amores*

> y traeré una ensalada
> por *Gil Vicente* guisada
> (III, 323).

Provàvelmente a do *Velho da Horta* (*Br.*, 62).

No *Auto Pastoril Português*, de 1523, há no Prólogo de Disparates do Lavrador Vasco Afonso os versos

> *E hum Gil... hum Gil... hum Gil...*
> . . . . . .
> *hum que nam tem nem ceitil*
> *que faz os aitos a elRey*

. . . . . .

mas ja não aitos bofé
como os Aitos que fazia
quando ele tinha com quê.

Ideados porventura para o poeta se fazer lembrado, depois do falecimento de D. Manuel (I, 129), no tempo de fomes e pestes que decorria.

Talvez de 1516, tempo de viuvêz do poeta, seja o *Auto da Festa*, certamente anterior ao *Templo de Apolo*, em que a Velhota que pretende casar, afirma que a mandara rogar

muitas vezes *Gil Vicente*
que faz os autos a el rei.

Foi todavia repelido. ¿ Porquê ?

He logo mui barrigudo,
e mais passa dos sessenta !
(v. 521).

Antes de brinco do que a sério. Vid. *Br.*, p. 82.

Na Introdução do *Auto da Lusitânia* (II, 273), os Judeus, obrigados a contribuir com *representações* para festas, falam de um *Aito que presenta Gil Vicente.*

E no Argumento da mesma Farsa, recitado pelo Licenciado, diz êle

Gil Vicente o autor
me feꝛ seu embaixador.

Em seguida, dá traços biográficos seus, completamente fantasiosos (III, 24).

Gilete. — Apolo impõe a um dêsse nome a obrigação de ser porteiro do seu templo (II, 377). Bem possível é apontasse o *Autor*, que já havia recitado a Introdução e o Argumento.

Glosa interliniarum (I, 101).. — Vid. § 45.

Glosa ordinária. — *Ib., ib.*

Goa. — Claro que a parte principal da Índia portuguesa, conquistada por Albuquerque em 1510, é mencionada no *Auto da Fama* (III, 52), cuja composição deve ser posterior a 1514, conforme ficou dito s. v. *Adem.*

Godos. — O grande povo germânico serve para Policena afirmar o génio conquistador dêle: quem ama com cautela, servindo sem esperar, não segue a tenção dos Godos (II, 361).

Golegã. — No discurso sôbre o tema *Deus é português*, já bastas vezes alegado, declara-se, de brinco, que o céu, e a terra, e o mar,

nasceram naqueles dilatados e férteis campos da Estremadura (I, 391 *Festa*, v. 377). Os bois da região parece que eram grandes, se interpreto bem a frase com que o *Ferreiro* do *Triunfo do Inverno* increpa a Forneira, dizendo-lhe *Em ti há que dar e ter como em boi da Golegan* (II, 486).

Golias. — O Filisteu gigantesco que David matou com uma pedra da sua funda, é mencionado por Satanás, depois de êle haver debalde tentado o Senhor. *Fui um gigante Golias, mas topei com el rei David* (I, 360).

Gomorra. — A cidade da Palestina, perto do mar morto, destruída com Sodoma, no tempo de Abraam, por fogo do céu, por causa da depravação dos seus habitantes (*Genesis*, I, 19), é nomeada por Belzebu na *História de Deus* (I, 372).

Gonçalo da Silva. — Vid. Silva.

Gonçalves (Gaspar). — Um dos cortesãos ironizados na Farsa do *Clérigo da Beira* pela bôca da endemoninhada Cecília (em quem fala Pedreanes (III, 258). *Br.*, 206.

Gonçalves (Mór). — Tipo citado em uma Cantiga, popular quanto à forma, mas relativa a uma *paçã* (II, 514).

Goncelos. — Vid. Concelos.

Gouvea. — Na Tragicomédia da Serra da Estrêla regista-se que essa cidade mandaria à Raínha, no nascimento da Infanta D. Maria (1527, Coimbra), dois mil sacos de castanha, grossa e sã e tamanha que todos se admirariam (II, 442).

Gran-Bretanha. — Amadis vai ao reino unido combater Dardan (II, 255). Vid. Inglaterra.

Gran-Grécia (II, 143 e 176). — Vid. Grécia.

Gran-Soldão. — O Turco não come tanta iguaria como as deseja o alfaiate judeu da *Farsa da Lusitânia* (III, 267).

Granada. — O Castelhano, do *Auto da Fama*, ao falar das victórias de Espanha, não esquece a tomada do último estado muçulmano (III, 57). Panos de G., com figuras, são louvados no *D. Duardos* (II, 206).

Grécia. — A mitologia e a idade heróica dos Helenos, influiram nos livros de cavalarias. *D. Duardos*, p. ex., é o mór e melhor cavaleiro de *tôda a Grécia* (II, 245). A Grata Célia da *Floresta de Enganos* casa com um Príncipe da *Gran-Grécia* (II, 143 e 176). Deusas da Grécia cantam e bailam na *Farsa da Lusitânia*, juntamente com outras do Egito e de Tróia! (III, 285). O moço *Portugal*, ao ver *Lisibea*, declara que em *Grécia* nem Ultramar, tal fermosura não via (III, 280). No *Sermão de Abrantes*, expondo o sentido de *Non volo*, diz o poeta que não falará sôbre se o dilúvio era

fenómeno divinal ou natural, como afirmam *os de Grécia* (III, 338). ¿ Pensaria nas Metamorfoses de Ovídio ? Que as *Ciganas* declaram *De Grecia sumuz* (III, 195), já o disse mais acima. Por isso titulam *lírio de Grécia* a um dos fidalgos da côrte (III, 193). As Deusas vindas do Oriente (Egito, Tróia e Grécia) entoam um cantar que *en Grecia usamos, tornado en buen castelhano!* (III, 299) para a *Farsa da Lusitânia.*

Gregório (S.). — O Magno; Conf. e Dout. da Igreja, cuja festa é celebrada a 14 de Março. Considerado protector e advogado especial das almas detidas no Purgatório, por causa da grande devoção que por elas tinha e revela nas suas obras. A lenda apoderou-se da sua vida, fazendo dêle um Edipo medieval. Na *Vie du Pape Grégoire*, poema francês da primeira metade do século xii (ed. Luzarche, 1857), imitado por Hartmann von Aue, encontra-se a scena que o representa salvando a *Trajano* das penas do Inferno (Vid. Gaston Paris, § 145, *Notes*). Entre as práticas supersticiosas que se ligaram a êsse Santo Papa, há fórmulas de Missas em que se pede o livramento das almas. É considerando que já passara vivo pelo Purgatório, preso no Limoeiro, que o *Enforcado* da *Barca do Inferno* (I, 242) menciona as tais *Missas.*

Guarda. — O nome do contraforte forte, frio, feio — e hoje em dia fúnebre — da Serra da Estrêla, originou, pelo seu significativo, mais de um rifão. *Venho de Tomar e vou para a Guarda* talvez seja o mais antigo. Combinado com outro que diz *Tudo vem a seu tempo e os nabos — ou a raia — em advento*, êle inspirou ao poeta outro, que colocou na bôca daquela Biscainha, que não dava fiado a Maria Parda, pois proclama *Agora tem vez a Guarda E a raia no avento* (III, 368).

Guerra. — Vid. Francisca.

Guijon. — Embora citado entre os *rios* do Oriente, é provàvelmente a fonte *Gihon*, da Palestina, situada a E. de Jerusalém, citada cinco vezes pelo menos no V. Test. O poeta deturparia o nome (I, 93) por falsa analogia com a cidade asturiana de *Gijon.*

Guilhem. — Vid. Fflipe.

Guimarães. — É sòmente nos títulos de D. Gemes, como Duque de Bragança e de Guimarães (II, 348), que a pátria de Afonso Henriques é citada.

Guiné. — Cast. Guinea. — No *Auto da Fama* figura a importante possessão portuguesa na África Ocidental III, 51). Entre os *Triunfos do Inverno* há um sôbre o *mar de Guiné* (II, 466). O Chanceler-mór e Cidaéa (q. v.) são tão parecidos como Mandinga e *Guinea* (II, 380). Exaltando a beleza de Flerida, D. Duardos menciona como

contraste as damas de *Guinea* (II, 206). No *Auto da Festa* (v. 394) a *gente de Guiné* é designada como melhor setecentas vezes que a gente de Castela! Além disso temos ainda no cortejo dos peixes *garoupas da Guiné* (II, 403); e entre os medicamentos receitados ao Clérigo namorado *favas da Guiné* (III, 306).

Guineu. — É o Preto da Guiné (III, 249) e a linguagem que fala em Portugal, também chamada simplesmente *guiné* (II, 340).

Guterres (Aldonça). — Desconhecida, mencionada pelo Frade doido da *Nau de Amores* (II, 320).

Hebrea. — Com êsse apropriado nome figura a Lei da Escritura no *Auto da Cananea, pastora de Judea nascida em monte Sinai* (I, 356). A ela se refere o *Mundo* na *História de Deus* (I, 330). Vid. Silvestra e Veredina.

Hechene. — Echidna (I, 90). Vid. § 47.

Hecuba. — Vid. Ecuba (f. clviii) (II, 358).

Heitor. — Na edição-príncipe sempre Eytor. Tanto com respeito ao *Troiano*, que entra na *Exhortação da Guerra* (II, 366 *bis*), onde de resto na côrte afamada de D. Manuel, se contenta de dizer *Nem Eytor nam faz mister*, como sendo mero sobrenome de bons militantes (II, 106; III, 188).

Helena. — Vid. Elena.

Henrique. — Vid. Anrique. Também no *Auto dos Físicos* o *Mestre* dêsse nome, um dos mais conhecidos de Lisboa, cuja carreira scientífica e prática foi reconstruída por Braamcamp Freire (p. 67), aparece na única forma usada nos dias de Gil Vicente.

Henriques. — Vid. Anriques.

Hércules. — O das doze façanhas é nomeado como vencedor de Anteu (q. v.) por Satanás, quando não conseguiu seduzir Jesus (I, 361).

Herra. — *Sic.* A povoação fértil da *Erra*, próxima de Coruche, pertence ao grupo de terras com que Satanás tentou seduzir o Cristo (I, 340).

Hilário. — Vid. Ilárius.

Hieronymus (S.) (I, 102). — Vid. § 45, Gerónimo.

Hierusalem, Hierusalen (cast.). — Essa forma culta do nome da capital da Judea no rio Jordão, é usada no Auto dos *Reis Magos* (I, 33) pelo Eremita que a êsses mostra o caminho duas vezes nos *Mistérios da Virgem* (I, 119, lat. e 125) e na *História de Deus* (I, 340), em versículos traduzidos do Evangelho de Lucas (xx, 39).

Himeneo. — O deus do casamento, curiosamente designado como *padrino de los casados Persianos*, no discurso de Júpiter! (I, 89).

Hipocras. — Hipócrates, o maior dos médicos da Antiguidade

citado juntamente com Galeno (II, 387), afim de se enaltecer, pelo simile, o chanceler Luís Teixeira (Lobo), o humanista de quem André de Resende dizia, na Oração de 1534: que não sabia que mais admirar nele, se o seu profundo conhecimento do direito, se a elegância da sua frase latina ou grega, se a sublimidade da sua inspiração poética. Vid. Acaz.

Homem (Luís). — Correio-mór do reino, como ficou estabelecido por *Br.*, 198; nomeado no *Clérigo da Beira*, em que o filho Francisco continua o *Inducas in tentationem* rimando *Responda-te Luís Homem*, por motivos que seguramente sempre ignoraremos (III, 233).

Hospital de Todos os Santos. — À Raínha D. Leonor, magnânima protectora do ourives e do trovador, por cuja recomendação êle fôra nomeado em 1509 vèdor das obras de oiro e prata para *lá destinadas*, foi representado em 1518 na capela, o *Auto da Barca Segunda* (I, 245).

Hulcão. — Vid. Diabo.

Hungria. — Vngria na edição-príncipe. Foi lá entre o Danúbio e os Carpatos que esteve, e donde veio para a Serra de Sintra, o cavaleiro Portugal, todo fundado em amores por Lusitânia, filha de Lisibea! (III, 277). Lembrança das lendas relativas a Afonso Henriques e o Conde D. Henrique (*Lusíadas*, III, 25 e 28).

Hurganda. — Urganda (II, 290).

Huxonia. — Nome latino de Oxford, a célebre Universidade inglesa. Como Príncipe fabuloso da região aparece D. Rosvel, que, disfarçado de trabalhador, entra em casa do *Viúvo*, de cujas filhas Paula e Melícia êle se namorara (II, 81).

Iffanta, Ifanta. — Assim na edição-príncipe; nas edições modernas quási sempre Infanta [1].

Além da mãe de D. Manuel, viúva de D. Fernando, aquela *Infanta D. Beatriz* que faleceu em 1506, tendo assistido ao nascimento de D. João III e à representação do *Monólogo do Vaqueiro* (como expliquei na Segunda *Nota Vicentina*), houve duas Infantas que assistiram a representações de Gil Vicente. Ambas filhas de D. Manuel e D. Maria. E são, como o leitor sabe:

D. Beatriz, que de 1521 em diante foi Duquesa (q. v.) de Sabóia (II, 395 e III, 347 e 348), e

D. Isabel, de 1526 em diante Imperatriz, espôsa de Carlos V, mencionada na *Exhortação da Guerra* (II, 385); nas *Côrtes de Júpiter* (II, 407), e na *Comédia de Rubena* (II, 47), e festejada na sua partida com a representação do *Templo de Apolo* (II, 370).

[1] *Iffanta* p. ex., II, 395.

Das filhas de D. João III e de D. Caterina, só uma é nomeada com o título, como passo a dizer.

Iffante, Ifante (f.). — É variante arcaica de *Iffanta* e designa as duas irmãs que acabo de mencionar no lance *Iffanta*. Uniforme a princípio (como todos os nomes em *ante*, *ente*, *inte*, *ôr*, *ês*), o vocábulo passou a biforme por analogia com o enorme pecúlio de femeninos em *a*. Encontra-se p. ex., com relação a *D. Maria*, na *Farsa das Fadas* (III, 93 e 112) e na Didascália da Tragicomédia Pastoril da *Serra da Estréla* (II, 421).

Outra Infantinha, irmã dela, falecida no berço, Brites salvo êrro, é designada pela fórmula *Júlia modesta* (q. v.).

Iffante (m.). — São os filhos de D. Manuel, tratados em globo de *os Iffantes* no *Romance à Morte de D. Manuel* (III, 348), quando em 1527 assistiram à representação da *Devisa de Coimbra* (II, 106) e à entrada de D. Caterina (II, 295): *D. Luís*, *D. Afonso*, *D. Henrique*, *D. Fernando*, *D. Duarte*.

Quando o poeta fala de um só, suponho ser D. Luís. Assim *o nosso Infante* no *Auto da Lusitânia* (III, 272), por ter sido sempre o predilecto da nação. (Cfr. II, 350). No *Romance*, o que ia ao estribo direito (III, 357) era D. Duarte e não D. Fernando. Mas algumas vezes trata-se também de filhos de D. João III, p. ex. na *Romagem de Agravados* (II, 495 e 531).

Um, estrangeiro, da casa de Habsburgo, aparece também como Ifante — *lúcido Ifante* — mas com a explicação de *Rei*, *Duque de Áustria* (II, 106). É o irmão de Carlos V e vencedor dos Turcos que em 1531 subiu ao trono imperial como Ferdinand I (II, 106).

Igreja. — A Madre Santa Igreja, como se diz e repete no *Argumento* do *Auto da Alma*, onde figura como personagem (I, 185).

Ilário (S.). — Ignoro qual dos dois que conheço é mais festejado, se o Bispo de Poitiers (fal. em 369) ou o de Arles (fal. em 449). Citado ou invocado é *¡Ah corpo de Santo Ilário!* pelo ferreiro que figura no *Juiz da Beira* (III, 187) muito espantado. A pronúncia devia ser *Ilairo*, visto que rima com *veairo* (veneta).

Ilha perdida. — Brincando é que o Diabo designa assim o lugar para onde vai a *Barca do Inferno* (I, 216).

Índia. — O nome glorioso brilha no título e texto da farsa em que se ironiza o comportamento indigno da mulher cujo homem embarcou (III, 29, 30, 35). Ao Piloto ignorante do *Triunfo do Inverno* dirige um Marinheiro a pregunta insolente: *¿ quem vos houve a pilotagem pera a India desta nau?* (II, 449).

Marte, a quem Júpiter ordena que acompanhe a frota da Infanta D. Beatriz, enaltece as façanhas dos Portugueses nas partes de além

e na Índia (II, 414). *Irei para a Índia* é a ameaça com que o parvo do *Auto Pastoril Português* ameaça a rústica Catalina que o despreza (I, 135).

Índico. — No mar índico quer afundar as suas armas o Amadis quando Oriana o maltrata (II, 278).

Índios. — São os Hindus, de cuja metade feminina a ama do embarcado finge ter ciumes (III, 41), *porque lá ha indias mui fermosas.*

Inês. — De Castro (II, 133). — Vid. Crasto.

Inglaterra. — Raínha de Inglaterra era em 1527, quando Gil Vicente representava a *Devisa de Coimbra*, como primeira esposa de Henrique VIII e mãe de Maria Tudor, a princesa de Aragão, *D. Caterina* (II, 106). *Los reinos d'Inglaterra* são mencionados no belo romance de *D. Duardos e Flerida* (II, 250), nas conversas entre essa princesa e Artada (II, 221) e entre D. Duardos e Olimba (II, 196), assim como no Argumento da Tragicomédia (II, 182).

Ingrês. — Inglês. — Um dos diabretes evocados na *Exhortação da Guerra* pelo Clérigo Nigromante designa-o como *Bom Ingrês*, entre outras nomenclaturas que tôdas significam *amigo de Baco* (II, 355).

Insula firme. — Região em que se passaram façanhas de Amadis (II, 258).

Ipolmorea. — Assim nas edições modernas. Ipolmoreo na de 1562, por *Ipolmoroe* (visto que rima com *Gelboe*). Corrupções de *Hyperboreos*, no discurso de Júpiter, na estrofe dedicada a montes, serras e selvas (I, 93). ¿Onde temos de procurá-los?

Os montes Hyperboreos aparecem
lá onde mais de baixo está o polo,

como dos *Lusíadas* (III, 8) sabem os que tem boa memória. Que o nome designa uma região do Norte, vê-se na etimologia: *hyper* = sôbre e *Boreas*. As lindas Sagas registadas por Herodoto, Eratosthenes, Plínio, etc., sôbre o povo felicíssimo que a habita, é que dão interêsse ao nome. Cfr. Rifea [1].

Isaac. — O filho de Abraão e Sara, pai de Jacob e Esaú, é citado apenas por ter sido rico de gado (III, 258).

Isabel (D.). — Vid. Iffanta e Emperatriz.

Isabel (D.). — A Raínha Católica, mencionada como mãe da segunda esposa de D. Manuel, no *Monólogo do Vaqueiro* (I, 4).

---

[1] Alegando Estrabão é que Boccaccio diz no tratado *De montibus*: Hiperborei montes sunt Scythiae in asiatico oceani litore sub ipso cardine siderum, hyperbores dicti eo quod *ultra* eos filat Boreas.

Isaías. — Vid. Esaías. A forma com *i* é a mais usada: p. ex. I, 105, 357, 363. *Hebrea* fala, no *Auto da Cananea*, dos prantos dos dois maiores profetas (Jeremias e Isaías); um dos representantes da *Lei da Escritura* na *História de Deus* (I, 326). Profanamente é mencionado no Pranto de Maria Parda, que achava feições de profeta num seu compadre João Cavaleiro, a quem debalde pediu lhe desse a beber durante três dias.

Iseu. — Uma das Ciganas que em Évora lêem *a buena dicha* nas mãos das damas do Paço, exclama à vista de umas muito bonitas *¡oh brancas manos de Iseu!* e prognostica que ela casará . . . em Viseu! (III, 197). A do filtro mágico não aparece na *Copilação*. Nem tão pouco Tristão, o Namorado.

Ismael. — A Fé, falando da *Fama Portuguesa*, gaba-a sobretudo por fazer tantos destroços a Ismael — o filho de Abraam e Agar, de que é costume derivar os Ismaelitas ou Árabes, ou seja a *Mourisma* (I, 62).

Na Cantiga castelhana feita por um Judeu de Aveiro, pela morte de seu *abuelo* (II, 448), há em rima o vocábulo desconhecido *deismelo*. Não é provável que seja corrupção de *d'Ismael*.

Israel. — O povo eleito (I, 20 e 342). No *Auto da Cananea*, o Cristo fala da sua missão, segundo o Evangelista, como destinada só às ovelhas de Israel, e não aos gentios de Canaam (I, 370).

Italiano. — Figura do *Auto da Fama* e um dos pretendentes às glórias de Portugal (II, 44 a 61). Êle cita Pavia, Veneza, Venezianos e Napolitanos.

Jacó. — Escrito ora assim, ora Jacoo, ora Jacob, mesmo onde rima com *yo* ou *Pharaó*. O patriarca, pai dos doze filhos de que sairam as doze tribus de Israel, é mencionado a miúde: por causa da escada que viu sonhando e que simboliza a virtude da Virgem (I, 105); por causa do seu amor constante por Raquel, cantado em muitas poesias, das quais a mais célebre é o Soneto de Luís de Camões

Sete anos de pastor Jacó servia.

(II, 372 e III, 321). As proverbiais fortunas de Jacob são alegadas por Jesus (I, 380) assim como a especial missão dêle para as ovelhas de Jacó (I, 374). O Judeu casamenteiro do *Auto de Inês Pereira* principia a sua bênção com a fórmula *Bento o Deu de Jacó*. No sonho febril do poeta, adoentado quando tinha de contribuir aos festejos para a partida da Imperatriz, há uma estrofe humorística relativa a Rachel *(sic)* e Jacó (II, 372).

Jam. — Forma reduzida de *Joam*, que aparece em nomes populares como *Jam Galego* (II, 531), *Jam Grou* (I, 262), *Jam Montês* (I, 141),

Jam Piolho (II, 485), *Jam das Bestas* (I, 31). Cfr. *Juan de la Greña* (II, 449 = o Inverno); *João Preto* (II, 448), nome que figura numa lengalenga que lembra a moderna do *João Ratão*. Vid. João e Juan.

Jason. — No sonho febril do poeta doente, Medea pregunta por Jasão, o chefe dos Argonautas que foram à Colchida conquistar o Velo de oiro (II, 372).

Jeremias. — Nos Autos de devoção, o Profeta é citado por causa das Profecias e Lamentações: *prantos* e *choros* (I, 328, 353, 356) e uma vez *prisões*, (I, 380). Num dos textos profanos um Lavrador lastima a sua morte (II, 109). E o próprio poeta, cheio de saüdades pela antiga alegria portuguesa de 1500, suspira em 1530, porque então os tamborileiros entoavam *Jeremiadas* e nos terreiros se cantavam versos compostos por um Judeu de Aveiro pela morte do avô (II, 448). Vid. Geremias e Ismael.

Jer'salem. — Assim está nas edições modernas (III, 58). Na impressão-príncipe lê-se todavia Jerusalém, conquanto, na contagem das sílabas, seja só de três valores.

Jerusalém. — Na Fábula da *Devisa de Coimbra* o Caçador Celiponcio entrega à irmã Liberata, por ela ficar só, uma buzina, recomendando-lhe

> y si te enojare alguien
> toca y verás cuan aina
> destruen Jerusalem.
> (II, 125),

¿ Confusão, talvez propositada, entre Jerusalém e Jericó? À destruïção da cidade onde se passou a Paixão de Cristo por Nabucodonosor (II, 382), alude Belzebú no *Auto da Cananea* (I, 373). Um dos Romeiros que em 1526 figuravam no *Templo de Apolo*, pedia ao deus da luz fizesse Carlos V vencer o Turco e quebrar os muros de Jerusalém (II, 382).

Jesu e Jesu Cristo. — Figura no *Auto da Cananea* e na *História de Deus*. Sempre *Jesu*. Nunca *Jesus*. Nem onde a edição de 1834 e as posteriores introduziram *por nefas* essa forma.

Joannes. — A forma latina do nome do Baptista ocorre na *História de Deus* (I, 330, *Oh glorioso Joannes santo pregoeiro*).

Joannes Monteregius. — Vid. Monteregio.

João Calado. — ¿ Quem será? Na *Farsa dos Físicos*, o Clérigo namorado é ameaçado da *maldição* de um tipo assim chamado; em certas condições, bem se vê (III, 305). Compreenderia-se como ódio e malquerença escondida no ámago do coração. Mas no passo citado mal pode ter essa significação.

João (S.). — Com o nome português o Baptista figura no *Auto da*

Cananea e na *História de Deus* (I, 305), e é invocado tanto em Autos de devoção como em Comédias profanas (p. ex. II, 28).

João (D). — O primogénito del-rei D. Manuel e da Raínha D. Maria. Príncipe de 1502 a 1521. O seu nascimento foi festejado no paço da Alcáçova e na própria Câmara da Raínha pela *Visitação* ou o *Monólogo do Vaqueiro* (I, 1). Dos nove anos em diante assistia de vez em quando aos Serões. P. ex. em 1511 à representação do *Auto das Fadas* (III, 93 e 111); em 1513 à *Exhortação da Guerra* (II, 350), em que Policena se lhe dirige (p. 358) como a um *Príncipe excelente*; em 1514 ao *Auto do Viúvo* (II, 69); em 1521 ao festival das *Côrtes de Júpiter* (II, 396). Ainda em vida do Venturoso foi feita e representada, em especial para êle a *Comédia de Rubena* (II, 4).

Entronado e aclamado recebe as homenagens do dramaturgo no Romance tantas vezes citado (III, 355: *príncipe angelical*).

De 1523 a 1536 saem do génio inventivo do poeta palaciano, para dias santos e festas de família uns vinte e dois Autos, não sendo destinado para o rei apenas o da *Cananea*, o da *Festa*, e porventura o *Diálogo da Ressurreição*. De devoção: o *Auto Pastoril Português* (1523); o *Auto da Feira* (1527); a *História de Deus* (1528); a *Mofina Mendes* (1534); os *Mistérios da Virgem* com o *passo* profano intercalado (1534). Do género novo das Tragicomédias festivas, inaugurado em 1521 com as *Côrtes de Júpiter:* a *Frágua de Amor* (1526); *D. Duardos (ib.);* o *Templo de Apolo* (1526); a *Romagem de Agravados* e o *Amadis* (1533); a *Floresta de Enganos* (1536); a *Devisa de Coimbra* (1527); a *Serra de Estréla (ib.);* a *Náu de amores* (1528) e o *Triunfo do Inverno* (1529). Farsas de folgar: *Inês Pereira* (1523); o *Juiz da Beira* (1525); as *Ciganas* (1526); os *Almocreves;* o *Clérigo da Beira* (1527); e a *Lusitânia* (1532).

Job. — Como prefigurador, o homem da terra de Us, que sofrera o seu infortúnio com suma resignação, aparece na *História de Deus* (I, 305-321), *ancião pobremente vestido*, segundo consigna a edição avulsa fac-similada em Madrid (I, 305-321), dizendo em português sonoro o que está em hebraico no seu *Livro*. Desgraçados que posteriormente tentaram sofrer desventuras sem respingar, comparam a sua sorte com a de Job (II, 504 *agravos*) e a sua virtude com a *paciência* dêle (I, 380 e 384).

Jorge (Senhor D.). — É o Mestre da Ordem de Santiago e Duque de Coimbra, filho natural e muito amado de D. João II, a quem o

---

[1] O *Príncipe* a que se alude no *Auto da Lusitânia* (1532) claro que é o filhinho *D. Manuel*, nascido em 1531 (III, 276 e 299).

Poeta atribue algumas palavras relativas à morte de D. Manuel (III, 351).

Jorge (D.). — O cortesão assim nomeado na *Nau de Amores* (II, 318) era (segundo *Br.*, p. 166) reposteiro-mór e caçador-mór de D. João III. Tinha fala de moço mimoso.

José (S.). — Figura evangélica da Segunda Parte dos *Mistérios da Virgem* (I, 99, 118 e 120).

Josefo. — Seu nome, mas não a sua obra histórica, está registada no Catálogo do Frade pseudo-erudito que prefacia os *Mistérios da Virgem* (I, 101). Vid. § 49.

Juan. — A forma castelhana, equivalente ao português *João*, no tempo de Gil Vicente *Joan* (Ioã), e entre os rústicos *Jam*, *Jan*, alterna com tôdas elas, conforme as bôcas que as enunciam. Registarei algumas.

Juan Domado. — Criptónimo-poético del-rei D. João II, que o Poeta viu e admirou como *pastor de pastores* (I, 9) — *con gran hato de ganado, — con su cayado real — repastando en la frescura — con favor de la ventura.* Vid. Domado.

Juan de la Greña. — Nome popular do Inverno (II, 449).

Juan (S.). — No *Auto da Festa* entôa-se um cantar relativo à festa do precursor. E diz: *San Juan Verde Quan garridico lo vi venir.* É cantado por Ciganas (v. 172).

Judá (Judaa). — O reino da Palestina, constituído pelas tríbus de Judá, filho do patriarca Jacó, é nomeado nos Autos de devoção, sobretudo por a Virgem descender dêle e por ela Jesus-Cristo (I, 118), nascido em *Belém de Judá* (II, 327). Cfr. I, 123, *terra de Judá.*

Judeus (fem. Judias). — Descendentes de *Judá* (II, 57). Hebreus, Israelitas; pertencentes ao *povo de Israel* (I, 352), *povo de Deus*, *povo eleito*, cuja representante principal é da *Lei da Escritura*, e no *Auto da Cananea* a Pastora *Hebrea* (I, 354 e 356). Como povo no meio do qual andou o *Messias*, sem êles o reconhecerem, são mencionados por S. João na *História de Deus* (I, 332); e por um dos Rabis do *Diálogo da Ressurreição*, incrédulo, porque se Jesus fôra o Esperado teria levado os Judeus à Terra onde mana o leite e o mel e é herança dêles (I, 352).

Além da *Hebrea* temos outro representante visto através de óculos caricaturantes, na *Barca do Inferno* (I, 214 e 234). Conquanto o *Onzeneiro* do Auto seja Cristão, o Judeu tenta peitar ingènuamente o Arrais, oferecendo-lhe ... quatro tostões, e depois mais um ... para poder levar consigo o cabrão (bode) que trouxera.

Na Farsa de *Inês Pereira* aparecem dois Judeus casamenteiros (III, 122).

A da *Lusitânia* principia com uma Introdução, ou seja um Prelúdio, que é um quadro de costumes judaicos, traçado com agudeza, mas sem malevolência (III, 260).

Incidentalmente fala-se de um Judeu que vendia alvaiade (II, 521); de outro, de Aveiro, autor de um cantar pela morte do avô (II, 448).

Empregadas em sentido injurioso, notei as locuções *pulga de Judeu* (I, 251); *almareo de Judeu* (I, 256); e a frase *Não entra mais isso nela que pregação em Judeu* (II, 52).

Júlia. — No verso da *Floresta de Enganos*, que diz *De Verecinta, Julia y Palas*, julgo termos de substituir *Júlia* por *Juno* (II, 152), a conferir com III, 282-283 *Diesa Maya, diesa Juno, Diesa Palas, diesa Vesta. A nossa Julia modesta — Nacida por mão de Deos* (II, 441), rebento feminino dos imperantes portugueses, deve ser a filhinha, ainda não baptizada (Brites) quando o poeta compunha o *Triunfo do Inverno*, por isso identificada poèticamente com uma filha de César Júlio ou Júlio César.

Juno. — A espôsa de Júpiter, (identificada com a Hera dos Helenos), única deusa casada do Olimpo, figura no *Auto da Lusitânia* (III, 293) como casamenteira, um tanto irónica (III, 295, 298). É mencionada pelo próprio Júpiter (I, 88 e 92) e invocada por *Lusitânia* (III, 282).

Júpiter. — O pai dos deuses *Rex regum, dominus dominantium*, figura, como largamente expliquei no § 45, no Auto de devoção dos *Quatro Tempos* (I, 76, 88, 91, 94); e na *Frágua de Amor* (II, 323, 334-339) como Planeta. Como planeta é também citado por Mercúrio no *Auto da Feira* (I, 154) e pelo Físico Torres (III, 317). Na *Exhortação da Guerra* destinou, como juiz dos mortais, que D. Isabel passasse de Infanta a Imperatriz (II, 358 e 364). Na mesma função e como Rei dos elementos deu mesmo o título à Tragi-comédia das *Côrtes* (II, 395 e 397). As *Fadas* que distribuem sortes à família régia (III, 115) marcam a sorte de Júpiter a D. João III. Veja-se ainda II, 336.

Jurafás. — Entre os esconjuros do Clérigo-nigromante que recita a Introdução da *Exhortação da Guerra* (II, 353), há a fórmula *Polo vale de Jurafás* (em rima com *Satanás*). Deve ser variante de *Josafat*, aquele vale entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras, onde a lenda coloca o *Juízo final* ou *Juízo de Dsus*.

Justiça maior (e Doutor). — É uma das figuras principais de um dos sete passos da *Floresta de Enganos*. Velho de sessenta e seis anos êle é enganado por uma moçoila esperta (II, 155-160).

Landeira. — Terra do Ribatejo, citada diversas vezes como de bom vinho (III, 355) e de bom pão, entre aquelas com que Satanás quer

despertar a cobiça do Cristo (I, 340); entre as que o Vilão do *Templo de Apolo* conhecia a fundo; e, de brinco, entre aquelas onde haviam de casar damas de Évora, segundo as predições de uma Cigana (III, 200). Cfr. II, 390 e *Festa*, v. 326, assim como *Canc. Ger.*, II, 205.

Landosa. — Sapateiro dessa vila é uma das injúrias, com que o Parvo da *Barca do Inferno* se dirige ao Diabo Arrais (I, 224).

Latim. — No sentido comum, p. ex. na conversa de Silvestre e Gil (I, 19); no sentido figurado de língua (de estrangeiros), p. ex. da França, na *Ensalada*, por Gil Vicente guisada (III, 324).

Latónio. — Febo, como filho de Latona ou Leto (I, 88).

Lavra. — De Lavra a Coruche estende-se uma região com cuja riqueza e abundância Satanás quer tentar o Salvador (I, 340).

Legião. — Vid. Diabo.

Leão (S.). — A *oração de S. L.* (e não *o coração*, como se lê nas edições modernas III, 188) é desprezada pelo Brigoso da Farsa do *Juiz da Beira* quando a acha, junta a relíquias, no bôlso dos cobardes por êle vencidos (III, 188).

Leirea. — Leiria (III, 376).

Leo. — O Leão como Signo do Zodíaco sujeito a Marte (II, 413).

Leonor (D.). — A *Rainha Velha* (fal. em 1525). Isto é a viúva de D. João II e irmã de D. Manuel. A mais *afectiva e efectiva* protectora de Gil Vicente, cujas faculdades de ourives e de poeta empregou e animou, e recomendou eficazmente ao reinante. Fundadora do Mosteiro da Madre de Deus, ao qual legou dois cálices lavrados por seu protegido.

Quanto aos Autos, a cuja representação assistiu, e que pedira ao poeta, êles passam de uma dúzia — entre moralidades (=de devoção), farsas e comédias. E são, depois do *Monólogo do Vaqueiro*, de 1502, talvez inspirado por ela e de que tanto gostou que provocou nova representação para as Matinas do Natal:

1502 O *Auto Pastoril Castelhano*,
1503 *Auto dos Reis Magos*,
1504 *Auto de S. Martinho*,
1506 *Sermão de Abrantes*,
1508 *Auto da Alma*,
1516 *Auto da Sibila Cassandra*,
1516 *Barca do Inferno*,

---

[1] Por um lapso tipográfico (salto de *dona a dona*) o seu nome falta na Didascália. Vid. *Segunda Nota Vicentina*. Leia-se nela: *estando o mui poderoso Rei D. Manuel e a Rainha* [*Dona Leonor, sua yrmãa e a Iffante Dona*] *Breitis*.

1518 *Barca do Purgatório*,

E talvez a *Barca da Glória;* o *Auto da Fé* e o dos *Quatro Tempos.*

Além disso o *Processo de Vasco Abul*,

1509 *Auto da Índia*,

1510 *Auto da Fama.*

¿ E por ventura *Quem tem farelos*, o *Velho da Horta* e o *Auto das Fadas?*

Leste a Oeste. — As locuções *procurar* ou *achar a altura de L. a O.* (III, 213), *praticar o Leste e o Oeste e o Brasil* (III, 317), *encontrar e dar a arte de L. e O.* (III, 377), são relativas à navegação, e em especial ao problema de determinar a longitude geográfica com o astrolábio. Vid. Luciano Pereira, *A astronomia dos Lusíadas.* Cfr. Felipe Guilhem.

Levita. — Oposto ao humilde *Publicano* do Evangelho de Lucas (XVIII, 10-14) equivale a *Fariseu* orgulhoso, conquanto o significado cômum seja sacerdote da tribu de Levi (II, 43).

Lima (D. Fernando de). — Segundo *Br.*, 164 e seg., o cortesão nomeado na *Nau de Amores* entre os mal aventurados em amor (II, 318), era senhor de Castro Daire e Capitão de Goa.

Lima (D. Violante). — Donzela da Raínha D. Maria, citada na Ladaínha do *Velho da Horta* (III, 83).

Limão (Caterina). — Moça do pessoal da côrte, evidentemente inferior, festejada por certo Gaspar de Brito (III, 95).

Limoeiro. — A prisão de Lisboa é mencionada na *Barca do Inferno* pelo Enforcado, como espécie de Purgatório (I, 241 e 242).

Lisibea. — Simbolizando a cidade de Lisboa, na fantasia irònicamente arcaïzante do Poeta, uma ninfa dêsse nome, filha de uma raínha da Berberia e de um Príncipe-marinho, e procreadora da *Lusitânia,* figura na Farsa dêsse nome (III, 276-282).

Lixboa, Lisbona (cast., (II, 106). — Na capital foi representada grande parte dos Autos de Gil Vicente, nos paços da Alcáçova e Santos e Velho, e sobretudo no da Ribeira. Figura principal entra com grande aparato de música, como princesa, na Tragi-comédia da *Náu de Amores*, escrita para a recepção da Raínha D. Caterina (1527) — depois de a peste haver afastado a côrte, durante quási dois anos, da cidade do Tejo (II, 294). Citada por causa das suas caravelas (II, 306), mercadores (II, 521), como cidade real (II, 357), 348, 355 e 174.

---

[1] A respeito de uma alocução do *Velho de Óbidos*, e de todos os textos citados, consulte-se Braamcamp Freire e a *Raínha D. Leonor*, do Conde de Sabugosa.

Eis os Bairros e Subúrbios, Fontes, Praças, Ruas, Paços, Conventos, etc., nomeados nos Autos.

Alfama (II, 25, II; 333 e 366).
Cais da Madeira (II, 296).
Calcafrades (Rua de) (II, 25).
Calçado Velho (Rua do), ...
Campolide (II, 25).
Capela de S. Miguel (I, 76).
Carniçarias velhas (Rua das).
Cataquefarás (III, 366; cfr. 165).
Chafariz del rei (II, 296).
Chão de Alcami (III, 37).
Domingos (S.), Convento (III, 357).
Espírito (Santo), Ermida (III, 40).
Ferraria (Rua da), (III, 366).
Fornos (Rua dos), (III, 367).
Hospital de Todos os Santos (I, 245).
Limoeiro (I, 241 e 242).
Mataporcos (Travessa de), (III, 365).
Moeda (II, 403).
Mouraria (Rua da), (III, 367).
Mosteiro de Enxobregas (I, 35).
Mosteiro de Odivelas (Oud.), (I, 354, III, 148).
Nova (Rua), (III, 356).
Paço da Alcaceva. — Nêle foi representado em 1502 na Câmara da Raínha D. Maria o *Monólogo do Vaqueiro* (1502); na Capela, o *Auto Pastoril Castelhano* (1503), o dos *Reis Magos* e o dos *Quatro Tempos*, posteriormente.
Paço de Santos o Velho. — Nêle foi enscenado o *Auto da Fama* (III, 43).
Paço da Ribeira. — Habitado pela família real de 1505 em diante, foi lá que na Capela se representou o *Auto da Alma* e o da *Feira*; no palco armado na Sala de Festas o das *Fadas*, o *Velho da Horta*, a *Exhortação da Guerra*; e na Câmara (?) da Raínha D. Maria, a *Barca do Inferno*, a *Nau de Amores*, o *Triunfo do Inverno*.
Pedreira, (III, 93).
Picota da Ribeira, (III, 108).
Poço do Chão, (III, 367).
Porta de Santo Antão, (III, 258).
Porta do Ouro, (II, 13).
Rastelo, (III, 25 e 38).

San Gião (Rua), (III, 365).

San Gião (Adro de), (I, 233).

San Vicente de Fora, (II, 25).

Sé (a Tôrre da), (II, 352 e I, 171). Cfr. II, 402 (Cónegos) e I, 233.

Tôrre da Varanda, (II, 296).

Trindade, (II, 24, 25, 26 e II, 307).

Val de Cavalinhos. — Encruzilhada fora das Portas onde, segundo a crença popular, se reüniam as feiticeiras, cavalgando em cabrões (III, 97).

Lisboa (Pero de). — Escrivão da Fazenda e Contas da Casa da Imposição (de 1500 em diante, segundo *Br.*, 86 n.), mencionado malèvolamente pelo poeta na *Barca do Inferno* (I, 240).

Lobo (D. Francisco). — O fidalgo dêsse nome, mencionado na *Nau de Amores* como pretendente muito namorado de uma D. Beatriz (II, 319), era filho do Barão de Alvito, da criação de D. João III, como o curioso poderá ver no *Gil Vicente*, de Braamcamp Freire (p. 166).

Lobo (D. Ruy). — Êsse D. Rodrigo foi terceiro barão de Alvito (confirmado só em 1541. De 1525 em diante Vedor da Fazenda de D. João III. Mencionado na *Romagem de Agravados*. Em seu castelo os reis se hospedaram em 1531. Vid. *Br.*, p. 214, e *Brasões de Sintra* (II, 456 e seg., e III, p. 302).

Logronho. — Numa burlesca paródia da *Cantiga* de *La Bella Mal Maridada*, repartida entre três deusas, Pallas fala num trecho que não compreendo, de *uma burra de Logroño* (II, 249).

Lopes Çapaio (Afonso). — O cristão-novo de Tomar, autor do rifão *Matou-me moura e não mouro — E quem m'a lançada deu, Moura ela, e mouro eu*, ao qual G. V. fez uma *Trova* ou *Volta* (auxiliado *com outras muitas e boas* por outros dizedores) não figura em nenhum *Cancioneiro Português* que subsista (III, 379). Apenas posso chamar a atenção para o facto de o Chiado colocar na bôca de um personagem da sua *Prática* a frase *Vós tendes já melhor veia que Afonso Lopes Çapaio*. Quanto ao trocadilho de *moura* e *mouro* (que completa o de *cativa e cativo*), lembro que Gil Vicente o meteu em 1525 na Farsa do *Juiz da Beira* (III, 175).

Lopes de Carvalho (Diogo). — Nome de um legista obscuro, mencionado no *Juiz da Beira* (III, 161).

Lopes de Sequeira (Diogo). — Êsse cortesão, nomeado no *Templo de Apolo* (II, 380) pelo próprio Deus, que, brincando, o compara a Nabucodonosor, era do conselho e almotacé mór, alcaide mór do Alandroal, em sucessão a seu pai, segundo *Br.*, p. 131. Como Capitão mór de uma armada passara pela primeira vez à Índia em 1508,

e pela segunda vez em 1518. Sendo Capitão da Mina dirigiu a D. Manuel uma carta (de 22 de Dez. de 1523) em que há, além de queixas, as nobres palavras: «o que tinha gastey em vosso serviço e ho que ganhar, nom o quero senon pera vos servir».

Loreto. — O grumete do *Triunfo do Inverno* invoca a *Virgem Maria do Loreto* (II, 474). A Parteira de *Rubena* diz *Lorito* (II, 12, em rima com *Sp'rito*). Ambos conheciam com certeza a pia lenda da transferência milagrosa da *casa santa* à cidade italiana da prov. de Ancona; de 1295 em diante, lugar de romaria.

Lourinhan. — No discurso do Vilão no *Templo de Apolo* é nessa antiga e fértil povoação que nasceu o Sol (II, 391). Pudera, se êle é o *Louro!* e rubicundo (*Auto da Festa*, v. 378).

Lousan. — No mesmo discurso, as moças são tôdas dêsse lugar, ou por outra, de verdadeira louçania (II, 391).

Lucifer. — O anjo-diabo figura como Maioral do Inferno na *História de Deus* (I, 305, 307, 310). O seu nome equivale a *Inferno* (II, 300), e êsse é chamado também *pôrto de Lucifer* (*ib.*, 224). A Virgem está sempre armada contra êle (I, 51). Claro que os nigromantes o invocam (II, 353).

Luís (D.) — O Infante que entre os filhos de D. Manuel mais se distinguiu pela sua nobreza varonil. Na noite do seu nascimento foi prègado o Sermão sôbre o tema: *Volo non volo* (III, 334). Aos sete anos, quando assistia à *Exhortação da Guerra*, o Poeta fê-lo rir com certeza, prometendo-lhe pela bôca do Clérigo-nigromante, dar-lhe, preso pelo rabo, o mais forte dos diabos que estava a invocar. No cortejo que em 1521 acompanhava a Infanta D. Beatriz, o rapaz ia triunfante em cisnes alvos (II, 406). Na *Aclamação de D. João III* levava, cheio de orgulho, o estoque real (III, 356). Como homem culto, e sério amigo das sciências, favoreceu o doce estilo novo de Sá de Miranda, que lhe dedicou a sua *Celia*.

Lumear. — A povoação, cercada de magníficas quintas, palácios e casas de campo, hoje parte de Lisboa, é mencionada de passagem no *Juiz da Beira* (III, 174), na *Rubena* (II, 26) e na *Exhortação* (II, 355).

Lumear (João do). — Nome de um taberneiro de Lisboa (III, 370).

Lusitano. — Não é de admirar que em vez de *Portugal* o Poeta, pela bôca do *Marte*, diga *êste reino lusitano* (II, 414).

Lusitania. — De estranhar é, pelo contrário, que desse o título de *Lusitânia*, não a uma Tragi-comédia, mas a uma Farsa (III, 260, 276 e 296). Mas mesmo essa, cheia talvez de ironias aos Antiquários, e de ideas brincadas, é eflúvio do patriotismo de Gil Vicente.

Luzia (Santa). — Os Judeus casamenteiros da *Farsa de Inês Pereira*, afirmam, quando a gabam, que tem olhos de Santa Luzia e

cabelos da Madalena (III, 138). Um busto da santa *martel*, existente na igreja do *Clérigo da Beira*, é mencionado no respectivo Auto, não por causa da sua formosura, mas antes das teias de aranha que o envolviam (III, 235). Nas *Côrtes de Júpiter* (II, 407) a pequenina Infanta D. Maria (chamada *Madama*), indo no cortejo dos peixes, sôbre Cherubins, numa roupa de alegria, havia de ter por aia a Santa Luzia.

MADAMA (D. MARIA). — A Infanta D. Maria, filha de D. Manuel e D. Leonor de Áustria, sua terceira espôsa, foi, de brinco, intitulada assim pelo poeta, à francesa e flamenga (II, 407).

MADANELA. — A do Evangelho, de Magdala, é nomeada por causa ora das suas lágrimas de arrependida (II, 172); ora dos longos cabelos com que enxugou os pés do Salvador (III, 138); ora pela alegria que manifestou ao saber da ressurreição (III, 123); e finalmente como conservadora da formosura feminina (III, 198).

MADEIRA (ILHA DA). — Nomeada de passagem na *Barca do Inferno* (I, 224).

MADORRA. — (III, 19). Vid. § 51. Localidades *Madorra* e *Madorras* e *Madorna* são freqüentes nesta parte ocidental da península.

MADRIGAL. — Terra amada e citada por Maria Parda (III, 376), mas que não vejo registada nos Dicionários geográficos de Portugal. Em Espanha há diversos lugares assim chamados.

MAFAMEDE (MAFOMA MAHOMAD). — Entre as três formas do nome do Profeta que G. V. emprega, a primeira talvez fôsse a mais popular. A lista dos arabismos, recitada pelo frade doudo que figura na *Nau de Amores*, principia com *Mafoma* e *Mafamede* (II, 313). *Oh pesar de Mafamede* jura o Parvo do *Auto da Fama* (III, 45). A lei de Mafamede, claro que era odiosa a Maria Parda, pois manda matar a sêde com a triste da água fria (III, 367).

MAFOMA. — *¡Moura a seita de Mafoma!* exclama Aquiles na *Exhortação da Guerra* (II, 365). No passo profano dos *Mistérios da Virgem* ouvimos que a Mofina andava então (lá por 1530) com Mafoma (I, 112).

MAGESTA. — Erguida a Divindade por Ovídio (segundo Boccaccio, (III, 12) ela é implorada por *Lusitânia*, como *Das viúvas solitárias. protectora*, não sei porque confusão de ideias (III, 282).

MAGISTER SENTENTIARUM (I, 101). — Vid. § 49.

MAHOMAD. — Ao entregar o anel de condão à Infanta D. Beatriz, a Moura Encantada lhe dizia, em linguagem de negro da Guiné, *extar de mãe de Mahomad* (II, 418).

MAIA. — Uma das deusas benéficas cujo auxílio a *Lusitânia* implora em oração (III, 282).

Maio. — Como messageiro do Sol, pai de Lusitânia, figura essa divindade tutelar, alegre e garrida, no Auto do seu nome, a participar a ela que será casada com Mercúrio, o Deus dos comércios e do mundo (III, 260 e 283), nada galante e desnamorado, projecto que não se realiza por isso mesmo e porque seu primeiro pretendente que afastara, apareceu de novo: *este nobre Portugal, servidor de las mujeres mas que todas las naciones.*

Malaca. — A *Fama* coloca a tomada da próspera e forte península, por Afonso de Albuquerque, acima de todos os feitos de Roma (III, 52). De um doente, falto de apetite, diz-se na *Farsa dos Físicos* que fala em Malaca (III, 319).

Malaquias (Malachias). — Na segunda das suas obras scénicas, o *Auto Pastoril Castelhano* (I, 19), cheio de reminiscências bíblicas, sobretudo profecias relativas ao Messias, há uma tradução das do último dos profetas menores. *Ecce ego mitto angelum meum et praeparabit viam ante faciem tuam* (III, 1). *Eis el mi angel os embio — Con tan fuerte poderio Que aparejará la carrera. Delante mi haz verdadera,* juntando-lhe com licença poética *en el santo templo mio* con que na Vulgata *Et statim veniet ad templum suum* principia uma nova oração. Numa das suas *Églogas-Farsas*, Lucas Fernandez já nomeara Malaquias, com Miqueas e outros (p. 159).

Mancias. — Forma nacionalizada de *Macias, Mathias* [1], com que de 1400 e tantos a 1600, o trovador dêsse nome, alcunhado *o Namorado*, mais famigerado pela sua sorte trágica do que pelas suas canções, foi citado infinitas vezes como modêlo de amantes pelos poetas palacianos de Espanha e Portugal. Nas obras vicentinas é o *Velho da Horta* que se chama a si próprio outro *Mancias* (III, 77). No D. Duardos é a dama Amandria, que critica os amadores comuns que *delante son Mancias, En ausencia son olvido* (II, 209). *Não sejais tão Mancias* diz o Fidalgo materialista ao idealista do *Auto dos Almocreves* (III, 224). Das canções subsistem só quatro autênticas — entre elas a que principia

Cativo ! de mha tristura
já todos prendem espanto.

Vid. Rennert, *Macias o Namorado* (Philadelphia, 1900); trad. cast. de J. Carré Alvarellos, 1904; Lang, *Canc. Gallego Castelhano;* C. M. de V., em *Zeitschrift, XXVIII*, e *Canc. da Ajuda*, § 97.

---

[1] Nacionalizada pela tendência de dar a sílaba cuja inicial era *m*, um éco nasal (p. ex. em *monção, muim, mim, mãe*, ou no cast. *manzana, mancilla*). tendência que já existia no latim vulgar (*mancha* corresponde a *mancla, monco* a *muncu*).

Mandinga. — Região e tríbu da Guiné, citada na frase humorística, relativa ao Chanceler e a certo *Cidaéa* (q. v.) *que tan parecidos son como Mandiaga a Guinea* (*Templo de Apolo*, II, 380).

Manteigas. — Leite para catorze anos (!) só dessa vila oferece a Serra da Estrêla à Raínha D. Caterina, para a Infantinha D. Maria, nascida em Coimbra (II, 442).

Manuel (D.). — El rei Venturoso assistiu a quási todas as representações feitas na côrte de 1502 a 1521. Seu nome figura na didascália da *Visitação* (I, 1), do *Auto da Fé* (I, 63), dos *Quatro Tempos* (I, 46), da *Alma* (184), *Barca da Glória* (274), *Exhortação da Guerra* (II, 349), *Côrtes de Júpiter* (II, 395), *Quem tem farelos* (III, 4), *Fama* (II, 43), *Velho da Horta* (III, 63), *Fadas* e do *Sermão de Abrantes*. É todavia, sem que seja nomeado, indubitável, que assistiu à *Barca do Inferno*, e muito provável não faltasse à da *Barca do Purgatório*. ¿E à *Farsa da India*? — *Júpiter* nomeia-o uma vez *o que muito viva* (II, 400); a *Fama* dá-lhe o título de *Rei do mar* e *Alferes da Fé* (III, 51), outra vez de *senhor do mar oceano* (II, 414); como pai da Imperatriz é citado na Didascália do *Templo de Apolo* (II, 370); *Aníbal* como rei irado contra Mouros (II, 368). À morte del rei dedicou o Poeta belas Décimas (III, 346), um sentido *Romance* (*ib.*, 348), e uma *Oração a N. S.* a respeito do que os Grandes de Portugal diriam depois do entêrro (351). Vid. Emanuel.

Manuel (D.). — O nascimento do Principezinho dêsse nome, filho de D. João III e de D. Caterina, foi festejado pelo *Auto da Lusitânia*, em Lisboa (1532) e pelo *Jubileu de Amores*, em Bruxelas.

Manuel (D. Joana). — Donzela muito festejada da Raínha D. Maria. Mencionada no *Canc. Geral* e por Gil Vicente no *Velho da Horta* (III, 82).

Maracote. — O Negro que é a figura humorística do Auto do *Clérigo da Beira*, diz mal do Corregedor Tibau a quem pertencera (III, 243 e 254): Dr. Francisco Tibau, desembargador da Casa do Cível, nomeado corregedor dos feitos reais em 1529, casado com Leonor Gonçalves Maracote, cujo pai, também desembargador e corregedor, lhe passara o pôsto de conservador do estudo de Lisboa. Vid. *Br.*, 195.

Marco Aurélio. — (I, 101). — Vid. § 49.

Marcos Esteves. — Vid. Esteves.

Marechal (O). — D. Álvaro Coutinho, que herdara o pôsto de seu pai D. Fernando Coutinho em 1510, segundo *Br.*, 58. O Frade mundano da *Frágua de Amor* queria sair do caldeamento, da feição, idade e disposição do Marechal, assi nobre e liberal (II, 348). ¿A sério? ¿ou de brinco? Além disso é mencionado na *Farsa de Inês*

Pereira (III, 141) e no *Auto das Fadas*, como namorado de certa Guiomar do Ataúde (III, 95).

Maria (D.). — A Raínha, segunda mulher de D. Manuel, a cujo primeiro e feliz parto o Poeta escreveu o *Monólogo do Vaqueiro*, recitado na câmara dela, na Alcáçova, em 1502 (I, 1), e durante cuja última doença, causada pelo seu oitavo bom-sucesso, foi representada na câmara dela, no Paço da Ribeira, para a sua consolação, a *Barca do Inferno* (I, 214).

Maria (D.). — A Infanta dos Serões, filha de D. Manuel e sua terceira esposa D. Leonor, há a referência que já ficou registada, s. v. *Madama D. Maria*.

Maria (D.). — A Infanta, filha de D. João III e D. Caterina, a cujo nascimento em Coimbra (1527) foi feita e representada a Tragicomédia Pastoril da *Serra da Estrêla*, e que depois foi *Princesa de Castela*, como foi acrescentado à didascália original, pelos filhos do Poeta (II, 420). Êsse dissera *outra Princesa de Espanha*, aludindo ao casamento, da *mui alta Isabel — ũa rosa imperial*, realizado pouco antes (p. 422).

Maria (Santa). — Como nome da Virgem, ocorre muita vez.

Marialva. — Vid. Conde de Marialva (III, 352), (*Br.*, 196).

Marinilla. — *Reniego de M.* é fórmula burlesca de jura do Castelhano que figura no *Auto da Índia* (III, 35).

Marquês (O). — Na *Frágua de Amor* trata-se de um, com todo o respeito. Comparando-o a Aníbal, o poeta afirma que não lhe falta perfeição alguma e por isso não necessita ser refundido na forja (II, 345). *Marquês* por excelência era o de *Vilareal* (segundo Braamcamp, p. 139 e seg., e *Sintra*, II, 442). O 2.º do título, D. Fernando, faleceu em 1523 (*Sintra*, p. 225). O 3.º, seu filho D. Pedro de Meneses, deve ser portanto o que é citado na Tragi-comédia, representada na festa do desposório de D. João com D. Caterina. Na morte de D. Manuel (III, 352) e Aclamação de D. João III (*ib.*, 359), ainda figurava, pelo contrário, o pai, dando conselhos que denunciam a autoridade de um velho experimentado, e certo pessimismo:

> Governai polo antigo,
> que este pasto está em p'rigo,
> as ovelhas suspirando
> sem abrigo.

O que breve havia de ser Marquês, era então Conde de Alcoutim (III, 354).

Marquês de Tôrres Novas. — D. João de Lencastre, filho de D. Jorge, Duque de Coimbra, neto portanto de D. João II (III, 352).

Marrocos. — Falando das façanhas africanas, a *Fama* não podia omitir Marrocos (III, 59). Nem tão pouco a Raínha das Amazonas, podia esquecer êsse nome antes da acção de Azamor (II, 363).

Mars, Martes. — Deus das batalhas e planeta dos soldados. A forma nominativa ocorre em discursos de Júpiter (I, 92 e II, 413), e Mercúrio (I, 153), e nas *Côrtes* do mesmo, onde figura como protector e admirador da gente lusitana (II, 395 e 414). O falso genetivo (por *Martis*) sai da bôca de Aquiles (II, 364). A forma comum *Marte* não a usa Gil Vicente, nem tão pouco o clássico *Mavorte*.

Marta, a Piedosa. — Tipo popular, primeiro duma verdadeira altruista: ironizada posteriormente pelo povo a *que deu caldo aos enforcados* (III, 168), e transformada numa hipócrita que mascava o açúcar aos condenados (Prestes, Jorge Ferreira de Vasconcelos).

Martinho (D.). — O citado entre os idosos namorados no *Velho da Horta* (III, 81) com o qualificativo de *glorioso*, deve ser o de Castelobranco, Conde de Vila Nova de Portimão, do conselho del rei e vèdor da fazenda (desde 1480), pois já se distinguira nas guerras de Afonso V e além-mar. Os títulos de *apóstolo* e *evangelista* terão a sua explicação em factos da vida íntima. Vid. *Sintra*, II, 434.

Más avante. — Nacionalização castelhana da devisa *Plus ultra*, de Carlos V (II, 379).

Mealhada. — Essa vila é citada pelo diabito Zebron como uma das de bons vinhos, estimados pelo Clérigo-nigromante da *Exhortação da Guerra* (II, 355).

Meca. — A *Fama* menciona o susto que as façanhas de Afonso de Albuquerque causaram aos da cidade santa dos Muçulmanos (III, 52 e 53).

Medea. — A trágica figura da filha do rei da Colchida é mencionada só de brinco. Gil Vicente viu-a em sonhos febris, preguntando por Jason, *Puesta en una chaminea En el techo de un meson* (II, 372). E o Castelhano fanfarrão da *Farsa da Índia* jura pelos ossos dela (III, 35).

Medina. — A cidade espanhola *Medina del Campo* é nomeada com a praça de Anvers, por causa dos seus afamados mercados, no *Auto da Feira* (I, 156), e no *Juiz da Beira* (III, 170). As colchas que lá se vendiam eram poupadas por serem de estimação (III, 218).

Medusa. — Já tive de falar dos venenos peçonhosos que saiam gotejando, da cabeça dessa Gorgona, referidos no discurso de Júpiter (I, 90). Vid. § 44.

Meijoada. — Localidade freqüentada por Almocreves (III, 218).

Mejias. — Forma popular castelhana de *Mexias*, *Messias* (I, 20), empregada a par de Messias (I, 33 e 55).

Melibea. — Uma das Ciganas, dirigindo-se a uma das Damas de Évora, como a um Maio florido, pede-lhe a sua mão *melibea* afim de lhe predizer a sua sorte. O nome-próprio da protagonista da *Celestina*, empregou-o portanto como adjectivo biforme (III, 200), e o mesmo fez com *narciso*, *orfeo*, *serafino*.

Melinde. — A cidade da África oriental, cujo rei tratou bem a Vasco da Gama na sua primeira viagem, e lhe deu o piloto que o conduziu a Índia, é citada com orgulho pela *Fama* (III, 51).

Melos. — Segundo as genealogias fabulosas, apresentadas na *Comédia sôbre a Devisa da cidade de Coimbra*, a nobre família dêsses fidalgos *de aviso* procede de Melidónio (II, 135).

Melo (Doutor Francisco de). — O melhor matemático que havia no reino, sabia *sciência abondo* (I, 151), e fôra chamado para julgar dos conhecimentos de Felipe Guilhen (III, 377). Vid. *Memórias de Literatura*, VII, e *Br.*, 187 n.

Melo (Jorge de). — O visado no *Clérigo da Beira* (III, 257) era monteiro-mór de D. João III, segundo *Br.*, 203 e 205. Parecendo um *Padre San Gião* — sempre de contas na mão — até na rua, não por galantaria, mas por pedir a Deus sete atafonas à porta de Santo Antão, fora das quais tinha casa — soube enriquecer com várias mercês de D. Manuel e D. João III.

Melo (D. Manuel de). — Apresentado como infeliz em amores (II, 317), em 1527, casou bem, posteriormente, acompanhou a filha dos reinantes a Castela, e para lá tornou como embaixador em 1555. (*Br.*, p. 163 n.).

Melo (Martim Afonso). — Citado no *Velho da Horta* (III, 80) entre os namorados idosos, seria o poeta do *Canc. Ger.*, segundo *Br.*, 59 e 202, provàvelmente Capitão de uma armada da China, Capitão de Mazagão, e guarda-mór do Infante D. Duarte.

Mendes (Luís). — Bacharel em medicina e físico-mór de D. Manuel (III, 317). Mencionado na *Farsa dos Físicos* como interessado na Arte de Leste e Oeste, segundo *Br.*, p. 68.

Mendes (Mofina). — Nome típico português da *Dona Truhana* do Conde Lucanor, ou de *Pierrette et son pot au lait*. A desgraça (mofina) em pessoa (*mendes* por *medes*, *mét ipse*). Passo profano intercalado nos *Mistérios da Virgem* (I, 110-117).

Mendoça (Joana de). — Uma das donzelas da Raínha D. Maria, que a intermediária Branca Gil chama e invoca para socorrerem, ajudarem e consolarem o *Velho da Horta*, esmorecido de paixão insatisfeita (III, 82). Vid. *Br.*, 60 e 62.

Meneses. — Esta família, considerada como das mais fidalgas (III, 239), flor dos Portugueses, procede, segundo se diz na Comédia

heráldica sôbre a *Devisa de Coimbra*, de Celimena, filha do rei Celidon, *dulce serena e princesa natural* (II, 136).

Meneses (D. João de). — A um nobre dêsse nome alude-se na farsa do *Velho da Horta*, como a um namorado idoso (III, 80). Segundo *Br.*, p. 125, é o mesmo Conde-Prior (q. v.) — Conde de Tarouca e Prior do Crato — ao qual o poeta atribui umas *Palavras* por ensejo da Aclamação de D. João III (III, 360). Como todavia houvesse outro homónimo, afamado colaborador do *Cancioneiro Geral*, isto é, dos serões manuelinos do ramo de Cantanhede, que também meteu lança em África, é muito possível que no *Velho da Horta* a referência seja a êsse. Vid. C. M. de V., *Poesias de Sá de Miranda*, p. 812.

Meneses (D. Luís de). — Êsse môço, apaixonado por D. Leonor de Castro, segundo se diz na *Farsa das Fadas* (III, 106), era filho segundo do Conde-Prior. Vid. *Br.*, 58.

Mercúrio. — Planeta e deus dos comércios, destinado pelo sol a maridar Lusitânia (III, 293), é Figura principal no *Auto da Feira* (I, 149-156); entra na *Frágua de Amor* (II, 323), e na *Farsa da Lusitânia* (III, 293), embora falte na lista das *dramatis personae*. Citado várias vezes (I, 92 e 162; II, 364; III, 257, 277, 293).

Merida. — Como tempo de grande antiguidade é designado no *Argumento da Devisa de Coimbra* aquele em que veio a Espanha *Merida* (figura fabulosa que fundou a notável cidade (II, 107).

Mestre Aires. — Médico, citado por Ledicinha, na *Farsa da Lusitânia* (III, 263).

Mestre Gil. — Citado na *Farsa dos Físicos* (III, 317): Cirurgião-mór de D. Manuel e de D. João III — chamado Gil da Costa, segundo *Br.*, p. 68 n.

Mestre Nicolau. — Outro, citado malèvolamente por Tôrres na mesma *Farsa* (III, 318); segundo *Br.*, p. 62, um Espanhol, chamado *Coronel*, físico da Rainha D. Maria, com a qual viera de Castela.

Mestre de Santiago. — É D. Jorge, Duque de Coimbra, o filho de D. João II, a quem o poeta atribui versos, na morte del rei D. Manuel (III, 351), e uma fala (*ib.*, 359), no acto da Aclamação de D. João III.

Messias. — Com relação ao *Antigo Testamento* (I, 208), e ao *Novo* (I, 105, 359 e 363).

Mexias. — Variante de Messias (I, 331, 344 e 350) na ed.-príncipe.

Micheas (Miqueas). — Êsse profeta, cuja mais conhecida profecia: *Et tu Bethlehem Ephrata parvulus es in millibus, Juda ex te mihi*

egredietur qui sit dominator in Israel, etc. (I, 1), foi vertida por Gil Vicente (I, 20), também fôra citado como *Malaquias* por Lucas Fernandez (p. 159 e 201).

Miguel (S.). — Invocado pela Parteira de Rubena (II, 12).

Milão. — Malha de Milão, a cidade italiana cujas armas tinham fama, é mencionada pelo Brigoso da Farsa do *Juiz da Beira* (III, 188).

Minerva. — A deusa da sabedoria e das artes, séria e severa, era, na mentalidade do poeta, graciosa advogada da formosura (III, 282). De mais a mais se refere, logo depois de a nomear, novamente a Pallas (Athene), como se com êsse nome helénico se designasse outra divindade.

Miseraque. — Vid. § 51.

Moçambique. — A ilha, descoberta em 1498 por Vasco da Gama, não falta no encomiástico discurso da *Fama* (III, 51). O Marinheiro do *Triunfo do Inverno* também a menciona (II, 475).

Moisen. — Cast. (I, 47 e 105 lat., 363 e port. 373).

Moises. — Figura no *Auto da Sibila Cassandra* (I, 35, 55) e na *História de Deus* (I, 305, 327, 328 e 329).

Mousem. — Nome enunciado por um dos Rabis da Ressurreição, que também emprega Mosé (I, 343 e 348).

Mouses. — Essa forma ocorre na *História de Deus* (I, 327).

Mombaça. — O nome sonoro dessa ilha africana, descoberta pelos Portugueses, sai da bôca da *Fama*, juntamente com os de Ormuz e Quiloa (III, 51).

Monção. — A nobre e leal vila do Monte Santo, de origens discutidíssimas, foi, segundo as opiniões fantásticas do Peregrino da *Devisa de Coimbra*, edificada por Perigeria (II, 134). Os vinhos da região são desprezados por Maria Parda (III, 375).

Monçarraz. — Vila do distrito e da diocese de Évora, a cuja história se ligam os nomes de Afonso Henriques, D. Dinis, Nunálvares e D. Manuel. Citada, juntamente com a da *Fronteira*, na Tragi-comédia da *Serra da Estréla*, onde a filha de Afonso Vaz consigna a anedota conhecidíssima de o rei lhe ter preguntado familiarmente *como val o trigo lá* (II, 435).

Mondego. — O nome do rio Munda é derivado, brincando, de *Monte* e *pego*, mas também de *Monderigon* (II, 132). Cfr. II, 424 e 514, III, 202: *Pelos campos do Mondego*.

Mondrigon, Monderigon. — Nome fantasiado do selvagem cruel que na *Devisa de Coimbra* cativou a filha do rei Ceridon (II, 117, 126 e 132), e foi matado pela Serpe e o Leão.

Moniz (Garcia). — Tesoureiro da Moeda de Lisboa, segundo *Br.*,

85-87. Nomeado no *Velho da Horta* (III, 79) entre namorados de grande idade; e em termos ofensivos, na *Barca do Inferno*, por causa de desfalques (I, 240-248).

Moniz (Pero). — Escrivão e solicitador dos feitos de justiça na Casa do Cível, e cantor da côrte, é mencionado na *Frágua de Amor* (II, 344) por causa dos seus olhos garços cansados.

Monjergon. — Corrupção de *Demogorgon*. Vid. § 44.

Monserrate. — A imagem da Virgem, adorada no célebre Santuário da montanha dêsse nome (prov. de Barcelona) é invocada pelo Piloto do *Triunfo do Inverno*.

Montaxique. — Localidade próxima de Lisboa, mencionada na *Rubena* (II, 26).

Montemór. — *O Novo*, com certeza; pois é na *Farsa das Ciganas* que se prediz a uma das damas, seria durante certo tempo alcaidesa da vila, que é do distrito e da diocese de Évora (III, 197).

Monteregio (Joannes). — O grande astrónomo de Königsberg, Regiomontanus, é citado como autoridade por *Mercúrio* no *Auto da Feira* (I, 153).

Na judiciosa Carta relativa ao tremor de terra de 1531 o poeta, indignado contra os que por astrologia, nicromância ou espírito profético querem predizer acontecimentos, afirma que nem os sábios da Grécia, nem Moisés, nem *Joannes de Monteregio* alcançaram o pêso de um oução da verdadeira *judicatura* (III, 388).

Mordomo-mór. — Vid. Conde Mordomo-mór.

Mouros, Moros (cast.). — Que êles sejam nomeados no *Auto da Fama* e na *Exhortação da Guerra* (II, 368) é naturalíssimo. Mais estranhável é que, contra Lisuarte, rei da Gran-Bretanha, venham sete reis que de Mouros trazem cento e trinta mil peões (II, 257). *Vou-me a Mouros*, é frase familiar que o poeta consigna como de um dos Rabis do *Diálogo da Ressurreição* (I, 348).

Nabucodonosor. — Ao segundo poderosíssimo rei da Caldea, desse nome — por aférese Bucodonosor (q. v.), o que sonhou o sonho da estátua com pés de barro — atribuíam (conforme expliquei ao falar de Sideraque e Miseraque) sentenças filosóficas. Sabendo algo do *Livro Sidrach*, o poeta português lembrou-se dêle várias vezes. No *Pranto de Maria Parda* (III, 372). No *Templo de Apolo*, em que o deus remete ao tribunal dêle, o Mundo, que lhe pedira protecção para a Emperatriz (II, 380). Na *Floresta de Enganos*, em que a Velha, enganadora do Doutor Justiça, o nomeia como autor de um dito sôbre cabelos brancos que cobrem escasso juízo (*cans* e *canas vans*, II, 162). Na farsa da *Lusitânia*, em que os diabos Dinato e Berzebu, como

capelães das deusas vindas do Oriente, rezam pelo psalteiro de Nabucodonosor! (III, 286).

NAÍADES; NAYADES.— Na impressão de 1562 ENEYADES, forma que lembra o grego Νηϊάδες. As ninfas dos rios são chamadas a fim de prestarem homenagem ao *niño chiquillo*, por Júpiter, no seu espaventoso discurso (I, 89). Das do mar (Nereidas) não se fala. As que pouco antes mencionara como *agoreras* (*aguaceras* em tôdas as edições modernas, por lapso ou porque Gomes Monteiro não se lembrava de que se lhes atribuía o dom da profecia).

NÁPOLES. — O reino italiano que Gonzalo de Cordova, o Grande Capitan vencedor dos Franceses, incorporou à monarquia dos reis Católicos, é mencionado na curiosa Cantiga de louvores a Carlos V e à Imperatriz, que faz parte do *Templo de Apolo* (II, 393).

NAPOLITANAS CERCAS.— Aos sítios ou assedios, pelo mesmo pôsto a localidades do reino (1498 e 1501), há alusão especial no discurso do Castelhano patriota e fanfarrão, do *Auto da Fama* (III, 57).

NARCISO. — O belo moço da mitologia grega, que, namorado da sua própria imagem, vista nas águas de uma nascente caudalosa, se precipitou nelas, deu o seu nome ao Frade da *Romagem de Agravados* (II, 525) e à rainha do Tejo (*ciudad podrosa e narcisa*, II, 299). Além disso provocou na *Devisa de Coimbra* (II, 135) a exclamação: quanto vai *de Panasco a Narciso* (relativa a Melos e Melas), em que julgo visadas as plantas dêsses nomes, a-pesar das maiúsculas, indicativas de nomes-próprios: a humilde hervinha de pasto e a bela flor de jardim, branca e de perfume inebriante, em que o formoso moço fôra metamorfoseado.

NATURA, NATUREZA. — À primeira das três *Leis* que os Medievais distinguiam, deu o Poeta, ao personificá-la no *Auto da Cananea*, o nome apropriado de *Silvestra* (I, 355). Como predecessora da Lei da Escritura (Hebrea) é citada, pelo *Mundo*, na *História de Deus* (I, 326).

NAVARRA. — O antigo reino dos Abarcas, incorporado à Castela por Fernando o Católico (1511), aparece como Nápoles, na Cantiga entoada em louvor de Carlos V e da Imperatriz (II, 393).

NEGROS. — Com a sua fisionomia estranha (de Beni) e a sua fala (da Guiné) são as figuras cómicas da *Nau de Amores*, *Frágua de Amor*, e da Farsa do *Clérigo da Beira*.

NEPTUNO. — O deus do mar é chamado (como as Naíades) por Júpiter para adorar o Salvador (I, 89), e invocado por *Lusitânia* (III, 283), afim de ser medianeira com o Sol seu pai.

NERO. — O coração daquele monstro de crueldade é comparado ao da amada de Colopêndio por Frei Paço (II, 504). Pero Marques,

o cómico Juíz da Beira, conhecia-o (III, 190). E Inês Pereira, ensinada pelo primeiro marido, declara, resolvida a tornar a casar com Pero Marques, *Antes lebre que leão, Antes lavrador que Nero* e *Asno que me leve quero, e não cavalo folão* (III, 154).

Neto (Dr. Brás). — Desembargador do Paço e petições, e pouco depois Chanceler, segundo *Br.*, p. 152. Apolo, que o compara com o profeta Abacú (q. v.) diz *Nieto,* falando castelhano (II, 380).

Nicolau (Mestre). — Médico da Raínha D. Maria, com a qual viera de Espanha, citado no *Auto dos Físicos* (III, 318) como um dos que querem curar a esmo.

Nilo. — As ribeiras do grande rio do Egito são mencionadas no *Sermão* do Frade doido (III, 106) e por uma das Ciganas (III, 193).

Ninguém. — Essa figura simbólica, um velho pobretão, diverso embora do João Ninguém do *folquelore*, em contraste com *Todo o Mundo* (q. v.), em traje de rico mercadante, recita com êle um Diálogo satírico, e representa um pequeno *Passo* ou *Entremês* no *Auto da Lusitânia* (II, 289-291). Das origens e da evolução do tipo tratarei no parágrafo seguinte. Aqui baste dizer que o pobre parvo da *Barca do Inferno* se arroga também o título de *Ninguém* (I, 225).

Noé. — O patriarca bíblico, construtor, por ordens divinas, da Arca que conservou as gerações humanas e animalescas para que vingassem depois do dilúvio, é mencionado diversas vezes na *Copilação.* Sobretudo na sua função mais popular, como plantador de videiras, e apreciador do suco das uvas. É a êle que a beberrona Maria Parda entrega a sua alma (III, 373); a êle que faz cântar orações *(ib.)* e recomenda os demais filhos de Noé (374). *Corvo de Noé* — o corvo sinistro que Noé soltou da Arca, cento e cincoenta com mais quarenta dias depois que as cataratas do céu se haviam fechado, e saiu e não tornou mais, é injúria com que se designa o portador de más notícias, e cantor de voz áspera (III, 110). À segunda pomba que voltou (Genesis, VIII, 11) trazendo mansa no seu bico um ramo de oliveira, só há referência como a um símbolo da Virgem no Auto com o Passo da *Mofina Mendes* (I, 106). Na *História de Deus*, Abraão alude aos tempos do justo Noé (I, 326).

Normandia. — É um dos territórios longínquos, cujos príncipes figuram em Livros de cavalarias. Ora francesa, ora inglêsa, era afamada principalmente pelo feito de Guilherme o Conquistador. É no *D. Duardos* que é mencionado (II, 197, 221 e 243). Na *Náu de Amores*, um Príncipe de Normandia vem requestar a Cidade de Lisboa (II, 292, 295, etc.).

Noturna Diesa. — A respeito da Noite, chamada com tôdas as

mais entidades mitológicas para adorarem Jesus, leia-se o que escrevi a respeito das *filhas de Monjergon* (§ 44).

Óbidos. — A linda vila, em cujo nome talvez o poeta, caracterizado como Velho, ofertou presentes à Rainha D. Leonor quando por aí passou (vid. Sabugosa, p. 321), é mencionada no *Pranto de Maria Parda* como terra de maus vinhos (III, 376).

Odivelas. — Nos textos vicentinos *Oudivelas*. O discreto escudeiro, com o qual casou Inês Pereira, a fantasiosa e amiga de cantar, folgar e passear, mostrando quem é, logo depois de maridado, diz-lhe entre outras regras do viver, que ela ficará encerrada e fechada como freira de Oudivelas (III, 148).

Do belo *Auto da Cananea* já ficou dito que êle foi escrito e representado em 1534 a uma nobre Abadessa do muito louvado e santo convento de O. (I, 354).

Oliveira (N. S. da). — Um dos lugares santos de Lisboa, que a mulher do Indiático jura haver visitado durante a ausência dêle (III, 40).

Ordenação. — Pero Marques, Juiz da Beira, foi chamado à côrte para fazer uma audiência diante del Rei, porque Diogo Lopes de Carvalho (ouvidor da Casa da Suplicação e Desembargador do paço e petições, segundo *Br.*, 147), o acusara de não cumprir a *Ordenação* (III, 161 e 162). Isto é, o título, relativo aos Juízes do Livro IV das *Ordenações do Reino*, sôbre cuja compilação há dados curiosos na obra tantas vezes citada de Braamcamp (p. 221, n.).

Orfeo. — O místico cantor e músico (que com os sons da sua lira domava as feras, e no Inferno, para onde desceu afim de rehaver a sua espôsa Eurídice, conseguiu realmente aplacar as divindades tartáreas), é citado por Amadis (II, 263). Na *Frágua de Amor*, Vénus — a deusa da música e da melodia — é designada como *senhora de Orfeo* (II, 329). *Música orfea* é prometida falsamente pelo frade doido ao público que assistia à enscenação dos *Mistérios da Virgem* (I, 103). Quanto à adjectivação do nome-próprio masculino, compare-se *melibea*, *narcisa*, *serafina*.

Orígenes. — I, 101. Vid. § 49.

Orion. — Entre as constelações que no *Auto dos Quatro Tempos* adoram o menino Jesus, claro que não falta a formosíssima do valente caçador (I, 92).

Ormuz. — O nome da ilha do golfo Pérsico no Estreito que comunica com o mar de Oman, tomada em 1514 por Afonso de Albuquerque, figura no *Auto da Fama* nos versos sonoros

Ormuz, Quiloa, Mombaça,
Sofala, Cochim, Melinde.
(III, 51).

Paços. — Vid. Alcaçova, Lumiar, Ribeira, Santos o Velho e Lisboa.

Paço (Frei). — O típico Padre da côrte aparece caracterizado com bom humor na *Romagem dos Agravados* (II, 496–532).

Palas. — Da helénica Pallas-Athene, e da sua correspondente latina, sabia o comediógrafo tão pouco que faz figurar ambas como divindades diversas na invocação da *Lusitânia:* Minerva como advogada da fermosura, e Pallas, sem outra caracterização do que *diesa* (III, 283). Na *Floresta de Enganos* é o deus Apolo quem afirma que outròra em paz com Verecinta, Júlia e Palas, as via na ocasião furiosas — *con feroces alas* — (II, 152), frases cuja significação me escapa.

Palmela. — Só como pátria de certo frade (devasso, salvo êrro), é que a interessante vila é citada na *Comédia de Rubena* (II, 26).

Palomea. — Policena (q. v.), gabando a raínha das Amazonas, em presença dos reis de Portugal e sua côrte, refere-se ao campo de Palomea como sítio de uma batalha dada por ela e suas quarenta mil donzelas — com certeza contra os Gregos. Já registei mais acima que nada encontrei na *Cronica Troyana*, a respeito dessa acção.

Pamplona. — Em rima com *Lisbona,* e como acrescento à afirmação que as damas portuguesas matam com dulces meneios, há no *Sermão* sôbre o tema *Amor vincit omnia* (III, 106) a fórmula: *y el hecho en Pamplona!* que talvez signifique: *e tudo como d'antes, quartel geral em Abrantes?*

Pampulha. — Outrora lugar perto de Lisboa. Hoje bairro, conhecido pela Fábrica de Bolacha. O facto de o Inocente *(Parvo = Parvulus)* da *Barca do Inferno* meter na série dos nomes injuriosos que lança ao diabo, o de Pelourinho da Pampulha, faz supor que lá haveria um, guarnecido de carrancas grotescas.

Panasco. — Vid. Narciso. — Note-se que há numerosos nomes de lugar derivados da freqüentíssima herva de pasto: *Panascaes (Penascaes); Panascos; Panascoso; Panasqueira.*

Pantasilea. — Evocada do Tártaro, depois de Policena, e antes de Aquiles e Aníbal, a heroína presta homenagem a D. Manuel na *Exhortação da Guerra* por êle com pequenas quadrilhas vencer quem quere vencer (II, 349).

Páris. — Ao raptador de Elena, morto por Aquiles, alude-se no Sermão do Frade, sôbre a fôrça do amor. Na pregunta dirigida às damas que atormentam seus adoradores:

> Oh diosas hermosas juzgadas por Páris,
> Adonde se escriven las vidas que dais?
> (III, 107).

a referência é, evidentemente, a Minerva, Juno e Venus que, como a mais bela, recebeu o pomo de oiro.

PARÍS. — A *Lutetia Parisiorum* é mencionada como *próspera* pelo Francês da *Farsa da Fama* (III, 46). O Doutor Justiça mór, ludibriado na *Floresta de Enganos*, declara *no se aprende en París* (onde talvez estudara) *Este lavor en que está:* o peneirar a que o obriga a moça astuta de que êle se namorara (II, 160)! A nau de Lisboa ou de S. Vicente vale mais que todo París (II, 300). No *Auto das Quatro Estações* elas cantam diante do presépio uma cantiga francesa cujo princípio dizia

Ay de la noble ville de Paris
(I, 92).

Se era igual ao N.º 429 do Cancioneiro de Barbieri, só pela música tinha valor. O texto é uma fatrasie horrendamente estropiada.

PARNASO — *Parnasso.* — O monte consagrado a Apolo e às musas é metido por Júpiter no seu discurso do Natal (I, 89), mas de modo bastante singular: *A nova ifante Safós* (g. p.) sobe ao Monte-Parnaso com o propósito e preparos para trazer das alturas o Deus-menino (!?) que, de resto, já chora no Presépio.

PATRÓCULO = *Patrocles.* — A exigência do metro levou o poeta a nacionalizar o nome do amigo de Aquiles, morto por Heitor (III, 338).

PAVIA. — À batalha, em que Francisco I de França perdeu tudo *moins l'honneur*, há diversas referências. O nome sai todavia uma só vez da bôca do Italiano, na *Farsa da Fama* (III, 50).

PEDERNEIRA. — Essa vila, fundada por pescadores, é na auto-biografia burlesca que o poeta intercalou no Argumento da *Farsa da Lusitania* (III, 275), a terra onde nascera, filho de um albardeiro e uma parteira, e neto de um tamborileiro, etc. Pescadas aí compradas (por serem mais baratas que as de Lisboa) são dadas de esmola a mosteiros — em dia de Endoenças — pelo Fidalgo pobre da *Farsa dos Almocreves* (III, 205). Como Congro da Pederneira ia Tristão da Cunha no cortejo dos peixes que acompanhavam a Infanta D. Beatriz até Cascais (II, 407). O Vilão do *Templo de Apolo* conhecia bem essa vila (II, 290 e *Festa*, v. 339).

PEDRA DO ESTREMO OU DA ESTREMA. — Lugar perto de Lisboa, em que havia vinhas e vinhos de renome, e, salvo êrro, um santuário da devoção particular dos filhos de Noé. Mencionam-no Maria Parda (III, 375), o Vilão do *Templo de Apolo* (II, 388); e o diabo Danor diz, com relação ao Clérigo nigromante, evocador de Policena, Pantasilea, Aquiles e Aníbal, que

tem um grande arcebispado
muito honrado

junto da Pedra da Estrema,
onde põe o diadema
e a mitra o tal prelado
(II, 355).

Pedreanes. — No *Rol dos Livros Defesos de 1551*, a Farsa do *Clérigo da Beira* tem o título de *Auto de Pedreanes*, certamente em harmonia com a costumeira do povo, que achara graça ao espírito de Pedreanes, o qual diziam falava na demòninhada Cezília da Beira (III, 227, 250, etc.). Ignoro se ao nome se ligavam ideias ou práticas folquelóricas.

Pedregão. — ¿ Hoje Pedrógão? — Uma reza popular, relativa a cães, rêdes e furões, que o Clérigo da Beira, apaixonado pelo desporte da caça, intercala na sua Missa, acaba com a fórmula *Que vives e reinas Na vila de Pedregão* (III, 233). Claro que o seu sentido peculiar me é desconhecido.

Pedro (S.). — Figura no *Auto da Cananea*. Há alusão às suas funções como porteiro do céu no *Auto da Feira* (I, 177).

Pelayo. — O taberneiro João Cavaleiro, Castelhano, desatende os rogos de Maria Parda (III, 369), lembrando-lhe um rifão antigo, ou *ejemplo de Pelayo*, o das Astúrias, que diz: *una cosa piensa el bayo, y otra quien lo ensilla* — ou em redacção mais antiga *Al cuida el bayo, al quien lo ensilla*.

Penacova. — A lindamente situada vila é, segundo a fantasiosa invenção da *Devisa de Coimbra* o lugar onde Monderigon foi sepultado (II, 132).

Penafurada. — Lugarejo (àquem da Virgem da Estrêla) onde a Margarida do *Auto Pastoril Português*, representado em Évora, encontrou uma imagem de Nossa Senhora.

Penela. — Vid. Conde de Penela.

Peniche. — O frade folião da *Romagem de Agravados* lamenta não o terem feito pelo menos Bispo do ilheu de Peniche (III, 516).

Peregrino Amador. — A Beata da *Comédia de Rubena* promete ler a Cismeninha, àlem da *Carcel de amor*, de Diego de San Pedro, outro livro com o título indicado. Parece-me abreviado de *Historia de los honestos amores de Peregrino y Ginebra*, novela que saíra s. a., perto de 1520, sendo reimpressa em 1527, 1548. Tradução de *Il Peregrino*, de Jacopo Caviceo (1508). Vid. Adolfo Albertazzi *Romanzieri e Romanzi del Cinquecento e del Seicento*, Bologna, 1891.

Pereiras. — Na *Devisa de Coimbra*, uma das Damas da princesa Colimena chama-se Perigeria. Dessa procedem, segundo as burlescas inventivas genealógicas e etimológicas de Gil Vicente, todos os Pe-

reiras, cujas virtudes êle exalta (II, 134). Todos os nobres. Excluídos são naturalmente os da laia da feiticeira Genebra Pereira.

Peresica. — A Sibila *Pérsica*, como disse no § 46. Libérrima nacionalização.

Pero Gonçalves (Frei). — Dominicano de Amarante (falecido em 1259, festejado a dez de Janeiro), em cujo prepotente poder sôbre raios e fogos de tôda a espécie o povo tem fé, que manifesta, p. ex., atribuindo-lhe os fogos de *Sant'-Elmo* (ou San-Telmo, como escrevem os que acham boa a grafia San-Tiago) — fogos a que Luís de Camões alude (*Lus.*, V, 18).

Abreviatura de *Santo Anselmo*, segundo uns; de *Sant'Helena*, irmã de Castor e Pollux, segundo outros; de *Santo Erasmo*, segundo os Italianos, que o chamam *Sant'Ermo*. O fenómeno eléctrico é, de resto, apelidado também fogo de *Santo Elias*, *Santa Clara*, *San Nicolas*, *Santa Helena*. Na *Copilação* é o Marinheiro do *Triunfo do Inverno*, que, ao ver faíscas eléctricas nos mastros das naus exclama

Ei-lo precioso santo:
Frei Pero Gonçalves bento!
(II, 474).

Pero do Pôrto. — Vid. Pôrto.

Perpinhão. — ¿ Como e quando chegaria a pitoresca cidade (dos Pireneus) a popularizar-se? O discreto Escudeiro, que «doma» a fantasiosa Inês Pereira, fala de um seu moço que valia Perpinhão (III, 141). Cfr. Paris.

Pérsia. — A fama do reino antigo perdura nas novelas de cavalaria e de lá passou às comédias (II, 179). Como teatro de façanhas portuguesas é mencionada pela *Fama* (III, 51). *Safira da Pérsia* é uma das figuras retóricas lisongeiras, com que a moça Lusitânia é designada por Portugal, seu pretendente (III, 296).

Persianos. — De mais a mais, Persianos casados, são mencionados por Júpiter no seu discurso, ¿por êle precisar de rima para *Romanos*? (I, 86).

Perú. — Cupido, preso por Grata Célia, passa a cadeia a um Pastor, enganando-o com a afirmação que ela era de condão e viera do Perú (II, 171).

Pharaó. — Vid. Faraó.

Phebo. — Vid. Febo.

Picota da Ribeira. — Vid. Lisboa.

Pilato. — O *Duque* da *Barca da Glória* menciona o governador romano da Judea, ao falar da Paixão de Jesus Cristo (I, 282).

Pilatos. — Em rima com *patos* e *gatos* emprega essa forma Ber-

zebu, lembrado do galo que, cantando, despertou a consciência momentâneamente adormecida do apóstolo (III, 287).

Platão. — *Más alta — dice Platon — Es la virtud que el estado* (II, 66), é sentença proclamada pelo Príncipe, que, românticamente, casa com Cismeninha.

Pléiades. — *Pliades* na edição de 1562. O grupo das sete filhas de Atlas, metamorfoseadas em estrêlas, figura naturalmente entre as constelações que adoram o Deus-menino (I, 92). E são *luzidas*.

Plínio. — I, 101. Vid. § 49, onde deixei de lembrar aos esquecidos que o autor da História natural faleceu vitimado pela erupção do Vesúvio de 79, que sepultou debaixo de cinzas as cidades Herculano e Pompeia.

Plutão. — Vid. Diabos.

Poço do Chão. — Sítio de Lisboa, que Maria Parda freqüentava (III, 367).

Polas (estrêla). — Em rima com *solas*, de sorte que não temos direito de o transformar em *polar*, como exigiria a significação. Sendo noite cerrada ela surge com as duas ursas: *con la bucina su carro guiando* (II, 244).

Policena = Polyxena. — A mais nova da prole de Príamo e Hecuba (3o filhos e filhas), cuja sorte trágica enterneceu e inspirou muitos poetas, porque, amada de Aquiles, foi por ordem da sua sombra, sacrificada sôbre a sua sepultura, pelo duro e implacável filho dêle: Pyrrho — ou Neoptolemo, — o Loiro ou Ruivo. (Vid. *Lusíadas*, III, 131; Sá de Miranda, N.º 94; e Ovídio, *Metamorf.*, XIII, 471). Em Gil Vicente ela é a primeira das figuras clássicas evocadas do Tártaro pelo Clérigo-nigromante, afim de prestar homenagem a Portugal antes da partida para Azamor (II, 349). Mais tarde, quando êle sofria de sonhos febris, a gentil moça apareceu-lhe ... vindo do moinho, isto é, como moleirinha. E a mais de uma das lindas moças que criou, tratara de Policena no meio-tempo, p. ex. à filha de Rubena (II, 44), à Moça da *Barca do Inferno* (I, 267), e a uma dama que em Évora assistiu à representação da *Farsa das Ciganas* (III, 197). Cfr. Príamo.

Pollux. — Provàvelmente *Pollus*, no autógrafo do poeta, transformado em *Polas* na ed. de 1562. O irmão gémeo de Castor, com o qual fórma a constelação, chamada por Júpiter para na noite do Natal adorar o *alto niño en excelencia* (I, 92).

Pombal. — Em essa vila havia de morar uma dama, casada na Landosa, segundo as prognosticações da Cigana Giralda (II, 200).

Pombeiro. — Na sua dissertação homorística sôbre o tema *Deus é*

português, o Vilão do *Templo de Apolo* regista que o *Santisprito* nasceu em Pombeiro (II, 391 e *Festa*, v. 374).

Ponte de Loures. — Hoje Loures. O scéptico Rabi Levi do *Diálogo da Ressurreição* escarnece dos companheiros que acreditam no facto, chamando os *cabeças para juízes* da tão importante povoação da comarca de Lisboa (I, 345).

Porta de Santo Antão. } Vid. Lisboa.
Porta do Oiro, ou da Oira. }

Porteiro-mór. — No tempo em que se representou a *Nau de Amores* (II, 318) ocupava êsse pôsto palaciano João de Calataud, filho de outro fidalgo castelhano do mesmo nome, vindo a Portugal com sua espôsa Aldonça Soares por essa ser camareira-pequena da Raínha D. Maria. Nomeado Porteiro-mór do Príncipe D. João em 1517, foi confirmado no ofício quando êsse subiu ao trono. Vid. *Br.*, p. 165.

Pôrto, Puerto (cast.). — O Pôrto mencionado na *Romagem de Agravados*, seria, ou não seria, a *Invicta Cidade* (II, 527). Seguramente o é aquele com cujos barcos esguios é comparado o magricelas D. Luís de Meneses (III, 106); e também aquele, cujos canivetes muito aguçados proporcionaram ao poeta um *simile* para o intelecto motejador de um moço do paço que maldizia da vida que lá levava (III, 237).

Pôrto (Pero do Pôrto). — *Pero*, claro que é a forma familiar com que se designava um Pedro, oriundo da cidade do Douro. Um *Pero*, que, pela maneira como Gil Vicente o introduz num dos seus Autos festivos, era *músico*. Mestre da Capela de D. Manuel (1521), e finalmente da de D. João III (1534). Segundo a praxe da côrte, era professor dos moços da capela, acumulando com essa incumbência a de escrivão dos agravos e do desembargo do paço, como seu antecessor, o cantor Fernão Rodrigues, particularidade que foi documentada por Sousa Viterbo num estudo sôbre *Mestres da Capela Real*, no *Arquivo Histórico Português*, Vol. IV, p. 469), por meio de uma *Carta*, de 4 de Março de 1521, confirmada a 6 de Junho de 1522; e por um *Alvará*, passado depois do seu falecimento, a favor de duas filhas: Isabel e Caterina Garcês. Por êsse último documento (de 30 de Maio de 1554) sabemos também que como Morador da Côrte subira a cavaleiro.

Devido ao injustificável procedimento dos escrivães quinhentistas que, em cópias de Listas oficiais, suprimem todos os nomes que lhes pareciam ser de gente inferior, Pero do Pôrto não aparece todavia nos *Extractos do Livro da Matricula dos Moradores da Casa del Rey D. Manuel* (de 1518), tirados do original por Gaspar de Faria

Severim (*Hist. Gen.*, *Provas*, II, 352-392). Nem tão pouco está nas Listas dos *Moradores de D. João III* (*ib.*, Vol. II e VI).

Si vera est fama, Pero do Pôrto fôra na sua mocidade cantor da Capela dos Reis Católicos (em Sevilha) [1]. A êsse seu colega, refere-se Gil Vicente nas *Côrtes de Júpiter* (II, 405), gracejando, e com um *quid* de ironia. No tantas vezes alegado cortejo fluvial que havia de acompanhar até Cascais a Infanta D. Beatriz que ia para a Itália, os últimos figurantes registados são os cantores da capela regia:

Contra-altos — carapaos;
os *Tiples* = alcapetores;
enxarrocos — os *Tenores*,
Contrabaxos — bacalhaos!

E com êles (suponhamos que à testa dêles) ia *Pero do Porto*.

Em figura de çafio,
meo-congro deste rio,
cantando — mui sem conforto —
«*Yo me soy Pero Çafio!*»

Em castelhano. Sem entrar em pormenores etimológicos, notando apenas que o peixe *safio* é realmente uma espécie de congro (*muraena anguilla*), ao passo que o adjectivo *záfio*, *sáfio* significa *tosco*, *grosseiro*, *inculto*, [2] e frisando o facto que o termo ambíguo foi evidentemente escolhido de propósito — em harmonia com o estado *sem-conforto do músico* — passo a demonstrar que ainda assim êle foi por seu talento musical estimadíssimo, segundo outra testemunha coeva.

O depoimento dessa é valiosíssimo, porque nos esclarece a respeito de um problema vicentino, tratado há meses, neste estudo, com saber e subtileza, pelo meu magnânimo colaborador: a significação do *Clamabat autem*, cantado em 1534 no fim do Auto de devoção da *Cananea*.

A testemunha é João de Barros. Não é o autor das *Decadas da Asia*, mas o Doutor Jurista, que, sendo do Desembargo do Paço, conhecia com certeza o escrivão Pero do Pôrto. Êsse escritor cita o músico como *excelente*, e em especial como compositor do Motete *Clamabat autem* nas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, que existem inéditas na Biblioteca Nacional de Lisboa (Ms. A-6-2). Ao

---

[1] No *Cancionero* publicado por Barbieri não descobri vestígio dêle. Nem tão pouco nas publicações de D. Rafael Mitjana.

[2] Vid. Dozy, p. 359.

falar dos homens notáveis nascidos nesta cidade, diz no Capítulo VIII:[1] «Também foi natural do Pôrto Pero do Pôrto, músico excelente, o qual compôs o Motete *Clamabat autem*, tido por tão excelente compostura que se chama *Príncipe dos Motetes*». Poucas embora, essas palavras são decisivas.[2]

Sem negar que o texto litúrgico proposto pelo Dr. Vasconcelos, seria um finale admirável do Auto indicado, julgo que o dramaturgo fez entoar no Mosteiro de Odivelas êsse *Príncipe dos Motetes*, que por ventura fôra inspirado pelos belos versos, em que a *Syriophoenissa* exclamava voz em grito várias vezes

Senhor, filho de Davi, Amercea-te de mi!
(I. 367-369).

tradução de

Miserere mei, Domine, fili David!
Ἐλέησόν με, κύριε, υἱὲ Δαβίδ!

(Matth. XV, 22, clamavit dicens = ἐκραύγασεν λέγουσα).

Do coração desejo que os historiadores da música descubram não só o Motete, — texto e música, — mas também documentos relativos à actividade do quási desconhecido Portuense na côrte dos reis católicos, e sobretudo aos serviços que imagino prestaria entre nós, em Lisboa e em Évora, ao benemérito Infante D. Afonso, Cardeal (de 1509 a 1540).

Pôrto de Mós. — Aos galgos dessa vila (Estremadura) é comparado um cortesão, mirrado como Luís de Meneses (III, 106) — certo Cristóvam Freire, namorado de uma D. Ginebra, a respeito do qual por maravilha Braamcamp Freire não dá explicações.

Portugal. — Entre os numerosíssimos passos, em que ocorre o nome do país, apontarei apenas os seguintes de louvor e patriotismo, ditos por Policena

Oh famoso Portugal,
conhece teu bem profundo
pois até o polo segundo
chega o teu poder real.
(II, 363),

---

[1] Em outros traslados é Cap. VII. A obra que me parece digna de ser publicada pela Biblioteca é diversa da que a do Pôrto editou como *Geografia de Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-Montes* (1922).

[2] O trecho, explorado em 1752 por Barbosa Machado (III, 611) e por Rebelo da Costa em 1789, foi apontado nos nossos dias por T. Braga no seu *Amadis* (p. 202 da edição de 1873), por ser imediato de outro relativo a Vasco Lobeira, e aproveitado por Joaquim de Vasconcelos em *Os Musicos Portugueses* (II, p. 441). Mas nenhum dos quatro se lembrava dos trechos de Gil Vicente.

Que este nobre Portugal
es fundado sobre amor.
(III, 298).

Todo o bem e a verdade
neste Portugal nasceram, etc.
(II, 391).

Em Portugal vi eu já
em cada casa pandeiro, etc.
(II, 447).

Claro que também há críticas ao estado do país. P. ex. na continuação do último passo:

E agora Jeremias
é nosso tamborileiro; etc.

e no *Auto da Festa* a queixa amarga

quem nunca cuidou que em Portugal
a Verdade andasse tão abatida
e a mentira honrada e com todas cabida
por muito melhor e mais principal
(v. 15-19);

e novamente

porque já em Portugal
quem não costuma mentir,
não alcança um só real
(v. 663-665);

.....
os que são mexeriqueiros
mentirosos, lisongeiros,
esses vencem a batalha
(v. 668-670).

Português. — O mesmo acontece com o nome da nação. Torno a lembrar a ideia popular que Deus, chamado Manuel, e nascido em Belém, pertencia à nação (II, 391), assim como o alto elogio contido na proposição: *as portuguesas façanhas que só Deus sabe entender* (III, 275). Cfr. Torres Naharro, *Tinelaria II;* Vol. II, p. 370.

Priades. — Êrro de imprensa na edição-príncipe por Driades (q. v.); emendado na edição de 1834.

Priamo. — Ao entrar no Paço da Ribeira, Policena compara D. Manuel com seu pai, o rei de Ilion, e D. Maria com Hecuba (II, 358).

Outra das filhas dos dois, a profetiza Cassandra, considerada Sibila, é intitulada concisamente *a del rei Príamo* (em rima imperfeita com Octaviano (I, 105).

Proserpina. — Gil Vicente confundiu a rainha do Tártaro (Persé-

phone) com Eurídice, a espôsa bem amada de Orfeo, por causa da qual êle deceu aos Infernos (II, 263).

Ptolomeu. — Mestre Tôrres, forte em astrologia, explica na *Farsa dos Físicos* o que, a seu ver, um bom profissional deve saber dessa sciência, e exemplifica com o problema ¿quantas lições Ptolomeu — o geógrafo do séc. 2.º A., daria a... el rei *Dario?* (em rima com *binário, ternário* (III, 318). Mera invencionice, quer tivesse na mente o III, vencido por Alexandre o Grande, quer o vencido em Maratona (I), ou o II.

Publicano. — Já registei s. v. *Levita* a alusão à parabola do Evangelho.

Puerto de S. Maria. — No belo pôrto andaluz estivera como boticário Felipe Guilhem, antes de vir a Portugal (III, 377).

Punhete. — A vila que hoje se chama Constância, pertence ao número das que Maria Parda tinha em estima (II, 391). E das que o Vilão do *Templo de Apolo* conhecia. Segundo êle, São Francisco nasceu aí (*Festa*, v. 373) ao passo que na *Copilação* o nome é substituído por *Alegrete* (II, 391).

Quíloa. — Da cidade africana dêsse nome (*Lus.*, I, 54), numa ilha da costa de Zanzibar, veio o oiro de que o próprio Gil Vicente fez a Custódia de Belém. Menciona-a uma só vez num dos versos sonoros e altivos, compostos só de nomes de gloriosas conquistas portuguesas (III, 51). Cfr. Cochim, Melinde, Mombaça, Ormuz, Sofala.

Quintus Curtius. — I, 202. Vid. § 49.

Raínha. — No artigo Beatriz *(Breytiz)*, relativo à mãe de D. Manuel e de D. Leonor, deixei lembrado que o título *Raínha velha* (I, 5) se refere a essa última, como viúva de D. João II. E não àquela que, embora mais idosa, era apenas viúva do Infante D. Fernando, o justiçado, embora errôneamente assim o dissesse Gomes Monteiro na edição de 1834, I, 35. Vid. *Nota Vicentina II.*

Raínha (D. Caterina). Vid. D. Caterina.

Raínha (D. Maria). Vid. D. Maria.

Ramnúsia. — Rhamnusia na edição de Hamburgo (I, 89 e III, 382). Na impressão-príncipe *Ramusa* (f. xviii) no primeiro trecho, e *Ramusia* no segundo (f. 242 v.) É apelido de Nemesis, a deusa da Justiça vingadora, por essa ter sido venerada sobretudo no lugar de Rhamnus, na Attica. No *Auto da Lusitânia*, essa implora a justiceira, confiada na recompensa que ela lhe havia de dar como *preciosa deusa honesta*, convertendo os seus choros em alegria. No dos *Quatro Tempos* desce iracunda do seu castelo, se interpreto bem a fórmula vaga *(con ultrage)* empregada por Júpiter. Na alocução *Deusa da ventura e da bonança*, o primeiro substantivo deve ser

equivalente de *tormenta*, o segundo de tempo sereno = prémio, castigo. Cfr. *Lusíadas*, V, 80, onde ela dá alegria e desventura.

RANGINHA. — Uma das terras (de Lavra a Coruche, Çamora a Salvaterra, e de Almeirim até Erra, e Sintra até Torres Vedras) com cuja posse Satanás tenta o Salvador (I, 340).

RAQUEL. — Figura bíblica (que desde Dante simboliza a vida contemplativa e a intuspecção, em contraste com Lea (Lia) a activa). O comediógrafo viu-a no seu sonho febril, caminhando como pastora com o seu rebanho (*Genesis*, XXIX e seg.), conforme já registei no artigo Jacó (II, 372). Ao Clérigo namorado da *Farsa dos Físicos* diz o Padre que o consola e admoesta a ter paciência: *No leistes de Jacó Cuanto servió por Raquel*, antecipando o que os Sonetistas poetaram a respeito dos *Sete anos* que *de pastor Jacó servia*.

RASTELO. — O sítio — chamado de *Belém*, depois de D. Manuel haver mandado edificar aí o mosteiro dos Jerónimos, dedicado a Nossa Senhora de Bethlehem — de onde partiam os mareantes nas primeiras viagens ao Oriente, é citado na *Farsa* chamada da *Índia* (I, 25 e 38). Vid. BELÉM.

RATINHO. — Nome dado aos populares da Beira que afluíam à capital, por causa do burel pardo *(mausegrau)* da Covilhã com que em regra se vestiam, e ainda hoje se aplica aos que vão ao Alentejo para trabalhos agrícolas. Vid. *Rev. Lus.*, XI, p. 27-38. No trecho citadíssimo do *Triunfo do Inverno*, relativo à alegria que antes de 1520 reinava em Portugal, o comediógrafo pensava sobretudo nessa gente cabreira

> e no mais triste ratinho
> s'enxergava hũa alegria
> que agora não tem caminho.
> (II, 447).

Ratinhos figuram sobretudo na *Farsa dos Almocreves* (III, 211, 219, 220) e no *Clérigo da Beira* (III, 237, 245 e 247). Cfr. II, 443. — RATINHA (II, 435).

REBOÃO. — Êrro da impressão de Hamburgo (III, 359) por ROBOAM (q. v.).

REDONDO (CONDE DO). — Vid. CONDE. *Br.*, 166.

REGEDOR (O). — Regedor das Justiças, ou da Casa da Suplicação, mencionado no *Auto da Lusitânia* pelo Judeu-alfaiate por causa da sua extraordinária cortesia (III, 268), e que diz palavras sensatas a D. João III no acto da Aclamação (III, 263), era D. João da Silva, Senhor de Vagos, segundo *Br.*, p. 125.

REI BAMBA. — Vid. BAMBA.

REGINÁ MUSICAE. — Título que o poeta dá à Deusa do Amor, Vénus

ou Afrodite (I, 153) e corresponde à tradução *Rainha da Música* (II, 327) ou *Diesa de la Melodia*, que em outro ensejo lhe aplica (II, 329).

Reis Magos. — Sem indicação dos seus nomes (Gaspar, Belchior, Baltasar), êles figuram no *Auto* de 1503 (I, 22-37). A êles reza em castelhano a mulher do jardineiro Julião, para que ajudassem a D. Duardos na excavação do tesouro (II, 209).

Remigius. — I, 101-102. Vid. § 49.

Resende (Garcia de). — Como músico e homem de variegadas prendas, *que tudo entende*, é citado, nas *Côrtes de Júpiter* (II, 406) o coleccionador do *Cancioneiro Geral*, autor da *Crónica de D. João II*, *Trovas de D. Inês*, *Miscelânea*, etc., que, pela sua vez, falou do colega, músico e comediògrafo, na décima 186.ª dessa obra. *Feito peixe-tamboril* é que o Eborense, que se ria do seu próprio *embonpoint*, ia no cortejo dos peixes.

Riba d'Avia? — É *riba Da via* na edição-príncipe, na penúltima estrofe do *Testamento de Maria Parda*, a qual distingue os que de lá fossem, destinando que, por amor dela, lhe façam como se fôssem vezinhos (III, 376). ¿Estará por *riba da via*?

Ribatejo. — A fértil região é nomeada pelo Vilão do *Templo de Apolo* (II, 390). Na scena da tentação da *História de Deus* ela é representada por numerosas vilas (II, 340 e *Festa*, v. 327). O Clérigo-nigromante da *Exhortação da Guerra* é patriarca no Ribatejo entre os que gostam do suco das uvas (II, 355). Mercúrio relaciona lacònicamente a região com o *Signum Cancer*, por causa da sua abundância em caranguejo (I, 154).

Ribeira. — Vid. Lisboa (II, 300 e 344, e III, 108 Picota da Ribeira).

Ribeiro (Nuno). — Como pagador de moradias é citado pelo almocreve Pero Vaz (II, 214); como mau pagador pelo *Clérigo da Beira* (II, 232), e o Negro da mesma farsa (247). Vid. *Br.*, 180 n.

Ricardus. — (I, 101). Vid. § 49.

Rifea. — A montanha (mais correcto seria *serra*) que, conjuntamente com outras muitas já registadas, adora alegremente o menino Jesus (I, 93), estava *Da parte donde o dia vem nascendo* e onde Europa *com Ásia se avizinha*. Segundo os antigos, o Tschardag, Balkan ou os Carpatos, mas sobretudo o Ural (dos Hyperboreos). Nos *Lusíadas*, III, 7, *montes rifeos*; Boccaccio, f. 138 v. *Rhypaei montes*.

Rio dos bons sinais / Rio do Infante (II, 469). Citados pelo ignorante piloto do *Triunfo do Inverno*, juntamente com a aguada da *Boa-Paz* e o *Cabo das Correntes* (q. v.). Vid. Goes, I, Cap. 36 e 54.

Rio-frio.—Uma das vilas do Ribatejo que Satanás mostra a Jesus-Cristo (I, 339).

Roboam. — As palavras que o Bispo de Évora diz a D. João III depois da sua Aclamação (III, 359), não são bem claras. Em todo o caso entendo que admoesta o rei, seguisse a regra que os velhos conselheiros de Salomão deram a seu filho *Roboão (Rehabeam)*, isto é, reinasse com brandura e clemência. Talvez *espelho* seja lapso por *conselho;* mas nesse caso ¿com que frase substituir o verso final *de meu conselho* ?

Rodrigues (João).—Português que denunciou a D. Manuel a estada de Felipe Guilhem em Aldeia-Galega, e o seu plano de ir a Castela (III, 377).

Roldão. — O paladino de Carlos Magno aparece a Gil Vicente, no seu sonho febril, no acto de mexer migas, feitas por Eva a Adam, conforme já registei (s. v., II, 371). O seu terçado Durendal, transformado em espada Durindana, foi entregue por artes mágicas de uma Moura à Duquesa de Sabóia (II, 416). Como se vê também pela menção de Roncevaux, o poeta sabia algo do ciclo carolíngio. Talvez sòmente por Romances velhos, como o que o diabo cita na *Barca da Glória* exclamando *Vuelta vuelta, los Franceses*, trecho de *Domingo era de Ramos* (Duran, 394). Vid. C. M. de V., *Romances Velhos em Portugal.*

Roma. — Não são muitas nem importantes as alusões à antiga, e à moderna capital do mundo e seus habitantes. Que a filosofia deu bons conselhos a Roma quando tiranos a ofendiam, é afirmação feita na *Floresta de Enganos* (II, 138). O templo de Jano caiu no momento em que nasceu Jesus-Cristo (III, 386). D. Duardos queria ser Trajano, caso Flérida fôsse Roma (II, 241). Mofina Mendes deu o *saque* (sacco) a Roma (I, 112). *Ansí se hizo Roma luego* é locução proverbial, por *tão de pressa* (III, 322). Qual o sentido da burlesca afirmação que em *Sossideria* — da qual procedem todos os de Sousa — repousava *o canto (?) da anteguidade romana* (II, 134), sou incapaz de o adivinhar.

Romances.—Há oito na *Copilação.* Quatro, portugueses. Quatro, castelhanos. Independentes são apenas os dois históricos, inspirados nos acontecimentos de 1521: *Á morte del rei D. Manuel* e *Á aclamação de D. João III* (III, 348 e 355), o primeiro com assonâncias em *-ia*, o segundo com rimas em *-al*. Os restantes nacionais são um de devoção *Remando vão remadores Barco de grande alegria* (I, 246) e o burlesco, com versos castelhanos intercalados *Yo me estaba em Coimbra Cidade bem assentada* em *ada* (III, 202). Os castelhanos pertencem a *Tragicomédias festivas:* às *Côrtes de Júpiter*,

em memória da partida da filha de D. Manuel: *Niña era la Ifanta Doña Beatriz se decia* em *-ia* (II, 416). Ao *D. Duardos*, o mais belo de todos *En el mes era de Abril De Mayo antes un dia* (II, 249), igualmente em *-ia*. Ao *Triunfo do Inverno*, o patriótico *Dios del cielo, rey del mundo Por siempre seas loado* em *-ado* (II, 478). Irregular, por ter intercalado um refram extenso, que o divide em estrofes, é apenas o festivo e patriótico *Por Mayo era, por Mayo, Ocho dias por andar* em *-ar* (II, 531).

Romanha. — A região a que o Italiano quer levar a Fama portuguesa (III, 49) é, sem dúvida, a antiga província *Romagna*, com a capital Ravenna.

Romanos. — Já ficou registado que *Los muy antigos Romanos* recebiam conselhos de filósofos, segundo o Filósofo da *Floresta de Enganos*. Confundindo épocas, o poeta pensava por ventura em Séneca (II, 138). Júpiter, ao proclamar o fim do paganismo, afirma que *Ni Apolo se verá, Ni los Bacos adorados De Romanos* (I, 89). Mas em 1521, por ocasião do casamento da filha de D. Manuel com Carlos V, Deus manda a Marte que lhe guarde bem guardado o reino de Portugal, *porque o quer fazer romano*. ¿ Vencedor em batalhas ? ¿ lingüisticamente ? ¿ artìsticamente ? (II, 414). Cfr. II, 261 e III, 338 *el romano papado*.

Romãos. — As façanhas dos Portugueses, por serem *flor dos Cristãos*, são superiores aos feitos troianos, e *também os Romãos* (adj. portanto) (III, 61). D. João III é chamado *cristianissimo Romão* pelo Bispo do Funchal (III, 363).

Romulana. — Com licença poética, é chamada *prosperada Romulana* a gente de Roma (I, 81), como se o termo proviesse de Romulo.

Ronzasvalles. — O moço de espora da Farsa *Quem tem farelos* retrata seu amo Ordonho como Bramarbas, conforme já ficou dito s. v. *Anibal* e *Cepion* (III, 8).

Rua Nova. — (III, 356). Vid. Lisboa.

Ruy Acaz. — Êrro por Rey Acaz (q. v.).

Ruy Lobo (D.). — D. Rodrigo Lobo, do Conselho, e vèdor da fazenda (terceiro barão de Alvito de 1541 em diante) é citado por causa do alvará falso de que se queixa a Regateira Branca do Rego da *Romagem de Agravados* (II, 511).

Sá (D. Beatriz de). — Uma das cinco donzelas da Raínha D. Maria a que há referências no *Canc. Geral* (III, 579), numa Carta de Garcia de Resende, na mesma ordem (¿ talvez oficial ?) em que Gil Vicente as introduz na ladaínha para o *Velho da Horta* (III, 82). Posteriormente a formosa, nascida na Ilha de S. Miguel, foi Dama da

Emperatriz. Vid. *Br., Rev. Lus.*, X, 277 e seg., e *Gil Vicente*, p. 61.

Sabá. — No *Auto dos Reis Magos* há referência ao Psalmo 71 de David, em que se profetiza que os reis de Tarsis, Sabá e de Arábia virão *adorar* (I, 33). Entre as lisonjas que, pela bôca do Judeu Jacob, o poeta dirige à Raínha D. Caterina, destaca-se a comparação com a Raínha Ester (q. v.) e a de Sabá, transformada com licença poética em *Raynha Sabaa doyrada* (III, 273).

Sábio (O). — Isto é *Salomão*, por antonomasia (I, 53).

Saboia. — Vid. D. Beatriz Ifante (II, 395 e 396).

Sacavem. — Entre as povoações contíguas a Lisboa, onde a feiticeira da *Comédia de Rubena* manda buscar o berço de oiro para Cismena, Sacavem figura junto a Carnide, Santarem, Campolide (II, 25).

Safós. — Por *Sapphó*. Em rima com *Dios*. A grande poetisa de Lesbos, feita ifante, sobe ao Parnaso, com o plano de trazer de lá *Dios hecho niño* (II, 89)!

Salado. — Troçando do velho mas namorado Vasco de Foes (q. v.) é que Gil Vicente diz pela bôca da endemoninhada Cecília (III, 256) que êle nascera *quando foi a do Salado*. Em 1340, portanto, quando D. Afonso IV magnânimamente batalhou contra os Mouros, auxiliando Afonso XI de Castela, junto à ribeira Salado, *em riba do mar*, como se conta num extenso e interessantíssimo episódio do *Livro de Linhagens III*, infelizmente incompleto! (Título xxi, § 18: *Dos Pereiras*). Suponho-o traduzido da *Cronica General* de 1344.

Saldanha (João de). — Castelhano, veador da casa da Raínha D. Maria (e da Infanta D. Isabel), citado de brinco no *Sermão de Amor*, por ter as chaves do paraíso das damas, de que o Frade mencionara umas três (III, 107). No cortejo dos peixes (II, 406) havia de ir, segundo a fantasia do poeta, *feito arenque d'Alemanha*, provàvelmente por ser sequinho de carne, ou então *salgado*. Das duas trovas que há dêle no *Canc. Ger.*, nada se pode concluir.

Sallustius. — I, 101. Vid. § 49.

Salamão; Salomon (nas ed. modernas). — Figura do *Auto da Sibila Cassandra*, com a qual pretende casar. É citado como autor do *Cântico dos Cânticos* (I, 19 e 105, e II, 186), num trecho em que a *censura* substituiu o nome bíblico pelo helénico de *Anfião* (q. v.). Como autor de Provérbios e Sentenças menciona-o o *Amor* (na *Nau de Amores*, II, 307), exemplificando com *Los más sabios, más perdidos*. — *Vanitas vanitatum vanitas que tudo é vaidade*, pensa e repete D. João III, humildemente, como novo rei sabedor (III, 358). — Os jardins de Sintra são um paraíso terreal, que foi mandado a um rei

português pelo próprio Salomão (II, 491). E o castelo simbólico, que é D. Caterina, *flor de las Españas*, é comparado quanto aos alicerces e cavas com as construções do sábio e faustuoso rei (II, 325).

Salvaterra. — *De Magos*, penso eu, visto ser mencionada entre a dúzia de fresca e fértil abundância, que Satanás mostra ao Salvador, na notável *História de Deus* (I, 340).

Salve Regina. — Rezada pelo Negro do *Clérigo da Beira*, horrìvelmente estropiada, como mostrei no Catálogo das frases latinas, empregadas por Gil Vicente.

Samora. — No artigo Çamora falta no fim a explicação seguinte: A Çamora de Portugal, hoje *Samora Correia*, é uma das terras fecundas dos arredores de Lisboa que Satanás mostra e gaba ao Salvador na *História de Deus* (I, 340). E quanto ao Juíz de Çamora *que sabe o que faz*, o sr. Aubrey Bell supõe, na bela edição que fez de *Four Plays of Gil Vicente* (p. 81), que nessa frase haja alusão ao romance de Zamora *Ya se sale Diego Ordoñez*, em que Arias Gonzalo diz: *A Dios pongo por juez — porque es justo su juicio.* Pode ser; mas a alusão ao *Juiz de Vaena* (q. v.) faz duvidar. Em todo o caso não incluí o trecho nos *Romances Velhos em Portugal.*

Sanson (san Son, por êrro de imprensa na edição-príncipe. — O Castelhano do *Auto da Índia*, com raiva, porque a mulher, cujo marido está longe, não lhe abre a porta, diz em monólogo de bravatas, a si próprio: *no eches la casa en tierra... que mueras como Sanson*, lembrado daquele Juiz dos Israelitas, de fôrça portentosa que, prêso pelos Filisteus e privado da vista pela astúcia de Delila, derribou as colunas da sala de festas, sepultando consigo três mil dos inimigos seus e do seu povo (III, 35).

Santarém. — Pertence ao grupo de povoações onde a Feiticeira da *Comédia de Rubena* faz buscar o berço de oiro de Cismena (II, 25). *Eu bailei em S., sendo os Ifantes pequenos* (isto é: antes de 1520) diz o *Bailador*, figura de um Conto infantil que o poeta aproveitou para o seu *Juiz da Beira* (III, 187). Na ida de Coimbra a S. (1527) almocreves castelhanos levaram de aluguel mais do que deviam ao Comediógrafo (III, 383). De Santarém escreveu êle a bela Carta sôbre o tremor de terra de 1531 (III, 385). Por causa dos seus maus vinhos a vila não era do agrado de Maria Parda (III, 376). Sem especificação de valor, há várias referências (I, 136, III, 174 e 206) e uma vez a exclamação *¡ Oh pesar de Santarém!* (II, 473).

Santiago de Cacém. — A uma das damas que em Évora assistiram à representação da *Farsa das Ciganas*, dizedoras da *buena-dicha*, a chamada Lucrécia pronostica que casará, mui rica, naquela antiquíssima povoação (III, 198).

Santos, o Velho (III, 43). — Vid. Paço.

Santos e Santas. — Ao todo são relativamente poucas as invocações e citações. Numerosas apenas na linguagem dos marinheiros do *Triunfo do Inverno*. E no Catálogo de sumidades do Frade-Prègador, já registadas no § 49. Como *Figuras* há apenas os quatro Santos doutores — Agostinho, Ambrósio, Jerónimo, Tomás, no *Auto da Alma*. S. José nos *Mistérios da Virgem*. S. Gabriel aí mesmo. Os apóstolos Santiago, S. Pedro e S. João, no *Auto da Cananea*. S. João Baptista como precursor, na *História de Deus*.

Dos demais Santos do Calendário, com alguns que devem a sua santificação, momentânea, ou duradoira, quer ao livre arbítrio do povo, quer à invencionice do poeta, já registei diversos. Aqui vão todos alfabèticamente, mas sem explicações, porque podiam levar longe.

Amador. Vid. Gonçalo da Silva.

Amaro. I, 68.

Antão. I, 64; II, 455.

António. III, 26, 246.

Barrabas. I, 241.

Bartolameu. I, 169, 258.

Brás. II, 28.

Cebrian. II, 353.

Esprito. II, 391; III, 40, 361.

San Fernando. — III, 246 (*Furunando* no *Guineo* do Negro) (II, 39).

San Frade. — II, 475.

San Francisco. — III, 230 (convento), II, 391.

San Gabriel. — II, 12 (o arcanjo).

San Gião. — II, 82. S. Julião, o Hospitaleiro, que vem e vai com os que vão; I, 235 (capela ou igreja).

San Gregório. — I, 242. Vid. Missa.

Santo Ilário. — II, 28; III, 187. Em rima com *veairo*.

San João. — II, 28; III, 26 nuns versos infantis, cantados pela moça da dona, cujo marido está na Índia. A festa do solstício veranil é lembrada no *Auto da Fé* (I, 66); no *Triunfo do Verão* (II, 491); no *Auto da Festa* (v. 172) e na *Comédia de Rubena* (II, 51).

San Jorge. — II, 472.

San Junco. — I, 4 e 251.

San Leão. — II, 188, onde o *Brigosó* — ou algum dos catorze que êle venceu — dizia *a oraçam de Sam liam;* e não *o coração*, como dizem as edições modernas!

San Marçal. — I, 240; II, 375.

San Martinho. — II, 28.

San Mateus. — III, 222.

San Miguel. — II, 12; I, 242.

San Nicolas. — II, 28.

San Paulo. — II, 356, 391.

San Pedro. — II, 28, 391.

San Pego. — I, 31.

San Pisco. — III, 149.

San Polo. — II, 356.

San Sadorninho. — II, 14, 28, 170; III, 96.

San Vicente. — No *Auto da Festa*, v. 381, diz-se de brinco, a respeito do tema *Deus é português*, que os santos o são na mesma, e que *S. V.* nasceu em Almeirim (v. 381).

Santiago. — II, 474.

Sant'Ana. — II, 13 (reza popular).

Santa Caterina.

Santa Luzia. — III, 138 e 348.

Santa Madalena.

Santa Margarida. — I, 253.

Santa Maria. — III, 138, 246.

Santa Orada. — III, 375.

Santa Pepia. — I, 64.

Santa Trindade. — III, 358; *Auto da Festa*, v. 292.

Santa Úrsula. — I, 233.

Sardoal. — Essa povoação amena, elevada a vila por D. João III em 1532, distinguia-se no tempo de Gil Vicente pelos seus bons bailadores foliões, que desafiavam os da Serra da Estrêla a cantar e a bailar (II, 443 e 444). No artiguito *Santarém* já deixei dito que o Bailador (do *Juiz da Beira*) dançara lá sendo os Ifantes pequenos; acrescento agora que também se exibicionara no Sardoal (III, 187).

Satan. — (I, 243, 259 e 282, e II, 320, 353 e 354).

Satanás. — Figura no *Auto da Alma* (I, 189 e 202); na *Barca do Inferno* (I, 241, 265 e 281); na *História de Deus* (I, 306, 307, 309, 310, 318, etc.), e no da *Cananea*, (360, 376). Invocado pelo Clérigo-nigromante (II, 353), etc.

Satané. — Por Satanás, na bôca de um pastor, para rimar com Fé (I, 68).

Saturno. — Gil Vicente não pensa no *Kronos-Saturno*, como velho que os filhos come (*Lus.*, III, 22); mas antes vagamente como numa divindade malévola, venenosa (I, 92), e num planeta de mau agoiro (I, 152, 221 e 364). As filhas do demiurgos viviam numa *escura caverna saturna* (I, 90). Provei outrora que o adjectivo *soturno*, privativamente português, proveio de *saturno*, sob o influxo de *no-*

turno, com o qual rima (1885, *Miscelanea di Filologia-Caix-Canello*).

Scala-coeli. — I, 101. Sei de uma obra medieval que tem êsse título. De Joh. Gobio, 1316. É uma colecção de apólogos. Declarados e traduzidos por Diego de Cañizares.

Scipião. — Na edição-príncipe *Cepiam* e *Cepiones;* o plural tanto na Farsa de *Quem tem farelos*, em que o Moço retrata o amo como fanfarrão cobarde que, falando de Roldão Aníbal e dos Scipiões, tem medo de um gato (III, 8), como na *Exhortação da Guerra*, em que o Romano, evocado juntamente com o Troiano e o Cartaginês, confirma lacònicamente o que êsse último assentara; isto é, que Heróis da Antiguidade como êle eram cousa escusada na côrte portuguesa, porque, depois de Heitor o haver asselado, dizendo *Nem Eytor nam faz mister*, repete simplesmente *Nem tam pouco Cepiam* (II, 366).

Scoto. — I, 101 e III, 337. Vid. § 49.

Sé. — Vid. Lisboa (II, 232 e 352; I, 171 e III, 374).

Sea. — Com bôa ortografia etimológica (como Sintra e Sertã), a antiga *Sena*, de vida histórica acidentada, é nomeada na Tragi-comédia festiva da *Serra da Estrêla*, a par de Gouveia, Manteigas e Covilhã. Riquíssima de gado ovelhum, ela manda à Raínha recém-parida mil ovelhas-meirinhas, duzentas cordeirinhas, trezentas bezerras e quinhentos queijos recentes, todos feitos à candea (II, 442).

Sebastião (D.). — Claro que o nome del-rei não ocorre nas Obras de Gil Vicente. Em nome dêle, sendo Regente a Raínha D. Caterina, foi concedido todavia privilégio a Paula Vicente para, por tempo de dez anos, poder imprimir a *Copilação*, E a êle foi dirigido, em conseqüência, um *Prólogo* por Luís Vicente, em que conta que já na sua tenra idade, de seis a sete anos, el-rei gostava de ler os Autos e folgava de os ver representados.

Sebila. — Vid. Sibila.

Secretário (O). — Em 1526, quando na partida da Infanta D. Isabel se representou o *Templo de Apolo*, em que à figura alegórica do *Tempo Glorioso e Gozoso*, que reza a favor de Castela e Portugal, é dada a réplica por Apolo, em que ocorre êsse título (II, 387), ocupava o lugar de *Secretário* o notável homem de estado António Carneiro, como o curioso poderá verificar, lendo *Br.*, p. 155. Vid. Bozrá, e p. 634 desta *Quarta Nota Vicentina*.

Seixal. — Povoação da Estremadura, citada juntamente com Almada, por causa dos seus vinhos, pelo diabo Zebron, que, escarnecendo, fala ao Clérigo-nigromante (II, 355), cujo gôsto pelos dons de Baco já tive de mencionar diversas vezes. Maria Parda chama-a *glorioso Seixal* e *senhor dos outros Seixais* (III, 375).

Selmeron. — Êrro por Semerom (I, 93): *mons Judeae ab Amri rege Israel emptum a quodam Semera — mons Judeae et super eum sepulcrum Joseph* (Boccaccio).

Sena. — Siena, depois de Bologna, a mais afamada das Universidades italianas onde se estudava direito. O Justiça maior, que é uma das figuras cómicas da *Floresta de Enganos* (III, 169), era *doctor hecho en Sena*. Vid. Baldo, Bártolo, París.

Seneca. — I, 101. Vid. § 49.

Serafim. — Figura do *Auto dos Quatro Tempos*, que o preludia, com um hino à *luz moderna*, discreteando, ao modo de Dante e Guinicelli sôbre *O infinito amador, Infinitamente amando Cosa amada De infinito valor* (I, 77). No *Auto da Feira* aparece outro, enviado por Deus, à petição do *Tempo*, que convida os pastores das almas à Feira da Virgem, ou Feira dos Céus (I, 150, 183). O adj. *serafino* é aplicado ao rosto de Helena (II, 372).

Sere(i)a, Sirena (cast.). — No *Triunfo do Inverno* (II, 476-481) entram três dessas fabulosas fadas-marinhas, cantando primeiro um Vilancete sôbre o tema *Despues del mal la bonança* e depois o Romance *Dios del cielo, rey del mundo, Por siempre seas loado.*

Sermão. — O primeiro que o poeta se lembrou de prègar, embora homem leigo (vestido de hábito provàvelmente de clérigo seglar) — quatro anos depois de se haver estreado no palco — em oitavas à espanhola (abbacca), é o de Abrantes, no nascimento do Infante D. Luís, à Raínha D. Leonor e ao rei D. Manuel. Isto é o em que parafraseia *Non volo, volo, et deficior* (III, 334-346). O segundo, de Frade, recitado no *Auto das Fadas*, sôbre o tema *Amor vincit omnia*, está vasado no mesmo metro (III, 104).[1] O terceiro, também de Frade, em versos curtos, é o discurso, a modo de prègação, cheio de citações, que serve de Argumento aos *Mistérios da Virgem*, em que está intercalado o *Passo* profano da *Mofina Mendes* (I, 100-104).

Serra de Sintra. — Sempre correctamente com *S.* na edição de 1561. Na segunda Parte do *Triunfo do Inverno* a bela montanha ganha fala. Anunciada primeiro pelo *Verão*, com louvores entusiásticos (II, 482), discute com êle sôbre as *suidades* que deixa, quando se vai, e oferece em seguida a D. João III um *jardim* (simbólico) que cachopas e mancebos trazem, cantando em folia. Na *Farsa da Lusitânia* ouvimos que o nome antigo da Serra fôra *Solercia* (lembrança inspirada talvez por discussões dos Arqueólogos como André de Resende, sôbre o Templo da Lua (Cintia) e do Sol *Soli et Lunae*

---

[1] A primeira oitava é incorrecta, composta de nove versos (a b b a a c d d c).

ou *Soli aeterno Lunae*, mencionado numa inscrição de Colares. Vid. SINTRÃOS, SINTRANS.

SERRA D'ESTRELA (ou DA ESTRÊLA). — Essa também entra como Figura na Tragicomédia do seu nome, feita e representada para festejar em Coimbra o nascimento da Princesa D. Maria (II, 421).

SERRA MINEA. — Serra fabulosa para onde é desterrada a filha do rei Telebano (II, 142 e 164).

SERTÃE, SERTÃY. — Hoje mal grafado Certã, em vez de Sertã, representante do lat. *Sartagine*, e por isso inspiradora de uma etimologia anedótica. Vila do distrito de Castelo Branco, pátria de Pero Vaz, da notável farsa dos Almocreves. Em rima com *mãy*. Erròneamente transformado em *sertão* (!) na edição de Hamburgo (II, 222). No *Auto da Lusitânia* (II, 266), há referência a um primo e cunhado da Judia Lediça, rendeiro na mesma povoação: *may sertãe* na edição-príncipe; *mãe Sertãe* na reimpressão de 1834.

SEVILHA. — A Raínha do Guadalquibir é mencionada no lindo cantar arcaico (¿ da Andaluzia ?), entoado pelo Inverno no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 81–82): *Mal haya quien los envuelve Los mis amores!* A fama da *Nau de Amores*, ou por outra, do casamento de D. Caterina, corria Castela e Sevilha (II, 308).

SIÃO, SION (cast.). — A colina oriental de Jerusalém com a cidade de David e o templo de Salomão (II, 208). Sinónimo de Jerusalém em *Ave mercê de Sião*, tradução do versículo 20 do Psalmo *Miserere* (III, 333).

SIBILA, SIBYLLA; SEBILA, na edição-príncipe. Das Sibilas tratei no § 46. Aqui baste lembrar que no *Auto da Sibila Cassandra* (I, 36–62) a Troiana figura ao lado de Cimeria, Erutea e Peresica. Nos *Mistérios da Virgem*, essa lê nas profecias de Cimeria (I, 104), ao passo que a Fé se refere a Cassandra (I, 105). Na *Farsa da Lusitânia* ouvimos que o diabo, em figura de donzela, levou o poeta para a cova onde a Sibila mora, e lá o informou dos segredos que sabia a respeito de Portugal e da Lusitânia (III, 275 e 276). Também o Clérigo-nigromante da *Exhortação da Guerra* esteve nessa cova, onde se esmera e estila a subtileza infernal (II, 276). Vid. *Sibilaria cova* (III, 276).

SICÍLIA. — Frei Paço chama freiras da vulcânica ilha italiana às agravadas Dorosia e Domicilia (II, 524).

SIDÃO. — É no *Auto da Cananea*, a Syrophenissa, que se mencionam as célebres cidades de Tiro e Sydom (*sic*, em rima com *rondom* e *Lião*) (I, 363).

SIDERAQUE. — (III, 372). Vid. § 50.

SIGNUM CANCER. — Vid. CANCER.

Sigüenza. — Essa cidade da província de Guadalajara é citada pelo Castelhano do *Auto da Índia*, como se apenas nela valesse o provérbio *Pues prometeis, mantened.* É que o poeta precisava de rima para *vergüenza* (III, 33).

Silva (D. Beatriz da). — Uma das donzelas da Raínha D. Maria, nomeada no *Velho da Horta* (III, 82).

Silva (Gonçalo da). — O fidalgo apelidado Santo Amador, no *Velho da Horta* (III, 80), citado na *Farsa das Fadas*, como fora de si pela Francisca da Guerra (III, 95), mas também como doido (*Br.*, II, 375) por uma Anriques (III, 105), era provàvelmente (segundo *Br.*, 57 e 59) o Senhor de Abiul que figura no *Canc.* como autor de algumas *Trovas*.

Silvas. — De uma das damas de Colimena, chamada *Silvenda*, é que na Comédia da *Devisa* procederam Silvas e Silveiras! (II, 133).

Silveiras. — Vid. Silvas.

Silvestra. — Nome da Lei da Natureza no *Auto da Cananea* (I, 355). Vestida provàvelmente de serrana.

Sinái. — No monte da península arábica do mesmo nome, em que, segundo o Genesis, Moisés recebeu do criador os Dez Mandamentos, é, segundo a interpretação do poeta, o sítio onde nasceu *Hebrea*, a Lei da Escritura (I, 356). É rima de *vai*.

Sintra. — A vila e os seus arredores até Tôrres Vedras (Serra, no dizer de Satanás, de cardos e pedras), pertence à região que Satanás mostra a Jesus Cristo (I, 340). Vid. Serra de Sintra.

Sintrãos, Sintrans. — São os *mancebelhões*, e as cachopas que, dançando e cantando em folia, entregam no fim do *Triunfo do Verão*, um jardim paradisíaco a D. João III (II, 449 e 491).

Siqueira (Diogo Lopes de). — Sendo, como provou *Br.*, 151, 154, além de alcaide-mór do Alandroal, almotacé-mór, capitão da Mina, capitão-mór da armada da Índia, governador, da Índia, não se vê bem o que tinha de fazer no *Templo de Apolo*. ¿Bastaria o ser *do conselho para lá entrar?*

Sirenas. — Vid. Sereias.

Soares (Fernão). — O mencionado na *Náu de Amores* (II, 318) era irmão do Porteiro-mór (q. v.).

Sobradisa. — A formosa infanta-niña, que Amadis reconduziu ao seu trono em Sobradisa (II, 274), claro que é Briolanja (q. v.).

Sodoma. — Pertencem a Belzebu tôdas as pessoas nascidas no dia nefasto em que S. foi queimada, e Gomorra sovertida (I, 372). Na *Carta de Santarém* o poeta fala das cinco cidades mui populosas de S.ª sovertidas por causa dos seus vícios (III, 386).

Sofala. — Já sabemos quais foram os nomes da costa oriental

da *África* que a bôca da *Fama* apregoou como conquistas portuguesas (III, 51).

Soldão. — No discurso da *Fama* (III, 52) é o Emperador dos Turcos em geral que se ressentiu das victórias e conquistas de Portugal. Humorìsticamente, é mencionado pela mãe de Lediça e Saul (III, 267). No *D. Duardos* alude Olimba a um dos feitos dêsse que consistiu no vencimento do Soldan de Babilónia (II, 197).

Sousa. — De Sossideria sairam, segundo as genealogias humorístico-satíricas da *Devisa de Coimbra*, todos os Sousas (II, 134). Vid. Arrifana.

Sousa (Lourenço de). — Com respeito ao alvará falso, é mencionado na *Romagem de Agravados* (II, 511). Aposentador mór, segundo *Br.*, 222.

Sousa (D. Margarida). — Uma das donzelas da Raínha D. Maria, citadas por Garcia de Resende no *Canc. Ger.*, f. 216, e por Gil Vicente na ladaínha entoada a favor do *Velho da Horta* (III, 83).

Sousa (Martim de). — O *Que morre pela Pimentel* é mencionado no *Auto das Fadas* (III, 96). É um dos poucos cuja função na côrte Braamcamp não apurou.

Sousa (Simão de). — Pertence ao grupo dos mártires de amor, chamados por Branca Gil para socorrerem o desfalecido Velho da Horta (III, 80). Poeta do *Cancioneiro*. Apaixonado por Caterina de Figueiró.

Sousa do Sem (Simão). — Mencionado na *Nau de Amores* (II, 318) como *ditoso* nas suas paixões: êrro por *quexoso*, ou tomado em sentido irónico, visto que continua *que a todos mostra dores* e *não lh'os cura ninguém*[1]. Poeta do *Cancioneiro*, e Comendador da Sabacheira depois de haver servido nas empresas de Azamor, segundo *Br.*, p. 164 e seg.

Speculum belli (I, 101). Vid. § 49.

Styx. — Vid. Estes, Estis.

Suiça, soïça. — Marcha militar, em que os suíssos (II, 367), ordenados em caracol (II, 369), cantam *¡Tálalalálalão!*[1]

Taco (Joana do). — No cortejo dos peixes, que acompanha a Infanta D. Beatriz até Cascais, o último é essa camareira, *en gran centola tornada* (II, 408): uma das de serviço da Raínha D. Maria (*Hist. Gen.*, *Provas*, II, 375).

Taes. — Moura encantada (e desencantada com a música de um

---

[1] Curioso traço linguístico há em Lucas Fernandez, p. 89, onde se diz *Entra el Soldado, o ɟoiɟo, ó infante.*

romance) que traz como prendas de despedida à mesma Infanta um anel, um dedal e o terçado de Roldão (II, 415 e 417).

Tara (João de). — Pessoa mencionada no *Auto das Fadas*, vizinha da feiticeira Genebra Pereira no sítio da Pedreira (III, 93).

Tarouca. — Vid. Conde Prior.

Tarsis. — Cidade na Arábia, de onde vinha ou havia de vir um dos três Reis Magos, segundo a profecia de David (I, 33). Vid. Sabá e Arábia.

Taurus. — O do Zodíaco, I, 153. *Touro, ib.* — *Toro*, I, 85.

Tavila. — A cidade algarvia é citada na conversa dos Rabis como freqüentada por alguém da família judaica (I, 351). Na *Farsa de Inês Pereira*, o marido passou de *Tavila* a *Arzila*, onde o matou um Mouro (III, 151). Ambas as vezes a mesma rima.

Teixeira (Luís). — Um dos filhos do chanceler-mór Dr. João Teixeira, que estudaram na Itália sob a égide de Ângelo Poliziano. Mestre de D. João III e Desembargador do paço e petições, nomeado por Gil Vicente no *Templo de Apolo* (II, 307). Vid. *Br.*, 157 e *Cerejeira*, II, p. 76.

Tejo. — O magno rio. Num momento, em que ninguém esperaria tal afirmação, quando nascia Cismeninha, a loquaz parteira dizia que *o Tejo faz lameiro nas lezírias do Cartaxo* (II, 15). Da bôca da *Fama* sai outra, que está em harmonia perfeita com os entusiásticos louvores com que já exaltara os feitos portugueses dizendo que *as mouriscas riquezas Ao Tejo se virão* (II, 53).

Tejo. — Nome de um cão de caça (II, 234).

Tentúgal. — Vid. Conde de T.

Tessália. — Rei dessa parte oriental da Grécia do Norte era, pela graça de Gil Vicente, o Rei Telebano, pai da Grata Célia da *Floresta de Enganos* (II, 142).

Tigre. — *Tygre* na ed.-príncipe. Juntamente com o Eufrates (e Guijon), êsse rio oferece coisas olorosas ao menino Jesus, segundo os dizeres de Júpiter (I, 93).

Tiro. — Afim de falar da vinda de Jesus-Cristo a Canaam, Satanás menciona, conforme já ficou registado, as cidades Tiro e Sidon (II, 363).

Tobias. — Ignoro a razão porque Ana Dias chama *gato de Tobias* a um sapateiro cristão-novo (III, 141).

Todo o Mundo. — Contra-figura de *Ninguém*, no engraçado Passo intercalado no *Auto da Lusitânia* (II, 289-291).

Tojal. — Aldeia perto de Olivais, no distrito de Lisboa, citado juntamente com Almada e Seixal (II, 356).

Toledo. — O nome da pitoresca cidade cercada do Tejo, é men-

cionada por em português poder significar *tolice*. Com relação ao frade que *de amores enloquecio*, diz-se que *en Toledo se curó y ningun remedio tiene* (II, 305).

Tomar. — Sem o *h* que o nome Tomas lhe comunicaria. No convento dessa vila foi representada em 1523 a D. João III a farsa de *Inês Pereira* (III, 121). E é lá que reside a protagonista I. P. da Grãa e recebe a carta do irmão, que lhe comunica a morte do escudeiro discreto que escolhera para marido (151). O Vasco Afonso do *Auto Pastoril Português* é d'além de Tomar (I, 127) e refere-se a um galinheiro (*que chamava ao coelho conejo*, em rima com *Valejo*) (I, 130). Talvez fôsse lá que Gil Vicente adoeceu; por duas vezes refere-se a *febres* (2,391) e *maleitas* que lá reinam (II, 488). Verdade é que em vez de *febres*, no *Templo de Apolo*, são no *Auto da Festa* as *estrélas* (!) que lá nasceram (v. 379).

Tomas. — Êste com *h*, como figura do *Auto da Alma*, e no Catálogo de livros recitado pelo Frade-prègador que pronunciava o prelúdio dos *Mistérios da Virgem* (I, 102).

Tordesilla. — Por Tordesillas, na linguagem do Negro da *Frágua de Amor* (II, 332), vila da província de Valladolid, na qual D. Caterina de Austria se criara e onde estava quando se celebraram os seus desposórios com D. João III.

Torres. — Médico, astrólogo e mestre de D. João III, que figura na *Farsa dos Físicos* (III, 317). Licenciado Tomás de T., segundo Andrada, Goes e *Br.*, 70.

Tôrres Novas. — Vid. Marquês.

Tôrres Vedras. — Entra na região tantas vezes registada, com que Satanás tenta Jesus-Cristo (I, 340).

Tôrres da Sé. — (II, 486). Vid. Lisboa.

Tôrre da Varanda. — (II, 296). Vid. Lisboa.

Trajano. — No artiguito Roma mencionei o desejo de D. Duardos de ser um Trajano para Flérida (II, 241). E à Justica reforçada da *Frágua de Amor* aconselha Cupido que se mire no espelho do grande imperador romano (II, 343).

Trindade. — (II, 24, 26 e 307). Vid. Lisboa.

Tristão. — Vid. Cunha.

Tróia. — À maçã, ou seja ao pomo de Eris que Paris outorgou a Vénus no certamen de beleza, no monte Ida (da Mysia), alude D. Duardos em conversa com Flérida (II, 239), a sua Elena.

Deusa de Tróia serve nas *Côrtes de Júpiter* para enaltecer a formosura da Infanta D. Isabel (II, 396). *Mares de Tróia* são as águas do Mediterrâneo que a Duquesa de Sabóia havia de transpôr (II, 398).

Troianos, Troianas. — *Las tres diesas Troyanas* que Júpiter chama para adorarem o Deus menino (I, 89), são, salvo êrro, as do certamen no monte Ida; na *Farsa da Lusitânia* aparecem sem nomes *diesas troianas* e com elas Vénus (III, 285 e 286). Vénus (Afrodite) que favorece Ilion, Juno (Hera) e Minerva (Pallas Athene), inimigas encarniçadas da pátria de Páris (q. v.). *Guerreira troiana*, no sentido de Elena, e *minha contrária*, emprega D. Duardos no trecho sôbre o pomo de oiro que acabei de citar (II, 238). Das guerras dos dez anos em geral fala Policena (II, 369), que naturalmente aparece com o epíteto de *Troiana* (II, 257), como igualmente, embora com menos razão, a bela Elena (II, 272). O Castelhano fanfarrão do *Auto da Índia* jura *por la sangre soberana de la batalla troiana* (III, 36). A Fé, acompanhada da Fortaleza, que vem laurear a Fama portuguesa, declara os feitos dessa superiores aos feitos troianos e romanos (III, 61).

Túlio. — Um dos moços do paço, muito loução, que figuram na Farsa do *Clérigo da Beira*, diz ao outro: *folguei de ver sair-vos Tulio do seo!* por êle empregar lindas retóricas (III, 237).

Tullius Ciceronis. — Assim na lenga-lenga do frade-prègador (I, 101). Vid. § 49, onde deveria ter mencionado a tradução de *De officiis* do Regente (Bibl. de D. Duarte 51; Condestável N.º 16) e a *Retórica* (*ib.*, 62).

Turco. — Os Turcos de Soliman II, vencidos por Carlos V, são amofinados por Mofina Mendes (I, 112). D. João III viu-se ainda assim ocupado *co'este Turco* (III, 212).

Turquia. — Quanto à do tempo de Gil Vicente, é naturalmente na Tragicomédia festiva, representada na partida da Emperatriz, que ela é citada. A figura alegórica do Glorioso Vencimento e a do Cetro Omnipotente desejam igualmente aniquilar o império do Sultão (II, 382 e 384). Quando D. Beatriz parte para Sabóia êsse treme (II, 417). A Fama refere-se aos males que Portugal faz à Turquia (III, 58). Vagamente no sentido de Oriente temos no *D. Duardos* alusões ao oiro fino da Turquia (II, 250). De lá veio uma copa preciosa e encantada em que bebe Flérida (II, 216); e Galaor, o irmão de Amadis vai para lá (II, 256). Uma coisa difícil é peor de fazer que queimar tôda Turquia (III, 212). Mercúrio renega dela (III, 294). No *Auto das Fadas* o nariz do diabo, que fala em língua picarda, é tratado de *nabo de Turquia* (III, 99) e o seu falar de aravia.

Ulisses. — No *Sermão de Abrantes* há no Capítulo *no quiero*, judiciosas declarações contra minúcias sem valor, como *saber donde Ulises erró el camino* (III, 338). Cfr. Aquiles, Patroculo, Ecuba, Elena e Vaena.

Ungria. — Na *Farsa da Lusitânia* (III, 277) o poeta relacionou Portugal com o país dos Magyares, lembrado da opinião no seu tempo vigente sôbre a descendência do Conde D. Henrique de um rei da Ungria (*Lus.*, III, 25 e 28). Em conversa com Flérida, a fiel Artada lembra-lhe que só depende dela casar com Roma, França, Ungria, Inglaterra e Normandia (II, 221). O fantástico Duque, peregrino, da *Floresta de Enganos*, êsse vai na companhia do filho do rei de Ungria, e outros (II, 176).

Urganda. — *Sabida* em artes de encantar e desencantar, as quais abundantemente pratica na novela do *Amadis*, é mencionada na tragicomédia só de passagem (II, 290).

Ursas. — Ambas, a maior e a menor, são mencionadas no discurso astronómico de Mercúrio (II, 155) que afirma afoitamente e com ironia o nenhum influxo que exercem sôbre o destino dos homens (II, 155).

Ursula (Santa). — A alcoviteira Brizida Vaz gaba-se, com horrível desfaçatêz, perante o diabo da *Barca do Inferno*, de haver *convertido* mais cachopas que a companheira de *Undecimilla* (II, 233).

Vaena. — No *Sermão de Abrantes*, há, no Capítulo *No quiero*, a lista das questiúnculas em que o poeta-prègador não se quer meter. A última é quem foi o primeiro juiz em Vaena. Talvez locução popular. Conheço um único lugar, Baena, na província de Córdova, que arrancado aos Mouros em 1240, tomou parte activa nas guerras contra os Granadinos.

Val de cavalinhos. — Sítio às abas de Lisboa, a que ía a feiticeira montada no seu cabrão (*Auto das Fadas*, III, 93).

Val de Cobelo. — Lugar mencionado pelo almocreve Pero Vaz como um dos por que passou na sua vinda da *Serra* a *Coimbra* (III, 219). É lá que Cismeninha é pastora de suinos que chama, dizendo *chicos chiquinhos chicos* (II, 31). O Pastor, evidentemente da Beira, que entrou na *Barca do Purgatório* (I, 61) morreu e provàvelmente vivera no mesmo lugar (que está registado no *Diccionário Chorographico* de F. Cardoso de Azevedo).

Val das Corigas. — Da mesma região serranil, como se vê no *Auto Pastoril Português* (I, 130).

Val dos Penados. — É de lá, e do monte dos três caminhos, que serão oferecidos trezentos forros de arminhos à *Raínha D. Caterina*. Sítio da *Serra da Estréla*, como se vê às claras da Tragicomédia (II, 442).

Val de Sogar. — É o Inverno que no *Auto dos Quatro Tempos* ó cita numa exclamação raivosa, provocada pelo frio (I, 81). Sendo êle pastor e castelhano, procurei-o, não só em Dicionários geográficos

de cá, mas também nos de lá. Mas apenas descobri *Val de Sogo* em *Leon;* duas vezes.

Valente Afonso. — Carcereiro do Limoeiro, como se diz explìcitamente na *Barca do Inferno* (I, 241). Vid. *Br.*, 86.

Valença. — Forma nacionalizada de Valência, a do Cid Campeador. De lá vinham os famigerados *chapins valencianos* com que Satanás tenta a ingénua *Alma*, depois de lhe haver vestido um luxuoso brial (I, 193). Não creio que fôssem de salto alto, como pensa Aubrey Bell (*Four Plays*, p. 74). Mas sim *chinelinhos (chinêlo, chanelo* de *planu)*, de que tanto gosta a gente do norte de Portugal. O nome, derivado do onomatopaico *chap, chap (klapp, klapp)*, indica mesmo o bater da sola na parte de trás. *De corcho*, cortiça, forrada de cordovão, é que eram os de Valência. O afamado trecho *Ai Valença, guai Valença*, parcelá do que principia *Helo helo por do viene el moro por la calzada*, canta-o o alfaiate judeu do Prelúdio da *Farsa da Lusitânia* (III, 270). Vid. *Romances velhos*, p. 61 e 212.

Valério. — No *Sermão de amores*, que faz parte do *Auto das Fadas*, e no qual sôbre o tema *Amor vincit omnia* naturalmente o frade cita o grande poeta Vergílio, há lembrança também de *Valério*, ao qual atribui muitos lugares sôbre o tema de o poderio do amor não ser humanal, *Mas una gran fuerza sobrenatural*. Valerius Maximus, o historiador do século 1.º P., cujos nove livros de *Memorabilias (Factorum et dictorum memorabilium Libri IX)*, muito citados e explorados, saíram impressas em 1471 em Strasburgo e Maguncia, e anteriormente correram em numerosos manuscritos. Um exemplar achava-se na Bibl. de D. Duarte (N.º 11); outro, castelhano, na do *Condestável* (N.º 79) com mais um em francês (N.º 17).

Vandaliarum. — No Catálogo do Frade-prègador está depois de Séneca (I, 101), com o qual evidentemente nada tem. Talvez Gil Vicente conhecesse de nome a *História Vandalorum* de Isidoro, o erudito Bispo de Sevilla.

Vasco Goncellos (Jorge de). — Vid. Concelos, e *Br.*, 109.

Vaz (Gil Vaz da Cunha). — Vid. Cunha.

Vaz (Simão). — Tesoureiro e capelão, embora a sua voz fôsse rouca, como se diz na *Farsa dos Almocreves* (III, 207), e além disso chantre da igreja de Santa Maria da Alcaçova de Santarém, segundo *Br.*, p. 179.

Veador (II, 511). — Vid. Lopes Rui.

Veedor. — (II, 382).

Vedor (II, 256). — Vid. Lopes Rui. Quanto à origem e evolução do nome veador *(vẽador, venatore)* e o de *vedor veedor* (p. ex. *das*

águas) de *veer videre*, escrevi um artigo que o curioso encontra na *Rev. Lus.*, XIII, e na Separata intitulada *Mestre Giraldo*.

Veneza e os Venezianos. — *La bella*, edificada sôbre as lagunas, que foi empório do comércio do Oriente até Vasco da Gama, descobrir o caminho marítimo da Índia, é nomeada com ironia pela *Fama* (III, 51) e com basófia pelo Italiano (*ib.*, 53) e o Castelhano (*ib.*, 57).

Nos elogios que Pero Vaz distribui ao bom govêrno de Flandres e Alemanha e França entra também Veneza (III, 220). O pastor rústico da *Floresta de Enganos* compara o amor que lhe aperta o coração, com a maior senhora que se criou em Veneza (II, 172)!

Vénus. — A deusa do amor e Raínha da música figura na *Frágua de Amor* (III, 383, 294, 299), e nas *Côrtes de Júpiter* (cfr. II, 139, 399, 400) onde canta e baila. Do embaixador de Carlos V, Lopo Hurtado de Mendoza diz-se no *Clérigo da Beira* (III, 255) que nasceu quando o planeta Vénus aparecia. É citada no discurso de Achiles no trecho dos *Quandos*, que foi inspirado por Gomes Manrique (II, 364). A ela se dirige com rezas a Infanta Olimba (II, 199). Como planeta, está no discurso de Mercúrio (I, 153).

Vereadores. — Os de Lisboa assistem à Aclamação de D. João III.

Verecinta. — Essa pouco conhecida Deusa, à qual me referi no § 47, figura, conforme devo lembrar aqui, na *Farsa da Lusitânia* (III, 285, 292, 297). E é citada por Apolo na *Floresta de Enganos* (II, 153).

Veredina. — Êsse nome da *Lei da Graça*, julgo-o, hesitando embora, tirado pelo próprio comediógrafo, com engenho e arte, do *Vere dignum*, sôbre o qual quem quer encontra explicações no Catálogo dos latinismos, s. v., *Clamabat autem* e *Vere dignum et justum est* (I, 357 e 358). Lucas Fernandez que fala delas (p. 162), não lhes dá nomes-próprios.

Vergílio (III, 104). — Vid. § 36 *Amor vincit omnia*.

Veronica. — Da *vera-icon*, ou seja da toalha com que uma piedosa judia limpou o suor do rosto de Jesus Cristo, que levava a cruz pelo Calvário acima, e em que ficou impresso o seu rosto, fala a *Igreja* no *Auto da Alma* (I, 209), emquanto os quatro Santos Doutores cantam *Salve sancta facies*. Cfr. Enzina, p. 39. Varonica na edição-príncipe. O êrro *seu triste laurado* podia ser emendado para *s. rosto l.* Aubrey Bell propõe todavia, pondo o verso que falta com rima em *ura*, *Vereis, triste, laurado, Com rosto de fermosura*.

Vesta. — A deusa do lar figura na *Farsa da Lusitânia* (III, 295), onde lhe são atribuídos uns dizeres discretos, à maneira de provérbios, embora seu nome falte no programa na edição de 1834 (p. 260).

O mais acertado dêles é relativo a Lusitânia e sua maridança com Portugal.

Vicente. — Vid. Gil Vicente.

Vicente (Luís). — O nome do filho do comediógrafo ocorre no Colofon final da edição-príncipe (f. 262), e no cabeçalho do Prólogo por êle dirigido a D. Sebastião.

Vicente (Paula). — O nome da filha do poeta, moça da câmara da infanta D. Maria, ocorre no Privilégio, concedido pela Raínha, em nome del rei (D. Sebastião).

Vicente (San). — Vid. Santos.

Vicentius. — (I, 101). Vid. § 49.

Vico Nuño. — Localidade (da província de Salamanca?) mencionada pelo pastor Brás no *Auto Pastoril Castelhano* (I, 9). O verso inteiro *el crego de Vico Nuño* é de Lucas Fernandez (p. 28).

Vidigueira. — Vid. Conde-admiral.

Vilareal. — Mencionado por um Rabi (I, 350). Vid. Marquês.

Vilarinho. — Lugar da Beira, de que fala com relação a danças o Pastor da *Barca do Purgatório* (I, 264).

Vilhacastim. — Músico da côrte, mencionado por um dos Judeus Casamenteiros, que figuram na *Farsa de Inês Pereira* (III, 137). Sousa Viterbo, *Mestres de capela*, e Braamcamp Freire, p. 130 n., dão indicações a respeito da sua carreira. Eu mencionei-o em *Romances Velhos*, p. 311.

Vimioso. — Vemioso na edição-príncipe. Vid. Conde. Às poucas linhas que lhe dediquei devo acrescentar que o comediógrafo lhe dirigiu umas *Trovas*, depois de 1520, em que lhe fala de uma farsa desconhecida: *A Caça dos Segredos* (III, 381).

Violante (D.). — Abadessa de Odivelas (q. v.).

Virgem da Estrêla. — Santuário.

Virgem da Luz. — III, 372.

Virgem do Monserrate. — (III, 437).

Virgem da Graça. — (II, 475).

Virgem do Loreto. — (II, 474).

Virgem do Rosairo. — (I, 258).

Virgem dos Olivais. — (II, 42).

Virgo. — Constelação do Zodíaco (I, 186).

Viseu. — Da cidade de Viriato fala o *Juiz da Beira* (III, 162). Cassandra prediz a uma das senhoras que em 1521 assistiram à representação da *Farsa das Ciganas*, o seu casamento em Viseu e fornos de telha (III, 197).

Zacuto. (Rabi Abram) — Citado como parente seu, por Lediça, a filha do alfaiate judeu (III, 263).

ZAMORA. — Vid. ÇAMORA, SAMORA. — O castelhano da *Farsa da Índia* chamava-se *Juan de Zamora* (III, 35).

ZEBEDEU. — A moça da dona cujo marido está na Índia, é tratada por ela de *diabo Zebedeu* (III, 26) quando a ouve cantar na rua. Ignoro a razão e o sentido, porque conheço um só Israelita dêsse nome, o pai dos Apóstolos Johannes e Jacobus.

ZODÍACO. — Chamado por Júpiter para adorar o menino Jesus (I, 93). Em rima com *flaco*. Explicado por Mercúrio na Introdução do *Auto da Feira* (I, 154) sem preconceitos astrológicos.

53. De aproximadamente nove centenas de nomes-próprios apenas sete dúzias — oitenta e sete, salvo êrro — dizem respeito à Antiguidade clássica [1]. Mitológicos e históricos, vulgarizados, de preclaros que eram. Mal grafados e acentuados em parte, segundo as liberdades do *metaplasmo*, praticadas no século XV e concedidas aos poetas pelo Nebrissense e seus discípulos salmantinos.

O conjunto de noções que, citando e utilizando deuses e deusas, heróis e heroínas, e autoridades scientíficas e artísticas da Grécia e de Roma, Gil Vicente prova haver possuído — devo repetí-lo agora, resumindo o que deixei exposto nesta *Terceira Parte*, é pobríssimo e desconexo: o pecúlio modesto de um Latinista medieval, mas não de um Humanista.

Não cheguei a apurar as fontes especiais de cada uma. Na maioria dos casos, elas seriam várias, visto que sem excepção alguma, sendo familiares aos escritores em geral, os nomes tinham sido aproveitados de um modo ou do outro por todos os do século XV [2].

---

[1] Eis, para comodidade dos estudiosos, a lista alfabética: Aquiles (Arquiles), Alexandre, Aníbal, Anteu, Apeles, Apolo, Aristóteles; Baco, Boecio, Bóreas; Cassandra, Castalia-fonte, Castor, Catelinareo, César Octaviano, Cimeria, Constantino, Cupido, Curtius; Dario, Demóstenes, Diana, Dido, Driades; Eco, Ecuba, Eitor, Elena, Eneas, Eritrea, Estes (Styxy); Febo, Februa; Galeno, Gigantea dea; Hércules, Himeneo, Hipocras; Jason, Josefo, Júlia (?), Juno, Júpiter; Latónio; Magesta, Maia, Marco Aurélio, Marte, Medea, Medusa, Mercúrio, Minerva, Monjergon; Naiades, Narciso, Neptuno, Nero, Nocturna deusa; Orfeo; Palas, Palomea, Patroclus, Paris, Platão, Pleiades, Plínio, Policena, Pollus, Priamo, Proserpina, Ptolomeu; Ramnusia; Safó, Salústio, Saturno, Scipião, Séneca, Sereias, Sibilas; Tito Lívio, Trajano, Troia, Túlio; Valério, Vénus, Vergílio, Vesta.

[2] A guerra de Troia, com Aquiles e Heitor, Príamo e Hecuba, Policena e Cassandra, Patroclus, Paris e Elena, Pentesilea e Palomea (?) foi, aparentemente, o assunto que o comediógrafo melhor conhecia. Quanto à lenda de Aquiles ter estado, em traje de donzela, em Portugal (base, a meu ver, do Romance da *Donzela que vai à guerra*), parece-me agora possível que a fantasia dos geógrafos colocasse a ilha de Skyros nos confins da terra, no oceano atlântico, perto da última Tule,

Exemplificando, pude provar todavia, pela adulteração sucessiva das formas, que duas das mais complicadas — a do *Demiurgo* e a *Medusa* sairam de fontes derivadas — *Castelhanas*. Resultado que será plenamente confirmado pelas minhas exposições sôbre o *Poliglota*.

Por isso mesmo, não sou da opinião de Menendez y Pelayo, que considera o lindo Passo de *Vénus e o Amor fugitivo*, com que principia a *Frágua de Amor*, como provindo, em linha recta, do Idílio I de Moscho [1]. Suponho, pelo contrário, conquanto não descobrisse o vulgarizador castelhano, que foi vestido de *Epigrama* latino por Sannazaro, que êle veio à península, onde o traduziu não o próprio Juan del Enzina, mas algum outro dos poetas que em 1500 floresciam na côrte dos reis católicos. De grego passara a latim. De latim a italiano. Da Itália viera para Espanha. De Espanha a Portugal como em tôdas as espécies bem analisadas.

Quanto ao vergiliano *Omnia vincit amor*, o Português lera a sentença lacónica na *Imitação* do próprio Enzina (*Ecl.*, X, v. 69) [2]. E *Todo lo vence el amor* é tão fàcilmente retrovertível que bem pode ser que o próprio comediógrafo tentasse a latinização; mais provável é todavia que algum amigo e companheiro, palaciano, de bom saber, como o velho João Rodrigues de Sá e Meneses ou o Conde do Vimioso verificasse a sentença numa edição incunável do Mantuano.

Em todo o caso o nome glorioso de *Vergílio* e a parte bucólica da sua obra, Gil Vicente conhecera-a por intermédio do seu nacionalizador hispânico que fecundantemente o impulsionou em 1502.

Com relação aos temas de tradição internacional, não de origem clássica, mas vindos do Oriente como o antiqüíssimo Apólogo da *Mofina Mendes* [3]; a prehomérica figuração de *Ninguém* (— *Nemo* — Οὐτις) [4]; os *Contrastes entre o Inverno e o Verão*; a *Dança Macabra*,

---

e das *covas* (ou *escolas*) *sibilárias*, etc. Debalde procurei, contudo, vestígios de tal fantasia p. ex. na *Confessio Amantis*, de Gower, onde se conta por extenso a linda historieta conhecida. Cfr. p. 207 e 216.

[1] *Ant.*, VII, p. CCXI.

[2] *Ibid.*, p. 109.

[3] Vid. G. de Vasconcelos Abreu, *Os Contos, Apólogos e Fábulas da Índia. Influência indirecta no Auto da Mofina Mendes*, 1902; F. M. Esteves Pereira, *A Mofina Mendes de Gil Vicente. Estudo de História Literária*, 1921; A. Lopes Vieira, *Palavras ditas na representação do Auto de Mofina Mendes*, 1912.

[4] Nome com que Odysseus vexou o Polifemo. Oportunamente publicarei os materiais que juntei sôbre o divertido tema. Por ora restrinjo-me a chamar a atenção dos Portugueses para o breve mas valioso estudo de Rodolfo Schevill *Quatro Palavras sôbre Nadie*, publicado na *Rev. Crit. Hisp. Am.*, de A. Bonilla, Vol. I, 1915. E a observar com respeito ao *Todo el Mundo y No nadie*, de Lope

e a sua metamorfose em *Navegação*, sob o influxo lucianesco da Barca de *Caronte;* e em contraste com ela a *Barca de salvação*, cujo mastro é a cruz [1] (para apenas apontar os mais transcendentes), claro que podemos e devemos registar as redacções anteriores a 1500 de que sabemos, sem certeza embora de Gil Vicente se haver inspirado nelas, ou só nelas, tal é a liberdade e originalidade com que combinava os elementos colhidos, parte em leituras assíduas, relativamente vastas, parte no livro vivo do folclore em que lêra na sua infância e mocidade, com tendências naturais mais românticas do que clássicas.

PARTE QUARTA

O Poliglota

54. À pregunta das preguntas, se o fundador do teatro português merece realmente o terceiro dos títulos de honra de que estou a tratar — o de *sabedor de muitas línguas*, — respondo que o merece; mas ainda assim *cum grano salis*, como o de *Latinista;* ambos com justiça maior do que o de *Humanista*.

Não há entre os dramaturgos coevos nem entre os posteriores quem como Mestre Gil haja escrito, em primeiro lugar, as suas obras

---

de Rueda, que tanto êsse *Passo* como o das *Azeitonas* do chistoso batefôlha sevilhano (c. 1520–1566), e mesmo êsse título genérico de *Passo* (por Entremês, *Episódio*) para scenas cómicas ou satíricas curtas que podiam ser representadas avulsas, ou no meio de um drama maior — provém de *Gil Vicente*. Êsse empregou-o, antes de ser fixado, a respeito exactamente dos *Mistérios da Virgem*, auto de simbolismo religioso em cujas duas scenas (Anunciação e Natal) está entremetido o tal *Passo* profano da Mofina Mendes. (Ed. 1834, Vol. I, 104, 107, 110, 117 (e II, 164). Na fórmula repetida *Neste passo... entra Nossa Senhora; Neste passo... entra o anjo Gabriel*, vê-se perfeitamente a evolução do termo. *Stelle*, *Passage*, não é má tradução, mas não pode servir para título de uma espécie dramática. *Scena*, parece-me melhor.

[1] Veja-se o Romance *Remando vão remadores barca de grande alegria*, cantado pelos três anjos que são arrais da barca do paraíso. E compare-se Bellermann, *Romanzen*, p. 2 e 266; Braga, *Açores* 350 e sobretudo o grande místico Johannes Tauler (fal. 1361):

> Uns kompt ein *Schiff* gefahren,
> es bringt ein schönen Last;
> darauf viel Engelscharen
> und hat ein grossen *Mast*.
> Das Schiff kompt uns geladen,
> Gott-Vater hats gesandt,
> es bringt uns grossen Staden;
> Jesum, unsern Heilandt.

quási com igual mestria e em proporção de metades em *dois* idiomas irmãos, ou mesmo gémeos, isso sim, mas todavia bem distintos (nem sei, se mais difíceis ou mais fáceis de manejar por causa das grandes semelhanças).

Nem há quem se tenha servido, quanto a ambos os idiomas, conforme os assuntos e as classes sociais das figuras representativas, ora do estilo polido, essencialmente lírico e às vezes altamente patético, dos palacianos do seu tempo — digamos do estilo dos *Cancioneiros Gerais* —, ora do vocabulário e da fraseologia rude mas pitoresca, com a sintaxe indisciplinada, de vulgar psicologia, dos plebeios das cidades de um lado, e do outro lado a curiosa linguagem pastoril dos Serranos. Quanto ao espanhol, espécie da dos charros de Salamanca, ou seja a da região leonesa do *Sayago*. Quanto a Portugal a dos *Beirões* da Serra da Estrêla. Dialectos portanto.

Tão pouco existe quem tenha entremeado os diálogos (quer puramente castelhanos, quer puramente portugueses, quer bilingües) tanto de figuras abstratas como concretas, nobres como baixas, dos seus dramas, de abundância igual de citações e fórmulas latinas litúrgicas — abundância de um neófito como aquêle Gil Terron do *Auto Pastoril Castelhano* que o leitor conhece.

Nem existe quem tenha tirado, tanta vez e de modo tão variado, efeitos estranhos, cómicos para os ingénuos de 1500, do processo de introduzir representantes de nacionalidades estrangeiras, extra-peninsulares, afim de com sons de contraste dos seus idiomas e modos de dizer, correctos ou estropiados, quer por ignorância, quer propositadamente, despertar a hilaridadè do público.

Franceses e Italianos a rivalizarem com Portugueses e Castelhanos.

E além dêles, Negros da Guiné (de *Beni, Benim*); Ciganas da Andaluzia e outras Orientais ceceantes; Mouras com a sua curiosa *aravia;* Rabbis do tempo da Ressurreição, e Judeus de 1500 que invocam o seu *Dio (Deo)* e falam um português tingido de castelhano; nigromantes, feiticeiras e diabos com artificiosas *geringonças*, mais ou menos internacionais.

¡Um diabito até fala em língua picarda!

¡Num dialecto francês! Entoam-se músicas não só portuguesas, castelhanas e francesas como últimas novidades [1], mas também música de pretos e a cantiga árabe *Calbi orabi*. O poeta preocupa-se

---

[1] Já no tempo de Fernão Lopes havia em Lisboa comerciantes genoveses, *florentins*, lombardos, milaneses, catalães, biscaínhos. E então — ¡na época manuelina!

com os elementos populares, com os quais os conquistadores mahometanos haviam enriquecido nos sete séculos da sua estada, as línguas da península. De longe em longe faz ouvir um *Alah quebir! — Kyrie-eleyson! — Zerregud!* Outras vezes brinca com vocábulos nacionais — p. ex. com os que principiam com a labial surda *p*.

Numa palavra, Gil Vicente tinha talento natural de poliglota. Dispunha de ouvido musical, e da língua extremamente ágil do Português. Acostumara-se a escutar, no Paço e na Ribeira, e a repetir o que diziam as desvairadas nações que acudiam a Lisboa [1], aproveitando com a sua tantas vezes gabada invencionice, e sempre com a soberana liberdade do artista e comediógrafo, os sons e as palavras e frases que apanhara, e lhe vinham à flor da memória nos momentos oportunos [2].

Artista. Não erudito. Novamente o acentuo. Ainda assim é muito provável que a prática que tinha do castelhano desde que vivia na capital e freqüentava a *côrte como lavrante da Raínha D. Leonor* e as noções muito incompletas embora da língua de Vergílio, não as adquiriu sem o sempre árduo estudo do autodidacta, quer pela arte velha (de Pastrana), quer pela nova (de Lebrixa e Estêvão Cavaleiro) [3]. E quanto ao castelhano, também estudaria a *Gramática* do grande mestre. Mas sobretudo lendo, lendo, lendo com voracidade nunca satisfeita, os relativamente poucos volumes que estavam ao seu alcance. *Poliglota* portanto, pôsto que deveras e a fundo possuísse apenas a língua materna, e a castelhana, usadíssima na côrte ocidental, como todos sabem, mas terei de explicar de novo.

55. À segunda pregunta, sôbre se, empregando no palco línguas diversas, Gil Vicente era iniciador, ou se alguém o precedera também nêsse expediente, devo responder que *sim* e que *não*.

Na lembrança de se servir da língua *castelhana*, logo na sua estreia de 1502, e em seguida nos seus primeiros *Autos de devoção*, o Português cingia-se ao costume de quási todos os palacianos que de 1450 em diante — na segunda época da poesia *sub signum Leonis et Castellorum* — haviam poetado em Portugal [1]. Mas na qualidade de *dramaturgo* era evidentemente o primeiro que falava castelhano nas Tablas que simbolizam o mundo! O primeiro, lògicamente, que

---

[1] «Com a mesma facilidade com que se apropriava as maneiras de bruxas, pilotos, peixeiras ou físicos apanhava vocábulos estrangeiros». (A. Bell).

[2] Princípios de latim, talvez com algum cura de aldeia serranil.

[3] Bernardim Ribeiro é um dos poucos que nunca se serviram da língua estrangeira, facto que já acentuei em numerosos trabalhos meus.

fez falar os pastores espanhóis a linguagem pastoril do *Saiago* leonês, e os de Portugal, dialectos beirões. Imitava, contudo mesmo nesta particularidade, como é sabido, mas tornarei a especializar com pormenores nunca atendidos, ao músico e poeta *Juan del Enzina* e outro conterrâneo dêle, também músico e poeta: o Salmantino *Lucas Fernandez*.

Quanto à utilização na mesma comédia, ou farsa, ou obra de devoção, das duas línguas irmãs, e sobretudo quanto à utilização de línguas não-peninsulares, só foi ao cabo de um decénio, num segundo período da sua evolução dramática, que Gil Vicente recebeu o impulso de outro notável ingénio dramático espanhol: *Bartolomé de Torres Naharro*, estremenho andaluz de perto de Estremoz, que, tendo residido longos anos na Itália, como Enzina, se apossara aí dêsse recurso dramático, já empregado, modestamente embora, por autores de *Laudi, Representazioni, Devozioni* e *Egloghe* do século XV [1].

56. De *Enzina* já falei [2], ao tratar tanto da intercalação de proposições latinas nos Autos de Gil Vicente, como também ao falar de passagem, de *Ecos*, *Perogrulhadas*, *Pulhas*, *Disparates*, e outros gracejos dialogados, como de jogos populares e adevinhas [3]. Aqui convém lembrar novamente que, de precocidade e fecundez maravilhosa, o Salmantino, que na Universidade fôra discípulo do Nebrissense, juntara em 1496 num copioso *Cancioneiro* as obras que composera dos catorze aos vinte e cinco anos: *vilancetes, romances, glosas, porquês de amor, um A B C, disparates, profecias astrológicas, testamentos*

---

[1] Consultem-se as obras de D'Ancona, Bartoli, Gaspary, Creizenach.

[2] No § 31.

[3] A minha suspeita de Enzina, como Lucas Fernandez, ter estado em Portugal torna-se cada vez mais forte. Talvez mesmo duas vezes: por ocasião das *Festas de Évora*, e quando resolveu procurar fortuna no estrangeiro (1498), desgostado por haver requerido debalde o cargo de *Cantor* na Catedral de Salamanca e também pela morte do Príncipe D. Juan. Ela estriba-se nos indícios seguintes: no Vilancete *A Estremo quiero passar* (*Canc. Mus.*, N.º 382); na aplicação da *Egloga V* de Vergílio (Mopso e Menalcas) ao falecimento do Príncipe D. Afonso, filho de D. João II. Em especial nas palavras em que, na estrofe oitava, diz com relação a D. Isabel, filha dos reis católicos, e viúva do Príncipe, e pouco depois primeira espôsa de D. Manuel:

Yo la vi tan dolorida
que en la vida
estava mas muerta que sana.

Mas também na nunca relevada alusão a um *som bailado* dos do *Bom Jesus de Braga* (*Teatro Completo*, ed. Barbieri, p. 404). ¿Por ventura o do *Rei David*? Mas se realmente tentou fortuna em Portugal, novo e desprotegido, não a encontrou. E preferiu ir a Roma (antes de 1502), paraíso então dos Espanhóis.

jocosos. Nacionalizações, ritmadas de textos litúrgicos [1]. As *Bucólicas* de Vergílio. Uma *Arte de Poesia Castelhana* (em prosa). E seis *Églogas representadas* ou *Representaciones* pròpriamente suas!.

Reimpresso sete vezes a seguir (1501, 1505, 1507), 1509, 1512, 1516) [2] e avolumado até incluir em 1509 doze *Églogas*, ainda assim o *Cancionero* não encerra tudo quanto Enzina produziu, primeiro em Salamanca, e de 1513 em diante em Roma. Ficaram de fora, além da viagem a Jerusalém chamada *Trivagia*, umas sessenta e oito *Trovas*, contidas, com os *sons*, no *Cancionero Musical* publicado por Barbieri, a Égloga de *Placida e Vitoriano* (1514) e a de *Cristino y Febea* [3].

Das impressões *avulsas*, pouco se sabe. E pouco resta. *É todavia certo terem existido.*

Da única composição p. ex. a que êle deu o título de *Auto*, admitida só em 1509 no *Cancionero*, conhecem-se impressões góticas de 1509 e 1511. Devem ter existido contudo outras anteriores a 1502, se as minhas conjecturas forem dignas de aplausos.

Dêsse *Aucto del Repelon* [4] que com excessiva rudeza reproduz as partidas que um grupo de estudantes de Salamanca, prega a dois simples pastores vindos ao mercado de Salamanca [5], é que, na minha opinião, Gil Vicente, conhecedor e admirador do *Cancionero* inteiro, tirou a idea inicial para *a primeira cousa que fez e em Portugal se representou:* o *Monólogo do Vaqueiro* ou da *Visitação*. A idea, aparentemente simples, de entrar no paço da Alcáçova e avançar até à câmara da Raínha, a correr, *a repelões e murros*, e de exclamar, sacudindo-se

> Pardiez! siete *arrepelones*
> me pegaron á la entrada!
> mas ... yo di una puñada
> a uno de los *rascones*,

---

[1] O *Padre-Nosso*, — *Ave-Maria*, — *Salve-regina*. — *Quicumque vult* — *Miserere* — *Nunc dimittis* — *Te Deum*.

[2] Raríssimas tôdas. Faz muita falta uma reedição moderna. Promete-a felizmente um dos discípulos de Menendez y Pelayo: o editor do *Auto del Repelon*.

[3] Vid. Salvá, *Catálogo*, N.º 1.228.

[4] Impresso e interpretado por Alfredo Alvares de la Villa (Paris, 1910). Vid. Gallardo, *Ensayo*, N.º 2.068-2.074.

[5] *Wickersham Crawford* diz que não possuímos os meios necessários para determinar se o *Auto* é uma composição das primitivas, ou se Enzina, de volta da Itália, abandonou a *Arcádia* afim de dar, entre 1507 e 1509, uma representação da vida real. *Kohler* em *Sieben spanische dramatische Eklogen*, p. 119-21, entende que Enzina aprendeu em Roma a conhecer farsas rústicas: *Bauernspiele*, que terminam com pancadas.

deriva, se não ando cega, do modo como no *Auto del Repelon* o pastor Juan Paramas entrara em Salamanca na sala do paço de um cavalheiro, fugindo dos tais estudantes que na praça o haviam maltratado, e abrindo caminho entre os *rascones*, grita à criadagem:

> Apartá! y hazé llugar!
> dexá entrar, cuerpo del cielo!
> que nho me han dexado pelo
> nha cholla por *repelar*...

O princípio é sempre o difícil em obras e empresas literárias a-pesar do provérbio vulgar. E Gil Terron, novato como era, recebeu o primeiro impulso inspirador de Juan del Enzina [1].

Na execução é independente, como exigiam as circunstâncias tão diversas de uma briga grosseira de estudantes e uma visita a uma Raínha recém-parida. O estilo do Português conserva-se a certa altura, caracterizado embora como rústico, por fórmulas típicas de jura *(juri a nhos — juri a san junco santo)* e modismos como *pegar gritos*, *messar las greñas*, e a arcaica saüdação *Dios mantenga!*

Nelas, e em vocábulos, como *generacio*, nunca dantes empregados, mas sobretudo em alguns traços de *fonética* que são característicos dos dialectos *leoneses*, sobretudo na palatização de *n* e *l* inicial, revela-se, irrespondìvelmente, o facto de Gil Vicente haver imitado os dramaturgos salmantinos Enzina e Lucas Fernandez [2].

Mais abaixo terei de insistir na arbitrariedade e falta de saber dos editores de 1834 que apagaram êsses traços, desde já seja anunciado.

57. No primeiro *Auto* verdadeiro, que Gil Vicente escreveu a pedido da Raínha D. Leonor, o *Pastoril Castelhano*, do Natal de 1502, êle escolheu para guia o segundo dramaturgo salmantino — superior ao primeiro na caracterização realista, mas não exagerada, dos rústicos, e também quanto ao fervor religioso e delicadeza do sentir [3]. É da primeira *Comédia* de Lucas Fernandez — a de Brás-

---

[1] No *Monólogo*, o Vaqueiro diz *nho, nhi, nhos, nhuestro, nhotable, nhunca, nhobleza, nhoble, nhacido; llustrosa, llogrado,* a par de *luzida, lazeria, leche.*

[2] Quanto à designação *Auto (aito, acto)* como título de dramas, estou persuadida de que Gil Vicente a tirou das obras dos dois leoneses: do *Aucto* (grafia híbrida) *del Repelon* e das *Églogas* III e VI de Lucas Fernandez (p. 51, 175 e 217) em que significa *acção, movimento* — um diálogo dramático representado. Antes da nascença do teatro, *Acto* designava festas solenes. Vid. Kohler, *Sieben Spanische Eglogen*, p. 119.

[3] Como músico Lucas Fernandez pertenceu à capela da Raínha D. Maria, a

-Gil e Berenguela — que o Português tirou elementos de construção para o seu primeiro Auto [1]. Considero como tal a burlesca genealogia de Teresuela, espôsa de Silvestre, com duas dúzias de nomes e alcunhos patuscos, vários dos quais provém directamente do Salmantino Lucas Fernandez. P. ex. os masculinos

> Saquituerto, Rodilludo,
> *Papiharto* y *Bodonales*.

e os femininos

> Mareca de la Remonda,
> *Espulgazorras*, Cabrera
> y la vieja bendicidera,
> *Papiharta* la Redonda.
> (G. V., I, 13).

Os sublinhados provém do discurso de Brás-Gil que, gabando a sua *generacio*, proclamara:

> Nieto só yo de Pascual
> y aun hijo de Gil Gilete,
> sobrino de Juan Jarrete [2]
> el que vive en Berrocal.
> *Papiharto* y el Zancudo
> son mis primos caronales
> y Juan de los *Bodonales*
> y Anton Prabos Bollorudo...
> *Espulgazorras*, Lloreinte, etc.

Além dêles é comum aos dois autores *o crego de Vico Nuno* (em rima com *terruño*) [3].

Considero igualmente como imitação do enxoval de Berenguela o da mesma Teresuela, porque em ambos, muito burlescos, há *vasar y espetera* [4] — e particularmente uma *alfarda muy llozida* — nome, de origem árabe, de um lenço de traçar sôbre o peito, tão exclusivamente do domínio das pastoras do Sayago que ainda não registei

---

segunda espôsa de D. Manuel. Vid. *Hist. Gen. da Casa Real, Provas*, II, 374, pormenor que já várias vezes tenho apontado, mas ainda não entrou no saber geral. Em 1538 era catedrático de música em Salamanca, conforme Mitjana, *Sobre Juan del Enzina*, 1895; Cañete, *Teatro Español del Siglo XVI*, p. 346.

[1] As *Comédias e Farsas* apareceram em Salamanca, 1514; e Madrid, 1867, com introdução de Cañete. Barreto Feio, claro que não as conhecia. Seguramente houve todavia edições avulsas anteriores a 1502, como Cañete viu bem (p. xxxv).

[2] Êsse nome é aproveitado também por Gil Vicente, I, 16. Do mesmo modo o de *Pravos Pravillos* (de Pablos Paulus).

[3] Gil Vicente, I, p. 9; Lucas Fernandez, p. 28.

[4] Lucas Fernandez, p. 31 e 32; Gil Vicente, I, 14.

no meu já assaz documentado Glossário, senão exemplos colhidos nos três Bucolistas [1].

Além dêsse termo há outros locais, mais ou menos positivos, de que Gil Vicente teve conhecimento ùnicamente pelas obras dos Salmantinos [2]. Os verbos *añacear (añaziar), descruciar (descluciar), debrocar, engrillar los oidos, ahuciar, canticar, carear, descarrear, despepitar, otear, quellotrar, respingar*, o adjectivo *chapado*, e os advérbios *abondo, ahotas, aosadas, soncas, toste-priado*, são provas documentais de o Português haver metido a sua foice em seara alheia [3].

O melhor fruto que tirou dos Salmantinos, por êle também ter sido músico como os dois, conquanto de menos poderio, foi a idea de entremear freqüentes vezes os diálogos falados com músicas tocadas, cantadas e bailadas; variadíssimas, sacras e profanas, populares e palacianas; às vezes da sua própria lavra [4].

A-pesar de tanto traço de origem alheia, o *Auto Pastoril Castelhano* já é bem vicentino, bem pessoal, individualizado e aportuguesado pela figura principal do reflectido e um pouco melancólico Gil Terron, serrano letrado e sabedor de achaques de igreja, em que Gil Vicente, filho do torrão pátrio, se retratou provàvelmente [5].

---

[1] Enzina, p. 97; Lucas Fernandez, p. 32; Gil Vicente, I, 14.

[2] Não há motivo para suspeitar que os conhecesse pessoalmente, apesar do que deixo dito sôbre a estada certa de Lucas Fernandez em Lisboa na côrte, e a suposta de Enzina.

[3] Elementos pastoris, vindos de Espanha, são também os jogos do Natal, as adivinhas, as citações latinas (como escuso de repetir), a menção dos profetas Malachias e Micheas. Diversas locuções que são reminiscências das Églogas de Vergílio já foram mencionadas por Aubrey Bell. P. ex. *belloritas:* nome saiaguês da *primula veris* (na ed. príncipe por lapso *bolloritas*), metido na figura *tener alg. en belloritas* (I, 41), isto é, em cama de flores, ou trazê-lo nas palminhas das mãos (*Ant.*, VII, p. 23 e 41, nas *Églogas*, I e III). Encontrei-a também na Cantiga 375 do *Canc. Mus.*, que é obra de Enzina. *Huele de dos mil maneras* (G. V., I, 85) vem da Égl. III (*Ant.* VII, 31).

[4] Só duas são designadas como composições dêle. *Muy graciosa es la doncella* (I, 61) *feita e ensoada pelo autor;* e a cantiga *El que quisiere apurar se*, cantada por Serranas na *Frágua de Amor* (II, 339), *feita pelo autor ao propósito.* Não entro em pormenores, porque Braamcamp nos deu a lista das duzentas e tantas músicas que ocorrem nos Autos de Gil Vicente, no Cap. x da sua obra: *Canto, Dança e Música.* Na Introdução às *Líricas de Gil Vicente*, de Aubrey Bell (1921), há também informações preciosas. Nas Anotações vê-se para quais dos versos existe música coeva no Cancioneiro. Ou músicas. Ainda assim o tema exige mais explicações.

[5] Quanto à inesperada alusão dêsse Gil Terron a D. João II — *Juan Domado* ou *Damado* — na fórmula *Yo lo vi entre estas flores* (talvez as damas do paço) devo

Assim mesmo são vicentinos e impetuosamente líricos, embora castelhanos e saiagueses (cheios de *nhnh* e *lhlh* e de termos pastoris), os Autos imediatos: o dos *Reis Magos;* o de *S. Martinho;* o posterior das *Sibilas* e dos *Quatro Tempos;* e o *Sermão de Abrantes.* No dos *Reis Magos* as preguntas burlescas que os pastores dirigem ao *Eremita* são imitação (livre, como sempre) das com que na *Farsa do Nascimento,* de Lucas Fernandez, dois pastores escarnecem de Macário [1].

58. Quanto a línguas estrangeiras, o leitor já sabe que só bastante mais tarde Gil Vicente apresentou no tablado de Santos o Velho, onde se representava o *Auto da Fama,* a um *Francês* e um *Italiano,* que, à cômpita com um *Castelhano,* fazem a côrte a *Portugal,* cada um na sua língua.

Por desgraça é difícil fixar a data dessa Farsa. Na didascália é MDX. Mas as alusões a feitos como a destruïção de Adém levaram de há muito a um dos críticos nacionais a propôr 1516 [2]. Outras referências, vagas, à *silla emperadora,* e às vitórias de Carlos V na Itália, sôbre tudo à de Pavia, conduziram finalmente um erudito alemão a marcar as datas 1519 e 1525 [3]. Não se compreende todavia, nesse caso, porque as glórias e façanhas portuguesas só vão até 1513. E se tivesse havido retoques, posteriormente, êsses deveriam ter alargado em particular, a meu ver, os feitos lusitanos [4] e não os castelhanos.

O que é certo, pelo contrário, é a existência de edições avulsas das três comédias de Bartolomé Torres Naharro, em que há mescla

---

registar a conjectura de Aubrey Bell que o ourives tenha pertencido ao número elevado de oficiais chamados a Lisboa para as festas de Évora, e trabalhasse na sua arte até haver cinzelado e esmaltado a Custódia de Belém. — Crawford, p. 43.

[1] As datas indicadas nas didascálias não são tôdas seguras. Como no caso do *Auto da Fama,* em várias peças se alude a acontecimentos posteriores à data. Nas listas cronológicas, elaboradas por Brito Rebelo, Braamcamp Freire, a autora destas páginas, Aubrey Bell, Mendes dos Remédios, vão acompanhadas de sinais de interrogação, seis das quarenta e quatro obras dramáticas de Gil Vicente. Quando Menendez y Pelayo elaborou o Vol. VII da *Antologia* (1898), nenhuma das listas estava publicada, o que prejudicou um pouco as suas ideias sôbre a evolução da arte do comediógrafo.

[2] Brito Rebelo, nas *Ementas Históricas,* II; Gil Vicente, p. 47 (1902).

[3] A. L. Stiefel no *Archiv.,* Vol. CXIX, p. 192 (1907). A data 1525 seria a última possível, visto que a Farsa foi representada à Raínha D. Leonor.

[4] Braamcamp Freire, sem conhecer as observações de Stiefel, vota pelo ano 1515. Hesitando todavia, porque «*tudo quanto diz respeito a êsse Auto é um labirinto de que dificilmente se sai*» (p. 81).

de línguas: fôlhas volantes anteriores à impressão da *Propaladia* (1517) [1]. A *Soldadesca*, talvez a *Serafina*, e sobretudo a *Tinelaria* [2]. Certo também (para mim) que Gil Vicente seguiu as pisadas do Estremenho italianizado.

Na bufonada da *Tinelaria* [3], os efeitos jocosos (?) resultam da mescla de seis línguas, tôdas elas latinas naturalmente: *castelhano, italiano, francès, português, valenciano*, e como fala do *tudesco* um pouco de *latim*, entremeado com um *nicht (nite)* alemão e *bei Gott* estropiado *(obbigot jobbigot)* [4].

Logo no Introito o autor declarara o seu propósito de satirizar como amostra dos costumes romanos, no pontificado de Leão X, a desordem nas casas dos Cardeais [5], com criadagem internacional. Brincando dissera:

si mis versos tienen pies,
variis linguis tiren coces!

Afirmando mesmo que a matéria exigiria cem línguas, de vasta que era, promete servir-se só das mais usadas:

las que son mas manuales
en los tinelos de Roma.

Mas dá o papel de honra ao espanhol, já então linguagem diplomática das côrtes:

de siete partes las seis
. . . . . .
que es hablar mas conveniente
para qualquier cortesano.

Só o castelhano é tratado com arte, conquanto não lhe faltem italianismos. O francês do cozinheiro *Maitre Jean* [6] e *Petijean* (? seu filho?) não está menos estragado do que o do patriota que figura no

---

[1] Baseando-se na data 1517 e aceitando para a *Farsa da Fama* a de 1515, é que Fidelino Figueiredo, *Hist. Lit. Class.*, p. 63, negou a influência de Tôrres Naharro em Gil Vicente.

[2] Do italiano *tinello*, cozinha em que comem os domésticos dos Cardeais.

[3] Vol. I da ed. de 1900, em cuja excelente Introdução, da pena de Menendez y Pelayo, o curioso encontra óptimos esclarecimentos.

[4] Vid. *Propaladia*, I, 367 e 392.

[5] O protector de Naharro era o Cardeal de Santa Cruz e Bispo de Tusculo, D. Bernardino Carvajal, pródigo, fastuoso e turbulento, cabeça do cisma de Pisa (1503), perdoado em 1513 por Leão X, que lhe restituíu o capelo.

[6] *Propaladia*, I, p. 367-371. *Metrianes*, em forma semi-castelhanizada.

Auto da Fama [1]. O Português [2], êsse afirma — em harmonia com Gil Vicente, que Deus nasceu em Portugal, talvez porque ambos tirassem êsse traço do natural? [3] Quanto ao resto — Tôrres Naharro é criador do tipo humorístico ou antes da caricatura do *morador* da côrte *Lusitana*, namorado, músico, matante, fanfarrão e de prosápia ridícula, tão parente del rei que come à sua mesa, figura que durante todo o século XVII reaparece em Autos e Farsas [4].

Da comédia *Soldadesca*, com o seu *tantantán catalálalalán* (p. 297) talvez proviesse o *talalalalão talalalalão* da *Exhortação da Guerra* [5].

A *Trofea*, — portuguesa pelo assunto, que é a solene embaixada de Tristão da Cunha, João de Faria, Diogo Pacheco, Garcia de Resende com os primeiros presentes da Índia que D. Manuel enviava ao Pontífice — poderia mesmo ter despertado em Gil Vicente a lembrança de compôr aquela comédia patriótica, ou mágica de apoteose, se Azamor não lhe fôsse anterior de um ano (1513 e 1514).

Para completar êste esbôço sôbre os influxos dos dramaturgos espanhóis devo repetir que Gil Vicente aprendeu de Tôrres Naharro uma útil novidade métrica, e nela a arte de dar vida e elasticidade às antigas oitavas espanholas, tornando-as de épicas, dramáticas: a de dividir os oito dodecasílabos, de arte maior, em duas metades, metendo de por meio um *hemistíquio* [6]. Coisa simples e eficaz que o Estremenho empregou pela primeira vez no seu *Dialogo del Nascimento*, escrito nos processos infantis de Enzina, mas já em Roma (entre 1513 e 1517) [7] e que Gil Vicente utilizou bastante mais tarde:

---

[1] Quanto ao português, talvez o Estremenho o soubesse regularmente, e os tipógrafos de Nápoles o estropiassem. ¡ Talvez !

[2] *Do meo da rua nova.*

[3] Não creio que, quanto a essa gracinha tão repetida, Gil Vicente imitasse o Estremenho.

[4] Eu disse duas palavras acêrca dessa figura do *Português nas Farsas Castelhanas* na Introdução à *Intercultura de Portugal e Espanha*, 1921. Na *Tinelaria* (p. 367-371) êle é fanfarrão e amigo de palavrões, não em glorificar as caravelas de Portugal, mas em afirmar que *Sevilha e todo o mundo é... merda para Lisboa*, e em chamar *rabúdos e marranos* aos castelhanos (p. 323 e 369). De ridícula prosápia, ao afirmar que *a su puerta cagó el caballo del rey*. Na *Trofea* há quem jure *a Santarém* (p. 284). Essa Comédia, escrita em honra de D. Manuel, acaba com uma fórmula portuguesa: *E ficai todos embora* (p. 287). Vid. p. 335.

[5] Em Vergílio (*Aen.* IX, 503), há o conhecidíssimo *taratántara* como som da tuba.

[6] O hemistíquio aparece em regra só de oito em oito versos; de quatro em quatro, no Diálogo.

[7] Vol. I, 156, 306 e 342.

em 1527 no *Auto da Feira* e na *História de Deus;* e, pouco antes, no *Auto da Festa* [1], no discurso inicial da *Verdade.*

59. Depois das suas surpreendentes e gloriosas tentativas poéticas em linguagem castelhana, em que documentou os seus talentos plásticos e o seu belo lirismo, Gil Vicente fez uma pausa, provocada por ventura pela admirável confecção em ouro e esmaltes do *Auto da Adoração*, que se chama a *Custódia de Belém.* Mas, a meu ver, também por estudos de língua materna, tanto em livros e manuscritos como na vida real, feitos com aqueles maravilhosos olhos e ouvidos de ver e entender, que Deus lhe dera.

Não sei se, por impulso natural, ou pelo desejo da Raínha D. Leonor, resolveu então trabalhar para o povo, traçando quadros de costumes e comédias de carácter nacionais. *Em língua portuguesa.* A princípio bilingües, em harmonia com o papel que o castelhano representava na capital.

A primeira, essencialmente portuguesa [2], foi, segundo as datas apuradas por Brito Rebelo e Braamcamp representada ao vulgo em 1508, e só em 1511 a el-Rei D. Manuel. É a do *Escudeiro pobre* de *moradia muito fraca*, sempre namorado, versificador e músico, que simbòlicamente principia com o pregão dúplo: *¿ Quem tem farelos? — Quien tiene farelos?* — e não pouco contribuïria entre os vizinhos a fixarem o tipo do Português fantasioso, e entre nós o do Castelhano fero e soberbo. *Este nome da farsa seguinte Quem tem farelos? pôslho o vulgo*, informa o próprio autor, que lhe deu o lugar primeiro, infelizmente sem dizer onde e como fôra enscenado, e enganando-se quanto à data [3], a não ser que o impressor pôs MDV por MDVIII.

Aos supostos estudos de língua, a que aludi, pertence, salvo êrro, além da dos saloios, a dos serranos ou dos rústicos *beirões*, à qual antes dêle ninguém tinha prestado atenção [4]; a dos Negros que já

---

[1] Talvez de 1525.

[2] Só um dos moços de espora é castelhano. E Aires Rosado, o Escudeiro, canta versos castelhanos.

[3] A segunda farsa — o *Auto da Índia* — é de 1509. Na impressão de Hamburgo há por engano 1519. Enganos e mais enganos.

[4] Fernão de Oliveira foi o primeiro filólogo nacional que em 1536 na sua *Gramática de linguagem portuguesa* lançou a magríssima observação: *os da Beira tem hũas falas e os Dalemtejo outras e os homẽs da Estremadura são diferentes dos dantre Douro e Minho* (p. 85 da 2ª ed.; cfr. 56 e 114). Claro que êle conhecia, como todo o mundo, as obras de Gil Vicente, a quem menciona como autoridade a p. 32.

provocava os risos da côrte [1]; a das Mouras, dos Judeus. E *last not least* algo de francês e de italiano.

Na plena posse dos seus meios lingüísticos, lendo sempre o que lhe veio à mão, à cata de assuntos novos para *passos* curtos ou comédias e tragicomédias extensas, êle aventurou-se nessa sua segunda fase, antes de 1521, a escrever o Auto poliglota da *Fama*, afim de mostrar as suas aquisições aos cortesãos ávidos de novidades.

No reinado de D. João III apresentou, com facilidade e fantasia cada vez maior, um número notável de composições, ora castelhanas, ora portuguesas, ora bilingües, quási todas entremeadas de variados acepipes lingüísticos.

Quanto à proporção mútua das duas línguas principais cultivadas com esmero por Gil Vicente, o meu cálculo dá o resultado seguinte: 17 dramas portugueses; 11 castelhanos; 16 bilingües (inclusive o *Auto da Fama*). Como portugueses conto também aqueles em que se canta uma Cantiga ou um Romance castelhano, e mesmo os em que entra *uma* figura secundária castelhana.

Eis a lista tripartida em ordem cronológica:

I. *Autos Portugueses:*

O Velho da Horta — 1512 [3].
Exhortação da Guerra — 1513.
Barca do Inferno — 1516.
Auto da Alma — 1518.
Barca do Purgatório — 1518.
Côrtes de Júpiter — 1521.
Inês Pereira — 1523 [4].
Auto Pastoril Português — 1523.
História de Deus — 1526 [5].
Diálogo da Ressurreição — 1526.
Almocreves — 1527.

---

[1] Da data incerta falei no parágrafo 57. Representado a D. Leonor, como novidade, o *Auto da Fama* foi, com o beneplácito dela, repetido per ante D. Manuel.

[2] O terceiro período, de plena madureza, começa, na verdade, ainda no reinado de D. Manuel: com o *Auto da Alma* e a *Trilogia das Barcas*. Se a minha maneira de dividir em fases a actividade literária de Gil Vicente diverge da de Fidelino de Figueiredo, é pela importância que ligo às datas apuradas por Brito Rebelo e Braamcamp Freire e às minhas *ideas* sôbre os idiomas.

[3] Uma moça canta: *Cual es la niña.*

[4] Nas bodas, as raparigas cantam *Mal ferida va la garza.* E na penúltima scena aparece o *Ermitão* com 50 a 60 versos castelhanos (III, 155-158).

[5] Os presos do Limbo cantam o Romance: *Voces daban prisioneros.*

Serra da Estrêla — 1527.
Auto da Feira — 1528.
Clérigo da Beira — 1530 [1].
Auto da Cananea — 1534.
Romagem de Agravados — 1534 [2].
Mofina Mendes — 1534.

Das obras miúdas, que constituem o Livro V, são portuguesas o *Pranto de Maria Parda* (1522), em que todavia uma estrofe é pronunciada por um taberneiro castelhano (III, 369); o *Psalmo* 50 do *Miserere;* os *Romances* de 1521, pôsto que a terceira espôsa de D. Manuel se lamente num na sua língua materna; a *Carta de Santarém;* a *Dedicatória a D. João III;* as *Cantigas* ao Conde de Vimioso e a Lopes Çapaio; e o *Epitáfio* de Gil Vicente.

II. *Castelhanos:*

A Visitação — 1502.
Auto Pastoril Castelhano — 1502.
Auto dos Reis Magos — 1503.
S. Martinho — 1504.
Quatro Tempos — 1511 (?).
Sibila Cassandra — 1513 (?).
Viúvo — 1514.
Barca da Glória — 1519.
Ciganas — 1525 (e não 1521).
D. Duardos — 1525.
Amadis — 1533.

Das Obras miúdas é castelhano o *Sermão de Abrantes* (1506) e a *Trova a Felipe Guillen* (1519).

III. *Bilingües:*

Quem tem farelos — 1508 (?) [3].
Auto da Índia — 1509 [4].
Auto da Fé — 1510 (?) [5].
Auto das Fadas — 1511 (?) [6].
Auto dos Físicos — 1512 (?) [7].

---

[1] A Cantiga *Volaba la pega* é bilingüe (II, 423) como muitas da Beira, particularidade da qual tratei no § 173.º dos meus *Romances Velhos.*

[2] Termina com o Romance: *Por Maio era, por Maio* (II, 591).

[3] Já deixei dito que um dos moços de espora é espanhol e que o escudeiro Aires Rosado canta cantigas castelhanas.

[4] De cinco figuras uma só é castelhana.

[5] A Fé fala português.

[6] O Frade recita o Sermão castelhano sôbre o tema vergiliano.

[7] O Clérigo fala português.

Rubena — 1521 [1].
Frágua — 1524.
Festa — 1525 (?).
Templo de Apolo — 1526.
Juíz da Beira — 1526 [2].
Nau de Amores — 1527.
Devisa de Coimbra — 1527 [3].
Triunfo do Inverno — 1529.
Lusitânia — 1532 [4].
Floresta de Enganos — 1536.

De muitas línguas é apenas o *Auto da Fama* — 1519 (?) [5].

Bilingües são as *Trovas a D. João III.* Para muitos admiradores de Gil Vicente será uma consolação que sempre a língua materna predominasse, comquanto em gráu diminuto, sôbre a da côrte vizinha.

6o. Antes de entrar em alguns pormenores a respeito de cada uma das línguas de que o poeta se serviu, cumpre-me confessar que a documentação ou exemplificação será incompleta. Apenas provisória [6].

A definitiva posso e devo dá-la apenas na edição crítica planeada; ou na fac-similada, de que me incumbiu a Biblioteca Nacional de Lisboa, por ser indispensável que, estudando os problemas lingüísticos, cada leitor possa sempre recorrer ao texto original, tal como em 1562 saiu dos prelos de João Álvares, pelo cuidado de Paula e Luís Vicente, que o possuíam (não completo embora) no cartapácio grande, de mão e letra do pai. Só êsse original, cheio de erros embora, pode servir de base a análises lingüísticas. De modo algum, qualquer das reimpressões modernas porque tôdas elas se afastam, em passos sem conto, da lição primitiva. Especialmente nas partes castelhanas. E nas variegadas estrangeiras. Mas também nas portuguesas. P. ex. no Argumento do *Auto da Fama*. Essa é figu-

---

[1] A segunda Scena é tôda portuguesa. Na terceira cantam as lavrandeiras *Halcon que se atreve* e *Bien quiere el viejo*. E Dario entôa *Consuelo, vê-te con Dios*.

[2] É um sapateiro cristão-novo (de Carrion) que fala castelhano.

[3] Sómente o Peregrino do Argumento e do Epílogo fala português.

[4] As deusas cantam *Luz amorez de la niña* e *Vanse mis amores*.

[5] O *Francês*, o *Italiano* e o *Castelhano*; três figuras que falam português; e uma, muda.

[6] A que dou é tôda da edição-príncipe.

rada por uma mocinha *da Beira*, e não uma simples mocinha, como diz a edição de 1834 [1].

Os editores dessa (J. V. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro) são merecedores da nossa sincera gratidão por haverem possibilitado durante oito decénios o trato não-infecundo dos letrados nacionais e estrangeiros com o fundador do teatro português. Que todavia tenham feito obra absolutamente insuficiente, quanto à reprodução dos textos, não é bastante conhecido [2] e exige demonstração mais ampla do que a que foi dada até agora à tese.

No frontispício chamam às Obras que publicam *correctas e emendadas pelo cuidado e diligência de M. Barreto Feio e G. Monteiro.* Na Advertência afirmam que, por considerarem essas obras como documentos históricos, emendam apenas os erros manifestos de imprensa e quanto à ortografia *só se aproximam* da moderna [3]; nunca porém de maneira que a pronúncia sofresse alteração, dando uma voz nova pela antiga, p. ex. *sou* por *sam; devoção* por *devação; conclusão* por *concrusão* [4].

A realidade é todavia outra. Bem outra. Julgando melhorar os textos e torná-los mais acessíveis aos leitores do século XIX, modernizaram-nos — procedendo sem sistema, com absoluta arbitrariedade, guardando silêncio a respeito dos seus processos.

Não nego que com a boa disposição tipográfica, a pontuação, racional em regra, que introduziram, e mesmo com a distinção entre *u* vogal e *u* consoante [5] e outras alterações semelhantes [6] facilitaram a

---

[1] Por ser a primeira farsa, em que o poeta fez ouvir o dialecto *beirão*, esta observação merece cuidado especial, penso eu.

[2] Num pequeno, mas muito útil opúsculo de J. Leite de Vasconcelos sôbre *Gil Vicente e a linguagem popular* há um *Apêndice Sôbre o valor filológico da edição de Hamburgo* (1902), em que se prova que há nela inexactidões e falhas. E nos *Four Plays of Gil Vicente*, editados com arte e engenho e traduzidos por Aubrey Bell, diz-se também no *Prefácio* e exemplifica-se nas *Notas* que a impressão de Hamburgo não foi feita com escrupulosa exactidão. Eis tudo.

[3] O meu ilustre amigo, de saudosíssima memória, o Conde de Sabugosa, vicentista benemérito, fez como editor do *Auto da Festa* judiciosas observações sôbre a dificuldade de editar textos arcaicos. E com esmerada cortesia diz bem do critério de Barreto Feio, na ilusão de que ao plano esboçado na *Advertência* tenha correspondido a realização. Êsse plano adoptou-o êle, e efectuou-o com critério e cautela, dando conta das alterações a que procedia. Claro que já tratei muita vez do tema. Últimamente no Prefácio às *Notas de um Escrivão do Povo* (Coimbra, 1922) editadas pelos herdeiros de Teixeira de Carvalho.

[4] Entre os exemplos das liberdades tomadas pelos editores, que Leite de Vasconcelos aponta, há por acaso um *sou* por *sam*.

[5] *Lavrar* por *laurar; usou* por *vsou*.

[6] A substituïção de *y* grego por *i* nos ditongos, não tem a minha aprova-

compreensão. Sei perfeitamente que emendaram muito lapso de imprensa. Mesmo onde faltavam versos inteiros, lá os metiam, com certo *savoir-faire* [1]. Que freqüentes vezes lhes escaparam gralhas novas [2], que pela sua vez omitissem versos inteiros [3], didascálias de valor [4] e conservassem defeitos evidentes de fácil emenda (como em castelhano *se* por *si*, conjunção) vá lá! Que notando a hesitação ou flutuação nas grafias — ora etimológicas, ora sónicas, ora dadas parte numa, parte na outra transcrição, utilizassem também as de 1562 a capricho, pondo *Cepiam, Cipião, Scipião — philosopho, philosofo, filósofo* [5], onde queriam, e não onde João Álvares (ou Gil Vicente) mandava, já merece censura. Expungir formas radicalmente, por não lhes agradarem, como sendo elas as únicas usadas em 1500, p. ex. *molher* e *milhor*; substituir *reposta* por *resposta, creo, meo, veo*, etc. por *creio, meio, veio; noyte* por *noute,* como se a forma com *oi* não fôsse a mais correcta; grafar sempre e mal *gosar* em vez de *gozar; quiz, poz, mez, aza* o *pezar*, etc. por *quis, pos, mes, asa, pesar; cativo* e *malino* por *captivo* e *maligno; socego* por *sossego* e o mais arcaico *sessego; formosa* por *fermosa; aqui del rei* por *aque; somno, damno* por *sono, dano; Thomar, thesouro* por *Tomar, tesouro; farça* por *farsa; joelhos* por *giolhos*, é arrogar-se direitos que o editor não tem.

Há todavia mais e... peor, mesmo nos textos portugueses.

Gil Vicente caracterizou p. ex. a linguagem dos Judeus não só pelo emprêgo de *Deo* (em port.) e *dio* (em cast.) em vez de *deus* e *dios*,

---

ção. Enquanto no alfabeto nacional se conserva essa letra, a sua função devia ser a de segundo elemento de *ay ey oy uy*.

[1] P. ex. no *D. Duardos*, II, 215: *Son de grado.*

[2] Logo a princípio (I, 3) há *gasagado* por *gasajado; Casaollas* por *Cascaollas; Rapi harta* (!) por *Papiharta* (I, 13); *madruga* por *madrugada* (I, 14).

[3] Na *Barca do Inferno* (I, 221) falta depois da linha 8.ª o verso que rima com gente: *Muytos e de boa mente;* e na fala do Pastor (I, 264), depois de *nem nunca xemeriquey,* o que acrescenta *nem xemericos faley.*

[4] Uma delas é da *Barca do Inferno.* Antes da lista dos passageiros omitiram a importante nótula: *trata-se pollas figuras seguintes* Primeyramente a barca do inferno arraiz & barqueyros della, *diabos;* Barca do parayso, arraiz & barqueyros della *anjos.*

[5] Há hesitação, nem sempre só de escrita, muita vez também de pronúncia (duplas formas) em *Bragança Bargança; brocado borcado; cuidar e cudar; canceira canseira; contrairo contrario; deligencia diligencia; dovidar duvidar; exemplo exempro; determinar detreminar; deziam diziam; calidade qualidade; corenta quarenta; doutor doctor; dereito direito: fruita fructa; groria gloria; logar lugar; nacer nascer; messias mexias; perguntar preguntar; pera para* (*p'ra* de 1834 é completa modernice); *piedade piadade; per por; pelo polo; tromenta e tormenta; rezam e rezão.*

mas também quanto à fonética, pelo ditongo *oi* por *ou*, p. ex. na *Farsa de Inês Pereira*, onde há *coisa* (houver), *oivi*, *oivireis*, *oiço* (III, 136 e 143) e no *Diálogo da Ressurreição* (I, 341), onde se encontram as formas *poycas*, *doilos* [1], *oyvamos*, *coysa*, *oyvi*, *loysa*, *acoytado*. Êsse curioso traço, apagaram-no, imprimindo em regra *ou* [2], ¡ tudo a título de erros de imprensa!

Em castelhano erraram muitas vezes, como é natural. Quanto à ortografia cingiram-se à de 1817, regulada pela Academia, sem se importar com as evoluções por que havia passado a pronúncia das palatais *j x ch s z*. Entre *cual cuando* moderno e *qual quando*, à antiga, não há senão divergência exterior. Simbolizar a vogal tónica (em ambas as línguas) por um acento gráfico ou por duplicação *(vee fee estaa diraa)* é também indiferente. Mas dar a *b* o valor de *v* escrevendo *vivo viver cauallero ablaua estaua*, ou *deber* por *devera*, a *z* o de *ç*, em *decir pracer quiça coraçon doncella;* a *x* o do moderno *j* (imprimindo *dejar ejemplo*); transformar as 5.as pessoas dos pretéritos perfeitos *-astes -istes* nas analogicas modernas *-asteis -isteis;* fazer de *comigo*, *conmigo;* de *sossiego*, *sociego;* de *aplacible*, *apacible* (III, 304 e 317); de *apiahá apihá* (II, 140), ¿ são desleixos, deslises ou caprichos ilícitos?

Eis ainda alguns erros (em parte porventura de imprensa): *olo* por *solo* (I, 61); *se s'anoutece* por *se s'acontece* (I, 110); *trajiste* por *troxiste* (I, 280); *favor* por *suor* (311); *aperto* por *apetito* (316); *perder* por *poder* (322); *cível* por *cruel* (340); *Se nada ganhares não sejas siseiro* por *Se nada ganhares, perdelo has todo, Se sempre perderes, não sejas siseiro* (344); *haja* por *haga* (384); *pois* por *pues* (385) [3] etc., etc.

Também quanto à língua dos vizinhos há aquele descuido maior a que já me referi.

Embora no *Monólogo o Vaqueiro* diga treze vezes *nho nhi nhos nhuestro nhunca nhotable nhobreza*, e trinta e tantas vezes no *Auto Pastoril Castelhano* se empregassem formas com *n* inicial palatizado, e algumas com *ll (lh)* em vez de *l (llevantar lletrudo llozido)*, os editores, não sabendo que havia aí um fenómeno dialectal, de propósito utilizado pelo comediógrafo, e achando-o rude, apagaram-no, como o *oi* dos Judeus.

Êles não ignoravam o facto, registado por Garcia de Resende na sua *Miscelânea*, de o Português haver aprendido o *estilo pastoril*

---

[1] Transformado em *dolor* na edição de Hamburgo.

[2] Uma vez conservaram *oitras;* uma vez *oivamos*, e *doys*.

[3] Vol. II, 80 *lleños* em vez de *llenos*.

de Juan del Enzina, mas não tinham, nem podiam ter, noção clara de o fundador do teatro espanhol e seu coevo Lucas Fernandez e o próprio Gil Vicente se haverem servido da linguagem de pastores reais, leoneses, de perto de Salamanca, Zamora e Ledesma — para os caracterizar como rústicos serranos, criando pela repetição de partículas e vocábulos, com formas dialectais, o típico pastoril *saiagués* que, durante todo o século XVI e o XVII, ficou sendo na literatura a algo convencional linguagem do *vilão*.

As edições antigas do *Cancioneiro* de Enzina, e a de Lucas Fernandez, eram quási inacessíveis; as reimpressões modernas com estudos preliminares ainda não existiam. Böhl de Faber [1], o benemérito entusiasta, que publicou a *Floresta* [2] e o *Teatro Español anterior a Lope de Vega*, havia eliminado dos textos aqueles mesmos vestígios dialectais de que estou a falar! Não todos. A substituïção de *f* por *h* conservou-a (em *he*, *huerte*, *huente*); a famosa troca de *r* e *l* (*plado* por *prado*; *pracer* por *placer*) e naturalmente o uso e abuso de partículas adverbiais como *soncas*, *ahotas*, *aosadas*, *toste-priado*, e fórmulas de juramento como *ahé*, *miafé*, *miefé*, *juri a san... Nh* e *lh* inicial aboliu-o todavia. E Barreto Feio seguiu o exemplo dado (1832). Ambos se deixaram sugestionar provàvelmente pela aparente ou verdadeira desordem e indisciplina no emprêgo das palatais. Se o *Vaqueiro* dizia ora *nho nhi nhos* e *llazeria llevantar*, ora *no ni nos* e *lazeria* e *levantar*, ¿porque não haviam êles de empregar sempre que lhes apetecesse as formas comuns?

Se acrescento agora que, além do *Saiagués* (ou *Leonês*) e do *Portugués dos Judeus*, os editores de 1834 falsificaram também a pronúncia das *Ciganas* e das Deusas orientais (III, 285), confundindo à tôa os *çç zz xx* e *ss*, o leitor compreenderá que as impressões do século XIX, por serem assim modernizadas; não podem servir de *base* a análises lingüísticas.

61. O português de Gil Vicente, tem como o castelhano, e como tôdas as línguas vivas, dois aspectos. É culto, livresco, literário, quando pôsto na bôca de serafins, arcanjos, ou figuras nobres, e nesse caso é polidíssimo, escolhido, igual quando não superior ao dos melhores versificadores do *Cancioneiro*. Poético, sem demasiadas flores de retórica. Tanto para conceitos de metafísica teologal como

---

[1] O pai de Fernan Caballero, Juan Nicolas.

[2] A 1.ª edição apareceu em Hamburgo (1821–23, e Leipzig 1825). A segunda está dividida em duas Partes (1827 e 1843). Quanto às liberdades que o notável hispanófilo tomou, veja-se Salvá, *Catálogo* N.º 241.

para os seus delicados sentimentos individuais, amor da natureza, e simpatia pelo povo e todos os perseguidos, o comediógrafo sempre procurava e encontrava expressão adequada, psicològicamente correcta, mesmo onde as proposições subordinadas não estão gramaticalmente ligadas à principal com o rigor desejável [1]. Conforme já talvez disse, o seu estilo resplandece no *Auto da Alma*, nos *Mistérios da Virgem*, no *Auto da Cananea* e na *História de Deus*. Mas brilha também pelo desembaraço e ímpeto patriótico, que é único na literatura portuguesa, na *Exhortação da Guerra* e em alguns passos patrióticos do *Auto da Fama*.

Escusado é assentar de novo que há hesitações quanto às formas e à escrita de palavras, ainda em evolução como *pera* e *para*; *per* e *por*; *polo* e *pelo*; *assi assim*; *ciencia sciencia*; *nacer nascer* — tal qual nas obras de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Francisco de Morais, Luís de Camões. Com a particularidade talvez de Gil Vicente ter ficado quási imune das tendências etimológicas (ou clássicas) da ortografia, com *hh yy pt ct ph* etc.; e também de ter preferido a grafia *am* para os vocábulos que de *on (ratione)* passaram por eúfonia à ditongação da ressonância nasal *(razão)* [2]. *Escriptura doctor damno somno assumpto phantasia psalmo tyrannia seraphim archanjo thesouro* [3], são grafias quási sempre da responsabilidade dos editores de 1834.

A linguagem da gente-povo, essa é, ou quer ser, também transunto fiel da que era corrente na vida quotidiana do vulgo. Claro que, sempre sintàticamente singela, pitoresca quanto à idea, na escolha do verbo e do substantivo, também essa é diferençada, conforme a condição e cultura, e o papel que o poeta destina a cada figura: comedida e pouco afastada da linguagem comum quando falam burgueses ou lavradores abastados, salpicada apenas com uma ou outra frase picaresca; engraçada quando sai da boca de mulheres como Lianor Vaz, Inês Pereira, Branca Anes, a brava, e Marta Dias, a mansa. Rude quando é o çapateiro ou outro artista manual que discursa. Dissoluta quando uma Brígida Vaz ou Ana Diaz se faz ouvir; infantil entre crianças; desbragada sempre que aparece um Parvo inconsciente — o Inocente dos Franceses — que não distingue entre o natural e o indecente, e não sabe pôr freio aos impulsos materiais.

---

[1] Na prosa das *Didascálias* não são raras construções como: *a Fama*... a qual êste reino de Portugal está de posse da maior de todolos outros reinos (III, 44).

[2] *Nam* e *não* são as grafias do advérbio de negação. A pronúncia seria *não*.

[3] *Redemptor* já é freqüente na edição-príncipe. Consoantes dúplas (com excepção de *rr* e *ss*) são raras. *Vella* aparece quási sempre com *ll*.

No género popular há a espécie pastoril, vilanesca, serranil. O dialecto beirão, que julgo era a linguagem materna de Gil Vicente, se realmente êle nascera e se criara nas faldas da Serra da Estrêla, como suponho, e comigo supõem Leite de Vasconcelos e Aubrey Bell, por causa da evidente predilecção dêle pela província [1] que, segundo outro poeta, é ossos e burel, mas berço de heróis [2].

Na conversa dos lavradores da Serra (mais de uma vez Vasco Afonso de nome), e na dos almocreves encontram-se algumas dúzias de termos curiosos, os mais repetidos dos quais foram apontados pouco depois como arcaísmos do dialecto da sua província [3], só toleráveis na boca de um homem velho da Beira, por uma autoridade contemporânea: Fernão de Oliveira, o autor da primeira *Gramática de língua portuguesa* (1536). E são *samicas* [4] — *acarão* — *abem* — *ajuso* — *acajuso* [5] — *asuso* — *hogano* — *algorrem* — *nemichalda* (por *nemigalha*) — *som* (por *sou*) [6]. Apenas com respeito ao mais interessante dos que Gil Vicente utiliza, êsse diz *ainda agora assi val na Beira*. É a conjunção negativa *nego* (com a variante *nega*), empregada nuns vinte passos diversos, elucidativos, pelo comediógrafo [7].

O principal dos *Autos* em que entram vilões da Beira é o *Auto Pastoril Português* de 1523. Mas não é o primeiro. No da *Barca*

---

[1] No *Catálogo alfabético* ficou exposto s. v. *Beira* quais são, além do *Juiz da Beira* e do *Clérigo da Beira*, e a Tragicomédia da *Serra da Estrêla*, os Autos em que figuram *Beirões*, *Beiroas* e *Ratinhos*.

[2] Segundo Leite de Vasconcelos, o comediógrafo mostra-se também conhecedor das pronúncias da Estremadura e do Alentejo (l. c., p. 7).

De peculiarmente minhoto não há nada nos seus Autos.

[3] A terra de F. de Oliveira era Aveiro. Vid. H. Lopes de Mendonça, *O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica* (1898).

[4] É êsse advérbio (que hesitando equiparo a *soncas*), que, juntamente com *nego*, foi citado como especialidade beiroa por Frei Gonçalo da Silva no *Livro da vida e milagres de S. Bernardo* (1544), segundo o Dr. Leite.

[5] *Acujuso*, como está a p. 81 da moderna edição da *Gramática* (1871), é êrro de imprensa, a meu ver, mesmo estando assim na primeira.

[6] *Ib.*, p. 114, onde Oliveira conta que em S. Domingos de Évora escarneciam dêle por usar da forma *som* que aprendera na sua terra. Confiram-se ainda as referências aos escudeiros da Beira (p. 56), e a sentença que Leite de Vasconcelos adoptou para Moto dos seus tratados sôbre Dialectos beirões: *Os da Beira tem hũas falas e os Dalemtejo outras, e os homens da Estremadura são diferentes dos Dantre Douro e Minho* (p. 85). De resto, já a mencionei mais acima.

[7] Em 1885 escrevi um estudo relativo a *nego, nega*, em que combati a opinião de J. Cornu (que na *Romania*, XI, o tirara de *ne quã*) e a favor da idea expressa pelo inteligente filologo antigo, a p. 118 da sua obra. Tratando de vocábulos que têm dois oficios, êle dissera exemplificando: «*este verbo* nego *seruia em lugar de conjunção, e valia antre os velhos tanto como senão e aindagora assi val na Beira*».

do Inferno a fala do çapateiro, que diz pulhas, é plebeia assaz, cheia de locuções adverbiais como *tam-soes*, *maora*, *yeramaa*, *cantéu*, *cant'a*, *que te pes*, e de verbos como *chentar*, *concrudir* [1]. Não lhe encontro contudo nada declaradamente dialectal, a não ser *samica*.

Na *Barca do Purgatório* há duas figuras que se servem de termos numerosos tão arcaicos como só no alto e nas fraldas da Serra da Estrêla existiam no século XVI. Tanto o lavrador como a regateira dizem *er* e *perem*, e *perol*, além de *bofá* e *bofé;* empregam o possessivo feminino *enha*, *nemigalha*, *tamalaves*, e o *aveẓimau* dos Livros de Linhagens; *bó*, *abondo*, *sodes*, *sejo*, *trouveste*, *trouguera* [2]. E o pastor, outro dizedor de pulhas, assim como a Menina e o Menino (que por causa da sua simpleza são condenados apenas a breve demora na praia do Purgatório) empregam termos iguais, e *algorrem*, e o primeiro *nega*, com *abem*, *cajuso*, *comego*, *pardicas*, *entonces*. ¡E o lindo arcaismo *gouvir*, tão freqüente nas Cantigas de Santa Maria! E a interjeição *uxte* [3].

Sobretudo foi todavia no tal *Auto Pastoril Português* que o poeta *fixou* a linguagem pastoril portuguesa — beiroa — que ficou sendo a da Comédia baixa do Chiado, Afonso Álvares, António Prestes e outros quetais que das varreduras do iniciador alimentavam a sua fraca veia cómica [4]. A meu ver, Gil Vicente fixou-a em 1523 propositadamente, como contra-obra da linguagem pastoril *saiaguesa*, com a qual brilhara no *Auto Pastoril Castelhano* em 1502. Vinte anos antes.

Em 1600, quando Duarte Nunes de Leão fazia escarnho (barato) da torpe rudeza de *algorrem* e *nego*, êle acrescentava *como hoje*

---

[1] *Frol* é desde os princípios da língua variante muito usada de *flor*.

[2] De todos êles me ocupei em 1882 e 1886. Na *Prática de Três Pastores*, no *Sá de Miranda*, etc.

[3] É também nêsse riquíssimo *Auto de devoção* que há *balcarriada* e *badarrinhas*, vocábulos que, por não os sabermos explicar, não temos o direito de considerar invenções de Gil Vicente, como muitos estão dispostos a fazer.

Da onomatopaica *gurgurgarao* (I, 250) (empregada no sentido de: *tudo de balde*) que eu outròra tive em conta de criação do poeta, sei hoje que é *vasconça*, e foi usada por um dos colaboradores do *Cancionero Musical* (N.º 431). Considero-a como do primeiro período da língua e uma paródia da linguagem dos Euscaros.

[4] Vid. Soropita. No *Auto Pastoril Português* temos, além de formas já alegadas como *enha — er — vonda — som — trougue — comego* e *contego — nega — emperol — som — casuso* — a variante *bofas — semos — sondes — caiso — fige — quige — ta* como possessivo, *ti* como pronome pessoal nominativo, e o substantivo *doma* (de *domaa = hebdomada*). ¿*Crimeẓa*, derivado de *crime*, como se êsse fôsse adjectivo, será tirado da inventiva de Gil Vicente?

dizem os que nas farsas arremedam aos homens rusticos ou da Beira daquele tempo [1].

¿Puro dialecto e mero dialecto? Não é. Uma mescla da linguagem popular comum a todo o país, com partículas expressionistas dos tempos antigos, conservadas na solidão da Serra. Até certo ponto, portanto, uma convencionalidade literária, conforme mais acima já deixei dito e mais abaixo tornarei a dizer a respeito do dialecto *leonês*, com que na comédia castelhana se caracterizava o *vilão* às vezes *à outrance*, como logo de princípio, antes de 1502, no *Aucto del Repelon*.

Por ela haver suscitado os aplausos da côrte, Gil Vicente continuou a levá-la ao *tablado* no *Passo* da *Mofina Mendes* [2]; e mais pronunciada no *Auto da Feira* [3]; e naquela Tragicomédia em que fala a própria *Serra da Estréla*,

feita serrana da Beira
como quem na Beira mora.

E finalmente na *Farsa dos Almocreves*. Essa cheia de palavrões, em parte obscuros, entremeados de *arre!* e *apre!* e *uxte* ou *uxtis!* [4].

62. Mudemos de rumo, afim de explicar por que motivos Gil Vicente, gabado por todos os críticos como o mais nacional dos poetas que Portugal produziu, escreveria a sua estreia em *castelhano*, continuando durante tôda a sua carreira dramática a cultivar a sonora e vigorosa língua dos vizinhos com afinco, amor e ventura. De 1502 a 1536.

Êles são óbvios.

Motivo verdadeiro e *especial* causador dessa escolha foi a nacionalidade da Raínha D. Maria, por ensejo de cujo primeiro parto o ourives da Raínha Velha se manifestava poeta. Em felicitações, em

---

[1] *Origem da língua portuguesa*, p. 89 da 2.ª edição. Simão Machado e D. Francisco Manuel de Melo ministram exemplos de linguagem popular, mas sem *beirismos*. Só na baixa comédia é que êsses se encontram.

[2] Nesse *Passo* rústico, de assunto internacional (metido no meio de uma Gloriola mística à maneira do Greco, nos reflexos cultos da alma de Aubrey Bell) emprega *samicas* e *queçaes* e *aramá, atás, entances, por caso, bofá, nego* e *magreira*.

[3] *Hetega* e *dixera, quês (quer's* por *queres) nómais, geitar, Gersalem*, são vulgarismos gerais. Além disso ocorrem na conversa dos dois lavradores e das pastoras, *ti* por *tu, bofá*, e *pola abofé, avonda, cant'a, nego, chimpar, patornear, gorgomileiras, er, enha, comego contego*.

[4] No *Glossário razoado* (que poderia ser outra *Nota Vicentina*, se me chegasse o tempo para terminá-la), é que se deve tratar de todos os *Beirismos*.

que — cortesão, comquanto filho do povo — dava em nome da nação a boa-vinda ao futuro rei, gritando como vaqueiro do *Saiago:*

Pardiez, siete arrepelones
me pegaron a la entrada!

Ao cabo de dezanove meses de residência na nova pátria [1], a filha dos Reis Católicos ainda não era capaz de compreender e apreciar devidamente versos portugueses [2]. Oferecer-lhos e recitar-lhos teria sido descortesia.

Motivo e impulso *geral* que evidentemente conduzira Gil Vicente a preparar-se a tempo para o ofício de Aristofanes *nacional* [3], estudando a língua do centro peninsular, e música afim de poder entremear de cantigas os Diálogos recitados, fôra o in-negável predomínio, a enorme atracção que exercia durante a segunda metade do século xv, na segunda época das literaturas irmãs, o estilo nobre, empinado e polido de precursores do Renascimento como o Marquês de Santilhana, os Manriques com o clássico *Recuerde, el alma dormida*, o *Condestável D. Pedro de Portugal* com a *Sátira*, a *Tragédia* e o *Menosprezo do Mundo*, e tôda a coorte de poetas ilustres e engenhosos que cercavam os Reis Católicos — atracção e preponderância a tal ponto irresistível que no repertório geral das obras poéticas compostas em Portugal de 1450 a 1516 boa metade é castelhana [4].

---

[1] O casamento com D. Manuel efectuara-se a 30 de Outubro de 1500. Parece que contentando-se com o saber que de ouvido ia juntando, a Raínha D. Maria não se aplicou ao *estudo* do português, de que, valha a verdade, nem gramática impressa existia.

[2] O testamento que ela traçou a 6 de Junho de 1516, depois do nascimento do seu décimo e último filhinho, que a arrastou à cova, na idade florescente de 35 anos, exausta de fôrças, está escrito em castelhano fortemente tocado de lusitanismos (*Provas*, II, 70). A sucessora D. Leonor de Áustria, irmã de Carlos V, mal teve tempo para aclimatar-se em Portugal (1518 a 1521). A espôsa de D. João III, D. Caterina, pelo contrário, teve tempo e os meios de se nacionalizar deveras, como o curioso pode verificar no estudo que recentemente lhe dedicou D. Felix de Llanos y Torriglia.

[3] Termos como *chocarreiro, truão, bobo*, etc., não estão em harmonia com a minha maneira de encarar a fisionomia e a filosofia do poeta.

Impressionou-me a lembrança de Aubrey Bell, de comparar Gil Vicente com Velasquez, como êle se retratou no fundo do quadro das *Meninas*, com reserva e dignidade, em figura de um observador atento.

[4] Dêsse tema importante ocupei-me — mais uma vez o digo — num *compte-rendu* extenso a respeito do *Catalogo Razonado biografico y bibliografico de los Autores Portugueses que escribieron en castellano*, de D. Garcia Peres, 1890. Em sentido diverso, acentuando a notável imperfeição, com que autores castelhanos praticavam a língua portuguesa, poetando e citando textos, falei há pouco em *A Intercultura de Portugal e Espanha*, Pôrto, 1922.

Conseqüência lógica dêsse estado foi a familiaridade do bem dotado artista (plástico e músico) com a língua e literatura castelhana e peculiarmente com as suas mais recentes produções. Nem admira que, levado pelo seu ingénio criador e dramaturgo, se encostasse, como já ficou exposto, aos dois Leoneses de Salamanca que, com as suas *Églogas representadas* e *Farsas quási Comédias*, fundaram o teatro peninsular, mostrando pelo exemplo quantos e quais efeitos dramáticos se podiam tirar do contraste entre o estilo culto e o falar do vulgo; e escolhendo de entre as variantes dêsse a dos *pastores* que, a relativamente grande distância do centro de cultura que era Salamanca, viviam isolados nas azinhagas da região de *Saiago*.

Êsse estilo pastoril ou *vilanesco*, de um lado, que Enzina e Fernandez introduziram no teatro, e do outro lado, aquele polido e empinado que o primeiro dos dois empregou na nacionalização das Bucólicas de Vergílio — eis os modêlos que o Português imitou mais de perto nas suas primeiras obras. E embora se emancipasse, em breve, quanto a assuntos e à técnica, e recorresse a outras leituras filosóficas e teológicas [1], creio que mais de uma vez tornou a ler Fernandez, e sobretudo o *Cancionero* de Enzina, apossando-se do castelhano com mais saber e ventura que nenhum outro Português. Quer a edição de 1496, em *que há de tudo* [2], quer a de 1501, e edições avulsas tanto do *Aucto del Repelon*, como das *Comédias* [3], pertenciam seguramente à sua livraria.

Fàcilmente se inteirou dos traços característicos do *saiaguês*, designação que por ventura nem conhecia: a freqüente redução de *f* a *h* (*he*, *a-la-hé*, *huerte*, *huente*) [4], a troca de *l* e *r* (*praça*, *pracer*, *abrar*,

---

[1] Menendez y Pelayo disse uma vez (*Ant.*, VII, p. CLXX) que Gil Vicente tardou muito em abandonar a imitação. Mas como o notável crítico exalte constantemente a originalidade do Português, a sua verdadeira opinião era que até anos avançados êle *tornava* de longe em longe a tirar do Salmantino alguns elementos de ornamentação (como em 1521, na *Rubena*, a poesia de *Ecos*).

Que os Autos de 1502 e 1503 sejam puras e netas imitações, sem nenhum câmbio nem progresso, tão pouco me parece exacto. Quanto à contagem dos Autos (realizada segundo os três Índices da edição de Hamburgo) enganou-se redondamente ao dizer que de quarenta e duas peças só sete eram puramente portuguesas e as outras trinta e cinco castelhanas em todo ou em parte (p. CLXVIII).

[2] Crawford Wickersham diz que não temos meios de determinar se o *Auto* é uma das composições primitivas de Enzina, ou se a escreveu depois da primeira viagem a Roma. Os Argumentos a favor de influência italiana, propostos por Kohler, a p. 119-121 de *Sieben Spanische Eklogen*, nem para êle são convincentes. Vamos ver se cedem ao meu modo de pensar.

[3] Dessa, nem por isso usou muito.

[4] Que Enzina, por ter escrito muito tinha de tudo foi a sentença do autor do

diabro, dobre, branco) e em especial a palatização de *n* e *l* inicial, de que já disse duas palavras.

Da mesma maneira reconheceu (e imitou posteriormente quanto ao beirão) o facto já citado que não era *sempre,* com rigor filológico, mas antes com o tino e bom gôsto do artista que o autor de Églogas caracterizava o pastor. Dentro do estilo e da frase de cada, havia ora maior ora menor tosquidão dialectal — maior quando êle falava burla-burlando ou altercando com os seus iguais, menor e mesmo num tom um tanto elevado, quando a sério discorria sôbre mistérios e milagres de Deus e da Virgem. No primeiro caso pronunciava *nho nhi nhos llado lluego.* No segundo, *no ni nos.* Mas nem mesmo esta distinção, observava-a com regularidade. Por isso não é lícito atribuir *llazeria* e *llazerado* a uma parte do Saiago, e *lazeria* e *lazerado* a outra. *Ad libitum,* com licença poética, empregava uma ou outra [1].

63. Aos estudiosos vou indicar neste pequeno Excurso sôbre o leonês, como dignos de atenção, os trabalhos de Gessner (1867), Staaff (1906) e Menendez Pidal (1906). Do saiaguês e seus numerosos traços ocidentais ocuparam-se de passagem o editor do *Teatro* de Enzina (Barbieri, p. LXVI), o das *Farsas e Comédias* de Lucas Fernandez (Manuel Cañete, p. CIV) [2], assim como Menendez y Pelayo no volume da *Antologia* que mais de uma vez citei [3]. Quanto ao uso que dêle fez Lucas Fernandez, há um artigo de A. Morel-Fatio na *Romania* [4]. Recentemente apareceram indicações mais pormenorizadas, no solícito estudo sôbre o *Auto del Repelon,* que constitui conferências feitas na Sorbona por Alfredo Alvarez de la Villa sôbre Enzina. Nelas respiguei como digna de atenção a frase proverbial

---

Dialogo de la Lengua (ed. Boehmer, p. 16). E os críticos modernos são da mesma opinião. Mas Gil Vicente só se ateve ao melhor.

[1] Entre as licenças poéticas que se admitiam antes da idade clássica, e eram usadas por Gil Vicente, tendo sido codificadas pelo Nebrissense na sua *Gramatica Castellana* (p. 19 e 50) e pelo próprio Enzina na sua *Arte de Trobar,* a mais estranha é a do *metaplasmo,* a que já aludi. No Cap. VIII *De las Licencias y Colores Poeticas y de algunas galas de trobar* lê-se o seguinte: «Tiene el poeta y trobador licencia para acortar y sincopar qualquer parte o dicion... Puede assi mesmo corromper y estender el vocablo... Y puede tambien mudarle el acento!» Entre os exemplos há o já citado *Cadino* por *Cadmo* e *Penelópe* por *Penélope.* Do meu Catálogo alfabético são *Dário* por *Dario, Boréas* por *Bóreas.*

[2] A extensa Introdução foi reproduzida no volume *Teatro Español del siglo XVI* (p. 100).

[3] Vol. VII, p. 73-100, e em especial p. LXXVI.

[4] Vol. X, de 1891.

mais velho que as Coplas del Repelon [1]; e a crítica que um sensato costumava contrapôr às censuras lançadas contra o brutal, zafio, grosseiro, bárbaro tipo, de rudeza excessiva, desenhado nelas, sentenciando que *No hai para que obligar al sayagués a que hable como el toledano!* [2] Entre os escritores do século XVII que uma vez ou outra se serviram do vilanesco, aparece Cervantes, pela bôca de Sancho Panza, Lope de Vega nos *Melindres de Belisa*, Mateo Aleman no *Guzman de Alfarache*. Entre os lingüistas, Correas, no seu *Vocabulario de Refranes*, e Covarrubias no seu *Tesoro*. No *Diccionário Geográfico* de Vidal (1863) verifiquei que no termo principal da região de Saiago (*Bermillo* de nome) há uns quarenta lugares e casais. O trecho principal de Madoz, trasladou-o o editor do *Aucto* (a p. 300) [3]. Timoneda, como publicador dos *Coloquios Pastoriles* de Lope de Rueda (1567), trata a êsses de *espejo y guia de dichos sayagos* (sic) *y estilo cabañero*. A meu ver, sem razão, como também me parece não-justificado ver o dialecto nas *Coplas de Mingo Revulgo*.

64. Com relação às qualidades peculiares que Gil Vicente atribuía ao castelhano culto, há apenas duas notas dêle, enfeixadas até uma na outra. A figura que personifica a estação fria na Tragicomédia festiva do *Triunfo do Inverno* é anunciada pelo Autor-Argumentador como homem selvagem, violento e impetuoso:

> *castellano en su dezir* [4].

E continua:

> *porque quem quiser fingir*
> *na castelhana linguagem*
> *achará quanto pedir* [5].

Fingir será inventar coisas pitorescas, românticas. E realmente o discurso do descabelado *Juan de la Greña* é de extrema energia e fantasia.

A lembrança de representar a Primavera (o Verão) com falas

---

[1] Sem data. Cap. IV, p. 299-308.

[2] Dos saiaguismos que há no *Aucto* muitos passaram aos textos de Gil Vicente. *Soncas — ahotas — alahe — ansi — aosada — juri a San...* Formas palatizadas são *ño nõs ñada ñasci, llugar lleixar llana llamparon llabrancia.*

[3] O Mogarraz, citado por Lucas Fernandez, fica perto de Salamanca.

[4] Rima castelhana no discurso português.

[5] Vol. II, p. 449. De 1529. Alguns trechos do *Triunfo* (II, 481) são repetição de outro do *Auto dos Quatro Tempos* (I, 82 e 83). A Cantiga *Quem maora ca mi sayo* (com o ambíguo *maora*) também é de ambas as peças.

brandas, *portuguesas*, não lhe ocorreu todavia. Ela fala também castelhano, com energia e fantasia. O poeta não tinha portanto consciência do contraste que hoje todos notam entre as duas irmãs [1].

65. Resta-me tratar de um ponto capital a que até aqui mal me referi. ¿Será puro, será castiço o castelhano do poeta português? ¿tanto como o toledano do Zocodover?

Que o digam os próprios, pela bôca do seu melhor crítico.

Menendez y Pelayo admira quási incondicionalmente a obra castelhana de Gil Vicente [2]. A *Tragicomédia de D. Duardos* com pinturas delicadas da Natureza, em versificação de graça incomparável (— octonários, e o seu quebrado —) é um idílio delicioso; e o *Romance* final de Flérida fica tão próximo da inspiração popular que se confunde com ela. Gaba igualmente os intermeios líricos [3].

Não lhe podiam todavia passar despercebidos os defeitos lingüísticos, que ainda assim há positivamente nos textos castelhanos. Por ignorância, mal pode ser. Por comodismo, indiferença para com pequeninos senões, e aquela licenciosidade poética com que também tratou a língua latina, êles existem principalmente nas peças bilingües, onde muita vez um verso castelhano rima com outro português, conforme mostrarei. Resumindo a sua opinião, Pelayo diz: «En sus coplas castellanas Gil Vicente tiene cosas hermosísimas, pero está lleno de incorrecciones, de *versos cojos*, de *rimas falsas*, de *vocablos enteramente* portugueses, proprios de quien nunca habia estado en Castilla» [4].

«El lenguaje en la parte castellana adolece de muchos *lusitanismos* (que no pueden pasar por arcaismos) y de verdaderas infracções gramaticaes» [5].

---

[1] Nenhum quinhentista nota o contraste. Os portugueses eram *magestáticos* e *pausados* para os ouvidos de Barros *(Diálogo 220)*. Segundo Fernam de Oliveira falavam *boquicheos com magestade e firmeza* (p. 19).

[2] Houve Portugueses, cujo castelhano é impecável. P. ex. o *Condestável*, Jorge de Montemór e Luís de Camões. Muitos, menos cuidadosos, empanaram um tanto o brilho da sua dição, com lusismos que não é possível extirpar.

[3] Na edição e tradução dessas líricas por Aubrey Bell — *Lyrics of Gil Vicente*, 2.ª ed. — a metade maior é castelhana. De 51, só 21 são portuguesas. Juntando a essas as que são citadas apenas pelo verso inicial, populares em parte e em parte palacianas, da moda, elas sobem a mais de um cento.

[4] *Ant. VIII*, p. 188. Gonçalves Viana escreveu em 1902 um artigo a respeito dos *Lusismos no castelhano de Gil Vicente*, que o interessado deve procurar na *Revista* do *Conservatório Real de Lisboa*. — Cfr. C. M. de V., *Romances Velhos*, p. 316, 4.

[5] *Ant. VII*, p. 208.

Como não exemplifique, ficamos sem saber se como tais considera, p. ex., os infinitivos pessoais inevitáveis em quem pensa à portuguesa [1].

Julgo que sim. Femininos em *or* como *pecador* (II, 148), e em *ante* como *Ifante*.

¿Versos coxos? ¿Nos textos verdadeiros de 1562? ¿ou nos deturpados de 1834? Só num estudo documentado sôbre a métrica de 1500, e a admissibilidade do hiato, as particularidades da fonética sintática etc., é que se poderá falar dos versos que parecem ultrapassar ou não chegam à medida [2].

Lusismos ou *lusitanismos*, esses sim, escaparam realmente em número avultado: *libraria* (III, 102) e diversas vezes *romaria; acinha* (de *agina*) por *aina* (III, 196); *almoço* por *almuerço* (II, 212); *follas* (I, 96); *acharás* por *hallarás* (III, 200); *oje* em vez de *oy*, por carência de rima para *enoje* (II, 140); *tella*, i. é. *telha*, por *teja*, em rima com *estrella* (III, 197); *malas, falas* (por *hablas*, III, 41); *mor* (II, 245); *adoro lloro* e *muero* [3] (III, 220), como se o poeta tivesse pensado em *mouro*.

Rimas inexactas, bilingües, são também *cosa vuessa* (III, 295); *conorte nuerte* (*ib.*, 308) [4]. Impuras há-as como em todos os poetas de então; *porcos* e *mortos* (I, 114); *magarça çarça alfaça* (I, 95); *padre vontade* (II, 508); *rosas horas* (*ib.*, 509); *vivo comigo sigo* (503); *vede vende* (500); *pertence parece* (496); *nisto Cristo disso* (496); *menos perdemos* (494); *siso isso* (488); *marmelo conhecei-lo* (I, 101); *Loures tremores* (345).

Em grande parte só assonâncias à moda do povo.

Outros fenómenos fonéticos, de que tomei nota, são: de um lado a tendência de introduzir o ditongo *-ie-* em formas que correspondem a portuguesas com a tónica *-é-* (aberta) [5]; e do outro lado *-ue-* por *-ó-*

---

[1] P. ex. *Daren* (I, 19); *serdes* (285); *iren* (302); *llorardes* (II, 71); *salieres* (em vez de *salires* (76); *serdes* (88); *matardes* (197); *seres* (219); *hablardes* (233); *seren* (236); *serdes* (246); *seren* (III, 105); *seres* (III, 293); *perdieres* em vez de *perderes* (340).

[2] Penso no notável livro de Ureña *La Versificacion irregular en la poesia castellana;* no *Aparato Crítico* em que J. M. Rodrigues trata da Gramática, Métrica e Ortografia dos *Lusiadas;* e nos diversos estudos que J. Cornu dedicou na *Romania* à gramática e métrica do *Cancioneiro Geral*.

[3] *Genero* (II, 484) nem é o castelhano *enero*, nem o português *janeiro*. Curiosa forma híbrida. Em *panadeira* (III, 161) temos *panadera* e *pàdeira*.

[4] *Vinhas, pinhas, galinhas* onde se imprimiu *gallinas* (I, 45).

[5] Dos erros que os editores de 1834 cometeram nas partes castelhanas citarei alguns: *deseo* por *de asseo* (I, 8); *fe* por *he* (I, 10); *boquiaberto* por *bocaabierto (ib.);*

mesmo onde o uso não santificasse essa lei em Espanha. Indo longe demais, Gil Vicente substituiu *plega (plakeat)* por *pliega* (I, 10 e 346) [1]; e pronunciava *cierca* (II, 230); *ciesto* (II, 65) [2]; *crieça* por *creça*, em vez de *creẓca* (III, 315) [3]; *promieto* (II, 380); *tiengo* (II, 84). Da mesma maneira escapou-lhe *nueble* (I, 16 e 17) por *noble; impuerta* (II, 153); *muerte* (II, 253, em rima com *muerte*); *concuerda* e até *buelverá* (II, 275), assim como a rima *eche noche*, como se o poeta houvesse dito *nueche* (II, 214) [4]. Quanto à correspondência freqüente de *l* latino agrupado a *r* português (*branco, brando*, etc.), há escorregadelas como *plado* (II, 198); *fraco* (II, 280); *prumages* (379); *nebrina, habrar, obrigar, dobrado, prancha, nobre, apraca* (III, 309), etc. A equiparação de *l* simples português a *ll*, p. ex. *suele fuele* (por *fuelle*, I, 81); *vale, sale, calle; bella candela cela*, claro que pode entrar na categoria das rimas imperfeitas, como também *hablas cabras* [5].

São defeitos, seguramente. Mas em muitos milhares de versos, cheios de poesia, graça e sabor, fazem o efeito apenas de nódoas de beleza; — *mosquinhas* como as de caras femininas: *passionées, enjouées, effrontées!* Estou que quási ninguém repara nelas. Ou se repara, não fica ofendido. E estou certa também de que o próprio poeta, se o pudéssemos consultar acêrca de variantes de forma, tanto na fala *ilustre*, como nos *dialectos*, consonâncias defeituosas, lusismos e outras transgressões de leis métricas e gramaticais, êle murmuraria, — ¡não! diria alto e bom som, — com um sorriso irónico, qualquer sentença antiga no sentido da do grande germanista Lachmann *summam constantiam in dicendo scribendove quaerere animi illiberalis est.*

---

plegue por *plega (plakeat)* (I, 23); *medo* por *miedo* (I, 25); *sento* por *siento* (I, 58) que tem cara de lusismos mas não o são; *cuidoso* por *cuidadoso* (I, 59); *pobrecitos* por *pobreẓicos*, em rima com *ricos* (245); *a buen praẓer* por *a bel praẓer* (III, 172); *alcouvitado* por *alcahuetado*, etc. (II, 71) *enjoval* por *exovar* (171) etc., etc. Muitos deixaram eles por emendar (I, 15, II, 257, 262, III, 189 e 196). Muitos emendaram bem.

[1] A essa tendência cederam, de resto, mesmo poetas castelhanos, dizendo (I, 178) *prieto, priego, niervo, priesto*, etc.

[2] *Rienda* (III, 342) por *encaje*. Lusismo mal hispanizado portanto.

[3] Entre as formas *-eço, -esco* e *-eẓco*, dos verbos incoativos, hesitava, como todos, e em rima escapou por ex. (I, 281) *escaeẓa, pereẓca, padeẓca* (1834) e na ed. príncipe *padesca* (f. LVI). Cfr. III, 346, *pareẓa (pareça)*.

[4] *Demueño* (I, 15). — *Pescoço cuerto* por *pescueẓo corto* talvez seja resultado de uma emenda de provas, mal introduzida pelo impressor.

[5] Rimas imperfeitas, meras assonâncias, naturalíssimas em línguas, cuja poesia popular se satisfaz com consonâncias vocálicas, há-as em Enzina e Fernandez. E há-as mesmo nos *Lusíadas* (VII, 77; X, 88 e 128).

Abstraindo dos defeitos, o castelhano de Gil Vicente é mais impressivo e sugestivo, e estou mesmo disposta a dizer mais puro e castiço do que o de Tôrres Naharro, cheio de italianismos. Mas os defeitos, lá estão. Não os nego. Pelo contrário, aponto-os.

66. A fala das Ciganas, saídas da Andaluzia, e de paragem no Sul de Portugal, foi caracterizada pelo comediógrafo, conforme já está dito, por um *ceceio* curioso, que seguramente provocou risadas e ditos sôbre as línguas demasiadamente curtas e as unhas demasiadamente compridas e aduncas da *mala-gente;* e, além disso, é caracterizada pela substituïção de *o* por *u*.

Em Évora, onde ranchos de *Ciganos* tinham aparecido desde fins do século xv [1], é que foi representada a *Farsa*, à qual quatro mulheres da pitoresca e picaresca raça, acompanhadas de outros tantos homens, deram o título de *Auto das Ciganas*. Em 1525, nas primeiras Páscuas alegres que D. João III, recém-casado, passou na capital do Alentejo [2]. Espécie de *Passo* independente [3]. Depois de cantar e bailar, as mulheres lêem a sina às damas, profetizando amores e casamentos [4], ao passo que os homens oferecem aos fidalgos a troca de cavalos. Tôdas as oito figuras, usam abundantemente de *z* final e *ç* inicial e medial, em vez de *s* e *ss* [5].

Pouco depois (talvez no Natal do mesmo ano, ou do seguinte), e também em Évora, o poeta deu outra scena de *Ciganas* no *Auto da Festa*. Duas entram numa sala particular (onde já estava a figura alegórica da Verdade) com o propósito de furtarem, mas reflectindo, ou sugestionadas inconscientemente por ela, preferem dançar, cantar, profetizar fortunas e aventuras com fartas lisonjarias, para assim apelar à caridade. De balde, porque a Verdade se opõe..

Na única edição avulsa que existe dêsse Auto (reproduzida pelo Conde de Sabugosa) só dou com quatro ceceios: *habraz cozita cami-*

---

[1] No *Cancioneiro Geral* vejo citado um Cigano como suposto ladrão de umas peles

> Nam ssabe por que maneira
> lhe fizeram tal enguano;
> diz c'ou ele foy Ciguano
> ou muy fina feyticeira.
> (f. 187).

Possível é também que em *uma dama do Egito* (f. 177), e da mesma maneira numa *grega bebada* (f. 224) tenhamos que procurar *Ciganas*.

[2] Provàvelmente na festa das Endoenças, segundo Braamcamp, p. 142.

[3] Vol. III, p. 193-200. Sete páginas apenas.

[4] Uma das quatro chama-se Cassandra.

[5] Na edição de 1834 (e seguintes) foram suprimidos muitos dos *çç* e *zz*.

zon cortezia. Restos magros, a meu ver, de amostras mais amplas numa primeira edição, perdida.

Pela terceira vez [1] — o leitor já sabe que o poeta se repete quanto a motivos, figuras, scenas inteiras que agradavam — pela terceira vez introduz Orientais ceceantes no Auto festivo da *Lusitânia:* as deusas Vénus, Verecinta, Februa, Juno, Pallas e Vesta (originárias da Grécia, do Egito, de Tróia e de Roma!) cantam, bailando a Cantiga:

Luz amorez de la niña
que tan linduz ujuz ha,
ay Diuz, quien luz averá! [2]

No fim da representação entoam outro cantar de Grécia, *tornado en buen castellano,* i. é, sem *ceceios* e sem *uu.*

O exemplo de Gil Vicente frutificou entre os vizinhos. Ciganas entraram no *Auto del Finamiento de Jacob* [3] na *Farsa Ardamisa,* de Negueruela [4]; na *Eufemia* de Lope de Rueda [5]; e são tratadas com mais ou menos simpatia em diversos outros Autos, até chegarem em 1615 à glorificação suprema que Cervantes lhes outorgou na deliciosa *Gitanilla:* — a *Preciosa* de Weber e *Esmeralda* de Vítor Hugo.

Entre os gramáticos peninsulares, João de Barros foi o primeiro que aludiu ao *cecear cigano,* que designa como *de Sevilha* [6].

67. Outra variante do castelhano vulgar que se desenvolvera no século XV, e talvez anteriormente, também na Andaluzia, é o de *Mouros* e *Mouriscos* [7]. Literàriamente empregado pelos versificadores do *Cancioneiro Geral* [8], sem arte e engenho, e sem o tino filológico de Gil Vicente. Êsse arrancou também o gracioso tipo à reali-

---

[1] Vol. III, 291.

[2] *Ib.* e 285.

[3] *Rouanet,* N.º XII (Vol. I, p. 207). Com quatro versos que talvez sejam ou queiram ser *romanho.*

[4] No IV da *Bibl. Hisp.,* 1900, ed. Rouanet.

[5] Escena V.

[6] *Dialogo em louvor da nossa linguagem,* p. 218. A p. 195 o autor (que, como julgo ter registado, citou a Gil Vicente, tal qual Fernam d'Oliveira) adverte que em português *ça çe çi ço çu* são ceceados, à maneira dos Ciganos, sem indicar as regiões que tinha em vista. No *Catálogo alfabético* não indiquei no artiguito *Cigano* o título da obra de F. A. Coelho: *Os Ciganos em Portugal,* Lisboa, 1892.

[7] Claro que aqui não me ocupo da verdadeira literatura dos Mouriscos. Só quero registar que, depois da expulsão dessa espécie de Cristãos-Novos (1609-11), também se tratou da expulsão dos *Ciganos.* Mas sem resultado.

[8] Vol. I, p. 172. Uma Moura que adivinha pela mão, como as *Ciganas,* é mencionada no Vol. III, 645.

dade da vida, fazendo-o falar um castelhano andaluz que tem alguns traços de comum com o dos Negros [1] — p. ex. o emprêgo só do infinitivo dos verbos, e de *mi* por *yo (mim* por *eu)*. Único traço fonèticamente peculiar é o engrossamento de *ss* para *x;* e *z* para *j* [2].

Não é senão uma vez que introduz uma Moura, numa das suas Tragicomédias, por sinal com o nome surpreendente *Taes*. E, influído pelo folquelore, que seguramente já em 1500 conhecia Mouras encantadas, e os tesouros que guardavam — ela é desencantada nas *Côrtes de Júpiter* por ordem de Marte e por meio de músicas entoadas por *planetas e sinos*, afim de entregar prendas *de condão* à Infanta D. Beatriz de Sabóia: um anel, um dedal e o terçado de Roldão, como o leitor já sabe.

Mi no xaber que exto extar,
mi no xaber que exto xer,

eis a sua fala, em que invoca *Alah* e *Mahomad*, e, não esquece de exclamar *¡Alah quebir!*. Por isso a sua gíria — comedida — merece e recebeu mais de uma vez o nome de *arabia, aravia* [3].

Locuções como *matar mouro — mouro que chamam Ale* (III, 150) não tem nada de especial. Nem os amores de *mouras* galantes, *prezinhas* [4], marcadas com um ferretinho *delgado*, como a por que se apaixonara o Escudeiro que acusa a alcoviteira Ana Diaz de praxes criminosas perante o *Juiz da Beira* (III, 175). O que me parece digno de nota é que Gil Vicente foi o primeiro, como em tantas outras invenções da sua imaginativa fecunda, a pôr em moda jogar com as formas convergentes *mouro* (*Mauru*) e a forma verbal *mouro* (por *moiro = morior*) enaltecendo

esta *moura* por que *mouro*
(III, 175).

matou-me *moura* e não *mouro*
(III, 379).

---

[1] Também é característico de dialectos *crioulos*, que o poeta não chegou a conhecer, naturalmente. O vulgo confundia a fala dos Mouros com a dos Negros, como se vê nas parcas amostras que entraram no *Canc. Ger.* A *perra de Manicongo*, com a qual discute Anrique da Mota, diz de si *mym tambem falar mourinho*. Barros considera como tomada da pronunciação mourisca o fonema *x* (chis), o *z* final de muitos vocábulos, e os que começam em *al* (*Diálogo*, p. 24).

[2] Além de *xaber, xer, xacretos;* além de *exto*, e *extar, aquexto, box, max, ex, dox, añox* e *cax (casa); coja* por *cosa*; *digir* por *dezir; fager* por *hazer*.

[3] Ed. Hamb., II, 513 e 120.

[4] Vol. III, 175. Os diminutivos femininos acabavam em *-ezinha*, e não em *azinha*.

chamando-se *escravo da servidora*, e *ela cativa eu cativo*, jurando e prelibando assim os encantadores versos à Bárbara Índia de Luís de Camões.

68. Variante do português vulgar, e verdadeira corrupção, aos olhos do leigo, é a linguagem dos pretos ou negros, chamada *guiné* ou *guineu* pelo poeta e que, fixada por êle, ainda divertiu no século XVIII os espectadores dos teatros *de cordel*.

O primeiro exemplo de que me lembro é também obra de um versificador do *Cancioneiro Geral*[1]: a lamentação de Anrique da Mota sôbre *huuma pypa de vynho que se lhe foy polo cham por descuido da Negra*, no pensar dêle. E ela defendendo-se diz

> A mym nunca, nunca mym
> entornar,
> mym andar augoa jardim,
> a mym nunca ser rroym:
> porque bradar?

Desconhecedora de tempos finitos, géneros, números, casos.

Gil Vicente, como arguto observador, tomou nota de mais minúcias. Os seus pretos, — chamados de *Benim* — ou *da Guiné*, ou mesmo *Guineus*, também não conjugam verbos, nem fazem concordâncias. Quanto aos fonemas, substituem *d* por *r*, pronunciando *riabo rinheiro toro re reos*. E empregam com abundância a conhecida epêntese de vogais em grupos consonânticos como *-rp- -rv- -rt-* — o suarabakti de *carapinha, carapinteiro, caravão* — dizendo *Pur(u)tugal, Fur(u)nando, fur(u)tar, far(a)tar, lad(a)rão*.

Fiel à realidade da vida de Lisboa, introduz pretos em diversas farsas, esmerando-se por tirar efeitos alacres das particularidades físicas e psíquicas da raça africana.

O preto que figura na *Nau de Amores*, com certeza bem talhado, diz-se filho do rei de Beni e quere ser tão galanteador como os brancos da côrte (II, 313). O Frade escarnecedor da comédia manda-o todavia lavar-se, para não mais cheirar a monte e raposinho (*ib.*, 314).

Com maior chiste apresenta-se outro na *Frágua de Amor*. Depois de haver cantado na língua da sua terra — pena é que nem o ritmo (¿de batuque?) nem o texto fôssem conservados — e a canção estropiada da *Bela mal maridada*, chega-se à *Frágua* e pede ao Deus louro que lhe transforme a beiça e o nariz e lhe faça as mãos e o corpo brancos como ôvo de galinha. Mas como Apolo não lhe ti-

---

[1] Vol. III, 478 (f. 203).

vesse mudado também o falar negregado, desespera, e queria tornar a ser como de antes (Vol. II, 332, 338 e 339).

Na Farsa do *Clérigo da Beira,* outro preto, incorrigível amigo do alheio (Vol. III, 243, 249), tem papel menos simpático. Rouba o capote do Ratinho ingénuo e confiado, rezando o *Padre Nosso* e *Salve regina* na forma terrível que o curioso viu na lista latina, suscitando talvez sorrisos menos afáveis do que o seu filosofar sôbre as canseiras dêste mundo sublunar.

Muito mais ainda divertiriam a gente da côrte as poucas falas em *guiné negro* do Doutor Justiça-maior, que em fraldas de panadeira, e peneirando, é tratado pela dona velha de *pérra* e *cadela*, na *Floresta de Enganos* (II, 160):

> Porque vos, mia senhora
> estar tanto destemplada?
> Ya tudo estar peneirada:
> que bradar comigo aora?
> Que cosa estar vos hablanda?
> A mi llama Caterina Furnanda,
> nunca a mi cadela; nam!

Também desta vez, como a respeito do *cecear* dos Ciganos, e do *Vasconço,* é João de Barros que acompanha Gil Vicente. Uma vez para registar que por antífrase chamam João Branco ao Preto [1]. E outra vez com relação à concordância, assentando que *homem boa* mais pareceria fala de negros que de bom português [2].

69. Da *algaravia* ou *aravia* de Mouros e Mouriscos de 1500, ao árabe dos Mussulmanes e Mozárabes dos séculos anteriores só há um passo [3]. Quem conhecia aquela, da realidade da vida, interessava-se necessàriamente por êsse, sendo artista ávido de saber como o dramaturgo. Isto é: por tudo quanto êles deixaram na península, e da península se fôra espalhando pelo mundo transpirenaico fora [4]; mas em especial pelos elementos constitutivos das artes falantes: língua e música [5].

---

[1] *Diálogo,* p. 176.

[2] *Ib.*, p. 152.

[3] Quanto ao árabe clássico, lembre-se todavia o leitor das dificuldades que Clenardo teve — *cavaleiro errante dessa língua desconhecida* — para arranjar quem lho ensinasse. Cerejeira, I, Cap. x.

[4] Os preconceitos contra os influxos do Islamismo vão felizmente desaparecendo.

[5] Da arquitectura não falo aqui. Quem quiser informar-se dos estudos recentes sôbre as relações artísticas de Portugal com o *Maghreb,* recorra às publicações de Vergílio Correia e Reinaldo dos Santos.

Gil Vicente alude a uma só Cantiga árabe, viva e popularíssima nos seus dias. É o *Calbi arabi. Meu coração é arabe* [1], é uma das que a ama de leite da filha de Rubena sabe cantar (II, 27). E é entoada pelo hortelão de Flérida na Tragicomédia de *D. Duardos* (II, 227). Mas não duvido que igualmente conhecesse a bailada das *Tres Morillas* (C. M., 17 e 18), e outras muitas, vivas na memória dos peninsulares, da estrutura *AA bbb AA*.

Dos vocábulos de origem árabe que subsistem em Portugal — nomes próprios e apelativos — também se ocupa de passagem, brincando, numa scena cómica. O Frade-culto, que de amores enlouquecera, palrador como o fez a sua doença, recita na *Nau de amores* um aliás pequeno rosário dêles. Depois de se referir a *Mafoma* e *Mafamede*, passa a nomear, sem porquê nem paraquê:

alfaqui [2] e alfaqueque
... Alencastro [3]
almofariz e almofada
almoface e almofreixe
Alfarrobeira e Alcouchete
e Alqueidão
Alfaiates e alfanete
alfareme e alçaprema
alpiarça e alfazema
e Alpedriz [4].
(II, 313).

Que o vocábulo *aravia* (e *algaravia*) já significava em 1500, como hoje, *linguagem* incompreensível e confusão de vozes, e que o próprio poeta o aplicou às *picardias* do diabo, evocado pela feiticeira do *Auto das Fadas* (III, 99), é uma nótula com a qual propositadamente quero fechar êste Capítulozinho.

70. Vocábulos hebraicos só saem de longe em longe da bôca de Judeus, tratados com bondosa tolerância pelo poeta, quando figuram nos seus Autos, sem que por isso deixe de, como Cristão-velho, dirigir censuras ao judaísmo em geral [5].

---

[1] A importância dêsse facto, que eu tive o prazer de salientar no opúsculo *Notas sobre a Canção perdida Este es Calbi Orabi* (1915), foi reconhecida pelo notável arabista D. Julian Ribera y Tarragó e exposta no seu valiosíssimo estudo sôbre *La Musica de las Cantigas de Santa Maria* (1922).

[2] ¡ Inês Pereira sabia gramática e *alfaqui!* — segundo a ingénua vaidade da mãe.

[3] ¡ Por começar com *al* !

[4] O mesmo Frade recita também a lenga-lenga infantil de vocábulos que principiam com *p* (II, 319).

[5] Lembro-me da fórmula *pola ceguidade hebraica e pola malicia judaica*, em

Latão e Vidal, os casamenteiros que tratavam do matrimónio de Inês Pereira, a fantasiosa (a-pesar-de ser de baixa sorte), que procura um marido discreto e de viola, morador da côrte [1], pronunciam durante a ceremónia, a fórmula

Alça manim dona oo dona ha
arrea espeçulaa,

em cuja primeira parte o nosso ilustre hebraísta, Dr. Mendes dos Remédios, julga divisar os termos conhecidos da língua santa

elohim adonai, adonai [2],

e não mera aravia improvisada pelo poliglota.

Talvez seja hebraica também a palavra *azara*. Empregada no *Diálogo da Ressurreição*, onde um Rabi pregunta ao outro atarantado: *azara te veo: ¿aconteceu-te alguma?* (I, 344). Quando o judeu da *Barca do Inferno* roga pragas ao diabo, êle serve-se, pelo contrário, do mesmo termo num sentido positivo, que podia ser *trovoada, saraivada* — visto ir de companhia com *pedra meúda, lodo, chanto, fogo, lenha* (I, 234). Dêsse, claro que poderia ter passado ao mais vago e geral de *desgraça, mofina, azar* [3].

Da forma *eismelo*, empregada pelo Judeu de Aveiro, já disse que não a compreendo.

71. Num esconjuro, ou antes na bênção dos caminhos, lançada pela feiticeira que protege a filhinha de Rubena, aliás pouco *araviada*, há na última frase o vocábulo *Belzabateni*. Fonèticamente as

---

pregada como esconjuro pelo clérigo-nigromante da *Exhortação da guerra* (II, 353). Há todavia mais elementos para um pequeno estudo sôbre o assunto.

[1] O *Escudeiro, e mais seu moço*, nas obras, não só de Gil Vicente, mas também nas de Jorge Ferreira de Vasconcelos e Francisco de Morais — depois do Comediógrafo, os melhores observadores da vida social do seu tempo — eis mais um tema para uma dissertaçãozinha que deixo aqui indicado aos estudiosos. *Bras da Mata*, como nome do exemplar apresentado na linda Farsa indicada, *Aires Rosado*, na de *¿Quem tem farelos?* são achados em si. Sem nome, o que figura no *Juiz da Beira*, faz trovas de noite, é o mesmo paço, mas come *por essas vinhas*.

[2] Dr. Mendes dos Remédios, *Conferência sôbre os Autos de Gil Vicente* (1923), p. 97.

[3] Embora o erudito M. Mahn, que entre 1860 e 1870 conheci em Berlim, escrevesse então um estudo etimológico a respeito de *hasard*, e Dozy lhe dedicasse algumas palavras, está ainda por decidir se *azara* é aparentada com *azar*. Nem sei bem, se a pronúncia é *azara* (como suponho) ou *azará*.

quatro sílabas finais lembram-me o empolgante *lama sabachtani* do Evangelho [1]. *¿ Porqué me abandonaste?* Grego portanto.

Grego é, além disso, ùnicamente o litúrgico *kyrie eleyson* [2].

E por ventura *soter*, na gíria do nigromante, de que passo a falar.

72. A gíria de que se serve o clérigo-nigromante, *feiticeiro mui galante — e astrólogo bem avondoso*, — que evoca figuras do Tártaro da Antigüidade, esconjurando Satanás, Belzebú, Lucífer, para lisongear a côrte manuelina, ela não é *língua*. É um *mixtum compositum* indecifrável. Artificioso. E por ventura internacional.

O princípio — *zet zeberet* — lembra-me, pelo menos, um dos quebra-línguas infantis que empregávamos em Berlim, a rir, em diversos jogos, para atrairmos *a fortuna, o ganho, a dita: Zet zeberet zetzemini*, dizia eu: *Zeb zebereb zebzemini* — minha irmã Henriqueta.

O que se lê na *Copilação* (algo, mas pouco, diferente do que imprimiram os editores de Hamburgo) deslisa com menos facilidade pela minha bôca, e é bastante extenso e complicado:

Zeet, zeeberet, zerregud zebet,
oo filui soter
rehe zezegot reliuzet
oo filui soter.

Novamente:

zezegot seluece soter,

E pela terceira vez:

rezeegut linteser,
zamzorep tisal,
sinoo fee nafezeri!

E só então aparecem os diabos Zebron e Danor [3].

Repito o que já disse: *soter* pode ser grego; *zerregud* pode ser o alemão *sehr gut*. Mas tais interpretações isoladas têm pouco valor.

73. *Iberos* e *Bascos, Euscaldunac, províncias vascongadas, vasconço* e *euscaro*, não são mencionados por Gil Vicente. A *Biscaia*, só brincando. Mas no onomatopaico *gurgurgarao* dos *Arrenegos do Diabo*, ou pelo menos parte da fórmula com que a êles responde o companheiro do arrais [4], diabo também, confirmando que o batel

---

[1] *Matheus*, 27, 46; Ηλί, Ηλί, λαμα σαβαθανί.

[2] Salvador: σωτήρ.

[3] Vol. II, 353 e seg.

[4] Vol. I, p. 250. O significado deve ser: *Tudo em vão.* O poeta ouvira por acaso cantar canções bascas.

está em sêco e o rio se encaramelou por ser dia de *Natal*, saindo inúteis todos os seus esforços, eu julgo reconhecer, conforme já disse, o *gurgurengoa* de uma abigarrada canção anónima do *Cancionero Musical*, composta de termos *bascos* (nomes topográficos e apelativos soltos), de mistura com alguns castelhanos [1].

Não fazem míngua provas de que da língua aglutinante dos Iberos — por ela ser difícil para os Neolatinos e mais nações com línguas flexivas — *vasconço* passara a designar tôda e qualquer *língua incompreensível*. Apontarei todavia os passos em que João de Barros — coevo mais novo de Gil Vicente [2] — avança até afirmar que nem se pode *escrever* o vasconço de Biscaia [3]. Como acrescenta «nem o *çeçear cigano*» — que o próprio comediógrafo já fixara, vê-se que talvez usasse o verbo *escrever* no sentido de reproduzir exactamente com as letras do alfabeto latino. Em outro passo acusa os que falam *vasconço* de trocar umas letras por outras, ou viceversa [4]. Finalmente apelida *vasconço de artes* a complicada nomenclatura scientífica dos filósofos, matemáticos, juristas e médicos do seu tempo [5]. Aquilo que posteriormente também se denominou... *grego*, e por desgraça começa hoje a ser *latim*.

74. Falta regressarmos às três línguas estrangeiras que um Poliglota peninsular de 1500 devia conhecer: latim, italiano, francês — línguas de que Gil Vicente mostra ter tido algumas luzes, — mais do que de *árabe*, *hebraico*, *grego* e *vasconço*.

Quanto à língua *latina*, como eu já lhe tenha dedicado uma Parte inteira desta análise (II) bastará recordar agora a quem me ler que as trezentas e tantas citações por mim coleccionadas e explicadas, são quási tôdas litúrgicas. Uma só é clássica. De Vergílio.

Útil será igualmente repetir que, embora o poeta lhes desse forma ora correcta, ora incorrecta, ora adulterada, ora macarrónica, ou as parodiasse, e procedesse nisso com discernimento artístico, conforme as pessoas e os fins imediatos que tinha em vista, êle tomou mesmo com a língua da Igreja as tais liberdades ou licenças poéticas que lhe facilitavam a arte de escandir e rimar.

---

[1] N.º 431. No 443 há também vocábulos bascos.

[2] Para mim é uma necessidade e uma obrigação repetir datas: 1496–1570.

[3] O monumento escrito mais antigo da língua basca é do século XVI, do tempo de Carlos V. Anteriormente parece que realmente ninguém o escrevera. *Diálogo*, p. 218.

[4] *Gramática*, p. 165.

[5] *Diálogo*, p. 223.

75. Quanto ao italiano, o excelso poeta da *Divina Comédia*, citado em Espanha desde Francisco Imperial [1], começara também em Portugal a influir em alguns autores cultos como Zurara, e pelo menos dois do *Cancioneiro Geral* [2]. E sobretudo directamente no *Condestável* [3].

Mas só na idade clássica, depois das reformas de Sá de Miranda aqui, e de Boscan e Garcilaso em Espanha, é que principiou o verdadeiro estudo e a imitação da arte lírica de Petrarca, Ariosto, Bembo, e os mais [4].

Gil Vicente não cita Italiano algum. Nem encontro nos seus Autos reflexos quer da *Vita Nuova*, quer do grandioso poema tripartido em *Inferno*, *Purgatório* e *Paradiso*, como a trilogia do Português.

Mesmo a admirável sentença sôbre o bem passado e as máguas do presente, que êle repetiu, não é de Dante, nem passou do episódio de Francesca da Rimini (VI) à *Copilação* [5]. O Italiano dera apenas as àsas do ritmo à prosa do filósofo romano que registei (no § 49). E o Português lera-a com certeza, romançada mais de uma vez [6].

A novela *Il Pellegrino* de Jacopo Caviceo (1508) conheceu-a, salvo êrro, romançada como História. Em castelhano ou em português.

Como figura dramática temos o Italiano — pretendente da Fama

---

[1] No *Cancioneiro de Baena.*

[2] Luís Henriques e Duarte de Brito.

[3] Possuïdor também de um Petrarca em vulgar toscano.

[4] A penetração chegou ao ponto de muitos Portugueses meterem versos italianos alheios como parte constitutiva mesmo em Sonetos. Veja-se Achille Pellizzari, *Portogallo e Italia nel secolo XVI* (Napoli, 1914). No tratado bibliográfico *Portugal e Itália*, de António de Portugal de Faria (Leorne, 1898), não há nada relativo a literatura e língua.

[5] Vid. Aubrey Bell, *Four Plays*, p. XLIV, 4 e Cejador y Frauca, *Hist. Lit. Cast.*, 1520 (p. 50).

[6] Acrescente-se ao que lá deixei dito que o Marquês de Santilhana traduzira o Dante, dizendo:

> La mayor cuita que aver
> puede ningun amador
> es membrar-se del plazer
> en el tiempo del dolor.

Em Portugal Bernardim Ribeiro repetira, com menos elegância, antes de 1516, no *Memento* (*Canc. Ger.*, II, 392):

> nunca foi mal nenhum mor
> nem no ha hi nos amores
> que a lembrança do favor
> no tempo dos desfavores.

portuguesa — na Farsa poliglota. Pela mistura de numerosas palavras e formas correctas com muitas outras imperfeitas, vê-se que, tendo praticado com Venezianos e Genoveses de Lisboa, tinha a música da língua nos ouvidos — a regra das vogais finais, e a das surdas intervocálicas — *cuore occhi pace cagione crudele parole tutti notte vita foco*, etc. — mas não sabia nada de gramática, de sorte que na conversa com a Fama, não há uma única proposição completamente italiana [1].

Natural seria que a respeito da bela *língua toscana* — bela sobretudo *in bocca romana con grazia pisana* — Tôrres Naharro, que esteve anos e anos em Roma e Nápoles, e escreveu Sonetos italianos, fôsse imensamente superior a Gil Vicente. Mas . . . na *Tinelaria* o Italiano *(Fabio)* fala ora regularmente, ora usa uns dizeres quási incompreensíveis, peores do que os de que Gil Vicente se serviu [2]. De propósito, bem o sei, por causa dos efeitos cómicos.

76. Certa estou de que, com relação à língua francesa, Gil Vicente, como a maior parte dos cortesãos do seu tempo, tinha conhecimentos um pouco mais vastos.

Da enorme preponderância literária da França no primeiro período da língua [3], restos fortes passaram para o segundo. Mostram-no as lindas devisas da Casa de Avis e as numerosas alusões a usos e costumes e artefactos franceses, em crónicas e cancioneiros; um extenso e nada enfadonho rosário de provérbios, laudatórios e injuriosos, relativos à doce França e aos Franceses [4]; fragmentos de canções, por desgraça sempre em estado lastimável, em textos dos séculos XIV e XV [5]. *Rondeles, lais, virolais, baladas e chançonetas* faziam parte de tôdas as livrarias de reis e príncipes [6]. Autores peninsulares citam

---

[1] Estranhável é que nem uma só música italiana entrasse nos Autos, visto haver bastantes no *Cancionero Musical* e as impressões de Petrucci terem saído de Veneza pouco depois de 1500.

[2] *Propaladia*, p. CXIV. No Prólogo, o autor justifica a introdução de vocábulos italianos nas suas obras.

[3] Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, Vol. II.

[4] As alusões são freqüentes no *Canc. Ger.*; os ditos e as críticas nas comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, no *Palmeirim* e *Diálogos* de Francisco de Morais, e nos *Autos* de A. Prestes.

[5] P. ex. no de *Baena*, N.º 248; no d'Herberay (Gallardo, III, 950); Gomez Manrique (I, 166), e sobretudo no *Cancioneiro Geral* (I, 408).

[6] Isabel a Católica possuía uns três *Chansonniers*; o Condestável *Les Cent Ballades* (N.º 81); além de muitas obras mais sérias (N.ºs 9, 10, 12, 17, 18, 22, 62).

Guillaume de Machault [1] e posteriormente compositores como *Okeghem* e *Josquim de Pres* [2]. Da boa capela de muitos e bons cantores que o Barão de Loigny, René de Chateaubriand trouxe consigo em 1493 diversos tinham ficado em Portugal [3]. E no *Cancionero Musical* dos reis católicos subsistem algumas composições — báquicas e eróticas assaz livres — e vulgares [4].

Gil Vicente, êsse lança vocábulos soltos franceses — hoje diríamos galicismos — como muitos outros escritores antes dêle [5]; p. ex. *par mon foy* (sic), *bon ami, petito, mouru* (II, 227).

Por duas vezes faz ouvir música francesa nas suas representações. As *Quatro Estações* cantam ao menino Jesus, como novidade, a cantiga

Ay de la noble
ville de Paris.
(I, 92).

Se ela fôr, como é provável, idêntica à que subsiste no *Cancionero Musical*, a música tem pouca graça, e pouquíssima o texto disparatado [6]. A segunda vez são os pastores do *Auto da Fé* que a quatro vozes entoam uma *ensalada que veio de França*, cujo texto nem pelo verso inicial se indica (I, 75) [7]. ¿ Seria a mesma *Ville de Paris?* ¿ ou qual outra das *fatrasies?*

O representante da França no *Auto da Fama*, conquanto gabe a bela França como porta do paraíso, trata a sua língua, exactamente como o Italiano, com uma sem-ceremónia formidável. De maneira tal que, embora a Farsa seja obra de um técnico tão insigne do riso, duvido que provocasse os aplausos e a alegria da côrte [8].

Pelo menos, o poeta contentou-se com a primeira experiência poliglótica. Não a repetiu.

---

[1] O próprio D. João I no *Livro da Montaria*. Em Espanha, o Marquês de Santilhana.

[2] *Carta Proémio*, § XI. Ambos os nomes ocorrem p. ex. nas obras de Joam de Barros (1539 e 1540).

[3] Vejam os meus *Romances Velhos*, p. 308.

[4] N.os 436, 445, 446. N.º 455 é Cantiga italiana, de Juan del Enzina. N.º 457, poliglota.

[5] *Canc. Ger.*, I, p. 46 *le cor de moy*; p. 47 *mon cor*.

[6] N.º 429. Na ed. príncipe *Hay de le noble vilha de Pariz*. Os versos que entendo, dizem *Ay de le compañon gentil* (sic) *Ay de le fille de Roldon* (sic).

[7] Sôbre as ensaladas, com mescla de idiomas, melodias e conceitos, veja-se F. Wolf, *Prager Sammlung fliegender Blätter*.

[8] Repito que ser representada primeiro à Raínha D. Leonor, e depois a D. Manuel, pode significar que hesitando sôbre os efeitos do poliglotismo e receando a crítica do monarca, Gil Vicente quis ouvir primeiro a opinião da sua protectora.

E só mais uma vez se serviu da língua francesa. Ou antes um dialecto francês, conforme já assentei. O dialecto, que nos deu as *picardias*: o picardo. O que diz o *Diabo*, chamado pela feiticeira do *Auto das Fadas*, consta de vocábulos comuns, inteligíveis (III, 99-101) e bastantes cujo modêlo vivo, e cujo sentido sou incapaz de adivinhar, em versos em grande parte sem *rimas*, que tanta vez nos servem de bastão. Um *charabia*, como os Franceses pronunciam *algaravia*.

Comparando o francês (e picardo) de Gil Vicente com o de Tôrres Naharro, fico persuadida de que nenhum dos dois o sabia. Em todo o caso o Português o ouviria (e praticaria, *tant bien que mal*) mais vezes em Lisboa do que o eclesiástico estremenho em Roma, a-pesar-de lá terem a sua fama bem merecida os cozinheiros e os *bouteillers (botilleres)* de França. E não só êsses. Vid. mais acima o § 58.

E ficaram-lhe na sua excelente memória vocábulos mais numerosos e variados — *xosa*, *gens*, *parler*, *notra*, *dama*, *tais-toy* (grafado *te*), *que fete vus*, etc. etc.

Que lesse e compreendesse *Mistérios* franceses parece-me inacreditável [1].

E todos os críticos entendidos de hoje são de opinião que Gil Vicente tem estranhàvelmente pouco — *merkwürdig wenig* — contacto com literaturas extra-peninsulares.

*

À pregunta final, se o poliglotismo de Gil Vicente merece aplausos, respondo o seguinte, pedindo desculpa por dar expressão a sentimentos pessoais.

Realizada nos tablados de 1500 por artistas desembaraçados, da escola do próprio que foi *auctor et actor*, a mescla de idiomas era com certeza de efeito imensamente superior ao que produz hoje em quem lê, hesitando e tropeçando, e cheio de escrúpulos.

Regozijaria de veras como novidade os ociosos da côrte, tanto como os do povo. Sobretudo onde ela não é senão um enfeite incidental, passageiro, de sons — sons de cuja exactidão ou inexactidão, realidade ou ficção, os ouvintes pouco se importavam.

E ainda hoje é possível, é mesmo freqüente ou comum entre os peninsulares, encarar a questão do mesmo modo, sem distinguir, como me parece justo e indicado, entre vocábulos avulsos e fragmentos de frases de línguas realmente estrangeiras e estranhas, como as de que

---

[1] As demonstrações de Barreto Feio não são convincentes.

acinte me ocupei (nos parágrafos 65 á 72) — ciganos, mouros, negros, nigromantes, — e o falar sério de representantes de nações cultas, irmãs mesmo da portuguesa e castelhana como a francesa e italiana no Auto poliglota da Fama.

Como intérprete de todos, Menendez y Pelayo trata êsse com benevolência extrema, afirmando que, não sendo de Roma e Paris, os falares dos dois são compostos adrede para dar à peça chiste, hilaridade, côr e graça. Exactamente as qualidades que eu não lhe encontro, nem procuro numa peça que, conquanto figure (significativamente) entre as *Farsas*, é uma peça patriótica, de certa pretensão mesmo.

Nós, gente do Norte, pelo contrário, — admitimos, bem se vê, o bilingüismo e poliglotismo como elementos cómicos ou de diferenciação necessária, como nos *Anfitriões;* gostamos muito até de brincadeiras lingüísticas. Reparamos todavia no facto de o Francês e o Italiano do *Auto da Fama* maltratarem horrìvelmente a sua própria língua, colocados de mais a mais ao lado de um Castelhano e, um Português que tratam a sua com o devido respeito e amor [1].

O respeito e o interêsse profundo que nos inspira o *Milagre do Verbo* e a multiplicidade das línguas, como exteriorizações das almas nacionais, faz que consideremos (faz que eu considere, conforme já mais de uma vez afirmei), como mais belas das produções do poeta — do ponto de vista estético — por causa da sua unidade, o *Auto da Alma*, integralmente português, e entre as obras castelhanas, a *Tragicomédia de D. Duardos*, delicioso idílio cavalheiresco. Entre as farsas alegres a de *Inês Pereira*, pela graça do seu dizer meio-realista, meio-idealista.

O Auto poliglótico da *Fama*, híbrido em tudo, vem em último lugar. É dos menos felizes.

Recorda-me, desagradàvelmente, a impiedosa arrogância com que, nestes anos de desgraças, mais de um escritor nóvel maltrata o lindo

---

[1] A. L. Stiefel opina que o Francês e o Italiano tratam a língua materna feia e bàrbaramente: *misshandeln schauerlich ihre eigene Sprache.* Aubrey Bell assenta, na mesma, que a assassinam: *they murder their own language and eke it out with portuguese.*

Concordo. ¡E insurjo-me contra outra nótula de um crítico de valor, lançada sem reflexão: Fitzmaurice Kelly — que na tradução de Bonilla (p. 192 da 4.ª edição) afirma perentòriamente que dezoito obras scénicas de Gil Vicente são escritas numa *jerga* mixta de castelhano e português que o próprio autor ridiculariza como *aravia* no seu *Auto das Fadas!* ¡O leitor abra a edição de Hamburgo, Vol. III, p. 99, e verá que é a *jerga picarda* do diabo, evocado pela feiticeira, que é chamada uma vez *aravia*, e outra vez *latim!*

português, levado por um gôsto, em si louvável, de in-novar, e opulentar, mas em briga aberta não só com a gramática, lógica e psicologia, mas também com a beleza e tradição dos tempos antigos de glória.

Pôrto, 31 de Agôsto de 1923.

D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

Relatório de uma viagem de estudo em Itália, Áustria, Tcheco-Slováquia, Alemanha e França

ANTELÓQUIO

Em sessão do Conselho da Faculdade de Medicina de Coimbra, realizada em 15 de Novembro de 1921, foi presente e bem acolhida a minha pretenção de, nos termos do art. 69.º do Estatuto Universitário de 6 de Julho de 1918, aproveitar uma licença de um semestre de duração para me poder desempenhar de uma missão scientífica da minha iniciativa — a de visitar em alguns países da Europa as instalações materiais destinadas ao exercício e ao ensino das práticas médico-legais.

Desde a minha entrada, em 1911, no professorado da Faculdade de Medicina, o que é dizer desde a ocupação por mim da Cadeira de Medicina Legal de Coimbra e da Direcção da antiga *Morgue* desta cidade, procurei eu alcançar a modificação da mesquinha instalação disponível para a prática médico-legal, de forma a obterem-se locais e material com os quais, além dos serviços da Justiça, se pudessem exercer sofrìvelmente os do Ensino, facultando aos alunos da Faculdade, pela assistência às operações periciais e pela sua própria intervenção nelas, os meios de mais tarde, entregues a si mesmos, já então com responsabilidades de peritos, poderem exercer razoável e conscientemente as perícias que lhes viessem a ser sujeitas.

A história do desenvolvimento das instalações da *Morgue* de Coimbra e do Instituto de Medicina Legal que lhe sucedeu está feita e em via de publicação no *Arquivo de Medicina Legal* (n.º 3 do 1.º ano). Ali deixo descritas, nas suas linhas gerais, as deligências feitas para obter a construção de edifícios próprios, que colocariam, afigura-se-me, o Instituto de Medicina Legal em termos de suficiente eficiência e harmonia com as circunstâncias do País e da Cidade. O projecto estudado e aprovado tinha-o sido em 1913, muito antes,

pois, das notáveis reformas médico-legais de 1918, e quando ainda não era lícito esperar ver tão cedo transformados em realidades ideais que pareciam difíceis e longínquos aos amigos da Medicina Legal em Portugal, então muito pobremente dotada e dificilmente atendida com recursos materiais, se bem que, já então, menos mal tratada nas leis do que noutros países acontecia.

Se a construção tivesse sido feita, haveríamos de subordinar a ela a forma de dispor os vários serviços, desenvolvidos ou de novo criados; e na pequena memória descritiva da *Morgue* e do Instituto de Medicina Legal de Coimbra isso mesmo eu procurei fazer, reconhecendo com agrado que, a-pesar-da anterioridade da minha delineação do projecto em relação às reformas melhoradoras em tão alto grau da Medicina Legal, era possível nas instalações projectadas, com a sua relativa modéstia e simpleza, dar cabal cumprimento ao exercício pericial e do ensino que ao estabelecimento ficariam competindo. Mas dado que, por desgraça, os novos edifícios não haviam surgido para a realidade, do âmbito dos nossos desejos, a-pesar-de tôdas as deligências empregadas, pareceu-me que seria conveniente saber se em estabelecimentos congéneres dos mais adiantados países não haveria a colher inspiração para modificações vantajosas, sugestões para úteis delineamentos, adaptáveis às condições locais da cidade e legais do país e que pudessem ser introduzidas no projecto das nossas construções.

Eis como nasceu o meu desejo de visitar os Institutos de Medicina Legal estrangeiros, de que proveio a solicitação da licença necessária para realizar tal intento.

A autorização universitária foi completada com outra, formulada por despacho do Ministério da Justiça em 31 de Dezembro de 1921, para me ausentar, durante um semestre, do país, com o encargo de estudar no estrangeiro a organização e a instalação material dos serviços de medicina legal em comissão gratuita de serviço público.

Com a descrição dos resultados das minhas visitas aos Institutos de Medicina Legal, procuro deixar dada satisfação às prescrições legais (citado art. 69.º do Estatuto Universitário) que mandam apresentar ao Conselho da Faculdade um relatório sôbre as missões de estudo empreendidas, relatório que, neste caso, ainda cabe ser enviado ao Ministério da Justiça.

Autorizado a isso por voto do Senado Universitário, o Ex.mo Reitor da Universidade de Coimbra, sabendo das minhas intenções de sair do país, dignou-se incumbir-me da representação da nossa Universidade junto da de Pádua, na celebração do 7.º centenário da fundação desta e junto da *Societé Asiatique de Paris*, que também estava

em via de comemorar o seu 1.º centenário. A forma por que me foi possível desempenhar-me de tão honrosas incumbências deixá-la-hei também aqui consignada.

Parece-me que não serão descabidas algumas considerações, que aproveito o ensejo para fazer, acêrca das grandes vantagens que, para o Estado, para a Universidade e para o Professorado desta, considerado em geral e em cada qualquer dos seus membros quando em viagem de estudo, adviriam de uma regular e razoável assistência e atenção prestadas por os dois primeiros aos ditos professores. O muito que há para fazer, e a meu ver valioso e necessário, não é difícil nem dispendioso na execução e muito contribuïria para facilitar e tornar plenamente satisfatórias para todos tarefas que a indiferença do Estado e mesmo a da Universidade tornam onerosas para os professores em viagem e menos produtivas em utilidades para o nosso país.

Estas considerações vão mais ou menos associadas com as que dizem respeito à incumbência universitária da representação da nossa Universidade perante a de Pádua e perante a *Societé Asiatique*, e precedem a parte do relatório pròpriamente referente aos assuntos médico-legais.

Talvez seja notado que alguma cousa ou muito do que se pode ler nas páginas dêste relatório não tem uma relação directa com os assuntos médico-legais ou com algum dos outros a que acabo de fazer referência. Em todo o caso, nem sempre os elementos assim fornecidos serão destituídos, por completo, de utilidade, para quem queira empreender deligências semelhantes às minhas nos países onde me encontrei: porque o conhecimento da experiência alheia muito facilita a pronta aquisição e o bom aproveitamento da nossa. E, para a desnecessidade que eventualmente se encontre de algumas passagens, como para as omissões que se entenda não deverem ter sido praticadas, espero eu achar desculpa na alegação que faço de estas linhas serem retiradas, com pouco tempo e com simplicidade, de notas de viagem escritas ao correr da pena, ou do lápis, sôbre o joelho, ou sôbre a mão mesmo, reflectindo impressões do momento que passa e que novas impressões breve substituem.

Muito do que se poderá ler corresponde apenas a modos de ver pessoais de que se não aduz uma suficiente prova. Não vale a pena procurar, porque se não encontraria, nestes dizeres, a permanente satisfação das regras médico-legais na elaboração do relatório objectivo, demonstrativo, de afirmações sempre baseadas em bastante descrição do visto e do observado, que se exige ao médico perito nas suas intervenções. As condições são muito outras; mas entendo útil

notá-lo, para que se não suponha que tenho o hábito de relatar à Justiça, quando de exames periciais, no mesmo teor, com exposição das minhas vistas subjectivas sem fornecer elementos capazes de elucidar o leitor acêrca do valor das opiniões exibidas.

Precipitado, insuficientemente minucioso em muitos pontos, em outros omisso, escusadamente prolixo por vezes, com seus erros e imperfeições, vai escrito êste relato. Mas, ao menos, posso dêle afirmar que é um relato de boa fé. E só me fica pedir desculpa à memória de Montaigne de lhe imitar o ilustre dizer para obra minha e de tão pequena monta.

I

O Estado e a Universidade em relação com os professores em viagem de estudo.— Passaportes e aquisição de moeda estrangeira.— Representação da Universidade de Coimbra no 7.º centenário da Universidade de Pádua e no 1.º centenário da «Societé Asiatique» de Paris.

Ao contrário do que voltou já a fazer, há muito, a maior parte dos Estados, dispensando as formalidades de *vistos* em passaportes, Portugal exige ainda essas complicadas e aborrecidas deligências, que não têm outro valor prático que não seja o de darem algum pequeno rendimento à Nação, ou talvez alguns emolumentos aos funcionários consulares nacionais; e aos estrangeiros também pois que, por reciprocidade, os países que mùtuamente se dispensam de tais práticas exigem-nas, contudo, aqueles que, como o nosso, para êles as usam. As garantias de protecção social são nulas. Qualquer *indesejável* consegue obter, como é sabido, o passaporte com vistos consulares que lhe vai dar uma imerecida segurança; ao passo que para as reais conveniências do homem honesto e probo, que nada tem que temer da Justiça ou da acção repressiva dos países civilizados, o papel que assim se lhe exige, com seus *visa*, é não só inútil mas ainda fonte de misérias de tôda a espécie, origem de perda de dinheiro e de tempo que bem melhor poderiam ser aproveitados.

Muito preferível seria, pois, que o Estado português acabasse com uma prática que tão nociva é a êle próprio (pelo aborrecimento e pela impaciência que causa nos que eventualmente o visitam) como aos seus nacionais, e que se compensasse a si e aos seus funcionários consulares pagando-se mais caro e retribuindo estes com maiores vencimentos ou com aumento de emolumentos por serviços que tenham algum cabimento lógico, em vez de fazer pagar os alguns escudos resultantes da continuação de um procedimento que cousa

nenhuma justifica e que ao viajante português implica, por reciprocidade de processos, um desembôlso, que pode não ser para desprezar, nos consulados dos outros países.

Os jornais diários têm-se feito eco dos numerosos protestos de portugueses e estrangeiros sôbre o caso. Entre êsses jornais, o *Diário de Notícias* tem inserido cartas do sr. Guerra Maio, director da filial de Paris da benemérita Sociedade de Propaganda de Portugal, nas quais se narram factos que muito prejudicam a boa fama da nossa Terra, sob o ponto de vista do acolhimento dado aos forasteiros que nela entram e das facilidades permitidas aos que dela saem ou simplesmente a atravessam.

A experiência própria, demorada e repetida, leva-me a entender justas tais recriminações, entre as quais avulta a que incide sôbre o extraordinário facto de ¡até aos próprios portugueses saídos de Portugal com passaporte em ordem, ser necessário, para regressar à Pátria, exibir na fronteira êsse papel com o visto de uma autoridade portuguesa de entre as que representam Portugal no país de onde regressam!

A eventual ignorância desta última exigência coloca o infeliz viajante português na mesma situação em que estaria sè fôsse estranjeiro e com passaporte da sua nação sem o visto português: obriga-o a deter-se na sua viagem, a perder bilhetes, a retrogradar até à mais próxima terra onde possa fazer visar por cônsul português o seu passaporte para voltar de novo à inóspita fronteira portuguesa com mais probabilidades de êxito de se acolher ao país [1]. ¡Mas antes de chegar a estas contingências, quantas outras complicações não tem êle tido que vencer durante a sua viagem, originadas na absurda conservação da exigência de *visa* de passaportes!

A Universidade de Coimbra não tem pela organização actual dos seus serviços nenhum papel sensìvelmente útil, de eficaz protecção, contra tais dificuldades ou outras, do professor que pretende ausentar-se para o estrangeiro.

É certo que a Universidade pede e obtém um passaporte em papel branco, a que também chamam diplomático, como ao passado em papel azul, se bem que não tenha a valia dêste. Mas a Universidade

---

[1] Devo dizer que vi no mesmo citado jornal *Diário de Notícias* uma carta do sr. Director dos Serviços de Emigração contraditando o sr. Guerra Maio e afirmando que a nenhum português é negada a entrada na sua Pátria. O que sei, por experiência, é que em Paris, no consulado português, dizem ser necessário para o regresso a Portugal apor o visto do consulado no passaporte português do viajante português e que por êsse serviço cobraram de mim, nas vésperas da minha partida daquela cidade, 22 fr. 15, que eu achei muito mal empregados.

obtém e fornece ao professor aquele passaporte sem qualquer dos vistos de legação (ou consulado) que se averigua serem exigíveis.

O professor tem, pois, de ir pessoalmente a Lisboa obter tais vistos ou de encarregar qualquer procurador de conseguir a satisfação de tais formalidades. No primeiro caso, acarreta isso um grande incómodo e um notável desperdício de tempo e gasto de dinheiro. No segundo caso, arrisca-se o professor a que lhe aconteça o que me aconteceu a mim: o meu passaporte, em vez de ser levado às legações, foi levado aos consulados e em alguns dêles visado, perdendo desta forma o papel qualquer pretenso valor de documento diplomático (ainda que de inferior categoria), ficando a valer tão pouco como um qualquer passaporte comum, e foi-lhe mesmo negado o visto no consulado inglês, com o fundamento dêle só poder ser pôsto na presença do dono do documento. É de notar que êste desaire não impede, antes ajuda a determinar, fortes pagamentos nos consulados e ao procurador, que no meu caso somaram respectivamente 119$25 e 129$95, sem falar nos ulteriores pagamentos no estrangeiro que atingiram mais 82 liras e 42fr,15 (dos quais 22fr,15 ¡pagos no consulado português de París pelo visto do *cônsul português* no meu *passaporte português* de *cidadão português* para me ser possível *reentrar* em *Portugal!*)

Pouco custaria à Universidade obter que os passaportes que requisita para os seus professores que saem em missão de estudo viessem já visados na forma necessária para que o documento assim facultado possuísse alguma real valia. Mesmo quando das suas receitas próprias a Universidade não quisesse pagar as eventuais despesas, de procuradoria ou outras, nenhum professor se recusaria a pagar o que lhe fôsse indicado para tal fim, e que sempre seria menos do que aquilo que êle teria de gastar indo a Lisboa de propósito, além de ser realizado por pessoa mais competente e cuidadosa (como procurador habitual da Universidade em numerosos casos dêsses) do que por qualquer ocasional procurador incompetente e descuidado que o professor para seu uso particular utilizasse.

Infelizmente não acontece assim. E inclusivamente o passaporte que a Universidade de Coimbra me entregou com a inscrição de que eu ia representá-la no 7.º centenário da Universidade de Pádua, até êsse, me veio às mãos praticamente inútil, sem qualquer visto para Itália (ou para a Áustria, como eu também desejava e pedira, para me ser possível passar, através esta nação, da Itália para a Alemanha). Êste passaporte tive que o submeter no Pôrto ao visto do consulado italiano, na impossibilidade de ir a Lisboa propositadamente para o fazer visar na legação de Itália e na da Áustria, e reconhecida a

inconveniência de o mandar a procurador que para êle procedesse coma atrás deixo dito ter aconteçido com o passaporte destinado à Espanha, à França, à Alemanha e à Inglaterra, que anteriormente me fôra entregue pela Universidade. Ao menos para o passaporte para a Itália, destinado a permitir-me levar a efeito o cumprimento de uma missão universitária, inteiramente gratuita, seria razoável que a Universidade diligenciasse fornecê-lo em condições. Tal como veio, e submetido ao consulado italiano, ficou valendo como o mais modesto passaporte, de nenhuma utilidade me serviu e sujeitou-me a tôdas as contingências e aborrecidas peripécias a que está sujeito qualquer viajante português. Se exponho isto com inteira franqueza não é só por ser êsse o meu hábito; é também porque julgo que, assim, presto um bom serviço à Universidade, dizendo claramente o que muitos pensam, mas calam. Num tempo em que os professores são tão mal pagos e em que nem todos podem resistir à tentação, que para certos é necessidade, de ir procurar, noutros serviços e modos de vida, vantagens materiais que a Universidade lhes não faculta, seria mais do que nunca conveniente que esta mostrasse algum interêsse pelos interêsses dos professores, para que, procedendo doutra forma, não concorra para aumentar o desinterêsse que alguns dêstes por ela começam manifestando.

Entre os muitos assuntos que têm prendido e vêm prendendo a competente atenção do nosso actual e ilustre Reitor permito-me desejar que êste agora referido venha a ser agrupado, como merecedor de cuidados de quem tanto tem diligenciado manter, e engrandecer até, o lustre da Universidade de Coimbra, de tão gloriosas tradições. Porque os reparos que se fazem à falta de coadjuvação universitária em casos que, se à primeira vista podem parecer de pequeno vulto, não deixam de ser de grande importância, êsses reparos não implicam menos aprêço pelas qualidades e pelos bons préstimos do pessoal universitário, nem referência pejorativa a êste; apenas têm em vista consignar deficiências não de pessoas, mas de organização dos serviços, que conviria modificar e aperfeiçoar de forma a facultar-se remédio aos inconvenientes apontados já e a outros mais, como por exemplo aqueles que adiante indico relativos às formalidades para aquisição de moeda estrangeira.

Tendo-me sido concedida licença de um semestre para o desempenho da missão scientífica que eu declarei desejar iniciar em Janeiro de 1922, pedi ao Exmo Reitor da Universidade, que se dignasse obter que, para êsse efeito, me fôsse concedida autorização para compra de 10.000 francos franceses, 40.000 marcos, 50 libras e 1.000 pesetas; com efeito a minha intenção inicial era atravessar a Espanha e visitar

apenas instalações médico-legais da França, da Inglaterra e da Alemanha. A Reitoria da Universidade dirigiu superiormente tal solicitação em ofício de 21 de Dezembro de 1921, e eu fiquei aguardando o deferimento, que nunca veio. A pesar-disso, o Ex.mo Ministro das Finanças afirmava alguns meses mais tarde nas Câmaras (em resposta a objecções muito justamente feitas contra as dificuldades levantadas, pelas disposições legais, a quem precisava adquirir moeda estrangeira) que as concessões das licenças pedidas eram feitas com a máxima rapidez. E suponho que S. Ex.a ficou muito admirado ao saber, por um deputado a quem eu narrara o meu caso, que havia, pelo menos, um pedido (o meu) *en souffrance* havia mais de quatro meses. Mas a autorização pedida não veio, como digo, e eu, tendo deixado o serviço universitário em princípio de Janeiro, continuava em princípios de Abril inabilitado para comprar valores estrangeiros.

Neste mês de Abril, recebi, por ofícios datados de 10, convites do nosso Ex.mo Reitor para representar a nossa Universidade no 7.º Centenário da Universidade de Pádua, a comemorar em 14 a 17 de Maio, e no 1.º centenário da *Societé Asiatique* de Paris, a celebrar em 10 a 13 de Julho. Estes honrosos convites foram feitos em harmonia com uma deliberação do Senado Universitário que, tendo constatado a impossibilidade de encarregar de tais representações delegados seus propositadamente escolhidos e enviados em missão retribuída por conta da Universidade, encarregara o Ex.mo Reitor de procurar, entre os professores então no estrangeiro ou que à data das comemorações lá houvessem de estar, algum que se podesse desempenhar de tais comissões.

Ainda que muito folgando em poder aproveitar qualquer ocasião de ser útil de alguma forma à Universidade e de, para isso, me resolver a modificar o programa da minha viagem, incluindo a Itália nos países a visitar, e procurando estar em Pádua e em Paris nos dias dos Centenários, não pude deixar de fazer as necessárias reservas. Ponderei que para uma e outra das representações qualquer professor universitário mais competente seria do que eu; mas, para a representação no centenário da fundação da *Societé Asiatique* e da descoberta do notável Champollion, a minha nula sciência do assunto mais fazia ainda lamentar que outro e nomeadamente um dos muito doutos lentes da Faculdade de Letras não quisesse ou pudesse tomar sôbre si tal encargo. Também puz em relêvo a eventual impossibilidade que haveria para eu estar em Pádua a tempo do centenário universitário, dado que não tinha passaporte para a Itália pois não fizera tenção de a êsse país me dirigir; e assim pedia que, mesmo sem prejuízo do compromisso que tomava de diligenciar chegar a tempo, a outro

ou outros professores fôsse feito igual convite. Em vista do meu exposto dignou-se o Ex.mo Reitor informar-me das circunstâncias existentes que o levavam a não poder confiar senão de mim e do Prof. da minha Faculdade Dr. António Luís de Morais Sarmento, que então se supunha estar em Berlim, as referidas representações. Tendo, porém, ainda antes da minha saída para o estrangeiro, sido entregues na Universidade, devolvidos de Berlim por não encontrarem o destinatário ali, os ofícios em que o Ex.mo Reitor convidava para o efeito aquele distinto professor, fiquei na convicção da impossibilidade de haver outrem que mais vantajosamente do que eu para a Universidade e com mais certeza pudesse desempenhar-se de tais missões.

Em data de 13 de Abril pedi ao Ex.mo Reitor quisesse fazer-me conceder um novo passaporte, para a Itália, e autorização para a aquisição, à minha custa, de 5.000 liras. Esta autorização, ao contrário da anteriormente feita para moedas de outros países, veio concedida, mas duma forma indirecta e defeituosa e não, como seria de estimar e seria mais simples, permitindo-me adquirir as liras como e onde me aprouvesse; antes, com troca de vários ofícios e complicadas formalidades burocráticas e obrigando-me a depositar prèviamente (em 25 de Abril) a quantia correspondente em escudos na Agência do Banco de Portugal, para me ser entregue nessa Agência em 2 de Maio um cheque das 5.000 liras. O dito cheque, porém, era para ser cobrável... em París.

É óbvio que, sendo o comêço da comemoração do centenário da Universidade de Pádua em 14 de Maio, eu não teria tempo de ir a Paris obter, em troca do cheque, liras para dispender em Itália. Evidente é também que, além da falta de tempo, seria de considerar que, para ir prèviamente a París, o necessário desvio do trajecto normal para a Itália acarretar-me-ia uma despesa pouco menor do que a correspondente ao valor das 5.000 liras.

É fácil de calcular o aborrecimento que semelhantes processos causam em qualquer pessoa, e especialmente em quem à sua custa se sujeita de boa mente a prestar um serviço que lhe pedem. Sem contar que nenhum benefício de barateza cambial assim obtive, pois a moeda italiana a podia eu ter conseguido por mais reduzido preço por intermédio de outro Banco ou cambista, como depois aconteceu.

Portanto, fui forçado a vender o cheque inutilizável e a conseguir na Filial do Banco Nacional Ultramarino uma carta de ordem, pagável, é claro, em Itália e não no norte da França. Mas a êste tempo continuava eu não só à espera do passaporte para a Itália, como da autorização para a aquisição de pesetas, francos e marcos, solicitada em Dezembro. Receiando, com fundado motivo, que nunca viesse

tal autorização, a menos de novas instâncias que só muito tarde seriam atendidas; e elucidado pela experiência das liras sôbre a possibilidade de tal concessão, a vir, ser dada para as pesetas, os francos e os marcos por forma equivalentemente tão abstrusa, complicada e dispendiosa como para a moeda italiana o fôra, resolvi pedir a autorização por intermédio do Banco Nacional Ultramarino. Em boa hora o fiz, pois em cinco dias consegui o que por intermédio da Universidade não conseguira ainda ao fim de cinco meses. Para mais, pude escolher a forma da aquisição dos valores estrangeiros, em notas, moeda e cartas de ordem, com comodidade e economia para mim.

Ulteriormente, no Pôrto, sem necessidade alguma de autorização prévia, verifiquei que as casas bancárias e os cambistas vendiam a qualquer a moeda que lhes era pedida. E fiquei preguntando a mim próprio qual seria a vantagem social resultante de complicar e enredar tão extraordinàriamente serviços e assuntos que de si são tão simples, empregando medidas que só são respeitadas por aqueles que, como eu, são por princípio cumpridores das disposições legais, nem sempre justificáveis, ou por ingénuos desconhecedores das artes correntes de as iludir.

Esta minha ida para o Pôrto só veio a ser possível em 13 de Maio, pois que o passaporte para a Itália pelo qual eu em Coimbra estava esperando só em data de 12 de Maio me foi entregue, datado de 10 do mesmo mês. De resto, como atrás digo, êste passaporte também veio sem qualquer visto, que o tornasse utilizável. Recebido o passaporte em tais termos, tornou-se para mim patente a necessidade de o fazer visar no consulado italiano no Pôrto, como também já foi dito. Participei então ao Exmo Reitor a minha intenção de partir para o estrangeiro, passando pelo Pôrto, sem maiores delongas.

Havia dias já que S. Ex.ª o Senhor Reitor e eu vínhamos reconhecendo a material impossibilidade de chegar a Pádua a 14 de Maio ou mesmo antes de findas as cerimónias da comemoração do centenário da universidade italiana. Por isso, fôra expedida urgente comunicação para Pádua afirmando a realização dessa impossibilidade de eu poder chegar a tempo de assistir às ditas cerimónias, o que já sob a forma de probabilidade ou eventualidade fôra indicado com antecipação bastante, para evitar que em Pádua houvessem de se preocupar com alojamentos para mim e minha espôsa, que me acompanharia. O nosso Reitor confirmava, porém, que eu não deixaria de ir pessoalmente, ainda que depois de findos os festejos, cumprimentar aquela Universidade e levar-lhe a saüdação e as felicitações da universidade coimbrã. E ficara assente entre nós que, para isso,

eu seria portador de uma mensagem redigida em latim e assinada pelo Senhor Reitor, a qual eu entregaria em Pádua.

À minha saída para o Pôrto ainda esta mensagem não me pudera ser entregue. Mas o Ex.mo Reitor combinou comigo que logo que ela estivesse redigida e pronta ma faria remeter para o Pôrto, para Marselha, para Génova ou para Pádua, segundo a demora menor ou maior que ainda ela viesse a exigir. Tal documento, seja dito desde já, só pôde vir a ser remetido para Pádua, onde da posta restante eu depois o levantei.

Retirados da minha mala os hábitos académicos e o capelo e a borla, que pela tardança com que ia se me afiguraram inúteis e apenas embaraçosos, e visado no consulado italiano o passaporte em data de 15 (o dia 14 fôra domingo), parti do Pôrto em 17 de Maio.

E, verificada já a impossibilidade de estar em Pádua nos dias da comemoração, achei acêrto fazer a visita das instalações médico-legais do sul da França, aproveitando o caminho para a Itália. Chegado a êste país em 27 de Maio, entendi mais prudente não ir directamente a Pádua, na incerteza de já lá encontrar a mensagem, mas antes descer a península até Nápoles e subi-la depois, com a convicção de, com grande probabilidade, vir a encontrar, já então, à minha chegada a Pádua a mensagem da nossa Universidade para a da cidade de Antenor. Os factos vieram a confirmar o cabimento das minhas previsões. E, no dia 21 de Junho, em Pádua levantei da posta restante a dita mensagem que, a julgar pelos carimbos do correio, ali chegara em data de 7, tendo saído de Coimbra em 2 do mesmo mês.

A Universidade de Pádua classifica-se, quanto à data da sua fundação, entre as mais antigas Universidades europeias, conforme a seguinte ordenação, salvo êrro:

Universidade de Bolonha, fundada em 1100 (alguns dizem-na muito anterior e já existente no século v).

Universidade de Paris, fundada em 1150.

Universidade de Montpellier, fundada em 1181 (outros dizem em 1189).

Universidade de Oxford, fundada em fins do século XII.

Universidade de Vicencia, fundada em 1204 (fechada em 1210).

Universidade de Salamanca, fundada nos primeiros anos do século XIII (escolas eclesiásticas anteriormente já a 1179).

Universidade de Pádua, fundada em 1222.

Universidade de Tolosa, fundada em 1230 (outros dizem em 1223).

Universidade de Coimbra (Lisboa), fundada em 1290.

Universidade de Grenoble, fundada em 1339.

Universidade de Pavia, fundada em 1361 (escola de Direito desde o século x).

Atendendo a que foi em Maio que, na cidade onde tanto se venera e jaz o nosso Santo António de Lisboa, se comemorou o 7.º século decorrido sôbre a fundação da sua Universidade, e a que é do 1.º de Março de 1290 que data a criação por D. Dinís da velha Universidade portuguesa (segundo as competentes investigações feitas e conclusões tiradas pelo douto e eminente Prof. Dr. Ribeiro de Vasconceloz), vê-se que aquela Universidade italiana conta cêrca de 67 anos e 10 meses de idade a mais do que a nossa.

Mas se o ano de 1222, coincidindo com o da emigração de Bolonha de numerosa colecção de estudiosos descontentes, é a data oficial da fundação, pelo Bispo Giordano, dos Estudos Patavinos, há quem diga que a muito antes remontam as verdadeiras origens dêstes e que precisamente às já existentes escolas da cidade, embora sem títulos rigorosamente legais, mas com mestres de elevado e merecido renome, é que se deve ter sido Pádua eleita entre quaisquer outras cidades para fixação e nova residência de estudo dos escolares bolonheses. Deixando de lado, regeitada, a afirmação, por alguns posta, de a Carlos Magno ou pelo menos a Lotário 1.º poder ter cabido a iniciativa da sua criação, já que nenhum documento se encontrou ainda que justificasse tão remota origem, sempre fica a aparecer certo que entre os anos de 1000 e de 1222 é de apontar a assistência em Pádua de pessoas várias revestidas de títulos académicos, que se presume haverem sido adquiridos ali em escola já existente. Tal opinião fundamenta-se com documentos, como um de 1165 do qual se depreende que Martino Gosia, conspícuo legista que deixara o ensino de Bolonha por discrepâncias e desavenças com colegas, abriu e manteve escola na cidade de Pádua. Antes mesmo da vinda dos emigrados de Bolonha, o encerramento da Universidade de Vicência deu lugar a um maior incremento da vida escolar de Pádua; porém, o impulso que esta tomou com a chegada daquele valioso conjunto fê-la entrar num período de franca prosperidade e mereceu que, à falta de data anterior estabelecida com suficiente precisão, se reportasse a tão importante ocorrência a fundação dos Estudos Paduanos.

Nos seus sete séculos de vida, após a data oficial da sua formal fundação, manteve a Universidade de Pádua uma vida cheia de pres-

tígio pela afluência de estudantes aplicados e pela alta fama dos seus doutos mestres.

O perigo corrido em 1228 de ver transferido o Estudo para a cidade de Vercelli que, com maiores honorários e maiores privilégios oferecidos a mestres e alunos, procurava, chamando-os a si, conseguir então o que antes não obtivera à custa de Bolonha — ter uma Universidade sua — não prejudicou senão passageiramente a cidade de Pádua e a sua Universidade, que mais engrandecida foi, em 1238, por obra do imperador Frederico II. As discórdias do povo com o clero, em 1289, com maior perigo a ameaçaram, originando as ordens de Nicolau IV aos mestres e discípulos para abandonarem a cidade; mas, dois anos volvidos, a paz estabelecia-se entre a Igreja e a Comuna sem que chegassem a produzir-se graves danos para os Estudos. A dominação de Veneza também não prejudicou antes em muito favoreceu e deu incremento a estes. Em 1806 o reino de Itália, pouco depois da sua fundação, classificava a Universidade de Pádua a par das de Pavia e de Bolonha e a própria efémera dominação austríaca não deixava, a-pesar-dos vexames que trazia a mestres e discípulos, de impulsionar aquela Universidade, que em 1866, entregue de novo à Itália, entrava definitivamente em condições de poder desenvolver sem entraves a sua benemérita actividade scientífica.

Pensando na sua gloriosa história e no lustre que a Universidade de Pádua ciosamente conserva e sempre generosamente engrandece, com os títulos que os actuais professores contìnuamente acrescentam aos que dos antigos herdaram, senti profundamente não ter podido chegar a tempo das celebrações da comemoração do seu 7.º centenário. Só posso dizer que as cerimónias e funções, a julgar pelo que delas ouvi e li, foram o muito que havia a esperar do saber e da inteligência dos Mestres, da cultura e do espírito dos Alunos, da comovida colaboração da Cidade e da desvelada assistência e do atencioso patrocínio da Nação a um dos mais intensos focos da alta cultura italiana e mundial.

Felizmente que o nosso ilustre colega Dr. António Luís de Morais Sarmento pôde estar presente representando, muito bem e dignamente e na ocasião própria, a nossa também antiga e gloriosa Universidade de Coimbra; e que êste distinto professor poderá testemunhar sôbre o ponto com mais directo e completo conhecimento do que eu.

Chegado a Pádua em 21 de Junho, foi o meu primeiro cuidado procurar e retirar da posta restante a saüdação da nossa Universidade de Coimbra à de Pádua. E tratei desde logo de ir desempenhar-me da comissão de fazer entrega dela. Averigüei que, para

êsse efeito, me deveria dirigir ao Professor Ambrogio Ballini, secretário geral, superintendente nos assuntos referentes ao Centenário; procurei, pois, êste distinto Mestre de Sânscrito na Universidade. Como de momento êle estivesse ausente e se presumisse que devia demorar algumas horas, tratei de ocupar-me visitando o principal estabelecimento universitário.

Só muito depois da sua fundação, conseguiu a Universidade de Pádua, por volta de 1493, um edifício próprio, com a cedência em enfiteuse de uma hospedaria — *o Hospitium Bovis* — assim chamada pela insígnia que exibia — um boi — e da qual já se encontra menção de existência em 1369. E mesmo só depois de, em 1539, ser conseguida pela remissão do foro a perfeita posse do imóvel êste passou a ser convenientemente adaptado, por obras que foram até ao ano de 1601. Antes de possuir êste prédio onde passaram a centralizar-se e a tomar unidade os seus serviços, os Estudos Universitários utilizavam várias casas espalhadas pela cidade e algumas ainda agora existentes, para as leituras dos seus Mestres de carácter oficial e público, pois que para as de natureza privada serviam as habitações dos próprios professores. Hoje não pode também realizar-se tôda a vida académica apenas no edifício o Boi *(Il Bo)*, ainda que sob êste nome se compreendam, com o antigo *Hospitium Bovis*, os prédios a êle adjacentes, adquiridos em 1542, e o palácio Battaglia, anexado em 1813. *Il Bo* fica o edifício principal e central da Universidade, mais especialmente ocupado pelo Direito e pelas Artes; mas fora dêle muitos outros de menor vulto, se bem que de grande importância alguns, como aqueles que pertencem à Faculdade de Medicina e às Sciências, suprem as necessidades de alojamento dos serviços.

A Universidade de Pádua, com dois andares de pouco pé direito sôbre um rés-do-chão onde há lojas de comércio, situada numa rua — *Via dei Servi* — de grande movimento mas de reduzida largura, e afrontada por prédios vizinhos, não tem a magestade de porte, nem o altivo isolamento, nem a situação dominadora em relação à cidade que possui a Universidade de Coimbra. Em todo o caso, é interessante a fachada, na qual sobressai a larga entrada principal, de porta em arco, entre colunas gémeas erectas em alto pedestal, dum e doutro lado, e tendo ao meio, por cima do *fornix*, entre outros dois escudos, o escudo da Itália e o leão alado da República de Veneza.

O interior do edifício prende mais a atenção: Um átrio apresenta escudos, brazões e figurações em pedra de vários escolares paduanos que ascenderam a dignidades universitárias. Um vasto, harmonioso claustro quadrado, com grandes colunas sustentando uma galeria encolunada também e que uns dizem ser obra, de 1552, de Jacobo

Sansovino e outros afirmam antes ser da autoria de Andrea da Valle, faz-me lembrar dos nossos Gerais, que lhes são muito inferiores, porém, em grandiosidade e beleza. Nas paredes do páteo de honra, em baixo, e na galeria há ainda numerosos brazões, bustos e inscrições; entre estas destaca-se, cercada de coroas de flores naturais, fôlhas de palmeira e fitas de seda com côres patrióticas, aquela que diz respeito aos 282 estudantes mortos, na guerra, pela Itália. A sala dos actos grandes — a Aula Magna — com um retrato do Monarca, ao fundo sob um docel, por detrás e acima da cátedra onde conduzem degraus à direita e à esquerda, o tecto com pinturas e as paredes ornadas de bustos e brazões, é ampla e aparatosa, se bem que com um aspecto diferente e menos magestoso do que o da nossa Sala dos Capelos. Agora em via de reconstrução, um campanário com um relógio poderá trazer à lembrança do universitário coimbrão de passagem em Pádua a tôrre do nosso Paço das Escolas, ainda que com ela aquela não tenha parecenças nem no pormenor nem no geral do vulto.

Depois da inspecção feita ao edifício voltei a procurar, e então com resultado útil, o professor Ballini. Em mão própria lhe entreguei a mensagem da nossa Universidade, transmitindo igualmente de viva voz os cumprimentos enviados pelo Senado e pelo Reitor de Coimbra. Manifestei-lhe também o nosso vivo pezar por não me ter sido possível representar a nossa Universidade no decorrer das cerimónias do centenário.

Mas, como dos meus dizeres se depreendesse que eu lamentava não só a minha não presença mas também a impossibilidade do outro professor, Dr. António Luís de Morais Sarmento, ter comparecido então, por não ter sido alcançado pelo convite do nosso Reitor que a êste fôra devolvido de Berlim, onde aquele professor estivera, notei que um colaborador do ilustre professor Ballini, que de entrada mostrara supor ser eu o Dr. Morais Sarmento, passou a folhear activamente registos e rebuscar em papéis. E o resultado dessas pesquizas veio a ser que eu fui surpreendido com a agradável notícia de que o Dr. Morais Sarmento havia estado presente e representado a nossa Universidade nas festas do centenário da Universidade Paduana, que lhe conferira a láurea académica. Precisamente por isso se fundara a suposição de que eu seria aquele meu distinto colega que ali voltasse e seguidamente a admiração dos que me ouviam lamentar não só a minha ausência como também a de quem comparecera, muito felizmente, fazendo com que a nossa representação, além de muito competentemente exercida, o tivesse sido de um modo muito mais efectivo e pontual do que eu podia supor.

Expressa a minha satisfação por tal facto e desenvolvida a expli-

cação do êrro em que eu laborava, renovou o sr. professor Ballini os protestos do contentamento com que recebia a saüdação da nossa Universidade, que haveria de ser inscrita no Livro de Ouro da Universidade de Pádua. Despedi-me seguidamente do ilustre catedrático, de quem tive gratas notícias alguns meses mais tarde, à minha chegada a Coimbra, quando em minha casa encontrei, enviado por seu intermédio, o diploma de Doutor pela Universidade de Pádua, grau com que êste glorioso Estabelecimento se dignou honrar-me, atendendo à minha qualidade de representante da Universidade de Coimbra.

O diploma, escrito em papel pergamineo, tem um enquadramento de gravura em talho doce, uma água forte. Nesta se figuram, em cima, ao meio, as armas da Itália entre ramos de carvalho e de loureiro, separando as duas palavras em grandes letras — UNIVERSITAS PATAVINA —, à altura do lado esquerdo, emblemas das Faculdades de Direito, de Filosofia e Medicina e de Teologia, separados por dois escudos, um com a cruz da República Patavina, outro dos Príncipes de Carrara. Do lado direito, abaixo da inscrição do ano da fundação — MCCXXII — ramos de loureiro e de carvalho, uma vela acesa sôbre um livro aberto e o emblema da República Veneziana. Em baixo, ao meio, nas duas páginas expostas de um livro aberto e olhando-se mùtuamente, os perfis ilustres de Galileu e de Morgagni. O teor do diploma, dentro do enquadramento, é como segue, escrito totalmente em maiúsculas:

VICTORII EMMANVELIS III ITALIAE REGIS
AVSPICIO ET NOMINE

ALOISIVS LVCATELLVS RECTOR MAGNIFICVS ALMAE VNIVERSITATIS STVDII PATAVINI PRINCIPES LEGATIONVM QVAS FERIIS SAECVLARIBVS HVIVS LITTERARVM SEDIS ET AETERNAE DOMVS VNIVERSITATES EXTERARVM GENTIVM GRATVLATVM MISERVNT DE SENATVS SENTENTIA HONORIS CAVSA DOCTORES RENVNTIAVI QVORVM NOMINA SVBSCRIPTA SVNT A.D XVII KAL IVNIAS A MDCCCCXXII AB VNIVERSITATE CONDITA DCCI

FERDINANDO DE ALMEIDA RIBEIRO... CLARISSIMO PROFESSORI ET PRINCIPI LEGATIONIS VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

(a) JOS. SARPI
CANCELLARIVS

Lugar do sêlo impresso no diploma sôbre pele vermelha ali colada

(Sigillum Universitatis Patavinae MCCXXII)

DESCRIPTVM ET RECOGNITVM EX ACTIS SENATVS QVAE ADSERVANTVR PATAVI IN TABVLARIO VNIVERSITATIS.

Para satisfação do pedido que acompanhava o diploma recebido, enviei à Reitoria da Universidade de Pádua, com penhorados agradecimentos, um retrato meu em hábitos académicos e com firma autógrafa.

A agradável surpreza que experimentara ao saber que o meu distinto colega Dr. Morais Sarmento comparecera na comemoração do centenário Paduano permitiu-me supor que aquele professor poderia ter tomado conhecimento e aceitado o convite, feito a êle como a mim pelo nosso Reitor, para representar a Universidade de Coimbra não só no 7.º centenário dos Estudos de Pádua como também no 1.º centenário da descoberta do ilustre Champollion e da fundação da *Societé Asiatique* a comemorar em París no dia 10 e seguintes do mês de Julho. E porque o Dr. Morais Sarmento, assim pela gentileza do trato como pelo esclarecimento do espírito, reúne tôdas as qualidades para bem se desempenhar de tão honrosas missões, fiquei afagando a esperança de que em Paris também êle estaria no tempo competente.

Escrevi, pois, de Pádua, no próprio dia da minha visita à Universidade, ao nosso digno Reitor, formulando a crença na possibilidade de realização de tal facto e pedindo licença para, em tal hipótese, me escusar de comparecer ao centenário da *Societé Asiatique*. Com efeito, o atraso grande que eu sofrera na minha saída de Portugal, por virtude das dificuldades de passaportes e seus vistos, tornava-me muito difícil, senão impossível, chegar a París na ocasião própria, a não ser que eu abandonasse a idea de visitar os estabelecimentos de algumas cidades austríacas e alemãs que me pareciam deverem ser interessantes sob o ponto de vista médico-legal, ou que eu fizesse tais visitas com uma alteração notável da rota normal e um aumento considerável de tempo e de dinheiro. Pedi, pois, ao nosso Reitor se quisesse dignar fazer-me informar, para a posta restante de Viena de Áustria, do que houvesse sôbre o assunto, porque, a menos de indicação expressa de S. Ex.ª em contrário, eu desistiria de precipitar a minha viagem, numa tentativa, provàvelmente infrutuosa, de chegar a Paris antes do dia 10 de Julho.

A carta de resposta com que o Ex.mo Reitor me honrou, datada de 1 de Julho, atingiu Viena de Áustria em 6, quando eu já me encontrava em Praga, e só me chegou às mãos no dia 10 dêsse mês. Nessa carta era eu informado de que o Dr. Morais Sarmento não poderia representar a Universidade no centenário da *Societé Asiatique*, pois que havia mais de um mês que regressara a Coimbra; e

de que no estrangeiro não havia tido o mesmo professor notícia de que dêle se esperava, porquanto apenas, e com surpreza, soubera, ao visitar Pádua por ocasião das festas e ao declinar o seu nome, terem-no ali inscrito como indicado para ser um dos representantes de Coimbra junto da Universidade Paduana.

Na data em que recebi esta comunicação era já manifestamente inútil tentar chegar a Paris durante a comemoração do centenário da prestante e benemérita *Societé Asiatique*. E resolvi conforme informei, por carta enviada no dia seguinte ao nosso Reitor, limitar-me à justificação, feita por escrito, da minha ausência, deixando para mais tarde a apresentação pessoal dos cumprimentos de congratulação e das saüdações da Universidade de Coimbra, de que ia incumbido.

Chegado a Paris em 28 de Julho, procurei dias depois, no n.º 2 da Rua de Lille, encontrar qualquer representante idóneo da *Societé Asiatique*, visto como era aquele o enderêço apontado nos programas e convites como sendo o da instalação do Secretariado Geral da douta Sociedade.

A grande porta do imóvel correspondente ao dito número de polícia encontrava-se fechada. Depois de pertinaz bater, consegui que uma mulherzinha me informasse de que ali não assistia a Sociedade, a-pesar-de ocasionalmente e para o efeito das comemorações do centenário lá se ter instalado. Fui enviado a outra pessoa que me indicou o logar normal e habitual da séde social: na Rua do Sena n.º 12, ao que me disse. Nesta rua, porém, no n.º 12, não me deram notícia da Sociedade, nem tão pouco consegui elucidação em todos os outros números que percorri durante bastante prolongadas pesquizas. Ao fim destas, um tanto impacientado pela ignorância dos vizinhos acêrca de uma Sociedade de tão elevada categoria, voltei à Rua de Lille, procurando ali colher melhores informações, mas não me foi já possível encontrar quem primeiro mas dera. Desisti por êsse dia.

Consultado, depois, um almanaque de endereços, averigüei que a *Societé Asiatique* estava instalada no próprio edifício do Instituto, dando-lhe serventia uma porta das traseiras dêste edifício. Aí fui, pois; mas interrogado um porteiro, habitante com sua família à entrada, êle me elucidou da nenhuma probabilidade de encontrar alguem competente na sede da Sociedade, a não ser ao sábado. Era então uma segunda feira. Voltei, pois, naquele dia de eleição. Mas, a-pesar-de tentativas que fiz por duas vezes, subindo ao patamar do 2.º andar do prédio, servido ali por uma velha escada estreita, e batendo fortemente e repetidamente numa pequena porta pintada de castanho avermelhado, onde, a tinta branca, se lia a inscrição *Societé Asiatique*, não me foi dado desempenhar-me conforme era meu desejo da

missão que ali me levava. Tive, pois, que me resignar a confiar ao porteiro, com promessa formal de o entregar na primeira oportunidade, um cartão meu em que, renovando as explicações e os pézames referentes ao facto de não me ter sido possível chegar a Paris nos dias do centenário, apresentava à ilustre e benemérita Sociedade as saüdações congratuladas, os protestos de muita consideração e os desejos de continuação de longa vida e florescência de que tinha a honra de ir encarregado pela Universidade de Coimbra e pelo seu Reitor.

Melhor representação merecia em tão importante conjuntura a nossa Universidade. Mas, se tal não foi possível, não se deveu isso apenas a não se dispor para o efeito de mais competente embaixador. Além da falta de mais propícias condições pessoais minhas, convém lembrar que muito preponderantemente concorreram para tão minguado resultado as complicações inúteis e demoradas das nossas formalidades portuguesas referentes a passaportes e seus vistos e à aquisição de valores estrangeiros, além da falta de uma regular e sistematizada assistência prestada pelo Estado e pela Universidade aos professores que saem em viagem, de forma a facilitar-lhes a sua missão.

(Continua). FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO.

The origin and signification of certain variations in the skull [1]

(PHILOSOPHIC RANGE OF MEDICAL ANTHROPOLOGY)

The introduction of the criterion and methods of anthropologic analysis of a medical character into the investigations of pure, philosophic and systematic anthropology gives, it appears to me, a better understanding of the mechanism of the formation of races and the origin of peoples. The establishment of a more rational order in the classification of the various human types also becomes possible.

The methods adopted in the study of human morphology, as carried out in the school of De Giovanni, and more particularly in the endocrinologic clinic (Viola, Pende), allow of the interpretation of certain racial forms, certain characters that may be considered and utilised in ethnic anthropology and in the debates of philosophic anthropology in such a way as to afford an escape from the chaos which the variety of forms and the contradiction of ideas so frequently involves us in. The introduction of the criteria of clinical anthropology and particulary of those adopted in the study of disorders of growth, will serve in great measure to clear up and to explain the problem of the origin of peoples. Keith above all has done this with notable brilliance in his address upon the *Differentiation of Humanity into Racial Types* (*Revue Générale des Sciences*, for November, 1919). And the theory of the morphologic infantility of inferior races, of Giuffrida-Ruggeri, is also a good example of the application of medical morphology to the interpretation of the ethnical characteristics

---

[1] Tradução do trabalho apresentado e lido na secção de Biologia médica do Congresso Luso-Espanhol, realisado em 1921, no Pôrto, pelo Prof. Dr. Henrique de Vilhena, da Faculdade de Medicina de Lisboa, e Director do seu Instituto de Anatomia. A tradução foi feita por M.r Bentley, professor de inglês, hoje na Faculdade de Letras do Pôrto, e foi revista por Sir A. Keith, Professor e Conservador do Museu do *Royal College of Surgeons*, de Londres.

(Vd. for example Giuffrida-Ruggeri: *I crani egiziani antichi e arabi-egiziani*, etc., in *Atti della Soc. Romana di Antropologia*, Vol. xv, pag. 1).

Without leaving the field of Portuguese craniology, I hope to be able to present a series of facts, which will demonstrate the application of the medical criteria to the examination of certain racial characteristics, their interpretation and their origin.

In the population of this country, more especially in Minho, there has been noted the existence of a *nordic type*, a tall, fair, dolichomorphic, harmonic, hyperleptorrhinic type (*Nothantropus eurafricanus nordicus*, Var. of Sergi). Representing the skull of this type we may take the specimen which I separated in the Collection of Ferraz de Macedo of our Museum, and which I studied and wrote upon in the note *Un crane nordique*, published in the *Buletin de la Societé portugaise de sciences naturelles* (1908).

Dolichomorphic, harmonic, hyperleptorrhinic is also a skull, a type of our Portuguese series, which in my opinion represents an ethnic type characteristic of the Alentejo (Vd. *La capacité du crâne et la composition ethnique du peuple portugais* in the *Buletin et Mémoires de la Soc. d'Antropologie de Paris*, and *Sur quelques crânes de L'Alentejo et de L'Algarve* and *Mésaticéphales du sud du Portugal*, in the *Buletin de la Societé Portugaise des Sciences Naturelles*) and whose formation or appearance I attributed to the influence of a semitic type, a type that much resembles it from its hyperleptorrhinic character. In the height and form of the orbits this Portuguese form resembles the nordic type, but the latter is widely separated by its small size and grace, as well as by its small and retreating jaws. *One would say that the former is the acromegalic form of the latter.* Especially notable is the great size of the face bones, the great capacity of the skull, the prognathism of the forehead and the clear existence of hypertrophy, with a high and sloping front, from the alveolar rim of the jaw, a most important sign of acromegalic dysostose which some term the jaw *sign of Keith* [1]. (Vd. fg. 1).

While looking in our series of skulls from Estremadura for types craniologically representative of that type habitually described by me

---

[1] René Larger: *Théorie de la Contre-évolution.*

as one of the oldest and most fundamental ethnic types, the type to which I have given the name of dolichocephalic disharmonic Transmontanean, of which I wrote but recently in a work which I sent to the First Transmontanean Regional Congress (Vd. *Portugal Comercial e Industrial*, November and December, 1920) that I found in it three very important craniometric characteristics: low cephalic index (pronounced dolichocephalic character), low capacity (smallness of the skull) and mesorrhinic character, I came upon a dolichocephalic skull (67,77), elatocephalic, mesorrhinic (48,07), which by the descriptive characteristics of its vertical norma and the frank verticalization of the posterior parietal occipital line very closely resembled a brachycephalic skull (86,90) of medium capacity (1556^{cc}) and medium nasal index, almost mesorrhinic (47,36) which I considered to be and described as that of a brachycephalic Mongoloid (*Un crâne mongoloïde*, in the *Buletin de la Soc. Portugaise des Sciences Naturelles*, 1908) and which I continue to hold to be an example of a variety of ours of the *Heoanthropus Eurasicus of Sergi*.

This surprize led me to conjecture that probably dolichomorphic and brachymorphic are sometimes no more than simple variations observed in individuals of the same origin, having no relation whatsoever with race crossings. Dolichomorphic and brachymorphic skulls correspond, as a rule, to dolichomorphic and brachymorphic Kormicos. Dolicomorphs are as a rule longiline microsplancnic, and brachymorphs breviline macrosplancnic. And microsplancnic and macrosplancnic may be interpreted, as Viola and his followers interpret them, the one as a hyper-evolutive form and the other as a hypo-evolutive form of the same race, deformations of the same ethnic type. But recently I had occasion to examine the infant skeletons in the collections of the Istitute of Anatomy of the Lisbon Faculty of Medicine to observe facts that seem to afford foundation for this interpretation. *Upon the General Morphology of the Infantile Skeleton, in the Archivo de Anatomia e Anthropologia* of the Institute of Anatomy of the Lisbon Faculty of Medicine).

This is an interpretation of a medical order to explain the fact still so ill-explained, or still unexplained, of the existence of dolichomorphic and brachymorphic skulls in the most ancient and the most remote of human burial places, as occurs in our country (Vd. Paula e Oliveira: *Notes sur les ossements existants dans le Musée de la Commission des travaux géologiques*).

The existance of flattening behind or rather of the verticalization of the parieto-occipital line in our most ancient prehistoric skulls and the sphenoidal, trapezoidical form of our ancient brachycephals is

marked, and it is not difficult to find resemblances between the byrsoid elongated skull that I have already described and the beloid skull that I have described and set apart under the title of the Transmontanean type, both having parietal bosses, set far back, and deep sunk. It may be said that the one differs from the other more especially in having a greater development in the width of the frontal region, and it was this which, taken together with the greater development and amplification of the sides of the horizontal curve, reduced the orbital and jugal processes and rendered this skull cryptozygous (Vd. fig. 2, 3, and 4).

In the series of skulls from the south of the country to the study of which I have applied myself this year, there are two small skulls (1413 cc, 1317 cc) mesaticephalic (77.53 and 77.27 of the ordin.-ceph. ind.) which notwithstanding that they may be almost confounded as regards the cephalic index, capacity and by reason of the horizontal conformation (Vd. fig. 5, 6 and 7), are widely separated by virtue of important descriptive characteristics and also by the measurements of their fronts (viz. orbitary index 92. 72 and 83.78, weight of the jaw 81 gr. and 77 gr. and bi-goniac diameter 102 and 80) all of which unite to give them a very different physionomy, when examined, for example, from the front and with the jaws properly adjusted. This differenciation may be interpreted as the result of a physiological differenciation occasioned by the differing surroundings and regimens which determined the morphological formation of these two individuals. The morphological theory of Sigaud, of Lion, a theory born of a series of careful anthropological differenciations exclusively medical in their scope, by which the assymetries in conformation and more especially in the development of the different organic apparatus are attributed to an assymetry in the action of the principal exciting elements in the special surroundings of each of them (atmosphere, food, exercise, and social intercourse) helps us to understand these morphological variations in the skulls of the same race. The regions of the skull: the frontal, malar and maxillary, have not the same physiological significance, and their evolution is conditioned by heredity and also by surroundings, according to the different nature of those that operate upon each one of them. Further, this physiological differenciation, which is represented by morphological differences that are very important and very easy to observe and to measure, corresponds to different aptitudes and differing methods of

reaction, with differing physionomies, which together, may in its turn, through the influence which it exerts in the conditions of the natural, sexual and social selections of the individuals, result in alterations in the ethnic composition of the people and of their historic facial characteristics. With changing epochs regimens change, habits change, the criteria of selection change, and there also change those surrounding conditions which regulate the formation of the individual and his action and the conditions of his life in the society. There are historical conditions which favour by means of preference the formation of certain morphological types and which concomitantly secure the social predomination of these types. Historic epochs are bound by the variations that they introduce in the social surroundings to impose the formation and the selection of certain types and to modify, at times, by themselves alone, *in loco*, autochthonicly, without the intervention or penetration of outside elements, the ethnic composition of a population or of a nationality.

The philosophy of history will have much to gain from the contributions of an anthropology directed under the influence of these notions of medical origin with regard to the formation of physiological types and their fixation.

Medical anthropology throws light upon ethnology.

Further, in the series of skulls to the study of which I have dedicated myself this year, I found two skulls, coming from the same province as the others, having belonged to individuals of exactly the same age, that differ very little in their descriptive characteristics and their principal facial measurements, these differences not running to as much as five units, but differing extraordinarily in the measurements of the skull and principally in those of the ordinary cephalic indices (70.46 and 81.08) and vertico-transversal (102.94 and 85.99). In both specimens the capacity ranks very high, but does not greatly differ (1672 cc and 1767 cc) and examination of the horizontal standard induces us to regard both as pentagonoids, the one long the other short (Vd. fig. 8 and 9).

One of the skulls recalls in its lateral and frontal lines the examples of skulls of the sub-variety *Nothanthropus eurafricanus mediterraneus arabicus*, which Sergi illustrates on page 116 of *L'Uomo*, the other being of the type of skull of the cerebral which is depicted on page 153 of the *Morphologie médicale* of Chaillou and Mac-Auliffe, the reproduction of the photograph of an Egyptian skull from the

time of the Ptolemies at present in the Gallery of Anthropology of the Natural History Museum of Paris.

These appear to me to be morphological oscillations of the same type, one having characteristics of the infantile or hypo-evolutive type and the other of the markedly adult hyper-evolutive one. This medical conception, if it may so be called, of the morphological oscillations of the nature of those we have observed, allow of a better comprehension of the dichotomia of the Semitic type to which certain anthropologists have alluded (Ripley, for example, with regard to the Jews and Giuffrida-Ruggeri, in reference to the Egyptians and to the Egyptian-Arabs).

I am certain that the study of the races carried out in accordance with the clinical methods for the anthropological determination of physiological types (Chaillou and Mac-Auliffe) and of their hyper--evolution (Viola and his followers) will throw light upon many ethnical problems that remain as yet obscure and without solution.

It is probable that mankind has evolved as it is conceived that species of other animals have been evolved in the fascinating theory of Professor Daniele Rosa, of Turin. Everywhere the species presents the same evolutionary perspective.

Inorganic or organic surroundings have retarded or accelerated them. In each region, in fact, the conditions of evolution and of the selection of forms, may have been regulated independently of any emigrations and racial crossings.

And, as a corrollary of this conception, it seems to me that this other conclusion may be drawn: nationalities, formations essentially historical, condition to a great extent the surroundings under which races live, regulate their formation and evolution, exercise an important selective influence upon their forms, in such a way that, it may be said, they create autochthonically those physical types which characterize and distinguish them.

These apparenthy rash speculations will be received with respect if the reader accepts the criteria, so elegantly and weightily set forth in the brilliant work, *La Evolucion en la Quimica*, by the illustrious Professor Carracido, of Madrid: «El conocimiento de toda ciencia solo puede llamar-se perfecto cuando se posee desde el doble punto de vista objectivo e subjectivo...» and «aunque creemos observar la realidad en si mismo solo podemos interpretar sus manifestaciones mediante sistemas de ideas que favorecen e amplifican nuestra per-

cepcion intelectual del mismo modo que los médios opticos la vision fisica» [1].

Lisbon, 31st May 1921.

A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA — Ph. L., M. D., F. R. A. I.

Naturalist of the Museu Bocage (Lisbon Faculty of Science)
(Assistant in the Institute of Anatomy Lisbon Faculty of Medecine)

---

[1] «The knowledge of every science may be said to be perfect when we have mastered it under the objective and subjective point of view».

«Though we suppose that we observe reality in itself we cau only interpret its manifestations through systems of ideas that favour and amplify our intelectual perception in the same way as optic means those of physical vision».

LABORATÓRIO DO SERVIÇO DO PROF. FRANCISCO GENTIL (LISBOA)
INSTITUTO DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA (COIMBRA)

Divertículos do tubo digestivo

ESTUDO DE 82 CASOS INÉDITOS

Nos últimos anos os divertículos do tubo digestivo têm sido objecto de numerosas e interessantes investigações de anatómicos, cirurgiões e radiologistas.

Simples curiosidades em tempos que não vão longe e, como tais, estudadas com um fim puramente especulativo, estes divertículos passaram a ter um valor notável ao assinalar-se a sua freqüência, muito maior do que a princípio se supusera, e os acidentes mórbidos, de prognóstico grave, a que podem dar lugar e que impõem intervenções cirúrgicas, muitas vezes acidentadas e difíceis.

A-pesar-da sua extensa bibliografia, o estudo dêstes divertículos representa ainda um trabalho útil, embora não haja a pretensão de resolver os problemas que a cada passo surgem. Indicando-se a sua freqüência chama-se a atenção para a eventualidade da sua existência, a considerar na diagnose diferencial em vários dos mais interessantes capítulos da patologia, e, estudando os seus detalhes anatómicos, fornecem-se elementos para êste diagnóstico, bases para intervenções cirúrgicas criteriosas e subsídios para o estudo das possibilidades patológicas.

Não vimos ainda feito o estudo de conjunto e os trabalhos parcelares abundam para alguns segmentos do tubo digestivo, mas são insignificantes em valor e escassos em número para outros.

Entre nós a bibliografia é pequena e os factos descritos referem-se todos a divertículos de Meckel.

Assim, em 1912 o Prof. Roberto Frias relatou na *Associação dos Médicos do Norte de Portugal* um caso de divertículo com 12 cm. de comprimento, contido no saco de uma hérnia inguinal estrangulada.

Júlio Franchini publicou em 1913 um caso de oclusão intestinal por divertículo de Meckel.

Manuel J. Lourenço, em 1916, refere quatro casos: *a*) diverticulite

com apendicite (Prof. Salasar de Sousa); *b*) divertículo de Meckel com ligeiras lesões inflamatórias; *c*) invaginação e torsão de divertículo, com peritonite (Pais de Vasconcelos); *d*) perfuração de divertículo de Meckel por ulceração tífica (Pais de Vasconcelos).

Em 1919 o Prof. Pires de Lima descreve dois casos de divertículo de Meckel, além de um caso de divertículo umbilical.

O Prof. E. Franco estuda e publica em 1920 dois casos de divertículo de Meckel observados em Itália em soldados dêste país.

Em 1921 o Prof. Pires de Lima publica três novos casos e o Prof. Salasar de Sousa refere-se a três casos de observação pessoal, em que interveiu cirùrgicamente.

No estudo que vamos fazer, de que são excluídos os divertículos do apêndice cecal, descreveremos primeiro os casos observados; faremos em seguida a sua crítica e analizaremos em último lugar a patogenia dêstes divertículos [1].

I

Descrição dos casos estudados

CASO I

Observação pessoal feita no I. M. L. [2].

Silvina C. A., de 22 anos. Falecida em conseqüência de extensa

---

[1] Ao iniciar esta exposição cumpre-me agradecer a quem contribuíu para a execução dêste trabalho: em primeiro lugar aos Professores Francisco Gentil, por me ter proporcionado a sua interessante observação, Azevedo Neves e Henrique Parreira, pela cedência dos casos arquivados nos Institutos de Medicina Legal e de Anatomia Patológica de Lisboa, esta última confirmada mais tarde pelo Prof. E. Franco; aos distintos fotógrafos V. Guerreiro, Dr. Gentil Branco, R. Abreu e Dr. Mário M. Ribeiro, pela sua artística colaboração, proveniente das secções fotográficas dos Institutos de Medicina Legal de Lisboa e de Coimbra e do serviço de agentes físicos do Hospital Escolar de Lisboa.

Quási tôda a parte macroscópica dêste trabalho foi executada no Laboratório da 1.ª Clínica Cirúrgica do Hospital Escolar (Serviço do Prof. Francisco Gentil), em cujo Museu se encontram quási todos os casos de observação pessoal. Todo o estudo histológico foi feito no Instituto de Histologia e Embriologia de Coimbra, onde está arquivada tôda a documentação microscópica.

[2] Abreviaturas empregadas:

I. M. L. — Instituto de Medicina Legal de Lisboa.

I. A. P. — Instituto de Anatomia Patológica de Lisboa.

S. A. H. E. — Serviço de Autópsias do Hospital Escolar.

fractura do crâneo, com rasgadura das meninges, contusão cerebral e grave hemorragia meníngea (Autópsia n.º 5964).

Os folículos da face faríngea da língua são muito volumosos e salientes; o sulco mediano da face superior, bem aparente no têrço posterior e apagado anteriormente. A papila caliciforme do vértice do V lingual é muito mais volumosa do que as restantes que formam o V; a cúpula é pouco excavada e o sulco pouco profundo. O *foramen cecum* fica a 6^{mm} do limite posterior do cálice desta papila e tem a forma de uma fenda transversal, com 7^{mm} de comprimento, à qual corresponde um canal infundibuliforme, dirigido para trás e para baixo. O sulco terminal não existe.

Introduzindo um estilete botonado no *foramen cecum* vê-se que penetra fàcilmente até uma profundidade de 13^{mm} e que, depois de vencer uma certa resistência, penetra ainda mais 5^{mm}.

Cortes transversais, paralelos, feitos na parte posterior da língua, mostram que no fundo da depressão do *foramen cecum* existe um estreito orifício e para baixo uma pequena cavidade alongada no sentido do eixo da primeira. Os mesmos cortes demonstram que não existe qualquer cordão fibroso unindo o fundo desta cavidade e o ôsso hióide.

No cadáver não se observaram outras anomalias congénitas.

CASO II

Est.ª I.

Observação pessoal feita no I. M. L.

Estêvão J., de 60 anos, vítima de atropelamento, de que resultou fractura da base do crâneo, com dilaceração cerebral e meníngea, fractura de quási tôdas as costelas, dos ilíacos e do húmero direito (Autópsia n.º 5981).

Examinando cuidadosamente a abóbada da faringe, vê-se que na linha média, para trás da abertura posterior das fossas nasais, existe um pequeno sulco ântero-posterior, pouco profundo, de bordos pouco salientes que se esbatem para fora e que, entre êste e a abertura da trompa de Eustáquio, há uma depressão alongada no sentido ântero-posterior, com 12^{mm} de comprimento, de bordos mais salientes no seu extremo posterior. A sua profundidade é maior no limite póstero-interno, atenuando-se gradualmente para diante. Sondando a parte mais profunda reconhece-se que um trajecto muito curto se dirige para o plano médio e para cima, batendo a extremidade do estilete na superfície óssea. O tecido circunvizinho tem o aspecto característico da faringe nasal.

CASO III

Fig. 1. Est.ª II.

Peça do I. A. P.

Não há indicação do número de autópsia, ignorando-se, por conseqüência, quaisquer detalhes, além do que é mencionado no rótulo do frasco: «Faringe. Divertículo congénito. Mediastinite purulenta».

A peça, conservada em Kaiserling, abrange a parte inferior da faringe e uma parte do esófago, até à altura da bifurcação da traqueia.

Na parede anterior do esófago, para baixo da abertura da laringe, existe um orifício em triângulo isósceles, cuja base é superior e cujo vértice ocupa na linha média um ponto situado a 10^{mm} do fundo da chanfradura inter-aritnoideia. Os lados dêste triângulo medem 7,7 e 6^{mm}. É a abertura de uma cavidade achatada de diante para trás, cuja largura máxima excede as dimensões de qualquer dêstes lados; dirige-se para baixo, para fora e para a esquerda, entre a parede faríngea e a cartilagem cricoideia e termina em fundo de saco, junto da membrana fibrosa da parede posterior da traqueia, à altura do primeiro arco cartilagíneo; tem 2^{cm} de profundidade. É revestida de mucosa de aspecto idêntico à mucosa faríngea e na sua vizinhança não há vestígios, macroscòpicamente apreciáveis, de processo inflamatório.

CASO IV

Fig. 2. Est.ª II.

Peça do I. A. P.

Sem quaisquer indicações individuais ou de autópsia.

A peça é constituída por um retalho de esófago, sem pontos de referência, pois nada existe da abertura glótica, nem do cardia, nem dos órgãos vizinhos, tendo sido feita a sua dissecção completa, mesmo excessiva em alguns pontos, pois foi destruída parte da camada muscular.

Divertículo de abertura circular, com 12 a 15^{mm} de diâmetro, com parte do seu bordo em goteira e outra parte, a maior, arredondada, de tal modo que o saco se estende mais para êste lado do que para o primeiro, coïncidindo o máximo e o mínimo de declividade do bôrdo com o maior diâmetro mediano do retalho esofágico.

O centro da abertura diverticular fica a 61^{mm} de um dos extremos do retalho e a 86^{mm} do outro.

É revestido de mucosa bem lisa e pela abertura passa a extremidade do dedo anular de um adulto.

CASO V

Fig. 1. Est.ª III.

Peça do I. A. P.

Esta peça compõe-se do esófago, da laringe, da traqueia e de um pequeno segmento dos grossos brônquios, há muito tempo conservados em Kaiserling. As dimensões destas diferentes partes levam a crer que esta peça tivesse sido colhida na autópsia de uma criança ou de adolescente pouco desenvolvido, o que não é possível verificar por falta de elementos de informação.

A 54^{mm} da rímula e a 8^{mm} para a direita da linha média existe uma cavidade, revestida de mucosa de aspecto normal, tão pequena que com dificuldade ali se introduziria um grão de milho. A 12^{mm} para baixo e ligeiramente para fora desta, existe uma outra um pouco maior. Exteriormente não formam qualquer saliência.

Do lado esquerdo, a 7^{mm} da rímula e numa extensão de 38^{mm} encontram-se três cavidades, separadas por intervalos de 4 a 5^{mm}, muito deformadas pela fixação, reconhecendo-se, a-pesar-de tudo, que a sua profundidade é desigual, maior na segunda do que na primeira e maior ainda na terceira do que na segunda. Encostam-se às extremidades posteriores dos arcos traqueais e à origem do grosso brônquio direito. Os anéis traqueais são flexíveis e de aspecto fibroso. Na vizinhança não existem gânglios, nem vestígios de processo inflamatório recente ou antigo.

CASO VI

Fig. 2. Est.ª III.

Peça do I. A. P.

José G. dos S., de 40–45 anos. No relatório da autópsia (N.º 929) são indicadas como lesões principais: Endocardite úlcero-verrugosa das válvulas aórticas, com estenose e insuficiência do orifício aórtico e hipertrofia excêntrica do ventrículo esquerdo. Nefrite intersticial, crónica, bilateral.

A peça, que há muito tempo está conservada em Kaiserling, é constituída por parte do esófago, muito distendido durante a fixação. No protocolo lê-se que os divertículos estão na parede anterior do esófago, a 14^{cm} acima do cardía, único elemento de que dispomos para estabelecer a orientação da peça.

A 13^{cm} da extremidade inferior, que deve corresponder a um ponto muito vizinho do cardía, existe um divertículo com cêrca de 4^{mm}

de diâmetro e 5mm de profundidade; a sua cavidade está dirigida para cima, de modo que o bôrdo que corresponde à semi-circunferência superior é bem desenhado, ao passo que àquele, que representa a semi-circunferência inferior, corresponde uma goteira.

A 8mm para cima dêste divertículo fica um outro, com a mesma forma e dimensões, mas de orientação oposta, isto é, dirigida para baixo, o que leva à suposição de que um continue o outro, o que se não verifica pela sondagem, nem pelo exame directo.

Na face externa do esófago nada existe de suspeito de inflamatório; do relatório consta que, em relação com os divertículos, havia gânglios antracóticos e moles, não muito adefentes.

CASO VII

Fig. 1. Est.ª IV.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

José, de 19 anos. Falecido em caquexia tuberculosa, por lesões úlcero-caseosas pulmonares, intestinais, renais, ureterais, vesicais e miliares pleuro-peritoneais.

Na parede anterior do esófago existem três divertículos:

a) A 85mm da rímula e a 5mm para a direita da linha média fica o divertículo superior; tem a forma de uma excavação em dedo de luva, dirigida para baixo, de modo que a semicircunferência superior da sua abertura é imprecisa, ao passo que a inferior forma gume de concavidade superior; o maior diâmetro é de 13mm e a máxima profundidade de 5mm. É revestida de mucosa de aspecto normal; exteriormente faz-se com facilidade a dissociação dos tecidos vizinhos. Não existem gânglios linfáticos tumefeitos ou esclerosados, nem tecido residual de processo inflamatório antigo.

b) Na linha média e a 13,7cm da chanfradura inter-aritnoideia, existe um outro divertículo em dedo de luva, dirigido para cima, de modo que o bôrdo mais nítido é o superior; ao inferior corresponde uma goteira, dirigida para baixo e para a esquerda. Tem 3mm de profundidade e um revestimento contínuo de mucosa inteiramente idêntica à do resto do esófago.

c) O divertículo inferior é contíguo ao médio e com igual orientação, sendo, porém, mais largo e mais profundo (7mm); o bôrdo superior é mais acentuado do que o inferior.

Os gânglios linfáticos contíguos a êste segmento do esófago são muito pequenos, apresentando um dêles lesões caseosas.

Os divertículos médio e inferior correspondem ao espaço inter-brônquico: assim, se do lado da traqueia espetarmos um alfinete à

altura do esporão traqueal, êste vai sair 2^{cm} acima do bôrdo superior do divertículo médio.

Na parede do brônquio esquerdo existem três pequenos divertículos; o superior está separado do fundo do divertículo médio do esófago por uma delicada membrana.

Não há modificação apreciável do calibre do esófago.

O estudo histológico do divertículo inferior revela no tecido celular péri-esofágico lesões bacilares, miliares, típicas, que se encontram igualmente na parede do divertículo médio. Cortes feitos em um fragmento tirado do fundo do divertículo superior não mostram lesões inflamatórias.

CASO VIII

Fig. 2. Est.ª IV.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Joana da C., de 20 anos. Autópsia n.º 92.

Diagnóstico anátomo-patológico. Caquexia. Edema meníngeo e encefálico. Peritonite crónica, fibro-adesiva, peri-esplénica e peri-hepática. Ptose do cego e do cólon transverso. Tuberculose caseosa da suprarrenal esquerda; atrofia da suprarrenal direita. Tuberculose caseosa dos gânglios do hilo esplénico e da pequena curvatura gástrica. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial esquerda e aguda, sêca, tuberculosa, direita. Tuberculose pulmonar crónica, cavitária, bilateral. Tuberculose caseosa dos gânglios peri-brônquicos e alguns peri-esofágicos. Átero-esclerose aórtica.

Na face anterior do esófago, a 126^{mm} da chanfradura inter-aritnoideia e à direita da linha média, existe um divertículo cuja cavidade é dirigida para cima e para fora, sendo dos seus contornos o superior e direito cortante e o inferior e esquerdo em goteira.

Êste divertículo tem 6^{mm} de maior diâmetro e a sua profundidade, medida até ao bôrdo superior, é de 8^{mm}; é revestido de mucosa de aspecto normal.

O esófago não apresenta modificação apreciável de calibre.

Êste divertículo corresponde à bifurcação da traqueia e fica mais próximo do brônquio direito do que do brônquio esquerdo, encostando-se a sua saliência exterior à parede interna do brônquio, sendo fácil a sua separação.

Aderente ao fundo não há qualquer gânglio alterado.

CASO IX

Est.ª V.

Observação pessoal feita no I. M. L.

José F., de 60 anos. Autópsia n.º 5795.

Diagnóstico anátomo-patológico: Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bi-lateral. Bronquite crónica, purulenta. Peritonite crónica, fibro-adesiva, peri-hepática e peri-esplénica. Nefrite crónica, bilateral. Esclerose aórtica.

Na linha média da face anterior do esófago, a 20^{mm} do cárdia, existem dois divertículos sobrepostos: O superior tem a abertura com 4^{mm} de diâmetro; é infundibuliforme; tem cêrca de 4^{mm} de profundidade. O inferior é mais largo (abertura com cêrca de 6^{mm} de diâmetro) e tem cêrca de 7^{mm} de profundidade; na sua abertura existem duas pregas muito transparentes, cujos bordos, dispostos oblìquamente em relação ao eixo do esófago, formam entre si um ângulo agudo de abertura inferior e esquerda. Um e outro são revestidos de mucosa de aspecto normal.

Não correspondem à bifurcação da traqueia; assim, se no fundo do divertículo inferior espetarmos um alfinete, a ponta vai sair a 42^{mm} para baixo do esporão traqueal e na sua vertical.

Dissecando a parede esofágica vê-se que estes divertículos fazem uma ligeira saliência exterior; que na sua parede entram tôdas as camadas constituintes do esófago e ainda que entre os divertículos existe um pequeníssimo gânglio linfático negro, sem lesões de vizinhança ou próprias que indiquem um processo tuberculoso actual ou de esclerose.

Não há modificação apreciável do calibre do esófago.

No mesmo cadáver existia uma disposição anómala congénita dos epiploónes.

CASO X

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Luís Alberto, de 23 anos. Autópsia n.º 434.

Diagnóstico anátomo patológico: Caquexia. Trajecto fistuloso em cicatriz de resecção parcial, antiga, da 5.ª costela direita. Abcesso do lóbo occipital direito. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial à esquerda, purulenta à direita. Abcesso superficial do lóbo pulmonar superior direito; atelectásia do mesmo pulmão. Edema do pulmão esquerdo. Fleimão supurado do diafragma. Abcesso do lóbo direito

do fígado. Peri-hepatite crónica, fibro-adesiva. Hidro-peritoneu. Nefrite sub-aguda, bilateral. Aplásia aórtica. Trombose supurada da veia cava inferior.

No têrço inferior da face anterior do esófago existe uma depressão infundibuliforme, dirigida de cima para baixo, muito oblíqua em relação à superfície mucosa, pouco profunda. Não há lesões apreciáveis na mucosa esofágica.

A separação do esófago e da traqueia faz-se com extrêma facilidade, graças ao tecido conjuntivo que os une, mesmo ao nível do divertículo, tecido que é muito laxo e sem gordura apreciável macroscòpicamente. O divertículo não faz saliência exterior e não tem gânglios linfáticos na sua vizinhança. Fazendo atravessar o fundo da cavidade diverticular por um alfinete, a sua ponta vai sair na traqueia, a 2,5^{cm} para cima do bôrdo do esporão traqueal.

Os gânglios linfáticos inter-tráqueo brônquicos são muito volumosos, moles, suculentos, de aspecto e consistência uniformes, de côr negra. Os direitos são mais volumosos do que os esquerdos.

No mesmo indivíduo existia um divertículo de Meckel.

CASO XI

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Luís da S., de 53 anos. Autópsia n.º 430.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Carcinoma ulcerado do esófago com estenose e com intensa reacção esclerosante peri-neoplásica, que atinge o vértice do pulmão direito. Esclerose calcificante das coronárias; atrofia castanha do miocárdio; endocardite crónica, calcificante, valvular, aórtica. Cianose hepática. Esclerose parcial das papilas do rim esquerdo. Exostoses dos corpos vertebrais.

A 2^{cm} do bôrdo duodenal do anel pilórico, do lado da pequena curvatura, existe uma excavação com abertura de 0,8^{cm} de diâmetro, pouco profunda, na qual só com dificuldade se poderia alojar um grão de milho. É revestida de mucosa lisa em tôda a sua extensão, continuando a mucosa da cavidade gástrica, mais lisa na vizinhança dêste divertículo.

Pelo grau de resistência que se encontra na sondagem com um estilete, pode-se supor que esta cavidade interessa a camada muscular ou é envolvida por tecido de esclerose. Exteriormente existe um ligeiro relêvo, que não despertaria a atenção, se esta não fôsse guiada pelo exame interior. Não há aderências, nem gânglios tumefactos na sua vizinhança.

Na mucosa gástrica não há vestígios de cicatrizes de processo ulceroso; o orifício pilórico tem cêrca de 3cm de diâmetro; a conformação geral do estômago não está modificada.

Microscòpicamente reconhece-se que a mucosa da cavidade diverticular é menos espêssa, o tecido submucoso pouco abundante, infiltrado de linfocitos e sem sinais de esclerose e que as fibras musculares da camada circular se afastam para dar passagem ao fundo de saco, que fica em contacto com a camada de fibras longitudinais, com interposição de delgada camada de tecido conjuntivo submucoso.

CASO XII

Est.ª VI.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Luísa M. T., de 62 anos. Autópsia n.º 279.

Diagnóstico anátomo-patológico: Abcesso de fixação na face externa da coxa esquerda, aberto e com penso. Cicatriz de laparotomia mediana supra-umbilical. Estenose do orifício pilórico. Gastro-enterostomia trans-mesocólica posterior. Ligeira nefrite crónica bilateral. Quisto seroso pediculado da trompa esquerda. Enfisema agudo do pulmão direito. Bronquite purulenta esquerda; grande foco de gangrena do vértice esquerdo. Atrofia castanha do miocárdio. Esclerose aórtica e do espaço mitro-aórtico.

O estômago era muito alongado e de pequena capacidade. A grande curvatura, correspondendo a cêrca de 3/4 de uma circunferência, rectificada mede 53,5cm e a pequena, igualmente muito apertada, 21cm. A grande tuberosidade é sacciforme, estreita, muito alongada transversalmente, com 22cm de perímetro máximo, medido perpendicularmente ao eixo do estômago; o corpo é estreito, com 13cm de perímetro.

A anastomose gastro-entérica está situada na parede posterior a 11cm do suposto piloro.

Na região pilórica vê-se uma dilatação sacciforme, com relêvo particularmente nítido na grande curvatura, onde é limitada por dois largos e profundos recortes; tem cêrca de 8,2cm de perímetro e 1,5cm de altura.

A grande tuberosidade tem parede muito delgada e a mucosa é lisa. Na parte média do estômago até à anastomose a parede é muito espessa e a mucosa forma extensas e grossas pregas longitudinais, que se atenuam pouco a pouco para a região do cardia. Para a esquerda da anastomose a parede é também espêssa, mas

a mucosa é inteiramente lisa e sem vestígios de processo cicatricial.

Aos recortes que limitam o pequeno saco pilórico correspondem anéis de constrição que pela palpação se reconhecem duros, de consistência fibrosa; o anel superior rectificado tem 2,5^{cm} e o inferior 5,5^{cm}; entre o primeiro e o limite superior do saco há uma distância de 2,5^{cm}. A parede desta dilatação sacciforme é delgada, revestida de mucosa lisa, de aspecto normal; nela cabe sem dificuldade a extremidade do polegar de um adulto, mas não a extremidade de dois dedos reünidos.

Na parede inferior do suposto canal pilórico há outra bôlsa muito mais estreita, com cêrca de 1,5^{cm} de profundidade, que não é apreciável exteriormente, porque é coberta pela cabeça do pâncreas, que parece elevar-se muito ao longo do duodeno; nesta não cabe nem mesmo a extremidade do dedo mínimo.

Tanto pelo exame exterior, como pelo interior, não é possível averiguar qual dos referidos anéis de constrição corresponde ao piloro, elucidação que só o estudo microscópico pôde dar.

Assim, pela enorme espessura dos feixes musculares circulares, pela desaparição das glândulas fúndicas e pilóricas e pelo aparecimento das glândulas de Brünner, reconhece-se que o anel constritor superior é o anel pilórico e o sulco exterior correspondente, o sulco duodeno-pilórico. Tudo o que fica para baixo dêste sulco, e por conseqüência os dois divertículos, pertence ao duodeno.

Em todos os pontos em que foi estudada, a mucosa gástrica apresenta apenas alterações cadavéricas e a mucosa duodenal, além destas, mostra infiltrações linfóides difusas. Nada há que represente um processo ulceroso actual ou antigo da mucosa. O anel constritor inferior é formado por espessamento da camada muscular e em especial dos feixes circulares.

Na grande tuberosidade, assim como na parede dos divertículos, é notável o adelgaçamento das camadas musculares.

Nos vasos arteriais do duodeno há lesões graves de esclerose, com obliteração total ou parcial do seu lumen.

Merece ainda especial menção o considerável espessamento da *muscularis mucosae* em tôda a porção do duodeno estudada, dissociada em lâminas que limitam locas de formas variadas, as maiores das quais contêm glândulas de Brünner.

CASO XIII

Est.ª VII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

António B., de 49 anos. Autópsia n.º 298.

Diagnóstico anátomo-patológico: Peritonite purulenta generalizada por rotura de pequena úlcera pilórica, com derrame parcial do conteúdo gástrico. Periesplenite crónica, fibro-adesiva, parcial. Estenose pilórica. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral.

O estômago tem uma forma estranha, determinada pelo afunilamento da sua metade direita e pelo volume anormal da grande tuberosidade, que é cónica. O piloro é muito apertado (27^{mm} de circunferência rectificada).

No contôrno, vestíbulo e canal pilóricos existem quatro cavidades, duas das quais cavalgam o anel pilórico: Destas a maior é elíptica, medindo os seus eixos 15 e 18^{mm}; os bordos são salientes, duros, arredondados; o fundo é constituído por uma delicada membrana, parcialmente dilacerada. A menor tem abertura circular, com 4^{mm} de diâmetro, 7^{mm} de profundidade e fundo em dedo de luva.

No canal pilórico, muito próximo da primeira que descrevemos, encontra-se outra cavidade, cuja abertura tem aproximadamente a forma de um coração de carta de jogar, muito alongado, sendo de 13^{mm} a distância do vértice à base e de 8^{mm} a maior largura; as dimensões da cavidade são maiores que as da abertura, constituindo-se assim um saco que tem uma profundidade não uniforme, maior do lado da grande curvatura (6^{mm}) do que do lado oposto (3^{mm}).

No vestíbulo há outra cavidade em bôlsa, dirigida para a esquerda, com 7^{mm} de profundidade e de abertura elíptica, cujos eixos são 9 e 7^{mm}.

As três últimas cavidades são revestidas de mucosa que em nada difere da circunvizinha; os seus bordos não são salientes. Exteriormente formam um pequeno relêvo e na sua vizinhança não há aderências, nem lesões aparentes de esclerose.

Feito o estudo histológico, mantém-se a distinção entre estas e a primeira cavidade; nesta, no bôrdo e em tôdas as camadas há lesões de inflamação crónica antiga e infiltração celular de *poussée* aguda muito recente; nas outras apenas a mucosa tem vestígios de inflamação crónica superficial, como de resto tôda a mucosa da região pilórica.

Na constituïção da parede destas últimas cavidades entram tôdas

as túnicas gástricas, havendo apenas a notar a rarefacção da muscular, aliás indemne, como a serosa e a subserosa, de qualquer processo inflamatório.

CASO XIV

Est.ª VIII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Iria de Jesus, de 52 anos. Autópsia n.º 549.

Diagnóstico anátomo-patológico: Laparotomia mediana infra-umbilical muito recente. Colelitíase. Nefrite crónica. Fixação do útero pelo processo de Fergusson. Pleurite crónica, fibro-adesiva, apicular, bilateral. Hipertrofia excêntrica dos ventrículos cardíacos; miocardite crónica, degenerativa; endocardite parietal, mais grave no espaço mitro-aórtico. Muito ligeira esclerose aórtica.

O exame exterior do estômago e do duodeno nada revelou de particular.

Feita a abertura do estômago pela grande curvatura e estendendo a incisão ao longo da face anterior do duodeno, vê-se que no piloro existe uma excavação aproximadamente circular, com 2,5^{cm} de diâmetro, de bôrdo laminiforme em cêrca de 4/5 da sua extensão e achatado, mal definido no 1/5 restante, mais ampla para dentro da abertura e com 1,5^{cm} de profundidade máxima. O bôrdo do anel pilórico prolongado parece dividir a abertura dêste divertículo em duas partes aproximadamente iguais. A superfície interior desta cavidade tem um revestimento liso, inteiramente idêntico àquele que forra a parede circunvizinha. O fundo é em parte reforçado por uma prega epiploica, muito carregada de gordura, que reveste parcialmente a superfície exterior, sendo por si muito delgado, como se reconhece pela parte não protegida pela referida prega.

Tanto no estômago, como no duodeno, não se apreciam lesões inflamatórias, o que é confirmado pelo estudo histológico. Por êste meio vê-se que em tôda a parede diverticular existem as duas camadas da túnica muscular, muito adelgaçadas, aliás, como a submucosa e a mucosa, onde rareiam as glândulas de Brünner.

CASO XV

Est.ª IX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

José Maria O., de 56 anos. Autópsia n.º 27.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Tuberculose pulmonar crónica, ca-

vitária, bilateral. Bronquite crónica, purulenta. Epiploïte crónica, fibrosa, parcial. Esplenite crónica indurativa. Ligeira infiltração gorda do fígado. Apendicite crónica, com *poussée* aguda recente.

Imediatamente para baixo do piloro e sob o rebôrdo dêste, existe uma cavidade alongada paralelamente ao bôrdo pilórico, de contôrno muito bem marcado, com 6 e 9^{mm} de diâmetro. A abertura é mais estreita do que a cavidade; é revestida de mucosa lisa e o saco dirige-se para o lado do estômago. Está situado do lado da pequena curvatura e não faz saliência exterior; a sua parede é igualmente espêssa em todos os seus pontos, mas menos que a do duodeno; na sua vizinhança não são palpáveis gânglios. A sua capacidade é tal que alojaria fàcilmente uma pequena avelã.

A curta distância para baixo existe um pequeno polipo mucoso.

CASO XVI

Est.ª X.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

José S., de 42 anos. Autópsia n.º 65.

Diagnóstico anátomo-patológico: Peri-esplenite e peri-gastrite crónicas, fibro-adesivas. Gastrite crónica ulcerosa. Dois pequenos angiomas cavernosos do fígado. Ligeira esclerose aórtica.

No decurso da autópsia, depois de eliminado o jejuno-ileon e levantado o estômago, de modo a pôr a descoberto o duodeno em tôda a extensão, vimos que entre o estômago e o duodeno existia uma grande dilatação, que ao primeiro exame se não distinguia se pertencia ao primeiro se ao segundo, parecendo que o estômago tinha um estrangulamento, que precedia uma dilatação anormal. Esta grande empôla era hemisférica, medindo o seu perímetro 16^{cm} e o diâmetro 4,8 a 5,2^{cm}. Para o lado da curvatura duodenal a sua superfície continuava-se com a gordura peri-pancreática, onde conseqüentemente os seus limites eram menos acentuados do que no resto do contôrno. A linha de inserção do epiploon gastro-cólico desviava-se para baixo ao atingir o seu limite. O duodeno apresenta-se dilatado, assim como o estômago.

Abertos o estômago e o duodeno, verificámos que o divertículo ficava na face anterior do duodeno, imediatamente para baixo do anel pilórico, cujo bôrdo inferior forma uma grande parte do contôrno superior da abertura, que é nítido, cortante, assim como o inferior, ao passo que os laterais são mal marcados. Do seu limite inferior à empôla de Vater medeia uma distância de 5,2^{cm},

Os diâmetros da abertura são menores que os da cavidade; o diâmetro paralelo ao eixo do duodeno tem 3,3^{cm} de comprimento.

Depois de fixação da peça e sua conservação em Kaiserling, êste divertículo tem cêrca de 40^{cc} de capacidade.

A parede tem espessura aproximadamente igual à do duodeno e muito menor que a do estômago; a mucosa de revestimento é lisa. Não tem relações com o tecido pancreático.

Pelo estudo histológico reconhecemos que na parede entram tôdas as camadas constituintes do duodeno, mas adelgaçadas.

Existia anomalia de conformação do rim direito.

CASO XVII

Fig. 1. Est.ª XI.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Joaquim da C. D., de 18 anos. Autópsia n.º 154.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Pleurite aguda sero-fibrinosa esquerda com grande derrame; pleurite caseosa direita. Tuberculose pulmonar crónica à direita, aguda miliar à esquerda. Tuberculose caseosa dos gânglios linfáticos mediastínicos. Ascite sero-fibrinosa. Hiperplasia crónica da pôlpa vermelha esplénica. Nefrite aguda, bilateral.

Ao fazer o exame exterior do estômago e do duodeno a nossa atenção foi despertada por uma interessante disposição anormal: A porção pilórica do estômago continuava-se, sem limite marcado, com o duodeno e, se não fôra o limite superior da cabeça do pâncreas, nós diríamos que o estômago se prolongava ainda para baixo. A esta altura o duodeno tinha um perímetro de 11,5^{cm}. Examinando a face do duodeno oposta ao pâncreas vimos que existia ali uma grande dilatação, cujos limites só eram bem marcados inferiormente, e que se estendia um pouco mais para a face posterior do que na anterior; a circunferência da sua base de implantação era igual à do duodeno; tinha cêrca de 4,3^{cm} de altura e era um pouco inclinada para baixo.

Examinando cuidadosamente a face posterior do duodeno e do piloro vimos que entre esta grande bôlsa e o pâncreas existia uma outra, muito mais pequena, cujo contôrno era mal marcado.

Pela palpação nota-se que as paredes são muito mais delgadas que as do duodeno.

O exame interior, depois da abertura do estômago e do duodeno, completa e rectifica as noções que o simples exame exterior fornecia:

O anel pilórico é bem distinto pelo seu relêvo, especialmente acentuado na semicircunferência anterior, e pela sua consistência; na zona

da grande curvatura forma uma verdadeira crista em crescente, de grande diâmetro (cêrca de 31^{mm}) deixando passar fàcilmente os dedos indicador e médio reünidos de um adulto.

Vemos assim que o limite inferior do estômago fica mais acima do que o exame exterior levava a crer.

A empôla de Vater é bem saliente e ao seu nível a circunferência rectificada do duodeno mede 8^{cm}.

A 11^{cm} para cima da empôla de Vater existe um anel formado por uma prega, especialmente saliente na semicircunferência esquerda, anel cujo perímetro interior rectificado tem 5,8^{cm}; a mucosa vizinha é lisa, com pregas, móvel sôbre o plano subjacente.

Em cima o esfíncter pilórico e em baixo êste anel, limitam um segmento de duodeno, com cêrca de 4^{cm} de altura, onde existem as dilatações sacciformes acima descritas no exame exterior. A mucosa de revestimento é lisa, sem pregas.

O limite da base de implantação do saco maior marca-se muito mais fàcilmente pelo lado exterior do que pelo lado interior; o contrário sucede com o menor, porque à volta da abertura dêste a mucosa é espessada.

A cavidade maior tem 30^{cc} de capacidade.

Nem uma nem outra têm relações com o pâncreas apreciáveis macroscòpicamente.

O estudo histológico dá-nos importantes detalhes. À zona de espessamento limitante da cavidade menor corresponde uma infiltração intensa, mas irregular de elementos linfóides, que não atinge a túnica muscular. Nas paredes dos divertículos existem tôdas as camadas constituïntes do duodeno, mas de menor espessura que a habitual e sem vestígios de processo inflamatório.

Um corte feito perpendicularmente à prega duodenal mostra que a mucosa é bem desenvolvida e completa, assim como a submucosa; a camada muscular interna é uniforme em tôda a sua extensão, excepto no ponto correspondente ao vértice da crista, onde tem um notável espessamento em forma de triângulo de base externa, constituindo um verdadeiro esfíncter; a camada muscular externa adelgaça-se à medida que se aproxima dêste vértice e por fim desaparece por completo; nesta altura, imediatamente para fora da camada de fibras circulares, encontra-se tecido pancreático que acompanha a crista contribuindo para formar a sua saliência em parte do contôrno.

CASO XVIII

Fig. 2. Est.ª XI.

OBSERVAÇÃO FEITA NO S. A. H. E.

Francisco R., de 67 anos. Autópsia n.º 438.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Costura operatória muito recente de laparotomia mediana, epigástrica e umbilical. Pequena ascite. Peri-hepatite crónica, fibro-adesiva muito extensa. Dois quistos hidáticos do fígado, um dêles em supuração. Neoplasia primitiva do fígado (carcinoma). Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Nódulos de hepatização vermelha no pulmão direito. Meso-aortite crónica.

Na parede posterior do duodeno, imediatamente para baixo do piloro existe uma depressão com cêrca de 1^{cm} de profundidade, para a qual convergem pregas da mucosa circunvizinha, que tornam o contôrno pouco nítido.

Esta excavação aloja com facilidade a extremidade da falangeta do dedo mínimo. O fundo dirige-se um pouco obliquamente para o lado do estômago.

O orifício pilórico é apertado, sendo difícil, se não impossível, fazer passar o indicador.

Exteriormente apenas se nota ligeiro relêvo; não há aderências, nem tecido de esclerose.

Nem na parede, nem na mucosa duodeno-gástrica vizinha se observam vestígios de processo inflamatório.

No coração existia uma anomalia congénita do septo interventricular.

CASO XIX

Fig. 1. Est.ª XII.

PEÇA DO I. A. P.

Rosária das N., de 69 anos. Autópsia n.º 2182.

Diagnóstico anátomo-patológico: Intensa esteatose hepática. Nefrite intersticial, crónica, bilateral. Pneumonia crónica do lóbo inferior do pulmão esquerdo; atelectasia do lóbo superior do mesmo pulmão. Degenerescência gorda do miocárdio. Árterio-esclerose.

A peça compõe-se de parte do duodeno e de parte da região pilórica do estômago, fixada numa defeituosa posição por excessivo repuxamento.

No bôrdo côncavo do duodeno, a cêrca de 8,5^{cm} do anel pilórico, existe uma abertura diverticular de forma elíptica, cujos eixos têm 29

e 21mm, limitada por um verdadeiro anel fibroso. O divertículo tem as dimensões de uma noz; tem 3,5cm de profundidade e 4,5cm de maior largura; está alojado na cabeça do pâncreas.

Para cima e para a direita dêste divertículo, do lado do piloro, existe um outro, cuja abertura, sem anel fibroso, é ovalar, medindo os seus diâmetros 15 e 21mm. A cavidade diverticular é muito ampla, hemisférica, com 23mm de diâmetro, fazendo grande saliência na face posterior do duodeno, sem relações com o pâncreas.

A parede é muito mais delgada do que a do duodeno e em vários pontos transparente.

CASO XX

Fig. 1. Est.ª XII.

Peça do I. A. P.

Não há elementos relativos à autópsia. Trata-se de uma peça antiga, que abrange o duodeno e parte da região pilórica do estômago.

No exame exterior vê-se que no bôrdo convexo do duodeno, a cêrca de 9cm do piloro, existe uma dilatação empolar com o volume da cabeça do dedo médio de um adulto e no limite superior desta, uma outra mais pequena. A abertura desta última tem 11mm de diâmetro e de profundidade 15mm, nela cabendo com dificuldade a extremidade do dedo mínimo. Em ambas a parede é perfeitamente lisa, tanto na superfície exterior, onde não há aderências, como na interior, onde não há pregas mucosas. O fundo é mais adelgaçado na cavidade menor, 2mm abaixo da maior existe outra de fundo igualmente liso e menos profunda que ela.

A empôla de Vater fica um pouco para trás desta última.

Os bordos de tôdas as cavidades são muito mal marcados interiormente, não só porque as válvulas coniventes em parte os ocultam, mas também pelo excessivo repuxamento da peça na ocasião da fixação.

Não estão em relação com o pâncreas.

CASO XXI

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

António da P., de 19 anos. Autópsia n.º 505.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Ascite. Peritonite crónica, fibro-adesiva, com aderências dispersas. Hiperplásia aguda da pôlpa vermelha esplénica. Hepatite intersticial, crónica, cirrosa,

com notável atrofia. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Atrofia castanha do miocárdio.

Na face convexa do jejuno, a 6^{cm} da terminação do duodeno, existia um divertículo semi-esférico, com as dimensões de um grão de milho, distendido por gazes, de limite muito nítido. Interiormente via-se uma pequena abertura, para fora da qual se alargava a cavidade diverticular.

Em tôda a superfície do jejuno-ileon não havia ulcerações nem cicatrizes apreciáveis de processo ulceroso antigo.

Estudando êste divertículo por cortes transversais em série, que o interessem em tôda a extensão e, pondo de parte as lesões cadavéricas, constatam-se factos merecedores de registo.

Tôda a cavidade é revestida de mucosa, com anfractuosidades (verdadeiros divertículos mucosos) e vilosidades curtas e afastadas umas das outras na cavidade principal; as válvulas coniventes detêm-se no contôrno da abertura.

Na mucosa não há folículos fechados, nem mesmo na circunvizinhança da abertura. Numa certa extensão do bôrdo superior e de um dos bordos laterais, na parte superior do fundo e no outro bôrdo lateral em tôda a sua altura há glândulas de Brünner, isoladas ou em pequenos grupos achatados; outras se encontram na base das válvulas coniventes vizinhas. Maciços volumosos das mesmas glândulas se vêem também na submucosa, em pequena extensão do bôrdo em que predominam.

A *muscularis mucosae* é espessada, especialmente na parte média do fundo.

As modificações da túnica muscular têm um particular interêsse. Caminhando de cima para baixo vê-se que na camada de fibras longitudinais há uma interrução que ultrapassa o limite inferior do divertículo, interrução que tem o máximo de largura na parte média; os seus bordos são muito desiguais: um é espesso, interrompendo-se abruptamente; outro vai-se adelgaçando de fora para dentro, de modo que o seu limite interno é representado por feixes delicados e isolados; a esta mesma camada pertencem várias fitas muito ténues de fibras longitudinais que se encontram no fundo do divertículo e que para a parte inferior têm uma disposição muito oblíqua. A camada de fibras circulares interrompe-se também, mas em discordância com a precedente: nos bordos superior e inferior é espessa e a interrupção da sua continuïdade é marcada por bordos arredondados; quando se acentua para a parte média, ao passo que um dos bordos mantém a sua espessura, o outro sofre um notável adelgaçamento. Ao bôrdo

espesso da camada externa corresponde o bôrdo delgado da camada interna, mas sem sobreposição íntegra, porquanto numa certa extensão é a camada de fibras longitudinais que constitui tôda a túnica e noutra é a camada de fibras circulares. No fundo encontram-se algumas fitas circulares ou oblíquas dependentes desta camada.

Em resumo: No fundo da cavidade diverticular a submucosa está directamente em contacto com a subserosa em grande extensão, interrompido por pequenas fitas de fibras lisas verticais, horisontais e oblíquas; na periferia, em cima e em baixo, existe só uma camada de fibras circulares, de um lado uma camada espessa de fibras longitudinais e outra muito ténue de fibras circulares, do outro lado uma muito delicada de fibras longitudinais, forrada de uma outra espessa de fibras circulares.

No mesmo cadáver existia uma interessante disposição anómala do peritoneu pélvico.

CASO XXII

Est.ª XIII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Joaquim C. da S., de 65 anos. Autópsia n.º 296 A.

Diagnóstico anátomo-patológico: Dupla hérnia inguinal. Icterícia. Ascite ictérica. Peri-esplenite crónica, fibro-adesiva; esplenomegália; calcificação parcial da cápsula esplénica. Obliteração do colédoco por cálculo de colesterina; três cálculos no canal hepático; hidropisia da vesícula; angiocolite supurada; intensa retensão biliar. Sufusões hemorrágicas da mucosa gástrica. Nefrite crónica, bilateral, quística à direita. Apendicite crónica, obliterante. Pleurite sero-fibrinosa à esquerda; sínfise à direita. Tuberculose fibro-calcárea, bilateral. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Esclerose da aorta, para cima das artérias renais.

Ao longo do bôrdo mesentérico do jejuno e numa zona que começa a cêrca de 10^{cm} do ângulo duodeno-jejunal, existem quatro divertículos, três dos quais muito próximos uns dos outros, são representados na Estampa XIII. Dissociam o mesentério, fazendo saliência numa das faces desta membrana, cujo folheto peritoneal levantam, determinando a formação de pregas. O maior, que é o mediano, tem 19^{mm} de comprimento e 14^{mm} de maior diâmetro e o menor dêste grupo, o terceiro, tem respectivamente 10 e 11^{mm}. O quarto divertículo, a 15^{cm} do último, é aproximadamente igual ao primeiro e tem 18 e 13^{mm}.

Todos apresentam um ligeiro estrangulamento na sua origem que forma uma espécie de grosso pedículo.

Vistos pelo lado interior apresentam-se como sacos com orifício estreito por onde se estendem as válvulas coniventes que se vão reduzindo de altura de modo que o fundo dos sacos é liso.

Na parede encontram-se as túnicas mucosa e submucosa íntegras, a túnica muscular com rarefação das suas camadas, especialmente no fundo dos divertículos maiores e em particular da camada longitudinal; a serosa forma um revestimento parcial.

Continham um líquido amarelado, espesso e gazes.

A distensão da parte restante do jejuno-ileon e do intestino grosso por água não revelou a existência de outros divertículos.

CASO XXIII

Est.ª XIV.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Maria dos Prazeres, de 74 anos. Autópsia n.º 472.

Diagnóstico anátomo-patológico. Úlceras crónicas nas pernas e nos pés; úlceras de decúbito sagrada, trocanterianas e calcaneanas. Atrofia dos músculos dos membros esquerdos. Edema meníngeo e grave hidropisia ventricular. Esclerose calcificante grave das artérias encefálicas. Zona de amolecimento no hemisfério cerebral direito, à altura do núcleo externo da cama ótica e da cápsula interna. Aderências do grande epiploon ao peritoneu da fossa ilíaca direita. Colelitíase, Ligeira esteatose hepática. Nefrite crónica artério-esclerótica. Pequenos fibromas pediculados e calcificados do útero e da trompa esquerda. Apêndice filiforme. Esclerose calcificante grave da aorta abdominal. Ligeira pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Ligeira endocardite crónica, esclerosante, valvular, aórtica e mitral e parietal do espaço mitro-aórtico. Degenerescência gorda do miocárdio. Esclerose calcificante, grave, da aorta torácica com grande ectásia.

A cêrca de 38^{cm} do vértice do ângulo duodeno-jejunal, no bôrdo aderente do jejuno, existe um divertículo alongado, que dissocia o mesentério, fazendo igual saliência nas duas faces desta membrana, com 12^{mm} de comprimento e 10^{mm} de largura máxima. A 4,5^{cm} para baixo dêste encontra-se um outro divertículo mais volumoso, muito mais saliente numa das faces do mesentério do que na outra, alongado e disposto obliqüamente em relação ao plano do mesentério, de tal modo que as saliências são discordantes, tendo a maior 18^{mm} de diâmetro. Êste último está unido ao intestino por um estreito pedículo.

Em ambos a parede é muito delgada. A sua superfície interior

é revestida em tôda a sua extensão de mucosa lisa, sem pregas; as válvulas coniventes atenuam-se no bôrdo dos orifícios e não se prolongam pelas paredes das cavidades.

Não há lesões apreciáveis da parede intestinal.

Além das lesões cadavéricas banais da mucosa, nota-se nesta, pelo estudo microscópico, a ausência de folículos fechados e a redução de volume e de comprimento das vilosidades; a submucosa está reduzida a uma ténue camada de tecido conjuntivo sem gordura; no fundo não existe túnica muscular e a submucosa continua-se directamente com a subserosa ou com o tecido conjuntivo do mesentério densificado; a meio da parede existe túnica muscular mas formada de feixes delicados de fibras musculares que se dispoem em várias direcções, deixando entre si largos espaços.

CASO XXIV

Observação pessoal feita no I. M. L.

Eugénio de Jesus, de 15 dias. Autópsia n.º 6244.

Diagnóstico anátomo-patológico: Enterite aguda folicular.

Logo depois da abertura da cavidade abdominal notamos que a parede abdominal anterior estava unida ao mesentério por um cordão fibroso, branco nacarado, muito delicado, inteiramente isolado, com 6,5^{cm} de comprimento; adiante inseria-se na parte inferior do umbigo, contìguamente aos vasos, alargando-se num pequeno leque; a inserção mesentérica era cónica, situada pouco mais ou menos a meio do bôrdo periférico, junto do bôrdo aderente do jejuno-ileon, determinando neste, com uma ligeira tracção, uma depressão infundibuliforme, que desaparecia logo que a tracção cessava.

CASO XXV [1]

Fig. 1. Est.ª XV.

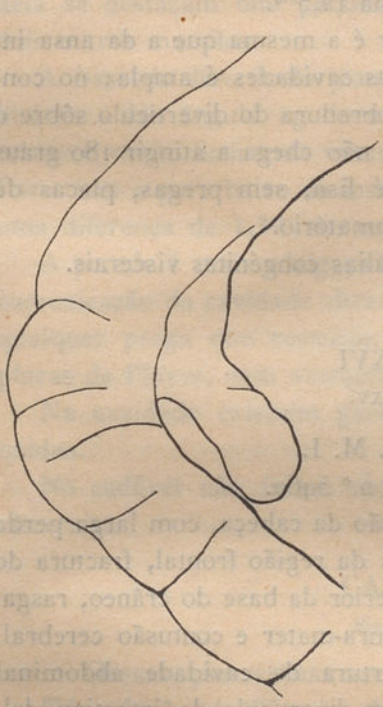
Peça do I. A. P.

Custódio P. P., de 76 anos. Causa da morte: Caquexia por grave esteatose hepática e gastrite crónica.

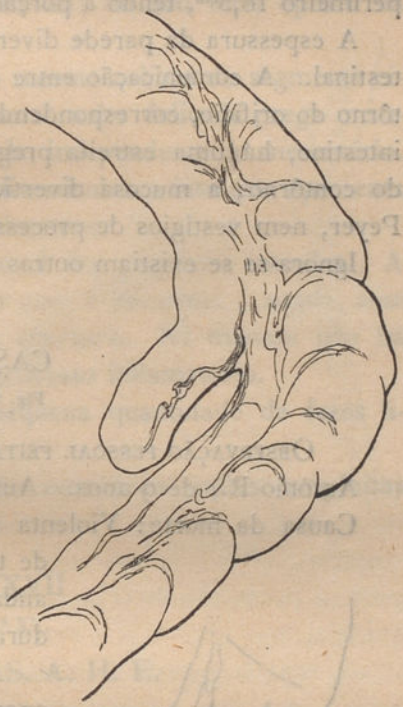
---

[1] Na descrição, que vai seguir-se, dos divertículos do ileon, nós consideramos como posição descritiva a posição vertical da ansa intestinal, presa à parede posterior pelo mesentério, de tal modo que o bôrdo livre é anterior, o mesentérico posterior, uma das faces direita, outra esquerda. A distância do divertículo à terminação do ileon é tomada depois de destacado o intestino do mesentério e medida

A peça é constituída por uma ansa intestinal com um divertículo implantado em uma das suas faces laterais. O respectivo protocolo de autópsia (n.º 1836) nada diz sôbre a sua situação na cavidade abdominal, direcção e relações com os órgãos vizinhos e com a parede; apenas refere que estava a $1^{m},20$ da válvula de Bauhin. Forma um ângulo muito agudo com o intestino, que neste ponto descreve uma curva muito apertada (Esquema 1) que abraça na sua concavidade a inserção do divertículo. Tem uma forma geral alongada e



Esquema 1.



Esquema 2.

nêle se podem distinguir três segmentos, correspondentes aos seus terços: no terço proximal tem a forma de um cone oblíquo truncado, cuja base corresponde ao intestino, mais nítida na parte da circunferência que corresponde ao vértice do ângulo agudo que o divertículo faz com o intestino, atenuando-se pouco a pouco na parte restante da referida circunferência; o terço médio é bastante regularmente cilíndrico e tem $5,3^{cm}$ de perímetro; o terço distal é globoso, irregu-

---

desde o limite exterior da união íleo-cecal. Os perímetros dos divertículos e da ansa intestinal são tomados na peça fixada em Kaiserling e medianamente distendidos por água. Para apreciar os perímetros da ansa para cima e para baixo do divertículo, salvo indicação expressa, consideramos esta medida 6^{cm} acima e 6^{cm} abaixo da sua base de implantação.

Todos os esquemas representam metade do tamanho natural.

larmente dilatado, mais numa direcção oposta ao alongamento da base, donde resulta uma curvatura geral para o lado do vértice do ângulo agudo; neste último o perímetro máximo é de 6,5cm. Comprimento total: 5,4cm.

Na face correspondente ao mesentério há uma estreita prega de gordura, com vasos, que não chega a atingir o vértice e que se continua com a inserção mesentérica (Esquema 2).

A porção do intestino para a qual se inclina o divertículo tem de perímetro 10,5cm, tendo a porção oposta 12,5cm.

A espessura da parede diverticular é a mesma que a da ansa intestinal. A comunicação entre as duas cavidades é ampla; no contôrno do orifício, correspondendo à dobradura do divertículo sôbre o intestino, há uma estreita prega que não chega a atingir 180 gráus do contôrno; a mucosa diverticular é lisa, sem pregas, placas de Peyer, nem vestígios de processo inflamatório.

Ignora-se se existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXVI

Fig. 2. Est.ª XV.

Observação pessoal feita no I. M. L.

António R., de 9 anos. Autópsia n.º 5460.

Causa da morte: Violenta contusão da cabeça, com larga perda de tecidos da região frontal, fractura do andar anterior da base do crâneo, rasgadura da dura-mater e contusão cerebral.



Esquema 3.

À abertura da cavidade abdominal aparece um divertículo do intestino delgado, situado na região umbilical, no seu limite inferior e direito, de vértice livre de aderências, emergindo das ansas intestinais, dirigido para diante, distendido por gazes. Implanta-se na face lateral direita do intestino, existindo um pequeno espaço entre o limite posterior da sua base e a inserção do mesentério e formando com a ansa um ângulo de cêrca de 45 graus, de abertura superior (Esquema 3). Está situado a 42cm da terminação do ileon. É aproximadamente cilíndrico nos dois terços proximais, onde tem de perímetro máximo 5,3cm e de

comprimento 4,6cm. O terço distal, cujo limite é marcado por um ligeiro estrangulamento, apresenta uma dobradura em forma de martelo, que se dispõe num plano muito oblíquo em relação ao plano dos eixos da parte restante do divertículo e do intestino; colocando esta extremidade de modo a poder apreciar-se bem de face esta formação, obtem-se o Esquema 3 em A. Êste segmento que forma ângulo com o corpo cilíndrico do divertículo tem 22mm de comprimento e 5mm de perímetro; a sua extremidade é achatada e nela se destacam oito pequenos mamilos; no seu tôpo oposto há dois outros mamilos.

A base do divertículo mantém o mesmo calibre do segmento cilíndrico. No ângulo agudo existe uma muito delicada prega membranosa, muito finamente vascularisada, independente do mesentério. Para cima e para baixo da inserção diverticular o intestino apresenta uma diferença de 1,3cm nos seus perímetros.

A parede é mais adelgaçada ao nível dos pequenos mamilos. A comunicação da cavidade diverticular com a intestinal é ampla, sem qualquer prega que restrinja a sua abertura. Na mucosa não há placas de Pleyer, nem vestígios de processo inflamatório.

Na cavidade existiam gazes e pequena quantidade de fezes liquidas.

No cadáver não foram observadas outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXVII

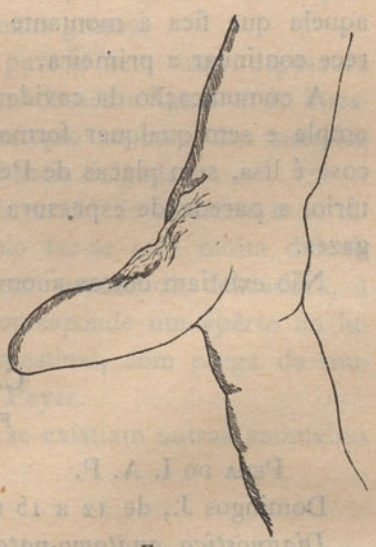
Fig. 3. Est.ª XV.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Eduardo A., de 68 anos. Autópsia n.º 24.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia por tuberculose caseosa peritoneal. Artério-esclerose generalisada, com intensas lesões renais.

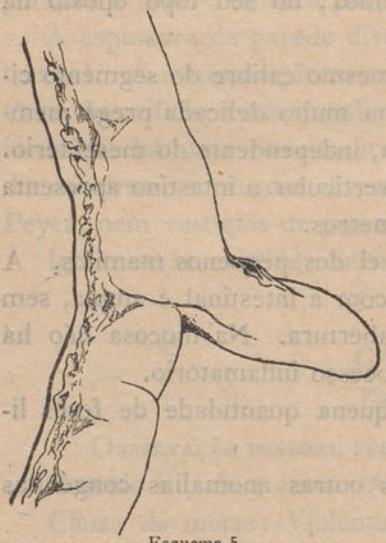
Divertículo de uma ansa intestinal, situada à direita da cavidade abdominal, no flanco, dirigido para diante e para dentro, livre de aderências e distendido por gazes. Implanta-se no bôrdo anterior do ileon, formando com êste um ângulo recto. Fica a 60cm da terminação do ileon e tem de comprimento 4,8cm. É em forma de dedo



Esquema 4.

de luva, um pouco mais grosso na parte média (6,2^{cm} de perímetro) do que nas extremidades (4,7^{cm} de perímetro na origem). Na sua face esquerda a parede parece continuar-se insensìvelmente para além da sua origem aparente, formando relêvo na ansa intestinal, ao passo que na direita há um limite separativo nítido (Esquemas 4 e 5).

Esta disposição mostra que a verdadeira base de implantação é na face direita do ileon, sofrendo depois o divertículo um deslocamento, de modo que o seu eixo e o do intestino fiquem no mesmo plano.



Esquema 5.

Êste deslocamento para diante é acompanhado de outro menor para cima, de maneira que a parte livre do divertículo faz um ângulo obtuso com a parte aderente, que corresponde ao relêvo da parede intestinal.

No ângulo inferior da implantação existe uma pequena prega com gordura, independente do mesentério, que, do lado do divertículo se prolonga pelo bôrdo inferior numa certa extensão, ultrapassando a linha média num curto percurso. Na face direita, da zona de inserção do mesentério parte uma arteriola que se dirige para a ponta do divertículo, acompanhada no seu trajecto por uma veinula.

A ansa a jusante é mais grossa (10,8^{cm} de perímetro) do que aquela que fica a montante (6,9^{cm} de perímetro) e o divertículo parece continuar a primeira.

A comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal é ampla e sem qualquer formação comparável a uma válvula. A mucosa é lisa, sem placas de Peyer, nem vestígios de processo inflamatório, a parede de espessura muito uniforme. Continha ùnicamente gazes.

Não existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXVIII

Fig. 4. Est.ª XV.

Peça do I. A. P.

Domingos J., de 12 a 15 meses. Autópsia n.º 900.

Diagnóstico anátomo-patológico: Edema e bronquite mucosa de

ambos os pulmões. Intensa traqueïte mucosa. Enterite catarral do ileon. Nefrite parenquimatosa, sub-aguda, bilateral.

Na autópsia foi encontrado um divertículo intestinal. O respectivo protocolo nada diz sôbre a sua situação à abertura da cavidade abdominal, às suas direcção e relações com os órgãos vizinhos e com a parede.

Implanta-se no bôrdo anterior do intestino, em directa oposição com o mesentério, fazendo um ângulo agudo com um dos segmentos contíguos. Ficava a 70^{cm} da terminação do ileon. Tem a forma geral de um pilão de almofariz (Esquemas 6 e 7) com 5,5^{cm} de comprimento, mais grosso na parte média (perímetro: 7^{cm}) do que na origem (perímetro: 6^{cm}); próximo da extremidade existe um estrangulamento, para o qual o engrossamento mediano se atenua pouco a pouco (perímetro: 4^{cm}) e que limita uma porção globosa com dois pequenos mamilos.



Esquema 6.

Ao nível do ponto de implantação do divertículo a ansa intestinal dobra-se em ângulo agudo no plano do mesentério, fazendo com o divertículo um V. Não há mesenteríolo, nem vestígios de aderências.



Esquema 7.

Para um e outro lado o intestino tem 7,2^{cm} e 6,2^{cm} de perímetro; o divertículo parece continuar a porção menos grossa.

A parede tem uma espessura aproximadamente igual à do intestino, excepto ao nível dos mamilos onde é mais delgada.

A inversão do intestino e do divertículo faz-se com muita dificuldade em virtude da dobradura, à qual corresponde um apêrto do lumen intestinal, com prega da mucosa. A mucosa é lisa, sem placas de Peyer.

Ignora-se qual fôsse o conteúdo e se existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXIX

Fig. 5. Est.ª XV.

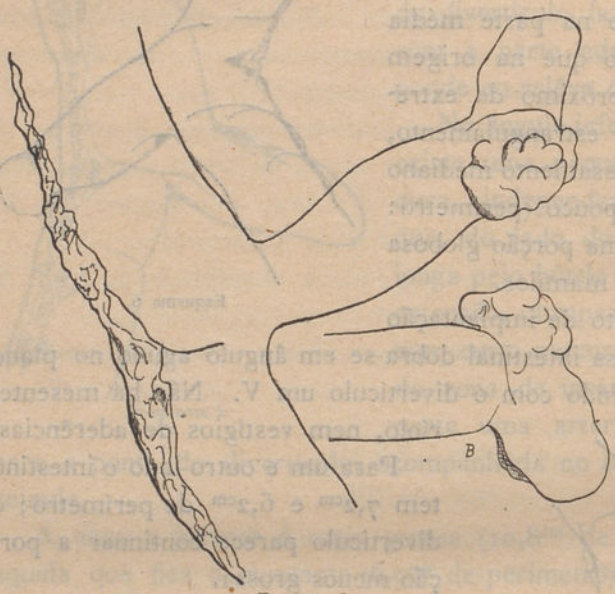
Peça do I. M. L.

Joaquim M. S., de 25 anos. Autópsia n.º 5042.

Causa da morte: Esfacêlo traumático dos membros inferiores por estilhaços de bomba de dinamite.

Do relatório da autópsia nada consta acêrca da posição, relações, direcção, conteúdo, distância da implantação do divertículo encontrado à terminação do ileon.

Implanta-se no bôrdo anterior do intestino, mas estendendo-se a base de implantação mais para um lado do plano mediano do que para o outro, pois que as distâncias aproximadas da circunferência da base ao meio da inserção do mesentério são 31 e 37^{mm}.



Esquema 8.

Tem a forma aproximada de um martelo (Esq. 8); nêle se podem distinguir duas porções: uma mais longa, correspondendo ao cabo, com cêrca de 8^{cm} de comprimento, perpendicular à ansa intestinal; outra curta, com 3,5^{cm} de comprimento, formando um ângulo obtuso com a primeira e em plano diferente, de tal modo que, supondo a primeira porção num plano horizontal e à direita da ansa intestinal, a segunda dirige-se de baixo para cima e de diante para trás. A primeira é mais larga na parte média (perímetro: 9,5^{cm}) do que nas extremidades, sendo especialmente estreita a proximal (perímetro: 6,5^{cm}); a segunda é aproximadamente cilíndrica, de fundo achatado, sendo a sua origem bem marcada por um sulco (Esquema 8 B); no vértice do ângulo, formado por estes dois segmentos do divertículo, existe uma massa globosa formada por dilatação da parede e aglomeração de 14 divertículos pequenos, de dimensões muito desiguais, tendo o conjunto o aspecto

de uma amora grande, mais volumosa para o lado da porção mais longa do divertículo.

Em oposição a esta dilatação muriforme e no segmento menor há uma prega peritoneal com gordura, com 15^{cm} de comprimento e cêrca de 5^{mm} de maior largura.

Há uma acentuada desigualdade entre os perímetros do intestino de um e outro lado da inserção do divertículo (12,5 e 14,2^{cm}).

A parede é mais delgada do que a do intestino, especialmente ao nível dos divertículos secundários. A comunicação com o lúmen intestinal é ampla, de contôrno muito bem marcado, embora de diâmetro menor que o da parte média da cavidade diverticular; no contôrno, situado do lado para onde fica o segmento mais curto há uma curta e estreita prega semilunar. Na mucosa não há placas de Peyer, nem alterações inflamatórias. Ignora-se se existiam outras anomalias congénitas viscerais.

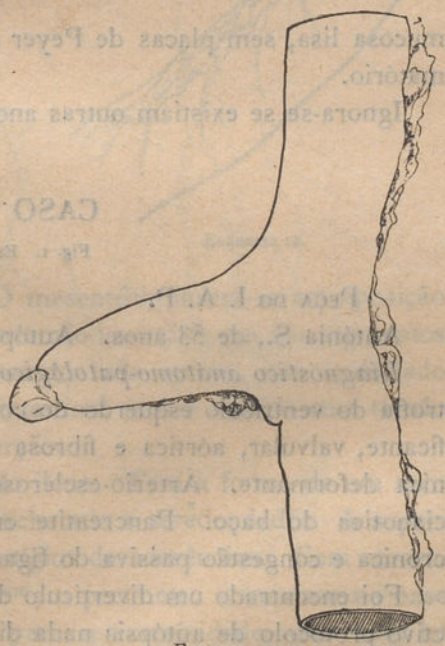
CASO XXX

Fig. 6. Est.ª XV.

Peça do I. A. P.

Marques N., de 52 anos. Autópsia n.º 1457.

Diagnóstico anátomo-patológico: Quisto hidático supurado do fígado; peri-colecistite crónica, fibrosa. Icterícia. Gastrite crónica. Nefrite crónica, mixta, bilateral.



Esquema 9.

O relatório da autópsia nada diz a respeito da situação na cavidade abdominal, direcção, relações com os órgãos vizinhos e com a parede, do divertículo intestinal que foi encontrado. Está implantado numa face lateral, próximo do mesentério, fazendo com o intestino um ângulo agudo de cêrca de 85 graus. Ficava a 1^{m} da válvula de Bauhin. Tem a forma de um grosso dedo de luva (Esquema 9), de base muito larga, continuando-se a sua superfície insensìvelmente com a superfície da ansa intestinal que a êste nível apresenta uma ligeira

curvatura de concavidade oposta ao divertículo. Não existem vestígios de aderências. A extremidade livre é arredondada e nela se observa uma grossa prega em forma de crista, alta e curta, carregada de gordura, espécie de apêndice epiplóico achatado. Da zona de inserção mesentérica (Esquema 10) parte uma franja de gordura que se vai atenuando para a extremidade diverticular ao encontro da crista apical, sem contudo a atingir; nesta franja vêem-se finos vasos. Tem 6,3^{cm} de comprimento, cêrca de 10,3^{cm} de perímetro na origem e 8,4^{cm} na parte média. A espessura da sua parede é aproximadamente igual à do intestino.



Esquema 10.

Para um e outro lado do divertículo o perímetro é igual (9,4^{cm}). A abertura interna é ampla e sem qualquer prega; mucosa lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório.

Ignora-se se existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXXI

Fig. 1. Est.ª XVI.

Peça do I. A. P.

Antónia S., de 53 anos. Autópsia n.º 3920.

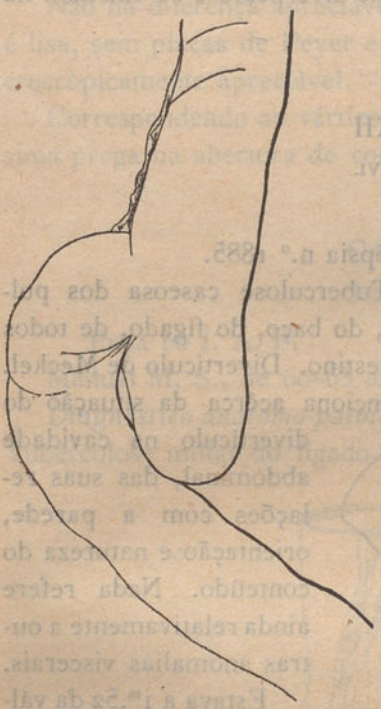
Diagnóstico anátomo-patológico: Sínfise pleural, direita. Hipertrofia do ventrículo esquerdo do coração; endocardite crónica, calcificante, valvular, aórtica e fibrosa valvular, pulmonar. Aortite crónica deformante. Árterio-esclerose generalizada. Ascite. Atrofia cianotica do baço. Pancreatite crónica, intersticial. Peri-hepatite crónica e congestão passiva do fígado.

Foi encontrado um divertículo do intestino delgado, mas o respectivo protocolo de autópsia nada diz acêrca da sua posição e orientação na cavidade abdominal, do seu conteúdo e das suas relações com os órgãos vizinhos e com a parede.

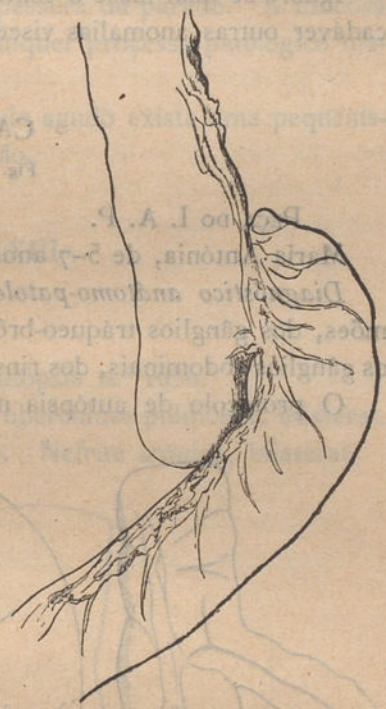
Colocando a peça sôbre um plano horizontal, numa posição tal

que seja mínimo o número de dobraduras do intestino, moderadamente distendido por água, obtém-se o aspecto figurado no Esquema 11.

O divertículo prolonga directamente a ansa intestinal, sendo o seu eixo o mesmo que o desta, não havendo nenhuma demarcação na sua origem; parece ser como que a terminação em fundo de saco desta ansa; lateralmente insere-se o outro segmento intestinal que, imediatamente depois, descreve uma curva da concavidade si-



Esquema 11.



Esquema 12.

tuada do lado do divertículo. O mesentério insere-se em oposição com o divertículo, até à suposta inserção lateral de um dos segmentos (Esquema 12), depois vai colocar-se do lado oposto, isto é, do lado do divertículo, como se a ansa intestinal tivesse sofrido uma torsão de 180 graus ao nível da sua inserção.

Ficava a 60^{cm} da terminação do ileon. Tem a forma de um saco de base muito larga e de vértice achatado e arredondado. A superfície é perfeitamente lisa, sem vestígios de aderências. Sem mesenteríolo. O comprimento é de 42^{mm}; o perímetro é máximo na base (9,5^{cm}), diminuindo ligeiramente para a extremidade, onde não há vestígios de qualquer resíduo fibroso.

O perímetro da ansa intestinal prolongada é de 9,4^{cm}, mas aumenta para a origem do divertículo onde é de 10,3^{cm}. Pelo contrário

a ansa oposta vai engrossando (8,7^{cm} de perímetro junto do divertículo e 9,5^{cm} mais abaixo).

A parede é igualmente espessa, tanto no divertículo, como na ansa intestinal.

A inversão faz-se com dificuldade, impedida parcialmente por uma prega da mucosa correspondente ao ângulo agudo do divertículo com o intestino e que pouco restringe a comunicação entre as duas cavidades. Mucosa lisa, sem cicatrizes, sem placas de Peyer.

Ignora-se qual fôsse o conteüdo dêste divertículo e se existiam no cadáver outras anomalias viscerais.

CASO XXII

Fig. 2. Est.ª XVI.

Peça do I. A. P.

Maria Antónia, de 5–7 anos. Autópsia n.º 1885.

Diagnóstico anátomo-patológico: Tuberculose caseosa dos pulmões, dos gânglios tráqueo-brônquicos, do baço, do fígado, de todos os gânglios abdominais, dos rins e do intestino. Divertículo de Meckel.

O protocolo de autópsia nada menciona acêrca da situação do divertículo na cavidade abdominal, das suas relações com a parede, orientação e natureza do conteüdo. Nada refere ainda relativamente a outras anomalias viscerais.



Esquemas 13 e 14.

Estava a 1^{m},52 da válvula de Bauhin. Implanta-se em uma das faces laterais do intestino (Esquema 14), com o qual faz um ângulo agudo, de tal modo que, para apreciar as suas dimensões, é preciso colocar a ansa intestinal de maneira que o mesentério fique voltado para o observador, vendo-se então a disposição indicada pelo Esquema 13.

É em forma de dedo de luva, um pouco mais grosso na metade distal (perímetro 4,7^{cm}) do que no segmento proximal (perímetro: 3,7^{cm}). Na extremidade tem duas pequenas dilatações empolares. Não tem mesenteríolo; ao longo da face que corresponde ao mesen-

tério existe uma arteríola. À superfície não existem vestígios de aderências.

O seu comprimento é de 45mm.

A ansa intestinal, em que se implanta o divertículo, descreve uma apertada curva no plano do mesentério. Entre o seu calibre e o do divertículo existe uma notável diferença, pois que os perímetros da ansa de um e outro lado do ponto de implantação são 8,4 e 8,9cm, ao passo que o perímetro médio do divertículo é 4,2cm.

Não há diferença apreciável na espessura da parede. A mucosa é lisa, sem placas de Peyer e sem qualquer processo patológico macroscòpicamente apreciável.

Correspondendo ao vértice do ângulo agudo existe uma pequenissima prega na abertura de comunicação.

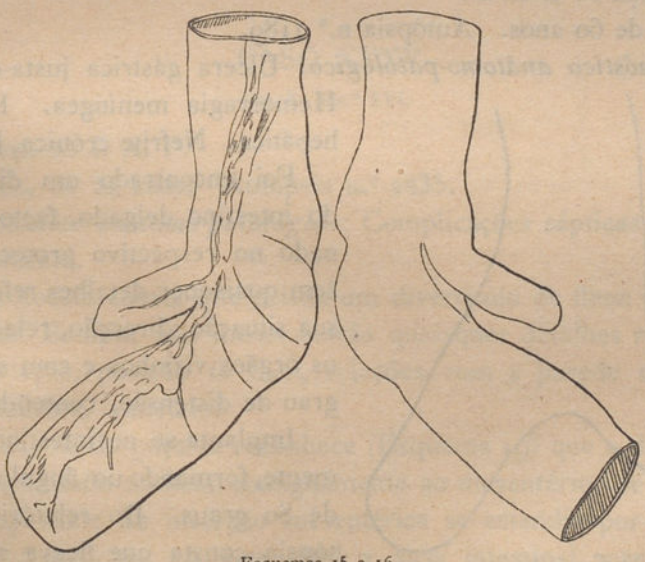
CASO XXXIII

Fig. 3. Est.ª XVI.

Peça do I. A. P.

Manuel M. S., de 60–65 anos. Autópsia n.º 1650.

Diagnóstico anátomo-patológico: Tuberculose pulmonar, bilateral. Tuberculose miliar do fígado. Ascite. Nefrite crónica, bilateral.



Esquemas 15 e 16.

Foi encontrado um divertículo intestinal, sôbre o qual o relatório nada diz, não referindo sequer a distância a que ficava da terminação do íleon.

Trata-se de um divertículo do íleon com 3,8cm de comprimento,

cuja implantação é contígua à inserção do mesentério (Esquemas 15 e 16) no intestino, que a esta altura descreve uma curva, cuja concavidade abraça o divertículo, que com êle faz um ângulo muito agudo.

É em dedo de luva, curvilíneo na origem, onde é ligeiramente estrangulado, engrossado na parte média e com a sua extremidade em forma de glande peniana. O seu perímetro mínimo é de 4^{cm} e o máximo 4,7^{cm}. Êste perímetro está em enorme desproporção com o da ansa intestinal (9,4^{cm}), não havendo diferença apreciável entre os segmentos situados de um e outro lado da base de implantação. Espessura parietal igual à do intestino.

O mesentério envia na direcção da extremidade livre um finíssimo prolongamento, com ligeiro relêvo, que constitui um rudimento de mesenteríolo. Não há vestígios de aderências.

A comunicação entre as cavidades é fácil, havendo no respectivo orifício uma pequena prega que não chega a atingir um quarto da circunferência e situada do lado do vértice do ângulo agudo.

Mucosa lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório.

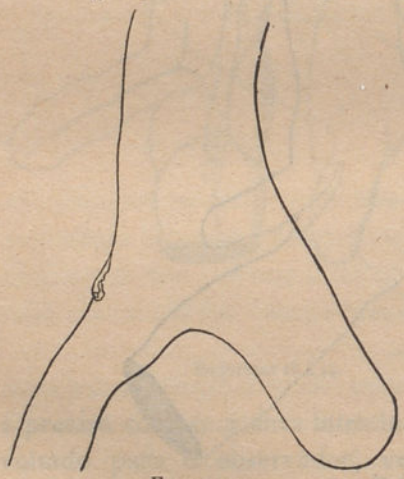
CASO XXXIV

Fig. 4. Est.ª XVI.

Peça do I. A. P.

José, de 60 anos. Autópsia n.º 2189.

Diagnóstico anátomo-patológico: Úlcera gástrica justa-cardíaca. Hemorragia meníngea. Esteatose hepática. Nefrite crónica, bilateral.



Esquema 17.

Foi encontrado um divertículo do intestino delgado, facto mencionado no respectivo protocolo, mas sem quaisquer detalhes referentes à sua situação, direcção, relações com os órgãos vizinhos e com a parede, grau de distensão, conteúdo.

Implanta-se no intestino lateralmente, formando um ângulo de cêrca de 80 graus. Do relatório de autópsia consta que ficava a 55^{cm} da válvula íleo-cecal.

É cilíndrico em quási tôda a sua extensão, um pouco dilatado na origem; o vértice é muito arredondado; não tem vestígios de aderências; no vértice do ângulo agudo, que faz com o intestino, há uma curta e estreita prega, carregada de gordura, prega que termina

na inserção mesentérica (Esquemas 17 e 18). Tem 5,9^{cm} de comprimento e na sua parte média 10,9^{cm} de perímetro.

Para um e outro lado da sua implantação o intestino apresenta enorme diferença de calibre, tendo um dos segmentos metade do perímetro do outro (6^{cm} para 12^{cm}). O segmento mais estreito fica para o lado do ângulo agudo; o divertículo parece continuar o outro segmento, terminando-o em fundo de saco.



Esquema 18.

Há uma transição insensível entre a parede do divertículo e a parede intestinal e em espessura não há diferença apreciável. A comunicação entre um e outro é muito ampla e sem qualquer prega. A mucosa é lisa, de aspecto normal, sem placas de Peyer. Não há vestígios de processo inflamatório.

Ignora-se se existiam outras anomalias congénitas.

CASO XXXV

Fig. 5. Est.ª XVI.

Peça do I. A. P.

José C., de 34 anos. Autópsia n.º 2835.

Diagnóstico anátomo-patológico: Complicações sépticas de nefrectomia recente.

Do protocolo consta que existia um divertículo de íleon a 88^{cm} da válvula de Bauhin, não mencionando quaisquer detalhes relativos à sua orientação, posição *in loco*, relações com a parede e com os órgãos vizinhos, conteúdo.

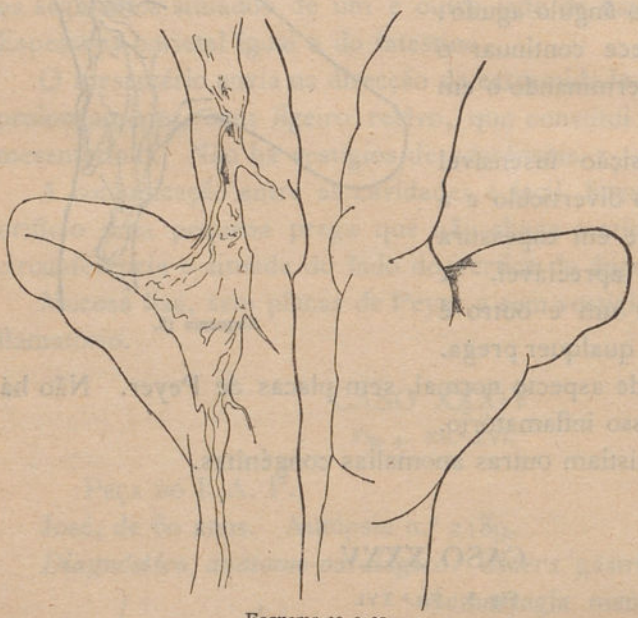
Pelo exame da peça se reconhece (Esquema 19) que o divertículo estava implantado no íleon contìgüamente ao mesentério, de tal modo que a superfície de inserção mesentérica se estendia por uma das faces do divertículo. A êste nível a ansa intestinal apresenta um notável engrossamento e uma forte curvatura de concavidade posterior. Forma ângulo agudo com o intestino (Esquema 20).

Tem a forma de um tronco de cone oblíquo, de base muito larga e muito alongada, de limites muito imprecisos do lado da semicircunferência oposta ao vértice do ângulo agudo, onde a superfície diver-

ticular parece continuar a intestinal, bem marcados por um sulco profundo do lado oposto. O vértice é bastante achatado.

Não há vestígios de aderências. Da zona de inserção mesentérica, que tem a forma de um triângulo, cujo vértice ocupa o divertículo, parte um delicado prolongamento que, atenuando-se pouco a pouco, e por fim como um simples traço, atinge a extremidade.

Tem 4,8cm de comprimento. Na base tem 13cm de perímetro, isto é, uma grossura superior à da ansa intestinal, tanto de um lado (6,5cm), como do outro (9,5cm); para a extremidade estreita-se um pouco, conservando, por fim, ainda um perímetro de 8,1cm.



Esquema 19 e 20.

Entre a espessura da sua parede e a do intestino não há diferença apreciável.

A inversão faz-se muito fàcilmente, embora, em correspondência com o sulco exterior, exista prega da mucosa, curta e estreita, que pouco restringe a larga abertura de comunicação.

Mucosa normal e sem placas de Peyer.

Não se sabe se no cadáver existiam outras anomalias congénitas.

CASO XXXVI

Fig 6. Est.ª XVI.

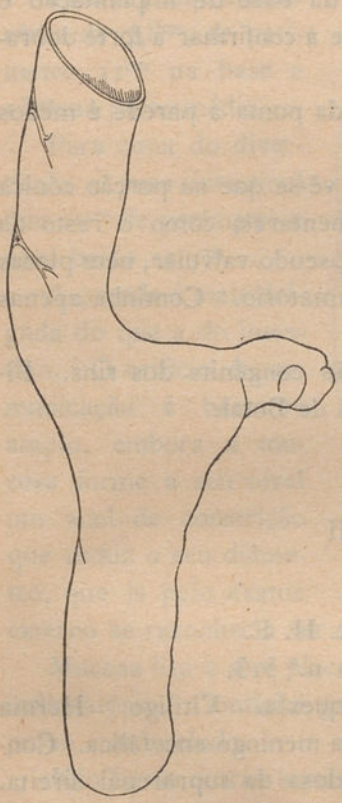
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Luís D., de 32 anos. Autópsia n.º 401.

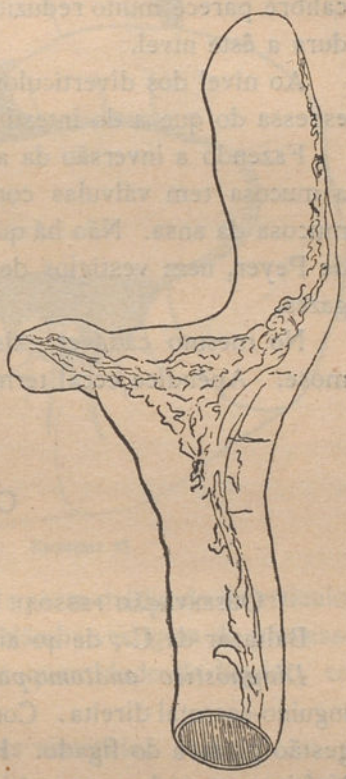
Diagnóstico anátomo-patológico: Hidrotorax bilateral. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, esquerda. Hemopericárdio (400 gr. de coágulos cruóricos). Hipertrofia excêntrica dos ventrículos cardíacos. Aneurisma sacciforme da aorta, suprasigmoideo, intracardíaco, aberto para o cone arterial pulmonar e para o pericárdio. Aórtite crónica, deformante, do ramo ascendente da crossa. Pequenos

infartes no pulmão direito. Hidro-peritoneu. Cianose esplénica. Fígado cianótico-gordo. Cicatrizes de infartes renais.

Ao primeiro exame das vísceras abdominais *in loco* nada de especial se observou. No exame do mesentério antes da evisceração, reconhecemos a existência de um divertículo do íleon, situado na metade direita da cavidade, completamente independente da parede abdominal, moderadamente distendido por gazes, não aderente aos órgãos vizinhos. Está encostado à face esquerda do mesentério com



Esquema 21



Esquema 22.

o qual faz corpo em metade da sua extensão (Esquema 22), em ângulo recto com o intestino. Libertado o intestino do mesentério vimos que ficava a 1,32^{m} da terminação do íleon. Parece formado de duas porções (Esquema 21); uma proximal, cónica, de base muito larga, que se estende em maior extensão para baixo e para diante, formando como que o vértice de uma apertada dobradura da ansa intestinal; outra distal, nìtidamente separada da primeira, curvilínea na parte média, tendo na ponta três divertículos, pequenos, desiguais, isolados, que parece ser o divertículo pròpriamente dito.

Do lado da inserção mesentérica, do vértice do triângulo corres-

pondente a esta inserção (Esquema 22), parte uma estreita prega de gordura que se encaminha para a ponta, adelgaçando-se cada vez mais e envolvendo delicados vasos.

Tem de comprimento 50^{mm}, pertencendo 24^{mm} à porção distal. A base da porção proximal tem cêrca de 17^{cm} de perímetro e a da porção distal 8^{cm}.

Ao nível da base de implantação do divertículo a ansa intestinal apresenta uma larga reentrância; para cima e para baixo desta o perímetro é o mesmo ($8{,}5^{cm}$). A meio da base de implantação o calibre parece muito reduzido, o que tende a confirmar a forte dobradura a êste nível.

Ao nível dos divertículos secundários da ponta a parede é menos espessa do que a do intestino.

Fazendo a inversão da ansa intestinal vê-se que na porção cónica a mucosa tem válvulas coniventes rudimentares, como o resto da mucosa da ansa. Não há qualquer prega pseudo-valvular, nem placas de Peyer, nem vestígios de processo inflamatório. Continha apenas gazes.

No mesmo cadáver existia: Lobulação congénita dos rins. Fimose. Apêndice cecal terminal. Buraco de Botal.

CASO XXXVII

Fig. 1. Est.ª XVII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Baltazar de C., de 40 anos. Autópsia n.º 513.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Vitíligo. Hérnia inguino-escrotal direita. Congestão passiva meningo-encefálica. Congestão passiva do fígado. Hiperplasia nodosa da suprarenal direita. Nefrite supurada, metastática, esquerda. Sínfise pleural, bilateral. Tuberculose miliar, aguda, do pulmão esquerdo, sub-aguda e crónica no direito. Degenerescência gorda do miocárdio. Hiperplasia dos gânglios linfáticos torácicos.

À abertura do abdomen não vimos o divertículo que estava oculto por várias ansas intestinais, muito distendidas por gazes, aparecendo, porém, ao afastar estas para fazer a inspecção do mesentério. Estava distendido por gazes, dirigido para a esquerda, inteiramente independente da parede abdominal. Implanta-se em ângulo recto na face lateral esquerda da ansa intestinal, junto da inserção do mesentério, ao qual está colado numa certa extensão (Esquema 23), pela passagem da serosa mesentérica para a superfície diverticular, ficando

apenas livre aproximadamente a metade distal. Ficava a 70^{cm} da terminação do íleon.

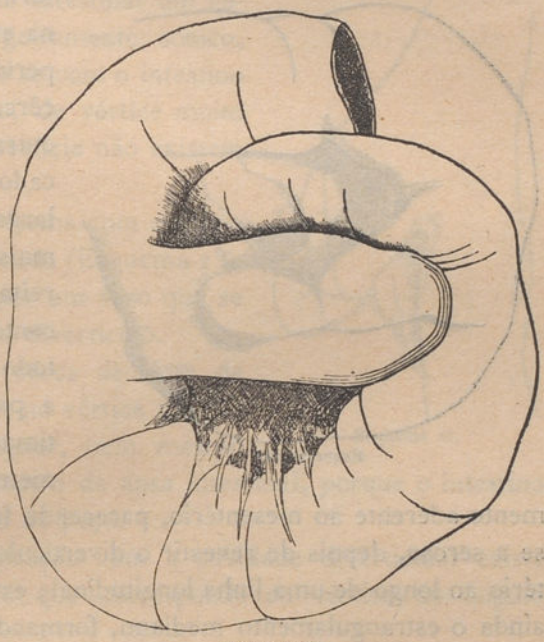
É em dedo de luva, de extremidade muito arredondada, um pouco mais grosso na parte média do que na origem; base de implantação de limites bastante nítidos.

Do lado do mesentério e a partir da inserção dêste vêem-se vasos que se dirigem para a ponta.

Tem de comprimento cêrca de 7,8^{cm}, de perímetro 11^{cm} na base e 13^{cm} na parte média.

Para cima do divertículo a ansa intestinal tem 11^{cm} de perímetro e para baixo 14,7^{cm}.

A parede é mais delgada do que a do intestino. O orifício de comunicação é bastante amplo, embora a mucosa forme a seu nível um anel de constrição que reduz o seu diâmetro, que ja pelo exame externo se reconhecia ser menor que o da parte média do divertículo.



Esquema 23.

Mucosa lisa e sem placas de Peyer. Não há vestígios de processo inflamatório. Continha gazes e pequena quantidade de líquido, espesso e amarelado.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXXVIII

Fig. 2. Est.ª XVII.

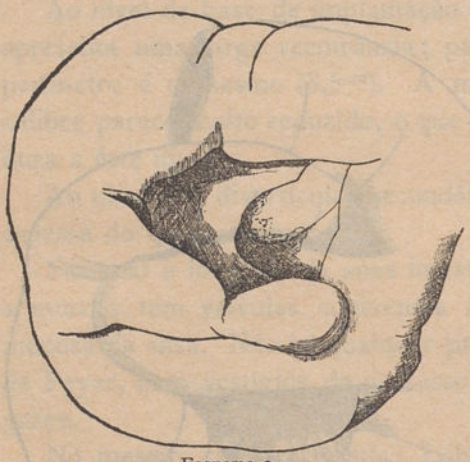
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Germano G., de 25 anos. Autópsia n.º 5.

Diagnóstico anátomo-patológico: Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Bronco-pneumonia bilateral. Peritonite crónica, fibro-adesiva, peri-hepática e peri-esplénica. Sífilis gomosa do fígado.

Ao afastar as ansas intestinais encontramos um divertículo do íleon, na metade direita da cavidade abdominal, com a extremidade inteiramente livre e dirigida para baixo e para a esquerda, como que

deitado sôbre o mesentério e ligeiramente distendido por gazes. Implanta-se na face lateral esquerda do intestino. Ficava a 1^{m} da terminação do íleon. Faz um ângulo agudo de abertura inferior com a ansa intestinal (Esquema 24). É alongado; na sua parte média existe um acentuado estrangulamento, que tem 3,4^{cm} de perímetro e que o divide em duas porções nìtidamente distintas: uma distal, de forma olivar, mais volumosa na extremidade livre, onde o perímetro atinge 5,5^{cm}, com cêrca de 3,5^{cm} de comprimento; outra proximal, em cone truncado, de base intestinal muito larga, que se estende muito mais para baixo e para a direita do que no resto do seu contôrno, continuando-se em todo êle insensìvelmente com a parede intestinal. Esta última porção, que tem de perímetro máximo 8,2^{cm}, é inteiramente aderente ao mesentério, parecendo fazer corpo com êle, como se a serosa, depois de revestir o divertículo, passasse para o mesentério ao longo de uma linha longitudinal; esta união íntima ultrapassa ainda o estrangulamento mediano, formando-se para fora dêste uma prega delicada que se prolonga até à proximidade da ponta, atenuando-se pouco a pouco.



Esquema 24.

Tem cêrca de 6^{cm} de comprimento.

Para cima o perímetro do intestino é maior (11^{cm}) do que para baixo (9^{cm}).

Ao nível do estrangulamento a parede é mais espessa do que a do intestino.

Continha fezes líquidas e gazes. A mucosa tem aspecto normal; não apresenta placas de Peyer; ao nível do estrangulamento é perfeitamente móvel sôbre a túnica muscular.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XXXIX

Fig. 3. Est.ª XVII.

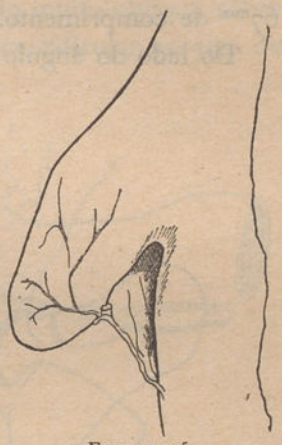
Peça do I. A. P.

João P., de 23 anos. Autópsia n.º 3950.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia por lesões tuberculosas pulmonares, laríngeas, ganglionares e cerebelosas.

Do relatório da autópsia nada consta acêrca da situação, orientação, conteúdo e relações do divertículo que foi encontrado. Apenas refere que estava situado a 1,10^{m} da válvula íleo-cecal.

Implanta-se no bordo livre do íleon, em oposição com o mesentério, fazendo com a ansa intestinal um ângulo muito agudo. É ligeiramente cónico, de base larga, continuando-se com o intestino sem linha de demarcação, de vértice muito arredondado. À sua superfície não existem vestígios de aderências.



Esquema 25.

No ângulo agudo que forma com o intestino existe uma prega delicada (Esquema 25), cujo bordo é constituïdo por um vaso que se ramifica nas duas faces do divertículo.

Tem de comprimento cêrca de 56^{mm}, de perímetro, na base 10,5^{cm}, no vértice 7,2^{cm}.

Não é possível averiguar, nem mesmo aproximadamente, o perímetro da ansa intestinal, porque o intestino foi aberto antes da fixação da peça.

No orifício de comunicação com a cavidade diverticular existe uma prega pouco elevada que corresponde ao vértice do ângulo agudo.

Mucosa de aspecto normal, sem placas de Peyer; parede de espessura igual à do intestino.

Ignora-se se no cadáver existiam outras anomalias congénitas.

CASO XL

Fig. 4. Est.ª XVII.

Peça do I. A. P.

José M. P. M., de 25 anos. Autópsia n.º 2382.

Diagnóstico anátomo-patológico: Anemia generalizada. Edêma pulmonar, bilateral. Sobrecarga adiposa do coração; degenerescência gorda dos rins. Sufusões hemorrágicas da mucosa gástrica. Esteatose hepática.

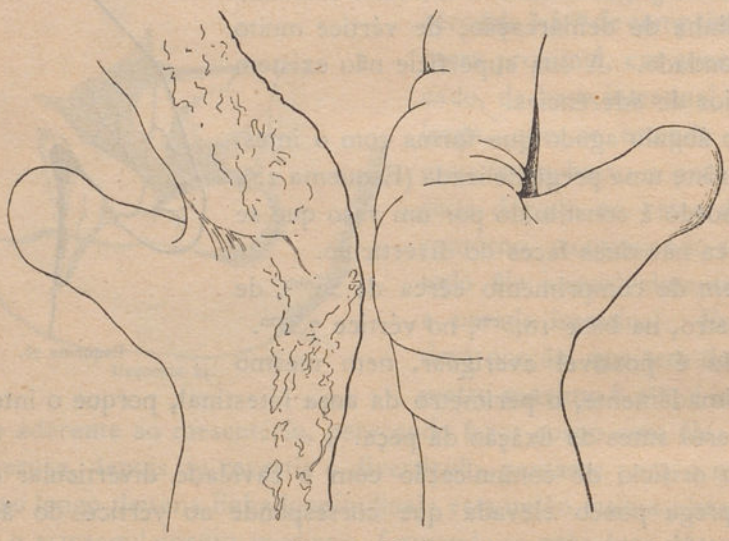
O protocolo nada diz acêrca do divertículo intestinal que com êste número está arquivado no Museu dêste Instituto.

É um divertículo implantado lateralmente no intestino, que a êste nível apresenta uma forte curvatura do lado do mesentério e num

plano perpendicular a êste (Esquema 26). Forma com o intestino um ângulo de cêrca de 80 graus.

É cilíndrico, mais grosso na base, onde tem 12^{cm} de perímetro, do que na ponta, que é arredondada, com um ligeiro colo, que tem de perímetro 8,4^{cm}. À sua superfície, não há vestígios de aderências. No ângulo agudo existe uma pequena prega (Esquema 27). Tem 67^{mm} de comprimento.

Do lado do ângulo agudo a ansa intestinal tem 10 a 11^{cm} de perí-



Esquemas 26 e 27.

metro; do lado oposto 13,5 a 14,5^{cm}; ao nível da implantação é muito mais grosso.

A comunicação entre a cavidade diverticular e o lúmen intestinal é muito ampla, sem qualquer prega. A mucosa tem aspecto normal; não tem placas de Peyer. A espessura da parede é igual à do intestino.

No protocolo da autópsia não são mencionadas quaisquer anomalias congénitas.

CASO XLI

Fig. 5. Est.ª XVII.

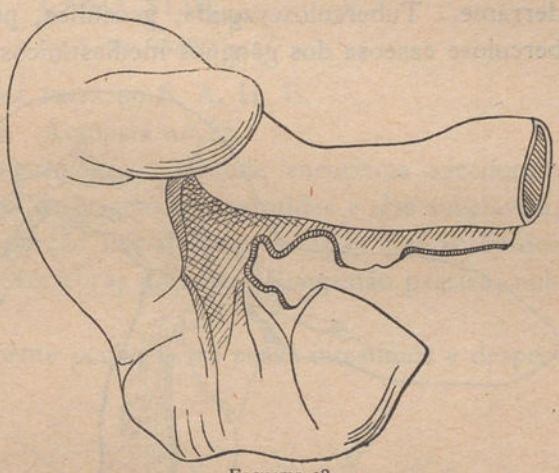
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Maria das Candeias, de 28 anos. Autópsia n.º 205.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Tuberculose pulmonar, crónica, bilateral. Esteatose hepática, grave. Nefrite crónica, bilateral.

À abertura da cavidade abdominal, depois de levantado o avental

epiploico, que com grande regularidade se estendia até à pelve, aparecia na metade direita da região umbilical um divertículo grosso, emergindo entre as ansas do jejuno-íleon, dirigido para diante, com a ponta livre de aderências e independente da parede abdominal anterior, distendido por gazes. Colocada a ansa intestinal, de que êste divertículo depende, em posição descritiva, vê-se que a sua implantação é lateral esquerda e que tem uma posição muito oblíqua sôbre o plano do mesentério, sendo o seu eixo perpendicular ao eixo de um pequeno segmento da porção do intestino situada para baixo. Ficava a 62^{cm} da terminação do íleon.



Esquema 28.

Tem uma forma geral olivar (Esq. 28), de base estreita, com 7,2^{cm} de perímetro, bem nìtidamente delimitada da superfície intestinal, de vértice arredondado, de superfície mais fortemente convexa para baixo, tendo na sua parte média um perímetro de 13,5^{cm}. Tem de comprimento 43^{mm}.

Superfície lisa; na face esquerda há uma delicada prega membranosa, falciforme, não vascularizada, que se prolonga até ao mesentério, representando o mesenteríolo. Imediatamente para cima a ansa intestinal apresenta uma apertada dobradura, fixada pelo mesentério e por tractos lamelosos não vascularizados; um segmento de cêrca de 10^{cm} tem um perímetro de 7,3^{cm}, que a montante aumenta, como se houvesse a êste nível uma larga zona de estenose; para baixo da implantação o intestino é mais grosso junto do divertículo (perímetro: 11^{cm}), depois estrangula-se (perímetro: 7,3^{cm}), para engrossar nova e definitivamente (perímetro: 9^{cm}). Parede de espessura igual à do intestino.

A abertura diverticular é relativamente estreita, não sendo possível a inversão e é ainda reduzida por uma estreita prega semilunar, situada a meio da semicircunferência inferior.

Mucosa de aspecto normal, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório. Continha gazes e pequena quantidade de fezes líquidas.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

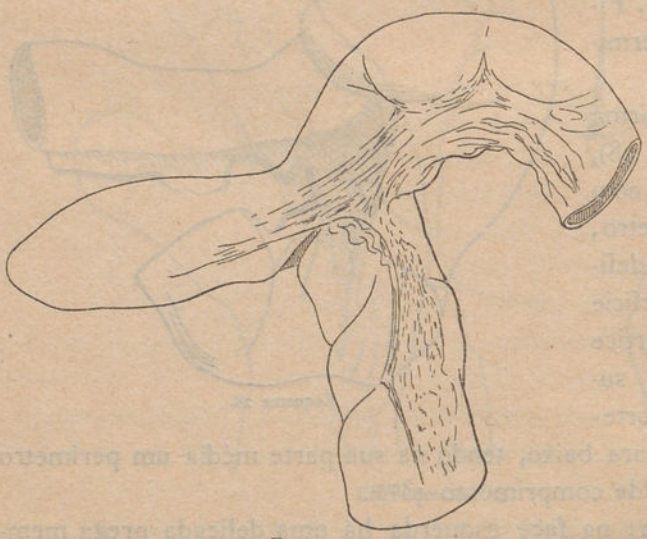
CASO XLII

Fig. 6. Est.ª XVII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

José M., de 21 anos. Autópsia n.º 234.

Diagnóstico anátomo-patológico: Pleurite sero-fibrinosa, granúlica, direita, com grande derrame. Pericardite sero fibrinosa, com grande derrame. Tuberculose aguda, granúlica, pulmonar, bilateral. Tuberculose caseosa dos gânglios mediastínicos. Hidro-peritoneu. Hiperplasia da pôlpa vermelha esplénica. Esteatose hepática. Cianose renal, bilateral.



Esquema 29.

No flanco direito, entre as ansas intestinais, aparecia um divertículo, distendido por gazes, dirigido para diante, sem aderências às ansas vizinhas e independente da parede abdominal. Isolada a respectiva ansa intestinal via-se que êste divertículo se implantava no bordo anterior em directa oposição com o mesentério, a 92^{cm} da terminação do íleon, fazendo ângulos rectos com o intestino.

É alongado, um pouco fusiforme, de vértice ponteagudo, de base estreita, cujo perímetro (8,1^{cm}) é menor do que o da parte média (10^{cm}). A sua superfície é lisa, excepto na face direita, onde é longitudinalmente atravessada na metade proximal por um relêvo de gordura, envolvente de vasos, que, atenuando-se cada vez mais, parte do bordo da inserção mesentérica (Esquema 29). Tem de comprimento 7,4^{cm}.

Para cima da implantação a ansa intestinal descreve uma curva apertada no plano do mesentério; tem de perímetro 9,4^{cm}. Para baixo o perímetro é maior (10,6^{cm}). Parede de divertículo e parede intestinal têm a mesma espessura.

A abertura de comunicação é relativamente estreita e restringida

ainda por uma estreita prega semi-lunar, inferior, correspondendo à parte da periferia da base em que o limite é mais nítido.

Mucosa de aspecto normal sem válvulas conniventes e sem placas de Peyer.

Sem vestígios de processo inflamatório.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XLIII

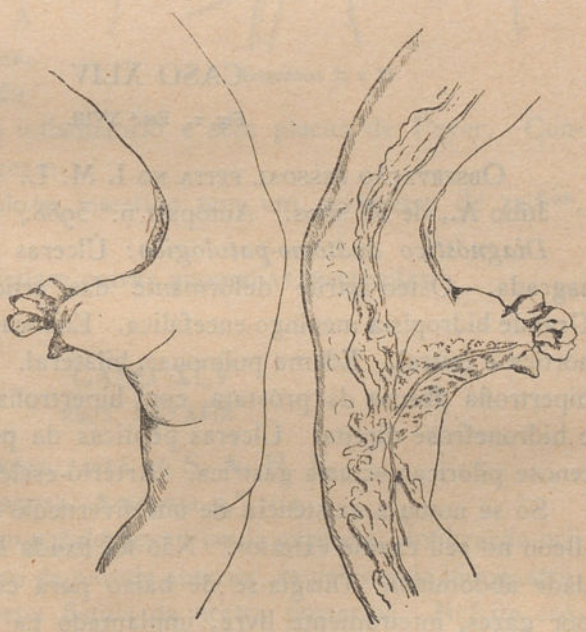
Fig. 1. Est.ª XVIII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Artur M., de 47 anos. Autópsia n.º 35.

Diagnóstico anátomo-patológico: Grande aneurisma sacciforme da crossa aórtica, ao nível da origem das carótidas e das subclavias, com notável ectasia da porção inicial destas artérias e corrosão dos corpos das 3.ª, 4.ª, 5.ª vértebras dorsais. Congestão passiva, pulmonar, bilateral.

No íleon, completamente oculto pelas ansas intestinais e despercebido no exame superficial das vísceras abdominais, existia um divertículo completamente livre, dirigido para diante e moderadamente distendido por gazes. A sua situação correspondia à fossa ilíaca direita. Implanta-se na face lateral, esquerda do intestino, ficando por conseqüência o seu limite esquerdo muito próximo da inserção mesentérica, fazendo ângulos rectos com a ansa. (Esquema 31). Ficava a 1,60^{cm} da terminação do íleon.



Esquemas 30 e 31.

É cónico, de base muito larga, de limites mal definidos e de vértice arredondado, do qual pendem vários lóbulos achatados de gordura, formando franja epiploica, idêntica à do S ilíaco, mas de menores dimensões. A face anterior é perfeitamente lisa; a posterior apresenta um espessamento formando ligeiro relêvo (Esquema 31),

constituïdo por uma delgada camada de gordura, mais larga na base, onde se liga com a zona de inserção do mesentério, no centro da qual passam os vasos diverticulares.

O seu comprimento é de 27^{mm} e o perímetro da base 7,2^{cm}.

Ao nível da implantação o intestino é mais grosso; para cima tem 11^{cm} de perímetro; imediatamente para baixo há um estrangulamento largo, findo o qual o perímetro é de 9,5^{cm}. No ângulo formado por esta última porção com o divertículo existe uma prega peritoneal, com 3^{cm} de comprimento, estreita, não vascularizada, completamente independente do mesentério, que se dirige um pouco oblìquamente da direita para a esquerda.

A comunicação do divertículo com o lúmen intestinal é muito ampla, sem qualquer prega; a mucosa é espessa, uniforme, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório.

No mesmo cadáver observava-se uma notável diferença de volume entre os rins, não explicável por qualquer processo patológico (esquerdo: 250 gr., direito: 135 gr.).

CASO XLIV

Fig. 2. Est.ª XVIII.

Observação pessoal feita no I. M. L.

Júlio A., de 58 anos. Autópsia n.º 5988.

Diagnóstico anátomo-patológico: Úlceras de decúbito na região sagrada. Ósteo-artrite deformante das articulações dos joelhos. Grande hidropisia meningo-encefálica. Endocardite crónica, valvular, aórtica e mitral. Edema pulmonar, bilateral. Apêrto da uretra por hipertrofia fibrosa da próstata, com hipertrofia trabecular da bexiga e hidronefrose direita. Úlceras pépticas da pequena curvatura; estenose pilórica; ectasia gástrica. Arterio-esclerose generalizada.

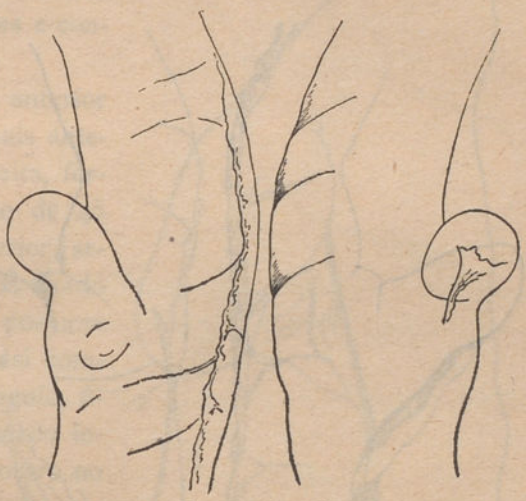
Só se notou a existência de um divertículo ao percorrer o jejuno-íleon no seu exame exterior. Não foi fixada a sua situação na cavidade abdominal. Dirigia-se de baixo para cima, muito distendido por gazes, inteiramente livre, implantado na face lateral esquerda do intestino, a 1,20^{m} da terminação do íleon, fazendo um ângulo muito agudo de abertura inferior. Ao seu nível há uma dilatação do intestino, que se vai acentuando cada vez mais para cima e que constitui a base do divertículo, mais apreciável na face esquerda do intestino do que na direita (Esquema 32); nesta última o divertículo parece muito mais curto e esférico; só nesta porção é livre e nela se dispõe em oposição com o meso. Na sua face direita e na porção

livre apresenta uma prega de forma triangular, com bastante gordura, completamente independente do mesentério.

A porção livre tem 2^{cm} de comprimento e $6{,}2^{cm}$ de perímetro na base; a porção em relêvo tem 3^{cm} de comprimento.

A parede diverticular tem a mesma espessura que o intestino.

O exame interior mostra que a abertura corresponde à porção livre, como se o divertículo fizesse um ângulo tão agudo com o intestino que a parte inicial da parede intermédia tivesse desaparecido no decurso do desenvolvimento do intestino; a parte exteriormente em relêvo apresenta-se como uma dilatação do lúmen. A comunicação é muito ampla e sem qualquer prega. A mucosa é uniforme, lisa, sem vestígios de aderências, nem de processo inflamatório e sem placas de Peyer. Continha fezes líquidas e gazes.



Esquemas 32 e 33.

Acima do divertículo o intestino tem um perímetro de $12{,}5^{cm}$, abaixo $15{,}7^{cm}$.

No cadáver não existiam outras anomalias congénitas.

CASO XLV

Fig. 3. Est.ª XVIII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

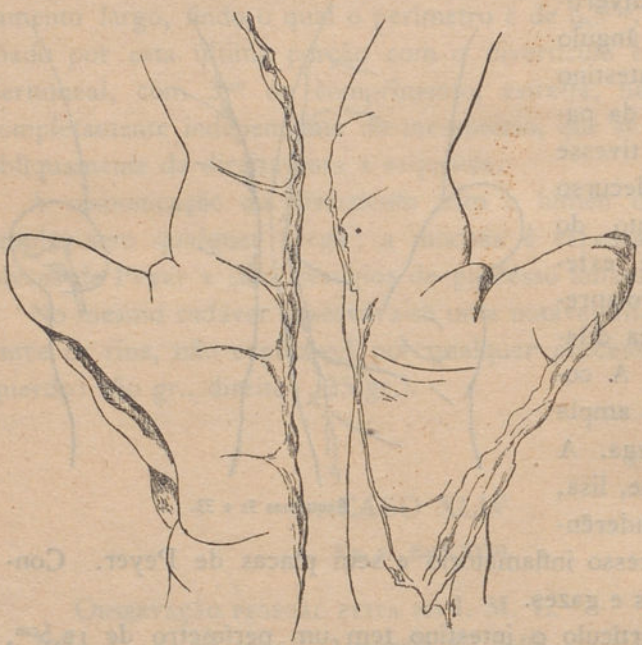
Joaquim S., de 60 anos. Autópsia n.º 101.

Diagnóstico anátomo-patológico: Fístula perineal. Infiltração urinosa e fleimão sub-agudo da parede anterior da pelve e do hipogastro. Cistite crónica. Pequena fístula da uretra posterior. Nefrite crónica, atrófica, direita; hipertrofia compensadora do rim esquerdo. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Arterio-esclerose generalisada.

Aberta a cavidade abdominal, nota-se no limite direito da região umbilical a existência de um divertículo de uma ansa do intestino delgado, dirigido para diante, dilatado por gazes, com a extremidade inteiramente livre. A sua implantação é oposta à do mesentério, no

bordo anterior do intestino e a 1,20^{m} da terminação do íleon. Faz com o intestino um ângulo agudo de abertura superior (Esquemas 34 e 35).

Tem a forma aproximada de um polegar de base muito larga; no vértice existe um pequeno sulco que esboça um divertículo secundário, mais apreciável na face direita; entre a base e o segmento superior da ansa existe uma prega parietal e o limite da zona de implantação é muito nítido; para baixo e ao longo do bôrdo inferior existe uma prega com muita gordura, com 1^{cm} de largura máxima, que não chega a atingir a ponta do divertículo e que termina na inserção do mesentério; é ao longo desta prega que caminham vasos e dêles partem depois ramificações que penetram na parede.



Esquemas 34 e 35.

Êste divertículo tem cêrca de 4,5^{cm} de comprimento; o perímetro da base é de 14,1^{cm}. A parede é tão espessa como a do intestino.

Para cima a ansa intestinal tem 10^{cm} de perímetro, para baixo 9^{cm}.

A abertura de comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal é muito ampla e sem qualquer prega. A mucosa é uniforme, de aspecto normal, sem placas de Peyer. Continha gazes.

No cadáver não existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XLVI

Fig. 4. Est.ª XVIII.

Peça do I. A. P.

António F., de 30–35 anos. Autópsia n.º 810.

Diagnóstico anátomo-patológico: Pneumonia com hepatização

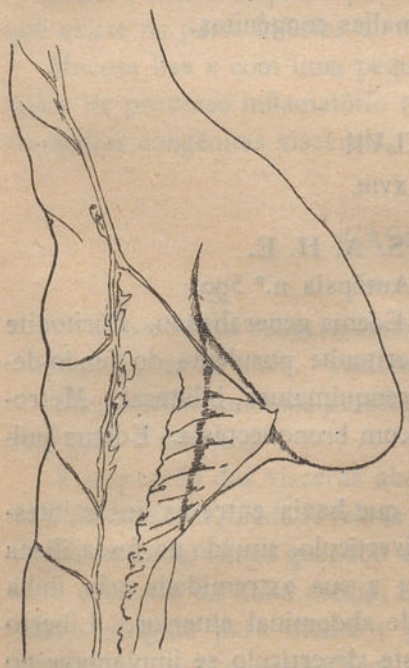
cinzenta de todo o pulmão direito. Nefrite aguda, parenquimatosa, bilateral. Sínfise pleural, esquerda. Esteatose hepática.

Foi encontrado um divertículo do jejuno-íleon, acêrca do qual o relatório de autópsia nada diz, relativamente à sua situação na cavidade peritoneal, direcção, relações e conteúdo.



Esquema 36.

Implanta-se no bôrdo anterior do intestino e na parte mais anterior da sua face lateral direita, formando com êle um ângulo de 45 graus, cuja abertura é inferior, segundo consta do relatório. É fixado nesta posição (Esquema 36) por uma larga prega, que enche quási completamente a área do triângulo, fixando-se por um lado no bôrdo inferior do divertículo, por outro no intestino (Esquema 37), segundo uma linha obliqua, muito longa, que se aproxima pouco a pouco da inserção mesentérica; a obliqüidade desta inserção determina um certo grau de torsão do divertículo para a direita. O seu bôrdo livre mede 6^{cm} e é mais espesso em baixo e na vizinhança da extremidade diverticular. Êste mesenteríolo não só impede o aumento do ângulo que o divertículo faz com o intestino, mas também obriga-o a dobrar-se ao nível da sua origem, dobradura que se torna evidente quando se secciona segundo a bissectriz do ângulo (Esquema 38).

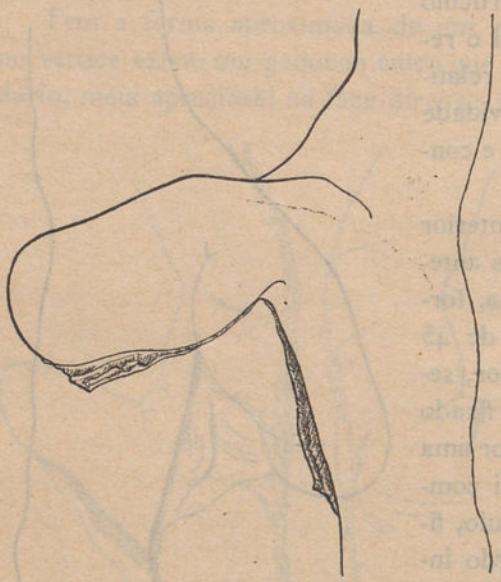


Esquema 37.

Ficava a 1^{m} da terminação do íleon.

Tem (Esquema 38) aproximadamente a forma oval, muito grosso na parte média, com a ponta muito arredondada e base estreita de limites mal definidos.

A sua superfície é lisa, sem vestígios de aderências. Tem de comprimento 7,3cm, de perímetro na base 8,7cm, na parte média 12,5cm.



Esquema 38.

Ao avizinhar-se da origem do divertículo, a ansa intestinal engrossa notàvelmente, passando de 10,3cm de perímetro para 14,7cm; para baixo não excede 11,6cm.

A comunicação entre as duas cavidades é relativamente estreita, formando a semi-circunferência inferior um rebôrdo que nas condições habituais, com mesenteríolo intacto, deveria embaraçar bastante a entrada e saída do conteüdo intestinal. A mucosa é lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios macroscòpicamente apreciáveis de processo inflamatório. A espessura da parede é igual à do intestino.

Ignora-se se existiam outras anomalias congénitas.

CASO XLVII

Fig 5. Est.ª XVIII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

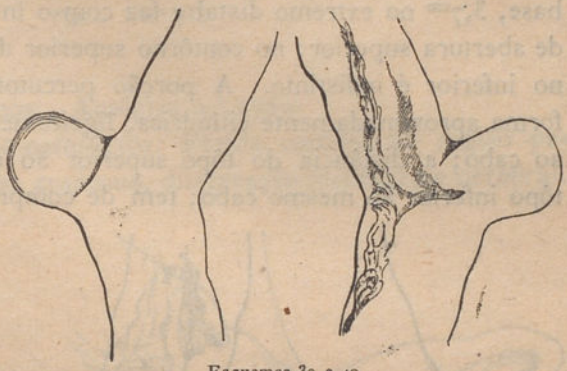
Leonor do Carmo, de 27 anos. Autópsia n.º 599.

Diagnóstico anátomo-patológico: Edema generalizado. Peritonite crónica, fibro-adesiva, total. Pelvi-peritonite purulenta do fundo-de-saco de Douglas. Nefrite aguda, parenquimatosa, bilateral. Metro-anexite crónica. Bronquite crónica com bronquectásia. Edema pulmonar, bilateral.

As aderências pouco resistentes, que havia entre as ansas intestinais, envolviam por completo um divertículo, situado na fossa ilíaca direita, pouco distendido por gazes; a sua extremidade não tinha qualquer ligação directa com a parede abdominal anterior. Liberto de aderências, reconheceu-se que êste divertículo se implantava no íleon, no bôrdo anterior e em pequena extensão da face esquerda;

é independente do mesentério e fica a 47cm da terminação do intestino delgado, fazendo com a ansa a jusante um ângulo recto.

Tem a forma de um cilindro muito curto (Esquema 39), grosso, de extremidade muito achatada, cuja base é marcada por um limite muito nítido em todo o seu contôrno. Da inserção mesentérica parte para a sua face esquerda um ténue prolongamento adiposo, que pouco ultrapassa o limite da base (Esquema 40) e que envolve delicados vasos. Tem de comprimento 2,5cm e 4cm de perímetro.



Esquemas 39 e 40.

Ao nível da sua implantação o íleon apresenta uma ligeira dobradura, de tal modo que o divertículo parece estar no vértice do ângulo assim formado. O segmento superior é mais grosso (9,7cm de perímetro) do que o inferior (8,1cm). A parede não apresenta diferença apreciável de espessura da do intestino.

Continha fezes líquidas e gazes. A sua comunicação com o canal intestinal é muito ampla, a-pesar-de uma estreita prega em crescente que existe na parte inferior do orifício.

Mucosa lisa e com uma pequeníssima placa de Peyer. Sem vestígios de processo inflamatório recente ou antigo. Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XLVIII

(Fig. 6. Est.ª XVIII.

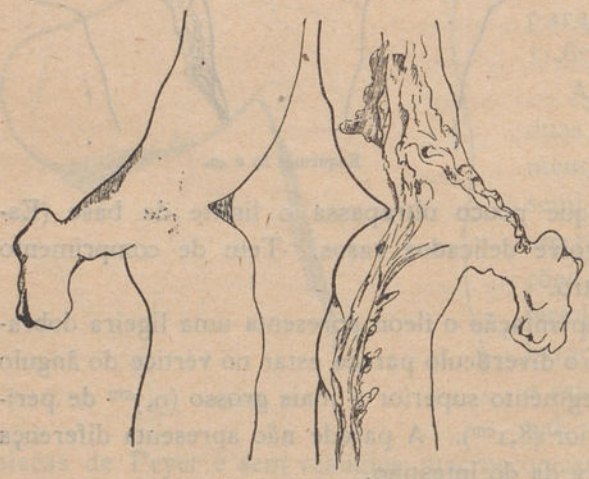
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

José S., de 53 anos. Autópsia n.º 218.

Diagnóstico anátomo-patológico: Adenia aleucémica. Linfomas no fígado e nos rins.

A inspecção das vísceras abdominais, imediatamente após a abertura da cavidade, nada revelava de anormal, mas, afastada uma ansa do jejuno-íleon, vimos que, sob esta e dependente de uma outra, colocada à direita da linha média, na região umbilical, existia um divertículo, dirigido para diante e para a esquerda, livre de quaisquer aderências, pouco distendido. A sua implantação faz-se na parte anterior da face esquerda do íleon, a 20cm da sua terminação.

Tem a forma geral de um martelo (Esquema 41), cujo cabo, ligeiramente cónico, tem 27^{mm} de comprimento, 6,2^{cm} de perímetro na base, 3,7^{cm} no extremo distal e faz com o intestino um ângulo agudo de abertura superior; no contôrno superior da base o limite é nítido, no inferior é indistinto. A porção percutora do martelo tem uma forma aproximadamente cilíndrica, ligeiramente oblíqua em relação ao cabo; a distância do tôpo superior ao cabo é maior que a do tôpo inferior ao mesmo cabo; tem de comprimento 27^{mm}; a sua superfície é irregularizada por sulcos, pouco profundos, que, especialmente no tôpo superior, limitam 6 pequenas bosseladuras, ao nível das quais a parede parece menos espessa que a do divertículo e que a do intestino (Esq. 42); o tôpo inferior é achatado. O perímetro desta porção percutora é ligeiramente maior que o do cabo, na parte que lhe é contígua (6^{mm}), de modo que a separação das duas porções é pouco nítida nas duas faces do divertículo.



Esquemas 41 e 42.

Junto do bôrdo inferior, mas já na face esquerda existe um borrelete adiposo (Esquema 42), finamente lobulado, que começa no extremo distal do cabo do martelo e se dirige para a inserção do mesentério, engrossando cada vez mais e invadindo uma porção cada vez maior da face esquerda do divertículo; esta gordura envolve finos vasos.

Ao nível da implantação diverticular a ansa do íleon está dobrada em ângulo em oposição com o divertículo, sendo o vértice do ângulo marcado por estreita e profunda reentrância, onde existe uma prega peritoneal que une as duas porções numa certa extensão. O eixo do divertículo fica no prolongamento do eixo da ansa a jusante. Esta tem de perímetro 10^{cm} e a superior 9,4^{cm}.

É ampla a comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal e apenas num curto segmento do orifício existe um espessamento, correspondendo ao contôrno superior.

A mucosa é lisa, sem placas de Peyer, nem vestígios de processo inflamatório. Continha fezes líquidas e gazes.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO XLIX

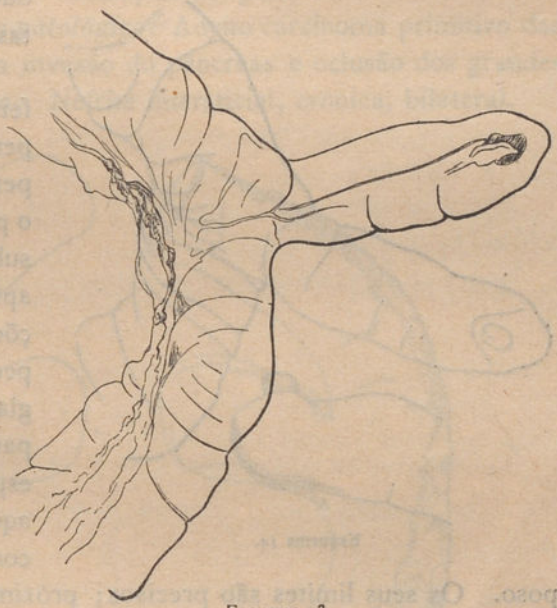
Fig. 1. Est.ª XIX.

Peça do I. M. L.

António F., de 36 anos. Autópsia n.º 2722.

Diagnóstico anátomo-patológico: Ferida contusa na região parietal direita com fractura craneana, dilaceração meníngea e cerebral.

Do relatório de autópsia nada consta a respeito do divertículo que com êste número se acha arquivado no Museu do I. M. L., ignorando-se mesmo o ponto do jejuno-íleon onde se fazia a sua implantação.



Esquema 43.

Trata-se de um divertículo do íleon, cuja implantação é lateral, não tocando, porém, o seu limite a linha de inserção do mesentério e que faz com a ansa um ângulo recto.

É em dedo de luva, ligeiramente estrangulado na base, cujos limites separativos de intestino são muito nítidos (Esquema 43), com o vértice um pouco ponteagudo. Superfície exterior sem vestígios de aderências.

A partir da inserção do mesentério, e prolongando-se pela face do divertículo mais próxima dêste, existe uma arteríola que vai até muito próximo da ponta. Nesta mesma face e junto da terminação desta arteríola, existe uma prega peritoneal com pequena quantidade de gordura, orientada no sentido do eixo diverticular, com 2^{cm} de comprimento e 5^{mm} de largura máxima. Apalpando-se a parede nota-se por baixo desta prega um nódulo duro, ao qual corresponde uma côr mais escura da parede.

Tem $7{,}5^{cm}$ de comprimento e $7{,}8^{cm}$ de perímetro na parte média.

O intestino apresenta uma forte curvatura a êste nível, de concavidade correspondente à inserção do mesentério. De um e outro lado do divertículo os perímetros são desiguais (10,9 e $9{,}1^{cm}$).

Invertendo a ansa intestinal e o seu divertículo obtem-se o aspecto representado pelo Esquema 44. A comunicação é ampla, a-pesar-de uma pequena prega numa pequena extensão do perímetro do orifício. O nódulo que se reconhecia à palpação aparece saliente na mucosa da ponta e com um relêvo que é pôsto em evidência pelo Esquema 44 A. Fora dela a mucosa é lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório.

Ignora-se qual fôsse o seu conteúdo e do mesmo modo se havia outras anomalias congénitas.



Esquema 14.

Em cortes histológicos feitos no nódulo da mucosa, perpendicularmente à superfície livre e interessando o plano mediano, vê-se que, subjacente à mucosa, que apresenta profundas alterações cadavéricas, existe uma pequena massa de aspecto glandular bem nítido, ocupando cêrca de metade da espessura da submucosa, aqui quási exclusivamente constituïda por tecido adiposo. Os seus limites são precisos; próximo do centro existe uma fenda irregular, revestida parcialmente por epitélio cilíndrico e contendo restos destacados do mesmo epitélio.

No tecido dêste nódulo há a distinguir um estroma e o tecido glandular. O estroma é abundante, especialmente na porção compreendida entre a fenda central e a face profunda da mucosa, e em qualquer ponto formando septos espessos, em cuja constituïção entram tecido fibroso, fibras musculares lisas e numerosos linfáticos; separa os elementos glandulares. O tecido glandular é formado por tubos de calibre desigual, em geral grande, cortados em diversas direcções, em cuja parede se encontram células cilíndricas com núcleo basal e células caliciformes, reproduzindo o aspecto de glândulas de Lieberkühn. Em uns dêstes tubos o lúmen esta inteiramente vasio, noutros cheio por uma substância homogénea com o aspecto de muco. Muitos dos cortes destas glândulas tubulosas são tão irregulares que se é levado a crer que estes tubos são ramificados, interessando os cortes os pontos de ramificação. Nestas células não há vestígios de processo de divisão e no tecido interglandular não há massas celulares

suspeitas de neoplásicas. Trata-se, cremos, de uma formação adenomatóide, feita à custa das glândulas de Lieberkühn, incluïdas na sub-mucosa por um processo vicioso de obliteração (Est.ª XXIV).

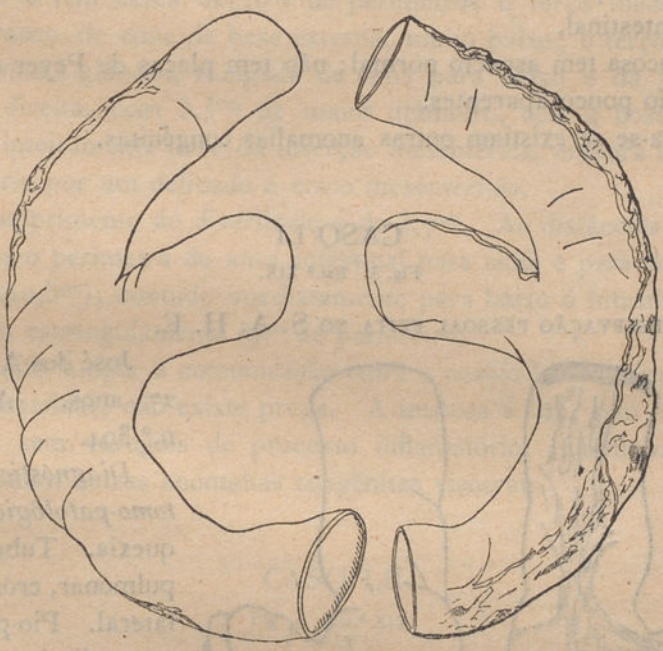
CASO L

Fig. 2. Est.ª XIX.

Peça do I. A. P.

António, de 55-60 anos. Autópsia n.º 956.

Diagnóstico anátomo-patológico: Adeno-carcinoma primitivo das vias intra-hepáticas, com invasão do pâncreas e oclusão dos grandes ductos biliares. Icterícia. Nefrite intersticial, crónica, bilateral.



Esquemas 45 e 46.

Foi encontrado um divertículo do jejuno-íleon, ignorando-se a sua situação na cavidade, a sua direcção, as suas relações e conteüdo.

Implanta-se no bôrdo anterior do intestino, em directa oposição com o mesentério, fazendo ângulo agudo com a ansa, a 1^{m} da válvula de Bauhin. É aproximadamente cilíndrico (Esquema 45), um pouco mais grosso na ponta; a sua base é bem limitada do lado do vértice do ângulo agudo, pouco nítida do lado oposto; a ponta é achatada e larga. À superfície não existem resíduos de aderências. Em uma das faces e no seu limite (Esquema 46) existe um espessamento em forma de prega adiposa, pouco saliente, que se atenua pouco a pouco

para o lado do mesentério e sem qualquer relação com êste; nesta mesma face existe uma dilatação bem acentuada, de limites mal definidos, divertículo secundário largo e baixo. Não são apreciáveis vasos parietais.

Tem de comprimento 5^{cm}, de perímetro na base 7,5^{cm}, próximo da ponta 10^{cm}.

A ansa intestinal descreve um apertado arco cuja concavidade abraça o divertículo; de um e outro lado da sua implantação os perímetros intestinais são 8,7^{cm} e 9,4^{cm}.

A parede diverticular tem espessura igual à do intestino.

A parte do contôrno da base que corresponde ao vértice do ângulo agudo é marcada interiormente por uma crista que forma relêvo bem acentuado e que restringe a comunicação entre as cavidades diverticular e intestinal.

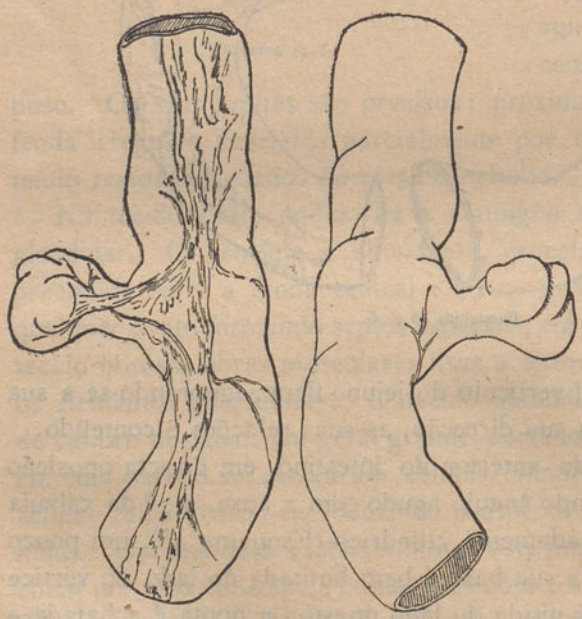
A mucosa tem aspecto normal; não tem placas de Peyer e os folículos são pouco aparentes.

Ignora-se se existiam outras anomalias congénitas.

CASO LI

Fig. 3. Est.ª XIX.

OBSERVAÇÃO PESSOAL FEITA NO S. A. H. E.



Esquemas 47 e 48.

José dos Anjos, de 27 anos. Autópsia n.º 394.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Tuberculose pulmonar, crónica, bilateral. Pio-pneumotorax direito por rotura de caverna. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Traqueo-bronquite crónica, purulenta. Nefrite sub-aguda bilateral.

No exame das vísceras abdominais *in loco*, depois de levantado o avental epiploico, nada de notável se encontra. Ao fazer-se o exame do mesentério nota-se a existência de um divertículo do

íleon, dirigido para dentro e como que colado ao mesentério. Não existiam quaisquer ligações com a parede abdominal anterior. Ligeira distensão por gazes. Seccionado o mesentério ao longo da sua inserção intestinal, vê-se que o divertículo fica a $1{,}32^{m}$ da terminação do íleon. A implantação faz-se na parte posterior da face lateral esquerda, de tal modo que a superfície de inserção mesentérica se continua pelo divertículo até cêrca de metade do seu comprimento (Esquema 47). Faz com o intestino ângulo recto.

Tem a forma geral do cabo de um carimbo. Na união do terço médio com o terço basal apresenta um estrangulamento com $3{,}7^{cm}$ de perímetro; a base corresponde a um tronco de cone (Esquema 48), cuja superfície de implantação é marcada por sulcos e uma delicada arteríola e tem cêrca de 10^{cm} de perímetro; o terço médio é um outro tronco de cone de base externa, muito baixo; o terço externo é uma massa globosa, alongada de cima para baixo e da esquerda para a direita, com $3{,}3^{cm}$ de maior diâmetro, com 4 bosseladuras nítidas, inteiramente livre da inserção mesentérica, embora unido ao mesentério por um delicado e curto mesenteríolo.

O comprimento do divertículo é de $3{,}7^{cm}$. Às distâncias preestabelecidas o perímetro da ansa intestinal para cima e para baixo é o mesmo ($10{,}3^{cm}$); contudo imediatamente para baixo o intestino apresenta um estrangulamento (9^{cm} de perímetro).

É muito ampla a comunicação entre a cavidade diverticular e o lúmen intestinal; não existe prega. A mucosa é lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório. Continha gazes. Não existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LII

Fig. 4. Est.ª XIX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

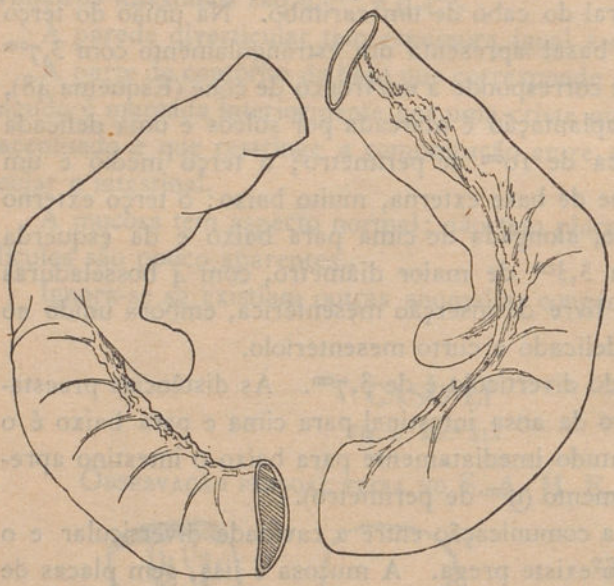
Dionísio da C. S., de 21 anos. Autópsia n.º 391.

Diagnóstico anátomo-patológico: Ascite. Cirrose esplénica com esplenomegália. Esclerose pancreática e peri-pancreática crónica. Hemorragia gástrica. Hepatite intersticial, crónica, com atrofia. Enfisema pulmonar, bilateral.

Ao fazer-se o exame *in loco* do mesentério foi encontrado um divertículo do intestino delgado que não fôra encontrado na primeira inspecção das vísceras abdominais, logo após a abertura da cavidade, por se encontrar coberto por ansas intestinais mais superficiais. Implantava-se na parte posterior da face lateral esquerda do intestino e dirigia-se para trás, colado ao mesentério numa pequena extensão,

pouco distendido por gazes, sem aderências ou ligações com a parede abdominal anterior.

Ficava a 70^{cm} da terminação do íleon, fazendo com o intestino um ângulo agudo de abertura inferior. Um estrangulamento feito à custa do bôrdo superior e onde o perímetro é de 3,4^{cm}, divide o divertículo em duas porções: uma correspondente à base, em tronco de cone de base intestinal, cujo limite é muito nítido inferiormente, onde o divertículo parece que se dobra sôbre a ansa, menos nítido lateralmente; outra correspondente à ponta, piriforme (Esquema 49), tendo de perímetro máximo 4,7^{cm}, de superfície muito regular.



Esquemas 49 e 50.

Na face mesentérica a inserção do mesentério sôbre a origem do divertículo, passa do bôrdo posterior para a face esquerda do intestino, em conseqüência da torsão dêste, donde resulta que o divertículo visto por esta face parece mais curto (Esquema 50). Do limite da inserção mesentérica até à parte média desta face estende-se uma pequena prega adiposa.

Tem de comprimento 3,3^{cm}.

Ao nível da implantação a ansa intestinal apresenta uma dupla curvatura: para o lado do mesentério e para a esquerda. Às distâncias preestabelecidas as ansas a montante e a jusante têm o mesmo perímetro (8,7^{cm}). Imediatamente para baixo da base de implantação o perímetro é muito menor (6,9^{cm}).

Não há diferença apreciável de espessura parietal entre o divertículo e o intestino. É ampla a comunicação entre um e outro e sem qualquer prega que limite a sua abertura. A mucosa tem aspecto normal, sem placas de Peyer. Continha pequena quantidade de líquido espesso, côr de tijolo e gazes.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

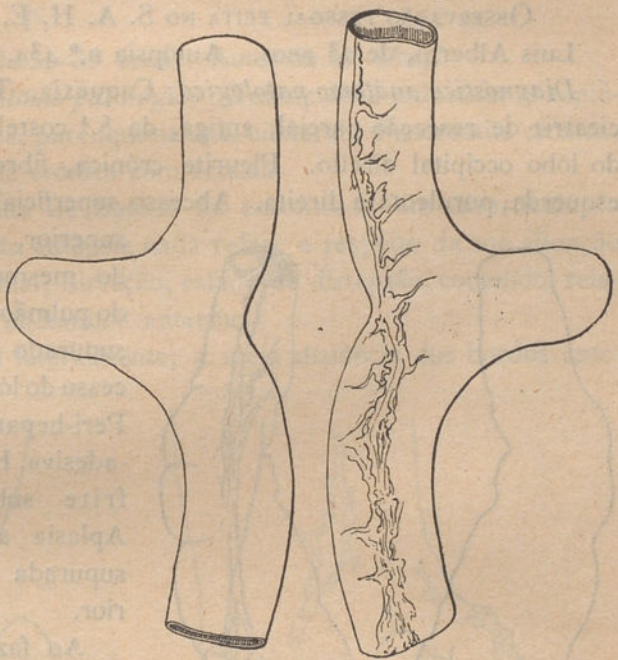
CASO LIII

Fig. 5. Est.ª XIX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Manuel A. B., de 60 anos. Autópsia n.º 340.

Diagnóstico anátomo-patológico: Paquimeningite crónica, fibro-adesiva, externa, limitada. Atrofia senil do baço. Fígado cianótico-gordo. Infartes renais. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Hipertrofia excêntrica do coração; miocardite crónica, degenerativa; trombose parietal do apêndice auricular direito. Grave edema pulmonar, bilateral. Esclerose grave da aorta, com notável deformação da crossa.



Esquemas 51 e 52.

Logo após a abertura da cavidade abdominal apareceu na região umbilical um divertículo do jejuno-íleon, dirigido para dentro, inteiramente livre de aderências, independente da parede abdominal, distendido por gazes. Implantava-se no bôrdo anterior do íleon, em oposição com o mesentério, a 1,12^{cm} da sua terminação, fazendo um ângulo de cêrca de 85 graus de abertura inferior. Tem a forma de um tronco de cone, de base intestinal, larga e de limites imprecisos (Esquema 51). Ponta arredondada, ligeiramente achatada na sua parte superior. Não tem mesenteríolo; não são apreciáveis vasos superficiais (Esquema 52).

Tem de comprimento 4^{cm}, de perímetro máximo 10,9^{cm} e mínimo 7,8^{cm}.

À altura do divertículo a ansa intestinal apresenta uma dobradura brusca, cujo vértice corresponde ao prolongamento do eixo diverticular. O segmento a montante tem de perímetro 8,7^{cm} e aquele que fica a jusante 7,8^{cm}. Não há diferença notável da espessura das paredes,

A comunicação entre as cavidades é muito ampla, sem qualquer prega, a mucosa lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios de processo inflamatório. Continha gazes.

Não existiam outras anomalias congénitas viscerais.

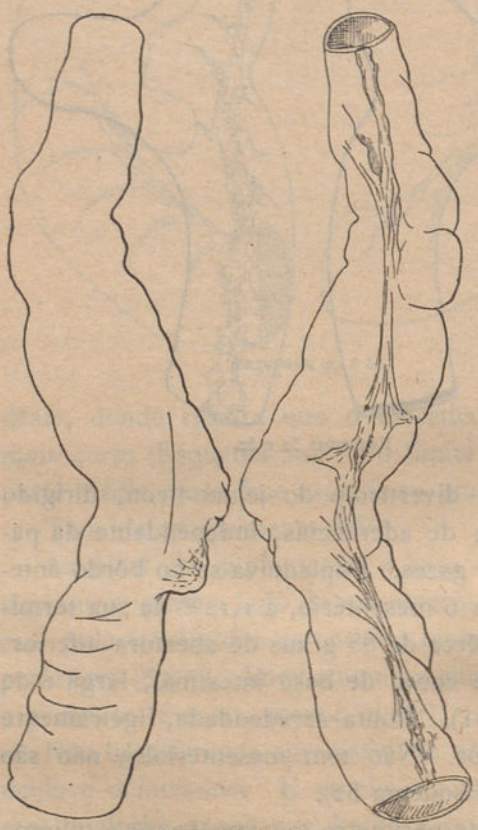
CASO LIV

Fig. 6. Est.ª XIX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Luís Alberto, de 23 anos. Autópsia n.º 434.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Trajecto fistuloso em cicatriz de resecção parcial, antiga, da 5.ª costela direita. Abcesso do lóbo occipital direito. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial à esquerda, purulenta à direita. Abcesso superficial do lóbo pulmonar, superior, direito; atelectasia do mesmo pulmão. Edema do pulmão esquerdo. Fleimão supurado do diafragma. Abcesso do lóbo direito do fígado. Peri-hepatite crónica, fibro-adesiva. Hidro-peritoneu. Nefrite sub-aguda, bilateral. Aplasia aórtica. Trombose supurada da veia cava inferior.



Esquemas 53 e 54.

Ao fazer o exame do jejuno-íleon vê-se que a 83cm da terminação do íleon, êste apresenta um engrossamento que atinge um perímetro de 11cm, num percurso de cêrca de 10,5cm, seguido de uma redução de calibre que persiste em todo o resto do jejuno-ileon (8,7cm). Quási no extrêmo inferior dêste engrossamento (Esquema 53) o intestino faz um cotovelo, com ligeiras bosseladuras, na face esquerda. Para baixo existe uma pequena prega, mais espessa no bordo, onde contém tecido adiposo, transparente; não tem gordura junto da inserção. A ansa tem uma ligeira curvatura no plano do mesentério.

Invertendo a ansa intestinal, ao nível do vértice do ângulo de dobradura não há pregas; não existem placas de Peyer, nem diferença apreciável de espessura.

No mesmo cadáver havia divertículos do esófago (Caso X).

CASO LV

Fig. 1. Est.ª XX.

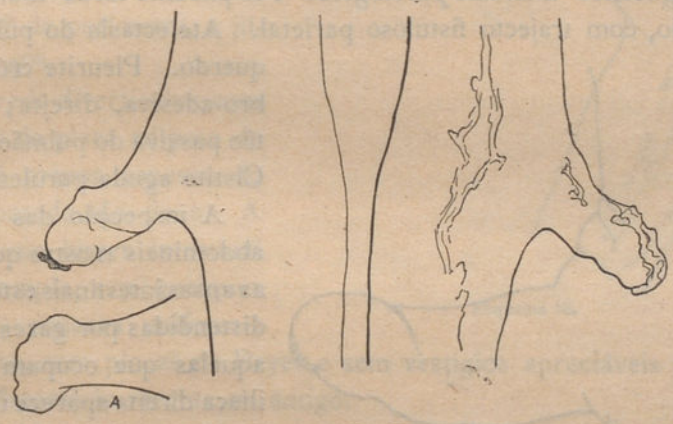
Peça do I. A. P.

Manuel G. C., de 30–35 anos. Autópsia n.º 2309.

Diagnóstico anátomo-patológico: Tuberculose pulmonar e esplénica. Nefrite crónica, parenquimatosa, bilateral. Pancreatite crónica, intersticial. Gastrite crónica com ectasia.

A 95cm da válvula de Bauhin foi encontrado um divertículo do íleon. O relatório da autópsia nada refere a respeito da sua situação na cavidade abdominal, direcção, estado de distensão, conteúdo, relações com a parede abdominal anterior.

Está implantado lateralmente, a meia distância dos bordos ante-



Esquemas 55 e 56.

rior e posterior, formando ângulo muito agudo com o intestino, de tal modo que em grande parte da sua base se continua insensìvelmente com a superfície intestinal (Esquema 55). A sua base é larga; o vértice é dilatado muito irregularmente, dando um alongamento que se dispõe perpendicularmente ao plano da porção principal do divertículo; assim, para se poderem apreciar bem os detalhes desta extremidade é preciso observá-la do lado dos topos intestinais, obtendo-se o Esquema 55 A, tornando-se bem aparentes as numerosas saliências de pequenos divertículos secundários. Desde a extremidade até meia distância desta ao bordo mais vizinho da inserção me-

sentérica (Esquema 56) dispõe-se uma série de pequenas franjas com gordura.

Tem 3,8^{cm} de comprimento, 5,9^{cm} de perímetro na parte média. A sua parede parece adelgaçada ao nível dos divertículos secundários.

De um e outro lado da sua implantação os calibres do intestino apresentam grande diferença (14,1 e 9,4^{cm} de perímetro).

A cavidade diverticular abre-se amplamente no lúmen intestinal; não há prega pseudo-valvular.

A mucosa é lisa, sem placas de Peyer, sem lesões inflamatórias apreciáveis, recentes ou antigas.

Não se sabe se existiam outras lesões congénitas.

CASO LVI

Fig. 2. Est.ª XX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

João dos S., de 39 anos. Autópsia n.º 262.

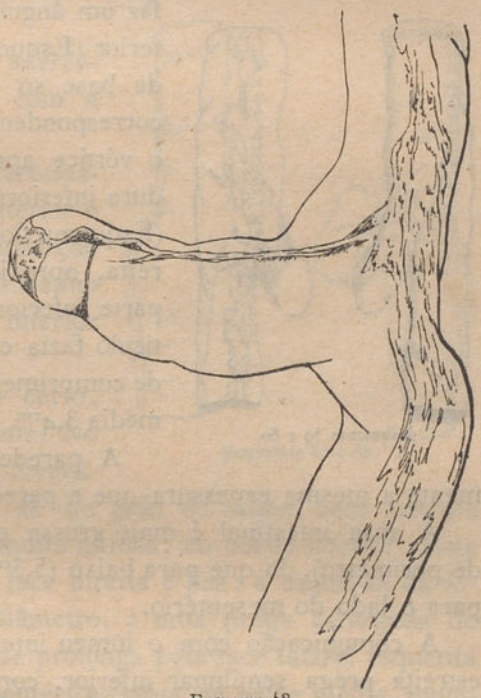
Diagnóstico anátomo-patológico: Pio-pneumo-torax multilocular esquerdo, com trajecto fistuloso parietal. Atelectasia do pulmão esquerdo. Pleurite crónica, fibro-adesiva, direita; congestão passiva do pulmão direito. Cistite aguda purulenta.



Esquema 57.

A inspecção das vísceras abdominais mostra que tôdas as ansas intestinais estão muito distendidas por gazes e entre aquelas que ocupam a fossa ilíaca direita aparece um grosso divertículo, cuja extremidade se dirige para diante, igualmente distendido por gazes, livre de aderências e sem conexão com a parede abdominal anterior. Afastadas as ansas contíguas, vê-se êste divertículo inserido em ângulo recto no bordo anterior e parte anterior da face esquerda do íleon. Seccionado o mesentério ao longo do intestino, verificou-se que êste divertículo ficava a 1,10^{cm} da terminação do íleon.

É cilíndrico, curvilíneo, de concavidade superior e pela sua forma e detalhes pode comparar-se com um pénis. A base de implantação é larga, de limites bem definidos por um ligeiro sulco. A ponta demarca-se do corpo por outro ligeiro sulco (Esquema 57) e na sua face inferior há duas bosseladuras, mais pequena a externa. Na face esquerda e na ponta existe uma placa amarelada, pouco espessa, adiposa, da qual parte um cordão com ligeiro relêvo que segue na vizinhança do bordo superior até à inserção mesentérica (Esquema 58), contendo vasos envolvidos de gordura. Tem 8,4^{cm} de comprimento, 11,6^{cm} de perímetro na base de implantação, 8,7^{cm} na base da glande.



Esquema 58.

A seu nível a ansa intestinal apresenta uma dobradura cujo vértice corresponde ao divertículo; no ângulo há uma pequena prega peritoneal. A montante o intestino tem 9,4^{cm} de perímetro, a jusante 10,9^{cm}.

A parede diverticular, com excepção da placa adiposa da ponta, é menos espessa do que a parede do íleon. A abertura no lúmen intestinal é muito ampla, sem qualquer prega; a mucosa uniformemente lisa, sem placas de Peyer e sem vestígios apreciáveis de processo inflamatório recente ou antigo.

Continha gazes e muito pequena quantidade de fezes líquidas. Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LVII

Fig. 3. Est.ª XX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Maria José, de 50 anos. Autópsia n.º 564.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Gangrena da boca. Hiperplásia aguda da polpa esplénica. Cianose hepática. Retroversão uterina. Nefrite aguda. Apendicite aguda. Edema pulmonar, bilateral.

Existia um divertículo do íleon, que não foi encontrado na primeira inspecção das vísceras abdominais, por se achar oculto pelas ansas intestinais mais superficiais. Estava situado na parte inferior da região umbilical, dirigido para dentro e para cima, muito ligeiramente distendido por gazes, sem aderências, nem ligação com a parede abdominal anterior.

Implanta-se na parte posterior da face lateral esquerda do intestino, contra o mesentério, a 1,15^{m} da terminação do íleon, com o qual faz um ângulo muito agudo de abertura inferior (Esquema 59). É em dedo de luva, de base só distinta na semi-circunferência correspondente ao vértice do ângulo agudo; o vértice apresenta uma pequena bosseladura inferiormente. A inserção mesentérica (Esquema 60) estende-se pela sua face direita, aproximando-se cada vez mais da parte inferior; ao nível desta zona o divertículo fazia corpo com o mesentério. Tem de comprimento 2,6^{cm}, de perímetro na parte média 3,4^{cm}, na base 3^{cm} [1].



Esquemas 59 e 60.

A parede diverticular tem aproximadamente a mesma espessura que a parede intestinal.

A ansa intestinal é mais grossa para cima do divertículo (7,5^{cm} de perímetro), do que para baixo (5,3^{cm}) e apresenta ligeira curvatura para o lado do mesentério.

A comunicação com o lúmen intestinal é ampla, a-pesar-de uma estreita prega semilunar inferior, correspondendo ao vértice do ângulo.

Mucosa de aspecto normal, sem placas de Peyer. Continha fezes e gazes.

Neste cadáver o jejuno-íleon era anormalmente pequeno.

CASO LVIII

Fig. 4. Est.ª XX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Manuel F., de 22 anos. Autópsia n.º 522.

Diagnóstico anátomo-patológico: Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial à esquerda e total à direita. Hidro-pericárdio. Miocardite crónica degenerativa; hipertrofia concêntrica do ventrículo direito;

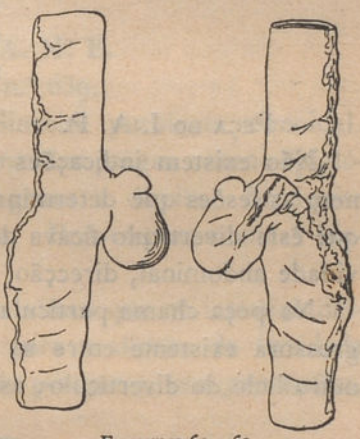
[1] Medidas tomadas com o intestino e divertículo distendidos por algodão.

comunicação inter-ventricular no espaço de Alvarenga; endocardite aguda, vegetante, valvular, tricuspida, com perfuração de um dos retalhos valvulares; duas sigmoideias no orifício pulmonar. Infartes no pulmão direito. Ascite. Esteatose hepática. Cicatrizes de pequenos infartes no rim direito.

Só ao fazer-se o exame do intestino delgado *in-loco* é que se notou a existência de um divertículo do íleon, situado na fossa ilíaca direita e que pelas suas dimensões e pequena distensão, era oculto pelas ansas intestinais.

Era inteiramente livre de aderências e sem qualquer ligação com a parede abdominal anterior.

Implantava-se a 0,92^{m} da terminação do íleon, no seu bordo anterior e em directa oposição com a inserção mesentérica, fazendo com o intestino um ângulo agudo de abertura inferior (Esquema 61).



Esquemas 61 e 62.

É piriforme, de pedículo curto, grosso, achatado transversalmente. No seu bordo superior existe um divertículo secundário com o volume de um grão de milho, bem saliente (Esquemas 61 e 62), de limites muito nítidos; no bordo inferior existe um pequeno e largo sulco. A face direita é lisa; a esquerda dá inserção, segundo o seu maior diâmetro, a uma prega carregada de gordura, formando franja, que se prolonga pela face lateral esquerda do intestino até à inserção mesentérica, larga na parte média, muito estreita nas extremidades; ao longo da sua linha de inserção existe uma veinula.

Êste saco diverticular tem de comprimento 23^{mm}; o seu pedículo tem um perímetro de 4^{cm}; na parte média é êste de 5,9^{cm}. O divertículo secundário tem de circunferência na base 2,5^{cm}.

A parede diverticular é tão espessa como a da porção contígua do intestino, uma e outra mais espessas do que a parede intestinal, considerada num ponto afastado. O exame interior mostra que a abertura de comunicação é estreita e reduzida ainda por numerosas pregas da mucosa, idênticas a válvulas coniventes que, existindo muito numerosas no segmento do íleon mais próximo do divertículo, se prolongam para a sua cavidade através do orifício de comunicação.

O segmento do íleon situado a montante é mais grosso (5,6^{cm}) do que aquele que fica a jusante (4,7^{cm}), às distâncias pre-estabelecidas.

Êste último, imediatamente para baixo do divertículo, apresenta um considerável aumento de perímetro (6,5cm).

Na mucosa não há vestígios apreciáveis de processo inflamatório; não existem placas de Peyer. A cavidade diverticular continha pequena quantidade de fezes líquidas e de gazes. Como acima referimos, havia neste cadáver graves anomalias do septo interventricular e das sigmoideias pulmonares.

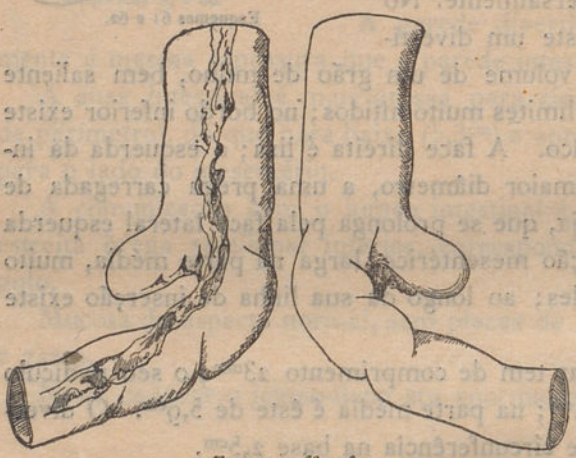
CASO LIX

Fig. 5. Est.ª XX.

Peça do I. A. P.

Não existem indicações relativas, nem ao indivíduo autopsiado, nem às lesões que determinaram a morte, nem ainda à distância a que êste divertículo ficava da terminação do íleon, à situação na cavidade abdominal, direcção, relações e conteúdo.

Na peça chama particularmente a atenção a notável diferença de grossura existente entre as porções do intestino situadas de um e outro lado do divertículo; assim, de um lado, o perímetro é de 9,5cm, do outro é de 5cm. O divertículo parece continuar a porção mais grossa, como se a esta altura o intestino se dicotomizasse. Ao mesmo nível há uma curvatura do íleon, com cêrca de 100 graus (Esquema 64). São igualmente interessantes as relações do divertículo com o mesentério. No segmento mais grosso a inserção mesentérica ocupa a linha média; no ponto de dobradura toca o bordo do lado do divertículo e no segmento menos grosso vai ocupar novamente a linha média (Esquema 63).



Esquemas 63 e 64.

A implantação do divertículo é lateral. No ângulo que forma com o segmento de menor calibre existe uma prega peritoneal, pequena, carregada de gordura, em relação de continuidade com a inserção do mesentério.

É em dedo de luva, muito ligeiramente dilatado na ponta; a sua superfície é lisa, sem vestígios de aderências. Tem 3,2cm de com-

primento e 4,7^{cm} de perímetro na base. A parede tem espessura igual à do intestino.

A cavidade diverticular comunica largamente com o lúmen intestinal; não há pregas nem placas de Peyer na mucosa, nem vestígios apreciáveis de processo inflamatório.

CASO LX

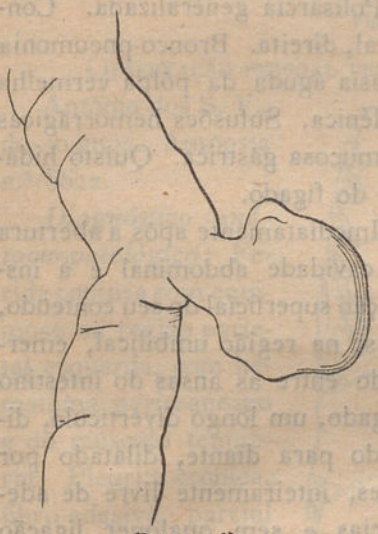
Fig. 6. Est.ª XX.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Casimira F., de 25 anos. Autópsia n.º 639.

Diagnóstico anátomo-patológico: Sinusite purulenta etmoidal. Congestão faringo-laringo-traqueal; edema das pregas aríteno-epiglóticas. Pleurite aguda, bilateral, mais grave à direita. Bronquite aguda supurada, mais grave à esquerda. Bronco-pneumonia. Hemorragia uterina.

Só no exame exterior do jejuno-íleon vimos que no intestino delgado existia um divertículo, pendente para a direita da cavidade abdominal na região umbilical, distendido por gazes, sem aderências,



Esquema 65.



Esquema 66.

inteiramente independente da parede abdominal anterior. Implantava-se na parte anterior da face lateral esquerda, a 1,05^{m} da terminação do íleon, com o qual faz um ângulo agudo de abertura inferior.

É globoso (Esquemas 65 e 66), irregularmente bosselado, com dois divertículos secundários na parte superior, com 4,2^{cm} de maior diâmetro e 4^{cm} de menor. A implantação faz-se por um pedículo

grosso (6,2^{cm} de perímetro) e curto (12^{mm}), de limites muito nítidos do lado do intestino, menos marcados do lado da porção globosa. Superfície exterior perfeitamente lisa, sem vasos apreciáveis; parede adelgaçada, especialmente ao nível dos pequenos divertículos secundários.

Ao nível da implantação a ansa intestinal apresenta uma dobradura do lado do mesentério. O segmento superior tem um perímetro de 9,7^{cm} e o inferior 9,1^{cm} às distâncias pre-estabelecidas; êste último junto do pedículo diverticular é estrangulado (7,5^{cm} de perímetro).

A abertura interna é estreita, sem prega pseudo-valvular. A mucosa tem aspecto normal; não tem placas de Peyer.

Continha gazes e quantidade insignificante de substâncias fecais.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

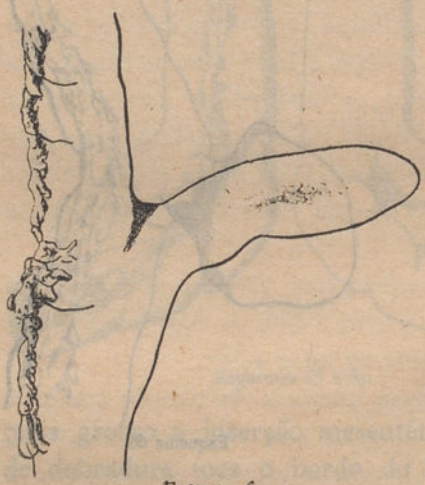
CASO LXI

Fig. 1. Est.ª XXI.

Observação pessoal feita no Hospital do Rego.

Cipriana da Conceição, de 30–35 anos. Autópsia n.º 485.

Diagnóstico anátomo-patológico: Polisarcia generalizada. Congestão tráqueo-brônquica. Sínfise pleural, direita. Bronco-pneumonia bilateral. Bronquite aguda. Hiperplasia aguda da pôlpa vermelha esplénica. Sufusões hemorrágicas da mucosa gástrica. Quisto hidático do fígado.



Esquema 67.

Imediatamente após a abertura da cavidade abdominal e à inspecção superficial do seu conteúdo, viu-se na região umbilical, emergindo entre as ansas do intestino delgado, um longo divertículo, dirigido para diante, dilatado por gazes, inteiramente livre de aderências e sem qualquer ligação com a parede abdominal anterior.

Implanta-se no íleon a 1,03^{m} da sua terminação, em oposição com o mesentério e formando um ângulo agudo de abertura superior.

É em dedo de luva (Esquema 67), com ligeira curvatura de concavidade inferior e de vértice ponteagudo; o seu bordo superior continua-se bruscamente com o intestino; o inferior estende-se muito obliquamente antes de se confundir com a superfície intestinal, como

se o divertículo se inserisse mais abaixo e fôsse tangencial à ansa intestinal numa certa extensão, continuando a direcção do segmento infra-jacente da ansa. No ângulo superior existe uma delicada membrana de forma triangular. Na face esquerda vêem-se finíssimos vasos que a percorrem longitudinalmente, ramificando-se.

Tem 7,2^{cm} de comprimento; na base o seu perímetro é de 6,2^{cm}; na parte média dos dois terços distais, onde o divertículo é mais grosso, o perímetro é de 7,2^{cm}.

Para baixo da implantação a ansa intestinal é mais grossa numa certa extensão, mas depois readquire a grossura que tem para cima (6,9^{cm} de perímetro).

A espessura da parede é igual à do intestino. A abertura de comunicação com o lúmen intestinal é estreita, ainda reduzida pela existência de uma prega em crescente que a limita superiormente.

A mucosa é lisa, de espessura uniforme, sem placas de Peyer e sem vestígios apreciáveis de processo inflamatório. Continha gazes.

No cadáver não havia outras anomalias congénitas viscerais.

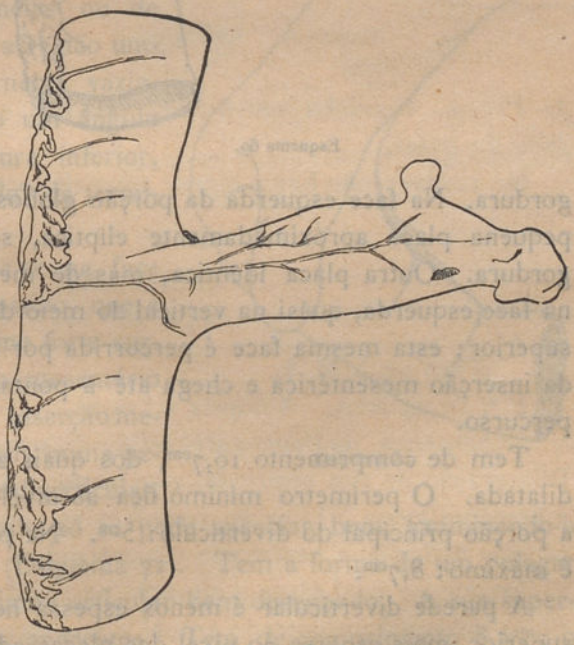
CASO LXII

Fig. 2. Est.ª XXI.

Observação pessoal feita no I. M. L.

António dos S. V., de 40 anos. Autópsia n.º 6622.

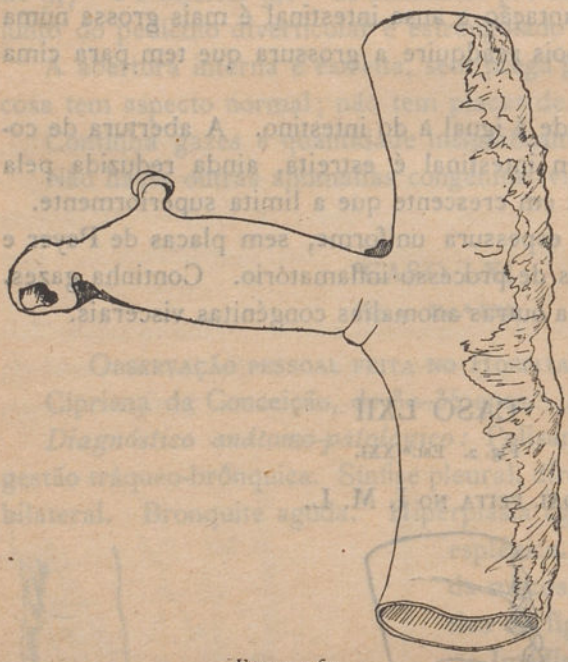
Diagnóstico anátomo-patológico: Ferida contusa com equimose na região parietal esquerda, com hematoma pericraneano e do músculo temporal. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial à direita e total à esquerda. Peri-esplenite crónica, fibro-adesiva.



Esquema 68.

Depois de levantado o avental epiploico, que descia até pelve, vê-se, emergindo das ansas intestinais da região umbilical, um

divertículo dirigido para diante, sem aderências, completamente independente da parede abdominal anterior, medianamente distendido por gazes. Implanta-se no bordo anterior do intestino, em directa oposição com o mesentério, a 1,5^{m} da terminação do íleon, com o qual faz ângulo recto. É ligeiramente fusiforme: A sua base (Esquema 68) continua-se insensìvelmente com a parede intestinal, especialmente na parte inferior; na parte superior parece prolongar-se mais pela face direita. O vértice dobra-se um pouco para baixo, dilatando-se irregularmente em empôla na sua extremidade, destacando-se nesta dilatação cinco divertículos secundários, de limites pouco precisos (Esquema 69). No bordo superior, a 6,2^{cm} da inserção, existe um volumoso divertículo secundário, de aspecto muriforme, de grosso pedículo (2,8^{cm} de perímetro), com 8^{mm} de altura. No ângulo superior do divertículo com a ansa intestinal existe um pequeno lóbulo de gordura. Na face esquerda da porção globosa da ponta nota-se uma pequena placa aproximadamente elíptica, saliente, constituída por gordura. Outra placa idêntica, mas de menores dimensões, existe na face esquerda, quási na vertical do meio do divertículo secundário superior; esta mesma face é percorrida por uma arteríola que parte da inserção mesentérica e chega até à ponta, ramificando-se no seu percurso.



Esquema 69.

Tem de comprimento 10,7^{cm}, dos quais 2,4^{cm} pertencem à ponta dilatada. O perímetro mínimo fica ao nível da união da ponta com a porção principal do divertículo: 5^{cm}. Na parte média o perímetro é máximo: 8,7^{cm}.

A parede diverticular é menos espessa no divertículo secundário superior, mais espessa ao nível das placas adiposas. Para baixo do divertículo a ansa é um pouco mais grossa do que para cima (13,1^{cm} e 12,5^{cm} de perímetro).

A abertura de comunicação é ampla, a-pesar-de uma estreita prega semilunar existente no contôrno superior. Na mucosa, aliás de aspecto normal, existem pequenas pregas permanentes transversais; não há placas de Peyer.

Continha gazes e pequena quantidade de líquido escuro, espesso.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXIII

Fig. 3. Est.ª XXI.

Observação pessoal feita no I. M. L.

Maria Elvira C., de 23 anos. Autópsia n.º 6361.

Diagnóstico anátomo-patológico: Ferida por arma de fogo no ôlho esquerdo, com penetração do projectil na cavidade craniana, perfuração dos lobos temporal e parietal do mesmo lado, perfuração das meninges com grande hemorragia. Amigdalite crónica, supurada, bilateral.

O divertículo que existia neste cadáver só foi visto na ocasião da inspecção do mesentério e do jejuno-ileon *in loco*. A ansa intestinal respectiva ocupava a fossa ilíaca direita. O divertículo estava inteiramente livre de aderências ou de qualquer conexão com a região umbilical e quási inteiramente vazio. Fazia com o intestino um ângulo muito agudo de abertura inferior, cujo vértice ficava a 0,80^{m} da terminação do ileon.



Esquema 70.

A implantação fazia-se na face lateral esquerda do intestino, que a êste nível apresenta uma forte curvatura para o lado do mesentério (Esquemas 70 e 71). A inserção mesentérica estende-se ainda numa pequena extensão da base diverticular.

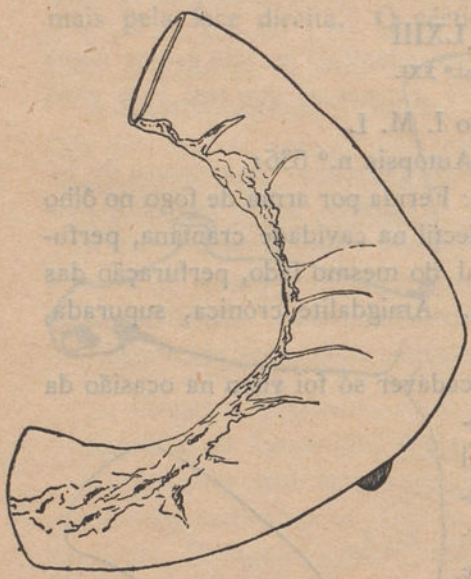
A forma do divertículo só se pode apreciar bem, examinando-o do lado do mesentério (Esquema 72). Tem a forma de um polegar visto de perfil, com o limite articular bem desenhado. A sua superfície é lisa, sem vasos aparentes. Tem de comprimento 5,2^{cm}; o perímetro na base é de 7,8^{cm}, na parte média de 5,3^{cm}.

A espessura parietal é a mesma no intestino e no divertículo.

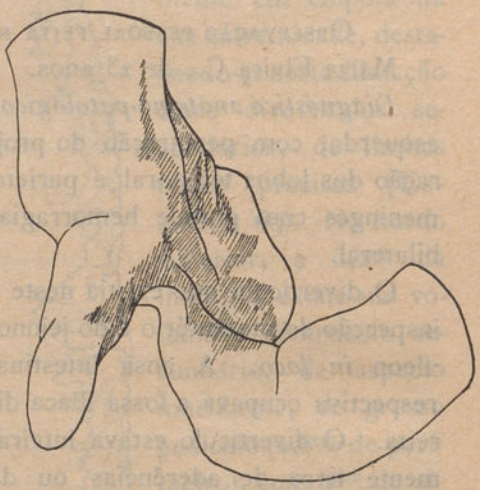
Para cima da implantação o intestino tem um perímetro de 11,3^{cm}; para baixo de 9,7^{cm}.

A base é muito larga e oblíqua para baixo e para diante, de limites pouco nítidos; o vértice é ponteagudo.

A comunicação com o lúmen intestinal é muito ampla, a-pesar-de uma prega semi-lunar inferior com 5^{mm} de largura que existe na sua parte média. A mucosa tem aspecto normal, sem pregas nem placas



Esquema 71.



Esquema 72.

de Peyer. Continha um líquido espesso, escuro e pequena quantidade de gazes.

No cadáver não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXIV

Fig 4. Est.ª XXI.

Peça do I. M. L.

F.º, de 24 anos. Autópsia n.º 6927.

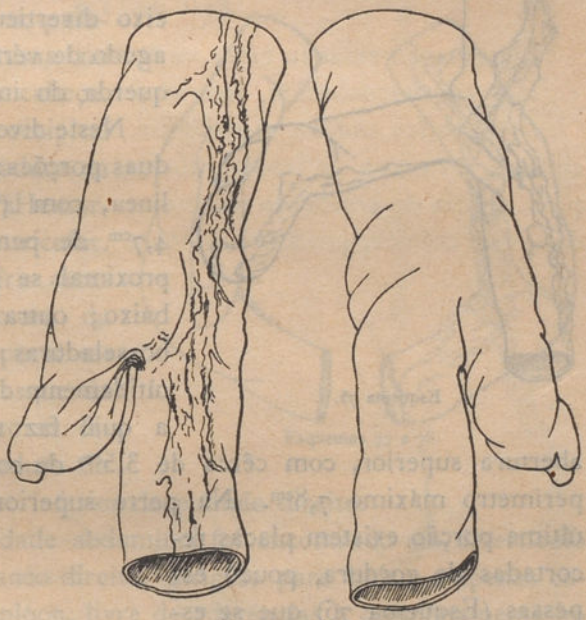
Diagnóstico anátomo-patológico: Fractura da base do crânio. Dilaceração do rim esquerdo, com hematoma da loca renal esquerda e hemoperitoneu. Luxação coxo-femural direita com rasgadura da cápsula articular e hematoma circunvizinho.

Ignoramos qual fôsse a situação na cavidade abdominal do divertículo intestinal encontrado e qual a sua direcção.

Implantava-se na face lateral esquerda do intestino delgado, a 0,80^{m} da terminação do íleon, com o qual faz um ângulo muito agudo

de abertura inferior. À sua superfície não existem vestígios de aderências, nem na sua ponta restos de qualquer cordão fibroso. A ansa apresenta uma forte curvatura de concavidade situada do lado da inserção mesentérica. O divertículo é curvilíneo para o mesmo lado e irregularmente cilíndrico. A base é muito larga e o seu limite só é nítido do lado do vértice do ângulo agudo. Na ponta vêem-se dois divertículos secundários, sésseis, muito bem limitados (Esq. 74).

Para a face esquerda do ponto de inserção mesentérica mais próximo da base, parte um feixe de arteríolas que nela se perdem, depois de curtos trajectos (Esquema 73).



Esquemas 73 e 74.

O seu comprimento é de cêrca de 5^{cm}, o perímetro máximo de 6,9^{cm}. A parede é tão espessa como a do intestino, excepto ao nível dos divertículos secundários, onde é mais delgada.

Para cima do divertículo a ansa intestinal é muito mais grossa (13,5^{cm} de perímetro) do que para baixo (10^{cm}). O divertículo parece continuar o segmento situado a montante.

A abertura de comunicação é muito ampla a-pesar-de uma ligeira prega inferior.

A mucosa tem o aspecto normal, sem placas de Peyer. Ignora-se a natureza do conteúdo e se existiam outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXV

Fig. 5. Est.ª XXI.

Peça do I. A. P.

F., de 60–65 anos. Autópsia n.º 6942.

Diagnóstico anátomo-patológico: Hepatização cinzenta de todo o pulmão direito. Bronquite purulenta, bilateral. Nefrite crónica, bilateral. Hepatite intersticial, crónica.

Foi encontrado um divertículo do jejuno-íleon. O protocolo da

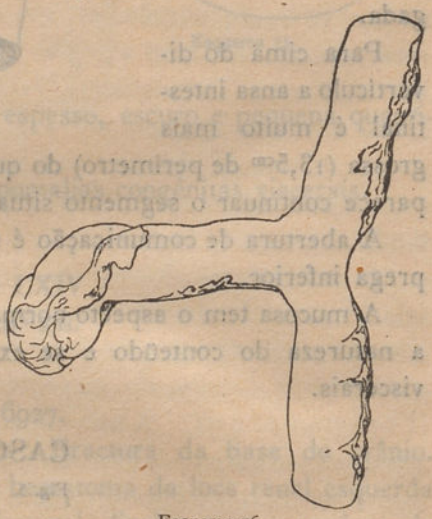
autópsia nada diz acêrca da situação na cavidade abdominal, da direcção, distensão e relações com os órgãos vizinhos e com a parede abdominal anterior. A ausência de resíduos de aderências e de restos de qualquer cordão apical leva a crer que era inteiramente livre.



Esquema 75.

Implantava-se a 1,45^{m} da terminação do íleon, em ângulo recto com o intestino e em oposição com o mesentério que precisamente ao nível do eixo diverticular forma um ângulo agudo de vértice anterior na face esquerda do intestino (Esquema 75).

Neste divertículo há a considerar duas porções: uma cilíndrica, rectilínea, com 4^{cm} de comprimento e 4,7^{cm} de perímetro, cujo extremo proximal se alarga em cone muito baixo; outra alongada, com três bosseladuras na face inferior, distinta nìtidamente da porção anterior, com a qual faz um ângulo obtuso de abertura superior, com cêrca de 3,5^{cm} de comprimento e tendo de perímetro máximo 7,8^{cm}. Na parte superior e face direita desta última porção existem placas recortadas de gordura, pouco espessas (Esquema 76) que se estendem pela parte superior da porção cilíndrica na sua metade distal. Entre as duas porções e na face direita observa-se uma prega alta, oblíqua, que se continua com as placas de gordura. Prega e placas são independentes do meso; ao nível das últimas a parede é mais espessa. Para cima e para baixo do divertículo o perímetro da ansa intestinal é o mesmo (5,6^{cm}). Ao seu nível a ansa dobra-se, como se os dois segmentos convergissem para o divertículo.



Esquema 76.

A abertura da cavidade diverticular no lúmen intestinal é ampla, a-pesar-de duas estreitas pregas semilunares que a limitam superior e inferiormente.

A mucosa é normal, sem placas de Peyer. Ignora-se qual fôsse o conteúdo da cavidade e se existiam outras anomalias congénitas viscerais.

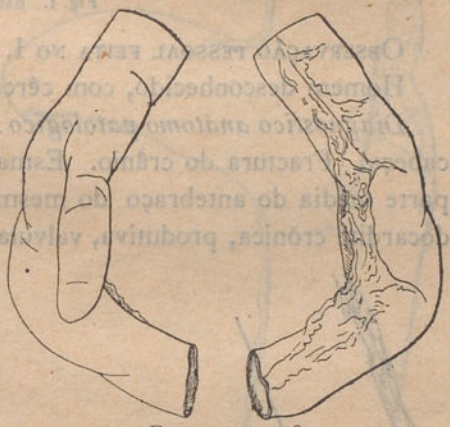
CASO LXVI

Fig. 6. Est.ª XXI.

Observação pessoal feita no I. M. L.

Armindo E. G., de 1–5 anos. Autópsia n.º 6624.

Diagnóstico anátomo-patológico: Feridas contusas na metade esquerda da cabeça. Fractura esquirolosa do occipital e dos parietais. Rasgadura da dura-mater occipital. Hemorragias meníngea e ventricular. Dilaceração do hemisfério cerebeloso, direito. Fractura da porção pétrea de temporal esquerdo e da grande aza esquerda do esfenóide. Hemotorax direito. Profunda rasgadura do bôrdo posterior do lóbo inferior do pulmão direito.



Esquemas 77 e 78.

No exame da cavidade abdominal foi encontrado um divertículo do íleon, situado no flanco direito, dirigido para baixo e apenas coberto pelo grande epiploon, livre de aderências e completamente independente da parede abdominal anterior. Implantava-se a 0,80^{m} da terminação do íleon, na parte posterior da face lateral esquerda do intestino, junto do mesentério, fazendo com aquele um ângulo muito agudo de abertura inferior.

É em dedo de luva, ligeiramente irregular em grossura (Esquema 77), de base ligeiramente estrangulada e de vértice um pouco ponteagudo.

Colocando a ansa em posição descritiva, vê-se que a face direita do divertículo é unida ao mesentério numa certa extensão (Esq. 78).

Tem de comprimento 3,8^{cm}, de perímetro máximo 4^{cm} e mínimo 3,4^{cm}.

A ansa intestinal apresenta uma forte curvatura para o lado da inserção mesentérica e a montante é mais grossa (6,9^{cm} de perímetro) do que a jusante (5,9^{cm}). A parede é tão espessa como a parede do intestino.

A comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal é larga, a-pesar-de uma pequena prega semi-lunar que ocupa o con-

tôrno inferior da abertura. A mucosa não apresenta vestígios de processo inflamatório; os folículos fechados são mais volumosos que no intestino; não há placas de Peyer.

Continha fezes líquidas e gazes em pequena quantidade. No cadáver não se observaram outras anomalias congénitas viscerais.

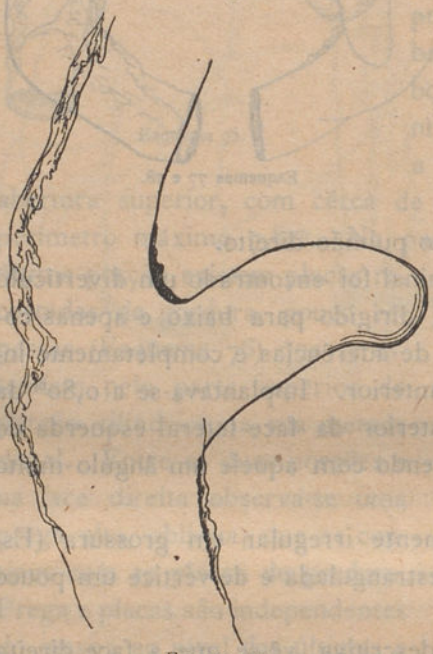
CASO LXVII

Fig. 1. Est.ª XXII.

Observação pessoal feita no I. M. L.

Homem desconhecido, com cêrca de 40 anos. Autópsia n.º 5694.

Diagnóstico anátomo-patológico: Contusões e feridas contusas na cabeça. Fractura do crânio. Esmagamento da espádua direita e da parte média do antebraço do mesmo lado. Fracturas costais. Endocardite crónica, produtiva, valvular, aórtica. Esclerose das papilas renais. Átero esclerose aórtica.



Esquema 79.

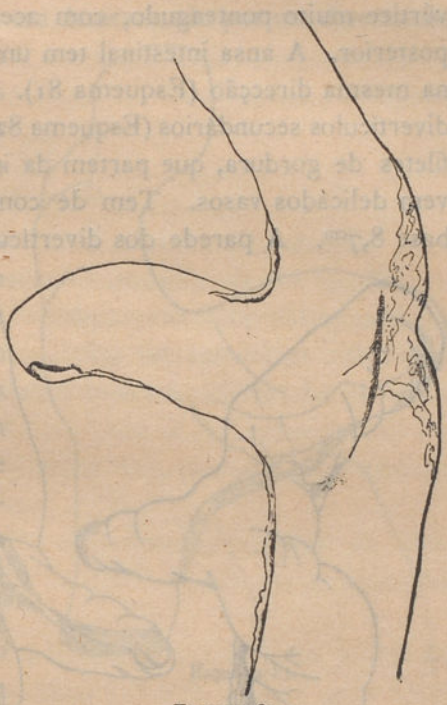
À abertura do abdomen aparece na fossa ilíaca direita, dilatado por gazes, entre as ansas intestinais, um grosso divertículo dirigido para diante, sem aderências, independente da parede abdominal anterior. Implanta-se no bôrdo anterior do íleon, com o qual faz um ângulo agudo de abertura superior, em oposição com o mesentério, a 1,85^{m} da terminação do intestino delgado. Tem a forma de um polegar, de extremidade curva para baixo (Esquema 79), mais grosso na base (11,6^{cm} de perímetro), onde se continua gradualmente com a parede intestinal, do que na parte média (10,8^{cm}) e mais ainda do que na vizinhança da ponta (7,8^{cm}); tem 6,8^{cm} de comprimento. A ponta é muito arredondada e larga e apresenta na parte inferior um espessamento constituïdo por uma placa de gordura que se continua numa pequena extensão por uma prega muito delicada (Esquema 80).

Para cima e para baixo da base do divertículo e em directa oposição com o mesentério, há pequenas pregas, maior a inferior e situada exclusivamente na ansa, pequena a superior e continuando-se

numa certa extensão à superfície do divertículo; são pouco volumosas e contêm gordura.

A ansa intestinal apresenta uma ligeira curvatura para o lado do divertículo e é mais grossa para cima (12,2cm de perímetro) do que para baixo (11,3cm). O bôrdo posterior desta ansa, ao nível do divertículo, tem uma pequena reentrância.

A espessura da parede não difere da do intestino. A comunicação com o lúmen intestinal é muito ampla e sem prega pseudo-valvular. A mucosa tem aspecto normal; na vizinhança da abertura há uma pequena placa de Peyer. Continha quantidade insignificante de fezes líquidas e muitos gazes.



Esquema 80.

Não se observaram outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXVIII

Fig. 2. Est.ª XXII.

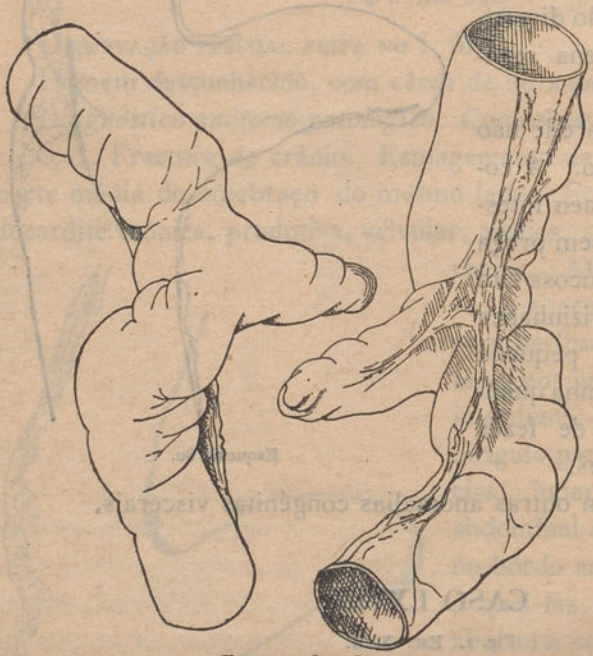
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

João M. de B., de 18 anos. Autópsia n.º 417.

Diagnóstico anátomo-patológico: Anasarca. Edema meningo-encefálico. Hidro-peritoneu. Infartes anémicos do baço. Nefrite sub-aguda, bilateral; pequeno infarte no rim esquerdo. Edema pulmonar, bilateral. Sínfise pericárdica recente. Hipertrofia excêntrica do coração; miocardite crónica, esclerosante, valvular, aórtica; redução numérica das sigmoideias aórticas; anomalia congénita da porção ascendente da crossa aórtica. Aortite crónica vegetante. Aplásia da porção descendente da crossa. Ligeiro edema da glote.

Ao abrir a cavidade abdominal aparece no flanco direito um divertículo dirigido para a cicatriz umbilical, mas sem atingir a sua face interna, nem tendo com ela quaisquer ligações, distendido por gazes. Afastando as ansas intestinais vê-se que se implanta na face lateral esquerda do intestino, com o qual faz ângulo recto, a 0,85m da terminação do íleon.

Êste divertículo é cónico, de base intestinal mal delimitada, de vértice muito ponteagudo, com acentuada curvatura de concavidade posterior. A ansa intestinal tem uma curvatura ainda mais apertada na mesma direcção (Esquema 81). Na ponta existem dois pequenos divertículos secundários (Esquema 82) e na face posterior muito ténues filetes de gordura, que partem da inserção mesentérica e que envolvem delicados vasos. Tem de comprimento 4,8^{cm}, de perímetro na base 8,7^{cm}. A parede dos divertículos secundários é menos espessa que a da parte restante, que não difere da parede intestinal.



Esquemas 81 e 82.

O segmento da ansa intestinal situado para cima da zona de implantação diverticular tem 9,4^{cm} de perímetro, o que fica para baixo 8,7^{cm}.

A comunicação com o lúmen intestinal é muito ampla, sem qualquer formação pseudo-valvular.

Na mucosa não há vestígios aparentes de processo inflamatório, os folículos não são apreciáveis, não há placas de Peyer, mas há pregas muito finas e baixas, que não desaparecem pela distensão.

Além do que já indicámos havia neste caso outras anomalias congénitas: arteria radial esquerda filiforme, apófise supra-epitroclear e buraco olecraneano à direita.

CASO LXIX

Fig. 3. Est.ª XXII.

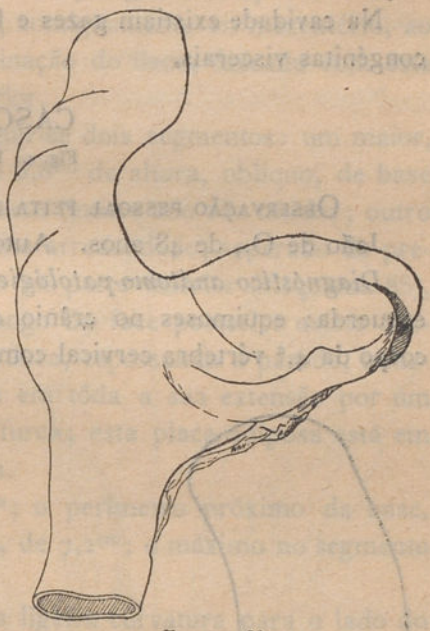
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Manuel M., de 25 anos. Autópsia n.º 399.

Diagnóstico anátomo-patológico: Quelotomia muito recente. Peritonite aguda, generalizada. Necrose de uma ansa do jejuno-íleon. Congestão passiva, pulmonar, bilateral.

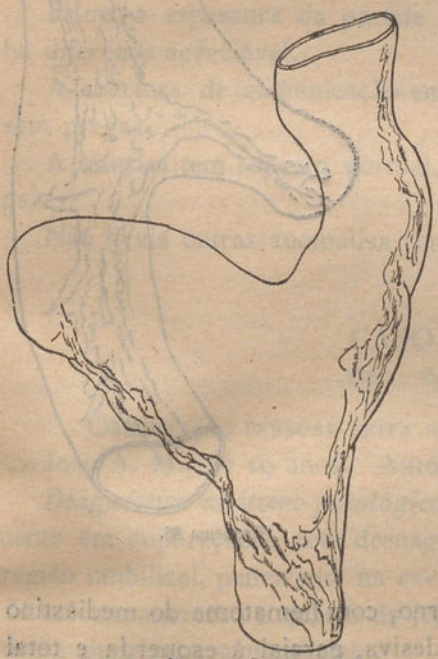
Ao fazer o exame exterior do jejuno-íleon notou-se a existência de

um notável engrossamento numa zona muito limitada; um exame mais minucioso mostrou que êste era determinado por um divertículo intestinal, fortemente aderente à ansa situada para cima e fazendo corpo com ela. Desfeitas as aderências o divertículo tem o aspecto figurado no Esquema 83.



Esquema 83.

Estava situado no flanco direito, sem relações com a parede abdominal anterior, medianamente distendido por gazes, implantado no bordo anterior do intestino, a 85^{cm} da terminação do íleon. Tem a forma de um tronco de cone de superfície irregularizada por grandes bosseladuras, mais aparentes nas faces direita e inferior e ainda no vértice, onde três saliências limitam uma pequena depressão central; a base é muito larga e continua-se sem linha de demarcação com a superfície intestinal.



Esquema 84.

Ao longo do bordo inferior existe uma prega, estreita e adiposa, que se alarga na base, indo ao encontro do mesentério (Esquema 84) e que se dobra para cima no seu extremo distal para ir terminar na face esquerda; na sua espessura existem vasos.

Êste divertículo tem 7,2^{cm} de comprimento, 15^{cm} de perímetro máximo, junto da base, e 12,5^{cm} de perímetro na união do terço médio com o terço distal. Todo êle é muito mais grosso que a ansa intestinal um que se implanta, pois que esta tanto acima, como abaixo do divertículo, tem apenas 8,4^{cm} de perímetro.

A parede do divertículo parece ser menos espessa do que a do intestino. A abertura de comunicação é muito ampla, sem pregas. A mucosa é lisa, de aspecto uniforme,

desloca-se facilmente sôbre o plano subjacente e não tem placas de Peyer, nem folículos aparentes.

Na cavidade existiam gazes e fezes. Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

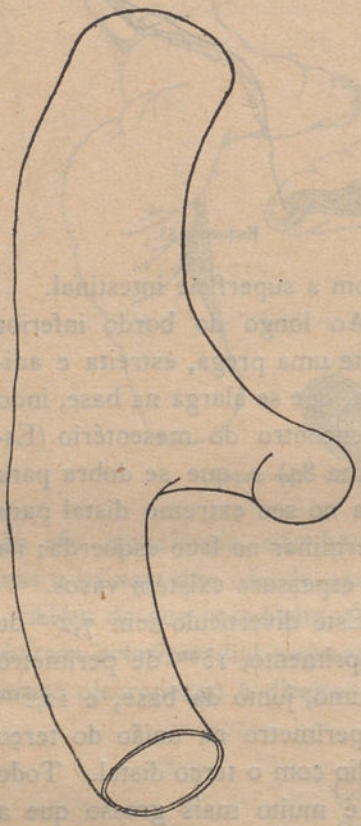
CASO LXX

Fig. 4. Est.ª XXII.

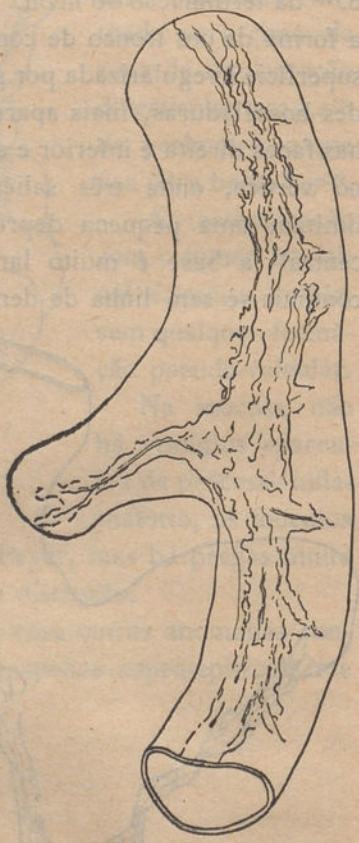
OBSERVAÇÃO PESSOAL FEITA NO I. M. L.

João de O., de 48 anos. Autópsia n.º 6603.

Diagnóstico anátomo-patológico: Ferida incisa na região parietal esquerda; equimoses no crânio e na face. Fractura completa do corpo da 4.ª vértebra cervical com hematoma sub-aponevrótico. Fra-



Esquema 85.



Esquema 86.

ctura transversal do punho do esterno, com hematoma do mediastino anterior. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial à esquerda e total à direita. Enfisema agudo, pulmonar, bilateral.

Só no decorrer da inspecção do mesentério foi encontrado um divertículo, situado na região umbilical, oculto pelas ansas intestinais,

dirigido para dentro e para cima, sem aderências, nem ligação com a parede abdominal anterior, distendido por gazes. Implantava-se na face lateral, esquerda do intestino, contigüamente ao mesentério, ao qual não aderia, a 1,20^{m} da terminação do íleon, fazendo com êste um ângulo agudo de abertura inferior.

Neste divertículo podem distinguir-se dois segmentos: um maior, proximal, em tronco de cone, com 3,8^{cm} de altura, oblíquo, de base mais alongada para cima, onde os seus limites não são nítidos; outro distal, correspondente à ponta, muito arredondado, separado do precedente por um sulco mais nítido na parte inferior (Esquema 85), com 2,1^{cm} de comprimento. Ao longo da face posterior existe (Esquema 86) uma fita delicada de gordura, espessando a parede, bifurcada na parte posterior, percorrida em tôda a sua extensão por um delicado vaso que, como ela, se bifurca; esta placa adiposa está em relação com a inserção mesentérica.

O comprimento total é de 5,9^{cm}; o perímetro próximo da base, de 12,2^{cm}; na união dos segmentos, de 7,2^{cm}; o máximo no segmento distal, de 7,8^{cm}.

A ansa intestinal apresenta uma ligeira curvatura para o lado do divertículo e é mais grossa para cima (13,5^{cm}) do que para baixo (11,3^{cm}).

Entre a espessura da parede desta ansa e a do divertículo não há diferença apreciável.

A abertura de comunicação entre as cavidades é muito ampla e sem pregas.

A mucosa tem aspecto normal, sem placas de Peyer. Continha gazes.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXXI

Fig. 1. Est.ª XXIII.

Observação pessoal feita no I. M. L.

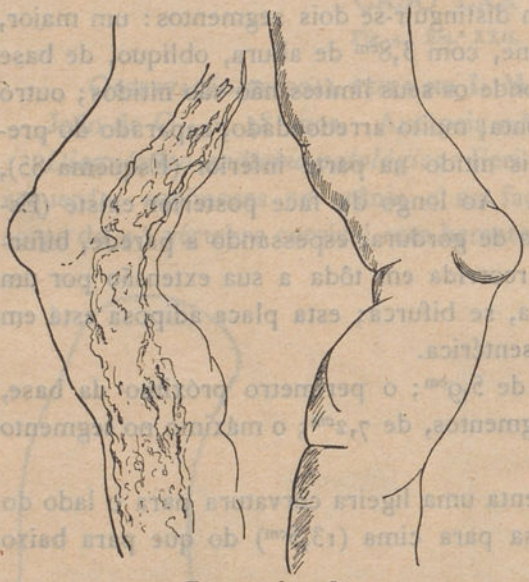
João A. M., de 19 anos. Autópsia n.º 6241.

Diagnóstico anátomo-patológico: Laparotomia mediana muito recente em supuração e com drenagem. Ferida por arma de fogo na região umbilical, penetrante na cavidade peritoneal. Duas rasgaduras do colon transverso e quatro do jejuno-íleon, tôdas suturadas. Peritonite purulenta, generalizada.

Ao passar entre os dedos o jejuno-íleon para fazer o exame do mesentério, notamos que a 90^{cm} do cego existia uma dobradura do íleon, de vértice voltado para a direita, dobradura que se não desfazia

pela distensão, nem depois de seccionado o mesentério ao longo da sua inserção intestinal. O seu vértice era inteiramente livre de aderências e ficava na metade anterior da face direita do intestino, colocado em posição descritiva.

Neste vértice (Esquemas 87 e 88) existe uma dilatação sacciforme hemisférica, de limite bem marcado em quási todo o seu contôrno. A sua altura é de 0,7^{cm} a 1^{cm} e o perímetro é de cêrca de 6,9^{cm}. A parede tem uma espessura igual à do intestino.



Esquemas 87 e 88.

Para cima e para baixo a ansa do íleon tem sensìvelmente o mesmo perímetro (15,1^{cm}).

A linha limitante da dilatação é mal definida interiormente; não existe qualquer prega. Não há vestígios de processo inflamatório; a mucosa é lisa, regular, sem placas de Peyer.

Não se observaram outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXXII

Fig. 2. Est.ª XXIII.

Observação pessoal feita no I. M. L.

José F., de 50-55 anos. Autópsia n.º 6686.

Diagnóstico anátomo-patológico: Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial à esquerda, total à direita. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Enfisema parcial do pulmão esquerdo. Tuberculose pulmonar, crónica, cavitária, com extensa esclerose do pulmão direito. Hemorragia cavitária. Esclerose e antracose dos gânglios linfáticos torácicos. Congestão passiva, renal, bilateral.

Entre as ansas intestinais do flanco direito apareceu, logo à primeira inspecção do conteúdo abdominal, um divertículo dirigido para diante, muito distendido por gazes, inteiramente livre de aderências e de quaisquer ligações com a parede abdominal anterior.

Implantava-se na face lateral esquerda do intestino delgado, com

o qual faz um ângulo agudo de abertura superior, a 1^{m} da terminação do íleon.

É em dedo de luva; a base tem limites pouco precisos; o vértice é ponteagudo e dirigido para cima (Esquema 89). Ao longo do bôrdo superior, do vértice do ângulo agudo até à ponta, estendendo-se mais para a face anterior do que para a posterior (Esquema 90), existem borreletes irregulares de gordura que se ligam com o mesentério e que na sua espessura contêm os vasos.



Esquemas 89 e 90.

Tem de comprimento 5,3^{cm}, de perímetro na base 10,3^{cm}, na parte média 5,6^{cm}.

Para fora das massas adiposas o divertículo tem a parede tão espessa como o intestino. Para cima a ansa intestinal é menos grossa do que para baixo; os seus perímetros são respectivamente 8,4 e 9,4^{cm}.

A abertura de comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal é muito ámpla, com uma curta e estreita prega na sua parte superior. Mucosa de aspecto normal, sem placas de Peyer. A cavidade continha gazes e uma quantidade insignificante de um líquido espesso.

Não havia outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXXIII

Fig. 3. Est.ª XXIII.

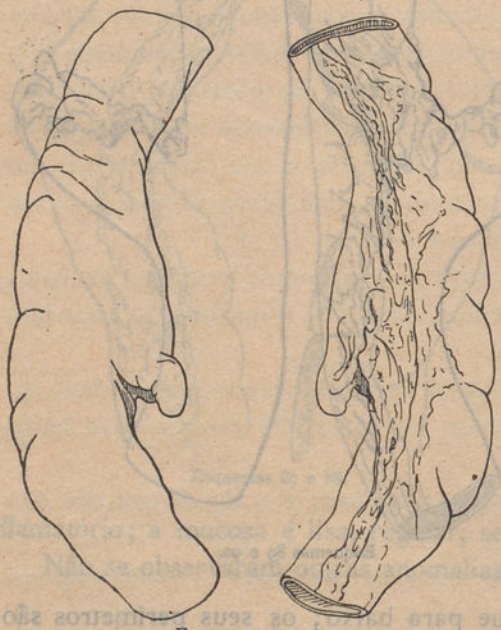
Observação pessoal feita no S. A. H. E.

António B. T., de 26 anos. Autópsia n.º 538.

Diagnóstico anátomo-patológico: Solução de continuïdade operatória recente no 10.º espaço intercostal direito, com drenagem de abcesso do fígado, através da cavidade pleural direita e do diafragma.

Peritonite aguda, purulenta, generalizada, com pequeno derrame. Aderências do ângulo hepático do colon à face inferior do lobo direito do fígado. Abcesso do lobo direito do fígado. Nefrite sub-aguda, bilateral. Pleurite aguda, direita. Congestão passiva das bases pulmonares.

Logo à abertura da cavidade abdominal e à inspecção superficial das vísceras se nota a existência no flanco direito de um divertículo dirigido para baixo e para dentro, sem aderências e independente da parede abdominal anterior.



Esquemas 91 e 92.

Trata-se de um divertículo do intestino delgado, ligeiramente distendido por gazes, implantado na face lateral esquerda dêste, contra o mesentério, ao qual adere numa pequena extensão e situado a 1,02^{m} da terminação do íleon.

Faz com o intestino um ângulo muito agudo de abertura inferior. Tem a forma de um pequeno dedo de luva, ligeiramente dobrado. Na zona de implantação o intestino dilata-se em saco (Esquema 91) bem limitado inferiormente por uma prega da face anterior; para cima a dilatação atenua-se pouco a pouco de tal modo que, sendo o seu perímetro na parte média de 12,5^{cm}, à distância pre-estabelecida é de 8,4^{cm}. O divertículo parece continuar o terço esquerdo da dilatação. Para baixo o perímetro é muito menor (7,5^{cm}).

A inserção mesentérica estende-se pela face posterior, ocupando uma parte do ângulo agudo (Esquema 92).

Tem de comprimento cêrca de 1,5^{cm}; o perímetro junto da base é de 3,4^{cm}. A parede diverticular é um pouco mais espessa que a do intestino.

Na semi-circunferência inferior do orifício de comunicação existe uma larga e espessa prega que restringe o diâmetro desta abertura.

Na mucosa não há vestígios de processo inflamatório, nem placas de Peyer.

A cavidade só continha gazes.

Não foram encontradas outras anomalias congénitas viscerais.

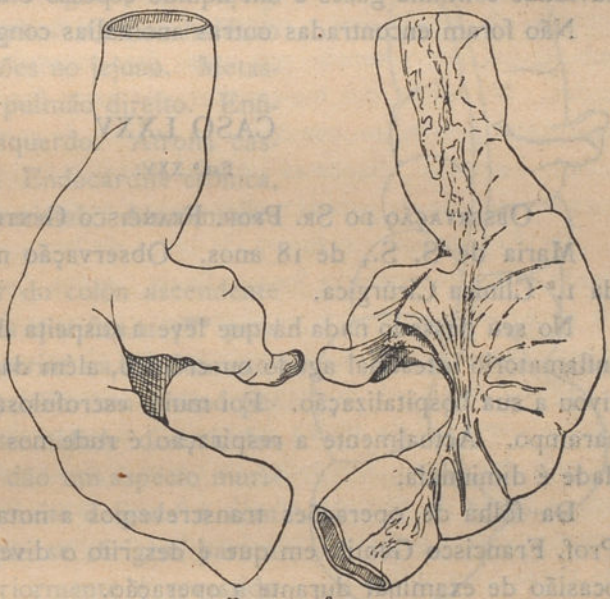
CASO LXXIV

Fig. 4. Est.ª XXIII.

OBSERVAÇÃO PESSOAL FEITA NO S. A. H. E.

Manuel dos S. C., de 59 anos. Autópsia n.º 475.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Peritonite crónica, fibro-adesiva, peri-pilórica. Ascite lactescente. Hiperplásia aguda da polpa vermelha esplénica. Carcinoma papilomatoso do piloro. Metastases cancerosas, múltiplas, miliares do fígado. Ligeira esteatose hepática. Hipertrofia trabecular da bexiga. Ligeira hiperplasia inflamatória dos gânglios linfáticos da pequena curvatura gástrica. Pleurite crónica, fibro-adesiva, apicular, direita. Atrofia castanha do miocárdio. Endocardite crónica, parietal, do espaço mitro-aórtico. Tuberculose pulmonar, crónica, bilateral. Tuberculose caseosa dos gânglios linfáticos tráqueo-brônquicos. Esclerose aórtica.



Esquemas 93 e 94.

Só na inspecção exterior do intestino delgado foi encontrado um divertículo, que estava oculto pelas ansas, livre de aderências e de ligação com a parede abdominal anterior. Implantava-se na face lateral esquerda do intestino, contra a face esquerda do mesentério, no meio de uma forte curvatura da ansa, cuja concavidade o abraça e a $1{,}05^{m}$ da terminação do íleon.

Nêle se podem considerar duas porções: uma proximal, com $3{,}8^{cm}$ de comprimento, cilindro-cónica, com $8{,}7^{cm}$ de perímetro máximo, com a sua base distintamente demarcada e tendo na parte superior dois largos e mal limitados divertículos secundários (Esquema 93); outra distal, em cone de vértice truncado, voltado para cima, com $1{,}4^{cm}$ de comprimento e $3{,}1^{cm}$ de perímetro na base e com quatro

divertículos miliares, secundários. A face posterior (Esquema 94) é em grande extensão coberta por cordões achatados de gordura que partem da zona em que o mesentério faz parte integrante da parede. Esta é mais espessa na porção distal do que na proximal, que não difere da parede intestinal.

Nos limites superior e inferior da abertura de comunicação existem pregas em crescente, pouco altas, mais larga e mais extensa a inferior. A mucosa tem o aspecto normal, sem placas de Peyer. A cavidade continha gazes e um liquido espesso e amarelo esverdeado.

Não foram encontradas outras anomalias congénitas viscerais.

CASO LXXV

Est.ª XXV.

Observação do Sr. Prof. Francisco Gentil.

Maria de S. S., de 18 anos. Observação n.º 2010 do Arquivo da 1.ª Clínica Cirúrgica.

No seu passado nada há que leve à suspeita de qualquer processo inflamatório intestinal agudo ou crónico, além da apendicite que motivou a sua hospitalização. Foi muito escrofulosa em creança e teve sarampo. Actualmente a respiração é rude nos vértices e a sonoridade é diminuïda.

Da fôlha de operações transcrevemos a nota elaborada pelo Sr. Prof. Francisco Gentil, em que é descrito o divertículo, que tivemos ocasião de examinar durante a operação.

«Laparotomia de Mac-Burney com incisão cutânea de 5^{cm}. Ao abrir o peritoneu notei a existência de pericolite, formando membranas (membranas de Jackson) que ligavam colon e cego à parede anterior do ventre. Feita a exteriorização do cego, dificultada pelas aderências da extremidade distal do apêndice, encontrei uma *prega de Lane* típica e na extremidade cecal do íleon, junto do meso e na face anterior do delgado, um divertículo de base ovalar tendo 12 a 15^{mm} de maior eixo e fazendo saliência não superior a 1^{cm}, constituïdo por parede delgada e protegida de serosa, parecendo pela espessura e côr não ser formada por todos os planos da parede do delgado. Fiz a apendicectomia à Kelly e invaginei com seda o divertículo. Reconstituïção da parede do ventre. Costuras perdidas de cat-gut; agrafes na pele».

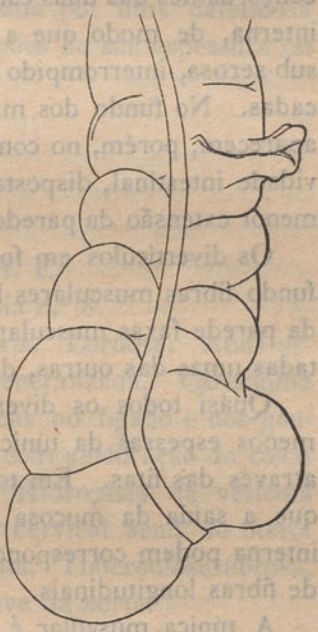
CASO LXXVI

Fig. 1. Est.ª XXVI.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Luzia da S. M., de 50 anos. Autópsia n.º 344.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Icterícia. Ascite. Compressão do colédoco por carcinoma da cabeça do pâncreas. Metastases cancerosas no fígado, nas supra-renais e no rim direito. Quisto hidático do fígado. Ulcerações no jejuno. Metastases cancerosas no pulmão direito. Enfisema do pulmão esquerdo. Atrofia castanha do miocárdio. Endocardite crónica, valvular, aórtica e parietal. Ateromatose aórtica.



Esquema 95

Na parte inferior do colon ascendente existe um divertículo que fica a 7^{mm} para a esquerda da fita anterior e a 5^{mm} do meso-colon (Esquema 95); tem um grosso pedículo e na sua extremidade divertículos secundários que lhe dão um aspecto muriforme; a parede é muito delgada e com vasos superficiais que se dirigem para a parte anterior; interiormente é revestido de mucosa lisa.

Ao longo dos cólones transverso e descendente, junto do meso, encontram-se 17 divertículos de variadas dimensões, não excedendo o maior o volume de uma ervilha. Entre as fitas há uma grande quantidade (68) de outros divertículos, mas muito mais pequenos, miliares, esbranquiçados e outros de forma empolar, correspondendo aos primeiros depressões punctiformes do lado da mucosa e aos segundos pequenas bôlsas de larga abertura. Outras depressões punctiformes se observam na mucosa, a que não correspondem saliências exteriores.

Em cortes longitudinais, feitos em série, em numerosos retalhos da parede do S ilíaco e da terminação do colon descendente, fixados em ligeira distensão, vê-se que na camada interna da túnica muscular há, com curtos intervalos, muito largos interstícios, cheios de tecido conjuntivo que envolve vasos, cujo calibre em geral está em manifesta desproporção com as dimensões dêstes espaços conjuntivos. A camada externa da muscular fecha-os exteriormente, deixando apenas

pequenos intervalos para a passagem dos vasos. A sub-mucosa e a mucosa revestem as saliências e as reentrâncias da túnica muscular, afunilando-se mais ou menos ao nível dos interstícios da camada interna, formando por vezes verdadeiros divertículos de larga abertura, que atingem a camada muscular externa, mas não apreciáveis pelo exame exterior.

Os divertículos apreciáveis exteriormente como granulações miliares correspondem a evaginações da mucosa através de interstícios concordantes das duas camadas musculares, muito maior o da camada interna, de modo que a sub-mucosa fica em contacto directo com a sub-serosa, interrompido por raras fitas musculares, estreitas e delicadas. No fundo dos mais volumosos estas fitas não se encontram; aparecem, porém, no contôrno do orifício de comunicação com a cavidade intestinal, dispostas com muita irregularidade e em maior ou menor extensão da parede; estes feixes pertencem à camada externa.

Os divertículos em forma de bôlsa de larga abertura têm no seu fundo fibras musculares longitudinais, muito dissociadas e no resto da parede faxas musculares dispostas transversalmente e muito afastadas umas das outras, dependentes das duas camadas da túnica.

Quási todos os divertículos estão situados ao nível das zonas menos espessas da túnica muscular; é excepcional a sua formação através das fitas. Em todos os casos é pelos interstícios vasculares que a saída da mucosa se dá. A um largo interstício da camada interna podem corresponder dois divertículos separados por uma fita de fibras longitudinais.

A túnica muscular é muito delgada; a sub-mucosa e a mucosa não apresentam lesões inflamatórias recentes, nem resíduos apreciáveis de processo antigo. A *muscularis mucosae* é muito delicada

CASO LXXVII

Fig. 2. Est.ª XXVI.

Peça do I. A. P.

Sem quaisquer indicações relativas à autópsia ou ao indivíduo autopsiado.

A peça compõe-se de três retalhos: um que abrange 30^{cm} do íleon para cima da válvula de Bauhin e o cego numa extensão de 12^{cm}, sem divertículos; outro de intestino grosso, com 45^{cm} de comprimento, onde se observam 3 divertículos; o terceiro com 88^{cm}, abrangendo o S ilíaco, onde se contam 27 divertículos.

Todos estes divertículos se dispoem de um e outro lado das fitas musculares, isoladamente ou em grupos lineares, paralelos. Estes

grupos observam-se principalmente no S ilíaco. Quási todos fazem um pequeno relêvo exterior; a sua abertura é circular, ovalar ou em fenda, tendo diâmetros que variam entre 3 e 6^{mm} e profundidades variáveis entre 3 e 8^{mm}. Em quási todos a abertura é estreita, em relação às dimensões da cavidade. Os mais pequenos são perpendiculares à superfície mucosa do intestino; os maiores são muito oblíquos em relação à mesma superfície, sendo em geral estes os que têm a sua abertura em fenda.

A parede intestinal está muito adelgaçada por uma defeituosa fixação, não sendo possível apreciar alterações da sua espessura ou de calibre do lúmen.

CASO LXXVIII

Fig. 1. Est.ª XXVII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Maria A. A. C. S., de 78 anos. Autópsia n.º 8.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Lordose. Anus artificial, ilíaco, direito. Peritonite aguda, generalizada. Carcinoma do recto com atresia. Metastases neoplásicas no fígado e nos gânglios prevertebrais. Colite aguda, ulcerosa, com perfuração do colon ascendente. Capsulite crónica, esplénica. Hidropisia da vesícula biliar. Quistos corticais renais. Estenose cervical senil do útero. Pleurite crónica, fibro-adesiva, apicular, direita. Tuberculose fibrosa, cicatricial, do vértice direito. Esclerose grave da aorta.

Para cima de um adeno-carcinoma vegetante e ulcerado que ocupa as partes superiores do recto e inferior do S ilíaco, êste último está medianamente dilatado e com a mucosa espessada; simètricamente em relação à inserção do meso, estão dispostos 27 divertículos, uns extremamente largos, parecendo simples dilatações empolares do lúmen intestinal, outros mais profundos (até 11^{mm}), com orifício de entrada apertado e de forma em geral elítica. Em todos o fundo é liso, a parede adelgaçada e a saliência exterior pequena, porquanto os mais profundos se dispoem muito oblìqüamente em relação à superfície da mucosa.

Para cima da ansa sigmoideia não há divertículos.

Nos cortes microscópicos seriados das zonas diverticulares encontram-se disposições das camadas musculares inteiramente idênticas às observadas no caso anterior; a relação destas disposições com os divertículos é a mesma. Neste caso, porém, a mucosa e a sub-mucosa são a sede de graves alterações inflamatórias agudas não ulcerosas, ao contrário do que sucede no colon onde existem ulcerações

e onde há sobreposição de lesões agudas e de *reliquat* de processo antigo.

CASO LXXIX

Fig. 2. Est.ª XXVII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

José C., de 32 anos. Autópsia n.º 129.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Edema dos membros inferiores. Pequena ascite. Carcinoma do recto, com invasão da parede pélvica. Metastases neoplásicas no fígado e nos gânglios lombo-aórticos. Nefrite aguda, bilateral; hidronefrose direita. Colite mucosa.

A neoplasia (adeno-carcinoma ulcerado e em supuração) determinava notável estenose do lúmen. Para cima e numa extensão relativamente pequena do S ilíaco, contavam-se 18 divertículos dispostos em quatro linhas longitudinais, em número desigual para cada linha; duas ficam de um e outro lado de uma fita muscular anterior, muito nítida até ao recto; as outras à altura de franjas epiplóicas que ocultam as suas saliências. Os orifícios são aproximadamente circulares e têm dimensões que variam entre 5 e 8^{mm} de diâmetro e correspondem a cavidades, umas afuniladas, outras esféricas e tôdas mais amplas do que era de prever pelo exame exterior e pelo tamanho dos orifícios de comunicação; a profundidade varia entre 4 e 9^{mm}.

Ao orifício mais largo (8^{mm} de diâmetro) corresponde uma cavidade com 20^{mm} de profundidade, que se bifurca, terminando por dois divertículos.

A parede dos divertículos maiores é muito adelgaçada no fundo, mas com a mucosa intacta.

Não contêm cálculos.

Distendendo forçadamente por água a parte restante do intestino grosso, não aparecem outros divertículos.

CASO LXXX

Est.ª XXVIII.

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Pedro D., de 69 anos. Autópsia n.º 155.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Estenose grave da uretra prostática, com fístulas perineais. Hérnia inguino escrotal dupla; saco herniário desabitado à esquerda, com epiploon à direita. Peri-esplenite crónica; esclerose esplénica. Colelitíase (70 cálculos de colesterina). Hepatite intersticial, crónica, cirrosa, com degene-

rescência gorda. Nefrite crónica, bilateral. Cistite crónica, purulenta. Esclerose grave da aorta abdominal. Atrofia castanha do miocárdio. Esclerose calcificante da crossa aórtica.

Intestino grosso quási completamente vasio, de muito pequeno diâmetro; parede espessada por retracção. Pelo exame exterior reconhece-se a existência de 68 divertículos ao longo de todo o intestino grosso, raros no cego, numerosos nos colones transverso e descendente, numerosíssimos na ansa sigmoideia, quási todos ocultos na espessura de franjas epiplóicas, alguns situados junto das fitas musculares e a descoberto. As dimensões são muito variadas: vão desde o volume de um grão de milho, até ao de uma azeitona pequena (14^{mm} de comprimento), estes ultimos piriformes e pediculados.

A abertura do intestino longitudinalmente mostra que os divertículos são ainda muito mais numerosos, porque são em grande número os de muito pequenas dimensões, que não fazem saliência exterior e cujo orifício é tão pequeno que só um exame muito meticuloso permite descobrir; alguns são simples depressões infundibuliformes da parede. O exame interior permite contar 154 divertículos, em muitos pontos dispostos aos pares.

Em todos os sacciformes os orifícios são muito estreitos: assim a divertículos com 13^{mm} de profundidade correspondem orificios com 2^{mm} de diâmetro. A mucosa forma-lhes um revestimento completo.

Em cortes microscópicos vimos que às mais pequenas depressões infundibuliformes do S ilíaco, ainda inapreciáveis exteriormente, correspondem interstícios da camada muscular interna, tanto menos largos quanto menos profundos são os divertículos. Quando o divertículo atinge um certo volume no seu bordo forma-se um borrelete muscular que parece limitar a expansão do orifício, ao mesmo tempo que na muscular externa se faz uma disjunção das fibras ou o alargamento de um interstício vascular, através do qual o fundo do divertículo começa a fazer saliência exterior. Nos divertículos mais volumosos o estrangulamento do orificio de comunicação acentua-se, desaparecem as fibras musculares no fundo, onde a mucosa fica directamente em contacto com a sub-serosa.

Na parede das cavidades diverticulares existem sempre vasos, em regra arteríolas, veinulas e capilares sanguíneos e linfáticos, todos muito ectasiados.

Na sub-mucosa nota-se apenas a existência de pequenos focos de infiltração parvi-celular.

CASO LXXXI

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

Carolina E. H. F., de 75 anos. Autópsia n.º 239.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Nefrite crónica, bilateral. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, direita; aguda, sêca, esquerda. Bronquite crónica, supurada, com ectasias. Esclerose pulmonar, bilateral; nódulos bronco-pneumónicos no lobo inferior esquerdo. Arterio-esclerose generalizada.

S ilíaco de parede espessada e calibre reduzido por retracção. De um e outro lado, simètricamente em relação ao meso, encontram-se 30 divertículos, com as dimensões de ervilhas e entre duas fitas musculares colocadas anteriormente existem 7 divertículos pequeníssimos.

Do lado da mucosa os orifícios de comunicação aparecem como perfurações que dificilmente dão passagem à cabeça de um alfinete. Quási tôdas as cavidades estão orientadas oblìqüamente em relação à superfície mucosa. Continham fezes líquidas.

Em cortes seriados de vários fragmentos do S ilíaco reconhece-se que os divertículos são hérnias da mucosa feitas ao longo de interstícios da túnica muscular, mais extensos na camada interna do que na externa, quando incipientes, iguais em extensão quando atingem um certo volume, e que na sua parede, constituïda pela mucosa e sub-mucosa adelgaçadas e por fascículos de fibras lisas dispersas no colo, se encontram, umas vezes finas arteríolas e veinulas e outras, vasos apreciáveis à vista desarmada, embora de muito pequeno calibre.

A mucosa hernia-se em condições muito irregulares: umas vezes é por um interstício com arteríolas e veinulas finíssimas, situado próximo de um outro muito largo que dá passagem a vasos de calibre muito maior e envolvidos por abundante tecido conjuntivo; outras vezes observa-se o inverso; outras ainda a hérnia faz-se por um interstício situado na proximidade de um outro, em que o diâmetro e o calibre aproximadamente iguais dos vasos contidos, levam a crer que seja idêntico ao primeiro.

Na sub-mucosa há lesões inflamatórias graves, distribuïdas com uma certa irregularidade, lesões de esclerose, de endarterite e peri-arterite, que se continuam por alguns interstícios musculares e precisamente por aqueles por onde se não herniou a mucosa. Não se observam ou são muito ligeiras na parede dos divertículos. *Muscularis mucosae* delicada.

CASO LXXXII

Observação pessoal feita no S. A. H. E.

João R. F. R., de 54 anos. Autópsia n.º 312.

Diagnóstico anátomo-patológico: Caquexia. Carcinoma ulcerado da laringe, com invasão dos gânglios cervicais esquerdos, da pele e supuração. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Degenerescência gorda do miocárdio. Insuficiência aórtica por ectasia orificial. Tuberculose pulmonar, fibro-caseosa, apicular, bilateral. Átero-esclerose da crossa aórtica com grande ectasia do ramo ascendente. Congestão passiva hepato-renal.

Entre as fitas longitudinais do S ilíaco ficam dilatações empolares muito amplas e no seu limite observam-se 8 divertículos dispersos, com as dimensões de ervilhas. A pesquiza de divertículos nos colones e no cego por distensão aquosa foi negativa.

O estudo histológico mostra: a coincidência dos divertículos com interstícios concordantes das camadas interna e externa da túnica muscular; notável adelgaçamento desta túnica e da *muscularis mucosae;* ligeira infiltração parvicelular irregularmente distribuïda na sub-mucosa; a existência de arteríolas e veinulas de calibre relativamente grande na parede dos divertículos.

II

Considerações críticas sôbre os casos estudados

Neste estudo não damos à palavra *divertículo* a sua acepção mais lata — cavidade secundária, fechada em fundo de saco e em comunicação com a cavidade principal —, latitude esta não prejudicada pelo conceito das complicações mórbidas de que esta formação é susceptível, tais como processos inflamatórios ou neoplásicos obliterantes do orifício de comunicação ou rotura com sua transformação em trajecto de passagem para uma cavidade (plêurica, pericárdica, peritoneal, vesical) ou para outro tubo (tráqueo-brônquico, vaginal, segmento diferente do tubo digestivo). Dêle serão eliminados todos os casos de cavidades resultantes de perfurações de úlceras, fechadas por velhas aderências extensíveis ou cavadas em órgãos vizinhos as provenientes de abertura para o lúmen de colecções purulentas ou caseosas justa-parietais e aquelas cavidades que existem congènitamente na maior

parte dos indivíduos, como por exemplo, o *foramen cœcum* de Morgagni. Quanto às primeiras a eliminação justifica-se, porquanto conhecemos quão difícil é muitas vezes fazer a distinção entre processos flegmásicos inicialmente não diverticulígenos e divertículos complicados; a impossibilidade é em muitos casos bem manifesta e com ela algumas vezes nós lutamos. Assim, perante uma cavidade da pequena curvatura gástrica, de abertura relativamente estreita, cavada no parenquima da face inferior do fígado, unido ao estômago por resistentes aderências, é legítima a hesitação de diagnóstico: ¿ Úlcera péptica, com perigastrite localizada e perfuração, seguida de corrosão do parenquima hepático ? ¿ Divertículo com peri-diverticulite adesiva, rotura do fundo e formação de loca hepática ?

Interpretar os divertículos atribuïndo-lhes o significado de *ectásias circunscritas* ou *extrusões sacciformes*, seria restringir demasiadamente o seu âmbito, pois que a primeira designação implica a coparticipação de tôdas as túnicas na constituïção da sua parede e a segunda envolve a idea de hérnia de uma ou mais túnicas através de interrupção das restantes, o que está em desacôrdo com o conjunto dos numerosos factos anatómicos até hoje observados.

Fugindo destas acepções extremas, propuzemo-nos estudar, com a designação de *divertículos do tubo digestivo*, as cavidades eventuais e secundárias, que, fora de quaisquer complicações, são fechadas em fundo de saco, em comunicação com a cavidade principal e em cuja parede se encontram tôdas ou parte das túnicas do segmento de que dependem.

Na nossa série incluïmos um caso (XXIV) que em rigor não pode ser classificado de divertículo. É, porém, uma formação residual do canal ónfalo-mesentérico, documento valioso do processo de formação de algumas formas de divertículo do jejuno-íleon. Igualmente no caso LIV dêste canal resta, não um divertículo, mas um simples cotovelo da ansa intestinal, testemunhando a tracção exercida nesse ponto.

Numa classificação topográfica o nosso caso I poderia ser colocado na boca ou na faringe. Atendendo, todavia, ao seu desenvolvimento, optamos pela sua colocação no capítulo dos divertículos da faringe.

Postos estes preliminares indispensáveis, poderemos estabelecer a freqüência relativa dos divertículos nos diversos segmentos do tubo digestivo pela seguinte tabela:

Divertículos da faringe	. . . . .	3 casos
» do esófago	. . . . .	7 »
» do estômago	. . . . .	2 »

Divertículos	do duodeno	8 casos
»	do jejuno-íleon (de Meckel)	49 »
»	do jejuno-íleon (outros)	4 »
»	do intestino grosso	7 »

Pelos elementos que a compoem e pela sua proveniência esta estatística é comparável à de Keith, em que se encontram reunidos 147 casos existentes no *College Museum* e em outros museus de Londres:

Divertículos	da faringe	10 casos
»	do esófago	12 »
»	do estômago	2 »
»	do duodeno	14 »
»	do jejuno-íleon (de Meckel)	95 »
»	do » » (outros)	7 »
»	do intestino grosso	7 »

As duas estatísticas são concordes em conceder o primeiro lugar ao jejuno-íleon, como o segmento em que são mais freqüentes os divertículos; o duodeno ocupa um lugar que na nossa já é quási atingido pelo esófago e pelo intestino grosso; o estômago ocupa o último lugar na escala de freqüência das formações diverticulares na estatística londrina e na nossa quási em igualdade numérica com a faringe.

Estes números não representam na realidade o grau de freqüência na distribuïção dos divertículos pelos diversos segmentos do tubo digestivo. Em primeiro lugar devemos notar que se referem a divertículos coleccionados e não aos observados; nas colecções juntam-se os casos raros e é sabido quanto é oscilante, segundo os meios, o critério da raridade. Em segundo lugar, recordemo-nos que no tubo digestivo há segmentos que pela sua disposição anatómica são menos acessíveis e não são ou são mal examinados nas autópsias clínicas, quando não há o propósito deliberado de uma pesquiza especial; êste facto dá-se com a faringe, cuja abóbada é a maior parte das vezes examinada perfunctòriamente; assim se explica em parte a grande percentagem de divertículos de Meckel registada.

Não se deve ainda esquecer que estas estatísticas se referem a divertículos macroscòpicamente observáveis; são estatísticas de grandes divertículos. Ora um certo número de pequenos divertículos escapa a uma observação que não seja propositadamente encaminhada nesse

sentido; além disso deve-se aceitar sem reservas a existência de divertículos microscópicos e pode-se sustentar com argumentos de observação que, se paciente e metòdicamente se estuda com o auxílio do microscópio todo o tubo digestivo, pouco numerosos serão os indivíduos de certa idade que não sejam portadores de um ou mais divertículos.

As estatísticas dos grandes divertículos são isentas destas reservas, quando organizadas pelo anátomo-patologista que faz as observações, pesquizando-os sistemàticamente. A estatística de Buschi, elaborada com esta orientação, indica como escala descendente de freqüência: intestino grosso, jejuno-íleon, esófago, faringe, duodeno, estômago.

Restringindo a nossa série aos casos de observação pessoal que resultam de pesquiza sistemática e excluindo os factos relativos ao apêndice cecal, encontramos:

Divertículos da faringe	2 casos	3,7 %
» do esófago.	4 »	7,4 %
» do estômago	2 »	3,7 %
» do duodeno	6 »	11,1 %
» do jejuno-íleon (de Meckel)	31 »	57,4 %
» do jejuno-íleon (outros)	3 »	5,5 %
» do intestino grosso. . .	6 »	11,1 %

Assim, entre nós, é o jejuno-íleon o segmento em que são mais freqüentes os divertículos, seguindo-se depois conjuntamente o duodeno e o intestino grosso, em seguida o esófago e por fim em igualdade numérica a faringe e o estômago. A curta enumeração que fizemos dos casos publicados de divertículos do tubo digestivo confirma esta distribuïção.

Quanto à freqüência com que se encontram estes divertículos, as estatísticas só podem dar resultados muito precários, porque nas grandes séries, a que se poderia entre nós recorrer, as autópsias têm sido feitas por várias pessoas, guiadas por critérios muito diferentes e com uma meticulosidade extremamente variável, que às vezes atinge proporções ínfimas. São séries absolutamente inúteis para a pesquiza scientífica.

Na nossa série pessoal os 54 casos correspondem a 2024 autópsias, o que dá a percentagem de 2,6. 41 foram observados em homens e 13 em mulheres; atendendo a que os homens autopsiados são em muito maior número (1344) do que as mulheres (680), se conclúi que em cada 100 homens foram encontrados 3 casos de divertículos e

em cada 100 mulheres 1,9, o que afirma a sua maior freqüência nos primeiros.

A
Faringe

O divertículo que encontramos no fundo do *foramen cœcum* (Caso I) é idêntico àqueles que, em número de doze, V. Bochdalek descreveu em 1866 com o nome de *canal escretor da língua*, considerando-o como um *foramen* excepcionalmente longo; é, porém, muito menos profundo do que qualquer dos estudados por êste anatómico de Praga. Só a sua pequena profundidade, a ausência de qualquer cordão fibroso unindo o seu fundo com o istmo do corpo tiroideo ou com a pirâmide de Lalouette, o afasta do canal descrito por W. His e depois por I. Sutton, R. Johnson e F. Marshall e a que o primeiro dêstes investigadores dava o nome de *canal lingual* na sua porção supra-hioideia.

Mais tarde veremos se é justificável e admissível a não identidade destas duas formações, desejando apenas frisar aqui que no fundo do *foramen cœcum* de Morgagni têm sido descritos canais fechados em fundo de saco, entre os quais tem cabimento o nosso caso. A existência de um estrangulamento entre o *foramen* e a cavidade diverticular tende a mostrar que esta última resultou da dilatação de alguma formação ali preexistente, cuja natureza flegmásica é difícil de sustentar, em virtude da ausência completa de quaisquer alterações parietais denunciativas de processo antigo ou recente.

Estes divertículos podem conter muco em quantidade maior ou menor; a obliteração do seu orifício pode ser causa determinante da formação de um quisto mucoso e a inclusão de elementos epiteliais determinar o aparecimento de neoplasias. Estas eventualidades mórbidas são extremamente raras, como, aliás, raro é igualmente êste divertículo.

O divertículo que descrevemos na abóbada da faringe (Caso II) é de identificação mais delicada.

Na faringe descrevem-se numerosos divertículos, cuja interpretação tem provocado longas e acesas discussões e muito variadas pesquizas no domínio da anatomia, tanto humana como comparada.

Aqueles que se desenvolvem nos seios faringo-laríngeos, adiante ou atrás da prega do nervo laríngeo superior, residuais da 3.ª e 4.ª fendas branquiais (His) que, quando volumosos, fazem saliência entre a ponta do osso hióide e a cartilagem tiroideia; os divertículos inicialmente situados na parede lateral da porção laríngea da faringe, cuja natureza congénita ou adquirida tão discutida foi; os chamados

faringo-esofágicos, pela sua situação na parede posterior da faringe, ao nível da sua passagem para o esófago e nos quais Albrecht pretendeu ver os restos representativos de uma bexiga natatória supra-intestinal; aqueles que se formam na parede ântero-lateral ao nível de pequena zona compreendida entre as fibras longitudinais do esófago e os feixes mais baixos do constrictor inferior; todos estes divertículos estão fora de discussão pela sua localização no segmento inferior da faringe.

Entre as formações diverticulares que têm sido mencionadas na abóbada faríngea — bôlsa de Luschka, pseudo-bôlsa de Suchannek, depressões de Henle e de Rougé — e as da parede lateral — divertículos justa-tubário, do campo amigdaliano e de Pertick — é que devemos procurar elementos para identificar o nosso caso.

Quer se considere a bôlsa de Luschka como representante da parte do prolongamento da bôlsa de Rathke, situada para baixo do esfenóide primitivo (Luschka); quer se veja nela o resíduo do primitivo esbôço sulciforme da amígdala; quer se interprete como um órgão autónomo de formação tardia, por proliferação do epitélio faríngeo (Kilian); quer se tome por uma simples depressão, determinada por retracção da mucosa ao nível de aderência da corda dorsal à parede posterior do intestino respiratório (Foriep, Huber); quer se suponha que resulta de peristência do *recessus pharyngiis medius* de Ganghofner, a sua abertura no adulto e no velho, quando existe é mediana e situada a meio da distância do arco anterior do atlas aos orifícios posteriores das fossas nasais. No nosso caso esta bôlsa é representada por um ligeiríssimo sulco.

A pseudo-bôlsa de Suchanneck, cavidade determinada patològicamente pela união dos lábios de dois borreletes longitudinais e paralelos em extensão maior ou menor e cuja desconformidade com a bôlsa de Luschka não está bem esclarecida, é também mediana.

Igualmente de natureza patológica são as chamadas fendas de Henle e de P. Rougé, feitas à custa da fusão parcial de cristas adelgaçadas; são múltiplas, de forma e situação irregulares, caracteres suficientes para dêste grupo eliminar o divertículo que observamos.

Os divertículos do campo amigdaliano que correspondem à porção ventral da 2.ª fenda, estendendo se às vezes até ao triângulo anterior do pescoço, entre o esterno-clido-mastoideo e a traqueia, têm uma localização bem definida.

Restam o divertículo justa-tubário e o de Pertick, residuais da 1.ª e 2.ª fendas branquiais, o primeiro muito raro e imediatamente contígüo ao orifício faríngeo da trompa de Eustáquio, o segundo coïncidindo com a fosseta de Rosenmüller, da qual parece um apro-

fundamento. Êste último pode ser tão profundo que ultrapasse a parede faríngea e penetre entre os músculos grande recto anterior do pescoço e periestafilino interno ou atinja a loca parotidiana, como no caso de Broesicke.

Pela sua localização, embora seja pouco profundo, só com êste último se pode identificar o nosso caso.

Trata-se, portanto, de um *divertículo de Pertick.*

O divertículo referido no Caso III é de classificação difícil, pois não conhecemos na literatura referência a caso algum com esta localização. É a êste que pertenceria com tôda a propriedade a designação de *divertículo retro-cricoideo da faringe.*

B)

Esófago

A nossa série abrange 7 casos de divertículos do esófago, dos quais 4 de observação pessoal e todos achados de autópsia. A sua freqüência é de 0,19%.

Em 1344 homens foram observados 3 casos e em 680 mulheres 1 caso único, o que está inteiramente de acôrdo com as estatísticas.

Os nossos casos foram encontrados em indivíduos de 19, 20, 23 e 60 anos, único detalhe que, numa série tão pequena, podemos referir relativamente à idade.

Os numerosos casos que têm sido descritos na literatura, dizem respeito a três zonas bem definidas do esófago: Uma superior, correspondente ao limite de passagem para a faringe, a cujos divertículos já fizemos referência, com a designação de *divertículos faringo-esofágicos* (Starck), situados sempre na parede posterior e aos quais têm sido dadas várias denominações [div. de Zenker, sacciformes (Huber), dorsais, confinantes (Rosenthal)]. Outra mediana em relação com a bifurcação da traqueia e com o grosso brônquio extra-pulmonar esquerdo, situados geralmente na parede anterior, algumas vezes nas paredes laterais, em qualquer caso, no semi cilindro anterior. A terceira profunda, justa-cardial.

A maneira como os autores apreciam a freqüência dos divertículos de cada uma destas zonas, é extremamente variável e imprecisa. Da leitura de várias pequenas estatísticas se infere que os factos de observação clínica mais numerosos dizem respeito à zona superior ou cervical; são estes os divertículos mais volumosos e aqueles que levam em maior número os portadores a recorrer à cirurgia. Em observações cadavéricas os mais freqüentes são os medianos, que, com os progressos da técnica de exame do esófago no vivo, tendem

a ocupar um lugar cada vez mais importante. De todos, os menos vezes descritos, são os justa-cardiais (Kienkock).

Dos casos que descrevemos 4 são medianos, 1 inferior e 2 de séde mal definida.

Todos estão situados na face anterior do esófago, com excepção de 1 (Caso IV) cuja localização não foi possível averiguar.

Em geral o divertículo é único. Na nossa série metade dos casos é de divertículos múltiplos (5 no Caso V, 2 no VI, 3 no VII, 2 no IX).

As dimensões são muito pequenas, tendo o maior (Caso IV) apenas 21^{mm} de profundidade, bem longe, portanto, dos faringo-esofágicos que chegam a atingir enorme capacidade (100 a 500^{cc}) e que, descendo no pescoço, chegam a penetrar na cavidade torácica (2^{cm} abaixo da articulação esterno-clavicular — caso de Robinson —, 6^{cm} — caso de Lotheissen).

Os divertículos medianos e os inferiores raras vezes estão dirigidos para baixo, lê-se na descrição dos autores. Nos nossos casos, os muitos pequenos têm o eixo perpendicular à superfície da mucosa (Caso V); dos maiores, uns são dirigidos para baixo (Casos VI, VII e X), outros para cima (Casos VI, VII, VIII, IX) e no mesmo esófago, às vezes uns para baixo, outros para cima (Casos VI e VII).

São todos infundibuliformes, exceptuando o do Caso IV.

Nas observações pessoais, assim como nas peças em que tal se pode apreciar, não existia modificação de calibre do esófago ao nível dos divertículos ou a jusante dêstes, o que está de acôrdo com o resultado das pesquizas de Hacker, que, em 100 casos colhidos na literatura, sòmente encontrou 7 divertículos situados para cima de estenoses.

O estudo microscópico e o das relações dos divertículos com os órgãos vizinhos do canal esofágico, têm primacial importância para o esclarecimento da sua patogenia, que mais tarde versaremos.

Por agora resumiremos os resultados a que chegámos e que servirão de base às nossas considerações futuras.

Em todos os casos a mucosa apresenta aspecto normal, sem antracose, o que é confirmado pelo exame microscópico naqueles em que êste exame foi feito.

Em contacto com os divertículos ou com a zona onde êles se encontram, se não fazem saliência exterior, encontram-se: as extremidades posteriores dos arcos traqueais e a origem do grosso brônquio direito (Caso V, grupo inferior); o brônquio esquerdo (Caso VII, em um dos divertículos); o brônquio direito (Caso VIII). Junto do seu fundo, dizem alguns autores, encontra-se quási sempre um tecido fibroso,

que representa restos de tecido ganglionar, muitas vezes antracótico ou gânglios linfáticos com lesões tuberculosas. Ora, analisando um por um os casos descritos, verifica-se que: No Caso V, na vizinhança dos 3 divertículos inferiores não havia gânglios, nem vestígios de qualquer processo inflamatório. Do protocolo de autópsia do cadáver a que pertencia o caso VI, consta que, junto dos divertículos havia gânglios antracóticos, moles, não muito aderentes, o que não deixa de causar surpreza, porquanto seria de esperar, pela disposição das cavidades, que se encontrassem grandes lesões inflamatórias, actuais ou residuais; no mesmo relatório não é indicada a existência de lesões tuberculosas, pulmonares ou de outros órgãos. No Caso VII não havia gânglios na vizinhança do divertículo superior, nem tecido inflamatório, sendo a dissociação do tecido peri-esofágico fácil, ao contrário do que observámos junto dos dois divertículos inferiores, onde verificámos a existência de gânglios muito pequenos, um dêles com lesões caseosas. No caso VIII, a separação do esófago da traqueia e do brônquio direito fazia-se com facilidade, pois não havia lesões de adenite, nem de periadenite, recente ou antiga, na sua contiguïdade imediata, embora se tratasse de um indivíduo com tuberculose cavitária, bilateral e lesões caseosas nos gânglios peri-brônquicos e inter-brônquicos. No Caso IX, que diz respeito a um velho de 60 anos, sem lesões tuberculosas, entre os dois divertículos havia um pequeno gânglio antracótico, sem lesões de periadenite. No Caso X, na vizinhança do divertículo, não havia gânglios apreciáveis, sendo, aliás, grandes, moles, suculentos, negros, os inter-tráqueo-brônquicos, o que está de acôrdo com o processo pioémico que matou o indivíduo em que foi feita esta observação. O caso VIII é certamente o mais interessante, sob êste ponto de vista: tratava-se de um indivíduo vitimado por uma granúlia tuberculosa, tendo como ponto de partida múltiplas lesões úlcero-caseosas pulmonares; compreende-se assim a existência de lesões caseosas em gânglios linfáticos muito pequenos e a de lesões miliares no tecido peri-esofágico, mas também que estas lesões devam ter seguido a formação dos divertículos e não precedido. O interêsse dêste último caso é acrescido pela constatação de divertículos do brônquio esquerdo, o maior dos quais em correspondência com um dos esofágicos, sem que na mucosa brônquica, como na das vias aérias superiores, houvesse quaisquer lesões bacilares, macroscòpicamente apreciáveis.

C

Estômago

Os seus divertículos são os menos freqüentes de todos os do tubo digestivo. O número de casos registados é muito pequeno.

Na maior parte das observações publicadas o divertículo é único e coïncide com estenose pilórica ou aparece em estômagos em ampulheta cicatriciais: tais são os casos de v. Klein, Grassberger e Brenner. Podem coexistir o divertículo e um processo ulceroso em actividade e muitas vezes formam-se na margem da úlcera (Caso de Kolaczek). Nalguns casos aparecem ao nível de aderências cicatriciais, com gânglios antracóticos (Caso de Thorel) ou com órgãos vizinhos, como a vesícula biliar (Caso de Tilger) ou o pâncreas (Caso de Zehn). Geralmente, aqueles que são independentes de aderências, estão situados no antro pilórico; têm localização variável, segundo os casos, aqueles que estão relacionados com processo flegmásico perigástrico.

No nosso caso XIII havia notável estenose pilórica, de que resultou grande deformação do estômago. Os divertículos são três, todos pilóricos, o que é muito excepcional. Existia úlcera em plena evolução.

No caso XI o divertículo é igualmente pilórico, mas, facto digno de especial menção, não há estenose ou deformação gástrica.

Em ambos os casos o relêvo é insignificante, o que indica pequena capacidade das cavidades diverticulares; no segundo apenas se poderia alojar um grão de milho; exteriormente não havia aderências. Tanto num como noutro o revestimento mucoso é completo, adelgaçado, de reduzida espessura e igualmente a sub-mucosa; a camada de fibras circulares parece interromper-se para dar passagem à mucosa, a cujo fundo se encosta e adelgaça a camada de fibras longitudinais. Na parede não há tecido extranho à estrutura gástrica, como nos casos de Falconner e Weichselbaum, em que no fundo da cavidade diverticular se encontrava tecido pancreático.

Nem na mucosa, nem na sub-mucosa, havia lesões de esclerose.

D

Duodeno

A importância que se tem concedido aos divertículos dêste segmento do intestino delgado, as suas relações anatómicas que condi-

cionam uma patogenia, julgada especial, até certo ponto, justificam a sua consideração à parte.

Desde que Chomel, em 1710, deu conhecimento à Academia de Paris do caso de uma mulher de 80 anos que era portadora de uma bôlsa duodenal que continha 22 cálculos, os relatos de observações têm-se multiplicado, não correspondendo, porém, a esta actividade a resolução completa dos problemas que envolve o estudo dos divertículos duodenais.

Nem são freqüentes, nem se podem considerar grandes raridades anatómicas, embora não faltem as afirmações em contrário; muito raros são apenas os de grandes dimensões.

Em 2024 autópsias encontramos 6 (Casos XII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII) o que dá a percentagem de 0,29 que é mais baixa do que qualquer das que se encontram na literatura: 0,5 (Jach, em 200 autópsias), 1,3 (Buschi, em 150), 15,5 (Schüppel, em 45).

Os progressos da radiologia têm permitido ùltimamente a averiguação da sua freqüência no vivo, dando percentagens que se afastam do número excessivo de Schüppel, considerado como obra do acaso. Assim Case, numa série pessoal de 6847 exames, cujos resultados foram publicados em 1920, encontrou divertículos duodenais em 85 indivíduos (1,2 %).

Em pesquizas bibliográficas Seigrist em 1911 encontrou 73 casos; Ritchie e Mac Whorter em 1917 colhem 76 observações.

A maneira como é considerada a distribuïção dos divertículos pelos segmentos do duodeno é apreciável pela tabela seguinte:

Autores	1.ª porção	1.ª e 2.ª porções	2.ª porção	3.ª porção	4.ª porção
Buschi	6	2	35	3	0
Jackson	—	16	—	2	0
Cole e Roberts	2	2	23	2	2

Os mais freqüentes são aqueles que ocupam as 1.ª e 2.ª porções ou só a 2.ª; os mais raros os da 1.ª e da porção ascendente.

Nos casos que estudamos a distribuïção é bem diversa desta, pois que 4 (Casos XII, XIV, XV e XVIII) estavam situados na primeira porção, um dêles cavalgando mesmo o piloro, 2 na primeira e segunda (Casos XVI e XVII), sendo a segunda interessada em tão pequena extensão, que, sem êrro, os podíamos considerar só na primeira, 2 só na segunda porção (Casos XIX e XX). É notável esta freqüência maior num dos segmentos onde usualmente são mais

raros. Ritchie e Mac Whorter publicaram em 1917 o resultado de uma revisão de 76 casos autênticos de divertículo duodenal; encontraram apenas 7 casos da 1.ª porção, a acrescentar ao caso que observarem [Morgagni (1761), Rahn (1796), Fleischmann (1815), Albers (1844), Jach, 2 casos (1899), Falconner (1907)].

Em geral existe um divertículo único. Na sua estatística, Buschi encontrou em 52 casos, 35 vezes um só divertículo, 13 vezes dois divertículos, 2 vezes quatro e 2 vezes cinco. Nos 85 casos coligidos por Case, 78 eram de divertículo único.

Na nossa pequena série, 4 casos (XIV, XV, XVI e XVIII), são de divertículo único, em 3 (XII, XVII e XIX) há dois divertículos e em 1, três (XX).

Segundo Latarget e Murard, ocupam sempre na ansa duodenal o lado da pequena circunferência ou parte dela e não são conhecidos casos no bôrdo oposto, o que não é confirmado pela nossa observação, nem pela de v. Good, que estudou um divertículo situado à direita e atrás.

No bordo esquerdo ou no inferior, na parte correspondente à primeira porção, ficam: um dos divertículos do Caso XII e outro do grupo observado no Caso XIX; no bordo convexo encontram-se o divertículo maior do Caso XVII e todos os do Caso XX; na face anterior, um do Caso XII, o dos Casos XV e XVI; na face posterior o divertículo do Caso XIV, o do Caso XVIII e um dos observados no Caso XIX.

A orientação dos divertículos depende da sua situação e de modo algum se pode afirmar com carácter geral que os da primeira porção se dirigem para cima, para dentro e para trás, os da segunda para a esquerda, referindo-nos só àqueles segmentos em que observamos divertículos. Assim, os inseridos na parede anterior, dirigem-se para diante (Casos XII e XVI), aqueles que se implantam no bordo direito ou convexo, dirigem-se transversalmente (Caso XVII) ou para a direita, para trás e ligeiramente para baixo (o maior do mesmo caso).

Dos 8 casos só um dos do Caso XII e o maior do XIX estavam alojados na cabeça do pâncreas. É para notar a situação do pâncreas no Caso XVII, pois vai contribuïr para a constituïção do anel de constrição que existe no duodeno.

São, em regra, arredondados ou piriformes.

Na literatura encontram-se referidas, como habituais, as dimensões de um pequeno ôvo de pomba ou menores e é citado como excepcional o caso de Jackson, em que o divertículo tinha 3,5^{cm} de altura, 3^{cm} de largura e 2^{cm} de diâmetro ântero-posterior. Nos casos que descre-

vemos, o mais pequeno é o XV, em que o divertículo tem o volume de uma pequena avelã; as cavidades dos casos XVIII e XX estão ainda nos limites do habitual; todos os outros são já de dimensões excepcionais, especialmente o divertículo do Caso XVI, que tem 16^{cm} de perímetro na sua base, 4,8^{cm} e 5,2^{cm} de diâmetros e 40^{cc} de capacidade.

A comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal é em geral ampla, às vezes mais larga do que a cavidade; na abertura pode existir uma prega semi-lunar, simulando uma válvula, sempre estreita.

Às vezes o calibre do duodeno é maior do que o habitual (Casos de Schmidt e de Ohly), como se observou no Caso XVI de maneira bem flagrante.

A estrutura da parede diverticular tem sido considerada de maneira muito diversa, segundo os autores. As maiores divergências dizem respeito ao aspecto da mucosa: em grande número de casos a mucosa não tem pregas nem válvulas e a espessura é reduzida; noutros existem válvulas coniventes rudimentares; umas vezes não há glândulas nem folículos, outras existem estas formações, mas pouco numerosas. Em regra a *muscularis mucosae* apresenta-se espessada ou normal; as camadas da túnica musculosa ou são só adelgaçadas (S. Basch) ou desaparecem total ou parcialmente (Wölker, Seippel, Buschi).

Em todos os casos que estudamos microscòpicamente (XII, XIV, XVI e XVII) a estrutura da parede diverticular é a mesma que a do duodeno, com adelgaçamento de tôdas as túnicas; tôdas estas são contínuas, com excepção da camada muscular externa do Caso XVII, que ao nível da crista da prega inferior é interrompida por uma camada de tecido pancreático. Tanto neste caso como no Caso XII existe um anel constritor do lúmen duodenal e em ambos os casos ao seu nível há um verdadeiro esfincter, formado pelas fibras circulares. No caso XII é notável o espessamento da *muscularis mucosae*, que emite prolongamentos externos que limitam locas que alojam glândulas de Brünner. Em qualquer dêstes casos não há vestígios de processo ulceroso recente ou antigo. Na sua vizinhança não existem aderências ou qualquer processo patológico em que se possam filiar os divertículos. Em dois casos coexistem outras anomalias congénitas: anomalia de conformação do rim direito (Caso XVI); anomalia do septo inter-ventricular (Caso XVIII).

Reservamos para o fim as considerações que poderiam ser feitas relativamente à idade e ao sexo, porque não poderiam deixar de ter reduzido valor com tão pequeno número de casos. Quanto à pri-

meira, as nossas observações dizem respeito a indivíduos de 18, 42, 52, 56, 62 e 67 anos e uma das peças que estudamos era de um indivíduo de 69 anos, o que se aproxima bastante das afirmações de Latarget e Murard, Kaufmann, Wilkie, que fazem deles o apanágio quási exclusivo dos velhos; contudo já foram observados em crianças e mesmo no feto. Quanto ao sexo, Buschi em 26 casos encontrou 17 em homens. Nos casos que descrevemos 4 referem-se a homens e 3 a mulheres.

E

Jejuno-ileon

Fazer a história dos divertículos do jejuno-íleon é justificar a confusão existente quanto à sua designação, caracterização e interpretação patogénica.

As primeiras observações dizem respeito a fístulas umbilicais, verificadas no primeiro período da vida extra-uterina, que protraïam longamente a formação da cicatriz umbilical, por onde se viam sair fezes e gazes, donde se concluïa a sua comunicação com o intestino. Procurando em cadáveres qualquer formação que fôsse resíduo dêsse canal, que era uma eventualidade rara, supôs-se que fôsse o apêndice vermicular.

No período que decorre de 1626 a 1657, J. Riolan Júnior, o acérrimo contraditor de Harvey, refere nos seus escritos o achado de apêndices semelhantes ao vermiforme no íleon de três cadáveres, mas não estabelece qualquer relação com as fistulas entero-umbilicais.

J. H. Lavater, por 1671, parece ter dedicado a sua atenção ao estudo destas fístulas, mas sem nada adiantar no caminho da sua patogenia. Em 1698 F. Ruysch observou e estudou apêndices idênticos aos de J. Riolan e pela primeira vez aparece a designação de *divertículo* nos seus *Observationum anatomico-chirurgicarum Centuria* e *Museum anatomicum ruyschianum*, obras começadas a publicar em Amsterdam em 1691.

A. Littre, anátomo-patologista de observação tão copiosa que só num ano (1684) fez mais de 200 autópias, descreveu em 1700 uma hérnia que continha um divertículo intestinal e que considerou *une nouvelle espéce de hernie*. Depois outros divertículos foram descritos por J. Méry (1701), F. Verheyen (1712), F. J. Hunault (1724–1742), pelo professor florentino de cirurgia A. Benevoli (1747), J. D. Schlichting (1747), Meibom [1] e Fabrício (1) que sustentou uma teoria me-

[1] Estes autores são citados por Buschi. Não conseguimos averiguar se se

cânica, a princípio adoptada sem discussão. Todos estes autores, considerando-os como excrescências, apêrtos, dilatações herniárias do intestino, chamam as atenções para as complicações mórbidas que podem derivar da sua existência. Sob êste ponto de vista tem todavia especial importância os trabalhos de Moscati, que em 1757 demonstra que estas formações podem ser a causa de estrangulamentos internos.

Morgagni, por 1747, fez uma revisão de todos os casos conhecidos de divertículos intestinais e em 1761, admitindo a teoria de Fabrício para alguns dêstes, sustenta que 3 casos da sua observação e um outro descrito por F. J. Hunault eram de origem congénita; aparece assim esboçada a divisão em divertículos congénitos e adquiridos.

C. F. Ludwig publicou em 1785 as suas observações e Fulling em 1807 a de um divertículo com hérnia intestinal num feto de 6 mezes.

Estes trabalhos abriram o caminho a J. F. Meckel, segundo de nome, que, depois de observar e descrever um caso de canal entero-umbilical persistente, acompanhado em todo o seu comprimento pelos vasos onfalo-mesentéricos, reuniu todos os casos até então conhecidos desta anomalia, recapitulando as observações e trabalhos de todos os seus predecessores. Por outro lado estudou minudentemente os apêndices do íleon, dando à sua forma e à sua séde uma importância que até 1809 ninguém concedera. Por fim, servindo-se dos vastos conhecimentos de anatomia comparada, que lhe valeram o cognome de *Cuvier alemão,* de observações em embriões e fetos, procurou conhecer cabalmente as relações da vesícula vitelina com o canal intestinal, com o fim de averiguar até que ponto eram admissíveis as ideas de Morgagni e de explicar a patogenia dos divertículos livres do íleon.

Nesta orientação sustentou que desde as primeiras fases do desenvolvimento do intestino primitivo, existe continuïdade das paredes da vesícula umbilical e do canal intestinal. Hesita a princípio em dizer que essa continuïdade é estabelecida por um canal; admitindo a continuïdade de substância *não tem a pretensão de decidir se as cavidades dos dois órgãos se abrem uma na outra.* Só mais tarde fala abertamente numa comunicação canaliculada. Demonstrou e sustentou ainda que esta comunicação parte do bordo anterior do canal intestinal, de um ponto que é bem determinado, ainda que

---

trata de Johann Heinrich Meibom (1509-1655), se de Heinrich Meibom, filho do precedente (1638-1700), se do neto do primeiro, Brandanus Meibom (1678-1740).

Quanto a Fabritius, ignoramos também a qual dos onze Fabrícios, de que resa a história da medicina, se refere a citação.

possa variar numa certa extensão, situado mais perto da extremidade inferior do intestino delgado do que da superior, precisamente naquele donde partem os vasos onfalo mesentéricos. Por fim afirma que o divertículo do íleon é evidentemente um vestígio do canal primitivo de comunicação, que, freqüentemente, tanto na vida fetal, como na extra-uterina, pode ser acompanhado de resíduos de vasos onfalo-mesentéricos e desde logo refere a existência de diversas formas que representam estadios diversos da involução do primitivo canal entero-umbilical, considerando assim: a persistência da vesícula umbilical para além do tempo ordinário e da comunicação com o íleon através do umbigo, acompanhada pelos vasos onfalo-mesentéricos; a existência de um canal mais ou menos longo aberto no umbigo, onde terminam igualmente os respectivos vasos; a existência de divertículos do íleon, fechados em dedo de luva, muitas vezes acompanhados pelos vasos, umas vezes fixos ao umbigo, outras flutuando livremente, outras formando ansa pela fixação da sua extremidade ao mesentério ou a outro ponto do intestino. Faz notar as *nuances* de comprimento e de forma dêste divertículo, desde o longo canal fechado que toca o umbigo até ao pequeno divertículo ileal livre.

Na polémica que Meckel sustentou em defesa da sua teoria dos divertículos do íleon, a propósito da existência de diversos divertículos no mesmo intestino, fala de falsos divertículos e de divertículos por distensão. Dêste facto se depreende que para Meckel nem todos os divertículos do íleon eram de natureza congénita.

Meckel não só assentou em bases sólidas de observação a patogenia da maior parte dos divertículos do íleon, daqueles que, como justa homenagem se denominam *divertículos de Meckel*, mas pôs em foco a questão dos divertículos intestinais em geral.

Depois dos trabalhos de Meckel a publicação de casos de divertículos amiüda-se, mas surgem os contraditores e os excessos doutrinários.

Entre os primeiros encontram-se os nomes de L. Oken, C. F. Emmert, F. L. Ochstetter, Cuvier, G. Fleischmann, citando só os mais categorizados. Depois da sua morte (1833) outros apareceram, mantendo discussões que se continuaram quási até aos nossos dias. A exposição das objecções apresentadas seria interessante, se não nos levasse a uma prolixidade fastidiosa.

Mais importantes para o nosso ponto de vista são os excessos de doutrina.

Meckel caracterizava os divertículos congénitos, que dizia sempre únicos, pela sua forma cilíndrica, em dedo de luva; pelo seu calibre grande, em relação ao do intestino; pela sua séde quási constante

numa certa extensão do íleon; pela estrutura da parede, onde se encontravam tôdas as camadas intestinais. Dêstes distinguia outros divertículos, raras vezes únicos, sempre mais largos que longos, arredondados, de calibre muito menor que o do intestino, situados em qualquer ponto do canal intestinal, de parede simplificada, onde não existia camada muscular. Dizia que estes últimos podiam existir à nascença, mas que habitualmente apareciam mais tarde, isto é, eram adquiridos.

Excedendo o alcance das ideas de Meckel, Wendricz e Sweder procuraram sustentar que os divertículos congénitos se encontram só no íleon, todos os dos outros segmentos sendo adquiridos, mas a observação de factos novos e a revisão dos antigos depressa demonstrou que no íleon há divertículos que aparecem tardiamente na vida do indivíduo e que no jejuno (Sangalli, Morgagni), no duodeno, no intestino grosso (Georgieff, Sangalli, Wallmann, Tosi) há outros que são incontestàvelmente congénitos.

Partindo da observação de Meckel, que os divertículos adquiridos têm a parede simplificada, pois que lhes falta a túnica muscular do intestino, critério que teve em Schrœder um extrénuo defensor e que tendo sido aceite pela maioria dos investigadores, é ainda hoje adoptado, pretende-se admitir que todos os divertículos em que não existe túnica muscular são adquiridos e todos aqueles que a possuem são congénitos. Ora em pequenos divertículos do colon manifestamente adquiridos tem sido encontrada túnica muscular ou pelo menos uma camada muscular bem desenvolvida ou fitas mais ou menos largas (Durante, Edel, Sudsuki, Buschi); em outros incontestàvelmente congénitos (divertículos de Meckel típicos e divertículos do duodeno) a distensão feita durante a vida pode determinar o desaparecimento das camadas musculares em extensão maior ou menor, em geral no fundo, ou a sua atrofia (Buschi, Klebs, Birsch-Hirschfeld, Buchanan, Taruffi). Por outro lado divertículos com os caracteres que se dizem pertença exclusiva dos adquiridos se podem encontrar em recemnascidos e em fetos.

Mas os sucessores de Meckel foram mais longe, pretendendo que todos os divertículos congénitos intestinais sejam divertículos de Meckel, isto é, todos representem fases de uma involução incompleta do canal vitelino. É assim que encontramos referidos divertículos de Meckel no duodeno (Bilton Pollard), no jejuno (Flandin, Cornillon, Waller, Greding, Albers), no cego (Symington, Lockwood, Binnie). Lamb, numa análise de 186 casos de divertículos chamados de Meckel, encontrou 14 vezes a inserção no jejuno e 7 no duodeno.

Na realidade tem sido verificada a existência no jejuno e no duo-

deno, de divertículos cujas relações com o canal onfalo-mesentérico são incontestáveis e veremos mais tarde que êsses factos são explicáveis pela embriologia; tais são, entre outros, os casos de B. Pollard, de Clarkson e Collars, de Buzzi, de Fleischmann, de Heuermann. Mas estes casos são absolutamente excepcionais.

É preciso ainda não esquecer que podem aparecer no íleon divertículos congénitos, cuja génese nada tem com a involução do canal onfalo-mesentérico (Augier, Blanc).

Actualmente no intestino devemos considerar: divertículos derivados do canal vitelino; divertículos congénitos de outra proveniência que não esta; divertículos adquiridos que têm como base anatómica disposições congénitas anormais; divertículos adquiridos patológicos.

É aos primeiros que cabem as designações de *divertículo de Meckel, apêndice de Meckel, apêndice digital, apêndice digitiforme, divertículo vitelino.*

Por consenso geral devem actualmente definir-se os divertículos de Meckel da maneira seguinte: divertículos únicos, situados na última porção do íleon (*zona de Meckel* de Wallenstein e Taruffi), em geral inseridos no bordo convexo, livres ou unidos ao umbigo, ao mesentério ou a outro segmento intestinal, mais longos que largos, tendo túnica muscular em grande extensão da sua parede; ao nível da sua inserção, — facto a que até hoje se não tem dado a devida importancia, — existe dobradura da ansa intestinal ou brusca modificação de calibre ou simultâneamente uma e outra.

Com esta caracterização colhemos nas nossas observações cadavéricas 31 casos que classificamos de divertículos de Meckel.

A freqüência do divertículo de Meckel é muito diversamente apreciada pelos autores que do assunto se têm ocupado e é traduzida por percentagens que variam muito: 0,1 (Albers), 0,5 (Augier, Hasegawa), 0,6 (Moore), 0,7 (Allen, Dœpfner), 1 (Bottard, Bertrand), 1 a 1,8 (Hilgenreiner, Fehre), 1,2 (Kelinack), 1,5 a 2 (Clementi e Tomaselli), 2 (Estatística da Sociedade Anatómica da Gran Bretanha e Irlanda, Testut, Osler), 2,3 (Rogie, Mitchell), 3,37 (Rolleston). Deve notar-se que o valor destas estatísticas é muito variável: umas, como a de Bottard, assentam apenas numa centena de observações cadavéricas, outras em milhares (Moore, 4000).

Em 2024 autópsias, em que fizemos a pesquiza dêste divertículo, encontramo-lo 31 vezes, o que dá 1,5 %.

Englobando tôdas estas estatísticas vê-se que o divertículo de Meckel se encontra em 1,4 % dos indivíduos.

Forgue e Riche, notando que o material da maior parte das estatísticas provém de adultos e velhos, considerando a muito freqüente

oclusão intestinal por divertículo (5 a 6% das oclusões, segundo Murphy), a grande mortalidade nestes casos (6% em 22 casos do *S.t Thomas Hospital*, de 1887 a 1908, 71,5% para Hilgenreiner) que furta à enumeração muitos indivíduos novos, presumem que a freqüência seja superior à calculada até hoje, particularmente nestes indivíduos, e procuram a confirmação desta presunção no estudo dos casos de oclusão com esta etiologia: em 200 casos respigados da literatura médica encontraram 142 em indivíduos com menos de 30 anos e só 48 em indivíduos de idade superior a esta. Além disso estes divertículos são freqüentemente a séde de lesões que concorrem para a eliminação de portadores, passando despercebida a causa. Mumford calcula em 13% os divertículos nestas condições.

Ora os cadáveres que observámos eram: de enfermarias de um hospital geral, onde os doentes são internados por motivos muito diversos e nesta série (S. A. H. E.) foram examinados 66 indivíduos com menos de 15 anos, 251 de idade compreendida entre 15 e 30 e 812 com mais de 30; de proveniências diversas por crime, desastre ou falta de assistência médica e nesta série (I. M. L.) examinamos 110, 154 e 534, respectivamente de cada um dos grupos etários referidos; encontramos em cada um dêles 2, 13, 16 divertículos.

Referindo cada um dêstes números às totalidades de indivíduos observados em cada grupo, vê-se que no primeiro e no último as percentagens são iguais (1,1); a percentagem dos divertículos entre os 15 e os 30 anos é maior (3,2). Considerando apenas os indivíduos de menos de 30 anos e os de mais de 30, a percentagem dos primeiros é superior (2,5) à dos segundos.

Não havendo elemento algum que permita supôr que os divertículos sofram qualquer processo de atrofia com a idade, é admissível a presunção de Forgue e Riche, que seja a eliminação dos portadores a causa da redução da percentagem nos adultos de mais de 30 anos e nos velhos.

Deve-se, porém, notar que entre nós os processos mórbidos diverticulares não têm a freqüência, nem a gravidade que estes autores lhe atribuem; não encontramos lesões inflamatórias ou outras nos nossos casos; naqueles que constam da literatura portuguesa são referidas lesões flegmásicas, mas um só caso de oclusão intestinal por divertículo, a-pesar-de provirem de importantes centros cirúrgicos, onde são numerosíssimas as intervenções abdominais; os casos de observação clínica, inéditos, que conhecemos, ou são achados em intervenções por causa muito outra ou são casos de diverticulite; em numerosos casos de obstrução intestinal, que autopsiámos, não encontrámos divertículo.

Os dois sexos têm partes muito desiguais nas estatísticas: Kelinack não encontrou caso algum em 85 mulheres e observou 4 em 213 homens. Augier encontrou o divertículo de Meckel em 2,8% dos cadáveres de homens que examinou e em 3,1% das mulheres. A pesquiza de Mitchell foi positiva em 2,6% dos homens e em 1,3% das mulheres, numa série de 1635 cadáveres.

Dos nossos 31 casos, 25 pertenciam a homens (1,8% e 6 a mulheres (0,8%).

Quando se faz a abertura da cavidade abdominal e se levanta o avental epiploico, muitas vezes, se existe divertículo, êste aparece logo ao primeiro exame; foi o que sucedeu nos casos XXVI, XXVII, XLI, XLII, XLIII, XLV, LIII, LVI, LXI, LXII, LXVI, LXVII, LXVIII, LXIX, LXXII, LXXIII. Freqüentemente também só se encontra o divertículo quando, para fazer o exame do mesentério *in loco* e da superfície exterior do jejuno-íleon, se passa êste entre os dedos (Casos XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XLIV, XLVII, XLVIII, L, LII, LVII, LVIII, LX, LXIII, LXX, LXXI, LXXIV).

Quando se pode observar, antes que qualquer manobra tenha modificado a sua posição, ocupa em geral a fossa ilíaca direita ou a região umbilical, dirigido francamente para diante ou para cima e para dentro, segundo o grau de distensão pelos gazes, o seu comprimento e a sua posição; os mais longos parecem emergir de entre as ansas intestinais.

Em nenhum dos casos de observação pessoal encontrámos aderências à parede ou aos órgãos vizinhos e não se encontram referências a uniões desta natureza nos protocolos das autópsias que dizem respeito aos exemplares provenientes dos Institutos de Medicina Legal e de Anatomia Patológica. Êste facto é digno de menção, porquanto Forgue e Riche, fazendo uma pesquiza bibliográfica muito completa, em 104 observações de indivíduos mortos por uma afecção qualquer, encontraram 84 divertículos livres e 20 fixos, por um cordão fibroso ou formado por vasos obliterados, ao umbigo, ao mesentério, ao peritoneu parietal, ao colon, ao cego e ao apêndice cecal; nos casos em que o divertículo determinara acidentes de oclusão, os números são ainda mais elevados e invertidos, pois a 19 livres correspondem 184 fixos. Segundo Lamb, em 12% dos casos existe um cordão fibroso apical. Sendo assim, era lícito esperar que algum caso de divertículo fixo fôsse abrangido na nossa série, o que não sucedeu.

¿ Em que relação está com o mesentério o ponto da sua implantação na ansa intestinal ?

Quási sempre no bordo convexo do intestino, às vezes numa das faces, diz Testut. Com mais freqüência junto do bordo mesentérico,

afirma Hyrtl. Não é absolutamente raro vê-lo implantar-se numa das faces laterais, mais ou menos próximo do bordo mesentérico, podendo mesmo ser intra-mesentérico, escrevem Forgue e Riche.

Da nossa observação decorre

Implantação oposta ao mesentério	14	casos
» lateral direita	2	»
» » esquerda	18	»
» » indeterminada	10	»
» » intra-mesentérica	2	»
» » mal definida	4	»

Conclui-se, portanto, que a implantação lateral é muito mais freqüente que qualquer das outras e que a implantação no bordo livre ocupa um lugar secundário, ao contrário do que sustentava Meckel; a lateral direita e a intra-mesentérica são raras. Sob a rúbrica de implantação mal definida englobamos os casos em que o divertículo só em pequena extensão dissocia o mesentério e é principalmente lateral.

Ao contrário do que afirmam Forgue e Riche, a inserção não se faz em ângulo recto, mas sob os ângulos mais diversos.

Basta percorrer as nossas gravuras ou os esquemas para reconhecer quanto êste é variado.

ÂNGULO COM A ANSA INTESTINAL

Recto	14	vezes
Agudo de abertura superior	8	»
» » inferior	13	»
» » não averiguada	13	»

As distâncias a que os divertículos estudados ficam da terminação do íleon, medidas depois de secção da inserção distal do mesentério constam da tabela seguinte:

Número de observação	Distância	Número de observação	Distância	Número de observação	Distância
	m		m		m
XXV	1,20	XXVIII	0,70	XXXI	0,60
XXVI	0,42	XXIX	?	XXXII	1,52
XXVII	0,60	XXX	1,0	XXXIII	?

Número de observação	Distância	Número de observação	Distância	Número de observação	Distância
	m		m		m
XXXIV	0,55	LXVIII	0,20	LXII	0,50
XXXV	0,88	XLIX	?	LXIII	0,80
XXXVI	1,32	L	1,0	LXIV	1,80
XXXVII	0,70	LI	1,32	LXV	0,45
XXXVIII	1,0	LII	0,70	LXVI	0,80
XXXIX	1,10	LIII	0,83	LXVII	1,85
XL	?	LIV	—	LXVIII	0,85
XLI	0,62	LV	0,95	LXIX	0,85
XLII	0,92	LVI	1,10	LXX	1,20
XLIII	1,60	LVII	1,15	LXXI	0,90
XLIV	1,20	LVIII	0,92	LXXII	1,00
XLV	1,20	LIX	?	LXXIII	1,02
XLVI	1,0	LX	1,05	LXXIV	1,05
XLVII	0,47	LXI	1,03	—	—

O cotejamento dêstes números mostra que o divertículo se implanta em média a $0^{m},96$ da terminação do íleon e que as distâncias mínima e máxima são respectivamente $0^{m},20$ (Caso XLVIII) e $1^{m},85$ (Caso LXVII).

Testut fixa a distância em 80–100^{cm}, Sturgis, Clementi e Tomaselli em cêrca de 50^{cm}, Kausch em 50–60^{cm}, Rokitansky em 33–36^{cm}, Lamb em 33–100^{cm}, Forgue e Riche em 50–100^{cm}, Antonelli em 1^{m}, Förster em $1^{m},35$, Fitz em 1^{m}, Mitchell e Broca em 20^{cm}, Gangolphe em 12^{cm}, Burt e Tédenat em 10^{cm}, Mackenzie em $8^{cm},5$, Taylor em 4–5^{cm}.

Morian investigando em cadáveres de crianças encontrou a inserção duas vezes contígua à válvula de Bauhin, 3 vezes a 5–12^{cm} e 5 vezes a 25–30^{cm}.

W. Black diz que nas criancas a distância é menor do que no adulto. A mais curta distância foi observada por Herewsky (inserção imediatamente contígua à válvula de Bauhin), a maior por Rolleston (3 metros). Assim, devem ser estes os limites a adoptar para a zona de Meckel.

A forma geral dos divertículos é variada. Cazin considera 4 tipos principais: divertículos cilíndricos, cónicos de base intestinal, cónicos de vértice intestinal, globosos. Os primeiros seriam os mais freqüentes e os últimos os mais raros. Forgue e Riche, concordando com a raridade do tipo globoso, consideram igualmente raros os

cilíndricos; da sua observação concluem que os curtos são a maior parte das vezes cónicos e os longos fusiformes.

No grupo dos cilíndricos há a considerar os rectilíneos e os curvilíneos (Testut).

Notando que os divertículos classificados cilíndricos podem ter uma ligeira dilatação na base, a classificação dos nossos casos dá:

Cilíndricos	rectilíneos	14
	curvilíneos	9
Cilindro-cónicos		2
Cónicos de base intestinal		9
Globosos		7
Não incluïdos nestes grupos		7

Concordando com Cazin e em discordância com Forgue e Riche, os cilíndricos são os mais freqüentes e os globosos os mais raros.

Em geral os divertículos longos são cilíndricos e os curtos são cónicos. Todavia são numerosos os curtos que são cilíndricos; tais são os XXXI, XXXIV, L, LII, LVII, LVIII, LIX, LXIV; podem mesmo ser muito curtos (Casos XXXVI, XLVII e LXXIII). Alguns dos longos são cónicos: assim em 17 longos há 3 cónicos.

A extensão da base de implantação depende da forma do divertículo, mas não exclusivamente. É muito larga em 22 casos, que abrangem todos os cónicos de base intestinal; é larga em 13 casos, compreendendo aqueles que são cilindro-cónicos e os cilíndricos em que o intestino parece dilatar-se em mamilo ao nível do ponto de implantação; é estreita em 14 casos, incluïndo neste número os globosos, que se unem ao intestino por um pedículo. Umas vezes o limite de separação do intestino é bem marcado (16 casos), outras a parede do divertículo continua-se insensìvelmente com o da ansa intestinal, em todo o contôrno da base de implantação (14 casos) ou só em parte dêste (16 casos), o que depende do ângulo que o divertículo fez com o intestino e do cotovelo que êste apresenta ao seu nível.

A extremidade livre é em regra única; a dicotomia perfeita nunca foi observada. No nosso XXVI parece esboçar-se uma bifurcação; mais simuladora é a disposição que se observa no Caso XXIX e mais ainda a do Caso XLVIII; na realidade são falsas bifurcações, dobraduras do divertículo com formação de divertículos secundários no vértice do ângulo.

A forma da extremidade é variável; em geral é arredondada, lisa (22 casos); pode ser cónica (10 casos) e entre estes são dignos de menção os Casos LXXIII, em que o eixo do cone terminal continua

o eixo do divertículo, e LXXIV em que êste cone se torce em ponta de saca-rôlhas. Umas vezes é bosselada irregularmente (Casos XXIX, XXXII, LI, LVII, LVIII) outras é deformada por divertículos secundários (Casos XXVI, XXVIII, XLVIII, LX, LXII, LXIV). Algumas vezes esta extremidade é bem distinta do corpo do divertículo, como sucede nos casos XXVIII, LXII, LXXIII, LXXIV).

Da conjugação da forma da extremidade livre com o aspecto da base e da parte média, resultam conformações por vezes bizarras: em martelo (XXIX, XLVIII), como os casos de Hudson e de Mitchell, em forma de pénis (Caso LVI), idêntico ao caso de Rogie), muriformes (Casos LI, LX), em mamilo (Casos L, LXXIII).

Nos Casos XXX e XLIII na extremidade livre existem franjas peritoneais carregadas de gordura, embora pouco volumosas, como no caso de Stubenrauch. Há citados casos em que com esta situação se encontram pâncreas acessórios (Casos de Bize, Schirmer, Devé, Denuicé), um lipoma sub-seroso (Caso de Busch), um adenoma (Caso de Lecène), um quisto (Caso de Clementi e Tomaselli), um hemangio-endotelioma (Caso de Cawardine).

O estudo da maneira como se comporta o peritoneu à superfície do divertículo é interessante: Umas vezes a serosa aplica o divertículo, numa extensão maior ou menor contra o mesentério e, quando se secciona êste, reconhece-se que num espaço triangular, às vezes grande, a superfície diverticular fica desnudada de serosa; são aqueles divertículos cuja implantação é lateral e muito próxima do mesentério. Outras vezes há uma prega secundária (mesenteríolo), que une um bordo do divertículo à ansa intestinal, da sua base à extremidade, como é bem frisante o Caso XLVI (casos muito raros na literatura) ou só numa pequena zona próxima da base de implantação. Outras, vê-se uma prega peritoneal, simples ou com gordura, neste último caso formando borrelete mais ou menos volumoso, em todo ou em parte do comprimento do divertículo, coïncidindo com o trajecto de vasos rectilíneos, mais ou menos aparentes, segundo o seu calibre, que dão ramúsculos laterais em todo o seu percurso e terminam por um pincel de ramificações. Os nossos casos distribuem-se por êstes grupos do modo seguinte:

Aplicados contra o mesentério	10
Com mesenteríolo	12
Com borrelete extenso	8
Com borrelete parcial	6
Sem mesenteríolo e sem prega serosa	13

O comprimento do divertículo de Meckel é apreciado de maneiras muito diversas, segundo os observadores. O menor comprimento que se encontra mencionado é de 1cm (Caso de Clementi e Tommaselli) e o maior 90cm (Caso de Pollard). As dimensões médias são para Prenant 7 a 8cm, para Meckel 20 a 30cm, para Forgue e Riche 8 a 10cm. Estes últimos investigadores, estudando na literatura médica 304 divertículos, concluem que 38 % têm de 2 a 5cm, 43 % de 5 a 10cm, 14 % de 10 a 15cm, 3 % de 15 a 20cm e só encontraram 5 casos com 20 a 25cm, entre os quais se destacam os de Guinard e Hohlbeck (23cm), Tédenat (24cm) e Routier (25cm), a que se podem juntar os de Galeazzi (21cm), Antonelli (22cm), Heresco e Magnan (25cm).

Os casos que estudamos têm comprimentos que constam da seguinte tabela:

Número	Comprimento	Número	Comprimento	Número	Comprimento
	cm		cm		cm
XXV	5,4	XLII	7,4	LIX	3,2
XXVI	6,0	XLIII	2,7	LX	5,4
XXVII	4,8	XLIV	5,0	LXI	7,2
XXVIII	5,5	XLV	4,5	LXII	10,7
XXIX	11,5	XLVI	7,3	LXIII	5,2
XXX	6,3	XLVII	2,5	LXIV	5,0
XXXI	4,2	XLVIII	3,5	LXV	7,5
XXXII	4,5	XLIX	7,5	LXVI	3,8
XXXIII	3,8	L	5,0	LXVII	6,8
XXXIV	5,9	LI	3,7	LXVIII	4,8
XXXV	4,8	LII	3,3	LXIX	7,2
XXXVI	2,4	LIII	4,0	LXX	5,9
XXXVII	7,8	LIV	—	LXXI	0,7-1,0
XXXVIII	6,0	LV	3,8	LXXII	5,3
XXXIX	5,6	LVI	8,4	LXXIII	1,5
XL	6,7	LVII	2,6 (?)	LXXIV	5,2
XLI	4,3	LVIII	2,3	—	—

Na nossa série o comprimento médio é de 5,24cm; os comprimentos extremos são 11,5cm (Caso XXIX) e 0,7cm-1,0cm (Caso LXXI). Se classificarmos os casos, como fazem Forgue e Riche, baixando, porém, o limite mínimo, teremos:

Divertículos com 0,7 a 5cm . . . . . 43,7 %

Divertículos com 5 a 10cm . . . . . 52 %
» com 10 a 15cm . . . . . 4,2 %
» com mais de 15cm 0

Estas percentagens demonstram que na nossa série predominam os divertículos curtos.

Procurando representar numèricamente a grossura dos divertículos, preferimos os perímetros aos diâmetros, por serem aqueles mais rigorosos, e para atender às desigualdades que usualmente existem, consideramos os perímetros máximo e mínimo, representando por O o perímetro mínimo daqueles que são ponteagudos. Com estes elementos organiza-se a tabela seguinte:

Número	Perímetro máximo	Perímetro mínimo	Número	Perímetro máximo	Perímetro mínimo	Número	Perímetro máximo	Perímetro mínimo
	cm	cm		cm	cm		cm	cm
XXV	6,3	5,3	XLII	10,0	8,1	LIX	4,7	4,7
XXVI	5,3	5,2	XLIII	7,2	0	LX	12,5	6,2
XXVII	6,2	4,7	XLIV	6,2	0	LXI	7,2	6,2
XXVIII	7,0	4,0	XLV	14,1	0	LXII	8,7	5,0
XXIX	9,5	6,5	XLVI	12,5	8,7	LXIII	7,8	0
XXX	10,3	8,4	XLVII	4,0	4,0	LXIV	6,9	0
XXXI	9,5	9,5	XLVIII	6,2	3,7	LXV	7,8	4,7
XXXII	4,7	3,7	XLIX	7,8	6,9	LXVI	4,0	3,4
XXXIII	4,7	4,0	L	10,0	7,5	LXVII	11,6	7,8
XXXIV	10,9	10,9	LI	10,3	3,7	LXVIII	8,7	0
XXXV	13,0	8,1	LII	4,7	3,4	LXIX	15,0	12,5
XXXVI	8,0	8,0	LIII	10,9	7,8	LXX	12,2	0
XXXVII	13,0	11,0	LV	5,9	5,9	LXXI	—	—
XXXVIII	8,2	3.4	LVI	11,6	8,7	LXXII	10,3	0
XXXIX	10,5	7,2	LVII	—	—	LXXIII	3,4	2,9
XL	12,0	8,4	LVIII	5,9	4,7	LXXIV	8,7	3,1
XLI	13,5	7,2	—	—	—	—	—	—

Reconhece-se assim que são poucos aqueles que em todo o seu comprimento têm sensìvelmente a mesma grossura (7); na maior parte, eliminando os cónicos não truncados, há diferença bem acentuada entre os perímetros máximo e mínimo, que pode atingir 6,6cm (Caso LII) e 6,3cm (Caso LX) em divertículos globosos pediculados, 6,3cm (Caso XLI) em divertículos em cone truncado, 5,6cm (Caso LXXIV) em divertículo em saca-rôlhas, etc.

A ansa intestinal em que está situado o divertículo apresenta variações de calibre, a que não tem sido dada a devida importância. Medindo os perímetros de um e outro lado da base de implantação diverticular, elaboramos duas tabelas em que separamos os divertículos cuja orientação conhecemos, daqueles em que não sabemos qual é o segmento intestinal que fica a montante e qual o situado a jusante.

PERÍMETRO DA ANSA INTESTINAL
PARA CIMA E PARA BAIXO DO PONTO DE IMPLANTAÇÃO

Número	Perímetro acima	Perímetro abaixo	Número	Perímetro acima	Perímetro abaixo	Número	Perímetro acima	Perímetro abaixo
	cm	cm		cm	cm		cm	cm
XXV	12,5	10,5	XLVI	10,3	11,6	LXIII	11,3	9,7
XXVI	11,6	10,3	XLVII	4,0	4,0	LXIV	13,5	10,0
XXVII	6,9	10,8	XLVIII	9,4	10,0	LXV	5,6	5,6
XXX	9,4	9,4	LI	10,3	10,3	LXVI	6,9	5,9
XXXIII	9,4	9,4	LII	8,7	8,7	LXVII	12,2	11,3
XXXVI	8,5	8,5	LIII	8,7	7,8	LXVIII	9,4	8,7
XXXVII	11,0	14,7	LIV	8,7	9,7	LXIX	8,4	8,4
XXXVIII	11,0	9,0	LVI	9,4	10.9	LXX	13,5	11,3
XLI	7,3	7,3	LVIII	5,6	4,7	LXXI	15,1	15,1
XLII	9,4	10,6	LX	9,7	9,1	LXXII	8,4	9,4
XLIII	11,0	9,5	LXI	6,9	6,9	LXXIII	8,4	7,5
XLIV	12,5	15,7	LXII	13,1	12,5	LXXIV	9,4	8,4
XLV	10,0	9,0	—	—	—	—	—	—

PERÍMETRO DA ANSA INTESTINAL
DE UM E OUTRO LADO DO PONTO DE IMPLANTAÇÃO

Número	Perímetros		Número	Perímetros	
	cm	cm		cm	cm
XXVIII	7,2	6,2	XL	14,0	11,0
XXIX	14,5	12,5	XLIX	10,9	9,1
XXXII	8,9	8,4	L	9,4	8,7
XXXIV	12,0	6,0	LV	14,1	9,4
XXXV	9,5	6,5	LIX	9,5	5,0

O exame destas tabelas mostra em primeiro lugar que os perímetros da ansa intestinal de um e outro lado do divertículo são desiguais em 36 casos. A diferença pode ser muito grande: tal é a que se encontra nos casos XXXIV (6cm), LX (4,7cm), LIX (4,5cm), XXVII (3,9cm), XXXVII (3,7cm), XLIV (3,2cm), XXXV e LXIV (3cm).

Nos 11 casos restantes, se não atendermos à distância preestabelecida (6cm) para medição dos perímetros, vê-se que há diferença apreciável em pontos mais próximos da base de implantação, de tal modo que se pode estabelecer como regra geral que nos nossos *divertículos de Meckel há diferença apreciável de calibre da ansa intestinal de um e outro lado da zona de implantação.*

A primeira tabela diz-nos ainda que em 17 casos é o segmento a montante do divertículo mais grosso do que o segmento a jusante, o contrário sucedendo em 9 casos.

Interessante é também a comparação da circunferência do divertículo com a da ansa intestinal em que ela se implanta. Calculando os perímetros médios de uma e outra, obtêm-se os valores seguintes:

Número	Perímetro do div.	Perímetro da ansa	Número	Perímetro do div.	Perímetro da ansa	Número	Perímetro do div.	Perímetro da ansa
	cm	cm		cm	cm		cm	cm
XXV	5,9	11,5	XLII	9,0	10,0	LIX	4,7	7,2
XXVI	4,2	10,9	XLIII	3,6	10,2	LX	9,3	9,4
XXVII	5,4	8,8	XLIV	3,1	14,1	LXI	6,7	6,9
XXVIII	5,5	6,7	XLV	7,0	9,5	LXII	6,8	12,8
XXIX	8,0	13,5	XLVI	10,6	10,9	LXIII	3,9	10,5
XXX	9,3	9,4	XLVII	4,0	4,0	LXIV	3,4	11,7
XXXI	9,5	9,0	XLVIII	4,9	9,7	LXV	5,7	5,6
XXXII	4,2	8,6	XLIX	7,3	10,0	LXVI	3,7	6,4
XXXIII	4,3	9,4	L	8,8	9,0	LXVII	9,7	11,7
XXXIV	10,9	9,0	LI	7,0	10,3	LXVIII	4,3	9,0
XXXV	10,5	8,0	LII	4,0	8,7	LXIX	13,7	8,4
XXXVI	8,0	8,5	LIII	9,7	8,2	LXX	9,7	12,4
XXXVII	12,0	12,8	LV	5,9	11,7	LXXII	5,6	8,9
XXXVIII	5,8	10,0	LVI	10,1	10,1	LXXIII	3,1	7,9
XL	10,2	12,5	LVIII	5,3	5,1	LXXIV	5,9	8,9
XLI	10,3	7,3	—	—	—	—	—	—

Da leitura desta tabela se depreende que na maior parte dos casos o perímetro do divertículo é inferior ao da ansa intestinal.

Nalguns casos a diferença é enorme; tais são, entre outros, os casos XXV, LII e LV.

Em 8 casos os perímetros médios são aproximadamente iguais; em 8 o divertículo tem números superiores. Analizando mais nìtidamente estes últimos, reconhece-se que só dois (XXXV e LXIX) são na realidade mais grossos que o intestino na vizinhança da sua implantação; um deve ser eliminado por ser globoso pediculado (LVIII) e outro por cónico de base muito larga (XLI); os quatro restantes têm um perímetro igual a um dos segmentos da ansa intestinal, que parecem continuar, e maior que o do outro segmento. Tais são os casos XXXI, XXXIV, XXXV, LIII.

Esta continuïdade de direcção do divertículo e de um dos segmentos intestinais, observa-se em quási todos os casos de implantação obliqua, mas é particularmente nitida naqueles em que há igualdade nos perímetros. Veja-se nas nossas estampas os Casos XXXI e XXXIV; parece que a ansa intestinal foi seccionada, fechada em bôlsa, cujas pregas desapareceram, e que o outro segmento intestinal foi unido ao primeiro a uma pequena distância desta extremidade.

Poirier afirma que geralmente o calibre do divertículo é igual ao da ansa situada a montante e a maior parte das vezes maior do que o da ansa a jusante. A tabela seguinte mostra que assim não é.

Número	Perímetro acima	Perímetro abaixo	Perímetro do div.	Número	Perímetro acima	Perímetro abaixo	Perímetro do div.
	cm	cm	cm		cm	cm	cm
XXV	12,5	10,5	5,9	LII	8,7	8,7	4,0
XXVI	11,6	10,3	4,2	LIII	8,7	7,8	9,7
XXVII	6,9	10,8	5,4	LVI	9,4	10,9	10,1
XXX	9,4	9,4	9,3	LXI	6,9	6,9	6,7
XXXIII	9,4	9,4	4,3	LXII	13,1	12,5	6,8
XXXVI	8,5	8,5	8,0	LXIII	11,3	9,7	3,9
XXXVII	11,0	14,7	12,0	LXIV	13,5	10,0	3,4
XXXVIII	11,0	9,0	5,8	LXVI	6,9	5,9	3,7
XLI	7,3	7,3	10,3	LXVII	12,2	11,3	9,7
XLII	9,4	10,6	9,0	LXVIII	9,4	8,7	4,3
XLIV	12,5	15,7	3,1	LXIX	8,4	8,4	13,7
XLV	10,0	9,0	7,0	LXX	13,5	11,3	9,7
XLVI	10,3	11,6	10,6	LXXII	8,9	9,4	5,6
XLVII	4,0	4,0	4,0	LXXIII	8,4	7,5	3,1
XLVIII	9,4	10,0	4,9	LXXIV	9,4	8,4	5,9

Exceptuando: dois casos (XXX e XLVII), em que o divertículo é igual à ansa intestinal, tanto para cima como para baixo; três casos (XXXVII, XLVI e LVI) em que o divertículo tem calibre maior que o segmento superior e menor que o inferior; três outros casos (XLI, LIII e LXIX) em que o calibre diverticular é superior ao dos dois segmentos, tanto superior, como inferior; em todos os outros o perímetro do divertículo é menor que o da ansa intestinal, quer de um, quer de outro lado da zona de implantação.

Com uma grande freqüência, ao nível do ponto em que se implanta o divertículo, a ansa intestinal apresenta uma dobradura, mais ou menos apertada umas vezes, outras muito ligeira. Verificamos êste ângulo em 28 casos; não existia em 18.

A inflexão pode existir no plano do mesentério ou em qualquer outro; às vezes há várias dobraduras, parecendo o intestino torcido sôbre si mesmo (Casos LII e LXVIII).

Em dois casos (LIV e LXXI) o divertículo está reduzido a pequena dilatação empolar da parede, que passaria despercebida, se não fôra o ângulo da ansa intestinal, em cujo vértice fica. Em alguns casos (ex.: L, LI, LXV) o ângulo é tão aparente que os segmentos superior e inferior da ansa convergem para o divertículo.

Conjugando êste facto com a diferença de calibre, de que já tratámos, chega-se a resultados dignos de menção. Encontramos igualdade de perímetro da ansa intestinal em 12 casos. Dêstes casos 8 têm inflexão e 4 não apresentam qualquer ângulo a êste nível. Mas estudando estes casos de excepção verifica-se que a uma distância menor do que a preestabelecida a diferença de calibre existe. Há um verdadeiro apêrto; é o apêrto semi-circular de Gemet (Casos XXX, XXXIII, LI e LXI).

Assim, pode afirmar-se que *em todos os casos em que não há inflexão, há variação de calibre*, podendo as duas modificações coexistirem.

Se nos contentarmos com o exame microscópico e se se atender à condição que estabelecemos, fixação das peças em média distensão por água, reconhece-se que na maior parte dos casos a parede diverticular tem espessura sensìvelmente igual à da ansa intestinal.

Parede	mais espessa	2 casos
»	menos espessa	4 »
»	igual	29 »
»	irregular	15 »

As irregularidades de espessura dão-se ao nível dos divertículos

secundários e das dilatações empolares, onde o adelgaçamento pode ser considerável. Quando existem zonas de constrição, esta é determinada por anéis de espessamento.

A abertura de comunicação da cavidade diverticular com o lúmen intestinal é, em geral, ampla (36 casos), podendo mesmo classificar-se de muito ampla em 20 dêstes casos. Só é estreita em 11 casos (XXIX, XXXIII, XXXVII, XLI, XLII, XLVI, XLIX, L, LVIII, LXI, LXIII) e em um único (LX) muito estreita.

Na abertura existe freqüentemente uma prega que reduz a sua largura; é constante nos divertículos implantados muito obliquamente e correspondendo então ao vértice do ângulo. Sob êste ponto de vista os nossos casos classificam-se do modo seguinte:

Com prega superior	4	casos
» » inferior	8	»
» » completa	3	»
» » de situação não determinada	9	»
Sem prega	26	»

Em todos os casos em que existe, a prega e estreita e não impede a passagem franca entre as duas cavidades.

A mucosa tem geralmente o aspecto da mucosa do íleon; só em dois casos (XLVII e LXVIII) existiam placas de Peyer, uma em cada divertículo e muito pequenas, o que reproduz o descrito por Galton, Chauffard e Vaughan. Nos Casos XXXVI e LXII há válvulas coniventes rudimentares e no LXVI os folículos têm dimensões anormais. No Caso XLIX é notável o maciço glandular, de aspecto adenomatoso, que existia na extremidade, tão excepcional que não encontrámos caso algum idêntico na literatura médica e cuja importância como estadio preneoplásico não é demais encarecer. Êste tecido não se pode confundir com o tecido pancreático que tantas vezes tem sido encontrado na extremidade livre de divertículos de Meckel.

Só em um caso (LXVIII) encontrámos vestígios de processo inflamatório na mucosa.

Nos casos de observação pessoal apenas gazes e fezes líquidas encontrámos nos divertículos. Nem sempre assim sucede e têm sido observados corpos estranhos: vermes, caroços de cereja (Körte), sementes de maçã (Kramer, Beale), espinhas de peixe (Blanc, Picquaud e Grenet), um botão de Murphy (Peck), concrecções estercorais (Houston, Beach), cálculos biliares (Hollander).

Segundo Meckel o divertículo pode coexistir com outras anomalias

congénitas. O facto está completamente confirmado, embora autores, como Augier e Mitchell, não as tenham encontrado. Nas nossas observações pessoais estas anomalias foram encontradas em 5 casos:

Caso XXXVI. Lobulação renal. Apêndice terminal. Persistência do buraco de Botal.

Caso XLIII. Hipoplasia do rim direito.

Caso LVII. Jejuno-íleon excepcionalmente curto.

Caso LVIII. Comunicação inter-ventricular no espaço de Alvarenga. Redução numérica das sigmoideias pulmonares.

Caso LXVIII. Redução numérica das sigmoideias aórticas. Anomalia da porção ascendente da crossa; hipoplasia da porção descendente. Artéria radial esquerda filiforme. Apofise supra-epitroclear e buraco olecraneano à direita.

As longas considerações que temos feito a propósito de divertículos do jejuno-íleon, dizem ùnicamente respeito aos divertículos de Meckel. Na própria zona de Meckel há divertículos que pelo conjunto dos seus caracteres se não podem considerar como de Meckel. Tal é o Caso LXXV, cujo divertículo examinámos a convite do Sr. Prof. F. Gentil; na realidade a sua côr, mais pálida que a do intestino, o seu aspecto de intumescência abrupta da ansa intestinal, a transparência da sua parede, indicando uma redução bem apreciável de espessura, a ausência de qualquer modificação de calibre do íleon ou de dobradura, levam a crer que se não trate de divertículo de Meckel.

Na nossa série encontram-se também três casos de diverticulose do jejuno (XXI, XXII, XXIII). Os divertículos com esta localização são raros: Helvestine em 1923 encontrou, numa revisão da literatura desde 1844, apenas 27 casos, mas esta estatística é incompleta e não engloba os dois casos de observação do autor, nem outros mais antigos, como o de Schroeder (1854).

Quási todos os casos se referem a indivíduos de mais de 45 anos; como excepções citam-se os casos de Cornillon (indivíduo de 30 anos), Buzzi (6 anos), Good (14 anos), Osler (40 anos).

O nosso Caso XXI foi observado num indivíduo ds 19 anos e os dois restantes em velhos de 65 e 74 anos.

Em um grande número de observações estes divertículos são múltiplos: na de Schroeder eram mais de 50, Osler encontrou 53, Grassberger 45, Braithwaite 60, Case 25, etc.

No Caso XXI o divertículo era único, no XXII existiam 4 e no XXIII 2.

Quási sempre a inserção faz-se no bordo côncavo, entre os folhetos mesentéricos. As excepções a esta regra são em número muito reduzido e a êste grupo pertence o Caso XXI.

São piriformes, de pedículo muito curto e estreito, raras vezes cilíndricos, de volume que até certo ponto depende do seu número, muito pequenos quando são numerosos, volumosos quando são em pequeno número. No primeiro dos nossos casos o divertículo é único e não excede as dimensões de um grão de milho; no segundo e no terceiro o volume é maior, mas desigual em cada um dêles.

A parede é adelgaçada e o estudo histológico que fizemos, merece deter-nos. No Caso XXI a mucosa apresenta grandes anfractuosidades, a *muscularis mucosae* é espessada, existem glândulas de Brünner — a-pesar-de o divertículo ficar a cêrca de 6^{cm} da terminação do duodeno — no bordo da abertura, em pequena extensão da parede diverticular e em todo o segmento intestinal que foi estudado; nos Casos XXII e XXIII a mucosa é lisa, sem válvulas coniventes, com vilosidades curtas. A túnica muscular está modificada em todos os casos; no primeiro as camadas musculares formam borrelete de volume desigual, junto da abertura; no primeiro e no segundo no fundo dos divertículos esta túnica está reduzida a fitas de fibras que se cruzam em várias direcções; no terceiro, num dos maiores, esta disposição reticulada observa-se na parede lateral e no fundo não existem estes feixes. Moore estudou um caso em que havia três divertículos em que existiam tôdas as túnicas intestinais.

Em nenhum dos casos se verificou a existência de qualquer processo ulceroso ou cicatricial no jejuno-íleon.

No Caso XXI havia uma disposição anómala congénita do peritoneu pélvico.

F

Intestino grosso

A nossa série abrange sete casos de divertículos do intestino grosso, dos quais seis são de observação pessoal. Estes últimos correspondem a 2024 autópsias o que indica uma certa raridade (0,2 %), devendo, porém, notar-se que não foram postos em prática em tôdas elas aqueles processos que são indicados para revelar os divertículos, tais como a insuflacção, a distensão por água, a pesquiza microscópica. Esta deficiência deve contribuïr para que êste número seja tão baixo, atendendo aos factos referidos na literatura.

Actualmente não se pode dizer que os divertículos dêste segmento

sejam raros (De Mourges), tanto mais que já não são quási exclusivamente achados de autópsia, porquanto os processos modernos de exame do intestino grosso têm denunciado durante a vida um grande número de casos.

Já Telling, em 1907, ao notar que numa série de 13.000 autópsias só encontrara 28 casos, fazia notar que seriam muito mais freqüentes se fôssem procurados com cuidado. Em 1908 êste autor e Jenner coleccionaram na literatura 183 casos, aos quais juntaram 22 pessoais. Números muito elevados aparecem nas investigações de Hansemann e Sudsuki (15 casos em 40 indivíduos velhos) e de Graser (18 casos em 28 velhos), em que são pesquizados também os divertículos microscópicos.

Estes autores fizeram incidir a sua pesquiza sôbre os indivíduos velhos, porque é nêles que a diverticulose do intestino grosso é mais freqüente. Em 42 casos operados por Mayo as idades extremas eram 57 e 73 anos; Cade e Martin encontraram-a em 29 % dos velhos que observaram e de Mourges em 30 %. Até 1908 o caso observado em idade mais baixa era o de Fiedler (22 anos), o que levava muitos investigadores a negar a possibilidade do seu aparecimento em idade inferior a esta. Contudo publicaram-se depois os casos de Fleischmann (divertículos do colon num feto de 7 mezes), de Ashurst (indivíduo de 7 anos), de Hartwell e Cecil (dois casos com 6 e 7 anos), de Erdmann (6 anos), de Telling (22 anos).

Em oposição à estatística de Mayo, Erdmann, nos 27 casos que estudou, viu que o maior número de indivíduos a que estes pertenciam, tinha menos de 45 anos.

Os indivíduos em que observámos os nossos casos tinham respectivamente 50, 78, 32, 69, 75 e 54 anos (Casos LXXVI a LXXXII).

Atingem a maior parte das vezes indivíduos obesos, vê-se commummente afirmado. Ao contrário, como teremos ocasião de frisar, tôdas as nossas observações dizem respeito a caquéticos por diversas causas.

As nossas observações distribuem-se igualmente pelos dois sexos. Na realidade é o sexo masculino o mais atingido: nos 27 casos de Erdmann só 5 eram mulheres; Carnian estabelece a proporção de 23 homens por cada mulher; na pesquiza bibliográfica de Buschi 65 % eram homens.

Em 4 casos (LXXVIII, LXXIX, LXXXI e LXXXII) os divertículos existiam só no S ilíaco, em 2 (LXXVI e LXXX) encontravam-se em todos os segmentos do intestino grosso, raros no cego e no cólon ascendente, numerosos nos cólones transverso e descendente, numerosíssimos na ansa sigmoideia.

Quer existam em um único ou em vários segmentos, em geral agrupam-se em cada um numa certa extensão, pequena na maior parte dos casos (10 a 20^{cm}), extensa excepcionalmente (30 a 40^{cm}). Da nossa observação não nos parece que possamos concluir a existência de zonas de eleição nos casos que descrevemos.

A sua disposição em relação ao meso ou às fitas tem uma certa fixidez; colocam-se simètricamente de um e outro lado do meso, em filas paralelas, ou de um e outro lado de uma fita muscular; excepcionalmente encontram-se nos intervalos das fitas; o seu desenvolvimento na espessura das franjas epiplóicas é também freqüentíssimo. Esta disposição é a que tem sido assinalada por todos os observadores.

Os divertículos têm uma forma comparável à de pequenos ôdres, quando são grandes, sendo então pediculados; são hemisféricos, quando pequenos, infundibuliformes, quando muito pequenos.

O volume é extremamente variável; podem ser microscópicos ou atingirem um volume tal que tenham 11^{mm} de profundidade (Caso LXXVIII). Mas conhecem-se divertículos maiores do que estes: assim Velo descreve dois divertículos com 5–6^{cm} de comprimento. Só excepcionalmente têm grande volume (Casos de Edel e de Virchw). Quando são muito numerosos, no mesmo exemplar há divertículos de tôdas as dimensões. Os muito pequenos não fazem saliência na superfície exterior.

O seu número é extremamente variável. Raríssimas vezes existe um só. Podem ser numerosíssimos: nos nossos casos contamos 86, 27, 18, 154, 37, 8.

O orifício de entrada tem dimensões extremamente variadas: Em regra é pequeno, muito estreito, especialmente nos divertículos sacciformes, mais largo, em relação ao diâmetro do próprio divertículo, nos infundibuliformes. Pode ser oval ou labiado, muitas vezes escondido pelas pregas da mucosa; no Caso LXXX, em que eram numerosos os divertículos de pequeníssimas dimensões e de abertura punctiforme, a sua contagem só pôde ser feita levantando as pregas cada uma de per si.

Nos nossos casos, dentro das cavidades diverticulares só existiam partículas fecais; em nenhuma havia cálculos.

Quando estes existem ou estão ocultos nas cavidades ou parcialmente salientes no lúmen intestinal.

Em dois dos casos que descrevemos (LXXVIII e LXXIX), para baixo da zona dos divertículos, havia estenose do lúmen por carcinoma do S ilíaco e do recto. A coexistência tem já sido notada, sendo para registar, sob êste ponto de vista, os casos de Graser,

Dunn e Wooley, em que os divertículos existiam para cima e para baixo do apêrto.

Pela descrição que fizemos se vê que há um divertículo no Caso LXXVI, situado na zona em que é legítima a hesitação se se trata do cego ou da porção inicial do cólon ascendente e que pelos seus caracteres é muito diferente de todos os outros. A sua localização em relação às fitas e ao meso, a sua forma e comprimento, a existência de divertículos secundários na sua extremidade, o aspecto da parede e os vasos que seguem ao longo dêle, perdendo-se no extrêmo, podem levar à hipótese de divertículo de Meckel de implantação aberrante.

A estrutura da parede dos divertículos é uma simplificação daquela que tem a parede intestinal.

A mucosa é adelgaçada e tanto mais quanto mais profundo é o divertículo; a túnica musculosa forma botoeira para dar passagem à mucosa e à sub-mucosa, botoeira que interessa só a camada interna, se se trata de um divertículo muito pequeno, infundibuliforme, as duas camadas se o divertículo é volumoso, correspondendo então ao pedículo estreito. Em todos os casos esta túnica se apresenta de espessura reduzida, sendo grandes os interstícios que dão passagem aos vasos. Nos divertículos maiores, o seu fundo é formado só pela mucosa e pela serosa.

No Caso LXXXI havia lesões graves de esclerose na sub-mucosa; em todos os outros as lesões inflamatórias ou não existiam ou eram insignificantes, embora no Caso LXXVIII houvesse no cólon ascendente um processo ulceroso agudo, com perfuração.

Dissemos já que os indivíduos em que observámos os nossos casos eram caquéticos. Esta caquexia era de origem neoplásica nos Casos LXXVI (Carcinoma da cabeça do pâncreas, com ascite e generalização visceral), LXXVIII e LXXIX (adeno carcinoma do recto) e LXXXII (carcinoma da laringe), por fleimão urinoso perineal e cirrose gorda do fígado no Caso LXXX, por esclerose pulmonar e nefrite crónica no Caso LXXXI.

III

Patogenia dos diverticulos do tubo digestivo

Todos os divertículos que estudámos e todos aqueles que têm sido observados e descritos na literatura médica desde as mais antigas pesquizas, se podem dividir em três grandes grupos: *a*) divertículos cuja origem congénita é indiscutível e actualmente indiscutida;

b) divertículos determinados por lesões próprias, constatáveis, do segmento em que aparecem ou lesões de vizinhança, portanto, manifestamente adquiridos; *c*) divertículos cuja natureza é objecto de grandes discussões e ainda incompletamente elucidada.

Assim, a debatidíssima patogénese dos divertículos do tubo digestivo gira quási exclusivamente à volta do conceito da congenitalidade positiva ou negativa dos casos observados. ¿São formados durante a evolução embrionária ou fetal ou na vida extra-uterina? Eis a questão.

Fácil é compreender o significado etimológico das denominações *divertículos congénitos* e *divertículos adquiridos*. Porém, se se quiser atribuïr a cada uma destas espécies de divertículos um conjunto de caracteres que permita classificar de pronto qualquer caso que surja no decurso de uma intervenção cirúrgica ou de uma necrópsia, a dificuldade é enorme e o problema muitas vezes não é susceptível de resolução.

Nos divertículos congénitos existem tôdas as túnicas que se encontram no segmento onde êles se implantam. É a noção que nos vem de Meckel, Schweder, Rokitansky, Cruveilhier, Leichtenstern, etc. e que goza do consenso quási unânime: Quando o estudo da parede de um divertículo mostra uma estrutura igual à do segmento afim, é classificado pela maioria dos autores como congénito e é freqüente encontrar na literatura a designação de «*indubitàvelmente congénito*». Ora há divertículos não congénitos do intestino onde se encontram tôdas as túnicas e entre êles merecem lugar de destaque os que se formam nas hérnias parietais crónicas, especialmente nos casos em que a ansa intestinal, pinçada lateralmente, é fixada por aderências com prejuizo pouco grave da continuïdade do lúmen.

É muito freqüente encontrar os divertículos congénitos classificados de *verdadeiros*. Estas designações devem ser tomadas como sinónimas por quem admita o exclusivismo da noção primitiva de Meckel, repudiando as excepções.

Dêste conceito resultou, como corolário, a afirmativa que *todos os divertículos que não possuem tôdas as túnicas da parede, em que se implantam, não são congénitos:* são os *divertículos adquiridos*, as *hérnias tunicárias* de Cruveilhier, as *hérnias mucosas* de Rokitansky, os *divertículos falsos*, na sua complexa sinonimia.

A túnica que é indicada como ausente é a musculosa (Orth, Hansemann, Mayo, etc.). Todavia há casos em que a túnica muscular existe em tôda a parede do divertículo (de Mourges) e outros, muito mais numerosos, que só em parte da parede se encontra, em especial ao nível do colo (Stierlin, Edel Good, Klebs, Maxwell Telling,

Patel, etc.). Em oposição, em divertículos incontestàvelmente congénitos, muito volumosos depois do nascimento, a túnica musculosa é atrófica e incompleta (Klebs, Birsch-Hirschfeld, Buchanan, etc.). Como argumento final e decisivo contra a latitude desta asserção, note-se a existência de divertículos estruturalmente classificáveis de adquiridos em recemnascidos e em fetos (Taruffi, Sturgis). Portanto, com a estrutura apresentada como patognomónica dos divertículos adquiridos encontram-se divertículos na realidade congénitos e outros formados durante a vida extra-uterina. Alguns autores, fundando-se na observação de factos particulares, aliás interessantes, desprezando o tipo intermediário de Graser, rompem esta distinção estrutural, afirmando que os chamados divertículos adquiridos podem suceder a divertículos congénitos (Sudsuki, Telling, Hartwell-Cecil, Helvestine).

A maneira como primitivamente foi interpretada esta classificação tem não pequena responsabilidade na confusão existente nesta questão.

Ninguém contesta a existência de divertículos formados antes do nascimento do seu portador e de outros que aparecem mais tardiamente, mas para os definir não bastam os citados caracteres estruturais da parede, a presença ou ausência total ou parcial da túnica muscular. Sob êste ponto de vista apenas nos parece digna de ser acolhida a classificação dos divertículos em *verdadeiros* e *falsos*, mas com um critério um pouco diferente daquele que até agora temos referido. *Verdadeiros* devem ser chamados todos os divertículos, congénitos ou não, que em tôda a extensão da sua parede, têm tôdas ou parte das túnicas dos segmentos a que pertencem; *falsos*, aqueles, cuja cavidade, numa extensão maior ou menor, é limitada por tecidos extranhos ao próprio segmento, isto é, aqueles divertículos que *in limine* banimos do nosso estudo. Assim, para exemplificar, são verdadeiros o divertículo de Meckel, um divertículo do S ilíaco, é falso o divertículo resultante do esvasiamento no esófago do *caseum* de um gânglio tuberculoso, deixando uma cavidade quási exclusivamente limitada pela cápsula ganglionar, reforçada pelo processo crónico de periadenite.

É verdade que, para desfazer o absolutismo de uma destrinça demasiadamente categórica, se sabe que um falso divertículo pode resultar da evolução de um outro verdadeiro, como na hipótese que já figurámos (cf. pág. 514), mas êste facto é excepcional.

São estes divertículos falsos, assim compreendidos, que Kraus chama *pseudo-divertículos* e Bychowsky *divertículos espúrios*, por analogia com os aneurismas espúrios.

Todos os divertículos observados em fetos são incontestàvelmente congénitos. Merecem igual designação aqueles que forem encontrados nos primeiros anos da vida extra-uterina e que apresentem características tais que com segurança se possa atribuïr o seu início à vida fetal. Uns e outros podem resultar de paragem de desenvolvimento, de perturbação ou desvio da evolução organogénica normal e remontam então à vida embrionária, ou de factos patológicos da vida fetal, cuja existência só se pode apreciar pelas lesões residuais, a maior parte das vezes incaracterísticas, apagadas e de interpretação difícil.

Se se dá uma paragem de desenvolvimento numa fase precoce, da contiguïdade dos esboços, da sua interdependência íntima e correlação evolutiva, resulta que a deformação orgânica não é isolada e com uma anomalia aparecem outras que são como que o estígma da fase evolutiva inicialmente lesada. Assim, se junto de um divertículo encontramos formações extranhas à topografia própria da região ou disposições estruturais primordiais, podemos classifica-lo de congénito. Já o mesmo se não poderá concluïr com segurança se as anomalias concomitantes forem a distância, em órgãos sem qualquer relação genética com o órgão em questão; pode tratar-se de simples coïncidência; será, todavia, um elemento presuntivo aproveitável, se tôda a observação tender para a hipótese da congenitalidade.

Quando uma formação pela sua séde, forma, posição e estrutura, pode ser considerada análoga a outras encontradas em animais, onde a sua origem embrionária, por virtude de circunstâncias especiais, pode ser averiguada, o carácter congénito da primeira pode ser afirmado. À mesma conclusão se pode chegar, aplicada a formações que, consideradas isoladamente, nada levaria a supor a sua origem congénita, quando em séries de casos se consegue estabelecer uma escala ininterrupta que vá desde uma formação incontestàvelmente congénita, até ao caso considerado.

A verificação de resíduos de processos inflamatórios próprios ou de vizinhança ou de acções mecânicas bem manifestas, são factores que, criteriosamente ponderados, serão muitas vezes suficientes para eliminar do grupo dos congénitos o divertículo que se pretende classificar.

Por outro lado a forma, o volume, a estrutura e a posição, caracteres que isoladamente e alheios à séde, têm uma reduzidíssima importância, tomados em conjunto e em cada um dos segmentos do tubo digestivo, possuem uma significação que não é para desprezar.

A génese da maior parte dos que são compreendidos no grupo

dos divertículos congénitos é fàcilmente compreensível, dado o conhecimento do desenvolvimento do tubo digestivo. Êste conhecimento é ainda indispensável para perfeita compreensão das controvérsias que se têm agitado à volta da patogenia de todos os divertículos, desde o início do seu estudo e que ainda hoje se debatem acêrca de um numeroso grupo. Por estes motivos vamos recordar ràpidamente as noções fundamentais da organogénese do aparelho digestivo, insistindo nos pontos que têm mais directa ligação com o fim que temos em vista, notando desde já que alguns dêles são ainda obscuros e sugeitos a caução em questões de detalhe.

No embrião dos vertebrados superiores o que na evolução organogénica há-de dar o tubo digestivo é representado inicialmente por uma goteira de concavidade ventral, que se fecha, tubulisando-se, das extremidades para a parte média, formando o *intestino anterior* ou *cefálico* e o *intestino posterior ou terminal*, persistindo a goteira na parte média, durante muito tempo em comunicação com o saco vitelino.

Inicialmente a extremidade anterior do intestino cefálico é fechada por uma lâmina (membrana faríngea) formada pela justaposição do endoblasto acrogenético e do ectoblasto, situada no fundo de uma depressão *(stomodaeum)*, limitada anteriormente pela vesícula cerebral e posteriormente pela saliência correspondente ao esbôço do coração. Ao mesmo tempo que o *stomodaeum* se aprofunda, desloca-se para traz e para cima em virtude do desenvolvimento do cérebro anterior e da inflexão ventral da extremidade cefálica do embrião.

Entretanto no hipoblasto das paredes laterais da parte mais anterior do intestino cefálico, imediatamente para traz da membrana faríngea, aparecem sucessivamente 5 a 6 sulcos paralelos, dorso-ventrais; os quatro primeiros vão ao encontro de outros tantos, mais apagados, que se vão cavando no epiblasto, resultando desta convergência a formação de uma delicada membrana epi-endoblástica, que os separa; são as impròpriamente chamadas, *fendas branquiais*. Estes sulcos limitam os *arcos branquiais ou faríngeos*, cujas extremidades ventrais são separadas pelo *campo meso-branquial*.

Durante a formação dos arcos branquiais a membrana faríngea abre-se, reduzindo-se a um borrelete em atrofia, que na parte anterior, durante algum tempo, separa do intestino preoral *(bôlsa de Seessel)* o espessamento epiblástico do fundo da *bôlsa* de Rathke, primeiro esbôço da porção faríngea da hipófise.

Assim, nesta altura do desenvolvimento embrionário, a parte anterior do intestino cefálico é uma cavidade bastante ampla, largamente

aberta no fundo do *stomodaeum*. A parte correspondente aos arcos branquiais, dos quais os primeiro e segundo são já tão desenvolvidos que ocultam os restantes, é a chamada *faringe branquial*.

É à custa desta porção do intestino anterior e do *stomodaeum* que se vão formar a cavidade bucal e a faringe.

A inflexão da extremidade cefálica continua e na sua parte inferior aparece uma saliência volumosa, o gomo frontal, que no começo da 4.ª semana, pela sua sub-divisão nos gomos nasais, forma o esbôço do nariz. Já antes, quando o embrião possuïa apenas duas fendas branquiais, na parte lateral de cada um dos arcos mandibulares (I par), próximo da sua extremidade inferior, tinha aparecido um gomo *(gomo maxilar inferior)* que, dirigindo-se para baixo e para diante reduzia a cavidade do *stomodaeum*, limitando-a na sua parte ântero-inferior; entretanto as extremidades inferiores dos mesmos arcos aumentam de volume *(gomos maxilares superiores)*, alongam-se e, passando por cima do gomo nasal externo, unem-se ao gomo nasal interno de cada lado, completando os limites da cavidade naso bucal primitiva, que se continua sem demarcação com a faringe, pois nessa altura já têm desaparecido os resíduos da membrana faríngea. Faz-se depois a separação das cavidades bucal e nasal, pela formação de um septo que resulta da coalescência mediana dos *gomos palatinos* e *pterigo-palatinos*, que pela 7.ª semana partem da face bucal dos gomos maxilares superiores.

A língua forma-se à custa de três gomos: um anterior e inferior, o *tuberculum impar*, que a princípio se apresenta como uma pequena intumescência, situada a meio do campo meso-branquial, imediatamente para diante do ponto onde termina o delicado cordão epitelial resultante da obliteração, pela 5.ª semana, do canal tireo-glosso, cordão que une ao revestimento da faringe o esbôço da tiroideia mediana; é à sua custa que se forma o corpo da língua que faz saliência para diante do arco constituïdo pelos gomos maxilares inferiores e formações que dêle derivam. Os dois outros gomos são posteriores e superiores, colocados para traz e para cima do pedículo epitelial da tiroideia; são as extremidades inferiores dos 2.º e 3.º arcos branquiais, unidos entre si de cada lado, que, pelo fim do terceiro mês, se fusionam na linha média, unindo-se depois ao *tuberculum impar* e deixando entre si o pedículo tiroideo.

A-pesar-do crescimento, em muitos casos mantem-se o sulco de junção dos gomos; o *foramen cecum* é o resíduo da involução da tiroideia mediana e o respectivo pedículo pode persistir maciço *(cordão tireo-glosso)* ou canaliculado, total ou parcialmente. É esta última disposição que constitui o *canal lingual*, que actualmente não pode

deixar de se identificar com o canal tireo-glosso, mesmo na ausência de resíduos do primitivo cordão.

É durante o 3.º mês que começa a ser nítida a separação da bôca e da faringe, porque de cada lado se formam então os *arcos palato-glosso* e *palato-faríngeo*, o primeiro à custa do bôrdo interno da extremidade superior do 2.º arco branquial e o segundo à custa do 3.º arco.

Aproximadamente pela época em que os sulcos branquiais externos começam a ser bem aparentes (embriões de 3–4^{mm}), aparece na face ventral do canal faringo-esofágico uma goteira, que se vai aprofundando de diante para traz, ao mesmo tempo que se vai cobrindo, de modo a formar um divertículo sacciforme. É o primeiro rudimento do canal aério, onde, depois de uma série de ramificações, se formarão os pulmões. A separação vai-se acentuando cada vez mais, no canal aério aparecem os arcos traqueais e por fim o esófago aparece como tal, unido ao primeiro por pequena camada de tecido conjuntivo.

A princípio o esófago é muito curto, muito achatado no sentido transversal, sendo o seu lúmen uma fenda dorso-ventral (embrião de 4^{mm}). O seu alongamento só é bem acentuado quando se delimitam o pescoço e o torax, mas não é acompanhado paralelamente pelo alargamento do lúmen: a princípio o esófago estreita-se e o lúmen reduz-se notàvelmente; no epitélio esofágico aparecem grandes vacúolos, uns fechados e outros abertos na cavidade principal, de modo que em corte transversal parece existirem vários lumina, de calibre muito diverso. É nos embriões de 20^{mm} que esta disposição é mais nítida. Em embriões mais velhos os vacúolos desaparecem e o lúmen é mais largo.

Para o fim, que temos em vista, não nos deteremos, por inutilidade, a relembrar o desenvolvimento da parte mais posterior do intestino terminal, segmento a que podemos chamar anal, mas que corresponde na realidade ao intestino caudal e à cloaca, à custa da qual se vão formar o seio uro-genital, fechado pela membrana uro-genital e o canal intestinal, futuro recto, fechado até mais tarde pela membrana anal.

Para nós o segmento médio do tubo intestinal primitivo tem capital importância e o estudo do seu desenvolvimento envolve o da parte mais interessante do intestino terminal.

Êste segmento é a parte da goteira intestinal primitiva, cuja tubulização é mais tardia, continuada, aliás, na orientação já definida nos segmentos anterior ou superior e posterior ou inferior. O tubo formado, unido em tôda a sua extensão à parede posterior do celoma

pelo mesentério dorsal, fica com um calibre aproximadamente uniforme na parte posterior e dilatado em fuso *(dilatação gástrica)* na imediata contigüidade do esófago primitivo. A parte média a princípio comunica amplamente com a vesícula vitelina; ao fazer-se a completa tubulização da goteira e ao mesmo tempo que a vesícula se vai reduzindo, esta comunicação transforma-se em um tubo *(tubo* ou *canal vitelino* ou *canal onfalo-mesentérico).*

O desenvolvimento próprio em comprimento do tubo intestinal e o aumento de diâmetro dorso-ventral do embrião, determinam, na parte compreendida entre a dilatação gástrica e o intestino cloacal uma dobradura em ângulo *(ansa intestinal)*, cujo vértice corresponde à extremidade do tubo vitelino. Êste tubo oblitera-se inferiormente, quando a parede abdominal se fecha sôbre o anel umbilical e do cordão umbilical é excluído o vértice da ansa intestinal, o que se dá no decurso do 3.º mês, começando um processo rápido de involução que termina com o desaparecimento de todos os vestígios dêste canal e dos vasos onfalo-mesentéricos que o acompanham.

A dilatação gástrica é o primeiro esbôço do estômago.

Ao mesmo tempo que sofre o duplo movimento que lhe dá a posição definitiva e que começa a diferenciação da sua túnica muscular, o epitélio endoblástico evoluciona para a mucosa definitiva: nas primeiras fases (embriões de 16 a 19^{mm}) na superfície do epitélio aparecem pequenas excavações infundibuliformes ou utriculares por alargamento da parte profunda e na espessura vacúolos pequenos idênticos aos que descrevemos no esófago, vacúolos que mais tarde (embriões de 22^{mm},8) desaparecem.

O pequeno segmento que fica entre a abertura inferior da dilatação gástrica e o extremo superior ou anterior da ansa intestinal, é o futuro duodeno. Com as primeiras fases do seu alongamento coïncide uma modificação do seu trajecto: a sua extremidade superior [1] arrastada para a direita pelo estômago no seu movimento para a posição definitiva, obriga-o a descrever uma curva de concavidade esquerda que depois é alargada pelo desenvolvimento do pâncreas, e fixada pela união íntima do mesoduodeno ao peritoneu parietal posterior.

O desenvolvimento estrutural da mucosa duodenal é interessante nas suas primeiras fases: Em embriões de 7-8^{mm}, na espessura da camada epitelial começam a aparecer vacúolos; depois as células circunvizinhas proliferam, formando maciços, que, por um lado impelem diante de si a membrana basal e por outro dividem e sub-divi-

[1] Consideramos agora mais particularmente o embrião humano, supondo-o em posição vertical.

dem o lúmen, dando em cortes transversais o aspecto de lumina secundários, que não é possível distinguir do lúmen principal. Em embriões mais velhos as saliências exteriores podem ser tão numerosas que comuniquem à parede um aspecto pregueado, estendendo-se entre as pregas o mesenquima da camada média. Mais tarde (embriões de 28-30^{mm}) o lúmen único estabelece-se. Assim, dos 30 aos 60 dias o duodeno é a séde de profundas modificações. É à custa de um gomo dorsal e de dois gomos ventrais contíguos que se forma o pâncreas.

Ao mesmo tempo que se modificam a forma e a posição do estômago e do duodeno, a ansa intestinal alonga-se, mais o ramo inferior do que o superior, e do mesmo modo o intestino terminal ao longo da parede posterior, de baixo para cima, impelindo neste sentido o extremo do ramo inferior, de modo que o ângulo da ansa se reduz cada vez mais e o ramo inferior se torna ascendente ao passo que o superior se mantém descendente. Mas êste alongamento faz-se em desproporção com o crescimento do mesentério que é menor; conseqüentemente a ansa intestinal é obrigada a deslocar-se do primitivo plano vertical, mediano, ântero-posterior e o ramo descendente caminha para a direita da linha média, emquanto que o ascendente se sitúa à esquerda.

Muito cedo num ponto do ramo inferior, próximo do canal vitelino aparece uma intumescência que se alonga e engrossa; é o primeiro esbôço do cego e do seu apêndice. Tôda a porção da ansa intestinal que fica para cima dêste esbôço, portanto todo o ramo superior e pequena porção do inferior, dará o jejuno-íleon; a parte compreendida entre a intumescência cecal e a terminação da ansa intestinal forma os colones ascendente e transverso e à custa da última porção do tubo intestinal forma-se o colon descendente, a flexura sigmoideia e o recto.

Persistindo as mesmas causas — alongamento do tubo intestinal em desproporção com o crescimento do mesentério e com o aumento do diâmetro dorso-ventral do embrião e coincidência com o desenvolvimento de outros órgãos abdominais —, aparecem pela 7.ª semana circunvoluções, primeiro no ramo descendente, próximo do vértice do ângulo, depois no pequeno segmento situado para baixo do cego no ramo ascendente.

O desenvolvimento das ansas, então situadas na fossa ilíaca direita e para traz do ramo ascendente, determina o deslocamento dêste para cima e para diante, de modo que êste segmento, a princípio de direcção oblíqua para cima e para a esquerda, aproxima-se da direcção transversa definitiva. Êste deslocamento é favorecido pelo

alongamento de baixo para cima da parte contígua ao cego, que vai formar o colon ascendente.

É durante o 3.º mês que no intestino terminal aparecem as duas ansas típicas pregenital e preparietal do S ilíaco.

O ramo mais elevado desta última forma a porção ilíaca do colon descendente, cuja parte mais extensa deriva da parte superior do intestino terminal.

Na evolução estrutural do jejuno-íleon nunca o lúmen se divide, se oblitera parcialmente, como sucede no duodeno, mas na espessura do epitélio desenvolvem-se, de maneira muito característica, numerosos vacúolos, com uma acentuada predilecção pelo bordo convexo, em oposição à inserção mesentérica. O que primeiro denuncia a formação de um vacúolo é uma disposição especial concêntrica dos núcleos basais, a que se tem dado o nome de *pérolas* ou *botões epiteliais;* no centro de cada pérola aparece uma pequena cavidade, que cresce pela proliferação das células limítrofes, comunicando mais tarde com o lúmen intestinal e por fim atrofiando-se e desaparecendo. Umas vezes estas formações não determinam interrupção na continuidade da camada muscular que se vai formar, outras vezes uma camada se individualisa à volta dos vacúolos mais salientes na superfície exterior.

Estes vacúolos têm um certo número de caracteres comuns com os que descrevemos no esófago, no estômago e no duodeno e é provável que tenham estrutura idêntica e sejam formados pelo mesmo processo, cujos detalhes são ainda hoje ignorados. Também nos segmentos de que deriva o intestino grosso têm sido verificados vacúolos intra-epiteliais envolvidos por maciços de células em proliferação, idênticos aos do estômago, mas muito mais raros.

Feitas estas considerações preliminares do nosso estudo patogénico, consideremos cada um dos grupos em especial.

1.º DIVERTÍCULOS CONGÉNITOS

Em todos os segmentos do tubo digestivo há divertículos incontestàvelmente congénitos.

O *foramen cœcum* é o divertículo congénito mais freqüente em todo o tubo digestivo. Corresponde à persistência da extremidade superior do canal tireo-glosso, que no resto do seu percurso se transforma em um cordão (5.ª semana), que se reduz pouco a pouco, primeiro em grossura e depois em comprimento. A porção canaliculada

persistente pode ser mais extensa, como no Caso I, e casos há em que atinge o corpo do osso hioide.

A inoclusão parcial das fendas branquiais, a que corresponde persistência de canais em extensão maior ou menor, alargados por causas diversas, dá origem a divertículos que correspondem às chamadas *fistulas branquiais internas*, desde o trabalho de Heusing (1864). A êste grupo pertence o nosso Caso II, de divertículo de Pertick, formação vestigiária da 2.ª fenda branquial interna.

Nos limites da faringe e do esófago têm sido encontrados divertículos nos primeiros anos da vida (v. Bergmann). Segundo escreve Peyton Mosher, Semon estudou um caso de divertículo do esófago em que existia também deformação congénita da laringe.

No estômago devem considerar-se congénitos aqueles que coexistem com anomalias de forma ou de posição do estômago ou do duodeno, aqueles que estão em relação com tecidos estranhos à estrutura da parede gástrica, como os pâncreas acessórios (Gordiner e Weichselbaum), aqueles que existem sem lesões inflamatórias gástricas e particularmente pilóricas.

Nestas últimas condições se encontra o Caso XI, divertículo único do antro pilórico, com mucosa lisa, sem aderências exteriores. No piloro não há estenose e na mucosa não se encontraram cicatrizes. Como tal deve ser também classificado o divertículo do Caso XIV, se se quiser admitir como gástrico, apesar das glândulas de Brünner, caso em que é igualmente notável a ausência de estenose pilórica.

À patogénese dêstes divertículos não deve ser extranha a formação dos vacúolos da mucosa embrionária persistentes anormalmente.

Shaw estudou o duodeno de um recem-nascido em que havia um divertículo e oclusão.

No jejuno-íleon ninguém contesta a origem congénita do divertículo de Meckel. Há, porém, divergências quanto à latitude com que se deve empregar esta designação.

Dissemos já que o divertículo de Meckel é inicialmente uma parte persistente mais ou menos extensa do canal vitelino, no seu trajecto da vesícula ao vértice da ansa intestinal, em regra muito curta, mesmo depois que a ansa intestinal é repelida do cordão umbilical. Êste segmento persistente, fazendo parte integrante do tubo digestivo, evoluciona paralelamente ao intestino sob o ponto de vista da sua estrutura e das suas dimensões e conseqüentemente a parede estratifica-se e a cavidade aumenta segundo as mesmas leis, algumas vezes mantendo-se em ligação com o umbigo por um cordão fibroso, que representa o resíduo da parte restante do canal primitivo e dos vasos onfalo-mesentéricos que o acompanham.

É esta disposição que se observa em vários animais, onde a filiação embrionária é particularmente nítida, quer porque a vesícula vitelina desapareça muito mais tarde ou não desapareça, como sucede em algumas aves (Macartney), quer porque o divertículo contenha substância vitelina degenerada (Stannius). Dêste modo, em rigor, só estes, dependentes do umbigo, merecem a designação de divertículos de Meckel. Na realidade alguns autores assim entendem e dêstes (*divertículos ileo-umbilicais*, como devem ser chamados) distinguem os divertículos livres da zona de Meckel, que por Cahier, Blanc, Augier, foram denominados *ileais* ou *ancestrais*, por serem análogos aos que se observam no coelho, na lebre, no cão, no gato, etc. Esta distinção parece-nos injustificável.

Se se cotejar um certo número de descrições de divertículos do último segmento do íleon, reconhece-se que se pode pôr em série observações de divertículos unidos ao umbigo por cordão fibroso ou com vasos ainda aparentes, divertículos cujo cordão se rompeu, contraïndo aderências com outros pontos da cavidade abdominal, divertículos que na sua extremidade apresentam um prolongamento filiforme curto, e, por fim, divertículos inteiramente idênticos aos iliais, observados nos animais.

Às vezes de todo o canal vitelino há, como resíduo, um cordão fibroso, como o do nosso Caso XXIV, observado numa creança de 15 dias.

A seriação dos casos permite afirmar que a maior parte dos divertículos ileais têm a mesma origem vitelina. São também divertículos de Meckel.

A afirmação não pode ser demasiadamente extensiva sob esta forma, porquanto é preciso admitir na zona de Meckel a existência de divertículos, que não são vitelinos. Para indicar apenas os mais frisantes, note-se o caso de Jamieson, em que nesta zona havia dois divertículos idênticos em forma e em estrutura, só um dos quais se pode classificar de Meckel, pois não caso algum de duplicidade do canal vitelino. É de Cahier uma observação semelhante.

Recordando as relações da ansa intestinal com o canal vitelino, é fácil conceber que a persistência de uma parte dêste canal deve ser acompanhada de uma dobradura ao seu nível ou de uma diferença de calibre nas porções contíguas das ansas a montante e a jusante presumìvelmente relacionadas com uma mais tardia rotura da ligação íleo-umbilical. Isto é confirmado pela nossa série de divertículos de Meckel, pela existência de simples dobradura na zona de Meckel, único vestígio do cordão vitelino que desapareceu inteiramente (Caso LXXI) e pelos casos de ligeiríssima dilatação empolar, com diferença brusca de calibre, como no Caso LIV.

Estas premissas permitem concluir que todos os divertículos livres da zona de Meckel, ao nível dos quais existe um cotovelo da ansa intestinal ou uma diferença brusca de calibre, são divertículos de Meckel, e com maior razão ainda quando coexistirem estes dois factos, caracterização que já fizemos, mas sôbre que não achamos por demais insistir.

Mas, poder-se-há objectar, há casos de divertículos de Meckel fora desta zona. Na verdade há na literatura casos de divertículos, ditos de Meckel, no jejuno (Flandin, Corvillon, Clarkson e Collard, etc.), no duodeno (Wallers, Greding, Albers, etc.), no cego (Symington), no colon (Binnie).

Um certo número dêstes casos deve ser aceite sob reserva, porquanto, como vimos, há autores que chamam de Meckel a todos os divertículos intestinais, alongados, em cuja parede se encontram tôdas as túnicas intestinais. De resto é admissível uma anomalia de desenvolvimento, de tal modo que a dilatação cecal se vá formar na ansa descendente, para cima do canal vitelino; é aceitando esta hipótese e considerando o aspecto da parede e a existência de vasos longitudinais que classificamos com probabilidade de Meckel o divertículo ceco-cólico do Caso LXXVI. Já é mais difícil conceber a paragem de desenvolvimento da parte supra vitelina da ansa descendente, de maneira que o canal onfalo mesentérico desembocasse no duodeno, sem grave anomalia duodeno-jejunal, pelo menos relativamente ao seu comprimento, sôbre o que as observações dos autores citados são silenciosos.

Quanto ao intestino grosso, Fleischmann observou um divertículo no colon de um feto de 7 mezes.

2.º DIVERTÍCULOS ADQUIRIDOS

Divertículos formados durante a vida, cuja independência de disposições anómalas congénitas não pode actualmente ser contestada, existem também em quási tôda a extensão do tubo digestivo.

Kragh, numa longa série de observações, poude verificar a propagação de um processo tuberculoso ganglionar à parede do esófago, seguida umas vezes de necrose limitada desta parede e sua perfuração para esvasiamento da cavérnula, cuja superfície é mais tarde revestida de mucosa malpighiana, outras vezes de repuxamento da parede alterada pelo processo esclerosante do gânglio em via de cura, em qualquer dos casos com formação de divertículo. É a confirmação num certo número de casos, das ideas e observações de Zenker.

A esclerose pulmonar extensa, de origem tuberculosa (Schmidt)

ou outra, as sinéquias pleurais mediastínicas, as mediastinites calosas, a pericardite, a estrumite (Lotheissen), a estruma colóide quística (Chiari), têm sido encontradas como causas de tracção da parede esofágica.

A cárie de corpos vertebrais, a pericondrite e necrose da cricoideia (von Haker), podem determinar divertículos pelo mesmo processo de esvasiamento prévio de colecção purulenta ou caseosa.

Formada a cavidade, tende a crescer pelo esfôrço da deglutição, pelas inspirações fundas, por tôdas as causas de aumento de pressão respiratória, tais como a tosse, o espirro, o abuso de instrumentos de sopro (Rosenthal), a primeira actuando de dentro para fora e as restantes tendendo a aumentar a tracção exercida sôbre o fundo do divertículo.

Nestes divertículos esofágicos, cujo processo de formação surge em qualquer época da vida, as túnicas do esófago são mais ou menos atrofiadas ou incompletas e no vértice do infundíbulo encontra-se tecido cicatricial e peri-esofagite localizada e mesmo lesões tuberculosas bem caracterizadas (Schilling).

No estômago a pressão exercida por corpos extranhos volumosos, como se observam nos doentes mentais e nas creanças, pode determinar, especialmente nos casos em que existe estenose pilórica, lesões parietais iniciais de necrose, com atrofia da camada muscular, ao nível das quais por pressão intragástrica se podem formar divertículos pelo mecanismo da propulsão. A mesma pressão de dentro para fora é a causa dos divertículos que têm sido observados no fundo de úlceras crónicas que lesem a túnica muscular. Outras vezes são aderências de perigastrite, formadas ao nível de úlcera que interrompa a continuïdade dos feixes musculares e posteriormente cicatrizada, que exercem tracção sôbre o contôrno da cicatriz, onde por entre os feixes seccionados pode herniar-se a mucosa. Nenhum dos nossos casos se pode considerar inquestionàvelmente adquirido.

No duodeno a tuberculose pode destruir a camada muscular, deixando uma lacuna através da qual a mucosa faz hérnia (Thomson).

No intestino os factos são numerosos e entre êles devem citar-se os de divertículos formados ao nível de hérnias parietais, a que já fizemos referência (cf. pág. 549), os formados em cicatrizes de entero-anastomose, aqueles que resultam de prolapso da mucosa, consecutivo a destruïção localizada da musculatura por abcesso intramural e situados, em geral, no bordo oposto ao mesentério. Qualquer destas formas se pode encontrar no íleon, o que desmente a afirmativa de Wallensteins, que neste segmento não existem divertículos adquiridos.

3.º DIVERTÍCULOS DE PATOGENIA DISCUTIDA

Sob esta rúbrica encontra-se ainda actualmente um número considerável dos divertículos descritos.

Êste grupo que no início do estudo anatómico destas formações era único, tem sido pouco a pouco reduzido pelas investigações realizadas e é de prever o seu desaparecimento com a intensificação dêstes estudos, que ùltimamente se tem acentuado.

a) ESÓFAGO

Desde que Mondière em 1830 reüniu várias observações de «dilatações sacciformes do esófago», a que três anos depois Hankel aplicou a designação de *divertículos*, já então em uso para formações similares de outros segmentos digestivos, a patogenia da maior parte dêstes divertículos tem sido objecto de inúmeras discussões e as classificações propostas têm sugerido críticas, que interessante seria reproduzir integralmente, se de algum benefício fôsse para o nosso intento. Pondo de lado aquelas que implicam a preconcepção de ideas patogénicas, podem dividir-se todos os divertículos registados na literatura em três grupos que correspondem à localização superior, mediana e inferior que já empregámos: *divertículos faringo-esofágicos*, *divertículos epibrônquicos* e *divertículos epifrénicos*, a que se ligam respectivamente os nomes de Zenker, Rokitansky e Rosenthal, pelos quais são muitas vezes designados.

Os divertículos faringo-esofágicos, os «Grenzdivertikeln» de Rosenthal, cujo número tem aumentado com os progressos do exame do esófago, ocupam o limite superior e são posteriores, desenvolvendo-se no espaço retro-esofágico. Durante muito tempo e sem contestação, foram considerados como adquiridos e eram atribuïdos a um traumatismo, que provocaria a formação de uma zona parietal de menor resistência por cicatrização defeituosa, sôbre a qual actuava depois de uma maneira contínua a pressão, por deglutição de bolos alimentares demasiadamente volumosos, considerada isoladamente ou auxiliada por tôdas as causas que embaraçem a travessia normal do esófago, tais como a estenose cicatricial a jusante, a compressão por neoplasias de vizinhança, o uso de um colarinho muito apertado, etc. Era, portanto, a pressão de dentro para fora o agente principal de formação, como sustentavam Zenker e Ziemssen, donde proveiu a designação de *divertículos por propulsão*. Mas a mais extensa

observação de casos veiu mostrar que muitas vezes o traumatismo inicial não podia ser encontrado na anamnese dos portadores e recorreu-se então para explicar a diminuïção de resistência parietal a uma atrofia parcial da túnica muscular, a uma paralisia, o que era insuficiente e indemonstrado.

Admitida a acção propulsora, única maneira de explicar as dimensões enormes que estes divertículos chegam a atingir, reconhecida a impossibilidade de os filiar em qualquer perturbação da evolução organogénica do intestino cefálico, como pretenderam Koenig, Klebs e Bergmann, procurou-se estudar a anatomia da região onde estes divertículos aparecem.

Já em 1883 Laimer descrevera na parede posterior do segmento superior do esófago um «espaço triangular» a que ficou ligado o seu nome, onde faltava a musculatura longitudinal e onde as fibras transversais eram raras e delicadas.

Killian, estudando êste espaço, viu que é limitado pela *pars obliqua* e pela *pars fundiformis* do constrictor inferior da faringe, formando esta última um anel comparável ao cárdia gástrico. No hiato muscular, assim formado, existe tecido elástico muito abundante (Kulenkampf) e muitas vezes produções lipomatosas idênticas às que se podem encontrar junto do anel das hérnias inguinais (Goebel). Do neuro-espasmo dêste cárdia esofágico, em discordância com a acção propulsiva da faringe, resultará durante a deglutição um excesso de pressão, localizado na zona de menor resistência, visto que anteriormente o esófago é reforçado pelas cartilagens laríngeas e lateralmente pelos lobos do corpo tiroideo. Êste mecanismo explica os casos de divertículo em que não é possível averiguar lesões orgânicas infra-jacentes, nem causas mecânicas exteriores de compressão. Mesmo nos casos de estenose — e não há anátomo patologista que as não tenha observado, quer por lesões próprias, cicatrizes traumáticas ou de proveniência cáustica, neoplasias, quer de vizinhança, como as estrumas tiroideias, as grandes adenopatias cervicais, peri-esofágicas, os aneurismas carotidianos ou aórticos, as mediastinites, etc. — para que haja divertículo de Zenker é preciso que exista a zona de menor resistência.

Portanto os divertículos do esófago dêste grupo devem classificar-se de adquiridos, por lesão traumática ou, na maior parte dos casos por preexistência de uma disposição especial anómala da camada muscular, de origem congénita. São verdadeiras hérnias esofágicas.

Como epibrônquicos devem classificar-se topogràficamente os divertículos situados á altura da origem do brônquio extra-pulmonar

esquerdo e para cima da bifurcação da traqueia. São colocados na parede correspondente ao semi-cilindro anterior do esófago.

Rokitansky, Zenker, Riebold, Brosch e recentemente Kragh, entre outros, tendo estudado divertículos desta zona em que o papel da tracção exercido sôbre a parede esofágica pelos resíduos cicatriciais de adenites tuberculosas, só ou depois de perfuração parietal, era evidente e notando a enorme freqüência com que se observam na vizinhança dêstes divertículos gânglios tuberculosos e antracóticos, generalizaram estas etiologia e patogenia e consideram-os todos de natureza tuberculosa, denominando-os *divertículos por tracção* ou *divertículos tuberculosos* (Kragh). Num campo oposto Ribbert, partindo da observação de alguns casos particulares, tentou demonstrar que todos estes divertículos são congénitos, sendo as lesões tuberculosas do exo-esófago posteriores à sua formação ou concomitantes, mas sem valor etiológico.

Tanto uma, como outra generalização, nos parece injustificada.

Há divertículos epibrônquicos cujo mecanismo por tracção é impossível contestar fundamentadamente e a êles já fizemos referência; que essa tracção seja exercida por gânglios tuberculosos por intermédio de aderências, também é para acreditar, pois provado está. Mas o limite dos casos concretos fica por aqui.

Em primeiro lugar é para causar estranheza que, recebendo os gânglios que avizinham o esófago, quer no seu trajecto cervical, quer no torácico, a corrente linfática de territórios como o faríngeo e o bronco-pulmonar, por onde podem ser atingidos por gérmenes mórbidos e sendo freqüentíssimos os casos de adenites tuberculosas peri-esofágicas e mais ainda peri-brônquicas justa-esofágicas, com ou sem lesões de bacilose pulmonar, não sendo raros os casos de adenopatias de outra causa que não a tuberculosa, os divertículos sejam tão pouco freqüentes.

Mas, facto ainda mais para notar, sendo muito numerosos os casos em que observamos gânglios inter-traqueo-brônquicos tuberculosos, colados ao esófago, muito raros foram aqueles em que encontrámos divertículos.

Não esquecendo que pode haver esclerose ganglionar sem peri-adenite adesiva e que não é admissível que o tecido escleroso possa readquirir as propriedades e a estrutura do tecido conjuntivo laxo, pode-se afirmar que a existência de um gânglio tuberculoso esclerosado na vizinhança do fundo de um divertículo só é elemento de presumpção a favor de tracção exercida por aquele sôbre a parede esofágica quando existe peri-adenite que estabeleça união íntima entre um e outro, e dizemos de presumpção porque subsiste sempre a

dúvida sôbre a prioridade da formação, se da esclerose e periadenite, se do divertículo. Um volumoso gânglio caseoso, intimamente unido ao fundo do divertículo, tem igualmente um simples valor presuntivo.

Não é compreensível tracção exercida por um gânglio quando apenas tecido laxo o rodeia, nem quando aquele é tão volumoso que, em vez de repuxar a parede, pelo contrário a comprime.

A distribuïção dos gânglios peri e retro-esofágicos é tão irregular, o predomínio dos divertículos da parede anterior tão acentuado, quando na realidade tanto se podem esclerosar uns, como os outros, que nos parece difícil sustentar que a situação dos divertículos corresponde exactamente à topografia dos gânglios (Kragh).

Finalmente é preciso frisar que há linfadenites crónicas provocadas por uma acção irritante contínua, que conduzem até à esclerose. Assim sucede com a irritação determinada pelas poeiras que pelas vias aéreas atingem os gânglios peri-brônquicos, que podem aderir tão intimamente ao esófago que êste numa zona muito limitada facilmente pode ser pigmentado. Êste processo de adenite e peri-adenite pode ser origem de divertículos por tracção, o que, sendo admitido, leva à conclusão que é errónea a classificação de tuberculosos aplicada a todos os divertículos epi-brônquicos.

A estas razões que depoem contra a generalização a todos êstes divertículos do mecanismo da tracção, tendo por agentes exclusivos os gânglios de vizinhança, há a adicionar considerações de outra ordem, que levam a supor que na sua patogenia intervêm disposições anatómicas congénitas.

Dissemos já que é pela formação de uma goteira, que se fecha de baixo para cima, que se separa do esófago a traqueia; na parede comum a diferenciação do mesênquima vai formar os tecidos que estratificando-se constituem a parede própria de cada um dêstes tubos.

No início desta diferenciação, uma viciação do desenvolvimento pode deixar cordões em ponte entre as camadas internas de cada tubo, ao nível dos quais a musculatura do esófago ficará interrompida, dando origem a pequenas zonas de menor resistência (Ribbert).

É ainda na parede anterior do esófago que predominam as anomalias congénitas. Ciechanowski e Glinski descrevem em crianças fístulas congénitas esófago-esofágicas nesta parede. Há casos em que congènitamente existe comunicação entre o esófago e a traqueia, ao nível da bifurcação, e outros em que, como resíduo dêste canal ficam divertículos em correspondência da traqueia e do esófago ou só de um dos lados. Têm sido verificados defeitos de disposição da camada muscular nesta mesma parede. Brosch e Riebold, contestando o mecanismo de formação de zonas menos resistentes, lembrado

por Ribbert, admitem uma predisposição natural pela existência de lacunas inter-musculares de passagem a vasos e nervos. É freqüente a observação de ilhéus da mucosa gástrica no esófago, o que é considerado como anomalia de desenvolvimento (Ribbert); ora, ilhéus desta natureza podem existir no fundo de divertículos (Ribbert, Hansmann, Fischer). Vimos também que em embriões de 20^{mm} é muito nítida a formação de vacúolos ou divertículos mucosos na parede do tubo esofágico. Estas formações, em regra, não fazem saliência exterior, mas por excepção podem fazer relêvo, interrompendo a seu nível a continuïdade das fibras musculares, quando estas se formarem, explicando-se assim a localização de zonas de menor resistência laterais e respondendo à objecção de Riebold, que fazia notar que as zonas de Ribbert eram sempre anteriores, ao passo que os divertículos podem ser laterais.

Nestes casos é preciso admitir uma acção mecânica de propulsão, que na realidade existe também sempre em grau maior ou menor nos divertículos tuberculosos, como adjuvante da tracção. Algumas vezes, porém, a propulsão, por decomposição de produtos de retenção, iguala ou excede a tracção; são os chamados *divertículos por tracção-propulsão* de Tiedmann, von Oekonomides, Teutens.

Em 1900 Brosch quiz dar realce ao papel da propulsão e chamou a atenção para uma disposição anatómica que resulta da relação do brônquio esquerdo, com o esófago e com a aorta, quando esta se dirige para a esquerda e para trás. O brônquio e a aorta limitam um espaço ao nível do qual o esófago não tem qualquer estrutura firme em que se apoie, a que chamou *cavum bronco-aórtico*. Neste ponto a passagem dos alimentos determina uma pressão que não é anulada pela pressão externa. Contudo esta disposição não nos parece suficiente para explicar os divertículos com esta localização, nos casos em que não haja estenose a jusante.

Tanto os adquiridos pròpriamente ditos, volumosos, como aqueles que resultem de uma disposição anatómica congénita, têm habitualmente só túnica mucosa, às vezes algumas fibras musculares; os primeiros, quando pequenos, possuem uma túnica musculosa completa.

Os divertículos epifrénicos são congénitos, segundo Ribbert. É de crer, porém, que na sua etiologia intervenham por um lado a acção de um espasmo reflexo do cárdia gástrico, por outro a existência de um ponto de menor resistência parietal por disposição anómala muscular.

Sendo rara a superveniência dêstes dois factores, deve igualmente ser rara a eventualidade dêstes divertículos, o que realmente sucede. No passado dos portadores encontra-se em geral o hábito de comer

à pressa e de deglutir grandes e mal mastigados bocados (Novaro e Sucena).

Estas considerações foram sugeridas pelo estudo dos nossos casos de divertículos do esófago e pela necessidade de averiguar a sua patogenia.

Nos Casos V, VIII e X, na vizinhança dos divertículos, todos epibrônquicos, não havia gânglios, nem vestígios de tecido de esclerose; o tecido peri-esofágico era laxo e, portanto, fácil a separação do esófago da traqueia; a mucosa tinha aspecto normal. No último caso não havia lesões tuberculosas em qualquer órgão; no VIII havia lesões cavitárias, pulmonares, bilaterais, lesões caseosas em vários órgãos e nos gânglios inter-brônquicos e alguns peri-esofágicos, mas nenhum na contigüidade do divertículo. Estes casos demonstram que pode haver divertículos sem gânglios na sua vizinhança, como já Ribbert sustentava, apoiando-se em observações pessoais e em três casos de Le Count. São, portanto, casos em que se não pode invocar o mecanismo da tracção para explicar a sua formação.

No Caso VI dois divertículos colocados na mesma vertical e muito próximos um do outro, convergem para o mesmo ponto; na sua vizinhança havia gânglios antracóticos, mas moles e pouco aderentes. Na autópsia não se encontraram lesões tuberculosas pulmonares ou com outra localização.

É mais um facto que vai contra a pretensão de que todos os divertículos epi-brônquicos são tuberculosos e mais um em que se não pode eliminar a hipótese de uma lesão congénita inicial. A estranha disposição dos divertículos lembra uma fístula esófago-esofágica congénita, cujo trajecto se tivesse obliterado.

No Caso VII a mucosa dos três divertículos é normal, a dissecção do esófago fácil; no divertículo superior não há lesões inflamatórias, nem mesmo microscópicas; junto dos inferiores existem gânglios muito pequenos, um dos quais caseoso, e no tecido peri-ganglionar e peri-esofágico e mesmo na parede do divertículo médio lesões tuberculosas miliares. Estas lesões são incontestàvelmente posteriores à formação dos divertículos; as lesões caseosas de um dos gânglios, mais antigas e possìvelmente ligadas às lesões pulmonares, que foram o ponto de partida da granulia, são tão pouco extensas, a hiperplásia do gânglio tão pequena, a reacção peri-ganglionar tão apagada, que não poderia esta exercer qualquer acção mecânica sôbre a parede do esófago. Portanto a etiologia tuberculosa deve ser posta de parte. Neste caso a concordância dos últimos divertículos com outros do brônquio esquerdo, especialmente de um dêles, é tão flagrante que a preexistência de disposições congénitas para todos e mesmo de

uma verdadeira anomalia de desenvolvimento para êste último, deve ser apresentada sem hesitação. Entre o brônquio e o esófago não existia formação alguma que levasse à presumpção de um processo inflamatório, incompatível, como era, com a delicadeza do septo que separava as duas depressões diverticulares.

Assim, desta série feliz de cinco casos de divertículos epibrônquicos não se pode tirar argumento em defesa das razões que levaram a dar-lhes o nome de divertículos por tracção e divertículos tuberculosos.

O Caso IX pode classificar-se de epifrénico.

A existência entre a ligeira saliência exterior dos dois divertículos de um pequenino gânglio antracótico não esclerosado, o que não deixa de surpreender, dada a idade do indivíduo, portador, sem peri-adenite, a ausência de lesões tuberculosas próximas ou a distância, elimina da sua patogenia a tracção por esclerose ganglionar e confina o caso no grupo daqueles que têm por causa inicial a redução de resistência em zona limitada por disposição congénita.

b) ESTÔMAGO

Averiguar a patogenia de alguns divertículos do estômago é uma tarefa muitas vezes difícil.

É o que sucede com o nosso Caso XIII. Há estenose grave e notável deformação; em tôda a mucosa do antro pilórico inflamação crónica; sôbre o anel pilórico uma úlcera crónica, bem caracterizada. As três cavidades contíguas, cuja confusão com úlceras não é possível pelos caracteres já enumerados (Cf. p. 432), encontram-se nas mesmas condições daquelas que são considerados como divertículos adquiridos. Mas a sua multiplicidade, com a proximidade existente, é já um facto notável; a estrutura da parede em que se nota só rarefacção da túnica muscular seria bastante para os classificarmos de verdadeiros. A dúvida é legítima, tanto mais que nestes casos, como remate de tôdas as considerações, fica sempre de pé e inexplicável o facto da raridade dos divertículos, sendo tão freqüentes as estenoses pilóricas graves. Não pode deixar de se pensar que não basta esta para provocar a formação de divertículos e que a causa fundamental seja uma disposição anormal congénita das camadas musculares.

c) DUODENO

O duodeno é, depois da faringe branquial, o segmento do tubo digestivo que sofre mais profundos remanejamentos na vida embrio-

nária e é onde se formam os esboços dos mais importantes anexos digestivos, condições extrêmamente favoráveis para paragens de desenvolvimento e para viciações da evolução normal. Assim a oclusão temporária do duodeno embrionário com formação transitória de divertículos, que podem persistir em número maior ou menor; a formação de evaginações epiteliais excavadas, que tão freqüentemente evolucionam comò pâncreas acessórios, mas que podem continuar a desenvolver-se como cavidades fechadas em fundo de saco, sem que as células parietais prossigam no sentido glandular pancreático, são factores de formação congénita de divertículos.

Em apoio desta patogénese para o maior número dos divertículos do duodeno, pode ainda citar-se:

— O número de casos em que se dá a co-existência com outras anomalias congénitas: divertículo do estômago (Falconner), oclusão do duodeno (Shaw), ectasia notável do colédoco e dos canais biliares extra-hepáticos (Letulle), plicaturas parietais (Wilkie), anomalia do jejuno (Caraven), etc.

— A freqüência com que aparecem êstes divertículos na vizinhança da empola de Vater, onde freqüentemente há disposição anómala das fibras musculares (Fleischmann, Roth, Keith, Basset).

— A existência de divertículos no fundo dos quais se abrem o canal colédoco ou o de Wirsung ou ambos.

— As relações íntimas de numerosos dos divertículos descritos com a cabeça do pâncreas.

— A ausência, na maior parte dos casos, de úlceras, tumores, cálculos, lombrigas, coprolitos, aderências, alterações do pâncreas e do fígado.

— A existência de atrofias pancreáticas totais sem divertículos duodenais, o que depõe contra a influência causal desta lesão, como pretendia Roth, influência, aliás, difícil de compreender.

— A existência de oclusão do lúmen por cancro duodenal (Mauclaire e Durrieux) ou de estenose grave por esta mesma causa ou por sarcoma do duodeno (G. Brites), sem divertículos a montante.

— O estado em que têm sido encontrados os divertículos, observados em condições convenientes, vazios, de parede engelhada, não tensos, o que não seria de esperar se fôssem determinados por um excesso de pressão interna.

— O facto de não se formarem os divertículos nas cicatrizes, quando co-existem.

— Os resultados de exames radiológicos que denunciam divertículos em indivíduos novos, sem perturbações sérias, o que leva a crer que estes possam atingir a idade madura e a velhice, fazendo-se

examinar e operar só quando são graves os acidentes determinados por um divertículo que pode ter começado a formar-se 20 ou 30 anos antes ou mesmo na vida fetal.

A-pesar-de tudo e esquecendo a espessura da parede e a natureza do conteúdo, ainda há autores que admitem: a velha teoria de Fabrício, da acção mecânica da pressão do quimo, considerada causa suficiente, com auxílio da oclusão do piloro em cima e compressão simultânea da origem do jejuno em baixo, ou actuando em pontos da parede de estrutura defeituosa (Linsmeyer), a-pesar-de Wilson em 1907 ter descrito zonas de acentuado adelgaçamento sem divertículo; a tracção exercida por órgãos ptosados (Keith), só ou com auxílio da degenerescência gorda da musculosa (Roth).

Vejamos em face destas considerações qual a patogenia que devemos atribuïr aos divertículos que descrevemos neste segmento intestinal.

O mecanismo da tracção é inadmissível para todos êles, pois nada se encontra nas observações cadavéricas que lhes dizem respeito e que fizemos, nem no protocolo da autópsia do Caso XIX, que compulsámos, que permita basear essa hipótese. Apenas o Caso XX fica sob reserva, pelo nosso desconhecimento das lesões existentes no cadáver a que pertencia. O mesmo diremos da propulsão, pois, com a mesma reserva quanto ao último, em nenhum foi encontrada estenose pilórica, nem lesões de compressão no início do jejuno.

Nos casos em que havia plicaturas transversais (XII e XVII) é admissível que esta acção intervenha, mas para aumentar a capacidade das cavidades já formadas.

Em todos se nota a ausência de resíduos de lesões inflamatórias ulcerosas ou outras de carácter grave.

Nos Casos XIV, XV, XVI, XVIII e XIX a ausência de todos os caracteres que até hoje têm sido considerados como pertença dos divertículos adquiridos, se outros positivos não houvesse, seria base suficiente para que se classificassem de congénitos. Nos casos XII e XVII as disposições encontradas devem ser filiadas em anomalias de desenvolvimento do duodeno e com mais razão ainda estes divertículos merecem a mesma classificação.

Assim, esta pequena série apoia inteiramente aqueles autores, que afirmam que a grande maioria de divertículos do duodeno é congénita.

Neste capítulo, se nos tivéssemos guiado pela estrutura da parede, confirmar-se-hia o conceito de que são congénitos os divertículos que possuem na sua parede tôdas as túnicas do segmento a que pertencem.

d) JEJUNO-ÍLEON E INTESTINO GROSSO

É à volta da patogenia dos divertículos do jejuno e do intestino grosso que mais se degladiam as opiniões e se acumulam as hipóteses, sem que até hoje se tenha conseguido estabelecer uma doutrina unívoca para todos, o que, diga-se desde já, é uma pretensão injustificável. Há elementos a ponderar que são comuns a estes dois segmentos intestinais, mas cada um dêles tem condições que particularizam a patogenia das suas formações diverticulares.

Tôda a discussão se deve basear em factos de observação. Vejamos, pois, quais são os factos étio-patogénicos que devem ser considerados bem averiguados.

1.º *A diverticulose do intestino grosso e do jejuno é apanágio dos indivíduos velhos e dos caquéticos de qualquer idade.*

Pondo de lado casos absolutamente excepcionais, como os de Fleischmann, Ashurst, Erdmann, Hartwell, Cecil e Telling, relativos ao cólon e aqueles que citámos no estudo dos divertículos do jejuno em geral, esta regra é o resultado da observação de inúmeros investigadores e decorre da leitura de todos os nossos casos.

Nas experiências de distensão, de que nos ocuparemos, Hansemann reconheceu que as hérnias da mucosa se produzem com tanto maior facilidade quanto mais velho é o indivíduo.

2.º *Nos velhos e nos caquéticos de qualquer idade a diverticulose do intestino grosso é pouco freqüente e a do jejuno é rara.*

Da raridade dos divertículos jejunais tratámos já (Cf. p. 544) e da freqüência dos divertículos do intestino grosso em geral, também algumas considerações fizemos (Cf. p. 545).

Vimos que a pesquiza sistemática, recorrendo inclusivamente ao exame microscópico, feita em indivíduos velhos por Hansemann, Sudsuki e Graser, deu números elevados, em discordância com os resultados obtidos por outros observadores, sem selecção de idade.

A nossa observação está em desacôrdo com a dêstes autores, atendendo só aos divertículos do intestino grosso.

Indivíduos de mais de 50 anos examinados	449
Casos de diverticulose	5
Percentagem	1,1
Indivíduos caquetizados com menos de 50 anos. .	261
Casos de diverticulose	1
Percentagem	0,3

Assim, em 710 velhos e caquéticos com menos de 50 anos, apenas 0,8 % eram portadores de divertículos do intestino grosso.

Em todos estes indivíduos era feito o exame exterior do intestino, depois o exame meticuloso da mucosa. Em muitos dêles havia uma insuflação natural determinada pela grande distensão por gazes e que propositadamente era por nós exagerada pela pressão gradual de um para outro tôpo, depois dêstes fechados por um laço, com o fim de revelar qualquer pequeno divertículo pre-existente.

Em 54 velhos foi, além disso, feita a distensão por água, não tendo sido encontrado caso algum de diverticulose e em 24 foi feita a pesquiza microscópica, com o mesmo resultado.

Êste conjunto de provas parece-nos suficiente para demonstrar que os números de Hansemann, Sudsuki e Graser são excessivamente elevados para o nosso meio.

Alguns investigadores dizem mais freqüentemente atingidos os velhos obesos ou em estado de nutrição florescente e cita-se habitualmente a estatística de Bland Sutton em que 17 de 22 doentes observados eram obesos.

Não conhecemos outra estatística que comprove esta, nem cujos resultados dêstes se aproximem. Nenhum dos portadores de divertículos que autopsiámos era obeso e, circunstância interessante, entre nós os obesos de mais de 60 anos, que passam pela mesa de autópsias, são raros: Durante o período em que dirigimos o Serviço de Tanatologia do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, por onde passam as vítimas de desastres e crimes, de condições sociais muito variadas, foram autopsiados 160 indivíduos de mais de 60 anos; só 7 eram obesos e apenas de 23 se podia dizer que o seu estado de nutrição era florescente. Já Bichat dizia, aliás, que raras vezes o velho é obeso ou polisárcico.

3.º *A diverticulose observa-se com muito maior freqüência nos homens do que nas mulheres.*

É um facto de observação geral e aceite sem discrepância. Dela discorda a nossa série, mas esta é demasiadamente pequena para que possa invalidar a asserção unânimemente aceite.

4.º *A diverticulose do intestino grosso pode existir com a do intestino delgado ou isoladamente em cada um dêstes segmentos.*

São conhecidos os casos de Drummond e de Graham em que havia divertículos dispersos pelo jejuno-íleon e pelo intestino grosso. A diverticulose limitada ao intestino grosso é muito mais freqüente que a do delgado e no primeiro em regra são muito mais numerosos os divertículos do que no segundo.

5.º *Nos casos de diverticulose do intestino grosso os divertículos estão habitualmente situados na ansa sigmoideia.*

A predilecção pelo cólon sigmoideo é um facto já bem averiguado, assim como a sua raridade no cego e no cólon ascendente e a sua menor freqüência nos segmentos transverso e descendente, pondo de lado nestas considerações o apêndice (Estatísticas de Mayo, Maxwell Telling, Mac Grath, Cade, de Mourges, Erdmann). Alguns casos têm sido descritos no recto (Hercezel, Rotter, Fischer, Bixford, Ball, Shoemaker, de Quervain) desde 1899. Mesmo na ansa sigmoideia a distribuïção não é uniforme, pois parece serem mais freqüentes na parte mais móvel (Patel) ou na porção distal, imediatamente para cima da junção com o recto, limite, onde, quando são numerosos, terminam em muitos casos abruptamente.

6.º *A sede dos divertículos é ao nível da passagem dos vasos através da túnica muscular do intestino.*

Na parede de todos os divertículos que estudámos e particularmente naqueles em que se fez a seriação dos cortes, encontrámos vasos que não atingem o seu fundo.

Em várias séries tivemos ocasião de ver a primeira fase da formação de um divertículo, como uma depressão infundibuliforme da mucosa; sempre esta depressão corresponde a um orifício vascular da musculosa. Esta coincidência dos divertículos com os orifícios de penetração dos vasos é um facto de velha observação.

É incontestável a existência de vasos perfurantes no S ilíaco, de calibre apreciável à vista desarmada, que atravessam obliquamente a musculosa, passando da sub-serosa à sub-mucosa; muitas vezes as artérias são helicinas, quando os cortes são feitos na ansa fixada no estado de vacuïdade. O canal vascular existe indubitàvelmente. São factos de uma observação comesinha.

7.º *Em todos os casos de diverticulose da intestino grosso se regista aumento da pressão intra-intestinal.*

Êste aumento de pressão é constatado em vida ou na necropsia se encontram causas determinantes. Pode existir um obstáculo ao curso das matérias fecais, que pode ser a compressão exercida por um tumor de vizinhança, uma estenose de natureza tuberculosa, sifilítica ou cicatricial banal, uma neoplasia rectal.

São numerosos os casos de divertículos supra-jacentes a carcinoma rectal; duas das nossas observações pertencem a êste número. Notemos desde já, porém, que nem em todos os casos de tumores de vizinhança, de estenoses, de neoplasias a jusante, há divertículos. Se assim fôsse, os casos seriam muito mais freqüentes na mulher, em que os fibromiomas uterinos tantas vezes exercem essa compressão.

Importante papel, como factor de aumento de pressão, desempenha também a obstipação crónica, não só pela estase fecal e pela retenção dos gazes, mas também pelo exagêro da intensidade das ondas anti-peristálticas que têm o seu ponto de partida no anel constritor inferior da ansa sigmoideia.

Perante estes factos ocorre desde logo a pergunta:

¿Que condições existem particulares ao cólon dos velhos e dos caquéticos que permitam a formação dos divertículos?

A velhice é fundamentalmente um processo regressivo, que reside numa deficiência crescente das funções de compensação das perdas materiais e energéticas do protoplasma vivo e que vai até à anulação destas funções, isto é, até à morte.

Uma das manifestações mais precoces das mutações cataplásticas da idade é a atrofia (Preyer, Conheim, Minot, Luciani, etc.), que, nesta fase última do desenvolvimento do indivíduo, se apresenta como o protótipo fisiológico das atrofias simples.

Esta atrofia, a que nenhum órgão se subtrai e que nem sempre coincide com a macilência senil, inicia-se pelos elementos de mais elevada diferenciação e em especial pelo tecido muscular e manifesta-se de começo por diminuïção progressiva do volume celular, sem qualquer alteração estrutural demonstrável. Nos músculos lisos, mais freqüentemente do que nos estriados, a esta redução volumétrica, de que no intestino resulta redução de espessura da túnica muscular (Luciani), seguem-se alterações degenerativas, com conseqüente redução numérica.

A redução de espessura das camadas musculares da túnica intestinal pode ser considerável e é apreciável mais facilmente em valor relativo do que em absoluto, pois êste depende até certo ponto do grau de distensão do intestino no momento da fixação. Pode observar-se inversão de espessura das duas camadas, sendo a externa muito mais espessa do que a interna.

Concomitantemente dá-se uma hipertrofia do tecido conjuntivo inter-fascicular que não chega a compensar a redução volumétrica e que, sendo mais tenaz, freqüentemente mais denso e sempre menos útil sob o ponto de vista fisiológico do que o tecido primitivo (Ribbert), prejudica funcionalmente a camada muscular em que se desenvolve.

Uma outra causa agrava as precárias condições funcionais da túnica muscular do intestino do velho. É a esclerose vascular.

A artério-esclerose é uma complicação de tão extraordinária freqüência no estado senil (Luciani) que numerosos autores, conside-

rando-a como a causa da velhice (Metchnikoff, Charcot, Okhubo, Dratchinsky, etc.), levaram ao aforismo doutrinário de Cazalis «*on a l'âge de ses artères*».

Na realidade, embora a chamada ateromásia senil das artérias abdominais ocupe, sob o ponto de vista da freqüência, o 13.º logar na tabela de Lobstein, o 16.º na de Rokitansky e o último (20.º) na de Huchard, a verdade é que são extrêmamente freqüentes no sigma cólico dos velhos as lesões de peri e endo-arteriolite, que podem atingir a obliteração.

Os estudos clínicos e anatómicos de Huchard, Schobert, Ribbert, Thomas, Hampeln, etc., vieram demonstrar que, ao lado da artério-esclerose, típica, patológica, de que sofrem numerosíssimos velhos, se deve admitir um outro processo de esclerose, característico da velhice puramente fisiológica, que atinge tanto as artérias (artério-esclerose crónica senil), como as veias (flebo-esclerose senil), em que predominam os processos degenerativos (Kaufmann).

Em conseqüência de uma ou de outra ou de ambas, a árvore vasal perde a sua elasticidade, donde resulta uma circulação menos activa e hiponutrição dos tecidos.

Da atrofia por insuficiência nutritiva ou por lesões degenerativas resulta a atonia muscular.

A atonia pode ser agravada por tôdas as causas que incidindo sôbre o arco reflexo que rege os movimentos intestinais, reduzam a excitação necessária ou a anulem. A excitação inicial pode ser insuficiente ou nula por ineficácia do conteúdo intestinal por lesões da mucosa; pode haver lesões dos centros ganglionares de Meissner e de Auerbach ou esclerose peri-ganglionar que comprometa o seu funcionamento (particularmente para o sigma cólico), inércia do plexo hipogástrico, dos nervos hipogástricos de Krause e dos nervos erectores de Eckhard ou dos centros medulo-intestino-anais, como termo último de preguiça funcional adquirida de longa data.

Mas haja ou não estas causas secundárias, o que define a atonia intestinal da velhice é a atrofia da muscular, definitiva, irreversível.

É preciso acentuar o carácter definitivo desta atrofia, como elemento causal da diverticulose. A atonia intestinal sem atrofia, assim caracterizada, não tem o mesmo valor.

Assim é que não se produzem divertículos nos casos de atonia intestinal transitória, que se dá nas cólicas abdominais (nefréticas, hepáticas, apendiculares, salpíngeas, entéricas) ou de longa duração, como se observa na neurastenia, histeria, em certas perturbações mentais. A predilecção da diverticulose pelos obesos, que são em geral constipados atónicos, explica-se porque a sua atonia se agrava

no período préssenil e mais ainda na velhice, favorecida ainda pela infiltração adiposa da sub-serosa e dos interstícios musculares mais volumosos.

O intestino atónico deixa-se dilatar pelos gazes. Assim como o enfisema do pulmão do velho é devido em grande parte às modificações regressivas das fibras elásticas das paredes alveolares (Villemin), o mesmo se pode dar no intestino. Aqui, como ali, as fibras elásticas podem estar espessadas, ondulosas, como que laceradas (Boulatoff) com a sua elasticidade alterada pela modificação química da elastina.

A caquexia pode ser considerada como uma forma precoce do marasmo senil. A atrofia muscular intestinal encontra-se muito freqüentemente num grande número de doenças caquetizantes, como a tuberculose, o cancro, as supurações muito prolongadas, nas lesões graves dos órgãos hematopoiéticos, em auto-intoxicações de diversa natureza (icterícia grave, urémia), em geral em todos os estados dos aparelhos digestivo e respiratório em que se dá inanição progressivamente agravada por insuficiência do afluxo de materiais nutritivos e nas intoxicações crónicas por substâncias que viciam as trocas nutritivas de uma maneira durável.

À atonia da túnica muscular tem já sido atribuído um papel importante na patogenia da diverticulose. Assim Sudsuki e Schreiber falam numa aplasia adquirida da túnica musculosa; Telling e Gruner referem-se ao enfraquecimento desta túnica especialmente nos obesos; Drummond atribui a diverticulose, com probabilidade, a uma deficiência geral do tecido muscular liso, baseando-se na tendência que apresentam os divertículos para aparecerem em várias vísceras do mesmo indivíduo; Beer e Telling sustentam que é a fraqueza muscular que diminui o poder de resistência da parede intestinal.

Contudo não se tem atribuído à atrofia da muscular o papel de primacial importância, que lhe deve ser dado, não como lesão constante, mas muito freqüente, na diminuïção da resistência da parede intestinal.

É esta atrofia que coloca o intestino dos velhos e dos caquéticos tão freqüentemente em condições favoráveis à formação dos divertículos. Observamo-la em todos os casos de diverticulose.

Para que num cólon, cuja túnica muscular é atónica, se formem divertículos é preciso que se dêem circunstâncias adjuvantes. A mais importante é o aumento persistente da pressão intra-intestinal.

Notando-se a coincidência da diverticulose com a obstipação crónica antiga, tem-se dado, desde Fabrício, à pressão interna por gazes e por matérias residuais alimentares uma importância tal, que foi

essa pressão considerada como o factor principal, se não único, da produção dos divertículos de todo o intestino. Hoje os seus defensores restringem-a ao intestino grosso.

Vários autores têm procurado demonstrar experimentalmente o papel capital da pressão interna.

Desde 1880, Helsch, Hansemann, Edel, Hanau, Davis, Gordinner e Sampson, Fischer, distendendo forçadamente por água intestinos retirados de cadáveres, verificaram que estes se rompiam regularmente junto do mesentério e Hansemann diz ter obtido divertículos, muito semelhantes aos observados nas necropsias, com a mesma localização, mais fàcilmente nos velhos e com tanto maior facilidade quanto mais avançada é a idade. Good, empregando a insuflação, parece ter conseguido resultados idênticos.

Chlumsky, Beer e Patel consideram sem valor as experiências dêstes investigadores. Na realidade no cadáver falta a tonicidade muscular e, embora se queira aproximar o intestino do cadáver do do velho, considerando esta atonicidade idêntica à que constitui a fase última da atrofia senil, a analogia não se pode levar mais longe; naquele não há replecção vascular e existe a flacidez completa; além disso no vivo nunca a pressão interna atinge bruscamente os valores que se dão nas experiências instituïdas.

Latarget e Murard, repetindo as experiências de Good, nunca conseguiram obter divertículos nem mesmo em velhos; apenas fizeram aparecer bolhas gazosas na linha de inserção do mesentério e por fim fendas com a mesma localização; afirmam que êste processo apenas permite pôr em evidência divertículos já existentes, o que é confirmado por Telling.

Em 1919-1920, no intestino grosso retirado de cadáveres de 16 indivíduos de mais de 60 anos, repetimos a experiência de Hansemann, fazendo a sua distensão lenta por água da canalização, adaptando uma das extremidades à torneira. Verificámos que com um certo grau de distensão apareciam fendas na túnica muscular, dispersas sem ordem, muito alongadas, e que era preciso que a pressão aumentasse muito para que a mucosa viesse fazer hérnia, rasgando-se imediatamente; durante bastante tempo a mucosa fechava as fendas já muito alargadas, sem se herniar, mostrando por si só uma resistência notável embora variável de uns para outros casos. Estas experiências foram feitas em períodos muito diversos *post-mortem* (12^h a 3 dias). Em nenhum dos casos assistimos à formação de evaginações comparáveis aos divertículos formados durante a vida.

Schlumsky repetiu as experiências dos seus predecessores em cães vivos e observou que a rotura do intestino se dá do lado oposto ao

meso, nunca dentro dêste. O mesmo acontece com o intestino de cães mortos, realizando a experiência imediatamente depois da morte, mas se se experimenta mais de 10 horas *post-mortem* o intestino rompe-se entre os folhetos mesentéricos.

Mais recentemente Beer, em apoio dos resultados obtidos por Schlumsky, referiu experiências feitas no homem vivo, que não pudemos conhecer em detalhe e cita o que se observa no ileus, onde o peritoneu e as camadas musculares, usualmente a circular, se rompem primeiro do lado oposto ao mesentério.

Um acaso feliz permitiu-nos apresentar em confirmação das asserções de Beer um caso de observação em cadáver humano que tem o valor de uma experiência feita no vivo:

Em Outubro de 1910 autopsiámos [1] o cadáver de uma mulher de 75 anos, vítima de desastre na via férrea. Atirada ao chão pela locomotiva, fôra dilacerada pelo rodado desta e de todo o combóio, do que resultou a divisão quási completa do corpo em duas porções por esmagamento e arrancamento das vértebras, desde a 6.ª dorsal até ao sacro, acompanhados de dilaceração do fígado e do rim esquerdo, do pâncreas e do estômago, fracturas múltiplas das costelas, do esterno, do sacro, dos ossos ilíacos. No abdomen encontravam-se numerosos fragmentos de intestinos delgado e grosso. Num e noutro encontram-se duas formas diferentes da mesma lesão: Em uns o corte era nítido, como que feito por um instrumento cortante, a mucosa pouco ou nada excede as túnicas serosa e musculosa; foram estes pontos que receberam o choque directo. Noutros fragmentos há roturas medianas e terminais; a mucosa excede muito as outras túnicas, faz hérnia, rebatendo-se para fora e constituïndo com as suas caprichosas pregas belas rosáceas laterais ou formações terminais semelhantes a grandes pavilhões tubários; além destas há roturas incompletas, interessando só as túnicas serosa e musculosa, mas tôdas de pequenas dimensões. O mecanismo deduzido das experiências de Souquet tem imediata aplicação na interpretação destas lesões: estas roturas laterais foram determinadas em ansas intestinais cujas extremidades estavam fechadas pelo choque directo, ao mesmo tempo que um choque indirecto exercendo-se na sua parte média, distendida por gazes e líquidos, as fazia rebentar, levando o conteúdo adiante de si a mucosa, obrigando-a a herniar-se consideràvelmente antes de se romper, rotura que, seguida da contracção da muscular, determinava a formação de franjas na parte evaginada.

---

[1] Cf. Geraldino Brites, *Catálogo da Colecção da Morgue de Coimbra*, 1900, Julho de 1911, Coimbra, 1911. Peças n.os 34, 35, 36, 37, 38.

Ora tôdas estas roturas laterais, completas ou incompletas, eram no jejuno-íleon situadas do lado oposto ao mesentério e no intestino grosso dispersas sem localização determinada.

Telling concede um papel importante adjuvante da pressão intra-intestinal à redução da pressão externa, que pode ser determinada por ptoses viscerais e por relaxamento da musculatura da parede abdominal.

Em sentido contrário, papel não menos importante é atribuído por Helvestine ao aumento da pressão externa intra-abdominal intermitente, mas seguida de um máximo súbito, como sucede na retensão urinária, na obstipação, na tosse. «A acção da pressão intra-abdominal sôbre um segmento inteiro do intestino é comparável ao apertamento de um balão entre as mãos; o balão quer sair pelos espaços entre os dedos. A camada muscular, relativamente inelástica, do intestino correspondente aos dêdos e qualquer ponto de menor resistência da parede intestinal corresponde ao espaço entre os dedos» (Helvestine).

Um outro caso de nossa observação demonstra que o excesso de pressão intra-abdominal não é por si só causa suficiente de divertículos e que o efeito da pressão não se exerce na sede habitual destas evaginações da mucosa.

Em 1908, um homem de cêrca de 25 anos, corpulento, alcoólico agressivo, em luta com um irmão, atirou-o ao chão e para o subjugar, apoiou com todo o seu peso o joelho sôbre o ventre dêste. O agredido gritou, acudiram-lhe e transportam-o para o leito, onde o vimos com tôda a sintomatologia da peritonite. A morte sobreveio ao 5.º dia. Como perito fomos intimados a realizar a autópsia. Havia peritonite purulenta generalizada, por rotura do intestino delgado, num ponto situado em oposição com o mesentério, circular, de bordos forrados pela mucosa, que herniando-se vinha ainda formar uma estreita orla na superfície exterior. No resto do intestino não havia lesões ulcerosas.

Assim, uma súbita e violenta pressão de fora para dentro determinou uma rotura do bordo convexo do intestino.

Dizem, portanto, a experiência e a observação, que a pressão brusca no vivo não basta por si só para provocar a formação de divertículos; determina lesões cuja localização só casualmente corresponde à dos divertículos e que com estes não têm qualquer similitude.

Poder-se há apresentar contra esta asserção o caso de Henseler, em que na superfície interior dos maiores de 23 divertículos, situados no bordo côncavo do jejuno-íleon, os vasos arteriais se viam em re-

lêvo, o que levou Henseler a crer que estes divertículos se tinham formado tão ràpidamente que as artérias não tinham tido tempo de se alongar. Mas, notando que neste caso havia um excesso de pressão intra-intestinal, pois que entre os divertículos havia estenoses e grande dilatação, esta disposição dos vasos pode interpretar-se admitindo que esta pressão por uma variação brusca determinara um aumento súbito de volume dos divertículos, não acompanhado do alongamento correspondente dos vasos.

A pressão intra-intestinal, exercendo-se lenta e progressivamente, também por si só não é suficiente.

O intestino tem um alto grau de distensibilidade, como é apreciável no vólvulus e no megacólon adquirido e ao aumento de pressão interior, conseqüente à lenta acumulação de gazes ou de matérias fecais, o intestino se adapta distendendo-se. Se há estenoses observam-se a montante ou ulcerações, a que parece não ser estranha a toxi-infecção intestinal (Letulle) ou roturas diastáticas (Heséhl) idênticas morfològicamente às que observámos nas nossas experiências, quando não se eleva a pressão até ao rebentamento, geralmente situadas na origem do cólon ascendente, se a estenose se dá no S ilíaco, localização que corresponde à observada nas experiências de Heschl e de Anschutz. Th. Auger encontrou-as na autópsia de um bébé em que não havia recto. Se a estenose é muito baixa, por ex., nos casos de carcinoma do recto, aparecem úlceras estercorais ou úlceras por dilatação, que se podem perfurar e só excepcionalmente divertículos, notando-se que estes aparecem se a caquexia do indivíduo é profunda ou se se trata de um velho.

É preciso também não dar ao facto, que serviu de base à teoria patogénica da pressão interna, um valor excessivo. A diverticulose do intestino grosso aparece em indivíduos que há longos anos sofrem de obstipação. Mas os casos de diverticulose são pouco freqüentes e os obstipados formam legião, alguns desde a infância, muitos desde a juventude e pode-se dizer que todos os senis dela sofrem. Assim nada há de extraordinário que os velhos, os habituais portadores de divertículos, sejam obstipados. Se houvesse uma relação de causalidade directa, a diverticulose deveria ser mais freqüente na mulher, que mais sofre de obstipação, do que no homem. A obstipação pode mesmo ter uma acção em sentido contrário, como veremos.

Concluïremos, portanto, que a pressão interna tem uma grande importância na patogenia da diverticulose, concorrendo para a formação dos divertículos ou exagerando o seu volume, mas sendo por si só incapaz de os produzir.

O papel adjuvante da pressão interna dá-nos o motivo porque os

divertículos são mais freqüentes no sigma cólico. Já Cruveilhier dizia que o recto e o S. ilíaco, sendo lugares de permanência das matérias fecais, de endurecimento destas e onde convergem os esforços de defecação, devem sofrer uma maior pressão interna. A asserção é ainda hoje verdadeira, notando-se que o recto pela sua estrutura e pelo seu papel fisiológico na defecação defende-se mais eficazmente do que o S ilíaco e sofre menos as conseqüências da estagnação das matérias fecais.

Mas, a-pezar-do papel primacial da atonia muscular intestinal e da acção adjuvante da pressão interna, subsiste ainda a dúvida. Há muitos indivíduos no período senil, muitos caquéticos cujo intestino é átono e em que existe excesso de pressão interna e, contudo, não são portadores de divertículos. A explicação parece-nos que pode ser dada pela intervenção de um factor que não foi ainda devidamente considerado e que desempenha um papel patogénico tão importante como a pressão interna, embora actuando em sentido contrário. É a esclerose da sub-mucosa.

Desde o nascimento o intestino sofre as mais diversas influências morbíficas, de que resultam alterações, cujo decurso poucas vezes é apreciado pelo clínico, porque o paciente não lhes dá valor ou porque mesmo a este ou às pessoas que dêle cuidam passam despercebidas. Só algumas destas alterações terminam pela *restitutio ad integrum;* de uma grande parte há resíduos, uns insignificantes, fisiològicamente irreconhecíveis ou não lesivos ostensivamente da integridade funcional, outros traduzíveis sintomàticamente, mas desprezados.

Na idade adulta, freqüentemente ainda na juventude, surgem perturbações cuja causalidade é o somatório de todos êsses resíduos lesionais, que se vão acumulando a pouco e pouco.

Da enumeração das mais importantes causas morbígenas resultará a convicção de que são poucos os indivíduos não atingidos por essas lesões residuais.

A alimentação viciosa, pela sua acção irritante, pelas infecções que pode determinar pela introdução de tóxicos; os parasitas intestinais pelas lesões traumáticas que provocam na mucosa intestinal e pela acção tóxica são factores extremamente comuns que actuam desde a infância e que são a causa de processos flegmásicos agudos, francos ou frustres.

A eliminação pelas glândulas e pelo epitélio intestinais de fagócitos carregados de bacterias, faz do intestino uma via de eliminação nas infecções e as descargas microbianas no sarampo, na escarlatina, na febre tifóide, na pneumococia, na gripe, na difteria, nas anginas,

etc., determinam lesões cuja consideração é secundária para o clínico, por episódicas num grande número destas infecções.

Êste é o quadro etiológico quási integral da enterite crónica. Ninguém desconhece a freqüência desta enterite no adulto, baseada mais nas observações cadavéricas que nos exames clínicos, porquanto os doentes só procuram o médico nas formas já avançadas e graves (Nothnagel).

No período médio da vida (e quantas vezes antes!) sobreveem outras causas que vão agravar em intensidade e em extensão os resíduos das afecções intestinais anteriores. Estes resíduos dispersam-se por todo o tubo intestinal, mas com certo predomínio em determinadas zonas. O intestino grosso, meio altamente séptico, onde os resíduos alimentares estagnam e experimentam complexas degradações químicas, sofre mais intensamente do que o delgado e às vezes exclusivamente. As causas em foco neste período parece que têm especial predilecção pelo intestino grosso.

Quando o rim falha na sua acção eliminadora dos tóxicos endógenos, é ao intestino grosso que cabe esse papel. A eliminação realisa-se com um conjunto lesional, umas vezes espectaculoso, como a necrose hemorrágica e ulcerosa do cólon na uremia grave da nefrite atrófica de longa duração, outras mais atenuado, como se dá com o catarro crónico dos ataques urémicos ligeiros, repetidos e com as uremias intensas mas pouco prolongadas. O mesmo sucede na uricemia, na oxalemia, na diabetes.

É conhecida a freqüência com que se observam intoxicações profissionais ou medicamentosas, em que o intestino grosso é lesado, quási sempre indelèvelmente. O mercúrio e o arsénio são os mais inculpados, dada a freqüência enorme da sífilis e a orientação do seu tratamento, tantas vezes erròneamente seguido e entregue a mãos inábeis. As pequenas equimoses, as degenerescências epiteliais localizadas, as ulcerações disenteriformes (Virchow), os catarros, são freqüentíssimos nos doentes tratados pelo mercúrio, qualquer que seja a via de administração, para não citar os aspectos graves das formas disentérica, ulcerosa e pseudo-membranosa que se observam menos vezes. O arsenicismo lesa a mucosa em grandes extensões determinando irritação catarral e psorenteria.

O alcool contribui com a sua acção nefasta para aumentar as lesões residuais anteriores. A gastrite crónica é extremamente freqüente nos beberrões, com tôdas as conseqüências que dela derivam para o intestino, favorecendo fermentações excessivas que podem levar a uma enterite crónica (Roger) e até à esclerose difusa, auxiliadas pela acção nociva do tóxico sôbre o fígado.

A intoxicação crónica pelos licores ricos em essências (absinto, vermouth, bitter, curaçao, rhum, kirsch, ginginha, genebra, quinas, aperitivos amargos, etc.) provocam cansaço dos músculos lisos por excitação muito repetida e atonia.

O abuso dos purgantes e particularmente dos drásticos tem uma acção lesiva da mucosa, determinando um catarro que se desenvolve lenta e progressivamente. O mesmo estado catarral se observa em conseqüência de estase nas doenças do coração e do fígado. No impaludismo são freqüentes a congestão, as ulcerações, a atrofia da mucosa.

A ansa sigmoideia e o recto têm uma especial tendência para as inflamações crónicas. Como local de estase fecal e de contacto permanente da mucosa com factores flogísticos agudos, encontra-se em condições de vulnerabilidade, como nenhum outro segmento intestinal; as suas anomalias de comprimento, muito freqüentes, e as posições anormais que elas obrigam a ansa a tomar na pelve ou no abdomen, são outras tantas causas que favorecem e aumentam a estagnação das fezes (Curshmann). Causas de natureza traumática, como a passagem de cíbalas endurecidas, a introdução de cánulas ou sondas, a existência de nódulos hemorroidários, de parasitas (oxiuros) favorecem a acção inflamatória. Tôdas as causas que actuem sôbre os plexos nervosos do intestino são susceptíveis de modificar a mucosa, determinando hipersecreção mucosa ou atrofia ou, vão mais longe, atingindo a túnica muscular. Pela sua situação anatómica sofrem a compressão dos órgãos vizinhos (útero aumentado de volume ou deslocado, próstata hipertrófiada) e a propagação de processos inflamatórios, tais como cistites, prostatites, metrites, salpingites, fleimão do andar superior do ligamento largo esquerdo (Trousseau), uretrites, afecções supuradas dos testículos e da vesícula seminal.

Desde que os resíduos inflamatórios atingem um certo gráu dão-se alterações do sistema nervoso próprio do intestino, de que resulta perturbação do rítmo motor por diminuïção do tonus muscular, que tende a acentuar-se. Mais tarde se sobrevêm reacções peritoneais com formação de pregas, bridas, viscerites e periviscerites ou se existem bridas congénitas ou ptoses (Bensaude, Gueneaux, Constantin) a parte motriz do colon fatiga-se cada vez mais e a estase agrava-se, especialmente no segmento recto-sigmoideo.

Para êste resultado contribui o hiper-funcionamento ou hipo-funcionamento das glândulas endócrinas que, excitando predominantemente o simpático ou o vago, têm no equilíbrio abdominal um papel importantíssimo.

Concomitantemente o enfraquecimento da resistência da mucosa

e a produção de tóxicos pela acção das bactérias contidas nas fezes em estase, determinam auto-intoxicações e auto-infecções que podem determinar uma grande decadência orgânica, uma verdadeira caquexia, com tôdas as suas conseqüências nefastas para a túnica muscular.

No período presenil surgem novas causas de lesões intestinais: perturbação da circulação portal, determinada por obstrução da veia porta, por cirrose hepática ou por tumores hepáticos difusos com compressão do tronco ou das raizes internas da veia porta; lesões valvulares que se repercutem sôbre o coração direito e sobretudo a insuficiência tricuspida; diminuïção da fôrça motriz do coração por abaixamento da pressão arterial e redução do tonus vascular; colecções pericárdicas que comprimam a veia cava inferior; sinequias pleurais extensas, rigidês da caixa torácica, enfizema pulmonar que prejudicam a acção aspirante do torax; tôdas as causas que comprometam o abaixamento do diafragma. De tôdas elas resulta congestão passiva do intestino.

Estabelecida a estase sangüínea, dá-se um aumento de pressão nas veias e nos capilares, constrição reflexa das artérias, redução das trocas nutritivas e conseqüentemente lesão dos endotélios vasais e aumento de permeabilidade dos capilares, com acumulação de líquido nas lacunas tissulares ou hemorragia por diapedese.

O edema nunca falta também nas inflamações crónicas da mucosa. O líquido embebe especialmente a mucosa e a sub-mucosa, mas pode atingir a musculosa. Os feixes conjuntivos e as fibras elásticas incham, hialinisam-se e por fim sofrem o esfacelo granular. Por outro lado, se o edema se prolonga, dá-se a atrofia por compressão e ao mesmo tempo uma neo-formação activa de conectivo intersticial; as paredes dos capilares e das veias espessam-se e estes vasos dilatam-se.

Assim, durante tôda a vida do indivíduo, se acumulam no seu intestino grosso os resíduos de lesões próprias e de afecções gerais, cujo resultado final se traduz na velhice por uma esclerose mais ou menos avançada da sub-mucosa e por lesões da mucosa, a que não ligaremos importância de maior, atendendo à dificuldade de as apreciar por intercorrência de lesões cadavéricas.

Para esta noção da esclerose residual, baseada, como vemos, nos conhecimentos actuais da anatomia patológica do intestino, procuramos a sanção da observação directa e neste sentido estudamos o sigma cólico de velhos, em cortes seriados de blocos colhidos em um ou mais pontos.

Os cadáveres estudados foram em número de 24:

I. *Teodora P. N., de 60 anos. Autópsia n.º 41 do S. A. H. E.* — Sínfise pleural esquerda; sinequias apiculares à direita. Abcesso do vértice do pulmão direito. Miocardite crónica, com degenerescência gorda e hipertrofia concêntrica do coração. Baço cardíaco; peri-esplenite crónica, fibro-adesiva, parcial. Esteatose hepática; lesões de peri-hepatite crónica, adesiva. Pequeno fibroma intersticial da parede anterior do útero.

II. *Gertrudes S., de 60 anos. Autópsia n.º 44 do S. A. H. E.* — Fibroma da face interna da dura mater do polo occipital direito. Edema meníngeo. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral; hidrotorax esquerdo. Miocardite crónica; degenerescência gorda do miocárdio; hipertrofia excêntrica do coração. Peri-esplenite crónica, fibrosa. Congestão passiva do fígado. Esclerose grave da aorta com ectasia.

III. *Maria M. V., de 87 anos. Autópsia n.º 72 do S. A. H. E.* — Anasarca. Grande edema meníngeo; hidropisia dos ventrículos cerebrais. Pequena ascite. Duas pequenas úlceras gástricas. Fígado cianótico-gordo. Nefrite crónica, bilateral. Pequeno polipo pediculado do colo do útero. Hidrotorax bilateral. Hidropericardio. Hipertrofia excêntrica do coração; miocardite crónica; endocardite crónica, valvular, mitral. Edema do pulmão esquerdo. Tubérculos calcificados no pulmão direito.

IV. *José T., de 66 anos. Autópsia n.º 86 do S. A. H. E.* — Epiploïte crónica, fibrosa, adesiva. Nefrite crónica, atrófica, bilateral. Hidronefrose ligeira, esquerda. Hipertrofia trabecular e esclerose da bexiga. Adenoma da próstata. Vaginalite e periorquite crónica, hemorrágica, bilateral. Pleurite aguda, direita. Bronco-pneumonia direita; bronquiolite purulenta. Edema do pulmão esquerdo. Pericardite aguda, com pequeno derrame. Artério-esclerose grave, generalizada.

V. *Manoel P., de 74 anos. Autópsia n.º 102 do S. A. H. E.* — Caquexia. Carcinoma ulcerado do esófago, com estenose e invasão dos gânglios justa-carotidianos. Sinequias pleurais à direita. Enfisema agudo, pulmonar, bilateral; edema das bases pulmonares. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Atrofia esplénica. Esclerose renal e prostática.

VI. *Maria da C., de 60 anos. Autópsia n.º 112 do S. A. H. E.* — Caquexia. Escaras de decubito sagrada e gluteas. Cicatriz de amputação da mama esquerda com excisão total dos músculos peitorais. Metastases neoplásicas supra-claviculares esquerdas e axilares do mesmo lado. Grande edema do membro superior esquerdo. Hipoplasia esplénica. Gastrectasia e estenose pilórica. Grande quisto do polo inferior do rim esquerdo. Intensa congestão da mucosa vesical. Fibromiomas sub-seroso pediculado do fundo do útero e intersticiais da parede posterior. Sinequias pleurais bilaterais. Esclerose aórtica.

VII. *Maria J. C., de 74 anos. Autópsia n.º 115 do S. A. H. E.* — Edema dos membros inferiores e dos grandes lábios vulvares. Ascite. Hiperplasia aguda da polpa vermelha esplénica; peri-esplenite crónica, fibro-adesiva, parcial. Sufusões hemorrágicas extensas da mucosa gástrica. Congestão passiva do fígado. Nefrite crónica, atrófica, bilateral. Útero e ovários senis. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral. Hidrotorax bilateral. Atelectasia do pulmão esquerdo. Edema do pulmão direito. Pericardite fibrinosa. Miocardite crónica com degenerescência gorda. Endocardite crónica, valvular, aórtica e mitral. Esclerose grave da aorta.

VIII. *Felisberto A. da C., de 63 anos. Autópsia n.º 204 do S. A. H. E.* — Paquimeningite crónica, fibro-adesiva externa; lepto-meningite crónica, fibrosa. Esplenite crónica indurativa. Peri-colecistite crónica, adesiva. Congestão passiva do fígado. Nefrite crónica, bilateral. Hidrocelo esquerdo; paqui-vaginalite crónica, calcificante, direita. Sínfise pleural, bilateral. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Hipertrofia excêntrica do coração; miocardite crónica com degenerescência gorda. Endocardite crónica esclerosante, valvular, aórtica e mitral. Edema pulmonar, bilateral. Pequeno bócio parenquimatoso, simples. Artério-esclerose grave, generalizada.

IX. *Maria do C., de 65 anos. Autópsia n.º 227 do S. A. H. E.* — Grande foco de amolecimento na cápsula interna, centro oval e núcleo lenticular direitos. Ligeira esteatose hepática. Nefrite crónica, bilateral, pouco intensa. Endometrite crónica. Endocardite crónica, esclerosante, da valva direita da mitral. Sinequias pleurais bilaterais. Esclerose calcificante da aorta.

X. *Ifigénia da C. A., de 70 anos. Autópsia n.º 230 do S. A. H. E.* — Cisto-carcinoma do ovário esquerdo, com invasão da cavidade peritoneal e da cavidade pleural direita. Hidroperitoneu. Nefrite crónica, bilateral. Hidrotorax direito. Atelectasia do pulmão direito. Edema do pulmão esquerdo. Endocardite crónica, valvular, mitral, com apêrto orificial. Esclerose grave da aorta.

XI. *Candida M, de 70 anos. Autópsia n.º 244 do S. A. H. E.* — Edema da parede abdominal anterior e dos grandes lábios vulvares. Cirrose esplénica. Esteatose hepática. Nefrite crónica, bilateral. Fibromiomas sub-serosos do útero. Pleurite crónica, fibro-adesiva, parcial, bilateral; pleurite aguda, fibrinosa, direita. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Hipertrofia concêntrica do coração. Endocardite crónica, cordal da mitral, calcificante, das sigmoideias aórticas. Pneumonia lobar direita. Bronquite aguda purulenta. Aortite crónica calcificante.

XII. *Jose P. d'A., de 66 anos. Autópsia n.º 290 do S. A. H. E.* — Edema dos membros inferiores. Púrpura petequial. Hiperemia da mucosa gástrica. Fígado cianótico-gordo. Nefrite crónica, bilateral. Hipertrofia trabecular da bexiga. Hipertrofia adenomatosa da próstata. Ectopia do testículo direito. Sinequias pleurais à esquerda. Infartes pulmonares. Hipertrofia excêntrica do coração; degenerescência gorda do miocárdio; insuficiência aórtica por dilatação orificial. Aortite crónica, esclerosante, com ectasia da porção ascendente da crossa.

XIII. *Maria da C. G., de 69 anos. Autópsia n.º 295 do S. A. H. E.* — Anasarca. Ascite. Úlceras varicosas da perna direita e eczema varicoso da esquerda. Grandes aderências da vesícula biliar ao duodeno e ao pâncreas, formando um bloco maciço. Esclerose pancreática. Colelitiase. Hepatite intersticial crónica, cirrosa. Nefrite crónica, atrófica, bilateral. Obliteração do colo uterino com colecção pulenta. Sínfise pleural esquerda e sinequias à direita. Edema pulmonar bilateral. Atrofia castanha do miocárdio. Esclerose calcificante da aorta.

XIV. *Francisca da C, de 70 anos. Autópsia n.º 296 do S. A. H. E.* — Garra direita por anquilose do punho. Edema dos membros inferiores. Paquimeningite crónica, fibro-adesiva, externa. Congestão encefálica.

Peri-esplenite crónica. Cianose hepática. Estruma da supra-renal esquerda. Nefrite crónica, bilateral, com *poussée* aguda recente. Sinequias pleurais. Metrite crónica. Sobrecarga adiposa do coração. Esclerose calcificante das artérias coronárias. Grande hipertrofia concêntrica do coração, Ligeira endocardite crónica, valvular, aórtica. Edema pulmonar, bilateral. Artério-esclerose grave, generalizada.

XV. *Ana R., de 68 anos. Autópsia n.º 204 do S. A. H. E.* — Edema meningo-encefálico. Pequena hemorragia na sub-mucosa da pequena curvatura gástrica. Nefrite crónica, bilateral, microquística. Sinequias pleurais bilaterais. Atrofia castanha do miocárdio. Endocardite crónica, valvular, aórtica, ligeira. Ateromatose aórtica e dos vasos da base encefálica.

XVI. *Francisco P. A., de 62 anos. Autópsia n.º 329 do S. A. H. E.* — Edema dos membros inferiores e do escroto. Paquimeningite crónica, fibro-adesiva, externa, muito limitada. Esclerose das artérias da base do encéfalo. Ascite. Aderências peri-esplénicas totais e da face convexa do fígado. Hemorragia gástrica. Calcificação muito avançada da artéria pancreática. Hepatite intersticial crónica, cirrosa, com esteatose. Hidro-apêndice. Sínfise pleural direita; sinequias à esquerda. Enfisema pulmonar, bilateral. Bronquite crónica com ectasia; bronquiolite purulenta. Degenerescência gorda do miocárdio; hipertrofia concêntrica dos ventrículos; endocardite calcificante, valvular. Calcificação de alguns gânglios dos hilos pulmonares.

XVII. *Luísa T. dos S., de 73 anos. Autópsia n.º 357 do S. A. H. E.* — Caquexia. Edema dos membros inferiores. Pequena hemorragia na cápsula interna direita e foco de amolecimento no centro oval do mesmo lado. Edema meningo-encefálico. Esclerose das artérias da base do encéfalo. Hidro-peritoneu. Esclerose e atrofia esplénica. Atrofia hepática. Nefrite crónica, bilateral, com *poussée* aguda recente. Notável ectasia da aorta abdominal. Hidrotorax esquerdo; sínfise pleural direita. Edema do pulmão esquerdo; tuberculose cicatricial no vértice direito. Atrofia castanha do miocárdio; hipertrofia concêntrica do ventrículo esquerdo e excêntrica das auriculas; esclerose das coronárias. Artério-esclerose generalizada.

XVIII. *Manoel M., de 78 anos. Autópsia n.º 385 do S. A. H. E.* — Cicatriz de laparotomia na fossa ilíaca direita com eventração. Peri-tiflite e peri-esplenite crónicas, fibro-adesivas. Hidropisia da vesícula biliar. Pielo-nefrite bilateral, com atrofia renal e intensa perinefrite, mais grave à esquerda. Cistite crónica, purulenta, com notável hipertrofia trabecular. Hipertrofia adenomatosa da próstata. Apendicectomia antiga. Sinequias pleurais. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Artério-esclerose generalizada.

XIX. *Luís P. V., de 60 anos. Autópsia n.º 389 do S. A. H. E.* — Caquexia. Cicatriz de úlcera da pequena curvatura gástrica. Quistos corticais renais. Sinequias pleurais. Bronquite crónica purulenta. Nódulo de infiltração purulenta peri-brônquica no lobo superior do pulmão direito. Placas de endocardite crónica na face interna da valva direita da mitral. Artério-esclerose generalizada, mais grave na aorta e nas coronárias.

XX. *Leonardo L., de 66 anos. Autópsia n.º 393 do S. A. H. E.* — Caquexia.

Esclerose das artérias da base do encéfalo. Peritonite crónica, fibro-adesiva, parcial (sinequias dispersas); pequeno derrame purulento. Carcinoma cirroso do pâncreas. Metastases múltiplas no mesentério, na cápsula hepática e em pleno parenquima hepático muito pequenas. Rins vermelhos artério-esclerósticos, com pequenos quistos corticais. Metastases neoplásicas nos gânglios lombo-aórticos. Sínfise pleural direita; sinequias à esquerda. Esclerose das artérias coronárias. Epicardite crónica, fibrosa, parcial. Ligeira hipertrofia cardíaca. Artério-esclerose generalizada. Exostoses dos corpos vertebrais.

XXI. *Paulo d'A., de 64 anos. Autópsia n.º 395 do S. A. H. E.* — Caquexia. Enorme *ulcus rodens* da metade direita da face, com destruïção do globo ocular, das paredes inferior e externa da órbita, de tôda a parte anterior do maxilar superior, da metade direita do nariz e da metade direita do lábio superior. Grande hidropisia da vesícula biliar. Hipoplasia das suprarenais. Ligeira nefrite crónica, bilateral. Cistite crónica, com pequenas hemorragias da mucosa. Sinequias pleurais. Pequenos focos congestivos no pulmão direito. Sinequias pericárdicas. Esclerose aórtica.

XXII. *Domingos da S., de 77 anos. Autópsia n.º 397 do S. A. H. E.* — Esclerose das artérias da base do encéfalo. Epiploïte crónica, fibro-adesiva, parcial. Nódulos calcáreos na cápsula hepática e na face anterior do rim esquerdo. Quisto volumoso no polo inferior do rim direito. Nefrite sub-aguda, bilateral. Esclerose calcificante da aorta abdominal e das ilíacas primitivas. Sínfise pleural direita; sinequias à esquerda. Bronquite crónica. Edema pulmonar, bilateral. Endocardite crónica, valvular, aórtica. Esclerose calcificante da aorta.

XXIII. *José H. da C., de 75 anos. Autópsia n.º 406 do S. A. H. E.* — Pleurite aguda, bilateral. Endocardite crónica, valvular, aórtica e parietal do espaço mitro-aórtico. Resíduos de hepatização cinzenta do lobo pulmonar inferior esquerdo; carneïficação da maior parte do lobo superior direito e enfisema do inferior. Bronquite crónica. Atrofia senil do baço. Úlcera crónica duodenal, justa-pilórica. Rins vermelhos artério-esclerósticos. Hipertrofia adenomatosa da próstata. Artério-esclerose grave, com úlceras ateromatosas na aorta e nos grossos vasos arteriais.

XXIV. *Gertrudes M., de 79 anos. Autópsia n.º 422 do S. A. H. E.* — Anasarca. Hidro-peritoneu. Gastrite crónica, ulcerosa. Fígado cianótico-gordo, com grande predomínio da cianose. Nefrite crónica, atrófica, bilateral. Esclerose senil, útero-ovárica; polipo mucoso do corpo do útero. Pleurite bilateral com derrame. Hipertrofia excêntrica do coração; endocardite crónica, esclerosante, valvular, aórtica, mitral, com apêrto orificial e insuficiência valvular, tricuspida igualmente com apêrto orificial e insuficiência valvular; degenerescência gorda do miocárdio. Infartes pulmonares. Ateromatose aórtica.

Esta série abrange caquéticos e indivíduos com lesões que são consideradas eficientes na patogenia da diverticulose. Em nenhum dêstes casos a mucosa do intestino grosso apresentava aquela côr ardosiada, conseqüência de velhos estados hiperémicos, inflamatórios e hemorrágicos, de que são inculpáveis afecções verminosas pre-

gressas, nem quaisquer lesões reconhecíveis macroscòpicamente. Em todos, com excepção de dois, o sigma cólico estava quási vasio e a parede era espessa.

O aspecto histológico das lesões é bastante uniforme: a túnica muscular é mais ou menos atrofiada, segundo os casos; a esclerose em graus diversos, é uma lesão constante, atingindo exclusivamente a sub-mucosa, ou invadindo a *muscularis mucosae* e a mucosa, ou estendendo-se pelos interstícios da musculosa, com lesões vasculares de intensidade variável.

Seria interessante averiguar se nos caquéticos existem lesões comparáveis a estas. Sob êsse ponto de vista a nossa observação é fragmentária e decorre do exame de casos dispersos, não seriados na observação nem nos cortes, em que notamos no S ilíaco edema da sub-mucosa, mesmo na ausência de outras infiltrações edematosas reconhecíveis macroscòpicamente no cadáver, infiltrações nodulares, parvicelulares, imediatamente contíguas à *muscularis mucosae*, ou esclerose mais ou menos avançada, nunca invasora da musculosa e com ausência de lesões vasculares, facto capital distintivo das lesões senis.

Por outro lado, em todos os casos de diverticulose que estudámos microscòpicamente, havia lesões mínimas da sub-mucosa, consistindo em ligeiríssima infiltração parvicelular. De resto, em todos os autores que fazem a descrição de divertículos não complicados por processos flegmásicos, se encontra a menção de uma inflamação ligeira peri-diverticular, a que não deve ser estranha a infecção proveniente do conteüdo. Bensaüde, Cain e Hillemand consideram-os como fenómenos adicionados e dizem que existem em grau variável ou sob a forma de nódulos inflamatórios de pequeno volume ou como infiltração embaïnhante do divertículo e testemunhando uma infecção atenuada consecutiva a estase fecal.

A nossa observação leva a crer que entre as lesões de esclerose e a ausência de divertículos e entre a existência dêstes e a falta de esclerose há uma estreita relação, isto é, que a esclerose tenha um importante papel na patogenia da diverticulose.

Nos nossos cortes de S ilíaco de velhos, é muito freqüente encontrar uma botoeira da *muscularis mucosae*, através da qual sai a mucosa, formando hérnia microscópica da mucosa na sub-mucosa. As glândulas dilatam-se por constrição da *muscularis*, no seu interior acumulam-se detritos celulares e muco e por fim desagregam-se. É a forma mais simples do divertículo; é um divertículo incipiente que não progride porque à sua volta o tecido de esclerose se densifica defendendo a sub-mucosa.

No sigma cólico a esclerose pode equilibrar a deficiência da ca-

mada muscular, lutar contra a pressão interna, contrariando a acção diverticulígena da atonia muscular associada à pressão intra-intestinal. Assim, *serão portadores de divertículos aqueles velhos e aqueles caquéticos em que exista atonia muscular e lesões ligeiras ou nulas da sub-mucosa, com excesso de pressão intra-intestinal.*

As ideas, que expuzemos, explicam a coïncidência dos divertículos com os canais vasculares da túnica musculosa.

Estes canais são oblíquos e à volta dos vasos existe um envólucro de tecido conjuntivo. Nas condições normais estes canais são de reduzido calibre, em virtude da tonicidade muscular e a sua oclusão, nos momentos em que a pressão aumenta, é perfeita em resultado da contracção muscular, que com ela coïncide. Desde que haja atonia muscular alargam-se e ficam sendo os únicos pontos da parede por onde pode herniar-se a mucosa, se o processo de esclerose lhe permite a elasticidade necessária e se êle se não estendeu ao próprio tecido conjuntivo peri-vascular.

Embora haja canais vasculares contíguos, a mucosa não se hernía por todos êles, pois que a distensibilidade da túnica interna não pode ultrapassar um certo limite. A propósito se aplicará aqui a imagem de Helvestine: um balão apertado entre os dedos não se salienta por igual entre êles, pois que, para se salientar muito num intervalo, no contíguo ou não faz saliência ou o relêvo é insignificante.

Se a pressão intra-intestinal actua lentamente de modo a permitir que o canal vascular se torne perpendicular à superfície, no fundo do divertículo haverá tecido muscular apenas durante um período muito curto da sua evolução; se a pressão actua mais ràpidamente o divertículo impele diante de si a camada muscular externa ou esta e uma parte da camada interna e durante mais tempo no fundo se encontram feixes musculares lisos.

Em indivíduos em que exista estase venosa intestinal, qualquer esfôrço aumenta a tensão venosa e determina dilatação das veias que atravessam a musculosa; quando o vaso, pela tonicidade das suas paredes readquire o calibre primitivo, ficará à sua volta um tecido laxo, pouco resistente, que facilita a hérnia da mucosa. Se no indivíduo a congestão passiva intestinal se dá por crises, a cada crise sucede uma dilatação do canal vascular, à custa do tecido conjuntivo ou dos hiatos linfáticos (Telling).

A-pesar-de tudo, a teoria venosa que na patogenia da diverticulose se deve a Graser, não é aceitável porque a estase não é por si só suficiente para explicar a formação dos divertículos. As próprias alternativas do calibre venoso determinam muitas vezes do lado do

tecido conjuntivo circunjacente uma tendência para a esclerose, que impede a passagem da mucosa, mesmo nos casos em que não exista esclerose acentuada da sub-mucosa por outras causas. O próprio autor diz que só pôde verificar a estase em 28 casos de diverticulose, estudando-a através da literatura própria. Hansemann e Sudsuki em 12 indivíduos indemnes de congestões passivas repetidas, encontraram 9 portadores de divertículos. Hartwell e Cecil em 19 casos só encontraram 1 em que a influência da estase fôsse evidente. Drummond, analizando a questão, afirma que a congestão venosa crónica não é de primeira importância.

Nos casos de cirrose com ascite não há formação de divertículos, porque aqui à esclerose da sub-mucosa adiciona-se a esclerose da sub-serosa, com extensão aos canais vasculares e muitas vezes à muscular.

Nos obesos a hiperplasia do tecido adiposo, que leva à formação de enormes franjas epiploicas invade o tecido conjuntivo dos canais vasculares. Se por qualquer causa se dá uma reabsorpção da gordura, o tecido laxo enche mal o canal vascular e a resistência diminui, facilitando a hérnia da mucosa (Sudsuki). Esta acção é admissível como adjuvante, devendo, porém, notar-se que os obesos são em geral atónicos intestinais e é a esta atonia que se deve atribuïr o principal papel.

A doutrina patogénica que decorre das nossas observações explica ainda a maior freqüência dos divertículos no homem. Na mulher a esclerose é mais freqüente; as afecções pélvicas têm acção sôbre o S ilíaco por propagação directa ou por via linfática, donde resulta a existência de lesões inflamatórias mais extensas, agravadas ainda pela obstipação resultante de compressão por neoplasias de vizinhança e pelo útero grávido, de modo que, se pela atonia muscular a mulher se encontra em melhores condições diverticulígenas, a esclerose defende-a em muito mais larga escala.

As considerações que fizemos dizem particularmente respeito ao S ilíaco, mas podem aplicar-se a todo o intestino grosso. Em qualquer dos seus segmentos se dá na velhice a atonia muscular, quer na porção ceco-cólica, quer na colo-sigmoideia, mas acentuada nesta última.

A esclerose senil, diz-nos a anatomia patológica, existe em todo o intestino grosso, mais grave no S ilíaco.

A êste propósito pode surgir uma objecção:

Se a esclerose tem uma acção que contraria a formação dos divertículos, se as lesões escleróticas são máximas no sigma cólico, é

aqui que devem ser menos numerosos os divertículos, o que está em oposição com a observação cadavérica e clínica.

A esclerose não entra em jôgo isoladamente; a sua acção depende do valor da pressão. A não ser em casos excepcionais — como tal se pode citar o caso de Léri, de amiotrofia do tipo Aran-Duchenne por meningo-mielite, verosimilmente sifilítica, em que, por atrofia de tôda a musculatura intestinal, em tôda a extensão do intestino havia divertículos — a atonia não apresenta a mesma intensidade em todos os segmentos do intestino grosso e tudo leva a crer que seja máxima, e até em muitos casos exista só na porção motriz do cólon, e mesmo neste é muito provável que existam zonas mais hipotónicas, de localização variada segundo os casos.

A persistência do tonus muscular ou a sua menor redução é já um facto que garante a menor freqüência dos divertículos nos segmentos superiores do intestino grosso sem intervenção de qualquer outra causa.

A pressão intra-intestinal é incontestàvelmente máxima no S ilíaco e pode ser tal que o aumento de resistência determinado pela esclerose seja insuficiente para evitar a hérnia da mucosa e da sub-mucosa. Nos segmentos superiores do cólon, como a pressão é menor, mesmo que houvesse igualdade de atonicidade muscular, ligeiro grau de esclerose seria suficiente para exercer uma acção directamente oposta à pressão que tendia a provocar a formação do divertículo.

Portanto é na existência de uma pressão máxima no sigma cólico átono que assenta a freqüência máxima dos divertículos neste segmento do intestino grosso.

Esta doutrina explica a formação da maior parte dos divertículos do intestino grosso. Há nele, porém, divertículos em que a intervenção de uma tracção é incontestável. Tais são aqueles, cujo fundo está unido por aderências antigas, fibrosas, retraïdas a uma neoplasia (Mauwerk) ou ao mesentério (Birsch-Hirschfeld). Nestes casos na parede do divertículo existem tôdas as túnicas intestinais e nunca estas formações estão situadas na espessura do meso ou das franjas epiploicas.

Estes casos não se podem confundir com aqueles que estão envolvidos por aderências conseqüentes a um processo de peri-diverticulite, resultante de propagação de lesões flegmásicas da própria parede diverticular.

Os casos em que a tracção é indiscutível são tão raros que não podem formar base suficiente para assentar uma teoria patogénica, como pretendeu Klebs. Sudsuki, rebuscando na literatura casos com

aderências e casos sem aderências, encontrou sensìvelmente o mesmo número de divertículos. Mesmo que de bom grado se conceda valor à tracção exercida pelos apêndices epiploicos sôbre os pontos da mucosa que lhes correspondem, como há quem pretenda, a importância da tracção é reduzida a um pequeníssimo número de casos de diverticulose.

É relativamente freqüente encontrar nos cortes do S ilíaco de velhos glândulas de Lieberkühn que, ultrapassando a *muscularis mucosae*, ocupam a parte mais interna da sub-mucosa, onde se bifurcam algumas vezes. Estas glândulas dilatam-se; no seu interior acumulam-se elementos leucocitários e muco, formando pequenas cavidades cuja parede é revestida pelo epitélio glandular que se achata extremamente e toma o aspecto de um epitélio de revestimento. Nunca verificámos que a rotura dêste abcesso microscópico desse lugar a uma penetração da mucosa de modo a constituïr um divertículo incipiente. Assim, êste facto não pode ser citado em apoio da teoria glandular de Zielgen, que atribui tôda a patogenia diverticular a uma invasão progressiva e lenta das glândulas de Lieberkühn pelas matérias fecais.

Tratando da patogenia dos divertículos do intestino grosso não podemos deixar de fazer algumas considerações sôbre a teoria congénita.

Sudsuki e Schreiber, para explicar o enfraquecimento parietal, admitem uma aplasia congénita da túnica musculosa. Telling e Gruner admitem também uma predisposição congénita. Com a classificação de congénitos, Sangalli observou um no cólon ascendente, Heuermann e Greding outro no cólon transverso, Crosti um divertículo do cego incluïdo num saco herniário, Sangalli e Terrier dois no recto.

No cego Georgieff observou um longo apêndice, por êle considerado fetal ou embrionário, com a forma de um funil comprido, onde as fibras musculares se estendiam a todo o comprimento. Kausch refere-se a um caso de divertículo do cólon observado por Fütterer e Middeldorff num doente de 14 anos. V. Mikulicz operou uma mulher de 26 anos, cujo cólon ascendente tinha um tumor com o volume superior ao de um punho, formado de dois divertículos contíguos.

A Latarget e Murard parece lógico admitir para a maior parte dos divertículos uma origem congénita, que causas mecânicas ou inflamatórias poderiam pôr em evidência. Hale White, Lafite-Dupont consideram possível que haja uma predisposição congénita para a produção de divertículos. Eichhorn admite uma predisposição especial por constituïção anómala da parede intestinal.

Não repugna admitir uma anomalia congénita da parede intestinal que estabeleça um *locus minoris resistentiae* que se denuncie só quando sobrevêm causas suficientes de pressão. Os casos, porém, são muito raros.

Muitos daqueles classificados de congénitos devem ser postos sob reserva, porque tal designação é dada partindo do princípio que todos os divertículos que têm na sua parede tôdas as túnicas intestinais são congénitos. Eliminados estes, alguns ficam ainda; tal é o de Georgieff e tal o divertículo do cólon ascendente do nosso caso LXXVI.

¿A patogenia que estabelecemos para os divertículos do intestino grosso será aplicável aos divertículos do intestino delgado, exceptuados os de Meckel?

Vimos já que são muito raros os casos dêstes divertículos, situados, ou no bordo côncavo e desenvolvendo-se entre os folhetos mesentéricos, ou no convexo, estes ainda mais raros do que os primeiros.

A sua patogenia tem sido muito discutida e degladiam-se os partidários da natureza adquirida e os que sustentam uma origem congénita. Os primeiros atribuem-lhes geralmente uma patogenia idêntica aos do intestino grosso, admitindo uma fraqueza da parede intestinal, maior ao nível da inserção mesentérica, por maior delicadeza das fibras musculares ou pela falta de serosa, que reduziria a resistência. Para outros o excesso de pressão dá lugar a uma fenda que, alargando-se, deixa herniar a mucosa, e persistindo determina a formação do corpo do divertículo em ôdre. Sangalli considera-os como a conseqüência de uma distensão gradual das túnicas intestinais.

Alguns autores, admitindo divertículos congénitos, consideram mais freqüentes os falsos por rotura da camada muscular. Em oposição, Aschoff afirma que existem divertículos perietais intra-mesentéricos, determinados por anomalias embrionárias ou anormal amplitude congénita dos orifícios vasculares. É notável o caso de Caraven em que, ao longo do intestino delgado e mais acentuadamente na porção inicial do jejuno havia no bordo mesentérico uma série de dilatações empolares, ao vértice de cada uma das quais correspondia uma artéria.

Eichborn admite uma disposição congénita, consistindo numa disposição anormal das fibras musculares ou anomalia congénita que só se revele na idade adulta.

Alguns autores (ex. P. Duval) aproximam-os dos quistos justa-intestinais de Terrier e Lecène, considerados como divertículos congénitos, separados secundàriamente da continuïdade intestinal.

Há casos, aliás excepcionais, de atrofia de tôda a musculatura lisa abdominal em que os divertículos se encontram em tôda a extensão do intestino. Habitualmente, porém, as condições do intestino delgado são muito diferentes das do intestino grosso, não só sob o ponto de vista da disposição das camadas musculares, mas considerando a pressão e a freqüência e extensão da esclerose. Aqui as lesões tendem a ser parcelares e não contínuas. A freqüência dos folículos e a facilidade com que se infectam, estabelecem tendência para a formação de pequenos abcessos intramurais que podem crear pontos de menor resistência parietal. Todavia dois factos valorizam a possibilidade da existência em grande número dos divertículos de origem congénita: a formação das pérolas epiteliais, a existência de pâncreas acessórios.

As pérolas epiteliais, embaraçando a formação da camada muscular, criam pontos de menor resistência, por onde, com pequeno aumento de pressão, se não existe esclerose defensiva, a mucosa se herniará. Estas pérolas estão em regra situadas em oposição com o mesentério; é, portanto, para os divertículos do bordo livre que esta patogenia é aceitável.

É conhecida a grande freqüência dos pâncreas acessórios. Opie em 1800 autópsias viu 10 casos, Letulle encontrou-os em 3 % das suas observações cadavéricas, Mouchet constatou 5 em 200 necrópsias e Kremer 6 em 467. É de crer que a pesquiza sistemática, auxiliada pelo estudo microscópico, dê numeros mais elevados. Facto inteiramente a aproximar da posição habitual dos divertículos, de que tratamos, os pâncreas acessórios ficam geralmente situados no tubo intestinal entre o piloro e a zona de Meckel. Rotter, analizando 63 casos, encontrou 25 no jejuno e apenas 10 no íleon.

Estes pâncreas resultam da formação anormal de evaginações da parede intestinal, cujo epitélio segue a diferenciação pancreática. Mas, feita a evaginação, pode deter-se esta evolução, resultando daí a formação de um ponto fraco, ou um divertículo microscópico, que com a idade se dilata por propulsão. Esta explicação é aplicável a todos os divertículos jejuno-ileais qualquer que seja a sua posição.

Vemos, portanto, que as condições congénitas anómalas podem ser múltiplas, depondo a favor da hipótese que um grande número de casos de diverticulose do jejuno seja conseqüente a anomalias congénitas.

Conclusões

Pesquizando no tubo digestivo de 2024 cadáveres a existência de cavidades eventuais e secundárias, fechadas em fundo de saco e em

comunicação com a cavidade principal, excluïdas quaisquer complicações, e em cuja parede se encontrassem tôdas ou parte das túnicas do segmento em que se abrem, cavidades a que chamamos *divertículos*, encontramo-las 54 vezes, não tomando em consideração as observadas no apêndice cecal. Notando que em um dos casos havia divertículos de dois segmentos diferentes, a pesquiza foi positiva em 2,5 % dos indivíduos, em 3 % dos homens e em 1,9 % das mulheres.

Dos casos observados 3,7 % pertencem à faringe, 7,4 % ao esófago, 3,7 % ao estômago, 11,1 % ao duodeno, 62,9 % ao jejuno-íleon, 11,1 % ao intestino grosso. No intestino delgado predominam os divertículos de Meckel (57,4 %).

No estudo dêstes casos de observação pessoal e naqueles que coligimos para êste nosso trabalho, uns e outros interpretados e discutidos com o auxílio de noções adquiridas e de factos que constam da bibliografia que compulsamos, podemos basear as seguintes conclusões, entre outras de secundária importância:

1.ª Em tôda a extensão do tubo digestivo há divertículos formados durante a vida embrionária por paragem de desenvolvimento ou por processo mórbido perturbador da evolução normal *(divertículos congénitos)* e divertículos formados depois do nascimento *(divertículos adquiridos)*.

2.ª No grupo dos divertículos adquiridos deve ser reservado um lugar importante àqueles em cujo desenvolvimento disposições anatómicas congénitas têm papel de primacial importância.

3.ª Quer nos divertículos congénitos, quer nos adquiridos, a propulsão actua aumentando a sua capacidade, acção que é mais acentuada nos segundos do que nos primeiros.

4.ª Nos divertículos adquiridos por processo mórbido o mecanismo de tracção é susceptível, na maior parte dos casos, de fundamentada contestação; deve-se atribuïr o papel principal à lesão parietal, tendo como causa adjuvante a propulsão.

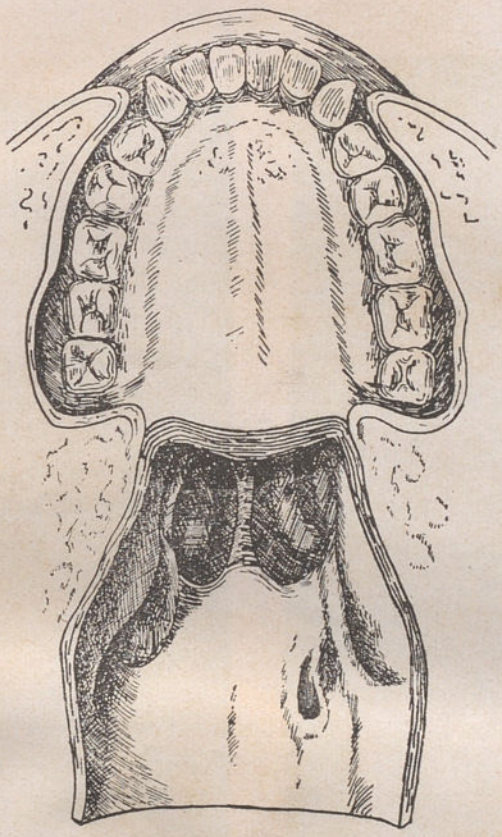
5.ª Há três zonas de predilecção dos divertículos congénitos: a faringe, o duodeno, a última porção do íleon.

6.ª Há divertículos epi-brônquicos e epi-frénicos que não são tuberculosos.

7.ª Os divertículos congénitos do estômago devem ser mais freqüentes do que seria de presumir pelo que refere a literatura.

8.ª Os divertículos da primeira porção do duodeno são relativamente freqüentes e em muitos casos no segmento duodenal há mais de um divertículo.

9.ª A nossa observação apoia a afirmativa de que a grande maioria dos divertículos do duodeno é congénita.



DES. DE G. BRITES.



Fig. 1

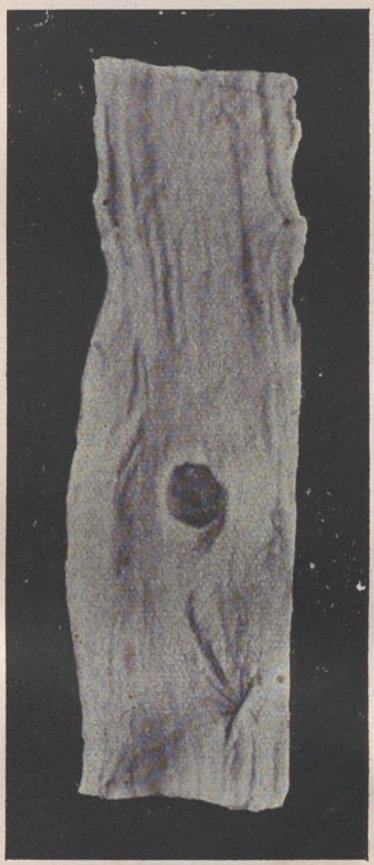


Fig. 2

Cliché de R. Abreu.



Fig. 1



Fig. 2

Cliché de R. Abreu.

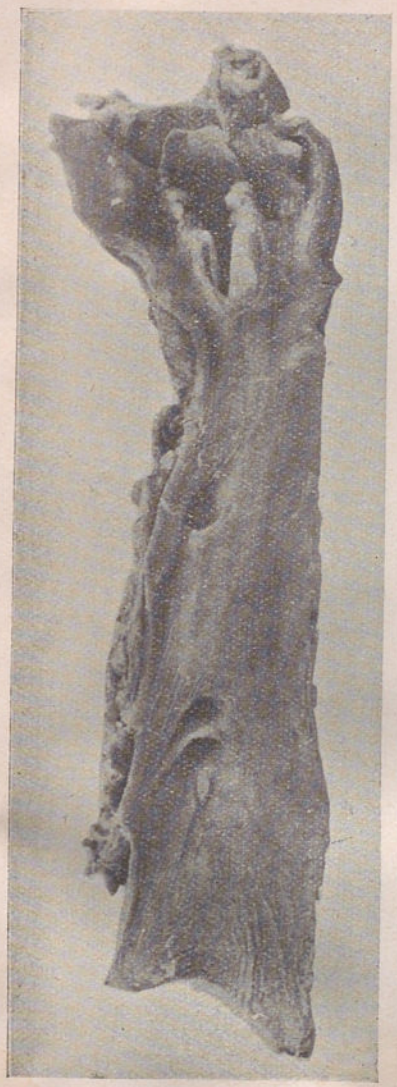


Fig. 1

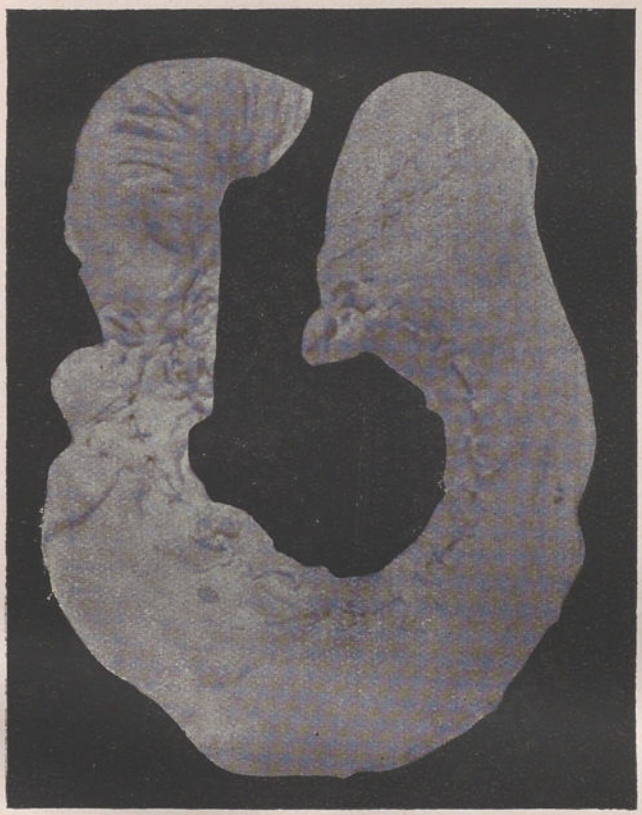


Fig. 2

Cliché de V. Guerreiro



Cliché de V. Guerreiro



Cliché de G. Brites.



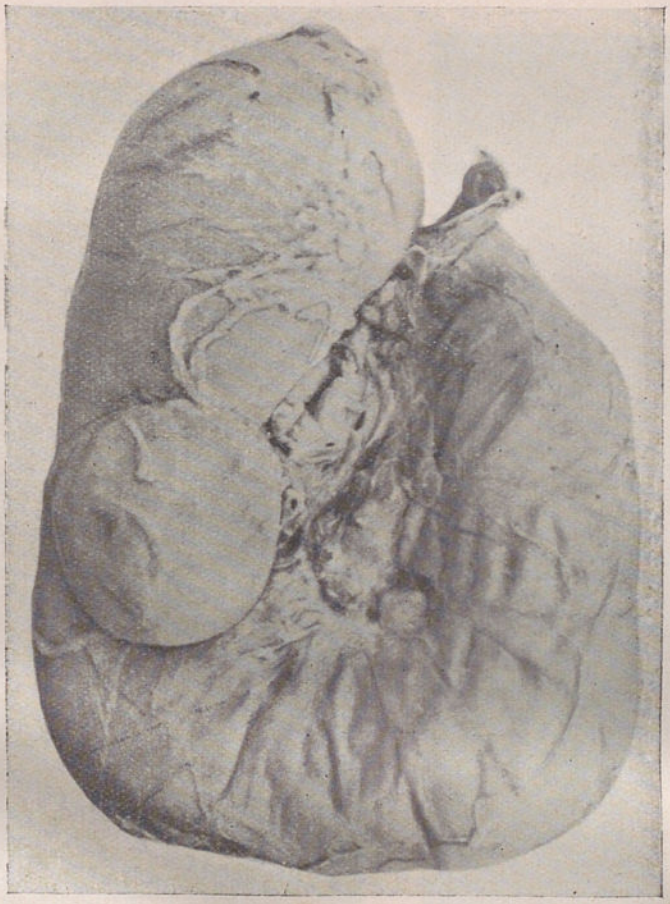
Cliché de V. Guerreiro.



Cliché de G. Brites.



Cliché de R. Abreu.



Cliché de V. Guerreiro

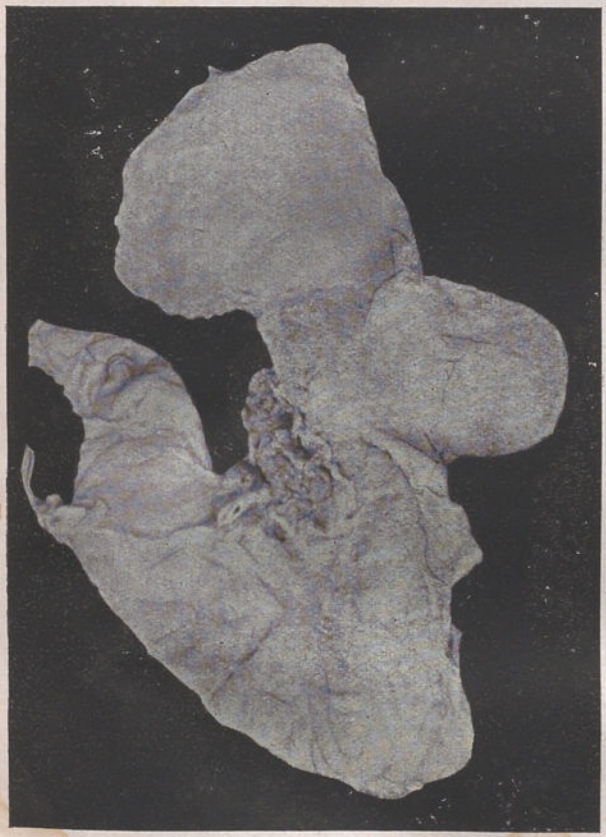


Fig. 1



Fig. 2

Clichés de G. Brites.

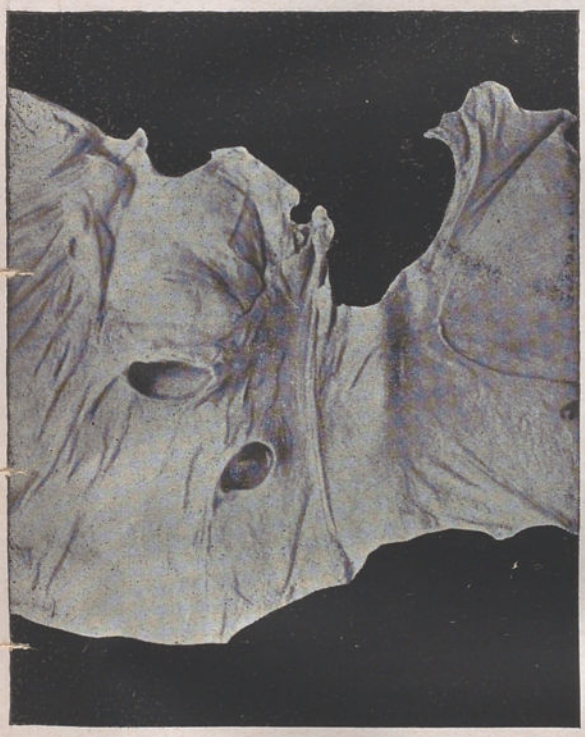


Fig. 1

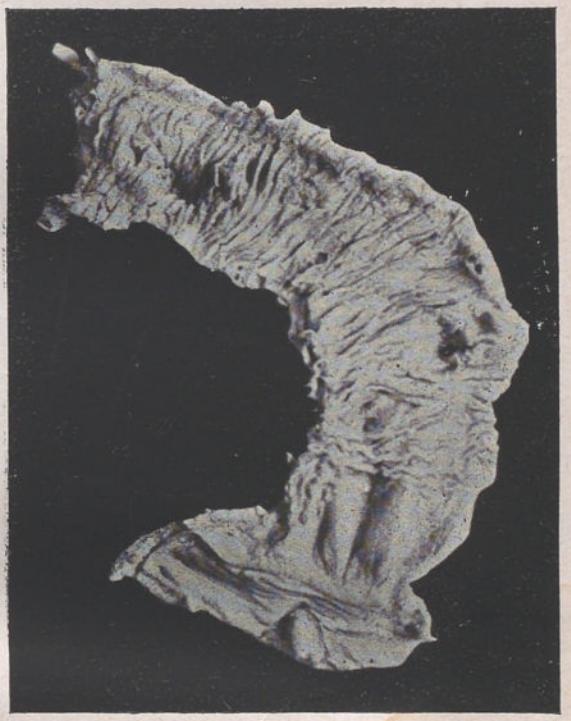


Fig. 2

CLICHÉS DE R. ABREU.



Cliché de R. Abreu.



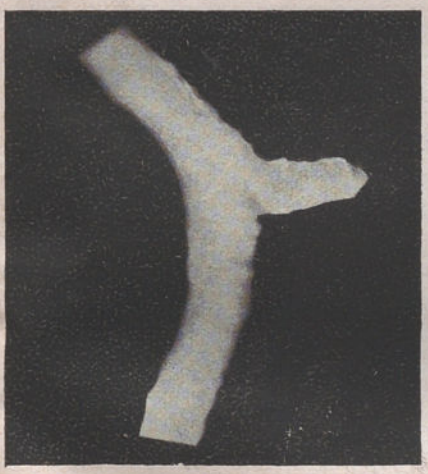
Cliché de G. Brites.



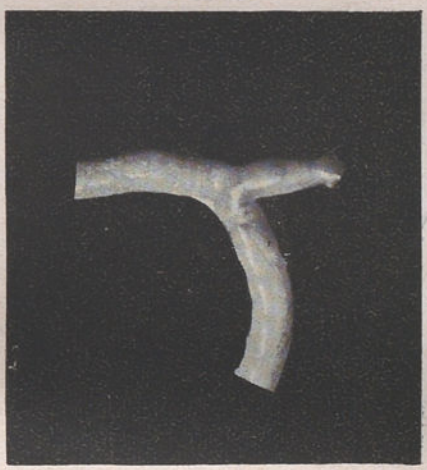
1



2



3



4

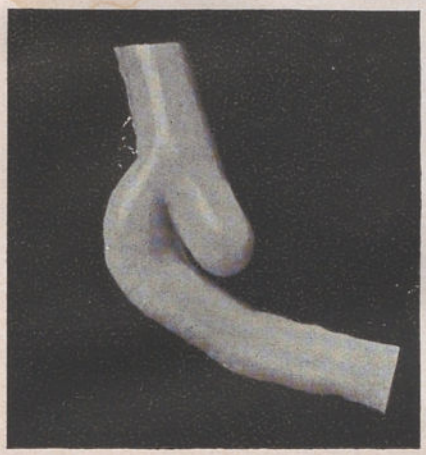


5



6

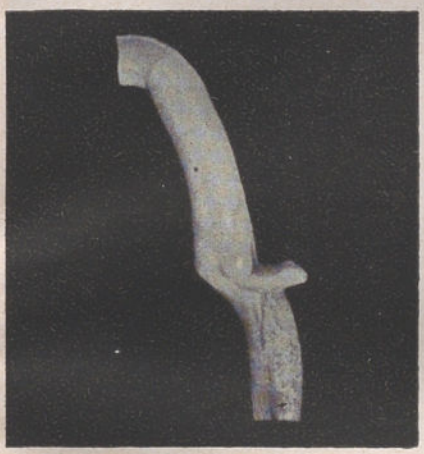
Clichés de G. Branco.



1



2



3



4

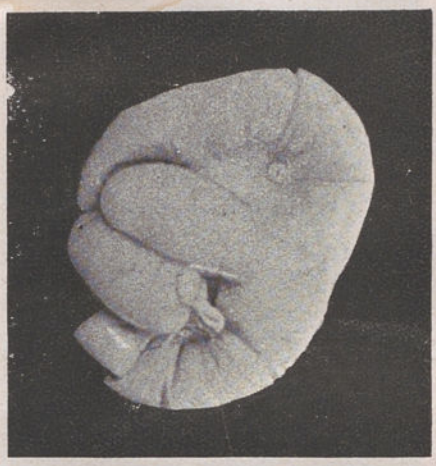


5



6

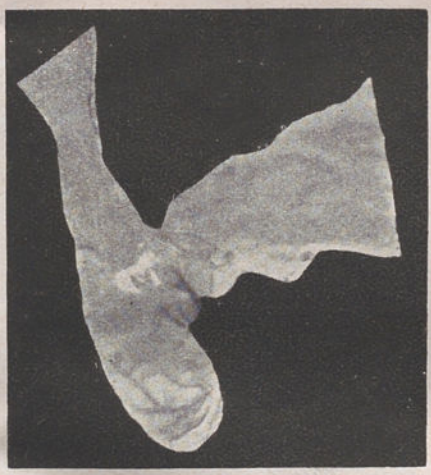
Clichés de G. Branco.



1



2



3



4



5



6

Clichés de G. Branco



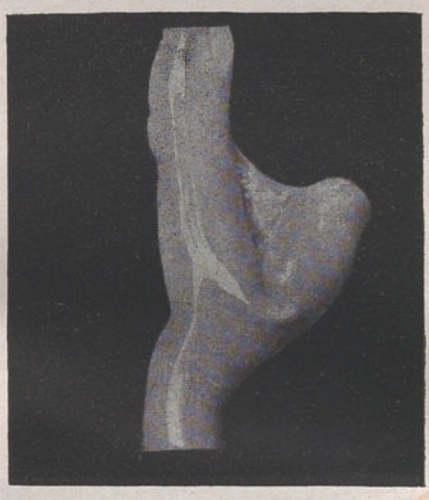
1



2



3



4



5



6

Clichés de G. Branco.



1



2



3



4



5



6

Clichés de G. Branco e de V. Guerreiro.



1



2



3



4



5



6

Clichés de G. Branco.



1



2



3



4



5



6

Clichés de G. Branco.



1



2

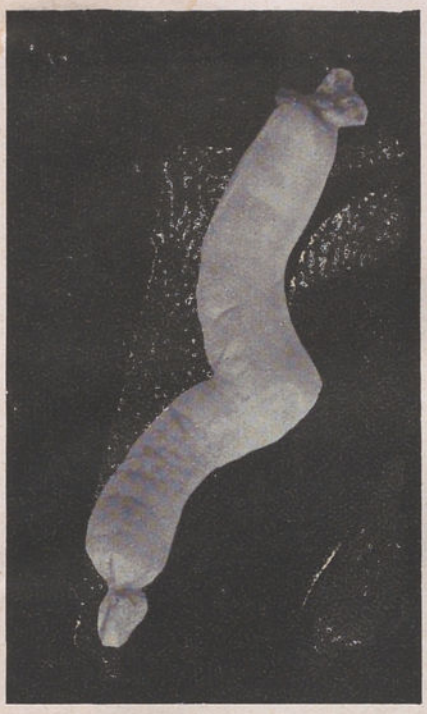


3

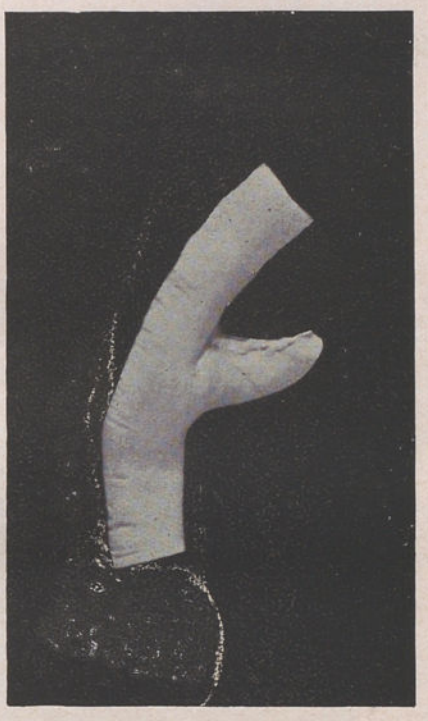


4

Clichés de G. Branco e V. Guerreiro.



1



2



3

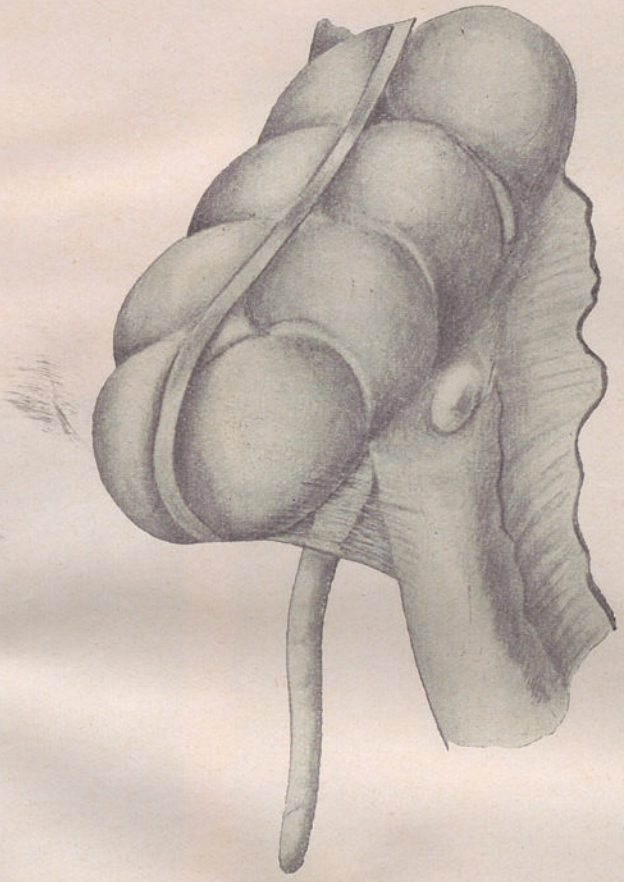


4

Clichés de G. Branco e V. Guerreiro.



Oc. 4. Obj. 3. Comp. tubo 195mm, Reichert.
Des. de G. Brites.



Des. semi-esquemático de G. Brites.



Fig. 1

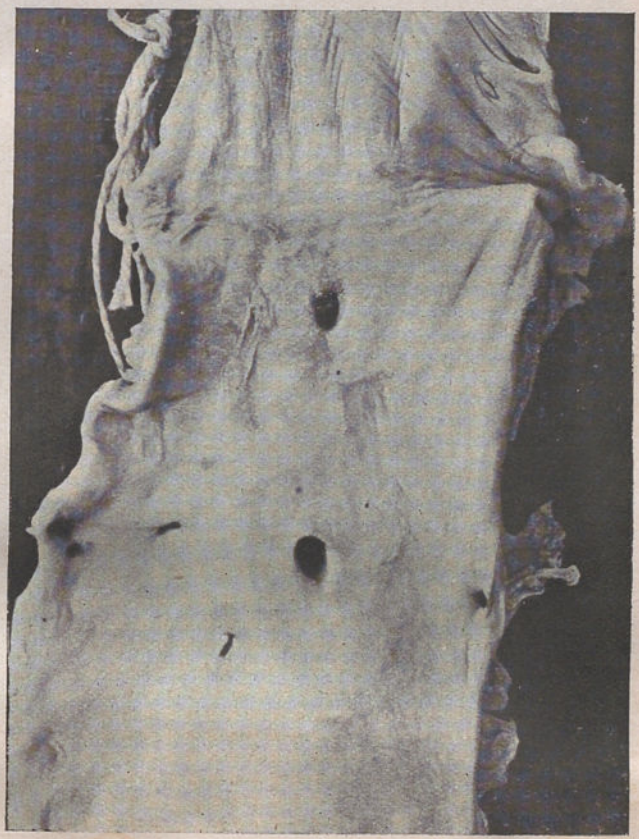


Fig. 2

Clichés de G. Brites e de R. Abreu

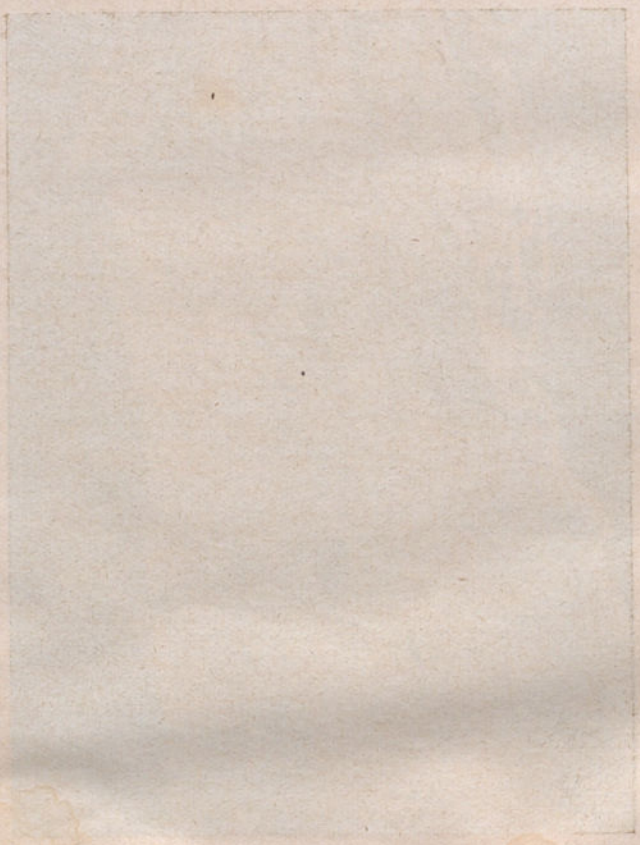




Fig. 1



Fig. 2

Clichés de R. Abreu.



Clichés de V. Guerreiro.

10.ª O divertículo de Meckel é o mais freqüente de todos os divertículos do tubo digestivo (1,5 % dos indivíduos observados).

11.ª A implantação lateral do divertículo de Meckel é a mais freqüente.

12.ª A implantação dos divertículos de Meckel apresenta-se sob ângulos muito diversos.

13.ª Os divertículos de Meckel cilíndricos e curtos são os mais freqüentes.

14.ª Na maior parte dos casos o perímetro médio do divertículo de Meckel é inferior ao da ansa intestinal.

15.ª Deve considerar-se *zona de Meckel* o segmento correspondente aos últimos 3^{m} do íleon.

16.ª Na zona de Meckel há divertículos adquiridos.

17.ª Na classificação dos divertículos da zona de Meckel deve atender-se à diferença de calibre da ansa intestinal para cima e para baixo do ponto de implantação e à dobradura da ansa a êste nível; há sempre um e muitas vezes ambos estes caracteres.

18.ª A comunicação da cavidade do divertículo de Meckel com o lúmen intestinal é em regra ampla e não prejudicada pela existência de prega semi-lunar, em geral de exíguas dimensões.

19.ª No mesmo indivíduo pode existir um divertículo de Meckel e outras anomalias congénitas.

20.ª A maior parte dos divertículos do intestino grosso são adquiridos.

21.ª Os divertículos do intestino grosso são múltiplos.

22.ª A diverticulose do intestino grosso e do jejuno é apanágio dos indivíduos velhos e dos caquéticos de qualquer idade.

23.ª Nos velhos e nos caquéticos de qualquer idade a diverticulose do intestino grosso é pouco freqüente e a do jejuno é rara.

24.ª Nos casos de diverticulose do intestino grosso os divertículos estão habitualmente situados na ansa sigmoideia.

25.ª Os divertículos formam-se no intestino grosso dos velhos e dos caquéticos em que haja atonia muscular e excesso de pressão intra-intestinal e em que não exista esclerose da sub-mucosa que reforce a resistência da parede.

Dezembro de 1923.

Bibliografia

ALBRECHT — Ueber die morphologische Bedeutung der Pharynxdivertikel. Berl. Klin. Wochensch., 1885.

ANDERSON — The morphology of the tongue and pharynx. Journ. of Anat. and Phys., t. XV, 1881.

ANTONELLI, I. — Chirurgia dei diverticoli intestinali. Venezia, 1905.

ASCHOFF, L. — Pathologische Anatomie. 3 Aufl. Jena, 1913.

ATTERBURY, R. R. — Bursa and tonsilla pharyngea; a note on the relations in the embryo calf. Anat. Rec. XVI, 1919, 251.

AUGIER — Contribution à l'étude du diverticule de l'iléon ou diverticule de Meckel. Th. Paris, 1888.

BALDWIN, W. M. — Duodenal diverticula. *In* MAN. Anat. Rec. V, 1911, 121.

BAUER, T. — Ueber das Duodenaldivertikel. Wien. Klin. Wochens. XXV, 1912, 879.

BÉRARD, L. et DELORE, H. — De l'occlusion intestinale par le diverticule de Meckel. Rev. de Chirurgie, XIX, 1899, 587.

v. BERGMANN — Ueber der Oesophagusdivertikel und seine Behandlung. Arch. für Klin. Chir. I, 1892, XLIII, 1.

BIRMINGHAM, A. — The digestive system. *In* Text-Book of Anatomy, *ed.* by Cunningham, 1909, 993.

BLACK, W. T. — Congenital diverticula of the intestines. Surg. Gyn. and Obst., XXVIII, 1919, 473.

BLANC — Contribution à la pathologie du diverticule de Meckel. Th. Paris, 1898-1899.

BLOCK — Ueber Bursa pharyngea, Berl. Klin. Wochens. 1888.

BOLDT — Ueber Darmeinklemmung durch das Diverticulum Meckelii. Diss. Marburg, 1891. *In* Bérard et Delore.

BONNEAU, R. — Les diverticules du duodénum. Presse médicale, 1923, 817.

BORDONI, L. — Un caso de diverticolo œsophagico inferior. Riforma medica, VIII, 30.

BROCA — Vices du développement de la face et du cou *in* Traité de Chirurgie, Duplay et Reclus, V, 1898, 1.

—— et CAZIN — Bull. de la Soc. Anat. de Paris, 1897.

BROSCH, A. — Zur Anatomie und Pathogenese der Voderwand-Divertikel des Oesophagus. Virchow's Arch. CLXXVI, 1904, 328.

—— Epibronchiale Pulsionsdivertikel. Virchow's Arch. CLXII, 1900, 22.

BUSCHI, G. — Beitrag zur Untersuchung der Duodenaldivertikel. Virchow's Arch CCVI, 1911, 121.

BUTLIN, H. — An account of eight cases of «pressure pouch», of the œsophagus removed by operation. Brit. Med. Journ. II, 1903, 64.

—— On a second case of removed of a «pressure pouch» of the oesophagus. Brit. Med. Journ. I, 1898, 8.

BYCHOWSKI, Z. — Beitrag zur Casuistik des Oesophagus-Divertikel. Virchow's Arch. CXLI, 1895.

CAHIER — De l'inflammation des diverticules intestinaux ou diverticulite. Rev. de Chir. 1906.

CARAVEN — Diverticule du duodénum. Presse médicale, 1923, 1084.

CARWARDINE — The Lancet. CLXXXV, 1913, 927.

CASE — Diverticula of the intestinal tract. Am. Journ. Rœntgenol. III, 1916, 23, *in* Ritchie and Mac Whorter.

CAZIN — Étude anatomique et pathologique sur les diverticules de l'intestin. Th. Paris, 1862.

CHAVASSE, TH. F. — On a case of pressure diverticulum oesophagi. Path. Soc. Transact. XLII, 82, *in* Brosch.

Chiari — Ueber eine seltene Form von Oesophagus-Divertikel. Prag. med. Wochens. 1884, N.º 2 *in* Brosch.

Clementi e Tomaselli: Malattie del'intestino, *in* Trattato italiano di Chirurgia, Vol. IV, III.

Condit — Multiple diverticula of the colon. Med. Record, LXII, 1902, 236.

Cornil et Schwartz — Note sur un cas de fistule du canal thyréoglosse. Rev. de Chir. XXX, 1904, 717.

Le Count, E. R. — Epibronchial pulsion diverticula of the oesophagus. Trans. Chicago Path. Soc. X, 1915, 35, *in* Judd.

Cruveilhier — Traité d'Anatomie pathologique générale, T. II, 1852, 596.

Curt Elze — Beitrag zur Histologie des embryonalen Säugetierdarmes. In. diss. Fribourg in Brisgau, 1909 *in* Latarget et Murard.

Delamare et Descazals — Les diverticules de l'oesophage et du pharynx. Gaz. des Hôp. 1897, 165.

Dreifuss — Das Diverticulum ilei. Zentr. f. d. Grenzgeb. d. Med. u. Chir. 195, S. 401.

Drummond, H. — Sacculi of the large intestine, with especial references to their relations to the blood vessels of bowel watt. Brit. Journ. of Surg. IV, 1917, 407.

Edel — Ueber erworbene Darmdivertikel. Virchow's Arch. CXXXVIII, 1899, 347.

Eichborn — Zur Genese der erworbenen Darmdivertikel. In. Diss. Zurich 1897, *in* Latarget et Murard.

Erdmann, J. — Acute diverticulitis of the colon. Surg. Gyn. and Obst. XXVI, 1918, 207.

Falconer — A case of congenital diverticulum of the stomach and duodenum in a physiological hour glass stomach. Lancet, 1907, I, 1296.

Faroy, G. et Baumann, J. — Les manifestations colitiques du colon transverse. Presse médicale, 1923, 599.

Fesch, H. — Jahrbuch für Kinderheilkunde, LXXVIII, 1913, 83.

Fischer, M. — False diverticula of the intestine. Journ. of Exp. Med. V, 1901, 333.

Fischer, G. — Krankheiten des Halses. Deutsch. Chirurgie, L. 34, 188, 43.

—— Ueber Sondierungsverletzungen und divertikel des Oesophagus. Deut. Arch. f. Klin. Med. 78, *in* Brosch.

Flint, G. R. — An. of. Surg. XLVIII, 1908, 165.

Foa, P. — Trattato di Anatomia patologica, 1920.

Forgue et Riche — Le diverticule de Meckel (appendice de l'iléon). Paris, 1907.

Fraenkel — Ueber Tractionsdivertikel des Oesophagus. Deut. med. Woch, 1893.

Franchini, J. — Oclusão intestinal post operatoria. Gazeta dos Hospitais do Porto, 1913, 113.

Franchomme — Anomalies de régression do canal vitellin. Diverticule de Meckel. Fistules ombilicales. Th. Paris, 1893-1894.

Franco, E. E. — Sulle cause di alcune singulari forme del diverticolo di Meckel. Bul. de la Soc. Port. des Sc. Naturelles, VIII, 1920.

Fredet et Chevassu — Note sur deux cas de kystes mucoïdes du cou à épithelium cilié, dérivés des restes du tractus thyréo-glosse. Rev. de Chir. XXVII, 1903, 141.

Frias, R. — Comunicação á Associação dos Medicos do Norte de Portugal, *in* Gazeta dos Hospitais do Porto, 1912, 106.

Gamna, C. — Anatomia patologica dell'apparato digerente, *in* Trattato di Anatomia patologica, de Foa.

Grandy — Diverticule duodénal congénital. Soc. Anat. de Paris, 1900, II, 691.

Gaudier, M. H. — Diverticulite sigmoïdale. Soc. de Chir. de Paris, Séance du 12 Déc. 1923, 1480.

Good — Casuistische Beiträge zur Kenntnis der Divertikelbildungen und inneren incarcerationen des Darmtractus, Diss. Zurich, 1894, *in* Konosuke-Sudsuki.

Gordiner, J. P. — A case of congenital hour-glass stomach with accessory pancreas. Journ. of. An. Med. Assoc., *in* Lewis.

Gosset, Lœwy et Bertrand — Pancreas acessoire. Bull. et mém. Soc. de Chir. de Paris, XLIX, 1923, 860.

Graser — Ueber multiplefalsche Darmdivertikel *in* der Flexura sigmoidea. Münch. med. Wochens. XLVI, 1899, 721.

—— Das falsche Darmdivertikel. Verhandl. der deutsche Gesellsch. f. Chir. 1899, II, 480.

Grassberger, R. — Ein Fall von multipler Divertikelbildung des Darmtractus, kompliziert mit peptischen Geschwür am Pylorus. Wien. Klin. Wochens. X, 1897, 149.

Grath — Intestinal Diverticula: their etiology and pathogenesis, with a review of twenty-seven cases. Surg. Gyn. and Obstetr., XV, 1912, 429.

Grégoire, R. — Sept cas de diverticule pharyngo-oesophagien. Bull. et mém. de la Soc. de Chir. de Paris, 1923, 320.

Hacker — Ueber die nach Verätzungen entstehenden Speiseröhrenverengerungen, Wein, 1889, *in* v. Bergmann.

Hansemann — Ueber die Entstehung falscher Darmdivertikel. Virchow's Arch. CLXIV, 1896, 400.

Hartmann, H. — Dilatations de l'oesophage. *In* Traité de Chirurgie, Duplay et Réclus, 1898, T. V, 349.

Hausmann, M. — Zur Anatomie und Pathogenese der Divertikel der vorderen Oesophagus-Wand. Virchow's Arch. CLXVIII, 192, 128.

Helvestine, F. — False diverticula of the jejunum. Surg. Gyn. and Obst. XXXVII, 1923, 1.

Henle, J. — Handbuch der Eingeweidelehre des Menschen. Bd. II. Brunschweig, 1873.

Henseler — Zwei Fälle von zahlreichen Divertikeln des Dünndarms. Kiel, 1890, *in* Antonelli.

Hertwig, O. — Traité d'embryologie ou histoire du développement de l'homme et des vertébrés, 2.me édit. franç. Trad. Julin. Paris, 1900.

Hilgenreiner, H. — Die erworbenenfisteln des Magen. Darmkanals-Deutsche Chir. III, 46 c, 1905.

Huber, G. C. — On the relation of the chorda dorsalis to the anlage of the pharyngeal bursa or recessus medius pharyngis. Anat. Rec. V, 373.

Jach — Ueber Duodenaldivertikel. I. Diss. Kiel, 1899 *in* Buschi.

Jackson, C. M. — An unusual duodenal diverticulum. Journ. of Anat. and Phys. XLII, 1908, 219.

Jamieson — Pseudo-Meckel's diverticulum. Proc. of the Anat. Soc. of Great-Britain and Ireland. Journ. of Anat. and Phys. 1900–1901.

Jonnesco — Appareil digestif, *in* Traité d'Anatomie humaine. Poirier, T. V, 133.

Jordan — Malformazioni congenite, lesioni traumatiche e malattie del collo, *in* Trattato di Chirurgia pratica de v. Bergmann e v. Bruns, trad. ital. V. II, 1909.

Judd, E. S. — Esophageal diverticula. Surg. Gyn. and Obst. XXVII, 1918, 135.

Kaufmann, E. — Trattato di Anatomia Patologica Speciale. Trad. ital. Sapegno, 1913.

KAUSCH, W. — Lesioni e malattie dello stomaco e dell'intestino *in* Trattato di Chirurgia pratica, v. Bergmann e v. Bruns, V. III. Trad. ital. 2.ª ediz. 1909.

KEITH, A. — Diverticula of the alimentary tract of congenital or of obscure origin. Brit. med. Journ. 1910, I, 376.

KILIAN, G. — Ueber die Bursa und Tonsilla pharyngea, Morphol. Jahrb, XIV, 1888, 618.

KELYNACK — On Meckel's diverticulum. Brit. med. Journ., 1897, 21 Aug.

KIRMISSON, E.—Traité des maladies chirurgicales d'origine congénitale. Paris, 1898.

KITT — Manuale d'Anatomia patologica degli animali domestici. Milano.

v. KLEINE — Ueber Blindsackbildung am Magen. I. Diss. Göttingen, 1895, *In* Thorel.

KLEMPERER — Ein Fall von Pulsionsdivertikel des Oesophagus. Deuts. med. Woch., 1894.

—— Ulkusstenose an der Cardia und Divertikelbildung. Berl. Klin. Woch. 1897, 38, *in* Hilgenreiner.

KOHN — Ueber der multiple Divertikel der Dickdarms. Berl. Klin. Woch. 1914, 931.

KOLACZECK — Ein durch ein Magengeschwur pervorgerufenes Magendivertikel etc. Mitteil. aus dem Grenzgeb. der Med. und. Chir. I, 1896, 2, *in* Thorel.

KÖNIG — Ueber Fistula colli congenita. Arch. f. Klin. Chir. LI, 1890, 578.

KONOSUKE-SUDSUKI — Ueber Divertikel am S. romanum. Arch. f. Klin. Chir. LXI, 1900, 708.

KOSTANECKI — Zur kenntniss der Pharynxdivertikel des Menschen. Virchow's Archiv. CXVII, 1889, 146.

KRAGH, J. — Diverticules tuberculeux de l'oesophage (soi-disant diverticules de traction). C. R. Soc. de Biol. 1921, T. II, 369.

—— Diverticules tuberculeux — dits diverticules de traction — de l'oesophage d'un boeuf. Idem, 755.

KUEMMEL, W. — Lesioni traumatiche e malattie della faringe, *in* Trattato di Chirurgia pratica, v. Bergmann e v. Bruns, trad. ital. 2 ediz. Vol. I, 1909.

KÜSS, M. G. — Estomac à cellule. Bull. et mém. de la Soc. Anat. de Paris, LXXX, 1905, 561.

LAHEY, F. H. — Oesophageal diverticula. Boston Med. and Surg. Journ. CLXXXII, 1923, 355.

LANNELONGUE et FRÉMONT — De quelques variétés de tumeurs congénitales de l'ombilic et plus spécialement des tumeurs adénoïdes diverticulaires. Arch. gén. de Méd. I, 1884, 36.

LATARGET — Notes d'anatomie sur l'intestin grêle et le mésentère, Lyon chir. I, 1910, 129.

—— et MURARD, J. — Les diverticules de l'intestin grêle (Diverticule de Meckel excepté). Lyon Chir. XI, 1914, 425.

LECÈNE — Adénome développé au niveau de l'extremité libre d'un diverticule de Meckel. Bul. et mém. de la Soc. Anat. de Paris, XIV, 6.ª série, 1912, 63.

LETULLE — Diverticule duodénale près de l'ampoule de Vater. Bul. et mém. de la Soc. anat. de Paris, 5.ª série, 1898, XII, 758.

—— Malformations duodénales (diverticules périvatériens). Presse médicale, 1899, n.º 3, 13.

LEWIS, F. T. — The development of the stomach, *in* Keibel and Mall: Manual of human embriology, 1912.

—— and THYNG, W. — The regular occurrence of intestinal diverticula in embryo of the pig, rabbit and man. Amer. Journ. of Anat. VII. 1907–1908, 505.

LOTHEISSEN, G. — Die Oesophagoskopie beim Divertikel. Arch. f. Klin. Chir, LXXI, 1903, 1083.

—— Dilatazioni e diverticoli oesophagei, *in* Trattato di Chirurgia pratica, v. Bergmann e v. Bruns, trad. ital. V. II, 1909, 449.

LOURENÇO, M. J. — Diverticulite e apendicite. Tese de Lisboa, 1916.

MAC DONALD, A. L. — Meckel's Diverticulum as a cause of surgical lesions. Lancet, XXXVIII, 1918, 259.

MACLEAN, N. J. — Diverticulum of the duodenum with report of a case in which the diverticulum was imbedded in the head of the pancreas. Surg. Gyn. and Obst. XXXVII, 1923, 6.

MARCHEGUET — Éssai sur les diverticules de l'oesophage. Th. Montpellier, 1893.

MARIE — Diverticules duodénaux périvatériens. Bull. et mém. de la Soc. Anat. de Paris, 1899, 6.e serie, I, 982.

MAYO, W. J. — Acquired diverticulitis of larger intestine. Surg. Gyn. and Obst. V, 1907, 8.

MECKEL, J. F. — Manuel d'Anatomie générale, descriptive et pathologique, trad. fr. Jourdan et Breschet, t. III, Paris, 1825.

—— Ueber die Divertikel am Darmkanal. Arch. f. Phys. IX, 1809, 421.

MERKEL, F. — Trattato di Anatomia topografica, trad. ital. de Sperino. V. II, 1903.

MERTENS — Falsche Divertikel der Flexura sigmoidea und des Processus vermiformis. Mitteil. a. d. Grenzgeb. d. Med. u. Chir. IX, 743.

DE MEURON — Sur le développement de l'oesophage. C. R. de l'Acad. des Sc. CII, 1886. n.º 24.

MEYER, R. — Ueber die Bildung des Recessus medius pharyngeus, Bursa pharyngea, Anat. Anz. XXXVII, 449.

MINTZ — Ein seltener Fall von einen Divertikel der Speiserröhre. Deut. med. Woch. 1892, n.º 10.

MORESTIN — Diverticules du colon transverse dans l'épaisseur du mésocolon. Bull. et mém. de la Soc. de Chir. de Paris, XXXV, 1909, 447.

DE MOURGES — Les diverticules acquis du gros intestin. Th. Lyon, 1913, *in* Latarget et Murard.

NEUPERT — Zur pathologie der Darmdivertikel. Arch. für Klin. Chir. LXXXVII, 1908, 953.

NOVARO, G. F. e SUSENA, G. — Malattie dell'esofago, *in* Trattato italiano di Chirurgia, IV, 1.

OPHÜLS, W. — Beiträge zur kenntniss der Divertikelbildungen am Darmkanal. Diss Göttingen, 1895, *in* Thorel.

ORR, A. E. — Hour-glass stomach. Journ. of Anat. and Phys. XLI, 1907, 49.

PARADISE, J. F. — The development of the rectum in the human embryo. The Am. Journ. Anat. XVI, I, 1914, 1.

PEYTON MOSHER, G. — Webs and pouches of the oesophagus, their diagnosis and treatment. Surg. Gyn. and. Obst. XXV, 1917, 175.

PIRES DE LIMA — Sôbre alguns casos de divertículo de Meckel. A Medicina Contemporânea, XXI, Série II, 1919, 81.

—— A propósito do divertículo de Meckel. Considerações morfológicas e clínicas. A Medicina Moderna, X, 1921, 83.

POLLARD, B. — A diverticulum ilei of unusual lenght and position. Trans. Path. Soc. London, XXVII, 1895-1896, *in* Forgue et Riche.

POUSSIN — Observation sur l'expulsion de l'abdomen par l'ombilic, de plusieurs vers ascarido-lombricoïdes. Bibl. médicale, 1818, 213, *in* Cruveilhier.

PRENANT, A. — Éléments d'embryologie de l'homme et des vertébrés. II. Organogénie. Paris, 1896.

QUÉNU et DUVAL, P. — L'ulcère simples du gros intestin. Rev. de Chir., 1902, 693.

RADFORD, M. — A note on the development of the pharyngeal bursa in the ferret embryo. Anat. Anz. XLIV, 371.

RAND, R. — On the relation of the head chorda to the pharyngeal epithelium in the pig embryo. A contribution to the development of the bursa pharyngea and the tonsilla pharyngea. Anat. Rec. XIII, 1917, 465.

REICHMANN — Ueber grosse selbständige Divertikel des unteren Theiles der Speiseröhre. Wien. Klin. Woch. 1893, L 14.

RIBBERT, H. — Zur Kenntniss der Tractions-Divertikel des Oesophagus. Virchow's Arch. CLXVII, 1902, 16.

—— Die Tractions Divertikel des Oesophagus. Virchow's Arch., CLXXVIII, 1904, 351.

RIEBOLD, G. — Ein Beitrag zur Lehre von den Oesophagus Divertikeln, mit besonderer Berücksichtigungihren Anatomie und ihrer Pathogenese. Virchow's Arch. CLXXIII, 1903, 395.

RITCHIE and MAC WHORTER — Duodenal diverticula with report of a case associated with a duodenal ulcer. Surg. Gyn. and Obst. XXV, 1917, 485.

ROBERTS DUDLEY — The recognition and treatment of intestinal diverticula. Surg. Gyn. and Obst. XXVI, 1918, 211.

ROBSON and CAMMIDGE — The Pancreas. Its surgery and pathology, in Maclean.

ROGIE — Anomalies de régression du canal vitellin. Diverticule de Meckel. Journ. des Sc. Méd. de Lille, 1892, *in* Bérard et Delore.

ROGUE, G. — Maladies du pharynx, *in* Nouveau Traité de Médecine Brouardel, Gilbert et Thoinot, Vol. XV, 79.

ROMME — Diverticules du gros intestin. Presse médicale, XXVI, 1918, 186.

ROSENTHAL — Pulsionsdivertikel des Schundes. Zentralbl. für allg. Path. und pathol. Anat., XIII, 1902, 167.

ROTH — Ueber Divertikelbildung am Duodenum. Virchow's Arch. XXXVI, 1872, 197.

SALAZAR DE SOUZA — Arquivos de Pediatria e Ortopedia. Março de 1921.

SANGALLI — Origine ed anatomia dei diverticoli intestinali. Rend. R. Inst. Lombardo di Scienze e Letere, X, 1877.

SCHMIDT, H. — Ueber Traktionsdivertikel des Oesophagus *in* Ergebnisse der allgmeinen Pathologie und Pathologischen Anatomie, Bd. IX, 1898.

SCHWABACH — Ueber Bursa pharyngea. Arch. f. mik. Anat. XXX, 1887, 187.

SEIPPEL — Ueber erworbene Darmdivertikel. In. Diss. Zurich, 1895, *in* Konosuke-Sudsuki.

SCHROEDER — Ueber Divertikelbildungen am Darmkanal. Augsburg, 1854, *in* Antonelli.

STARCK — Zenker'sche Pulsionsdivertikel (pharyngo-oesophageale Pulsionsdivertikel). Deut. Arch. f. Klin. Med. LXVII.

STURGIS, M. Q. — Congenital intestinal Anomalies. Surg. Gyn. and Obst. XXI, 1915, 447.

TANDLER — Zür Entwicklungsgeschichte des menschlichen Duodenum in frühen Embryonalstadien. Morph. Jahrb. XXIX, 1900, 187.

TARUFFI — Storia della Teratologia. Bologna, 1884.

TELLING, W. H. M. — Acquired diverticula of the sigmoid flexure, considered es-

pecially in relation to secondary pathological processes and their clinical symptoms. The Lancet, 1908, I, 843.

Telling, W. H. M. and Gruner — Acquired diverticula, diverticulitis and peridiverticulitis of the large intestine. Brit. Journ. of Surg. IV, 1917, 468, *in* Surg. Gyn. and Obst. XXIV, 1917, 579.

Testut — Traité d'Anatomie humaine, T. IV.

Tetens, T. — Ein Beitrag zur Lehre von den Oesophagus-Divertikeln. Kiel. 1888, *in* Judd.

Tilger — Ueber ein Fall von Traktionsdivertikel der Pylorusregion. Virchow's Archiv. CXXXIII, S. 2.

Thorel, Ch. — Pulsionsdivertikel des Magens. Sitzunsber. des ärztl. Vereins in Nürnberg, 1895, *in* Thorel.

—— Verdauungstraktus. Ergebnisse der allgem. Path. u. path. Anat. IX, 1898, 128.

Tourneux — Base cartilagineuse du crâne et segment basilaire de la chorde dorsale. Formations foetales de la voute du pharynx chez les mammifères. Journ, de l'Anat. et de la Phys. XLVIII, 57.

—— Pédicule hypophysaire et hypophyse pharyngée chez l'homme et chez le chien. Canal cranio-pharyngien et canaux basilaires. Idem, 233.

—— Bourse pharyngienne et recessus médian du pharynx chez l'homme et chez le cheval. Idem, 54.

Upcott — False Diverticulum of the Appendix. Surg. Gyn. and Obst. VI, 1908, 454.

Wilkie — Duodenal diverticula and duplicature of duodenal wall. Edinburgh Med. Journ., XI, 1913, 219, *in* Latarget et Murard.

Zahn — Ein Beitrag zur pathologische Anatomie der Magendivertikel. Deut. Arch. f. Klin. Med. LXIII, 1899, 359, *in* Hilgenreiner.

Ziegler — Traité d'Anatomie pathologique générale et spéciale et de pathogénie 2.e ed. franc., trad. Augier. Bruxelles, 1910.

Zilgien — S iliaque á diverticules. Considérations sur la pathogénie de cette altération. Revue médicale de l'Est. XXVI, 109, in Latarget et Murard.

Legenda das estampas

Est.ª I. Caso II. Divertículo de Pertik. Desenho semi-esquemático imitado de Testut.

Palato mole seccionado para deixar ver os orifícios posteriores das fossas nasais; em baixo e à direita o divertículo.

Est.ª II. Fig. 1: Caso III; divertículo retrocricoideo. Fig. II: Caso IV; divertículo do esófago

Est.ª III. Fig. 1: Caso V. Fig. 2: Caso VI. Divertículos do esófago.

Est.ª IV. Fig. 1: Caso VII. Fig. 2: Caso VIII. Divertículos do esófago.

Est.ª V. Caso IX. Divertículos do esófago.

Est.ª VI. Caso XII. Divertículos do duodeno.

Est.ª VII. Caso XIII. Divertículos do estômago.

Est.ª VIII. Caso XIV. Divertículo cavalgando o anel pilórico.

Est.ª IX. Caso XV. A cêrca de 1cm para cima de um pequeno polipo mucoso vê-se a abertura do divertículo duodenal.

Est.ª X. Caso XVI. Grande divertículo do duodeno visto exteriormente.

Est.ª XI. Fig. 1: Caso XVII. Grande divertículo do duodeno, visto exteriormente e pela face posterior. Fig. 2: Caso XVIII. Divertículo do duodeno.

Est.ª XII. Fig. 1: Caso XIX. Fig. 2: Caso XX. Divertículos do duodeno.

Est.ª XIII. Caso XXII. Divertículos do jejuno.

Est.ª XIV. Caso XXIII. Divertículos do jejuno.

Est.ª XV. Divertículos de Meckel. 1: Caso XXV. 2: Caso XXVI. 3: Caso XXVII. 4: Caso XXVIII. 5: Caso XXIX. 6: Caso XXX.

Est.ª XVI. Divertículos de Meckel. 1: Caso XXXI. 2: Caso XXXII. 3: Caso XXXIII. 4: Caso XXXIV. 5: Caso XXXV. 6: Caso XXXVI.

Est.ª XVII. Divertículos de Meckel. 1: Caso XXXVII. 2: Caso XXXVIII. 3: Caso XXXIX. 4: Caso XL. 5: Caso XLI. 6: Caso XLII.

Est.ª XVIII. Divertículos de Meckel. 1: Caso LXIII. 2: Caso XLIV. 3: Caso XLV. 4: Caso XLVI. 5: Caso XLVII. 6: Caso XLVIII.

Est.ª XIX. Divertículos de Meckel. 1: Caso XLIX. 2: Caso L. 3: Caso LI. 4: Caso LII. 5: Caso LIII. 6: Caso LIV.

Est.ª XX. Divertículos de Meckel. 1: Caso LV. 2: Caso LVI. 3: Caso LVII. 4: Caso LVIII. 5: Caso LIX. 6: Caso LX.

Est.ª XXI. Divertículos de Meckel. 1: Caso LXI. 2: Caso LXII. 3: Caso LXIII. 4: Caso LXIV. 5: Caso LXV. 6: Caso LXVI.

Est.ª XXII. Divertículos de Meckel. 1: Caso LXVII. 2: Caso LXVIII. 3: Caso LXIX. 4: Caso LXX.

Est.ª XXIII. Divertículos de Meckel. 1: Caso LXXI. 2: Caso LXXII, 3: Caso LXXIII. 4: Caso LXXIV.

Est.ª XXIV. Caso XLIX. Corte perpendicular à superfície do nódulo da mucosa.

Est.ª XXV. Caso LXXV. Divertículo da terminação do íleon.

Est.ª XXVI. Divertículos do Intestino grosso. Fig. 1: Caso LXXVI. Fig. 2: Caso LXXVII.

Est.ª XXVII. Divertículos do intestino grosso. Fig. 1: Caso LXXVIII. Fig. 2: Caso LXXIX.

Est. XXVIII. Caso LXXX. Divertículos do S ilíaco.

GERALDINO BRITES.

La Formation des Universités et le milieu social

L'Antiquité a ignoré les universités et l'Orient les ignore encore. C'est au Moyen-Age, dans l'Europe occidentale, qu'elles font leur apparition, à la suite de la fusion du monde romain et du monde barbare. Il a fallu plusieurs siècles pour opérer la fusion de deux éléments aussi dissemblables, et c'est pendant cette époque que s'écoule la *période de gestation* des universités.

C'est dans le nord de la Gaule que le travail de fusion commence, et c'est là qu'il est naturellement achevé le premier. Dans le monde méditérranéen, les traditions latines sont vivaces, et ce n'est que peu à peu que les infiltrations barbares se font sentir et arrivent à les modifier, tandis que la situation inverse se présente chez les peuples du Nord.

Au début, les différentes universités apparaissent assez semblables, d'abord parcequ'elles sont le résultat de l'action des mêmes éléments, ensuite parceque l'on copie la première en date, celle de Paris.

Mais, chose curieuse, au fur et à mesure que les siècles s'écoulent, au fur et à mesure que les nations modernes se constituent, on voit les universités des différents pays suivre des voies divergentes et acquérir des caractères particuliers. Nous appellerons *période de formation*, l'époque qui s'étend depuis la fondation des universités jusqu'au moment où leurs particularités nationales se dessinent nettement. Période intéressante à coup sûr, pendant laquelle des organismes semblables, au moins en apparence, sont peu à peu modifiés par l'action de milieux dissemblables.

Ces milieux, quoique formés des mêmes éléments, sont dissemblables, parce que la proportion des éléments constitutifs varie, ainsi au reste que le climat et la nature du sol. C'est cette période que nous voudrions esquisser à grands traits, mais, pour ne pas compliquer notre sujet outre-mesure, nous nous en tiendrons à la France, l'Angleterre et l'Allemagne.

Cette période a été préparée, nous l'avons dit, par une période de

gestation, une période pré-universitaire, dont il convient de dire deux mots.

En France, elle commence au Ve siècle avec l'invasion franque. Dans les pays du Nord, elle débute avec la propagation du christianisme, c'est-à-dire au VIe siècle pour l'Angleterre et au VIIe pour l'Allemagne.

Elle ne finit naturellement pas partout en même temps: en France, vers la fin du XIIe siècle; en Angleterre dans le courant du XIIIe, et dans les parties non romanisées de l'Allemagne, au XIVe.

Dans la Gaule et dans les pays en deçà du Rhin et du Danube, il existait, à l'époque romaine, des écoles municipales. Sous la domination franque, la plupart de ces écoles subsistèrent, mais furent administrées par les évêques, parce que ce sont eux qui prirent alors la direction des affaires municipales; c'est ainsi qu'elles devinrent des écoles épiscopales ou cathédrales. On y enseignait le *Trivium* et le *Quadrivium* depuis Cassiodore, c'est-à-dire depuis le VIe siècle.

Le Trivium comprenait la grammaire, la rhétorique et la dialectique, tandis que le Quadrivium était composé de l'arithmétique, de la géométrie, de l'astronomie et de la musique.

Au VIe siècle, les monastères apparaissent, et une école est annexée à chacun d'eux.

Lorsque le christianisme se propage dans la Grande-Bretagne et en Germanie, des écoles épiscopales et des écoles monastiques sont naturellement fondées sur le même plan que celles de la Gaule.

On remarquera que ces écoles ont surtout en vue la préparation du clergé, tant ecclésiastique que séculier. Pourtant, peu à peu, surtout sous Charlemagne, un certain nombre de jeunes gens nobles cherchent à s'instruire d'une façon toute désintéressée, et c'est pour eux qu'à coté des écoles intérieures, les monastères fondent des écoles extérieures où l'enseignement plus rudimentaire ne comprend que la grammaire, un peu de religion et de chant. En même temps, on élève le niveau des études dans les écoles intérieures: en plus des Sept Arts, c'est-à-dire du Trivium et du Quadrivium, on enseigne la théologie et le droit canon.

Enfin, Charlemagne fonde une école palatine qui constitue un embryon d'université, tandis qu'à l'autre extrémité, des curés de village s'efforcent à apprendre à lire, à écrire, à calculer aux enfants qui leur paraissent avoir la vocation religieuse, et leur enseignent les rudiments de la religion.

Ainsi, dès la période féodale, on trouve des écoles primaires pour le peuple autour des églises, et pour la noblesse autour des monastères.

L'enseignement secondaire n'est donné qu'aux futurs clercs dans les écoles épiscopales et dans les écoles monastiques intérieures, et cet enseignement en se développant tend à devenir supérieur. Il se donne du reste exclusivement en langue latine qui est la langue liturgique.

Nous arrivons à la naissance des universités.

Au XIIe siècle, le niveau des études augmente, ou mieux la quantité des matières. Ce n'est pas là une conséquence du développement de l'esprit de recherche, mais une répercussion du progrès des moyens de transport, une influence des croisades et du commerce avec les Arabes et les Byzantins.

En effet, vers 1167, de nouveaux ouvrages d'Aristote sont traduits en latin [1], et la dialectique vient au premier plan avec ses controverses infinies et ses subtilités. C'est le règne de la *scholastiqne* qui s'ouvre [2].

D'un autre coté, l'essor que prend le commerce développe la richesse, et les villes deviennent plus importantes. Les monastères s'enrichissent; les moines quittent de plus en plus les travaux agricoles pour le labeur intellectuel; les professions libérales ont un champ plus vaste; les légistes se multiplient après Saint-Louis et quelques médecins trouvent à vivre dans les cités.

Comme c'est en France que le mouvement de centralisation est le plus précoce, les écoles de Paris acquièrent un grand renom et attirent les étudiants étrangers. En l'an 1200, l'Université de Paris est définitivement constituée; le roi lui reconnait une existence corporative propre, et le Pape lui accorde le monopole d'avoir une Faculté de théologie ayant le droit de donner des grades dans toute la chrétienté [3]. Ailleurs les grades n'ont qu'une valeur locale. Ce privilège ne sera retiré à l'Université de Paris qu'en 1377, parce qu'elle embrassa la cause du Pape d'Avignon contre celui de Rome au moment du Grand schisme d'Occident [4].

Pendant toute cette époque, le point de vue utilitaire et professionnel l'emporte: on s'instruit pour devenir clerc et pour pouvoir exercer une profession libérale, pour être professeur, légiste, médecin, ou pour avoir accès aux hautes fonctions ecclésiastiques.

---

[1] Crévier, *Histoire de l'Université de Paris* (1761), p. 300.

[2] Langlois, *Les Universités au Moyen-âge*, *Revue de Paris* du 15 fév. 1896, p. 796.

[3] *Science sociale*, t. XIX, p. 178 et 182.

[4] Tarsot, *Les écoles et les écoliers à tous les âges*, p. 49. — Langlois, *Loc. cit.*, p. 797.

Le futur clerc apprenait les premiers rudiments du Trivium dans les écoles d'enseignement secondaire, c'est-à-dire dans les écoles monastiques, ou bien dans les Pédagogies, pensionnats privés qui se fondent alors dans les villes, ou encore dans les collèges établis par les Facultés d'Arts [1].

L'étudiant entrait ensuite dans une Faculté d'Arts, et celle-ci représentait plutôt l'enseignement secondaire supérieur qu'un enseignement supérieur. Il y apprenait à fond le Trivium et le Quadrivium. Bachelier vers 15 ans, il obtenait la licence-ès-arts à 21 ans, et, peu après, la maîtrise-ès-arts.

Le grade de bachelier donnait le droit d'enseigner comme répétiteur, tout en continuant d'étudier; celui de licencié permettait de professer dans l'enseignement secondaire; enfin celui de maître consacrait l'accession dans la corporation universitaire et donnait en conséquence le droit de faire passer les examens conférant les différents grades.

La plupart des étudiants n'allaient pas jusqu'à la maitrise-ès-arts. Après la licence, les uns devenaient professeurs de l'enseignement secondaire, et les autres entraient dans l'une des trois autres Facultés: théologie, droit ou médecine. Ce sont elles qui constituaient véritablement l'enseignement supérieur conduisant jusqu'au doctorat.

Au début, les étudiants logeraient isolément en ville, puis dans des hôtelleries qui se transformèrent peu à peu en collèges, car des répétiteurs leur furent attachés, puis des professeurs. Finalement, tous les cours furent donnés dans les collèges, de sorte que les Facultés n'eurent plus d'autre fonction que de faire passer les examens et octroyer les grades.

Les méthodes d'enseignement étaient encore dans l'enfance, et consistaient surtout à faire le commentaire de la Bible et des écrits des anciens [2], Aristote, Donat, Boèce, Euclide, Hippocrate, Galien, le code de Justinien, etc.

Chaque collège avait une vie propre et était entretenu, soit par un ordre monastique, soit par des dons et des legs en faveur des étudiants pauvres. Mais, pour pouvoir subsister, les collèges furent amenés à admettre des pensionnaires payants, et ceux-ci finirent par devenir les plus nombreux [3].

Les universités qui s'élèvent à cette époque, c'est-à-dire aux XIIIe et XIVe siècles, copient plus on moins celle de Paris, mais peu à peu,

---

[1] Tarsot, *Loc. cit.*, p. 69. — Langlois, *Loc. cit.*, p. 816-817.

[2] *Science sociale*, t. XIX.

[3] Tarsot, p. 69. — Langlois, p. 816.

comme nous l'avons dit, des divergences se produisent par la réaction des milieux. C'est ce que nous allons voir.

Finissons d'abord d'esquisser l'évolution des *universités françaises*.

Depuis 1380, la Faculté de théologie a perdu le monopole qu'elle avait sur toute l'étendue de la chrétienté, mais elle conserve la prééminence en France, s'adaptant ainsi au mouvement de centralisation qui va en s'accentuant continuellement.

Du reste, le rôle politique de l'Université de Paris va grandissant. Après avoir soutenu, comme nous l'avons dit, le Pape d'Avignon, elle soutient les revendications de l'église gallicane et prend parti pour les Bourguignons contre les Armagnacs.

Le mouvement de la Renaissance amène une vèritable lutte de clans à l'intérieur de l'Université de Paris: les humanistes, qui pénètrent dans les collèges dépendant de la Faculté des Arts, sympathisent avec des calvinistes, et s'attirent l'hostilité de la Faculté de théologie, qui est amenée à soutenir la fondation des collèges indépendants établis par de nouveaux ordres religieux et qui seront le point de départ de l'enseignement secondaire libre. C'est en 1568 que les Jésuites élèvent leur premier collège, et les Oratoriens suivirent leur exemple en 1614.

Ce qui fait le succès de cet enseignement, c'est qu'il adopte les humanités, mais en accentuant le caractère combatif. À coté des compositions latines on continue à exercer les élèves aux discussions, de sorte que l'esprit scholastique survit dans les humanités. On ne voit pas comment s'en débarrasser, et les universités tombent dans une espèce de torpeur dont la Révolution seule pourra les tirer.

Pendant les temps modernes, le progrès en France a donc dû se faire en dehors des universités, dans les Académies.

La première fut fondée en 1530 par François Ier, sons le nom de Collège royal, devenu par la suite le Collège de France. On y enseiga gratuitement, d'abord le grec et l'hébreu, puis le latin, la médecine, la philosophie.

Dans les Académies, l'enseignement se donne sous forme de conférences et s'adresse au grand public. Ce ne sont plus à aucun titre, des écoles professionnelles, comme les universités, mais des établissements de culture générale. Chaque professeur peut y déployer ses talents oratoires en exposant le résultat de ses travaux, mais les cours ne sont pas assez nombreux pour former un ensemble complet.

Napoléon a refondu toute l'organisation de l'enseignement sur un plan plus régulier, avec des programmes plus complets. Par réaction

contre les insuffisances du passé, on tombe dans l'excès inverse, et l'enseignement secondaire devient encyclopédique.

Par ailleurs, le fond reste le même : l'internat urbain domine dans les lycées comme dans les collèges, les universités restent des écoles professionnelles pour les arts libéraux, et dans cette unité factice, deux grands clans continuent à se combattre.

Tous ces traits sont caractéristiques du milieu français, et bien différents de ceux du milieu anglais, dont nous allons maintenant étudier les effets.

Les *universités anglaises* ont peu dévié de l'impulsion qu'elles ont reçue au Moyen Age, mais, dès le début, elles diffèrent profondément des universités françaises, malgré les similitudes apparentes, mais toutes extérieures. C'est ce que nous allons voir. On sait que l'Angleterre proprement dite n'a longtemps compté que deux universités, celle d'Oxford fondée en 1206 et celle de Cambridge en 1231. Elles ont les quatre Facultés, Arts, Théologie, Droit et Médecine, les deux premières étant les plus importantes, comme c'est le cas général au Moyen Age ; seulement en Angleterre, cette situation ne s'est guère modifiée pour la raison suivante :

En France, nous l'avons vu, les Facultés n'étaient en réalité que des écoles professionnelles supérieures, et leur importance respective a varié selon l'importance des professions correspondantes : au début les Facultés de Droit et de Médecine sont peu fréquentées, parce qu'il faut peu de légistes et de médecins, mais elles s'agrandissent au fur et à mesure que les fonctions administratives et judiciaires se développent ou que la richesse augmente.

En Angleterre, au contraire, déjà à cette époque, on donnait une importance plus grande à l'expérience qu'aux connaissances théoriques, de sorte que l'apprentissage s'est toujours fait d'une façon toute pratique : on se prépare au barreau on à la médecine en aidant un avocat ou un médecin pendant un certain temps ; pour la partie théorique, on étudie comme on peut jusqu'à ce qu'on soit capable de passer l'examen règlementaire.

Les cours universitaires ne sont donc pas la seule voie à suivre pour devenir médecin. Quant à la Faculté de Droit, elle ne prépare que des légistes ecclésiastiques, car on n'y enseigne que le droit canon et le droit romain, et pas du tout les coutumes anglaises. Si donc les Facultés de Droit et de Médecine ont continué à être peu fréquentées, et ne se sont pas développées, cela tient moins à un esprit de routine qu'à un esprit empirique.

Pour le dire en passant, c'est grâce à cet esprit empirique que

l'ancien droit contumier a survécu, tandis que sur le Continent, grâce aux tendances plus théoriques de l'esprit, le droit romain enseigné dans les Facultés, a peu à peu supplanté les anciennes coutumes.

Des trois Facultés supérieures, celle de Théologie est donc la plus importante à Oxford et à Cambridge, et cette importance s'accroît encore avec la Réforme, car les prêtres de tout rang, même les simples pasteurs de village, doivent avoir passé par l'université.

Pourtant, la Faculté des Arts est plus importante encore, quoiqu' occupant un rang moins élevé: non seulement, elle comprend non seulement les futurs étudiants en Théologie, en Droit et en Médecine, mais encore un grand nombre d'autres qui ne vont pas plus loin, soit qu'ils se proposent de devenir simplement professeurs de l'enseignement secondaire, soit qu'ils ne cherchent qu'à acquérir des connaissances désintéressées.

Cette dernière catégorie, peu nombreuse sur le Continent, l'est beaucoup plus outre-Manche, où il est de bon ton de fréquenter l'une des deux grandes universités. Pour cette catégorie, l'instruction est accessoire; elle ne cherche qu'à parfaire l'éducation du *gentleman*. Aussi l'institution des collèges s'est-elle maintenue dans toute sa force, car elle est indispensable pour assurer une bonne éducation, en permettant un contact très suivi entre le maître et les étudiants, entre les anciens et les nouveaux.

On comprend maintenant pourquoi Oxford et Cambridge ont peu évolué au cours des âges. Au point de vue de l'instruction, la théologie forme un ordre de connaissances plus immuable que les autres; le droit romain et le droit canon ne varient pas comme le droit usuel. Comme tout s'enchaîne dans un système scolaire, la Faculté des Arts qui prépare aux autres Facultés, n'a pas été contrainte d'évoluer, pas plus que les collèges qui préparent aux Arts.

Toutefois, si l'évolution est lente, elle n'est pas nulle. La Renaissance amène l'étude du grec, et surtout la transformation des méthodes: au lieu de s'en tenir à quelques auteurs et à apprendre à ergoter sur les idées qu'ils ont émises, on cherche à acquérir l'usage correct de la langue latine et à apprécier la beauté littéraire chez les anciens.

Mais, par le fait même que l'on se montre plus difficile sur la pureté de la langue, celle-ci devient moins usuelle, et finit par être tout à fait ce que l'on appelle une langue morte.

Le XVIIIe siècle voit s'accomplir définitivement cette transformation et amène le développement des études philologiques et de la méthode du *seminär*, qui a pris toute son ampleur dans les universités allemandes, comme nous le verrons plus loin.

Du reste, si le niveau des connaissances de beaucoup d'étudiants

n'a jamais été très élevé, le système permet à l'élite intellectuelle d'acquérir des connaissances très profondes, et à certains d'entr'eux de se consacrer à des études qui leur sont chères; ce sont les *fellows,* ou agrégés, professeurs inamovibles des collèges qui vivent des revenus des dotations.

D'un autre coté, des cours universitaires sont créés en dehors des collèges, et l'on y enseigne peu à peu la théologie, le droit, la médecine, la philologie, la logique, la poésie, l'histoire, etc. À la vérité, ces cours sont peu fréquentés, mais encore une fois, ils permettent à l'élite intellectuelle de perfectionner sa formation d'esprit et d'étudier plus à fond une branche préférée.

Ainsi, les universités anglaises, tout en restant traditionnelles dans leur ensemble, ont su faire une certaine part aux idées nouvelles à l'aide d'organismes créés à coté. C'est pourquoi aucune révolution violente n'a pas été plus nécessaire pour ces vénérables institutions que pour les autres.

De même, lorsque, au siècle dernier, les progrès des sciences ont amené une rénovation de la formation des professions libérales, on a créé des universités nouvelles dans les grands centres, à Londres, à Manchester, à Birmingham, etc. Comme les universités du continent, ce sont de hautes écoles professionnelles, mais avec un souci moindre de culture générale, celle-ci continuant à être dispensée par les deux vieilles universités.

Dans tout cela, on retrouve bien les caractéristiques du milieu anglais: multiplicité des organismes et adaptation de chacun d'eux au but pour lequel il a été créé. Les institutions ont un caractère traditionnel, mais on en crée une nouvelle chaque fois qu'un besoin nouveau apparait.

Avant de conclure, examinons la formation des *universités allemandes.*

Jusqu'au Grand schisme d'Occident, l'Empire germanique ne possède que deux universités, Vienne et Prague, de sorte que la plupart des étudiants vont à Paris, qui étendait son monopole sur toute la chrétienté. Après le schisme, le Pape fonde des universités rivales en Allemagne: Cologne en 1385, Heidelberg en 1386, Erfurth en 1392. C'est surtout au siècle suivant qu'elles se multiplient, de sorte que le mouvement universitaire en Allemagne ne date guère en réalité que de la fin du Moyen Age. Il précède de bien peu la Renaissance et la Réforme, et il suit l'émancipation des communes; enfin, l'absence de centralisation politique laisse les diverses universités sur un pied d'égalité.

Ces différents faits ont leur importance, et ont influé sur la formation des universités allemandes.

À cette époque, à Paris, à Oxford et à Cambridge, beaucoup de collèges universitaires sont liés à des écoles d'enseignement secondaire. En Allemagne l'absence de centralisation et la multiplicité des universités rendent une telle liaison moins facile. De plus, par suite de la concurrence qui existe entre les diverses universités, les étudiants adoptent la coutume de changer plusieurs fois d'établissement, au lieu d'accomplir toutes leurs études dans la même ville. Par ce moyen, l'unité intellectuelle a été maintenue dans un pays aussi décentralisé.

Une conséquence de ce système a été que les étudiants n'ont pu s'attacher à un même collège, et ont ainsi continué à habiter en ville. Les collèges, créés à l'imitation de Paris, n'ont pu être que des associations de professeurs; peu à peu, chaque collège devient un *seminär*, c'est-à-dire un organisme d'apprentissage du professorat.

Nous avons dit qu'en Allemagne, le mouvement communal avait précédé l'apparition des universités. Il en résulte que de nombreuses écoles municipales ont été créés très tôt, de sorte que lorsque la Réforme supprima les monastères, beaucoup de villes furent capables de fonder des écoles secondaires, qui prirent le nom de *Gymnasien*.

D'autre part, les Facultés d'Arts débarrassées du souci de l'enseignement secondaire, s'élèvent au niveau des autres Facultés: avec la Renaissance, elles deviendront des Facultés de philosophie, dans lesquelles la formation du professeur sera très soignée au point de vue intellectuel, et c'est à ce moment que les collèges deviennent des seminarien.

Par ailleurs, la Renaissance et la Réforme ont eu pour effet de développer la politique de clans comme en France, mais à cause de la décentralisation la lutte a lieu entre universités plus encore qu'entre Facultés. Bâle, Tübingue, Wittemberg, Francfort-sur-Oder sont pour les humanités, tandis que Cologne reste le pilier de la scholastique. Un peu plus tard, Marbourg, Tübingue, Rostock soutiennent le protestantisme, tandis que les Jésuites fondent Gratz, Innsbrück, Bambery, Paderborn.

En réalité, l'Allemagne est alors encore dans l'enfance intellectuelle. En France, du moins, les humanités pénètrent dans la scholastique, si elles n'arrivent pas à l'étouffer. En Allemagne, le mouvement humaniste meurt à peine éclos, et la scholastique continue à régner seule jusqu'à la fin du XVIIIe siècle.

Toutefois, grâce à l'institution du *Seminär*, des cours de philologie survivent, — alors qu'en France, on les voit disparaître. Aussi,

lorsque la scholastique s'en va, une période philologique s'ouvre, avec ses nombreux horizons. C'est là le point de départ d'un évolution qui suivra son cours.

Résumons-nous:

Si nous envisageons l'ordre chronologique, nous trouvons que les pays ont traversé les périodes suivantes.

I. *Période pré-universitaire.* Pour la France, elle va du Ve au XIIe siècle; pour l'Angleterre du VIe au XIIIe, et pour l'Allemagne du VIIe au XIVe. Dans le premier de ces trois pays, il existait auparavant des écoles latines, tandis que dans les deux derniers tout était à créer.

Cette période ne connait guère que des écoles primaires et secondaires, mais vers la fin, un enseignement supérieur tend à se créer en France.

Enfin, il faut noter que dans l'enseignement secondaire on étudie les sept arts, la première place étant réservée à la grammaire.

II. *Période de formation.* En France et en Angleterre, elle va à peu près du XIIIe au XVIe siele, et en Allemagne du XVe au XVIIe. La scholastique règne en maîtresse absolue, et la dialectique prend la première place.

En Allemagne, où, à cause du retard chronologique, la Renaissance arrive avant la fin de cette période, la philologie s'introduit dans les Facultés d'Arts, qui tendent à s'élever à l'enseignement proprement supérieur, et à soigner la formation technique du professeur.

III. *Période de développement.* Elle s'étend, pour la France du XVIe au XVIIIe siècle; pour l'Angleterre du XVIe au XIXe, et pour l'Allemagne du XVIIIe au XIXe. Pendant cette période, la scholastique survit dans les humanités en France, et à coté des humanités en Angleterre, tandis qu'elle disparait en Allemagne, ce pays bénéficiant ici de son retard chronologique.

Par contre, pour les deux premiers pays, il y aurait lieu d'ajouter une *période moderne*, commençant en France avec la Révolution; en Angleterre, avec l'apparition des nouvelles universités. Pour l'Allemagne, il est vraisemblable qu'elle commencera après la guerre actuelle.

Si maintenant nous envisageons l'ordre géographique, nous pouvons constater les différences suivantes provenant de la diversité des milieux sociaux:

1.° En ce qui concerne *l'objet de l'enseignement*, on remarque que sur le continent le point de vue professionnel l'emporte: il s'agit

d'inculquer les connaissances nécessaires à l'exercice des métiers intellectuels, ceux de professeurs, prêtres, médecins, légistes. Chaque Faculté prend à chaque époque une importance proportionnelle à celle de la profession: la Faculté de Théologie est d'abord la plus importante; celle de Droit se développe ensuite; enfin, celle de Médecine. En Allemagne, il faut indiquer, à coté, l'apparition précoce d'une Faculté de philosophie (lettres et sciences), parce qu'on y soigne plus qu'ailleurs l'apprentissage des métiers.

En Angleterre, dans les vieilles universités, le point de vue professionnel n'existe guère que pour le prêtre et le professeur, mais la contrainte intellectuelle est assez douce pour que les études puissent être partiellement suivies par de nombreux étudiants qui ne cherchent qu'à orner leur esprit. Par contre, dans les universités nouvelles, il existe un point de vue professionnel très strict.

2.° Au point de vue des *méthodes*, il faut noter que l'opposition existe surtout entre la France et l'Allemagne. Dans le premier pays, l'organisme important est le cours, qui est plutôt une série de conférences, tandis que dans le second c'est le seminär, où l'éléve travaille avec le maitre. Le cours, grâce à la culture du talent oratoire permet de mettre le professeur plus en relief, tandis que le seminär s'adapte mieux au travail collectif.

3.° Pour l'*organisation*, il faut remarquer que le groupement en collèges a prédominé en Angleterre et en France, mais d'un coté, il s'agit surtout d'éducation et de l'autre d'instruction. En Allemagne, c'est le seminär, comme nous l'avons dit; mais le seminär n'est qu'un groupement fugitif, de sorte que les étudiants ont dû fonder de lui des associations puissantes.

Dans la période moderne, les collèges ayant manqué aux étudiants français, ceux-ci ont été amenés à faire des associations, mais elles jouent un rôle moins grand qu'outre-Rhin, l'esprit individualiste étant plus accusé chez eux.

Tout ceci nous montre que les universités, comme tous les groupements humains, sont influencées par l'ensemble du milieu social qui les entourent.

En suivant le cours de l'histoire on voit comment une même institution, née des mêmes besoins, se trouve déformée en passant d'un pays dans un autre, de façon à s'adapter aux mœurs de chacun d'eux.

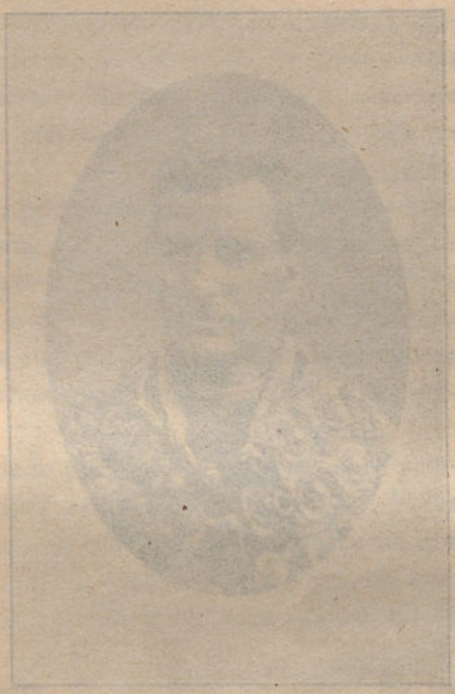
Sans doute les faits intellectuels se conditionnent les uns des autres, mais en même temps ils sont conditionnés par les faits sociaux de toute nature qui les environent.

Rien ne prouve mieux que ceci la légitimité de l'existence d'une

science sociale, la possibilité d'étudier les répercussions des faits sociaux, leurs causes et leurs effets.

Au moment où la France va se trouver régénérée par la victoire, n'oublions pas que c'est chez elle que fut créée la méthode efficace à cet egard, et cela à une époque où l'oeuvre de désagrégation semblait s'acharner sur elle.

P. DESCAMPS.



Dr. José Pereira de Paiva Pitta

Faleceu em Coimbra, em 27 de Dezembro de 1922, o Dr. Paiva Pitta, professor jubilado da Faculdade de Direito. O cadáver foi transportado para Penacova e acompanhado pelos professores José Alberto dos Reis e José Belesa dos Santos.



Dr. JOSE PEREIRA DE PAIVA PITTA.

No cemitério de Penacova o Dr. Alberto dos Reis exprimiu o pesar da Universidade e da Faculdade nos têrmos seguintes:

Meus Senhores: — Em nome da Universidade de Coimbra e mais especialmente em nome da Faculdade de Direito, venho prestar a última homenagem ao Dr. José Pereira de Paiva Pitta.

Bem sincera e bem merecida é essa homenagem.

O Dr. Paiva Pitta foi professor efectivo da Faculdade de Direito durante 36 anos, desde 1874 até 1910; e durante êste longo espaço de tempo cumpriu sempre nobremente e honradamente o seu dever profissional.

Foi nomeado professor catedrático em 1884; e fixou-se, quási a seguir, na cadeira de Direito Eclesiástico Português, que regeu ininterruptamente até à sua jubilação.

Antes de concorrer ao magistério da Faculdade, o Dr. Pitta havia exercido já cargos importantes na organização eclesiástica. Tinha sido vigário capitular da diocese de Elvas; provisor e vigário geral

do patriarcado de Lisboa; e desembargador e juiz efectivo da Relação e Cúria patriarcal. E em tôdas estas situações tinha dado tais provas de competência, aptidão e saber que a Faculdade de Direito não hesitou em o admitir no seu quadro, segura como estava de que o Dr. Paiva Pitta havia de honrar o seu lugar de professor como honrara as altas funções de que fôra investido na hierarquia eclesiástica.

E assim foi, na verdade.

Na regência da sua cadeira, como no desempenho de tôdas as outras funções oficiais, o Dr. Pitta foi sempre a incarnação perfeita do zêlo, do escrúpulo e da probidade.

Trabalhador incansável, investigador paciente e erudito, nunca esmoreceu no cuidado de manter os estudos da sua disciplina em rigorosa e irrepreensível actualidade. Atestam-no as sucessivas edições dos *Elementos de direito eclesiástico português*, que êle foi progressivamente enriquecendo e ampliando até à última, a sexta, publicada em 1909. E atestam-no ainda os dois volumes de *Documentos concernentes ao direito eclesiástico português*, colecção preciosa de materiais indispensáveis para o conhecimento da vida jurídica da Igreja portuguesa.

Em 14 de Novembro de 1910, pouco mais de um mês após a proclamação da República, era extinta a cadeira de Direito eclesiástico português, que com tanta dedicação e com tanto carinho o Dr. Pitta regera durante 25 anos. Então o brioso professor julgou terminada a sua carreira, considerou finda a sua missão. E num movimento de dignidade ofendida recolheu silenciosamente a casa e pediu a aposentação.

Ao retirar-se assim da actividade pública, ao sumir-se para sempre no aconchego e na tranqüilidade da vida de família, o Dr. Paiva Pitta podia ter — e de-certo teve — a consoladora segurança de que não deixava atrás de si um côro de imprecações ou de ódios, de que, ao contrário, ficava a iluminar-lhe a carreira um rasto suavíssimo de simpatia e de ternura.

É que poucos professores terão sabido temperar, como êle, os rigores e as severidades do seu cargo com uma indulgência e uma bonomia, que lhe vinha lá muito de dentro, porque nascia das raízes mais profundas da sua sensibilidade afectiva.

Alma simples e bôa, que nunca foi aflorada sequer por um desejo de vingança ou por um sentimento de rancor, pode assegurar-se sem receio que nos 36 anos da sua regência em cada discípulo deixou um verdadeiro amigo.

Fui eu um dêles. Com profunda mágoa venho assistindo ao desa-

parecer de todos os meus mestres, daqueles que me formaram o espírito e que me guiaram os passos no formidável labirinto do Direito.

Um a um, têm caído quási todos. O Dr. Paiva Pitta é o penúltimo.

Pois bem: em nome de todos os seus discípulos eu afirmo aqui, à beira da sepultura, que nos nossos corações não existiu nunca para com êle outro sentimento que não fôsse o de uma afectuosa e enternecida estima; e êsse sentimento dita-nos neste instante o voto fervoroso de que à sua alma piedosa seja concedido o repouso eterno.

(Do *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. VII, págs. 297-299).

Índice alfabético dos assuntos

Pág.

Divertículos do tubo digestivo — Estudo de 82 casos inéditos, pelo Prof. Geraldino Brites 421
—— I. Descrição dos casos estudados 422
—— II. Considerações críticas sôbre os casos estudados 513
—— III. Patogenia dos divertículos do tubo digestivo 548
—— Conclusões 595
—— Bibliografia 597

La formation des Universités et le milieu social, por P. Descamps 606

Lutuosa:
Dr. José Pereira de Paiva Pitta 618

Notas Vicentinas — IV. Cultura intelectual e nobreza literária, pela Prof. Carolina Michaelis de Vasconcelos:
=== Prefácio 5
=== Parte Primeira 11
=== Parte Segunda — O Latinista 82
—— Lista alfabética das citações latinas 99
=== Parte Terceira — O Humanista 191
=== Parte Quarta — O Poliglota 350

Relatório de uma viagem de estudo em Itália, Áustria, Tcheco-Slováquia, Alemanha e França, pelo Prof. Fernando de Almeida Ribeiro:
=== Antelóquio 395
—— I. O Estado e a Universidade em relação com os professores em viagem de estudo. — Passaportes e aquisição de moeda estrangeira. — Representação da Universidade de Coimbra no 7.º centenário da Universidade de Pádua e no 1.º centenário da «Société Asiatique» de Paris 398

The origine and signification of certain variations in the skull (Philosophic range of medical anthropology), pelo Prof. A. Aurélio da Costa Ferreira 414

Índice alfabético dos autores

Pág.

A. Aurélio da Costa Ferreira (Prof. Dr.):
The origine and signification of certain variations in the skull — (Philosophic range of medical anthropology) 414

Carolina Michaelis de Vasconcelos (Prof. Dr.ª D.):
Notas Vicentinas 5

Fernando de Almeida Ribeiro (Prof. Dr.):
Relatório de uma viagem de estudo em Itália, Áustria, Tcheco-Slováquia, Alemanha e França 395

Geraldino Brites (Prof. Dr.):
Divertículos do tubo digestivo — Estudo de 82 casos inéditos 421

P. Descamps:
La formation des Universités et le milieu social 606

